


lazer
sem
restrições
congresso
mundial
de lazer
2018



SESC SÃO PAULO BRASIL
28 AGO - 1 SET

leisure beyond constraints
world leisure congress
2018

ocio sin barreras
congreso mundial
de ocio 2018

ANAIS | PROCEEDINGS | ANALES





**lazer
sem
restrições
congresso
mundial
de lazer
2018**



SESC SÃO PAULO BRASIL
28 AGO - 1 SET

**leisure beyond constraints
world leisure congress
2018**

**ocio sin barreras
congreso mundial
de ocio 2018**





C76098

Congresso Mundial de Lazer (15: 2018: São Paulo, SP, Brasil).

Anais / Congresso Mundial de Lazer, organizado por World Leisure Organization; Serviço Social do Comércio; Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). – São Paulo, SP, Brasil, 28 agosto a 02 setembro 2018 pelo Serviço Social do Comércio. –

São Paulo: Sesc São Paulo, 2019 –.

910 p. il: grafs., tabs. edição trilingue (português/inglês/espanhol).

ISBN 978-85-7995-231-9

1. Lazer. 2. Lazer sem restrições. 3. Gestão do Lazer. 4. Políticas Públicas de Lazer e Recreação. 5. Formação Profissional no Lazer. 6. Pesquisas em Lazer no Brasil. 7. Barreiras. I. Título. II. World Leisure Organization. III. Serviço Social do Comércio. IV. Sesc SP. V. Sesc Pinheiros. VI. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP).

CDD 793



CONGRESSO MUNDIAL DE LAZER 2018

World Leisure Congress 2018

Congreso Mundial de Ocio 2018

Realização

Accomplishment / Implementación

World Leisure Organization

Serviço Social do Comércio – Sesc SP

Parceira

Partnership / Colaboración

Escola de Artes Ciências e Humanidades | Universidade de São Paulo - EACH | USP

Apoio

Support / Apoyo

Associação Brasileira de Recreadores – ABRE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Estudo do Lazer – ANPEL

Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer – GIEL/USP

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Apoio:



Parceria:



Realização:





SUMÁRIO | TABLE OF CONTENTS | SUMARIO

ABERTURA OPENING PROGRAMACIÓN	00
LAZER EM CHAVE AMPLIADA LEISURE IN A BROAD VIEW OCIO EN LLAVE AMPLIADA SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, Danilo Santos de Miranda	11
WORLD LEISURE ORGANIZATION, Dr. Roger Coles	14
APRESENTAÇÃO INTRODUCTION PRESENTACIÓN	17
Comissão Organizadora Organizing Committee Comisión Organizadora	
PROGRAMAÇÃO PROGRAM PROGRAMACIÓN	23
ARTIGOS DOS PALESTRANTES SPEAKERS ARTICLES ARTÍCULOS DE LOS PONENTES	57
BEM VIVER COMO EMANCIPAÇÃO THE GOOD LIVING AS AN EMANCIPATION EL BUEN VIVIR COMO EMANCIPACIÓN, Alberto Acosta	58
LAZER, RECREAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO QUANDO HÁ TRANSFORMAÇÃO LEISURE, RECREATION AND SOCIAL TRANSFORMATION: THE DEPLOYMENT OF THE SUBJECT WHEN IT TRANSFORMS ITSELF OCIO, RECREACIÓN Y TRANSFORMACIÓN SOCIAL: EL DESPLIEGUE DEL SUJETO CUANDO SE TRANSFORMA, Esperanza Osorio Correa	127
LAZER ALTERNATIVO E HOSPEDAGEM: UMA ABORDAGEM BASEADA NA COMUNIDADE SUSTENTÁVEL ALTERNATIVE LEISURE AND HOSPITALITY: A SUSTAINABLE COMMUNITY BASED APPROACH HOSPITALIDAD Y OCIO ALTERNATIVO: UN ENFOQUE BASADO EN LA COMUNIDAD SOSTENIBLE, Alon Gelbman	165
DIÁLOGO E ACOLHIMENTO PROTAGONISTAS DE UMA AÇÃO DIALOGUE AND HOSPITALITY AS PROTAGONISTS OF AN ACTION DIALOGO Y ACOGIDA PROTAGONISTAS DE UNA ACCIÓN, Mário Fernandes da Silva	177



ASPECTOS DA SUPERAÇÃO DE BARREIRAS SIMBÓLICAS E CULTURAIS NO LAZER ASPECTS OF OVERCOMING SYMBOLIC AND CULTURAL BARRIERS IN LEISURE ASPECTOS DE LA SUPERACIÓN DE LAS BARRERAS SIMBÓLICAS Y CULTURALES EN EL OCIO , Abena P. A. Busia	186
O LAZER EM ZONAS DE CONFLITO LEISURE IN CONFLICT ZONES EL OCIO EN ZONAS DE CONFLICTO , George Yúdice	212
BARREIRAS FÍSICAS NO ACESSO AO LAZER PHYSICAL BARRIERS TO ACCESS OF LEISURE BARRERAS FISICAS AL ACCESO AL OCIO , Jeremy Buzzell	247
TORNANDO A ESCRAVIDÃO MODERNA VISÍVEL NO ENTRELAÇAMENTO ENTRE O LAZER E O TRABALHO BASEADOS NO GÊNERO E NA RAÇA: TRANSFORMANDO PRÁTICAS DE LAZER COMO ESPAÇOS DE (NÃO) LIBERDADE MAKING MODERN SLAVERY VISIBLE IN THE GENDERED RACIALIZED ENTANGLEMENT OF LEISURE AND LABOUR TRANSFORMING LEISURE PRACTICES AS SITES OF (UN) FREEDOM HACER VISIBLE LA ESCLAVITUD MODERNA EN GÉNERO, EL ENTRELAZAMIENTO RACIAL DEL OCIO Y EL TRABAJO: TRANSFORMAR LAS PRÁCTICAS DE OCIO COMO LOS SITIOS DE LIBERTAD O LOS DE LA FALTA DE LIBERDAD , Simone Fullagar	267
O QUE O LAZER SE TORNA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO? WHAT HAPPENS TO LEISURE IN THE AGE OF GLOBALIZATION? ¿QUÉ ES EL OCIO EN LA ERA DE LA GLOBALIZACIÓN? , Michel Maffesoli	320
AGENDA DE APRESENTAÇÕES ORAIS ORAL PRESENTATIONS AGENDA AGENDA DE PRESENTACIONES ORALES	341



APRESENTAÇÕES ORAIS ABSTRACTS ORAIS PRESENTACIONES ORAL	349
Tema 1. Política e Gestão do Lazer <i>Leisure Policy and Management</i> <i>Política y Gestión del Ocio</i>	350
Tema 2. Lazer, Acessibilidade e Inclusão <i>Leisure, Accessibility and Inclusion</i> <i>Ocio, Accesibilidad e Inclusión</i>	364
Tema 3. Lazer para Crianças e Jovens <i>Leisure for Children and Youths</i> <i>Ocio para Niños y Jóvenes</i>	374
Tema 4. Lazer, Esportes e Atividades Físicas <i>Leisure, Sports and Physical Activities</i> <i>Ocio, Deporte y Actividad Física</i>	385
Tema 5. Educação no Lazer <i>Education in Leisure</i> <i>Educación en el Ocio</i>	397
Tema 6. Lazer, Saúde e Bem-estar <i>Leisure, Health and Well-being</i> <i>Ocio, Salud y Bienestar</i>	410
Tema 7. Lazer e Envelhecimento <i>Leisure and Aging</i> <i>Ocio y Envejecimiento</i>	429
Tema 8. Lazer e Gênero <i>Leisure and gender</i> <i>Ocio y Género</i>	439
Tema 9. Lazer, Diversidade e Relações Étnico-raciais <i>Leisure, Diversity and Ethnical-racial Relations</i> <i>Ocio, Diversidad y Relaciones Étnicas y Raciales</i>	458
Tema 10. Inovação, Indústria Criativa e Lazer Digital <i>Innovation, Creative Industry and Digital Leisure</i> <i>Innovación, Industria Creativa y Ocio Digital</i>	463
Tema 11. Lazer, Turismo e Hospitalidade <i>Leisure, Tourism and Hospitality</i> <i>Ocio, Turismo y Hospitalidad</i>	469
Tema 12. Lazer para o Desenvolvimento Social e Comunitário <i>Leisure for Social and Community Development</i> <i>Ocio para el Desarrollo Social y Comunitario</i>	484
Tema 13. Lazer, Cidades e Urbanização <i>Leisure, Cities and Urbanization</i> <i>Ocio, Ciudades y Urbanización</i>	502
Tema 14. Produção de Conhecimento e Teorias do Lazer <i>Production of Knowledge and Leisure Theories</i> <i>Producción de Conocimiento y Teorías de Ocio</i>	523
Tema 15. Lazer, Meio Ambiente e Sustentabilidade <i>Leisure, Environment and Sustainability</i> <i>Ocio, Medio Ambiente y Sostenibilidad</i>	539
AGENDA DE APRESENTAÇÕES PÔSTERES POSTER PRESENTATIONS AGENDA AGENDA DE PRESENTACIONES PÓSTERES	545



APRESENTAÇÕES PÔSTERES POSTER PRESENTATIONS PRESENTACIONES PÔSTERES	555
Tema 1. Política e Gestão do Lazer <i>Leisure Policy and Management</i> <i>Política y Gestión del Ocio</i>	556
Tema 2. Lazer, Acessibilidade e Inclusão <i>Leisure, Accessibility and Inclusion</i> <i>Ocio, Accesibilidad e Inclusión</i>	589
Tema 3. Lazer para Crianças e Jovens <i>Leisure for Children and Youths</i> <i>Ocio para Niños y Jóvenes</i>	607
Tema 4. Lazer, Esportes e Atividades Físicas <i>Leisure, Sports and Physical Activities</i> <i>Ocio, Deporte y Actividad Física</i>	621
Tema 5. Educação no Lazer <i>Education in Leisure</i> <i>Educación en el Ocio</i>	660
Tema 6. Lazer, Saúde e Bem-estar <i>Leisure, Health and Well-being</i> <i>Ocio, Salud y Bienestar</i>	704
Tema 7. Lazer e Envelhecimento <i>Leisure and Aging</i> <i>Ocio y Envejecimiento</i>	722
Tema 8. Lazer e Gênero <i>Leisure and gender</i> <i>Ocio y Género`</i>	734
Tema 9. Lazer, Diversidade e Relações Étnico-raciais <i>Leisure, Diversity and Ethnical-racial Relations</i> <i>Ocio, Diversidad y Relaciones Étnicas y Raciales</i>	744
Tema 10. Inovação, Indústria Criativa e Lazer Digital <i>Innovation, Creative Industry and Digital Leisure</i> <i>Innovación, Industria Creativa y Ocio Digital</i>	751
Tema 11. Lazer, Turismo e Hospitalidade <i>Leisure, Tourism and Hospitality</i> <i>Ocio, Turismo y Hospitalidad</i>	759
Tema 12. Lazer para o Desenvolvimento Social e Comunitário <i>Leisure for Social and Community Development</i> <i>Ocio para el Desarrollo Social y Comunitario</i>	781
Tema 13. Lazer, Cidades e Urbanização <i>Leisure, Cities and Urbanization</i> <i>Ocio, Ciudades y Urbanización</i>	810
Tema 14. Produção de Conhecimento e Teorias do Lazer <i>Production of Knowledge and Leisure Theories</i> <i>Producción de Conocimiento y Teorías de Ocio</i>	840
Tema 15. Lazer, Meio Ambiente e Sustentabilidade <i>Leisure, Environment and Sustainability</i> <i>Ocio, Medio Ambiente y Sostenibilidad</i>	856
BIOGRAFIAS BIOGRAPHIES BIOGRAFÍAS	873
FICHA TÉCNICA ABOUT THE ORGANIZERS HOJA TÉCNICA	905



Lazer sem restrições
Congresso Mundial de Lazer 2018

Leisure beyond constraints
World Leisure Congress 2018

Ocio sin barreras
Congreso Mundial de Ocio 2018

LAZER EM CHAVE AMPLIADA

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo

A circunstância contemporânea exige que a leitura crítica do mundo seja exercitada de modo integral. Isso significa que os olhares devem ser direcionados para aspectos tradicionalmente valorizados, como o mundo do trabalho e suas implicações, mas também precisam contemplar facetas igualmente importantes mas que, por razões diversas, mobilizam questionamentos menos frequentes – é o caso da esfera do lazer.

Marcado pelos signos do prazer e da descompressão, tal tema é, não raro, associado à ideia de superficialidade, como se aproximações teóricas mais consistentes fossem incompatíveis com esse campo. Todavia, é fundamental reforçar a relevância dos estudos nesse domínio.

A centralidade que o período pós-Guerra conferiu ao tempo não ocupado pelo trabalho, preenchendo-o com toda sorte de estímulos, gerou efeitos que desafiam análises. Pesquisadores oriundos de vivências acadêmicas plurais perceberam a complexidade inerente às dinâmicas de gosto, às motivações direcionadas a determinadas práticas e às maneiras pelas quais as estruturas de poder político-econômico lidaram com esse quadro.

O Sesc participou de forma ativa da difusão do tema do lazer no Brasil. Por um lado, suas ações dedicadas ao bem-estar do trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo e seus dependentes, bem como da sociedade em geral, conferiram protagonismo aos momentos do cotidiano sobre os quais o indivíduo tem maior poder de escolha. A instituição desenvolveu modos próprios de qualificar tais ocasiões, mobilizando para isso saberes e iniciativas em áreas diversas, da atividade-física ao turismo social, das expressões artístico-culturais à alimentação, dos processos educativos não-formais aos programas para faixas etárias específicas.

Numa postura complementar a essa, o Sesc ajudou a colocar o assunto em pauta no cenário nacional. A partir da década de 1960, empreende ações formativas para funcionários e encontros temáticos abertos a todos interessados sobre o tema, com destaque para o *Seminário sobre o Lazer - perspectivas para uma cidade que trabalha*, em 1969, assim como para a aproximação ao sociólogo francês Joffre Dumazedier.

Em 1998, percebendo a pertinência de dar continuidade aos debates nessa área, o Sesc sedia pela primeira vez o Congresso Mundial do Lazer. Vinte anos após a edição intitulada “Lazer em uma sociedade globalizada”, o Sesc realiza novamente o evento, conjuntamente com a World Leisure Organization (WLO) e a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Nesta edição, o foco do evento é “Lazer sem restrições”, abordando as barreiras que podem dificultar o acesso das pessoas a práticas múltiplas, bem como as maneiras de minimizar esses entraves, considerando o lazer um direito na sociedade contemporânea.

A publicação dos Anais desta edição do Congresso Mundial do Lazer pretende ampliar o alcance de um tipo de discussão que merece ultrapassar suas fronteiras espaço-temporais originárias. Trata-se de reconhecer a necessidade de democratizar não apenas as práticas, mas também as reflexões nesse âmbito. Numa visada ampliada, trata-se fundamentalmente de considerar que os processos educativos são mais contundentes quando invadem os diversos campos da atuação humana, ocupando-os com novas leituras e sentidos.



LEISURE IN A BROAD VIEW

Danilo Santos de Miranda

Director of Sesc São Paulo

Contemporaneity requires an integrated critical reading of the world. This means that our eyes should be focused on traditionally valued aspects, such as the world of work and its implications, but also need to gaze at issues equally important but which, for many reasons, raise questions less frequently – this is the case of leisure.

Marked by the icons of pleasure and decompression, such a theme is often associated with the idea of superficiality, as if more consistent theoretical approaches were incompatible with this field. However, strengthening the relevance of the studies in this field is essential.

The centrality that the post-war period gave the time not occupied by work, spending it with all types of stimuli, produced effects that defy analyses. Researchers having many academic experiences realized the complexity inherent in the dynamics of preferences, the motivations for practicing specific activities and the ways in which the political and economic power structures dealt with this situation.

Sesc participated actively in the dissemination of the leisure topic in Brazil. In contrast, its actions aimed at the well-being of those who work in the sectors of goods, services and tourism and their dependents, as well as of society at large, gave prominence to the moments of everyday life in which the individual has a greater power of choice. The institution has developed their own ways to qualify such occasions, mobilizing, for this purpose, knowledge and projects in several areas, from physical activity to social tourism, from artistic and cultural expressions to food, from non-formal education processes to programmings for specific age groups.

*In a complementary manner, Sesc helped in putting the topic on the national scene. From the 1960s on, it provides its employees with training and promotes thematic meetings open to all people interested in the subject, with emphasis on the *Seminário sobre o Lazer - perspectivas para uma cidade que trabalha* (Seminar on Leisure - prospects for a city that works), in 1969, as well as on the relationship with the French sociologist Joffre Dumazedier.*

In 1998, realizing the importance of continuing the discussions on this field, Sesc hosted the World Leisure Congress for the first time. Twenty years after the edition entitled “Leisure in a globalized society”, Sesc holds the event again, in conjunction with the World Leisure Organization (WLO) and the school of Arts, Sciences and Humanities of the University of São Paulo (EACH-USP). In this edition, the event focuses on “Leisure without restrictions”, addressing the barriers that can hinder people’s access to multiple practices, as well as the ways to minimize these barriers, considering leisure a right in contemporary society.

The publication of the proceedings of this edition of the World Leisure Congress intends to extend the reach of a type of discussion that deserves to overcome its spatio-temporal borders. This is about recognizing the need for democratizing not only the practices but also the reflections in this context. In a broader perspective, this is about fundamentally considering that the education processes are strongest when they invade the several fields of human activities, filling them with new interpretations and meanings.



OCIO EN LLAVE AMPLIADA

Danilo Santos de Miranda

Director del Sesc São Paulo

La circunstancia contemporánea exige que la lectura crítica del mundo sea ejercitada de modo integral. Eso significa que las miradas deben ser direccionadas para aspectos tradicionalmente valorados, como el mundo del trabajo y sus implicaciones, pero también precisan contemplar facetas igualmente importantes sin embargo, que, por razones diversas, movilizan cuestionamientos menos frecuentes – es el caso de la esfera del ocio.

Marcado por los signos del placer y de la descompresión, tal tema es, no raro, asociado a la idea de superficialidad, como si aproximaciones teóricas más consistentes fueran incompatibles con ese campo. Todavía, es fundamental reforzar la relevancia de los estudios en ese dominio.

La centralidad que el periodo post Guerra ha conferido al tiempo no ocupado por el trabajo, rellenándolo con toda suerte de estímulos, ha generado efectos que desafían análisis. Investigadores oriundos de vivencias académicas plurales han percibido la complejidad inherente a las dinámicas de gusto, a las motivaciones direccionadas a determinadas prácticas y a las maneras por las cuales las estructuras de poder político-económico han lidiado con ese escenario.

Sesc ha participado de manera activa de la difusión del tema del ocio en Brasil. Por un lado, sus acciones dedicadas al bienestar del trabajador del comercio de bienes, servicios y turismo y sus dependientes, así como de la sociedad en general, han conferido protagonismo a los momentos del cotidiano sobre los cuales el individuo tienen mayor poder de escoja. La institución ha desarrollado modos propios de cualificar tales ocasiones, movilizandopara eso saberes e iniciativas en áreas diversas, de la actividad-física al turismo social, de las expresiones artístico-culturales a la alimentación, de los procesos educativos no-formales a los programas para franja de edad específicas.

En una postura complementaria a esa, Sesc ha ayudado a poner el asunto en temática en el escenario nacional. Desde la década de 1960, emprende acciones formativas para funcionarios y encuentros temáticos abiertos a todos los interesados sobre o tema, con destaque para el Seminario sobre el ocio- perspectivas para una ciudad que trabaja, en 1969, así como para el acercamiento al sociólogo francés Joffre Dumazedier.

En 1998, percibiendo la pertinencia de dar continuación a los debates en esa área, Sesc es la sede por primera vez del Congreso Mundial del Ocio. Veinte años después la edición intitulada “Ocio en una sociedad globalizada”, Sesc realiza nuevamente el evento, conjuntamente con la World Leisure Organization (WLO) y la Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades de la Universidad de São Paulo (EACH/USP). En esta edición, el enfoque del evento es “Ocio sin restricciones”, abordando las barreras que pueden dificultar el acceso de las personas a prácticas múltiples, así como las maneras de minimizar esas trabas, considerando el ocio un derecho en la sociedad contemporánea.

La publicación de los Anales de esta edición del Congreso Mundial del Ocio pretende ampliar el alcance de un tipo de discusión que merece sobrepasar sus fronteras espacio-temporales originarias. Se trata de reconocer la necesidad de democratizar no solamente las prácticas, sino también las reflexiones en ese ámbito. En una visión ampliada, se trata fundamentalmente de considerar que os procesos educativos son más contundentes cuando invaden los diversos campos de la actuación humana, ocupándolos con nuevas lecturas y sentidos.



Que ótima e memorável oportunidade nós tivemos novamente de trabalhar com a equipe altamente capacitada do Sesc. Estivemos aqui para o nosso 5º Congresso Mundial de Lazer em 1998 e fomos recebidos novamente para celebrar nossa 15ª edição. O tema foi mais apropriado: *Lazer sem restrições*, atraindo mais de 1.000 delegados representando 37 países.

Com foco em três pilares temáticos - barreiras físicas, socioeconômicas e culturais & simbólicas, o congresso tornou-se uma oportunidade única para delinear a evolução do lazer em São Paulo desde 1998, de modo a avaliar o legado do Congresso Mundial de Lazer daquele ano. Certamente, duas de nossas proezas altamente reconhecidas resultantes do Congresso foram a reformulação da *Declaração de São Paulo* "O Lazer em uma sociedade globalizada", elaborada em 1998, o reconhecimento da Universidade de São Paulo como novo Centro de Excelência e o estabelecimento de uma nova filial latino-americana da *World Leisure Organization*. O congresso também serviu como ponto de encontro para manter viva a discussão sobre a revisão da *Carta Mundial para o Lazer*, adotada inicialmente em 1970, e revisada em 1979 e novamente em 2000.

Por parte da WLO, não podemos expressar o bastante nossa felicidade e nossa alegria com nossos encontros produtivos e frutíferos, e com o sucesso das atividades pré-congresso organizadas. Da estimulante visita de estudos por São Paulo, dirigida a profissionais e estudiosos do lazer, e que incluiu visitas a alguns dos locais e instituições de lazer mais atraentes da cidade; ao trabalho de campo que conectou 35 jovens futuros líderes internacionais com a comunidade local de Perus. Além disso, as atividades do congresso, conferências, colóquios, mesas redondas, painéis temáticos, sessões especiais, lançamento de livros, etc., superaram a lacuna entre as idéias acadêmicas e sua expressão prática, este foi de fato um Congresso Mundial de Lazer inovador e envolvente!

OBRIGADO aos nossos parceiros do Sesc por um trabalho muito bem feito!

Dr. Roger Coles

Presidente da WLO



What a great and memorable opportunity we had again to work with the highly skilled team of Sesc. We were here for our 5th World Leisure Congress in 1998 and we were welcomed again to celebrate our 15th World Leisure Congress. The theme was most appropriate Leisure Beyond Constraints, attracting over 1,000 delegates representing 37 countries.

Focusing on three thematic pillars – physical, socio-economic and cultural & symbolic barriers, the congress became a unique opportunity to delineate the evolution of leisure in São Paulo since 1998, so as to appraise the legacy of the 1998 WL Congress. Certainly, two of our highly regarded accomplishments coming out of the Congress was the reworking of the San Paulo Declaration “Leisure in a Globalized Society” adapted in 1998, the acknowledgement of University of São Paulo as new WL Center of Excellence, and the establishment of new WL Latin American Chapter. The congress also served as the meeting point to keep the discussion of the revision of World Leisure Charter for Leisure alive, initially adopted in 1970 and revised in 1979 and again in 2000.

From WLO we cannot express enough our happiness and be glad of our productive and fruitful meetings, and the success of the pre-congress organized activities. From the exciting study tour to São Paulo, addressed to leisure professionals and academics, and including visits to some of the most attractive leisure venues and institutions in the city; to the field school connecting 35 young international future leaders with the local community of Perus. Moreover, the congress activities conferences, colloquiums, round tables, thematic panels, special sessions, books launch, etc. bridged the gap between academic ideas and their practical expression, this was indeed an innovative and engaging World Leisure Congress!

THANK our partners Sesc for a very well done job!

Dr. Roger Coles
WLO Chairman



¡Qué gran y memorable oportunidad tuvimos nuevamente para trabajar con el equipo altamente calificado de SESC! Estuvimos aquí para nuestro 5º Congreso Mundial de Ocio en 1998 y nos recibieron de nuevo para celebrar nuestro 15º Congreso Mundial de Ocio. El tema más apropiado fue Leisure Beyond Constraints, atrayendo a más de 1.000 delegados, representantes de 37 países.

Centrándose en tres pilares temáticos: barreras físicas, socioeconómicas, culturales y simbólicas, el congreso se convirtió en una oportunidad única para delinear la evolución del ocio en São Paulo desde 1998, a fin de evaluar el legado del Congreso WL de 1998. Ciertamente, dos de nuestros logros altamente considerados que surgieron del Congreso fueron la reelaboración de la Declaración de San Paulo "El Ocio en una Sociedad Globalizada", adaptada en 1998, el reconocimiento de la Universidad de São Paulo como nuevo Centro de Excelencia de WL, y el establecimiento del nuevo Capítulo Latinoamericano de WL. El congreso también sirvió como punto de encuentro para mantener viva la discusión de la revisión de la Carta Mundial de Ocio para el Ocio Vivo, adoptada inicialmente en 1970, revisada en 1979, y nuevamente en 2000.

Desde el WLO, no podemos expresar lo suficiente nuestra felicidad y como nos alegran nuestras reuniones productivas y fructíferas, y el éxito de las actividades organizadas antes del congreso. Del emocionante viaje de estudios a São Paulo, dirigido a profesionales del ocio y académicos, que incluye visitas a algunos de los lugares de ocio e instituciones más atractivos de la ciudad; a la escuela de campo que conecta a 35 jóvenes futuros líderes internacionales con la comunidad local de Perus. Además, las de actividades del congreso, conferencias, coloquios, mesas redondas, paneles temáticos, sesiones especiales, lanzamiento de libros, etc., salvaron la brecha entre las ideas académicas y su expresión práctica. ¡Este fue realmente un Congreso Mundial de Ocio innovador y atractivo!

¡GRACIAS a nuestros compañeros del SESC por un trabajo muy bien hecho!

Dr. Roger Coles

Presidente del WLO



APRESENTAÇÃO

Esta coletânea tem por finalidade disponibilizar à comunidade as conferências e trabalhos apresentados durante o 15º. Congresso Mundial de Lazer, realizado pelo Sesc São Paulo (Sesc SP) e pela Organização Mundial de Lazer (WLO), em parceria com a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), no período de 28 de Agosto a 2 de Setembro de 2018, no Sesc Pinheiros, em São Paulo.

O evento trouxe à pauta o tema “Lazer sem Restrições”, e buscou a reflexão sobre as principais barreiras – físicas/arquitetônicas, socioeconômicas e culturais/simbólicas que ainda dificultam o acesso ao lazer por todas as pessoas, em suas diferentes formas e manifestações, no sentido de propor maneiras de superá-las.

Realizado bianualmente, a presente edição – segunda no Brasil – foi precedida pelo LARASA World Leisure Congress, ocorrido na cidade de Durban, África do Sul, em 2016, e será sucedido pelo 16º. Congresso Mundial de Lazer a ser realizado em 2020 no distrito de Pinggu – Pequim/China.

O programa deste 15º. Congresso, composto por conferências, debates, mesas redondas, colóquios, apresentação de trabalhos científicos e relatos de experiência, workshops, *study tours* e programações culturais, buscou promover, além das reflexões, a integração entre pessoas e instituições de diferentes origens e nacionalidades.

Participaram cerca de 1000 profissionais e acadêmicos do lazer, de 36 países: África do Sul, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, China, Colômbia, Coreia do Sul, Costa do Marfim, Costa Rica, Dinamarca, Emirados Árabes Unidos, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Filipinas, França, Gana, Holanda, Hong Kong, Islândia, Israel, México, Nova Zelândia, Portugal, Reino Unido, Republica Tcheca, Sri Lanka, Tailândia, Taiwan, Turquia, Uruguai e Venezuela.

Foram recebidas 755 propostas de apresentação de trabalhos, nas categorias Relatos de Pesquisa e Relatos de Experiência, dos quais 570 foram aprovados após criteriosa análise do comitê científico. Deste total, foram apresentados 299 pôsteres e 178 apresentações orais, os quais se encontram publicados nesta coletânea, para apreciação da comunidade acadêmico-científica.

Os ditos trabalhos abrangem quinze áreas temáticas: Política e Gestão do Lazer; Lazer, Acessibilidade e Inclusão; Lazer para Crianças e Jovens; Lazer, Esportes e Atividades Físicas; Educação no Lazer; Lazer, Saúde e Bem-estar; Lazer e Envelhecimento; Lazer e Gênero; Lazer, Diversidade e Relações Étnico-raciais; Inovação, Indústria Criativa e Lazer Digital; Lazer, Turismo e Hospitalidade; Lazer para o Desenvolvimento Social e Comunitário; Lazer, Cidades e Urbanização; Produção de Conhecimento e Teorias do Lazer; e Lazer e Lazer, Meio Ambiente e Sustentabilidade.

Entre os conferencistas e debatedores, brasileiros e estrangeiros, contribuíram com os textos desta coletânea os Professores Alberto Acosta (Equador), Michel Maffesoli (França), George Yúdice (USA), Jeremy Buzzell (USA), Alon Gelbman (Israel), Abena Busia (Ghana), Simone Fullagar (Austrália / Reino Unido), Esperanza Osório (Colômbia) e Mário Fernandes (Brasil).



As discussões do congresso foram ampliadas por meio de atividades programadas no período que antecedeu o evento, com os tours de estudo dirigidos a profissionais e acadêmicos que visitaram alguns locais e organizações importantes para lazer e instituições em São Paulo, e um *estudo de campo* programado para jovens líderes, alunos de Universidades brasileiras e estrangeiras, na comunidade local de Perus, zona oeste de São Paulo.

Ainda, o programa pós-evento permitiu que os participantes tivessem acesso a diferentes visões da cidade de São Paulo, possibilitando que gestores, profissionais, educadores, estudantes e demais interessados aprofundassem as reflexões sobre a temática e entrassem em contato com propostas teórico-metodológicas inusitadas.

Consolidando-se como um importante ponto de encontro entre os estudiosos e investigadores no assunto, o evento recebeu apoio da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em estudos do Lazer – ANPEL, da Associação Brasileira de Recriadores – ABRE, e das Universidades: Federal do Paraná (UFPR), Federal de Minas Gerais (UFMG), Federal de São Carlos (UFSCar) e Estadual de Campinas (Unicamp), consolidando a cientificidade do já reconhecido evento.

Por meio da difusão do conhecimento produzido por pesquisadores e profissionais do lazer, o evento se propôs a identificar, discutir e apresentar maneiras de superar as barreiras que dificultam o acesso e o exercício do lazer como direito em nossa sociedade.

Importante ressaltar o empenho das equipes organizadoras, as contribuições dos convidados nacionais e estrangeiros e a participação do público que, com a qualidade de suas intervenções, contribuíram para a excelência deste evento.

Por fim, nossos agradecimentos a todos os participantes que, mediante seus relatos de pesquisa e de experiência, engrandeceram a qualidade das discussões nas sessões científicas, cujos resumos compõem essa Coletânea.

Boa Leitura!

Comissão Organizadora
Congresso Mundial de Lazer



INTRODUCTION

This compilation aims to provide the community the conferences and studies presented during the 15th World Leisure Congress, conducted by Sesc São Paulo (Sesc SP) and by the World Leisure Organization (WLO), in partnership with the School of Arts, Sciences and Humanities of the University of São Paulo (EACH-USP), from August 28 to September 2, 2018, at Sesc Pinheiros, in São Paulo.

The event brought to the agenda the theme “Leisure without Restrictions”, and sought to reflect on the main barriers – physical/architectural, cultural and socioeconomic/symbolic – that still hinder the access to leisure for all people, in its different forms and manifestations, aimed at proposing ways to overcome them.

Held biennially, this edition – the second in Brazil – was preceded by LARASA World Leisure Congress, held in Durban, South Africa, in 2016, and will be succeeded by 16th World Leisure Congress to be held in 2020 in the Pinggu district, Beijing, China.

The program of the 15th Congress, composed of conferences, debates, round tables, colloquia, presentation of scientific studies and experience reports, workshops, study tours and cultural programs, sought to promote, in addition to reflections, the integration between people and institutions of different origins and nationalities.

About 1000 professionals and scholars of leisure field attended it, from 36 countries: South Africa, Argentina, Australia, Austria, Belgium, Brazil, Canada, Chile, China, Colombia, South Korea, Ivory Coast, Costa Rica, Denmark, United Arab Emirates, Spain, United States, Estonia, Philippines, France, Ghana, Holland, Hong Kong, Iceland, Israel, Mexico, New Zealand, Portugal, United Kingdom, Czech Republic, Sri Lanka, Thailand, Taiwan, Turkey, Uruguay and Venezuela.

In the categories of research reports and experience reports, 755 submissions of studies were received, of which 570 were approved after a thorough analysis by the scientific committee. Out of this total, 299 posters were presented and 178 oral presentations were performed, and published in this collection for appreciation of the academic-scientific community.

These studies include 15 thematic areas: Politics and Leisure Management; Leisure, Accessibility and Inclusion; Leisure for Children and Young People; Leisure, Sports and Physical Activities; Leisure Education; Leisure, Health and Well-being; Leisure and Aging; Leisure and Gender; Leisure, Diversity and Racial-Ethnic Relations; Innovation, Creative Industry and Digital Leisure; Leisure, Tourism and Hospitality; Leisure to Social and Community Development; Leisure, Cities and Urbanization; Knowledge Production and Theories of Leisure; and Leisure, Environment and Sustainability.

Among the speakers and debaters, Brazilians and foreigners, the teachers Alberto Acosta (Ecuador), Michel Maffesoli (France), George Yúdice (USA), Jeremy Buzzell (USA), Alon Gelbman (Israel), Abena Busia (Ghana), Simone Fullagar (Australia/United Kingdom), Esperanza Osorio (Colombia) and Mário Fernandes (Brazil) contributed the texts in this compilation.



The discussions of the congress were expanded through activities scheduled for the run-up to the event, with study tours for professionals and scholars who visited some places and important leisure organizations and institutions in São Paulo, and a field study planned for young leaders, students from Brazilian and foreign universities, in the local community of Perus, western district of São Paulo.

Also, the post-event programming allowed participants to view São Paulo city from different perspectives, enabling managers, professionals, educators, students and other interested people to reflect deeper on the subject and to be in contact with unusual theoretical-methodological proposals.

Establishing itself as an important meeting point between scholars and researchers in the subject, the event has received support from the Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em estudos do Lazer, from Associação Brasileira de Recreadores – ABRE, and from the following universities: Federal University of Paraná (UFPR), Federal University of Minas Gerais (UFMG), Federal University of São Carlos (UFSCar) and Stte University of Campinas (Unicamp), consolidating the scientific character of the already recognized event.

Through the dissemination of knowledge produced by researchers and professionals of leisure, the event sought to identify, discuss and present ways to overcome the barriers that hinder the access to leisure and the exercise of the right to leisure in our society.

It is important to emphasize the commitment of the organizing teams, the contributions from national and foreign guests and the participation of the audience, which, with the quality of its interventions, contributed to the excellence of the event.

Finally, our thanks to all the participants who, through their research and experience reports, improved the quality of the discussions in the scientific sessions, and whose abstracts comprise this compilation.

Have a good reading!

Organizing Committee
World Leisure Congress



PRESENTACIÓN

Esta coetánea tiene por finalidad disponer a la comunidad las conferencias y los trabajos que han sido presentados durante el 15º. Congreso Mundial de Ocio, que ha sido realizado por el Sesc São Paulo (Sesc SP) y por la Organización Mundial de Ocio (WLO), en alianza con la Escuela de Artes, Ciencias y Humanidades de la Universidad de São Paulo (EACH/USP), en el período de 28 de Agosto a 2 de Septiembre de 2018, en el Sesc Pinheiros, en São Paulo.

En el evento ha sido planteado el tema “Ocio sin Restricciones”, y ha buscado el reflejo sobre las principales barreras – físicas/arquitectónicas, socioeconómicas y culturales/simbólicas que todavía dificultan el acceso al ocio por todas las personas, en sus distintas formas y manifestaciones, en el sentido de proponer maneras de superarlas.

Realizado bienalmente, la presente edición – segunda en Brasil – ha sido precedida por el LARASA World Leisure Congress, que ha sido ocurrido en la ciudad de Durban, Sudáfrica, en 2016, y será sucedido por el 16º. Congreso Mundial de Ocio que será realizado en 2020 en el distrito de Pinggú – Pekín/China.

El programa de este 15º. Congreso, compuesto por conferencias, debates, mesas de discusión, coloquios, presentación de trabajos científicos y relatos de experiencia, workshops, study tours y programaciones culturales, ha buscado promocionar, además de las reflexiones, la integración entre personas e instituciones de distintos orígenes y nacionalidades.

Han participado cerca de 1000 profesionales y académicos del ocio, de 36 países: Suráfrica, Argentina, Australia, Austria, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, China, Colombia, Corea del Sur, Costa de Marfil, Costa Rica, Dinamarca, Emiratos Árabes Unidos, España, Estados Unidos, Estonia, Filipinas, Francia, Gana, Holanda, Hong Kong, Islandia, Israel, México, Nueva Zelandia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Sri Lanka, Tailandia, Taiwán, Turquía, Uruguay y Venezuela.

Han sido recibidas 755 propuestas de presentación de trabajos, en las categorías Relatos de Investigación y Relatos de Experiencia, de los cuales 570 han sido aprobados después del criterioso análisis del comité científico. De este total, han sido presentados 299 pósteres y 178 presentaciones orales, los cuales se encuentran publicados en esta coetánea, para la apreciación de la comunidad académico-científica.

Los dichos trabajos abarcan quince áreas temáticas: Política y Gestión del Ocio; Ocio, Accesibilidad e Inclusión; Ocio para Niños y Jóvenes; Ocio, Deportes y Actividades Físicas; Educación en el Ocio; Ocio, Salud y Bienestar; Ocio y Envejecimiento; Ocio y Género; Ocio, Diversidad y Relaciones Étnico-raciales; Innovación, Industria Creativa y Ocio Digital; Ocio, Turismo y Hospitalidad; Ocio para el Desarrollo Social y Comunitario; Ocio, Ciudades y Urbanización; Producción de Conocimiento y Teorías del Ocio; y Ocio y Ocio, Medio Ambiente y Sostenibilidad.

Entre los conferencistas y debatientes, brasileños y extranjeros, han aportado con los textos de esta recopilación los Profesores Alberto Acosta (Ecuador), Michel Maffesoli (Francia), George Yúdice (EEUU), Jeremy Buzzell (EEUU), Alon Gelbman (Israel), Abena Busia (Ghana), Simone Fullagar (Australia / Reino Unido), Esperanza Osório (Colombia) y Mário Fernandes (Brasil).



Las discusiones del congreso han sido ampliadas por medio de actividades programadas en el período que ha antecedido el evento, con los tours de estudio dirigidos a profesionales y académicos que han visitado algunos locales y organizaciones importantes para ocio e instituciones en São Paulo, y un estudio de campo programado para jóvenes líderes, alumnos de Universidades brasileñas y extranjeras, en la comunidad local de Perus, zona oeste de São Paulo.

Todavía, el programa post evento ha permitido que los participantes tuvieran acceso a distintas visiones de la ciudad de São Paulo, posibilitando que gestores, profesionales, educadores, estudiantes y demás interesados profundizaran las reflexiones sobre la temática y entraran en contacto con propuestas teórico-metodológicas inusitadas.

Consolidándose como un importante punto de encuentro entre los estudiosos e investigadores en el asunto, el evento ha recibido el apoyo de la Asociación Brasileña de Investigación y Postgrado en estudios del Ocio – ANPEL, de la Asociación Brasileña de Recreadores – ABRE, y de las Universidades: Federal de Paraná (UFPR), Federal de Minas Gerais (UFMG), Federal de São Carlos (UFSCar) y Estatal de Campinas (Unicamp), consolidando la cientificidad de lo ya reconocido evento.

Por medio de la difusión del conocimiento producido por investigadores y profesionales del ocio, el evento se propuso a identificar, discutir y presentar maneras de superar las barreras que dificultan el acceso y el ejercicio del ocio como derecho en nuestra sociedad.

Importante subrayar el empeño de los equipos organizadores, las contribuciones de los invitados nacionales y extranjeros y la participación del público que, con la cualidad de sus intervenciones, han aportado para la excelencia de este evento.

Por fin, nuestros agradecimientos a todos los participantes que, mediante sus relatos de investigación y de experiencia, han agrandado la cualidad de las discusiones en las sesiones científicas, cuyos resúmenes componen esa Recopilación.

¡Buena Lectura!

Comisión Organizadora
Congreso Mundial de Ocio



PROGRAMAÇÃO

28/08 – TERÇA-FEIRA

10h às 18h30

CRENCIAMENTO

Espaço de Convivência

15h às 17h

PAINEL TEMÁTICO 1

Políticas Públicas de Lazer e Recreação

Tem como proposta promover a reflexão e o debate sobre os aspectos e desafios atuais da implementação de políticas públicas para o lazer, considerando desde as questões relativas ao Poder Público e às iniciativas comunitárias, até as oportunidades que emergem das conexões Universidade-Comunidade, conhecimento acadêmico e experiência empírica, teoria e prática.

Fernando Marin Escobar - Corporación para la Recreación Popular da Colombia

Prof. Dr. Felipe Sobczynski Gonçalves – Grupo de Estudos de Pesquisa e Lazer, Espaço e Cidade – GEPLC – UFPR (Brasil)

Profa. Dra. Silvia Cristina Franco Amaral - Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas e Lazer – GEP3L/Unicamp (Brasil)

Mediadora: Profa. Dra. Simone Recchia - Universidade Federal do Paraná – UFPR (Brasil)

Sala de Oficinas 1

PAINEL TEMÁTICO 2

Gestão do Lazer: Desafios presentes e perspectivas futuras

Tem como proposta promover a reflexão e o debate sobre os aspectos e desafios atuais da gestão do lazer à luz da temática do evento: a transposição das barreiras que ainda impedem o acesso de todas as pessoas ao lazer.

Cristóbal Comandari – Crystal Lagoons (Chile)

Prof. Dr. John Tower - Victoria University's Institute of Sport, Exercise and Active Living Australia / Australian and New Zealand Association of Leisure Studies (ANZALS) e do Board da World Leisure Organization – WLO (Australia)

Prof. Ms. Luiz Wilson Pina - Grupo de Estudos sobre Gestão de Experiências de Lazer – GEPGEL (Brasil)

Prof. Dr. Reinaldo Pacheco - Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer – GIEL/EACH/USP (Brasil)

Mediador: Prof. Dr. Antônio Carlos Bramante – Grupo de Estudos sobre Gestão de Experiências de Lazer – GEPGEL / WLO - (Brasil).

Auditório



PAINEL TEMÁTICO 3

Formação Profissional no Lazer – Cenários e Tendências da Educação, Sociedade e Trabalho
Tem como objetivo promover a reflexão, o debate e a elaboração de proposições sobre a formação profissional no lazer na perspectiva da transposição das barreiras que dificultam o acesso de todas as pessoas a este direito. Em um formato interativo e participativo, serão abordados os temas Cenários, Tendências da Educação Formal e Não-formal, Perfil e Engajamento Profissional e Potencialidades e limites do Ensino e Pesquisa.

Prof. Dr Helder Isayama - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - PPGIEL/UFMG e Laboratório de Pesquisas sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer – Oricolé/UFMG (Brasil)

Profa. Ms. Lívia Cristina Toneto - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial -SENAC (Brasil)

Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo - Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP (Brasil)

Prof. Esp. Tiago Aquino da Costa e Silva - Associação Brasileira de Recriadores - ABRE (Brasil)

Mediadora: Profa. Esp. Rosângela Martins de Araújo Rodrigues – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial -SENAC (Brasil)

Sala de Oficinas 2

PAINEL TEMÁTICO 4

Painel de Pesquisas em Lazer no Brasil

Apresentação e debate sobre as recentes pesquisas sobre hábitos e práticas de lazer no Brasil.

Prof. Dr. Edmur Stoppa – Universidade de São Paulo (Brasil) - “O lazer do brasileiro”

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani - Universidade de São Paulo (Brasil) – Cultura e Lazer: práticas de lazer e físico-esportivas dos frequentadores do Sesc em São Paulo”

Profa. Esp. Vanessa Zanella – “Relatório Nacional de Desenvolvimento humano 2017/PNUD Brasil”

Mediadora: Dra. Andréa de Araújo Nogueira – Serviço Social do Comércio - SESC SP (Brasil)

Sala de Atividades | 3º andar

19h às 20h

CERIMÔNIA DE ABERTURA

Prof. Danilo Santos de Miranda – Diretor Regional do Sesc São Paulo

Dr. Rogers Coles – Presidente da World Leisure Organization

Profa. Dra. Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado - Pró- Reitora de Cultura e Extensão Universitária da USP

Teatro Paulo Autran



20h às 21h30

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

O BEM VIVER COMO OPÇÃO EMANCIPADORA: DO LAZER MERCADORIA AO LAZER LIBERTADOR

É no Bem Viver que as pessoas devem se organizar para recuperar e assumir o controle de suas próprias vidas. Não se trata apenas de defender a força de trabalho e recuperar o tempo de trabalho excedente para os trabalhadores, recuperando o direito ao lazer como direito humano indispensável para garantir uma vida digna. Em jogo está, além disso, a defesa da vida contra esquemas antropocêntricos de organização socioeconômica, destruidores do planeta através da depredação e degradação ambiental. A palestra será transmitida ao vivo pelo site do congresso. O conferencista trará suas experiências em primeira mão, como economista e político.

Conferencista: Prof. Dr. Alberto Acosta - Político e Economista equatoriano, Autor do livro “O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos” (Equador)

Teatro Paulo Autran

29/08 – QUARTA-FEIRA

10h às 11h30

Sessão Plenária 1

BARREIRAS FÍSICAS NO ACESSO AO LAZER

A questão das barreiras físicas e arquitetônicas como impeditivos ao acesso e à participação igualitária nas experiências de lazer não está restrita ao universo das pessoas com deficiência. Esta sessão buscará debater tendências e propostas vinculadas a essas barreiras no sentido de superá-las, considerando os diversos públicos e o direito ao lazer, incluindo conceitos de Direito à Cidade, Desenho Universal, Cidade para Pessoas, Acessibilidade, Territorialidade, Inclusão e Participação.

Palestrante convidado: Prof. Ms. Jeremy Buzzel - National Park Service (Estados Unidos)

Debatedor: Prof. Dr. Carlos Alberto Rico Alvarez - Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación - FUNLIBRE (Colômbia) e Universidad Nacional da Colômbia

Mediadora: Profa. Dra. Maria Ângela Faggin Pereira Leite - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (Brasil)

Teatro Paulo Autran

11h45 às 13h45

APRESENTAÇÕES ORAIS

Sala de Atividades, Auditório, 3º andar Salas de Oficinas (1 e 2), 2º andar Teatro Paulo Autran



12h às 13h30

WORKSHOP - JOGOS DO MUNDO TODO

Apresentadores: Ms. Alípio Rodrigues Pines Junior e Tiago Aquino da Costa e Silva

Ginásio 7º andar

SESSÃO DE PÔSTERES

Ginásio 7º andar

Sessão A - 14h30 às 15h30

Sessão B - 15h30 às 16h30

15h às 16h30

Painel de Debates

PANORAMA LATINO AMERICANO DO LAZER

Conversas com especialistas nas perspectivas para os estudos do Lazer na América Latina, considerando a realidade social, política, cultural e econômica do continente.

Apresentadores: Profa. Dra. Adriana Esther Estrada-González - Universidad de Monterrey (México)

Prof. Dr. Carlos Alberto Rico - Fundación Colombiana de Tiempo Libre - FUNLIBRE (Colômbia) e Universidad Nacional de Colombia

Prof. Dr. Luiz Gonçalves - Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (Brasil)

Prof. Dr. Ricardo Lema - Universidad Católica Del Uruguay - (Uruguai)

Prof. Dr. Ruben Dario Duran Moreno - Conselho Latino Americano de Recreação - CLAR (Venezuela)

Mediadora: Prof. Dra. Christianne Luce Gomes - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (Brasil)

Teatro Paulo Autran

16h30 às 18h30

APRESENTAÇÕES ORAIS

Sala de Atividades, Auditório, 3º andar Salas de Oficinas (1 e 2), 2º andar Teatro Paulo Autran

19h às 20h30

Colóquio

LAZER E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Discussões sobre o fenômeno do lazer como possibilidade de Transformação Social a partir de propostas e experiências de vários setores da sociedade e diferentes correntes de pensamento.



Debatedores: Profa. Dra. Esperanza Osório - Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación - FUNLIBRE (Colômbia) e Universidad Nacional de Colombia

Prof. Ms. Mário Fernandes - Serviço Social do Comércio - SESC SP (Brasil)

Profa. Dra. Simone Fullagar - Universidade de Bath – UK (Austrália)

Mediador: Prof. Dr. Luis Gonzaga Godoi Trigo - Universidade de São Paulo (Brasil)

Teatro Paulo Autran

20h30

LANÇAMENTO DE LIVROS

Lazer no Brasil: grupos de pesquisa e associações temáticas - Ricardo Ricci Uvinha - Edições Sesc

Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica - Magnani e Enrico Spaggiari - Edições Sesc

Lazer: perspectivas internacionais - Karla A. Henderson e Atara Sivan - Edições Sesc

Ócio Valioso para Envelhecer Bem - Manoel Cueca - Edições Sesc

Ócio Estético Valioso - Maria Luiza Amigo - Edições Sesc

Jogos do Mundo Todo - Tiago Aquino da Costa e Silva – Editora Supimpa

Formação e atuação profissional em políticas públicas de esporte e lazer: estudos e pesquisas – Editora UFMG

Área de Convivência

30/08 – QUINTA-FEIRA

10h às 11h30

Sessão Plenária 2

SUPERAÇÃO DE BARREIRAS SOCIOECONOMICAS

O acesso às práticas de lazer e aos bens culturais por vezes é dificultado pelas questões relacionadas ao capital financeiro, cuja ideia de qualidade e fruição está vinculada ao consumismo e aos padrões estabelecidos pelo mercado de entretenimento. Esta sessão discutirá a necessidade de contraposição ao consumismo exagerado e de ruptura em relação ao domínio do capital financeiro, buscando novos modelos mais democráticos de acesso ao lazer.

Palestrante convidado: Prof. Dr. Alon Gelbman - Kinneret College on the Sea of Galilee (Israel)

Debatedor: Prof. Dr. Fernando Mascarenhas - Universidade de Brasília – UnB (Brasil)

Mediadora: Profa. Dra. Ana Cristina Limongi-França – Universidade de São Paulo - USP (Brasil)

Teatro Paulo Autran



11h45 às 13h45

APRESENTAÇÕES ORAIS

Sala de Atividades, Auditório, 3º andar Salas de Oficinas (1 e 2), 2º andar Teatro Paulo Autran

12h às 13h30

WORKSHOP - GINÁSTICA PARA TODOS

Tatiana Gentil de Oliveira e Carla Andreia Pereira

Ginásio 7º andar

SESSÃO DE PÔSTERES

Ginásio 7º andar

Sessão A - 14h30 às 15h30

Sessão B - 15h30 às 16h30

15h às 16h30

DEBATE GLOBAL SOBRE AS QUESTÕES INTERNACIONAIS DE LAZER

Iniciativa desenvolvida pela World Leisure Organization (WLO) que irá discutir o futuro do lazer e dos estudos do lazer.

Participantes: Prof. Dr. Carlos Alberto Rico - Fundación Colombiana de Tiempo Libre - FUNLIBRE (Colômbia) e Universidad Nacional de Colombia

Jack Agrios - WL advisor (Canadá)

Prof. Dr. John Tower - University of Victoria (Austrália)

Dra. Lenia Marques - Erasmus University Rotterdam (Holanda)

Dr. Ling Ping - Hangzhou Normal University (China)

Profa. Dra. Mirleide Chaar Bahia - Associação Nacional de Estudos e Pesquisas do Lazer - ANPEL e Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará -UFPA (Brasil)

Prof. Dr. Ricardo Uvinha - Universidade de São Paulo (Brasil)

Dr. Roger Coles - World Leisure Organization (Estados Unidos)

Dr. Stephen Anderson - Florida International University (Estados Unidos)

Profa. Dra. Su-hsin Lee - Chinese Taipei Chapter (Taiwan)

Dr. Toni Veal - WLO Academy (Austrália)

Profa. Dra. Trudie Walters -University of Otago (Nova Zelândia)

Mediadora: Dra. Cristina Ortega - World Leisure Organization (WLO)

Teatro Paulo Autran



16h30 às 18h30

APRESENTAÇÕES ORAIS

Sala de Atividades, Auditório, 3º andar Salas de Oficinas (1 e 2), 2º andar Teatro Paulo Autran

19h às 20h30

Conferência

DIREITO AO LAZER EM ZONAS DE CONFLITO

Pensar o direito ao lazer e garantir o acesso às diversas práticas culturais a todas as pessoas tem se mostrado tarefa desafiadora em nosso tempo. Guerras, crises migratórias, golpes políticos, abandono do Estado, corrupção, sanções comerciais, desemprego, fome, narcotráfico, crime organizado, entre outras questões, não são situações exclusivas aos países localizados abaixo da linha do Equador, e impactam diretamente a população, mesmo nos países considerados desenvolvidos. Como espaços/locais em que os direitos sociais são suprimidos encontram saídas? A conferência analisará iniciativas de ação cultural em cidades como Rio de Janeiro e Medellín, nas quais a mobilização comunitária, de animadores e gestores visam abrir espaços de participação em zonas violentas, aprovisionar atividades de lazer e conscientizar aos cidadãos que têm direitos e que devem reclamá-los, inclusive o direito ao lazer.

Conferencista: Prof. Dr. George Yúdice – University of Miami (Estados Unidos)

Mediador: Prof. Esp. Anderson Dalbone - Serviço Social do Comércio – Sesc (Brasil)

Teatro Paulo Autran

21h

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Jantar de Confraternização com cardápio diversificado, sendo composto de bebidas, entrada, prato principal e sobremesa, com a utilização de ingredientes da culinária brasileira.

Local: *Sesc Pompeia, Comedoria*

31/08 – SEXTA-FEIRA

10h às 11h30

Sessão Plenária 3

ASPECTOS DA SUPERAÇÃO DE BARREIRAS SIMBÓLICAS E CULTURAIS NO LAZER

São inúmeras as barreiras simbólicas capazes de impedir pessoas e grupos de usufruírem seu direito ao lazer. São aspectos étnicos, religiosos, identitários, geográficos, ambientais, de gênero, entre outros. Nesta sessão, a proposta é refletir sobre a multiculturalidade e a necessidade do respeito à diversidade quando se trata da garantia do lazer como direito de todos.



Palestrante convidada: Profa. Dra. Abena Busia – Embaixadora Extraordinária de Gana no Brasil (Gana)

Debatadora: Profa. Dra. Ieda Rhoden - Universidade de Fortaleza - UNIFOR (Brasil)

Mediador: Prof. Dr. Helio Hintze – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – Universidade de São Paulo e Usina do Conhecimento (Brasil)

Teatro Paulo Autran

11h45 às 13h45

APRESENTAÇÕES ORAIS

Sala de Atividades, Auditório, 3º andar Salas de Oficinas (1 e 2), 2º andar Teatro Paulo Autran

12h às 13h30

Workshop - DANÇAS POPULARES BRASILEIRAS

Apresentadores: Ana Carolina Alves de Toledo e Adailton Oliveira da Silva

Ginásio 7º andar

SESSÃO DE PÔSTERES

Ginásio 7º andar

Sessão A - 14h30 às 15h30

Sessão B - 15h30 às 16h30

15h às 16h30

Painel de Debates

ADVOCACY NO CAMPO DO LAZER

O encontro reunirá instituições e pessoas que trabalham na perspectiva do Advocacy em favor do direito ao lazer e suas relações com os diversos campos sociais, por meio de projetos, campanhas, comissões, formação de redes/networkings. Serão fomentadas discussões sobre projetos e possibilidades de ações que garantam o acesso ao lazer para todas as pessoas.

Apresentadores: Jorge Abrahão – Rede Nossa São Paulo e Programa Cidades Sustentáveis (Brasil)

Maria Paula Gonçalves da Silva “Magic Paula” – Atletas pelo Brasil (Brasil)

Prof. Ms. Mogens Kirkeby – International Sport and Culture Association - ISCA (Dinamarca)

Zoe Partington – (Reino Unido)

Mediadora: Prof. Dra. Regiane Cristina Galante – Serviço Social do Comércio - Sesc SP (Brasil)

Teatro Paulo Autran



15h às 16h30

APRESENTAÇÃO DO FIELD SCHOOL E DOS CENTROS DE EXCELÊNCIA WLO

Auditório

16h30 às 18h30

SESSÕES ORAIS

Sala de Atividades, Auditório, 3º andar Salas de Oficinas (1 e 2), 2º andar Teatro Paulo Autran

19h às 20h

Conferência de encerramento

LAZER SEM RESTRIÇÕES: DESAFIOS E TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

Reflexões baseadas nas desafiadoras temáticas que envolvem o campo do Lazer na atualidade, desde as questões socioeconômicas, o desafio ao Capital e às desigualdades sociais, até as questões culturais, o respeito à diversidade e ao multiculturalismo, a interlocução das diferentes áreas de estudo e a globalização, além da elaboração de propostas e a projeção de metas/ sugestões para ações futuras no campo do Lazer.

Conferencista: Prof. Dr. Michel Maffesoli - Sorbonne University – Paris (França)

Teatro Paulo Autran

20h às 20h30

CONVITE PARA O 16º CONGRESSO MUNDIAL DE LAZER

Delegação de Pinggu - China

Teatro Paulo Autran

1/09 – SÁBADO

STUDY TOUR / ESTUDO DE CAMPO

ACESSIBILIDADE EM ESPAÇOS CULTURAIS

O roteiro incluirá visitas a espaços culturais da cidade de São Paulo que desenvolvem trabalhos de referência no que diz respeito à acessibilidade de pessoas com deficiência.

Especialista acompanhante: Amanda Pinto da Fonseca Tojal Museóloga e Educadora de Museus. Mestre em Artes e Doutora em Ciências da Informação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Consultora em Acessibilidade e Ação Educativa Inclusiva para públicos com deficiências em museus, instituições culturais e ambientais. Docente de cursos de Formação em Acessibilidade Cultural e Ação Educativa Inclusiva. Curadora Artística e Pedagógica da Exposição Itinerante “Sentir pra Ver: gêneros da pintura na Pinacoteca de São Paulo”, desde o ano de 2012. Sócia-presidente da empresa Arteinclusão Consultoria em Ação Educativa e Cultural, desde o ano e 2003.

9h às 17h



STUDY TOUR / ESTUDO DE CAMPO

PARQUE IBIRAPUERA

O roteiro contempla uma visita ao mais conhecido dos parques paulistanos e o mais frequentado da América Latina, o Ibirapuera, que recebe atualmente cerca de 13 milhões de visitantes por ano. Iremos conhecer o Museu Afro Brasil, o Museu de Arte Contemporânea (MAC) e percorreremos as alamedas do parque para conhecer sua estrutura de lazer. Serão abordados temas como planejamento urbano e a importância das áreas verdes na cidade.

Especialista acompanhante: Américo Sampaio

Sociólogo, especialista em gestão de cidades. É gestor de projetos da Rede Nossa São Paulo, integra o Grupo de Trabalho de Democracia Participativa da mesma instituição. Professor e membro da direção da Escola de Governo, é associado ao Centro Santo Dias de Direitos Humanos, faz parte da Rede pela Transparência e Participação Social (RETPS) e assessora as Escolas de Cidadania da Pastoral Fé Política. Integra o Conselho Consultivo da Ouvidoria Geral da Defensoria Pública de SP.

9h às 17h

CITY TOUR / PASSEIO

ARTE NA CIDADE

Neste roteiro, os participantes serão convidados a percorrer as ruas de Pinheiros e da Vila Madalena, bairros conhecidos por serem redutos de artistas e pela movimentada vida noturna. Haverá uma visita à Praça Benedito Calixto, onde ocorre uma tradicional feira de artes aos sábados, e às ruas da Vila Madalena, marcadas pela presença da arte urbana.

12h às 18h

2/09 – DOMINGO

STUDY TOUR / ESTUDO DE CAMPO

AV. PAULISTA – POLO CULTURAL

A Avenida Paulista, ícone da cidade de São Paulo, é atualmente um polo cultural, onde se localizam importantes espaços culturais e museus, como a Casa das Rosas, a Japan House, o Itaú Cultural, o Instituto Moreira Salles (IMS), o Museu de Arte de São Paulo (MASP), o Sesc Avenida Paulista, entre outros locais. Neste roteiro, os participantes terão a oportunidade de conhecer mais de perto alguns destes espaços e de percorrer a avenida a pé, visto que aos domingos a mesma encontra-se fechada para a circulação de veículos e aberta para pedestres.

Especialista acompanhante: Renato Cymbalista

Professor Livre-Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. É presidente do Instituto Pólis e integra a diretoria da Casa do Povo. Coordena o grupo de pesquisa “Lugares de Memória e Consciência” (USP/QNPq). Integra o coletivo PISA – Cidade e Pesquisa. É pesquisador do Laboratório para Outros Urbanismos da FAU-USP.

8h45 às 17h



STUDY TOUR / ESTUDO DE CAMPO

O SESC SÃO PAULO

Este roteiro inclui visitas a alguns centros de atividades do Sesc (Serviço Social do Comércio) em São Paulo. O Sesc, instituição de interesse público e sem fins lucrativos criada por empresários do comércio, serviços e turismo, mantém atualmente 38 centros culturais e esportivos no Estado de São Paulo, além de unidades especializadas, como editora (Edições Sesc), gravadora (Selo Sesc) e o Centro de Pesquisa e Formação (CPF). Oferece uma grande variedade de atividades em diferentes campos, como educação e cidadania, saúde e nutrição, artes, cultura digital, esportes e atividade física, segurança alimentar e turismo.

8h às 18h

CITY TOUR / PASSEIO

DO PÁTIO DO COLLEGIO À AVENIDA PAULISTA

Um roteiro que contará a história do surgimento e crescimento da cidade de São Paulo, através de um percurso a pé e de ônibus com início no centro histórico da capital e término na icônica Avenida Paulista.

9h às 13h



PROGRAM

AUGUST 28 - TUESDAY

10 a.m. to 6:30 p.m.

ACCREDITATION

Espaço de Convivência

3 p.m. to 5 p.m.

THEMATIC PANEL 1 - PUBLIC POLICIES OF LEISURE AND RECREATION

Proposes to promote the thinking and debate on issues and challenges concerning the implementation of public policies for leisure, considering issues relating to the Public Authorities and the community initiatives as well as the opportunities that emerge from University-Community connections, academic knowledge and empirical experience, theory and practice.

Presenters: Fernando Marin Escobar - Corporación para la Recreación Popular da Colombia

Prof. Dr. Felipe Sobczynski Gonçalves - Grupo de Estudos de Pesquisa e Lazer, Espaço e Cidade - GEPLEC - UFPR (Brazil)

Prof. Dr. Silvia Cristina Franco Amaral - Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Lazer - GEPEL/Unicamp (Brazil).

Mediator: Prof. Dra. Simone Recchia - Universidade Federal do Paraná - UFPR (Brazil)

Sala de Oficinas 1

THEMATIC PANEL 2 - LEISURE MANAGEMENT: PRESENT CHALLENGES AND PROSPECTS

Aims to promote reflection and debate on the issues and challenges of the management of leisure with focus on the theme of the event: the transposition of barriers that still hinder the access of all people to leisure.

Presenters: Cristóbal Comandari - Crystal Lagoons (Chile)

Prof. Dr. John Tower - Victoria University's Institute of Sport, Exercise and Active Living Australia / Australian and New Zealand Association of Leisure Studies (ANZALS) and of the Executive Committee of the World Leisure Organization-WLO (Australia)

Prof. Ms. Luiz Wilson Pina - Grupo de Estudos sobre Gestão de Experiências de Lazer -GEPGEL (Brazil)

Prof. Dr. Reinaldo Pacheco - Grupo Interdisciplinar de Estudos de Lazer-GIEL/EACH/USP (Brazil)

Mediator: Prof. Dr. Antonio Carlos Bramante - Group of Study on Leisure Experiences Management -GEPGEL /WLO (Brazil)

Auditorium



THEMATIC PANEL 3 - VOCATIONAL TRAINING IN LEISURE: SCENARIOS AND TRENDS OF EDUCATION, SOCIETY AND WORK

Has the objective to promote the thinking, the debate and the drafting of proposals on vocational training in leisure and the overcoming of the barriers which impede access of all people to this right. The session will approach the themes Scenarios and Tendencies in Vocational Training, Labor Market, Curriculum, Teaching, Research and Accessibility.

Presenters: Prof. Dr. Helder Isayama - Interdisciplinary Post-Graduate Program in Leisure Studies-PPGIEL/UFMG and Research Lab on Training and Professional Acting in Leisure-Oricolé/UFMG (Brazil)

Prof. Specialist Rosangela Martins de Araújo Rodrigues - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC (Brazil)

Prof. Ms. Lívia Cristina Toneto - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC (Brazil)

Prof. Dr. Luiz Octávio Lima Camargo - USP/EACH and Anhembi Morumbi (Brazil)

Prof. Specialist Tiago Aquino da Costa e Silva - Associação Brasileira de Recriadores - ABRE (Brazil)

Mediator: Prof. Specialist Rosangela Martins de Araujo Rodrigues - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC (Brazil)

Sala de Oficinas 2

THEMATIC PANEL 4 - RESEARCH ON LEISURE IN BRAZIL

Presentation and debates concerning recent researches on leisure habits and practices in Brazil.

Presenters: Prof. Dr. Edmur Stoppa - Escola de Artes Ciências e Humanidades - EACH/USP (Brazil) - "Leisure of Brazilians"

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani - Center of Urban Anthropology /USP (Brazil) - "Culture and **Leisure:** leisure and physical sportive practices of Sesc São Paulo goers"

Prof. Specialist Vanessa Zanella - PNUD (Brazil) - "National Report of Human Development 2017 | PNUD Brazil" -

Mediator: Prof. Dr. Andrea Nogueira - Serviço Social do Comércio - Sesc SP (Brazil)

Sala de Atividades 3rd floor

7 p.m. to 8 p.m.

OPENING CEREMONY

Prof. Danilo Santos de Miranda - Regional Director of Sesc São Paulo

Dr. Roger Coles - President of World Leisure Organization

Profa. Dra. Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado - Vice-Dean of Culture and Extension of Universidade de São Paulo - USP

Teatro Paulo Autran



8 p.m. to 9:30 p.m.

Opening Conference

WELL LIVING AS AN EMANCIPATORY OPTION: FROM MERCHANDISE TO LIBERATING LEISURE

It is in Living Well that people must organize to recover and take control of their own lives. It is not only a matter of defending the workforce and recovering the surplus labor time for workers, recovering the right to leisure as an indispensable human right to guarantee a dignified life. At stake is, additionally, the defense of life against anthropocentric schemes of socioeconomic organization, destroying the planet through depredation and environmental degradation. The talk will be broadcast live on the congress website. The lecturer will bring in first-hand his experiences as an economist and politician.

Speaker: Prof. Dr. Alberto Acosta – Politician and Economist from Ecuador, author of the book “O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos”. (Ecuador)

Teatro Paulo Autran

AUGUST 29 – WEDNESDAY

10 a.m. to 11:30 a.m.

Plenary Session 1

PHYSICAL BARRIERS IN ACCESS TO LEISURE

The question of physical and architectural barriers to the access and the equal participation in leisure experiences is not restricted to the universe of persons with disabilities. This session will seek to discuss trends and proposals linked to these barriers to overcome them, considering the various audiences and the right to leisure, including concepts of Right to the City, Universal Design, and City for People, Accessibility, Territoriality, Inclusion and Participation.

Invited Speaker: Prof. Ms. Jeremy Buzzle - National Park Service (USA)

Debater: Prof. Dr. Carlos Alberto Rico Alvarez - Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación - FUNLIBRE (Colombia) and Universidad Nacional da Colombia.

Mediator: Prof. Dr. Maria Ângela Faggin Pereira Leite - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (Brazil)

Teatro Paulo Autran

11:45 a.m. to 1:45 p.m.

ORAL PRESENTATIONS

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Atividades 3rd floor, Auditório and Teatro Paulo Autran

12 p.m. to 1:30 p.m.

Workshop

GAMES OF THE ENTIRE WORLD

This workshop aims to acknowledge and experience the cultural practices – games and plays - of the whole world. This is the way the world plays and this is what we will also do!



Presenters: *Tiago Aquino da Costa e Silva – Graduated in Physical Education and Specialist in Scholar Physical Education by FMU.*

Ms. Alípio Rodrigues Pines Junior – Bachelor in Leisure and Tourism (USP) and in Physical Education (UNIBAN). Master in Sciences of Physical Activity (USP). Member of the Interdisciplinary Group of Leisure Studies (GIEL/USP/CNPq).

Ginásio 7th floor

2:30 p.m. to 4:30 p.m.

POSTERS SESSIONS

Session A - 2:30 p.m. to 3:30 p.m.

Session B - 3:30 p.m. to 4:30 p.m.

Ginásio 7th floor

3 p.m. to 4:30 p.m.

Debates Panel

LATIN AMERICAN RECREATION OUTLOOK

Debate with experts about the prospects for studies of Leisure in Latin America, considering the Latin American social, political, cultural and economic realities.

Profa. Dra. Adriana Esther Estrada-González - Universidad de Monterrey (Mexico)

Prof. Dr. Carlos Alberto Rico - Fundación Colombiana de Tiempo Libre - FUNLIBRE (Colômbia) e Universidad Nacional de Colombia

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior - Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR (Brazil)

Prof. Dr. Ricardo Lema - Universidad Católica Del Uruguay (Uruguay)

Prof. Dr. Ruben Dario Duran Moreno - Conselho Latino Americano de Recreação - CLAR - (Venezuela)

Mediator: *Prof. Dr. Christianne Luce Gomes - Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (Brazil)*

Teatro Paulo Autran

3 p.m. to 4:30 p.m.

Workshop

WORLD LEISURE ACADEMY WORKSHOP

Members of the WLO Board and World Leisure Academy will be presenting and discussing the review of the Letter to Leisure of World Leisure Organization (WLO), a highly significant document that relates the field of leisure to individuals and associations.

Auditório

4:30p.m. to 6:30 p.m.

ORAL PRESENTATIONS

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Atividades 3rd floor, Auditório and Teatro Paulo Autran



7 p.m. to 8:30 p.m.

Colloquium

LEISURE AND SOCIAL TRANSFORMATION

Discussion on the phenomenon of leisure as a possibility for Social Transformation from proposals and experiences of various sectors of society and different flows of thinking.

Debaters: Prof. Dr. Esperanza Osorio Correa - Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación - FUNLIBRE (Colombia) and Universidad Nacional de Colombia

Prof. Ms. Mário Fernandes - Serviço Social do Comércio - SESC SP (Brazil)

Prof. Dr. Simone Fullagar - University of Bath - UK (Australia)

Mediator: Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo - Universidade de São Paulo (Brazil)

Teatro Paulo Autran

8:30 p.m.

BOOKS LAUNCHING

Lazer no Brasil: grupos de pesquisa e associações temática - Ricardo Ricci Uvinha - Edições Sesc

Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica - Magnani e Enrico Spaggiari - Edições Sesc

Lazer: perspectivas internacionais - Karla A. Henderson e Atara Sivan - Edições Sesc

Ócio Valioso para Envelhecer Bem - Manoel Cueca - Edições Sesc

Ócio Estético Valioso - Maria Luiza Amigo - Edições Sesc

Jogos do Mundo Todo - Tiago Aquino da Costa e Silva - Editora Supimpa

Formação e atuação profissional em políticas públicas de esporte e lazer: estudos e pesquisas - Editora UFMG

Área de Convivência

AUGUST 30 - THURSDAY

10 a.m. to 11:30 a.m.

Plenary Session 2

OVERCOMING SOCIOECONOMIC BARRIERS

The access to leisure practices and cultural goods is sometimes hampered by issues related to financial capital, whose idea of quality and enjoyment is tied to consumerism and the standards established by the entertainment market. This session will discuss the need to counterpoint the exaggerated consumerism and break the domain of finance capital, searching for new democratic models of access to leisure.

Invited Speaker: Prof. Dr. Alon Gelbman - Kinneret College on the Sea of Galilee (Israel)

Debater: Prof. Dr. Fernando Mascarenhas - Universidade de Brasília - UnB (Brazil)

Mediator: Prof. Dr. Ana Cristina Limongi-França - Universidade de São Paulo - USP (Brazil)

Teatro Paulo Autran



11:45 a.m. to 1:45 p.m.

ORAL PRESENTATIONS

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Atividades 3º andar, Auditório e Teatro Paulo Autran

12 p.m. to 1:30 p.m.

Workshop

GYMNASTIC FOR ALL – SESC SP

Assembling elements of different types of gymnastics, manifestations of popular culture and sport, the Gymnastics for All enables the collective practice from the construction of movements and expressions that originate choreographic creations. Special value given to Individual and regional experiences of participants.

With Tatiana Gentil de Oliveira and Carla Andreia Pereira Silva, instructors of physical activities of Sesc São Paulo.

Ginásio 7º andar

2:30 p.m. to 4:30 p.m.

POSTERS SESSIONS

Session A - 2:30 p.m. to 3:30 p.m.

Session B - 3:30 p.m. to 4:30 p.m.

3 p.m. to 4:30 p.m.

GLOBAL DEBATE ON INTERNATIONAL LEISURE STUDIES

Initiative developed by the World Leisure Organization (WLO) that will discuss the future of leisure and leisure studies.

Participants: *Prof. Dr. Carlos Alberto Rico - Fundación Colombiana de Tiempo Libre - FUNLIBRE (Colombia) and Universidad Nacional de Colombia*

Jack Agrios - WL advisor (Canada)

Prof. Dr. John Tower - University of Victoria (Australia)

Dra. Lénia Marques - Erasmus University Rotterdam (Netherlands)

Dr. Ling Ping - Hangzhou Normal University (China)

Prof. Dr. Mirleide Chaar Bahia - Associação Nacional de Estudos e Pesquisas do Lazer - ANPEL e Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará - UFPA (Brazil)

Prof. Dr. Ricardo Uvinha - Universidade de São Paulo (Brazil)

Dr. Roger Coles - World Leisure Organization (United States)

Dr. Stephen Anderson - Florida International University (United States)

Prof. Dr. Su-hsin Lee - Chinese Taipei Chapter (Taiwan)

Dr. Toni Veal - WLO Academy (Australia)

Prof. Dr. Trudie Walters - University of Otago (New Zealand)

Mediator: *Dra. Cristina Ortega - World Leisure Organization (WLO)*

Teatro Paulo Autran



3 p.m. to 4:30 p.m.

Colloquium

EARLY RESEARCH CAREER

Session dedicated for PhD candidate students. Opportunity for them to discuss and network in a relaxed environment (by invitation)

Mediators: Dr. Douglas Kleiber - University of Georgia

Prof. Dr. Antônio Carlos Bramante- Grupo de Estudos sobre Gestão de Experiências de Lazer – GEPGEL / WLO - (Brazil)

Auditorium

4:30 p.m. to 6:30 p.m.

ORAL PRESENTATION

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Atividades 3º andar, Auditório e Teatro Paulo Autran

7 p.m. to 8:30 p.m.

Conference

RIGHT TO LEISURE IN CONFLICT ZONES

Thinking on the right to leisure and to ensure access to diverse cultural practices to all people has proven to be a challenging task in our time. Wars, migratory crises, political coups, abandonment of the State, corruption, trade sanctions, unemployment, hunger, drug trafficking, organized crime, among other issues, are not exclusive situations to countries located below the line of Ecuador, and impact directly the population, even in countries considered developed. How spaces/places where social rights are suppressed can find a scape? The Conference will examine initiatives of cultural action in cities like Rio de Janeiro and Medellin, where the community mobilization, animators and managers seek to open spaces of participation in violent areas, provision of leisure activities and raising awareness in citizens who have rights and must claim them, including the right to leisure.

Speaker: Prof. Dr. George Yúdice – University of Miami (USA)

Mediation: Prof. Specialist Anderson Dalbone - Serviço Social do Comércio – Sesc (Brazil)

Teatro Paulo Autran

9 p.m.

CELEBRATION DINNER/ANNOUNCEMENTS

Celebration Dinner with a diversified menu, including beverage, start, main dish and desert, will be served in a joyful musical atmosphere. Typical Brazilian ingredients will be used to prepare the food.

Place: Sesc Pompeia, Comedoria.

Purchase of entrance ticket needed.



AUGUST 31– FRIDAY

10 a.m. to 11:30 a.m.

Plenary Session 3

ASPECTS OF OVERCOMING SYMBOLIC AND CULTURAL BARRIERS IN LEISURE

There are many symbolic barriers capable of stopping people and groups to enjoy their right to leisure. There are ethnic and religious aspects, identity, geographic, environmental, gender, among other facts. In this session, the proposal is to present and think about multiculturalism and the need for respect to diversity when it comes to guaranteeing to all the right of leisure.

Invited Speaker - Prof. Dr. Abena Busia - Extraordinary Ambassador of Gana in Brazil (Gana)

Debater - Prof. Dr. Ieda Rhoden – Universidade de Fortaleza - UNIFOR (Brazil)

Mediator: Prof. Dr. Helio Hintze – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – Universidade de São Paulo and Usina do Conhecimento (Brazil)

Teatro Paulo Autran

11:45 a.m. to 1:45 p.m.

ORAL PRESENTATIONS

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Atividades 3º andar, Auditório e Teatro Paulo Autran.

12 p.m. to 1:30 p.m.

Workshop

BRAZILIAN POPULAR DANCES

Experience in dances from several regions of Brazil, influenced and built from different cultures, stories and traditions. The music and the rhythm invite all participants to the movement in a integrate and funny way.

With Ana Carolina Alves de Toledo and Adailton Oliveira da Silva, instructors of physical activities of Sesc São Paulo.

Ginásio 7º andar

2:30 p.m. to 4:30 p.m.

POSTERS SESSIONS

Session A - 2:30 p.m. to 3:30 p.m.

Session B - 3:30 p.m. to 4:30 p.m.

3 p.m. to 4:30 p.m.

Debate Panel

ADVOCACY IN THE FIELD OF LEISURE

The meeting will bring together institutions and individuals working in the perspective of the Advocacy in favor of the right to leisure and its relations with the various social fields, through projects, campaigns, commissions, networking. Discussions about projects and actions that ensure access to leisure for all people will be encouraged.



Presenters: Jorge Abrahão – Rede Nossa São Paulo e Programa Cidades Sustentáveis (Brasil)
Maria Paula Gonçalves da Silva “Magic Paula” – Atletas pelo Brasil (Brasil)
Prof. Ms. Mogens Kirkeby – International Sport and Culture Association - ISCA (Dinamarca)
Zoe Partington – Shape Arts (Reino Unido)

Mediator: Prof. Dr. Regiane Cristina Galante – Serviço Social do Comércio - Sesc SP (Brazil)

Teatro Paulo Autran

3 p.m. to 4:30 p.m.

FIELD SCHOOL PLENARY PRESENTATION AND WLO CENTERS OF EXCELLENCE PRESENTATION

Students and professors from the leisure field will present researches and results of fieldwork conducted in the community of Perus, São Paulo - Brazil.

Auditorium

4:30 p.m. to 6:30 p.m.

ORAL PRESENTATIONS

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Atividades 3º andar, Auditório e Teatro Paulo Autran.

7 p.m. to 8 p.m.

Closing Conference

LEISURE BEYOND CONSTRAINTS: CHALLENGES AND CONTEMPORARY TRENDS

Reflections based on challenging topics involving the Leisure field today, from socioeconomic issues, the challenge of the Capital and social inequalities, to the cultural issues, the respect for diversity and multiculturalism, the interaction of the different areas of study and globalization, in addition to the preparation of proposals and the projection of goals/suggestions for future actions in the field of Leisure.

Speaker: Prof. Dr. Michel Maffesoli - Sorbonne University - Paris (France).

Teatro Paulo Autran

8 p.m. to 8:30 p.m.

INVITATION FOR THE 16TH WORLD LEISURE CONGRESS

Pinggu Delegation - China

Teatro Paulo Autran



SEPTEMBER 1 – SATURDAY

STUDY TOUR / FIELD STUDY

ACCESSIBILITY IN CULTURAL SPACES

The tour will include visits to cultural spaces of São Paulo that develop reference work concerning the accessibility of disabled people. Locations to be visited: Museu do Futebol and Pinacoteca do Estado.

Includes: transport in bus, guidance of a tourism specialist, lunch and tickets.

Specialist guide: Amanda Pinto da Fonseca Tojal

Museologist and Museum Educator. Master of Arts and a PhD in Information Sciences from the School of Communication and Arts of the University of São Paulo - USP. Consultant in Accessibility and Inclusive Educative Action for persons with disabilities in museums, cultural institutions and the environment. Teacher in Training courses in Cultural Accessibility and Inclusive Educational Action. Artistic and educational curator of the itinerant exhibition "Feel to see: genres of painting in the Pinacoteca de Sao Paulo", since de 2012. Partner-President of Arteinclusão Consultoria em Ação Educativa e Cultural, since the year 2003.

9 a.m. to 5 p.m.

STUDY TOUR / FIELD STUDY

IBIRAPUERA PARK

This tour will visit the most known and the most known park in São Paulo and most visited within Latin America, the Ibirapuera Park that receives nowadays nearly 13 million visitors each year. The tour will also include a visit to the Museu Afro Brasil, Museu de Arte Moderna (MAM) and a stroll along the park malls to know its leisure structure. Themes such as urban planning and the importance of green areas in the city will be addressed.

Includes: transportation in buses, tour guide, lunch and tickets.

Specialist Guide: Américo Sampaio

Sociologist, specialist in cities management. Project manager of the Rede Nossa São Paulo, member of the Working Group on Participatory Democracy from the same institution. Professor and member of the Board of the School of Government, associated with the Centro Santo Dias de Direitos Humanos; participates of the Rede pela Transparência e Participação Social (RETPS) and advises the Citizenship Schools of Pastoral Fé Política. Integrates the Advisory Board of the General Ombudsman of the Public Defender's Office SP.

9 a.m. to 5 p.m.

CITY TOUR / 1 DAY TOUR

ART IN THE CITY

In this tour, the participants will be invited to walk along the streets of Pinheiros and Vila Madalena neighborhoods, known to be a place of artists and the bustling nightlife. There will be a visit to the Praça Benedito Calixto where a traditional arts fair happens on Saturdays, and the streets of Vila Madalena, marked by the presence of urban art.

12 p.m. to 6 p.m.



SEPTEMBER 2 – SUNDAY

STUDY TOUR/ FIELD STUDY

AV. PAULISTA – CULTURAL POLE

The Avenida Paulista, an icon of São Paulo city, is currently a cultural pole, where important cultural centers and museums are located, such as Casa das Rosas, Japan House, Itaú Cultural, Instituto Moreira Salles (IMS), Museu de Arte de São Paulo (MASP), Sesc Avenida Paulista, among other places. In this tour, participants will have the opportunity to appreciate closely some of these spaces and to walk along the avenue, once on Sundays the avenue is closed for vehicular traffic and open to pedestrians.

Specialists Guide: Renato Cymbalista

Professor at the Faculty of Architecture and Urban Planning – FAU - USP. President of the Instituto Pólis and member of the Board of Directors of Casa do Povo. Coordinates the research group “Lugares de Memória e Consciência (USP/QNPq)”. Integrates the collective PISA - Cidade e Pesquisa. Researcher at the laboratory for Other Urbanisms - FAU-USP.

8:45 a.m. to 5 p.m.

STUDY TOUR/ FIELD STUDY

SESC IN SÃO PAULO

Visits to some centers of activities of Sesc (Serviço Social do Comércio) in São Paulo. Sesc is an institution of public interest and non-profit organization created by entrepreneurs in the commerce, services and tourism. Currently maintains 38 cultural and sports centers in the State of São Paulo, in addition to specialized units, such as a Publishing House (Edições Sesc SP), a Recorder (Selo Sesc), and the Center of Research and Formation (CPF). Sesc offers a wide variety of activities in different fields, such as education and citizenship, health and nutrition, arts, digital culture, sports and physical activity, safe nourishment and tourism.

8 a.m. to 6 p.m.

CITY TOUR

FROM PATTEO DO COLLEGIO TO AVENIDA PAULISTA

This tour that will tell the history of the rise and growth of São Paulo city, through a walking and bus route, starting in the historic center of the capital and ending at the iconic Paulista Avenue.

9 a.m. to 1 p.m.



PROGRAMACIÓN

28/08 – MARTES

10h a las 18h30

ACREDITACIÓN

Espacio de Convivencia

15h a las 17h

PANEL TEMÁTICO 1 - POLÍTICAS PÚBLICAS DE OCIO Y RECREACIÓN

Se propone a la reflexión y el debate sobre los aspectos y desafíos actuales de la implementación de políticas públicas para el ocio, considerando desde las cuestiones relativas al Poder Público e iniciativas comunitarias, hasta las oportunidades que emergen de las conexiones Universidad-Comunidad, conocimiento académico y experiencia empírica, teoría y práctica.

Presentadores: Fernando Marin Escobar - Corporación para la Recreación Popular da Colombia
Prof. Dr. Felipe Sobczynski Gonçalves - Grupo de Estudos de Pesquisa e Lazer, Espaço e Cidade - GEPLEC - UFPR (Brasil)

Profa. Dra. Silvia Cristina Franco Amaral - Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas e Lazer - GEP3L/Unicamp (Brasil)

Mediación: Profa. Dra. Simone Recchia - Universidade Federal do Paraná - UFPR (Brasil)

Sala de Oficinas 1

PANEL TEMÁTICO 2 - GESTIÓN DEL OCIO: DESAFÍOS ACTUALES Y PERSPECTIVAS FUTURAS

Tiene como propuesta la reflexión y el debate sobre los aspectos y desafíos actuales de la gestión del ocio a la luz de la temática del evento: la transposición de las barreras que aún impiden el acceso de todas las personas al ocio.

Presentadores : Cristóbal Comandari - Crystal Lagoons (Chile)

Prof. Dr. John Tower - Victoria University's Institute of Sport, Exercise and Active Living Australia / Australian and New Zealand Association of Leisure Studies (ANZALS) y del Board del World Leisure Organization - WLO (Australia)

Prof. Ms. Luiz Wilson Pina - Grupo de Estudos sobre Gestão de Experiências de Lazer - GEPGEL (Brasil)

Prof. Dr. Reinaldo Pacheco - Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer - GIEL/EACH/USP (Brasil)

Mediador: Prof. Dr. Antônio Carlos Bramante - Grupo de Estudos sobre Gestão de Experiências de Lazer - GEPGEL / WLO - (Brasil)

Auditório



PANEL TEMÁTICO 3 - FORMACIÓN PROFESIONAL EN OCIO: ESCENARIOS Y TENDENCIAS DE LA EDUCACIÓN, SOCIEDAD Y TRABAJO

Tiene como objetivo promover la reflexión, el debate y la elaboración de proposiciones sobre la formación profesional en ocio y la transposición de las barreras que dificultan el acceso de todas las personas a este derecho. Se abordarán los temas Escenarios y Tendencias en la Formación Profesional, Mercado de Trabajo, Currículo, Enseñanza, Investigación y Accesibilidad.

Presentadores: Prof. Dr Helder Isayama - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - PPGIEL/UFMG y Laboratório de Pesquisas sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer - Oricolé/UFMG (Brasil)

Prof. Ms. Lívia Cristina Toneto - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC (Brasil)

Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo - Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH/USP (Brasil)

Prof. Esp. Tiago Aquino da Costa e Silva - Associação Brasileira de Recreadores - ABRE (Brasil)

Prof. Esp. Rosângela Martins de Araújo Rodrigues - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC (Brasil)

Sala de Oficinas 2

PANEL TEMÁTICO 4 - INVESTIGACIONES EN OCIO EN BRASIL

Presentación y debates de las recientes investigaciones sobre hábitos y prácticas de ocio en Brasil.

Presentaciones: Prof. Dr. Edmur Stoppa - Escola de Artes Ciências e Humanidades - EACH/USP (Brasil) - "Ocio del Brasileño"

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani - Núcleo de Antropologia Urbana/USP (Brasil) - "Cultura y Ocio: prácticas de ocio y actividades físicas y deportivas de los asiduos del Sesc en São Paulo"

Prof. Esp. Vanessa Zanella - PNUD (Brasil) - "Informe Nacional sobre Desarrollo Humano 2017 | PNUD Brasil"

Mediadora: Profa. Dra. Andrea Nogueira - Serviço Social do Comércio - Sesc SP (Brasil)

Sala de Atividades 3º piso

19h a las 20h

CEREMONIA DE APERTURA

Prof. Danilo Santos de Miranda - Director Regional del Sesc São Paulo

Dr. Rogers Coles - Presidente de la World Leisure Organization

Profa. Dra. Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado - Prorrectora de Cultura y Extensión Universitaria de la Universidad de Sao Paulo - USP

Teatro Paulo Autran

20h a las 21h30

Conferencia de Apertura

EL BIEN VIVIR COMO OPCIÓN DE EMANCIPACIÓN: DESDE EL OCIO DE PRODUCTOS HASTA EL OCIO LIBERTADOR

Es en el bien vivir que la gente debe organizarse para recuperar y tomar el control de sus propias vidas. No es sólo defender la fuerza de trabajo y recuperar el tiempo de trabajo excedente para los



trabajadores, rescatando el derecho al ocio como un derecho humano indispensable para garantizar una vida digna. Además, está en juego la defensa de la vida contra esquemas antropocéntricos de organización socioeconómica, destructores del planeta a través de la depredación y la degradación ambiental. La Conferencia será transmitida en vivo en el sitio del Congreso. El ponente traerá sus experiencias de primera mano, como un economista y político.

Ponente: Prof. Dr. Alberto Acosta - Político y Economista de Ecuador, Autor del libro "O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos". (Ecuador).

Teatro Paulo Autran

29/08 – MIÉRCOLES

10h a las 11h30

Sesión Plenaria 1

BARRERAS FÍSICAS EN EL ACCESO AL OCIO

La cuestión de las barreras físicas y arquitectónicas como obstáculos al acceso y a la participación igualitaria en las experiencias de ocio no está restringida al universo de las personas con discapacidad. Esta sesión buscará debatir tendencias y propuestas vinculadas a esas barreras en el sentido de superarlas, considerando los diversos públicos y el derecho al ocio, incluyendo conceptos de Derecho a la Ciudad, Diseño Universal, Ciudad para Personas, Accesibilidad, Territorialidad, Inclusión y Participación.

Ponente invitado: Prof. Ms. Jeremy Buzzel - National Park Service (Estados Unidos)

Debatedor: Prof. Dr. Carlos Alberto Rico Alvarez – Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación – FUNLIBRE (Colombia) y Universidad Nacional de Colombia

Mediación: Profa. Dra. Maria Ângela Faggin Pereira Leite - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (Brasil)

Teatro Paulo Autran

11h45 a las 13h45

SESIONES ORALES

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Actividades 3º piso, Auditorio y Teatro Paulo Autran

12h a las 13h30

Workshop

JUEGOS DEL MUNDO TODO

Este taller tiene por objetivo reconocer y experimentar las prácticas culturales – recreaciones y juegos de todo el mundo. ¡El mundo juega y así también lo haremos!

Presentadores : Me. Alípio Rodrigues Pines Junior - Licenciado en Ocio y Turismo (USP) y en Educación Física (UNIBAN). Master en Ciencias de la Actividad Física (USP). Miembro del Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer (GIEL/USP/CNPq).

Tiago Aquino da Costa e Silva - Licenciado en Educación Física y Especialista en Educación Física en la Escuela por FMU

Gimnasio 7º piso



14h30 a las 16h30

SESIONES DE PÓSTERES

Gimnasio 7º piso

Session A - 14h30 à 15h30

Session B - 15h30 à 16h30

15h a las 16h30

Panel de Debates

PANORAMA LATINOAMERICANO DE OCIO

Conversaciones con especialistas sobre las perspectivas para los estudios del Ocio en Latino América, considerando las realidades sociales, políticas, culturales y económicas del continente.

Presentadores: Profa. Dra. Adriana Esther Estrada-González - Universidad de Monterrey (México)

Prof. Dr. Carlos Alberto Rico - Fundación Colombiana de Tiempo Libre - FUNLIBRE (Colômbia) e Universidad Nacional de Colombia

Prof. Dr. Luiz Gonçalves - Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (Brasil)

Prof. Dr. Ricardo Lema - Universidad Católica Del Uruguay - (Uruguay)

Prof. Dr. Ruben Dario Duran Moreno - Conselho Latino Americano de Recreação - CLAR (Venezuela)

Mediadora: Prof. Dra. Christianne Luce Gomes - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (Brasil)

Teatro Paulo Autran

15h a las 16h30

WORKSHOP DE LA ACADEMIA MUNDIAL DE OCIO

Los miembros del Board de WLO y de la World Leisure Academy presentarán y discutirán la revisión de la Carta para el Ocio de la Organización Mundial de Ocio (WLO), un documento muy importante que está relacionado con el campo del ocio, individuos y asociaciones.

Auditorio

16h30 a las 18h30

SESIONES ORALES

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Atividades 3º piso, Auditório y Teatro Paulo Autran

19h a las 20h30

Coloquio

OCIO Y TRANSFORMACIÓN SOCIAL

Debate sobre el fenómeno del Ocio como posibilidad de Transformación Social a partir de propuestas y experiencias de los diversos sectores de la sociedad y diferentes corrientes de pensamiento.



Debatientes: Profa. Dra. Esperanza Osório - Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación - FUNLIBRE (Colômbia) y Universidad Nacional de Colombia

Prof. Ms. Mário Fernandes - Serviço Social do Comércio - SESC SP (Brasil)

Profa. Dra. Simone Fullagar - Universidade de Bath - UK (Austrália)

Mediador: Prof. Dr. Luis Gonzaga Godoi Trigo - Universidade de São Paulo (Brasil)

Teatro Paulo Autran

20h30

LANZAMIENTO DE LIBROS

Lazer no Brasil: grupos de pesquisa e associações temáticas - Ricardo Ricci Uvinha - Edições Sesc
Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica - Magnani e Enrico Spaggiari - Edições Sesc

Lazer: perspectivas internacionais - Karla A. Henderson e Atara Sivan - Edições Sesc

Ócio Valioso para Envelhecer Bem - Manoel Cueca - Edições Sesc

Ócio Estético Valioso - Maria Luiza Amigo - Edições Sesc

Jogos do Mundo Todo - Tiago Aquino da Costa e Silva - Editora Supimpa

Formação e atuação profissional em políticas públicas de esporte e lazer: estudos e pesquisas - Editora UFMG

Área de Convivência

30/08 – JUEVES

10h a las 11h30

Sesión Plenaria 2

SUPERACIÓN DE BARRERAS SOCIOECONÓMICAS

El acceso a las prácticas de ocio y a los bienes culturales a veces se ve dificultado por las cuestiones relacionadas con el capital financiero, cuya idea de calidad y fruición está vinculada al consumismo ya los patrones establecidos por el mercado de entretenimiento. Esta sesión discutirá la necesidad de contraposición al consumismo exagerado y de ruptura en relación al dominio del capital financiero, buscando nuevos modelos más democráticos de acceso al ocio.

Ponente invitado: Prof. Dr. Alon Gelbman - Kinneret College on the Sea of Galilee (Israel)

Debatedor: Prof. Dr. Fernando Mascarenhas - Universidade de Brasília - UnB (Brasil)

Mediación: Profa. Dra. Ana Cristina Limongi-França - Universidade de São Paulo - USP (Brasil)

Teatro Paulo Autran

11h45 a las 13h45

SESIONES ORALES

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Atividades 3º piso, Auditório y Teatro Paulo Autran



12h a las 13h30

Workshop

GIMNASIA PARA TODOS

Reuniendo elementos de los diferentes tipos de gimnasia, de las manifestaciones de la cultura popular y del deporte, la Gimnastica para Todos posibilita una práctica colectiva a partir de la construcción de movimientos y expresiones, que originan creaciones coreográficas. Serán valoradas las experiencias individuales y regionales de los participantes.

Con Tatiana Gentil y Carla Andreia Pereira Silva, instructoras de actividades físicas del Sesc São Paulo.

Gimnasio 7º piso

14h30 a las 16h30

SESIONES DE PÓSTERES

Session A - 14h30 à 15h30

Session B - 15h30 à 16h30

Gimnasio 7º piso

15h a las 16h30

Panel

DEBATE GLOBAL SOBRE LOS ESTUDIOS DE OCIO

Iniciativa desarrollada por la World Leisure Organization (WLO) que discutirá el futuro de los estudios de ocio y recreación.

Mediación: *Dra. Cristina Ortega – World Leisure Organization (WLO)*

Participantes: *Prof. Dr. Carlos Alberto Rico - Fundación Colombiana de Tiempo Libre - FUNLIBRE (Colombia) y Universidad Nacional de Colombia*

Jack Agrios - WL advisor (Canada)

Prof. Dr. John Tower - University of Victoria (Australia)

Dra. Lenia Marques - Erasmus University Rotterdam (Holanda)

Dr. Ling Ping - Hangzhou Normal University (China)

Profa. Dra. Mirleide Chaar Bahia – Associação Nacional de Estudos e Pesquisas do Lazer – ANPEL e Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará –UFPA (Brasil)

Prof. Dr. Ricardo Uvinha – Universidade de São Paulo (Brasil)

Dr. Roger Coles - World Leisure Organization (Estados Unidos)

Dr. Stephen Anderson - Florida International University (Estados Unidos)

Prof. Dr. Su-hsin Lee - Chinese Taipei Chapter (Taiwan)

Dr. Toni Veal - WLO Academy (Australia)

Prof. Dr. Trudie Walters -University of Otago (Nova Zelândia)

Facilitadora: *Dr. Cristina Ortega Nuere, COO World Leisure Organization*

Teatro Paulo Autran



15h a las 16h30

Coloquio

CONVERSACIONES ACERCA DE LA CARRERA CIENTÍFICA

Sesión dedicada a los estudiantes de doctorado. Oportunidad para discutir y formar una red en un ambiente relajado (para invitados)

Mediadores: Dr. Douglas Kleiber - University of Georgia

Prof. Dr. Antônio Carlos Bramante- Grupo de Estudos sobre Gestão de Experiências de Lazer – GEPGEL / WLO - (Brasil)

Auditorio

16h30 a las 18h30

SESIONES ORALES

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Atividades 3º piso, Auditório y Teatro Paulo Autran

19h a las 20h30

Conferencia

DERECHO AL OCIO EN ZONAS DE CONFLICTO

Pensar el derecho al ocio y garantizar el acceso a las diversas prácticas culturales a todas las personas se ha mostrado una tarea desafiante en nuestro tiempo. Las guerras, crisis migratorias, golpes políticos, abandono del Estado, corrupción, sanciones comerciales, desempleo, hambre, narcotráfico, crimen organizado, entre otras cuestiones, no son situaciones exclusivas a los países ubicados abajo de la línea de Ecuador, e impactan directamente a la población, incluso en los países considerados desarrollados. ¿Cómo espacios/lugares en los que los derechos sociales son suprimidos encuentran salida? La conferencia analizará iniciativas de acción cultural en ciudades como Río de Janeiro y Medellín, en las cuales la movilización comunitaria, de animadores y gestores apunta a abrir espacios de participación en zonas violentas, aprovisionar actividades de ocio y concientizar a los ciudadanos que tienen derechos y que deben reclamar -los, incluso el derecho al ocio.

Conferencista: Prof. Dr. George Yúdice – University of Miami (Estados Unidos)

Mediación: Prof. Esp. Anderson Dalbone (Brasil)

Teatro Paulo Autran

21h

CENA DE CONFRATERNIZACIÓN

Cena con menú variado, compuesto de bebidas, entrada, plato principal y postre. Ingredientes de la cocina brasileña serán usados. Música animará la confraternización. Ubicación: Sesc Pompeia, Comedor.

Se requiere la compra de entradas.

Sesc Pompéia



31/08 – VIERNES

10h a las 11h30

Sesión Plenaria 3

ASPECTOS DE LA SUPERACIÓN DE BARRERAS SIMBÓLICAS Y CULTURALES EN EL OCIO

Son innumerables las barreras simbólicas capaces de impedir personas y grupos de usufructuar su derecho al ocio. Son aspectos étnicos, religiosos, de identidad, geográficos, ambientales, de género, entre otros. En esta sesión, la propuesta es reflexionar sobre la multiculturalidad y la necesidad del respeto a la diversidad cuando se trata de la garantía del ocio como derecho de todos.

Ponente invitada: Profa. Dra. Abena Busia – Embajadora de Gana en Brasil (Gana)

Debatedora: Profa. Dra. Ieda Rhoden - Universidade de Fortaleza – UNIFOR (Brasil)

Mediación: Prof. Dr. Helio Hintze – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – Universidade de São Paulo y Usina do Conhecimento (Brasil)

Teatro Paulo Autran

11h45 a las 13h45

SESIONES ORALES

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Actividades 3º piso, Auditorio y Teatro Paulo Autran

12h a las 13h30

Workshop

BAILES POPULARES BRASILEÑOS

Experimentación en danzas de las diversas regiones de Brasil, influenciadas y construidas a partir de diferentes culturas, historias y tradiciones. La musicalidad y el ritmo invitan a los participantes al movimiento de forma integrativa y divertida.

Con Ana Carolina Alves de Toledo y Adailton Oliveira da Silva, instructoras de actividades físicas del Sesc São Paulo.

Ginasio de esportes 7º piso

14h30 a las 16h30

SESIONES DE PÓSTERES

Session A - 14h30 à 15h30

Session B - 15h30 à 16h30

Ginasio de esportes 7º piso



15h a las 16h30

Panel de Debate

ADVOCACY EN EL CAMPO DEL OCIO

El encuentro reunirá instituciones y personas que trabajan en la perspectiva del Advocacy en favor del derecho al ocio y sus relaciones con los diversos campos sociales, por medio de proyectos, campañas, comisiones, formación de redes / networkings. Se fomentarán discusiones sobre proyectos y posibilidades de acciones que garantan el acceso al ocio para todas las personas.

Presentadores: Jorge Abrahão – Rede Nossa São Paulo e Programa Cidades Sustentáveis (Brasil)
Maria Paula Gonçalves da Silva “Magic Paula” – Atletas pelo Brasil (Brasil)
Prof. Ms. Mogens Kirkeby – International Sport and Culture Association - ISCA (Dinamarca)
Zoe Partington – (Reino Unido)

Mediación: Prof. Dra. Regiane Cristina Galante – Serviço Social do Comércio – Sesc SP (Brasil)
Teatro Paulo Autran

15h a las 16h30

PRESENTACIÓN DEL FIELD SCHOOL DEL CENTRO DE EXCELENCIA WLO

Estudiantes y profesores de ocio presentarán la investigación y los resultados del trabajo de campo llevado a cabo en la comunidad de Perus, São Paulo – Brasil.

Auditorio

16h30 a las 18h30

SESIONES ORALES

Salas de Oficinas (1 e 2), Sala de Atividades 3º piso, Auditório y Teatro Paulo Autran.

19h a las 20h

Conferencia de encerramiento

OCIO SIN RESTRICCIONES: DESAFÍOS Y TENDENCIAS CONTEMPORÁNEAS

Reflexiones basadas en las desafiantes temáticas que involucran el campo del Ocio en la actualidad, desde las cuestiones socioeconómicas, el desafío al Capital y las desigualdades sociales, hasta las cuestiones culturales, el respeto a la diversidad y el multiculturalismo, la interlocución de las diferentes áreas de estudio y la globalización, además de la elaboración de propuestas y la proyección de metas / sugerencias para acciones futuras en el campo del Ocio.

Conferencista: Prof. Dr. Michel Maffesoli – Universidad Sorbonne - Paris (Francia)

Teatro Paulo Autran

20h a las 20h30

INVITACIÓN PARA EL 16º CONGRESO

Delegación de Pinggu - China

Teatro Paulo Autran



1/09 – SÁBADO

TOUR DE ESTUDIO / ESTUDIO DE CAMPO ACCESIBILIDAD EN ESPACIOS CULTURALES

El itinerario incluye visitas a espacios culturales de la ciudad de São Paulo que desenvuelven obras de referencia con respecto a la accesibilidad de personas con discapacidad. Lugares planeados para visitación: Museu do Futebol y Pinacoteca do Estado.

Incluye: transporte en buses, guía de turismo, almuerzo y entradas

Guía experto: Amanda Pinto da Fonseca Tojal

Museóloga y educadora de Museos. Maestría en Artes y Doctorado en Ciencias de la Información de la Escuela de Comunicación y Artes de la Universidad de São Paulo. Consultora de Accesibilidad y Acción Educativa Incluyente para personas con discapacidades, en museos, instituciones culturales y ambientales. Docente en cursos de Formación en Accesibilidad Cultural y Acciones Educativas Incluyente. Curadora Artística y Educativa de la exposición itinerante “Sentir para ver: géneros de la pintura en la Pinacoteca de São Paulo”, desde de 2012. Socio-presidente de Arteinclusão Consultoría en Educación y Acción Cultural, desde el año 2003.

9h a las 17h

TOUR DE ESTUDIO/ ESTUDIO DE CAMPO PARQUE IBIRAPUERA

El itinerario incluye la visita al más conocido de los parques de São Paulo, y el más frecuentado de América Latina, el Ibirapuera, que en la actualidad recibe más de 13 millones visitantes al año. Visitaremos el Museu Afro Brasil, Museu de Arte Moderna (MAM) y caminaremos por las alamedas del parque para conocer su estructura de ocio. Los temas de planeamiento urbano y la importancia de áreas verdes serán abordados en este tour.

Incluye: transporte en buses, guía de turismo, almuerzo y entradas.

Especialista acompañante: Américo Sampaio

Sociólogo, especialista en gestión de las ciudades. Es director de proyectos de la Rede Nossa São Paulo, miembro del Grupo de Trabajo sobre Democracia Participativa de la misma institución. Profesor y miembro de la Junta Directiva de la Escuela de Gobierno, asociado al Centro Santo Dias de Direitos Humanos, es parte de Rede pela Transparência e Participação Social (RETPS) e asesora a las Escuelas de Ciudadanía de la Pastoral Fé Política. Integra la Junta Consultiva del Defensor General de la Defensoría Pública.

9h a las 17h

CITY TOUR/ PASEOS 1 DÍA ARTE EN LA CIUDAD

En este tour, los participantes serán invitados a caminar por las calles de Pinheiros y de Vila Madalena, barrios conocidos por los feudos de artistas y la animada vida nocturna. Habrá una visita a la Praça Benedito Calixto, donde una feria de artes tradicionales ocurre los sábados y a las calles de Vila Madalena, marcadas por la presencia del arte urbano.

Incluye: transporte en buses, guía de turismo

12h a las 18h



2/09 – DOMINGO

TOUR DE ESTUDIO / ESTUDIO DE CAMPO 1 DÍA

AV. PAULISTA – CENTRO CULTURAL

La Avenida Paulista, en São Paulo, es actualmente un polo cultural donde están ubicados importantes centros culturales y museos como la Casa das Rosas, Japan House, Itaú Cultural, Instituto Moreira Salles (IMS), Museu de Arte de São Paulo (MASP), SESC Avenida Paulista, entre otros. En este escenario, los participantes tendrán la oportunidad de conocer más de cerca a algunos de estos espacios y caminar por la avenida, una vez que el domingo queda cerrada a autos y buses.

Incluye: transporte en buses, guía de turismo, almuerzo y entradas.

Guía experto: Renato Cymbalista

Profesor Libre-Docente en la Facultad de Arquitectura y Urbanismo - FAU - en USP. Presidente del Instituto Pólis y miembro de la Junta de la Casa do Povo. Coordina el grupo de investigación "Lugares de Memoria y Conciencia" (USP/QNPq). Integra el colectivo PISA – Cidade e Pesquisa. Es investigador en el Laboratorio para Otros Urbanismos de FAU-USP.

8h45 a las 17h

TOUR DE ESTUDIO / ESTUDIO DE CAMPO 1 DÍA

EL SESC EN SÃO PAULO

Este tour incluye visitas a algunos centros de actividad del Sesc (Serviço Social do Comércio) en São Paulo. El Sesc es una institución de interés público y organización sin fines de lucro, creado por emprendedores del comercio, servicios y turismo. La institución mantiene 38 centros culturales y deportivos en el estado de São Paulo, además de unidades especializadas, tales como Editor (Edições Sesc), Sello de Música (Selo Sesc) y el Centro de Investigación y Formación (CPF). Ofrece una amplia variedad de actividades en diferentes campos, como educación y ciudadanía, salud y nutrición, arte, cultura digital, deportes y actividad física, seguridad alimentaria y turismo.

Incluye: transporte en buses, guía de turismo y almuerzo

8h a las 18h

CITY TOUR/PASEOS

DESDE PATTEO DO COLLEGIO HASTA AVENIDA PAULISTA

Un tour que contará la historia de la aparición y crecimiento de la ciudad de São Paulo, a través de una ruta a pie y en metro desde el centro histórico de la capital y terminando en la emblemática Avenida Paulista.

Incluye: transporte en buses y guía de turismo

9h a las 13h





**ARTIGOS DOS
PALESTRANTES
SPEAKERS ARTICLES
ARTÍCULOS DE LOS
PONENTES**



BEM VIVER COMO EMANCIPAÇÃO RUMO À SUPERAÇÃO DO LAZER MERCANTIL

Alberto Acosta¹

19 de setembro de 2018

“A liberdade, Sancho, é um dos dons mais preciosos, que aos homens deram os céus: não se lhe podem igualar os tesouros que há na terra, nem os que o mar encobre; pela liberdade, da mesma forma que pela honra, se deve arriscar a vida, e, pelo contrário, o cativo é o maior mal que pode acudir aos homens”.

**Dom Quixote
II Parte, Cap. LVIII**

O ponto de partida

“O lazer é essencial à civilização e, em tempos passadas, o lazer de uns poucos só era possível pelo trabalho da maioria. Todavia, o trabalho era valorizado não porque fosse bom em si, mas porque o lazer era considerado bom. E a técnica moderna possibilita distribuir lazer com igualdade sem ocasionar prejuízo algum à civilização”.

**Bertrand Russel
Elogio ao Ócio (1932)**

Após constatar crescentes e graves problemas sociais — particularmente econômicos, culturais e ambientais —, em diversos locais se questionam cada vez mais as ideias convencionais do progresso e do seu principal fruto, o desenvolvimento (Gudynas e Acosta, 2011). Inclusive várias “grandes conquistas tecnológicas” são insuficientes — e até mesmo contraproducentes — para resolver os graves problemas da Humanidade. Os resultados são evidentes e, sem dúvida, os desafios também.

Essas “conquistas” do progresso geram múltiplas violências, próprias de um sistema que sufoca toda dimensão vital. Produtivismo e consumismo, estimulados pela ânsia do lucro incessante, o patológico “amor ao dinheiro”² e do poder que este representa³, criam uma

1 Economista equatoriano. Professor universitário. Ex-ministro de Minas e Energia. Ex-presidente da Assembleia Constituinte. Ex-candidato à Presidência da República.

NOTA: Este trabalho sintetiza várias contribuições publicadas sobre o tema pelo autor destas linhas.

2 “O amor ao dinheiro como posse — diferente do amor ao dinheiro como meio para o gozo e as realidades da vida — será reconhecido pelo que é, uma morbidade um pouco fastidiosa, uma dessas tendências semicriminosas, semipatológicas que se costuma confiar com arrepios a especialistas em doenças mentais”. Keynes (1930)

3 “A inversão e confusão de todas as qualidades humanas e naturais, a conjugação das impossibilidades; a força divina do dinheiro radica em sua essência enquanto essência genérica desterrada, alienante e autoalienante do homem. É o poder alienado da humanidade”. Marx (1844).



“civilização do desperdício” (Schuldt, 2013) destinada ao abismo. Sem dúvida esta é “a era da sobrevivência” (Giraldo, 2014), em que a espécie humana aposta seu futuro a cada passo. Um enigma de escassas soluções, pior se confirmarmos que

“a estupidez é uma força cósmica democrática. Ninguém está a salvo. E seja no norte, no sul, no leste ou no oeste, cometemos as mesmas estupidezes uma e outra vez. Parece existir algo que nos torna imunes à experiência” (Max-Neff, 1993).

Urge então recuperar a capacidade de valorizar e extrair conclusões da experiência. Tanto para não repetir as mesmas estupidezes, quanto para guiar nossos passos perante os desafios atuais. Por exemplo, a experiência de outras realidades pode ajudar-nos a despertar do enlouquecido trânsito para o abismo que percorremos de mãos dadas com um crescimento econômico que, qual religião, move os povos. E da margem das propostas, urge conhecer e recuperar ideias, valores, experiências e práticas de vida harmoniosas, que — em sua maioria — nascem da longa memória das comunidades indígenas.

Diante de uma vida humana em perigo, é crucial o reencontro com aqueles grupos cuja existência se sustenta na harmonia e no equilíbrio de suas relações sociais e respeitando os ciclos ecológicos. Essas realidades, invisibilizadas até não muito tempo atrás, contrastam com um mundo moderno onde a sede pelo “progresso” e “desenvolvimento” é responsável direta pelas complexas e graves crises que afetam a Humanidade.

Por isso, de muitos setores e locais, emergem alternativas que ultrapassam a Modernidade e seus conceitos e onde a vida digna (humana e não humana) é central; vida digna atingível somente em liberdade, sem escravidão direta ou indireta, onde o gozo da cotidianidade não esteja fragmentado entre o trabalho obrigatório e o lazer mercantil.

É possível aprender das visões, valores, experiências e práticas de outras formas de vida para construir um mundo onde caibam todos os mundos em equilíbrio e liberdade? Podemos pensar num mundo do Bem viver⁴, onde os equilíbrios sociais e a harmonia ecológica constituam uma única unidade?

Para tentar, o primeiro passo é reconhecer a nossa própria estupidez.

A estúpida inércia de uma cruzada falida

“O engano e a desilusão, os fracassos e os crimes têm sido companheiros permanentes do desenvolvimento. Contam uma mesma história: não funcionou. Além disso, desapareceram as condições históricas que possibilitaram a proeminência dessa ideia: o desenvolvimento tornou-se antiquado. Sobretudo, as esperanças e os desejos que lhe deram asas estão agora esgotados: o desenvolvimento ficou obsoleto.”

Wolfgang Sachs (1992)

Ficam para trás as promessas do “desenvolvimento”, nutridas por um dos corações da Modernidade: o “progresso”. Cada vez mais se esvaecem as ilusões nascidas — com força

⁴ Consultar mais textos de Acosta, entre outros, em Oviedo Freire, 2010; Huanacuni Mamani, 2010; Houtart, 2011; Giraldo, 2014; Esterman, 2014; Gudynas, 2014; Solón, 2016.



inusitada — do discurso do presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, em 20 de janeiro de 1949. Já se vão 70 anos de uma cruzada incessante e frustrante.

Embora os questionamentos tenham surgido quase desde o início dessa cruzada, e suas inocultáveis limitações continuem intensificando-se, a busca pelo “desenvolvimento” persiste. Oscila-se entre economicismos que igualam “desenvolvimento” com crescimento do PIB e visões mais complexas como a do “desenvolvimento em escala humana” ou a do “desenvolvimento sustentável”, para citar apenas duas. Em todos os casos, o problema não são as trilhas escolhidas, mas o próprio conceito de “desenvolvimento” que leva a um beco sem saída. E, enquanto o desencanto floresce, emergem com crescente força discussões e propostas voltadas a construir um pós-desenvolvimento (sintetizado claramente por Koldo Unceta, 2014, buscando vincular este debate com as contribuições do Bem viver).

O que interessa agora é criticar o próprio conceito de “desenvolvimento”, uma entelúquia que — perversamente — normatiza e rege a vida de grande parte da Humanidade que jamais atingirá esse tão ansiado fim.

É desolador, mas a utopia do nosso tempo é um “desenvolvimento” inatingível para todos, por mais veloz que se corra. Além disso, nessa louca corrida, perdeu-se muito, como as tradicionais tarefas diárias das comunidades indígenas para que estas se tornem mão de obra para o capitalismo ou para permitir a massiva extração de recursos naturais para o mercado mundial. A vida comunitária foi — e continua sendo — vista como ociosa e causadora da pobreza e do “subdesenvolvimento”.

A tarefa de transformar os membros das comunidades em “produtivos”; e, a Natureza em mercadoria implica múltiplas violências, tanto materiais como simbólicas, que assolam igualmente corpos e territórios. Era necessário produzir para o mercado, principalmente o mundial. Era necessário gerar receitas para superar a miséria. E tudo a partir da visão de um mundo individualista, produtivista, consumista, extrativista...

O saldo é evidente:

“À medida que aumentou a produção mundial também — ou precisamente devido a isso — o consumo de bens materiais foi convertendo-se de forma crescentemente num fim em si mesmo, para não dizer na meta última dos consumidores nas economias de mercado. O que nos levará a questionar-nos se com isso, além da dilapidação de recursos em um planeta finito, não estaríamos sacrificando também a liberdade, o bem-estar e a felicidade das pessoas, contrariamente àqueles que alegam — começando pela grande maioria de economistas ortodoxos — que esses fins estão positivamente correlacionados com o consumo crescente de bens e serviços, entendidos como ‘satisfechores’ de determinadas necessidades”⁵ (Schuldt, 2013, tradução nossa).

5 *“A medida que ha aumentado la producción mundial también –o precisamente debido a ello- el consumo de bienes materiales se ha ido convirtiendo crecientemente en un fin en sí, por no decir en la meta última de los consumidores en las economías de mercado. Lo que nos llevará a preguntarnos si con ello, aparte de la dilapidación de recursos en un planeta finito, no estaríamos sacrificando también la libertad, el bienestar y la felicidad de la gente, contrariamente a quienes postulan –comenzando por la gran mayoría de economistas ortodoxos- que esos fines están positivamente correlacionados con el consumo creciente de bienes y servicios, entendidos como satisfactores de determinadas necesidades”*



Sem dúvida persistem pragas como a pobreza, a miséria, as inequidades e o “subdesenvolvimento”. Mas também — e simultaneamente — aqueles países que se assumem como “desenvolvidos” estão presos na armadilha do “progresso”. Basta observar as graves contradições, conflitos e dificuldades nos Estados Unidos, Europa ou Japão, como: crescentes brechas entre ricos e pobres; insatisfação inclusive nos beneficiários de uma maior acumulação material; incapacidade de responder a um desemprego persistente, crítico e irresolúvel a partir das ferramentas tradicionais; a continuidade de uma voraz destruição da Natureza. E aqueles “êxitos” dos últimos anos também caminham para o mesmo naufrágio programado, como ocorre na China ou na Índia.

Em meio a essa voragem da Modernidade, o fenômeno do “ócio” foi transformando-se. Em lugar de expressar liberdade e autonomia, o “ócio” vilmente tornou-se um espaço mercantil da própria vida, mais um dos tantos espaços mercantis criados pelo capital. De ser uma parte integral da vida em muitas comunidades, um momento de criatividade e celebração do sagrado, o “ócio” passou a ser um mero espaço de descanso para repor a força de trabalho e continuar produzindo. Nas sociedades atormentadas pelo produtivismo e pelo consumismo, o “ócio” é até mesmo um terreno fértil de crescentes frustrações e alienações, repleto de diversões passivas que habitualmente não demandam — nem valorizam — o uso de nossos recursos físicos nem mentais. Aliás, agora o “ócio” é um dos maiores negócios do mundo, pois convoca milhões de pessoas, mobilizando verbas enormes. E, para o cúmulo, esse “ócio” reflete sua “utilidade” com a “métrica do prazer” própria dos economistas neoclássicos (nascida do utilitarismo e até do hedonismo). Por isso, o “ócio”, enquanto mercadoria de consumo, é também objeto de políticas estatais onde é planejado, organizado e instrumentalizado como ferramenta para controlar e disciplinar a sociedade: o “pão e circo” do Império romano se reproduz — em escala ampliada — com a velocidade e intensidade das “conquistas” tecnológicas e da acumulação do capital.

Assim, o “lazer mercantil” é mais um reflexo de um mundo “mal desenvolvido” (Tortosa, 2010). Um mundo onde “trabalho” e “ócio” acabam igualmente alienados.

O que entendemos por Bem viver?

“Neste contexto, cabem algumas precisões sobre o conceito do Sumak Kawsay. A partir de nossas vivências, podemos dizer que se trata de um conceito que é a coluna vertebral no sistema comunitário. É uma construção coletiva a partir das formas de convivência dos seres humanos, mas principalmente, em coexistência com outros elementos vitais, onde se constituem as condições harmônicas entre os seres humanos, a comunidade humana e as outras formas de existência no seio da Mãe Natureza. Desde a nossa compreensão, a vida é possível, enquanto exista a relação e a interação de todos os elementos vitais.”⁶ (tradução nossa)

Luis Macas Ambuludi
Líder indígena

⁶ “En este contexto, caben algunas precisiones sobre el concepto del Sumak Kawsay. A partir de nuestras vivencias, podemos decir que se trata de un concepto que es la columna vertebral en el sistema comunitario. Es una construcción colectiva a partir de las formas de convivencia de los seres humanos, pero ante todo, en coexistencia con otros elementos vitales, donde se constituyen las condiciones armónicas entre los seres humanos, la comunidad humana y las otras formas de existencia en el seno de la Madre Naturaleza. Desde nuestra comprensión, la vida es posible, en tanto existe la relación y la interacción de todos los elementos vitales.”



Sem negar outras contribuições, em muitos saberes indígenas — fontes inevitáveis do *sumak kaysay* (traduzido no Equador como Bem viver e na Bolívia como Viver bem) — não existe uma ideia análoga ao “desenvolvimento”. Não há uma concepção linear da vida que estabeleça um estado anterior e posterior, a saber, de “subdesenvolvimento” e “desenvolvimento”; dicotomia pela qual deveriam transitar pessoas e países para conseguir o bem-estar, como ocorre no Ocidente. Também não existem conceitos análogos à “riqueza” e à “pobreza”, vistos como acumulação e carência material. De igual modo, o ser humano é visto como mais um ator na Natureza, e não como a “sua coroa”.

O princípio que inspira o Bem viver⁷ é a harmonia ou, se se prefere, o equilíbrio (sem ser a contraposição de forças opostas, como se veria à luz do Iluminismo). Equilíbrio e harmonia na vida do ser humano consigo mesmo, nos indivíduos em comunidade, entre comunidades, povos e nações. E todos, indivíduos e comunidades, vivendo em harmonia com a Natureza. Somos Natureza, ou como diria o Papa Francisco (2015, tradução nossa)

“quando se fala de ‘meio ambiente’, indica-se particularmente uma relação, a que existe entre a Natureza e a sociedade que a habita. Isso nos impede entender a Natureza como algo separado de nós ou como um mero marco da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e estamos interpenetrados.”

Nesta concepção de vida, a relacionalidade é preponderante, pois o mundo possui um incessante e complexo fluxo de interações e trocas: tudo se relaciona com tudo. Dar e receber, a partir de infinitas reciprocidades, complementariedades e solidariedades, é a base do Bem viver. As festividades, como manifestações extraordinárias da cotidianidade, são momentos para desfrutar da vida de forma mais intensa ao compartilhar em comunidade o sagrado da Natureza e, inclusive, ao redistribuir o bem-estar acumulado inequitativamente.

Isto é, o Bem viver assume a postura ética que deve reger a vida humana: cuidar de si mesmo e dos outros seres (humanos e não humanos), buscando sempre equilíbrios que garantam o fluxo da vida. Um mundo inspirador de harmonias e equilíbrios, onde a vida está acima de qualquer outra consideração.⁸ Em termos políticos, diríamos que o Bem viver busca reproduzir a vida e não o capital.

Embora o Bem viver deva ser compreendido a partir de diferentes abordagens e visões evitando homogeneizações — pois restringem as visões e compreensões dos outros —, o núcleo dos debates encerra o holístico de *ver a vida como relação*, relação do ser humano consigo mesmo e com outros seres humanos e não humanos: a Pachanama (Mãe Terra), numa permanente complementariedade entre os uns e os outros.

7 As expressões mais conhecidas do Bem viver ou Viver Bem remetem a conceitos existentes em línguas indígenas da América Latina, tradicionalmente marginalizados, mas não desaparecidos: *sumak kawsay* ou *allí kawsay* (em kichwa), *suma qamaña* (em aymara), *ñande reko* o *tekó porã* (em guarani), *pénker pujústin* (shuar), *shiir waras* (ashuar), entre outras. Existem noções similares em outros povos indígenas, por exemplo: mapuches do Chile, *kyme mogen*; kunas de Panamá, *balu wala*; miskitus na Nicarágua, *laman laka*; bem como outros conceitos afins na tradição maia da Guatemala e em Chiapas do México.

8 Uma conclusão que poderíamos ampliar também à Encíclica Laudato do Papa Francisco. A discussão que abriu esta Encíclica — marginalizada pelos grandes meios de comunicação — abre a porta a aproximações muito interessantes, para amostra o texto de Wolfgang Sachs (2017).



Uma leitura muito clara é a que oferece — da Amazônia — o povo quéchua de Sarayaku ao apresentar a sua proposta de *kawask-sacha* ou floresta vivente:

“KAWSAK SACHA é um ser vivo, com consciência, constituído por todos os seres da Floresta, desde os mais infinitesimais até os seres maiores e supremos; inclui os seres dos mundos, animal, vegetal, mineral, espiritual e cósmico, em intercomunicação com os seres humanos oferecendo o necessário para revitalizar suas facetas emocionais, psicológicas, físicas, espirituais e restabelecer a energia, a vida e o equilíbrio dos povos originários.”

Tal cosmovisão deve ser analisada a partir da história e do presente dos povos indígenas, como parte de sua continuidade histórica. Aqui, passado e futuro se fundem em um presente de (re)conhecimento e (re)construção de alternativas alterativas, preso a suas lutas de resistência frente a intermináveis processos de conquista e colonização. Em definitiva, o que conta é recuperar, sem idealizações, o projeto coletivo de futuro da comunidade indígena com uma clara continuidade desde o seu passado.

Essas utopias andinas e amazônicas — possíveis e realizadas — são plasmadas em seu discurso, em seus projetos políticos e especialmente em suas práticas sociais e culturais, inclusive econômicas. Aqui reside uma das maiores potencialidades do Bem viver: apreender as experiências de povos que vivem com dignidade e harmonia desde tempos imemoriais, mas — insistamos — sem idealizar a realidade indígena.

Atualmente o mundo indígena continua sendo vítima de dominação, exploração e repressão próprios da longa noite colonial, cujas sombras ainda escurecem nossos dias republicanos, seja com governos neoliberais ou progressistas. A influência colonial e capitalista está presente e se infiltra cada vez mais através de múltiplas formas em seu mundo, o que exige evitar as aproximações românticas à realidade indígena.⁹

Então, esta aproximação às experiências indígenas não está isenta de conflitos, aproximações excludentes e inclusive dogmáticas. Esse risco emerge quando se busca diferenciar e separar o Bem viver de seu original *sumak kawsay*. Embora esta aproximação diferenciada permita conhecer melhor o que representa o Bem viver nas comunidades indígenas, nenhum diálogo de saberes e conhecimentos — urgente para a Humanidade — pode ocorrer desde posições dogmáticas e isolacionistas.

Sem negar as especificidades dos mundos indígenas de Nossa América, é necessário complementar e ampliar seus conceitos e vivências com outros discursos, propostas e práticas nascidas de diversas regiões do planeta, espiritualmente emparentadas em sua luta por uma transformação civilizatória. Como propiciar e enriquecer esse diálogo, inclusive com outras alternativas que disputam o sentido histórico nas margens da Modernidade? Eis um dos grandes desafios.

Aqui cabe notar que, enquanto grande parte das posturas convencionais sobre “desenvolvimento” e inclusive muitas correntes críticas nascem de conhecimentos próprios da

⁹ Também cabe aprender daquelas histórias trágicas de culturas desaparecidas por diversos motivos (incluindo seus erros, agressões à Natureza, desigualdade, violência), bem como dos processos ainda vivos, há elementos para pensar soluções inovadoras frente aos atuais desafios sociais e ecológicos.



Modernidade, as visões alternativas que alimentam o Bem viver são alterativas, pois fogem das bases da dominante civilização capitalista; especialmente, antropocentrismo e utilitarismo. A nossa estupidez nos prende a essas bases e, para romper com elas, é necessário um enorme esforço político. Esforço necessário também para romper com o poder do capital e sua propaganda, a qual busca fazer-nos acreditar que cada vez há mais necessidades que somente se satisfazem com maior acumulação do capital, sem sequer pensar em limites sociais nem ecológicos¹⁰.

Assim, ao Bem viver podem juntar-se muitas outras visões que rompem com a civilização do capital, propondo abordagens e propostas — similares em muitos aspectos, sem serem totalmente iguais — presentes em outras partes do planeta, com vários nomes e características. Trata-se de valores, experiências e, principalmente, de práticas existentes em diferentes períodos e regiões da Mãe Terra. Caberia destacar o *ubuntu* (sentido comunitário: *uma pessoa é uma pessoa somente através das outras pessoas e dos outros seres vivos*) na África (D’Alisa, Demaria, Kallis, 2015) ou o *eco-swaraj* (democracia ecológica radical) na Índia (Kothari, Demaria, Acosta, 2015).

Enriquecer este debate com todas as opções possíveis é indispensável. Até do lúgubre “desenvolvimento” podem resgatar-se algumas leituras potentes. Para citar somente uma contribuição, Manfred Max-Neef, Antonio Elizalde e Martín Hopenhayn (1993) anotam com clareza que o “desenvolvimento” se refere às pessoas, e não aos objetos. Por isso, o objetivo do “desenvolvimento” é satisfazer as necessidades fundamentais. Eles consideram que essa satisfação apresenta simultaneidades, complementariedades, compensações, sendo as necessidades sempre as mesmas em todo tempo e lugar. Além disso, nenhuma necessidade é mais importante do que outra nem há uma ordem fixa de precedência entre necessidades.¹¹

A partir dessas reflexões, propõe-se uma teoria e uma taxonomia das necessidades fundamentais, dividindo-as em existenciais (ser, ter, fazer e estar) e axiológicas (subsistência, proteção, afeto, entendimento, participação, ócio, criação, identidade e liberdade), onde o “ócio” se equipara às outras necessidades fundamentais para a vida. Seguindo esta categorização, distinguem-se cinco tipos de satisfazedores, relacionados — positiva ou negativamente — à realização das nove necessidades axiológicas e às quatro existenciais.¹² Não está demais lembrar

10 Os limites ecológicos e os pontos de saturação foram abordados por diversos economistas como Nikolas Georgescu Roegen (1971), Herman Daly (1990) ou Joan Martínez Alier (2008). Também John Maynard Keynes discutiu esse tema em 1930: ele garantia que se chegaria ao limite absoluto de saturação, em termos de consumo, no ano 2030.

11 As necessidades não são somente carências (economicismo típico). As necessidades comprometem, motivam e mobilizam, de modo que são também potencialidades e podem ser até mesmo recursos. (p. ex. a necessidade de participar é potencial de participação).

12 Há satisfazedores “inibidores” que “supersatisfazem” uma necessidade determinada e dificultam satisfazer outras necessidades axiológicas. Também há satisfazedores “violadores ou destrutores” que, com a intenção de cobrir uma determinada necessidade, paralelamente impossibilitam satisfazer outras. Um terceiro tipo são os “pseudosatisfazedores”, que estimulam uma falsa ou enganosa sensação de uma necessidade determinada, mas que aniquilam a possibilidade de cobrir uma necessidade que foi originalmente apontada. A esses três satisfazedores contraproducentes se acrescentam dois que cumprem, sim, seu objetivo: satisfazedores singulares, que satisfazem uma única necessidade, como o fornecimento de alimentos — em quantidade e qualidade adequados — que cobre a subsistência; satisfazedores sinérgicos — os mais importantes — que não somente nutrem uma necessidade particular, mas que abrangem várias ao mesmo tempo; como o aleitamento materno, que não somente garante a subsistência, mas que também estimula o afeto, a identidade e a proteção da criança (além do trabalho dos autores mencionados, pode-se consultar o valioso texto de Schuldt, 2013).



a divisão que fazia John Maynard Keynes (1930), quando se pronunciou sobre a necessidade de reduzir o emprego produtivo:

“as necessidades dos seres humanos podem parecer insaciáveis. Mas elas caem em duas classes — aquelas necessidades que são absolutas no sentido de que nós as sentimos qualquer que seja a situação em que nossos semelhantes seres humanos possam estar; e aquelas que são relativas no sentido de que nós só as sentimos se a satisfação delas nos colocar acima, e nos fizerem sentir-nos acima, de nossos semelhantes. Necessidades de segunda classe, essas que satisfazem o desejo de superioridade, podem realmente ser insaciáveis; pois quanto mais alto o nível geral, mais altas ainda elas serão. Mas isso não é tão verdadeiro quanto às necessidades absolutas — um ponto pode ser logo alcançado, muito mais cedo talvez do que nós possamos perceber, quando estas necessidades são satisfeitas no sentido de que nós preferimos dedicar nossas energias adicionais a propósitos não-econômicos.”

Nesse sentido, para atingir o Bem viver, a sociedade deveria privilegiar os satisfazedores sinérgicos que abrangem várias necessidades simultaneamente. Também deveria potencializar os “bens relacionais”, que contribuem para o bem-estar não somente pelo que compram e consomem, mas também pelo “que fazem com outras pessoas”. Isto é, precisa-se de bens e projetos que não somente cubram, por exemplo, as necessidades de ócio e afeto, mas que também abranjam as de entendimento, solidariedade e participação.

Ao mesmo tempo que se recuperam os saberes da *ancestralidade* ou *indigenidade*, podemos incorporar múltiplos questionamentos ao “desenvolvimento” e abrir a porta ao pós-desenvolvimento (Unceta, 2018), e às alternativas ecologistas, muitas sintonizadas com a visão das harmonias com a Natureza que caracterizam o Bem viver. De fato, em paralelo ao posicionamento do Bem viver no âmbito da discussão política amadureceram as críticas acumuladas ao “desenvolvimento”¹³. Tal relacionamento é ao mesmo tempo uma oportunidade e uma ameaça. Como oportunidade, pode levar a construir de forma horizontal e respeitosa novas compreensões do mundo e imaginar alternativas, e como ameaça, pode reeditar a apropriação e a subordinação dessas visões indígenas por parte das tradicionais e usurpadoras leituras da modernidade.¹⁴

13 Tais propostas de origem andino-amazônica cobraram inusitada força política no início deste milênio, ao entrar nos debates nacionais — particularmente da Bolívia e do Equador — num momento de crise generalizada do Estado-nação, oligárquico e de raízes coloniais. Cabe destacar essa irrupção dos movimentos indígenas, enquanto vigorosos sujeitos políticos portadores de sua própria visão de vida. Propostas que, lamentavelmente, não inspiram em nada as políticas dos governos desses países.

14 Anotemos que “O bem viver constitui assim a expressão de uma virada cultural resultante de um paradoxo fecundo: a herança cultural da tradição aborígine da região, que historicamente (e ainda na atualidade) foi considerada como mutuamente excludente com o paradigma do desenvolvimento, é agora reinterpretada como a chave para a renovação e re-legitimação deste último” (Carballo, 2015, tradução nossa, “El buen vivir constituye así la expresión de un viraje cultural resultante de una paradoja fecunda: la herencia cultural de la tradición aborígen de la región, que históricamente (y aún en la actualidad) ha sido considerada como mutuamente excluyente con el paradigma del desarrollo, es ahora reinterpretada como la clave para la renovación y re-legitimación de éste último”). Justamente foi o que aconteceu com os governos progressistas do Equador e da Bolívia, que esvaziaram de conteúdo o Bem viver, para transformá-lo em ferramenta de propaganda e dispositivo de poder dos seus caudilhos.



Vamos considerar que o Bem viver — sendo por excelência um discurso político — não sintetize nenhuma proposta acabada nem indiscutível, não emergja de reflexões acadêmicas, nem de propostas de algum partido político. E, aliás, se o Bem viver provém de uma matriz andino-amazônica ancestral ou de matrizes similares, portadoras de outras racionalidades e de outros *sentipensares* (Escobar, 2014), é muito complexo, senão impossível, entendê-la através do instrumental teórico da Modernidade.

Essas cosmovisões propõem alternativas à cosmovisão ocidental ao surgir de raízes comunitárias não capitalistas, harmonicamente relacionadas com a Natureza e desde territórios específicos. Assim, o Bem viver propõe uma transformação civilizatória ao menos biocêntrica, já não antropocêntrica¹⁵ (na verdade trata-se de impulsionar uma rede de relações harmoniosas vazias de todo centro); comunitária, não somente individualista; sustentada na pluralidade e na diversidade, não unidimensional, nem monocultural. Para entender isso, é necessária uma profunda decolonização intelectual no político, no social, no econômico, no cultural (Quijano 2014).

Um corolário do que foi dito é que não podemos continuar mercantilizando a Natureza, propiciando a sua exploração desenfreada; é preciso desmercantilizá-la; precisamos nos reencontrar com ela, garantindo sua regeneração, a partir do respeito, da responsabilidade e da reciprocidade, a partir da relacionalidade.

Da mesma forma, ao falar de Bem viver — Equador — ou de Viver Bem — Bolívia —, pensamos em plural. Isto é, imaginamos bons conviveres, e não um Bem viver único e homogêneo, impossível de cristalizar. O Bem viver, insistamos, não poderia erguer-se num mandado global único como ocorreu com o “desenvolvimento” na metade do século XX.

Esses bons conviveres (o Bem viver, como se apresenta no texto, mas pensando sempre em plural) mostram tanto caminhos que devem ser imaginados quanto caminhos que já são uma realidade. Isto é, estamos diante de um processo de (re)construção. Esse é o grande potencial dessas visões e experiências. Além disso, como anota Enrique Leff (2010), o imaginário do Bem viver não somente oferece outras formas de organizar a vida, mas sim diferentes formas de compreender o mundo.

Em conclusão, o Bem viver é uma vivência de futuro eminentemente subversiva. Não é um convite a retroceder no tempo e reencontrar-se com um mundo idílico e inexistente. Mas, para ser realmente transformador, o Bem viver não pode tornar-se uma “religião” com o seu catecismo, seus manuais, seus ministérios, seus comissários políticos nacionais e, pior ainda, internacionais (Acosta, 2012).

No entanto, no hipotético caso de que as comunidades indígenas chegassem a desaparecer, poderíamos imaginar outros mundos a partir do que foram as suas vivências e valores, limitando-os — aliás — a novas e diferentes realidades sociais e culturais. O interessante na atualidade é que, em outros espaços, não vinculados diretamente ao mundo indígena andino ou amazônico, constroem-se (o existiam desde antes) opções de vida comunitárias harmoniosas entre os seus membros e deles com a Natureza.

15 Inclusive o Papa Francisco (2015) destaca que “o antropocentrismo moderno, paradoxalmente, terminou colocando a razão técnica acima da realidade, porque este ser humano nem sente a Natureza como norma válida, nem menos ainda como refúgio vivente... Na modernidade houve uma grande desmesura antropocêntrica”.



O Bem viver, como ferramenta para organizar outro mundo

“O direito ao desperdício, privilégio de poucos, diz ser a liberdade de todos. Esta civilização não deixa as flores dormir, nem as galinhas, nem as pessoas. Nas estufas, as flores são submetidas à luz contínua, para que cresçam mais rápido. Nas fábricas de ovos, às galinhas também são privadas da noite. E as pessoas estão condenadas à insônia, pela ansiedade de comprar e pela angustia de pagar”.

Eduardo Galeano (2005).

Da leitura do Bem viver é possível extrair valiosas lições para compreender o mundo. E, além disso — abordamos isso agora — para entender plenamente o significado da unidade na diversidade, que tem a relacionalidade como princípio-chave, do qual se desprende a reciprocidade, a complementariedade, a correspondência, inclusive a solidariedade entre os diferentes componentes da vida.

Resgatemos a possibilidade de assumir o Bem viver como conceito aberto, onde suas raízes indígenas profundas podem enriquecer-se do debate e diálogo com outros saberes e conhecimentos na construção de outros mundos.

Aqui podem inserir-se os debates pós-desenvolvimentistas e outros, como os decrescentistas (aqueles que questionam o crescimento econômico e sua sociedade), empenhados em superar a Modernidade e sua visão da acumulação material sem fim e a mercantilização da vida como caminhos únicos e irreversíveis. Uma Modernidade que condena o mundo “subdesenvolvido” — preso a teorias e conhecimentos provenientes do “desenvolvimento” — à prostração e à dependência, pois sua sobrevivência depende do mercado mundial onde se cristalizam as demandas da acumulação global.

Para superar tais ataduras urge valorizar adequadamente os saberes ancestrais, assumindo a complexidade que é definir sua ancestralidade. Isso requer construir um relacionamento respeitoso entre saberes e conhecimentos, algo alcançável se, entre outros temas de fundo, as tecnologias são colocadas a serviço da vida e não do capital.

Como evitar que as tecnologias caiam presas dos desígnios da acumulação do capital? Como tratar o conhecimento em função das demandas da comunidade? O desafio é assumir o controle sobre as tecnologias e não que estas nos controlem, como recomendavam Ivan Illich (2015) ou André Gorz (2008); autores que recobram força no marco dos debates sobre o decrescimento e na busca de alternativas profundamente transformadoras; principalmente as visões da convivialidade de Illich estão em sintonia com a essência do Bem viver.

O pré-requisito ineludível consiste, então, em dispor de sistemas para desenvolver e apropriar-se dos avanços científico-técnicos, nutridos ativamente e respeitosamente dos saberes e conhecimentos ancestrais. É preciso recuperar aquelas práticas que perduram até agora ou que podem apreender-se conhecendo sua história. Isso é importante se considerarmos que muitas experiências valiosas sobreviveram a centúrias de colonização e marginalização, enquanto outras não conseguiram.

Os conhecimentos ancestrais oferecem inumeráveis lições e até mesmo são a base de importantes avanços da ciência. Lamentavelmente muitos saberes ancestrais são — perversamente — aproveitados e patenteados por transnacionais. Isso ocorre com muitas plantas e inclusive animais andinos ou amazônicos transformados em elementos básicos para desenvolver novos medicamentos comercializáveis, por exemplo.



Das reflexões anteriores, conclui-se necessidade de reduzir a dependência existente em tecnologia, padrões de consumo, métodos de administração, sistemas de educação de valores, normas, expectativas, etc., que nos mantêm acorrentados às demandas do capital. E, como contrapartida, exigimos reconstruir a maior quantidade de autonomia, em que um ócio libertador — e não mercantil — desempenha um papel fundamental.

Aqui cabe incluir os bens comuns, entendidos como aqueles que pertencem, são de usufruto ou são consumidos por um grupo extenso de indivíduos ou pela sociedade em seu conjunto, sem existir a possibilidade de excluir alguém do seu consumo caso não pague por eles. Esses bens podem ser sistemas naturais ou sociais, palpáveis ou intangíveis (a Wikipédia, por exemplo), diferentes entre si, mas comuns ao ser herdados ou construídos coletivamente (mas que, não nos enganemos, também podem ser objeto da pilhagem e do saqueio) (Helfrich 2009 ou Mattei 2013).

Para defender e aproveitar os bens comuns, são necessárias discussões políticas a partir de uma agenda ampla e participativa, identificando o carácter comum de cada bem. É indispensável proteger as condições existentes para dispor dos bens comuns de forma direta, imediata e sem mediações mercantis ou similares. É preciso evitar a privatização (assim como a estatização) dos bens comuns existentes ou dos que possam vir a ser criados. Precisamos conceber, experimentar e produzir ambientes tecnológicos e jurídicos que incentivem a criatividade e a inovação para produzir bens comuns. E, no caso dos bens comuns intelectuais, é preciso propiciar o seu acesso livre e aberto.

Essas propostas pensadas a partir do Bem viver, sempre que sejam assumidas de forma ativa pelas sociedades, especialmente a partir do comunitário, podem projetar-se com força nos debates realizados em diversas regiões e poderiam inclusive enfrentar propositivamente a crescente alienação de grande parte da Humanidade. Em outras palavras, os debates pós-desenvolvimentistas podem enriquecer-se assumindo respeitosamente as visões indígenas sintetizadas no Bem viver.

Embora seja muito difícil assumir o desafio de construir o Bem viver em sociedades imersas na voragem do capitalismo — principalmente nas grandes cidades — estamos convencidos de que há muitas opções para começar a construir esta utopia em muitos lugares do planeta, inclusive a partir do próprio mundo “desenvolvido”.

O ponto de partida não é nem o Estado nem o mercado enquanto instituições totalizadoras. Uma autêntica democratização do poder exige participação e controle social a partir das bases da sociedade no campo e nas cidades, em bairros e comunidades¹⁶. Aqui são cruciais os movimentos sociais e os partidos políticos de novo cunho, profundamente sintonizados e enraizados na respectiva sociedade.

No entanto, nessa busca coletiva por múltiplas alternativas, principalmente nos espaços comunitários, não se podem marginalizar os atuais e urgentes desafios globais.

Definitivamente, esse é o grande desafio da Humanidade: refletir sobre si mesma ou extinguir-se.

16 Sobre o particular podem consultar-se as reflexões do autor no artigo: “*Repensando nuevamente el Estado ¿Reconstruirlo u olvidarlo?*” (2018).



Trabalho e lazer no Bem viver

“Os momentos de lazer são a melhor de todas as aquisições.”

Sócrates

Para o Bem viver, no social e no econômico o trabalho é fundamental. O trabalho é visto como uma instituição de construção da sociedade e de ajuda recíproca no comunitário. Não se trata do trabalho alienante e explorador do capitalismo. O trabalho no Bem viver intencionalmente busca o bem comum, e não a acumulação individual que — segundo o “ingênuo” liberalismo econômico — produziria resultados sociais positivos.

No Bem viver, trabalha-se para satisfazer necessidades e interesses coletivos, com uma ação comunitária cheia de condições festivas e afetivas. Neste contexto aparece o ócio como vivência comunitária que permite reproduzir e desfrutar a vida, compartilhando e equilibrando as relações.

Sem pretender esgotar o assunto e sem querer insinuar que tais formas produtivas e de trabalho devam ser impostas em toda economia, pior, da noite para o dia, poderíamos mencionar alguns relacionamentos econômicos próprios das comunidades indígenas, sempre ligados à esfera social e cultural¹⁷:

- *Minka (minga)*: Instituição de ajuda recíproca no âmbito comunitário. Garante o trabalho destinado a satisfazer necessidades e interesses coletivos buscando o bem comum da população, sem remuneração alguma. Por exemplo, ao construir e manter um canal de irrigação ou um caminho. A *minka* ou *minga* tocou outros grupos, fora do mundo indígena, principalmente em âmbitos populares. Um trabalho que normalmente culmina com uma celebração festiva.
- *Ranti-ranti (randi-randi)*: Diferentemente da típica troca pontual e única, o intercâmbio é parte de uma série interminável de transferências de valores, produtos e jornadas de trabalho. Sustenta-se no princípio de dar e receber sem determinar uma faixa de tempo, ação e espaço, relacionado com certos valores da comunidade sobre ética, cultura e conteúdo histórico. Também existe em outros espaços sociais, onde inclusive é conhecido como “o empresta mãos”.
- *Uyanza*: Momento que chama a conviver e a uma unidade festiva das comunidades. É uma ocasião para agradecer à *Pacha Mama* por sua capacidade regenerativa, isto é, pelos produtos que oferece aos seres humanos. E é também uma instituição de ajuda social e de reconhecimento às famílias que emprestaram sua força de trabalho. O grosso de contribuições para esta atividade provém das famílias que se saíram melhor no período precedente.
- *Uniguilla*: Atividade destinada à troca — sem mediação monetária — para complementar o alimentar, utilitário, melhorando a alimentação com produtos de outras áreas, principalmente de diferentes solos ou nichos ecológicos.

17 Aqui podem consultar-se os trabalhos de Quisantuña Sisa (2011) ou de Torre e Sandoval (2004). O autor agradece também os comentários de Yuri Guadinango.



- *Waki*: Entrega de terras cultiváveis ao partir, para outra comunidade ou família que as trabalha. Implica repartir os produtos cultivados entre ambas as comunidades ou famílias. Atividade que ocorre também no cuidado e criação de animais.
- *Makikuna*: Apoio que envolve toda a comunidade, família ampliada, amigos, vizinhos; uma espécie de apoio moral quando uma família mais precisa. Esta ajuda costuma ser solicitada em circunstâncias de imprevistos e emergências.

Cabe mencionar outras práticas como a *tumina*, a *probana*, a *yapa*, o *kamari*, etc. Um caso à parte por seu significado e cotidianidade — inclusive em âmbitos mestiços — é a *pampamesa*, um espaço/momento para compartilhar alimentos cozidos e fornecidos por todos os membros da comunidade conforme suas possibilidades e que são consumidos colocando-os sobre uma toalha, em torno da qual se sentam todos sem deixar espaços vazios. Essa lista pode ser ampliada. Todas essas formas de relacionamento se sustentam em princípios de reciprocidade, complementariedade, correspondência, solidariedade, criatividade e corresponsabilidade dos indivíduos entre si e com a Natureza.

Essas práticas socioeconômicas permitiram a muitas comunidades indígenas enfrentar o esquecimento e a exclusão do sistema colonial imperante. Além disso, ajudou-as a sustentar a sua produção em condições extremamente adversas, estimulando a criatividade e a solidariedade, incentivando no econômico uma moderação amarrada às demandas sociais e no político, sua identidade comunitária.

É importante conhecer os princípios que organizam de alguma forma este mundo de relações e ritualismos indígenas. O povo aymara — segundo Fernando Huanacuni Mamani (2010), um dos maiores conhecedores e propulsores do *suma qamaña*¹⁸— guardou os seguintes princípios para viver bem ou viver em plenitude:

1. Saber comer, saber alimentar-se. Não equivale a encher o estômago. A Mãe Terra proporciona os alimentos necessários, por isso se deve comer o alimento da época, da temporada, e o alimento local.
2. Saber beber. Equivale a entrar no coração, tirar do coração e emergir do coração para fluir e caminhar como o rio.
3. Saber dançar. Para entrar em relação e conexão cosmo-telúrica, toda atividade deve ser realizada com dimensão espiritual.
4. Saber dormir. É preciso dormir dois dias, isto é, antes da meia-noite, para ter as duas energias: a da noite e a da manhã do dia seguinte.
5. Saber trabalhar. Para o indígena, o trabalho não é sofrimento, é alegria, a atividade deve ser realizada com paixão, intensamente.
6. Saber meditar. Trata-se de uma introspecção. O silêncio equilibra e harmoniza, por isso, o equilíbrio se restabelece a partir do silêncio pessoal e se conecta ao equilíbrio e silêncio do ambiente e, como consequência dessa interação e complementação, emerge a calma e a tranquilidade.

18 Para facilitar a leitura, a apresentação de alguns desses princípios foi resumida e se omitiram os termos em aymara.



7. Saber pensar. É a reflexão, não somente a partir do racional, mas a partir do sentir; um princípio aymara diz: sem perder a razão caminhar a trilha do coração.
8. Saber amar e ser amado. O processo complementar mulher/homem, o respeito a tudo o que existe gera a relação harmônica.
9. Saber escutar. Não se trata somente de atender com os ouvidos, mas de perceber, sentir, escutar com todo o nosso corpo; se tudo vive, tudo fala também.
10. Falar bem. Antes de falar, é preciso sentir e pensar bem, falar bem significa falar para construir, consolar, contribuir; lembremos que tudo o que falamos se escreve nos corações de quem o escuta, às vezes é difícil apagar o efeito de algumas palavras; é por isso que é preciso falar bem.
11. Saber sonhar. Dado que tudo começa a partir do sono, este é o início da realidade. Através do sonho percebemos a vida. Sonhar é projetar a vida.
12. Saber caminhar. Não existe o cansaço para quem sabe caminhar. Nós nunca caminhamos sozinhos; seja com o vento, com a Mãe Terra, com o Pai Sol, com a Mãe Lua, seja com os ancestrais e com muitos outros seres.
13. Saber dar e saber receber. Reconhecer que a vida conjuga muitos seres e forças. Na vida tudo flui: recebemos e damos; a interação das duas forças gera vida. É preciso saber dar com bênção, agradecendo por tudo o que recebemos. Agradecer é saber receber; receber o brilho do Pai Sol, a força da Mãe Terra, fluir como a Mãe Água e tudo o que a vida nos dá.¹⁹

Estas formas e práticas indígenas foram e são, em consequência, igualmente potentes articuladores de rituais culturais e cerimoniais de convocatória e coesão de comunidades, bem como espaços de troca de normas socioculturais. Não esqueçamos que os mercados indígenas, enquanto espaços de convivência sociocultural, estavam presentes muitos antes da chegada dos espanhóis e de que o capitalismo tentasse apropriar-se deles. Em síntese, o econômico não se reduz a uma esfera separada. (Re)conecta-se com o social, com o comunitário, com o cultural, e com a Natureza, sem marginalizar o espiritual, que não pode ser confundido com o religioso. E essa poderia ser uma das grandes tarefas para pensar em outros mundos, assim que derrubarmos os muros que separam a obrigação da produção do consumo compartilhado, o trabalho do ócio.

É óbvio que estas formas de organizar a produção e o consumo geram complicações se forem pensadas em espaços mais amplos, não comunitários.²⁰ Poderia refletir-se sobre o potencial dessas práticas para enriquecer o funcionamento produtivo de uma economia determinada, pensando-as a partir de sua lógica cultural. No entanto, essas opções poderiam levar a tratar simplesmente de adequar — e terminar desvirtuando — o Bem viver às demandas empresariais dominantes da Modernidade, e não a superá-la, tal como ocorre com o “capitalismo verde”.

19 Cabe anotar três princípios básicos do movimento indígena: *ama killa* ou Não ser ocioso, *ama llulla* ou Não mentir, e *ama shuwa* ou Não roubar. Contribuições importantes sobre isso foram realizadas pela Universidade Intercultural Amawtay Wasi (2014), fechada por Rafael Correa, pois fugia aos critérios estabelecidos no projeto neodesenvolvimentista, modernizador do capitalismo que impulsionou o seu governo.

20 Pretender integrá-los na episteme da micro ou macroeconomia convencionais aparece como impossível pelos limites epistemológicos de ambos os ramos da mal chamada “ciência econômica” (Acosa e Cajas Guijarro, 2018).



De qualquer forma, o desafio é imaginar e construir economias — sempre com as suas correspondentes sociedades — a partir da relacionalidade, da reciprocidade, da solidariedade, da correspondência e, principalmente, das harmonias e dos equilíbrios; elementos próprios daquilo que consideraríamos uma economia e sociedade solidárias.

Para tirar algumas lições que ajudem a construir a economia do Bem viver — integrada plenamente com a vida comunitária, sem nenhuma pretensão de isolamento nem de superioridade —, cabe conhecer os limites da economia convencional, tendo como referência-chave os fundamentos da cosmovisão indígena. Particularmente será necessário valorizar e entender tanto o que representam a justiça social quanto a justiça ecológica, intimamente inter-relacionadas, pois uma não existe sem a outra, e vice-versa.

Outra economia requer ser pensada fora do antropocentrismo. É preciso aceitar que todos os seres têm igual valor ontológico sem importar nem a sua “utilidade” nem o “trabalho” requerido para sua existência. Precisamos reconhecer valores não instrumentais no não humano, superando o arcabouço materialista das velhas escolas econômicas. Isto é, essa outra economia aceita que as sociedades precisam — como toda formação social — de produção, distribuição, circulação e consumo para reproduzir sua vida material e sociopolítica. Processos que devem ser regidos por uma racionalidade socioambiental e não pelo capital, que sufoca o planeta em seus próprios desperdícios (Schuldt 2013).

Essa economia do Bem viver demanda des-mercantilizar os bens comuns e a Natureza, além de reconhecer seus Direitos, construir relações de harmonia com todos os seres vivos; introduzir, por igual, critérios comunitários para “valorizar” os objetos; descentralizar e desconcentrar a produção; mudar profundamente os padrões de consumo; redistribuir radicalmente riqueza e poder; incluindo a distribuição e redução do tempo de trabalho; e muitas outras ações a serem pensadas coletivamente.

A tarefa implica superar o universo, enquanto visão uniformizadora da realidade e de suas perspectivas, para (re)construir o pluriverso, que possibilita muitas verdades onde todos os mundos têm espaço vendo aos outros com dignidade.²¹

Outro ponto crucial é reconhecer que o Bem viver não pode circunscrever-se somente ao mundo rural. É certo que algumas propostas básicas, apenas enunciadas, provêm dali. Os atuais espaços urbanos, marcados por um ritmo frenético e individualista, aparecem distantes a uma vida solidária e respeitosa do ambiente. Um assunto complexo se, além disso, por definição aceitamos que não há cidades sustentáveis.

Este é um dos grandes e mais difíceis desafios: pensar o Bem viver para e a partir das cidades. Há muitas opções para assumir o desafio. Caberia aproveitar que, na América Latina, grande parte dos imigrantes para as urbes mantém laços estreitos com suas comunidades de origem. Nesse sentido, como exemplo, formaram-se grupos para (re)construir formas de Viver Bem na cidade de El Alto na Bolívia, por exemplo.

Em outras partes do mundo, há muitas práticas e propostas interessantes nesse âmbito

21 Ashish Kothari, Ariel Salleh, Arturo Escobar, Federico Demaria, Alberto Acosta; “Encontrando senderos pluriversales”, Revista Ecuador Debate 103, CAAP, Quito, 2018. Está perto de ser publicado o livro **Plurivers - A Post-Development Dictionary**, editado pela autora e pelos autores do artigo citado.



urbano. Como amostra de um universo cada vez maior, destacamos as chamadas “comunidades de transição” (*transitions towns*), que pretendem dotar de controle as próprias comunidades para suportar o desafio da mudança climática, da construção de uma economia liberada da dependência dos combustíveis fósseis.

A vida no campo e na cidade deve reencontrar-se com práticas que gerem satisfação e alegria em sua execução a partir de diversas facetas. Isso inclui repensar a organização dos tempos da cotidianidade, especialmente os de transporte nas cidades. E nesse ponto cabe localizar o ócio em estreito vínculo com o trabalho.

Mihaly Csikszentmihalyi, um especialista em assuntos de ócio afirma que “*quando o trabalho está sob o nosso controle e supõe a expressão da nossa individualidade, a distinção entre trabalho e ócio se esvaece*”; mais ainda, se essa individualidade se expressa em comunidade, pois somos comunidade. Aliás, essa possibilidade demanda superar trabalhos alienantes, com jornadas extenuantes ou condições deploráveis, bem como toda precarização laboral, como pode ser a atividade em uma mina, por exemplo.

Aqui emerge a necessidade de uma revisão integral do tempo destinado ao trabalho. E também cabe duvidar: qual forma social está implícita nos avanços tecnológicos — presumidamente democratizantes — com os quais deveríamos envolver-nos todos?

Por exemplo, em a cotidianidade muitos “avanços” tecnológicos substituem a força de trabalho — seja física ou intelectual — tornando obsoletos vários trabalhadores (Rotman 2017), bem como excluindo ou deslocando aqueles que não podem acessar a tecnologia; tudo isso redefine o trabalho em si, normalmente contribuindo a flexibilizá-lo, quase sempre gerando mais exploração. E, a propósito, teriam de recuperar-se as reflexões de Jeremy Rifkin que profetizou “o fim do trabalho” (1995).

Como resultado desses processos, o humano torna-se mera ferramenta para a máquina, quando a relação deveria ser inversa (como apontou Karl Polanyi, sabemos muito mais do que podemos explicar e talvez esse conhecimento seja o que nos distingue das máquinas [Ferrás 2017], ideia semelhante à que se registra no “paradoxo de Moravec” [Elliot 2017]).

Embora possa ser óbvio, vale insistir na tomada de “*consciência em relação ao tempo que dedicamos ao consumo de bens materiais à custa dos bens relacionais e o tempo que dedicamos ao ócio e ao entretenimento*” (Schuldt 2013). Tema ainda mais complexo se o analisamos a partir das conquistas tecnológicas atingidas, que não provocaram a ansiada liberação do trabalho alienante.

John Maynard Keynes, em um texto notável sobre as “Possibilidades econômicas dos nossos netos” de 1930, já antecipou o que o avanço da técnica poderia causar:

*“padecemos de uma nova doença cujo nome talvez ainda não seja conhecido por alguns leitores, mas da qual se ouvirá muito nos próximos anos — isto é, o desemprego tecnológico. O que significa um desemprego devido à descoberta de meios para economizar o uso do trabalho que supera o ritmo ao que podemos encontrar novos usos para o trabalho”.*²²

22 Mais grave ainda é ver como os avanços tecnológicos recentes se tornaram “*uma ferramenta capaz de controlar multidões com a mesma eficácia que o controle individualizado. As tecnologias que foram desenvolvidas nos últimos anos, muito em particular a inteligência artificial, vão nessa direção... desenvolvem-se prioritariamente*



A partir dessa perspectiva, para que exista uma técnica que inclua as pessoas no trabalho em vez de excluí-las, é necessário transformar as condições e relações sociais de produção. O objetivo é que a técnica potencialize as capacidades humanas, e não que as substitua e as deixe no desemprego à margem da sociedade. E que os avanços técnicos economizadores de trabalho — mais produtividade²³ dirão os economistas tradicionais, mais exploração dirão as abordagens mais críticas²⁴ — melhorem a vida dos trabalhadores, reduzindo suas jornadas de trabalho.

Um ponto crucial, pois é indispensável propor com seriedade a redução, redistribuição e redução do horário laboral, abrindo espaço a ocupações sociais e culturalmente produtivas (e não degradantes). É hora de tornar realidade as reflexões de Paul Lafargue (1848), John Maynard Keynes (1930), Bertrand Russell (1932), Karl Goerg Zinn (1998), Niko Paech (2012), entre outros, quem a partir de diversas leituras sugerem reduzir a jornada para 3 ou 4 horas por dia. Inclusive John Stuart Mill afirmou que

*“Confesso que não me agrada o ideal de vida defendido por aqueles que acreditam que o estado normal dos seres humanos é uma luta incessante por avançar, e que pisar, empurrar, dar cotoveladas e pisar os calcanhares daquele que está na frente, atos característicos do tipo atual de vida social, constituem o gênero de vida mais desejável para a espécie humana; para mim não são outra coisa senão sintomas desagradáveis de uma das fases do progresso industrial. (...) a melhor situação para a natureza humana é aquela na qual, enquanto ninguém é pobre, ninguém deseja também ser mais rico nem tem nenhum motivo para temer ser rejeitado pelos esforços de outros que querem adiantar-se”.*²⁵

aquelas que são mais adequadas para o controle de grandes massas” explica Raúl Zibechi (2018). Um exemplo disso é o monitoramento absoluto chinês: o seu sistema de vigilância chegou à identificação facial — conquista de ciência-ficção — onde já foram instaladas 176 milhões de câmeras de vigilância e, até 2020, pretendem instalar mais 200 milhões delas (<https://www.pagina12.com.ar/95490-la-vigilancia-china-no-deja-lugar-sin-monitorear>). Ninguém pode duvidar de que vivemos em tempos de dominação tecnológica, que segundo o próprio Zibechi: *“é parte da brutal concentração de poder e riqueza nos estados, que são controlados pela parcela 1% mais rica”*.

23 Tomar nota do que denunciava Lafargue (1848): *“A paixão cega, perversa e homicida do trabalho transforma a máquina libertadora em instrumento de sujeição dos homens livres: a sua produtividade empobrece-os. (...) À medida que a máquina se aperfeiçoa e despacha o trabalho do homem com uma rapidez e uma precisão incessantemente crescentes, o operário, em vez de prolongar o seu repouso proporcionalmente, redobra de ardor, como se quisesse rivalizar com a máquina. Ó, concorrência absurda e mortal!”*.

24 Como Marx (1867) diria claramente: *“É evidente que, com o progresso do sistema de máquinas e com a experiência acumulada de uma classe própria de operários com máquinas, a velocidade e, com isso, a intensidade do trabalho aumentam naturalmente (...) Logo que a revolta, gradualmente crescente, da classe operária coagiu o Estado a reduzir à força o tempo de trabalho e a impor, primeiro na fábrica propriamente dita, um dia de trabalho normal, a partir deste momento, portanto, em que foi cortado de uma vez por todas o aumento da produção de mais-valia por prolongamento do dia de trabalho, o capital lançou-se com todo o seu poder e plena consciência na produção de mais-valia relativa por desenvolvimento acelerado do sistema de máquinas.”*.

25 *“Confieso que no me agrada el ideal de vida que defienden aquellos que creen que el estado normal de los seres humanos es una lucha incesante por avanzar, y que el pisotear, empujar, dar codazos y pisarle los talones al que va delante, que son característicos del tipo actual de vida social, constituyen el género de vida más deseable para la especie humana; para mí no son otra cosa que síntomas desagradables de una de las fases del progreso industrial. (...) la mejor situación para la naturaleza humana es aquella en la cual, mientras nadie es pobre, nadie desea tampoco ser más rico ni tiene ningún motivo para temer ser rechazado por los esfuerzos de otros que quieren adelantarse”*.



Atualmente, um dos mais lúcidos pensadores latino-americanos, Enrique Leff, recomenda transitar para outra organização da produção e da própria sociedade, assumindo esses desafios, para o que pergunta e propõe

“Como desativar o crescimento de um processo em cuja estrutura originária e em cujo código genético está instaurado um motor que o impulsiona a crescer ou morrer? Como levar a termo tal propósito sem gerar como consequência uma recessão econômica com impactos socioambientais de alcance planetário? [...] isso leva a uma estratégia de desconstrução e reconstrução, não para fazer o sistema estourar, mas para reorganizar a produção, a desengatar-se das engrenagens dos mecanismos de mercado, a restaurar a matéria extraída para reciclá-la e reorganizá-la em novos ciclos ecológicos. Nesse sentido a construção de uma racionalidade ambiental capaz de desconstruir a racionalidade econômica, implica processos de reapropriação da natureza e reterritorialização das culturas.” (2008)

Responder a esse desafio é cada vez mais urgente nos países industrializados, os maiores responsáveis do desastre ambiental global. Não se trata de que os países empobrecidos se mantenham na pobreza e miséria para que os países ricos sustentem seus insustentáveis níveis de vida. Isso nunca. O que sim deve ser motivo de atenção no Sul é não repetir estilos de vida social e ecologicamente insustentáveis. Nos países “subdesenvolvidos” é, portanto, igualmente urgente abordar com responsabilidade o tema do crescimento econômico. Assim, inicialmente, é ao menos oportuno diferenciar o crescimento “bom” do “mau”; crescimento que se define pelas correspondentes histórias naturais e sociais que ficam para atrás, tanto quanto pelo futuro que possa antecipar.

Essa não será uma tarefa fácil.

“Tendo ensinado a virtude suprema do trabalho duro, é difícil vislumbrar como as autoridades poderiam apontar para o paraíso no qual haverá muito lazer e pouco trabalho”, mais ainda quando se considera “a virtude do trabalho duro como um fim em si mesmo, ao invés de um meio para um estado de coisas no qual ele não é mais necessário”. E neste mundo do “trabalho duro” finalmente “atribuímos muito pouca importância ao divertimento e à simples felicidade, e que não julgamos a produção pelo prazer que ela proporciona ao consumidor” (Russel, 1932).

Essa preocupação já foi exposta por Keynes, em 1930,

“não há país nem pessoa, que possa considerar a era do ócio e da abundância sem temor. Porque fomos preparados para lutar e não para desfrutar. É um problema terrível para a pessoa comum, sem talentos particulares, dar-se uma ocupação, especialmente se já não tem raízes na terra, na tradição ou nas amadas convenções da sociedade tradicional”.



E essa aproximação ao tema produziu uma refutação apaixonante e também controversa ao suposto direito ao trabalho, uma exigência — hoje pouco conhecida — por uma sociedade da abundância e do gozo, liberada da escravidão do trabalho:

“Trabalhem, trabalhem, proletários, para aumentar a fortuna social e as vossas misérias individuais; trabalhem, trabalhem, para que, tornando-vos mais pobres, tenham mais razão para trabalhar e para serem miseráveis. Eis a lei inexorável da produção capitalista”, reclamava Paul Lafargue em “O direito à preguiça” (1848).

Esta tarefa implica um esforço de longo fôlego e de profundas transformações, no marco de transições múltiplas²⁶, cujas conotações deverão adquirir uma crescente urgência assim que se aprofundem as condiciones críticas desatadas nacional e internacionalmente, no social, ecológico e até econômico. Paulatinamente deverá ser revisto o estilo de vida vigente das elites e que serve de — inalcançável — marco orientador para a maioria da população; uma revisão que deverá processar, sobre bases de real equidade, a redução do tempo de trabalho e sua redistribuição²⁷, assim como a redefinição coletiva das necessidades em função de satisfazedores ajustados às disponibilidades da economia e da Natureza.²⁸ Mais cedo que tarde, ainda nos mesmos países “subdesenvolvidos” (quem dirá nos “desenvolvidos”), deverá priorizar-se a suficiência enquanto se procure o que realmente se precisa, em lugar de uma sempre maior eficiência — a partir de uma descontrolada competitividade e um consumismo desenfreado — que acabará destruindo a Humanidade.

Em síntese, indivíduos e comunidades deverão *“exercitar a sua capacidade de viver diferente”* (todos e todas em dignidade, em harmonia com a Natureza, NdA), como propõe o alemão Niko Paech; um economista que esboça o caminho para *“uma economia do pós-crescimento”* com o título *“Liberação do supérfluo”* (Befreiung vom Überfluss, 2012); uma proposta criada de baixo, por indivíduos e comunidades que pressionam para que os governantes as incluam em suas políticas. Nessa linha cabem as propostas de Pierre Rabhi (2013), um agricultor, pensador e escritor francês de origem argelino, que convida a caminhar para uma sociedade de *“a sobriedade feliz”*. Os países, aliás, devem *“aprender a viver com o nosso, pelos nossos e para os nossos”*, como recomendava o argentino Aldo Ferrer, reduzindo a nociva dependência do mercado externo.²⁹

26 Cada vez são propostos novos e mais concretos elementos sobre como gerar essas transições que, aliás, estarão ajustados aos respectivos territórios e momentos. Entre outros, podemos mencionar e recomendar as propostas de Christian Felber (2012) sobre como mudar as empresas capitalistas para uma economia do bem comum. É preciso construir, como recomenda Eduardo Gudynas, transições plurais, claras e precisas a partir de horizontes utópicos como o Bem viver.

27 Vide as reflexões de Karl-Georg Zinn (1998), Professor da Universidade Técnica de Aachen, que propõe gerar emprego a partir da redistribuição do trabalho, por exemplo.

28 Lembremos que as necessidades são limitadas, classificáveis e finitas; enquanto que os satisfazedores são ilimitados: Max-Neef, Elizalde e Hopenhayn (1986).

29 As palavras de John Maynard Keynes (1933) fazem muito sentido quando diz que *“Eu simpatizo, portanto, com aqueles que minimizariam, antes que com aqueles que maximizariam, o envolvimento econômico entre nações. Ideias, conhecimento, ciência, hospitalidade, viagens, essas são as coisas que por sua natureza deveriam ser internacionais. Mas deixem que os bens sejam produzidos localmente sempre e quando for razoável e convenientemente possível, e, principalmente, deixemos que as finanças sejam primordialmente nacionais”*



Em definitiva, a tarefa é repensar o mundo do trabalho vinculando-o com outros mundos dos quais nunca deveria ter-se isolado. Nesse esforço cabe repensar também o ócio, não para normatizá-lo, mas para liberá-lo; não para fazer dele um negócio, mas para desmercantilizá-lo ampliando o seu potencial comunitário, criativo e lúdico, diversificando-o a partir da enorme pluriversidade cultural do mundo.

E é no Bem viver onde as pessoas podem organizar-se para recuperar e assumir o controle de suas próprias vidas, de seu trabalho e de seu ócio. Mas isso não é tudo. Já não se trata somente de defender a força de trabalho e de recuperar o tempo de trabalho excedente para os trabalhadores, isto é, de opor-se à exploração da força de trabalho recuperando o direito ao ócio como um Direito Humano. Também está em jogo a defesa da vida contra esquemas antropocêntricos de organização socioeconômica, destrutores do planeta via depredação e degradação ambientais. Tanto a exploração do ser humano quanto a da Natureza são inadmissíveis.

Isso mostra quão urgente é superar o divórcio entre a Natureza e a Humanidade, assim como o divórcio entre a produção alienante e o ócio emancipador. Tal mudança histórica é o maior desafio da Humanidade se no quiser acabar os seus dias em meio à barbarie, à loucura e ao suicídio coletivo.

Uma curta reflexão para reinventar o futuro

“Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda do trabalho, levado até o esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua progenitora. Em vez de reagir contra esta aberração mental, os padres, os economistas, os moralistas sacrossantificaram o trabalho”

Paul Lafargue (1848)

Tudo isso cheira a utopia, e é disso mesmo que se trata. É preciso escrever todos os rascunhos possíveis de uma utopia por construir. Uma utopia que critica a realidade a partir do Bem viver. Uma utopia possível que, ao ser um projeto de vida solidário e sustentável, deve ser uma alternativa coletivamente imaginada, politicamente conquistada e construída, a ser executada por ações democráticas, em todo momento e circunstância. Está na mira superar a miséria da modernização, tão miserável que já está levando-nos para a modernização da miséria.

A tarefa inclui abrir a passagem para milhares de diversas práticas alternativas, não capitalistas, muitas existentes agora em todo o planeta. Existem muitas opções orientadas por horizontes utópicos que propugnam uma vida em harmonia entre os seres humanos, e deles com a Natureza. Nesse contexto, sintonizam-se estreitamente o decrescimento e o pós-extratativismo (Acosta e Brand, 2017).



Para propiciar esta “grande transformação”, conta-se com essas práticas concretas, não com simples teorias. Inclusive existem diversas opções de ação propostas no âmbito global.³⁰ E nesse esforço múltiplo há muito que aprender do Bem viver.

Em definitiva, é preciso questionar a tentativa falida de impulsionar — como mandado global e como caminho unilinear — o “progresso” em sua derivação produtivista e o “desenvolvimento” como direção única, principalmente sua visão mecanicista de crescimento econômico. Não se trata de reeditar os exemplos supostamente bem-sucedidos dos países “desenvolvidos”. Em primeiro lugar, isso não é possível. Em segundo, não são realmente bem-sucedidos. Em terceiro, a mera tentativa está levando-nos a uma hecatombe.

O potencial do Bem viver, em um contexto amplo, nacional e internacional, reside nas possibilidades de diálogo que abre. A sua contribuição, em especial, poderia estar na construção coletiva de pontes entre conhecimentos ancestrais e modernos. Para isso, nada melhor que um debate franco e respeitoso, que já nasceu.

Agora o que interessa é romper distâncias. Óbvias pelo que resta se consideramos que a Modernidade, o capitalismo, em definitiva, é a síntese de civilizações fundadas na dominação dos seres humanos e da Natureza, principalmente no patriarcado, o racismo e a colonialidade. No Bem viver, poderiam resumir-se aquelas visões alternativas alterativas que denunciam e enfrentam as lógicas opressivas do capital.

Então, cabe estabelecer uma relação respeitosa e construtiva entre aqueles que se entrincheiram para defender sua visão do Bem viver como um conceito fechado, o autêntico, e quem pretende transformá-lo num conceito aberto, que emerge, isso sim, recuperando os eixos fundamentais daquelas culturas milenares dos povos indígenas. Em uma margem do caminho aparece um conceito, em plena reconstrução, que se extrai do saber ancestral, em alguns casos olhando demais para o passado. Na outra margem do (mesmo) caminho, o conceito, também em (re)construção, é assumido olhando para o futuro. Talvez o potencial resida em que os do passado olhem algo mais para o futuro (e para o presente) e os do futuro contribuam com uma visão menos beata do passado.

Insistimos, as propostas do Bem viver provenientes do mundo indígena andino-amazônico não são as únicas alternativas com capacidade alterativa. Há muitas outras. A demanda histórica reside, então, em somar múltiplas propostas de vida comunitária, como as dos zapatistas, assim como a uma multiplicidade de lutas feministas, camponesas, ecologistas (Acosta e Machado, 2012), entre outras. Aqui há uma multiplicidade de pontos de encontro com as ações do movimento “decrecentista”.³¹

A tarefa não é fácil. Superar visões dominantes e construir novas opções de vida tomará tempo. Será preciso fazê-lo no curso do processo, reaprendendo, desaprendendo e aprendendo a aprender simultaneamente. Isso exige uma grande dose de constância, vontade e humildade; e principalmente muita criatividade e cada vez mais alegria.

O Bem viver, já o dissemos, deve assumir-se como uma categoria em permanente construção

30 A proposta de deixar o cru no subsolo na Amazônia equatoriana: a Iniciativa Yasuní-ITT, foi e continua sendo um grande exemplo de ação global, surgida a partir da sociedade civil de um pequeno país como é o Equador (Acosta 2014).

31 Federico Demaria, Francois Schneider, Filka Sekulova, Joan Martínez-Alier; “¿Qué es o decrecimiento? De um lema activista a um movimento social, Revista Ecuador Debate 103, CAAP, Quito, 2018.



e reprodução. Não é um conceito estático nem retrógrado. O Bem viver, em definitiva, é uma categoria central do que se poderia entender como “a filosofia de vida” de muitas sociedades indígenas que não se inserem (plenamente) ou que resistem a entrar na Modernidade. E, a partir dessa perspectiva, projeta-se como uma proposta com potencial inclusive global, embora historicamente tenha sido marginalizada.

Para concluir, lembremos que o Bem viver compreende a comunidade como a conjunção harmônica dos vivos, os antepassados e as futuras gerações. E, a partir dessa harmonia, vinculada com a Mãe Terra, garante-se a preservação da vida. Assim o conceito de vida se amplia para o meio ambiente e para os nossos netos e netas. Nós seres humanos, enquanto Natureza, não somos indivíduos isolados, somos comunidade social e natural. Isso nos conduz a um reencontro com a Natureza e com a comunidade, comina-nos a dar o salto civilizatório que demanda vigência plena dos Direitos Humanos, em estreita comunhão com os Direitos da Natureza. Um salto civilizatório em que o “ócio mercantil” e alienante seja substituído pelo “ócio emancipador”.

Bibliografia

- Acosta, Alberto (2018): “Repensando nuevamente el Estado ¿Reconstruirlo u olvidarlo”, vários autores, **América Latina: Expansión capitalista, conflictos sociales y ecológicos** (2018), Universidad de Concepción, Chile.
- Acosta, Alberto; **El Buen Vivir Sumak Kawsay, una oportunidad para imaginar otros mundos**, ICARIA, (2013), a partir de una edición preliminar en Abya-Yala Ecuador (2012). (Este livro foi editado em edições revisadas e ampliadas continuamente, em francês – Utopia, 2014, em alemão – Oekom Verlag, 2015, em português - Editora Autonomia Literária e Editora Elefante, 2016, em holandês - Uitgeverij Ten Have, 2018).
- Acosta, Alberto (2014); “Iniciativa Yasuní-ITT - La difícil construcción de la utopía” <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=180285>
- Acosta, Alberto (2012); “Riesgos y amenazas para el Buen Vivir”, en la Revista Ecuador Debate N° 84, CAAP, Quito, 2012.
- Acosta, Alberto e Machado, Decio (2012); “Movimientos comprometidos con la vida. Ambientalismos y conflictos actuales en América Latina”, en la *Revista Colección OSAL*, CLACSO, Buenos Aires.
- Acosta, Alberto e Cajas Guijarro, John (2018); “Reflexiones sobre el sin-rumbo de la economía - De las “ciencias económicas” a la posteconomía”, Revista Ecuador Debate 103, CAAP, Quito, 2018.
- Acosta, Alberto e Brand, Ulrich (2017); **Salidas del laberinto capitalista – Decrecimiento y Postextractivismo**, ICARIA, Barcelona, com edições publicadas na Argentina (2017), Equador (2017), Alemanha (2018).
- Csikszentmihalyi, Mihaly (2001); “Ocio y creatividad en el desarrollo humano”, en vários autores y autoras; **Ocio y Desarrollo – Potencialidades del Ocio para el Desarrollo Humano**, Universidad de Deusto, Bilbao.
- Daly, Herman E. (Comp) (1990); **Economía, ecología, ética – Ensayos hacia una economía en estado estacionario**, Fondo de Cultura Económica, México.
- D’Alisa, Giacomo; Demaria, Federico; Kallis, Giorgios, editores (2015); **Decrecimiento. Vocabulario para una nueva era**, ICARIA, Barcelona.
- Da Torre, Luz Marina, e Peralta S., Carlos (2004); **La reciprocidad en el Mundo Andino**. Abya-Yala e ILDIS, Quito.



- Demaria, Federico; Schneider, Francois; Sekulova, Filka; Martínez-Alier, Joan (2018); “¿Qué es el decrecimiento? De un lema activista a un movimiento social, *Revista Ecuador Debate* 103, CAAP, Quito, 2018.
- Escobar, Arturo (2014); **Sentipensar con la tierra – Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**, Ediciones Unaula, Medellín.
- Elliot, Larry (2017); “Moravec’s Paradox of Artificial Intelligence and a Possible Solution by Hiroshi Yamakawa with Interesting Ethical Implications”, <https://e-discoveryteam.com/2017/10/29/moravecs-paradox-of-artificial-intelligence-and-a-possible-solution-by-hiroshi-yamakawa-with-interesting-ethical-implications/>
- Esterman, Josef (2014); “Ecosofía andina – Un paradigma alternativo de convivencia cósmica y de vida plena”, en el libro **Bifurcación del Buen Vivir y el sumak kawsay**, Ediciones SUMAK, Quito.
- Felber, Christian (2012). **Gemeinwohl – Ökonomie – Eine demokratische Alternative wächst**, Deuticke, Wien. Publicado también en español **La economía del bien común**. Deusto S.A. Ediciones.
- Ferrás, Xavier (2017); “Inteligencia Artificial y el poder de saber más de lo que puedes explicar”, <https://www.sintetia.com/inteligencia-artificial-y-el-poder-de-saber-mas-de-lo-que-puedes-explicar/>
- Giraldo, Omar Felipe (2014); **Utopías en la era de la supervivencia – Una interpretación del Buen Vivir**, Editorial ITACA, México.
- Gorz, André (2008); **Crítica de la razón productivista**, La Catarata, Madrid.
- Gudynas, Eduardo (2014); “Buen Vivir: sobre secuestros, domesticaciones, rescates y alternativas”, no libro **Bifurcación del Buen Vivir y el sumak kawsay**, Ediciones SUMAK, Quito.
- Gudynas, Eduardo y Alberto Acosta (2011); “El buen vivir o la disolución de la idea del progreso”, en Mariano Rojas (coordinador) del libro **La medición del progreso y del bienestar - Propuestas desde América Latina**, Foro Consultivo Científico y Tecnológico de México, México.
- Helfrich, Silke y Fundación Heinrich Böll (2012); **Commons – Für eine neue Politik jenseits von Markt und Staat**, transcript Verlag, Bielefeld.
- Huanacuni Mamani, Fernando (2010); **Vivir Bien / Buen Vivir Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales**, Convenio Andrés Bello, Instituto Internacional de Investigación y CAO, La Paz.
- Houtart, François (2011). “El concepto del sumak kawsay (Buen Vivir) y su correspondencia con el bien común de la humanidad”, **Revista Ecuador Debate** N° 84, CAAP, Quito.
- Illich, Iván (2015); **Obras reunidas**, Fondo de Cultura Económica, México.
- Keynes, John Maynard (1933); “*Autosuficiencia Nacional*”, **Revista Ecuador Debate** N° 60, CAAP, Quito diciembre 2003.
- Keynes, John Maynard (1930); “Posibilidades económicas de nuestros nietos”, *Economic Possibilities for our Grandchildren*, en: **Essays in Persuasion**, New York: W. W. Norton & Co., 1963, pp. 358-373.
- Kothari, Ashish; Salleh, Ariel; Escobar, Arturo; Demaria, Federico; Acosta, Alberto (2018); “Encontrando senderos pluriversales”, **Revista Ecuador Debate** 103, CAAP, Quito, 2018.
- Kothari, Ashish; Demaria, Federico; Acosta, Alberto; “Buen Vivir, Degrowth and Ecological Swaraj: Alternatives to sustainable development and the Green Economy”, **Development** 57.3/4
- Lafargue, Paul (1848); **El derecho a la pereza** (2011), Editorial: MAIA EDITORES, Madrid.
- Leff, Enrique (2010); “Imaginario social y sustentabilidad”, en la revista **Cultura y representaciones sociales**, vol. 5 núm. 9 México: UNAM.
- Leff, Enrique (2008); “*Decrecimiento o deconstrucción de la economía*”, revista virtual **Peripecias** N° 117, 8 de octubre.
- Martínez Alier, Joan (2008); Decrecimiento sostenible, **Revista Ecología Política**, No 35, ICARIA.
- Max-Neef, Manfred (1993); “Una manera estúpida de vivir”, en Manfred Max-Neef (2017); **Economía herética – Treinta y cinco años contracorriente**, ICARIA, Barcelona.



- Max-Neef Mandred, Antonio Elizalde, Martín Hopenhayn (1986); **Desarrollo a escala humana: una opción para el futuro, Development Dialogue**, número especial, CEP/AUR, Fundación Dag Hammarskjöld.
- Marx, Karl (1844); **El poder del dinero** en **Manuscritos Económicos y filosóficos**. En Marx, K. y Engels, F., *Collected Works Vol. 3* (pp.322-326). International Publishers. Nueva York.
- Marx, Karl (1867); **El Capital. Tomo I. El proceso de producción del capital**. Fondo de Cultura Económica, México.
- Oviedo Freire, Atawallpa (2011); **Qué es el sumakawsay – Más allá del socialismo y capitalismo**, Quito.
- Quisantuña Sisa, Mirian Imelda (2011); "Prácticas sociales y culturales de las comunidades andinas, una propuesta en la consolidación de economía social y solidaria", monografía no curso de economía social e solidária, FLACSO, Quito.
- Papa Francisco (2015); **Encíclica Laudato Si**.
- Polanyi, Karl (1944); **La gran transformación – Los orígenes políticos y económicos de nuestro tiempo**, México, Fondo de Cultura Económica.
- Pueblo de Sarayaku (2018); **Declaración del Kawsak Sacha / Selva Viviente**", Sarayaku.
- Quijano, Aníbal (2014); **Cuestiones y Horizontes – Antología Esencial – De la dependencia histórica-estructural a la colonialidad/decolonialidad del poder**, CLACSO, Buenos Aires.
- Rahbi, Pierre (2013); **Hacia la sobriedad feliz**, Errata Natrae, Madrid.
- Rifkin, Jeremy (1995); **The End of Work: The Decline of the Global Labor Force and the Dawn of the Post-Market Era**, Putnam Publishing Group.
- Roegen, Nicholas Georgesku (1971); **The Entropy Law and the Economic Process**, Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts.
- Rotman, David (2017); "El ritmo implacable de la automatización (y el futuro del empleo)", MIT Technology Review, publicado por Opinno. <https://www.technologyreview.es/s/6783/el-ritmo-implacable-de-la-automatizacion-y-el-futuro-del-empleo>
- Russel, Bertrand (1932); "Elogio de la ociosidad", Universidad Complutense de Madrid: <http://webs.ucm.es/info/bas/utopia/html/russell.htm>
- Sachs, Wolfgang (2017); "The Sustainable Development Goals and Laudato si': varieties of Post-Development?", **Third World Quarterly**, 38:12, 2573-2587.
- Sachs, Wolfgang (1992); - Sachs, Wolfgang (1992); **The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power**, Zed Books, London.
- Schuldt, Jürgen (2013); **Civilización del desperdicio - Psicoeconomía del consumidor**. Universidad del Pacífico, Lima.
- Solón; Pablo (2016); **¿Es posible el Buen Vivir?, Reflexiones a Quema Ropa sobre Alternativas Sistémicas**, Fundación Solón, La Paz.
- Tortosa; José María (2011); **Maldesarrollo y mal vivir – Pobreza y violencia escala mundial**, en Acosta, Alberto y Martínez, Esperanza (editores), serie Debate Constituyente, Abya-Yala, Quito.
- Unceta, Koldo; (2018); "Alcance y vigencia del postdesarrollo: de la crítica del desarrollo al debate sobre las transiciones", **Revista Ecuador Debate 103**, CAAP, Quito, 2018.
- Unceta, Koldo (2014); **Desarrollo, postcrecimiento y Buen Vivir – Debates e interrogantes**, en Acosta, Alberto y Martínez, Esperanza (editores), serie Debate Constituyente, Abya-Yala, Quito.
- Universidad Intercultural Amawtay Wasi (2004), **Aprender en la sabiduría y en el Buen Vivir**, Quito (Publicada em três idiomas: quéchua, espanhol e inglês).
- Zibechi, Raúl (2018); "El siglo del control de las masas", <http://www.jornada.com.mx/2018/02/16/opinion/019a1pol>
- Zinn, Karl George (1998); "Machtfrage Vollbeschäftigung", en la revista **Sozialismus** N° 3.



THE GOOD LIVING AS AN EMANCIPATION TOWARDS THE OVERCOMING OF COMMERCIAL LEISURE

Alberto Acosta¹
September 19, 2018

“Freedom, Sancho, is one of the most precious gifts that heaven has bestowed upon men; no treasures that the earth holds buried or the sea conceals can compare with it; for freedom, as for honor, life may and should be ventured; and on the other hand, captivity is the greatest evil that can fall to the lot of man.”

Don Quixote de la Mancha
II Parte, Cap. LVIII

The starting point

“Leisure is essential to civilization, and in former times leisure for the few was only rendered possible by the labors of the many. But their labors were valuable, not because work is good, but because leisure is good. And with modern technique it would be possible to distribute leisure justly without injury to civilization.”

Bertrand Russel
In praise of idleness (1932)

Upon verifying growing and severe social problems – mainly economic, cultural, and environmental ones – in different places, many increasingly question the conventional ideas of progress and of its main stem, the development (Gudynas y Acosta 2011). Even several “major technological achievements” are insufficient, even counterproductive, to resolve the serious problems of humanity. The results are surely visible, as well as the challenges.

These “achievements” of progress create multiple types of violence, typical of a system that suppresses all vital dimension. Productivism and consumerism, encouraged by the lust of relentless profit, the pathological “love of money”² and the power this represents³, create a “civilization of waste” (Schuldt 2013) destined to the abyss. Undoubtedly, this is “the age of survival” (Giraldo 2014), in which the human species plays its future at every step. A riddle of few solutions, worse if it is confirmed that

1 Ecuadorian Economist. University Professor. Former Minister of Energy and Mines. Former President of the Constituent Assembly. Former candidate to the Presidency of the Republic.

NOTE: In this study, the author of these lines synthesizes several already-published contributions on the topic.

2 “The love of money as a possession — as distinguished from the love of money as a means to the enjoyments and realities of life — will be recognized for what it is, a somewhat disgusting morbidity, one of those semi-criminal, semi-pathological propensities which one hands over with a shudder to the specialists in mental disease”. Keynes (1930)

3 “The distorting and confounding of all human and natural qualities, the fraternization of impossibilities – the divine power of money – lies in its character as men’s estranged, alienating and self-disposing species-nature. Money is the alienated ability of mankind”. Marx (1844).



“stupidity is a democratic cosmic force. No one is safe. And whether in the North, South, East or West, we commit the same stupidity over and over again. There seems to be something that makes us immune to experience” (Max-Neff 1993).

Therefore, there is urgency in regaining the ability to evaluate and draw conclusions from experience, both to not repeat the same stupidities as to guide our path face the current challenges. The experience of other realities, for instance, may help us awaken from the insane path to the abyss that we walk along with an economic growth that, similar to a religion, stirs the people. And, from the edge of the proposals, it is urgent to know and recover ideas, values, experiences, and practices of harmonious lives, which are mostly born from the long memory of indigenous communities.

Before a human life in danger, the reunion with those groups whose existence is based on the harmony and balance in social relations and on the respect to ecological cycles is crucial. These realities, invisible until recently, contrast with a modern world where the thirst of “progress” and “development” is directly responsible for the complex and serious crises mankind faces.

For this reason, from many sectors and places, alternatives that go beyond Modernity and its concepts emerge, where a dignified life (human and non-human) is central; dignified life attainable only in freedom, without direct or indirect slavery, where the enjoyment of daily life is not fragmented between compulsory labor and commercial leisure.

Would it be possible to learn from the vision, values, experiences, and practices from other ways of living, to build a world in which all worlds fit together in equilibrium and freedom? Can we think of a Good Living⁴ world, in which social balance and ecological harmony form a single unit?

To attempt as much, the first step is to recognize our own stupidity.

The stupid inertia of a failed crusade

“Delusion and disappointment, failures and crimes, have been the steady companions of development and they tell a common story: it did not work. Moreover, the historical conditions which catapulted the idea into prominence have vanished: development has become outdated. But, above all, the hopes and desires which made the idea fly are now exhausted: development has grown obsolete.”

Wolfgang Sachs (1992)

Gone are the promises of “development,” nurtured by one of the cores of Modernity: the “progress”. Illusions born – with unusual strength – from the speech of the president of the United States, Harry Truman, on January 20, 1949, have been increasingly fading. These are 70 years already of a relentless and frustrating crusade.

Although questions have emerged since such crusade began and its obvious limitations are still intensifying, the search for “development” persists. It ranges from economicisms that equalize “development” with GDP growth to more complex visions such as the “human development” or “sustainable development,” to name just a few. In all cases, the problem is not the path chosen but the very concept of “development,” which leads to a dead-end. And, while disenchantment

⁴ Consult more of Acosta’s texts in, among others, Oviedo Freire 2010; Huanacuni Mamani 2010; Houtart 2011; Giraldo 2014; Esterman 2014; Gudynas 2014; Solon 2016.



flourishes, discussions and proposals aimed at building a post-development emerge with increasing force (clearly synthesized by Koldo Unceta, 2014, seeking to connect such debate with contributions from the Good Living).

What matters now is criticizing the very concept of “development,” an entelechy that perversely rules and governs the life of much of humanity, which shall never reach such awaited end.

Sadly, the utopia of our time is a “development” that is unattainable for everyone, regardless of how fast one runs. Furthermore, much has been lost in this reckless race, such as the traditional daily tasks of indigenous communities, so that they may provide labor for the capitalism or to allow the massive extraction of natural resources for the world market. Community life was – and still is – regarded as idle and a cause for poverty and “underdevelopment.”

The task of transforming community members into productive laborers and the nature into commodity comprises multiple types of violence, both material as symbolic, striking bodies and territories alike. One had to produce for the market, especially the world market. One had to generate income to overcome misery. And all this from an individualistic, productivist, consumerist, extractive vision of the world...

The results are evident:

“As the world production increased, the consumption of material goods has also – or precisely due to it – increasingly become an end in itself, even the final goal of consumers in market economies. This will lead us to ask ourselves if this, apart from the waste of resources in a finite planet, would not also be sacrificing the freedom, the well-being, and the happiness of the people, in disagreement with those who postulate – starting with the vast majority of orthodox economists – that these purposes are positively correlated with an increased consumption of goods and services that are regarded as meeting certain needs” (Schuldt 2013).

Undoubtedly, plagues such as poverty, misery, inequalities, and “underdevelopment” persist. Moreover, and simultaneously, those countries that are assumed to be “developed” are prisoners in the trap of “progress.” Enough to see the serious contradictions, conflicts, and difficulties in the United States, Europe or Japan, namely: growing gaps between rich and poor; dissatisfaction even among the beneficiaries of increased material accumulation; inability to respond to a persistent, critical, and unsolvable unemployment from traditional tools; continuation of a ferocious destruction of Nature. Those “successes” of recent years also walk towards the same programmed shipwreck, as in China or India.

Amidst this maelstrom of Modernity, the phenomenon of “leisure” has been transformed. Instead of an expression freedom and autonomy, the “leisure” has vilely become a commercial space of life itself, one of the many mercantile spaces created by the capital. From an integral part of life in many communities, a moment of creativity and celebration of sacredness, “leisure” became a mere space of rest to replenish the work force and keep producing. In societies tormented by productivism and consumerism, the “leisure” even is a breeding ground of increased frustration and alienation, full of the passive entertainment that usually do not demand nor value the use of physical or mental resources. Moreover, the “leisure” is now one of the largest businesses in the world, as it calls to millions of people, mobilizing large amounts of capital. And to make matters worse, this “leisure”



reflects its “utility” on the “metric of pleasure,” typical of neo-classical economists (born from the utilitarianism and even hedonism). That is why “leisure,” as a consumer good, is also the object of State policies in which it is planned, organized, and implemented as a tool to control and discipline the society: the “bread and circuses” of the Roman Empire is reproduced at an expanded scale, with the speed and intensity of technological “achievements” and the accumulation of capital.

Thus, the “mercantile leisure” is a reflection of a “poorly developed” world (Tortosa 2010), a world in which “labor” and “leisure” end up equally alienated.

What do we mean by Good Living?

“In this context, some details about the context of Sumak Kawsay are needed. From our experience, we can say this concept is the backbone of a community system. It is a collective construction from the forms of coexistence among humans but, above all, in coexistence with other vital elements, where the harmonic conditions between human beings, the human community, and the other forms of existence in the womb of Mother Nature are constituted. In our understanding, life is possible as long as there is the relationship and interaction of all vital elements.”

Luis Macas Ambuludi

Indigenous leader

Without disregarding other contributions, in much of the indigenous knowledge – unavoidable sources of the sumak kawsay (translated in Ecuador as Good Living and in Bolivia as Living Well) – there is not an idea analogous to “development”. There is no linear conception of life that establishes a prior and posterior state, namely, “underdevelopment” and “development,” a dichotomy that should pass through people and countries to achieve well-being, as it is the case in the West. Neither is there concepts analogous to “wealth” and “poverty” as seen as the accumulation or shortage of material goods. Likewise, human beings are seen as another actor in Nature, not as “its crown.”

The principle inspiring the Good Living⁵ is the harmony or, if one prefers, the balance (without being the contraposition of opposing forces, as it would be seen in the Enlightenment). Balance and harmony in the life of the human being itself, among the individuals in a community, among communities, peoples and nations. Everyone, individuals and communities, living in harmony with Nature. We are Nature, as would say the Pope Francisco (2015).

“when one talks about «environment», one is referring particularly to a relationship between the Nature and the society that inhabits it. This prevents us from understanding Nature as something separate from us or as a mere framework of our lives. We are included in it, we are part of and intertwined with it.”

5 The most well-known expressions of the Good Living or Living Well refer to existing concepts in Latin American indigenous languages, traditionally marginalized but not disappeared: *sumak kawsay* or *allí kawsay* (in Kichwa), *suma qamaña* (in Aymara), *ñande reko* or *tekó porã* (in Guaraní), *pénker pujústin* (Shuar), *shiir waras* (Ashuar), among others. There are similar concepts in other indigenous peoples such as, for example: the Mapuche of Chile, *kyme mogen*; the Kunas of Panama, *balu wala*; the Miskitus of Nicaragua, *laman laka*; as well as other related concepts in the Mayan tradition of Guatemala and in the Chiapas of México.



In this conception of life, the relationality is prevalent because the world has a relentless and complex flow of interactions and exchanges: everything is related to everything. Giving and receiving, from infinite reciprocities, complementarities, and solidarity, is the basis of the Good Living. Festivities, as extraordinary manifestations of daily life, are moments to enjoy life more intensely by sharing the sacredness of Nature in the community and even redistribute the accumulated welfare inequitably.

In other words, the Good Living assumes the ethical posture that should govern human life: take care of itself and of other beings (human or not), always looking for balances that ensure the flow of life. A world that inspires harmony and balance, where the life is above any other consideration.⁶ In political terms, we could say that the Good Living aims at reproducing the life and not the capital.

Although the Good Living must be understood from different approaches and visions, avoiding homogenization since it restricts the visions and understandings of others, the core of the debates involves the holistic vision of life as a relationship of the human being with itself and other human and non-human beings: the Pachanama (Mother Earth), in a permanent complementarity between one and the other.

A very clear reading is the one offered – from the Amazon – by the Sarayaku Kechwa people to present their proposal of kawask-sacha or living forest:

“KAWSAK SACHA is a conscious living being, consisting of all beings of the Forest from the most infinitesimal to the greatest and most supreme; it includes beings from animal, vegetable, mineral, spiritual, and cosmic worlds, in intercommunication with human beings, providing what is necessary to revitalize their emotional, psychological, physical, spiritual aspects and to restore the energy, life, and balance of the original peoples.”

Such worldview should be analyzed from the history and the present of indigenous peoples, as part of their historical continuity. Thus, past and future merge into a present of (re)cognition and (re)construction of alternative options, tied to their resistance strifes against endless processes of conquest and colonization. Ultimately, what counts is recovering, without idealizations, the collective project of future of the indigenous community, in a clear continuity from its past.

These Andean and Amazonian utopias – possible and realized – are reflected on their discourses, political projects and, mainly, in their social and cultural practices, including economic ones. Here lies one of the greatest potentials of the Good Living: to grasp the experience of peoples who live in dignity and harmony since immemorial times but without – we insist – idealizing the indigenous reality.

Currently, the indigenous world continues to be subjected to the typical domination, exploitation, and repression of the long night of colonialism, whose shadows still darken even our republican days, whether with neo-liberal or progressive governments. The colonial and capitalist influence is still present and is increasingly filtered through multiple forms in their world, requiring one to avoid romantic approaches to the indigenous reality.⁷

6 A conclusion one might also extend to the Laudato Encyclical of Pope Francis. The discussion that opened this Encyclical – marginalized by the mass media – opens a door to very interesting approaches, as shown in the text by Wolfgang Sachs (2017).

7 One must also learn from those tragic stories of cultures that disappeared for various reasons (including their own mistakes, aggressions against Nature, inequality, violence) and from processes that are still happening, which provide elements to think about innovative solutions before the current social and environmental



*Thus, this approach to indigenous experiences is not free of conflicts and exclusionary and dogmatic approaches. Such risk emerges when one intends to differentiate and separate the Good Living from its original, the *sumak kawsay*. Although this differentiated approach allows knowing better what the Good Living represents in indigenous communities, no dialogue between wisdom and knowledge – so urgent for mankind – can be made from dogmatic and isolationist positions.*

Without denying the specificities of indigenous worlds in Our America, one must complement and expand their concepts and experiences with other discourses, proposals, and practices borne from several regions of the planet, spiritually related in their struggle for a civilizing transformation. How can one promote such dialogue, including with other alternatives that dispute the historical meaning in the margins of modernity? – that is one of the greatest challenges.

It should be noted that, whereas much of the conventional attitudes about “development” and even many critical trends are born from knowledge typical of Modernity, the alternative viewpoints that feed the Good Living escape from the bases of the dominant capitalist civilization, namely the anthropocentrism and utilitarianism. Our stupidity ties us to these bases, and a huge political effort is required to break up with them. Such effort is also needed to break up with the power of capital and its propaganda, which aims at making us believe that there are still more needs that can only be met with greater capital accumulation, without even considering the social and environmental limits⁸.

*Thus, several other visions that break up with the capitalist civilization can be joined to the Good Living, proposing focuses and proposals that are similar in various aspects and different on the whole, and are present in other parts of the planet with various names and features. These are values, experiences and, above all, practices that existed in different periods and regions of Mother Earth. One might point out the *ubuntu* (sense of community: a person only is a person through other people and other living beings) in Africa (D’Alisa, Demaria, Kallis 2015) or the *eco-swaraj* (radical ecological democracy) in India (Kothari, Demaria, Acosta 2015).*

It is essential to enrich such debate with all options possible. Some powerful readings can be recovered from the lugubrious “development.” To quote just one contribution, Manfred Max-Neef, Antonio Elizalde and Martín Hopenhayn (1993) clearly state that “development” refers to people, not to objects. Therefore, the aim of development is at satisfying fundamental needs. They consider that such satisfaction has simultaneities, complementarities, and compensations, and the needs are always the same in every time and space. Furthermore, no need is more important than other nor is there a fixed order of precedence between needs.⁹

From such reflections, a theory and a taxonomy of fundamental needs arise, dividing them into existential (being, having, and doing) and axiological (subsistence, protection, affection, understanding, participation, leisure, creation, identity, and freedom), in which the “leisure” is equated to other fundamental needs for life. Following this categorization, five types of satisfiers are determined, being

challenges.

8 Environmental limits and saturation points have been addressed by many economists, such as Nikolas Georgescu Roegen (1971), Herman Daly (1990) or Joan Martínez Alier (2008). John Maynard Keynes also discussed this topic in 1930: he claimed that the absolute saturation limit would be achieved, in terms of consumption, in 2030.

9 Needs are not only shortcomings (typical economicism). Needs compromise, motivate, and mobilize, so that they are also potentials and may even be resources (e.g. the need to participate translates into participatory potential).



positively or negatively related to the completion of the nine axiological and four existential needs.¹⁰ It is worth remembering the division made by John Maynard Keynes (1930) when he spoke about the need to reduce the productive employment:

“the needs of human beings may seem insatiable. But they fall into two classes – those which are absolute in the sense that we feel them whatever the situation of our fellow human beings may be, and those which are relative in the sense that we only feel them if their satisfaction lifts us above, makes us feel superior to our fellows. Needs of the second class, those which satisfy the desire for superiority, may indeed be insatiable, for the higher their general level, the higher still are they. But this is not so true of absolute needs – a point may soon be reached, much sooner perhaps than we are all of us aware of, when those needs are satisfied in the sense that we prefer to devote our further energies to non-economic purposes.”

Accordingly, to achieve the Good Living, the society should prioritize synergic satisfiers spanning several needs at the same time. It should also enhance the “relational goods,” which contribute to the well-being not only through what is bought and consumed but also through “what they do to other people.” In other words, goods and projects that not only cover the need for affection and leisure, for example, but also encompass the need for understanding, solidarity, and participation, are required.

As the knowledge of ancestry or indigeneity is recovered, one can incorporate multiple questions to “development” and open the door to the post-development (Unceta 2018) and to ecologic alternatives, many attuned with the vision of harmony with Nature that characterizes the Good Living. In fact, in parallel with the positioning of the Good Living within the political discussion, the accumulated criticisms to the “development” have matured¹¹. Such relationship is both an opportunity and a threat. As opportunity, it can lead to a horizontal and respectful construction of new worldviews and to the envisioning of alternatives; whereas as threat it can reissue the appropriation and subordination of these indigenous visions on the part of traditional and usurper readings of Modernity.¹²

10 There are “inhibitory” satisfiers that “over-satisfy” a particular need and make it difficult meeting other axiological needs. There are also “violating or destructive” satisfiers that, aimed at meeting a given need, make it impossible, at the same time, to meet the others. A third type are the “pseudo-satisfiers”, which stimulate a false and deceptive sensation of a given need but annihilate the possibility in satisfying another to which it was originally aimed. In addition to these three counterproductive satisfiers, one can mention two that meet their objectives, namely: singular satisfiers, which satisfy only one need, such as the supply of food in proper quantity and quality to cover subsistence; and synergistic satisfiers, the most important, which not only satisfy a given need but include several at the same time, such as breastfeeding – which not only ensures subsistence but also stimulates child affection, identity, and protection (beyond the work of the authors mentioned, one can also consult the valuable text of Schuldt, 2013).

11 Such proposals of Andean-Amazonian origin gained unusual political force at the beginning of this millennium by entering the national debates – mainly in Bolivia and Ecuador – in a moments of widespread crisis of the oligarchic and colonial-based Nation-State. This emergence of indigenous movements as vigorous political subjects with their own views of life is remarkable. Unfortunately, these proposals do not inspire policies of those national governments.

12 Note that “The Good Living is, thus, the expression of a cultural shift stemming from a fertile paradox: the cultural heritage of the aboriginal tradition of the region, which historically (an even today) has been considered as mutually exclusive with the paradigm of development and is now interpreted as the key to the renewal and re-legitimation of the latter” (Carballo 2015). This is exactly what happened with the progressive governments of Ecuador and Bolivia, which emptied the Good Living of content to transform it into a tool of power and propaganda for their



Let us assume that the Good Living – par excellence a political discourse – does not synthesize any completed or undisputed proposal, does not emerge from academic reflections nor from proposals of any political party. And, by the way, if the Good Living comes from an ancestral Andean-Amazonian matrix or similar, carriers of other rationalities or other sentipensares [feeling-thinking] (Escobar, 2014), it is very complex, if not impossible, to understand it using the theoretical instruments of Modernity.

These worldviews provide alternatives to the western worldview by arising from non-capitalist community bases, harmonically related to Nature and from specific territories. Thus, the Good Living proposes a civilization transformation that is at least biocentric and no longer anthropocentric¹³ (in reality, it is about promoting a web of harmonious relationships without any type of center); collective, not just individualist; based on plurality and diversity, not one-dimensional nor monocultural. Understanding it requires a deep intellectual decolonization regarding politics, society, economics and culture (Quijano 2014).

A corollary of what has been said is that we cannot continue to commodify Nature, promoting its unbridled exploitation; it must be de-commodified, we must reconnect with it, ensuring its regeneration from respect and the responsibility and reciprocity from relationality.

Also, when one speaks of Good Living (Ecuador) or Living Well (Bolivia), one thinks plural. In other words, we imagine good co-existences, not a single and homogeneous Good Living, impossible to crystallize. The Good Living, we insist, could not establish itself in a single global mandate, as happened with the “development” in the mid-20th century.

These good co-existences (or Good Living, as presented in the text, but always thinking in plural) show both paths that should be imagined as roads that are already a reality. In other words, we are facing a (re)construction process. Such is the great potential of these visions and experiences. In addition, as notes Enrique Leff (2010), the Good Living imaginary not only offers other forms of organizing life but also different ways to understand the world.

In conclusion, the Good Living is an eminently subversive future experience. It is not an invitation to go back in time and meet again an idyllic and non-existent world. However, to be truly transformative, the Good Living cannot become a “religion” with its catechisms, manuals, ministries, its national or – even worse – international political commissars (Acosta 2012).

Nonetheless, in the hypothesis that indigenous communities should disappear, we can imagine other worlds from what were their experiences and values, delimiting them to new and different social and cultural realities. The interesting thing today is that, in other areas that are not directly related to the Andean or Amazonian indigenous world, harmonious community life choices are built (or existed before) between its members and with Nature.

leaders.

13 Even the Pope Francisco (2015) emphasizes that “paradoxically, the modern anthropocentrism ended up putting the technical reasoning above reality because this human does not regard Nature as a valid standard nor as a living refuge... There is, in Modernity, a great anthropocentric disproportion”.



The Good Living as a tool to build another world

“The right to waste, a privilege of few, was said to be the freedom of all. This civilization does not let the flowers sleep, nor the hens, nor the people. In greenhouses, the flowers are subjected to continuous light so that they grow faster. In egg factories, the night is also forbidden to hens. And the people is doomed to insomnia due to the anxiety of buying and the anguish of paying”.

Eduardo Galeano (2005).

From the interpretation of the Good Living, valuable lessons to understand the world could be drawn. Moreover, and this is what we are dealing with now, one can fully understand the meaning of unity in diversity, which has relationality as a key principle – from this, one can see how reciprocity, complementarity, correspondence, in addition to solidarity, are among the different components of life.

Let us rescue the possibility of assuming the Good Living is an open concept, whose deep indigenous roots can be enriched by debate and dialogue with other wisdom and knowledge, in the construction of other worlds.

Post-development debates and others, such as the degrowth (which questions the economic growth and society) can be embodied into it, towards overcoming Modernity and its vision of endless material accumulation and the commodification of life as the only and irreversible paths. A Modernity that condemns the “underdeveloped” world – tied to theories and knowledge arising from “development” – to prostration and dependence since its survival depends on the world market, where the demands of global accumulation crystallize.

To overcome such ties, it is urgent to properly assess the ancestral knowledge, considering how complex it is to define ancestry. This requires building a respectful relationship between wisdom and knowledge, something achievable if, among other underlying issues, technologies are put at the service of life and not of capital.

How to avoid that technologies fall prey to the purposes of capital accumulation? How to make knowledge be in accordance with the demands of the community? The challenge is to take control over the technologies and not be controlled by them, as recommended by Ivan Illich (2015) or André Gorz (2008) – authors who regain importance in the context of debates on degrowth and in the search for profoundly transformative alternatives. The visions of Illich about conviviality, above all, are in tune with the essence of the Good Living.

The inescapable prerequisite is, thus, having systems to develop and arrogate scientific and technical advances, actively and respectfully nurtured by ancestral knowledge and wisdom. We must recover those practices that have lasted until now or that can be apprehended by knowing their history. This is important when one considers that many valuable experiences have survived centuries of colonization and marginalization, while others did not.

Ancestral knowledge provides innumerable lessons and is even the basis of important advances in science. Unfortunately, many ancestral knowledge is – perversely – exploited and patented by transnationals. This happens with many Andean or Amazonian plants and even animals, which are transformed into basic elements to develop new marketable medicines, for example.



From the previous reflections one can conclude there is a need for reducing the existing dependence on technology, consumption patterns, administration methods, education systems of values, norms, expectations, etc., that keep us chained to the demands of capital. And, as a counterpart, we need to rebuild the greatest amount of autonomy, in which a liberating leisure – and not a commercial one – plays a fundamental role.

Here we can include common goods, understood as those that belong, are of usufruct or are consumed by a large group of individuals or by society as a whole, without the possibility of excluding someone from their consumption if they do not pay for it. These goods can be natural or social systems, palpable or intangible (Wikipedia, for example), different from each other but common due to being inherited or built collectively (but, make no mistake, they can also be the object of looting and pillage) (Helfrich 2009 or Mattei 2013).

To defend and harness the common goods, a broad and participatory agenda of political discussions is required to identify the common character of each asset. Protecting the existing conditions is essential for disposing of common goods directly, immediately, and without mercantile or similar mediations. We must avoid the privatization (as well as the nationalization) of existing common assets or of those that can be created. We need to design, experiment, and produce technological and legal environments that encourage creativity and innovation to produce common goods. And in the case of common intellectual goods, we must promote their free and open access.

These proposals thought from the Good Living, whenever they are assumed actively by the societies especially from the community, can be projected with force in the debates deployed in diverse regions and could even positively confront the growing alignment of a great part of the Humanity. In other words, post-development debates can be enriched by respectfully accepting the indigenous visions synthesized in the Good Living.

Although it is very difficult to take on the challenge of building the Good Living in societies immersed in the maelstrom of capitalism – especially in large cities – we are convinced that there are many options to start building this utopia in several places of the planet, including from the own “developed” world.

The point of departure is neither the State nor the market as totalizing institutions. An authentic democratization of power requires participation and social control from the bases of society in the countryside and in cities, neighborhoods, and communities¹⁴. Therefore, social movements and new political parties, deeply tuned and rooted in their respective societies, are crucial.

However, in this collective search for multiple alternatives, especially in community spaces, current and urgent global challenges cannot be marginalized.

That is, in short, the great challenge of Humanity: to rethink itself or to be extinguished.

14 In this regard, see the reflections of the author in the article: “Rethinking the State again – Rebuild it or forget it?” (2018).



Work and leisure in the Good Living

"Leisure time is the best of all acquisitions."

Socrates

For the Good Living, the work is key within social and economic aspects. Work is seen as an institution for building the society and enabling the reciprocal help in the community. This is not the exploitative and alienating work of the capitalism. The work in the Good Living intentionally seeks the common good and not the individual accumulation which, according to the "naive" economic liberalism, would generate positive social outcomes.

In the Good Living, one works to satisfy collective needs and interests, within a community action full of festive and affective conditions. In this context, leisure is a collective experience that allows one to render and enjoy life, sharing and balancing relationships.

Without attempting to exhaust the topic nor trying to insinuate that these productive and labor forms must be imposed to any economy or, even worse, overnight, we could mention some economic relationships typical of indigenous communities, always tied to the social and cultural sphere¹⁵:

- *Minka (minga): Institution of reciprocal aid at a community level. It ensures work aimed at satisfying collective needs and interests, seeking the common good of the population without any remuneration. For example, when building and maintaining an irrigation canal or road. The minka or minga has penetrated other groups, outside the indigenous world, especially in popular areas. A job that usually ends with a festive celebration.*
- *Ranti-ranti (randi-randi): Unlike the typical timely and single trade, this exchange is part of an endless series of transfers of values, products, and work days. It is based on the principle of giving and receiving without determining a range of time, action and space, related to certain values of the community on ethics, culture and historical content. It also exists in other social spaces, where it is even known as "borrowed hands."*
- *Uyanza: Moment that calls to live together and to a festive union of communities. It is an occasion to thank the Pacha Mama for its regenerative capacity, that is, for the products it offers to human beings. And it is also an institution of social help and recognition to families who lent their workforce. The bulk of contributions for this activity comes from families that did better in the previous period.*
- *Uniguilla: Activity aimed at the utilitarian exchange – without monetary intermediation – to complement food, improving the diet with products from other areas, especially different ecological areas or niches.*
- *Waki: Delivery of arable land, when leaving, for another community or family to work on it. It involves distributing the products grown between both communities or families. This activity also happens in animal care and breeding.*
- *Makikuna: Support that involves the whole community, extended family, friends, neighbors; a kind of moral support when it most requires a family. This help is usually requested in unforeseen circumstances and emergencies.*

15 See the works of Quisantuña Sisa (2011) or de la Torre y Sandoval (2004). The author also thanks the comments of Yuri Guadinango.



It is worth mentioning other practices such as the tumina, the probana, the yapa, the kamari, and so on. A point aside, for its meaning and daily life – even in mestizo areas –, is the pampamesa, a space/moment to share food cooked and contributed by all community members according to their possibilities and which is eaten by putting them on a tablecloth, around which they all sit without leaving gaps. This list may be extended. All these forms of relationship are based on principles of reciprocity, complementarity, correspondence, solidarity, creativity and co-responsibility of individuals with each other and with Nature.

These socio-economic practices have allowed many indigenous communities to face oblivion and exclusion from the prevailing colonial system. In addition, they have helped them to sustain their production in extremely adverse conditions, stimulating creativity and solidarity, fostering in economics the savings tied to social demands and, politically, their community identity.

Knowing the principles that somehow organize this world of indigenous relations and rituals is very important. The Aymara people – according to Fernando Huanacuni Mamani (2010), one of the greatest connoisseurs and proponents of the qamaña sum¹⁶ – has kept the following principles to live well or in fullness:

- 1. Knowing how to eat, how to feed oneself. It is not equivalent to fill the stomach. Mother Earth provides the foods required, that is why one should eat the food of the season, time, and place.*
- 2. Knowing how to drink. It is equivalent to entering the heart, drawing from the heart, and emerging from the heart to flow and walk like a river.*
- 3. Knowing how to dance. To enter into a cosmotelluric connection and relation, every activity must be carried out with a spiritual dimension.*
- 4. Knowing how to sleep. One has to sleep two days, i.e. before the middle of the night, to have both energies: that of the night and that of the next morning.*
- 5. Knowing how to work. For the indigenous, work is not suffering, it is joy – the activity must be carried out with passion, intensely.*
- 6. Knowing how to meditate. This is an introspection. Silence balances and harmonizes, therefore, the balance is restored from the silence of one and is connected to the balance and silence of the environment, and as a result of this interaction and complementation the calm and tranquility emerge.*
- 7. Knowing how to think. It is reflection, not only from the rational but from the feeling; an Aymara principle says: walk the path of the heart without losing the reason.*
- 8. Knowing how to love and be loved. The complementary process women/men and the respect for everything that exists generates a harmonious relationship.*
- 9. Knowing how to listen. Not only attending with the ears but also perceiving, feeling, listening with the whole body; if everything lives, everything also speaks.*
- 10. Speak well. Before speaking you have to feel and think well; to speak well means building up, encouraging, contributing; lest us remember that everything we speak is written in the hearts of those who hear it, sometimes it is difficult to erase the effect of some words; that's why you have to speak well.*

16 To facilitate the reading, the presentation of some of these principles is summarized and the terms in Aymara have been omitted.



11. *Knowing how to dream. Given that everything starts from the dream, it is the beginning of reality. Through dreams we perceive the life. To dream is to project life.*
12. *Knowing how to walk. There is not fatigue for those who know how to walk. One never walks alone; we always walk whether with the wind, with the Mother Earth, with the Father Sun, with the Mother Moon, with the ancestors and many other beings.*
13. *Knowing how to give and to receive. Recognizing that life brings together many beings and forces. In life everything flows: we give and receive; the interaction of two forces generates life. We must learn to give with blessing, thanking for everything we receive. Thanking is knowing to receive; receive the brightness of the Father Sun, the strength of Mother Earth, flowing as the Mother Water and all that life gives.¹⁷*

These indigenous forms and practices have been and are, consequently, both potent articulators of cultural and ceremonial rituals of convocation and cohesion of communities as spaces of exchange of sociocultural norms. Lest us not forget that indigenous markets, as spaces of sociocultural coexistence, are present much before the Spanish arrived and capitalism tried to appropriate them. In short, the economic aspect is not reduced to a separate sphere. It (re)connects with the social, the community, the cultural, and Nature, without marginalizing the spiritual, which cannot be confused with the religious. And this could be one of the great tasks to think about other worlds, as long as we break down the walls that separate the obligation of the production from the shared consumption – the work of leisure.

It is obvious that these forms of organizing production and consumption generate complications when they are thought of in larger, non-community spaces.¹⁸ One could reflect on the potential of these practices to enrich the productive functioning of a given economy, thinking them from their cultural logic. However, these options could lead to simply trying to adapt – and end up distorting – the Good Living to the dominant business demands of Modernity, not to overcome it, as is the case with “green capitalism.”

In any case, the challenge is to imagine and build economies – always with their corresponding societies – from relationality, reciprocity, solidarity, correspondence and, above all, from harmonies and balances; elements of what we would consider a solidary economy and society.

To draw some lessons that help building the Good Living economy – fully integrated into community life, without any pretension of isolation or superiority –, it is necessary to know the limits of the conventional economy, having as a key reference the bases of the indigenous worldview. Particularly, it will be necessary to assess and understand both what social justice and ecological justice represent, and how intimately interrelated they are since there is not one without the other, and vice versa.

Another economy requires thinking outside the anthropocentrism. We must accept that all beings have equal ontological value, regardless of their “usefulness” or the “work” required for their existence. We need to recognize non-instrumental values in the non-human, overcoming the materialistic

17 It is worth noting the three basic principles of the indigenous movement: *ama killa* or Not being idle, *ama llulla* or Not lying, and *ama shuwa* or Not stealing. Important contributions on this have been made by the Amawtay Wasi Intercultural University (2014), closed by Rafael Correa as it went beyond the criteria established in the neo-development project for modernizing capitalism, which propelled his government.

18 Trying to integrate them into the episteme of conventional micro- or macroeconomics seems impossible because of the epistemological limits of both branches of the so-called “economic science” (Acosa and Cajas Guijarro 2018).



scaffolding of the old economic schools. That is to say this other economy accepts that societies need – like all social formation – production, distribution, circulation, and consumption, to reproduce their material and sociopolitical life. Processes that must be governed by a socio-environmental rationality and not by the capital, which drowns the planet in its own waste (Schuldt 2013).

This Good Living economy demands the de-commodification of common goods and Nature, as well as the recognition of their Rights, to build relationships of harmony with all living beings; the introduction of community criteria to “value” objects; decentralization of the production; profound changes in consumption patterns; radical redistribution of wealth and power, including the distribution and reduction of working time; and many other actions that shall be collectively thought.

Such task involves overcoming the universe as a unifying vision of reality and its perspectives to (re)build the multiverse, which enables many truths, where all the worlds have space, viewing others with dignity.¹⁹

Another crucial point is to recognize that the Good Living cannot be limited to the rural world alone. It is true that some of the basic proposals just mentioned come from there. The current urban spaces, marked by a frenetic and individualistic rhythm, appear distant to a life of solidarity and respect for the environment. A complex issue if, by definition, we accept that there are no sustainable cities.

This is one of the biggest and most difficult challenges: thinking the Good Living for and from cities. There are many options for taking on the challenge. It would be useful to take advantage of the fact that, in Latin America, most city migrants maintain close ties with their communities of origin. In this sense, as an example, groups have been formed to (re)construct Living Well ways in the city of El Alto in Bolivia, for example.

In other parts of the world, there are many interesting practices and proposals for the urban area. As an example of an increasingly larger universe, we highlight the so-called “transition towns,” which aim at providing control to the communities themselves to withstand the challenge of climate change and the construction of an economy freed from dependence on fossil fuels.

Life in the countryside and in the city must be reconnected with practices that generate satisfaction and joy in its execution, from various aspects. This includes rethinking the organization of everyday times, especially transport in cities. And, at this point, it is possible to place leisure in a close connection with work.

Mihaly Csikszentmihalyi, an expert in leisure, states that “when the work is under our control and is the expression of our individuality, the distinction between work and leisure disappears”; even more if such individuality is expressed in community – as community we are. Certainly, this possibility requires overcoming alienating works, with strenuous workdays or deplorable conditions, as well as any job precarization, such as the activity in a mine, for example.

Therefore, the need for a comprehensive review of the times devoted to work emerges. Similarly, one may ask: which social form is implicit in the presumably-democratizing technological advances to which we should all enroll?

For example, in the everyday life many technological “advances” replace the labor force – whether physical or intellectual –, rendering obsolete several workers (Rotman 2017), as well as excluding or

¹⁹ Ashish Kothari, Ariel Salleh, Arturo Escobar, Federico Demaria, Alberto Acosta; “Finding multiversal paths”, Revista Ecuador Debate 103, CAAP, Quito, 2018. The book **Plurivers – A Post-Development Dictionary**, edited by the authors of the cited article, is about to be published.



displacing those who can not access technology. All this redefines the work itself, usually contributing to make it more flexible and almost always generating more exploitation. In addition, we should recover the reflections of Jeremy Rifkin, who prophesied “the end of work” (1995).

As a result of these processes, the human becomes a mere tool for the machine, when the relationship should be inverse (as Karl Polanyi pointed out, we know much more than we can explain and perhaps that knowledge is what distinguishes us from the machines [Ferrás 2017], a similar idea to that included in the “Moravec paradox” [Elliot 2017]).

Although it may be obvious, it is worthy insisting on the “awareness of the time we devote to the consumption of material goods at the expense of relational goods and the time we dedicate to leisure and entertainment” (Schuldt 2013). Such issue is even more complex if analyzed from the technological achievements, which have not caused the desired liberation from alienating work.

John Maynard Keynes, in a remarkable text on the “Economic Possibilities for our Grandchildren” (1930), already anticipated what could result in the advancement of technique:

“We are being afflicted with a new disease of which some readers may not yet have heard the name, but of which they will hear a great deal in the years to come – namely, the technological unemployment. This means unemployment due to our discovery of means of economizing the use of labor outrunning the pace at which we can find new uses for labor”.²⁰

From this perspective, for there to be a technique that includes people to work instead of excluding them, it is necessary to transform the social relations and conditions of production. The goal is for the technique to empower human capabilities, and not to replace them and leave them unemployed on the margins of society. And that laborsaving technical advances – more productivity²¹, traditional economists will say; more exploitation, will say the most critical approaches²² – improve the lives of workers, reducing their working hours.

20 More serious still is to see how recent technological advances have become “a tool capable of controlling crowds with the same effectiveness as individualized control. Technologies that have been developed in recent years, most notably artificial intelligence, go in that direction ... are developed those that are most suitable for the control of large masses,” explains Raúl Zibechi (2018). An example is the Chinese absolute monitoring: its surveillance system came to the facial identification – a science-fiction achievement – and 176 million surveillance cameras have already been installed and, until 2020, they hope to place another 200 million (<https://www.pagina12.com.ar/95490-la-vigilancia-china-no-deja-lugar-sin-monitorear>). Nobody can doubt that we live in times of technological domination, which, according to Zibechi, “is part of the brutal concentration of power and wealth in the states, which are controlled by the richest 1 percent.”

21 Note what Lafargue denounced (1848): “The blind, perverse and homicidal passion of work transforms the liberating machine into an instrument of slavery for free men: their productivity impoverishes them. ... As the machine is perfected and with increasing speed and precision replaces human work, the worker, instead of increasing its rest in the same amount, redoubles even more his effort as if he wanted to rival the machine. Oh absurd and murderous competition!”

22 As Marx (1867) would clearly say: “It is self-evident, that in proportion as the use of machinery spreads, and the experience of a special class of workmen habituated to machinery accumulates, the rapidity and intensity of labor increase as a natural consequence ... So soon as the revolt of the working class compelled State to shorten compulsorily the hours of labor, and to begin by imposing a normal working day on factories proper; so soon as an increased production of surplus value by the prolongation of the working day was once for all put a stop to, from that moment capital threw itself with all its might into the production of relative surplus-value, hastening the further improvement of the capitalist system”.



A crucial point since it is essential to seriously consider the reduction and redistribution of working hours, opening space to socially and culturally productive (and not degrading) occupations. It is time to realize the reflections of Paul Lafargue (1848), John Maynard Keynes (1930), Bertrand Russell (1932), Karl Goerg Zinn (1998), Niko Paech (2012), among others who, from various readings, suggest reducing the labor to 3 or 4 hours a day. Even John Stuart Mill said that

“I confess I am not charmed with the ideal of life held out by those who think that the normal state of human beings is that of struggling to get on; that the trampling, crushing, elbowing, and treading on each other’s heels, which form the existing type of social life, are the most desirable lot of human kind, or anything but the disagreeable symptoms of one of the phases of industrial progress. ... the best state for human nature is that in which, while no one is poor, no one desires to be richer, nor has any reason to fear being thrust back by the efforts of others to push themselves forward.”

Currently, one of the most lucid Latin American thinkers, Enrique Leff, recommends moving to another organization of production and of society itself, assuming these challenges, for what he asks and proposes

“How to deactivate the growth of a process that has, in its original structure and genetic code, an engine that drives it to grow or die? How to carry out such a purpose without generating as a consequence an economic recession with socio-environmental impacts of global and planetary reach? ... this leads to a strategy of deconstruction and reconstruction, not to explode the system, but to re-organize production, to disengage from the gears of market mechanisms, to restore the cracked matter to recycle and reorder it in new ecological cycles. In this sense, the construction of an environmental reasoning capable of deconstructing the economic rationality implies in processes of nature re-appropriation of and cultures reterritorialization.”(2008)

Responding to this challenge is increasingly urgent in industrialized countries, the most responsible for the global environmental debacle. Impoverished countries should not remain in poverty and misery so that the rich countries sustain their unsustainable living standards. That, never. What should be a reason for attention in the South is not to repeat socially and ecologically unsustainable lifestyles. In “underdeveloped” countries, therefore, it is equally urgent to deal with the issue of responsible economic growth. Thus, initially, it is at least opportune to differentiate “good” from “bad” growth; growth that is defined by the corresponding natural and social histories that remain behind, as well as by the future that can be anticipated.

This will not be an easy task.

“Having taught the supreme virtue of hard work, it is difficult for the authorities to aspire to a paradise where there is a lot of free time and a lot of work,” even more so when one considers “the virtue of hard work as an end in itself, more than a means to achieve a state of affairs in



which work was no longer necessary.” And in tis world of “hard work” in the end “we attach too little importance to enjoyment and simple happiness, and we do not judge production for the pleasure it gives to the consumer” (Russel 1932).

This concern was exposed by Keynes in 1930,

“there is no country and no people, I think, who can look forward to the age of leisure and of abundance without a dread. For we have been trained too long to strive and not to enjoy. It is a fearful problem for the ordinary person, with no special talents, to occupy himself, especially if he no longer has roots in the soil or in custom or in the beloved conventions of a traditional society”.

And this approach to the subject produced an exciting and controversial refutation to the supposed right to work, a claim – now little known – by a society of abundance and enjoyment, freed from the slavery of work:

“Work, work, proletarians, to increase the social fortune and your individual miseries; work, work so that, by becoming poorer and poorer, you have more reason to work and to be miserable. Such is the inexorable law of capitalist production,” Paul Lafargue claimed in “The Right To Be Lazy” (1848).

This task implies a long-term effort and profound transformations, within the framework of multiple transitions²³, whose connotations will acquire a growing urgency as the critical conditions unleashed nationally and internationally, socially, ecologically, and even economically, deepen. Gradually, the current lifestyle of the elites must be revised, as it serves as a guideline for most of the population. A review that will have to process, on a basis of real equity, the reduction of working time and its redistribution²⁴, as well as the collective redefinition of needs according to satisfiers adjusted to the availability of the economy and Nature.²⁵ Sooner rather than later, even in the same “underdeveloped” countries (not to say in the “developed”), sufficiency will have to be prioritized as long as one looks for what is really needed, instead of an ever greater efficiency – from an uncontrolled one competitiveness and a runaway consumerism – that will end up destroying Humanity.

In short, individuals and communities must “exercise their capacity to live differently” (all in dignity, in harmony with Nature, NdA), as states the German Niko Paech – an economist who outlines the path towards “a post-growth economy” with the title “Liberation from the superfluous” (Befreiung vom Überfluss, 2012); a proposal created from below, by individuals and communities

23 Each time there are new and more concrete elements of how to generate those transitions that, incidentally, will be adjusted to the respective territories and times. Among others, we can mention and recommend the proposals of Christian Felber (2012) on how to change capitalist enterprises towards an economy of the common good. It is necessary to build, as recommended by Eduardo Gudynas, clear and precise transitions from utopian horizons such as the Good Living.

24 See the reflections of Karl-Georg Zinn (1998), Professor at the Technical University of Aachen, which aim at generating employment from the redistribution of work, for example.

25 Remember that the needs are limited, classifiable and finite, whereas the satisfiers are unlimited: Max-Neef, Elizalde and Hopenhayn (1986).



that pressure the governments to include them in their policies. In line with this are the proposals of Pierre Rabhi (2013), a farmer, thinker and French writer of Algerian origin, who invites us to walk towards a society of “happy sobriety.” The countries, of course, must “learn to live with us, by us and for us,” as recommended by the Argentine Aldo Ferrer, reducing the harmful dependence on the external market.²⁶

In short, the task is to rethink the world of work, linking it with other worlds that should never be isolated. Moreover, in that endeavor, it is also necessary to rethink leisure, not to regulate it but to liberate it; not to make it a business but to decommodify it by expanding its collective, creative, and playful potential, diversifying it from the enormous cultural diversity of the world.

And it is in the Good Living that people can organize themselves to recover and take control of their own lives, work, and leisure. But that is not all. It is no longer just a matter of defending the labor force and recovering the surplus labor time for the workers, that is, of opposing the exploitation of the labor force by recovering the right to leisure as a Human Right. At stake is, in addition, the defense of life against anthropocentric schemes of socioeconomic organization, which destroy the planet via environmental degradation and depredation. Exploitation, both to Nature and to mankind, is inadmissible.

The foregoing shows how urgent it is to overcome the divorce between Nature and Humanity, as well as the divorce between alienating production and emancipatory leisure. Such a historical change is humanity’s greatest challenge if it does not want to end its days amidst barbarism, madness, and collective suicide.

A short reflection for the reinvention of the future

“A strange madness has taken over the working classes of the countries in which the capitalist civilization rules. Such madness is responsible for the individual and social miseries that, since at least two centuries, torture the sorrowful mankind. This madness is the love of work, the dying passion of labor, which leads to the depletion of vital forces of the individual and its offspring.

Instead of reacting against such mental aberration, priests, economists and moralists have sacro-sanctified the work”

Paul Lafargue (1848)

This whole text smells like utopia, and that is what it is about. One must write all the possible drafts of a utopia to be built. A utopia that criticizes the reality, based on the Good Living. A possible utopia that, being a solidary and sustainable life project, should be an alternative imagined collectively, politically conquered and built, run by democratic actions at all times and circumstances. The aim is at overcoming the misery of modernization, so miserable that is already leading us to the modernization of misery.

26 The words of John Maynard Keynes (1933) make much sense when he says “I sympathize, therefore, with those who would minimize, rather than with those who would maximize, economic entanglement among nations. Ideas, knowledge, science, hospitality, travel – these are the things which should of their nature be international. But let goods be homespun whenever it is reasonably and conveniently possible and, above all, let finance be primarily national”



Such task includes giving way to thousands of different alternative, non-capitalist practices, many already in existence throughout the planet. There are many options oriented by utopian horizons that advocate a life with harmony among human beings and between mankind and Nature. In this context, degrowth and post-extractivism are closely tuned (Acosta and Brand 2017).

To promote this “great transformation,” there are these specific practices, not merely theories. In addition, there are several options of action proposed on a global level.²⁷ And, in this multiple effort, there is much to learn from the Good Living.

Ultimately, we must question the failed attempt to promote “progress” as a global mandate and as a unilinear path in its productivist drift, and “development” as a single direction, above all its mechanistic vision of economic growth. It is not about re-editing the supposedly successful examples of “developed” countries. First, that is not possible. Second, they are not really successful. Third, the mere attempt is leading us to a catastrophe.

The Good Living potential, in a broad context – both national and international –, lies in the possibilities for dialogue it opens. Its contribution, in particular, could be in the collective construction of bridges between ancestral and modern knowledge. For this, nothing better than a frank and respectful debate that has already started.

What matters now is to break distances. This is nonetheless obvious if we consider that Modernity – capitalism, in short –, is the synthesis of civilizations founded on the domination of human beings and Nature, especially in patriarchy, racism and coloniality. Those alternative visions that denounce and confront the oppressive logics of capital could be summarized in the Good Living.

Thus, it is necessary to establish a respectful and constructive relationship between those who are entrenched in defending their vision of Good Living as a closed concept, the authentic one, and those who seek to transform it into an open concept, which emerges by recovering the fundamental axes of those thousand-year cultures of indigenous peoples. On one side of the road appears a concept, in full reconstruction, which is extracted from ancestral knowledge, in some cases looking too much into the past. On the other side of the (same) road, the concept, also in (re)construction, is assumed by looking to the future. Perhaps the potential lies in those in the past looking something more to the future (and present) and those in the future who provide a less pietistic vision of the past.

We insist that the Good Living proposals coming from the Andean-Amazonian indigenous world are not the only alternatives with capacity for change. There are many others. Hence, the historical demand lies in adding multiple proposals for community life, such as those of the Zapatistas, as well as a multiplicity of feminist, rural, and environmentalist struggles (Acosta and Machado 2012), among others. There is a multiplicity of meeting points with the actions of the “degrowth” movement.²⁸

The task is not easy. Overcoming dominant visions and building new life choices will take time. It will have to be done on the fly, relearning, unlearning, and learning to learn simultaneously. This demands a great deal of perseverance, will and humility; and, above all, a lot of creativity and more and more joy.

27 The proposal to leave the oil in the subsoil in the Ecuadorian Amazon: the Yasuní-ITT Initiative, was and continues to be a great example of global action, arising from the civil society of a small country such as Ecuador (Acosta 2014).

28 Federico Demaria, Francois Schneider, Filka Sekulova, Joan Martínez-Alier; “What is degrowth? From an activist slogan to a social movement,” *Revista Ecuador Debate* 103, CAAP, Quito, 2018.



The Good Living, as we said, must be assumed as a category in permanent construction and reproduction. It is not a static or retrograde concept. The Good Living is, in short, a central category of what could be understood as “the philosophy of life” of many indigenous societies that are not (fully) inserted or that refuse to enter Modernity. And, from that perspective, a proposal with global potential is projected, although historically it has been marginalized.

To conclude, lest we remember that the Good Living regards the community as the harmonious conjunction of the living, the ancestors, and the future generations. And from this harmony, linked to Mother Earth, the preservation of life is assured. Thus the concept of life is extended to the environment and to our grandchildren. Human beings, as nature, are not isolated individuals; we are a social and natural community. This leads us to a reunion with Nature and with the community, it encourages us to take the civilizational leap that demands the full validity of Human Rights, in close communion with the Rights of Nature. A civilizing leap where the alienating and “commercial leisure” is replaced by the “emancipatory leisure”.

Bibliography

- Acosta, Alberto (2018): “Repensando nuevamente el Estado ¿Reconstruirlo u olvidarlo”, varios autores, **América Latina: Expansión capitalista, conflictos sociales y ecológicos** (2018), Universidad de Concepción, Chile.
- Acosta, Alberto; **El Buen Vivir Sumak Kawsay, una oportunidad para imaginar otros mundos**, ICARIA, (2013), a partir de una edición preliminar en Abya-Yala Ecuador (2012). (Este libro ha sido editado en ediciones revisadas y ampliadas continuamente, en francés - Utopia 2014, en alemán - Oekom Verlag 2015, en portugués - Editorial Autonomia Literária y Editorial Elefante 2016, en holandés - Uitgeverij Ten Have 2018).
- Acosta, Alberto (2014); “Iniciativa Yasuní-ITT - La difícil construcción de la utopía” <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=180285>
- Acosta, Alberto (2012); “Riesgos y amenazas para el Buen Vivir”, en la Revista Ecuador Debate N° 84, CAAP, Quito, 2012.
- Acosta, Alberto y Machado, Decio (2012); “Movimientos comprometidos con la vida. Ambientalismos y conflictos actuales en América Latina, en la *Revista Colección OSAL*, CLACSO, Buenos Aires.
- Acosta, Alberto y Cajas Guijarro, John (2018); “Reflexiones sobre el sin-rumbo de la economía - De las “ciencias económicas” a la posteconomía”, Revista Ecuador Debate 103, CAAP, Quito, 2018.
- Acosta, Alberto y Brand, Ulrich (2017); **Salidas del laberinto capitalista – Decrecimiento y Postextractivismo**, ICARIA, Barcelona, con ediciones publicadas en Argentina (2017), Ecuador (2017), Alemania (2018).
- Csikszentmihalyi, Mihaly (2001); “Ocio y creatividad en el desarrollo humano”, en varios autores y autoras; **Ocio y Desarrollo – Potencialidades del Ocio para el Desarrollo Humano**, Universidad de Deusto, Bilbao.
- Daly, Herman E. (Comp) (1990); **Economía, ecología, ética – Ensayos hacia una economía en estado estacionario**, Fondo de Cultura Económica, México.
- D’Alisa, Giacomo; Demaria, Federico; Kallis, Giorgios, editores (2015); **Decrecimiento. Vocabulario para una nueva era**, ICARIA, Barcelona.
- De la Torre, Luz Marina, y Peralta S., Carlos (2004); **La reciprocidad en el Mundo Andino**. Abya-Yala e ILDIS, Quito.
- Demaria, Fedetrico; Schneider, Francois; Sekulova, Filka; Martínez-Alier, Joan (2018); “¿Qué es el decrecimiento? From an activist slogan to a social movement,” Revista Ecuador Debate 103, CAAP, Quito, 2018.



- Escobar, Arturo (2014); **Sentipensar con la tierra – Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**, Ediciones Unaula, Medellín.
- Elliot, Larry (2017); “Moravec’s Paradox of Artificial Intelligence and a Possible Solution by Hiroshi Yamakawa with Interesting Ethical Implications”, <https://e-discoveryteam.com/2017/10/29/moravecs-paradox-of-artificial-intelligence-and-a-possible-solution-by-hiroshi-yamakawa-with-interesting-ethical-implications/>
- Esterman, Josef (2014); “Ecosofía andina – Un paradigma alternativo de convivencia cósmica y de vida plena”, en el libro **Bifurcación del Buen Vivir y el sumak kawsay**, Ediciones SUMAK, Quito.
- Felber, Christian (2012). **Gemeinwohl – Ökonomie – Eine demokratische Alternative wächst**, Deuticke, Wien. Publicado también en español **La economía del bien común**. Deusto S.A. Ediciones.
- Ferrás, Xavier (2017); “Inteligencia Artificial y el poder de saber más de lo que puedes explicar”, <https://www.sintetia.com/inteligencia-artificial-y-el-poder-de-saber-mas-de-lo-que-puedes-explicar/>
- Giraldo, Omar Felipe (2014); **Utopías en la era de la supervivencia – Una interpretación del Buen Vivir**, Editorial ITACA, México.
- Gorz, André (2008); **Crítica de la razón productivista**, La Catarata, Madrid.
- Gudynas, Eduardo (2014); “Buen Vivir: sobre secuestros, domesticaciones, rescates y alternativas”, en el libro **Bifurcación del Buen Vivir y el sumak kawsay**, Ediciones SUMAK, Quito.
- Gudynas, Eduardo y Alberto Acosta (2011); “El buen vivir o la disolución de la idea del progreso”, en Mariano Rojas (coordinador) del libro **La medición del progreso y del bienestar – Propuestas desde América Latina**, Foro Consultivo Científico y Tecnológico de México, México.
- Helfrich, Silke y Fundación Heinrich Böll (2012); **Commons – Für eine neue Politik jenseits von Markt und Staat**, transcript Verlag, Bielefeld.
- Huanacuni Mamani, Fernando (2010); **Vivir Bien / Buen Vivir Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales**, Convenio Andrés Bello, Instituto Internacional de Investigación y CAOI, La Paz.
- Houtart, François (2011). “El concepto del sumak kawsay (Buen Vivir) y su correspondencia con el bien común de la humanidad”, **Revista Ecuador Debate** N° 84, CAAP, Quito.
- Illich, Iván (2015); **Obras reunidas**, Fondo de Cultura Económica, México.
- Keynes, John Maynard (1933); “*Autosuficiencia Nacional*”, **Revista Ecuador Debate** N° 60, CAAP, Quito diciembre 2003.
- Keynes, John Maynard (1930); “Posibilidades económicas de nuestros nietos”, *Economic Possibilities for our Grandchildren*, en: **Essays in Persuasion**, New York: W. W. Norton & Co., 1963, pp. 358-373.
- Kothari, Ashish; Salleh, Ariel; Escobar, Arturo; Demaria, Federico; Acosta, Alberto (2018); “Encontrando senderos pluriversales”, **Revista Ecuador Debate** 103, CAAP, Quito, 2018.
- Kothari, Ashish; Demaria, Federico; Acosta, Alberto; “Buen Vivir, Degrowth and Ecological Swaraj: Alternatives to sustainable development and the Green Economy”, **Development** 57.3/4
- Lafargue, Paul (1848); **El derecho a la pereza** (2011), Editorial: MAIA EDITORES, Madrid.
- Leff, Enrique (2010); “Imaginario social y sustentabilidad”, en la revista **Cultura y representaciones sociales**, vol. 5 núm. 9 México: UNAM.
- Leff, Enrique (2008); “*Decrecimiento o deconstrucción de la economía*”, revista virtual **Peripecias** N° 117, 8 de octubre.
- Martínez Alier, Joan (2008); Decrecimiento sostenible, **Revista Ecología Política**, No 35, ICARIA.
- Max-Neef, Manfred (1993); “Una manera estúpida de vivir”, en Manfred Max-Neef (2017); **Economía herética – Treinta y cinco años contracorriente**, ICARIA, Barcelona.



- Max-Neef Mandred, Antonio Elizalde, Martín Hopenhayn (1986); **Desarrollo a escala humana: una opción para el futuro, Development Dialogue**, número especial, CEPANUR, Fundación Dag Hammarskjöld.
- Marx, Karl (1844); **El poder del dinero** en **Manuscritos Económicos y filosóficos**. En Marx, K. y Engels, F., *Collected Works Vol. 3* (pp.322-326). International Publishers. Nueva York.
- Marx, Karl (1867); **El Capital. Tomo I. El proceso de producción del capital**. Fondo de Cultura Económica, México.
- Oviedo Freire, Atawallpa (2011); **Qué es el sumakawsay – Más allá del socialismo y capitalismo**, Quito.
- Quisantuña Sisa, Mirian Imelda (2011); "Prácticas sociales y culturales de las comunidades andinas, una propuesta en la consolidación de economía social y solidaria", monografía en el curso de economía social y solidaria, FLACSO, Quito.
- Papa Francisco (2015); **Encíclica Laudato Si**.
- Polanyi, Karl (1944); **La gran transformación – Los orígenes políticos y económicos de nuestro tiempo**, México, Fondo de Cultura Económica.
- Pueblo de Sarayaku (2018); **Declaración del Kawsak Sacha / Selva Viviente**", Sarayaku.
- Quijano, Aníbal (2014); **Cuestiones y Horizontes – Antología Esencial – De la dependencia histórica-estructural a la colonialidad/decolonialidad del poder**, CLACSO, Buenos Aires.
- Rahbi, Pierre (2013); **Hacia la sobriedad feliz**, Errata Natrae, Madrid.
- Rifkin, Jeremy (1995); **The End of Work: The Decline of the Global Labor Force and the Dawn of the Post-Market Era**, Putnam Publishing Group.
- Roegen, Nicholas Georgesku (1971); **The Entropy Law and the Economic Process**, Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts.
- Rotman, David (2017); "El ritmo implacable de la automatización (y el futuro del empleo)", MIT Technology Review, publicado por Opinno. <https://www.technologyreview.es/s/6783/el-ritmo-implacable-de-la-automatizacion-y-el-futuro-del-empleo>
- Russel, Bertrand (1932); "Elogio de la ociosidad", Universidad Complutense de Madrid: <http://webs.ucm.es/info/bas/utopia/html/russell.htm>
- Sachs, Wolfgang (2017); "The Sustainable Development Goals and Laudato si': varieties of Post-Development?", **Third World Quarterly**, 38:12, 2573-2587.
- Sachs, Wolfgang (1992); - Sachs, Wolfgang (1992); **The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power**, Zed Books, London.
- Schuldt, Jürgen (2013); **Civilización del desperdicio - Psicoeconomía del consumidor**. Universidad del Pacífico, Lima.
- Solón; Pablo (2016); **¿Es posible el Buen Vivir?, Reflexiones a Quema Ropa sobre Alternativas Sistémicas**, Fundación Solón, La Paz.
- Tortosa; José María (2011); **Maldesarrollo y mal vivir – Pobreza y violencia escala mundial**, en Acosta, Alberto y Martínez, Esperanza (editores), serie Debate Constituyente, Abya-Yala, Quito.
- Unceta, Koldo; (2018); "Alcance y vigencia del postdesarrollo: de la crítica del desarrollo al debate sobre las transiciones", **Revista Ecuador Debate 103**, CAAP, Quito, 2018.
- Unceta, Koldo (2014); **Desarrollo, postcrecimiento y Buen Vivir – Debates e interrogantes**, en Acosta, Alberto y Martínez, Esperanza (editores), serie Debate Constituyente, Abya-Yala, Quito.
- Universidad Intercultural Amawtay Wasi (2004), **Aprender en la sabiduría y en el Buen Vivir**, Quito (Publicada en tres idiomas: kechwa, español e inglés).
- Zibechi, Raúl (2018); "El siglo del control de las masas", <http://www.jornada.com.mx/2018/02/16/opinion/019a1pol>
- Zinn, Karl George (1998); "Machtfrage Vollbeschäftigung", en la revista **Sozialismus** N° 3.



EL BUEN VIVIR COMO EMANCIPACIÓN Hacia la superación del ocio mercantil

Alberto Acosta¹

19 de septiembre del 2018

“La libertad, Sancho, es uno de los más preciosos dones que a los hombres dieron los cielos; con ella no pueden igualarse los tesoros que encierra la tierra ni el mar encubre; por la libertad así como por la honra se puede y debe aventurar la vida, y, por el contrario, el cautiverio es el mayor mal que puede venir a los hombres.”

**Don Quijote de la Mancha
II Parte, Cap. LVIII**

El punto de partida

“El tiempo libre es esencial para la civilización, y, en épocas pasadas, sólo el trabajo de los más hacía posible el tiempo libre de los menos. Pero el trabajo era valioso, no porque el trabajo en sí fuera bueno, sino porque el ocio es bueno. Y con la técnica moderna sería posible distribuir justamente el ocio, sin menoscabo para la civilización.”

**Bertrand Russel
Elogio de la Ociosidad (1932)**

Luego de constatar crecientes y graves problemas sociales -particularmente económicos, culturales y ambientales-, en diversas partes se cuestionan cada vez más las ideas convencionales del progreso y de su principal vástago, el desarrollo (Gudynas y Acosta 2011). Incluso varios “grandes logros tecnológicos” son insuficientes -y hasta contraproducentes- para resolver los graves problemas de la Humanidad. Los resultados están a la vista y, por supuesto, los retos también.

Esos “logros” del progreso crean violencias múltiples, propias de un sistema que ahoga toda dimensión vital. Productivismo y consumismo, alentados desde el ansia de lucro incesante, el patológico “amor al dinero”² y al poder que éste representa³, crean una “civilización del desperdicio” (Schuldt 2013) destinada al abismo. Sin duda ésta es “la era de la supervivencia” (Giraldo 2014), donde

1 Economista ecuatoriano. Profesor universitario. Ex-ministro de Energía y Minas. Ex-presidente de la Asamblea Constituyente. Ex-candidato a la Presidencia de la República.

NOTA: Este trabajo sintetiza varios aportes sobre el tema del autor de estas líneas, que ya han sido publicados.

2 “El amor al dinero como posesión – a diferencia del amor al dinero como medio para los goces y realidades de la vida – será reconocido por lo que es, una morbosidad más bien repugnante, una de esas propensiones semi-criminales, semi-patológicas de las que se encarga con estremecimiento a los especialistas en enfermedades mentales”. Keynes (1930)

3 “La inversión y confusión de todas las cualidades humanas y naturales, la conjugación de las imposibilidades; la fuerza divina del dinero radica en su esencia en tanto que esencia genérica extrañada, enajenante y autoenajenante del hombre. Es el poder enajenado de la humanidad”. Marx (1844).



la especie humana se juega su futuro en cada paso. Un acertijo de escasas soluciones, peor si se confirma que

“la estupidez es una fuerza cósmica democrática. Nadie está a salvo. Y ya sea en el norte, el sur, el este o el oeste, cometemos las mismas estupideces una y otra vez. Parece existir algo que nos hace inmunes a la experiencia” (Max-Neff 1993).

Urge entonces recuperar la capacidad de valorar y extraer conclusiones de la experiencia. Tanto para no repetir las mismas estupideces, como para guiar nuestro andar ante los retos actuales. Por ejemplo, la experiencia de otras realidades puede ayudarnos a despertar del alocado tránsito al abismo que recorreremos de la mano de un crecimiento económico que, cual religión, mueve a los pueblos. Y desde la orilla de las propuestas, urge conocer y recuperar ideas, valores, experiencias y prácticas de vidas armoniosas, que -en su mayoría- nacen de la larga memoria de las comunidades indígenas.

Ante una vida humana en peligro, es crucial el reencuentro con aquellos grupos cuya existencia se sustenta en la armonía y el equilibrio en sus relaciones sociales y respetando los ciclos ecológicos. Estas realidades, invisibilizadas hasta no hace mucho, contrastan con un mundo moderno donde la sed de “progreso” y “desarrollo” es responsable directa de las complejas y graves crisis que aquejan a la Humanidad.

Por eso, desde muchos sectores y lugares, emergen alternativas que rebasan a la Modernidad y sus conceptos y donde la vida digna (humana y no humana) es central; vida digna alcanzable solo en libertad, sin esclavitud directa o indirecta, donde el goce de la cotidianidad no esté fragmentado entre el trabajo obligatorio y el ocio mercantil.

¿Será posible aprender de las visiones, valores, experiencias y prácticas de otras formas de vida para construir un mundo en donde quepan todos los mundos en equilibrio y libertad? ¿Podremos pensar en un mundo del Buen Vivir⁴, en donde los equilibrios sociales y la armonía ecológica formen una sola unidad?

Para intentarlo el primer paso es reconocer nuestra propia estupidez.

La estúpida inercia de una cruzada fallida

“El engaño y la desilusión, los fracasos y los crímenes han sido compañeros permanentes del desarrollo y cuentan una misma historia: no funcionó. Además, las condiciones históricas que catapultaron la idea hacia la prominencia han desaparecido: el desarrollo ha devenido anticuado. Pero sobre todo, las esperanzas y los deseos que dieron alas a la idea están ahora agotados: el desarrollo ha devenido obsoleto.”

Wolfgang Sachs (1992)

Atrás quedan las promesas del “desarrollo”, nutridas de uno de los corazones de la Modernidad: el “progreso”. Cada vez más se desvanecen las ilusiones nacidas -con inusitada fuerza- del discurso del presidente de los Estados Unidos, Harry Truman, un 20 de enero de 1949. Son ya 70 años de una cruzada incesante y frustrante.

⁴ Consultar a más de los textos de Acosta, entre otros, en Oviedo Freire 2010; Huanacuni Mamani 2010; Houtart 2011; Giraldo 2014; Esterman 2014; Gudynas 2014; Solón 2016.



Aunque los cuestionamientos surgieron casi desde el inicio de esta cruzada, y que sus inocultables limitaciones se siguen intensificando, la búsqueda del “desarrollo” persiste. Se oscila desde los economicismos que igualan “desarrollo” con crecimiento del PIB a visiones más complejas como del “desarrollo a escala humana” o del “desarrollo sustentable”, por citar apenas un par. En todos los casos el problema no son los senderos escogidos, sino el concepto mismo de “desarrollo” que lleva a un camino sin salida. Y, mientras el desencanto florece, emergen con creciente fuerza discusiones y propuestas encaminadas a construir un el post-desarrollo (sintetizado claramente por Koldo Unceta 2014, buscando enlazar este debate con los aportes del Buen Vivir).

Lo que interesa ahora es criticar al concepto mismo de “desarrollo”, una entelequia que -perversamente- norma y rige la vida de gran parte de la Humanidad que jamás alcanzará ese tan ansiado fin.

Es desolador, pero la utopía de nuestro tiempo es un “desarrollo” inalcanzable para todos, por más veloz que se corra. Además, en esa atolondrada carrera se perdió mucho, como las tradicionales tareas diarias de las comunidades indígenas para que éstas devengan en mano de obra para el capitalismo o para permitir la masiva extracción de recursos naturales hacia el mercado mundial. La vida comunitaria fue mirada -y sigue siendo vista- como ociosa y causante de la pobreza y el “subdesarrollo”.

La tarea de transformar en “productivos” a los miembros de las comunidades y en mercancía a la Naturaleza contiene violencias múltiples, tanto materiales como simbólicas, que golpean a cuerpos y territorios por igual. Había que producir para el mercado, sobre todo mundial. Había que generar ingresos para superar la miseria. Y todo desde la visión de un mundo individualista, productivista, consumista, extractivo...

El saldo es evidente:

“Ha medida que ha aumentado la producción mundial también –o precisamente debido a ello- el consumo de bienes materiales se ha ido convirtiendo crecientemente en un fin en sí, por no decir en la meta última de los consumidores en las economías de mercado. Lo que nos llevará a preguntarnos si con ello, aparte de la dilapidación de recursos en un planeta finito, no estaríamos sacrificando también la libertad, el bienestar y la felicidad de la gente, contrariamente a quienes postulan –comenzando por la gran mayoría de economistas ortodoxos- que esos fines están positivamente correlacionados con el consumo creciente de bienes y servicios, entendidos como satisfactores de determinadas necesidades” (Schuldt 2013).

Sin duda persisten plagas como la pobreza, la miseria, las inequidades y el “subdesarrollo”. Pero también -y simultáneamente- aquellos países que se asumen “desarrollados” están presos en la trampa del “progreso”. Basta ver las graves contradicciones, conflictos y dificultades en los Estados Unidos, Europa o Japón, como: crecientes brechas entre ricos y pobres; insatisfacción inclusive en los beneficiarios de una mayor acumulación material; incapacidad de responder a un desempleo persistente, crítico e irresoluble desde las herramientas tradicionales; continuidad de una feroz destrucción de la Naturaleza. Y aquellos “éxitos” de los últimos años caminan también hacia el mismo naufragio programado, como sucede en China o la India.

En medio de esta vorágine de la Modernidad, se ha ido transformando el fenómeno del “ocio”. En vez de expresar libertad y autonomía, el “ocio” vilmente devino en un espacio mercantil de la vida misma, otro más de los tantos espacios mercantiles creados por el capital. De ser una parte integral



de la vida en muchas comunidades, un momento de creatividad y celebración de lo sagrado, el “ocio” pasó a ser un mero espacio de descanso para reponer la fuerza de trabajo y seguir produciendo. En las sociedades atormentadas por el productivismo y el consumismo, el “ocio” hasta es un caldo de cultivo de crecientes frustraciones y alienaciones, lleno de diversiones pasivas que habitualmente no demandan -ni valoran- el uso de nuestros recursos físicos ni mentales. Es más, ahora el “ocio” es uno de los mayores negocios del mundo pues convoca a millones de personas, movilizandocantidades enormes de capital. Y, para colmo, ese “ocio” refleja su “utilidad” con la “métrica del placer” propia de los economistas neoclásicos (nacida desde el utilitarismo y hasta del hedonismo). Por eso el “ocio”, en tanto mercancía de consumo, es también objeto de políticas estatales donde se lo planifica, organiza e instrumenta como herramienta para controlar y disciplinar la sociedad: el “pan y circo” del Imperio romano se reproduce -a escala ampliada- con la velocidad e intensidad de los “logros” tecnológicos y de la acumulación del capital.

Así, el “ocio mercantil” es un reflejo más de un mundo “maldesarrollado” (Tortosa 2010). Un mundo donde “trabajo” y “ocio” terminan igualmente alienados.

¿Qué entendemos por Buen Vivir?

“En este contexto, caben algunas precisiones sobre el concepto del Sumak Kawsay. A partir de nuestras vivencias, podemos decir que se trata de un concepto que es la columna vertebral en el sistema comunitario.

Es una construcción colectiva a partir de las formas de convivencia de los seres humanos, pero ante todo, en coexistencia con otros elementos vitales, donde se constituyen las condiciones armónicas entre los seres humanos, la comunidad humana y las otras formas de existencia en el seno de la Madre Naturaleza. Desde nuestra comprensión, la vida es posible, en tanto existe la relación y la interacción de todos los elementos vitales.”

Luis Macas Ambuludi

Líder indígena

Sin negar otros aportes, en muchos saberes indígenas -fuentes insoslayables del sumak kawsay (traducido en Ecuador como Buen Vivir y en Bolivia como Vivir Bien)- no existe una idea análoga al “desarrollo”. No hay una concepción lineal de la vida que establezca un estado anterior y posterior, a saber, de “subdesarrollo” y “desarrollo”; dicotomía por la que deberían transitar personas y países para conseguir el bienestar, como ocurre en Occidente. Tampoco existen conceptos análogos a “riqueza” y “pobreza” vistos como acumulación y carencia material. Asimismo, el ser humano es visto como un actor más en la Naturaleza, y no como “su corona”.

El principio que inspira al Buen Vivir⁵ es la armonía o, si se prefiere, el equilibrio (sin ser la contraposición de fuerzas opuestas, como se vería a la luz del Iluminismo). Equilibrio y armonía en la vida del ser humano consigo mismo, en los individuos en comunidad, entre comunidades, a

5 Las expresiones más conocidas del Buen Vivir o Vivir Bien, remiten a conceptos existentes en lenguas indígenas de América Latina, tradicionalmente marginados, pero no desaparecidos: *sumak kawsay* o *allí kawsay* (en kichwa), *suma qamaña* (en aymara), *ñande reko* o *tekó porã* (en guaraní), *pénker pujústin* (shuar), *shiir waras* (ashuar) entre otras. Existen nociones similares en otros pueblos indígenas, por ejemplo: mapuches de Chile, *kyme mogen*; kunas de Panamá, *balu wala*; miskitus en Nicaragua, *laman laka*; así como otros conceptos afines en la tradición maya de Guatemala y en Chiapas de México.



pueblos y naciones. Y todos, individuos y comunidades, viviendo en armonía con la Naturaleza. Somos Naturaleza, o como diría el Papa Francisco (2015)

“cuando se habla de «medio ambiente», se indica particularmente una relación, la que existe entre la Naturaleza y la sociedad que la habita. Esto nos impide entender la Naturaleza como algo separado de nosotros o como un mero marco de nuestra vida. Estamos incluidos en ella, somos parte de ella y estamos interpenetrados.”

En esta concepción de vida la relacionalidad es preponderante, pues el mundo posee un incesante y complejo flujo de interacciones e intercambios: todo se relaciona con todo. Dar y recibir, desde infinitas reciprocidades, complementariedades y solidaridades, es la base del Buen Vivir. Las festividades, como manifestaciones extraordinarias de la cotidianidad, son momentos para disfrutar de forma más intensa la vida al compartir en comunidad lo sagrado de la Naturaleza e incluso al redistribuir el bienestar acumulado inequitativamente.

Es decir, el Buen Vivir asume la postura ética que debe regir la vida humana: cuidar de sí mismo y de los demás seres (humanos y no humanos), buscando siempre equilibrios que aseguren el fluir de la vida. Un mundo inspirador de armonías y equilibrios, donde la vida está por sobre cualquiera otra consideración.⁶ En términos políticos, diríamos que el Buen Vivir busca reproducir la vida y no el capital.

Si bien el Buen Vivir debe comprenderse desde diferentes enfoques y visiones evitando homogenizaciones -pues restringen las visiones y comprensiones de los otros-, el núcleo de los debates encierra lo holístico de ver a la vida como relación, relación del ser humano consigo mismo y con otros seres humanos y no humanos: la Pachanama (Madre Tierra), en una permanente complementariedad entre los unos y los otros.

Una lectura muy clara es la que ofrece -desde la Amazonía- el pueblo kechwa de Sarayaku al presentar su propuesta de kawask-sacha o selva viviente:

“KAWSAK SACHA es un ser vivo, con conciencia, constituido por todos los seres de la Selva, desde los más infinitesimales hasta los seres más grandes y supremos; incluye a los seres de los mundos, animal, vegetal, mineral, espiritual y cósmico, en intercomunicación con los seres humanos brindando lo necesario para revitalizar sus facetas emocionales, psicológicas, físicas, espirituales y restablecer la energía, la vida y el equilibrio de los pueblos originarios.”

Tal cosmovisión debe analizarse desde la historia y el presente de los pueblos indígenas, como parte de su continuidad histórica. Aquí pasado y futuro se funden en un presente de (re)conocimiento y (re)construcción de alternativas alterativas, atado a sus luchas de resistencia frente a interminables procesos de conquista y colonización. En definitiva lo que cuenta es recuperar, sin idealizaciones, el proyecto colectivo de futuro de la comunidad indígena con una clara continuidad desde su pasado.

Estas utopías andinas y amazónicas -posibles y realizadas- se plasman en su discurso, en sus proyectos políticos y especialmente en sus prácticas sociales y culturales, inclusive económicas. Aquí radica una de las mayores potencialidades del Buen Vivir: aprehender las experiencias de

⁶ Una conclusión que podríamos ampliar también a la Encíclica Laudato del Papa Francisco. La discusión que abrió esta Encíclica -marginada por los grandes medios de comunicación- abre la puerta a aproximaciones muy interesantes, para muestra el texto de Wolfgang Sachs (2017).



pueblos que viven con dignidad y armonía desde tiempos inmemoriales, pero –insistamos– sin idealizar la realidad indígena.

Actualmente el mundo indígena sigue siendo víctima de dominación, explotación y represión propios de la larga noche colonial, cuyas sombras aún oscurecen nuestros días republicanos sea con gobiernos neoliberales o progresistas. La influencia colonial y capitalista está presente y se filtra cada vez más a través de múltiples formas en su mundo, lo que exige evitar las aproximaciones románticas a la realidad indígena.⁷

*Entonces, esta aproximación a las experiencias indígenas no está exenta de conflictos, aproximaciones excluyentes e inclusive dogmáticas. Ese riesgo emerge cuando se busca diferenciar y separar al Buen Vivir de su original *sumak kawsay*. Si bien esta aproximación diferenciada permite conocer mejor lo que representa el Buen Vivir en las comunidades indígenas, ningún diálogo de saberes y conocimientos –urgente para la Humanidad– se puede dar desde posiciones dogmáticas y aislacionista.*

Sin negar las especificidades de los mundos indígenas de Nuestra América, es necesario complementar y ampliar sus conceptos y vivencias con otros discursos, propuestas y prácticas nacidas desde diversas regiones del planeta, espiritualmente emparentadas en su lucha por una transformación civilizatoria. ¿Cómo propiciar y enriquecer dicho diálogo, incluso con otras alternativas que disputan el sentido histórico en los márgenes de la Modernidad?, he ahí uno de los grandes retos.

Aquí cabe notar que, mientras gran parte de las posturas convencionales sobre “desarrollo” e incluso muchas corrientes críticas nacen de conocimientos propios de la Modernidad, las visiones alternativas que alimentan al Buen Vivir son alterativas pues escapan de las bases de la dominante civilización capitalista; en especial, antropocentrismo y utilitarismo. Nuestra estupidez nos amarra a esas bases, y para romper con ellas se requiere un enorme esfuerzo político. Esfuerzo necesario también para romper con el poder del capital y su propaganda, la cual busca hacernos creer que cada vez hay más necesidades que solo se satisfacen con mayor acumulación del capital, sin siquiera pensar en límites sociales ni ecológicos⁸.

*Así, al Buen Vivir pueden juntarse muchas otras visiones que rompen con la civilización del capital, proponiendo enfoques y propuestas –similares en muchos aspectos, sin ser iguales en todo– presentes en otras partes del planeta, con varios nombres y características. Se trata de valores, experiencias y sobre todo de prácticas existentes en diferentes períodos y regiones de la Madre Tierra. Cabría destacar el *ubuntu* (sentido comunitario: una persona es una persona solo a través de las otras personas y de los otros seres vivos) en África (D’Alisa, Demaria, Kallis 2015) o el *eco-swaraj* (democracia ecológica radical) en la India (Kothari, Demaria, Acosta 2015).*

Enriquecer este debate con todas las opciones posibles es indispensable. Hasta del lúgubre “desarrollo” se pueden rescatar algunas lecturas potentes. Para citar apenas un aporte, Manfred Max-Neef, Antonio Elizalde y Martín Hopenhayn (1993) anotan con claridad que el “desarrollo” se refiere a las personas, no a los objetos. Por ello, el objetivo del “desarrollo” es satisfacer las necesidades

7 También cabe aprender de aquellas historias trágicas de culturas desaparecidas por diversas razones (incluyendo sus errores, agresiones a la Naturaleza, desigualdad, violencia), así como de los procesos aún vivos, hay elementos para pensar soluciones innovadoras ante los actuales desafíos sociales y ecológicos.

8 Los límites ecológicos y los puntos de saturación han sido abordados por diversos economistas como Nikolas Georgescu Roegen (1971), Herman Daly (1990) o Joan Martínez Alier (2008). También John Maynard Keynes discutió este tema en 1930: él aseguraba que se llegaría al límite absoluto de saturación, en términos de consumo, en el año 2030.



fundamentales. Ellos consideran que esa satisfacción presenta simultaneidades, complementariedades, compensaciones, siendo las necesidades siempre las mismas en todo tiempo y lugar. Además, ninguna necesidad importa más que otra ni hay un orden fijo de precedencia entre necesidades.⁹

Desde esas reflexiones se plantea una teoría y una taxonomía de las necesidades fundamentales, dividiéndolas en existenciales (ser, tener, hacer y estar) y axiológicas (subsistencia, protección, afecto, entendimiento, participación, ocio, creación, identidad y libertad), donde el “ocio” se equipara a las otras necesidades fundamentales para la vida. Siguiendo esta categorización se distinguen cinco tipos de satisfactores, relacionados –positiva o negativamente– con la realización de las nueve necesidades axiológicas y las cuatro existenciales.¹⁰ No está por demás recordar la división que hacia John Maynard Keynes (1930), cuando se pronunció sobre la necesidad de reducir el empleo productivo:

“las necesidades de los seres humanos pueden parecer insaciables. Pero éstas pueden ser de dos clases – aquellas necesidades que son absolutas en el sentido de que las sentimos cualquiera que sea la situación de los otros seres humanos que nos rodeen; y aquellas que son relativas en el sentido de que las sentimos sólo si su satisfacción nos eleva, nos hace sentir superiores, respecto de nuestros prójimos. Las necesidades de la segunda clase, aquellas que satisfacen nuestro deseo de superioridad, pueden ser en efecto insaciables; pues cuanto más alto sea el nivel general, más altas aún serán aquéllas. Pero esto no es tan cierto en cuanto a las necesidades absolutas – pronto podría alcanzarse un cierto punto, más pronto de lo que somos todos conscientes, en el que estas necesidades estén satisfechas en el sentido de que prefiramos dedicar nuestras energías adicionales a propósitos no-económicos.”

En tal sentido, para alcanzar el Buen Vivir la sociedad debería privilegiar los satisfactores sinérgicos que abarcan varias necesidades a la vez. También debería potenciar los “bienes relacionales”, que contribuyen al bienestar no solo por lo que compran y consumen sino también por “lo que hacen con otras personas”. Es decir, se precisan bienes y proyectos que no solo cubren, por ejemplo, las necesidades de ocio y afecto, sino que abarcan también las de entendimiento, solidaridad y participación.

A la vez que se recuperan los saberes de la ancestralidad o indigenidad, podemos incorporar múltiples cuestionamientos al “desarrollo” y abrir la puerta al postdesarrollo (Unceta 2018), y a las alternativas ecologistas, muchas sintonizadas con la visión de las armonías con la Naturaleza que caracterizan el Buen Vivir. De hecho, en paralelo al posicionamiento del Buen Vivir en el ámbito de

9 Las necesidades no solo son carencias (economicismo típico). Las necesidades comprometen, motivan y movilizan, de modo que son también potencialidades y hasta pueden ser recursos. (p.ej. la necesidad de participar es potencial de participación).

10 Hay satisfactores “inhibidores” que “sobresatisfacen” una necesidad determinada y dificultan satisfacer otras necesidades axiológicas. También hay satisfactores “violadores o destructores” que, con la intención de cubrir una determinada necesidad, paralelamente imposibilitan satisfacer otras. Un tercer tipo son los “seudo-satisfactores”, que estimulan una falsa o engañosa sensación de una necesidad determinada, pero que aniquilan la posibilidad de cubrir una necesidad a la que originalmente se apuntó. A esos tres satisfactores contraproducentes se añaden dos que sí cumplen su objetivo: satisfactores singulares, que satisfacen una sola necesidad, como el suministro de alimentos –en cantidad y calidad adecuados– que cubre la subsistencia; satisfactores sinérgicos –los más importantes– que no solo nutren una necesidad particular, sino que abarcan varias a la vez; como la lactancia materna, que no solo garantiza la subsistencia sino que también estimula el afecto, la identidad y la protección del niño (a más del trabajo de los autores mencionados se puede consultar el valioso texto de Schuldt 2013).



la discusión política maduraron las críticas acumuladas al “desarrollo”¹¹. Tal relacionamiento es a la vez una oportunidad y una amenaza. Como oportunidad, puede llevar a construir de forma horizontal y respetuosa nuevas comprensiones del mundo e imaginar alternativas, y como amenaza, puede reeditar el apropiamiento y la subordinación de estas visiones indígenas por parte de las tradicionales y usurpadoras lecturas de la modernidad.¹²

Dejemos sentado que el Buen Vivir –siendo por excelencia un discurso político- no sintetiza ninguna propuesta terminada ni indiscutible, no emerge de reflexiones académicas, ni de propuestas de algún partido político. Y, por cierto, si el Buen Vivir proviene de una matriz andino-amazónica ancestral o de matrices similares, portadoras de otras racionalidades y otros sentipensares (Escobar 2014), es muy complejo, sino imposible, entenderla usando el instrumental teórico de la Modernidad.

Estas cosmovisiones plantean alternativas a la cosmovisión occidental al surgir de raíces comunitarias no capitalistas, armónicamente relacionadas con la Naturaleza y desde territorios específicos. Así, el Buen Vivir plantea una transformación civilizatoria al menos biocéntrica, ya no antropocéntrica¹³ (en realidad se trata de impulsar una trama de relaciones armoniosas vacías de todo centro); comunitaria, no solo individualista; sustentada en la pluralidad y la diversidad, no unidimensional, ni monocultural. Para entenderlo se precisa una profunda decolonización intelectual en lo político, en lo social, en lo económico, en lo cultural (Quijano 2014).

Un corolario de lo dicho es que no podemos seguir mercantilizando la Naturaleza, propiciando su explotación desenfrenada; hay que desmercantizarla; tenemos que reencontrarnos con ella asegurando su regeneración, desde el respeto, la responsabilidad y la reciprocidad, desde la relacionalidad.

Asimismo, al hablar de Buen Vivir -Ecuador- o de Vivir Bien -Bolivia-, pensamos en plural. Es decir, imaginamos buenos convivires, y no un Buen Vivir único y homogéneo, imposible de cristalizar. El Buen Vivir, insistamos, no podría erigirse en un mandato global único como sucedió con el “desarrollo” a mediados del siglo XX.

Estos buenos convivires (o Buen Vivir, como se presenta en el texto, pero pensando siempre en plural) muestran tanto caminos que deben imaginarse como caminos que ya son una realidad. Es decir, estamos ante un proceso de (re)construcción. Ese es el gran potencial de estas visiones y experiencias. Además, como anota Enrique Leff (2010), el imaginario del Buen Vivir no solo ofrece otras formas de organizar la vida, sino diferentes formas para comprender el mundo.

11 Tales propuestas de origen andino-amazónico cobraron inusitada fuerza política a inicios de este milenio, al entrar en los debates nacionales –particularmente de Bolivia y Ecuador- en un momento de crisis generalizada del Estado-nación, oligárquico y de raigambre colonial. Es destacable esta irrupción de los movimientos indígenas, en tanto vigorosos sujetos políticos portadores de su propia visión de vida. Propuestas que, lamentablemente, no inspiran para nada las políticas de los gobiernos de esos países.

12 Anotemos que “El buen vivir constituye así la expresión de un viraje cultural resultante de una paradoja fecunda: la herencia cultural de la tradición aborígen de la región, que históricamente (y aún en la actualidad) ha sido considerada como mutuamente excluyente con el paradigma del desarrollo, es ahora reinterpretada como la clave para la renovación y re-legitimación de éste último” (Carballo 2015). Justo eso aconteció con los gobiernos progresistas de Ecuador y Bolivia, que vaciaron de contenido el Buen Vivir, para transformarlo en herramienta de propaganda y dispositivo de poder de sus caudillos.

13 Inclusive el Papa Francisco (2015) destaca que “el antropocentrismo moderno, paradójicamente, ha terminado colocando la razón técnica sobre la realidad, porque este ser humano ni siente la Naturaleza como norma válida, ni menos aún como refugio viviente... En la modernidad hubo una gran desmesura antropocéntrica”.



En conclusión, el Buen Vivir es una vivencia de futuro eminentemente subversiva. No es una invitación para retroceder en el tiempo y reencontrarse con un mundo idílico e inexistente. Pero, para ser realmente transformador, el Buen Vivir no puede devenir en una “religión” con su catequismo, sus manuales, sus ministerios, sus comisarios políticos nacionales y peor aún internacionales (Acosta 2012).

Sin embargo, en el hipotético caso de que las comunidades indígenas llegasen a desaparecer, podríamos imaginar otros mundos desde lo que fueron sus vivencias y valores, acotándolos -por cierto- a nuevas y diferentes realidades sociales y culturales. Lo interesante en la actualidad es que, en otros espacios, no vinculados directamente al mundo indígena andino o amazónico, se construyen (o existían desde antes) opciones de vida comunitarias armoniosas entre sus miembros y con la Naturaleza.

El Buen Vivir, como herramienta para organizar otro mundo

“El derecho al derroche, privilegio de pocos, dice ser la libertad de todos. Esta civilización no deja dormir a las flores, ni a las gallinas, ni a la gente. En los invernaderos, las flores están sometidas a luz continua, para que crezcan más rápido. En las fábricas de huevos, las gallinas también tienen prohibida la noche. Y la gente está condenada al insomnio, por la ansiedad de comprar y la angustia de pagar”.

Eduardo Galeano (2005).

Desde la lectura del Buen Vivir se podrían extraer valiosas lecciones para comprender el mundo. Y, además –eso abordamos ahora- para entender a plenitud el significado de la unidad en la diversidad, que tiene la relacionalidad como principio clave, del que se desprende la reciprocidad, la complementariedad, la correspondencia, incluso la solidaridad entre los distintos componentes de la vida.

Rescatemos la posibilidad de asumir el Buen Vivir como concepto abierto, donde sus raíces indígenas profundas pueden enriquecerse del debate y diálogo con otros saberes y conocimientos en la construcción de otros mundos.

Aquí pueden insertarse los debates post-desarrollistas y otros, como los decrecentistas (quienes cuestionan el crecimiento económico y su sociedad), empeñados en superar la Modernidad y su visión de la acumulación material sin fin y la mercantilización de la vida como caminos únicos e irreversibles. Una Modernidad que condena al mundo “subdesarrollado” -atado a teorías y conocimientos provenientes del “desarrollo”- a la postración y la dependencia, pues su supervivencia depende del mercado mundial donde se cristalizan las demandas de la acumulación global.

Para superar dichas ataduras urge valorar adecuadamente los saberes ancestrales, asumiendo lo complejo que es definir su ancestralidad. Eso requiere construir un relacionamiento respetuoso entre saberes y conocimientos, algo alcanzable si, entre otros temas de fondo, se pone a las tecnologías al servicio de la vida y no del capital.

¿Cómo evitar que las tecnologías caigan presas de los designios de la acumulación del capital? ¿Cómo hacer que el conocimiento esté en función de las demandas de la comunidad? El desafío es asumir el control sobre las tecnologías y no que éstas nos controlen, como recomendaban Ivan Illich (2015) o André Gorz (2008); autores que recobran fuerza en el marco de los debates sobre el decrecimiento y en la búsqueda de alternativas profundamente transformadoras; sobre todo las visiones de la convivialidad de Illich están en sintonía con la esencia del Buen Vivir.



El prerrequisito ineludible consiste, entonces, en disponer de sistemas para desarrollar y apropiarse de los avances científico-técnicos, nutridos activa y respetuosamente de los saberes y conocimientos ancestrales. Hay que recuperar aquellas prácticas que perduran hasta ahora o que pueden aprehenderse conociendo su historia. Esto es importante si se considera que muchas experiencias valiosas han sobrevivido centurias de colonización y marginación, mientras que otras no lo lograron.

Los conocimientos ancestrales brindan innumerables lecciones y hasta son la base de importantes adelantos de la ciencia. Lamentablemente muchos saberes ancestrales son –perversamente– aprovechados y patentados por transnacionales. Eso acontece con muchas plantas e inclusive animales andinos o amazónicos transformados en elementos básicos para desarrollar nuevas medicinas comercializables, por ejemplo.

De las reflexiones anteriores se concluye la necesidad de reducir la dependencia existente en tecnología, patrones de consumo, métodos de administración, sistemas de educación de valores, normas, expectativas, etc., que nos mantienen encadenados a las demandas del capital. Y como contrapartida requerimos reconstruir la mayor cantidad de autonomía, en los que un ocio liberador –y no mercantil– juega un papel fundamental.

Aquí cabe incluir a los bienes comunes, entendidos como aquellos que pertenecen, son de usufructo o son consumidos por un grupo extenso de individuos o por la sociedad en su conjunto, sin existir la posibilidad de excluir a alguien de su consumo si no paga por ellos. Estos bienes pueden ser sistemas naturales o sociales, palpables o intangibles (Wikipedia, por ejemplo), distintos entre sí, pero comunes al ser heredados o contruidos colectivamente (pero que, no nos engañemos, también pueden ser objeto del pillaje y del saqueo) (Helfrich 2009 o Mattei 2013).

Para defender y aprovechar los bienes comunes se necesitan discusiones políticas desde una agenda amplia y participativa, identificando el carácter común de cada bien. Es indispensable proteger las condiciones existentes para disponer de los bienes comunes de forma directa, inmediata y sin mediaciones mercantiles o similares. Hay que evitar la privatización (así como la estatización) de los bienes comunes existentes o de los que se pueda crear. Precisamos diseñar, experimentar y producir entornos tecnológicos y jurídicos que incentiven la creatividad y la innovación para producir bienes comunes. Y en el caso de los bienes comunes intelectuales hay que propiciar su acceso libre y abierto.

Estas propuestas pensadas desde el Buen Vivir, siempre que se asuman activamente por las sociedades especialmente desde lo comunitario, se pueden proyectar con fuerza en los debates desplegados en diversas regiones y podrían inclusive confrontar propositivamente la creciente alineación de gran parte de la Humanidad. En otras palabras, los debates post-desarrollistas pueden enriquecerse asumiendo respetuosamente las visiones indígenas sintetizadas en el Buen Vivir.

Si bien es muy difícil asumir el reto de construir el Buen Vivir en sociedades inmersas en la vorágine del capitalismo –sobre todo en grandes ciudades– estamos convencidos que hay muchas opciones para empezar a construir esta utopía en muchos lugares del planeta, inclusive desde el propio mundo “desarrollado”.

El punto de partida no es ni el Estado ni el mercado en tanto instituciones totalizadoras. Una auténtica democratización del poder exige participación y control social desde las bases de la sociedad en el campo y en las ciudades, en barrios y comunidades¹⁴. Aquí son cruciales los movimientos

14 Sobre el particular se puede consultar las reflexiones del autor en el artículo: “Repensando nuevamente el Estado ¿Reconstruirlo u olvidarlo” (2018).



sociales y los partidos políticos de nuevo cuño, profundamente sintonizados y enraizados en la respectiva sociedad.

Eso sí, en esta búsqueda colectiva de alternativas múltiples, sobre todo en los espacios comunitarios, no se pueden marginar los actuales y urgentes retos globales.

Ese es, en definitiva, el gran desafío de la Humanidad: repensarse o extinguirse.

Trabajo y ocio en el Buen Vivir

“Los ratos de ocio son la mejor de todas las adquisiciones.”

Socrates

Para el Buen Vivir, en lo social y lo económico el trabajo es clave. Al trabajo se lo ve como una institución de construcción de la sociedad y de ayuda recíproca en lo comunitario. No se trata del trabajo alienante y explotador del capitalismo. El trabajo en el Buen Vivir intencionalmente busca el bien común, y no la acumulación individual que -según el “ingenuo” liberalismo económico- generaría resultados sociales positivos.

En el Buen Vivir se trabaja para satisfacer necesidades e intereses colectivos, con una acción comunitaria llena de condiciones festivas y afectivas. En este contexto aparece el ocio como vivencia comunitaria que permite reproducir y disfrutar la vida, compartiendo y equilibrando las relaciones.

Sin pretender agotar el tema y sin querer insinuar que estas formas productivas y de trabajo deban imponerse en toda economía, peor de la noche a la mañana, podríamos mencionar algunos relacionamientos económicos propios de las comunidades indígenas, siempre atados a la esfera social y cultural¹⁵:

- *Minka (minga): Institución de ayuda recíproca en el ámbito comunitario. Asegura el trabajo destinado a satisfacer necesidades e intereses colectivos buscando el bien común de la población, sin remuneración alguna. Por ejemplo, al construir y mantener un canal de riego o un camino. La minka o minga ha calado en otros grupos, fuera del mundo indígena, sobre todo en ámbitos populares. Un trabajo que normalmente culmina con una celebración festiva.*
- *Ranti-ranti (randi-randi): A diferencia del típico trueque puntual y único, el intercambio es parte de una serie interminable de transferencias de valores, productos y jornadas de trabajo. Se sustenta en el principio de dar y recibir sin determinar un rango de tiempo, acción y espacio, relacionado con ciertos valores de la comunidad sobre ética, cultura y contenido histórico. También existe en otros espacios sociales, donde incluso se le conoce como “el presta manos”.*
- *Uyanza: Momento que llama a convivir y a una unidad festiva de las comunidades. Es una ocasión para agradecer a la Pacha Mama por su capacidad regenerativa, es decir por los productos que brinda a los seres humanos. Y es también una institución de ayuda social y de reconocimiento a las familias que dieron su fuerza de trabajo en préstamo. El grueso de aportes para esta actividad proviene de las familias a las que mejor les fue en el período precedente.*
- *Uniguilla: Actividad destinada al intercambio -sin intermediación monetaria- para complementar lo alimentario, utilitario, mejorando la alimentación con productos de otras zonas, sobre todo de diferentes pisos o nichos ecológicos.*

15 Aquí se pueden consultar los trabajos de Quisantuña Sisa (2011) o de la Torre y Sandoval (2004). El autor agradece también los comentarios de Yuri Guadínango.



- *Waki: Entrega de tierras cultivables al partir, a otra comunidad o familia que las trabaja. Implica repartir los productos cultivados entre ambas comunidades o familias. Actividad también dada en cuidado y crianza de animales.*
- *Makikuna: Apoyo que involucra a toda la comunidad, familia ampliada, amigos, vecinos; una especie de apoyo moral cuando más requiere una familia. Esta ayuda suele solicitarse en circunstancias de imprevistos y emergencias.*

Cabe mencionar otras prácticas como la tumina, la probana, la yapa, el kamari, etcétera. Punto aparte por su significado y cotidianidad –incluso en ámbitos mestizos- tiene la pampamesa, un espacio/momento para compartir alimentos cocinados y aportados por todos los miembros de la comunidad según sus posibilidades y que se los come poniéndolos sobre un mantel, a cuyo alrededor se sientan todos sin dejar vacíos. Esta lista puede alargarse. Todas estas formas de relacionamiento se sustentan en principios de reciprocidad, complementariedad, correspondencia, solidaridad, creatividad y corresponsabilidad de los individuos entre sí y con la Naturaleza.

Estas prácticas socioeconómicas han permitido a muchas comunidades indígenas enfrentar el olvido y la exclusión del sistema colonial imperante. Además, les han ayudado a sostener su producción en condiciones en extremo adversas, estimulando la creatividad y la solidaridad, fomentando en lo económico un ahorro atado a las demandas sociales y en lo político, su identidad comunitaria.

Es importante conocer los principios que organizan de alguna manera este mundo de relaciones y ritualidades indígenas. El pueblo aymara –según Fernando Huanacuni Mamani (2010), uno de los mayores conocedores y propulsores del suma qamaña¹⁶- ha guardado los siguientes principios para vivir bien o vivir en plenitud:

- 1. Saber comer, saber alimentarse. No equivale a llenar el estómago. La Madre Tierra proporciona los alimentos que se requieren, por eso se debe comer el alimento de la época, del tiempo, y el alimento del lugar.*
- 2. Saber beber. Equivale a entrar al corazón, sacar del corazón y emerger del corazón para fluir y caminar como el río.*
- 3. Saber danzar. Para entrar en relación y conexión cosmo-telúrica, toda actividad debe realizarse con dimensión espiritual.*
- 4. Saber dormir. Se tiene que dormir dos días, es decir antes de la media noche, para tener las dos energías: la de la noche y la de la mañana del día siguiente.*
- 5. Saber trabajar. Para el indígena el trabajo no es sufrimiento, es alegría, se debe realizar la actividad con pasión, intensamente.*
- 6. Saber meditar. Se trata de una introspección. El silencio equilibra y armoniza, por ello, el equilibrio se restablece desde el silencio de uno y se conecta al equilibrio y silencio del entorno, y como consecuencia de esta interacción y complementación emerge la calma y la tranquilidad.*
- 7. Saber pensar. Es la reflexión, no sólo desde lo racional sino desde el sentir; un principio aymara dice: sin perder la razón caminar la senda del corazón.*

16 Para facilitar la lectura se ha resumido la presentación de algunos de estos principios y se ha omitido los términos en aymara.



8. *Saber amar y ser amado. El proceso complementario mujer / hombre, el respeto a todo lo que existe genera la relación armónica.*
9. *Saber escuchar. No solo atender con los oídos, es percibir, sentir, escuchar con todo nuestro cuerpo; si todo vive, todo habla también.*
10. *Hablar bien. Antes de hablar hay que sentir y pensar bien, hablar bien significa hablar para construir, alentar, aportar; recordemos que todo lo que hablamos se escribe en los corazones de quienes lo escuchan, a veces es difícil borrar el efecto de algunas palabras; es por eso hay que hablar bien.*
11. *Saber soñar. Dado que todo empieza desde el sueño, éste es el inicio de la realidad. A través del sueño percibimos la vida. Soñar es proyectar la vida.*
12. *Saber caminar. No existe el cansancio para quien sabe caminar. Uno nunca camina solo; sea con el viento, con la Madre Tierra, con el Padre Sol, con la Madre Luna, con los ancestros y con muchos otros seres.*
13. *Saber dar y saber recibir. Reconocer que la vida conjuga muchos seres y fuerzas. En la vida todo fluye: recibimos y damos; la interacción de las dos fuerzas genera vida. Hay que saber dar con bendición, agradeciendo por todo lo que recibimos. Agradecer es saber recibir; recibir el brillo del Padre Sol, la fuerza de la Madre Tierra, fluir como la Madre Agua y todo lo que la vida da.¹⁷*

Estas formas y prácticas indígenas han sido y son, en consecuencia, igualmente potentes articuladores de rituales culturales y ceremoniales de convocatoria y cohesión de comunidades, así como espacios de intercambio de normas socioculturales. No olvidemos que los mercados indígenas, en tanto espacios de convivencia sociocultural, están presentes muchos antes de que lleguen los españoles y el capitalismo intente apropiárselos. En síntesis, lo económico no se reduce a una esfera separada. Se (re)conecta con lo social, lo comunitario, lo cultural, y la Naturaleza, sin marginar lo espiritual, que no puede confundirse con lo religioso. Y esta podría ser una de las grandes tareas para pensar en otros mundos, en tanto que echemos abajo los muros que separan la obligación de la producción del consumo compartido, el trabajo del ocio.

Es obvio que estas formas de organizar la producción y el consumo generan complicaciones si se la piensa en espacios más amplios, no comunitarios.¹⁸ Se podría reflexionar sobre el potencial de estas prácticas para enriquecer el funcionamiento productivo de una economía determinada, pensándolas desde su lógica cultural. Sin embargo, estas opciones podrían conducir a tratar simplemente de adecuar -y terminar desvirtuando- el Buen Vivir a las demandas empresariales dominantes de la Modernidad, no a superarla, tal como sucede con el “capitalismo verde”.

De todas formas, el reto es imaginar y construir economías –siempre con sus correspondientes sociedades- desde la relacionalidad, la reciprocidad, la solidaridad, la correspondencia, la solidaridad

17 Cabe anotar tres principios básicos del movimiento indígena: *ama killa* o No ser ocioso, *ama llulla* o No mentir, y *ama shuwa* o No robar. Aportes importantes sobre esto los ha realizado la Universidad Intercultural Amawtay Wasi (2014), cerrada por Rafael Correa pues se salía de los criterios establecidos en el proyecto neodesarrollista, modernizador del capitalismo que impulsó su gobierno.

18 Pretender integrarles en la episteme de la micro o macroeconomía convencionales, aparece como imposible por los límites epistemológicos de ambas ramas de la mal llamada “ciencia económica” (Acosa y Cajas Guijarro 2018).



y, sobre todo, desde las armonías y los equilibrios; elementos propios de lo que consideraríamos una economía y sociedad solidarias.

Para sacar algunas lecciones que ayuden a construir la economía del Buen Vivir –integrada plenamente en la vida comunitaria, sin ninguna pretensión de aislamiento ni de superioridad– cabe conocer los límites de la economía convencional, teniendo como referencia clave los fundamentos de la cosmovisión indígena. Particularmente habrá que valorar y entender tanto lo que representan la justicia social y la justicia ecológica, íntimamente interrelacionadas, pues no hay la una sin la otra, y viceversa.

Otra economía requiere pensarse fuera del antropocentrismo. Hay que aceptar que todos los seres tienen igual valor ontológico sin importar ni su “utilidad” ni el “trabajo” requerido para su existencia. Necesitamos reconocer valores no-instrumentales en lo no-humano, superando el andamiaje materialista de las viejas escuelas económicas. Es decir, esa otra economía acepta que las sociedades necesitan –como toda formación social– de producción, distribución, circulación y consumo para reproducir su vida material y sociopolítica. Procesos que deben regirse por una racionalidad socioambiental y no por el capital, que ahoga al planeta en sus propios desperdicios (Schuldt 2013).

Esa economía del Buen Vivir demanda des-mercantilizar los bienes comunes y la Naturaleza, además de reconocer sus Derechos, construir relaciones de armonía con todos los seres vivos; introducir por igual criterios comunitarios para “valorar” los objetos; descentralizar y desconcentrar la producción; cambiar profundamente los patrones de consumo; redistribuir radicalmente riqueza y poder; incluyendo la distribución y reducción del tiempo de trabajo; y muchas otras acciones a pensarse colectivamente.

La tarea implica superar el universo, en tanto visión uniformadora de la realidad y de sus perspectivas, para (re)construir el pluriverso, que posibilita muchas verdades en donde todos los mundos tienen espacio viendo a los demás con dignidad.¹⁹

Otro punto crucial es reconocer que el Buen Vivir no puede circunscribirse solo al mundo rural. Es cierto que algunas propuestas básicas, apenas enunciadas, provienen desde ahí. Los actuales espacios urbanos, signados por un ritmo frenético e individualista, aparecen lejanos a una vida solidaria y respetuosa del ambiente. Un asunto complejo si además por definición aceptamos que no hay ciudades sustentables.

Este es uno de los grandes y más difíciles desafíos: pensar el Buen Vivir para y desde las ciudades. Hay muchas opciones para asumir el reto. Cabría aprovechar que, en América Latina, gran parte de los inmigrantes a las urbes mantienen lazos estrechos con sus comunidades de origen. En ese sentido, como ejemplo, se han formado grupos para (re)construir formas de Vivir Bien en la ciudad de El Alto en Bolivia, por ejemplo.

En otras partes del mundo hay muchas prácticas y propuestas interesantes en este ámbito urbano. Como muestra de un universo cada vez más grande, destacamos las llamadas “comunidades de transición” (transitions towns), que pretenden dotar de control a las mismas comunidades para soportar el desafío del cambio climático y de la construcción de una economía liberada de la dependencia de los combustibles fósiles.

La vida en el campo y en la ciudad debe reencontrarse con prácticas que generen satisfacción y alegría en su ejecución desde diversas facetas. Eso incluye replantear la organización de los tiempos de la cotidianidad, en especial los de transporte en las ciudades. Y en este punto cabe ubicar al ocio en estrecha vinculación con el trabajo.

19 Ashish Kothari, Ariel Salleh, Arturo Escobar, Federico Demaria, Alberto Acosta; “Encontrando senderos pluriversales”, Revista Ecuador Debate 103, CAAP, Quito, 2018. Está próximo a salir publicado el libro **Plurivers - A Post-Development Dictionary**, editado por la autora y los autores del artículo citado.



Mihaly Csikszentmihalyi, un experto en temas de ocio afirma que “cuando el trabajo está bajo nuestro control y supone la expresión de nuestra individualidad, la distinción entre trabajo y ocio se evapora”; más aún si esa individualidad se expresa en comunidad, puesto que somos comunidad. Por cierto, esa posibilidad demanda superar trabajos alienantes, con jornadas extenuantes o condiciones deplorables, así como toda precarización laboral, como puede ser la actividad en una mina, por ejemplo.

Aquí emerge la necesidad de una revisión integral del tiempo destinado al trabajo. Y por igual cabe dudar ¿cuál forma social está implícita en los avances tecnológicos -presuntamente democratizadores- a los que deberíamos enrolarnos todos?

Por ejemplo, en la cotidianidad muchos “avances” tecnológicos sustituyen a la fuerza de trabajo -sea física o intelectual- volviendo caducos a varios trabajadores (Rotman 2017), así como excluyendo o desplazando a quienes no pueden acceder a la tecnología; todo esto redefine al trabajo mismo, normalmente contribuyendo a flexibilizarlo, casi siempre generando más explotación. Y por cierto habría que recuperar las reflexiones de Jeremy Rifkin que profetizó “el fin del trabajo” (1995).

Como resultado de estos procesos lo humano deviene mera herramienta para la máquina, cuando la relación debería ser inversa (como señaló Karl Polanyi, sabemos mucho más de lo que podemos explicar y quizá ese conocimiento es el que nos distingue de las máquinas [Ferrás 2017], idea similar que se recoge en la “paradoja de Moravec” [Elliot 2017]).

Aunque pueda ser obvio, vale insistir en la toma de “conciencia respecto al tiempo que le dedicamos al consumo de bienes materiales a costa de los bienes relacionales y el tiempo que le dedicamos al ocio y al entretenimiento” (Schuldt 2013). Tema aún más complejo si se lo analiza desde los logros tecnológicos alcanzados, que no han provocado la ansiada liberación del trabajo alienante.

John Maynard Keynes, en un texto notable sobre las “Posibilidades económicas de nuestros nietos” de 1930, ya anticipó lo que podría provocar el avance de la técnica:

*“padecemos una nueva enfermedad cuyo nombre quizás aún no sea conocido por algunos lectores, pero de la que oirán mucho en los años venideros – esto es, el desempleo tecnológico. Lo que significa un desempleo debido a nuestro descubrimiento de medios para economizar el uso del trabajo que supera el ritmo al que podemos encontrar nuevos usos para el trabajo”.*²⁰

Desde esa perspectiva, para que exista una técnica que incluya a las personas al trabajo en vez de excluirlas, es necesario transformar las condiciones y relaciones sociales de producción. El objetivo es que la técnica potencie las capacidades humanas, y no que las reemplace y las deje en el desempleo al margen de la sociedad. Y que los avances técnicos ahorradores de trabajo –más productividad²¹ dirán

20 Más grave aún es ver cómo los avances tecnológicos recientes han devenido en “una herramienta capaz de controlar multitudes con la misma eficacia que el control individualizado. Las tecnologías que se han desarrollado en los últimos años, muy en particular la inteligencia artificial, van en esa dirección... se desarrollan prioritariamente aquellas que son más adecuadas para el control de grandes masas,” explica Raúl Zibechi (2018). Un ejemplo es el monitoreo absoluto chino: su sistema de vigilancia llegó a la identificación facial -logro de ciencia-ficción- en donde ya han instalado 176 millones de cámaras de vigilancia y hasta 2020 esperan colocar otras 200 millones (<https://www.pagina12.com.ar/95490-la-vigilancia-china-no-deja-lugar-sin-monitorear>). Nadie puede dudar que vivimos épocas de dominación tecnológica, que según el mismo Zibechi: “es parte de la brutal concentración de poder y riqueza en los estados, que son controlados por el 1 por ciento más rico”.

21 A tomar nota de lo que denunciaba Lafargue (1848): “La pasión ciega, perversa y homicida del trabajo transforma



los economistas tradicionales, más explotación dirán los enfoques más críticos²²- mejoren la vida de los trabajadores, reduciendo sus jornadas de trabajo.

Un punto crucial, pues es indispensable plantearse con seriedad la reducción, redistribución y reducción del horario laboral, abriendo espacio a ocupaciones social y culturalmente productivas (y no degradantes). Es hora de hacer realidad las reflexiones de Paul Lafargue (1848), John Maynard Keynes (1930), Bertrand Russell (1932), Karl Goerg Zinn (1998), Niko Paech (2012), entre otros, quienes desde diversas lecturas sugieren reducir la jornada a 3 o 4 horas al día. Inclusive John Stuart Mill afirmó que

“Confieso que no me agrada el ideal de vida que defienden aquellos que creen que el estado normal de los seres humanos es una lucha incesante por avanzar, y que el pisotear, empujar, dar codazos y pisarle los talones al que va delante, que son característicos del tipo actual de vida social, constituyen el género de vida más deseable para la especie humana; para mí no son otra cosa que síntomas desagradables de una de las fases del progreso industrial. (...) la mejor situación para la naturaleza humana es aquella en la cual, mientras nadie es pobre, nadie desea tampoco ser más rico ni tiene ningún motivo para temer ser rechazado por los esfuerzos de otros que quieren adelantarse”.

Actualmente, uno de los más lúcidos pensadores latinoamericanos, Enrique Leff, recomienda transitar hacia otra organización de la producción y de la misma sociedad, asumiendo estos retos, para lo que pregunta y propone

“¿Cómo desactivar el crecimiento de un proceso que tiene instaurado en su estructura originaria y en su código genético un motor que lo impulsa a crecer o morir? ¿Cómo llevar a cabo tal propósito sin generar como consecuencia una recesión económica con impactos socioambientales de alcance global y planetario? [...] esto lleva a una estrategia de deconstrucción y reconstrucción, no a hacer estallar el sistema, sino a re-organizar la producción, a desengancharse de los engranajes de los mecanismos de mercado, a restaurar la materia desgranada para reciclarla y reordenarla en nuevos ciclos ecológicos. En este sentido la construcción de una racionalidad ambiental capaz de deconstruir la racionalidad económica, implica procesos de reapropiación de la naturaleza y reterritorialización de las culturas.” (2008)

Responder a este reto es cada vez más urgente en los países industrializados, los mayores responsables de la debacle ambiental global. No se trata de que los países empobrecidos se mantengan en la pobreza y miseria para que los países ricos sostengan sus insostenibles niveles de vida. Eso nunca. Lo que sí debe ser motivo de atención en el Sur es no repetir estilos de vida social y ecológicamente insostenibles. En los países “subdesarrollados” es, por tanto, igual de urgente abordar con responsabilidad el tema la máquina liberadora en instrumento de esclavitud de los hombres libres: su productividad los empobrece. (...) A medida que la máquina se perfecciona y sustituye con una rapidez y precisión cada vez mayor al trabajo humano, el obrero, en vez de aumentar su reposo en la misma cantidad, redobla aún más su esfuerzo, como si quisiera rivalizar con la máquina. ¡Oh competencia absurda y asesina!”.

22 Como Marx (1867) diría claramente: “Es evidente que, al progresar la maquinaria, y con ella la experiencia de una clase especial de obreros mecánicos, aumenta, por impulso natural, la velocidad y, por tanto, la intensidad del trabajo (...) Tan pronto como el movimiento creciente de rebeldía de la clase obrera obligó al estado a acortar por la fuerza la jornada de trabajo, comenzando por dictar una jornada de trabajo normal para las fábricas; a partir del momento en que se cerraba el paso para siempre a la producción intensiva de plusvalía mediante la prolongación de la jornada de trabajo, el capital se lanzó con todos sus bríos y con plena conciencia de sus actos a producir plusvalía relativa, acelerando los progresos del sistema capitalista”.



del crecimiento económico. Así, inicialmente, es al menos oportuno diferenciar el crecimiento “bueno” del “malo”; crecimiento que se define por las correspondientes historias naturales y sociales que quedan detrás, tanto como por el futuro que pueda anticipar.

Esta no será una tarea fácil.

“Habiendo enseñado la suprema virtud del trabajo intenso, es difícil como puedan aspirar las autoridades a un paraíso en el que hay mucho tiempo libre y mucho trabajo”, más aún cuando se considera “la virtud del trabajo intenso como un fin en si misma, más que un medio para alcanzar un estado de cosas en el cual el trabajo ya no fuera necesario”. Y en este mundo del “trabajo intenso” a la postre “concedemos demasiada poca importancia al goce y a la felicidad sencilla, y no juzgamos la producción por el placer que da al consumidor” (Russel 1932).

Esta preocupación la expuso ya Keynes en 1930,

“no hay ningún país, ni ningún pueblo, creo yo, que pueda mirar hacia la era del ocio y la abundancia sin temor. Porque hemos sido habituados durante mucho tiempo a esforzarnos y no a disfrutar. Es un problema pavoroso para la persona normal y corriente, sin talentos particulares, el darse una ocupación, especialmente si ya no tiene raíces en la tierra, en la tradición o en las amadas convenciones de la sociedad tradicional”.

Y esta aproximación al tema produjo una refutación apasionante y también controvertida al supuesto derecho al trabajo, un reclamo –hoy poco conocido– por una sociedad de la abundancia y del goce, liberada de la esclavitud del trabajo:

“Trabajad, trabajad, proletarios, para aumentar la fortuna social y vuestras miserias individuales; trabajad, trabajad para que, haciéndoos cada vez más pobres, tengáis más razón de trabajar y de ser miserables. Tal es la ley inexorable de la producción capitalista”, reclamaba Paul Lafargue en “El derecho a la pereza” (1848).

Esta tarea implica un esfuerzo de largo aliento y de profundas transformaciones, en el marco de transiciones múltiples²³, cuyas connotaciones adquirirán una creciente urgencia en tanto se profundicen las condiciones críticas desatadas nacional e internacionalmente, en lo social, ecológico y hasta económico. Paulatinamente se deberá revisar el estilo de vida vigente de las elites y que sirve de -inalcanzable- marco orientador para la mayoría de la población; una revisión que tendrá que procesar, sobre bases de real equidad, la reducción del tiempo de trabajo y su redistribución²⁴, así como la redefinición colectiva de las necesidades en función de satisfactores ajustados a las

23 Cada vez se plantean nuevos y más concretos elementos de cómo generar esas transiciones que, por cierto, estarán ajustados a los respectivos territorios y momentos. Entre otros se pueden mencionar y recomendar las propuestas de Christian Felber (2012) sobre cómo cambiar las empresas capitalistas hacia una economía del bien común. Hay que construir, como recomienda Eduardo Gudynas, transiciones plurales, claras y precisas desde horizontes utópicos como el Buen Vivir.

24 Véase las reflexiones de Karl-Georg Zinn (1998), Profesor de la Universidad Técnica de Aachen, que plantea generar empleo desde la redistribución del trabajo, por ejemplo.



disponibilidades de la economía y la Naturaleza.²⁵ Más temprano que tarde, aún en los mismos países “subdesarrollados” (no se diga en los “desarrollados”), tendrá que priorizarse la suficiencia en tanto se busque lo que realmente se necesita, en vez de una siempre mayor eficiencia -desde una incontrolada competitividad y un desbocado consumismo- que terminará destruyendo a la Humanidad.

En síntesis, individuos y comunidades deberán “ejercitar su capacidad de vivir diferente” (todos y todas en dignidad, en armonía con la Naturaleza, NdA), como plantea el alemán Niko Paech; un economista que esboza el camino hacia “una economía del post-crecimiento” con el título “Liberación de lo superfluo” (*Befreiung vom Überfluss*, 2012); una propuesta creada desde abajo, por individuos y comunidades que presionen a que los gobernantes las incluyan en sus políticas. En esta línea caben las propuestas de Pierre Rabhi (2013), un agricultor, pensador y escritor francés de origen argelino, que invita a caminar hacia una sociedad de “la sobriedad feliz”. Los países, por cierto, deben “aprender a vivir con lo nuestro, por los nuestros y para los nuestros”, como recomendaba el argentino Aldo Ferrer, reduciendo la nociva dependencia del mercado externo.²⁶

En definitiva, la tarea es repensar el mundo del trabajo vinculándolo con otros mundos de los que nunca debió aislarse. Y en ese empeño toca repensar también el ocio, no para normarlo, sino para liberarlo; no para hacer de él un negocio, sino para desmercantilizarlo ampliando su potencial comunitario, creativo y lúdico, diversificándolo desde la enorme pluriversidad cultural del mundo.

Y es en el Buen Vivir en donde las personas pueden organizarse para recuperar y asumir el control de sus propias vidas, de su trabajo y de su ocio. Pero eso no es todo. Ya no se trata solo de defender la fuerza de trabajo y de recuperar el tiempo de trabajo excedente para los trabajadores, es decir de oponerse a la explotación de la fuerza de trabajo recuperando el derecho al ocio como un Derecho Humano. En juego está, además, la defensa de la vida en contra de esquemas antropocéntricos de organización socioeconómica, destructores del planeta vía depredación y degradación ambientales. Tanto la explotación al ser humano como a la Naturaleza es inadmisibles.

Lo anterior muestra cuán urgente es superar el divorcio entre Naturaleza y Humanidad, así como el divorcio entre producción alienante y ocio emancipador. Tal cambio histórico es el mayor reto de la Humanidad si no quiere terminar sus días en medio de la barbarie, la locura y el suicidio colectivo.

Una corta reflexión para reinventar el futuro

“Una extraña locura se ha apoderado de las clases obreras de los países en que reina la civilización capitalista. Esa locura es responsable de las miserias individuales y sociales que, desde hace dos siglos, torturan a la triste humanidad. Esa locura es el amor al trabajo, la pasión moribunda del trabajo, que llega hasta el agotamiento de las fuerzas vitales del individuo y de su prole.

En vez de reaccionar contra tal aberración mental, los curas, los economistas y los moralistas, han sacro-santificado el trabajo”

Paul Lafargue (1848)

25 Recordemos que las necesidades son limitadas, clasificables y finitas; mientras que los satisfactores son ilimitados: Max-Neef, Elizalde y Hopenhayn (1986).

26 Las palabras de John Maynard Keynes (1933) tiene mucho sentido cuando dice que “Yo simpatizo, por lo tanto, con aquellos quienes minimizarían, antes que con quienes maximizarían, el enredo económico entre naciones. Ideas, conocimiento, ciencia, hospitalidad, viajes, esas son las cosas que por su naturaleza deberían ser internacionales. Pero dejen que los bienes sean producidos localmente siempre y cuando sea razonable y convenientemente posible, y, sobre todo, dejemos que las finanzas sean primordialmente nacionales”



Todo este texto huele a utopía, y de eso mismo se trata. Hay que escribir todos los borradores posibles de una utopía por construir. Una utopía que critica la realidad desde el Buen Vivir. Una utopía posible que, al ser un proyecto de vida solidario y sustentable, debe ser una alternativa colectivamente imaginada, políticamente conquistada y construida, a ejecutarse por acciones democráticas, en todo momento y circunstancia. En la mira está superar la miseria de la modernización, tan miserable que ya nos está llevando a la modernización de la miseria.

La tarea incluye dar paso a miles y diversas prácticas alternativas, no capitalistas, muchas existentes ahora en todo el planeta. Existen muchas opciones orientadas por horizontes utópicos que propugnan una vida en armonía entre los seres humanos y de estos con la Naturaleza. En ese contexto se sintonizan estrechamente el decrecimiento y el post-extractivismo (Acosta y Brand 2017).

Para propiciar esta “gran transformación”, se cuenta con esas prácticas concretas, no con simples teorías. Inclusive existen diversas opciones de acción planteadas a nivel global.²⁷ Y en este esfuerzo múltiple hay mucho que aprender del Buen Vivir.

En definitiva, hay que cuestionar el fallido intento de impulsar -como mandato global y como camino unilineal- el “progreso” en su deriva productivista y el “desarrollo” como dirección única, sobre todo su visión mecanicista de crecimiento económico. No se trata de reeditar los ejemplos supuestamente exitosos de los países “desarrollados”. Primero, eso no es posible. Segundo, no son realmente exitosos. Tercero, el mero intento nos está llevando a una hecatombe.

El potencial del Buen Vivir, en un contexto amplio, nacional e internacional, radica en las posibilidades de diálogo que abre. Su contribución, en especial, podría estar en la construcción colectiva de puentes entre conocimientos ancestrales y modernos. Para ello nada mejor que un debate franco y respetuoso que ya ha nacido.

Ahora lo que interesa es romper distancias. Obvias por lo demás si consideramos que la Modernidad, el capitalismo, en definitiva, es la síntesis de civilizaciones fundadas en la dominación a seres humanos y Naturaleza, sobre todo en el patriarcado, el racismo y la colonialidad. En el Buen Vivir se podrían resumir aquellas visiones alternativas alterativas que denuncien y enfrenten las lógicas opresivas del capital.

Entonces, cabe establecer una relación respetuosa y constructiva entre quienes se atrincheran en defender su visión del Buen Vivir como un concepto cerrado, el auténtico, y quienes pretenden transformarlo en un concepto abierto, que emerge, eso sí, recuperando los ejes fundamentales de aquellas culturas milenarias de los pueblos indígenas. En una orilla del camino aparece un concepto, en plena reconstrucción, que se extrae del saber ancestral, en algunos casos mirando demasiado al pasado. En la otra orilla del (mismo) camino, el concepto, también en (re)construcción, se lo asume mirando al futuro. Tal vez el potencial radica en que los del pasado miren algo más al futuro (y al presente) y los del futuro aporten una visión menos beata del pasado.

Insistimos, las propuestas del Buen Vivir provenientes del mundo indígena andino-amazónico no son las únicas alternativas con capacidad alterativa. Hay muchas otras. La demanda histórica radica, entonces, en sumar múltiples propuestas de vida comunitaria, como las de los zapatistas, así como a una multiplicidad de luchas feministas, campesinas, ecologistas (Acosta y Machado 2012), entre otras.

27 La propuesta de dejar el crudo en el subsuelo en la Amazonía ecuatoriana: la Iniciativa Yasuní-ITT, fue y sigue siendo un gran ejemplo de acción global, surgida desde la sociedad civil de un pequeño país como es Ecuador (Acosta 2014).



Aquí hay una multiplicidad de puntos de encuentro con las acciones del movimiento “decrecentista”.²⁸

La tarea no es fácil. Superar visiones dominantes y construir nuevas opciones de vida tomará tiempo. Habrá que hacerlo sobre la marcha, reaprendiendo, desaprendiendo y aprendiendo a aprender simultáneamente. Esto exige una gran dosis de constancia, voluntad y humildad; y sobre todo mucha creatividad y cada vez más alegría.

El Buen Vivir, ya lo dijimos, debe asumirse como una categoría en permanente construcción y reproducción. No es un concepto estático ni retrógrado. El Buen Vivir, en definitiva, es una categoría central de lo que se podría entender como “la filosofía de vida” de muchas sociedades indígenas que no se insertan (plenamente) o que se resisten a entrar en la Modernidad. Y desde esa perspectiva se proyecta como una propuesta con potencial incluso global, aunque históricamente haya sido marginada.

Para concluir recordemos que el Buen Vivir comprende a la comunidad como la conjunción armónica de los vivos, los antepasados y las futuras generaciones. Y desde dicha armonía, vinculada con la Madre Tierra, se asegura la preservación de la vida. Así el concepto de vida se amplía al medio ambiente y a nuestros nietos y nietas. Los seres humanos, en tanto Naturaleza, no somos individuos aislados, somos comunidad social y natural. Eso nos conduce a un reencuentro con la Naturaleza y con la comunidad, nos conmina a dar el salto civilizatorio que demandan vigencia plena de los Derechos Humanos, en estrecha comunión con los Derechos de la Naturaleza. Un salto civilizatorio en donde el “ocio mercantil” y alienante sea reemplazado por el “ocio emancipador”.-

Bibliografía

- Acosta, Alberto (2018): “Repensando nuevamente el Estado ¿Reconstruirlo u olvidarlo”, varios autores, **América Latina: Expansión capitalista, conflictos sociales y ecológicos** (2018), Universidad de Concepción, Chile.
- Acosta, Alberto; **El Buen Vivir Sumak Kawsay, una oportunidad para imaginar otros mundos**, ICARIA, (2013), a partir de una edición preliminar en Abya-Yala Ecuador (2012). (Este libro ha sido editado en ediciones revisadas y ampliadas continuamente, en francés - Utopia 2014, en alemán - Oekom Verlag 2015, en portugués - Editorial Autonomia Literária y Editorial Elefante 2016, en holandés - Uitgeverij Ten Have 2018).
- Acosta, Alberto (2014); “Iniciativa Yasuní-ITT - La difícil construcción de la utopía” <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=180285>
- Acosta, Alberto (2012); “Riesgos y amenazas para el Buen Vivir”, en la Revista Ecuador Debate N° 84, CAAP, Quito, 2012.
- Acosta, Alberto y Machado, Decio (2012); “Movimientos comprometidos con la vida. Ambientalismos y conflictos actuales en América Latina”, en la *Revista Colección OSAL*, CLACSO, Buenos Aires.
- Acosta, Alberto y Cajas Guijarro, John (2018); “Reflexiones sobre el sin-rumbo de la economía - De las “ciencias económicas” a la posteconomía”, *Revista Ecuador Debate* 103, CAAP, Quito, 2018.
- Acosta, Alberto y Brand, Ulrich (2017); **Salidas del laberinto capitalista – Decrecimiento y Postextractivismo**, ICARIA, Barcelona, con ediciones publicadas en Argentina (2017), Ecuador (2017), Alemania (2018).
- Csikszentmihalyi, Mihaly (2001); “Ocio y creatividad en el desarrollo humano”, en varios autores y autoras; **Ocio y Desarrollo – Potencialidades del Ocio para el Desarrollo Humano**, Universidad de Deusto, Bilbao.

²⁸ Federico Demaria, Francois Schneider, Filka Sekulova, Joan Martínez-Alier; “¿Qué es el decrecimiento? De un lema activista a un movimiento social, *Revista Ecuador Debate* 103, CAAP, Quito, 2018.



- Daly, Herman E. (Comp) (1990); **Economía, ecología, ética – Ensayos hacia una economía en estado estacionario**, Fondo de Cultura Económica, México.
- D’Alisa, Giacomo; Demaria, Federico; Kallis, Giorgios, editores (2015); **Decrecimiento. Vocabulario para una nueva era**, ICARIA, Barcelona.
- De la Torre, Luz Marina, y Peralta S., Carlos (2004); **La reciprocidad en el Mundo Andino**. Abya-Yala e ILDIS, Quito.
- Demaria, Fedetrico; Schneider, Francois; Sekulova, Filka; Martínez-Alier, Joan (2018); “¿Qué es el decrecimiento? De un lema activista a un movimiento social, Revista Ecuador Debate 103, CAAP, Quito, 2018.
- Escobar, Arturo (2014); **Sentipensar con la tierra – Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**, Ediciones Unaula, Medellín.
- Elliot, Larry (2017); “Moravec’s Paradox of Artificial Intelligence and a Possible Solution by Hiroshi Yamakawa with Interesting Ethical Implications”, <https://e-discoveryteam.com/2017/10/29/moravecs-paradox-of-artificial-intelligence-and-a-possible-solution-by-hiroshi-yamakawa-with-interesting-ethical-implications/>
- Esterman, Josef (2014); “Ecosofía andina – Un paradigma alternativo de convivencia cósmica y de vida plena”, en el libro **Bifurcación del Buen Vivir y el sumak kawsay**, Ediciones SUMAK, Quito.
- Felber, Christian (2012). **Gemeinwohl – Ökonomie – Eine demokratische Alternative wächst**, Deuticke, Wien. Publicado también en español **La economía del bien común**. Deusto S.A. Ediciones.
- Ferrás, Xavier (2017); “Inteligencia Artificial y el poder de saber más de lo que puedes explicar”, <https://www.sintetia.com/inteligencia-artificial-y-el-poder-de-saber-mas-de-lo-que-puedes-explicar/>
- Giraldo, Omar Felipe (2014); **Utopías en la era de la supervivencia – Una interpretación del Buen Vivir**, Editorial ITACA, México.
- Gorz, André (2008); **Crítica de la razón productivista**, La Catarata, Madrid.
- Gudynas, Eduardo (2014); “Buen Vivir: sobre secuestros, domesticaciones, rescates y alternativas”, en el libro **Bifurcación del Buen Vivir y el sumak kawsay**, Ediciones SUMAK, Quito.
- Gudynas, Eduardo y Alberto Acosta (2011); “El buen vivir o la disolución de la idea del progreso”, en Mariano Rojas (coordinador) del libro **La medición del progreso y del bienestar - Propuestas desde América Latina**, Foro Consultivo Científico y Tecnológico de México, México.
- Helfrich, Silke y Fundación Heinrich Böll (2012); **Commons – Für eine neue Politik jenseits von Markt und Staat**, transcript Verlag, Bielefeld.
- Huanacuni Mamani, Fernando (2010); **Vivir Bien / Buen Vivir Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales**, Convenio Andrés Bello, Instituto Internacional de Investigación y CAO, La Paz.
- Houtart, François (2011). “El concepto del sumak kawsay (Buen Vivir) y su correspondencia con el bien común de la humanidad”, **Revista Ecuador Debate** N° 84, CAAP, Quito.
- Illich, Iván (2015); **Obras reunidas**, Fondo de Cultura Económica, México.
- Keynes, John Maynard (1933); “Autosuficiencia Nacional”, **Revista Ecuador Debate** N° 60, CAAP, Quito diciembre 2003.
- Keynes, John Maynard (1930); “Posibilidades económicas de nuestros nietos”, *Economic Possibilities for our Grandchildren*, en: **Essays in Persuasion**, New York: W. W. Norton & Co., 1963, pp. 358-373.
- Kothari, Ashish; Salleh, Ariel; Escobar, Arturo; Demaria, Federico; Acosta, Alberto (2018); “Encontrando senderos pluriversales”, **Revista Ecuador Debate** 103, CAAP, Quito, 2018.



- Kothari, Ashish; Demaria, Federico; Acosta, Alberto; "Buen Vivir, Degrowth and Ecological Swaraj: Alternatives to sustainable development and the Green Economy", **Development** 57.3/4
- Lafargue, Paul (1848); **El derecho a la pereza** (2011), Editorial: MAIA EDITORES, Madrid.
- Leff, Enrique (2010); "Imaginarios sociales y sustentabilidad", en la revista **Cultura y representaciones sociales**, vol. 5 núm. 9 México: UNAM.
- Leff, Enrique (2008); "*Decrecimiento o deconstrucción de la economía*", revista virtual **Peripecias** N° 117, 8 de octubre.
- Martínez Alier, Joan (2008); Decrecimiento sostenible, **Revista Ecología Política**, No 35, ICARIA.
- Max-Neef, Manfred (1993); "Una manera estúpida de vivir", en Manfred Max-Neef (2017); **Economía herética – Treinta y cinco años contracorriente**, ICARIA, Barcelona.
- Max-Neef Mandred, Antonio Elizalde, Martín Hopenhayn (1986); **Desarrollo a escala humana: una opción para el futuro**, **Development Dialogue**, número especial, CEPAAUR, Fundacion Dag Hammarskjold.
- Marx, Karl (1844); **El poder del dinero** en **Manuscritos Económicos y filosóficos**. En Marx, K. y Engels, F., Collected Works Vol. 3 (pp.322-326). International Publishers. Nueva York.
- Marx, Karl (1867); **El Capital. Tomo I. El proceso de producción del capital**. Fondo de Cultura Económica, México.
- Oviedo Freire, Atawallpa (2011); **Qué es el sumakawsay – Más allá del socialismo y capitalismo**, Quito.
- Quisantuña Sisa, Mirian Imelda (2011); "Prácticas sociales y culturales de las comunidades andinas, una propuesta en la consolidación de economía social y solidaria", monografía en el curso de economía social y solidaria, FLACSO, Quito.
- Papa Francico (2015); **Encíclica Laudato Si**.
- Polanyi, Karl (1944); **La gran transformación – Los orígenes políticos y económicos de nuestro tiempo**, México, Fondo de Cultura Económica.
- Pueblo de Sarayaku (2018); **Declaración del Kawsak Sacha / Selva Viviente**", Sarayaku.
- Quijano, Aníbal (2014); **Cuestiones y Horizontes – Antología Esencial – De la dependencia histórica-estructural a la colonialidad/decolonialidad del poder**, CLACSO, Buenos Aires.
- Rahbi, Pierre (2013); **Hacia la sobriedad feliz**, Errata Natrae, Madrid.
- Rifkin, Jeremy (1995); **The End of Work: The Decline of the Global Labor Force and the Dawn of the Post-Market Era**, Putnam Publishing Group.
- Roegen, Nicholas Georgesku (1971); **The Entropy Law and the Economic Process**, Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts.
- Rotman, David (2017); "El ritmo implacable de la automatización (y el futuro del empleo)", MIT Technology Review, publicado por Opinno. <https://www.technologyreview.es/s/6783/el-ritmo-implacable-de-la-automatizacion-y-el-futuro-del-empleo>
- Russel, Bertrand (1932); "Elogio de la ociosidad", Universidad Complutense de Madrid: <http://webs.ucm.es/info/bas/utopia/html/russell.htm>
- Sachs, Wolfgang (2017); "The Sustainable Development Goals and Laudato si': varieties of Post-Development?, varieties of Post-Development?", **Third World Quarterly**, 38:12, 2573-2587.
- Sachs, Wolfgang (1992); - Sachs, Wolfgang (1992); **The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power**, Zed Books, London.
- Schuldt, Jürgen (2013); **Civilización del desperdicio - Psicoeconomía del consumidor**. Universidad del Pacífico, Lima.



- Solón; Pablo (2016); **¿Es posible el Buen Vivir?, Reflexiones a Quema Ropa sobre Alternativas Sistémicas**, Fundación Solón, La Paz.
- Tortosa; José María (2011); **Maldesarrollo y mal vivir – Pobreza y violencia escala mundial**, en Acosta, Alberto y Martínez, Esperanza (editores), serie Debate Constituyente, Abya-Yala, Quito.
- Unceta, Koldo; (2018); “Alcance y vigencia del postdesarrollo: de la crítica del desarrollo al debate sobre las transiciones”, **Revista Ecuador Debate 103**, CAAP, Quito, 2018.
- Unceta, Koldo (2014); **Desarrollo, postcrecimiento y Buen Vivir – Debates e interrogantes**, en Acosta, Alberto y Martínez, Esperanza (editores), serie Debate Constituyente, Abya-Yala, Quito.
- Universidad Intercultural Amawtay Wasi (2004), **Aprender en la sabiduría y en el Buen Vivir**, Quito (Publicada en tres idiomas: kechwa, español e inglés).
- Zibechi, Raúl (2018); “El siglo del control de las masas”, <http://www.jornada.com.mx/2018/02/16/opinion/019a1pol>
- Zinn, Karl George (1998); “Machtfrage Vollbeschäftigung”, en la revista **Sozialismus** N° 3.



LAZER, RECREAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO QUANDO HÁ TRANSFORMAÇÃO

Esperanza Osorio Correa¹

De qual lugar...

É importante destacar que a pergunta sobre a relação entre recreação, lazer e transformação social para esta apresentação, primeiro, eu faço desde uma perspectiva do conhecimento, na qual, sem dúvida, entra o próprio olhar de uma organização social e de um coletivo que trabalha fora do âmbito institucional, por outro lado, a relação se estabelece em termos metodológicos e do fazer na área da recreação. Para cada caso, há várias respostas que em alguns pontos se assemelham, mas não temos tempo para nos aprofundarmos aqui.

O estudo na área da recreação requer a problematização de pressupostos epistêmicos e teóricos subjacentes. Para falar de transformação, especialmente de transformação social, é necessário refletir sobre esses conceitos específicos e sua relação com a área da recreação. A palavra “transformação” nos interpela a partir de um lugar complexo, porque representa mais que um tema, é uma categoria que inclui articulações múltiplas e áreas de conhecimento e intervenção. Isso se dá porque nenhuma disciplina ou área de estudo pode assumir essa categoria (a transformação social) como própria.

Considera-se a hipótese de que ao problematizar o conceito de transformação não se trata da “coisa transformada”, mas de um processo contínuo, a longo prazo, interstício permanente que ocorre entre o presente e o futuro como um tempo de possibilidades para gerar caos, novas organizações, desconstrução-construção de uma realidade em movimento. Mas que ao estabelecer o vínculo com o social tratam-se de seres humanos em interação. O social refere-se aqui, desde a perspectiva apresentada, a uma relação de vida entre os seres humanos.

Que lugar deve ocupar um profissional que trabalha na área da recreação quanto à transformação social? Seria de um posicionamento político? A partir de quais âmbitos do desenvolvimento?²

Essa perspectiva está presente nos modelos de desenvolvimento que foram instaurados e corporificados em nossos países, fundamentando o planejamento de suas metas de transformação em matrizes de mercado que destroem, na maioria dos casos, qualquer possibilidade de existência de um sujeito sentipensante, pois o que mais deseja é ser sentidependente? Se for assim, este é o sentido da ação e, a partir desse lugar, a transformação se expressa obtendo indicadores propostos por tais lógicas, indicadores que claramente representam esse modelo.

Pensar a recreação como um projeto ético-político – que nos implica tomar posição, nos situa em um lugar, um olhar sobre a sociedade e o sujeito, um enfrentamento crítico do desenvolvimento proposto para nossos países e sobre os fatores que estão por trás da desigualdade e da

¹ Fundação Colombiana de Lazer e Recreação – Funlibre.

² Considero o pressuposto de que é necessário o aprofundamento na dimensão política da área.



injustiça – inclui pensar um lazer e uma recreação para todos (raça, gênero, etnia, idade), um todo repensado em suas múltiplas exclusões e minorias, que não só atende a uma necessidade, por exemplo, das pessoas deficientes, mas também a esses outros diferentes, o que necessariamente nos leva à questão do conceito de “normalidade” imposto e definido como parâmetro.

Assim, desde outro lugar, a transformação social, considerada como um processo pensado e construído com os sujeitos de maneira permanente, refere-se a um leque de possibilidades para ir gerando movimentos nas estruturas, usando utopias como meios construídos pelos indivíduos, utopias que também apontam para outras formas de ser e estar, ou seja, não são utopias para ficar no mesmo lugar, mas que estão em movimento nos tempos históricos.³

Os posicionamentos podem ser vários, mas deve se destacar que, quando existem estratégias e ações para a transformação social, é necessário considerar a matriz de pensamento em que opera, o que para experiências aqui levantadas: a) estabelecem um lugar para o sujeito no processo de transformação; b) representam uma realidade em movimento; c) consideram a complexidade como uma exigência de articulação dos processos de apreender a realidade; d) procuram reconhecer e construir as categorias de ação a partir de uma leitura crítica da realidade e com base apenas nos pressupostos teóricos; e) pressupõem uma fundamentação epistêmica, teórica e metodológica específica para a área da recreação.

Neste sentido, consideramos ação transformadora como aquela capaz de confrontar as subjetividades que regulam a vida cotidiana dos indivíduos em espaços específicos, de tal forma que podemos perceber os elementos que orientaram as categorias para ser transformadas. Por exemplo, se as ações transformadoras são principalmente ações para a vida e a convivência, devemos reconhecer e entender as subjetividades que regulam os espaços de resolução de conflitos em determinada cultura e qual é a lógica subjacente a tais subjetividades, a partir dos processos de tomada de consciência dos sujeitos e não apenas de quem parte a ação externa. Ou seja, não é uma perspectiva subjetiva, mas que se assume em relação à matéria empírica que acompanha a operação de tais subjetividades na vida cotidiana.

Na área de lazer e recreação, é necessário realizar transformações desde suas próprias bases, seus próprios posicionamentos contra a realidade social e, portanto, das formas como se pensa e interpreta a realidade social. Aspecto relacionado com as matrizes de pensamento circulantes na área, que pela diversidade merecem formar consensos em territórios específicos. Portanto, a transformação pressupõe uma reestruturação contínua das lógicas subjacentes e criam determinados parâmetros nas políticas sociais, econômicas, educacionais e culturais, e na área do lazer e recreação pressupõe uma reestruturação de suas identidades, dos seus profissionais, de mecanismos de articulação, interação e autonomia relacionais, das formas como se resolvem os conflitos, das suas apostas e projetos institucionais e de suas organizações sociais, entre outros aspectos. As transformações sociais dificilmente podem ser realizadas desde a área da recreação, se aqueles que fazem parte desta não estão cientes das matrizes teóricas e de pensamento subjacentes a suas práticas. (Osorio, 2018)

A nível local e na América Latina, a categoria “transformação” inclui múltiplas visões de mundo e várias transformações desde uma amálgama de perspectivas que fazem parte de uma maneira de ver e estar na América Latina, que não estão necessariamente vinculadas a propósitos e lógicas iguais. Pelo contrário, criam um todo dialógico que reconhece em suas partes a pos-

3 Perspectiva construída a partir da Epistemologia do presente potencial, proposta por Hugo Zemelman.



sibilidade de existir diferenças que não são ajustadas uniformemente, mas criam determinações onde a diversidade é possível e onde o invisível se torna visível, especialmente quando falamos a partir de uma área, como a da recreação, e de programas e experiências que, na maioria dos casos, não têm um lugar nos meios de comunicação e nos governos, mas que efetivamente existem na realidade cotidiana das comunidades.

Isso implica renunciar afirmações universais, recuperar a singularidade do sujeito e o espaço em um tempo histórico, necessitando da resignificação das nossas categorias de análise, a partir da realidade que é comum, de uma atenção sobre o emergente e que não é apenas recorrente ou predeterminada, é uma aposta pela construção do conhecimento, desde as relações, vínculos e laços sociais.

Como observou Roig (2000), na América Latina há um pensamento ético e formas de práxis cuja filosofia trata de “formas de objetivação” históricas de um sujeito, através das quais se autorreconhece e se autoafirma, e que nem sempre alcança uma afirmação da *subjetividade* plena.

Roig (2000) ressalta que é inquestionável a necessidade de enfrentar o desafio de uma “reorganização de saberes e práticas”, tanto em relação ao conhecimento teórico global como das políticas técnicas, uma ressemantização das categorias que envolvem a necessidade de recriação do regime categórico necessário para a construção de uma objetividade.

Na área da recreação na América Latina, há um movimento de diferentes lógicas de poder, econômicas, sociais e políticas, que construíram subjetividades éticas, sociais e culturais, que colocam o sujeito exterior na vivência sendo considerado um objeto de regulamento e controle (Paz, 2011, Molina et al., 2005), que não tem relação com as necessidades dos indivíduos (Zipperovich e Chervin, 2005). Por isso existem diferentes propósitos para diferentes autores, sendo a recreação definida como “*a prática responsável por processos criativos de reapropriação da liberdade* (Altuve, 2009:382), *tempo livre como um campo de intervenção adequado para atingir os objetivos sociais e educacionais*” (Guerrero, 2009: 359), a *intervenção socioeducativa*, um processo institucionalizado que visa atingir aos objetivos sociais e educativos (Lema e Machado, 2009: 231), a *intervenção social*, educacional e cultural, com ações de práticas sociais orientadas para a prática e projetadas para gerar espaços e diferentes situações de sociabilidade (Vilas, 2005: 273), entre outras perspectivas.

A proposta de recreação como intervenção é um desafio que requer uma abordagem crítica com base em perguntas, tais como: Qual é o objeto de intervenção, seus métodos, o lugar que o sujeito ocupa, seus itinerários para a área, as intenções? Aceitar o poder de “intervenção” sobre a vida dos outros em espaços de lazer e recreação, que são microespaços, os lugares mais próximos, em que transcorre a vida cotidiana, onde a vivência chega a esse sujeito histórico que está mais presente nesse tempo e espaço, porque a experiência não ocorre fora da vida, mesmo em um mundo de fantasias, desespero, medo e caos faz parte dela (Franco et al., 2005) e reflete as tensões, conflitos e ambiguidades do contexto. Um tempo presente e um cotidiano que envolve condições materiais objetivas e subjetivas, uma agenda pública, um envolvimento em “um movimento transformador”. Salas (2009) questiona: O que é necessário para ser capaz de influenciar a sociedade como uma nova categoria de cultura: a da recreação e lazer? As complexas relações Estado-sociedade atualmente desafiam tanto o primeiro quanto o segundo a procurar e construir novos cenários, outros mundos possíveis, em um esforço para encontrar modos de ação para afetar a realidade com um senso transformador, redescobrimo e valorizando a nossa própria identidade. (Reid et al., 2009: 199).



É necessário debates sobre lazer, tempo livre e recreação na América Latina, na busca pela elaboração de um conceito latino-americano mais amplo, positivista e inclusivo (Altuve, 2009: 383). No lazer coexistem diferentes lógicas. Seu plano cultural destaca ao mesmo tempo um espaço/tempo de manifestação do tradicional e da inovação, do conformismo e da resistência. Sua ambiguidade revela, às vezes, uma mera reprodução de ordem social e outras totalmente inovadoras (Gomez e Faria citado por Gomes e Pinto, 2005).

Transformando espaços:

A seguir será apresentada a experiência de dois programas desenvolvidos em comunidades: Tómate Tú Parque (“Aproveite o teu parque”) e Brinquedoteca Bototo. Esses programas foram desenvolvidos em parques e espaços rurais e urbanos, espaços intergeracionais que abordam diferentes práticas e necessidades dos sujeitos. Por exemplo, em um dos parques apresenta como público principal idosos e jovens – em espaços e horários diferentes – em outro, crianças, ou seja, as dinâmicas dependem de cada contexto.⁴ A recreação e o lúdico⁵ são duas categorias que têm uma relação inevitável. Uma não existe sem a outra, é uma vivência onde ocorrem experiências psicológicas e sociais que produzem nos seres humanos a sensação de prazer, diversão, encontro com o outro e a estar em um ambiente gratificante.

A escolha dos parques como espaço para o programa se deu porque nós acreditamos que um assunto prioritário de recreação como setor público e objeto de ação está no espaço público, em sua construção, em sua apropriação, em sua recriação.

Baseia-se na convicção de que o espaço público é e deve ser uma preocupação da área de recreação. Nesses espaços se constrói o senso de coletividade; embora também seja importante para nós que as pessoas em suas vidas e espaços privados tenham autonomia para decidir o que fazer ou não com seu tempo livre, também há uma relação dialética entre o que acontece nos dois espaços.

Os parques são importantes contribuintes para o desenvolvimento dos ambientes dos indivíduos e suas comunidades. Muito além do valor tradicional como espaço de lazer ou de entretenimento, consolidam-se como uma estratégia que permite os organizadores atingir objetivos mais amplos em termos de suas contribuições a emprego, saúde, desenvolvimento comunitário

4 Há presenças em espaços públicos que integram a dinâmica cotidiana, ou melhor, se naturalizam, tais como os grupos de consumidores de substâncias psicoativas, os barras bravas ou a torcida organizada no futebol e, raramente mas existentes, as quadrilhas organizadas ou os delinquentes. Esses espaços na rua e no parque se tornam pontos de encontro, de reunião e de planos para causar medo na comunidade local. Há também crianças, jovens, idosos e famílias que se reúnem nesse mesmo ambiente, mas para realizar outras atividades, como se divertir, praticar esportes, ter um momento de dispersão, de prazer ou descansar. Esses grupos não coincidem no mesmo horário; na verdade no decorrer do tempo, acabam não se encontrando nesses mesmos espaços intencionalmente, porque as comunidades são afastadas pelos grupos mencionados, cedendo-os por receio, medo e necessidade de deixar seus filhos longe desses “maus hábitos”, “porque também se aprende vendo”. No caso da prática de esportes, embora não seja considerado negativo se for problematizado o fato de que 90% da área de um parque seja destinada a uma quadra de futsal e a uma quadra de basquete, e apenas 10% para outras atividades recreativas, especialmente um espaço para crianças em idade escolar e nos primeiros anos de vida.

5 Ethos lúdico.



e comunal, desenvolvimento de crianças e jovens, aumento do valor da terra para construir moradias mais dignas, entre outros aspectos (Walker, 2009; Gobey, Graefe e Jame, 1992). A realidade contemporânea dos parques caracteriza-se pela fragmentação física e simbólica entre o espaço público, a natureza diante da cultura, as atividades passivas ou ativas, que têm consequências sobre seus usos. (Petruta Mindrut et al., citado por Walker, 2002)

Arbeláez (2002) afirma que o espaço é um contínuo sócio-histórico; cultural e físico que não pode ser revolucionado e enriquecido sem a ativação e dinamização da imaginação e da criatividade de homens e mulheres em seu encontro diário e coletivo. A partir do contato com o lúdico e com a recreação, no intercâmbio de pensamentos e da imaginação no espaço lúdico, os sujeitos voltariam a des-ordenar o local e redefinir o futuro para que o indivíduo saia novamente às ruas, ao parque, às praças, redimensionando e significando os espaços onde os outros vivem. E o conflito gerado pela representação daqueles em comum pode ser resolvido de forma imaginativa e criativa. Os espaços, em que se expressa o ethos lúdico de cada época, ou seja, como os membros de uma sociedade encaram a subjugação da vida cotidiana em todas as épocas (Echeverría, 2010)

A experiência de Tómate Tú Parque - Brinquedoteca Bototo como espaço em transformação:

O programa Tómate Tú Parque demandou requisitos teóricos e metodológicos e uma persistência permanente na convicção de que a mudança é possível. Alguns dos critérios metodológicos do programa foram:

- As comunidades como interlocutoras da igualdade nos espaços significam que reconhecemos em franco diálogo um espaço de igualdade sempre pensando em como contribuir, a partir dos nossos próprios conhecimentos e habilidades, para sua construção como comunidade. Uma aprendizagem que é mútua, que nos faz reconhecer o lugar onde ocorrem as ações dos vários atores e quebrar os parâmetros que atribuem um lugar inferior àquelas experiências que ocorrem nos microespaços.
- O olhar que temos sobre como lidar com uma realidade pressupõe principalmente um processo de articulação entre sujeitos e processos. Ou seja, não se baseia em pressupostos teóricos sobre a comunidade e o comunitário, mas se constrói em áreas que os problematizam.
- Assim, a elaboração técnica é um ato criativo, coletivo, que é o caminho participativo e orientador do modo como vai operar o programa; parte da leitura da realidade, relacionada com o quadro teórico que é construído, e as próprias epistemes constituem a base da operação dos processos.
- É necessária uma leitura da realidade permanente que não se esgota nos diagnósticos; é necessário um processo de apreensão que problematiza e nos permita construir o campo de ação transformador (seus relacionamentos, referentes empíricos, problemas, mas principalmente suas potenciais possibilidades).
- É fundamental perceber qual o lugar dos sujeitos em espaços comunitários, particularmente em Tómate Tú Parque que não se interessou em conhecer e reconhecer um lugar para as crianças.



- Para o trabalho na área da recreação, é essencial reconhecer e compreender o ethos lúdico das comunidades, os modos como significam suas práticas, o lugar que têm em suas vidas, e trabalhar nisso.

Os principais processos do programa:

As experiências transformadoras se consolidam na medida em que geram processos de construção do conhecimento, relações e formações que irão garantir a sua sustentabilidade com efeitos e impactos sobre as comunidades e o desenvolvimento das capacidades para a área de recreação. Em Tómate tú parque os principais processos desenvolvidos foram⁶: **a)** processos de *pesquisa* que centralizaram-se na sistematização de experiências que irá garantir a produção de conhecimento e que nos permita teorizar sobre a área de recreação e experiências de lazer, por outro lado, que determine as transformações que ocorrem nos sujeitos singulares e coletivos e em espaços de influência do programa; **b)** processos de **formação** dos sujeitos que nos permitem construir intersubjetivamente um coletivo profissional e um técnico crítico e, por outro lado, processos de formação visando ao desenvolvimento de competências técnicas e operacionais para a implementação e sustentabilidade do programa; **c)** no que se refere às **experiências**: criar condições para que as crianças e os idosos das comunidades e da vizinhança do parque encontrem no espaço de recreação de suas vidas uma forma de melhorar suas condições existenciais, espirituais e materiais, mediados pelo deleite e o bem-estar na vida cotidiana; e **d)** assegurar os processos de organização e fortalecimento da capacidade coletiva do trabalho, articulação de esforços materiais e não materiais para garantir à comunidade o direito à recreação a partir da sua própria cultura, desejos e necessidades.

A articulação desses quatro processos permite criar condições adequadas e pertinentes para a vivência recreativa das comunidades, por isso, os processos não são paralelos, mas estão vinculados aos resultados, aumentando os recursos financeiros e os não financeiros, possibilitando um maior rigor aos processos recreativos propriamente ditos.

Momentos metodológicos:

Os momentos metodológicos colocam em movimento dinâmicas particulares nos espaços de ação transformadora, que não são necessariamente sequenciais, mas que podem ser atravessados pela transformação cotidiana de um programa ou projeto. Não se refere a procedimentos e tarefas operacionais e funcionais, mas à essência do programa, ou seja, como ocorre a vivência no espaço. Retomam-se os principais momentos da experiência objeto desta apresentação:

- **Momento da preparação e expectativa.** O diálogo prévio, aquele que estimula. É começar a conversa, estimular o diálogo com os participantes, visando gerar desejos de estar e aproveitar a partir da reflexão, desenvolver a curiosidade diante do espaço lúdico, este é o momento

⁶ Pesquisa, formação, vivências e gestão são as áreas eficientes gerenciadas no Plano Nacional de Recreação 2013-2019, que é marco político para a área da recreação na Colômbia.



em que começa a romper com a rotina para colocar em tensão com o comum, com a cotidianidade, e dar espaço para o excepcional. Neste caso, produzem-se cenários no espaço que atraem quem transita, que chama a atenção e se articula também com os líderes, as instituições e a vizinhança. Este momento é primordial para fazer uma leitura da realidade compartilhada e para priorizar as mudanças com a comunidade.

- **O momento da reunião e da análise:** À medida que tudo vai se estabelecendo no espaço e que os elementos disponíveis são implantados, as pessoas começam a se encontrarem e, entre conversas, risadas e diversão, passam a saber do que acontece no território através do meio mais utilizado e conhecido do ser humano, “a fofoca”; conhecimento que não se tem através de redes sociais, onde dificilmente poderíamos saber dos problemas que ocorrem em nosso território. Estar neste espaço nos possibilita conhecer as dinâmicas que estão acontecendo em cada espaço-território e como surge o diálogo como ponto de partida para a construção comunitária, de forma simples, espontânea, sem intervenção nem tecnicismo, somente com um toque de simplicidade, singeleza e disposição por parte dos sujeitos envolvidos. Para isso, nossa sugestão sempre é não “formatar” a experiência, mas tomar os modos de expressão lúdica dos sujeitos, para entrar na brincadeira ou na arte em suas diferentes expressões⁷.
- **O momento de construção:** é o tempo da ação por parte da comunidade, muitas das ações são resultado de diálogos, acordos, aprendizagem e planejamento. Trata-se de nos organizar para limpar, pintar e embelezar o parque ou o espaço definido, é o momento em que o espaço está disponível para todos e todas através da arte, do brincar, do encontro.
- **O momento de reflexão e de regresso à experiência:** É o momento do retorno sempre presente, de voltar às experiências vividas para perceber o que somos nesse espaço e como nos transforma. Envolve uma reflexão orientada a partir de uma perspectiva da pedagogia de lazer como uma das estratégias de sustentabilidade do programa.

Categorias emergentes construídas a partir de experiência:

São aquelas categorias que foram construídas com os grupos e comunidades como resultado da experiência e da permanência no programa.

Queremos fazer uma ênfase especial nas categorias que surgem do vivido. Através desses programas, acreditamos na realização de espaços de encontro para pessoas que compartilham um **território**, centralizando nesses espaços, que funcionam de forma diferente, que não são privados, como a rua e o parque, e que permitem uma apropriação do espaço-tempo como **nosso**. Dinâmicas estas que nos mantêm ancorados a coisas significativas que fortalecem os laços com a comunidade, que nos identifica e fortalece a partir desse território – tais como as tradições, as festas, as necessidades, os valores e a realidade – com seus limites e possibilidades de resolver nossas incertezas, medos e tensões, para nos juntar em comunidade como um lugar de **convivência**, que é projetado para a vida cotidiana da comunidade, em casa, no trabalho, nas salas de aula, nas ruas e em outros cenários onde a vida acontece (Rozo e Molano, 2016).⁸

⁷ Aqui trabalhamos os personagens, como os Gadget, também com jogos abertos ao público, jogos de tabuleiro etc.

⁸ Joaquin Endir Rozo e Diana Molano, coordenadores do programa Tómate Tú Parque e Brinquedoteca Bototo no Departamento de Meta, Colômbia.



Território: Este conceito foi adquirido da abordagem a um modo de vida e organização social de algumas comunidades em Oaxaca e foi coletado e exposto amplamente pelo professor Jaime Martínez Luna (2008). Ele nos ajudou na reflexão sobre a importância de ver e levar a vida estabelecendo uma relação com o território. Desde a comunalidade, essa relação surge como o fato de ser e de ter nascido em um ambiente natural, que permite o indivíduo ser e entender sua dependência da natureza circundante. O encontro em um ambiente comum, que de repente sofre mudanças para se encher de cores e elementos diferentes, que convidam à observação, permite pôr em cena interações sociais mediadas pelo prazer, criando uma ruptura na cotidianidade e na rotina em determinado ambiente, a partir do brincar e da arte. Esses espaços despertam as lembranças pessoais e coletivas, da história compartilhada do território, como um ponto de partida para aquilo que nos une e nos faz ser uma comunidade. Onde o território é parte de nós e não o homem (Martínez Luna, 2008)

Tudo isso está presente para sua reflexão e análise; é fruto das palavras e experiências circundantes, assim como vai tecendo relações, preocupações e iniciativas conjuntas. Este eixo aborda diferentes maneiras, ao longo dos vários momentos, desde a antecipação, quando estabelecemos o diálogo com as pessoas, desde as preocupações geradas nestes espaços dentro do seu território, de sua intervenção, através de hortas, brincadeiras no chão, dança, no momento da construção ou elaboração de desenhos e histórias, que fazem a história, que são todas as oportunidades de ser e estar de forma completa neste espaço e gradualmente torná-lo uma parte fundamental do território.

O que é nosso. É o que nos incentiva a mobilizar, chamado por Zemelman de Hugo (2010) de “força natural”, para transcender os limites e transformar as realidades. Essa mudança nas comunidades, sendo às vezes parte delas, sempre deixa algo nosso na cor da terra, na pele das pessoas, nos sabores, na diferença de pensamento e nos modos de falar, o que nos faz ser ricos em diversidade, viver o contraste entre a realidade do campo, da simplicidade das estradas, que dão espaço para a contemplação, sem excessos de parâmetros modernos e midiáticos. Aproveitar a espontaneidade e a criatividade, que estão pendentes do toque de modernidade, e interagir nos bairros onde as pessoas vivem outro ritmo, onde se tem acesso a outras possibilidades, e que enfrentam diferentes problemas, no caso de trabalho em áreas rurais, nos possibilita questionar sobre se podemos entrar e ocupar os espaços e formas de lazer, naturais e próprias, ou damos a oportunidade para as pessoas construírem elas mesmas; a identidade e a espiritualidade são processos de expressão, que têm relação com os povos indígenas com os quais podemos retomar aquilo que nos enriquece para construir uma totalidade que contenha a diversidade. Consideramos que isso merece ser abordado em espaços onde se possa implantar e ressignificar, como o que estamos tentando produzir, uma forma de contribuir para a desconstrução e construção da identidade daqueles que vêm para as cidades devido a fenômenos como a migração. Destacam-se as habilidades em tudo que oferece espaço, é o momento onde as ações concretas são exercidas para viabilizar nossa intervenção. Aqui estão incluídas desde oficinas de treinamento comunitário, limpeza e embelezamento até fabricação de brinquedos, artesanato, desenhos, mapas de realidade etc., ou seja, são as habilidades em ação de acordo com as necessidades comuns.



Convivência, É viver compartilhando, é cooperar para viver bem. É necessário um nível de coesão, no qual partilha-se da crítica e da perspectiva do outro e de sua própria, aceitando-a e escutando-a. Isso se dá a partir da necessidade de mudanças visando objetivos comuns, no qual o conflito é considerado um componente necessário e poderoso.

Como destacam Alfonso Torres (2013):⁹

“Começamos a nos reconhecer a partir da complexa, contraditória e plural realidade latino-americana, na qual o capitalismo dominante coexiste em tensão com outras formas de organização econômica e social; onde a hegemonia ideológica neoliberal falha ao subordinar a multiplicidade de culturas e subjetividades para resistir e se opor; onde congregam diferentes temporalidades, sentidos, justificativas e visões do futuro; onde as tensões são expressas de várias maneiras e assumem formas singulares em cada território e em todas as esferas da vida social; e onde cobra força um amplo espectro de experiências de ação coletiva que demonstra o embate entre a velha sociedade que resiste em morrer e a nova que procura abrir espaços” p.196

Convergir de outras maneiras em espaços públicos, que já são por si mesmos os nossos lugares, é descobrir outros usos dos espaços e outras formas de estabelecer relações, é intencionalmente criar uma atmosfera onde o jogo da amarelinha é colocado muito perto de um pião, são duas brincadeiras que nos trazem recordações e chamam os grandes e os pequenos, que estão tão próximos uns dos outros em algum momento, para solicitarem instruções sobre como se brinca, portanto, buscaram-se crianças e adultos sob olhares e perguntas para esclarecer dúvidas e continuar a brincadeira, o início e o término disso é algo que se espera e o que chamamos “troca entre as gerações”.

É necessitar dos conhecimentos culinários das senhoras voluntárias, que também viram nisso a possibilidade de ganhar uma pequena renda para ser destinada ao parque; é trazer a fantasia com os aventureiros, a música para dançar sem coreografia, o cavalete de pintura para fazer livremente o que vem da imaginação.

O ethos socializador que dá significado e coesão à comunidade procura a territorialização para construir ou estabelecer “lugares” permanentes ou transitórios, como é o caso da casa para as comunidades parentais, os altares e os locais sagrados para as comunidades religiosas e espaços de encontro, celebração e mobilização da comunidade emocional ou intencional.

⁹ Torres escreve: “Não estamos como Tönnies e seus contemporâneos diante da primeira onda de dissolução das formas de vida dos laços sociais comunitários, devido a uma obra da industrialização capitalista e do estabelecimento dos Estados-nação do Velho Continente; também não estamos na fase de formar um novo modo de vida urbano e da ascensão das massas e da sociedade de consumo em que viveu Simmel, Benjamin e os sociólogos da Escola de Chicago; nem diante das crises das sociedades capitalistas dos países metropolitanos, marcados pela crise da economia liberal, do estado de bem-estar e da democracia liberal (que nunca tivemos) e diante da qual são ativadas experiências e discursos comunitários, os quais são fonte de preocupação e suspeita de Sennett, Touraine e Bauman; tampouco diante do declínio do individualismo na sociedade pós-moderna, pós-societária ou pós-comunista que descreve e celebra Maffesoli...” (Torres, 2013).



“Dessa forma, uma comunidade pode ser entendida como a coexistência plural dos sujeitos singulares ou particulares que constantemente estão ocorrendo desde a criação e recriação da intersubjetividade que mantém vivo o sentimento que os une. Muito além de se estabelecer ou se projetar em uma identidade cultural (étnica ou não), a comunidade exige identificações permanentes entre seus membros; podemos dizer que toda a comunidade não é um fato, mas uma oportunidade inicial: devendo assegurar seu nascimento permanente” (Torres, 2013:206).

Não é a partir de identidades únicas, mas de identidades possíveis, além de pensar em territórios que contenham grupos humanos únicos, diversos, com diferenças complexas que enriquecem dada comunidade e se tornam o meio de tensão permanente para que não fixem matrizes de pensamento que excluam os sujeitos por suas diferenças, ou que os invisibilizam com o fundamento de não “estarem de acordo” com o padrão de um conjunto totalitário, que persegue uma ordem uniforme, mas não uma reorganização viva da realidade.

Nos ciclos da vida cotidiana, existem valores e estratégias que são repetidos, sendo na interação diária onde a cultura se reproduz ou se transforma. Da mesma forma, os processos de violência criam seus próprios círculos viciosos e adotam uma dinâmica própria, resultando em uma área de trabalho diferente; também os processos de convivência têm sua própria dinâmica que é necessária esclarecer e identificar através da análise dos ciclos da vida cotidiana (Arango, 2003). É necessário viabilizar o que tornou possível, como muitos dizem informalmente, “essa outra Colômbia”, apontando que no país é possível construir muitas possibilidades para todos e todas viverem bem.

Como afirma Reguillo (2004), o trabalho invisível das “estruturas” da vida cotidiana que operam como normas culturais está fortemente presente no imaginário político. Assim, a ação coletiva é não somente decisão e estética, mas fica claro que, sem esses dois componentes, o movimento social tem poucas possibilidades de questionar as subjetividades abaladas por múltiplos e sucessivos estados de emergência.

Para criar espaços de convivência e fortalecer os já existentes, é necessária a transformação de processos psicossociais, que fazem parte da vida cotidiana (crenças, padrões de parentalidade, representações, rituais etc.), que operam nas instituições (escola, família, igreja, trabalho), resultando na abertura de processos de apreensão problemática das várias possibilidades para a área de recreação; na medida em que suas práticas não se entrelaçam com a realidade dos sujeitos, os tempo-espacos de lazer e recreação não são alheios ao indivíduo, fazem parte do que são desde a constituição a partir de sua cultura, essa que é a grande oportunidade existente para construir e transformar realidades.

Um pouco do que ficou...

“O hábito faz a prática”, podemos dizer que essa frase é uma homenagem ao trabalho realizado, porque o desenvolvimento das três tarefas durante mais de um ano insistindo em Bogotá e três anos em Meta despertou nas comunidades uma preocupação de permanência no espaço, uma ânsia de continuar fazendo por eles e para eles um coletivo do mesmo território.



Saber que as crianças podem ter acesso a jogos e brincadeiras em frente a suas próprias casas, enquanto das calçadas os adultos ou outros familiares cuidam delas e se sentem seguros porque conseguem fazer duas tarefas simultâneas, cuidar da casa e cuidar das crianças, isso é um ganho devido às ações da permanência, uma vez que estar seguros e fornecer segurança é um dos impactos identificados.

O fato de poder estar no parque com o pretexto de proteger e cuidar de uma planta ornamental, ou de uma que mais tarde pode fornecer frutos para o bem-estar, é estar vivendo em espaços públicos, pois os corredores milagrosos¹⁰ que são estas sementes urbanas plantadas no contexto de parques e ruas levam perseverança e persistência à comunidade nos territórios, demonstrando a presença deles em momentos que antes eram só para os outros chamados às vezes de imprudentes, vândalos.

Nos territórios rurais, o maior poder que a recreação pode dar é a dignidade dos sujeitos. Criar espaços para reconhecer e desenvolver sua própria maneira de lazer dentro de seus ambientes, encontrando novas possibilidades para execução. Entrar nessa relação sem superioridade, sem nos considerar donos de uma verdade em relação à ignorância dos outros, nos abre para a possibilidade de trocar conhecimentos, para a aceitação mútua como ponto de partida capaz de gerar movimento nas comunidades e sujeitos. Não são movimentos de abertura, de motivação e alegrias para eles, mas para o recreador que se aventura em explorar outras lógicas e modos de vida, onde dá relevância para coisas diferentes que às vezes não são perceptíveis para nós, o que fizemos foi colocar em tensão o dado frente ao possível.

Da indiferença à apropriação do espaço público como espaço lúdico. Nós vivemos a indiferença quando chegamos nos parques e encontramos muito lixo, um descuido com a altura da grama, excrementos de cães, não uso do espaço e a falta de uma ética do cuidado. Tómate tu Parque Brinquedoteca Bototo começa com o despertar da comunidade para ser a protagonista na apropriação desses espaços públicos, que a comunidade não conseguiu fazer por causa das diferenças com o outro.

O desafio metodológico é *“agir sem esperar determinados resultados, mas estar alerta para o que surgir para lidar com isso, promovendo-o”*. Criar estratégias que podem possibilitar a construção de confiança entre moradores e incentivar ações dentro da própria comunidade para encontrar soluções para a insegurança e o medo. O desafio é configurar a metodologia aplicada para criar um processo que possibilite a maioria dos habitantes de um território passar da indiferença e apatia ao estabelecimento de ações em prol da comunidade e ter uma atitude de disponibilidade para participar e desenvolver autonomia da comunidade, especialmente diante da apropriação dos espaços públicos.

A intergeracionalidade é outro desafio na medida em que somos capazes de compartilhar o espaço e a palavra. Para isso, são necessários meios para nos afastar do imaginário construído sobre cada segmento da população, sobre os parâmetros de cada idade e os papéis de poder e superioridade pré-determinados pela sociedade. Pensamos que isso é o que mantém os adultos no lugar de expectadores, separados em uma arquibancada sem se animarem a jogar, exercendo seu papel de simples cuidadores.

10 Esta proposta contou com o plantio de plantas medicinais no parque.



BIBLIOGRAFIA

- Altuve, E. (2009). Ocio, recreación, Estado y Revolución. In Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Org.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Arango Botero, C. A. (2003). Los vínculos afectivos y la estructura social. Una reflexión sobre la convivencia desde la red de promoción del buen trato Investigación & Desarrollo, vol. 11, núm. 1, julho de 2003, pp. 70-103 Universidad del Norte Barranquilla, Colômbia
- Arbeláez, J.E. Espacio lúdico: Una construcción social y comunitaria. Caso Bogotá. Memorias VII Congreso Nacional de Recreación – II Encuentro Latinoamericano de Recreación, 28 a 30 de Julho de 2002. Em www.funlibre.org
- Blandón, M. (2005). Consideraciones metodológicas para el estudio del ocio en las sociedades latinoamericanas. In Tavares, J.F., Ossa, A.F. e Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp. 211-234.
- Busari (2013). The impact of Recreation Therapy Intervention on festive. *Ife Psychologia*. 21 (2), 160-169.
- Carrion, F. (s.f.). Espacio Público: Punto De Partida Para La Alteridad. In Ciudad e inclusión (Carrión, F. Comp.) Ciudad e inclusión: por el derecho a la ciudad. Fundación Foro Nacional por Colombia, Fedevivienda y Corporación Región. Acesso em 20 de Junho <http://www.bogotacapitaliberoamericanadelacultura.gov.co/descargas/Conferencia>
- Carter, M.J. & Van Andel, G. (2011) Therapeutic Recreation: A practical approach, Fourth Edition. Waveland Press, Inc: USA.
- Chiesura, Anna (2004), "The Role of Urban Parks for the Sustainable City", *Landscape and Urban Planning*, 68: 129-138.
- Echeverría, B. (2010). Definición de la cultura. México. México. Fondo de Cultura Económica. Editorial Itaca.
- Escobar, A. (s.f.). Una minga para el postdesarrollo. Acesso em junho de 2011 da <http://www.postdesarrollo.com/textos/EscobarDesarrolloMingaPostDesarrollo09.pdf>.
- Tavares, J.F., Ossa, A.F. e Molina, V.A. (2005). El humanismo en la responsabilidad del intelectual del ocio y la recreación. In Tavares, J.F., Ossa, A.F. e Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp.177 – 194.
- Gomes, C. e Pinto, L. (2009). El ocio en Brasil: analizando prácticas culturales cotidianas, académicas y políticas. In Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Org.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Lema, R. e Machado, L. (2009). Tiempo Libre y recreación en Uruguay: la construcción de un enfoque lúdico recreativo. In Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Org.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Martínez L. J. (2008). Eso que llaman comunalidad. Oaxaca, México. Cultura Populares. CONACULTA-Fundación Alfredo Harp Helú.
- Osorio, C. (2016). Un continuo repensarnos desde y para la recreación. In Osorio, E., (Coordinadora), Molano, D.; Roza, E.J. Abondao, I. e Saldaña, R. (2016). Recreación: Exigencias metodológicas para una vivencia transformadora. "Un nosotros productores de realidades. Bogotá, D.C. Colômbia, Editorial Casa de las Preguntas.
- Osorio, C. E. (2015). Transición del campo de la recreación de una totalidad minimizante y excluyente a totalidades dialogantes y diversas. In Peralta R., Medina, T., Osorio, E., Salazar C. (Coordenadores). Aproximaciones para la construcción del campo de la recreación en Latinoamérica. Colima, México. Puerta Abierta Editores.



- Osorio, C. (2005). La recreación y el ocio como construcción creativa y propia. In Tavares, J.F., Ossa, A.F. e Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp.66-99.
- Osorio, C. (2009). La recreación en Colombia: un campo en construcción. In Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. e Elizalde, R. (Org.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Paz, E. (2011). Un esbozo a la investigación de la reproducción y continuidad del habitus de la aristocracia porfiriana de la Ciudad de México a través de las prácticas de ocio. Revista Latino-americana de recreação no volume 1, número 1. Pp. 5-63.
- Reid A., Leiva, R., y Elizalde, R. (2009). El ocio y la recreación en Chile: una mirada desde la actualidad y la precariedad. In Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. e Elizalde, R. (Org.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Roig, A. (1998). La moral latinoamericana de la emergencia. Edición digital preparada por José Luis Gómez-Martínez. Acceso em Julho de 2011 <http://www.ensayistas.org/filosofos/argentina/roig/etica/etica6.htm>.
- Suárez, S. (2009). Una aproximación a la representación social de la recreación. In Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. e Elizalde, R. (Org.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Torres Carrillo, A. (2013). El retorno a la comunidad. Problemas, debates y desafíos de vivir juntos. Bogotá, Editores Fundación Centro Internacional para el Desarrollo Humano – CINDE. Editorial El Búho Ltda.
- Walker, C. Beyond Recreation. A Broader View of Urban Parks. The Wallace Foundation. Acceso em 23 de maio de 2009 em <http://www.ci.mammoth-lakes.ca.us/comdev/>
- Walsh, C. (2014). Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos. Querétaro, México. Impresión Colectivo Zapateándole al gobierno. Equipo de En cortito que ´s pa ´ largo.
- Zemelman H. (2010). Aspectos Básicos de la Propuesta de la Conciencia Histórica o presente potencial. México, Ed. Anthropos.
- Zemelman, M. (s.f.). Pensar teórico y pensar epistémico: Los retos de las ciencias sociales en América Latina. Documento doctorado conocimiento y cultura en América Latina. México, IPECAL.
- Ziperovich, P., Chervin, C. (2005). Del ocio a la recreación en la realidad actual. In Tavares, J.F., Ossa, A.F. e Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp.195-210.



LEISURE, RECREATION AND SOCIAL TRANSFORMATION: THE DEPLOYMENT OF THE SUBJECT WHEN IT TRANSFORMS ITSELF

Esperanza Osorio Correa¹

From where...

It is important to note that the question about the relationship between recreation, leisure and social transformation, for purposes of this presentation, is done firstly from a perspective of knowledge, which undoubtedly is shown in a social organization and a collective perspective that works outside the institutional brands; and, on the other hand, the relationship is set out in terms of the methodological and of the field-making of recreation. In each case, the answer follows different routes that meet each other in some points; however there will not be enough time to go deep about it here.

Research in the field of recreation requires us to problematize the underlying epistemic and theoretical assumptions. To speak of transformation, and specially of social transformation, requires reflection on these concepts and their relationship with the field of recreation. Transform is a word that challenges us from a complex place, because, more than a topic, it is a category that includes multiple articulations, fields of knowledge and intervention. This happens because no subject or field of study can assume that category (Social Transformation) as its own.

It is assumed that the problematization of the transformation concept does not mean the “transformed thing” itself, but a continuous, long-term process, the permanent gap between the present and the future as a time of possibilities to generate chaos—rearrangements, deconstructions—, constructions of a reality in movement. But when, by establishing the link with the social, are we talking about interaction between human beings? From the position brought up here, the social is referred to the relation of life between human beings.

From what position does a professional who works in the field of recreation take over social transformation? Does it mean having a political position? From what development perspective is it done?²

Is the position placed in the development models that have been established and built up in our countries, that base the approach of their transformation goals in market matrices, destroying, in most cases, any possibility of the thinking subject existence, because it means to feel more dependent? If so, this is the meaning of the action, and from this place the transformation is expressed by achieving indicators proposed by these logics; indicators that, as obvious, are a representation of the mentioned model.

To think of recreation as a political-ethical project that involves us taking a stand, placing ourselves somewhere, with a view of the society and the subject, a critical confrontation with the supposed development for our countries and about the factors that sustain inequality and injustice, which includes thinking leisure and recreation for all (race, gender, ethnicity, age), a rethought of “all” in the multiple exclusions and their minorities, that does not only attend to a concern, for example, for people in a

¹ Colombian Foundation of Leisure and Recreation – Funlibre

² It seems necessary to deepen the political perspective of the field.



disability situation, but for those other different, which necessarily leads us to question the concept of “normality” imposed and parameterized.

Thus, from another place, social transformation, assumed as a process that is thought and built with subjects permanently, refers to open fields of possibilities to generate movements in structures, using utopias as devices constructed by subjects; utopias that also point out other ways of being. That is, they are not utopias to stay in the same place, but rather to go with historical times.³

And there may be many other placements, what should be noted is that when strategies and actions of social transformation are considered, it is necessary to account for the matrix of thought being used, which, for the experiences presented here: a) give the subject a place in the process of transformation; b) suppose a reality in movement; c) assume complexity as an articulating requirement of the reality problematizing apprehension processes; d) require recognition and construction of action categories based on a critical reading of reality, and based on theoretical assumptions only; and e) suppose to build a specific epistemic, theoretical and methodological foundation for the field of recreation.

In this sense, we think of the transformative action as the one capable of putting in tension the subjectivities that regulate the daily life of the subjects in specific spaces, in such a way that we can account for those keys that have to guide the categories to be transformed. For example, if transformative actions are, first of all, actions for life and coexistence, we must recognize and understand the subjectivities that regulate spaces for the solution of conflicts in a given culture and what is the logic that underlies these subjectivities from processes of awareness of the subjects, and not only of who emerges the action from outside. That is to say, it is not a subjectivist position, but rather it assumes in the relationship the empirical referents that follow the operation of such subjectivities in everyday life.

For the field of leisure and recreation, it is necessary to make transformations from their own bases, their own placements regarding social reality, and, therefore, in how social reality is thought and interpreted. An aspect that has to do with the matrices of thought that move in the field, that, by being diverse, deserve the construction of consensus located in specific territories. Therefore, the transformation implies a continuous restructuring of the underlying logics that set certain parameters in the social, economic, educational, cultural and leisure and recreational policies, of their identities, of the professionals, of the mechanisms of articulation, interaction and relational autonomy, of how to deal with its conflicts, of its bets and institutional designs, and of its social organizations, to mention some of the aspects. It will be difficult to carry out social transformations from the field of recreation, if those who are part of it are not aware of the matrices of thought and theoretical underlying their practices. (Osorio, 2018)

Epocally and for Latin America, the transformation category includes multiple worldviews and multiple transformations from an amalgam of views part of a way of seeing and being in Latin America, that are not necessarily linked to equal purposes and logics; on the contrary, they make up a dialoguing whole that recognizes that in their parts there may be differences that do not uniformly accommodate, but create orders where diversity is possible and where the invisibility becomes visible, particularly when speaking from a field such as recreation, and programs and experiences that in most cases they do not have a place for the mass media and the governments, but that do exist in the daily reality of the communities.

3 Posture that has been constructed from the Epistemology of Potential Present, proposed by Hugo Zemelman



The foregoing implies renouncing universals, general statements, to recover the singularity of the subject and space in a historical time; it demands the resignification of our categories of analysis; starting from the reality that is common to us, an attention to the emergent, and not only what is recurrent or predetermined is the bet for a construction of knowledge from relationships, links and social ties.

As noted by Roig (2000), in Latin America there is evidence of an ethical thought and forms of praxis whose philosophy deals with the historical “modes of objectification” of a subject, through which it self-recognizes and self-affirms as such, through an affirmation of full subjectivity that has not always been achieved.

It is unquestionable the need to face the challenge of realizing, as noted by Roig (2000), a “reordering of knowledge and practices”, both in terms of world theoretical knowledge and political techniques, a resemantization of categories that imply the need of re-creation of the categorical regime necessary for the construction of an objectivity.

In the field of recreation in Latin America, various power, economic, social and political logics, that have built ethical, social and cultural subjectivities, move the external subject to experience and visualize it more as an object of discipline and control (Paz, 2011, Molina and Cols., 2005), which is not related to the needs of the subjects (Ziporovich and Chervin, 2005) and that, therefore, has different purposes for different authors; recreation is defined as “the responsible practice of creative processes of re-appropriation of freedom (Altuve, 2009: 382); free time as an appropriate intervention scope to achieve social and educational objectives (Guerrero, 2009: 359); socio-educational intervention, an institutionalized process that aims to achieve social and educational goals (Lema and Machado, 2009: 231); social, educational and cultural intervention, with actions of social practice directed and destined to generate spaces and situations of different sociability (Vilas, 2005: 273); to mention some positions.

The recreation proposed as an intervention is a challenge that requires a critical approach based on questions such as: what is the object of the intervention, its methods, the place that the subject occupies, its itineraries for the field, and its intentions? Assuming the power to “intervene” in the lives of others in the leisure and recreation spaces, which are the micro spaces, the closest places where one operates in everyday life, where the experience picks up that historical subject that is made more present in those times and spaces, because the experience does not occur outside of life; even in a fantasy world, despair, fear, chaos, are part of it (Franco et al., 2005) and reflects the tensions, conflicts and ambiguities of the context. A present time and a daily life that implies the consideration of material objective and subjective conditions, a public agenda, an involvement “within a transformative movement”. Salas (2009) asks what is needed to be able to influence society as a new category of culture: recreation and leisure time? The state-society complex relationships challenge both the first and the second in the search and construction of new scenarios, of other possible worlds trying to find ways to influence reality with a transforming sense, rediscovering and valuing our own identity. (Reid y cols, 2009: 199)

It is necessary to immerse ourselves in the debate on leisure, free time and recreation that is taking place in Latin America, seeking to elaborate a Latin American conception much wider than the positivist and non-exclusive one (Altuve, 2009: 383). In leisure, different logics coexist. Its cultural plot highlights, at the same time, a time/space of manifestation of the traditional and novelty, conformism and resistance. Its ambiguity reveals sometimes mere reproduction of the social order, and others totally producing the new (Gomez and Faria cited by Gomes and Pinto, 2005).



Transforming spaces:

The experience of two programs developed with communities is shown as follows: Tómate Tú Park and Bototo Playroom. These programs were developed in parks and rural and urban spaces, intergenerational spaces that summon different practices and meeting needs of the subjects. For example, in one of the intervened parks there are mainly older and young people - in different spaces and schedules, in another one they are boys and girls, that is to say, their dynamics depend on each context.⁴ Recreation and playful⁵ are two categories that have an inescapable relationship; one does not exist without the other, and it is in the experience where psychological and social experiences occur and that enable human beings to feel pleasure, to have fun, meet with others and to be in a rewarding environment. We chose parks as a space for the program because we consider that a priority issue of recreation as a public sector and object of actions is in the public space, in its construction, in its appropriation, in its re-creation.

It is based on the conviction that public space is and should be a concern in the field of recreation. In these spaces the idea of collectivity is usually built; and although for us it is also important that people in their lives and private spaces have the autonomy to decide what to do or not with their leisure time, it is also true that there is a dialectical relationship between what happens in both spaces.

Parks are significant contributors to the development of the environments of the subjects and their communities. Beyond the traditional value as a recreational or entertainment space, they are consolidated as a strategy that allows planners to achieve broader goals in terms of their contributions to employment, health, community and its development, children and young people's development, the increase in the value of land to make the neighborhoods more attractive, to mention a few aspects (Walker, 2009, Gobey, Graefe and Jame, 1992). The contemporary reality of parks is characterized by its physical and symbolic fragmentation, between public space, nature versus culture, passive or active activities, which has consequences for their uses. (Petruta Mindrut et al., cited by Walker, 2002)

Arbeláez (2002) states that space is a socio-historical, cultural and physical constant that cannot be revolutionized and enriched without activate and dynamize the imagination and creativity of men and women in their collective and daily encounters. Subjects who from the ludic and recreational exercise in the exchange of thought and imagination in the ludic space would return to des-order the house and redefine the future, so that the individual returns to occupy the streets, parks, squares, to resize and signify them as spaces where others live in; where the conflict generated by putting on the same in common can be resolved in an imaginative and creative way. Spaces where the playful ethos of each era is expressed, that is, the way in which members of a society face the subjugation of daily life in each period (Echeverría, 2010)

4 There are presences in public spaces that make up the daily dynamics or that become natural such as consumer groups of psychoactive substances, or football fans, and in a few occasions, but existing, organized gangs or delinquents. These spaces of the street and park become meeting points, of gathering and plotting, to intimidate the community around it. There are also children, young people, seniors and families in the same scenarios in other types of meetings, such as having fun, sports practice, distraction, pleasure or resting moments. These groups do not converge in the same hours; in fact, over time they end up not being in these same spaces intentionally, because the communities are displaced by the aforementioned groups, they end up yielding from fear, concern and the need to keep their children away from these "bad habits," "because one can also learn from watching." In the case of sports practice, although they are not assumed as negative, the fact that the extension of a park is 90% for soccer field and for basketball court is questioned, remaining only 10% for other recreational activities, and especially space for school-year children and early childhood.

5 Playful Ethos



The experience of Tómate Tú Park-Bototo Playroom as a transformation space:

The Tómate Tu Park program raised theoretical and methodological demands and a permanent persistence in the belief that change is possible. Some of the methodological criteria of the program were:

- *Communities as interlocutors in spaces of equality; this means that we recognize, in a frank dialog, in a space of equality always thinking about how we can contribute from our own knowledge and skills to its construction as a community; a mutual learning that forces us to recognize the place from which actions of different actors take place and to break the parameters that give a lesser place to those experiences that occur in micro-spaces.*
- *The way we look at how to approach a reality; it mainly involves a process of articulation between subjects and processes. That is to say, we do not start from theoretical assumptions about community, but we construct problematic fields together.*
- *Thus, the technical design is a collective creative act constituted in the participatory route that guides how the program is going to operate; it starts with the reading of reality, which is related to the theoretical framework being built, and the epistemes are the basis of the process's operation.*
- *It is necessary a reading of the permanent reality that is not exhausted in the diagnoses; a process of problematic apprehension that allows us to construct the field of the transforming action (its relations, empirical referents, its problems, but mainly its potentials enhancers).*
- *It is crucial to account for the place that subjects have in community spaces; particularly for Tómate Tú Park, we aimed to know and recognize boys' and girls' places.*
- *For the field of recreation work, it is essential to recognize and understand the playful ethos of the communities, what their practices mean, the place it has in their lives, and work on it.*

The main processes of the program:

The transformative experiences are strengthened as processes of knowledge, relationships and training construction that guarantee their sustainability over time are generated, with effects and impacts on communities and on the development of capacities for the field of recreation. In Tómate Tú Park, the main processes developed were⁶: a) research processes focused on the systematization of experiences that guarantee the production of knowledge, and that allow us to theorize about the field of recreation and leisure experiences, and on the other hand, that determine the transformations that occur in the singular and collective subjects and in areas of influence of the program; b) training processes for subjects that allow us to build intersubjectively a professional and critical technical group and, on the other hand, training processes aimed at the development of technical and operational skills for the execution and sustainability of the program; c) regarding experiences: create conditions for children and older people in the communities and neighborhoods of the park so they can find in the recreation space a way to improve their existential, spiritual and material conditions, mediated by the enjoyment in daily life; and d) guarantee processes of organization and strengthening of the collective

⁶ Research, training, experiences and management are the areas of effectiveness managed in the National Recreation Plan 2013-2019, which is the policy framework for the field of recreation in Colombia.



capacity of work, of reunion of material and non-material efforts to guarantee the community the right to recreation from their own culture, desires and needs.

The articulation of these four processes allows to create appropriate and relevant conditions for the recreational experience of the communities, so the processes are not parallel but linked around the results, enhancing the economic and non-economic resources of the program and giving it greater accuracy to the recreational processes themselves.

Methodological moments:

The methodological moments bet to the movement of particular dynamics in the spaces of transforming action, not necessarily sequential, but they can be crossed in the daily happening of a program or project. It does not refer to the procedures and functional operative tasks, but to the fundamentals of the program, that is, to how the experience is given in the space. The main moments of the target experiences of this presentation are resumed:

- **Moment of preparation and expectation:** It is the previous dialog, that of provocation. It is the beginning of talking, of generating a dialog with the participants; it aims to generate desires of being and enjoying from the question, curiosity regarding playful space; it is the moment in which you begin to break the routine to generate tension with the ordinary, with the everyday, to enter the extraordinary. In this case, scenarios are created in the space that attract the passer-by, which stands out to them, and also refers to the articulations with leaders, institutions and neighbors. This moment great importance for a reading of the shared reality and to prioritize the transformations with the community.
- The **moment of the encounter and the exploration:** As everything becomes available in the space and the elements deployed are unfolded, people begin to find each other, and between conversation, laughter and game, they learn about what happens in their territory with the most used device in human history, the "gossip," knowledge that is not achieved through social networks, where we could hardly find out about the problems that occur in our territory. In the space, we realize the dynamics that are happening in each space-territory and how the dialog arises as a starting point for community construction, in a simple, spontaneous way, without requiring technicality and intervention, and rather with a touch of simplicity and willingness on the part of the subjects involved. Therefore, our suggestion is always not to "format" the experience, but to collect forms of playful expression of the subjects and then start with the game or the art in their different expressions⁷.
- The **moment of construction:** it is the action time of the community, many actions derive from circles of speech, agreement, learning and planning. It involves organizing ourselves to clean, paint and beautify the park or the space defined, it is the moment where the space is available for everyone through art, playful time, and encounter.
- The moment of **reflection and return to the experience:** It is the moment of the ever-present return, of returning to what we have lived, to realize who we are in that time-space and how it transforms us. It involves a reflection from the perspective of pedagogy of leisure as one of the sustainability strategies of the program.

⁷ Here we work with characters such as Gadgets, public games, table games, etc.



Emerging categories built from experience:

We refer to emerging categories those built with the groups and communities as a result of the experience and permanence in the program.

We want to specially emphasize the categories that emerge from what has been lived. We think that what we generate through these programs are meeting spaces for people who share a territory, focusing on the different functions of those public spaces, such as the street and the park, and that allow an appropriation of space-time as ours. These dynamics keep us anchored to the force of small significant things that strengthen community bonds identified and that strengthen the territory itself, such as traditions, holidays, needs, ideals, and reality, with its limits and possibilities to solve our uncertainties, fears and tensions, by uniting the community as a place of coexistence, projected to its daily life, home, work, classrooms, streets and other scenarios (Rozo and Molano, 2016) ⁸.

Territory: *This concept was acquired from the approach to a way of life and social organization that some communities in Oaxaca have and that have been widely collected and exposed by Professor Jaime Martínez Luna (2008). It helped us to reflect on how important the way of seeing and assuming life is when establishing a relationship with the territory. This relationship seen from the commonality perspective is posed as as being born in a natural environment, which allows the person to become and understand their dependence on the nature that surrounds them. The meeting in a common and everyday environment that suddenly changes to fill it with colors and diverse elements, which invite to explore, show social mediated interactions for the enjoyment, creating a parenthesis in the everyday life and routine in a given environment, from the perspective of game and art. These spaces invite personal and collective evocations, of the history shared from the territory, as a starting point towards what unites us and makes us a community. Where the territory has us, and not the man (Martinez Moon, 2008)*

All of this is highlighted, for reflection and analysis, as fruit of the word and the experience movements, thus weaving relationships, concerns and joint initiatives. This axis is approached in different ways, throughout different moments, from the anticipation, when we establish dialog with people, from the concerns generated by these spaces within their territory, its intervention, with orchards, floor games, dance, at the moment of construction or the elaboration of drawings and stories, related to history, which are all opportunities to be and to be fully present in this space, and to gradually turn it into a fundamental part of the territory.

What is ours.

This is what impels us to mobilize, from what Hugo Zemelman (2010) calls natural force, to transcend limits and transform realities. This transference between communities, and at times being part of them, always leaving something of ours, is the color of the earth and of people's skin, the flavors, the difference of thought and ways of speaking; it is the diversity, the living with contrasts between the reality of the countryside, the dusty roads what makes us rich, which give space to contemplation, without excess of modernity and media parameters. To enjoy the spontaneity and creativity, which is not

⁸ Joaquin Endir Rozo and Diana Molano, coordinators of the Tómate Tu Park and Bototo Playroom Programs in the Department of Meta.



yet so splashed with modernity, and the interaction in neighborhoods with other pace, where you have access to other possibilities and face various problems, has led us, in the case of work in rural areas, to strong questions about whether we break and colonize spaces and ways of leisure, natural and typical, or we give people the opportunity to build from their own; identity and spirituality are processes of expression that go hand in hand with native people from which we can take back what enriches us to build wholes that contain the diverse. We believe that those issues deserve to be addressed in spaces where they can be deployed and resignified, such as those we have been trying to generate, as a way to contribute to the deconstruction and construction of the identity of those who arrive in cities or towns through phenomena such as displacement. Emphasis is placed on the sharing of all that space offers, it is the moment where real actions are exercised to make visible and intervene in what is ours. Here the days of communal training, cleaning part and beautification, to the elaboration of toys, drawings, crafts, maps of reality, etc., that is, it is the sharing in action according to common needs.

Coexistence *is to share, is to cooperate for a good living. It requires a level of cohesion, where sharing the critique and the perspective of others and of one's own is accepted and listened to. This comes from the need to generate changes towards the achievement of common goals, where the conflict is assumed as a necessary and powerful component.*

As Alfonso Torres (2013) points out:?

"We start by recognizing ourselves in and from the complex, plural and contradictory Latin American reality, in which dominant capitalism coexists in tension with other forms of economic and social organization; where the neoliberal ideological hegemony fails to subordinate the multiplicity of cultures and subjectivities that they resist and challenge; in which different temporalities, senses, rationalities and visions of the future converge; in which tensions are expressed in many ways and assume unique forms in each territory and in each area of social life; and where a broad spectrum of experiences of collective action becomes evident, that shows the struggle between the old society that resists dying, and the new ones that seek to open up spaces" p.196

Converging in public spaces in other ways is to discover other uses of spaces and other forms of creating relationships; it is to intentionally create an atmosphere where a sweet tooth is placed very close to a top, two games that bring back memories and summon children and adults, who are so close to each other at some point that it requires an explanation of how it is played, so both children and adults will be seeking for views and questions to clarify doubts and continue the game; its beginning

9 *Torres writes: "We are not, as Tönnies and his contemporaries, facing the first wave of dissolution of ways of life of the community social bonds by the work of capitalist industrialization and the implantation of nation-states in the old continent; nor are we in the phase of shaping a new urban way of life and the rise of mass and consumer society, that Simmel, Benjamin and the sociologists of the Chicago School lived in; nor in the face of the crises of the capitalist societies of the metropolitan countries, marked by the crisis of the industrial economy, the Welfare State and liberal democracy (which we never had), and against which communitarian experiences and discourses are activated, studied by Sennett, Touraine and Bauman; neither in the face of the decline of individualism in the postmodern, post-social or post-communist society that Maffesoli describes and celebrates ..." (Torres, 2013)*



and end is something that is expected to happen and what we can call intergenerational exchange.

It meant to summon the gastronomic knowledge of the volunteer ladies, who also saw the possibility of a very small income that was destined to the park; it meant to bring the fantasy with the stilt walkers, the music to dance without choreography, the easel of painting to do what freely arises from the imagination.

The convivial ethos that gives meaning and community cohesion aims the territorialization in building or settling in permanent or transitory “places”, such as the home for blood communities, altars and sacred sites for religious communities and meeting places, celebration and mobilization of the emotional or intentional communities.

“Thus, a community can be understood as plural coexistence of singular or peculiar subjects that is permanently producing from the creation and recreation of intersubjectivity that keeps alive the feeling that unites them. More than sustained or projected in a cultural identity (ethnic or not), the community needs to constantly generate identifications among its participants; we can affirm that every community is not given as an incident, but as an opening: it must guarantee its permanent birth” (Torres, 2013: 206).

It is not part of unique identities but of possible identities. Even more so, if thinking of territories that contain unique and diverse human groups, differences that enrich a community and become a permanent tension device, so that no matrices of thought that exclude subject to their differences are settled, or that make them invisible when not considered “suitable” to the canons of totalitarian thoughts that pursue a uniform order, and not a living reordering of reality.

In the cycles of daily life the values and strategies that are repeated daily circulate, and it is in the daily interaction where culture is reproduced or transformed. Just as the processes of violence create their own vicious circles and adopt a dynamic of their own, which entails a different field of work, the processes of coexistence have their own dynamics that must be clarified and identified through the analysis of daily life cycles (Arango, 2003). It is necessary to make visible the very thing that has made possible as many people say colloquially “that other Colombia”, which points out that, as a country, it is possible to build broad fields of possibilities for the good living of all.

As Reguillo (2004) points out, the invisible work of the “structures” of daily life that operate as cultural orientations is strongly installed in political imaginaries. Thus, collective action is not only decision and aesthetics, but it is clear that without these two components, social movement has little chance of challenging the subjectivities shaken by multiple and successive states of emergency.

To create spaces of coexistence, and to strengthen the existing ones, it is necessary to transform objective psychosocial processes part of daily life (belief systems, parenting patterns, representations, rituals, etc.) that operate in institutions (school, family, church, work), leading to the opening from processes of problematizing apprehension of multiple possibilities fields for the field of recreation; as their practices are imbricated in the reality of the subjects, the leisure and recreation time-spaces are not foreign to people, they are part of what they are because they are based on their culture, that is the great opportunity that exists to build and transform realities.



Some of what is left...

The habit makes the practice, we can say that this phrase honors the work done, because the development of the three tasks for more than a year of insistence in Bogota, and three years in the Meta, woke up a concern in the communities to endure in the space an anxiety to continue doing something for them as a collective of the same territory.

With discoveries like that, children can access games and toys in front of their houses, while the older person or family member sits in their chair to observe and feel safe because he/she does two simultaneous tasks, take care of their house and take care of their infant. This was obtained by permanence actions, since being safe and providing security is one of the identified impacts.

To be in the park under the excuse of protection and care of an ornamental plant or one that can later provide fruits of well-being is to be living in public spaces, because the miraculous corridors¹⁰ that urban planting represent in these park and street scenarios gives the community an attitude of perseverance and persistence towards the territory, making possible their presence in moments previously designated for others, those others that sometimes call them the reckless, the vandals.

In rural areas, the greatest power that recreation can give is the dignity of the subjects, to generate spaces for their recognition and for the development of their own way of living leisure within their environments, finding new possibilities for action. When entering into a relationship without superiority, without pretending that we carry the truth assuming the ignorance of others, opens the possibility to the exchange of knowledge, mutual acceptance as starting points to generate movement in communities and subjects. Movements of opening, of motivation and joy, not only for them but for the recreator who ventures to explore other logics and ways of living where different things, sometimes imperceptible, are relevant; what we did was to put what is given in tension as much as possible.

From indifference to the appropriation of public space as a ludic space. *We experienced the indifference when we arrived at the parks and found them completely full of garbage, grass grown, full of dog droppings, empty, without the expression of a care ethics. Tómate Tú Park and Bototo Playroom start to encourage the community to appropriate those public spaces as protagonist, since the differences with the other stopped it.*

The methodological challenge is “to do without waiting for certain results, but to be alert to what emerges to prosecute it, empowering it”. Generate strategies to promote trust among the inhabitants and to encourage actions within the community to find solutions, if not to the insecurity, to the fear. The challenge is to adjust the methodology so far applied to generate a process where most inhabitants of a territory can move from indifference and apathy to generating pro-community actions, to have willingness to participate and to develop community autonomy, especially in the face of public spaces appropriation.

Intergenerationality¹¹ is another challenge, as far as we can move on from sharing space and speech. This requires devices that make it easier to separate ourselves from the imaginaries of each population segment, as well as the parameters that are set for each age and the roles of power and superiority predetermined by society. Which are, in our perspective, those that keep adults sitting in the bleachers without encouraging themselves to play, exercising their role as simple caregivers.

10 This proposal involved the planting of medicinal plants in the park.

11 Intergenerationality as public policy and daily practice.



BILIOGRAPHY

- Altuve, E. (2009). Ocio, recreación, Estado y Revolución. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Arango Cálad, C. A. (2003). Los vínculos afectivos y la estructura social. Una reflexión sobre la convivencia desde la red de promoción del buen trato Investigación & Desarrollo, vol. 11, núm. 1, julio, 2003, pp. 70-103 Universidad del Norte Barranquilla, Colombia
- Arbeláez, J.E. Espacio lúdico: Una construcción social y comunitaria. Caso Bogotá. Memorias VII Congreso Nacional de Recreación – II Encuentro Latinoamericano de Recreación, 28 al 30 de Julio de 2002. En www.funlibre.org
- Blandón, M. (2005). Consideraciones metodológicas para el estudio del ocio en las sociedades latinoamericanas. En Tabares, J.F., Ossa, A.F. y Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp. 211-234.
- Busari (2013). The impact of Recreation Therapy Intervention on festive. *Ife Psychologia*. 21 (2), 160-169.
- Carrion, F. (s.f.). Espacio Público: Punto De Partida Para La Alteridad. En Ciudad e inclusión (Carrion, F. Comp.) Ciudad e inclusión: por el derecho a la ciudad. Fundación Foro Nacional por Colombia, Fedevivienda y Corporación Región. Descargado en Junio 20 de <http://www.bogotacapitaliberoamericanadelacultura.gov.co/descargas/Conferencia>
- Carter, M.J. & Van Andel, G. (2011) Therapeutic Recreation: A practical approach, Fourth Edition. Waveland Press, Inc: USA.
- Chiesura, Anna (2004), "The Role of Urban Parks for the Sustainable City", *Landscape and Urban Planning*, 68: 129-138.
- Echeverría, B. (2010). Definición de la cultura. México. México. Fondo de Cultura Económica. Editorial Itaca.
- Escobar, A. (s.f.). Una minga para el postdesarrollo. Descargado en Junio 2011 de <http://www.postdesarrollo.com/textos/EscobarDesarrolloMingaPostDesarrollo09.pdf>.
- Franco, S., Ossa, A.F. y Molina, V.A. (2005). El humanismo en la responsabilidad del intelectual del ocio y la recreación. En Tabares, J.F., Ossa, A.F. y Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp.177 – 194.
- Gomes, C. y Pinto, L. (2009). El ocio en Brasil: analizando prácticas culturales cotidianas, académicas y políticas. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Lema, R. y Machado, L. (2009). Tiempo Libre y recreación en Uruguay: la construcción de un enfoque lúdico recreativo. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Martínez L. J. (2008). Eso que llaman comunalidad. Oaxaca, México. Cultura Populares. CONACULTA-Fundación Alfredo Harp Helú.
- Osorio, C. (2016). Un continuo repensarnos desde y para la recreación. En Osorio, E., (Coordinadora), Molano, D.; Roza, E.J. Abondao, I. Y Saldaña, R. (2016). Recreación: Exigencias metodológicas para una vivencia transformadora. "Un nosotros productores de realidades. Bogotá, D.C. Colombia, Editorial Casa de las Preguntas.
- Osorio, C. E. (2015). Transición del campo de la recreación de una totalidad minimizante y excluyente a totalidades dialogantes y diversas. En Peralta R., Medina, T., Osorio, E., Salazar C. (Coordinadores). Aproximaciones para la construcción del campo de la recreación en Latinoamérica. Colima, México. Puerta Abierta Editores.



- Osorio, E. (2005). La recreación y el ocio como construcción creativa y propia. En Tabares, J.F., Ossa, A.F. y Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp.66-99.
- Osorio, E. (2009). La recreación en Colombia: un campo en construcción. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Paz, E. (2011). Un esbozo a la investigación de la reproducción y continuidad del habitus de la aristocracia porfiriana de la Ciudad de México a través de las prácticas de ocio. En Revista Latinoamericana de Recreación Volúmen 1, Número 1. Pp. 52 - 63.
- Reid A., Leiva, R., y Elizalde, R. (2009). El ocio y la recreación en Chile: una mirada desde la actualidad y la precariedad. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Roig, A. (1998). La moral latinoamericana de la emergencia. Edición digital preparada por José Luis Gómez-Martínez. Descargado en Julio de 2011 <http://www.ensayistas.org/filosofos/argentina/roig/etica/etica6.htm>.
- Suárez, S. (2009). Una aproximación a la representación social de la recreación. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Torres Carrillo, A. (2013). El retorno a la comunidad. Problemas, debates y desafíos de vivir juntos. Bogotá, Editores Fundación Centro Internacional para el Desarrollo Humano – CINDE. Editorial El Búho Ltda.
- Walker, C. Beyond Recreation. A Broader View of Urban Parks. The Wallace Foundation. Descargado en Mayo 23 de 2009 en <http://www.ci.mammoth-lakes.ca.us/comdev/>
- Walsh, C. (2014). Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos. Querétaro, México. Impresión Colectivo Zapateándole al gobierno. Equipo de En cortito que´s pa´ largo.
- Zemelman H. (2010). Aspectos Básicos de la Propuesta de la Conciencia Histórica o presente potencial. México, Ed. Anthropos.
- Zemelman, M. (s.f.). Pensar teórico y pensar epistémico: Los retos de las ciencias sociales en América Latina. Documento doctorado conocimiento y cultura en América Latina. México, IPECAL.
- Ziperovich, P., Chervin, C. (2005). Del ocio a la recreación en la realidad actual. En Tabares, J.F., Ossa, A.F. y Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp.195-210.



OCIO, RECREACIÓN Y TRANSFORMACIÓN SOCIAL: EL DESPLIEGUE DEL SUJETO CUANDO SE TRANSFORMA

Esperanza Osorio Correa¹

Desde que lugar...

Es importante señalar que la pregunta sobre la relación entre recreación, ocio y transformación social, para efectos de esta presentación, la hago primero desde una perspectiva de conocimiento, en la que indudablemente entra la mirada propia del lugar de una organización social y de un colectivo que trabaja fuera de las marcas institucionales, y por otra parte, la relación se plantea en términos de lo metodológico y del hacer del campo de la recreación. En cada caso la respuesta sigue rutas distintas que en algunos puntos se encuentran pero que no alcanza el tiempo para profundizar aquí.

La investigación en el campo de la recreación nos exige problematizar los supuestos epistémico y teóricos subyacentes. Hablar de transformación y en particular de transformación de lo social nos exige hacer una reflexión sobre estos conceptos en particular y su relación con el campo de la recreación. Transformar, es una palabra que nos interpela desde un lugar complejo, pues más que un tema es una categoría que incluye múltiples articulaciones y campos de conocimiento e intervención. Esto, porque ninguna disciplina o campo de estudio puede asumir como propia dicha categoría (Transformación social).

Se parte de la premisa que al problematizar el concepto de transformación no se está hablando de la "cosa transformada", sino de un proceso continuo, de largo plazo, del intersticio permanente que se da entre el presente y el futuro como un tiempo de posibilidades para generar caos- reordenamientos, deconstrucciones-construcciones de una realidad en movimiento. Más cuando al establecer el vínculo con lo social estamos hablando de seres humanos en interacción. Lo social está referido desde la postura aquí planteada a lo relacional de la vida entre los seres humanos.

*Desde que lugar asume un profesional que trabaja en el campo de la recreación la transformación social?, ¿supone tener una colocación política?, ¿desde que marcos de desarrollo lo hace?.*²

¿Está la postura colocada en los modelos de desarrollo que se han instaurado y hecho cuerpo en nuestros países que basan el planteamiento de sus metas de transformación en matrices de mercado que destruyen en la mayoría de los casos toda posibilidad de existencia de un sujeto sentí pensante, pues lo quiere más sentí dependiente? Si es así, este es el sentido de la acción y desde este lugar la transformación se expresa en el logro de indicadores propuestos por estas lógicas, indicadores que como es obvio son una representación de dicho modelo.

Pensar la recreación como un proyecto ético político que nos implica tomar posición, situarnos en un lugar, una mirada de sociedad y sujeto, un enfrentarse críticamente al desarrollo supuesto para nuestros países y acerca de los factores que sostienen la desigualdad y la injusticia, incluye pensar un ocio y una recreación para todos (raza, género, etnia, edad), un todos repensado en las múltiples exclusiones y sus minorías, que no atiende únicamente a una preocupación por ejemplo, por las per-

¹ Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación - Funlibre

² Parto de la premisa que es necesario profundizar posicionar la dimensión política del campo



sonas en situación de discapacidad, sino por esos otros diferentes, lo que necesariamente nos lleva a cuestionar el concepto de "normalidad" impuesto y parametrizado.

Así, desde otro lugar, la transformación social, asumida como proceso que se piensa y construye con los sujetos de manera permanente, se refiere a abrir campos de posibilidades para ir generando movimientos en las estructuras, usando como dispositivos utopías construidas por los sujetos, utopías que también señalan otros modos de ser y estar, es decir, no son utopías para mantenerse en el mismo lugar, sino que van corriéndose con los tiempos históricos.³

Y pueden ser muchas otras las colocaciones, lo que se debe señalar es que cuando se plantean estrategias y acciones de transformación social es necesario dar cuenta de la matriz de pensamiento que se opera, que para las experiencias aquí planteadas: a) le dan un lugar al sujeto en el proceso de transformación, b) suponen una realidad en movimiento, c) asume la complejidad como una exigencia articuladora de los procesos de aprehensión problematizadora de la realidad d) exigen reconocer y construir las categorías de acción a partir de una lectura crítica de la realidad y tomando como base sólo supuestos teóricos; y e) supone construir una fundamentación epistémica, teórica y metodológica específica para el campo de la recreación.

En este sentido nos pensamos la acción transformadora como aquella capaz de poner en tensión las subjetividades que regulan la vida cotidiana de los sujetos en espacios concretos, de tal manera que podamos dar cuenta de aquellas claves que han de orientar las categorías a ser transformadas. Por ejemplo, si las acciones transformadoras son ante todo acciones por la vida y la convivencia deberemos reconocer y comprender las subjetividades que regulan los espacios de solución de conflictos en una cultura determinada y cuál es la lógica que subyace a dichas subjetividades a partir de procesos de toma de conciencia de los sujetos y no sólo de quien emerge la acción desde afuera. Es decir, no es una postura subjetivista sino que asume en la relación los referentes empíricos que acompañan la operación de tales subjetividades en la vida cotidiana.

Para el campo del ocio y la recreación demanda hacer transformaciones desde sus propias bases, sus propias colocaciones frente a la realidad social y por tanto en los modos como se piensa e interpreta la realidad social. Aspecto que tiene que ver con las matrices de pensamiento que transitan en el campo, que por ser diversas merecen la construcción de consensos situados en territorios concretos. Por tanto, la transformación supone una reestructuración continua de las lógicas que subyacen y que agendan determinados parámetros en las políticas sociales, económicas, educativas, culturales y del campo del ocio y la recreación, de sus identidades, de los y las profesionales, de los mecanismos de articulación, interacción y autonomía relacional, de los modos como resuelve sus conflictos, de sus apuestas y diseños institucionales y de sus organizaciones sociales por mencionar algunos aspectos. Difícilmente se podrán realizar transformaciones sociales desde el campo de la recreación, si quienes hacen parte de él no tienen conciencia de las matrices de pensamiento y teóricas subyacentes a sus prácticas. (Osorio, 2018)

Epocalmente y para América Latina la categoría transformación incluye múltiples visiones de mundo y múltiples transformaciones desde una amalgama de miradas que hacen parte de un modo de ver y estar en América Latina que no necesariamente se vinculan a propósitos y lógicas iguales, por el contrario, configuran una totalidad dialogante que reconoce que en sus partes pueden existir diferencias que no se acomodan uniformemente sino que crean órdenes donde la diversidad es posible y dónde lo invisibilizado se hace visible, particularmente cuando hablamos desde un campo como

³ Postura que se ha construido desde la Epistemología del Presente Potencial propuesta por Hugo Zemelman



el de la recreación y de programas y experiencias que en la mayoría de las ocasiones no tienen un lugar para los medios de comunicación y los gobiernos, pero que efectivamente existen en la realidad cotidiana de las comunidades.

Lo anterior, implica renunciar a universales, a enunciados generales, recuperar la singularidad del sujeto y el espacio en un tiempo histórico, demanda la resignificación de nuestras categorías de análisis; un partir de la realidad que nos es común, una atención sobre lo emergente y no sólo lo que es recurrente o predeterminado, es la apuesta por una construcción de conocimiento desde las relaciones, los vínculos y los lazos sociales.

Como anota Roig (2000), en América Latina se evidencia un pensamiento ético y formas de praxis cuya filosofía se ocupa de los “modos de objetivación” históricos de un sujeto, a través de los cuales se auto-reconoce y se autoafirma como tal, a través de los cuales no siempre se ha logrado una afirmación de subjetividad plena.

Es incuestionable la necesidad de enfrentar el desafío de realizar como anota Roig (2000) un “reordenamiento de los saberes y de las prácticas”, tanto respecto de saber teórico mundial como de las técnicas políticas, una resemantización de categorías que implican la necesidad de re-creación del régimen categorial necesario para la construcción de una objetividad.

En el campo de la recreación en América Latina se mueven diversas lógicas del poder, económicas, sociales y políticas que han construido subjetividades éticas, sociales y culturales, que sitúan al sujeto externo a... la experiencia y se visualiza más como objeto de disciplinamiento y control (Paz, 2011, Molina y Cols., 2005) que no está en relación con las necesidades de los sujetos (Zipserovich y Chervin, 2005) y que por ello mismo tiene diferentes propósitos para diferentes autores, la recreación se define como “la práctica responsable de procesos creativos de reapropiación de la libertad (Altuve, 2009:382), tiempo libre como un ámbito de intervención apropiado para lograr objetivos sociales y educativos (Guerrero, 2009: 359), intervención socioeducativa, un proceso institucionalizado que apunta a concretar objetivos sociales y educativos (Lema y Machado, 2009: 231), intervención social, educativa y cultural, con acciones de práctica social dirigidas y destinadas a generar espacios y situaciones de sociabilidad diferentes (Vilas, 2005: 273), por mencionar algunas posturas.

La recreación planteada como intervención es un desafío que requiere su abordaje crítico a partir de preguntas como ¿Cuál es el objeto de la intervención, sus métodos, el lugar que el sujeto ocupa, sus itinerarios para el campo, las intencionalidades?. Asumir el poder de “intervenir” sobre la vida de los otros en los espacios de ocio y recreación, que son los microespacios, los lugares más próximos, donde se opera en la vida cotidiana, donde la vivencia recoge a ese sujeto histórico que se hace más presente en esos tiempos y espacios, pues la vivencia no se da fuera de la vida, aún en un mundo de fantasía, las desesperanzas, los miedos, el caos, hacen parte de ella (Franco y cols., 2005), y refleja las tensiones, conflictos y ambigüedades del contexto. Un tiempo presente y una cotidianidad que implica la consideración de condiciones objetivas materiales y subjetivas, una agenda pública, un implicarse “dentro de un movimiento transformador”. Salas (2009) se pregunta ¿Qué hace falta para poder incidir en la sociedad como un nuevo rubro de la cultura: el de la recreación y del tiempo libre?. Las complejas relaciones Estado – Sociedad retan actualmente tanto al primero como al segundo en la búsqueda y construcción de nuevos escenarios, de otros mundos posibles en un esfuerzo por buscar modos de acción para incidir sobre la realidad con un sentido transformador, redescubriendo y poniendo en valor nuestra propia identidad. (Reid y cols, 2009: 199)



Es necesario sumergirnos en el debate sobre ocio, tiempo libre y recreación que se adelanta en América Latina, en la búsqueda de la elaboración de una concepción latinoamericana mucho más amplia que la positivista y no excluyente (Altuve, 2009: 383). En el ocio coexisten lógicas diferentes. Su trama cultural pone de relieve a la vez un tiempo/espacio de manifestación de lo tradicional y la novedad, el conformismo y la resistencia. Su ambigüedad revela a veces mera reproducción del orden social, y otras totalmente productoras de lo nuevo (Gomez y Faria citado por Gomes y Pinto, 2005).

Transformando los espacios:

A continuación se presenta la experiencia de dos programas desarrollados con comunidades: Tómate Tú Parque y Ludoteca Bototo. Estos programas fueron desarrollados en parques y espacios rurales y urbanos, espacios intergeneracionales que convocan diferentes prácticas y necesidades de encuentro de los sujetos. Por ejemplo en uno de los parques intervenidos se encuentran principalmente personas mayores y jóvenes – en espacios y horarios diferentes, en otro son los niños y las niñas, es decir sus dinámicas dependen de cada contexto.⁴ Recreación y lúdica⁵ son dos categorías que tienen una relación ineludible; la una no existe sin la otra y es en la vivencia donde se dan experiencias psicológicas y sociales que le posibilitan a los seres humanos sentir placer, divertirse, encontrarse con los otros y estar en un entorno gratificante. Escogimos los parques como espacio para el programa porque consideramos que un asunto prioritario de la recreación como sector público y objeto de acciones está en el espacio público, en su construcción, en su apropiación, en su re-creación.

Se parte del convencimiento de que el espacio público es y debe ser una preocupación del campo de la recreación. Es en estos espacios donde se construye el sentido de lo colectivo; y si bien para nosotros también es importante que las personas en su vida y espacios privados tengan la autonomía para decidir qué hacer o no con su tiempo de ocio, también es cierto que hay una relación dialéctica entre lo que ocurre en los dos espacios.

Los parques son contribuyentes significativos al desarrollo de los entornos de los sujetos y de sus comunidades. Más allá del valor tradicional como espacio recreativo o de entretenimiento, se consolidan como una estrategia que permite a los planificadores cumplir objetivos más amplios en términos de sus aportes al empleo, la salud, la construcción comunitaria y de lo comunitario, el desarrollo de niños, niñas y jóvenes, el aumento en el valor de la tierra, para hacer los vecindarios más atractivos,

4 Hay presencias en los espacios públicos que integran la dinámica cotidiana o mejor que se vuelven naturales como son los grupos consumidores de sustancias psicoactivas, las barras bravas o grupos aficionados al fútbol y en pocas ocasiones pero existentes, bandas organizadas o delincuenciales. Estos espacios de la calle y el parque se convierten en sus puntos de encuentro, de reunión y de complot para amedrentar a la comunidad habitante del sector. También hay presencias de los niños, niñas, jóvenes, personas mayores y familias en los mismos escenarios realizando actividades de encuentro pero de otro carácter como divertirse, tener un instante deportivo, de dispersión, de placer o de estar para descansar. Estos grupos no confluyen en los mismo horarios, de hecho en el transcurrir del tiempo terminan por no encontrarse en estos mismos espacios intencionalmente, pues las comunidades son desplazadas por los grupos antes mencionados, se termina cediendo por temor, miedo y por necesidad de alejar a sus hijos de estos “malos hábitos”, “porque mirando también se aprende”. En el caso de la práctica del deporte, si bien no se asumen como negativas si se problematiza el hecho que de la extensión de un parque el 90% sea un cancha de fútbol y otra de basketball, quedando un 10% para otras actividades recreativas y especialmente espacio para los niños y niñas en edad escolar y de la primera infancia.

5 Ethos lúdico



por mencionar algunos aspectos (Walker, 2009; Gobey, Graefe y Jame, 1992). La realidad contemporánea de los parques se caracteriza por su fragmentación física y simbólica, entre el espacio público, la naturaleza frente a la cultura, las actividades pasivas o activas, lo cual tiene consecuencias sobre sus usos. (Petruta Mindrut, y cols., citados por Walker, 2002)

Arbeláez (2002) afirma que el espacio es un continuo socio-histórico; cultural y físico que no puede ser revolucionado y enriquecido sin la activación y dinamización de la imaginación y la creatividad de los hombres y las mujeres en su encuentro colectivo y cotidiano. Sujetos que desde el ejercicio de la lúdica y la recreación en el intercambio de pensamiento e imaginación en el espacio lúdico regresarían a des-ordenar la casa y a redefinir el futuro para que el individuo vuelva a salir a la calle, al parque, la plaza a redimensionarlos y significarlos como los espacios donde habitan los otros. Donde el conflicto generado por la puesta en escena de los mismos en común puede ser dirimido de manera imaginativa y creativa. Espacios donde se expresa el ethos lúdico de cada época, es decir el modo como los miembros de una sociedad enfrentan el avasallamiento de la vida cotidiana en cada época (Echeverría, 2010)

La experiencia de Tómate Tú Parque - Ludoteca Bototo como espacio de transformación:

El programa Tomate – Tu Parque, nos planteó exigencias teóricas y metodológicas, y una permanente persistencia en la creencia de que el cambio es posible. Algunos de los criterios metodológicos del programa fueron:

- Las comunidades como interlocutores en espacios de igualdad, esto significa que reconocemos en un diálogo franco en un espacio de igualdad siempre pensando en cómo podemos aportar desde nuestro propio conocimiento y habilidades a su construcción como comunidad; aprendizaje que es mutuo pero que nos obliga a reconocer el lugar desde el cual se dan las acciones de los diferentes actores y a romper los parámetros que le dan un lugar menor a aquellas experiencias que se dan en los microespacios.
- La mirada que tengamos al cómo abordar una realidad, supone principalmente un proceso de articulación entre sujetos y procesos. Es decir, no se parte de supuestos teóricos sobre la comunidad y lo comunitario, sino que se construyen con ellos los campos problematizadores.
- Así, el diseño técnico es un acto creativo colectivo que se constituye en la ruta participativa que orienta el modo como se va a operar el programa; se parte de la lectura de la realidad, la cual se pone en relación con el marco teórico que se vaya construyendo y las propias epistemes se constituyen en la base de la operación de los procesos.
- Es necesaria una lectura de la realidad permanente que no se agota en los diagnósticos, es necesario un proceso de aprehensión problematizadora que nos permita construir el campo de la acción transformadora (Sus relaciones, referentes empíricos, sus problemas, pero principalmente sus posibilidades potenciadoras).
- Es determinante dar cuenta del lugar que los sujetos tienen en los espacios comunitarios, particularmente para Tómate Tú Parque no interesó conocer y reconocer el lugar de los niños y las niñas.
- Para el trabajo desde el campo de la recreación es indispensable reconocer y comprender el ethos lúdico de las comunidades, los modos como significan sus prácticas, el lugar que tiene en sus vidas y trabajar sobre ello.



Los procesos principales del programa:

Las experiencias transformadoras se robustecen en la medida que se generen procesos de construcción de conocimiento, de relaciones y formaciones que garanticen su sostenibilidad en el tiempo con efectos e impactos en las comunidades y en el desarrollo de capacidades para el campo de la recreación. En Tómate Tú Parque los principales procesos desarrollados fueron⁶: a) procesos de investigación centrados en la sistematización de experiencias que garanticen producción de conocimiento y que nos permite teorizar sobre el campo de la recreación y las experiencias de ocio, y por otra parte, determinar las transformaciones que se dan en los sujetos singulares y colectivos y en los espacios de influencia del programa; b) procesos de formación de sujetos que nos permitan ir construyendo intersubjetivamente un colectivo profesional y técnico crítico y por otra parte, procesos de capacitación orientados al desarrollo de habilidades técnicas y operativas para la ejecución y sostenibilidad del programa; c) en cuanto a las vivencias: generar condiciones para que los niños y niñas y personas mayores de las comunidades y vecindades del parque encuentren en el espacio de recreación de sus vidas un modo de mejorar sus condiciones existenciales, espirituales y materiales, mediados por el goce y el disfrute en la vida cotidiana y d) garantizar procesos de organización y fortalecimiento de la capacidad colectiva de trabajo, de unión de esfuerzos materiales y no materiales para garantizarle a la comunidad el derecho a la recreación desde sus propia cultura, deseos y necesidades.

La articulación de estos cuatro procesos permite crear condiciones adecuadas y pertinentes para la vivencia recreativa de las comunidades, por ello los procesos no son paralelos sino que se vinculan en torno a los resultados potenciando los recursos económicos y no económicos del programa y dándole una mayor rigurosidad a los procesos recreativos propiamente dichos.

Momentos metodológicos:

Los momentos metodológicos le apuestan a la puesta en movimiento de dinámicas particulares en los espacios de la acción transformadora, no necesariamente son secuenciales, sino que pueden cruzarse en el devenir cotidiano de un programa o proyecto. No se refiere a los procedimientos y tareas operativas funcionales, sino a lo fundamental del programa, es decir, al cómo se va dando la vivencia en el espacio. Se retoman los principales momentos de las experiencias objeto de esta presentación:

- **Momento de la preparación y la expectativa:** *Es el diálogo previo, el de la provocación. Es el empezar a conversar; a generar un diálogo con los participantes, busca generar deseos de estar y disfrutar a partir de la pregunta, de la curiosidad frente al espacio lúdico, es el momento en el que se empieza a romper la rutina para generar tensión con lo común, con lo de todos los días para que ingrese lo extraordinario. En este caso se crean escenarios en el espacio que atraen al que pasa, que hace que le llame la atención, e igualmente se refiere a las articulaciones con líderes, instituciones y vecinos. Este momento es de primera importancia para una lectura de la realidad compartida y para priorizar las transformaciones con la comunidad.*

⁶ Investigación, formación, vivencias y gestión son las áreas de efectividad manejadas en el Plan Nacional de recreación 2013 – 2019, el cual es el marco de política para el campo de la recreación en Colombia.



- El **momento del encuentro y la exploración:** *A medida que todo se va disponiendo en el espacio y que se despliegan los elementos de que se disponen, las personas empiezan a encontrarse y entre la conversación, la risa y el juego se enteran de lo que sucede en el territorio con el dispositivo más utilizado desde que el humano tiene memoria “el chisme”, conocimiento que no se logra a través de las redes sociales donde difícilmente podríamos enterarnos de los problemas que ocurren en nuestro territorio. Al estar en el espacio nos damos cuenta de las dinámicas que están aconteciendo en cada espacio-territorio y cómo surge el diálogo como punto de partida para la construcción comunitaria, de una forma simple, espontánea sin requerir de tecnicismo e intervención y más bien con un toque de simpleza, sencillez y disposición por parte de los sujetos que participan. Por ello, nuestra sugerencia siempre es no “formatear” la experiencia, sino recoger los modos de expresión lúdica de los sujetos para a partir de ello entrar con el juego o el arte en sus diferentes expresiones⁷*
- El **momento de construcción:** *es el tiempo de la acción por parte de la comunidad, muchas de las acciones son fruto de los círculos de palabra, acuerdo, aprendizaje y planeación. Implica organizarnos para limpiar, pintar y embellecer el parque o espacio definido, es el momento en que se dispone el espacio para todos y todas a través del arte, el juego, el encuentro.*
- El **momento de reflexión y retorno a la experiencia:** *Es el momento del retorno siempre presente, del devolverse a lo vivido para ir andando en ese dar cuenta de lo que somos en ese tiempo espacio y de cómo nos transforma. Involucra una reflexión que se orienta desde una perspectiva de pedagogía del ocio como una de las estrategias de sostenibilidad del programa.*

Categorías emergentes construidas desde la experiencia:

Nos referimos con categorías emergentes a aquellas que se fueron construyendo con los grupos y las comunidades como resultado de la experiencia y permanencia en el programa.

Queremos hacer un especial énfasis sobre las categorías que emergen de lo vivido. Pensamos que lo que generamos a través de estos programas son espacios de encuentro, para las personas que comparten un territorio, enfocándonos en aquellos espacios, que funcionan de manera distinta, al no ser propiedad privada, como la calle y el parque, y que permite una apropiación del espacio tiempo como lo nuestro, dinámicas que nos mantienen anclados a la fuerza de pequeñas cosas significativas que fortalecen los lazos comunitarios, y que vamos identificando, y fortaleciendo desde el territorio, como son las tradiciones, las fiestas, las necesidades, los ideales, y la realidad, con sus límites y posibilidades de resolver nuestras incertidumbres, miedos y tensiones, al unirnos en comunidad como un lugar de convivencia, que se proyecta a la cotidianidad de la comunidad, del hogar, el trabajo, las aulas, calles y demás escenarios donde acontece la vida (Rozo y Molano, 2016)⁸.

Territorio: *Este concepto lo adquirimos del acercamiento a una forma de vida y organización social que tienen algunas comunidades de Oaxaca y que ha sido recogida y expuesta ampliamente por el maestro Jaime Martínez Luna (2008). Él nos ayudó en la reflexión sobre la importancia que tiene la forma de ver y asumir la vida al establecer una relación con el territorio. Esta relación vista desde*

⁷ Aquí trabajamos personajes como los Gadget, también juego público, juegos de mesa, etc.

⁸ Joaquin Endir Rozo y Diana Molano, coordinadores del Programa Tómame Tú Parque y Ludoteca Bototo en el Departamento del Meta.



la comunalidad se plantea como el hecho de ser y nacer en un ámbito natural, el cual le permite a la persona hacerse y entender su dependencia de la naturaleza que lo rodea. El encuentro en un ambiente común y cotidiano que de repente cambia para llenarse de colores y elementos diversos, que invitan a explorar, permiten poner en escena interacciones sociales mediadas, por el disfrute creando un paréntesis en la cotidianidad y la rutina en un ambiente dado a partir del juego y el arte. Estos espacios invitan a evocaciones personales y colectivas, de la historia compartida desde el territorio, como punto de partida hacia aquello que nos une y nos hace ser una comunidad. Donde el territorio nos posee y no el hombre (Martínez Luna, 2008)

Todo esto se pone de presente, para su reflexión y análisis; fruto del circular de la palabra y la experiencia, así se van tejiendo relaciones, inquietudes e iniciativas conjuntas. Este eje se aborda de diversas maneras, a lo largo de los distintos momentos, desde la anticipación, cuando establecemos el dialogo con las personas, desde las inquietudes que les generan estos espacios dentro de su territorio, la intervención de este, con huertas, juegos de piso, baile, en el momento de la construcción o la elaboración de dibujos y cuentos, que dan cuenta de la historia, que son todas oportunidades de ser y estar, de manera plena en este espacio, y hacerlo poco a poco una parte fundamental del territorio.

Lo nuestro. *Es aquello que nos impele a la movilización, desde eso que Hugo Zemelman (2010) denomina, la fuerza natural, para trascender los límites, y transformar realidades. Este trasegar por las comunidades y por momentos ser parte de ellas, dejando siempre algo de, lo nuestro es el color de la tierra, y de la piel de las personas, los sabores, la diferencia de pensamiento y de formas de hablar, lo que nos hace ser ricos, es la diversidad, vivir los contrastes entre la realidad del campo, de los caminos polvorientos, que dan el espacio a la contemplación, sin excesos de modernidad y parámetros mediáticos. Disfrutar de la espontaneidad y creatividad, que aún no está, tan salpicada de modernidad, y la interacción en barrios donde se vive a otro ritmo, donde se tiene acceso a otras posibilidades, y se enfrentan diversas problemáticas; nos ha llevado en el caso del trabajo en zonas rurales, a fuertes cuestionamientos sobre si con esto irrumpimos y colonizamos los espacios y formas de ocio, naturales y propias o damos la oportunidad para que las personas construyan desde lo propio, la identidad y la espiritualidad son procesos de expresión que van de la mano con los pueblos originarios de los que podemos retomar aquello que nos enriquece para construir totalidades que contengan lo diverso. Nosotros consideramos que éstos merecen ser abordados en espacios donde se puedan desplegar y resignificar como los que hemos venido intentando generar, como una forma de aportar a la de-construcción y construcción de la identidad de quienes llegan a las ciudades o veredas por fenómenos como el desplazamiento. Se hace énfasis en la compartencia de todo lo que ofrece el espacio, es el momento donde se ejercen las acciones concretas para visibilizar e intervenir lo nuestro. Aquí hacen parte las jornadas de capacitación comunal, de limpieza y embellecimiento, hasta la elaboración de juguetes, dibujos, manualidades, mapas de realidad, etc., es decir, es la compartencia en acción en función de realizar necesidades comunes.*

Convivencia, *Es el vivir compartiendo, es cooperar para un buen vivir. Requiere de un nivel de cohesión, donde el compartir la crítica y perspectiva del otro y la propia, se acepta y escucha. Esto desde la necesidad de generar cambios hacia el logro de objetivos comunes, donde se asume el conflicto como un componente necesario y potente.*



Como señala Alfonso Torres (2013):⁹

“Partimos de reconocernos en y desde la compleja, plural y contradictoria realidad latinoamericana, en la que el capitalismo dominante coexiste en tensión con otras formas de organización económica y social; donde la hegemonía ideológica neoliberal no logra subordinar la multiplicidad de culturas y subjetividades que el resisten e impugnan; en la que confluyen diversas temporalidades, sentidos, racionalidades y visiones de futuro; en la que las tensiones se expresan de muchos modos y asumen formas singulares en cada territorio y en cada ámbito de la vida social; y en la que cobra fuerza un amplio espectro de experiencias de acción colectiva que evidencia la puja entre la vieja sociedad que resiste a morir y las nuevas que buscan abrirse espacios” p.196

Converger de otras formas en los espacios públicos, que de por sí ya son terrenos nuestros, es descubrir otros usos de los espacios y otras formas de crear relaciones, es crear intencionalmente una atmosfera en donde se coloca una golosa muy cerca de un trompo, son dos juegos que traen recuerdos y convocan a chicos y grandes, el que estén tan cerca uno del otro en algún momento exige una búsqueda de explicación de la forma en que se juega por tanto se buscarán niños y mayores desde las miradas y las preguntas para aclarar dudas y continuar el juego, el inicio y la terminación de esto es algo que se espera pase y a lo que llamamos intercambio intergeneracional.

Fue convocar al conocimiento gastronómico de las señoras voluntarias, quienes además vieron ello la posibilidad de un muy pequeño ingreso que era destinado al parque; fue traer la fantasía con los zanqueros, la música para bailar sin coreografías, el caballete de pintura para hacer lo que libremente surge de la imaginación.

El ethos convivial que da sentido y cohesión comunitaria busca la territorialización en el sentido de construir o asentarse en “lugares” permanentes o transitorios, como es el caso del hogar para las comunidades de sangre, los altares y los sitios sagrados para las comunidades religiosas y los espacios de encuentro, celebración y movilización de las comunidades emocionales o intencionales.

“Así, una comunidad puede entenderse como convivencia plural de sujetos singulares o peculiares que se está permanentemente produciendo a partir de la creación y recreación de la intersubjetividad que mantiene vivo el sentimiento que los une. Más que sustentada o proyectada en una identidad cultural (étnica o no), la comunidad requiere estar generando permanentemente identificaciones entre sus partícipes; podemos afirmar que toda comunidad no está dada como un hecho, sino que es inaugural: debe garantizar su permanente nacimiento” (Torres, 2013:206).

⁹ Anota Torres: No estamos, como Tönnies y sus contemporáneos frente a la primera oleada de disolución de las formas de vida de los lazos sociales comunitarios por obra de la industrialización capitalista y la implantación de los estados naciones en el viejo continente; tampoco estamos en la fase de conformación de un nuevo modo de vida urbana y del ascenso de la sociedad de masas y de la sociedad de consumo que vivieron Simmel, Benjamín y los sociólogos de la Escuela de Chicago; ni frente a las crisis de las sociedades capitalistas de los países metropolitanos, marcada por la crisis de la economía industrial, el Estado de Bienestar y la democracia liberal (que nunca tuvimos) y frente a la cual se activan experiencias y discursos comunitaristas, de los que se ocupan y sospechan Sennett, Touraine y Bauman; tampoco frente al declive del individualismo en la sociedad postmoderna, postsocietal o postcomunista que describe y celebra Maffesoli...” (Torres, 2013)



No se parte de identidades únicas sino de identidades posibles, más aún pensando en territorios que contienen grupos humanos singulares, diversos, diferencias que complejizan enriquecedoramente una comunidad y se convierten en dispositivo de tensión permanentes para que no se asienten matrices de pensamiento que excluyan a los sujetos por sus diferencias o que los invisibilicen por considerar que no se “ajustan” a los cánones de totalidades totalitarias que persiguen un orden uniforme no un reordenamiento vivo de la realidad.

En los ciclos de la vida cotidiana circulan los valores y las estrategias que se repiten cotidianamente, y es en la interacción diaria donde se reproduce o transforma la cultura. Así como los procesos de la violencia crean sus propios círculos viciosos y adoptan una dinámica propia, que conlleva un campo de trabajo diferente, así mismo los procesos de convivencia poseen su propia dinámica que es necesario esclarecer e identificar a través del análisis de los ciclos de la vida cotidiana (Arango, 2003). Es necesario hacer visible lo propio que ha hecho posible como dicen muchos coloquialmente “esa otra Colombia” que señala que como país es posible construir amplios campos de posibilidades para el buen vivir de todos y todas.

Como señala Reguillo (2004), el trabajo invisible de las “estructuras” de la vida cotidiana que operan como orientaciones culturales está fuertemente instalado en los imaginarios políticos. Así, la acción colectiva no es sólo decisión y estética, pero es evidente que sin estos dos componentes el movimiento social tiene pocas posibilidades de interpelar a las subjetividades sacudidas por múltiples y sucesivos estados de emergencia.

Para crear espacios de convivencia, y fortalecer los existentes es necesaria la transformación de procesos psicosociales objetivos, que hacen parte de la vida cotidiana (sistemas de creencias, pautas de crianza, representaciones, rituales, etc.) que operan en las institucionalidades (la escuela, la familia, la iglesia, el trabajo) dando lugar a la apertura desde procesos de aprehensión problematizadora de los múltiples campos de posibilidades posibles para el campo de la recreación en la medida que sus prácticas están imbricadas en la realidad de los sujetos, los tiempos espacios de ocio y recreación no son ajenos a la gente, hacen parte de lo que son pues se construyen desde su cultura, esa es la gran oportunidad que existe para construir y transformar realidades.

Algo de lo que queda...

El habito hace la práctica, podemos afirmar que esta frase hace honor al trabajo realizado, pues el desarrollo de las tres tareas por más de un año de insistencia en Bogotá, y tres años en el Meta despertó en las comunidades una inquietud de perdurar en el espacio, una ansiedad por seguir haciendo por ellos y para ellos como colectividad de un mismo territorio.

Los descubrimientos como que los niños y las niñas pueden acceder al juego y a los juguetes frente a su casa mientras la persona mayor o familiar se sienta en su butaca a observar y sentirse seguro porque hace dos labores simultaneas, cuidar su casa y cuidar su infante, es una ganancia obtenida por las acciones de permanencia ya que el estar seguro y brindar seguridad es uno de los impactos identificados.

Poder estar en el parque bajo un pretexto de protección y cuidado de una planta ornamental o de una que más adelante puede proveer frutos de bienestar alimentario, es un estar habitando los espacios públicos, pues los corredores milagrosos¹⁰ que son siembras urbanas en estos escenarios

10 Esta propuesta involucró la siembra de plantas medicinales en el parque.



de parque y calles colocan a la comunidad en actitud de perseverancia y persistencia en el territorio, evidenciando la presencia de ellos en tiempos y horarios que antes solo eran para los otros, esos otros que a veces llaman, los temerarios, los vándalos.

En lo rural, la mayor potencia que puede dar la recreación es la dignificación de los sujetos. El generar espacios para su reconocimiento y el desarrollo de su propia manera de vivir el ocio dentro de sus entornos, encontrando nuevas posibilidades de acción. Al entrar en relación desnudos de superioridad, sin pretender que llevamos la verdad bajo un supuesto de ignorancia de los otros, abre la posibilidad al intercambio de saberes, a la aceptación mutua como puntos de partida para generar movimiento en las comunidades y sujetos. Movimientos de apertura, de motivación y de alegría no solo para ellos si no para el recreador que se aventura a explorar otras lógicas y modos de vivir donde se le da relevancia a cosas distintas que a veces para nosotros son imperceptibles, lo que hicimos fue poner en tensión lo dado frente a lo posible.

De la indiferencia a la apropiación del espacio público como espacio lúdico. La indiferencia la vivimos cuando llegamos a los parques y los encontramos totalmente llenos de basura, la hierba crecida, llenos de excremento de perro, sin habitar, sin la expresión de una ética del cuidado. Tómate tu Parque Ludoteca Bototo y inicia con el despertar para que la comunidad sea la protagonista de la apropiación de esos espacios públicos, que la comunidad ha dejado de hacer por las diferencias con el otro.

El desafío metodológico es “hacer sin esperar determinados resultados sino estar alerta ante lo que emerja para encausarlo potenciándolo”. Generar estrategias con las cuales propiciar la construcción de la confianza entre los habitantes y fomentar acciones dentro de la propia comunidad para encontrar soluciones, si no a la inseguridad, sí al miedo. El desafío es ajustar la metodología hasta ahora aplicada para generar un proceso donde se logre que la mayoría de los habitantes de un territorio pasen de la indiferencia y apatía a generar acciones a favor de la comunidad a tener una actitud de disposición a participar y a desarrollar autonomía comunitaria especialmente frente a la apropiación de los espacios públicos.

La intergeneracionalidad¹¹ es otro desafío en la medida en que logremos pasar del compartir el espacio y la palabra. Esto requiere de dispositivos que faciliten el apartarnos de los imaginarios que se tienen de cada segmento poblacional al igual que de los parámetros que están marcados para cada edad y los roles de poder y superioridad predeterminados por la sociedad. Que son a nuestro modo de ver los que mantienen a los adultos sentados en las graderías sin animarse a jugar, ejerciendo su rol de simples cuidadores.

¹¹ La intergeneracionalidad como política pública y como práctica cotidiana.



BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Altuve, E. (2009). Ocio, recreación, Estado y Revolución. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Arango Cálad, C. A. (2003). Los vínculos afectivos y la estructura social. Una reflexión sobre la convivencia desde la red de promoción del buen trato Investigación & Desarrollo, vol. 11, núm. 1, julio, 2003, pp. 70-103 Universidad del Norte Barranquilla, Colombia
- Arbeláez, J.E. Espacio lúdico: Una construcción social y comunitaria. Caso Bogotá. Memorias VII Congreso Nacional de Recreación – II Encuentro Latinoamericano de Recreación, 28 al 30 de Julio de 2002. En www.funlibre.org
- Blandón, M. (2005). Consideraciones metodológicas para el estudio del ocio en las sociedades latinoamericanas. En Tabares, J.F., Ossa, A.F. y Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp. 211-234.
- Busari (2013). The impact of Recreation Therapy Intervention on festive. *Ife Psychologia*. 21 (2), 160-169.
- Carrion, F. (s.f.). Espacio Público: Punto De Partida Para La Alteridad. En Ciudad e inclusión (Carrion, F. Comp.) Ciudad e inclusión: por el derecho a la ciudad. Fundación Foro Nacional por Colombia, Fedevivienda y Corporación Región. Descargado en Junio 20 de <http://www.bogotacapitaliberoamericanadelacultura.gov.co/descargas/Conferencia>
- Carter, M.J. & Van Andel, G. (2011) Therapeutic Recreation: A practical approach, Fourth Edition. Waveland Press, Inc: USA.
- Chiesura, Anna (2004), "The Role of Urban Parks for the Sustainable City", *Landscape and Urban Planning*, 68: 129-138.
- Echeverría, B. (2010). Definición de la cultura. México. México. Fondo de Cultura Económica. Editorial Itaca.
- Escobar, A. (s.f.). Una minga para el postdesarrollo. Descargado en Junio 2011 de <http://www.postdesarrollo.com/textos/EscobarDesarrolloMingaPostDesarrollo09.pdf>.
- Franco, S., Ossa, A.F. y Molina, V.A. (2005). El humanismo en la responsabilidad del intelectual del ocio y la recreación. En Tabares, J.F., Ossa, A.F. y Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp.177 – 194.
- Gomes, C. y Pinto, L. (2009). El ocio en Brasil: analizando prácticas culturales cotidianas, académicas y políticas. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Lema, R. y Machado, L. (2009). Tiempo Libre y recreación en Uruguay: la construcción de un enfoque lúdico recreativo. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Martínez L. J. (2008). Eso que llaman comunalidad. Oaxaca, México. Cultura Populares. CONACULTA-Fundación Alfredo Harp Helú.
- Osorio, C. (2016). Un continuo repensarnos desde y para la recreación. En Osorio, E., (Coordinadora), Molano, D.; Roza, E.J. Abondao, I. Y Saldaña, R. (2016). Recreación: Exigencias metodológicas para una vivencia transformadora. "Un nosotros productores de realidades. Bogotá, D.C. Colombia, Editorial Casa de las Preguntas.
- Osorio, C. E. (2015). Transición del campo de la recreación de una totalidad minimizante y excluyente a totalidades dialogantes y diversas. En Peralta R., Medina, T., Osorio, E., Salazar C. (Coordinadores). Aproximaciones para la construcción del campo de la recreación en Latinoamérica. Colima, México. Puerta Abierta Editores.



- Osorio, E. (2005). La recreación y el ocio como construcción creativa y propia. En Tabares, J.F., Ossa, A.F. y Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp.66-99.
- Osorio, E. (2009). La recreación en Colombia: un campo en construcción. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Paz, E. (2011). Un esbozo a la investigación de la reproducción y continuidad del habitus de la aristocracia porfiriana de la Ciudad de México a través de las prácticas de ocio. En Revista Latinoamericana de Recreación Volúmen 1, Número 1. Pp. 52 - 63.
- Reid A., Leiva, R., y Elizalde, R. (2009). El ocio y la recreación en Chile: una mirada desde la actualidad y la precariedad. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Roig, A. (1998). La moral latinoamericana de la emergencia. Edición digital preparada por José Luis Gómez-Martínez. Descargado en Julio de 2011 <http://www.ensayistas.org/filosofos/argentina/roig/etica/etica6.htm>.
- Suárez, S. (2009). Una aproximación a la representación social de la recreación. En Gomes, C., Osorio, E., Pinto, L. y Elizalde, R. (Organ.) Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica. Belo Horizonte. Editora UFMG.
- Torres Carrillo, A. (2013). El retorno a la comunidad. Problemas, debates y desafíos de vivir juntos. Bogotá, Editores Fundación Centro Internacional para el Desarrollo Humano – CINDE. Editorial El Búho Ltda.
- Walker, C. Beyond Recreation. A Broader View of Urban Parks. The Wallace Foundation. Descargado en Mayo 23 de 2009 en <http://www.ci.mammoth-lakes.ca.us/comdev/>
- Walsh, C. (2014). Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos. Querétaro, México. Impresión Colectivo Zapateándole al gobierno. Equipo de En cortito que´s pa´ largo.
- Zemelman H. (2010). Aspectos Básicos de la Propuesta de la Conciencia Histórica o presente potencial. México, Ed. Anthropos.
- Zemelman, M. (s.f.). Pensar teórico y pensar epistémico: Los retos de las ciencias sociales en América Latina. Documento doctorado conocimiento y cultura en América Latina. México, IPECAL.
- Ziperovich, P., Chervin, C. (2005). Del ocio a la recreación en la realidad actual. En Tabares, J.F., Ossa, A.F. y Molina, V.A. (Coord.). El ocio, el tiempo libre y la recreación en América Latina: problematizaciones y desafíos. Medellín, Editorial Civitas. Pp.195-210.



LAZER ALTERNATIVO E HOSPEDAGEM: UMA ABORDAGEM BASEADA NA SOMUNIDADE SUSTENTÁVEL

Dr. Alon Gelbman

Departamento de Turismo e Gestão Hoteleira, Kinneret College, Israel

alongelbman@gmail.com

O artigo a seguir descreve alguns dos elementos sugeridos para lazer e turismo alternativos, os quais são baseados na comunidade e no patrimônio locais, bem como oferecem às pessoas experiências mais autênticas e menos comerciais ou caras, com dimensões criativas e inovadoras. Uma implementação daquelas ideias descritas a partir de um estudo de caso de hospedagem urbana da nova e inovadora rede *Abraham Hostels* em Israel.

O lazer e o turismo sustentáveis têm sido descritos como um turismo que é gerenciado de acordo com os princípios do desenvolvimento sustentável (Butler, 1999). Nesse contexto, é importante salientar que o ponto central dessa percepção é um desenvolvimento do turismo que leva em consideração a comunidade local e integra-se a ela. Esse desafio complexo é difícil de ser alcançado, especialmente em um turismo urbano em progressivo desenvolvimento e crescimento (Byrd, 2007; Clarkson, 1995; Gunn, 1994). Visto dessa forma, o desenvolvimento do turismo deve ser sensível a leques potencialmente amplos de interesses da comunidade local, a fim de evitar o fracasso do desenvolvimento industrial (Byrd, 2007; Clarkson, 1995).

Considerando as expectativas crescentes dos consumidores de turismo e lazer por uma experiência única e especializada, e o altamente competitivo mercado de destinos, as organizações de hospedagem e hotelaria pretendem adaptar seus produtos e serviços turísticos à nova demanda, reforçando características que refletem a cultura local e a comunidade urbana (Enz et al., 2010). Essas tendências também são aparentes em *hostels* que passaram por uma transformação de imagem para atrair uma gama maior de segmentos de mercado, incluindo jovens viajantes (Rashid-Radha, 2015). Como resultado, a pressão para inovar a fim de obter sucesso e atender às novas exigências do mercado-alvo está crescendo incessantemente (Hall & Williams, 2008; Rashid-Radha, 2015). Inovações na gestão do turismo em geral e especialmente na gestão hoteleira foram identificadas como tarefas complexas e significativas (Chan et al., 2016). Estudos examinaram a relação entre inovação em hospedagem e turismo local e a capacidade de pequenos negócios empreendedores desenvolverem áreas especiais de destinação turística (Gelbman e Laven, 2015; Komppula, 2014). Enfatizou-se a importância dos recursos da destinação, a saber, patrimônio cultural e recursos naturais, como elementos que contribuem para atrair turistas e para sustentar a competitividade de um destino (Chin, Lo, Songan e Nair, 2014).

Empresas privadas estão crescendo em importância como parte da estrutura do destino, e o papel do empreendedor individual inovador, comprometido e que arrisca é determinante no desenvolvimento da competitividade do destino turístico (Komppula, 2014). Os empresários também atuam como fundamentais "*influenciadores do turismo*" [*tourism influentials*], cuja visão, criatividade e influência têm o poder de desencadear mudanças duradouras e o desenvolvimento de destinos turísticos (Ryan et al., 2012). O uso de ferramentas inovadoras é imperativo para melhorar a experiência turística, e para diferenciar as pequenas empresas do setor de turismo para que possam sobreviver em um ambiente cada vez mais competitivo e global (Cosma et al., 2014).



Lazer e hospedagem alternativos baseados na comunidade sustentável

Um fenômeno crescente no turismo urbano é o desenvolvimento de enclaves turísticos que normalmente expandem-se a partir de alojamentos e *hostels* baratos. A maioria dos enclaves tem uma concentração de negócios turísticos e está localizada centralmente, perto de transportes e das principais atrações turísticas (Howard, 2007). Esses enclaves geralmente apresentarão uma série de recursos comuns, como *hostels* e alojamentos acessíveis voltados para mochileiros, agentes de viagem de baixo custo, bares temáticos e uma abundância de operadores de atividades turísticas e de passeios (Butler e Hannam, 2013). Mochileiros contemporâneos de todo o mundo passam significativos períodos de tempo em vários enclaves de mochileiros que proporcionam uma atmosfera descontraída, tolerante e socialmente permissiva, onde podem encontrar a companhia de colegas viajantes (Cohen, 2003; Rashid-Radha, Lockwood & Nolan-Davis, 2016).

O *hostel* tornou-se um notável e estabelecido marco em muitos enclaves turísticos ao redor do mundo (Butler & Hannam, 2013). Os *hostels* são geralmente identificados como locais de hospedagem que facilitam uma série de atividades turísticas, como descanso, lazer, planejamento de destinos - ou de rotas - e interação com outros turistas de ideias semelhantes (Butler & Hannam, 2013). A hospedagem no *hostel* está associada a mochileiros, acomodações de baixo custo e menos privativas e diferencia-se de outros tipos de acomodações, como hotéis ou pensões, por dormitórios compartilhados e áreas comuns, como cozinhas e *lounges*. Além dos baixos custos em comparação com as acomodações do hotel, os hóspedes do *hostel* também têm a oportunidade de conhecer outros viajantes que compartilhem das mesmas ideias. Conhecer companheiros viajantes é considerado parte do produto e da experiência de se hospedar em um *hostel*, dessa forma, a natureza comunal do *design* dos *hostels* ajuda a facilitar essa interação social (Hecht & Martin, 2006).

Rashid-Radha (2015) discute a grande mudança nas tendências de “mochilão” que levou a uma mudança na demanda por certas instalações e serviços do *hostel*. Mochileiros costumavam ser caracterizados por viagens de orçamento restrito, pela capacidade de encontrar experiências turísticas autênticas, por atitudes flexíveis em relação ao tempo e pela socialização com outros viajantes como parte da experiência (Paris, 2012). No entanto, as atraentes tarifas de hospedagem dos *hostels* atraíram o interesse de grupos etários mais velhos e de famílias, e o típico hóspede do *hostel*, que costumava ser o mochileiro sem dinheiro de orçamento apertado, foi substituído por turistas mais tradicionais, que têm mais dinheiro para gastar. Como resultado, uma preferência de mercado cresceu por mais privacidade e os *hostels* oferecem quartos individuais e duplos, e até suítes, além dos dormitórios compartilhados. A necessidade de acompanhar as demandas e as expectativas de seus hóspedes, de modo a permanecerem competitivos no mercado, levou os *hostels* a adaptarem seus produtos às preferências de seu mercado-alvo, a fim de garantir uma experiência agradável. Consequentemente, os *hostels* estão tornando-se mais criativos e inovadores para se manterem atualizados (Rashid-Radha, 2015).



Implementando hospedagem alternativa: o caso da rede Abraham Hostels

A rede *Abraham Hostels* começou a operar em 2006 com a inauguração de um pequeno hostel em um edifício histórico no coração da Cidade Velha de Nazaré. A *Pousada Fauzi-Azar*, em Nazaré, sob administração conjunta judaica-árabe, tornou-se uma história de sucesso e é um modelo de desenvolvimento de turismo sustentável baseado na comunidade (Gelbman e Laven, 2015). Posteriormente, mais dois *hostels* foram abertos, em Jerusalém e em Tel-Aviv, importantes cidades turísticas de Israel. A rede *Abraham Hostels* foi fundada por cinco antigos mochileiros e viajantes que visualizaram a promoção de Israel como um dos principais destinos para mochileiros e viajantes independentes. Eles reconheceram o potencial de estabelecer um local que funcionasse como um centro de parada abrangente para viajantes independentes, fornecendo tudo, desde uma cama por um preço acessível e informações confiáveis sobre passeios e viagens até aulas de idiomas, aluguel de bicicletas e eventos locais divertidos. Ao mesmo tempo, eles viram a oportunidade de estimular a economia local e revolucionar a visão do mundo sobre Israel e o Oriente Médio, revelando a realidade local e tudo o que a região tem a oferecer, melhorando assim o *status* de Israel enquanto um destino turístico desejável. Os cinco parceiros tinham uma visão conjunta: trazer a famosa hospitalidade do Abraão bíblico para o século XXI, criando um centro de hospedagem que acolhesse pessoas de todas as fés. Com isso em mente, eles aspiravam estabelecer uma rede de *hostels* com filiais em todo o Oriente Médio, de Ácaba e Sinai a Amã e Istambul.

Neste estudo de caso da *Abraham Hostels*, fica claro que os empresários e os gerentes organizacionais estão, às vezes, dispostos a abdicar do lucro, por exemplo, quando recusam-se a cobrar comissão pela venda de excursões ou de ingressos para *shows*, pois isso contraria seus princípios. Eles estão até mesmo preparados para investir tempo e esforço consideráveis na contribuição à sociedade e à comunidade sem lucro financeiro. Eles também demonstram diversidade em sua criatividade e inovação na medida em que aplicam suas ideias para tornar a experiência turística significativa. Eles acreditam que uma experiência turística positiva e significativa acabará gerando lucro econômico resultante de comentários positivos de hóspedes, recomendações e visitas repetidas (na verdade, eles desfrutaram de críticas e *feedbacks* muito bons dos hóspedes, bem como de altos índices de ocupação) e, claro, de gestão da marca [*branding*] e um posicionamento altamente positivo da organização (Ikeda e Marshall, 2016; Knote & Blohm, 2016).

A gerência constantemente renova e implementa novas idéias com foco nos três aspectos proeminentes e complementares de sua experiência turística ideal: comunidade local, a dimensão social e os passeios locais e regionais. O processo deriva da maneira como a gestão da organização implementa a visão e os valores de seu produto turístico, juntamente com a experiência dos hóspedes nos *hostels* nas várias cidades. Esse modelo pode ser útil como uma medida significativa e eficaz para outras organizações de hospedagem que buscam adotar sua própria visão e valores no produto turístico e na experiência turística que oferecem.



BIBLIOGRAFIA

- Butler, R. W. (1999). Sustainable tourism: a state of the art review. *Tourism Geographies*, 1(1), 7-25.
- Butler, G., & Hannam, K. (2013). Contrasting performances of tourist and migrant mobilities in Norwegian hostels. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 13(3), 175-189.
- Byrd, E. T. (2007). Stakeholders in sustainable tourism development and their roles: applying stakeholder theory to sustainable tourism development. *Tourism Review*, 62(2), 6-13.
- Chan, W. Y., To, C. K. M., & Chu, W. C. (2016). Desire for experiential travel, avoidance of rituality and social esteem: an empirical study of consumer response to tourism innovation. *Journal of Innovation & Knowledge*, 1(1), 24-35.
- Chin, C. H., Lo, M. C., Songan, P., & Nair, V. (2014). Rural Tourism Destination Competitiveness: A study on Annah Rais Longhouse Homestay, Sarawak. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 144, 35-44. doi: 10.1016/j.sbspro.2014.07.271
- Clarkson, M. E. (1995). A stakeholder framework for analyzing and evaluating corporate social performance. *Academy of Management Review*, 20(1), 92-117. doi:10.5465/AMR.1995.9503271994
- Cohen, E. (2003). Backpacking: Diversity and change. *Journal of tourism and cultural change*, 1(2), 95-110. doi: 10.1080/14766820308668162
- Cosma, S., Paun, D., Bota, M., & Fleseriu, C. (2014). Innovation—a useful tool in the rural tourism in Romania. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 148, 507- 515.
- Enz, C. A., Verma, R., Walsh, K., Kimes, S. E., & Siguaw, J. (2010). Cases in innovative practices in hospitality and related services: Set 3 [Electronic article]. *Cornell Hospitality Report*, 10(10), 6-26.
- Gelbman, A., & Laven, D. (2015). Re-envisioning community-based heritage tourism in the old city of Nazareth. *Journal of Heritage Tourism*, 11(2), 105-125.
- Gunn, C.A. (1994). *Tourism planning: Basic concepts cases* (3rd ed.). Washington, DC: Taylor and Francis.
- Hall, M. C., & Williams, A. M. (2008). *Tourism and Innovation*. London: Routledge.
- Hecht, J. A., & Martin, D. (2006). Backpacking and hostel-picking: an analysis from Canada. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 18(1), 69-77.
- Howard, R. W. (2007). Five backpacker tourist enclaves. *International Journal of Tourism Research*, 9(2), 73-86. Ikeda & Marshall, 2016
- Knote, R. & Blohm, I. (2016, June): *It's not about having Ideas - It's about making Ideas happen! Fostering Exploratory Innovation with the Intrapreneur Accelerator*. In: 24th European Conference on Information Systems (ECIS 2016), Istanbul, Turkey.
- Komppula, R. (2014). The role of individual entrepreneurs in the development of competitiveness for a rural tourism destination – A case study. *Tourism Management*, 40, 361-371.
- Paris, C. M. (2012). Flashpackers: An emerging sub-culture?. *Annals of Tourism Research*, 39(2), 1094-1115.
- Rashid-Radha, J. Z. (2015). *The influence of hostel servicescapes on social interaction and service experience*. Doctoral dissertation, University of Surrey.
- Rashid-Radha, J. Z. R. R., Lockwood, A., & Nolan-Davis, E. M. (2016). The Influence of Guests' Social Interaction on the Hostel Experience: A Conceptual Framework. *Sains Humanika*, 8(4-2).
- Ryan, T., Mottiar, Z., & Quinn, B. (2012). The dynamic role of entrepreneurs in destination development. *Tourism Planning & Development*, 9(2), 119-131.



ALTERNATIVE LEISURE AND HOSPITALITY: A SUSTAINABLE COMMUNITY BASED APPROACH

Dr. Alon Gelbman

Department of Tourism and Hotel Management, Kinneret College, Israel

alongelbman@gmail.com

This proceeding paper describes some of the suggested elements for alternative leisure and tourism, which are community based and local heritage based as well as offering to people more authentic and less commercial or expensive experiences, with creative and innovative dimensions. An implementation of those ideas described from an urban hospitality case study of the new and innovative Abraham Hostels chain in Israel.

Sustainable leisure and tourism has been described as tourism that is managed according to the principles of sustainable development (Butler, 1999). In this context it is important to note that central to this perception is the development of tourism that takes the local community into consideration and becomes integrated in it. This complex challenge is hard to achieve, especially in a steadily developing and growing urban tourism (Byrd, 2007; Clarkson, 1995; Gunn, 1994). Viewed in this way, tourism development must be sensitive to potentially wide ranges of local community interests in order to avoid failure of industry development (Byrd, 2007; Clarkson, 1995).

Considering growing tourist and leisure seekers expectations for a unique and specialized experience and the highly competitive destination market, accommodation and hospitality organizations aspire to adapt their tourism products and services to the new demand, by enhancing characteristics that reflect local culture and urban community (Enz et al., 2010). These trends are also apparent in hostels that have undergone an image transformation to attract a broader range of market segments including young travellers (Rashid-Radha, 2015). As a result, the pressure to innovate in order to succeed and meet the changing requirements of the target market are growing incessantly (Hall & Williams, 2008; Rashid-Radha, 2015). Innovations in tourism management in general and especially in hospitality management have been identified as complex and significant tasks (Chan et al., 2016). Studies have examined the relationship between hospitality innovation and local tourism and the ability of small entrepreneurial businesses to develop special tourist destination areas (Gelbman and Laven, 2015; Komppula, 2014). Emphasis has been placed on the importance of destination resources, namely cultural heritage and natural resources, as elements that contribute to attracting tourists and sustaining the competitiveness of a destination (Chin, Lo, Songan and Nair, 2014).

Private enterprises are growing in importance as part of the destination structure, and the role of the innovative, committed and risk-taking individual entrepreneur is influential in the development of tourist destination competitiveness (Komppula, 2014). Entrepreneurs also act as key "tourism influencers" whose vision, creativity and influence have the power to trigger long lasting change and development of tourism destinations (Ryan et al., 2012). The use of innovative tools is imperative to enhance the tourist experience, and to differentiate small companies in the tourism sector so that they can survive in an increasingly competitive and global environment (Cosma et al., 2014).



Alternative Sustainable Community Based Leisure and Hospitality

A growing phenomenon in urban tourism is the development of tourist enclaves that typically expand from inexpensive accommodations and hostels. Most enclaves have a concentration of tourist business and are centrally located near transportation and major tourist attractions (Howard, 2007). These enclaves will often exhibit a range of common features such as backpacker-orientated hostels and budget accommodations, low-end travel agents, theme bars, and an abundance of travel activity and tour operators (Butler & Hannam, 2013). Contemporary backpackers from all over the world spend significant periods of time in various backpacker enclaves that provide a relaxed, tolerant and socially permissive atmosphere where they can find the company of fellow travelers (Cohen, 2003; Rashid-Radha, Lockwood & Nolan-Davis, 2016).

The hostel has become a notable established landmark in many tourist enclaves around the globe (Butler & Hannam, 2013). Hostels are frequently identified as places of hospitality that facilitate a number of touristic activities take place, such as resting, relaxation, destination- or route- planning, and interaction with other likeminded tourists (Butler & Hannam, 2013). Hostel hospitality is associated with backpackers, low cost and less private accommodations and is set apart from other accommodation types, such as hotels or guest houses, by shared dormitory space and common areas such as kitchens and lounges. Besides the low costs compared to hotel accommodations, hostel guests also have the opportunity to meet other like-minded travelers. Getting to know fellow travelers is considered part of the product and experience of hosteling, thus the communal nature of hostel design helps facilitate this social interaction (Hecht & Martin, 2006).

Rashid-Rahda (2015) discusses the major change in backpacking trends that has led to a change in demand for certain hostel facilities and services. Backpackers used to be characterized tight budget travel, the ability to encounter authentic tourist experiences, flexible attitudes towards time, and socializing with other travelers as part of the experience (Paris, 2012). Yet, the attractive room rates of hostels have attracted interest from older age groups and multi-age families, and the typical hostel guest, who used to be the cash-strapped backpacker on a tight budget, has been replaced by more mainstream tourists who have more money to spend. As a result, a market preference has grown for more privacy and hostels offer single and double rooms, and even suites, in addition to shared dormitory rooms. The need to keep up with the demands and expectations of their guests so as to remain competitive in the market, has led hostels to adapt their product to the preferences of their target market in order to ensure an enjoyable hosteling experience. Subsequently, hostels are becoming more resourceful and innovative in order to keep up (Rashid-Radha, 2015).



Implementing Alternative Hospitality: The Case of Abraham Hostels Chain

Abraham Hostels chain began to operate in 2006 with the opening of a small hostel in a historic building in the heart of the Old City of Nazareth. The Fauzi-Azar Inn in Nazareth, under joint Jewish-Arab management, has become a success story and is a model of community-based sustainable tourism development (Gelbman and Laven, 2015). Subsequently, two more hostels were opened, in Jerusalem and Tel-Aviv, important tourist cities in Israel. The Abraham Hostels chain was founded by five former backpackers and travelers who visualized promoting Israel as a leading destination for backpackers and independent travelers. They recognized the potential of establishing a place that would function as a one-stop comprehensive hub for independent travelers, providing everything from an affordable bed and trustworthy tour and travel information to language classes, bike rentals and fun local events. At the same time, they saw the opportunity to stimulate the local economy and revolutionize the world's view of Israel and the Middle East by revealing the local reality and all that the region has to offer, and thus improving Israel's status as a desirable tourist destination. The five partners had a joint vision: to bring the famous hospitality of the biblical Abraham to the 21st century by creating a hospitality center that welcomes people of all faiths. With this in mind they aspired to establish a hostel chain with branches throughout the Middle East, from Aqaba and Sinai to Amman and Istanbul.

In this case study of the Abraham Hostels it is clear that the entrepreneurs and organizational managers are willing at times to forgo revenue, such as when they decline to collect commission for the sale of tours or tickets to shows, since this goes against their principles. They are even prepared to invest considerable time and effort in contributing to society and community without financial profit. They also demonstrate diversity in their creativity and innovation as they apply their ideas to make the touristic experience significant. They believe that a positive and significant tourist experience will ultimately yield economic profit resulting from positive guest reviews, recommendations and repeat visits (in actual fact they enjoy very good critiques and guest feedback as well as high occupancy rates) and of course by branding and a highly positive positioning of the organization (Ikeda & Marshall, 2016; Knotte & Blohm, 2016).

The management constantly renews and implements new ideas with a focus on the three prominent and complementary aspects of its ideal tourist experience: local community, the social dimension, and local and regional tours. The process derives from the way the organization's management implements the vision and values of its tourism product, together with the guests' experience in the hostels in the various cities. This model may be of use as a significant and effective measure for other hospitality organizations seeking to adopt their own vision and values in the tourism product and tourist experience they offer.



BIBLIOGRAPHY

- Butler, R. W. (1999). Sustainable tourism: a state of the art review. *Tourism Geographies*, 1(1), 7-25.
- Butler, G., & Hannam, K. (2013). Contrasting performances of tourist and migrant mobilities in Norwegian hostels. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 13(3), 175-189.
- Byrd, E. T. (2007). Stakeholders in sustainable tourism development and their roles: applying stakeholder theory to sustainable tourism development. *Tourism Review*, 62(2), 6-13.
- Chan, W. Y., To, C. K. M., & Chu, W. C. (2016). Desire for experiential travel, avoidance of rituality and social esteem: an empirical study of consumer response to tourism innovation. *Journal of Innovation & Knowledge*, 1(1), 24-35.
- Chin, C. H., Lo, M. C., Songan, P., & Nair, V. (2014). Rural Tourism Destination Competitiveness: A study on Annah Rais Longhouse Homestay, Sarawak. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 144, 35-44. doi: 10.1016/j.sbspro.2014.07.271
- Clarkson, M. E. (1995). A stakeholder framework for analyzing and evaluating corporate social performance. *Academy of Management Review*, 20(1), 92-117. doi:10.5465/AMR.1995.9503271994
- Cohen, E. (2003). Backpacking: Diversity and change. *Journal of tourism and cultural change*, 1(2), 95-110. doi: 10.1080/14766820308668162
- Cosma, S., Paun, D., Bota, M., & Fleseriu, C. (2014). Innovation—a useful tool in the rural tourism in Romania. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 148, 507- 515.
- Enz, C. A., Verma, R., Walsh, K., Kimes, S. E., & Siguaw, J. (2010). Cases in innovative practices in hospitality and related services: Set 3 [Electronic article]. *Cornell Hospitality Report*, 10(10), 6-26.
- Gelbman, A., & Laven, D. (2015). Re-envisioning community-based heritage tourism in the old city of Nazareth. *Journal of Heritage Tourism*, 11(2), 105-125.
- Gunn, C.A. (1994). *Tourism planning: Basic concepts cases* (3rd ed.). Washington, DC: Taylor and Francis.
- Hall, M. C., & Williams, A. M. (2008). *Tourism and Innovation*. London: Routledge.
- Hecht, J. A., & Martin, D. (2006). Backpacking and hostel-picking: an analysis from Canada. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 18(1), 69-77.
- Howard, R. W. (2007). Five backpacker tourist enclaves. *International Journal of Tourism Research*, 9(2), 73-86. Ikeda & Marshall, 2016
- Knote, R. & Blohm, I. (2016, June): *It's not about having Ideas - It's about making Ideas happen! Fostering Exploratory Innovation with the Intrapreneur Accelerator*. In: 24th European Conference on Information Systems (ECIS 2016), Istanbul, Turkey.
- Komppula, R. (2014). The role of individual entrepreneurs in the development of competitiveness for a rural tourism destination – A case study. *Tourism Management*, 40, 361-371.
- Paris, C. M. (2012). Flashpackers: An emerging sub-culture?. *Annals of Tourism Research*, 39(2), 1094-1115.
- Rashid-Radha, J. Z. (2015). *The influence of hostel servicescapes on social interaction and service experience*. Doctoral dissertation, University of Surrey.
- Rashid-Radha, J. Z. R. R., Lockwood, A., & Nolan-Davis, E. M. (2016). The Influence of Guests' Social Interaction on the Hostel Experience: A Conceptual Framework. *Sains Humanika*, 8(4-2).
- Ryan, T., Mottiar, Z., & Quinn, B. (2012). The dynamic role of entrepreneurs in destination development. *Tourism Planning & Development*, 9(2), 119-131.



HOSPITALIDAD Y OCIO ALTERNATIVO: UN ENFOQUE BASADO EN LA COMUNIDAD SOSTENIBLE

Dr. Alon Gelbman

Departamento de Turismo y Hotelería, Kinneret College, Israel

alongelbman@gmail.com

Este documento describe algunos de los elementos sugeridos para el ocio y el turismo alternativos, que se basan en la comunidad y en el patrimonio local, además de ofrecer a las personas experiencias más auténticas y menos comerciales o caras, con dimensiones creativas e innovadoras. Una implementación de las ideas descritas en un estudio de caso de hospitalidad urbana de la nueva e innovadora cadena de hostales Abraham Hostels, en Israel.

Turismo y ocio sostenible ha sido descrito como el turismo que es administrada según los principios del desarrollo sostenible (Butler, 1999). En este contexto, es importante tener en cuenta que para esta percepción es el desarrollo del turismo que considera a la comunidad local y se la integra. Este desafío complejo es difícil de lograr, especialmente en un turismo urbano en continuo crecimiento y desarrollo (Byrd, 2007; Clarkson, 1995; Gunn, 1994). Visto de esta manera, el desarrollo del turismo debe ser sensible a rangos potencialmente amplios de intereses de la comunidad local para evitar el fracaso del desarrollo de la industria (Byrd, 2007; Clarkson, 1995).

Teniendo en cuenta las crecientes expectativas de los turistas y de los que buscan el ocio por una experiencia única y especializada, y el mercado de destino altamente competitivo, las organizaciones de alojamiento y hospitalidad aspiran a adaptar sus productos y servicios turísticos a la nueva demanda, al mejorar las características que reflejan la cultura local y la comunidad urbana (Enz et al., 2010). Estas tendencias también son evidentes en los hostales que han sufrido una transformación de imagen para atraer una gama más amplia de segmentos de mercado, incluidos los viajeros jóvenes (Rashid-Radha, 2015). Como resultado, la presión para innovar para tener éxito y cumplir con los requisitos cambiantes del mercado objetivo está creciendo sin cesar (Hall y Williams, 2008; Rashid-Radha, 2015). Las innovaciones en la gestión del turismo en general y especialmente en la gestión de la hospitalidad se han identificado como tareas complejas y significativas (Chan et al., 2016). Los estudios han examinado la relación entre la innovación de la hospitalidad y el turismo local y la capacidad de las pequeñas empresas emprendedoras para desarrollar áreas de destinos turísticos especiales (Gelbman y Laven, 2015; Komppula, 2014). Se ha enfatizado la importancia de los recursos de destino, a saber, el patrimonio cultural y los recursos naturales, como elementos que contribuyen a atraer turistas y mantener la competitividad de un destino (Chin, Lo, Songan and Nair, 2014).

Las empresas privadas están adquiriendo cada vez más importancia como parte de la estructura del destino, y el papel del emprendedor individual innovador, comprometido y que toma riesgos es influyente en el desarrollo de la competitividad de los destinos turísticos (Komppula, 2014). Los emprendedores también actúan como "influyentes clave en el turismo" cuya visión, creatividad e influencia tienen el poder de desencadenar un cambio duradero y el desarrollo de destinos turísticos (Ryan et al., 2012). El uso de herramientas innovadoras es imprescindible para mejorar la experiencia turística y para diferenciar a las pequeñas empresas en el sector turístico para que puedan sobrevivir en un entorno cada vez más competitivo y global (Cosma, et al., 2014).



Alternativa Sostenible Comunitaria de Ocio y Hospitalidad

Un fenómeno creciente en el turismo urbano es el desarrollo de enclaves turísticos que normalmente se expanden desde alojamientos y hostales económicos. La mayoría de los enclaves tienen una concentración de negocios turísticos y están ubicados cerca del transporte y de las principales atracciones turísticas (Howard, 2007). Estos enclaves a menudo exhibirán una gama de características comunes, como hostales orientados a mochileros y alojamiento económico, agentes de viajes de gama baja, bares temáticos y una gran cantidad de actividades de viajes y operadores turísticos (Butler y Hannam, 2013). Los mochileros contemporáneos de todo el mundo pasan largos períodos de tiempo en varios enclaves de mochileros que proporcionan un ambiente relajado, tolerante y socialmente permisivo donde pueden encontrar la compañía de otros viajeros (Cohen, 2003; Rashid-Radha, Lockwood y Nolan-Davis, 2016).

El hostel se ha convertido en un hito notable en muchos enclaves turísticos de todo el mundo (Butler y Hannam, 2013). Los hostales se identifican con frecuencia como lugares de hospitalidad que facilitan una serie de actividades turísticas, como descanso, relajación, planificación de rutas o destinos e interacción con otros turistas afines (Butler y Hannam, 2013). La hospitalidad de los hostales se asocia con mochileros, alojamiento de bajo costo y menos privado, y se distingue de otros tipos de alojamiento, como hoteles o casas de huéspedes, por espacio compartido de dormitorios y áreas comunes como cocinas y salones. Además de los bajos costos en comparación con el alojamiento en hoteles, los huéspedes de los hostales también tienen la oportunidad de conocer a otros viajeros de ideas afines. Conocer a los compañeros de viaje se considera parte del producto y de la experiencia de hospedaje, por lo que la naturaleza comunitaria del diseño del hostel facilita esta interacción social (Hecht y Martin, 2006).

Rashid-Radha (2015) discute el importante cambio en las tendencias de mochileros que ha llevado a un cambio en la demanda de ciertas instalaciones y servicios del hostel. Los mochileros solían caracterizarse como viajantes con poco presupuesto, con la capacidad de encontrar experiencias turísticas auténticas, actitudes flexibles hacia el tiempo y socialización con otros viajeros como parte de la experiencia. (Paris, 2012). Sin embargo, las atractivas tarifas de alojamiento de los hostales han llamado la atención de grupos de personas mayores y familias de múltiples edades, y el huésped típico del hostel, que solía ser el mochilero con poco dinero y con un presupuesto ajustado, ha sido reemplazado por turistas más tradicionales que tienen más dinero para gastar. Como resultado, ha crecido la preferencia del mercado por más privacidad y los hostales ofrecen habitaciones individuales y dobles, e incluso suites, además de habitaciones compartidas. La necesidad de mantenerse al día con las demandas y expectativas de sus huéspedes para seguir siendo competitivos en el mercado, ha llevado a los hostales a adaptar su producto a las preferencias de su mercado objetivo para garantizar una experiencia de hostel agradable. Posteriormente, los hostales se volvieron más ingeniosos e innovadores para mantenerse al día (Rashid-Radha, 2015).



Implementación de Hospitalidad Alternativa: El Caso de la Cadena de Hostales Abraham

La cadena Abraham Hostels comenzó a funcionar en 2006 con la apertura de un pequeño hostel en un edificio histórico en el corazón de la Ciudad Vieja de Nazaret. El Fauzi-Azar Inn, en Nazaret, bajo una gestión conjunta judeoárabe, se ha convertido en una historia de éxito y es un modelo de desarrollo de turismo sostenible basado en la comunidad. (Gelbman y Laven, 2015). Posteriormente, se abrieron dos hostales más, en Jerusalén y Tel-Aviv, importantes ciudades turísticas de Israel. La cadena Abraham Hostels fue fundada por cinco ex mochileros y viajeros que visualizaron promocionar a Israel como un destino líder para mochileros y viajeros independientes. Reconocieron el potencial de establecer un lugar que funcionaría como un centro integral de ventanilla única para viajeros independientes, ofreciendo desde una cama asequible y un recorrido confiable e información de viajes hasta clases de idiomas, alquiler de bicicletas y eventos locales divertidos. Al mismo tiempo, vieron la oportunidad de estimular la economía local y revolucionar la visión del mundo sobre Israel y el Medio Oriente al revelar la realidad local y todo lo que la región tiene para ofrecer, y así mejorar el estatus de Israel como un destino turístico deseable. Los cinco socios tuvieron una visión conjunta: llevar la famosa hospitalidad del Abraham bíblico al siglo XXI mediante la creación de un centro de hospitalidad que da la bienvenida a personas de todas las religiones. Teniendo esto en cuenta, aspiraban a establecer una cadena de hostales con sucursales en todo el Medio Oriente, desde Aqaba y Sinaí hasta Amman y Estambul.

En este estudio de caso del Abraham Hostels, está claro que los empresarios y los gerentes de la organización están dispuestos en ocasiones a renunciar a los ingresos, como cuando se niegan a cobrar comisiones por la venta de tours o entradas para espectáculos, ya que esto va en contra de sus principios. Están incluso preparados para invertir un tiempo y esfuerzo considerables para contribuir a la sociedad y la comunidad sin obtener ganancias financieras. También demuestran diversidad en su creatividad e innovación al aplicar sus ideas para hacer que la experiencia turística sea significativa. Creen que una experiencia turística positiva y significativa en última instancia dará como resultado un beneficio económico resultante de las críticas positivas de los huéspedes, las recomendaciones y las visitas repetidas (en realidad disfrutaban de críticas muy buenas y comentarios de los huéspedes, así como de las altas tasas de ocupación) y, por supuesto, de marca y posicionamiento altamente positivo de la organización (Ikeda y Marshall, 2016; Knotte y Blohm, 2016).

La administración constantemente renueva e implementa nuevas ideas con un enfoque en los tres aspectos prominentes y complementarios de su experiencia turística ideal: la comunidad local, la dimensión social y las visitas locales y regionales. El proceso se deriva de la forma en que la administración de la organización implementa la visión y los valores de su producto turístico, junto con la experiencia de los huéspedes en los hostales de las distintas ciudades. Este modelo puede ser útil como una medida significativa y efectiva para otras organizaciones de hospitalidad que buscan adoptar su propia visión y valores en el producto turístico y la experiencia turística que ofrecen.



BIBLIOGRAFÍA

- Butler, R. W. (1999). Sustainable tourism: a state of the art review. *Tourism Geographies*, 1(1), 7-25.
- Butler, G., & Hannam, K. (2013). Contrasting performances of tourist and migrant mobilities in Norwegian hostels. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 13(3), 175-189.
- Byrd, E. T. (2007). Stakeholders in sustainable tourism development and their roles: applying stakeholder theory to sustainable tourism development. *Tourism Review*, 62(2), 6-13.
- Chan, W. Y., To, C. K. M., & Chu, W. C. (2016). Desire for experiential travel, avoidance of rituality and social esteem: an empirical study of consumer response to tourism innovation. *Journal of Innovation & Knowledge*, 1(1), 24-35.
- Chin, C. H., Lo, M. C., Songan, P., & Nair, V. (2014). Rural Tourism Destination Competitiveness: A study on Annah Rais Longhouse Homestay, Sarawak. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 144, 35-44. doi: 10.1016/j.sbspro.2014.07.271
- Clarkson, M. E. (1995). A stakeholder framework for analyzing and evaluating corporate social performance. *Academy of Management Review*, 20(1), 92-117. doi:10.5465/AMR.1995.9503271994
- Cohen, E. (2003). Backpacking: Diversity and change. *Journal of tourism and cultural change*, 1(2), 95-110. doi: 10.1080/14766820308668162
- Cosma, S., Paun, D., Bota, M., & Fleseriu, C. (2014). Innovation—a useful tool in the rural tourism in Romania. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 148, 507-515.
- Enz, C. A., Verma, R., Walsh, K., Kimes, S. E., & Siguaw, J. (2010). Cases in innovative practices in hospitality and related services: Set 3 [Electronic article]. *Cornell Hospitality Report*, 10(10), 6-26.
- Gelbman, A., & Laven, D. (2015). Re-envisioning community-based heritage tourism in the old city of Nazareth. *Journal of Heritage Tourism*, 11(2), 105-125.
- Gunn, C.A. (1994). *Tourism planning: Basic concepts cases* (3rd ed.). Washington, DC: Taylor and Francis.
- Hall, M. C., & Williams, A. M. (2008). *Tourism and Innovation*. London: Routledge.
- Hecht, J. A., & Martin, D. (2006). Backpacking and hostel-picking: an analysis from Canada. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 18(1), 69-77.
- Howard, R. W. (2007). Five backpacker tourist enclaves. *International Journal of Tourism Research*, 9(2), 73-86. Ikeda & Marshall, 2016
- Knote, R. & Blohm, I. (2016, June): *It's not about having Ideas - It's about making Ideas happen! Fostering Exploratory Innovation with the Intrapreneur Accelerator*. In: 24th European Conference on Information Systems (ECIS 2016), Istanbul, Turkey.
- Komppula, R. (2014). The role of individual entrepreneurs in the development of competitiveness for a rural tourism destination – A case study. *Tourism Management*, 40, 361-371.
- Paris, C. M. (2012). Flashpackers: An emerging sub-culture?. *Annals of Tourism Research*, 39(2), 1094-1115.
- Rashid-Radha, J. Z. (2015). *The influence of hostel servicescapes on social interaction and service experience*. Doctoral dissertation, University of Surrey.
- Rashid-Radha, J. Z. R. R., Lockwood, A., & Nolan-Davis, E. M. (2016). The Influence of Guests' Social Interaction on the Hostel Experience: A Conceptual Framework. *Sains Humanika*, 8(4-2).
- Ryan, T., Mottiar, Z., & Quinn, B. (2012). The dynamic role of entrepreneurs in destination development. *Tourism Planning & Development*, 9(2), 119-131.



DIÁLOGO E ACOLHIMENTO PROTAGONISTAS DE UMA AÇÃO

Mário Fernandes da Silva

O Sesc introduziu ao longo de sua história novos modelos de ação cultural. Na década de 80 a educação não formal assume protagonismo como forma de transformação social. A concretização deste protagonismo se dá por meio de uma forte atuação da cultura e suas diferentes manifestações, essas ações são destinadas a todos os públicos, faixas etárias e extratos sociais. Portanto além de oferecer uma grande diversidade de eventos, busca-se facultar efetivamente ao público experiências duradouras e significativas para a vida de cada um.

O Sesc desenvolve, assim, uma ação de educação não formal e permanente com o intuito de valorizar seus diversos públicos ao estimular a autonomia pessoal, a interação e o contato com expressões e modos diversos de pensar, agir e sentir.

Esse pressuposto move as ações desenvolvidas na unidade Campo Limpo, neste sentido o desafio que se apresenta é como refletir o plano axiológico do Sesc nas ações práticas oferecidas num contexto tão particular, a periferia de São Paulo a maior metrópole da América do Sul.

Considera-se aqui como Plano Axiológico do Sesc tudo aquilo que reflita um conceito de valor, portanto seus valores predominantes. Logo o aspecto axiológico ou a dimensão axiológica impacta a escolha dos agentes responsáveis por operar a ação proposta no Campo Limpo. Neste contexto, aquilo que é valorizado pela instituição é pano de fundo para qualquer ação lá experimentada.

Desta feita, balizada nos valores institucionais, as ações de educação não formal no âmbito do Lazer, no Sesc Campo Limpo são pautadas por uma prática pedagógica cercada de princípios éticos, a saber: compromissos entre os sujeitos da ação, respeito à realidade de cada um, valorização e diálogo com a cultura local, formação permanente e transparente.

A flexibilidade no desenvolvimento dos conteúdos, assim como a criação e organização de seus espaços é uma característica evidente no Sesc Campo Limpo, deve-se isso em parte, às suas características arquitetônicas peculiares de uma unidade provisória.

A experiência do Sesc com implantação de unidades provisórias acontece ininterruptamente desde 1998, este modelo se dá no passo em que a instituição incorpora um novo imóvel/terreno, seja por aquisição, doação ou concessão. Portanto, no tempo que antecede a implantação definitiva de um centro cultural e desportivo nos moldes que observamos no estado de São Paulo.

Logo essa ação considera as adaptações e necessidades locais, levando em conta os diferentes contextos sociais, culturais e econômicos, passando também a ser um processo de aprendizado contínuo e compartilhado. Permitindo aos sujeitos desta ação a melhoria progressiva da qualidade de vida e possibilitando a construção de uma cultura humanizada.

Compreende-se aqui o lazer como meio de educação não formal, considerando suas potencialidades para o desenvolvimento humano e transformação social. Favorecendo o entendimento da realidade, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, por meio do incentivo ao autoconhecimento e aperfeiçoamento enquanto sujeitos de suas ações na sociedade, promovendo os saberes da cidadania.



É imperativo ressaltar o papel do educador assumido por cada um dos envolvidos na ação proposta, desde o atendente ao gerente desta unidade, todos estão movidos pelo comprometimento com essas transformações. Todos devem empenhar esforços para conhecer as diversas realidades, de maneira direta ou indireta, se comprometendo com o entendimento do contexto do qual estão inseridos. Logo o trabalho destes profissionais deve levar em consideração o processo de humanização proposto, de forma que estes se vejam como agentes de transformação social.

Esses agentes praticam uma educação que pretende estabelecer vínculo a partir de uma ação dialógica, que considera o outro como sujeito da ação, portanto não parte de rígidos pressupostos pedagógicos ou pior ainda de preconceitos.

Trata-se de uma prática de acolhimento como gesto de hospitalidade, caracteriza-se como uma relação de aproximação ao *outro*, uma pedagogia que não pretende homogeneizar e não busca padrões normalizadores de aceitação sociocultural, de gênero e sexualidade, de faixa etária ou ainda de extrato social, consiste em desprendimento, se apresenta vulnerável ao outro. Portanto influencia e se deixa influenciar. Assume riscos diante do outro, pois é na exposição que se torna possível uma relação ética de hospitalidade ao *outro* na educação.

Partindo de um contexto local, na comunidade no qual o Sesc Campo Limpo está inserido é comum ouvirmos a seguinte expressão: “da ponte prá cá”, o que isso significa? Quais são os sentidos históricos desta expressão? Aparentemente inocente, trata-se de algo que dá vasão a uma série de sentidos. As barreiras físicas, o quanto a cidade expulsa e segrega os seus habitantes, a dificuldade de transporte, o acesso aos bens culturais, o acesso às políticas públicas e a violência local. Dados estatísticos apontam uma desigualdade brutal, gerando tensão entre as diferenças. O Sesc se encontra no meio da várzea do Morro do S, entre dois corpos rochosos ao norte e ao sul que respectivamente conformam o relevo dos distritos do Campo Limpo, Jardim São Luis e Capão Redondo.

Dados de pesquisa recente encaminhada pela Rede Nossa São Paulo/Ibope, de 2013, indicam elevada desigualdade social e violência, como por exemplo, está na região do Campo Limpo o maior índice da cidade de mortalidade de jovens (16.93 mortes/100 mil habitantes), são 237 favelas nos bairros do entorno, alto índice de desemprego (13,91%). Nesse universo, apenas na região do Campo Limpo, na área de abrangência da unidade, são 1.126.586 habitantes segundo censo IBGE de 2010. Esses dados não passam impunes, observa-se no cotidiano a tensão provocada por essas desigualdades.

No mesmo passo que barreiras simbólicas e reais impõem uma dura realidade, surge nesta comunidade uma brutal força de resistência, que produz uma vida pulsante e criativa que se manifesta por meio de coletivos de produção artística, da solidariedade, da organização comunitária, do skate, do RAP, enfim de muitas maneiras de dizer “ei estamos aqui, existimos, temos valor”.

Insisto, a questão que se apresenta, é: Como dialogar com esta realidade, como buscar entendimento, como influenciar? Adota-se portanto, uma postura, que se reflete no mantra – “O Sesc é no e do Campo Limpo”, isso significa dizer que se propõe o diálogo permanente com o atores sociais locais.

Nesse sentido compreende-se ação dialógica como uma instância produtora de linguagem e, portanto, formadora de subjetividade, considera o ser humano como um ser inacabado que se constitui de suas relações sociais. Decorre, então, a importância do “outro” na formação subjetiva do ser humano.



Com isso, pretende-se demonstrar a relevância das interações ocorridas na unidade cotidianamente percebendo o público como parte integrante da ação, enfim, se constituem enquanto sujeitos. Paulo Freire em sua célebre obra “Pedagogia da Autonomia” inspira a prática pedagógica, na medida em que os agentes desta ação buscam rigor metodológico, assumem postura de pesquisador e investigador da realidade, respeitam a realidade local, se colocam criticamente diante da realidade, tem a ética como fundamento, usam o exemplo como principal meio para o conhecimento, aceitam o novo e repudiam qualquer forma de discriminação e finalmente consideram as experiências vividas por cada sujeito como campo fértil de significados que são considerados na construção dos conteúdos.

Um capítulo à parte, as juventudes no Campo Limpo. Como já foi descrito neste texto, tratar o plano axiológico como balizador da ação implica entre outras demandas, atender a todos os públicos, promover o encontro de gerações, incluir a todos sem nenhuma distinção, de maneira isonômica. Dito isso, atender e incluir os jovens desta região é imperativo. Não é novidade que trabalhar com o público formado por aqueles que estão em idade de afirmação de suas identidades, convencionalmente tratados por adolescentes, constitui sempre um grande desafio para a implantação de propostas sejam efetivas e ganhem ressonância junto a este público, nesta unidade não é diferente.

A experiência aponta alguns caminhos. O primeiro já evidenciado aqui está na construção de vínculo com grupos (número limitado de participantes) de jovens, feita a partir de uma ação permanente, que está aberta ao diálogo e que não subestima o sujeito. A efetividade desta ação exige um compromisso que se renova diariamente, não permite a emissão de sinais que suspendam a confiança e usem o exemplo para a impressão de valores éticos.

Uma segunda abordagem se dá no atendimento para grandes públicos, neste caso os sinais emitidos devem ser de acolhimento, comunicação não violenta que dialogue com os modos e costumes locais, oferecimento de atividades autogeridas e que encontrem ressonância com os desejos deste público, a saber: expressão corporal, atividades radicais, danças e músicas que vão ao encontro da cultura local, esportes não tradicionais. Neste ambiente o Campo Limpo recebe em ocasiões espontâneas capitaneadas e promovidas pelas próprias lideranças juvenis até 10000 jovens garotos e garotas para a fruição do lazer.

Logo a missão do Sesc de levar cultura e lazer às diversas regiões de São Paulo ganha uma nova dimensão. Além de proporcionar atividades, o Sesc Campo Limpo se importa com a tarefa de potencializar a produção cultural já existente da região. Importa-se em construir coletivamente um saber local em busca da transformação social. Para tanto procura o diálogo constante com os coletivos, frequentadores e redes educativas, entendendo a importância da valorização dos trabalhos já existentes.

Essa missão, tratada de forma verdadeira representa a inspiração diária para o enfrentamento das demandas, desafios, adversidades, obstáculos e resistências de toda ordem, que se impõem ao longo da trajetória. As adversidades que muitas vezes são a realidade, na mesma medida que preocupam, movem a busca de novas soluções. Certos que não há jogo ganho segue-se acumulando e dividindo os saberes construídos coletivamente.



DIALOGUE AND HOSPITALITY AS PROTAGONISTS OF AN ACTION

Mário Fernandes da Silva

Throughout its history, Sesc introduced new models of cultural action. In the 1980s, non-formal education gained prominence as a means of social transformation. This protagonism occurred due to a strong presence of culture and its different manifestations; these actions are aimed at all audiences, age groups and social groups. Thus, in addition to offering a wide variety of events, it seeks to effectively provide the audience significant and lasting experiences for each person's life.

Sesc develops, therefore, an action of non-formal and permanent education to value its several audiences by stimulating personal autonomy, interaction and contact with expressions and different ways to think, act and feel.

That assumption guides the actions developed in the unit of Sesc in Campo Limpo. In this sense, the challenge is how to reflect the axiological plane of Sesc on practical actions offered in such a specific context, the periphery of São Paulo, the greatest metropolis of South America.

Here, the Axiological Plane of Sesc comprises everything that reflects a concept of value, namely its prevailing values. Therefore, the axiological aspect or dimension impacts the choice of those responsible for operating the action proposed in Campo Limpo. In this context, what is valued by the institution is backdrop for any action experienced there.

In this case, delimited by institutional values, the actions of non-formal education within the scope of leisure, at Sesc Campo Limpo are based on a pedagogical practice surrounded by ethical principles, namely: commitment between the subjects of the action, respect for each person's reality, valorization of and dialogue with the local culture, permanent and transparent training.

Flexibility in the development of contents, as well as the creation and organization of its spaces is an evident characteristic in Sesc Campo Limpo. In part, this is due to the architectural features typical of a provisional unit.

Sesc's experience with the deployment of provisional units is constant since 1998, this occurs as the institution incorporates a new property/land, through purchase, donation or concession, that is, in the period preceding the final deployment of a sports and cultural center along the lines observed in the state of São Paulo.

Then, this action consider adaptations and local needs, considering the different social, cultural and economic contexts, also being a process of continuous and shared learning, allowing the subjects of this action to progressively improve their quality of life and enabling the construction of humanization.

Here, leisure is understood as a means of non-formal education, considering its potential for human development and social transformation, favoring the understanding of reality, through the recognition of social responsibilities and the encouragement of self-knowledge and improvement as subjects of their actions in society, promoting knowledge of citizenship.

Emphasizing the role of the educator played by each subject involved in the proposed action is essential; from the clerk to the manager of this unit, all are motivated by the commitment to these transformations. Everyone must make efforts to understand the several realities, directly or indirectly,



committing to understand the context in which they are inserted. Therefore, these professionals' work must consider the process of humanization proposed, so that they see themselves as agents of social transformation.

These agents practice education in a way that intends to establish connection through a dialogical action, which considers the other as subject of the action, not based on strict pedagogical assumptions or, even worse, on prejudices.

It is a practice of hospitality as a gesture of warmth, characterized as an approach to the other, a pedagogy that does not intend to homogenize and does not seek normalizing standards of cultural acceptance, gender and sexuality, age group or social group. It consists of detachment and is vulnerable to the other. Thus, it influences and allows itself to be influenced. It takes risks in the relationship with the other, as it is in the exposure that an ethical relationship of hospitality to the other in education becomes possible.

From a local context, in the community in which Sesc Campo Claro is inserted, hearing the expression "da ponte pra cá" is common. What does it mean? What are the historical meanings of this term? Seemingly innocent, this is something that gives rise to a number of meanings. Physical barriers, the extent to which city expels and secretes its inhabitants, the difficulty of transport, the access to cultural goods, the access to public policies and the local violence. Statistical data point a brutal inequality, generating tension between the differences. Sesc is located in the middle of the floodplain of the Morro do S, between two rocky bodies in the North and South, which, respectively, form the relief of the districts of Campo Limpo, Jardim São Luis and Capão Redondo.

Data from a recent survey from Rede Nossa São Paulo/Ibope, of 2013, indicate high social inequality and violence, for example, the region of Campo Limpo has the highest rate of mortality of youths (16.93 deaths/100 thousand inhabitants). In the surrounding neighborhoods, 237 slums are present, as well as a high unemployment rate (13.91%). In this context, considering only the region of Campo Limpo, in the area of the unit, there are 1,126,586 inhabitants according to IBGE census of 2010. These data do not go unnoticed; in the daily life, the tension caused by these inequalities can be observed.

Whereas the symbolic and true barriers impose a harsh reality, arises in this community a brute resistance, which produces a pulsating and creative life manifested through groups of artistic production, solidarity, community organization, skateboarding, RAP. In sum, in many ways to say "Hey we're here, we exist, we are valuable."

I insist, the question here is: How to engage with this reality? How to seek understanding? How to influence? The posture adopted reflects the mantra – "Sesc is located at and belongs to Campo Limpo", which means that the purpose is a constant dialogue with the local social actors.

In this way, dialogic action is understood as a context of language production and, therefore, producer of subjectivity, considering the human being as an unfinished being molded by his/her social relations. Then, the importance of the "other" in the subjective formation of a human being can be noticed.

Thus, the aim is to demonstrate the relevance of the interactions occurring daily in the unit, in which the audience is seen as an integral part of the action, that is, these people are constituted as subjects. Paulo Freire, in his famous book "Pedagogia da Autonomia" inspires the pedagogical practice, as the agents of this action seek methodological rigor, take the role of researcher and investigator of reality, respect the local reality, position themselves critically regarding this reality, has ethics as foundation,



use example as the main method of knowledge acquisition, accept the new and repudiate any form of discrimination and, finally, consider the experiences lived by each subject as fertile field of meanings that are observed in the construction of contents.

The youths from Campo Limpo are a special case. As already described in this text, treating the axiological plane as a way to delimit the action implies, among other demands, satisfying all audiences, promoting the meeting of generations, and including everyone without any distinction and in an egalitarian way. Therefore, serving and including young people from this region is imperative. Everybody knows that working with an audience composed of people in the age to affirm their identity, conventionally treated as teenagers, is always a great challenge to the implementation of effective proposals that gain popularity with this audience, and in this unit is not different.

The experience points some pathways. The first pathway highlighted here is the bonding with groups (limited number of participants), made from a permanent action, which is open to dialogue and does not underestimate the subject. The effectiveness of this action requires daily commitment renewal, does not allow the emission of signs that betray the trust and uses the example for transmitting ethical values.

The second is to provide services for large audiences, and in this case the signs emitted must be signs of hospitality, nonviolent communication that dialogue with the local manners and customs, offering self-managed activities that find resonance with the audience's wishes, namely: body language, radical activities, dances and musics consistent with the local culture, nontraditional sports. In this place, Campo Limpo receives, in spontaneous occasions captained and promoted by youth leaders, up to 10000 boys and girls to enjoy leisure.

Thus, Sesc's mission of bringing culture and leisure to the various regions of São Paulo gains a new dimension. In addition to providing activities, Sesc Campo Limpo cares with the task of enhancing the existing cultural production of the region, cares about acquiring collectively a local knowledge in search of social transformation. For this purpose, it seeks to dialogue constantly with the groups, audience and educational networks, understanding the importance of the valorization of existing jobs.

This mission, treated genuinely, represents the daily inspiration to the confrontation of demands, challenges, adversities, obstacles and resistances of all kinds, which arise along the trajectory. The adversities that are often the reality, at the same time that cause concerns, motivate the search for new solutions. Knowing that the game is never won, Sesc keeps acquiring and sharing knowledge built collectively.



DIÁLOGO Y ACOGIDA PROTAGONISTAS DE UNA ACCIÓN

Mário Fernandes da Silva

Sesc ha introducido a lo largo de su historia nuevos modelos de acción cultural. En la década de 80 la educación no formal asume protagonismo como forma de transformación social. La concreción de este protagonismo se da por medio de una fuerte actuación de la cultura y sus distintas manifestaciones, esas acciones son destinadas a todos los públicos, franjas de edades y extractos sociales. Por lo tanto, además de ofrecer una gran diversidad de eventos, se busca facultar efectivamente al público experiencias duraderas y significativas para la vida de cada uno.

Sesc desarrolla, así, una acción de educación no formal y permanente con el intuito de valorar sus diversos públicos al estimular la autonomía personal, la interacción y el contacto con expresiones y modos diversos de pensar, accionar y sentir.

Ese presupuesto mueve las acciones que han sido desarrolladas en la unidad Campo Limpo, en este sentido el reto que se presenta es como reflejar el plan axiológico del Sesc en las acciones prácticas ofrecidas en un contexto tan particular, la periferia de São Paulo, la mayor metrópoli de Suramérica.

Se considera aquí, como Plan Axiológico del Sesc, todo lo que refleja un concepto de valor, por lo tanto, sus valores predominantes. Luego, el aspecto axiológico o la dimensión axiológica impacta la escoja de los agentes responsables por operar la acción propuesta en el Campo Limpo. En este contexto, aquello que es valorado por la institución es paño de fondo para cualquier acción allá experimentada.

De esta hecha, balizada en los valores institucionales, las acciones de educación no formal en el ámbito del Ocio, en Sesc Campo Limpo son basadas por una práctica pedagógica rodeada de principios éticos, a saber: compromisos entre los sujetos de la acción, respeto a la realidad de cada uno, valoración y diálogo con la cultura local, formación permanente y transparente.

La flexibilidad en el desarrollo de los contenidos, así como la creación y organización de sus espacios es una característica evidente en Sesc Campo Limpo, se debe eso en parte, a sus características arquitectónicas peculiares de una unidad provisional.

La experiencia de Sesc con implantación de unidades provisionales ocurre ininterrumpidamente desde 1998, este modelo se da en el paso en que la institución incorpora un nuevo inmueble/terreno, sea por adquisición, donación o concesión. Por lo tanto, en el tiempo que antecede la implantación definitiva de un centro cultural y deportivo en los moldes que observamos en el estado de São Paulo.

Luego esa acción considera las adaptaciones y las necesidades locales, considerando los distintos contextos sociales, culturales y económicos, pasando también a ser un proceso de aprendizaje continuo y compartido. Permitiendo a los sujetos de esta acción la mejora progresiva de la cualidad de vida y posibilitando la construcción de una cultura humanizada.



Se comprende aquí el ocio como medio de educación no formal, considerando sus potencialidades para el desarrollo humano y transformación social. Favoreciendo el entendimiento de la realidad, por el reconocimiento de las responsabilidades sociales, por medio del incentivo al autoconocimiento y al perfeccionamiento, mientras sujetos de sus acciones en la sociedad, promocionando los saberes de la ciudadanía.

Es imperativo subrayar el papel del educador asumido por cada uno de los involucrados en la acción propuesta, desde el dependiente al gestor de esta unidad, todos están movidos por el comprometimiento con esas transformaciones. Todos deben empeñar esfuerzos para conocer las diversas realidades, de manera directa o indirecta, comprometiéndose con el entendimiento del contexto del cual están insertados. Luego el trabajo de estos profesionales debe llevar en consideración el proceso de humanización propuesto, de modo que estos se vean como agentes de transformación social.

Esos agentes practican una educación que pretende establecer vínculo desde una acción dialógica, que considera el otro como sujeto de la acción, por lo tanto no parte de rígidos presupuestos pedagógicos o peor todavía de prejuicios.

Se trata de una práctica de acogida como gesto de hospitalidad, se caracteriza cómo una relación de aproximación al otro, una pedagogía que no pretende homogeneizar y no busca estándares normalizadores de aceptación sociocultural, de género y sexualidad, de franja de edad o todavía de extracto social, consiste en desprendimiento, se presenta vulnerable al otro. Por lo tanto, influencia y se deja influenciar. Asume riesgos delante del otro, pues es en la exposición que se torna posible una relación ética de hospitalidad al otro en la educación.

Partiendo de un contexto local, en la comunidad en la cual el Sesc Campo Limpo está insertado es común oír la siguiente expresión: “da ponte prá cá” (“del puente para acá”), ¿qué eso significa? ¿Cuáles son los sentidos históricos de esta expresión? Aparentemente inocente, se trata de algo que expresa la una serie de sentidos. Las barreras físicas, el cuanto la ciudad expulsa y segrega sus habitantes, la dificultad de transporte, el acceso a los bienes culturales, el acceso a las políticas públicas y la violencia local. Datos estadísticos indican una desigualdad brutal, generando tensión entre las diferencias. Sesc se encuentra en el medio de la vega del Morro del S, entre dos cuerpos rocosos al norte y al sur que respectivamente conforman el relevo de los distritos del Campo Limpo, Jardim São Luis y Capão Redondo.

Datos de investigación reciente encaminada por la Red Nossa São Paulo/Ibope, de 2013, indican elevada desigualdad social y violencia, como por ejemplo, está en la región del Campo Limpo el mayor índice de la ciudad de mortalidad de jóvenes (16.93 muertes/100 mil habitantes), son 237 chabolas en los barrios del entorno, alto índice de desempleo (el 13,91%). En ese universo, solamente en la región del Campo Limpo, en el área de rango de la unidad, son 1.126.586 habitantes según el censo IBGE de 2010. Esos datos no pasan impunes, se observa en el cotidiano la tensión provocada por esas desigualdades.

En el mismo paso que barreras simbólicas y reales imponen una dura realidad, surge en esta comunidad una brutal fuerza de resistencia, que produce una vida pulsante y creativa que se manifiesta por medio de colectivos de producción artística, de la solidaridad, de la organización comunitaria, del monopatín, del RAP, en fin de muchas maneras de decir “oye estamos aquí, existimos, tenemos valor”.

Insisto, la cuestión que se presenta, es: ¿Cómo dialogar con esta realidad, como buscar entendimiento, como influenciar? Se adopta por lo tanto, una postura, que se refleja en el mantra – “Sesc es en y de Campo Limpo”, eso significa decir que se proponen el diálogo permanente con los actores sociales locales.



En ese sentido se comprende acción dialógica como una instancia productora de lenguaje y, por lo tanto, formadora de subjetividad, considera el ser humano como un ser inacabado que se constituye de sus relaciones sociales. Resulta, entonces, la importancia del “otro” en la formación subjetiva del ser humano.

Con eso, se pretende demostrar la relevancia de las interacciones ocurridas en la unidad cotidianamente percibiendo el público como parte integrante de la acción, en fin, se constituyen como sujetos. Paulo Freire en su célebre obra “Pedagogía de la Autonomía” inspira la práctica pedagógica, en la medida en que los agentes de esta acción buscan rigor metodológico, asumen postura de investigador e investigador de la realidad, respetan la realidad local, se ponen críticamente delante de la realidad, tiene la ética como fundamento, usen el ejemplo como principal medio para el conocimiento, aceptan el nuevo y repudian cualquier forma de discriminación y finalmente consideran las experiencias vividas por cada sujeto como campo fértil de significados que son considerados en la construcción de los contenidos.

Un capítulo a la parte, las juventudes en el Campo Limpo. Como ya ha sido descrito en este texto, tratar el plan axiológico como balizador de la acción implica entre otras demandas, atender a todos los públicos, promocionar el encuentro de generaciones, incluir a todos sin ninguna distinción, de manera isonómica. Dicho eso, atender e incluir a los jóvenes de esta región es imperativo. No es novedad que trabajar con el público formado por aquellos que están en edad de afirmación de sus identidades, convencionalmente tratados por adolescentes, constituye siempre un gran reto para la implantación de propuestas sean efectivas y ganen resonancia junto a este público, en esta unidad no es diferente.

La experiencia indica algunos caminos. El primero ya evidenciado aquí está en la construcción de vínculo con grupos (número limitado de participantes) de jóvenes, hecha desde una acción permanente, que está abierta al diálogo y que no subestima el sujeto. La efectividad de esta acción exige un compromiso que se renueva diariamente, no permite la emisión de señales que suspendan la confiabilidad y usen el ejemplo para la impresión de valores éticos.

Un segundo abordaje se da en la atención para grandes públicos, en este caso las señales emitidas deben ser de acogida, comunicación no violenta que dialogue con los modos y costumbres locales, ofrecimiento de actividades auto gestionadas y que encuentren resonancia con los deseos de este público, a saber: la expresión corporal, las actividades radicales, las danzas y las músicas que van al encuentro de la cultura local, deportes no tradicionales. En este ambiente el Campo Limpo recibe en ocasiones espontáneas capitaneadas y promocionadas por los propios liderazgos juveniles hasta 10000 jóvenes muchachos y muchachas para la fruición del ocio.

Luego la misión de Sesc de llevar cultura y ocio a las diversas regiones de São Paulo gana una nueva dimensión. Además de proporcionar actividades, Sesc Campo Limpo se importa con la tarea de potenciar la producción cultural ya existente de la región. Se importa en construir colectivamente un saber local en búsqueda de la transformación social. Para tanto busca el diálogo constante con los colectivos, frecuentadores y redes educativas, entendiendo la importancia de la valorización de los trabajos ya existentes.

Esa misión, tratada de modo verdadero representa la inspiración diaria para el enfrentamiento de las demandas, de los retos, de las adversidades, de los obstáculos y de las resistencias de toda orden, que se imponen a lo largo de la trayectoria. Las adversidades que muchas veces son la realidad, en la misma medida que preocupan, mueven la búsqueda de nuevas soluciones. Ciertos que no hay juego gano se sigue acumulando y dividiendo los saberes construidos colectivamente.



“ASPECTOS DA SUPERAÇÃO DE BARREIRAS SIMBÓLICAS E CULTURAIS NO LAZER”

Abena P. A. Busia

Nesta conferência, estivemos revisando as inúmeras barreiras que impedem que pessoas e grupos desfrutem de seu direito ao lazer. As sessões anteriores lidaram com as barreiras físicas e sócio-econômicas, esta sessão preocupa-se com barreiras simbólicas, que podem manifestar-se em uma série de esferas, como étnica ou religiosa, de identidade racial ou ideológicas, ou aquelas que são estruturadas em torno de gênero ou classe, e elas podem ser geradas tanto externamente quanto internamente. Nesta sessão, a proposta é refletir sobre os desafios enfrentados por sociedades multiculturais com dinâmica de poderes desiguais, e sobre o que é preciso para conviver com e respeitar a diversidade quando se trata de garantir o lazer como um direito de todos.

Eu compreendo porque fui convidada para fazer esta palestra: eu sou uma mulher ganesa, filha de um pai cujo povo é matrilinear e de uma mãe cujo povo é patrilinear, de dois grupos étnicos distintos, o da minha mãe é hoje predominantemente urbano, do coração da capital, o povo do meu pai é ainda predominantemente rural do sertão estéril do país. Mas, apesar de ter nascido em Gana, fui criada na Holanda, no México e na Inglaterra, e passei toda a minha vida adulta como uma professora afro-britânica lecionando estudos afro-americanos e africanos em uma universidade nos Estados Unidos como antropóloga cultural em um departamento de literatura, no qual eu sou uma poetisa que ensina basicamente narrativa de ficção. Eu entendo a existência multicultural! E eu não apenas a vivo, eu a ensino. Desde o momento em que iniciei minha tese de doutorado, há quarenta anos, fazendo um estudo sobre as imagens da África na ficção popular do pós-Segunda Guerra Mundial, a questão das barreiras simbólicas criadas por instituições culturais de todos os tipos tem sido uma indagação exaustiva.

O *estudo do lazer*, no entanto, é uma perspectiva nova para mim. Quando me pediram para fazer esta palestra, comecei a pensar seriamente em quais imagens me eram invocadas pela própria palavra “lazer”. Descobri que havia muitas, e algumas delas contraditórias. Começarei com a imagem pessoal: em primeiro lugar, havia uma ampla divisão entre um sentido do privado e um sentido do público. Simplificando, há algumas atividades de lazer que confino ao solitário e ao doméstico; tocar minha flauta, ouvir audiolivros, fazer crochê nos dias em que encontro tempo para isso, até mesmo maratonar meus programas de televisão favoritos. Eu sei que para algumas pessoas a maioria dessas coisas são compartilhadas - algumas pessoas tocam música em orquestras e grupos, ou fazem grandes festas com os amigos para assistir aos seus programas favoritos -, mas para mim elas não são, eu listei as coisas que escolho fazer sozinha, dentro da minha casa, como atividades para minha saúde mental, são atividades de lazer, mas penso nelas como autocuidado privado.

As coisas que eu considero como atividades de lazer compartilhado são ir a museus e à galerias de arte, ou assistir a concertos ou a uma peça de teatro, e jantar com amigos. Essas são, para mim, atividades que têm lugar em espaços públicos e, embora eu geralmente vá às galerias e aos museus sozinha, estranhamente, não penso em tais visitas como ocasiões solitárias.



Eu penso em tais atividades fora de casa como minhas atividades de lazer. Eu amo o teatro, fui assinante até mesmo de pequenos teatros regionais durante toda a minha vida adulta desde a faculdade, e gosto de ouvir música ao vivo de todos os tipos e em diversos espaços, desde cafés de jazz até recitais no *Lincoln Center*. Reconheço que sou predominantemente uma pessoa urbana de cidade pequena, tendo passado toda a minha vida em ambientes acadêmicos como Oxford, onde cursei minha faculdade, ou New Brunswick, Nova Jérsei, onde passei minha carreira docente profissional. Eu prezo que ambas estejam a uma hora de trem de uma grande cidade cosmopolita, Londres no caso de Oxford e Nova Iorque no caso de Rutgers; mas ambas também são importantes cidades universitárias próximas de comunidades rurais, onde em vinte minutos, de ambos os lados do Atlântico, você pode estar cercado por parques ou adentrar campos agrícolas, o que eu aprecio porque gosto de fazer caminhadas, o que é tanto uma atividade solitária quanto grupal!

Quero pausar e fazer a observação de que estava contemplando minha paixão pela dramaturgia, o que inclui não apenas teatro, mas televisão e cinema, e me ocorreu que o que considero lazer é, na verdade, a profissão da minha própria irmã. Minha irmã é uma atriz e cineasta, para ela ir ao teatro pode, então, ser às vezes uma atividade híbrida; ela gosta disso devido à sua paixão pela grande arte, ou porque ela tem um compromisso pessoal com as pessoas no palco, mas ela pode também estar lá porque está estudando seu ofício, ou porque está prestes a atuar em uma peça dirigida pelo mesmo diretor, ou escrita pelos mesmos roteiristas. O mesmo poderia ser dito de mim indo a museus, eu aprecio a arte, mas eu também poderia estar prestes a escrever um artigo sobre os povos cujos artefatos eu estou olhando ou cuja arte eu estou apreciando; algumas atividades fazem colidir nossos mundos supostamente díspares do trabalho e do lazer.

O que quero observar aqui é o ponto central de que não só nosso trabalho pode informar nosso sentido de lazer, mas, mais seriamente, o lazer de uma pessoa é, com muita frequência, o trabalho duro de outra pessoa. É uma verdade que quase todas as minhas atividades de lazer dependem do trabalho árduo de outras pessoas. Essa é uma reflexão não só sobre o fato de que se eu estou em um espetáculo, a apreciação desse espetáculo depende do talento e do trabalho dos intérpretes. Eu também quero dizer que se, por exemplo, eu posso pagar para tirar um final de semana e fugir para uma pequena pousada *Bed and Breakfast* no campo para escapar das minhas tarefas domésticas, minha cama será arrumada por outra pessoa, meu café da manhã cozinhado por outra pessoa. O trabalho que faz desse lugar em particular um belo lugar de refúgio para mim, é o trabalho árduo de outra pessoa. E todos eles estariam fazendo outra coisa para o seu lazer que não atender às minhas necessidades. Há uma razão pela qual falamos em *indústria do lazer*, da qual a indústria do turismo é apenas uma parte, pois, como tudo o mais em nosso mundo, é uma indústria, monetizada em cada aspecto. E, por mais simbólicas que sejam as questões sobre as quais estamos prestes a falar, não podemos escapar da verdade de que o aspecto simbólico também opera dentro de um conjunto de forças econômicas poderosas.

É claro que uma das coisas maravilhosas que aconteceu durante este congresso foi descobrir que minhas observações são válidas, que as questões e contradições têm um nome e que, de fato, as coisas que eu havia observado, pensado e sentido podem ter gerado, e cada uma delas gerou, um campo de estudos especializado sob o amplo termo “lazer”, todos os quais foram abordados de várias maneiras neste encontro. Ouvir essas apresentações ajudou-me a trazer minha própria experiência em relevo acentuado, de formas muito instrutivas.



Então, deixe-me voltar ao meu tema dos diferentes aspectos do simbólico. Esta apresentação é dividida em duas partes distintas unidas pelo tênue fio de minhas sensibilidades particulares, primeiro negociando o fulcro entre como eu me vejo e como eu sou vista em um conjunto de experiências pessoais, em seguida, me volto para minhas respostas a um conjunto bastante público de exclusões. Começo refletindo sobre minhas próprias respostas a ocasiões díspares em que eu desejei ir a um espetáculo musical, para meditar primeiro sobre as maneiras pelas quais os espaços de lazer são frequentemente marcados por gênero ou racializados, na medida em que nossas próprias respostas, muitas vezes inconscientemente, são moldadas tanto por nossas próprias sensibilidades interiores em relação às culturas nas quais vivemos, quanto pelas forças de estruturas e códigos dos lugares em que habitamos, na medida em que eles nos invadem. Eu, então, na segunda parte, respondo de maneira bastante simples a um vídeo turístico que supostamente atrai as pessoas a irem a um lugar que eu realmente quero ir, para discutir a dissonância entre meus desejos e o sujeito presumido pela propaganda. Ou seja, espero levar-nos através de uma jornada que reflita sobre as maneiras pelas quais, às vezes, aqueles códigos controladores são visíveis e podem ser nomeados, mas podem ser muito mais limitadores quando ocultos.

História um: Andre Watts no Lincoln Center

Em 1988 eu era uma professora assistente não-titular, vivendo em um apartamento na pequena e predominantemente judaica cidade de Highland Park, Nova Jérsei, à distância de uma curta viagem de carro do *campus* e a uma hora de trem de Nova Iorque. Eu tinha ouvido falar do virtuoso pianista negro Andre Watts e descobri que ele estava se apresentando no *Lincoln Center* na noite de quarta-feira 13 de janeiro pelo seu aniversário de 25 anos de carreira; eu tentara planejar uma ida, mas tendo viajado para o Natal, o aviso foi muito em cima da hora. Tentei obter ingressos, mas não consegui, porque eu não podia pagar os únicos que ainda estavam disponíveis no *Avery Fischer Hall* do *Lincoln Center*. Deixe-me explicar a um público não estadunidense o quão importante é para vocês entenderem que o *Lincoln Center* representava, especialmente para mim à época, o ápice da alta (portanto, branca e endinheirada) sociedade de Nova Iorque, sobretudo os eventos clássicos que tinham lugar no *Avery Fischer Hall*.

O *Lincoln Center* é um complexo de 16 acres de edifícios que ocupa cerca de seis quadras no bairro de *Lincoln Square*, no *Upper West Side* de Manhattan, em Nova Iorque, construído entre 1955-1966 e dedicado às artes do espetáculo. O complexo foi a primeira concentração de grandes instituições culturais em um local centralizado em uma cidade americana e abriga muitas organizações prestigiosas de artes do espetáculo, incluindo a Filarmônica de Nova Iorque, a *Metropolitan Opera*, o *New York City Ballet* e a *New York City Opera*. É importante frisar que nenhuma delas é percebida como uma organização negra e, embora agora possuam espetáculos históricos de notáveis e célebres artistas negros, a chegada deles nesses palcos são marcos inaugurais. Isso aconteceu com Andre Watts, que em janeiro de 1963, aos 16 anos, tornou-se uma sensação instantânea quando foi apresentado por Leonard Bernstein tocando a “Sonata para piano” de Liszt no programa *Young People’s Concerts* com a Filarmônica de Nova Iorque, em um concerto televisionado e transmitido em todo o país. Esse era o 25º aniversário daquele acontecimento histórico.

Fui muito sortuda quando, no último minuto, um amigo da cidade conseguiu dois bilhetes muito bons para mim no próprio dia. O tempo era curto, mas eu soube, sem hesitar, que tinha



que trocar as minhas roupas de escola pela minha “roupa de sair” antes de correr para pegar o trem. E eu também sabia de alguma forma que não poderia ir sozinha, então agora eu tinha os dois ingressos e com quem ir era um problema. Eu insistira em uma busca por dois ingressos, mas a colega que eu tivera em mente era outra jovem colega negra, uma estudante de piano, mas ela não poderia vir comigo tão em cima da hora, uma vez que era casada e uma mãe recente. No final, mulher jovem, solteira e afro-britânica que eu me sentia, eu sabia que seria preferível, se não necessário, adentrar aquele espaço de alta cultura (não obstante a negritude de Andre Watts) escoltada por um homem branco idoso, um colega de trabalho no *Riverside Church Prison Ministry*, ao invés de sozinha. Como ele se sentiu ao me escoltar quando realmente nos reunimos lá eu não sei; ouvir Andre Watts tocar provou-se, espero, uma compensação suficiente.

Estamos falando de uma época em que o “*Jazz at Lincoln Center*” mal havia começado, e mais de uma década antes dele ter se tornado uma instituição. Por isso, é importante que o *Lincoln Center* fosse representativo não apenas de dinheiro e classe, mas também de um tipo de compromisso performático, tanto com a auto-representação quanto com modos culturais específicos, restritos, de responder à música. Por mais estimulante que fosse o repertório de Beethoven, Chopin, Liszt e Debussy, permanecemos apropriadamente contidos em nossas respostas durante o espetáculo, aplaudindo com entusiasmo apenas ao final. As pessoas ouvem música clássica de maneira muito diferente daquela com que ouvem *jazz*, por exemplo, e isso basta para eu dizer que naquela época aquele não era um espaço no qual eu sentia que eu poderia habitar inconscientemente. E eu estava certa, a despeito da popularidade de Andre Watts na comunidade negra, havia muito poucas pessoas negras na plateia, e eu senti que meu “eu negro” era muito evidente, apesar de eu não estar vestida como “uma africana”. E eu assinalo que eu escolhi usar um vestido de cores suaves de um estilista britânico, no que eu sabia ser o estilo europeu clássico, com cuidado.

História dois: Nina Simone no Carnegie Hall

Em 1992, eu era quatro anos mais velha, mas agora professora titular, ainda morando sozinha, mas dessa vez em um apartamento à beira do Harlem, a um metrô ou táxi de distância da *Broadway*. O ingresso em questão era para ver Nina Simone no sábado 27 de junho no *Carnegie Hall*. Para um artista, o *Carnegie Hall* é apenas um local de prestígio, mas ele tem uma ressonância ligeiramente diferente em termos de acessibilidade social em relação ao *Lincoln Center*. Em primeiro lugar, é mais antigo, tendo sido construído por Andrew Carnegie em 1891, e é na verdade o lugar do qual a Filarmônica de Nova Iorque mudou-se para ir ao *Lincoln Center*. Ele também continua a ser um dos locais mais prestigiados do mundo tanto para a música clássica quanto para a música popular. No entanto, sua programação artística, com cerca de 250 apresentações a cada temporada, é muito mais ampla e, portanto, inclui entretenimento mais popular. Ele não tem uma companhia residente desde 1962, quando a Filarmônica de Nova Iorque mudou-se, então ele também é alugado para muitos tipos diferentes de grupos performáticos.

Sair naquela noite ainda era um investimento, mas, para prestar homenagem a Nina Simone, não pensei duas vezes no preço. Assim como eu também não pensei duas vezes em me vestir, dessa vez, para a alegria de parecer bem, mesmo que estivesse indo sozinha, e certamente parecendo muito étnica. Estava claro que se eu não fosse realmente uma mulher africana, eu era



uma mulher negra muito afrocêntrica, e apesar de ter uma pontada de autoconfiança sobre ir sozinha, não tanto durante a apresentação, mas durante o intervalo quando eu descí para uma taça de vinho, o nervosismo se dissolveu completamente quando vi a companhia que eu tinha, eu encontrei outra mulher negra solteira esperando para pegar uma bebida no bar, a lendária cantora *folk* e ativista dos direitos civis Odetta! E o público, embora feliz em expressar seu entusiasmo, ocasionalmente respondendo e cantando junto, permaneceu em seus assentos designados até o fim e aplaudiu ruidosamente no final. Embora essa performance em particular não tenha sido gravada, Simone estava em turnê e foi o repertório que ela executou menos de uma semana depois no *Montreux Jazz Festival*.

História três: Aretha Franklin no State Theater New Brunswick, Nova Jérsei

Em 2006, eu estava no começo dos meus 50 anos, avaliando artigos acadêmicos em uma casa que eu possuía por cerca de uma década na região central de New Brunswick, e que ficava a uma distância percorrível a pé tanto do *campus* quanto do centro da cidade.

O centro da cidade de New Brunswick possui o seu próprio *Theatre Row* no coração da cidade, na *Livingston Avenue*, que compreende a *Crossroads Theatre Company*, fundada por dois antigos estudantes da Rutgers, não a mais antiga empresa teatral negra do país, mas a primeira a ter seu próprio prédio, a *George Street Playhouse*, fundada pelo professor Ritgers, que havia orientado os dois jovens da *Crossroads*, e o *Not-for Profit State Theatre*, construído em 1921 como *Reade's State Theatre* e administrado por Walter Reade para filmes e apresentações ao vivo. Ele inaugurou com cinco atos de *vaudeville* e uma única sessão matinê do *western* silencioso *White Oak*. Hoje, o *State Theatre New Jersey*, que teve uma história conturbada e já funcionou como um cinema "adulto", foi restituído à sua antiga glória provincial como membro da *League of Historic American Theatres* e continua a florescer como o cerne e o principal local para a comunidade de artística de New Brunswick, Nova Jérsei, apresentando uma lista diversificada de entretenimento, incluindo orquestras internacionais, *Broadway*, comédia, dança, *pop*, *rock*, eventos familiares e muito mais. E além de apresentar espetáculos no palco principal, o *State Theatre New Jersey* oferece mais de 180 programas educativos e de assistência que alcançam 30.000 alunos, professores e famílias a cada ano, com espetáculos, *workshops*, residências artísticas, espetáculos descontraídos voltados para autistas e outras atividades que tornam as artes performáticas significativas, acessíveis e de baixo custo para as pessoas da comunidade e do estado.

Durante os dez anos em que possuí a casa lá, eu assistira à mudança da cidade, da minoria dominante ser afro-americana, para a minoria dominante ser hispânica. E naquela época, de acordo com o censo oficial dos EUA, a porcentagem da população nascida na África, dentre o total da população nascida no exterior, no estado de Nova Jérsei era duas vezes a média nacional. Depois de 25 anos na Rutgers University, New Brunswick era meu lar. Então, na minha zona de conforto, a única coisa que eu precisava superar era a culpa por não ter terminado de avaliar meus artigos estudantis, e é por isso que meu ingresso foi comprado no último minuto, e eu nem me preocupei em trocar minhas roupas de trabalho quando decidi que, claro, eu podia e devia ver Aretha, que se apresentaria lá por uma única noite! Eu me sentia perfeitamente à vontade sendo negra, mulher, não mais tão jovem, e, além disso, sabia que nosso envelhecido *State Thea-*



tre estaria cheio até o teto de pessoas da minha idade e que, por mais não planejada que fosse a noite, eu encontraria meus amigos, todos admiradores de Aretha, lotando o lugar, o que ocorreu. Em todos os tipos e condições de vestimenta, em sua maioria casuais, estávamos todos em pé cantando e dançando intensamente, e, quando ela acabou, poucos de nós poderíamos dizer onde nossos assentos designados deveriam estar, e minha feminilidade negra e solteira era a maioria do público, e não importava nem um pouco!

Negociando espaços

É claro que o que é óbvio, mas ainda não falado, é que essas são histórias sobre os sentidos cambiáveis de identidade de uma imigrante africana, e sobre diferentes níveis de pertencimento, mediados pelo tempo e pelo espaço ao longo de quase três décadas na Costa Leste dos Estados Unidos, filtrados através da lente das coisas que ela realmente queria fazer com seu tempo. A constante, claro, sou eu, e meu amor por diferentes tipos de música. No entanto, embora eu seja sempre uma mulher negra africana, não sou sempre jovem ou uma estudante despossuída. E na verdade eu não estou sempre em Nova Iorque. O que eu peço é que considerem o impacto das interseções de gênero e raça conforme elas se cruzam com idade e classe em uma terra na qual eu sou uma estrangeira nessas histórias. Como esses fatores afetam meu sentido sobre mim mesma nas atividades de lazer? Eu reconheço que há muitas coisas que eu presumo sobre as escolhas que posso fazer. Primeiro, nunca me ocorreu que eu *não deveria* ir ao *Lincoln Center*, por exemplo. Eu venho de uma família que sempre foi a apresentações culturais. Crescendo na Inglaterra, nossos pais nos levavam todo ano para a pantomima de Natal. E lembro-me do ano muito especial em que o *Royal Festival Hall* inaugurou no *South Bank* e fomos em família ver o *Quebra-Nozes* no Natal. Eu vi Rudolf Nureyev dançar. Então, minhas decisões acerca de ir ao *Lincoln Center* não foram porque eu sentia que aquele mundo não poderia ser meu, mas um reconhecimento da realidade de que nem todos percebiam o meu senso de acesso da mesma maneira, e da necessidade de negociar isso. Como as decisões sobre se vou ou não, sobre como me visto, sobre com quem eu vou, são mediadas pelo lugar onde estou? Toda decisão, mesmo sobre ir ou não a um *show*, é feita em um contexto, sobretudo em espaços multiculturais. E devemos ser cautelosos. Embora questões de interseccionalidade estejam sempre disponíveis para políticas identitárias, devemos sempre lembrar que a teoria da interseccionalidade em si não tem a ver com identidade individual, mas com a negociação de estruturas sociais nas quais os fatores individuais têm significado exponencialmente multiplicativo.

Posso ilustrar isso melhor dando o exemplo que Kimberly Crenshaw, a feminista negra teórica do direito racial que desenvolveu a teoria da interseccionalidade, me deu como ilustração, e é surpreendente. De volta ao início dos anos 1990, quando a conheci, ela apontou que, como mulheres negras, nós não existíamos como categoria classificatória na lei. Com isso, ela queria dizer que qualquer pessoa como ela, que estudava direito racial e interessada em descobrir o que acontecera com as mulheres negras na jurisprudência, não podia procurar “mulheres negras” em qualquer índice de jurisprudência. Eles têm igualmente que assumir que estavam olhando para o direito racial, desenterrar todas essas leis e, em seguida, ir caso a caso para ver quais envolviam as mulheres, ou assumir que estavam fazendo direito de gênero e ir caso a caso para



ver quais desses casos envolviam mulheres que eram negras. É essa incapacidade estrutural de visualizar a possibilidade de ser IGUALMENTE negra E mulher ao mesmo tempo que é o ponto cego institucional criticamente condenatório que reforça a segregação. Essa falha de imaginação é generalizada e tem efeitos profundos. O que me leva à parte dois de minhas reflexões.

Encontrando significado na Bahia

Há cerca de três meses, como embaixadora de Gana, fiz parte de uma viagem oficial à Bahia com outros chefes de missão africanos e árabes (nós selecionamos um estado a cada verão para ir como um grupo, e tive sorte este ano em minha primeira viagem que foi a vez de ir para a Bahia, um estado cuja história e demografia são, naturalmente, de interesse central para uma acadêmica como eu). Em uma de nossas sessões tivemos uma conversa sobre investimentos na Bahia, a qual incluiu a Secretaria de Turismo, que nos mostrou seu último filme promocional. Na verdade, esse filme forneceu o foco central inicial para essa conversa.

A Bahia é de fato um estado bonito e o filme fez um excelente trabalho ao destacar suas atrações. Ele te convocava a vir à Bahia para fazer todo o tipo de coisas em suas águas cristalinas, como mergulhar, nadar e velejar, e apreciar a natureza espetacular de suas paisagens e vida selvagem, apreciar a sua comida e consumir os muitos aspectos de sua cultura espetacular. Mas, estranhamente, enquanto assistia, eu sentia uma sensação crescente de desconforto com esse filme bonito e claramente dispendiosamente documentado. Ironicamente, estávamos em uma sessão destinada a chefes de missão africanos e árabes, muitos deles, como eu, de países em que o turismo, em particular o turismo patrimonial, é o apogeu de nossas empresas, dessa forma o que me impressionou foi que o filme promocional em exibição não era destinado para os meus gostos, para os nossos gostos.

Estou voltando aqui para a questão da imaginação e suas falhas. Na imaginação dos realizadores, eu não era nem o sujeito nem o alvo do filme; eu não era a pessoa que eles estavam tentando atrair para vir à Bahia, e o que era atraente na Bahia tinha pouco a ver com a minha agência. Para falar cruamente, todos os visitantes que desfrutavam da Bahia eram brancos, assim como o era a maioria das pessoas pelas quais eles passavam na rua. Ora, a Bahia é conhecida por ser o estado com a maior população de afro-descendentes neste país populoso, e certamente conhecida por ser aquele com os mais fortes laços históricos, e continuidades culturais, com a África. Mas onde estavam os negros justamente nas ruas da Bahia? Nas poucas ocasiões em que pessoas de cor apareceram no filme, geralmente fazíamos parte do espetáculo - dançando com largas saias brancas na entrada da catedral, jogando capoeira nas praias, ocasionalmente realizando algum ritual étnico colorido. Pessoas de cor eram uma pequena parte do cenário e, criticamente para mim, uma parte da história ossificada, parte da razão pela qual você deveria querer vir apreciar a Bahia, mas em nenhum lugar nós éramos os sujeitos pretendidos para as atrações em exibição.

Eu tinha múltiplas preocupações quanto a isso: que tipo de filtros culturais, raciais e de classe estão em operação quando as classes de lazer imaginadas não precisam encontrar como sujeitos os membros dominantes da população? Que tipos de pontos cegos da história tornam necessário lidar com a história da maneira oblíqua que eles fizeram? A história é mencionada, de passagem, como um gesto em direção a um passado que não precisamos verdadeiramente explorar. Mas o



mais importante, ao serem oblíquos sobre a história, eles também privaram a si mesmos de um momento maravilhoso para fazer qualquer tipo de apelo às pessoas que desejariam vir para a Bahia por outras razões além daquelas que eles estavam comercializando. O conceito de “lazer”, como todos vocês sabem melhor do que eu, é complexo, e os diferentes aspectos do pensamento sobre o lazer também são complexos, incluindo, como mencionei no início, a relação entre lazer e trabalho, e entre lazer e comércio, mas, como nós vimos, há também uma relação profunda entre lazer e história, até mesmo relações traumáticas como guerras recentes e não tão recentes, e, para mim, o tráfico transatlântico de escravos que moldou a história e a cultura da Europa, da África, de todas as Américas e, sobretudo, do Brasil.

Naquele momento eu tive de me perguntar: que reivindicações nós fazemos em um lugar quando escolhemos ir para lá por nosso próprio conjunto de razões? Trinta anos de caminhada pelas ruas da Costa Leste dos Estados Unidos me ajudaram a pensar seriamente sobre como um sentido de pertencimento é criado. Como você negocia reivindicando um lugar que você sente como parte de sua história quando ninguém vê, realmente vê, sua reivindicação? Como acadêmica, a diáspora africana tem sido meu estudo, minha paixão, minha experiência de vida. E crucialmente para mim, hoje, como embaixadora, eu tenho a oportunidade de ajudar a trazer essas questões sobre raça e identidade para o primeiro plano na interseção entre o turismo e a educação.

Devo acrescentar aqui que o meu pensamento sobre essa questão foi forçosamente moldado pelos meses imediatamente antes de eu chegar ao Brasil, na semana entre o Natal e o Ano Novo, em uma viagem que eu esperara vinte anos para fazer, e que de fato provou ser uma ponte transformadora entre minha vida como acadêmica e minha vida como embaixadora. Em 2018, poucos meses após renunciar ao cargo na cátedra do meu departamento na Rutgers, e poucos meses antes de assumir minha função como embaixadora, passei o semestre de outono navegando pelo mundo como membro do corpo docente do *Semester at Sea*. Esse projeto extraordinário, organizado há mais de sessenta anos pelo *Institute for Shipboard Education*, reúne estudantes de todo o mundo para um estudo no exterior com uma diferença. Em vez de ficar em um lugar, navegamos pelo mundo, parando a cada quatro ou seis dias para desembarcar em um país e passamos de quatro a seis dias realizando uma variedade de atividades, desde visitas turísticas normais a programas educativos dirigidos. A bordo do navio, o curso compulsório semelhante para estudantes e professores é um curso de experiência global estruturado para ajudar-nos enquanto uma comunidade a processar histórica, pedagógica, cultural e pessoalmente a experiência.

Para os trinta e cinco professores, tornou-se uma experiência verdadeiramente de união. Cada um de nós ensinou três cursos de nossa própria escolha e, para cada curso, somos obrigados a escolher uma cidade portuária para ter uma atividade letiva em terra para vincular a teoria à experiência. Um dos meus cursos era sobre a diáspora africana, e outro sobre a literatura na construção do mundo moderno. Mesmo para mim, o impacto foi surpreendente. Embarcamos na Alemanha e de lá fomos para a Espanha, Gana, África do Sul, infelizmente deixando Maurício de lado por causa de tempo perigoso fomos para a Índia, Mynamar, Vitenam, China, Japão e Havaí antes de desembarcar em San Diego. Na minha aula, quando chegamos à Índia, até mesmo estudantes que nunca haviam saído de casa antes, puderam identificar os edifícios que constituíam o legado do Império Britânico ou Patrimônio Colonial. Porque na verdade o que estávamos fazendo era seguir a rota dos grandes construtores do império europeu, os portugueses, holandeses, ingleses e franceses que circunavegavam o globo e deixavam traços visíveis na arquitetura, ali-



mentação, língua, vestuário, você pode escolher, você poderia traçar a influência cultural entrecruzada. Mas quero enfatizar o entrecruzamento cultural, porque os fluxos eram múltiplos. O trânsito não era unidirecional, e não só os holandeses iam para Java, os javaneses iam para a África do Sul e para Gana e os ganeses vinham para o Brasil.

Vir para o Brasil depois dessa experiência me fez pensar diferentemente sobre o desenvolvimento de um turismo patrimonial. Sempre acreditei que as viagens fossem vitais para o sentimento de ser uma pessoa africana diaspórica, estou agora ainda mais comprometida com a necessidade de *viagens informadas* e acredito que isso atrairia um tipo diferente de turista se pudéssemos fazê-lo com integridade. Estou ciente do fato de que o turismo patrimonial tem suas próprias contradições. O turismo é um comércio. Se estamos falando de história africana diaspórica, como você vende a restituição da dor? Como você comercializa a violência da história? Para aqueles de nós interessados no turismo patrimonial diaspórico africano, essas são questões difíceis sobre as quais eu ficaria feliz em falar mais detalhadamente, mas devemos estar isentos de ilusões. Para mim, assistir àquele filme na Bahia era simplesmente um desafio mais escancarado para negociar os espaços públicos da cidade cuja via principal, a *Broadway*, foi de fato construída por escravos. O público do *Lincoln Center* sabe disso? Há menos de um mês, sentei-me em uma pequena aldeia em Brokopondo, no Suriname, prestando cumprimentos a uma comunidade em luto, e me senti como se estivesse em uma aldeia em Gana, meus anfitriões ficaram emocionado que eu reconheceria seus rituais. Eu sento em restaurantes no Brasil e como mandioca preparada como se fosse da cozinha da minha mãe, o que o cozinheiro sabe sobre essas conexões? Tenho a sorte de ter percorrido os lugares da Terra que moldaram a história do meu povo. Eu nasci em Gana, fui criada na Holanda, no México e na Inglaterra. Morei na Inglaterra, nos Estados Unidos, e agora no Brasil, e viajei por muitos dos espaços entre eles. Como a experiência desse conhecimento pode ser aproveitada? Para mim, como embaixadora, estou na posição de tentar conversar com pessoas como vocês para perguntar: o que podemos fazer de diferente para trazer outro tipo de compreensão? O filme turístico da Bahia é sintomático de tantos pressupostos fixados sobre raça, classe e gênero que incorporam-se a essa sofisticada tentativa de sedução. Quais são os passos que temos que dar para mudar essa narrativa até que todos nós cheguemos àquele lugar onde todos nós sentimos que temos o direito de sermos nós mesmos em nossa própria pele em qualquer lugar?

Link do vídeo do *Bahia Travel & Tourism*

<https://www.youtube.com/watch?v=9o7MdNsLkZo>

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLPAQKu94XqrSXAs8fodE7vyZK2mROFGBE>



ASPECTS OF OVERCOMING SYMBOLIC AND CULTURAL BARRIERS IN LEISURE

Abena P.A. Busia

At this conference we have been reviewing the numerous barriers that prevent people and groups from enjoying their right to leisure. The earlier ones have dealt with the physical and the socio-economic, this session concerns itself with symbolic barriers, which can manifest themselves in a host of realms such as ethnic or religious, racial identity or ideologies, or those that are structured around gender or class, and they can be both externally, and internally generated. In this session, the proposal is to reflect on the challenges faced by being multicultural societies of unequal power dynamics, and what it takes to live with and respect diversity when it comes to guaranteeing leisure as a right for all.

I do realize why it is that I was invited to deliver this lecture: I am a Ghanaian woman, the daughter of a father whose people are matrilineal and a mother whose people are patrilineal from two different ethnic groups, my mother's now predominantly urban from the heart of the capital city, my father's people still predominantly rural from the dead middle of the country. But though born in Ghana, I was raised in Holland, Mexico and England, and have spent the whole of my adult life as an Afro-British Professor teaching African-American and African Studies at a University in the United States as Cultural Anthropologist in a Literature Department where I am a poet who teaches mostly narrative fiction. I understand multi-cultural existence! And I not only live it, I teach it. From the moment I embarked upon my doctoral dissertation forty years ago, doing a study of images of Africa in Post World-War II popular fiction, the question of the symbolic barriers created by cultural institutions of all kinds has been a consuming inquiry.

The study of leisure however is a new perspective for me. When I was first asked to deliver this lecture, I started by thinking seriously about what images the very word leisure conjured up for me. I found there were many, and some of them contradictory. I will begin with the personal: In the first place there was a broad divide between a sense of the private, and a sense of the public. Put simply, there are some leisure activities I confine to the solitary and the domestic; playing my flute, listening to audio books, crocheting in the days when I found time to do that, even binge watching my favorite television programs. Now I know for some people most of those are communal things – some people play music in orchestras and groups, or have binge fests with friends to watch their favourite programs – but for me they are not, I listed the things I choose to do alone, inside my home as my mental health activities, they are leisure time activities, but I think of these as private self-care.

The things I think of as shared leisure activities are going to museums and art galleries, or attending concerts or the theater, and dining out with friends. These are for me activities that take place in public spaces and although I do often go to galleries and museums on my own strangely, I do not think of such visits as solitary occasions. I think of such activities outside the home as my leisure time activities. I love the theater, I have subscribed to even small regional theatres all my adult life since college, and enjoy listening to live music of all kinds and in a number of realms from jazz café's to recitals at the Lincoln Center. I recognize that I am predominately an urban small town person, having spent my entire life in academic environments such as Oxford where I had my college education or New Bruns-



wick NJ where I have spent my professional teaching career. I relish that they are both an hour by train from a large cosmopolitan city, London in the case of Oxford, and New York in the case of Rutgers; yet they are also both important university towns on the edge of rural communities where within twenty minutes, on both sides of the Atlantic, you can be surrounded by parks or be deep in farming country, which I appreciate because I enjoy going for walks, which is both a solitary, and a group activity!

I want to pause and make the observation that I was contemplating my passion for drama, which includes not only theater but television, and film it occurred to me that what I consider leisure is in truth my own sister's profession. My sister is an actor and film-maker, for her going to the theater can therefore sometimes be a hybrid activity; she enjoys it because of her passion for great art, or because she has a personal commitment to the people on the stage, but equally she could be there because studying her craft or because about to perform in a piece directed by the same director, or written by the same writers. The same could be said of me going to museums, I appreciate the art, but I could also be about to write a paper about the peoples whose artifacts I am looking at or whose art work I am enjoying; some activities make our supposedly disparate worlds of work and leisure collide.

What I want to observe here is the serious point that not only can our work inform our sense of leisure but more seriously, one person's leisure is very often another person's hard work. It is a truth that almost all my leisure time activities depend on other peoples' hard work. This is a reflection not only on the fact that if I am at a performance the enjoyment of that performance is dependent on the artistry and labour of the performers. I also mean that if, for example, I can afford to take a weekend out and escape to a little Bed and Breakfast country inn to escape my own household chores, my bed will be made by someone else, my breakfast cooked by someone else the labor that makes that particular place a beautiful place of escape for me, is someone else's back breaking labour. And all of them would be doing something else for their leisure other than tending to my needs. There is a reason why we speak of the leisure industry, of which the tourist industry is just a part, for like everything else in our world, it is an industry, monetized in every aspect. And however symbolic the issues we are about to speak of are, we can't escape the truth that the symbolic aspect also operates within a set of has powerful economic forces.

Of course one of the wonderful things that has happened during this conference is discovering that my observations are valid that the issues and contradictions have a name and that indeed the things that I gave observed thought and felt can and have each of them generated a specialized field of study under the capacious term of leisure, all of which have been addresses in various ways at this gathering. Listening to those presentations has helped bring my own experience into sharp relief in very instructive ways.

So let me turn to my subject of the different aspects of the symbolic This presentation is on two distinct parts held together by the tenuous thread of my private sensibilities first negotiating the fulcrum between how I see myself and how I am seen in a set of private journeys then I turn to my responses to a very public set of exclusions. I begin by reflecting on my own responses to disparate occasions when I wished to go to a musical performance, to meditate first on the ways in which leisure spaces are frequently gendered or racialized to the extent that our own responses, often unconsciously, are shaped as much by our own interior sensitivities to the cultures in which we live as by the forces of structures and codes of the places we inhabit as they intrude in upon us. I then in the second part respond quite simply to a tourist video supposedly enticing people to come to a place I actually want to go, to discuss the dissonance between my desires and the presumed subject of the appeal. That is to say, I hope to



take us through a journey reflecting on the ways in which sometimes those controlling codes are overt visible and can be named, but can be far more circumscribing when covert.

Story One: Andre Watts at the Lincoln Center

In 1988 I was a non-tenured Assistant Prof, living in an apartment in the small and predominantly Jewish town of Highland Park NJ, a short ride from campus and a one-hour train ride from NYC. I had heard of the Black virtuoso concert pianist Andre Watts and learned he was performing at Lincoln Center on the evening of Wednesday January 13th for his 25th Anniversary Concert; I had tried to plan, but having been away for Christmas the notice was very short. I tried to get tickets but had been unable to because I could not afford the only ones still available in what was a sold out Avery Fischer Hall at Lincoln Center. Let me explain to a non US audience how important it is for you to understand that "Lincoln Center" represented, especially for me at the time, the apex of New York High, (and thus white moneyed), society, especially the classical events that took place at Avery Fischer Hall.

Lincoln Center is a 16 acre complex of buildings occupying about six city blocks in the Lincoln Square neighborhood of the Upper West Side of Manhattan in New York City built between 1955-1966 and dedicated to the performing arts. The complex was the first gathering of major cultural institutions into a centralized location in an American city and hosts many prestigious performing arts organizations, including the New York Philharmonic, the Metropolitan Opera, the New York City Ballet and the New York City Opera. It is important to state that none of these are perceived as Black organizations and though they do now boast historic performances of notable black celebrity artists, their arrival on those stages are landmark events. This was true of Andre Watts who in January 1963 at the age of 16 became an overnight sensation when introduced by Leonard Bernstein playing a Litzt Piano Sonata at a Young People's concert with the NY Philharmonic in a concert that was televised and broadcast nationwide. This was the 25th anniversary of that historic event.

I was very fortunate when at the last minute a friend in the city managed to get two very good tickets for me on the very day. Time was short, but I knew without a second thought that I had to change out of my school clothes into my "glad rags" before running to catch the train. And I had also somehow known I could not go alone, so now I had the two tickets who to go with was an issue. I had insisted on a hunt for two tickets, but the colleague I had had in mind was another young black colleague, a student of the piano, but she could not come with me at such short notice as she was married and a new mother. In the end young single, black Afro-British, female that I felt, I knew it to be preferable, if not necessary, to walk into that space of high culture (the blackness of Andre Watts notwithstanding) escorted by an elderly white male, a co-worker from the Riverside Church Prison ministries, than on my own. How he felt about escorting me I when we actually got together there I don't know; hearing Andre Watts play proved, I hope, sufficient compensation.

We are talking a time when "Jazz at Lincoln Center" had barely even started, and more than a decade before it became an institution. So it is important that "Lincoln Center" was representative not simply of money and class, but also a kind of performative engagement both with self-representation as well as with specific, restrained, cultural modes of responding to music. Rousing though parts of the repertoire of Beethoven, Chopin, Liszt and Debussy was, we remained suitably restrained in our responses during performance, applauding with gusto only at the end. People listen to classical music very differently from the way they listen to Jazz, for example, and suffice it to say at the time, it was not



a space I felt I could unselfconsciously inhabit. And I was right, despite the popularity of Andre Watts in the Black Community, there were very few Black people in the audience, and I felt my Black self was very evident, even though I was not dressed as “an African”. And I am making the point that I chose to wear a British designer dress of subdued colors in what I knew to be the Euro-classical lines, with care.

Story Two: Nina Simone at Carnegie Hall

By 1992 I was four years older but now tenured, still living alone, but this time in an apartment on the edge of Harlem a subway or cab ride away from Broadway. The ticket in question was to see Nina Simone on Saturday June 27th at Carnegie Hall. Carnegie Hall for an artist is just as prestigious a venue, but it has a slightly different resonance in terms of social accessibility than Lincoln Center. In the first place it is older, having been built by Andrew Carnegie in 1891, it is in fact the place the NY Philharmonic moved from to go to Lincoln Center. It too remains one of the most prestigious venues in the world for both classical music and popular music. However its artistic programming, with about 250 performances each season, is much broader and therefore includes more popular entertainment. It has not had a resident company since 1962, when the New York Philharmonic moved, so it is also rented out to many different kinds of performing groups.

To go out that night was still an investment, but to pay homage to Nina Simone I had not given the price a second thought. As I also didn't give it a second thought but dressing up, this time for the joy of looking good even if going alone, and certainly looking very ethnic. It was clear that if I wasn't actually an African woman, I was a very Afro-Centric Black woman, and though I had a twinge of self-consciousness about going alone, not so much during the performance but during the intermission when I went down for a glass of wine, that nervousness completely dissolved when I saw the company I had, I met another single black woman waiting to get a drink at the bar, the legendary folk singer and civil rights activist Odetta! And the audience though happy to express our enthusiasm by occasionally talking back and singing along, stayed in our assigned seats until the end and applauded loudly at the end. Though that particular performance wasn't recorded, Simone was touring and it was the repertoire to she performed less than a week later at the Montreux Jazz Festival.

Story Three: Aretha Franklin at the State Theater New Brunswick NJ

By 2006 I was in my early 50s, grading papers in a house I had owned for about a decade in downtown New Brunswick, and it was walking distance from both campus and the city center.

Downtown New Brunswick boasts its own Theatre Row in the heart of the city on Livingston Avenue comprising the Crossroads Theatre Company, founded by two Rutgers Alumni, not the oldest Black Theatre company in the Nation, but the first one to own its own building, the George Street Playhouse, founded by the Rutgers Professor who had mentored the two young men of Crossroads, and the Not-for Profit State Theatre built in 1921 as Reade's State Theatre and managed by Walter Reade for both movies and live performances. It opened with five vaudeville acts and a single matinee screening of the silent western White Oak. Today, State Theatre New Jersey which has had a chequered history and at one time operated as an “adult” film house is restored to its former provincial glory a member



of the League of Historic American Theatres and continues to flourish as the centerpiece and premier venue for the New Brunswick, New Jersey arts community presenting a diverse roster of entertainment, including international orchestras, Broadway, comedy, dance, pop, rock, family events, and more. And In addition to presenting mainstage performances, State Theatre New Jersey's hosts over 180 education and outreach programs reaching 30,000 students, teachers, and families each year, with performances, workshops, artist residencies, autism-friendly relaxed performances, and other activities that make the performing arts meaningful, accessible, and affordable to the people of the community and the State.

In my decade of Home ownership I had watched the city change from the dominant minority being African-American, to the dominant minority being Hispanic. And by that time, according to the official US census, the % of African born population as a percentage of the foreign born population of the state of NJ was twice the national average. After 25 years at Rutgers University, New Brunswick was my home. So, in my comfort zone, the only thing I needed to overcome was the guilt of not having finished grading my student papers, which is why my ticket was bought at the very last minute, and I didn't even trouble to change out of my work clothes when I decided of course I could and should go see Aretha, there for only one night! I felt perfectly comfortable being black, female, no longer so young, and besides, I knew our ageing State Theatre would likely be full to the rafters of people my age, and unplanned though the evening was, that I would find my friends, Aretha lovers all, filling the place up, which I did. In all sorts and conditions of dress, mostly casual, we were all on our feet singing and dancing throughout, by the time she ended a few of us could hardly have said were our assigned seats were supposed to be and my single black femaleness was the majority of the audience, and it mattered not a whit!

Negotiating Spaces

Of course what is obvious, but left unspoken, is that these are stories about an African immigrant's shifting senses of identity, and different levels of belonging, mediated by time and place in nearly three decades on the East Coast of the United States, filtered through the lens of things she really wanted to do with her time. The constant is of course me, and my love of different kinds of music. However, though I am always a black African female, I am not always young or an impoverished student. And in fact I'm not always in New York. What I ask is to consider the impact of the intersections of gender and race as they intersect with age and class in a land where I am a stranger in these stories. How do those factors impact my sense of myself in leisure time activities? I acknowledge there are many things I do assume about the choices I can make. First, it never occurred to me that I should not go to Lincoln Center for example. I come from a household that had always gone to cultural performances. Growing up in England our parents took us every year to the Christmas pantomime. And I remember the very special year when the Royal Festival Hall opened on the South Bank and we went as a family to see the Nutcracker at Christmas. I did see Rudolf Nureyev Dance. So my decisions surrounding going to Lincoln Center were not because I felt that world could not be mine, but a recognition of the reality that not everyone perceived my sense of access in the same way, and needing to negotiate that. How are the decisions about whether or not I go, how I dress, who I go with mediated by the place I am? Every decision, even about whether or not to go to a show, is made in a context, above all in multi-cultural spaces. And we must be cautious. Although questions of intersectionality are always available for



identity politics, we must always remember that the theory of intersectionality itself has not to do with individual identity, but with negotiating social structures where individual factors have exponentially multiplicative meaning.

I can best illustrate this by giving the example that Kimberly Crenshaw, the black feminist legal race theorist who developed the theory of intersectionality, gave me as illustration, and it is a startling one. Back in the early 1990s when I met her, she pointed out that as black women we did not exist as a classificatory category in the law. By this she meant anyone like herself, studying race law and interested in tracing what had happened to black women in case law, couldn't look up "black women" in any case law index. They either have to acknowledge they were looking at race law, dig up all those laws, and then go case by case to see which ones involved women, or acknowledge they were doing gender law and go case by case to see which of those cases involved women who were black. It is this structural inability of envisioning the possibility of being BOTH black AND female at the same time, which is the critically damning institutional blind spot that undergirds segregation. This failure of imagination is widespread and has profound effects. Which brings me to part two of my reflections.

Finding Meaning in Bahia

About three months ago as the Ambassador of Ghana, I was part of an official trip to Bahia with other African and Arab heads of mission. (We select a state each summer to go to as a group, and I was fortunate this year on my first trip that it was the turn to go to Bahia a state whose history and demographics is of course of central interest to a scholar like myself.) At one of our sessions we had a conversation about investment in Bahia which included the Secretary for Tourism who showed us their latest promotional film. In truth this film provided the initial central focus for this talk.

Bahia is indeed a beautiful state and the film did a superb job of highlighting its attractions. It called you to come to Bahia to do all kinds of things in its pristine waters like snorkeling, swimming and sailing, and enjoy the spectacular nature of its landscapes and wildlife, enjoy its food and consume the many aspects of its spectacular culture. But strangely, as I watched, I felt a growing sense of discomfort with this beautiful and clearly expensively documented film. Ironically we were in a session aimed at African and Arab heads of mission, many of them, like myself from countries in which tourism, heritage tourism in particular, is a high water mark of our enterprises, thus what struck me was that the promotional film on display was not intended for the likes of me, the likes of us.

I am returning here to the question of the imagination and its failures. In the imagination of the filmmakers I was neither the subject nor the target of the film; I was not the person they were trying to entice to come to Bahia, and what was attractive about Bahia had little to do with my agency. To put it crudely, all the visitors enjoying Bahia were white, as were most of the people they passed on the street. Now Bahia is known to be the state with the largest Afro-descendant population in this populous country, and certainly known to be the one with the strongest historical ties to, and cultural retentions of, Africa. Yet where were the Black people just on the streets of Bahia? On the few occasions where people of color appeared in the film, we were generally part of the spectacle- dancing in wide white skirts in cathedral forecourts, performing Capoeira on the beaches, occasionally performing some colourful ethnic ritual. People of colour were a small part of the scenery, and critically me for, a part of the ossified history, part of the reason you should want to come to enjoy Bahia, but nowhere were we the intended subjects for the attractions on display.



I had multiple concerns about this: What kind of culture, class and racial filters are in operation when the imagined leisure classes do not have to encounter as subjects the dominant members of the population? What kind of blind spots of history makes it necessary to deal with history in the oblique way they did? History is mentioned, in passing, a gesture towards a past we need not truly explore. But most important, being oblique about history, they also deprived themselves of a wonderful moment to make any kind of appeal to the very people who might desire to come to Bahia for reasons other than the ones they were marketing. The concept of leisure as you all know better than I is complex, and the different aspects of thinking about leisure are also complex, including, as I mentioned at the start, the relationship between leisure and labour, and leisure and commerce, but as we have seen, there is also a profound relationship between leisure and history, even traumatic ones like recent and not so recent war, and for me, the transatlantic slave trade that has shaped the history and culture of Europe, Africa, and all of the Americas, above all, Brazil.

In that moment I had to ask myself what claims do we make on a place when we choose to go there for our own sets of reasons? Thirty years of walking the street of the East Coast of the US have helped me think seriously about how a sense of belonging is created. How do you negotiate claiming a place you feel is a part of your history when no one sees, really sees your claim? As an academic the African diaspora has been my study, my passion, my life experience. And crucially for me, today, as an Ambassador, I have the opportunity to help bring those issues about race and identity to the forefront at the intersection of tourism and education.

I must add here that my thinking on this issue has been very forcefully shaped by the months immediately before arriving in Brazil in the week between Christmas and the New Year, on a voyage I had waited twenty years to make, and which did indeed prove a life transforming bridge between my life as an academic and my life as an ambassador. In 2018, a few months after stepping down as Chair of my Department at Rutgers, and a few months before taking up my commission as ambassador, I spent the Fall Semester sailing around the world as a faculty member on the Semester at Sea. This extraordinary project, organized for over sixty years now by the institute for ship board education, gathers students from around the world for a study abroad with a difference. Instead of staying in one place, we sail around the world, stopping every four to six days to land in a country and spend four to six days doing a variety of activities from regular sightseeing to directed educational programs. On board the one compulsory course for students and faculty alike is a global experience course structured to help us as a community process the experience, historically, pedagogically, culturally, and personally.

For the thirty-five faculty it became a truly bonding experience. Each of us taught three courses of our own choosing and for each course we are obliged to choose one port city per course to have a class activity on land to tie their theory to the experiential. One of my courses was on the African Diaspora, and the other the literature in the making of the modern world. Even for me the impact was astonishing. We embarked in Germany and went from there to Spain, Ghana, South Africa sadly by-passing Mauritius because of dangerous weather we went on to India, Myanmar, Vietnam, China, Japan and Hawaii before disembarking in San Diego. In my class, by the time we reached India, even students who had never left home before, could spot the buildings which were the legacy of the British Empire or Colonial Heritage. Because in truth what we were doing was following the route of the great European Empire makers, the Portuguese, Dutch, British and French circumnavigating the globe and leaving visible traces in the architecture, food, language, clothing, you name it, you could trace the



cross cultural influence. But I want to stress the cross cultural, because the flows were multiple. The traffic was not unidirectional, and the Dutch didn't only go to Java, the Javanese came to South Africa and Ghana and the Ghanaians came to Brazil.

Coming to Brazil after that experience has made me think differently about the development of a heritage tourism. I have always believed travel to be vital to the sense of being as a diasporic African person, I am now even more committed to the necessity of informed travel and believe it would appeal to a different kind of tourist if we could do it with integrity. I am conscious of the fact that heritage tourism has its own undergirding contradictions. Tourism is a trade. If we are speaking of diasporic African history, how do you sell the restitution of pain? How do you market the violence of history? For those of us interested in African Diasporic Heritage tourism, these are difficult questions which I would be happy to talk about in more detail, but we can be under no illusions. For me, watching that film on Bahia was simply a more overt challenge to negotiating the public spaces of the city whose very major thoroughfare, Broadway, was indeed built by slaves. Does the audience at Lincoln Center know that? Less than a month ago I sat in a small village in Brokopondo Suriname, paying respects to a community in mourning, and felt as if I was in a village in Ghana, my hosts were touched I recognized their rituals. I sit in restaurants in Brazil and eat manioc prepared as if it came from my mother's kitchen, was does the chef know about those connections. I am fortunate to have walked the places of the earth that have shaped the history of my people. I was born in Ghana, raised in Holland and Mexico and England. Lived in England, the United States, and now Brazil, and traveled many of the spaces in between. How can the experience of that knowledge be harnessed? For me as an ambassador I am in the position to try to talk to people like you to ask what can we do differently to bring another kind of understanding? The Bahia tourism film is symptomatic of so many embedded assumptions about race, class, and gender which get embedded into this sophisticated attempt at seduction. What are the steps we have to take to change that narrative until we all reach that place where all of us feel we have the right to be ourselves in our own skin in any given place.

Bahia Travel & Tourism Video link

<https://www.youtube.com/watch?v=9o7MdNsLkZo>

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLPAQKu94XqrSXAs8fodE7vyZK2mROFGBE>



ASPECTOS DE LA SUPERACIÓN DE LAS BARRERAS SIMBÓLICAS Y CULTURALES EN EL OCIO

Abena P.A. Busia

En esta conferencia hemos estado revisando las numerosas barreras que impiden a las personas y a los grupos disfrutar de su derecho al ocio. Las anteriores se han ocupado de lo físico y de lo socioeconómico, esta sesión se refiere a las barreras simbólicas, que pueden manifestarse en una serie de reinos como la etnia o la religión, la identidad racial o las ideologías, o los que están estructurados alrededor de género o clase, y pueden ser tanto externamente como generados internamente. En esta sesión, la propuesta es reflexionar sobre los retos a los que se enfrentan las sociedades multiculturales de una dinámica de poder desigual, y lo que se necesita para vivir y respetar la diversidad cuando se trata de garantizar el ocio como un derecho para todos.

Me doy cuenta de por qué es que me invitaron a entregar esta disertación: soy una mujer Ghanesa, hija de un padre cuyo pueblo es matrilineal y una madre cuya gente es patrilineal de dos grupos étnicos distintos, mi madre es ahora predominantemente urbana desde el corazón de la ciudad capital, la gente de mi padre sigue siendo predominantemente rural de la mitad muerta del país. No obstante, aunque nací en Ghana, me crié en Holanda, México e Inglaterra, y he pasado toda mi vida adulta como Profesora Afro-Británica enseñando a estudiantes Afro-Americanos y Africanos en una Universidad de Estados Unidos como Antropóloga Cultural en un Departamento de Literatura donde soy una poetisa que enseña sobre todo ficción narrativa.

¡Entiendo la existencia multicultural! Y no solo la vivo, sino la enseño. Desde el momento en que me lancé a mi tesis doctoral hace cuarenta años, haciendo un estudio de las imágenes de África en la ficción popular de la II Postguerra Mundial, la cuestión de las barreras simbólicas creadas por las instituciones culturales de todo tipo ha sido una investigación consumidora.

El estudio del ocio, sin embargo, es una nueva perspectiva para mí. Cuando me pidieron, por primera vez, que entregara esta disertación, comencé pensando seriamente en las imágenes que la palabra ocio me conjuró. Me di cuenta de que había muchas, y algunas de ellas contradictorias. Empezaré por lo personal: en primer lugar, había una amplia brecha entre un sentido de lo privado, y un sentido del público. En pocas palabras, hay algunas actividades de ocio que confinan a los solitarios y a los domésticos como yo tocando mi flauta, escuchando libros de audio, haciendo ganchillo en los días en que encontré tiempo para hacer eso, incluso comiendo y viendo mis programas de televisión favoritos. Ahora, sé que para algunas personas, la mayoría de esos son cosas comunales – algunas personas tocan música en orquestas y grupos, o tienen fiestas con amigos para ver sus programas favoritos – pero, para mí, no lo son, he enumerado las cosas que elijo hacer sola dentro de mi hogar, como mis actividades de salud mental, son actividades de tiempo libre, sin embargo, pienso en estos como un cuidado personal privado.

Las cosas que pienso como pasatiempos compartidos son ir a museos y galerías de arte, o asistir a conciertos o al teatro, y salir a cenar con amigos. Estas son para mí actividades que tienen lugar en espacios públicos y aun a menudo voy a galerías y museos por mi cuenta, curiosamente, no pienso en tales visitas como ocasiones solitarias, pienso en tales actividades fuera de casa como mis actividades



de tiempo libre. Me encanta el teatro, me he suscrito a incluso pequeños teatros regionales toda mi vida adulta desde la universidad, y disfrutar de escuchar la música en vivo de todo tipo y en un número de reinos desde cafés jazz hasta recitales en el Lincoln Center. Reconozco que soy predominantemente una persona urbana de ciudad pequeña, después de haber pasado toda mi vida en entornos académicos como Oxford, donde tuve mi educación universitaria o New Brunswick NJ, donde he pasado mi carrera docente profesional. Me gusta que ambos son una hora en tren desde una gran ciudad cosmopolita, Londres en el caso de Oxford, y Nueva York en el caso de Rutgers; sin embargo, también son importantes ciudades universitarias en el borde de las comunidades rurales, donde dentro de veinte minutos, a ambos lados del Atlántico, se puede estar rodeado de parques o profundizarse en el país de cultivo, lo que aprecio porque me gusta ir a pasear, que es a la vez un campo aislado, ¡y una actividad grupal!

Quiero hacer una pausa y hacer la observación de que estaba contemplando mi pasión por el drama, que incluye no solo el teatro, sino la televisión, y la película que se me ocurrió que lo que considero ocio es en verdad la profesión de mi hermana. Mi hermana es una actriz y cineasta, para ella ir al teatro puede, por lo tanto, a veces, ser una actividad híbrida; ella lo disfruta por su pasión por el gran arte, o porque tiene un compromiso personal con la gente en el escenario, pero igualmente podría estar allí porque estudiando su oficio o porque a punto de actuar en una pieza dirigida por el mismo director, o escrita por los mismos escritores. Lo mismo podría decirse de mí cuando voy a museos, aprecio el arte, pero también podría estar a punto de escribir un artículo sobre los pueblos cuyos artefactos estoy mirando o cuya obra de arte estoy disfrutándola; algunas actividades hacen chocar nuestros mundos supuestamente dispares de trabajo y ocio.

Lo que quiero observar aquí es el punto grave que no solo puede nuestro trabajo informar nuestro sentido del ocio, sino más seriamente, el ocio de una persona es muy a menudo el trabajo duro de otra persona. Es una verdad que casi todas mis actividades del tiempo libre dependen del trabajo duro de otras personas. Esto es una reflexión no solo sobre el hecho de que si estoy en una actuación; el disfrute de ese rendimiento depende del arte y del trabajo de los artistas. También quiero decir que si, por ejemplo, puedo permitirme tomar un fin de semana y escapar a un pequeño Bed and Breakfast Country Inn para escapar de mis propias tareas domésticas, mi cama será hecha por otra persona, mi desayuno será cocinado por alguien más, el trabajo que hace, en particular, ese lugar hermoso, lugar de escape para mí, es el trabajo de fondo, de ruptura, de otra persona. Y, todos ellos estarían haciendo otra cosa para su ocio aparte de atender a mis necesidades. Hay una razón por la que hablamos de la industria del ocio, de la que la industria turística es solo una parte, como todo lo demás en nuestro mundo, que es una industria monetizada, en todos los aspectos. Y, por más simbólicos que sean los temas de los que estamos a punto de hablar, no podemos escapar a la verdad de que el aspecto simbólico también opera dentro de un conjunto de poderosas fuerzas económicas.

Por supuesto, una de las cosas maravillosas que ha sucedido durante esta disertación es descubrir que mis observaciones son válidas, que los temas y las contradicciones tienen un nombre, y que de hecho las cosas que pude observar en mi pensamiento pueden y tienen, cada una de ellas, sentido, y generó un campo de estudio especializado, bajo la espaciosa duración del ocio, todas las cuales han sido abordadas de varias maneras en esta reunión. Escuchar esas presentaciones ha contribuido a que mi propia experiencia se convierta en un alivio en forma muy instructiva.

Así que, permítanme recurrir a mi tema de los distintos aspectos de la simbólica. Esta presentación está en dos partes distintas unidas por el hilo tenue de mis sensibilidades privadas, primero



negociando el fulcro entre cómo me veo y cómo me ven en un conjunto de viajes privados, entonces recurriré a mis respuestas a un conjunto muy público de exclusiones. Empiezo por reflexionar sobre mis propias respuestas a ocasiones dispares, cuando deseé ir a una actuación musical, a meditar primero en las maneras en que los espacios de ocio son a menudo de género o raciales en la medida en que nuestras propias respuestas, a menudo inconscientemente, son formadas tanto por nuestras propias sensibilidades interiores a las culturas en las que vivimos, como por las fuerzas de las estructuras y los códigos de los lugares en los que habitamos mientras se entrometen sobre nosotros. Yo, entonces, en la segunda parte respondo, simplemente, a un video turístico, supuestamente tentando a la gente a venir a un lugar que realmente quiero ir para discutir la disonancia entre mis deseos y el tema presumido de la apelación. Es decir, espero llevarnos a través de un viaje, reflexionando sobre las formas en que, a veces, los códigos que controlan son visibles y pueden ser nombrados, pero pueden ser mucho más que circunscribir, cuando están encubiertos.

Historia Uno: Andre Watts en Lincoln Center

En 1988 yo era un Profesor Asistente no-titular, viviendo en un apartamento en la pequeña y predominantemente ciudad Judía de Highland Park NJ, un corto trayecto desde el campus y un viaje en tren de una hora de NYC. Había oído hablar del Negro, virtuoso pianista de concierto Andre Watts y aprendí que estaba actuando en Lincoln Center, en la noche del miércoles 13 de enero para su 25º Concierto de Aniversario; yo había tratado de planificar, pero después de haber estado ausente por la Navidad, el aviso era muy corto. Traté de conseguir entradas, pero había sido incapaz porque no se permitía pagar las únicas todavía disponibles en lo que era una agotada de Avery Fischer Hall en Lincoln Center. Permítanme explicar a una audiencia no estadounidense, lo importante es que para que usted entienda que “Lincoln Center” representado, especialmente para mí en el momento, el ápice de la Gran Nueva York, (y, por consiguiente, blanco dinero), la sociedad, especialmente los eventos clásicos que tuvieron lugar en Avery Fischer Hall.

Lincoln Center es un complejo de 16 acres de edificios que ocupan cerca de seis bloques de la ciudad en el barrio Lincoln Square del Upper West Side de Manhattan en la ciudad de Nueva York construido entre 1955-1966 y dedicado a las artes escénicas. El complejo fue la primera reunión de las principales instituciones culturales en una ubicación centralizada en una ciudad americana y alberga muchas prestigiosas organizaciones de artes escénicas, incluyendo la Filarmónica de Nueva York, la Ópera Metropolitana, el ballet de la ciudad de Nueva York y la ópera de la ciudad de Nueva York. Es importante afirmar que ninguno de ellos se percibe como organizaciones Negras y aunque ahora se jactan actuaciones históricas de destacados artistas negros de celebridades, su llegada a esas etapas son acontecimientos emblemáticos. Esto era cierto de que Andre Watts en enero de 1963 a la edad de 16 se convirtió en una sensación de noche cuando se introdujo por Leonard Bernstein tocando una Sonata de Piano Litzt en un concierto de Personas Jóvenes con la Filarmónica de NY en un concierto que fue televisado y fue emitido a nivel nacional. Este fue el 25º aniversario de ese acontecimiento histórico.

Yo fui muy afortunado cuando en el último minuto un amigo en la ciudad consiguió dos entradas muy buenas para mí en el mismo día. El tiempo era corto, pero yo sabía que en un segundo, tenía que cambiarme de ropa de la escuela en mis “mejores ropas”, antes de correr para coger el tren. Y yo también había sabido de alguna manera que no podía ir solo, así que ahora tenía las dos entradas y



con quién ir era un problema. Yo había insistido en dos entradas para una cacería, pero la colega que había tenido en mente era otra joven colega negra, una estudiante de piano, pero ella no podía venir conmigo con tan poca antelación como ella estaba casada y era nueva madre. Al final, joven soltero, Afro-Británico negro, femenino que me sentí, sabía que era preferible, si no necesario, por mi cuenta, para entrar en ese espacio de alta cultura (a pesar de la negrura de Andre Watts) ser escoltado por un hombre anciano blanco, un compañero de trabajo de la Iglesia Ministerio de Prisiones Riverside. Cómo él se sentía acerca de escoltarme cuando en realidad nos íbamos juntos allí, no lo sé; escuchar la demostración Andre Watts, espero, una indemnización suficiente.

Estamos hablando de un momento en que “Jazz at Lincoln Center” apenas había empezado, y más de una década antes de que se convirtiera en una institución. Así que, es importante que “Lincoln Center” fuera representativo no solo de dinero y clase, sino también de una especie de compromiso performativo tanto con la auto-representación como con modos específicos, limitados y culturales de responder a la música. Fue despertando partes del repertorio de Beethoven, Chopin, Liszt y Debussy, que nos quedamos adecuadamente restringidos en nuestras respuestas durante el desempeño, aplaudiendo con gusto solo al final. La gente escucha la música clásica muy diferente de la manera en que escuchan el jazz, por ejemplo, y basta decir en ese momento, no era un espacio que yo sentía que podía habitar con naturalidad. Y yo tenía razón, a pesar de la popularidad de Andre Watts en la Comunidad Negra, había muy pocas personas Negras en el público, y sentí que mi Negro era muy evidente, a pesar de que no estaba vestido como “un Africano”. Y estoy haciendo, con cuidado el punto que elegí usar de vestido de colores tenues de diseñador Británico en lo que yo sabía que eran las líneas Euro-clásicas.

Historia Dos: Nina Simone en Carnegie Hall

En 1992 yo era cuatro años mayor, pero ahora permanentemente, todavía viviendo sola, pero de esta vez en un apartamento en el borde de Harlem, un metro o un viaje en taxi lejos de Broadway. El billete en cuestión era para ver a Nina Simone el sábado, el 27 de junio en Carnegie Hall. Carnegie Hall para un artista es tan prestigioso sitio, pero tiene una resonancia ligeramente distinta en términos de accesibilidad social que Lincoln Center. En primer es el sitio más antiguo, después de haber sido construido por Andrew Carnegie en 1891, en realidad es el sitio de la Filarmónica de NY que se trasladó a Lincoln Center. También sigue siendo uno de los sitios más prestigiosos del mundo para la música clásica y para la música popular. Sin embargo, su programa artístico, con alrededor de 250 actuaciones cada temporada, es mucho más amplia, y por lo tanto, incluye el entretenimiento más popular. No ha tenido una empresa residente desde 1962, cuando Filarmónica de Nueva York se trasladó, por lo que también se alquila a muchos tipos diferentes de grupos de representación.

Salir esa noche todavía era una inversión, pero para rendir homenaje a Nina Simone no había pensado dos veces el precio. Tampoco pensé dos veces, sino me vestí, de esta vez para la alegría de mirarme bien, incluso si sola, y sin duda con el aspecto muy étnico. Estaba claro que si yo no era realmente una mujer Africana, yo era una mujer muy Negra Afro-Céntrica, y aunque tenía un punzada de vergüenza sobre irme sola, no tanto durante la actuación, sino durante el entreacto, cuando bajé para una copa de vino, ese nerviosismo completamente disuelto, cuando vi la compañía que tenía, me encontré con otra mujer soltera negra esperando para tomar una copa en el bar; ¡la legendaria cantante de música folclórica y activista de derechos civiles Odetta! Y el público, aunque feliz de expresar nuestro entusiasmo por hablar de nuevo y cantando a lo largo, permaneció en nuestros asientos asig-



nados hasta el final y aplaudió fuerte al final. Aunque no se grabó esa actuación en particular, Simone estuvo de gira y fue con el repertorio que realizó menos de una semana después en el Festival de Jazz de Montreux.

Historia Tres: Aretha Franklin en el Teatro Estatal New Brunswick NJ

En 2006 yo estaba en mis primeros años 50, calificando los papeles en una casa que había poseído por cerca de una década en el centro de New Brunswick, y estaba a poca distancia a pie del campus y del centro de la ciudad.

El centro de Nueva Brunswick cuenta con su propio Theatre Row en el corazón de la ciudad en la Avenida Livingston, que comprende la Compañía de Teatro Crossroads, fundada por dos Rutgers Alumni, no es la más antigua compañía de Teatro Negro en la nación, pero la primera en poseer su propio edificio, el George Street Playhouse, que fue fundado por el Profesor Ritgers que había tutelado a los dos jóvenes de Crossroads, y el Teatro Estatal Sin Fines de Ganancia que fue construido en 1921 como el Teatro Estatal Reade's y que es administrado por Walter Reade para películas y actuaciones en directo. Se abrió con cinco actos de vodevil y una sola proyección matinal del silencioso Roble Blanco occidental. Hoy en día, el Teatro Estatal de Nueva Jersey, que ha tenido una historia accidentada y en un tiempo operado como un "adulto" cine casa es restaurado a su gloria provincial por el ex miembro de la Liga de Teatros Históricos Americanos y continúa floreciendo como la pieza central y primer lugar para Nueva Brunswick, comunidad de artes Nueva Jersey presentando una diversa lista de entretenimiento, incluyendo orquestas internacionales, Broadway, comedia, baile, pop, Rock, eventos familiares, y mucho más. Y además de presentar actuaciones de MainStage, más de 180 anfitriones de educación del Teatro Estatal de Nueva Jersey y programas de extensión alcanzando a 30.000 estudiantes, maestros y familias a cada año, con actuaciones, talleres, residencias artísticas, autismo-amigable, actuaciones relajadas y otras actividades que hacen que las artes escénicas sean significativas, accesibles y asequibles para las personas de la comunidad y del estado.

En mi década de la propiedad de la Casa que había visto el cambio de la ciudad de la minoría dominante siendo Afro-Americano, a la minoría dominante que es Hispana. Y en ese momento, según el censo oficial de Estados Unidos, el % de la población nacida en África como el porcentaje de la población nacida en el extranjero del estado de NJ fue el doble del promedio nacional. Después de 25 años en la Universidad Rutgers, New Brunswick era mi hogar. Así que, en mi zona de confort, lo único que necesitaba superar era la culpa de no haber terminado de calificar mis papeles de estudiante, por lo que mi entrada fue comprada en el último minuto, y ni siquiera me costó cambiarme de ropa de trabajo, cuando decidí, por supuesto, que podría y debería ir a ver a Aretha, ¡solo por una noche! Me sentí perfectamente cómoda siendo negra, mujer, ya no tan joven, y además, sabía que nuestro Teatro Estatal envejecido probablemente estaría lleno hasta las vigas de personas de mi edad, y no planeado aunque la noche era la que encontraría a mis amigos, todos los amantes de Aretha, llenando el lugar, lo que hice. En todos los tipos y condiciones del vestido, sobre todo el ocasional, estábamos todos en nuestros pies que cantaban y que bailaban por todas partes, en el momento en que terminó algunos de nosotros difícilmente podría haber dicho que nuestros asientos se suponía que iban a ser asignados y mi única mujer negra era la mayoría del público, y ¡no les importaba un ápice!



Espacios de negociación

Por supuesto, lo que es obvio, pero no se habla, es que estas son historias sobre cambios en los sentidos de la identidad de un inmigrante Africano, y distintos niveles de pertenencia, mediados por el tiempo y el lugar en casi tres décadas en la Costa Este de Estados Unidos, filtrado a través del objetivo de las cosas que realmente se quería hacer con su tiempo. La constante es mi amor por distintos tipos de música, y por supuesto, yo. Sin embargo, aunque siempre soy una mujer africana negra, no soy siempre joven o una estudiante empobrecida. Y de hecho, no siempre estoy en Nueva York. Lo que pido es considerar el impacto de las intersecciones de género y raza a medida que se entrecruzan con la edad y la clase en una tierra donde yo soy una extraña en estas historias. ¿Cómo impactan en mi sentido esos factores de mí mismo en las actividades de tiempo libre? Reconozco que hay muchas cosas que asumo sobre las opciones que puedo tomar. En primer lugar, nunca se me ocurrió que no debería ir al Lincoln Center, por ejemplo. Vengo de una casa que siempre ha ido a actuaciones culturales. Al crecer en Inglaterra nuestros padres nos llevaron a cada año a la pantomima de Navidad. Y me recuerdo el año muy especial en que el Royal Festival Hall abrió el Banco del Sur y fuimos como familia a ver a los Cascanueces en Navidad. Fui a ver a Rudolf Nureyev Bailar. Así que, mis decisiones no fueron alrededor de ir a Lincoln Center porque sentí que el mundo no podía ser mío, sino un reconocimiento de la realidad de que no todos percibían mi sentido de acceso de la misma manera, y que necesitaban negociar eso. ¿Cómo son las decisiones sobre si voy o no, cómo me visto, a quién voy a transmitir el lugar que estoy? Cada decisión, incluso sobre si voy o no a un espectáculo, es hecha en un contexto, sobre todo en espacios multiculturales. Y debemos ser cautelosos. Aunque las cuestiones de interseccionalidad están siempre disponibles para la política de identidad, debemos recordar siempre que la teoría de la interseccionalidad en sí misma no tiene que ver con la identidad individual, sino con la negociación de estructuras sociales donde los factores individuales tienen significado exponencial multiplicativo.

Puedo ilustrar mejor esto dando el ejemplo que Kimberly Crenshaw, la teórica negra feminista de la raza legal que desarrolló la teoría de interseccionalidad, me dio como ilustración, y es una sorprendente. En los primeros años de la década de 1990, cuando la conocí, señaló que como mujeres negras no existíamos como una categoría clasificatoria en la ley. Con esto se refería a alguien como ella, estudiando la ley de carreras e interesada en rastrear lo que le había sucedido a las mujeres negras en la jurisprudencia, no podía buscar "mujeres negras" en ningún listado de jurisprudencia. Tienen que reconocer que estaban buscando en la ley de la raza, revelar todas esas leyes, y luego ir caso por caso para ver cuáles involucraban a las mujeres, o reconocer que estaban haciendo la ley de género e ir caso por caso para ver cuál de esos casos involucran a mujeres que eran negras. Es esta incapacidad estructural de imaginar la posibilidad de ser LOS DOS, negra Y mujer al mismo tiempo, que es el punto ciego institucional críticamente condenatorio que asegura la segregación. Este fracaso de la imaginación es generalizado y tiene efectos profundos. Lo que me lleva a la segunda parte de mis reflexiones.



Encontrar Significado en Bahía

Hace unos tres meses, como Embajadora de Ghana, fui parte de un viaje oficial a Bahía con otros jefes de misión, Africanos y Árabes. (Seleccionamos un estado a cada verano para ir como un grupo, y tuve la suerte de mi primer viaje de este año ser dirigido a Bahía, un Estado cuya historia y demografía es, por supuesto, de interés central para una erudita como yo). En una de nuestras sesiones tuvimos una conversación sobre inversión en Bahía que incluía a la Secretaria de Turismo que nos mostró su última película promocional. En verdad, esta película proporcionó el enfoque central inicial para esta charla.

Bahía es de hecho un estado hermoso y la película hizo un trabajo magnífico de destacar sus atracciones. Te llamo para venir a Bahía para hacer todo el tipo de cosas en sus aguas cristalinas como esnórquel, natación y vela, y disfrutar de la naturaleza espectacular de sus paisajes y vida salvaje, disfrutar de su comida y consumir los muchos aspectos de su cultura espectacular. Pero curiosamente, mientras observaba, sentía una creciente sensación de malestar con esta hermosa y claramente costosa película documentada. Irónicamente, estábamos en una sesión dirigida a los jefes de misión Africanos y Árabes, muchos de ellos, como yo de países en los que el turismo, en particular el turismo patrimonial, es una marca de agua de nuestras empresas, por lo que lo que me impactó fue que la película promocional en exhibición que no estaba destinada al gusto de la gente como yo, como nosotros.

Estoy volviendo aquí a la cuestión de la imaginación y sus fracasos. En la imaginación de los cineastas no fui ni el sujeto ni el objetivo de la película; yo no era la persona que estaban tratando de atraer a venir a Bahía, y lo que era atractivo sobre Bahía tenía poco que ver con mi agencia. Para decirlo crudamente, todos los visitantes que gozaban de Bahía eran blancos, al igual que la mayoría de las personas que pasaban en la calle. Ahora Bahía es conocida por ser el estado con la mayor población Afrodescendiente en este país poblado, y ciertamente se sabe que es el que tiene los lazos históricos más fuertes y las retenciones culturales de África. Sin embargo, ¿dónde estaban justamente los negros en las calles de Bahía? En las pocas ocasiones en que la gente de color apareció en la película, por lo general, formamos parte del espectáculo-bailando en amplias faldas blancas en las explanadas de la catedral, preformando la Capoeira en las playas, ocasionalmente realizando algún ritual étnico colorido. La gente de color era una pequeña parte del paisaje, y críticamente para mí, una parte de la historia osificada, parte de la razón por la que usted debe querer venir a disfrutar de Bahía, pero en ninguna parte fuimos los temas destinados a las atracciones en la exposición.

Tenía múltiples preocupaciones al respecto: ¿Qué tipo de cultura, clase y filtros raciales están en funcionamiento cuando las clases de ocio imaginadas no tienen que encontrarse como los miembros dominantes sujetos de la población? ¿Qué tipo de puntos ciegos de la historia hace necesario hacer frente a la historia de la manera oblicua que lo hicieron? La historia se menciona, de paso, un gesto hacia un pasado que no necesitamos explorar verdaderamente. Pero lo más importante, siendo oblicuos sobre la historia, también se privaron de un momento maravilloso para hacer cualquier tipo de apelación a las mismas personas que podrían desear venir a Bahía por razones distintas a las que estaban comercializando.

El concepto de ocio como todos ustedes saben mejor que yo es complejo, y los distintos aspectos del pensamiento sobre el ocio son también complejos, incluyendo, como mencioné al principio, la relación entre el ocio y el trabajo, y el ocio y el comercio, pero como hemos visto, también hay una profunda



relación entre el ocio y la historia, incluso los traumáticos como la reciente y no tan reciente guerra, y para mí, el comercio transatlántico de esclavos que ha dado forma a la historia y la cultura de Europa, África, AMD de todas las Américas, sobre todo, Brasil.

En ese momento tuve que preguntarme ¿qué reclamos hacemos en un lugar cuando elegimos ir allí por nuestros propios conjuntos de razones? Treinta años de caminar por la calle de la Costa Este de Estados Unidos me han ayudado a pensar seriamente en cómo se crea un sentido de pertenencia. ¿Cómo negociar reclamar un lugar que se siente ser una parte de su historia cuando nadie ve, realmente ve su reclamación? Como académica la diáspora Africana ha sido mi estudio, mi pasión, mi experiencia de vida. Y crucial para mí, hoy, como Embajadora, tengo la oportunidad de ayudar a llevar esos temas sobre la raza y la identidad a la vanguardia en la intersección entre el turismo y la educación.

Debo añadir aquí que mi pensamiento sobre este tema ha sido fuertemente moldeado por los meses inmediatamente antes de llegar a Brasil en la semana entre la Navidad y el Año Nuevo, en un viaje que había esperado veinte años para hacer, y que efectivamente probó una vida transformando puente entre mi vida como académica y mi vida como Embajadora. En 2018, unos meses después de bajar como Presidente de mi Departamento en Rutgers, y algunos meses antes de tomar mi comisión como embajadora, pasé el Semestre de Otoño navegando alrededor del mundo como miembro de la Facultad en el Semestre en el Mar. Este extraordinario proyecto, que ha sido organizado desde hace más de 60 años por el instituto de educación de embarcaciones, reúne a estudiantes de todo el mundo para un estudio en el extranjero con una diferencia. En lugar de permanecer en un solo lugar, navegamos alrededor del mundo, deteniéndose cada cuatro a seis días para desembarcar en un país y pasar de cuatro a seis días haciendo una variedad de actividades de turismo regular a los programas educativos dirigidos. A bordo de un curso obligatorio para estudiantes y profesores, igualmente es un curso de experiencia global que ha sido estructurado para ayudarnos como un proceso comunitario de la experiencia históricamente pedagógica, cultural y personal.

A mi modo de ver las 35 facultades se convirtieron en una verdadera experiencia de unión. Cada uno de nosotros enseñó tres cursos de nuestra propia elección y para cada curso estamos obligados a elegir una ciudad portuaria por curso para tener una actividad de clase en tierra para conectar la teoría a la experiencia. Uno de mis cursos era en la Diáspora Africana, y el otro la literatura en la construcción del mundo moderno. Incluso para mí el impacto fue asombroso. Uno de mis cursos era en la diáspora africana, y el otro la literatura en la fabricación del mundo moderno. Incluso para mí el impacto fue asombroso. Embarcamos en Alemania y fuimos de allí a España, Ghana, Sudáfrica tristemente rodeamos Mauricio debido al clima peligroso, nos fuimos a India, Myanmar, Vietnam, China, Japón y Hawái antes de desembarcar en San Diego. En mi clase, en el momento en que llegamos a India, incluso los estudiantes que nunca antes habían salido de casa, podían ver los edificios que eran el legado del Imperio Británico o de la Herencia Colonial. Porque, en verdad, lo que estábamos haciendo era seguir la ruta de los grandes fabricantes de Imperios Europeos, los Portugueses, los Holandeses, los Británicos y los Franceses; circunnavegar el globo terráqueo y dejar huellas visibles en la arquitectura, la comida, el lenguaje, la ropa, lo que sea, se podría trazar mezcla de la influencia cultural. No obstante, quiero enfatizar la mezcla cultural, porque los flujos eran múltiples. El tráfico no era unidireccional, y los Holandeses no solo se fueron a Java, el Javanés llegó a Sudáfrica y a Ghana y los de Ghana llegaron a Brasil.



Venir a Brasil después de esa experiencia me ha hecho pensar de manera diferente sobre el desarrollo de un turismo patrimonial. Siempre he creído que viajar era vital para el sentido de ser como una persona diaspórica Africana, ahora estoy aún más comprometida con la necesidad de viajar informada y creo que sería atractivo para un tipo distinto de turista si pudiéramos hacerlo con integridad. Soy consciente del hecho de que el turismo patrimonial tiene sus propias contradicciones de apoyo. El turismo es un oficio. Si estamos hablando de la historia africana diaspórica, ¿cómo se vende la restitución del dolor? ¿Cómo se comercializa la violencia de la historia? Para los interesados en el Turismo Diaspórico Africano, estas son preguntas difíciles de las que me gustaría hablar con más detalle, pero no podemos estar bajo ninguna ilusión. Para mí, ver esa película en Bahía era simplemente un reto más abierto a la negociación de los espacios públicos de la ciudad cuya principal avenida, Broadway, fue construida de hecho por los esclavos. ¿Lo sabe el público del Lincoln Center? Hace menos de un mes me senté en un pequeño pueblo en Brokopondo Surinam, rindiendo homenajes a una comunidad de luto, y sentí como si estuviera en un pueblo en Ghana, mis anfitriones fueron conmovidos, reconocí sus rituales. Me siento en los restaurantes de Brasil y como yuca preparada como si viniera de la cocina de mi madre, fue el chef que lo hizo, que sabe acerca de esas conexiones. Tengo la suerte de haber caminado por los lugares de la tierra que han dado forma a la historia de mi pueblo. Nací en Ghana, crecí en Holanda, México e Inglaterra. Viví en Inglaterra, en Estados Unidos, y ahora en Brasil, y viajé mucho entre esos países. ¿Cómo se puede aprovechar la experiencia de ese conocimiento? Para mí, como Embajadora, estoy en la posición de tratar de hablar con gente como usted para preguntar ¿qué podemos hacer de diferente para traer otro tipo de entendimiento? La película de turismo de Bahía es sintomática de tantas conjeturas embebidas sobre la raza, la clase y el género que se embebida en este sofisticado intento de seducción. ¿Cuáles son los pasos que debemos tomar para cambiar esa narrativa hasta que todos lleguemos a ese lugar donde todos nosotros sentimos que tenemos el derecho de ser nosotros mismos en nuestra propia piel en cualquier lugar determinado?

Bahia Travel & Tourism Video enlace

<https://www.youtube.com/watch?v=9o7MdNsLkZo>

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLPAQKu94XqrSXAs8fodE7vyZK2mROFGBE>



O LAZER EM ZONAS DE CONFLITO

George Yúdice, Universidade de Miami

Parece contra intuitivo pensar que as pessoas em zonas de conflito têm oportunidade ou tempo para participar em atividades de lazer e cultura. O conflito, sobretudo o conflito armado, conduz a situações em que os direitos sociais e culturais das pessoas são suprimidos. Para a maioria dos estudiosos do tema, o lazer caracteriza-se pelo tempo livre, quer dizer, “liberado das obrigações profissionais, familiares, políticas e religiosas” (Andrade 2011: 3). Poderíamos pensar que o conflito – em zonas de guerra ou em situações de grande suplício como no Holocausto – requer outra obrigação: manter seguros à família e si mesmo, deixando pouco tempo para se dedicar ao lazer. Os estudos ao respeito indicam que o lazer e a cultura também servem as importantes funções de dignificar as pessoas presas à violência, fazer a vida suportável, permitindo escapar momentaneamente das ameaças, e/ou resistir às forças que as impõem, também abrindo a possibilidade de não ser simples espectador ou consumidor, mas também autor e criador. Também são formas de manter tradições quando o conflito as destrói.

Todas estas funções operaram nas atividades de lazer e cultura nos campos de concentração durante a segunda guerra mundial. Como explica o especialista Alvin Goldfarb, no inferno dos campos, dos quais se suponha que ninguém sobreviveria, o pouco tempo de lazer disponível se dedicava a jogos e atividades culturais que permitiam aguentar, na medida do possível, o horror dos campos. Em alguns campos, como Malines na Bélgica, os carcereiros permitiam que os presidiários montassem espetáculos ou concertos que podiam aproveitar como propaganda que aparecia “na imprensa belga para acalmar temores de judeus ainda escondidos e para conter rumores de atrocidades alemãs” (Goldfarb 1976: 5). Hitler usou atividades de lazer e esportes como uma forma de disciplina, para gerar uma perfeita máquina nazista de arianos fortes e saudáveis. Nos campos de concentração, cujo objetivo era o oposto – desgastar e eliminar as “raças subumanas” –, as atividades de lazer, quando disponíveis, eram usadas como cortina de fumaça. Mas em muitos casos, os internados organizavam canto comunitário e shows de variedades que não só faziam possível aliviar os sentimentos de ansiedade e pânico, mas também para criticar as condições nos campos e satirizar aos carcereiros. À mesma vez, essas apresentações de cabaret eram atos de resistência e repúdio do Terceiro Reich (8). Aliás, o uso de iídiche nas canções e performances também era uma maneira de manter a tradição, de valorizar aquilo que os nazis denegriam.

Naturalmente, as poucas imagens de atividades de lazer em campos de concentração contrastam marcadamente com as abundantes fotografias de corpos emaciados e vítimas massacradas nos campos de extermínio. Mas o ponto é que os internados dos campos resistiram e procuraram manter a vida e a cultura por meio das poucas oportunidades de lazer disponíveis para eles.

Passemos a considerar um caso atual de violência, Síria, um país devastado pela guerra desde 2011. Participar de atividades culturais e de lazer em meio da guerra pareceria uma insensatez, mas alguns artistas sentem a necessidade de recorrer à arte para mudar o ânimo do lugar ou para refletir sobre a luta diária para sobreviver. É o caso de Ayham Ahmad, pianista que



compõe canções sobre as dificuldades da vida nos campos de refugiados nos arredores de Damasco. Tão forte foi o seu impulso para se comunicar através da música com seus concidadãos e outros que sofreram deslocamento, que mesmo depois que ele foi proibido de tocar na rua, ele continuou alcançando o público via Skype (Smith 2015). Nos teatros e salas de concerto que não foram destruídos, muitos residentes de Damasco vão em busca de descanso entre as bombas. Por exemplo, embora vários músicos, incluindo o coordenador do programa de ópera, morreram na guerra e metade dos músicos tenha fugido do país em busca de segurança, a Orquestra Nacional da Síria em Damasco continuou a tocar. Quando se pensou em suspender a já reduzida temporada da orquestra, os residentes reclamaram dizendo que queriam assistir aos concertos. “Desafiante, a orquestra fez até um concerto em janeiro de 2015, quando cerca de 150 mísseis caíram em Damasco” (Bulos 2018).

Algo semelhante acontece com o teatro. Uma reportagem recente sobre o teatro em Syria diz que as peças se encenam “contra o pano de fundo do som distante de bombardeios sobre as forças da oposição nos subúrbios de Damasco.” Segundo o diretor Ma’moun al-Khatib, desafios como a “falta de energia, possíveis ferimentos causados por forças de oposição em certas partes da cidade e a incapacidade dos atores de comprometer-se com os ensaios diários” não o fizeram desistir (Ali 2017). Para o ator sírio Yamen Sleiman, o contexto em que o teatro é feito leva a ultrapassar os limites do que pode ser discutido em uma peça: política, sexualidade, religião, questões econômicas e sociais, história pré-guerra e, mais importante, as dificuldades da vida cotidiana. Em Aleppo, os atores convidaram o público para um esconderijo subterrâneo, onde encenaram uma peça sobre os sonhos de uma nação e a esperança de um futuro melhor. Mas a peça terminou como um retrato de sírios indefesos que ficaram sozinhos enfrentando a morte em casa ou enfrentando incertezas no exílio (Alhebarra 2016).

É claro que atividades de lazer e cultura não acabarão com a violência, mas elas desempenham funções importantes em tais contextos. Este é o raciocínio dos artistas no campo de refugiados de Al Zaatari em Jordão que vêm fazendo modelos em escala dos templos e outras estruturas de patrimônio destruídas durante a guerra na Síria. Eles veem sua arte como uma declaração sobre o que está acontecendo na Síria, bem como um meio de recuperar a tradição e manter a memória. É importante ter em mente que nenhuma dessas atividades procura descrever essas zonas de conflito como lugares de desejo vicário ou criar narrativas de sucesso. São, pelo contrário, estratégias de sobrevivência.

Estes exemplos iniciais da minha apresentação servem para contextualizar o que vou comentar sobre as práticas de lazer e cultura nas zonas de conflito nas favelas do Rio e comunidades semelhantes em outros lugares. Embora a cultura e as causas do conflito sejam marcadamente diferentes, há uma coisa em comum: a violência e o número de mortes na Síria e em muitas favelas do Rio de Janeiro. A população da Síria e do Estado do Rio são quase iguais – 17 milhões – e as mortes devidas ao conflito também: quase 2.200 no país árabe e quase 1.900 no Rio em 2017. Além disso, embora também pareça que a violência não pode ser eliminada – em alguns contextos, como em Medellín ou em Bogotá, na Colômbia, foi reduzida – há muitas iniciativas no Rio que usam lazer e cultura para atrair jovens e assim afastá-los da principal fonte da violência: o narcotráfico e seus cúmplices criminosos e de colarinho branco e cinza. Mas, como veremos, muitas das atividades vão além da sobrevivência e procuram mobilizar a potencialidade dos moradores para seu próprio desenvolvimento.



Como meio de fazer a transição para o Rio de Janeiro, onde se concentra grande parte da minha pesquisa, gostaria de apresentar uma iniciativa que me lembra, pelo menos superficialmente, de aquela em que artistas procuraram resgatar o patrimônio sírio fazendo reproduções do que foi destruído. No final dos anos 90, um menino de catorze anos de idade - Cirlan Souza de Oliveira – criou, como passatempo, uma maquete da favela Pereira da Silva, no bairro de Laranjeiras. A diferença com o exemplo sírio é que o modelo de Cirlan começou como uma brincadeira de criança, segundo ele, uma maneira de se envolver em uma atividade diferente a violência que afligia a favela. Cirlan e seus amigos usaram tijolos, carrinhos de brinquedo, peças de Lego e outros materiais reciclados para construir uma réplica da favela com pessoas, carros, prédios coloridos, policiais e criminosos. O modelo aumentou de tamanho ao longo dos anos, chegando a ocupar mais de 350m², e tornou-se quase um local de peregrinação para moradores de favelas, outros cariocas e turistas que fizeram visitas regulares. Em 2001, os cineastas Fábio Gavião, Marco Oliveira e Francisco Franca se interessaram na maquete e realizaram uma série de oficinas audiovisuais e criaram a TV Morrinho, que foca neste bairro que narra sua própria história. O Projeto Morrinho é conhecido em todo o Rio e até ganhou espaço no Museu de Arte Contemporânea, percorreu cidades no Brasil e o mundo e participou da Bienal de Veneza em 2007. Incorporado como ONG, o Morrinho também funciona como um centro cultural comunitário, tem o projeto Turismo no Morrinho com visitas guiadas à maquete e o Morrinho Social, com aulas de inglês, fotografia e atividades recreativas com foco na cidadania e arte-educação.

Eu soube do projeto Morrinho quando fiz uma pesquisa sobre audiovisual alternativo no Brasil, em particular o projeto Vídeo nas Aldeias, em que cineastas indígenas registram sua cultura para as futuras gerações e a exploram no presente. *Troca de Olhares* foi feito em 2009 por Zezinho Yube e Wewito Piyãko, do povo Ashaninka, em um intercâmbio com os moradores da favela Pereira da Silva. Neste curta, vemos os dois cineastas, que passaram um mês na favela, sendo apresentados à maquete e depois conversando com os moradores no espaço social cultural criado para o Morrinho. Como veremos em outros projetos, as visitas a outras comunidades, além de ser uma forma de lazer ou de flaneurismo do pobre também são formas de relacionamento e de formação de redes de colaboração, neste caso entre duas comunidades subalternas.

Poderia falar mais sobre o Projeto Morrinho, mas são outros os projetos que gostaria descrever porque acho que visam transformar e oferecer alternativas, por meio de práticas de lazer e cultura, não só a situação de extrema violência, mas transformar o espaço urbano e a vida dos participantes. Eu comecei a pesquisar este tema quando em 1993 presenciei os arrastões na praia do Arpoador na Zona Sul do Rio de Janeiro e os jovens das favelas foram culpados e perseguidos pela polícia e a mídia. Poderia se dizer que procuraram lazer onde acostumavam fazê-lo as classes privilegiadas.

O Grupo Cultural Afro Reggae (GCAR) surgiu em 1993 justamente para cambiar essas imagens e a realidade à qual correspondiam. Como várias outras iniciativas cidadãs, visava combater a violência que assolou o Rio de Janeiro no início dos anos 90. Nos meses finais de 1992 e novamente no inverno de 1993, os jovens das favelas remotas lançaram uma série de arrastões que foram oportunisticamente superdramatizados pela mídia, colocando em pânico as classes médias. Mas foi a violência brutal contra os pobres que imediatamente motivou a formação de uma “ação cidadã” conhecida como Viva Rio, especialmente em reação às impactantes chacinas como a de oito crianças de rua em frente à Igreja da Candelária e a de 21 moradores da favela Vigário Geral.



A chacina em Vigário Geral proporcionou ao coordenador do Afro Reggae, José Júnior, nessa época um DJ de Funk, a missão de intervir na cultura juvenil usando a música e a dança para atraí-los para atividades em que podiam se desenvolver num “novo campo ético e moral”; em vez de reivindicar um campo moral elevado, ele procurou instilar o reconhecimento e a afirmação da beleza e positividade desses jovens (Roque 2000: 11). Júnior buscou institucionalizar o GCAR como ONG para ampliar as atividades de autoestima cultural para a prestação de serviços sociais. Para fazer isso, ele precisava de apoio, que recebeu da Fundação Ford, do Viva Rio e de outras instituições. (Entre aspas, o modelo que o Júnior desenvolveu para AfroReggae entrou em crise quando perdeu financiamento do Estado e megacorporações como a Petrobrás, envolvida em escândalos de corrupção descobertos pela operação Lava Jato. É claro que é preciso prestar atenção em como o lazer e a cultura são financiados em prol da inclusão social e do empoderamento, mas a questão está além do escopo desta apresentação. Basta dizer que Júnior está buscando desenvolver um novo modelo operacional para o AfroReggae. Ele acha que no atual clima as ONGs sem fins lucrativos são impraticáveis [Manecchini 2018]).

No auge do projeto, em 2014, o AfroReggae já tinha se tornado uma grande “empresa social com mais de 75 projetos e cerca de seis mil membros apenas no Rio de Janeiro”. A iniciativa tirou crianças e jovens do crime e tráfico de drogas e os apresentou à música, dança, teatro, circo e arte. O AfroReggae mobilizou e cortejou os jovens através de movimentos corporais, particularmente oficinas de percussão e dança afro, método que se usou também na conscientização da polícia, um projeto que se desenvolveu em parceria com o ex-secretário de segurança do Rio e a Universidade Cândido Mendes. Através destas oficinas, a banda original do AfroReggae, que gravou vários álbuns, foi multiplicada por oito. Como já mencionado, o AfroReggae se tornou um megaprojeto, expandindo para outras áreas metropolitanas significativas no Brasil, e aumentou sua presença internacional, visitando e trabalhando em países como Colômbia, Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, China e Índia.

Em 2010, AfroReggae inaugurou no centro do Vigário Geral o Centro Cultural Waly Salomão, um prédio bem equipado de quatro andares, desenhado pelo arquiteto Luiz Stein. Tem estúdios musicais, salas de dança e ensaio e oferece aulas gratuitas de dança, música e teatro. Devido a crise financeira da ONG, o Centro foi fechado em 2017 mas reabriu este ano e é provável que seja administrado por outra organização como parte da reestruturação do CGAR. Apesar da crise, CGAR continua inovando para a inclusão dos jovens da periferia. O último projeto, chamado Afro Games, é para capacitar jovens em jogos eletrônicos para disputar torneios profissionais de e-sports nos times de AfroReggae (Santos 2018).

Para concluir esta seção sobre o CGAR, cabe ressaltar que o objetivo principal é utilizar as atividades de lazer e cultura como ferramentas de transformação social, contribuindo para a reduzir as desigualdades sociais e combater os preconceitos. (Grupo Cultural AfroReggae).

O Rio de Janeiro é um ferredouro de iniciativas análogas a AfroReggae e todos os coordenadores e funcionários dessas iniciativas se conhecem a frequentemente trabalham em rede. Seguindo os passos dos jovens que foram treinados nestes projetos, pude ir conhecendo outros projetos, alguns dos quais estou pesquisando para um livro.

Outra ONG que trabalha com jovens em situação de risco é a Central Única das Favelas ou CUFA. Como AfroReggae, oferece atividades nas áreas de lazer, educação, esporte, cultura e cidadania, e em particular grafitti, DJ, break, rap, produção audiovisual, basquete, literatura e



outros projetos sociais. Além dessas atividades, também oferece “oficinas de capacitação profissional . . . que elevam a autoestima da periferia quando levam conhecimento a ela, oferecendo-lhe novas perspectivas” (CUFA). O alcance da CUFA é maior, com centros em todos os 27 estados do Brasil, e tem até filiais na Argentina, Áustria, Bolívia, Chile, Alemanha, Haiti, Hungria, Itália, Espanha e EUA. A CUFA possui uma Divisão Audiovisual que oferece treinamento em filmes e vídeos para os moradores das favelas. Dois dos fundadores da CUFA - Celso Athayde, produtor musical, e MV Bill, um conhecido rapper que grava com Athayde - também trabalharam juntos em vários livros que apresentam as dificuldades do dia a dia nas favelas, especialmente as da juventude envolvida no tráfico de drogas.

Em julho de 2017 MV Bill e Celso Athayde deixaram a direção da organização, o primeiro para se dedicar a projetos pessoais e Athayde para liderar Favela Holding, que visa promover o empreendedorismo e assim revolucionar as favelas por meio do “empoderamento financeiro”. **É outra maneira de apoiar a CUFA:** “ajudar a CUFA financeiramente e potencializar a mão de obra das pessoas das favelas” (CUFA 2017). Esse novo passo do Athayde revela algo muito importante respeito ao lazer e as atividades culturais nas favelas; por si só, essas atividades são um primeiro passo em direção a criar confiança nos jovens, mas essa confiança precisa ser apoiada financeiramente. “Por meio do desenvolvimento econômico, a população desses lugares terá força para definir seus próprios caminhos, dividir o poder com o asfalto e aumentar sua representatividade nos demais campos da sociedade” (Luiz 2018). É importante, também, considerar que o consumo nas favelas movimentava enormes quantidades de dinheiro e que parte de esse capital poderia ir a empreendimentos dos moradores das comunidades. Voltarei a este importante discernimento, logo de considerar outras iniciativas que oferecem atividades de lazer e cultura nas favelas.

Fundado pelo diretor teatral Guti Fraga em 1986, o Grupo Nós do Morro é uma associação sem fins lucrativos que oferece acesso a arte e cultura para crianças, jovens e adultos no Morro do Vidigal. Inicialmente, procurou criar teatro pela comunidade para a comunidade, suas peças refletindo a realidade dos moradores locais como meio de atrair público desacostumado ao teatro. Ao longo dos anos, o projeto abandonou o amadorismo e procurou se juntar às fileiras dos profissionais do teatro. Em 1996, o Teatro do Vidigal foi inaugurado e muitas de suas peças passaram a ganhar importantes premiações, cumprindo assim sua tentativa de obter legitimidade profissional. Seus atores apareceram em *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, o multi dirigido *Cinco Vezes Favela Agora por Nós Mesmos* e outros filmes e programas de televisão. Como no caso do AfroReggae, esta ONG também está procurando estratégias para superar a crise financeira. Como observa a atriz, escritora e diretora Luciana Bezerra, formada no Nós do Morro, a crise põe seriamente em risco a possibilidade de disponibilizar treinamento teatral gratuito nas favelas da Maré

Em 2007, Eliana Souza Silva liderou o processo pelo qual moradores e ex-moradores do Complexo da Maré, que se mobilizavam desde a década de 1980, instituíram a ONG Redes da Maré. Sua missão é lutar por direitos básicos como saúde, lazer, cultura, saneamento, iluminação pública, segurança, entre outros. **É uma estratégia holística** para a ampliação da subjetividade dos participantes. O projeto Novos Saberes, em parceria com o Observatório de Favelas (dirigido por Jailson de Souza Silva, marido da Eliana), oferece um curso de pós-graduação e mestrado para alunos de graduação de origem popular na área de humanidades, a fim de contribuir para a evolução da multiplicidade de diferentes perfis socioeconômicos e raciais dos inscritos nas uni-



versidades brasileiras. O projeto Maré Que Queremos se mobiliza para exigir mudanças nas políticas públicas de educação, cultura, lazer, transporte público, infraestrutura, sustentabilidade ambiental e, acima de tudo, segurança. A Redes da Maré tem consciência de que a mobilização para a mudança deve ser multisetorial: o lazer, a educação e a cultura, por exemplo, precisam das outras áreas para funcionar adequadamente.

A Festa Literária das Favelas ou FLUP, uma sorte de FLIP das periferias, oferece mais outra atividade, que nem sempre é conceituada como lazer, aos moradores das favelas do Rio de Janeiro: a escrita. Ecio Salles, escritor, gestor, e co-fundador, já foi diretor de comunicação do AfroReggae e logo secretário de cultura do município de Nova Iguaçu, um subúrbio na zona oeste do grande Rio de Janeiro. Trabalhou com Marcus Faustini, que é fundador de vários importantes projetos que mencionarei logo. Aponto estes detalhes porque o Ecio é um grande exemplo daqueles indivíduos que conectam diversos projetos, possibilitando as redes que fornecem serviços de lazer e cultura nas periferias do Rio de Janeiro. Ele e seu co-fundador, o escritor e jornalista Júlio Ludemir, perceberam quando trabalhavam em Nova Iguaçu, que existia um público jovem, morador das favelas e subúrbios dos centros urbanos que deseja não apenas de se dedicar à leitura, mas também de narrar-se, de contar suas histórias e expor seus pontos de vista. Esse ponto é muito importante e vejo confirmado em muitos outros tipos de atividade de lazer e cultura. Acabo de ler uma tese sobre a formação de grupos de percussão em todo o Brasil e no exterior em que dezenas de amantes de músicas afrodescendentes explicam que simplesmente assistir a música não era suficiente para eles, que seu desenvolvimento pessoal os levou a se tornarem percussionistas em coletivos associados aos blocos afro de Salvador e Recife.

Com sete edições e um festival anual que reúne escritores do mundo inteiro, a multipremiada FLUP já operou em 70 favelas e subúrbios. A FLUP trabalha com pessoas de todas as idades, muitas delas chegando a escrever poesias, contos e romances bem acolhidos pela crítica, o qual lhes abre as portas do mundo dos jornais, editoras e produtoras de cinema. É importante ver alguns dos escritores que surgiram da FLUP: Yasmin Thayná, que virou contista, cineasta e jornalista; Rodrigo Santos, autor do romance *Macumba*, com direitos para cinema disputados por produtores; Raquel de Oliveira, chefe do tráfico na favela Rocinha ao final dos anos 80 e autora do romance *A Número Um*, cujos direitos de cinema foram comprados. Nem todo o mundo vira escritor profissional e famoso, mas muitos como Lindacy Menezes se descobrem como sujeitos na escrita.

A FLUP também combina atividades de entretenimento e lazer com as literárias para crianças e jovens, como forma de mostrar que a escrita é uma atividade divertida. A FLUP organiza slams e outros eventos onde a literatura anda de braços dados com o rap, samba, passinho, grafitti e outras expressões que falam à juventude da favela e, ao mesmo tempo, vincula essas expressões às tradições literárias. Longe de nivelar a literatura, a FLUP abre um mundo artístico que não estava disponível para os moradores das favelas. Nesse sentido, é como os saraus de São Paulo, especialmente o sarau da Cooperifa. A FLUP também estabelece parcerias com escolas para estimular suas aulas de literatura. Eu já tive a oportunidade de assistir a FLUP em várias ocasiões, uma das mais interessantes no Parque Biblioteca no Complexo do Alemão, centro cultural que pertence ao projeto de Parques Bibliotecas modelado a partir das famosas Parques Bibliotecas de Medellín, projeto que reuniu as secretarias municipais de urbanismo, transporte, esporte, cultura cidadã e educação para oferecer atividades de lazer e cultura aos moradores



dos morros. Medellín é líder na elaboração de políticas públicas multisetoriais, assunto além do escopo deste ensaio, mas que é importante para garantir direitos. Tenho pesquisado os casos de Medellín, Bogotá e também as cidades fronteiras do norte do México, onde a violência ameaça a vida cotidianamente mas onde se organizam iniciativas de lazer e cultura semelhantes às cariocas que descrevo aqui.

Todas as iniciativas mencionadas até agora têm criadores visionários com talento para criar redes de apoio para seus projetos. Meu próximo estudo de caso não é um, mas vários projetos criados pelo dramaturgo e cineasta Marcus Faustini. Seu trabalho com jovens começou com suas oficinas de teatro no início do milênio em Santa Cruz, um bairro da periferia do Rio de Janeiro. Criou a Escola Livre de Teatro, com foco na experiência do território, que revelou diferentes subjetividades e não os estereótipos da periferia predominantes na mídia, como mandros, operários e delinquentes. Faustini acha que essas representações ultrapassadas correspondem a uma cultura da periferia com predileções folclóricas e que a sua transformação provém da constatação do que se faz, do que se vive no território. Faustini passa a entender que território é o espaço-tempo que os sujeitos inventam por meio de suas ações e, por sua vez, o território chega a produzi-los como sujeitos. O território tornou-se ainda mais importante para ele ao entrar em contato com Jailson da Silva, do já mencionado Observatório das Favelas, e com seu trabalho com filmes documentários. Quando se tornou Secretário de Cultura do município de Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro, ele reorientou as políticas públicas culturais por meio de um critério territorial e não artístico, porque segundo ele fazer da arte o centro da política é manter a desigualdade territorial, já que se espera que existe o preconceito de que a arte corresponde às zonas nobres e identidade e questões sociais à periferia. Ele preferiu apagar a barreira que mantém essa diferença. É importante constatar que a ideia predominante da arte inclui uma barreira ao reconhecimento de muitas das atividades das pessoas que moram nas periferias. Para Faustini, como para outros gestores, mesmo alguns ex-diretores de importantes museus, o mais importante da arte é a potencialidade da transformação e não o glamour do circuito de galerias e bienais com curadores vestidos de preto em roupa de grife nas festas de inauguração e retratados nas revistas de luxo, tudo isso fechado em geral às pessoas de baixa renda.

A abordagem territorial da cultura tornou-se um método, um *modus operandi*, que é claramente visível na Escola Livre de Cinema que ele criou em Nova Iguaçu, mas que lamentavelmente fechou depois de 10 anos. Todo o currículo foi orientado para compreender e pesquisar a realidade circundante e reinventar o território através de imagens. De acordo com o site da escola, o objetivo de seu treinamento audiovisual é capturar imagens do território que revelam o modo de olhar da comunidade e seu lugar no mundo através da recepção de estímulos de diversas técnicas, envolvimento com artes visuais, folhetins produzidos por escritores das classes populares, literatura, fotografia, imagem, som e edição de luz, e todo o universo da palavra falada e escrita. Nesse ambiente de descoberta e experimentação, os alunos constroem seus imaginários e fazem uso de tecnologias digitais. Eles constroem, transformam e exibem seus universos. Para desenvolver essas narrativas audiovisuais, os estudantes exploram a cidade: igrejas, clubes, bombeiros e muitos outros locais são transformados em locais para pesquisa, construção de conhecimento e representação audiovisual. Desta forma, a ELC integra a vida da cidade no trabalho dos alunos, permitindo-lhes conceber novas linguagens audiovisuais próprias desses sujeitos.



A ELC não era uma réplica das escolas formais de cinema; era para crianças e jovens e metodologicamente envolveu uma abordagem lúdica para a exploração do território. O mundo da escola atravessou o mundo do lazer. Nesse sentido, ofereceu uma visão diferente das atividades de lazer baseadas nas representações ready-made ou já prontas do território, como acontece nos parques temáticos, seja de plantações, campos de concentração ou Disney. Há um elemento inventivo e até mesmo crítico no método de Faustini. “O território e a força que isso vem tomando têm a ver com essa ideia de que os pobres no Brasil não são uma só identidade, são diversos, têm subjetividades, tem errância, não é um bloco como o povo do folclore, o povo de raiz.” (Costa 2015)

O projeto mais recente de Faustini é a Agência de Redes de Juventude. Leva o objetivo de seus projetos anteriores um passo adiante. Esse objetivo é ajudar os jovens a se tornarem protagonistas de suas próprias vidas, ajudá-los a realizar seu potencial para transformar suas vidas e os territórios em que vivem, valendo-se de suas práticas estéticas que lhes permitem inventar, tornarem-se criadores e não apenas consumidores. O projeto também incentiva os jovens a desenvolver redes, explorando as conexões entre o território local e a cidade. As experiências que a Agência promove tomam o desejo dos jovens como ponto de partida, ouvindo o que querem ser, prestando atenção à sua maneira de ver o mundo, dando-lhes as ferramentas para se expressarem e organizarem as suas ideias. A metodologia desenvolvida na Agência baseia-se no que foi feito em iniciativas anteriores, descritas acima, e envolve teatro, cinema, artes visuais, atividades de lazer, ativismo, etc. A Agência procura jovens da periferia e concede uma bolsa para que possam desenvolver suas ideias em interação com estudantes universitários e artistas que atuam como mediadores. Os participantes desenvolvem suas ideias nos primeiros quatro meses e, se forem selecionados, recebem um prêmio monetário como investimento em seus projetos, o que pode envolver lazer, moda, música, cinema, teatro, ação social, trabalho social em seus territórios. Depois de receber o prêmio de 10.000 reais, a Agência os ajuda a encontrar parceiros com experiência em toda a cidade que os assistam a realizar seus projetos. A Agência opera mais como um estúdio de criação do que um conjunto de oficinas de educação e treinamento. Os projetos também são testados através de pesquisas na internet sobre projetos semelhantes, e em reuniões de discussão fora de suas comunidades imediatas, para que eles possam aprender a circular pela cidade de uma maneira diferente e, assim, alcançar o direito à cidade. Isso permitirá que esses jovens favelados sejam vistos como pessoas criativas e não como estereótipos, de risco de segurança ou carentes. Além disso, a Agência procura tirar esses jovens do mercado de trabalho sobrecarregado e mal remunerado para os pobres. Em vez disso, a Agência cria um ambiente no qual esses jovens experimentam, criam redes que durarão a vida toda e que transformarão suas vidas. O ambiente criado pela Agência estimula uma verdadeira diversidade porque, dando prioridade ao trabalho em relação ao território, em vez de fortalecer uma identidade, reúne evangélicos, funkeiros, ativistas, empresários, trans, etc. A capacidade de trabalhar com essa diversidade também produz as faíscas de inovação.

O projeto atual da Agência é Todo Jovem é Rio e se dedica a formar lideranças – os futuros deputados e até o prefeito - que vão transformar a cidade. De novembro 2017 a maio 2018, 80 casas de jovens de regiões populares da cidade do Rio de Janeiro abriram suas portas para fazer, pensar e debater arte e política. Ao todo, 1600 jovens passaram por essas ações. Quando você entrar numa casa e vir a bandeira do projeto, lá tem gente pensando o futuro da cidade a partir da periferia.



Nestes momentos estão se reunindo os jovens que formaram equipes – 5 em cada centro cultural nos bairros periféricos de Pavuna, Batan e Santa Cruz. Prepararam projetos sobre três temas: 1) combater o assédio no espaço público, 2) apoio a jovens que deixaram o ensino médio e 3) proteção a mães jovens na periferia. Note-se que estas ações visam eliminar algumas das barreiras que impedem alguns jovens de desfrutar não apenas de lazer, mas também de outras dimensões importantes de suas vidas. Eles explicam o tema que elegeram, o que implica, qual metodologia irão utilizar para realizar o projeto, quais parceiros irão recrutar e como, qual será o legado da ação, o cronograma e orçamento. Os projetos selecionados receberão o orçamento para realizar seus projetos.

Para concluir esta seção sobre a Agência, cabe apontar a realização do Seminário “O valor da cultura”, no Museu de Arte de Rio onde não profissionais da economia cultural senão jovens de várias partes da cidade falam, em formatos de talks, sobre a importância da arte e da cultura em suas trajetórias. Como se pode ver, a Agência pareceria ter-se afastado das práticas de lazer e cultura com que o Faustini começou, mas em verdade, essas práticas são parte do fundamento de que veio depois. O lazer e a cultura cumprem a missão da transformação.

O último caso que vou mencionar é o lugar onde vai acontecer esse seminário. O MAR é um espaço na praça Mauá na área portuária onde todas as iniciativas mencionadas – e outras como O Rio de Encontro e a Universidade das Quebradas – já tiveram reuniões e intercâmbios. O museu se abre aos vizinhos não só para assistir às exposições, mas também para dirigir processos de conversa e de propor ações e políticas do museu.

Tem muitas mais iniciativas que poderia mencionar, inclusive as de São Paulo, muitas delas reunidas nestes dias no Encontro Estéticas das Periferias, mas as descritas nesta apresentação bastam para ter uma ideia da orientação das práticas de lazer e cultura em zonas de conflito. Passemos as conclusões, que já devem ser evidentes.

CONCLUSÕES AS ATIVIDADES DE LAZER E CULTURA

1. **Dignificam.** Não me estenderei sobre os exemplos dos campos de concentração de da guerra, salvo a dizer que compartilham uma dignificação das pessoas desrespeitadas e cujos direitos são suprimidos.
2. **Empoderam.** Participar em atividades de lazer e cultura não só como espectadores, mas como atores dá um sentido de empoderamento, que é importante para tomar os próximos passos às ações para o empoderamento, pelo menos em várias das iniciativas no Rio e outras cidades.
3. **São importantes formas de educação informal.** Os exemplos do Rio demonstram que há uma conexão direta entre as atividades de lazer e cultura e oportunidades para o desenvolvimento de competências que permitirão aos jovens da favela terem um futuro melhor. Essas atividades oferecem uma educação informal às vezes melhor do que as escolas e outras instituições formais.



4. **Fornecem oportunidades que o Estado não oferece**, mas também servem para exigir que o Estado cumpra com garantir os direitos cidadãos. Os problemas na favela não se devem apenas à violência do narcotráfico e à polícia corrupta, mas também à falta de serviços que o Estado deveria fornecer aos cidadãos. É aqui que projetos como os descritos acima intervêm para fornecer oportunidades sem que o Estado fique de braços cruzados. De fato, muitos desses projetos oferecem atividades de lazer que são o primeiro elo de uma correia transmissora que leva ao desenvolvimento pessoal e profissional.
5. **Podem criar emprego e a cargos políticos**
6. **Vão inventando novas formas de se sustentarem.** O financiamento varia com as condições políticas e econômicas. O momento atual é difícil, já que financiadores como a Petrobrás pararam de contribuir para esses projetos e governos conservadores, como o de Crivella, relutam em cooperar. Daí a importância desses projetos, como o Favela Holding e a Agência, que podem traduzir atividades de lazer e cultura em oportunidades de emprego. A Agência, além disso, prepara a juventude para ocupar cargos políticos e provocar mudanças.
7. **Entram em relações intersetoriais** com educação, urbanismo, transporte, segurança e a proteção contra preconceitos religiosos, racistas, sexistas e homofóbicos para garantir mais efetivamente o direito ao lazer e a cultura. O direito ao lazer não pode ser garantido sem o acesso adequado a outros direitos. Em estudos de política cultural, como em outras áreas, é claro que não se pode lidar com as questões em uma base exclusivamente setorial (Yúdice 2015). Lazer e cultura fazem parte da vida urbana, desde problemas de serviços básicos até transporte, infraestrutura, educação, etc. Se você não tem água e eletricidade, ou um prédio ou praça para atividades, ou os meios para chegar a um local, ou a disponibilidade de mediadores para liderar atividades, então é difícil realizar tais atividades. Isso fica mais evidente nas periferias onde faltam esses serviços e, portanto, é nas periferias que vemos que o lazer e a cultura estão ligados a todos os aspectos da vida. A partir dessa base, torna-se possível agir para transformar a vida e o território. Em outras palavras, se realmente se querem atividades de lazer e cultura tem que lutar em outros âmbitos.
8. Constituem uma área ideal para a **formação de mediadores** que conduzirão essas atividades intersetoriais – os atores formados nestas redes aprendem a negociar em várias frentes, e é por isso que poderão ter sucesso nos empreendimentos e, tomara, na política.
9. Ao operarem em redes, **conectam espaços**, por exemplo os encontros em várias partes da cidade, fazendo assim possível que os atores se conheçam e possam criar projetos através das comunidades, **semeando o território de boas práticas**.
10. Para serem efetivas, têm que **ter um conhecimento profundo do território** e respeitar os costumes dos moradores, **escutá-los e envolvê-los na elaboração das políticas e programas**.



BIBLIOGRAFIA

- Ali, Tareq. (2017) "Staging the War: Can Theater Flourish in Syria?" *Raseef22*, 26/3. <https://raseef22.com/en/culture/2017/03/26/staging-war-can-theater-flourish-syria/>. Acessado 16/8/18.
- Ahelbarra, Ashem. (2016) "Syrian underground theater tells stories of hope." *AlJazeera*, 1 de janeiro. <https://www.aljazeera.com/news/2016/01/syria-underground-theatre-tells-stories-hope-160101113830445.html>. Acessado 17/8/18.
- Bulos, Nabih. (2018) "Dozens of musicians have fled or been killed. Yet, in war-torn Syria, the orchestra plays on." *Los Angeles Times*, March 23. <http://www.latimes.com/world/middleeast/la-fg-syria-orchestra-20180323-story.html>. Acessado 16/8/18.
- Caro, Rodrigo. (2018) "Afro Reggae terá centro para formar atletas virtuais." *Valor*, 13 de agosto. <https://www.valor.com.br/empresas/5729439/afroreggae-tera-centro-para-formar-atletas-virtuais>. Acessado 19/8/18.
- Costa, Eliane. (2016) "Entrevista com Marcus Vinícius Faustini." *Z Cultural*, Ano 9 2(1). <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/agir-no-territorio-e-nao-representar-o-territorio-entrevista-com-marcus-vinicius-faustini/>. Acessado 20/8/18.
- Córdoba, Morrinho, Semanario Universidad. <https://semanariouniversidad.com/pais/projeto-morrinho-un-juego-para-escapar-de-la-muerte-y-la-violencia/>
- CUFA. "Sobre a CUFA." <https://www.cufa.org.br/sobre.php>. Acessado 19/8/18.
- CUFA. (2017) "MV Bill e Celso Athayde deixam a CUFA." Facebook, 24 de julho. <https://www.facebook.com/cufabr/posts/1679672195378887:0>. Acessado 19/8/18.
- Dumazedier, Jofre (2000) *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.
- Dunmore, Charlie. (2016) "How art is helping Syrian refugees keep their culture alive." *The Guardian*, March 2. <https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2016/mar/02/art-helping-syrian-refugees-keep-culture-alive>. Acessado 18/8/18.
- Goldfarb, Alvin. (1976) "Theatrical Activities in Nazi Concentration Camps." *Performing Arts Journal* 1:2 (Fall): 3-11.
- Grupo Cultural AfroReggae. <https://www.afroreggae.org/>. Acessado 18/8/18.
- Luiz, Bruno. (2018) "De olho no 'potencial estético', Celso Athayde estuda ampliar Favela Holding em Salvador." *Bahia Notícias*, 27 de julho. <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/224769-de-olho-no-potencial-estetico-celso-athayde-estuda-ampliar-favela-holding-em-salvador.html>. Acessado 19/8/18.
- Manecchini, Guilherme. (2018) "Endividado, AfroReggae busca parceiros para não fechar." *GQ*, 2 de janeiro. <https://gq.globo.com/Prazeres/Poder/noticia/2018/01/endividado-afroreggae-busca-parceiros-para-nao-fechar.html>. Acessado 18/8/18.
- Marcellino, Nelson Carvalho. (1990) *Lazer e educação*. Campinas: Papirus.
- Projeto Morrinho. <https://www.projetomorrinho.org/>. Acessado 18/8/18.
- Roberts, Jen. (2013) "The Sociology of Leisure." *Sociopedia.isa*. <http://www.sagepub.net/isa/resources/pdf/Leisure2013.pdf>. Acessado 18/8/18.
- Roque, Atila. (2000) "A Cultura e Cidadania: a experiência do Afro Reggae." Artigo escrito para o projeto Parcerias, Pobreza e Cidadania da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. <https://www.scribd.com/document/386559332/Atila-Roque-A-Cultura-e-Cidadania-a-experiencia-do-Afro-Reggae>. Acessado 19/8/18.



- Smith, Jordan. (2015) "Pianist brings hope through music in Syrian war ravaged neighbourhood"
- Vanderwerff, Hans. (2009) "The Holocaust – Lest We Forget – Theatre." <http://www.holocaust-lestweforget.com/theatre.html>. Acessado 16/8/18.
- Yúdice, George. (2015) "Prácticas culturales y nueva política cultural" & "Acupunturas urbanas ¿cómo curar problemas urbanos con acciones transversales? Em *Segunda Cátedra de Nuevas Políticas Culturales*. Ed. AnaMaría Gómez-Londoño. Bogotá: Secretaría de Cultura, Recreación y Deporte-Alcaldía de Bogotá & Facultad de Artes, Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2015. <http://www.culturarecreacionydeporte.gov.co/sites/default/files/memorias.pdf>. Acessado 21/8/18.



LEISURE IN CONFLICT ZONES

George Yúdice, University of Miami

Thinking that people in conflict zones have the opportunity or time to participate in leisure and cultural activities seems counterintuitive. Conflict, especially armed conflict, leads to situations in which people's social and cultural rights are abolished. For most scholars on the subject, leisure is characterized by free time, that is, "free of professional, family, political and religious obligations" (Andrade 2011: 3). We might think that conflict - in war zones or in situations of great torment such as the Holocaust - requires another obligation: to keep the family and himself safe, reserving little time to devote to leisure. Studies on the topic show leisure and culture also have important functions of dignifying people trapped in violence, making life bearable, allowing them to escape from threats every moment and / or to resist the forces imposed to them, also opening up the possibility of being not only spectators or consumers, but also authors and creators. They are also ways of preserving traditions when conflict destroys them.

All these functions were performed in the leisure and cultural activities in the concentration camps during the Second World War. As the expert Alvin Goldfarb explains, in the hell of the camps, from which no one would be expected to survive, the little time of leisure available was devoted to games and cultural activities that allowed people to bear, as far as possible, the horror of the camps. In some camps, such as Malines in Belgium, jailers allowed prisoners to put on shows or concerts the former could use as propaganda broadcast "in the Belgian press to calm fears of Jews still hidden and to deny rumors of German atrocities" (Goldfarb 1976: 5). Hitler used leisure and sports as a form of discipline to make a perfect Nazi machine composed of strong and healthy Aryans. In concentration camps, in which the aim was the opposite - to eliminate and wear "subhuman races" out - leisure activities, when available, were used as a red herring. But in many cases, inmates organized sing-alongs and variety shows not only enabled them to diminish feelings of anxiety and panic, but also allowed them to criticize the conditions in the camps and satirize jailers. Also, these cabaret performances were acts of resistance and of repudiation of the Third Reich (8). In fact, using Yiddish in songs and performances was also a way to preserve the tradition, to value what the Nazis smeared.

Obviously, the few images of leisure activities in concentration camps contrast sharply with the numerous photographs of emaciated bodies and victims massacred in extermination camps. But the point is that the inmates of the camps resisted and sought to maintain their life and culture in the few leisure opportunities available to them.

Let us now consider a current case of violence, Syria, a country devastated by war since 2011. Participating in cultural and leisure activities in the midst of war would seem foolish, but some artists feel the need for resorting to art to change the mood in the place or to reflect on their daily struggle to survive. This is the case of Ayham Ahmad, a pianist who composes songs about the hardships of life in the refugee camps on the outskirts of Damascus. His urge to communicate through music with his fellow citizens and others who suffered displacement was so strong that even after he was banned from playing in the street, he continued to reach the audience via Skype (Smith 2015). In the theaters



and concert halls that were not destroyed, many Damascus inhabitants search for a break from the bombings. For example, although several musicians, including the opera program coordinator, died in the war, and half the musicians fled the country searching for safety, the Syrian National Orchestra in Damascus continued to play. When the suspension of the already reduced orchestra season was considered, the inhabitants complained saying that they wanted to attend the concerts. “Defiantly, the orchestra even performed a concert in January 2015, when about 150 missiles were destroyed in Damascus” (Bulos 2018).

Something similar happens to the theater. A recent report on the theater in Syria says that the plays are staged “against the backdrop of the distant sound of bombings against the opposition forces in Damascus suburbs.” According to the director Ma’moun al-Khatib, challenges such as “lack of energy, possible injuries caused by the opposition forces in certain parts of the city, and the actors’ inability to commit themselves to daily rehearsals” did not make him give up (Ali 2017). For the Syrian actor Yamen Sleiman, the context in which the theater is made leads to exceed the limits of what can be discussed in a play: politics, sexuality, religion, economic and social issues, prewar history and, more importantly, difficulties of everyday life. In Aleppo, the actors invited the public to go to an underground hiding place, where they staged a play about the dreams of a nation and the hope of a better future. But the play ended as a portrait of helpless Syrians who stood alone facing death at home or uncertainties in exile (Alhebarra 2016).

Of course, leisure and cultural activities will not stop violence, but they play important roles in such context. This is the reasoning by artists in the Al Zaatari refugee camp in Jordan, who have been making full-scale models of temples and other heritage structures destroyed during the war in Syria. They view their art as a statement on what is happening in Syria, as well as a means of recovering the tradition and preserving the history. Bearing in mind that none of these activities seek to describe these conflict zones as places of vicarious desire or to create success stories is important. They are, on the contrary, survival strategies.

These initial examples serve to contextualize what I will comment on the leisure and cultural practices in conflict zones in the slums in Rio de Janeiro, Brazil, and in similar communities in other places. Although both cultures and causes of conflict are markedly different, these places have one thing in common: the violence and the number of deaths in Syria and in many slums in Rio de Janeiro. The populations of Syria and of the state of Rio are almost equal - 17 million people - as well as the deaths due to the conflict: almost 2,200 in the Arab country and almost 1,900 in Rio in 2017. In addition, although violence apparently cannot be stopped - in some contexts, such as in Medellín or Bogota, in Colombia, it has been reduced - many projects in Rio attract young people using leisure and culture, keeping these population away from the main source of violence: drug trafficking and its criminal white and gray-collar complicit. But, as we shall see, many of the activities go beyond survival and seek to mobilize the residents’ potential for their personal development.

For making a transition to the context of Rio de Janeiro, on which a considerable part of my research is focused, I would like to present a project that reminds me, at least superficially, of the one in which artists sought to recover the Syrian heritage by reproducing what was destroyed. In the late 1990s, a fourteen-year-old boy - Cirlan Souza de Oliveira - created, as a hobby, a scale model of the Pereira da Silva slum, in the neighborhood of Laranjeiras. Unlike the Syrian example, Cirlan’s model began as a child’s play, he said, a way of engaging in an activity other than the violence that afflicted the slum. Cirlan and his friends used bricks, toy cars, Lego pieces and other recycled materials to build a replica of the slum with people, cars, colorful buildings, police officers and criminals. The model grew



in size over the years, reaching more than 350 square meters, and became a pilgrimage place for slum inhabitants, other carioca people and tourists who made regular visits. In 2001, the filmmakers Fábio Gavião, Marco Oliveira and Francisco Franca got interested in the model, ran a series of audiovisual workshops and created the Morrinho TV, which focuses on this neighborhood that tells its own story. The Morrinho Project is known throughout Rio and even gained space in the Brazilian Museum of Contemporary Art, was present in cities in Brazil and in the world and participated in the Venice Biennale in 2007. Incorporated as a NGO, Morrinho is also a community cultural center, has the Turismo no Morrinho project with guided visits to the model and Morrinho Social, with English and photography classes, and recreational activities focused on citizenship and art-education.

I learned about the Morrinho project during a research on alternative audiovisual production in Brazil, especially the Vídeo nas Aldeias project, in which indigenous filmmakers record their culture for future generations and explore it in the present. Troca de Olhares was created in 2009 by Zezinho Yube and Wewito Piyãko, from the Ashaninka people, in an exchange with residents of the Pereira da Silva slum. In this short film, the two filmmakers spent a month in the slum, visit the model and talk to the slum inhabitants in the cultural social space created for Morrinho. As we will see in other projects, visits to other communities, besides being a form of leisure or flaneurism of the poor are also forms of relationship and formation of collaborative networks, between two subaltern communities, in this case.

I could write more about the Morrinho Project, but I would like to describe other projects, because I think they are aimed at transforming, offering alternatives, through leisure and cultural practices, not only the extreme violence condition, but also the urban space and the participants' lives. I started researching this topic when I witnessed the looting on Arpoador beach in the southern region of Rio de Janeiro in 1993 and the youths of the slums were guilty and persecuted by the police and the media. So to speak, they sought leisure where privileged classes used to have it.

The Grupo Cultural Afro Reggae (Afro Reggae Cultural Group, GCAR) was created in 1993 exactly to change these images and the reality to which they corresponded. As many other community projects, it aimed to end the violence that devastated Rio de Janeiro in the early 1990s. In the late 1992 and in the winter of 1993, youths from the remote slums made a series of mass robberies that were opportunistically overdramatized by the media, panicking the middle classes. But the brutal violence against the poor immediately motivated the formation of a "citizen action" known as Viva Rio, especially in response to the shocking slaughters such as the one with eight street children in front of the Candelária church and the other with 21 residents of the Vigário Geral slum.

With the slaughter in Vigário Geral, the coordinator of Afro Reggae, José Júnior, then a funk DJ, had the mission of intervening in the youth culture using music and dance to attract them to activities in which they could develop a "new ethical and moral field"; instead of claiming a high moral field, he sought to promote the recognition and affirmation of the beauty and positivity of those youths (Roque 2000: 11). Júnior sought to institutionalize the GCAR as a NGO to expand cultural self-esteem activities for the provision of social services. For this purpose, he needed support, which he received from the Ford Foundation, Viva Rio and other institutions. (The business model developed by Junior for Afro-Reggae was hit by crisis when it lost funding from State and megacorporations such as Petrobras, involved in corruption scandals discovered through the Operation Car Wash. Obviously, attention needs to be paid to how leisure and culture are funded for social inclusion and empowerment, but the issue is beyond the scope of this presentation. Saying that Junior is seeking to develop a new operational



model for AfroReggae is enough. He thinks that, in the current economic climate, non-profit NGOs are impracticable [Manecchini 2018]).

At the height of the project, in 2014, AfroReggae had already become a large “social enterprise with more than 75 projects and about six thousand members only in Rio de Janeiro”. The project steered children and young people away from crime and drug trafficking and introduced them to music, dance, theater, circus and art. AfroReggae mobilized and courted young people through body activities, particularly percussion and African dance workshops, a method used in police awareness as well, a project developed in partnership with Rio’s former Secretary for Security and University Cândido Mendes. Through these workshops, the original AfroReggae band, which recorded several albums, was multiplied by eight. As already mentioned, AfroReggae became a megaproject, expanding to other significant metropolitan areas in Brazil, and increased its international presence by visiting and working in countries such as Colombia, Canada, United States, United Kingdom, China and India.

In 2010, AfroReggae inaugurated the Centro Cultural Waly Salomão, a well-equipped four-storey building designed by the architect Luiz Stein. It has music, dance and theater rehearsal studios and offers free dance, music and theater classes. Due to the financial crisis of the NGO, the center had been closed in 2017, but it was reopened this year, and another company will probably run it as part of the restructuring of the CGAR. Despite the crisis, CGAR continues to innovate for the inclusion of periphery youths. The last project, called Afro Games, aims at training young people in electronic games to compete in professional e-sports tournaments on the AfroReggae teams (Santos 2018).

To conclude this section on the CGAR, it should be emphasized that its main objective is to use leisure and culture as tools for social transformation, contributing to the reduction of social inequalities and the fight against prejudice. (Grupo Cultural AfroReggae).

Rio de Janeiro has many projects similar to AfroReggae, and all coordinators and employees of these projects know one another and work in group. Following the footsteps of young people who were trained in these projects, I could learn about other projects, some of which I am researching for a book.

Another NGO working with at-risk youths is the Central Única das Favelas or CUFA. Just like AfroReggae, it offers activities in the areas of leisure, education, sport, culture and citizenship, and especially graffiti, DJ, break, rap, audiovisual production, basketball, literature and other social projects. In addition to these activities, it also offers “professional training workshops... which increase periphery people’s self-esteem by transmitting knowledge and offering new perspectives to them”(CUFA). The scope of CUFA is greater, with centers in all the 27 Brazilian states, and branches in Argentina, Austria, Bolivia, Chile, Germany, Haiti, Hungary, Italy, Spain and United States. CUFA has an Audiovisual Division that provides film and video training for slum dwellers. Two of the CUFA’s founders - Celso Athayde, a music producer, and MV Bill, a well-known rapper with albums recorded by Athayde - also worked together by writing various books that show daily difficulties in slums, especially of youths involved in drug trafficking.

In July 2017, MV Bill and Celso Athayde left the organization’s leadership, the former to devote to personal projects and Athayde to head Favela Holding, which aims to promote entrepreneurship and thus revolutionize slums through “financial empowerment.” Another way to support CUFA is to “help CUFA financially and strengthen the slum dwellers’ workforce” (CUFA 2017). This new step by Athayde reveals something very important regarding leisure and cultural activities in slums; by themselves, these activities are a first step toward boosting the youths’ confidence, but this confidence needs to be financially supported. “Through economic development, the population of these places will have



the power to define their own paths, to divide power with the other social classes and to increase its representativeness in other society areas” (Luiz 2018). Considering that the consumption in the slums moves large amounts of money and that part of this money could go to enterprises by the inhabitants of the communities is also important. I will return to this important reflection, after talking about other projects that offer leisure and cultural activities in the slums.

Founded by theater director Guti Fraga in 1986, the group Nós do Morro is a non-profit association that provides access to art and culture for children, youths and adults in Morro do Vidigal. Initially, it sought to create theater made by the community for the community, and its plays portrayed the reality of the local inhabitants to attract the audience not used to theater. Over the years, the project stopped being amateur to enter the professional theater world. In 1996, the Teatro do Vidigal was inaugurated, and many of its plays started winning important awards, fulfilling its attempt to gain professional legitimacy. Its actors appeared in Cidade de Deus, by Fernando Meirelles, in the multi directed Five times Favela – Now by Ourselves and other movies and television programs. As in the case of AfroReggae, this NGO is looking for strategies to overcome the financial crisis. As the actress, writer and director Luciana Bezerra, formed at Nós do Morro, the crisis seriously jeopardizes the possibility of providing free theatrical training in the Maré slums.

In 2007, Eliana Souza Silva led the process whereby residents and former residents of the Complexo da Maré, who had been mobilizing since the 1980s, created the NGO Redes da Maré. Its mission is to fight for basic rights such as health, leisure, culture, sanitation, street lighting, security, among others. It is a holistic strategy to increase participants’ subjectivity. The project Novos Saberes, in partnership with the Observatório de Favelas (directed by Jailson de Souza e Silva, Eliana’s husband), offers a graduate course and master’s degree for proletarian undergraduate students from the humanities field, to contribute to the evolution of the multiplicity of different socioeconomic and racial profiles of those enrolled in Brazilian universities. The project Maré Que Queremos mobilizes to demand changes in the public policies of education, culture, leisure, public transport, infrastructure, environmental sustainability and, above all, security. Redes da Maré is aware that the mobilization for change must be multisectoral: leisure, education and culture, for example, need the other areas to work properly.

The Festa Literária das Favelas or FLUP, a sort of FLIP (Paraty International Literary Festival) of peripheries, offers another activity, which is not always considered leisure, to the residents of the Rio de Janeiro slums: writing. Ecio Salles, a writer, manager, and co-founder, was the communication director of AfroReggae and Secretary for culture of the municipality of Nova Iguaçu, a suburb in the western region of Rio de Janeiro state. He worked with Marcus Faustini, who is the founder of several important projects I will mention. I point out these details because Ecio is a great example of those individuals who connect several projects, making the networks that provide services of leisure and culture in the periphery of Rio de Janeiro possible. He and the project co-founder, writer and journalist Júlio Ludemir realized, when they worked in Nova Iguaçu, that a young public from slums and suburbs of urban centers wanted not only to read but also to narrate, to tell their stories and expose their viewpoints. This point is very important, and I see it confirmed in many other types of leisure and cultural activities. I have just read a thesis about the formation of percussion groups throughout Brazil and abroad, in which dozens of lovers of Afro-descendant music explain that simply listening to the music was not enough for them and that their personal development allowed them to become percussionists in groups associated with the afro blocks from Salvador and Recife.



With seven editions and an annual festival that gathers writers from around the world, the multi-award-winning FLUP already took place in 70 slums and suburbs. FLUP works with people of all ages, and many of them write even poetry, short stories, and critically acclaimed novels, which are door openers for the world of newspapers, publishers and filmmakers. Mentioning some of the writers who emerged from the FLUP is important: Yasmin Thayna, who became a short story writer, filmmaker and journalist; Rodrigo Santos, author of the novel Macumba, with film rights disputed by producers; Raquel de Oliveira, head of trafficking in the Rocinha slum in the late 1980s and author of the novel A Número Um, whose film rights were bought. Not everyone has become a professional and famous writer, but many of them such as Lindacy Menezes discover themselves as human beings in writing.

FLUP also mix entertainment and leisure activities with literary activities for children and youths as a way of showing that writing is a fun activity. The FLUP organizes poetry slams and other events in which literature goes hand in hand with rap, samba, passinho dance, grafitti and other expressions made for youths from slums, which, at the same time, links these expressions to literary traditions. Far from leveling literature, FLUP opens up an artistic world that was not available to slum dwellers. Thus, it corresponds to the soirees from São Paulo, especially the Cooperifa's soirée. FLUP also establishes partnerships with schools to stimulate their literature classes. I already had the opportunity to attend FLUP on several occasions, one of the most interesting took place in the Library Park at Complexo do Alemão, a cultural center belonging to the project Parques Bibliotecas (Library Parks project) based on the famous Library Parks from Medellín, a project that gathered municipal secretariats for urbanism, transport, sport, citizenship and education to offer leisure and cultural activities to the inhabitants of the Carioca hills. Medellín is a leader in the formulation of multisectoral public policies, which is a subject beyond the scope of this essay but important for the guarantee of rights. I have researched the cases of Medellín, Bogotá and border cities of northern Mexico, where violence threatens daily life but leisure and cultural projects similar to those from Rio, described here, are organized.

All of the projects mentioned so far have visionary creators who have a flair for the creation of support networks for their projects. My next case study is not one, but several projects created by the playwright and filmmaker Marcus Faustini. His work with young people began with his theater workshops at the beginning of the millennium in Santa Cruz, a suburb of Rio de Janeiro. He created the Escola Livre de Teatro (Free Theater School), focusing on the experience of the territory, which revealed different subjectivities, contrary to the periphery stereotypes predominant in the media, such as rogues, laborers and delinquents. Faustini thinks that these outdated representations correspond to a periphery culture with predilections for folklore and that its transformation comes from the verification of what is done, of what is lived in the territory. Faustini starts understanding that territory is the space-time that the subjects invent through their actions and, in turn, this territory even forms them as humans. This territory became even more important to him when he got in contact with Jailson da Silva, from the aforementioned Observatório das Favelas, and with Jailson's work with documentary films. When he became the Secretary for Culture of the municipality of Nova Iguaçu, in Rio de Janeiro state, he reoriented culture public policies using a territorial and nonartistic criterion, because, according to him, putting art at the center of politics is to maintain territorial inequality, considering the prejudice that art corresponds to rich regions and identity and social issues to the periphery. He preferred to erase the barrier that maintains this inequality. Noting that the prevailing idea of art includes a barrier to the recognition of many of the activities of the people living in the peripheries is important.



According to Faustini, other managers and even some former directors of important museums, the most important in art is its transformative potential and not the glamour of the circuit of galleries and biennials with curators dressed in black in designer clothes at the opening parties portrayed in luxury magazines, all generally closed to low-income people.

The territorial approach to culture has become a method, a *modus operandi*, which is clearly visible in the *Escola Livre de Cinema* he created in Nova Iguaçu, but which unfortunately closed after 10 years. The entire curriculum was developed aimed at understanding and researching the surrounding reality and reinventing the territory through images. According to the school's website, the purpose of its audiovisual training is to capture images of the territory that reveal the way the community looks and its place in the world through the reception of stimuli of various techniques, involvement with the visual arts, serials written by writers of popular classes, literature, photography, image, sound and light editing, and the entire universe of the spoken and written word. In this environment of discovery and experimentation, students construct their imagery and use digital technologies. They build, transform, and exhibit their universes. To produce these audiovisual narratives, students explore the city: churches, clubs, fire departments and many other places are transformed into places for research, knowledge building and audiovisual representation. Thus, the ELC integrates the life of the city into the students' work, allowing them to design new audiovisual languages suit for them.

The ELC was not a replica of formal cinema schools; it was made for children and young people and methodologically involved a ludic approach for exploring the territory. The world of school has crossed the world of leisure. Hence, it offered a different view of leisure activities based on ready-made representations of the territory, as in the theme parks, whether of plantations, concentration camps or Disney. Faustini's method has an inventive and even critical element. "The territory and the power that it has been taking have to do with this idea that the poor in Brazil are not only one identity, they are diverse, they have subjectivities, they make mistakes, they are not a block such as people of folklore, the people of root." (Costa 2015)

Faustini's latest project is the *Agência de Redes de Juventude*. It makes the goal of his previous projects be one step further. This goal is to help young people become protagonists in their own lives, to help them realize their potential to transform their lives and the territories in which they live, using esthetic practices that allow them to create, to become creators and not only consumers. The project also encourages youths to develop networks, exploring the connections between their local territory and the city. The experiences the agency promotes have young people's desire as a starting point, listening to what they want to be, paying attention to their way of seeing the world, giving them the tools to express themselves and organize their ideas. The methodology developed in the agency is based on what has been done in previous projects, described above, and involves theater, cinema, visual arts, leisure activities, activism, etc. The agency looks for periphery youths and grants them scholarships so that they can develop their ideas by interacting with university students and artists who act as mediators. Participants develop their ideas in the first four months and, if selected, they receive a monetary award to invest in their projects, which may involve leisure, fashion, music, cinema, theater, social action and social work in their territories. After they receive the award of 10,000 Brazilian reals, the Agency helps them find experient partners throughout the city to help them put their projects into practice. The agency operates more as a creative studio than as a set of education and training workshops. The projects are also tested by searching the internet to find similar projects, and in discussion meetings outside their immediate communities, so that they can learn to walk in the city in a different



way and thus achieve the right to be in the city. This will allow these young slum dwellers to be seen as creative people and not as stereotypes of security risk or needy people. In addition, the agency seeks to remove these young people from the burdened and poorly remunerated labor market for the poor. The agency creates an environment in which these youths experiment and create networks that will last a lifetime and change their lives. The environment created by the agency stimulates a true diversity because, prioritizing the work related to the territory, instead of strengthening an identity, it brings together protestants, funkeiros, activists, entrepreneurs, transsexual people, etc. The ability to work with this diversity also produces the sparks of innovation.

The current project of the agency is *Todo Jovem é Rio* and is dedicated to forming leaderships - future deputies and even mayors - that will transform the city. From November 2017 to May 2018, 80 houses of youths from peripheral regions of Rio de Janeiro city opened their doors to make, think and debate art and politics. A total of 1,600 youths attended these actions. When you enter a house and see the flag of the project, people are thinking about the future of the city from the periphery in this house.

In these moments the youths who formed teams - 5 in each cultural center in the outlying districts of Pavuna, Batan and Santa Cruz - are meeting. They prepared projects on three themes: 1) fight against harassment in the public space, 2) support for young people who abandoned high school and 3) protection for young mothers in the periphery. These actions aim to eliminate some of the barriers that prevent some young people from enjoying not only leisure, but also other important dimensions of their lives. They explain the theme they have chosen, regarding the methodology they will use to carry out the project, the partners they will recruit and how, the legacy of the action, the schedule and the budget. The selected projects will receive the budget to carry out their projects.

To conclude this section on the agency, it is worth mentioning the event "O valor da cultura" (The value of culture) in the Museu de Arte de Rio (MAR), in which nonprofessionals of the cultural economy and young people from various parts of the city speak, in format of talks, about the importance of art and culture in their trajectories. As we can see, the agency would seem to have walked away from the leisure and cultural practices with which Faustini started, but actually, these practices are part of the foundation that arose later. Leisure and culture fulfill the mission of transformation.

The last case I will mention is where this event will take place. The MAR is a space in the Mauá square in the port area where all the mentioned projects - and others such as *O Rio de Encontro* and the *Universidade das Quebradas* - have already had meetings and exchanges. The museum opens to its neighbors not only to watch the exhibitions, but also to guide conversation processes and to propose actions and policies of the museum.

I could mention many other projects, including those in São Paulo, many of them gathered in the *Encontro Estéticas das Periferias*, but the ones described in this presentation are enough to have an idea of the orientation of leisure and cultural practices in conflict zones. Let us draw the conclusions, which must already be evident.



CONCLUSIONS LEISURE AND CULTURAL ACTIVITIES

1. **Dignify.** *I will not talk further on the examples of the concentration camps of war. I will only say that they share the dignification of disrespected people whose rights are suppressed.*
2. **Empower.** *Participating in leisure and cultural activities not only as spectators, but as actors gives a sense of empowerment, which is important to take the steps that succeed actions for empowerment, at least in many of the projects in Rio and in other cities.*
3. **They are important forms of informal education.** *Rio's examples show leisure and cultural activities and opportunities for the development of skills that will enable the youths from slums to have a better future are directly linked. These activities offer an informal education, which sometimes are better than schools and other formal institutions.*
4. **They provide opportunities the State does not offer,** but also serve to demand that the State comply with the duty of guaranteeing the citizens' rights. *The problems in the slum are not only due to drug violence and corrupt police, but also to the lack of services the state should provide to citizens. In these cases, projects such as the ones described above intervene to provide opportunities without the State sitting idly by. In fact, many of these projects offer leisure activities that serve as the first connection with the driving force that leads to personal and professional development.*
5. **Can create jobs and political offices**
6. **Create new ways of sustaining themselves.** *Funding varies depending on political and economic conditions. The current moment is difficult, since financiers such as Petrobrás stopped contributing to these projects and conservative governments, such as Crivella's, are reluctant to cooperate. Hence the importance of these projects, such as Favela Holding and the agency, which can translate leisure and cultural activities into employment opportunities. The Agency, in addition, prepares youths to hold political offices and bring about changes.*
7. **Have intersectoral relations** with education, urbanism, transport, security and protection against religious, racist, gender and homophobic prejudices to guarantee the right to leisure and culture in a more effective manner. *The right to leisure cannot be guaranteed without adequate access to other rights. In studies on cultural policy, as in other fields, the problems obviously cannot be solved on an exclusively sectoral basis (Yúdice 2015). Leisure and culture are part of urban life, from basic service problems to transport, infrastructure, education problems etc. If you do not have water and electricity, or a building or square for activities, or the means to arrive at a location, or the availability of mediators to lead activities, then it becomes difficult to carry out such activities. This is more evident in the peripheries where these services are lacking and, therefore, in the peripheries we realize that leisure and culture are associated with all aspects of life. Based on this, acting to transform life and territory becomes possible. In other words, if one really wants leisure and cultural activities, one has to fight in other scopes.*
8. *They are ideal fields for the **training of mediators** who will conduct these intersectoral activities - the actors formed in these networks learn to negotiate on several fronts, and that is why they can succeed in entrepreneurship and, hopefully, in politics.*



9. When operating in networks, they **connect spaces**, for example, meetings in various parts of the city, thus allowing the actors to meet one another and to create projects from their communities, **sowing good practices in the territory**.
10. To be effective, they must **have a thorough knowledge of the territory** and respect the customs of the inhabitants, **listen to them and involve them in the formulation of policies and programs**.

REFERENCES

- Ali, Tareq. (2017) "Staging the War: Can Theater Flourish in Syria?" *Raseef22*, 26/3. <https://raseef22.com/en/culture/2017/03/26/staging-war-can-theater-flourish-syria/>. Accessed on 8/16/18.
- Ahelbarra, Ashem. (2016) "Syrian underground theater tells stories of hope." *AlJazeera*, January 1. <https://www.aljazeera.com/news/2016/01/syria-underground-theatre-tells-stories-hope-160101113830445.html>. Accessed 8/17/18.
- Bulos, Nabih. (2018) "Dozens of musicians have fled or been killed. Yet, in war-torn Syria, the orchestra plays on." *Los Angeles Times*, March 23. <http://www.latimes.com/world/middleeast/la-fg-syria-orchestra-20180323-story.html>. Accessed on 8/16/18.
- Caro, Rodrigo. (2018) "Afro Reggae terá centro para formar atletas virtuais." *Valor*, August 13. <https://www.valor.com.br/empresas/5729439/afroreggae-tera-centro-para-formar-atletas-virtuais>. Accessed on 8/19/18.
- Costa, Eliane. (2016) "Entrevista com Marcus Vinícius Faustini." *Z Cultural*, Ano 9 2(1). <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/agir-no-territorio-e-nao-representar-o-territorio-entrevista-com-marcus-vinicius-faustini/>. Accessed on 8/20/18.
- Córdoba, Morrinho, Semanario Universidad. <https://semanariouniversidad.com/pais/projeto-morrinho-un-juego-para-escapar-de-la-muerte-y-la-violencia/>
- CUFA. "Sobre a CUFA." <https://www.cufa.org.br/sobre.php>. Accessed on 8/19/18.
- CUFA. (2017) "MV Bill e Celso Athayde deixam a CUFA." Facebook, 24 de julho. <https://www.facebook.com/cufabr/posts/1679672195378887:0>. Accessed on 8/19/18.
- Dumazedier, Jofre (2000) *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.
- Dunmore, Charlie. (2016) "How art is helping Syrian refugees keep their culture alive." *The Guardian*, March 2. <https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2016/mar/02/art-helping-syrian-refugees-keep-culture-alive>. Accessed on 8/18/18.
- Goldfarb, Alvin. (1976) "Theatrical Activities in Nazi Concentration Camps." *Performing Arts Journal* 1:2 (Fall): 3-11.
- Grupo Cultural AfroReggae. <https://www.afroreggae.org/>. Accessed on 8/18/18.
- Luiz, Bruno. (2018) "De olho no 'potencial estético', Celso Athayde estuda ampliar Favela Holding em Salvador." *Bahia Notícias*, July 27. <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/224769-de-olho-no-potencial-esteticocelso-athayde-estuda-ampliar-favela-holding-em-salvador.html>. Accessed on 8/19/18.
- Manecchini, Guilherme. (2018) "Endividado, AfroReggae busca parceiros para não fechar." *GQ*, 2 de janeiro. <https://gq.globo.com/Prazeres/Poder/noticia/2018/01/endividado-afroreggae-busca-parceiros-para-nao-fechar.html>. Accessed on 8/18/18.



- Marcellino, Nelson Carvalho. (1990) *Lazer e educação*. Campinas: Papirus.
- Projeto Morrinho. <https://www.projetomorrinho.org/>. Accessed on 8/18/18.
- Roberts, Jen. (2013) "The Sociology of Leisure." *Sociopedia.isa*. <http://www.sagepub.net/isa/resources/pdf/Leisure2013.pdf>. Accessed on 8/18/18.
- Roque, Atila. (2000) "A Cultura e Cidadania: a experiência do Afro Reggae." Artigo escrito para o projeto Parcerias, Pobreza e Cidadania da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. <https://www.scribd.com/document/386559332/Atila-Roque-A-Cultura-e-Cidadania-a-experiencia-do-Afro-Reggae>. Accessed on 8/19/18.
- Smith, Jordan. (2015) "Pianist brings hope through music in Syrian war ravaged neighbourhood"
- Vanderwerff, Hans. (2009) "The Holocaust – Lest We Forget – Theatre." <http://www.holocaust-lestweforget.com/theatre.html>. Accessed on 8/16/18.
- Yúdice, George. (2015) "Prácticas culturales y nueva política cultural" & "Acupunturas urbanas ¿cómo curar problemas urbanos con acciones transversales? Em *Segunda Cátedra de Nuevas Políticas Culturales*. Ed. AnaMaría Gómez-Londoño. Bogotá: Secretaría de Cultura, Recreación y Deporte-Alcaldía de Bogotá & Facultad de Artes, Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2015. <http://www.culturarecreacionydeporte.gov.co/sites/default/files/memorias.pdf>. Accessed on 8/21/18.



EL OCIO EN ZONAS DE CONFLICTO

George Yúdice, Universidad de Miami

Parece contraintuitivo pensar que las personas en zonas de conflicto tengan oportunidad o tiempo para participar en actividades de ocio y cultura. El conflicto, sobre todo el conflicto armado, conduce a situaciones en que se suprimen los derechos sociales y culturales de las personas. Para la mayoría de los estudiosos del tema, el ocio se caracteriza por el tiempo libre, es decir, «liberado de las obligaciones profesionales, familiares, políticas y religiosas» (Andrade, 2011: 3). Podríamos pensar que el conflicto —en zonas de guerra o en situaciones de gran suplicio como en el Holocausto— requiere otra obligación: mantener seguros a la familia y a sí mismo, dejando poco tiempo para dedicarse al ocio. Los estudios al respecto indican que el ocio y la cultura también sirven a las importantes funciones de dignificar a las personas atadas a la violencia, hacerles la vida soportable, permitiendo que escapen momentáneamente de las amenazas, o que se resistan a las fuerzas que las imponen, dando lugar a la posibilidad de no ser mero espectador o consumidor, sino también autor y creador. Además, son formas de mantener tradiciones cuando el conflicto las destruye.

Todas estas funciones operaron en las actividades de ocio y cultura en los campos de concentración durante la Segunda Guerra Mundial. Como explica el experto Alvin Goldfarb, en el infierno de los campos, donde se suponía que nadie sobreviviría, el poco tiempo de ocio disponible se dedicaba a juegos y actividades culturales que permitían aguantar, en la medida de lo posible, el horror de los campos. En algunos campos, como Malines en Bélgica, los carceleros permitían que los prisioneros montaran espectáculos o conciertos que podían aprovechar como propaganda que se exhibía «en la prensa belga para calmar temores de judíos que aún se encontraban escondidos y para contener rumores de atrocidades alemanas» (Goldfarb, 1976: 5). Hitler empleó actividades de ocio y deportes como una forma de disciplina, para generar una perfecta máquina nazista de arianos fuertes y sanos. En los campos de concentración, cuyo objetivo era el opuesto —desgastar y eliminar las «razas subhumanas»—, las actividades de ocio, cuando estaban disponibles, se empleaban como una cortina de humo. Pero en muchos casos, los internados organizaban canto comunitario y presentaciones de variedades que no solo servían para aliviar los sentimientos de ansiedad y pánico, sino también para criticar las condiciones en los campos y satirizar a los carceleros. A la vez, tales presentaciones de cabaret eran actos de resistencia y de repudio al Tercer Reich (8). Por cierto, el uso de yiddish en las canciones y actuaciones también era una manera de mantener la tradición, de valorar aquello que los nazis difamaban.

Naturalmente, las pocas imágenes de actividades de ocio en campos de concentración contrastan marcadamente con las abundantes fotografías de cuerpos extenuados y víctimas masacradas en los campos de exterminio. Pero el punto es que los internados de los campos resistieron y trataron de conservar la vida y la cultura por medio de las pocas oportunidades de ocio disponibles para ellos.

Pasemos a considerar un caso actual de violencia, Siria, un país devastado por la guerra desde el 2011. Participar en actividades culturales y de ocio en medio a la guerra podría parecer una insensatez,



pero algunos artistas sienten la necesidad de recurrir al arte para cambiar el ánimo del lugar o para reflexionar acerca de la lucha diaria para sobrevivir. Es el caso de Ayham Ahmad, pianista que compone canciones acerca de las dificultades de la vida en los campos de refugiados en los alrededores de Damasco. Tan fuerte fue su impulso para comunicarse por medio de la música con sus conciudadanos y otros que sufrieron desplazamiento, que incluso después de que le hubieran prohibido tocar en la calle, siguió llegando a su público por Skype (Smith, 2015). Muchos residentes de Damasco van a los teatros y salas de concierto que no han sido destruidos en busca de descanso entre las bombas. Por ejemplo, aunque varios músicos, incluido el coordinador del programa de ópera, se hayan muerto en la guerra, y mitad de los músicos haya huido del país en busca de seguridad, la Orquesta Nacional de Siria en Damasco siguió tocando. Cuando se pensó en suspender la ya reducida temporada de la orquesta, los residentes protestaron diciendo que querían asistir a los conciertos. «Desafiante, la orquesta dio un concierto en enero del 2015, cuando cerca de 150 misiles cayeron en Damasco» (Bulos, 2018).

Algo similar ocurre con el teatro. Un reportaje reciente acerca del teatro en Siria afirma que las piezas se representan «teniendo como telón de fondo el sonido distante de bombardeos sobre las fuerzas de la oposición en los suburbios de Damasco». Según el director Ma'moun al-Khatib, desafíos como la «falta de energía, posibles herimientos causados por fuerzas de oposición en ciertas zonas de la ciudad y la incapacidad de los actores de comprometerse con los ensayos diarios» no lo han hecho desistir (Ali, 2017). Para el actor sirio Yamen Sleiman, el contexto en que el teatro se desarrolla lleva a superar los límites de lo que se puede discutir en una pieza: política, sexualidad, religión, cuestiones económicas y sociales, historia preguerra y, lo más importante, las dificultades de la vida diaria. En Aleppo, los actores invitaron al público a un refugio subterráneo, donde representaron una pieza sobre los sueños de una nación y la esperanza de un futuro mejor. Pero la presentación terminó como un retrato de sirios indefensos que se quedaron solos enfrentando la muerte en casa o enfrentando incertidumbres en el exilio (Alhebarra, 2016).

Está claro que las actividades de ocio y cultura no pondrán fin a la violencia, pero aun así desempeñan funciones importantes en tales contextos. Este es el raciocinio de los artistas en el campo de refugiados de Al Zaatari en Jordania que viene produciendo modelos en escala de los templos y de otras estructuras de patrimonio destruidas durante la guerra en Siria. Ellos ven su arte como un testimonio de lo que está pasando en Siria, así como un medio de recuperar la tradición y conservar la memoria. Es importante tener en mente que ninguna de estas actividades trata de describir esas zonas de conflicto como lugares de deseo vicario o de crear narrativas de éxito. Son, por lo contrario, estrategias de sobrevivencia.

Estos ejemplos iniciales de la mi presentación sirven para contextualizar lo que voy a comentar sobre las prácticas de ocio y cultura en las zonas de conflicto en las favelas de Río y comunidades semejantes en otros lugares. Aunque la cultura y las causas del conflicto sean marcadamente distintas, hay una cosa en común: la violencia y el número de muertes en Siria y en muchas favelas de Río de Janeiro. La población de Siria y del Estado de Río son casi iguales —17 millones— y las muertes resultantes del conflicto también: casi 2200 en el país árabe y casi 1900 en Río, en el 2017. Además de eso, aunque también parezca que la violencia no puede ser eliminada —en algunos contextos, como en Medellín o Bogotá, en Colombia, ha sido reducida— hay muchas iniciativas en Río que emplean el ocio y la cultura para atraer a los jóvenes y así apartarlos de la principal fuente de violencia: el narcotráfico y sus cómplices criminales y de cuello blanco y gris. Sin embargo, como veremos, muchas de



las actividades van más allá de la sobrevivencia y buscan movilizar la potencialidad de los habitantes locales para su propio desarrollo.

Como medio de hacer la transición para Río de Janeiro, donde se concentra gran parte de mi investigación, me gustaría presentar una iniciativa que me recuerda, al menos superficialmente, aquella en que artistas trataron de rescatar el patrimonio sirio haciendo reproducciones de lo que había sido destruido. A finales de los años 90, un niño de catorce años de edad —Cirlan Souza de Oliveira— creó, como pasatiempo, una maqueta de la favela Pereira da Silva, en el barrio Laranjeiras. La diferencia respecto al ejemplo sirio es que el modelo de Cirlan comenzó como un juego de niño, según él, una manera de involucrarse en una actividad distinta de la violencia que afectaba la favela. Cirlan y sus amigos usaron ladrillos, vehículos de juguete, piezas de Lego y otros materiales reciclados para construir una réplica de la favela con personas, vehículos, viviendas coloridas, policiales y criminales. El tamaño del modelo aumentó a lo largo de los años, llegando a ocupar más de 350 m², y se convirtió prácticamente en un lugar de peregrinación para los habitantes de las favelas, otros cariocas y turistas que lo visitan regularmente. En el 2001, los cineastas Fábio Gavião, Marco Oliveira y Francisco Franca se interesaron por la maqueta, realizaron una serie de oficinas audiovisuales y crearon la TV Morrinho, que tiene como foco este barrio que narra su propia historia. El Proyecto Morrinho es conocido en todo Río e incluso le han dedicado un espacio en el Museo de Arte Contemporánea, ha recorrido ciudades en Brasil y en el mundo y ha participado en la Bienal de Venecia, en el 2007. Incorporado como ONG, el Morrinho también desempeña la función de un centro cultural comunitario, cuenta aun con el proyecto Turismo en Morrinho con visitas guiadas a la maqueta y el Morrinho Social, con clases de inglés, fotografía y actividades recreativas con foco en la ciudadanía y arte-educación.

Me enteré del proyecto Morrinho cuando realicé una investigación acerca del audiovisual alternativo en Brasil, en particular el proyecto Vídeo en las Aldeas, en que cineastas indígenas registran su cultura para las futuras generaciones y la explotan en el presente. Troca de Olhares (Intercambio de miradas) fue realizado en el 2009 por Zezinho Yube y Wewito Piyãko, del pueblo Ashaninka, en un intercambio con los habitantes de la favela Pereira da Silva. En este cortometraje, vemos a los dos cineastas, que estuvieron un mes en la favela, siendo presentados a la maqueta y, a continuación, hablando con los habitantes en el espacio social cultural creado para el Morrinho. Como veremos en otros proyectos, las visitas a otras comunidades, además de ser una forma de ocio o de flaneurismo del pobre también son formas de relación y de formación de redes de colaboración, en este caso entre dos comunidades subalternas.

Podría hablar más acerca del Proyecto Morrinho, pero me gustaría describir otros proyectos porque creo que buscan transformar y ofrecer alternativas, por medio de prácticas de ocio y cultura, no solo la situación de extrema violencia, pero transformar el espacio urbano y la vida de los participantes. Comencé a investigar este tema en 1993, cuando presencié los arrastões (robos simultáneos) en la playa del Arpoador en la Zona Sur de Río de Janeiro, y los jóvenes de las favelas fueron culpados y perseguidos por la policía y los medios de comunicación. Se podría decir que buscaban ocio donde solían hacerlo las clases privilegiadas.

El Grupo Cultural Afro Reggae (GCAR) surgió en 1993 justamente para cambiar esas imágenes y la realidad a la cual correspondían. Como varias otras iniciativas ciudadanas, buscaba combatir la violencia que asoló Río de Janeiro a principios de los años 90. En los meses finales de 1992 y nuevamente en el invierno de 1993, los jóvenes de las favelas remotas lanzaron una serie de arrastões que fueron oportunamente sobredramatizados por los medios, llevando pánico a las clases medias. Pero fue la violencia brutal contra los pobres lo que inmediatamente motivó la formación de una «acción ciudad-



ana» conocida como Viva Rio, en especial en reacción a las impactantes masacres, como el de ocho niños de la calle enfrente de la Iglesia de la Candelaria y la de 21 habitantes de la favela Vigário Geral.

La matanza en Vigário Geral proporcionó al coordinador de Afro Reggae, José Júnior, en esa época un DJ de Funk, la misión intervenir en la cultura juvenil usando la música y la danza para atraerlos a actividades en que pudieran desarrollarse en un «nuevo campo ético y moral»; en lugar de reivindicar un campo moral elevado, este buscó instilar el reconocimiento y la afirmación de la belleza y positividad de esos jóvenes (Roque, 2000: 11). Júnior buscó institucionalizar el GCAR como ONG para ampliar las actividades de autoestima cultural para la prestación de servicios sociales. Para hacer eso, este necesitaba apoyo, que recibió de la Fundación Ford, de Viva Río y de otras instituciones. (Entre comillas, el modelo que Júnior desarrolló para AfroReggae entró en crisis cuando perdió financiación del Estado y megacorporaciones como Petrobrás, involucrada en escándalos de corrupción descubiertos por la operación Lava Jato. Por supuesto hay que prestar atención a la manera como se financian el ocio y la cultura en favor de la inclusión social y del empoderamiento, pero la cuestión está más allá del alcance de esta presentación. Basta con decir que Júnior está buscando desarrollar un nuevo modelo operativo para AfroReggae. Él piensa que en el actual clima las ONG sin ánimo de lucro son impracticables [Manecchini, 2018]).

En el apogeo del proyecto, en el 2014, AfroReggae ya se había convertido en una gran «empresa social con más de 75 proyectos y cerca de seis mil miembros tan solo en Río de Janeiro». La iniciativa retiró a niños y jóvenes del crimen y narcotráfico y los presentó a la música, danza, teatro, circo y arte. AfroReggae movilizó y atrajo a los jóvenes mediante movimientos corporales, en particular talleres de percusión y danza afro, método que también se empleó para concienciar a la policía, un proyecto que se desarrolló en alianza con el exsecretario de seguridad de Río y la Universidad, Cândido Mendes. Por medio de dichos talleres, la banda original de AfroReggae, que grabó varios álbumes, ha sido multiplicada por ocho. Como ya se ha mencionado, AfroReggae se convirtió en un megaproyecto, expandiéndose a otras áreas metropolitanas significativas en Brasil, y aumentó su presencia internacional, visitando y trabajando en países como Colombia, Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, China e India.

En el 2010, AfroReggae inauguró en el centro de Vigário Geral el Centro Cultural Waly Salomão, un edificio bien equipado de cuatro plantas, diseñado por el arquitecto Luiz Stein, y que cuenta con estudios musicales, salas de danza y ensayo y ofrece clases gratuitas de danza, música y teatro. Debido a la crisis financiera de la ONG, el Centro fue cerrado en el 2017, pero ha sido reabierto este año y es probable que sea administrado por otra organización como parte de la reestructuración del CGAR. Pese a la crisis, CGAR sigue innovando para incluir a los jóvenes de la periferia. El último proyecto, llamado Afro Games, capacita a jóvenes en juegos electrónicos para disputar torneos profesionales de e-sports en los equipos de AfroReggae (Santos, 2018).

Para concluir esta sección acerca del CGAR, cabe resaltar que el objetivo principal es utilizar las actividades de ocio y cultura como herramientas de transformación social que contribuyen a la reducción de las desigualdades sociales y al combate de los prejuicios (Grupo Cultural AfroReggae).

Río de Janeiro es una hervidura de iniciativas análogas a AfroReggae y todos los coordinadores y funcionarios de esas iniciativas se conocen y frecuentemente trabajan en red. Siguiendo los pasos de los jóvenes que fueron entrenados en estos proyectos, pude conocer otros proyectos, algunos de los cuales investigo para un libro.

Otra ONG que trabaja con jóvenes en situación de riesgo es la Central Única de las Favelas o CUFA. Como AfroReggae, ofrece actividades en las áreas de ocio, educación, deporte, cultura y ciudadanía,



y en particular grafiti, DJ, break, rap, producción audiovisual, básquetbol, literatura y otros proyectos sociales. Además de esas actividades, también ofrece «talleres de capacitación profesional... que elevan la autoestima de la periferia cuando le llevan conocimiento, ofreciéndole nuevas perspectivas» (CUFA). El alcance de CUFA es mayor, con centros en todos los 27 estados de Brasil, y tiene hasta filiales en Argentina, Austria, Bolivia, Chile, Alemania, Haití, Hungría, Italia, España y EUA. CUFA cuenta con una División Audiovisual que ofrece entrenamiento en películas y vídeos para los habitantes de las favelas. Dos de los fundadores de CUFA —Celso Athayde, productor musical, y MV Bill, un conocido rapper que graba con Athayde— también han trabajado juntos en varios libros que presentan las dificultades del día a día en las favelas, sobre todo las de la juventud involucrada en el narcotráfico.

En julio del 2017, MV Bill y Celso Athayde dejaron la dirección de la organización, el primero para dedicarse a proyectos personales; y Athayde, para liderar Favela Holding, que busca promover el emprendimiento y así revolucionar las favelas por medio del «empoderamiento financiero». Es otra manera de apoyar a CUFA: «ayudar a CUFA financieramente y potenciar la mano de obra de las personas de las favelas» (CUFA, 2017). Este nuevo paso de Athayde revela algo muy importante respecto al ocio y a las actividades culturales en las favelas; por sí solas, tales actividades son un primer paso para crear confianza en los jóvenes, pero esa confianza debe ser apoyada financieramente. «Por medio del desarrollo económico, la población de esos lugares tendrá fuerza para definir sus propios caminos, dividir el poder con el asfalto y aumentar su representatividad en los demás campos de la sociedad» (Luiz, 2018). Es importante, aun, considerar que el consumo en las favelas mueve enormes cantidades de dinero y que parte de ese capital podría destinarse a emprendimientos de los habitantes de las comunidades. Volveré a este importante discernimiento tan pronto tenga en cuenta otras iniciativas que ofrecen actividades de ocio y cultura en las favelas.

Fundado por el director de teatro Gutí Fraga en 1986, el Grupo Nós do Morro es una asociación sin ánimo de lucro que ofrece acceso al arte y cultura para niños, jóvenes y adultos en el Morro do Vidigal. Inicialmente, se trató de que la comunidad creara teatro para la comunidad, con piezas que reflejaran la realidad de los habitantes locales como medio de atraer al público desacostumbrado al teatro. A lo largo de los años, el proyecto abandonó el amateurismo y trató de unirse a las hileras de los profesionales del teatro. En 1996, el Teatro de Vidigal fue inaugurado y muchas de sus piezas empezaron a lograr importantes premios, cumpliendo así su intento de obtener legitimidad profesional. Sus actores aparecieron en Ciudad de Deus (Ciudad de Dios), película de Fernando Meirelles, el multidirigido Cinco Vezes Favela Agora por Nós Mesmos (Cinco veces favela ahora por nosotros mismos) y otras películas y programas de televisión. Como en el caso del AfroReggae, esta ONG también busca estrategias para superar a crisis financiera. Como observa la actriz, guionista y directora Luciana Bezerra, que se profesionalizó en Nós do Morro, la crisis pone seriamente en riesgo la posibilidad de ofrecer entrenamiento teatral gratuito en las favelas de Maré.

En el 2007, Eliana Souza Silva lideró el proceso por el cual habitantes y exhabitantes del Complexo da Maré, que se movilizaban desde la década de 1980, instituyeron la ONG Redes da Maré. Su misión es luchar por derechos básicos como salud, ocio, cultura, saneamiento, iluminación pública, seguridad, entre otros. Es una estrategia holística para la ampliación de la subjetividad de los participantes. El proyecto Novos Saberes (Nuevos Saberes), en alianza con el Observatorio de Favelas (dirigido por Jailson de Souza Silva, marido de Eliana), ofrece un curso de posgrado y maestría para alumnos de la enseñanza superior de origen popular en el área de humanidades, a fin de contribuir a la evolución de la multiplicidad de diferentes perfiles socioeconómicos y raciales de los inscritos



en las universidades brasileñas. El proyecto Maré Que Queremos se moviliza para exigir cambios en las políticas públicas de educación, cultura, ocio, transporte público, infraestructura, sustentabilidad ambiental y, ante todo, seguridad. Redes da Maré tiene consciencia de que la movilización para el cambio debe ser multisectorial: el ocio, la educación y la cultura, por ejemplo, dependen de otras áreas para funcionar adecuadamente.

La Fiesta Literaria de las Favelas o la FLUP, una suerte de FLIP de las periferias, ofrece otra actividad más, que no siempre es conceptuada como ocio, a los habitantes de las favelas de Río de Janeiro: la escritura. Ecio Salles, escritor, gestor, y cofundador, ya fue director de comunicación de AfroReggae y luego secretario de cultura del municipio de Nova Iguaçu, un suburbio en la zona oeste de la gran Río de Janeiro. Trabajó con Marcus Faustini, que es fundador de varios importantes proyectos que mencionaré más abajo. Apunto estos detalles porque Ecio es un gran ejemplo de aquellos individuos que conectan diversos proyectos, permitiendo que las redes ofrezcan servicios de ocio y cultura en las periferias de Río de Janeiro. Él y el cofundador, el escritor y periodista Júlio Ludemir, notaron, cuando trabajaban en Nova Iguaçu, que hay un público joven, habitante de las favelas y suburbios de los centros urbanos que no solo deseaba dedicarse a la lectura, sino también narrarse, contar sus historias y exponer sus puntos de vista. Este punto es muy importante y veo que se confirma en muchos otros tipos de actividad de ocio y cultura. Acabo de leer una tesis sobre la formación de grupos de percusión en todo Brasil y en el exterior en que decenas de amantes de música afrodescendientes explican que simplemente asistir a la música no era suficiente para ellos, que su desarrollo personal los llevó a volverse percusionistas en colectivos asociados a los blocos afro de Salvador y Recife.

Con siete ediciones y un festival anual que reúne a escritores de todo el mundo, la multipremiada FLUP ha operado ya en 70 favelas y suburbios. La FLUP trabaja con personas de todas las edades, muchas de ellas llegan a escribir poesías, cuentos y novelas bien acogidos por la crítica, lo que les abre las puertas al mundo de los periódicos, editoriales y productoras de cine. Es importante ver algunos de los escritores que surgieron de la FLUP: Yasmin Thayná, que se volvió cuentista, cineasta y periodista; Rodrigo Santos, autor de la novela Macumba, con derechos para cine disputados por productores; Raquel de Oliveira, jefe del tráfico en la favela Rocinha al final de los años 80 y autora del romance A Número Um (La número uno), cuyos derechos de cine han sido comprados. No todo el mundo se vuelve escritor profesional y famoso, pero muchos como Lindacy Menezes se descubren como sujetos en la escritura.

La FLUP también combina actividades de entretenimiento y ocio con las literarias para niños y jóvenes como forma de mostrar que la escritura es una actividad divertida. La FLUP organiza slams y otros eventos, en que la literatura anda de la mano con el rap, samba, passinho (un baile popular que mezcla varios estilos), grafiti y otras expresiones que hablan a la juventud de la favela y, a la vez, vincula esas expresiones a las tradiciones literarias. Lejos de nivelar la literatura, la FLUP abre un mundo artístico que no estaba disponible a los habitantes de las favelas. En ese sentido, es como los saraos de São Paulo, sobre todo el sarao de Cooperifa. La FLUP también establece alianzas con escuelas para estimular sus clases de literatura. Ya he tenido la oportunidad de ver la FLUP en varias ocasiones, una de las más interesantes en el Parque Biblioteca en el Complexo do Alemão, centro cultural que pertenece al proyecto de Parques Bibliotecas modelado a partir de las famosas Parques Bibliotecas de Medellín, proyecto que reúne a las secretarías municipales de urbanismo, transporte, deporte, cultura ciudadana y educación para ofrecer actividades de ocio y cultura a los habitantes de los morros. Medellín es líder en la elaboración de políticas públicas multisectoriales, asunto que ex-



trapola el alcance de este ensayo, pero que es importante para asegurar derechos. He investigado los casos de Medellín, Bogotá y también de las ciudades fronteras del norte del México, donde la violencia amenaza la vida cotidianamente, pero donde se organizan iniciativas de ocio y cultura similares a las cariocas que describo aquí.

Todas las iniciativas mencionadas hasta ahora tienen creadores visionarios con talento para crear redes de apoyo para sus proyectos. Mi próximo estudio de caso no es uno, sino varios proyectos creados por el dramaturgo y cineasta Marcus Faustini. Su trabajo con jóvenes comenzó con sus oficinas de teatro en el inicio del milenio en Santa Cruz, un barrio de la periferia de Río de Janeiro. Creó la Escuela Libre de Teatro, con foco en la experiencia del territorio, que reveló diferentes subjetividades y no los estereotipos de la periferia predominantes en los medios de comunicación, como malandros, operarios y delincuentes. Faustini cree que tales representaciones obsoletas corresponden a una cultura de la periferia con predilecciones folclóricas y que su transformación proviene de la constatación de lo que se hace, de lo que se vive en el territorio. Faustini pasa a entender que territorio es el espacio-tiempo que los sujetos inventan por medio de sus acciones y, a su vez, el territorio llega a producirlo como sujetos. El territorio se volvió aún más importante para él al entrar en contacto con Jailson da Silva, del ya mencionado Observatorio de las Favelas, y con su trabajo con filmes documentales. Cuando se volvió Secretario de Cultura del municipio de Nova Iguaçu, en el Estado de Río de Janeiro, reorientó las políticas públicas culturales por medio de un criterio territorial y no artístico, porque según él hacer del arte el centro de la política es mantener la desigualdad territorial, ya que se espera que exista el prejuicio de que el arte corresponde a las zonas nobles; y la identidad y cuestiones sociales, a la periferia. Prefirió borrar la barrera que mantienen tal diferencia. Es importante constatar que la idea predominante del arte incluye una barrera al reconocimiento de muchas de las actividades de las personas que viven en las periferias. Para Faustini, como para otros gestores, incluso algunos exdirectores de importantes museos, lo más importante del arte es la potencialidad de transformación y no el glamur del circuito de galerías y bienales con curadores vestidos de negro en ropa de marca en las fiestas de inauguración y retratados en las revistas de lujo, todo eso cerrado en general a las personas de baja renta.

El abordaje territorial de la cultura se ha vuelto un método, un *modus operandi*, que es claramente visible en la Escuela Libre de Cine que él creó en Nova Iguaçu, pero que lamentablemente cerró después de 10 años. Todo el currículo ha sido orientado para comprender e investigar la realidad circundante y reinventar el territorio por medio de imágenes. Según el sitio de la escuela, el objetivo de su entrenamiento audiovisual es capturar imágenes del territorio que revelan el modo de mirar de la comunidad y su lugar en el mundo por medio de la recepción de estímulos de diversas técnicas, implicación con artes visuales, publicaciones periódicas producidas por escritores de las clases populares, literatura, fotografía, imagen, sonido y edición de luz, y todo el universo de la palabra hablada y escrita. En ese ambiente de descubrimiento y experimentación, los alumnos construyen sus imaginarios y hacen uso de tecnologías digitales. Ellos construyen, transforman y exhiben sus universos. Para desarrollar esas narrativas audiovisuales, los estudiantes explotan la ciudad: iglesias, clubes, bomberos y muchos otros lugares son transformados en lugares para investigación, construcción de conocimiento y representación audiovisual. De esta manera, la ELC integra la vida de la ciudad en el trabajo de los alumnos, permitiéndoles concebir nuevos lenguajes audiovisuales propios de esos sujetos.

La ELC no era una réplica de las escuelas formales de cine; era para niños y jóvenes y metodológicamente implicó un abordaje lúdico para la explotación del territorio. El mundo de la escuela atravesó



el mundo del ocio. En ese sentido, ofreció una visión diferente de las actividades de ocio basadas en las representaciones ready-made o ya listas del territorio, como ocurre en los parques temáticos, ya sea de cultivos, campos de concentración o Disney. Hay un elemento inventivo e incluso crítico en el método de Faustini. «El territorio y la fuerza que eso viene tomando están relacionados con esa idea de que los pobres en Brasil no son una sola identidad, son diversos, tienen subjetividades, tiene errancia, no es un bloque como el pueblo del folclore, el pueblo de raíz». (Costa, 2015)

El proyecto más reciente de Faustini es la Agencia de Redes de Juventud. Lleva un paso más allá el objetivo de sus proyectos anteriores. Este objetivo es ayudar a los jóvenes a convertirse en protagonistas de sus propias vidas, ayudarlos a realizar su potencial para transformar sus vidas y los territorios en que viven, valiéndose de sus prácticas estéticas que les permiten inventar, volverse creadores y no solo consumidores. El proyecto también incentiva a los jóvenes a desarrollar redes explotando las conexiones entre el territorio local y la ciudad. Las experiencias que la Agencia promueve toman el deseo de los jóvenes como punto de partida, escuchando lo que les gustaría ser, prestando atención a su manera de ver el mundo, dándoles las herramientas para expresar y organizar sus ideas. La metodología desarrollada en la Agencia se basa en lo que se ha hecho en iniciativas anteriores, descritas más arriba, y abarca teatro, cine, artes visuales, actividades de ocio, activismo, etc. La Agencia busca a jóvenes de la periferia y les concede una beca para que puedan desarrollar sus ideas en interacción con estudiantes universitarios y artistas que actúan como mediadores. Los participantes desarrollan sus ideas en los primeros cuatro meses y, si son seleccionados, reciben un premio monetario como inversión en sus proyectos, que pueden implicar ocio, moda, música, cine, teatro, acción social, trabajo social en sus territorios. Tras recibir el premio de 10 000 reales, la Agencia los ayuda a encontrar aliados con experiencia en toda la ciudad que los apoyen en la realización de sus proyectos. La Agencia opera más bien como un estudio de creación que como un conjunto de talleres de educación y entrenamiento. Los proyectos también son sometidos a prueba por medio de búsquedas en internet acerca de proyectos semejantes, y en reuniones de discusión fuera de sus comunidades inmediatas, para que ellos puedan aprender a circular por la ciudad de una manera diferente y, así, alcanzar el derecho a la ciudad. Lo que permitirá que estos jóvenes favelados sean vistos como personas creativas y no como estereotipos de riesgo de seguridad o como necesitados. Además de eso, la Agencia busca retirar a esos jóvenes del mercado de trabajo sobrecargado y mal remunerado para los pobres. En lugar de eso, la Agencia crea un ambiente en que esos jóvenes experimentan, crean redes que durarán toda la vida y que transformarán sus vidas. El ambiente creado por la Agencia estimula una verdadera diversidad porque, al dar prioridad al trabajo respecto al territorio, en lugar de fortalecer una identidad, reúne a evangélicos, funkeiros, activistas, empresarios, trans, etc. La capacidad de trabajar con esa diversidad también produce las chispas de la innovación.

El proyecto actual de la Agencia es Todo Joven es Río y se dedica a formar liderazgos —los futuros diputados y hasta el alcalde— que van a transformar la ciudad. De noviembre del 2017 a mayo del 2018, 80 casas de jóvenes de regiones populares de la ciudad de Río de Janeiro han abierto sus portas para hacer, pensar y debatir arte y política. En total, 1600 jóvenes pasaron por esas acciones. Cuando uno entra a una casa y ve la bandera del proyecto, significa que allí hay gente ideando el futuro de la ciudad a partir de la periferia.

Actualmente se está reuniendo a jóvenes que han formado equipos, cinco en cada centro cultural en los barrios periféricos de Pavuna, Batan y Santa Cruz. Han preparado proyectos acerca de tres



temas: 1) combatir el acoso en el espacio público, 2) apoyar a jóvenes que abandonaron la enseñanza secundaria y 3) proteger a las madres jóvenes en la periferia. Obsérvese que estas acciones buscan eliminar algunas de las barreras que impiden a algunos jóvenes de disfrutar no solo de ocio, sino también de otras dimensiones importantes de sus vidas. Ellos explican el tema que han elegido, lo que implica, cuál metodología van a utilizar para realizar el proyecto, cuáles aliados van a reclutar y cómo, cuál será el legado de la acción, el cronograma y presupuesto. Los proyectos seleccionados recibirán el presupuesto para llevarse a cabo.

Para concluir esta sección acerca de la Agencia, cabe señalar la realización del Seminario «El valor de la cultura», en el Museo de Arte de Río, donde no profesionales de la economía cultural, sino jóvenes de varias partes de la ciudad hablan, en formato de charlas talks, acerca de la importancia del arte y de la cultura en sus trayectorias. Como se puede ver, la Agencia parecería haberse apartado de las prácticas de ocio y cultura con que Faustini comenzó, pero en realidad, estas prácticas forman parte del fundamento y de lo que vino después. El ocio y la cultura cumplen la misión de la transformación.

El último caso que voy a mencionar es el lugar donde se va a realizar este seminario. El MAR es un espacio en la plaza Mauá en la zona portuaria donde todas las iniciativas mencionadas —y aun otras como El Río de Encuentro y la Universidad de las Quebradas— ya han celebrado reuniones y realizado intercambios. El museo se abre a los vecinos no solo para ver las exposiciones, sino también para dirigir procesos de conversación y para proponer acciones y discutir políticas del museo.

Hay muchas más iniciativas que podría mencionar, incluso las de São Paulo, muchas de ellas reunidas en estos días en el Encuentro Estéticas de las Periferias, pero las descritas en esta presentación son suficientes para hacerse una idea de la orientación de las prácticas de ocio y cultura en zonas de conflicto. Pasemos a las conclusiones, que ya deben de ser evidentes.

CONCLUSIONES ACERCA DE LAS ACTIVIDADES DE OCIO Y CULTURA

1. **Dignifican.** No me extenderé sobre los ejemplos de los campos de concentración de la guerra, salvo para decir que comparten una dignificación de las personas que han sido menospreciadas y cuyos derechos han sido suprimidos.
2. **Empoderan.** Participar en actividades de ocio y cultura no solo como espectadores, pero como actores da un sentido de empoderamiento, que es importante para tomar los próximos pasos a las acciones para el empoderamiento, al menos en varias de las iniciativas en Río y otras ciudades.
3. **Constituyen importantes formas de educación informal.** Los ejemplos de Río demuestran que hay una conexión directa entre las actividades de ocio y cultura y oportunidades para el desarrollo de competencias que permitirán a los jóvenes de la favela tener un futuro mejor. Estas actividades ofrecen una educación informal a veces mejor que las escuelas y otras instituciones formales.
4. **Ofrecen oportunidades que el Estado no ofrece,** pero también sirven para exigir que el Estado cumpla su obligación de garantizar los derechos de los ciudadanos. Los problemas en la favela no se deben tan solo a la violencia del narcotráfico y a la policía corrupta, sino también a la falta de servicios que el Estado debería ofrecer a los ciudadanos. Es en este punto que proyectos



como los descritos anteriormente intervienen para ofrecer oportunidades sin que el Estado se quede con los brazos cruzados. De hecho, muchos de esos proyectos ofrecen actividades de ocio que son el primer eslabón de una cadena de transmisión que lleva al desarrollo personal y profesional.

5. **Pueden crear empleos y conducir a cargos políticos**

6. **Van inventando nuevas formas de mantenerse.** La financiación varía según las condiciones políticas y económicas. El momento actual es difícil, ya que financiadores como Petrobrás han dejado de contribuir con estos proyectos, y gobiernos conservadores, como el de Crivella, se rehúsan a cooperar. Por eso son importantes estos proyectos, como el Favela Holding y la Agencia, que pueden traducir actividades de ocio y cultura en oportunidades de empleo. La Agencia, además de eso, prepara a la juventud para ocupar cargos políticos y promover cambios.
7. **Entran en relaciones intersectoriales** con educación, urbanismo, transporte, seguridad y la protección contra prejuicios religiosos, racistas, sexistas y homofóbicos para garantizar de manera más efectiva el derecho al ocio y a la cultura. El derecho al ocio no puede ser garantizado sin el acceso adecuado a otros derechos. En estudios de política cultural, como en otras áreas, está claro que no se puede lidiar con las cuestiones en una base exclusivamente sectorial (Yúdice 2015). Ocio y cultura forman parte de la vida urbana, y encuentran problemas que abarcan desde servicios básicos hasta transporte, infraestructura, educación, etc. Si uno no tiene agua y electricidad, o un edificio o plaza para realizar actividades, o los medios para desplazarse, o la disponibilidad de mediadores para liderar actividades, entonces resulta difícil realizar tales actividades. Eso es más evidente en las periferias donde faltan tales servicios y, por tanto, en las periferias es donde vemos que el ocio y la cultura están relacionados con todos los aspectos de la vida. Al contar con esta base, se hace posible actuar para transformar la vida y el territorio. En otras palabras, si realmente se desean actividades de ocio y cultura, hay que luchar en otros ámbitos.
8. Constituyen un área ideal para la **formación de mediadores** que conducirán estas actividades intersectoriales —los actores capacitados en estas redes aprenden a negociar en varias frentes, y por eso podrán tener éxito en los emprendimientos y, ojalá, en la política.
9. Al operar en redes, **conectan espacios**, por ejemplo los encuentros en varias partes de la ciudad, que permiten que los actores se conozcan y puedan crear proyectos por medio de las comunidades, **sembrando el territorio con buenas prácticas**.
10. Para que sean efectivas, es necesario **contar con un conocimiento profundo del territorio** y respetar las costumbres de los habitantes, **escucharlos e implicarlos en la elaboración de las políticas y programas**.



BIBLIOGRAFÍA

- Ali, Tareq. (2017) "Staging the War: Can Theater Flourish in Syria?" *Raseef22*, 26/3. <https://raseef22.com/en/culture/2017/03/26/staging-war-can-theater-flourish-syria/>. Consultado el 16 de agosto del 2018.
- Ahelbarra, Ashem. (2016) "Syrian underground theater tells stories of hope." *AlJazeera*, 1 de enero. <https://www.aljazeera.com/news/2016/01/syria-underground-theatre-tells-stories-hope-160101113830445.html>. Consultado el 17 de agosto del 2018.
- Bulos, Nabih. (2018) "Dozens of musicians have fled or been killed. Yet, in war-torn Syria, the orchestra plays on." *Los Angeles Times*, March 23. <http://www.latimes.com/world/middleeast/la-fg-syria-orchestra-20180323-story.html>. Consultado el 16 de agosto del 2018.
- Caro, Rodrigo. (2018) "Afro Reggae terá centro para formar atletas virtuais." *Valor*, 13 de agosto. <https://www.valor.com.br/empresas/5729439/afroreggae-tera-centro-para-formar-atletas-virtuais>. Consultado el 19 de agosto del 2018.
- Costa, Eliane. (2016) "Entrevista com Marcus Vinícius Faustini." *Z Cultural*, Ano 9 2(1). <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/agir-no-territorio-e-nao-representar-o-territorio-entrevista-com-marcus-vinicius-faustini/>. Consultado el 20 de agosto del 2018.
- Córdoba, Morrinho, Semanario Universidad. <https://semanariouniversidad.com/pais/projeto-morrinho-un-juego-para-escapar-de-la-muerte-y-la-violencia/>
- CUFA. "Sobre a CUFA." <https://www.cufa.org.br/sobre.php>. Consultado el 19 de agosto del 2018.
- CUFA. (2017) "MV Bill e Celso Athayde deixam a CUFA." Facebook, 24 de julio. <https://www.facebook.com/cufabr/posts/1679672195378887:0>. Consultado el 19 de agosto del 2018.
- Dumazedier, Jofre (2000) *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.
- Dunmore, Charlie. (2016) "How art is helping Syrian refugees keep their culture alive." *The Guardian*, March 2. <https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2016/mar/02/art-helping-syrian-refugees-keep-culture-alive>. Consultado el 18 de agosto del 2018.
- Goldfarb, Alvin. (1976) "Theatrical Activities in Nazi Concentration Camps." *Performing Arts Journal* 1:2 (Fall): 3-11.
- Grupo Cultural AfroReggae. <https://www.afroreggae.org/>. Consultado el 18 de agosto del 2018.
- Luiz, Bruno. (2018) "De olho no 'potencial estético', Celso Athayde estuda ampliar Favela Holding em Salvador." *Bahia Notícias*, 27 de julio. <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/224769-de-olho-no-potencial-estetico-celso-athayde-estuda-ampliar-favela-holding-em-salvador.html>. Consultado el 19 de agosto del 2018.
- Manecchini, Guilherme. (2018) "Endividado, AfroReggae busca parceiros para não fechar." *GQ*, 2 de enero. <https://gq.globo.com/Prazeres/Poder/noticia/2018/01/endividado-afroreggae-busca-parceiros-para-nao-fechar.html>. Consultado el 18 de agosto del 2018.
- Marcellino, Nelson Carvalho. (1990) *Lazer e educação*. Campinas: Papirus.
- Projeto Morrinho. <https://www.projetomorrinho.org/>. Consultado el 18 de agosto del 2018.
- Roberts, Jen. (2013) "The Sociology of Leisure." *Sociopedia.isa*. <http://www.sagepub.net/isa/resources/pdf/Leisure2013.pdf>. Consultado el 18 de agosto del 2018.



Roque, Atila. (2000) "A Cultura e Cidadania: a experiência do Afro Reggae." Artículo escrito para el proyecto Alianzas, Pobreza y Ciudadanía de la Fundación Getúlio Vargas, São Paulo. <https://www.scribd.com/document/386559332/Atila-Roque-A-Cultura-e-Cidadania-a-experiencia-do-Afro-Reggae>. Consultado el 19 de agosto del 2018.

Smith, Jordan. (2015) "Pianist brings hope through music in Syrian war ravaged neighbourhood"

Vanderwerff, Hans. (2009) "The Holocaust – Lest We Forget – Theatre." <http://www.holocaust-lestweforget.com/theatre.html>. Consultado el 16 de agosto del 2018.

Yúdice, George. (2015) "Prácticas culturales y nueva política cultural" & "Acupunturas urbanas ¿cómo curar problemas urbanos con acciones transversales? Em *Segunda Cátedra de Nuevas Políticas Culturales*. Ed. AnaMaría Gómez-Londoño. Bogotá: Secretaría de Cultura, Recreación y Deporte-Alcaldía de Bogotá & Facultad de Artes, Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2015. <http://www.culturarecreacionydeporte.gov.co/sites/default/files/memorias.pdf>. Consultado el 21 de agosto del 2018



BARREIRAS FÍSICAS NO ACESSO AO LAZER

Jeremy Buzzell
United States National Park Service

O United States National Park System

Fundado há mais de 100 anos, o *United States National Park System* compreende 417 áreas cobrindo mais de 85 milhões de acres em todos os estados e em vários territórios. Essas áreas incluem:

- 129 parques ou sítios históricos;
- 87 monumentos nacionais;
- 60 parques nacionais;
- 25 campos de batalha ou parques militares;
- 19 áreas de preservação ambiental;
- 18 áreas de recreação;
- 10 áreas de preservação costeira, quatro *parkways*;
- 4 margens de lagos; e
- 2 reservas.

Os Parques Nacionais dos Estados Unidos são administrados pelo *National Park Service*, uma organização federal com mais de 20.000 funcionários permanentes, temporários e sazonais, e 300.000 voluntários em 2017. Com um orçamento de quase 3 bilhões de dólares, o propósito fundamental do *National Park Service* “é conservar a paisagem e os elementos naturais e históricos e a vida selvagem em seu interior e proporcionar o usufruto destes de tal maneira e por tais meios de modo a deixá-los intactos para o usufruto das gerações futuras.” O *Park Service* coopera com parceiros para ampliar os benefícios da conservação dos recursos naturais e culturais e da recreação ao ar livre ao redor do país e do mundo. Isso inclui:

- Proteger pelo menos 247 espécies de plantas e animais ameaçados ou em perigo de extinção.
- Preservar mais de 75.000 sítios arqueológicos e cerca de 27.000 edificações históricas e pré-históricas.
- Conservar mais de 167 milhões de itens museológicos.
- Oferecer 18.000 milhas de trilhas.



Em 2017, mais de 330 milhões de pessoas visitaram Parques Nacionais. Não coletamos informações para identificar visitantes com deficiência, mas uma estimativa razoável de visitação por pessoas com deficiências é de 50 milhões, com base na estimativa de 2011 do Banco Mundial e da Organização Mundial de Saúde de que 15% da população vive com algum tipo de deficiência. Além disso, há milhões de pessoas que não atendem às definições legais de “deficiência”, porém enfrentam limitações sensoriais e de mobilidade devido à idade ou a outros fatores. As barreiras físicas têm o potencial de negar ou diminuir a capacidade de milhões de pessoas de desfrutarem das milhares de oportunidades de lazer oferecidas pelos Parques Nacionais.

Obrigações do National Park Service

A missão do *National Park Service* é conservar inalterados os recursos naturais e culturais e os valores do serviço para o proveito, a educação e a inspiração dessa e das futuras gerações. Recursos naturais e culturais muitas vezes têm barreiras inerentes para o proveito por pessoas com deficiência, no entanto. Edificações históricas não foram construídas com as necessidades das pessoas com deficiência em mente e ambientes ao ar livre não podem ser preservados em seu estado natural e serem igualmente modificados para acessibilidade.

Temos a obrigação tanto moral quanto legal de garantir que todos possam desfrutar de oportunidades de lazer. A obrigação moral deriva de nossa missão: os Parques Nacionais estão sendo preservados para todas as pessoas e - como comumente dito pela comunidade das pessoas com deficiências - *todas* quer dizer *todas*.

Nossa obrigação legal é estabelecida pelas:

Lei de Barreiras Arquitetônicas [The Architectural Barriers Act] de 1968, que exige que todos os edifícios e instalações construídos ou reformados integral ou parcialmente com fundos do governo federal sejam acessíveis e possam ser usados por pessoas com deficiências físicas. Essa lei é embasada por padrões que fornecem especificações e medições sobre o que é considerado um ambiente acessível.

Seção 504 da Lei de Reabilitação [Section 504 of The Rehabilitation Act] de 1973, que exige que nenhum indivíduo com deficiência seja excluído da participação, ou lhe sejam negados os benefícios, ou esteja sujeito à discriminação, em qualquer programa ou atividade conduzido pelo governo federal.

Seção 508 da Lei de Reabilitação de 1973, que exige que o governo federal assegure que sua tecnologia de informação e comunicação forneça aos indivíduos com deficiência acesso a, e uso de, dados e informações comparáveis aos disponíveis àqueles sem deficiência. Essa lei é embasada por padrões que fornecem especificações sobre o que é considerado tecnologia acessível de informação e comunicação.

Essas leis não exigem que nós pavimentemos todas as trilhas ou que alteremos o caráter histórico de nossos edifícios. Podemos usar uma miríade de métodos para oferecer oportunidades iguais às pessoas com deficiências de participarem e de se beneficiarem das experiências de lazer oferecidas pelos Parques Nacionais. É muito raro podermos remover comple-



tamente todas as barreiras, mas podemos reduzi-las, trabalhar sobre elas, ou oferecer uma alternativa. As barreiras ao acesso podem ser óbvias e ocultas, internas e externas, físicas e culturais. O que é uma barreira para um indivíduo com deficiência pode não desafiar outro, porque a experiência da deficiência é única para cada um.

Superando barreiras ao acesso

Nos Parques Nacionais, muitas barreiras são inerentes ao ambiente, especialmente quando se trata de áreas externas. Colinas são naturalmente íngremes e trilhas são naturalmente rochosas. Mas, no ambiente construído as barreiras resultam de nossas escolhas e não do terreno. Criamos as barreiras porque não estamos construindo com a acessibilidade em mente desde o início. Projetar um centro de visitação com escadas na entrada frontal e com uma rampa na parte de trás é uma escolha estética baseada na tradição e não na necessidade.

A primeira, e mais óbvia, maneira de remover barreiras ao acesso é não criá-las em primeiro lugar. Fazer certo na primeira vez é mais rentável do que refazer mais tarde, e abre de imediato o local para todos os visitantes. O *National Park Service* é obrigado por lei a seguir os padrões de acessibilidade para todas as novas construções. Esses padrões são o nível mínimo de acessibilidade que podemos fornecer no ambiente construído, portanto, as políticas internas do *Park Service* esperam que apliquemos ao máximo os princípios do Design Universal às novas construções. Embora seja lícito prover uma entrada separada com rampa para um novo prédio, que mensagem sobre inclusão isso passa aos visitantes com deficiências e suas famílias? Idealmente, projetamos um novo prédio sem rampa alguma, onde todos os visitantes entrem e saiam pela mesma porta.

Antecipar o futuro é também uma consideração importante para evitar novas barreiras. Frequentemente, temos a oportunidade de construir coisas novas em sítios antigos, como um novo banheiro no final de uma trilha antiga ou um museu reconstruído em um antigo sítio agrícola. Esses novos edifícios podem estar cercados por recursos inacessíveis que não estão sendo reconstruídos - talvez o novo museu no sítio agrícola só possa ser acessado por uma estrada de terra. Ainda assim, devemos construir para a acessibilidade porque um dia essa estrada pode estar pavimentada e, mesmo que não esteja, há vários usuários de cadeira de rodas que ainda podem chegar ao museu. Nós temos sido reconhecidos por construir banheiros acessíveis no topo de montanhas, pois precisamos acreditar em possibilidades, e não em limites.

Prevenir barreiras durante novas construções ou renovações não enfrentará todas as barreiras. As barreiras podem se manter por décadas se esperarmos que os prédios sejam substituídos, e outras jamais serão removidas porque elas são o resultado de características naturais ou são parte do tecido histórico de um local que estamos preservando. Nessas situações, não há uma maneira padrão para remover uma barreira. Cada solução encaixa-se em um contexto único e deve ser individualizada. Há também mais barreiras do que o tempo e a verba nos permitem enfrentar imediatamente. Remover essas barreiras requer um processo cuidadoso para assegurar que as soluções sejam igualmente apropriadas e duradouras.



Priorize

É muito raro que um Parque Nacional tenha apenas uma barreira a ser superada. Geralmente, há uma série de barreiras de todos os tipos diferentes em muitos ambientes diferentes. Com tempo e recursos limitados, precisamos fazer escolhas sobre quais barreiras focar.

Começamos nossa priorização observando o tipo de barreira: perigosa, proibitiva e restritiva.

Perigosa - Essas barreiras impedem a participação devido a condições que não são seguras. Por exemplo, rampas muito íngremes ou que não possuem corrimão, fazendo com que os usuários de cadeiras de rodas movam-se muito rápido; orlas e docas sem proteção nas margens resultando em risco de queda; objetos salientes contra os quais aqueles que são cegos podem chocar-se.

Proibitivo - Essas barreiras impedem a participação porque bloqueiam caminhos de trânsito, cobrem ângulos de visão ou apresentam outros desafios semelhantes. Por exemplo, calçadas sem rebaixamento no meio-fio; portas estreitas demais para se entrar em uma cadeira de rodas; escadarias; cercas e muros que bloqueiam a visão para aqueles que não podem ficar de pé.

Restritivas - Essas barreiras não impedem completamente a participação, mas a tornam difícil o bastante para que a experiência não possa ser desfrutada plenamente. Por exemplo, longas distâncias dos estacionamentos às atrações que geram cansaço; recursos de acessibilidade que estão localizados em outro lugar e as pessoas com deficiências são segregadas das demais; exposições interativas que estão fora de alcance de modo que uma pessoa em uma cadeira de rodas possa apenas vê-las, mas não tocá-las.

As barreiras perigosas precisam ser removidas primeiro, seguidas pelas barreiras proibitivas. Embora as barreiras restritivas possam não parecer “críticas”, qualquer experiência que crie inconveniência é um impedimento para o retorno de um visitante ou é um estímulo para uma reclamação do cliente.

Em seguida, priorizamos “necessidades *versus* vontades.” O que um visitante com deficiência *quer* fazer em um Parque Nacional e o que ele *precisa* fazer quando estiver lá? Eles *querem* ver o Grand Canyon, mas eles *precisam* estar aptos a estacionar o carro, a usar o banheiro e a obter água. Da mesma forma, uma área de acampamento acessível é de pouca utilidade sem um banheiro e um chuveiro acessíveis por perto. Pensar holisticamente é essencial para que a remoção da barreira seja eficaz. A acessibilidade dos serviços de apoio disponíveis no local é tão importante, se não mais importante, do que a acessibilidade da atração principal do local.

Finalmente, é importante conhecer nossos visitantes para priorizar os locais em que removemos as barreiras. Se a maioria dos visitantes de uma *National Lakeshore* passa seu dia em uma determinada praia, então não faz sentido tornar uma praia diferente a dez milhas de distância a única praia acessível, mesmo que seja o lugar mais prático ou mais barato para fazê-lo. As pessoas com deficiências querem a mesma experiência, e o que quer que esteja atraindo a multidão para um local atrairá as pessoas com deficiências da mesma forma.



Precisamos entender por que as pessoas com e sem deficiências chegam aos nossos sítios e o que eles querem experienciar lá. É por isso que uma parte essencial da priorização é o envolvimento da comunidade dos portadores de deficiência. Recomendamos o desenvolvimento de parcerias com organizações que representam a comunidade dos portadores de deficiência, para que eles possam visitar o local e fornecer recomendações para a priorização dos esforços de acessibilidade.

Conheça os seus recursos

Estamos um passo mais próximos de encontrar soluções quando sabemos aonde concentrar nossos esforços. No entanto, encontrar as soluções certas começa com a identificação do problema certo e o conhecimento dos limites das soluções decorrentes.

Muitas vezes, tentamos remover as barreiras erradas, porque escolhemos as barreiras mais fáceis de remover ou porque identificamos incorretamente a barreira. Por exemplo, temos muitos sítios históricos com vários edifícios nos quais os visitantes podem entrar. Um erro comum é construir rampas nas portas dos edifícios que são mais fáceis, em vez de naqueles de maior interesse para o público. Talvez tivesse sido melhor gastar tempo e dinheiro para tornar acessível um prédio mais desafiador, porque ele é de maior interesse, em vez de tornar acessíveis três prédios menos interessantes, porém mais fáceis.

Isso ilustra novamente por que é importante envolver a comunidade dos portadores de deficiência na tomada de decisões. Eles podem identificar as verdadeiras barreiras e os resultados desejados para influenciar as melhores soluções.

Isso não significa que a solução preferida para pessoas com deficiências seja a melhor solução. Nossos Parques Nacionais estão repletos de edifícios antigos, monumentos, campos de batalha, sítios arqueológicos e recursos naturais que não podem ser destruídos e reconstruídos para fins de acessibilidade. As pessoas com deficiência querem experienciar nossos recursos como todas as outras, então alterá-los para além do reconhecimento em nome da acessibilidade serve a ninguém. Precisamos atingir um equilíbrio entre criar acessibilidade e preservar o recurso com integridade. A instalação de uma passarela pode ser a melhor maneira de tornar acessível um bosque, mas não se as colunas que sustentam a passarela desfizerem a área de nidificação de uma espécie de ave única ou afetarem objetos antigos. Em outros casos, a instalação de uma passarela é a melhor maneira de preservar a vegetação subjacente e impedir as pessoas de vagarem em áreas proibidas de um sítio selvagem.

Portanto, as soluções não podem ser desenvolvidas do nada por especialistas em acessibilidade ou por especialistas em preservação de recursos. Parcerias e compromissos entre especialistas no assunto devem produzir a solução que proporcione a quantidade máxima tanto de acessibilidade quanto de preservação de recursos.



Encontre soluções

Obviamente, encontrar soluções que não sejam inviáveis economicamente e que, ao mesmo tempo, aumentem a acessibilidade e preservem recursos é mais fácil de dizer do que de fazer. Não há “fórmula” para fazer isso, pois cada situação insere-se em um contexto único. Um bom ponto de partida para qualquer solução de acessibilidade é aplicar os princípios do Design Universal. O Design Universal é tanto uma arte quanto uma ciência, e requer o conhecimento de um tema que pode não estar prontamente disponível. Então, a seguir, algumas considerações gerais para toda remoção de barreiras:

Entenda seu propósito. Fornecer acessibilidade que não atenda à necessidade relativa a seu visitante não é de modo algum acessibilidade. Você precisa considerar por que você está tentando tornar o recurso acessível, pois isso deve orientar sua solução. Por exemplo, providenciar um balcão mais baixo em um espaço de vendas torna esse espaço mais acessível para pessoas em cadeiras de rodas... a menos que todas as transações ocorram na outra extremidade do balcão.

Envolva a comunidade de portadores de deficiência. Isso já foi dito duas vezes, mas o ponto não pode ser enfatizado o bastante. O mantra da comunidade das pessoas com deficiência é “Nada sobre nós sem nós”, logo, soluções eficazes não podem ser encontradas sem a contribuição deles. Além disso, você precisa de ampla representação da comunidade de portadores de deficiências para que você não desenvolva uma solução que funcione para um grupo, mas não para outro.

Comece pelo simples. Muito frequentemente, começamos com soluções para problemas que são desnecessariamente complexas. Soluções simples não são apenas mais baratas, elas geralmente perduram e são mais fáceis para o usuário final. Por exemplo, em um local histórico, uma porta era muito estreita para que cadeiras de rodas entrassem no prédio. Um plano para ampliar a porta foi discutido e descartado porque mudaria o caráter histórico do edifício, envolveria o corte em paredes estruturais e custaria muito caro. Mas tudo o que era preciso eram dobradiças diferentes para que a porta pudesse abrir mais.

Seja criativo. Infelizmente, soluções simples não funcionarão sempre. A melhor coisa a se fazer em seguida é uma solução criativa, em vez de uma solução complexa. Em um dos Parques Nacionais, o acesso ao segundo andar era limitado a escadas, devido ao caráter histórico do edifício. Um elevador não poderia ser instalado na casa, então foi adicionado um do lado de fora, que levava a um *deck* que dava acesso direto ao segundo andar através de uma porta existente no andar de cima.

Superar as barreiras físicas nem sempre envolve construir ou destruir algo; às vezes tudo o que é preciso é uma mudança na forma como você faz as coisas. Por exemplo, em um forte de um Parque Nacional, o elevador estava quebrando constantemente, impedindo o acesso ao segundo andar onde ficava a loja de presentes. Em vez de substituir o elevador com uma grande despesa, o parque pode mover a loja de presentes para uma locação no primeiro andar.

Considere a sustentabilidade. Uma solução que não dura não é de modo algum uma solução. Máquinas complexas que precisam de manutenção frequente ou materiais que degradam-se rapidamente não são rentáveis e, eventualmente, a barreira retorna. Da mesma forma, soluções que estejam sujeitas a vandalismo e roubo podem não ser sustentáveis.



Fornecer cadeiras de rodas de praia em um local pode ser uma solução viável para acessar uma praia, a menos que as cadeiras de rodas não possam ser monitoradas e sejam roubadas. Uma solução diferente, como uma esteira que passa sobre a areia, pode durar por mais tempo.

Integre. As soluções de acessibilidade não precisam estar escondidas, mas devem parecer naturais ao ambiente. Isso não só preserva a estética para todos os visitantes, mas preserva a dignidade das pessoas com deficiência, por integrar a acessibilidade à experiência como um todo.

Aproveite a tecnologia. Quando tudo mais falha, a tecnologia pode fornecer acessibilidade quando não podemos superar as barreiras físicas. Por exemplo, passeios de realidade virtual fornecidos em *iPads*, câmeras ao vivo ou reproduções detalhadas para dimensionar podem dar acesso limitado a locais inacessíveis. Uma alternativa à experiência “real” deve sempre ser o último recurso, no entanto.

Conclusão

A superação das barreiras físicas requer colaboração, recursos e criatividade - mas essas barreiras não são as mais desencorajadoras. A maior barreira à participação no lazer para pessoas com deficiências começa antes que um indivíduo entre em um Parque Nacional. Começa quando uma pessoa com deficiência sequer pensa em visitar um Parque Nacional, pois trilhas, praias, *campings*, campos de batalha e outros locais ao ar livre são percebidos como lugares aos quais ela não pertence. Portanto, as pessoas com deficiência decidem não visitar.

A falta de visitação por pessoas com deficiências resulta em uma barreira atitudinal por parte dos funcionários. É mais difícil justificar o investimento em acessibilidade quando os recursos acessíveis parecem ser subutilizados. Ademais, a falta de interação frequente com pessoas com deficiências significa que os funcionários não desenvolvem as habilidades para prestar assistência e informações que os visitantes possam precisar para participar e se beneficiar.

Essa barreira atitudinal pode ser superada tecendo a acessibilidade no tecido do que fazemos, em vez de tratá-la como um extra ou uma reflexão *a posteriori*. Inserir a acessibilidade ao longo de nossos ambientes não é apenas eficaz financeiramente, ela também beneficia todos os visitantes. Design acessível é simplesmente bom design. Rampas beneficiam pais com carrinhos de bebê e viajantes com bagagem, tanto quanto elas beneficiam pessoas com deficiências. Modelos táteis são oportunidades de aprendizado para pessoas cegas e despertam o interesse das crianças. Transmitir informações através de imagens ajuda tanto indivíduos com deficiências cognitivas quanto aqueles que não falam a língua.

Na realidade, as barreiras no ambiente são manifestações físicas de nossas barreiras mentais e culturais. Essas barreiras mentais e culturais criam um ciclo: as pessoas com deficiência não visitam, o que significa que os recursos acessíveis não são usados, o que resulta em menos investimento em acessibilidade, o que significa que as pessoas com deficiências não visitam. Os dirigentes de instituições culturais e provedores de oportunidades de lazer têm a responsabilidade de quebrar esse ciclo construindo, restaurando e preservando espaços onde as pessoas com deficiências sintam que são não só bem-vindas, mas pertencentes.



PHYSICAL BARRIERS TO ACCESS OF LEISURE

Jeremy Buzzell

United States National Park Service

The United States National Park System

Founded more than 100 years ago, the United States National Park System includes 417 areas covering more than 85 million acres in every state and several territories. These areas include:

- 129 historical parks or sites;
- 87 national monuments;
- 60 national parks;
- 25 battlefields or military parks;
- 19 preserves;
- 18 recreation areas;
- 10 seashores, four parkways;
- 4 lakeshores; and
- 2 reserves.

America's National Parks are administered by the National Park Service, a Federal organization with more than 20,000 permanent, temporary, and seasonal employees and 300,000 volunteers in 2017. With a budget of close to \$3 billion, the fundamental purpose of the National Park Service "is to conserve the scenery and the natural and historic objects and the wild life therein and to provide for the enjoyment of the same in such manner and by such means as will leave them unimpaired for the enjoyment of future generations." The Park Service cooperates with partners to extend the benefits of natural and cultural resource conservation and outdoor recreation throughout this country and the world. This includes:

- *Protecting at least 247 species of threatened or endangered plants and animals.*
- *Preserving more than 75,000 archeological sites and nearly 27,000 historic and prehistoric structures.*
- *Storing more than 167 million museum items.*
- *Offering 18,000 miles of trails.*

In 2017, more than 330 million people visited National Parks. We do not collect information to identify visitors with disabilities, but a reasonable estimate of visitation by those with disabilities is 50 million based on the World Bank/World Health Organization's 2011 estimation that 15% of the population lives with some form of disability. Additionally, there are millions of people who do not meet legal definitions of disability yet face mobility and sensory limitations due to age or other factors. Physical barriers have the potential to deny or diminish the ability of millions of people to enjoy the thousands of leisure opportunities offered by National Parks.



Obligations of the National Park Service

The mission of the National Park Service is to preserve unimpaired the natural and cultural resources and values of the National Park System for the enjoyment, education, and inspiration of this and future generations. Natural and cultural resources often have inherent barriers to enjoyment for people with disabilities, however. Historic structures were not built with the needs of people with disabilities in mind and outdoor settings cannot be preserved in their natural state while also being modified for accessibility.

We have both a moral and legal obligation to ensure that everyone can enjoy leisure opportunities. The moral obligation stems from our mission: National Parks are being preserved for all people, and -- as commonly said by the disability community -- all means all.

Our legal obligation is established by:

The Architectural Barriers Act of 1968 which requires all buildings and facilities built or renovated in whole or in part with Federal government funds to be accessible to, and usable by, individuals with physical disabilities. This law is supported by standards that provide specifications and measurements for what is considered an accessible environment.

Section 504 of The Rehabilitation Act of 1973 which requires that no individual with a disability be excluded from participation in, be denied the benefits of, or be subject to discrimination under any program or activity conducted by the Federal government.

Section 508 of The Rehabilitation Act of 1973 which requires that the Federal government ensure that its information and communication technology provides individuals with disabilities with comparable access to and use of data and information available to those without disabilities. This law is supported by standards that provide specifications for what is considered accessible information and communication technology.

These laws do not require that we pave over every trail or that we change the historic character of our buildings, however. We can use a myriad of methods to provide an equal opportunity for people with disabilities to participate in and benefit from the leisure experiences offered by National Parks. It is very rare that we are able to completely remove every barrier, but we can reduce them, work around them, or provide an alternative. Barriers to access can be obvious and hidden, internal and external, physical and cultural. What is a barrier to one individual with a disability may not challenge another, because the experience of disability is unique for everyone.

Overcoming Barriers to Access

At National Parks, many barriers are inherent to the environment, especially when it comes to the outdoors. Hills are naturally steep and trails are naturally rocky. But in the built environment, the barriers result from our choices rather than the terrain. We create the barriers because we are not building with accessibility in mind from the beginning. Designing a visitor's center with stairs at the front entrance and a ramp at the back is an aesthetic choice based on tradition rather than necessity.

The first, and most obvious, way to remove barriers to access is to not create them in the first place. Doing it right the first time is more cost effective than doing it over later and instantly opens the site up to all visitors. The National Park Service is required by law to follow accessibility standards



for all new construction. These standards are the minimum level of accessibility we can provide in the built environment, so the Park Service's internal policies expect that we apply the principles of Universal Design to new construction to the greatest degree possible. While it is legal for us to provide a separate, ramped entrance to a new building, what message does that send to visitors with disabilities and their families about inclusion? Ideally, we design a new building with no ramp at all, where every visitor comes in and out of the same doorway.

Anticipating the future is an important consideration for avoiding new barriers, as well. We often have the opportunity to build new things in old sites, like a new bathroom at the end of an old trail or a reconstructed museum on an old agriculture site. These new buildings might be surrounded by inaccessible features that are not being reconstructed -- maybe the new museum at the agriculture site can only be approached by a dirt road. Even then, we should build for accessibility because some day that road may be paved, and even if it is not, there are plenty of wheelchair users who can still make it to the museum. We've been known to build accessible bathrooms on top of mountains because we need to believe in possibilities rather than limits.

Preventing barriers during new construction or through renovation will not address every barrier. Barriers may linger for decades if we wait for buildings to be replaced, and others will never be removed because they are the result of natural features or are part of the historic fabric of a site we are preserving. In these situations, that is no standard way to remove a barrier. Every solution fits into a unique context and has to be individualized. There are also more barriers than time and funding permit us to address immediately. Removing these barriers requires a thoughtful process to ensure that the solutions are both appropriate and enduring.

Prioritize

It is very rare that a National Park has a single barrier to overcome. Usually, there are a series of barriers of all different kinds in many different environments. With limited resources and time, we must make choices about which barriers to focus on.

We start our prioritization by looking at the type of barrier: dangerous, prohibitive, and restrictive.

Dangerous – These barriers prevent participation because of unsafe conditions. For example, ramps that are too steep or don't have railings resulting in wheelchair users going too fast; boardwalks and docks without edge protection resulting in the chance of falling off; protruding objects that those who are blind might walk into.

Prohibitive – These barriers prevent participation because they block paths of travel, cover sight lines, or present other similar challenges. For example, sidewalks without curb cuts; doors that are too narrow to enter in a wheelchair; staircases; fences and walls that block views for those who cannot stand.

Restrictive – These barriers do not completely prevent participation, but they make participation difficult enough that the experience cannot be fully enjoyed. For example, long distances from parking lots to attractions that create fatigue; accessibility features are located somewhere that people with disabilities are separated from others; interactive exhibits that are out of reach so that a person in a wheelchair can only see but not touch them.



Dangerous barriers need to be removed first, followed by prohibitive barriers. While restrictive barriers may not seem “critical,” any experience that creates inconvenience is a deterrent to a visitor returning or is fodder for a customer complaint.

Next, we prioritize “needs versus wants.” What does a visitor with a disability want to do at a National Park site and what do they need to do when they are there? They want to see the Grand Canyon, but they need to be able to park their car, use the bathroom, and get water. Similarly, an accessible campsite is of little use without an accessible bathroom and shower nearby. Thinking holistically is essential for barrier removal to be effective. The accessibility of the support services available at the site are just as important, if not more important, than the accessibility of the site’s main attraction.

Finally, it is important to know our visitors in order to prioritize the sites where we remove barriers. If the majority of visitors to a National Lakeshore spend their day at a certain beach, then it does not make sense to make a different beach ten miles away the only accessible beach, even if it is the more practical or less expensive place to do it. People with disabilities want the same experience, and whatever is drawing the crowd to one location will draw people with disabilities the same.

We need to understand why people with and without disabilities come to our sites and what they want to experience there. That is why an essential part of prioritization is involving the disability community. We recommend developing partnerships with organizations that represent the disability community so they can visit the site and provide recommendations for prioritizing accessibility efforts.

Know Your Resource

We are one step closer to finding solutions when we know where to focus our efforts. However, finding the right solutions starts with identifying the right problem and knowing the limits of solutions up front.

We often try to remove the wrong barriers, either because we pick the barriers that are easiest to remove or identify the barrier incorrectly. For example, we have many historic sites with multiple buildings that visitors can enter. A common mistake is building ramps through the doors of the buildings that are the easiest, rather than the ones of most interest to the public. It may have been better to go through the time and expense of making one more challenging building accessible because it is of high interest rather than making three less interesting but easy buildings accessible.

This again illustrates why it is important to involve the disability community in decision making. They can identify the true barriers and the desired outcomes to influence the best solutions.

This does not mean that the preferred solution for individuals with disabilities is the best solution. Our National Parks are full of old buildings, monuments, battlefields, archeological sites and natural resources that cannot be razed and rebuilt for accessibility. People with disabilities want to experience our resources just like everyone else, so changing them beyond recognition in the name of accessibility serves no one. We must strike a balance between creating accessibility and preserving the resource with integrity. Installing a boardwalk might be the best way to make a grove of trees accessible, but not if the posts supporting that boardwalk disrupt the nesting area of a unique bird species or disturb ancient artifacts. In other instances, installing a boardwalk is the best way to preserve the underlying vegetation and keep people from wandering into off-limits areas of a wilderness site.



Therefore, solutions cannot be developed in a vacuum by accessibility experts or by experts in resource preservation. Partnerships and compromise between subject matter experts should yield the solution that provides both the maximum amount of accessibility and resource preservation.

Find Solutions

Of course, finding solutions that are not cost prohibitive while increasing accessibility and preserving resources is easier said than done. There is no “formula” for doing this, because each situation sits within a unique context. A good starting place for any accessibility solution is to apply the principles of Universal Design. Universal design is as much art as it is science, and requires subject matter expertise that might not be readily available. So the following are some general considerations for every barrier removal:

Understand your purpose. *Providing accessibility that does not serve the intended need of your visitor is not accessibility at all. You need to consider why you are trying to make the feature accessible because that should drive your solution. For example, providing a lower counter in a retail space makes that space more accessible for people in wheelchairs . . . unless all of the transactions take place at the other end of the counter.*

Involve the disability community. *This has been stated twice already, but the point cannot be emphasized enough. The mantra of the disability community is “Nothing about us without us,” so effective solutions cannot be found without their input. Additionally, you need broad representation from the disability community so you do not develop a solution that works for one group but not for another.*

Start simple. *Too often, we start with solutions to problems that are unnecessarily complex. Simple solutions are not only less expensive, they generally endure and are easier for the end user. For example, at one historic site a door was too narrow for wheelchairs to enter the building. A plan to widen the doorway was discussed and dismissed because it would change the historic character of the building, involved cutting into load bearing walls, and cost too much. But all that was needed were different hinges so the door could swing wider.*

Be creative. *Unfortunately, simple solutions won’t always work. The next best thing is a creative solution, rather than a complex solution. At one National Park site, access to the second floor was limited to stairs because of the historic character of the building. An elevator could not be installed in the home, so a lift was added outside the home leading to a deck that provided direct access to the second floor through an existing upstairs door.*

Overcoming physical barriers does not always involve building something up or tearing something down; sometimes all it takes is a change in the way you do things. For example, at one National Park fort, the elevator was constantly breaking down, denying access to the second floor where the gift shop was. Rather than replace the elevator at great expense, the park can move the gift shop to a location on the first floor.

Consider sustainability. *A solution that doesn’t last is no solution at all. Complex machinery that needs frequent maintenance or materials that degrade quickly are not cost effective and eventually the barrier returns. Similarly, solutions that are subject to vandalism and theft may not*



be sustainable. Providing beach wheelchairs at a site might be a viable solution to access a beach, unless the wheelchairs can't be monitored and are stolen. A different solution, like a mat that goes over the sand, may last longer.

Blend in. *Accessibility solutions don't need to be hidden, but they should look natural to the environment. This not only preserves the aesthetic for all visitors, but preserves the dignity of people with disabilities by integrating accessibility into the overall experience.*

Leverage technology. *When all else fails, technology can provide accessibility when we cannot overcome physical barriers. For example, virtual reality tours provided on iPads, live feed cameras, or detailed reproductions to scale can give limited access to inaccessible places. An alternative to the "real" experience should always be the last resort, however.*

Conclusion

Overcoming physical barriers requires collaboration, resources, and creativity – but these barriers are not the most daunting. The greatest barrier to participation in leisure for people with disabilities starts before an individual enters a National Park. It starts when a person with a disability doesn't even consider visiting a National Park because trails, beaches, campgrounds, battlefields, and other outdoor sites are perceived as places they don't belong. Therefore, people with disabilities choose not to visit. A lack of visitation by people with disabilities results in an attitudinal barrier on the part of staff. It is harder to justify investing in accessibility when accessible features appear to be underutilized. Further, a lack of frequent interaction with people with disabilities means that staff don't develop the skills to provide assistance and information that visitors may need to participate and benefit.

This attitudinal barrier can be overcome by weaving accessibility into the fabric of what we do, rather than treating it as an extra or an afterthought. Threading accessibility through our environments is not only cost effective, it also benefits all visitors. Accessible design is simply good design. Ramps benefit parents with strollers and travelers with luggage as much as they do individuals with disabilities. Tactile models are learning opportunities for people who are blind and pique the interest of children. Conveying information through pictures helps both individuals with cognitive disabilities and those who don't speak the language.

In reality, barriers in the environment are physical manifestations of our mental and cultural barriers. These mental and cultural barriers create a cycle: People with disabilities don't visit, which means accessible features aren't used, which results in less investment in accessibility, which means people with disabilities don't visit. Leaders of cultural institutions and providers of leisure opportunities have the responsibility to break this cycle by building, restoring, and maintaining spaces where people with disabilities feel that they are not just welcome but that they belong.



BARRERAS FÍSICAS AL ACCESO AL OCIO

Jeremy Buzzell

Servicio de Parques Nacionales de Estados Unidos

El Sistema de Parques Nacionales de Estados Unidos

Fundado hace más de 100 años, el Sistema de Parques Nacionales de Estados Unidos incluye 417 áreas que cubren más de 85 millones acres en cada estado y varios territorios. Estas áreas incluyen:

- *129 parques o sitios históricos;*
- *87 monumentos nacionales;*
- *60 parques nacionales;*
- *25 campos de batalla o parques militares;*
- *19 conservación;*
- *18 áreas de recreación;*
- *10 costas, cuatro autopistas;*
- *4 orilla; y*
- *2 reserva.*

Parques Nacionales de Estados Unidos son administrados por el Servicio de Parques Nacionales, una organización Federal con más de 20.000 empleados permanentes, temporales, y de estación y 300.000 voluntarios en 2017. Con un presupuesto de cerca de \$3 mil millones, el propósito fundamental del Servicio de Parques Nacionales "es conservar el paisaje y los objetos naturales e históricos y la vida silvestre en él y proporcionar el disfrute de los mismos de tal manera y por los medios que los dejarán intactos para el disfrute de generaciones futuras". El Servicio del Parque coopera con los socios para ampliar los beneficios de los recursos de conservación natural y cultural y recreación al aire libre en todo el país y en el mundo. Esto incluye:

- *Protegiendo al menos 247 especies de plantas y animales que están amenazados o en peligro de extinción.*
- *Preservando más de 75.000 sitios arqueológicos y cerca de 27.000 estructuras históricas y prehistóricas.*
- *Almacenamiento de más de 167 millones de artículos de Museo.*
- *Ofreciendo 18.000 millas de pistas.*

En 2017, más de 330 millones de personas visitaron los Parques Nacionales. No recopilamos la información para identificar a los visitantes con discapacidades, pero una estimación razonable de la visitación por parte de aquellos con discapacidades es de 50 millones, basada en la estimación de 2011 del Banco Mundial/Organización Mundial de la Salud de que el 15% de la población vive con alguna forma de discapacidad.



Además, hay millones de personas que no cumplen con las definiciones legales de discapacidad, pero que enfrentan la movilidad y las limitaciones sensoriales debido a la edad u otros factores. Las barreras físicas tienen el potencial de negar o disminuir la capacidad de millones de personas para disfrutar de las miles de oportunidades de ocio que ofrecen los Parques Nacionales.

Obligaciones del Servicio de Parques Nacionales

La misión del Servicio de Parques Nacionales es preservar intactos los recursos naturales y culturales y los valores del Sistema de Parques Nacionales para el disfrute, la educación, y la inspiración de esta y futuras generaciones. Sin embargo, los recursos naturales y los culturales a menudo tienen barreras inherentes al disfrute para las personas con discapacidades. Las estructuras históricas no se construyeron con las necesidades de las personas con discapacidades en mente y los entornos exteriores no se pueden preservar en su estado natural al mismo tiempo que se modifican para su accesibilidad.

Tenemos la obligación moral y legal de garantizar que todos puedan disfrutar de las oportunidades de ocio. La obligación moral proviene de nuestra misión: los Parques Nacionales están siendo preservados para todas las personas, y -- como suele decir la comunidad de discapacidades -- todos los medios.

Nuestra obligación legal está establecida por:

La Ley de Barreras Arquitectónicas de 1968 que requiere que todos los edificios y las instalaciones construidas o restauradas en su totalidad o en parte con los fondos del gobierno Federal sean accesibles, y sean usables por individuos con discapacidades físicas. Esta ley está respaldada por normas que proporcionan especificaciones y mediciones para lo que se considera un entorno accesible.

La Sección 504 de la Ley de Rehabilitación de 1973 requiere que ninguna persona con una discapacidad sea excluida de la participación en, que se le nieguen los beneficios, o esté sometida a la discriminación bajo cualquier programa o actividad llevada a cabo por el gobierno Federal.

La Sección 508 de la Ley de Rehabilitación de 1973 requiere que el gobierno Federal vele para que su tecnología de información y comunicación proporcione a las personas con discapacidades un acceso y uso comparables a los datos y la información disponibles para quienes no sean discapacitados. Esta ley está respaldada por normas que proporcionan especificaciones para que sea considerada la información y la tecnología de comunicación accesibles.

No obstante, estas leyes no requieren que pavimentemos sobre cada rastro o que cambiemos el carácter histórico de nuestros edificios. Podemos utilizar una miríada de métodos para proporcionar una igualdad de oportunidades para que las personas con discapacidades participen y se beneficien de las experiencias de ocio que ofrecen los Parques Nacionales. Es muy raro que podamos eliminar por completo todas las barreras, pero podemos reducirlas, trabajar alrededor de ellas o proporcionar una alternativa. Las barreras al acceso pueden ser obvias y ocultas, internas y externas, físicas y culturales. Lo que es una barrera para un individuo con una discapacidad no puede retar a otro, porque la experiencia de la discapacidad es única para todos.



Superar las Barreras de Acceso

En los Parques Nacionales, muchas barreras son inherentes al medio ambiente, especialmente cuando se trata de la naturaleza. Las colinas son naturalmente empinadas y los senderos son naturalmente rocosos. Sin embargo, en el entorno construido, las barreras resultan de nuestras opciones en lugar del terreno. Creamos las barreras porque no estamos construyendo con la accesibilidad en mente desde el principio. El diseño de un centro de visitantes con escaleras en la entrada principal y una rampa en la parte posterior es una elección estética basada en la tradición más que la necesidad.

La primera y más obvia manera de eliminar las barreras al acceso es no crearlas en primer lugar. Hacerlo bien la primera vez es más rentable que hacerlo más tarde e instantáneamente abre el sitio a todos los visitantes. El Servicio de Parques Nacionales está obligado por ley a seguir las normas de accesibilidad para toda la nueva construcción. Estas normas son el nivel mínimo de accesibilidad que podemos proporcionar en el entorno construido, por lo que las políticas internas del Servicio de Parque esperan que apliquemos los principios del Diseño Universal a la nueva construcción en el mayor grado posible. A pesar de que es legal para nosotros proporcionar una entrada separada, entrada en rampa a un nuevo edificio, ¿qué mensaje envía a los visitantes con discapacidades y a sus familias sobre la inclusión? Idealmente, diseñamos un edificio nuevo sin rampa en absoluto, donde cada visitante entra y sale de la misma puerta.

Anticipar el futuro es, también, una consideración importante para evitar nuevas barreras. A menudo tenemos la oportunidad de construir cosas nuevas en sitios antiguos, como un nuevo cuarto de baño al final de un viejo sendero o un museo reconstruido en un antiguo sitio agrícola. Estos nuevos edificios podrían estar rodeados de características inaccesibles que no están siendo reconstruidas -- tal vez, el nuevo museo en el sitio de la agricultura solo se puede acercar por un camino de tierra. Incluso entonces, debemos construir para la accesibilidad porque algún día ese camino puede ser pavimentado, e incluso si no lo es, hay un montón de usuarios de silla de ruedas que todavía pueden llegar al museo. Hemos sido conocidos por construir baños accesibles encima de las montañas porque necesitamos creer en posibilidades en lugar de límites.

La prevención de las barreras durante la construcción nueva o a través de la renovación no se ocupará de todas las barreras. Las barreras pueden persistir durante décadas si esperamos que los edificios sean reemplazados, y otros nunca serán removidos porque son el resultado de características naturales o son parte del tejido histórico de un sitio que estamos preservando. En estas situaciones, eso no es una manera estándar de eliminar una barrera. Cada solución encaja en un contexto único y tiene que ser individualizada. También hay más barreras que el tiempo y la financiación nos permite abordar inmediatamente. La eliminación de estas barreras requiere un proceso reflexivo para garantizar que las soluciones sean apropiadas y duraderas.

Prioridad

Es muy raro que un Parque Nacional tenga una única barrera que superar. Generalmente, hay una serie de barreras de todas las distintas clases en muchos ambientes distintos. Con recursos y tiempo limitados, debemos tomar decisiones sobre cuáles barreras enfocar.



Comenzamos nuestra priorización observando el tipo de barrera: peligrosa, prohibitiva y restrictiva.

Peligrosa – Estas barreras impiden la participación debido a condiciones inseguras. Por ejemplo, rampas que son demasiado empinadas o que no tienen barandas que hacen que los usuarios de sillas de ruedas vayan demasiado rápido; pasarelas y muelles sin protección de bordes que resulten en la posibilidad de caerse; objetos que sobresalen que los que están ciegos pueden entrar.

Prohibitiva – Estas barreras impiden la participación porque bloquean los caminos de viaje, cubren las líneas de visión o presentan otros desafíos similares. Por ejemplo, aceras sin cortes de bordillo; puertas demasiado angostas para entrar en una silla de ruedas; escaleras vallas y muros que bloquean las vistas para aquellos que no pueden soportarlo.

Restrictiva – Estas barreras no impiden por completo la participación, pero hacen que la participación sea lo suficientemente difícil, que la experiencia no se puede disfrutar plenamente. Por ejemplo, largas distancias desde aparcamientos hasta atracciones que crean fatiga; las características de accesibilidad se encuentran en algún lugar donde las personas con discapacidad están separadas de otras; exposiciones interactivas que están fuera del alcance para que una persona en una silla de ruedas solo puede verlas, pero no tocarlas.

Primero hay que eliminar las barreras peligrosas, seguidas de las barreras prohibitivas. Si bien las barreras restrictivas pueden no parecer “críticas”, cualquier experiencia que genere inconvenientes es un impedimento para que un visitante regrese o es una razón para una queja del cliente.

A continuación, priorizamos “necesidades versus deseos”. ¿Qué quiere hacer un visitante con una discapacidad en un sitio del Parque Nacional y qué es lo que necesitan hacer cuando están allí? Quieren ver el Gran Cañón, pero necesitan poder aparcar su coche, usar el baño, y conseguir agua. Del mismo modo, un camping accesible es de poco uso sin un baño accesible y ducha cerca. Pensar holísticamente es esencial para que la eliminación de barreras sea efectiva. La accesibilidad de los servicios de soporte disponibles en el sitio son tan importantes, si no más importantes, que la accesibilidad de la atracción principal del sitio.

Por último, es importante conocer a nuestros visitantes para priorizar los sitios donde eliminamos barreras. Si la mayoría de los visitantes van a las Orillas del Lago Nacional pasar su día en una determinada playa, entonces no tiene sentido hacer una playa distinta a diez millas de distancia de la única playa accesible, incluso si es el lugar más práctico o menos costoso para hacerlo. Las personas con discapacidades quieren la misma experiencia, y lo que esté atrayendo a la multitud a una ubicación atraerá a las personas con discapacidades de la misma manera.

Necesitamos entender por qué las personas con y sin discapacidades vienen a nuestros sitios y lo que quieren experimentar allí. Es por eso que una parte esencial de la priorización está involucrando a la comunidad de la discapacidad. Recomendamos desarrollar alianzas con organizaciones que representen a la comunidad de discapacidades para que puedan visitar el sitio y ofrecer recomendaciones para priorizar los esfuerzos de accesibilidad.



Conozca Su Recurso

Estamos un paso más cerca de encontrar soluciones cuando sabemos dónde enfocar nuestros esfuerzos. Sin embargo, encontrar las soluciones correctas empieza por identificar el problema correcto y conocer los límites de las soluciones por adelante.

A menudo tratamos de eliminar las barreras equivocadas, ya sea porque elegimos las barreras que son más fáciles de eliminar o identificar la barrera de manera incorrecta. Por ejemplo, tenemos muchos sitios históricos con múltiples edificios que los visitantes pueden entrar. Un error común es la construcción de rampas a través de las puertas de los edificios que es lo más fácil, en lugar de lo de mayor interés para el público. Puede haber sido mejor ir durante todo el tiempo y gastos hacer un edificio de más difícil acceso porque es de gran interés, en lugar de hacer tres edificios menos interesantes, pero de fácil accesibilidad.

Esto ilustra de nuevo por qué es importante involucrar a la comunidad de la discapacidad en la toma de decisiones. Pueden identificar las verdaderas barreras y los resultados deseados para influir en las mejores soluciones.

Esto no significa que la solución preferida para las personas con discapacidades es la mejor solución. Nuestros Parques Nacionales están llenos de edificios antiguos, monumentos, campos de batalla, sitios arqueológicos y recursos naturales que no pueden ser arrasados y ser reconstruidos para su accesibilidad. Las personas con discapacidades quieren experimentar nuestros recursos al igual que todos los demás, por lo que cambiarlos más allá del reconocimiento en nombre de la accesibilidad no sirve a nadie. Debemos lograr un equilibrio entre la creación de accesibilidad y la preservación del recurso con integridad. La instalación de un paseo podría ser la mejor manera de hacer una arboleda de árboles accesibles, pero no si las farolas que apoyan ese paseo interrumpen el área de anidación de una especie de ave única o perturban artefactos antiguos. En otros casos, la instalación de un paseo es la mejor manera de preservar la vegetación subyacente y evitar que la gente pase por áreas fuera de los límites de un sitio silvestre.

Por lo tanto, las soluciones no pueden ser desarrolladas en un vacío por expertos en accesibilidad o por expertos en preservación de recursos. Las alianzas y el compromiso entre los expertos en materia deben rendir la solución que proporciona la máxima cantidad de accesibilidad y preservación de los recursos.

Buscar Soluciones

Por supuesto que encontrar soluciones que no sean prohibitivamente costosas y aumentar la accesibilidad y preservar los recursos es más fácil decirlo que hacerlo. No hay una "fórmula" para hacer esto, porque cada situación se sitúa dentro de un contexto único. Un buen punto de arranque para cualquier solución de accesibilidad es aplicar los principios del Diseño Universal. El Diseño Universal es tanto el arte como la ciencia, y requiere la experiencia de la materia que puede ser que no esté fácilmente disponible. Así que las siguientes son algunas consideraciones generales para cada eliminación de barrera:



Entienda su propósito. Proporcionar accesibilidad que no sirva a la necesidad prevista de su visitante no es la accesibilidad en absoluto. Usted debe tener en cuenta por qué está tratando de hacer la función accesible porque eso debería impulsar su solución. Por ejemplo, proporcionar un contador inferior en un espacio minorista hace que ese espacio sea más accesible para las personas en sillas de ruedas... a menos que todas las transacciones se lleven a cabo en el otro extremo del mostrador.

Involucre a la comunidad de discapacidades. Esto ya se ha dicho dos veces, pero el punto no se puede enfatizar lo suficiente. El mantra de la comunidad de la discapacidad es "Nada de nosotros sin nosotros", por lo que no se pueden encontrar soluciones eficaces sin su aporte. Además, necesita una amplia representación de la comunidad de discapacitados para que no desarrolle una solución que funcione para un grupo, pero no para otro.

Empiece simple. Con demasiada frecuencia, empezamos con soluciones a problemas que son innecesariamente complejos. Las soluciones sencillas no solo son menos costosas, sino suelen soportar y son más fáciles para el usuario final. Por ejemplo, en un sitio histórico, una puerta era demasiado estrecha para que las sillas de ruedas entraran al edificio. Un plan para ensanchar la puerta fue discutido y fue despedido porque cambiaría el carácter histórico del edificio, involucró el corte en muros de carga, y costó demasiado. Sin embargo, todo lo que se necesitaba eran distintas bisagras para que la puerta pudiera girar más ancha.

Ser creativos. Desafortunadamente, las soluciones sencillas no siempre funcionan. La siguiente cosa mejor es una solución creativa, en lugar de una solución compleja. En un sitio del Parque Nacional, el acceso a la segunda planta se limitaba a las escaleras debido al carácter histórico del edificio. No se pudo instalar un elevador en el hogar, por lo que se agregó un ascensor fuera de la casa que conducía a una cubierta que proporcionaba el acceso directo a la segunda planta a través de una puerta de arriba existente.

Superar las barreras físicas no siempre implica construir algo o derribar algo; a veces todo lo que se necesita es un cambio en la forma de hacer las cosas. Por ejemplo, en una fortaleza del Parque Nacional, el ascensor estaba constantemente rompiéndose, negando el acceso a la segunda planta donde estaba la tienda de regalos. En lugar de reemplazar el ascensor en un gran costo, el parque puede mover la tienda de regalos a una ubicación en el primer piso.

Considere la sostenibilidad. Una solución que no dure no es ninguna solución en absoluto. Maquinaria compleja que necesita el mantenimiento frecuente o materiales que se degradan rápidamente no son rentables y eventualmente la barrera retorna. De manera similar, las soluciones que están sometidas al vandalismo y al robo pueden no ser sustentables. Proporcionar sillas de ruedas de playa en un sitio podría ser una solución viable para acceder a una playa, a menos que las sillas de ruedas no puedan ser monitoreadas y ser robadas. Una solución distinta, como una colchoneta que pasa por encima de la arena, puede durar más tiempo.

Mezcla. Las soluciones de accesibilidad no necesitan estar ocultas, sino que deben lucir naturales para el medio ambiente. Esto no solo preserva la estética para todos los visitantes, sino que preserva la dignidad de las personas con discapacidades al integrar la accesibilidad en la experiencia general.



Tecnología de apalancamiento. Cuando todo lo demás falla, la tecnología puede proporcionar accesibilidad cuando no podemos superar las barreras físicas. Por ejemplo, los viajes de realidad virtual que son proporcionados en iPads, cámaras de alimentación en vivo o reproducciones detalladas a escala pueden dar acceso limitado a lugares inaccesibles. Sin embargo, una alternativa a la experiencia “real” debe ser siempre el último recurso.

Conclusión

Superar las barreras físicas requiere colaboración, recursos y creatividad – pero estas barreras no son las más intimidantes. La mayor barrera para la participación en el ocio para las personas con discapacidades comienza antes de que un individuo entre en un Parque Nacional. Comienza cuando una persona con una discapacidad ni siquiera considera visitar un Parque Nacional porque los senderos, las playas, los campamentos, los campos de batalla, y otros sitios al aire libre se perciben como lugares que no se los pertenecen. Por eso, las personas con discapacidad optan por no visitar. La falta de visitas de personas con discapacidades da como resultado una barrera actitudinal por parte del personal. Es más difícil justificar la inversión en accesibilidad cuando las características accesibles parecen estar subutilizadas. Además, la falta de interacción frecuente con personas con discapacidades significa que el personal no desarrolla las habilidades para proporcionar asistencia e información que los visitantes pueden necesitar para participar y beneficiarse.

Esta barrera actitudinal se puede superar tejiendo la accesibilidad en el tejido de lo que hacemos, en lugar de tratarla como un extra o una idea tardía. Enhebrar la accesibilidad a través de nuestros entornos no solo es rentable, sino que también beneficia a todos los visitantes. El diseño accesible es simplemente buen diseño. Las rampas benefician a los padres con cochecitos y viajeros con equipaje tanto como los individuos con discapacidades. Los modelos táctiles son oportunidades de aprendizaje para las personas que son ciegas y despiertan el interés de los niños. Transmitir información a través de imágenes ayuda a los individuos con discapacidades cognitivas y a aquellos que no hablan el idioma.

En realidad, las barreras en el medio ambiente son manifestaciones físicas de nuestras barreras mentales y culturales. Estas barreras mentales y culturales crean un ciclo: las personas con discapacidades no visitan, lo que significa que no se utilizan características accesibles, lo que resulta en menos inversión en accesibilidad, lo que significa que las personas con discapacidades no visitan. Los líderes de instituciones culturales y proveedores de oportunidades de ocio tienen la responsabilidad de romper este ciclo construyendo, restaurando y manteniendo los espacios donde las personas con discapacidades sienten que no solo son bienvenidas, sino que pertenecen a él.



TORNANDO A ESCRAVIDÃO MODERNA VISÍVEL NO ENTRELAÇAMENTO ENTRE O LAZER E O TRABALHO BASEADOS NO GÊNERO E NA RAÇA: TRANSFORMANDO PRÁTICAS DE LAZER COMO ESPAÇOS DE (NÃO) LIBERDADE

Professora Simone Fullagar,
University of Bath, Reino Unido

A relação entre labor e lazer, ou mais comumente no vocabulário dos estudos do lazer, trabalho e lazer, é uma das problemáticas fundamentais e quase axiomática do campo. Considerando a definição usual de lazer como o tempo gasto fora de exigências formais e do trabalho, conceitos essencialmente ocidentais e contemporâneos de lazer não podem ser compreendidos separados do binômio trabalho/lazer... o comércio Atlântico de escravos e as lutas de resistência dos negros oferecem aos historiadores do lazer uma narrativa alternativa, uma contra-modernidade por assim dizer, de como nós pensamos a natureza do trabalho. (Carrington, 2008, p. 369)

Como Carrington sugere, esta parte em aberto gera grande interesse para os Estudos do Lazer, considerando a compreensão do lazer no contexto das relações com o trabalho, capital e consumo de várias perspectivas. Entretanto, contranarrativas teóricas que vão além de pensamentos eurocêntricos continuam a ser poucas (Blackshaw, 2010; Clarke & Critcher, 1985; Deem, 1986; Green, Hebron, & Woodward, 1990; Haworth & Veal, 2004; Parker, 1983; Rojek, 2013; Wearing, 1998). Os debates têm se concentrado na forma que o lazer e o trabalho (remunerado e não remunerado) foram moldados pela produção capitalista e patriarcal de desigualdades em níveis estruturais e/ou individuais. No entanto, as bases ontológicas e epistemológicas de tal conhecimento permaneceram, em grande parte e de forma acrítica, mergulhadas em histórias e conceitos eurocêntricos. Em resposta, um crescente corpo acadêmico tem questionado criticamente as origens fictícias do lazer e da teoria do lazer como uma forma de conhecer o mundo com orientação privilegiada branca, masculina e de classe média (Carrington, 2018). Estes debates revelam as relações de poder que sustentam o privilégio ao abrir outras ontologias e epistemologias que abalam a exclusão das histórias corporificadas de lazer e trabalho através de teorias interseccionais e feminismos pós-humanistas, teoria crítica da raça e teorias decoloniais¹ (Aitchison, 2000; Arai & Kivel, 2009; Carrington, 2017; Hylton, 2005; McDonald, 2009; McGee, 2012; Mowatt, French, & Malebranche, 2013; Ratna, 2018; Ratna & Samie, 2017; Ratna, Samie, Jamieson, & Thangaraj, 2018; Watson & Scraton, 2012) forwarding an approach to research that is interdisciplinary, elucidates different, complex and changing sites of being and belonging, and that aims to recover the lived agencies of ethnic minority men and women. Instead of foregrounding equivalence, we centre difference to trace the contours of similar and different theoretical persuasions, and demonstrate how they can be used to deepen understandings of the sensibilities, pleasures and politics of ethnic minority sporting participants. We pay particular attention to the contributions of post-colonial feminism, Chicana feminism and queer of colour thinking.”, “author” : [{ “dropping-particle” : “”, “family” : “Ratna”, “given” :

¹ Para uma visão compreensiva das teorias pós-coloniais/feministas em relação ao esporte, consulte Carrington (2017) e Ratna (2018).



"Aarti", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }, { "dropping-particle" : "", "family" : "Samie", "given" : "Sumaya Farooq", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }, { "dropping-particle" : "", "family" : "Jamieson", "given" : "Katherine", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }, { "dropping-particle" : "", "family" : "Thangaraj", "given" : "Stanley", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "The Palgrave Handbook of Feminism and Sport, Leisure and Physical Education", "id" : "ITEM-1", "issued" : { "date-parts" : [["2018"]] }, "page" : "627-648", "publisher" : "Springer", "title" : "Learning lessons from the feminisms of ethnic others", "type" : "chapter" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=d0d-5f510-0f2c-403c-ac36-eb801121018a"]], { "id" : "ITEM-2", "itemData" : { "ISSN" : "1543-2785", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Ratna", "given" : "Aarti", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Sociology of Sport Journal", "id" : "ITEM-2", "issued" : { "date-parts" : [["2018"]] }, "publisher" : "Human Kinetics", "title" : "Not just merely different: Travelling theories, post-feminism and the racialized politics of women of color", "type" : "article-journal" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=243a1c7a-b4e6-4dbe-9d32-a08ab856d701"]], { "id" : "ITEM-3", "itemData" : { "DOI" : "10.4324/9780203404065.ch11", "ISBN" : "9780203404065", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Carrington", "given" : "Ben", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Routledge Handbook of the Sociology of Sport", "editor" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Giulianotti", "given" : "Richard", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "id" : "ITEM-3", "issue" : "11237", "issued" : { "date-parts" : [["2017"]] }, "publisher" : "Routledge", "publisher-place" : "London", "title" : "Post/ colonial theory and sport", "type" : "chapter" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uid=ed7f26e0-b56a-49f0-ad74-82069feb5487"]], { "id" : "ITEM-4", "itemData" : { "abstract" : "This essay offers one response to recent calls for leisure studies scholars to more effectively integrate race into their analyses. Drawing from interdisciplinary scholarship within ethnic studies, cultural studies, and gender/women's studies the article initiates a broader dialogue about the possibilities and dangers of analyzing whiteness within leisure contexts. The article outlines several studies that demonstrate ways in which whiteness operates to advantage white hegemony. It suggests how the concepts of power evasiveness, normalization and intersectionality might be applied to leisure settings and concludes with a discussion of some problems associated with the study of whiteness. The ultimate aim of the essay is to provoke further dialogue as a step toward documenting and overturning inequitable social arrangements in the movement toward justice.", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "McDonald", "given" : "M", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Journal of Leisure Research", "id" : "ITEM-4", "issue" : "1", "issued" : { "date-parts" : [["2009"]] }, "page" : "5-21", "title" : "Dialogues on whiteness, leisure and (anti. Estes debates teóricos também estão profundamente relacionados a temas atuais dos Estudos do Lazer, como a identificação e erradicação da escravidão moderna (Objetivo 8.7 na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas), que dá forma ao lazer e ao trabalho de um número crescente de pessoas. O tráfico humano é a forma de 'escravidão' que mais cresce no mundo contemporâneo. Estima-se que em todo o mundo, cerca de 40,3 milhões de pessoas estavam sujeitos à escravidão em 2016 (24,9 milhões em trabalho forçado e 15,4 milhões em casamento forçado), e 71% dessas pessoas eram mulheres/garotas (International Labour Organisation, 2017).



Neste artigo eu considero tais trajetórias teóricas e as aprofundo para explorar um conjunto reflexivo de questões teóricas e éticas que foram colocadas por Ben Carrington e Diana Parry em seus recentes discursos introdutórios durante a Conferência da Associação dos Estudos do Lazer do Reino Unido (LSA – UK Leisure Studies Association – 10-12 de julho de 2018 em Bath, Reino Unido)². Seus argumentos para abordagens baseadas no decolonialismo e feminismo articularam rigorosamente a importância ética de *tornar visíveis* como as relações de poder do presente (capitalismo patriarcal digital, Parry) estão entrelaçadas com o passado (histórias da colonização e contranarrativas, Carrington). Ao tematizar as relações de poder-conhecimento que moldam a teoria como uma prática mundializante, estes autores trazem à vista as práticas de diferenciação que produzem corpos de trabalho (através da interseção relações de gênero, raça, classe, sexualidade, etc) de formas específicas que sustentam um imaginário imperialista de práticas de lazer. Feministas que exploram o lazer relacionado ao trabalho que produz e abalam a cultura digital através de práticas em mídias sociais (#metoo, #timesup, #blacklivesmatter) também identificam como padrões (hétero) sexistas e racistas permeiam a produção algorítmica de representações contemporâneas de gênero e identidades através do emaranhado dos espaços de trabalho e lazer (Parry, Johnson, & Fullagar, 2018). Nesse sentido, práticas de lazer transformam a vida cultural de forma que reiteram os padrões de desigualdade, bem como exclusões desafiadoras e violações dos direitos humanos em relações globais-locais. Embora algumas questões de direitos humanos relacionados ao trabalho e lazer tenham sido feitas pela literatura (em sua maioria focadas nos esportes e turismo sexual) (Caudwell & McGee, 2018; McGee, 2012; Risse, 2009; Veal, 2015)“title” : “Displacing childhood: Labour exploitation and child trafficking in sport”, “type” : “chapter” }, “uris” : [“http://www.mendeley.com/documents/?uuid=d905b0cf-490b-42f-5-9404-93739237d5b1”] }, { “id” : “ITEM-2”, “itemData” : { “ISSN” : “1607-8055”, “abstract” : “The Universal Declaration of Human Rights, endorsed by the United Nations in 1948, includes the right to leisure time, to cultural participation and to travel. While the idea of human rights permeates many aspects of national and international life, it has not permeated the field of leisure studies to any great extent. The purpose of this paper is not to remedy this situation but to argue that this neglect is unjustified and to suggest that leisure researchers might incorporate the idea of human rights and leisure rights into their work. The paper is divided into six main parts. First, it considers the parallels between the neglect of human rights in sociology and in leisure studies. Second, it considers the basis of human rights in general. Third, it examines the nature of the leisure rights declared in the Universal Declaration. Fourth, the place of leisure in the general critique of economic, social and cultural rights is assessed. Fifth, the relationship between human rights and a number of themes in leisure studies is briefly explored, including: the work/leisure divide; the individual versus society; freedom; gender; globalization; and policy. Finally, some suggestions are made for a research agenda on leisure and human rights.”, “author” : [{ “dropping-particle” : “”, “family” : “Veal”, “given” : “A J”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }], “container-title” : “World Leisure Journal”, “id” : “ITEM-2”, “issue” : “4”, “issued” : { “date-parts” : [[“2015”]] }, “page” : “249-272”, “publisher” : “Taylor & Francis”, “title”

2 Discurso introdutório de Diana Parry 'Uma Crescente Maré de Possibilidades ou Um Tsunami Devastador? Em uma Quarta Onda do Feminismo na Pesquisa do Lazer' (*Rising Tide of Possibility or Devastating Crash? On a Fourth Wave Feminism in Leisure Research*) e discurso introdutório de Ben Carrington 'Liberdade de Quem, Quais Restrições? Para um Estudo Decolonial do Lazer' (*Whose Freedom, Which Constraints? Towards a Decolonial Leisure Studies*). Ambos estarão disponíveis em vídeo na página da internet da Leisure Studies Association em 2018.



: “Human rights, leisure and leisure studies”, “type” : “article-journal”, “volume” : “57” }, “uris” : [“http://www.mendeley.com/documents/?uuid=ad336898-4b3b-40c2-a927-6d07a0862e7c”] }, { “id” : “ITEM-3”, “itemData” : { “ISSN” : “1938-2545”, “abstract” : “Labor rights are the first to come up for criticism when accounts of human rights are offered in response to philosophical questions about them, and notoriously so Article 24, which talks about ‘rest and leisure’ and ‘period holidays with pay.’ This study first tries to make it plausible why labor rights would appear on the Universal Declaration, and next articulates some philosophical objections to their presence there. The interesting question then is not so much how one could respond to the objections, but to explore what commitments one needs to make to answer our question in a satisfactory manner. To make progress, we can contrast the idea of human rights with conceptions of them. Such conceptions offer answers to a set of philosophical questions about human rights. It would be rather unlikely for any such conception to emerge as the uniquely best philosophical account of human rights since disagreements among different conceptions (each of which requires commitments to a range of issues, há pouca discussão sobre como os corpos das mulheres são mobilizados através de *trabalhos forçados* no lazer feminizado das práticas de consumo e nos fluxos transnacionais da indústria da beleza (o acelerado crescimento salões de beleza e *nail bars*)³).

O imaginário ocidental dominante evoca as práticas de lazer popular através de concepções liberais de autonomia individual, escolha racional e status baseado no consumo que negam os efeitos históricos da exclusão e da violência sobre os corpos de trabalho. Isso pode ser visto através dos vocabulários de publicidade baseados no gênero que ativam os corpos para – ‘trabalhar duro, jogar duro’, ‘*just do it*’ – ou mimá-los – ‘você vale a pena’. A bibliografia feminista, crítica da raça, pós-/colonial e decolonial abala teorias do lazer definidas pelo trabalho remunerado masculino ao trazer, para o centro da discussão, as complexas relações de trabalho remunerado, não remunerado e de servidão das mulheres negras e asiáticas com diversas histórias de movimentação e migração forçada. Estes trabalhos têm atendido o lazer de homens e mulheres brancos e ricos através de diversas práticas de lazer, legais e ilegais, relacionadas à indústrias e instituições héteronormativas (sexo, casamento forçado, barriga de aluguel, cuidados domésticos e institucionais, massagem, salões de beleza, limpeza, cultivo de cannabis etc). A invisibilidade dos corpos laborantes das mulheres negras torna-se uma condição normalizada da possibilidade que sustenta os fluxos capitalistas e patriarcais ao redor de todo o mundo (aliado à colonização, à militarização e à exploração ecológica) (Kempadoo, 2015).

A escravidão institucionalizada, em suas diversas formas históricas e contemporâneas, têm gerado as condições que possibilitam as liberdades de lazer *branco* através de fluxos transnacionais, ainda que tais histórias sejam frequentemente desmentidas (Bhambra, 2014; Chan, 2018; Hall, 2018; Kempadoo, 2015; Squire, 2017)the grounding of this framework in questions of intentionality risks reproducing assumptions about subjects whose decision to migrate is more or less free from constraint. The article argues that such assumptions are analytically problematic because they involve a simplification of processes of subjectivity formation. Moreover, it also argues that they are normatively and politically problematic in the context of debates around unauthorised migration because discussions of structure/agency can easily slip into the legitimisation of wider assumptions about the culpability and/or victimhood of people on the move. Drawing on Michel Foucault’s theorisation of subjectification, the article proposes an alternative analytics of acts, interventions, and effects by which to address the politics of unauthorised migration in the

3 *Nail bars* são um tipo específico de salão de beleza que foca no cuidado das unhas.



midst of a so-called 'migration crisis.', "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Squire", "given" : "Vicki", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Politics", "id" : "ITEM-1", "issue" : "3", "issued" : { "date-parts" : [["2017"]] }, "page" : "254-272", "title" : "Unauthorised migration beyond structure/agency? Acts, interventions, effects", "type" : "article-journal", "volume" : "37" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=76a42c8a-a965-4ce4-ae47-5649afd4f90f"]], { "id" : "ITEM-2", "itemData" : { "DOI" : "10.1080/17450101.2017.1356436", "ISSN" : "1745011X", "abstract" : "This article presents narratives and tropes of transnational tourism from a less considered perspective: rural migrant-origin villagers of Central Java. Drawing from ethnographic fieldwork conducted in Cilacap and Yogyakarta, I analyze how and why some former temporary labor migrants depict their typically harsh experiences in terms of tourism and leisure. Addressing the tendency in current research to approach labor migration and tourism as mutually exclusive or unrelated class categories and experiences, I consider the ways in which former migrants and non-migrant villagers evaluate or identify labor migration in terms of gender, class, religious, and ethno-national subjectivities associated with 'tourist' and/or 'migrant' categories. Popular and commercial imaginations of leisure travel and tourism importantly shape the subjectivities and positionalities of precarious labor migrants. Foregrounding the relations between tourism and labor migration reveals the multi-scalar ways in which associated discourses and infrastructures of both mutually shape and constitute global socio-economic inequalities.", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Chan", "given" : "Carol", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Mobilities", "id" : "ITEM-2", "issue" : "3", "issued" : { "date-parts" : [["2018"]] }, "page" : "325-336", "publisher" : "Routledge", "title" : "The politics of leisure and labor mobilities: discourses of tourism and transnational migration in Central Java, Indonesia", "type" : "article-journal", "volume" : "13" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=131dae-34-905a-47be-8b4c-3da398148997"]], { "id" : "ITEM-3", "itemData" : { "DOI" : "10.1080/23322705.2015.1006120", "ISSN" : "2332-2705", "abstract" : "In the early 1990s, the debate on human trafficking was restricted to a handful of feminists and revolved around establishing the trafficking of women as a case of labor migration or one of female sexual slavery. Two decades later, the debate is more complicated and widespread, yet within the proliferation of attention, a convergence among some of the most vocal and visible campaigns is discernible. This article takes up three prominent campaigns that dominate contemporary debates internationally: modern anti-slavery, abolitionist feminism, and celebrity humanitarianism and considers the politics that emerge at the points of their convergence. It is argued that rather than getting to the bottom of things, as Emma Goldman urged over a century ago in relation to the traffic of women, a 21st-century version of the white man's burden is apparent, supported by contemporary western, neoliberal interests that maintain boundaries between the haves and the have-nots, while bolstering an image of a compassionate, benevolent West. The article points toward an alternate framework, one that is lodged in a commitment to social and economic justice, decolonization, a redistribution of wealth, and respect for subaltern experience and knowledge.", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Kempadoo", "given" : "Kamala", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Journal of Human Trafficking", "id" : "ITEM-3", "issue" : "1", "issued" : { "date-parts" : [["2015"]] }, "page" : "8-20", "title" : "The Modern-Day White (Wo. Teorias feministas decoloniais apontam importantes questões sobre a diversidade de corpos "das



mulheres”, mas também de diferentes ontologias e epistemologias que revelam como o poder de gênero é *exercido através* de histórias colonizadas e imaginários capitalistas no presente (Ratna, 2018). Lugones (2010, p. 742) argumenta que ‘a instituição colonial de gênero atravessa questões de ecologia, economia, governo, relações com o mundo espiritual e conhecimentos, bem como nas práticas cotidianas que também nos acostumam a cuidar do mundo ou destruí-lo’. Precisamos das teorias pós- e decoloniais teoria para interromper o privilégio dado aos relatos históricos brancos e masculinos para expandir a complexidade das relações de gênero no trabalho e no lazer em nosso presente histórico. A introdução de dispositivos legais para a prevenção da ‘escravidão moderna’ em um número crescente de países representa um momento chave através do qual é possível se envolver com o contexto sociocultural, geopolítico e histórico de domínio colonial, militarização e mudança nas práticas de mobilidade (por exemplo, o *Modern Slavery Act*, 2015, UK). Em minha análise do contexto britânico, eu considero as constatações de Gadd e Broad (2018, p. 5) sobre a complexa política de afecção que fundamenta “a *excessiva positividade política* através da qual o *Modern Slavery Act* pode ser conceituado como uma forma de violência inocente que coloca questões nucleares de *poder, paradoxo e contradição* no coração do nacionalismo britânico em xeque” (grifos do original).

Considerando as relações de afecção que modelam a ‘escravidão moderna’ em meio ao ambiente histórico e contemporâneo de lazer e trabalho [vergonha, orgulho nacional, tristeza, desgosto como orientação aos outros e a si (Ahmed, 2004)], eu busco levar este fio condutor da conversa crítica adiante, para o Congresso Mundial de Lazer em São Paulo (Brasil, 2018). Meu objetivo é recusar a “violência inocente” (Gadd e Broad, 2018, p. 2 baseando-se em Bollas, 1993) que muitas vezes caracteriza o embasamento das pesquisas dos Estudos do Lazer, e apresentar os benefícios do lazer para o empoderamento dos ‘outros’. Examinando tais tensões, considero como as (não) liberdades de lazer e trabalho para mulheres ao redor do planeta estão enredadas com mudanças em programas de geo- e biopolítica. Considerando que o foco do meu painel é Lazer e Transformação Social, eu também gostaria de atentar para a importância das conferências como espaços de *afecção* e provocação, capazes de nos envolver em diferentes formas de pensar e sentir nosso trajeto através das emergentes questões éticas, ontológicas e epistemológicas do ‘fazer’ dos Estudos do Lazer (Fullagar, Pavlidis, & Francombe-Webb, 2018). Sendo assim, este artigo é escrito através da conjunção de relações afetivas que circulam em meio a registros múltiplos – as discussões intelectuais na LSA, escrevendo dentro e fora do campo, bem como as narrativas presentes/ausentes da escravidão que modelam continuamente a cidade de Bath⁴ como um local turístico do Patrimônio Mundial da UNESCO e um lugar cotidiano do lazer e do trabalho. Optei por focar nos eventos de Bath, a cidade onde moro e trabalho como uma migrante econômica (branca e privilegiada), tendo saído de um conflituoso espaço pós-colonial da Austrália para um ambiente de patrimônio inglês aparentemente despreocupado com as ficções dominantes do Império Britânico que se fixam na grandeza georgiana e no conspícuo consumo como lazer. Bath e suas histórias se chocam com o caso de escravidão moderna que exploro em relação ao local de lazer-trabalho de um *naïl bar*, onde, até o momento, ocorreu a acusação mais significativa de tráfico de crianças. Meu objetivo é tornar visíveis os fluxos de poder racial e de gênero que retomam padrões históricos de desigualdade através de formulações neoliberais de corpos de trabalho ‘estetizados’ em salões de beleza, e também busco abrir uma alternativa das políticas da imaginação que respondem à afecções disruptivas (Latimer & Skeggs, 2011).

⁴ Para pesquisas adicionais, consultar o projeto *Legacies of British slave-ownership* (www.ucl.ac.uk/lbs)



Esclavidão moderna e o tráfico de seres humanos

Em 2015, o Reino Unido foi o primeiro país europeu a aprovar uma lei sobre a esclavidão moderna, o *Modern Day Slavery Act* (2015)⁵, liderado pela Primeira Ministra do Partido Conservador Theresa May, que, à época, era Ministra do Interior. O *Act* foi celebrado por membros do Partido Conservador como parte de seu contínuo compromisso histórico de luta contra 'maus' indivíduos e práticas imorais nas práticas de trabalho e na cadeia produtiva (Gadd e Broad, 2018). Em seu relatório que identifica 17 formas de esclavidão moderna, Cooper et al., (2017, p. ii) servitude, forced or compulsory labour, as set out in the different anti-slavery legislation in place in the four UK countries (England, Wales, Scotland and Northern Ireland sugere que o termo engloba "os crimes de tráfico de seres humanos, esclavidão, servidão e trabalho forçado ou compulsório", que "frequentemente envolve múltiplas vítimas, agressores e locais, sendo escondido na maioria das vezes e envolvendo, de forma concomitante, uma ampla gama de abusos e outras infrações penais". O Comissário da Comissão Anti-Esclavidão do Reino Unido foi incumbido com 'a prevenção, busca, investigação e julgamento de delitos de esclavidão e tráfico de seres humanos'⁶. O tráfico envolve o movimento e a exploração de pessoas (em sua maioria, de diversos locais do mundo) para seu trabalho através de recrutamento por meios coercitivos (fraude, força, servidão por dívida, ameaças à vida). Os traficantes muitas vezes formam complexos relacionamentos de confiança com as vítimas e exploram o seu desejo por uma vida melhor longe da pobreza, do abuso e da instabilidade política ou militar. Vítimas de tráfico frequentemente sofrem abuso psicológico, econômico, físico e sexual (incluindo gravidez indesejada, abortos e infecções), problemas de saúde e condições precárias de vida e trabalho. Em relação ao reconhecimento público de tais danos e violações dos direitos humanos, Gadd e Broad (2018, p. 6-7) argumentam que as reformas britânicas são envoltas por desejos nacionalistas de acumulação de capital formado através de um histórico imperialista branco,

Propostas que sugeriam que a existência de trabalho forçado em qualquer parte da cadeia produtiva de uma empresa configurasse ofensa criminal foram repelidas pelo governo britânico antes do *Modern Slavery Act 2015* em favor do balancemaneto de 'trocas livres e justas'. Em vez disso, a Seção 54 do *Act* requer apenas que grandes corporações publiquem um relatório anual explicando quais medidas tomam para evitar a esclavidão moderna em suas cadeias produtivas. A esperança é que a preferência dos consumidores por mercadorias produzidas de forma ética seja capaz de remodelar indústrias exploradoras (O'Connell Davidson, 2015).

A emergência de discursos sobre a esclavidão moderna e mudanças legislativas destacam a natureza contestada da produção de conhecimento sobre as condições de liberdade, e sua falta, que regem o movimento e os direitos dos corpos de trabalho. O uso do termo esclavidão tem gerado diversas respostas, da promoção entusiasmada feita por abolicionistas contemporâneos (caridades, governos e filantropos), até as respostas mais críticas advindas de acadêmicos pós-coloniais e decoloniais preocupados com a forma que as histórias e corpos racializados e

⁵ http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2015/30/pdfs/ukpga_20150030_en.pdf (último acesso em 30 de julho de 2018)

⁶ http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2015/30/pdfs/ukpga_20150030_en.pdf (último acesso em 30 de julho de 2018)



submetidos à colonização são reconfigurados por imaginários brancos e liberais (Bravo, 2015; Davidson, 2015; Kempadoo, 2015). Como argumentado por Gadd e Broad (2018, p. 2) em relação às iniciativas britânicas, “para compensar as muitas formas de exploração que são conceituadas como escravidão moderna, qualquer nova ‘força tarefa’ precisará ser reflexiva e duradoura o suficiente para articular os ‘conhecimentos impensados’ do colonialismo britânico, as políticas de imigração e as práticas dos consumidores que estão implícitas no falso orgulho nacional que se pretende combater”. Os ‘conhecimentos impensados’ de um imaginário imperialista se articulam com a minha recente experiência de acompanhar de perto as descrições da mídia sobre o primeiro processo bem sucedido do tráfico infantil e da exploração de seu trabalho sob o *Modern Day Slavery Act, 2015* (Dearden, 2018) with money from unsuspecting customers funding organised crime. Three members of a Vietnamese gang uncovered in Bath were jailed for a total of nine years for forcing teenage girls to work without pay and keeping them in squalid conditions. They transferred their victims to beauty parlours across England while dumping phones in efforts to evade police, sparking an intelligence operation involving the National Crime Agency. Investigators said they had just scratched the surface of a far-reaching criminal underworld that sees girls bound to their abusers by invisible chains. a 48-year-old Vietnamese woman known as Jenny, was jailed for five years for conspiring to facilitate the movement of people for labour exploitation and require others to perform forced or compulsory labour. Investigators believe their cash-only nail bars are a fraction of those run by gangs using them to launder money from cannabis factories and other criminal activity in the UK. No links were proven in the Bath case, but Jenny could not explain the origin of 360,000 that had been hidden inside a rabbit soft toy at her home in Southdown Road, Bath. DI Tucker said one of the victims told police she arrived in the UK in the back of a lorry with cardboard boxes via France. (Avon & Somerset Police em Bath, uma popular cidade turística e Patrimônio Mundial⁷).

Conforme eu lia as notícias locais e nacionais sobre este caso, em momento algum vi qualquer conexão entre a história da escravidão transatlântica (ou mesmo Romana Antiga) sobre qual a cidade georgiana foi construída e o contexto do tráfico de seres humanos. A cobertura extensiva da mídia sobre caso ecoou o positivismo político que Gadd e Broad (2018) identificaram como circulados por uma “violência inocente” que nega a significância histórica da escravidão na expansão do Império Britânico. Talvez isto não seja surpreendente considerando as dominantes narrativas comerciais e turísticas sobre cidade que são, em grande parte, o silêncio sobre os lucros da escravidão. Mesmo as populares caminhadas do prefeito pela cidade⁸ que são conduzidas por voluntários (cujo privilégio os permite compartilhar seu trabalho livremente) raramente discutem as histórias escondidas de Bath. No entanto, contranarrativas estão sendo criadas por pessoas como o artista e acadêmico local Richard White, que conduz passeios performativos e participativos sobre as histórias escravas em Bath e ao longo do Rio Avon⁹. Seus passeios convidam os participantes a reinventar e ‘ver’ o passado e o presente que são desconsiderados através da prática de “sentir os legados da posse de escravos. Atravessando histórias obscuras, refletindo sobre o fluxo, ciclo e memória;

⁷ O caso de Bath também foi tema de um documentário televisivo da BBC 2, *The Prosecutors: Prisons, Drugs And Drones*, exibido pela primeira vez em 9 de agosto de 2018

⁸ Consulte: <http://www.bathguides.org.uk>

⁹ Para um vídeo de um dos passeios sobre a história da escravidão de Richard em Bath, consulte: <https://vimeo.com/182379470>



estando alerta para os sons, vozes, lágrimas, suor e sangue suspensos na água” (White, 2018). Um desses passeios transformou minha experiência de como eu ‘sinto’ (vendo-sentindo-ouvindo) as histórias invisíveis da cidade e os corpos negros que trabalharam em lugares longínquos para criar as condições de privilégio para as vidas brancas e ociosas.

Os trabalhos de White são práticas culturais altamente afetivas no confronto da “violência inocente” presente nos discursos patrimoniais e no turismo convencional que celebram incessantemente a “bela Bath”, e ao fazê-lo, oferece aos participantes um tipo diferente de política afetiva que reconhece os efeitos do Império, ao invés de negá-los (Hall, 2018) it goes on to reflect on contestations over memory and the significance of the emergence of reparations as a key term with which to think about the wrongs of the past and the possibilities of repair. It uses a discussion of the author’s individual and collaborative historical work to argue for the importance of a different understanding of Britain’s involvement in the slavery business and our responsibilities, as beneficiaries, of the gross inequalities associated with slavery and colonialism.”, “author” : [{ “dropping-particle” : “”, “family” : “Hall”, “given” : “Catherine”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }], “container-title” : “Race and Class”, “id” : “ITEM-1”, “issue” : “1”, “issued” : { “date-parts” : [[“2018”]] }, “note” : “8 Could re-thinking the past, taking responsibilities for its residues and legacies, be one way of challenging rightwing politics and imagining a different future? Those of us living in the rich societies of the West have all, albeit profoundly unequally, enjoyed the fruits of racial capitalism, we are all survivors of slavery, not just those who can directly trace their lineages. While the word reparations generally means compensation of some kind, reparation has come to mean repair. People make reparation, states and corporations pay reparations. The recognition of white privilege, grasping the extent to which white identities have been built on the capacity to other those who are defined as lesser is a crucial part of the work that is underway and needs to be sustained in Britain. Reparatory history must be about more than identifying wrongdoers and seeking redress: it begins with the descendants, with trauma and loss, but the hope is that the work of mourning can be linked to hopes for reconciliation, the repair of relations damaged by historical injustice. Disavowal is connected with a denial of external realities, a refusal to think what is unthinkable, a wish to put aside what cannot be integrated. And this is as relevant in our intimate and interpersonal relations as in relation to forgotten histories... individuals or collectives, indeed whole states and societies can be engaged in it. Disavowal is the refusal to avow, the disclaiming of responsibility or knowledge of, repudiation or denial. It is often linked to the notion of a blind eye or the refusal of something in plain sight, so carrying the implication of knowing and not knowing. compensation to the slave-owners: he knew what the payment of 20 million pounds meant in terms of the government’s overall expenditure. (16 billion in today’s money. Apesar do crescimento de discursos públicos sobre a escravidão moderna, esta discussão ainda não está presente nos discursos turísticos, uma vez que ainda estão estreitamente ligados com a propagação da identidade britânica em Bath como uma poderosa força global do passado, e que é imaginada no futuro pós-Brexit. Gadd e Broad (2018, p. 16) defendem a importância dos discursos públicos que historicizem “estados sentimentais para que estes possam ser desconstruídos, identificando atitudes defensivas de divisão, tolerando a ambivalência e contendo o suficiente da dor para que seu funcionamento torne-se suportável... para os britânicos, pelo menos, uma crise política da identidade nacional – de grandeza decadente na ausência de um império, uma vez construído sobre a escravidão transatlântica e a opressão colonial – também deve ser abordado”. Na zona imediata



do Brexit, a situação precária de muitos migrantes, requerentes de asilo e refugiados é aumentada dentro de uma economia afetiva que é alimentada pelo medo, ódio e a negação do racismo no interior de um estado neoliberal que deseja aumentar a segurança, o controle da fronteira e as relações comércio (Squire, 2017).

O estado está envolvido em um esforço de biopolítica para regular a circulação de pessoas vulneráveis, as fronteiras nacionais e os direitos humanos através de imperativos da segurança. Como Fitzgerald (2010, p. 280) afirma, “os migrantes traficados são a evidência visível dessas ‘fronteiras que vazam’ (Gilbert, 2007, p. 77) que suportam a retórica do estado sobre a necessidade de leis imigratórias e controle da fronteira mais rigorosos”. Ao mesmo tempo, discursos humanitários que circulam pelos meios de comunicação e relatórios governamentais sobre os direitos humanos de mulheres traficadas para dentro do Reino Unido parecem encobrir a geopolítica mergulhada na pauta doméstica anti-imigração e focada em estereótipos raciais e de gênero (Fitzgerald, 2016). Truong (2015, p. 11) demonstra como “pesquisadoras [feministas] demonstraram como alguns programas anti-tráfico criaram uma “indústria do resgate”, cujas práticas misturam “prostituição” e o “tráfico”, atribuindo uma imagem de vítima a pessoas (principalmente mulheres) que tomaram decisões conscientes de migrar (Law, 2000)”. Além disso, Gadd e Broad (2018) apontam que as ações policiais de alta visibilidade que foram realizadas no Reino Unido para resgatar vítimas de tráfico sexual foram objeto de críticas, uma vez que resultaram na prisão e deportação de prostitutas que não tiveram seus traficantes identificados. Em um dos primeiros estudos sobre o tema no Reino Unido, Gearon (Gearon, 2016, p. 91) in recent years gathered considerable pace. \u2018Child trafficking\u2019 is a crosscutting social issue, relevant to policy areas of child protection, child migration, criminal justice, immigration, social policy and human rights. This thesis explores children\u2019s own accounts and lived experiences of \u2018child trafficking\u2019, addressing a notable gap in hearing from children directly. The thesis critically engages with the social construction of the \u2018trafficked child\u2019 examining how contemporary concepts of childhood shape and inform \u2018child trafficking\u2019 policy and practice. How \u2018child trafficking\u2019 policy has been constructed politically is examined, in shaping how \u2018child trafficking\u2019 is defined in practice. The implications for children experiencing trafficking of a system built on current assumptions about childhood and \u2018child trafficking\u2019 are considered. The study explores how children\u2019s experiences of their childhood and \u2018child trafficking\u2019 challenge many assumptions underpinning policy and practice. The findings reveal a disjuncture between immigration-driven and prosecution focused \u2018child trafficking\u2019 practice and children requiring a welfare and individualised response to their needs. Children needed practitioners to listen to them, believe them and take action upon child protection concerns. A conclusion is drawn that the way in which \u2018child trafficking\u2019 policy and practice in England is presently constructed, and experienced, appears not to reflect the lived \u2018realities\u2019 of young people in this study. A new approach to \u2018child trafficking\u2019 policy and practice is recommended underpinned by a conceptual shift in how we perceive childhood and adolescence. Intended audiences of this study include policy-makers and front-line practitioners including social workers, the police, immigration officers and other services. This qualitative study contributes in developing methods with a hard to access population addressing a difficult subject area, promoting children and young people\u2019s participation in research.”, “author” : [{ “dropping-particle” : “”, “family” : “Gearon”, “given” : “Alinka”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }], “id” :



"ITEM-1", "issued" : { "date-parts" : [["2016"]] }, "note" : "91 Positioning \u2018child trafficking\u2019 as a concern synonymous with illegal migration, served the governments interests in demonstrating to the public that action was being taken to curb illegal migration, in the context of a significant increase in net migration to the UK.", "publisher" : "University of Bath", "title" : "'Child trafficking': Experiences of children on the move", "type" : "article" }, "locator" : "91", "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=d6372b3d-d02a-4aed-997f-991910a0a11c"] }, "mendeley" : { "formattedCitation" : "(Gearon, 2016, p. 91 criticou a falta de foco no bem-estar de crianças em reformas da escravidão moderna por conta da agenda política, \u2018apresentando o \u2018tráfico infantil\u2019 como sinônimo de migração ilegal, servindo aos interesses governamentais em mostrar ao público que ações estavam sendo tomadas para impedir a imigração ilegal dentro de um contexto de aumento significativo na migração para o Reino Unido\u2019".

Apesar da existência de um corpo substancial de pesquisa feminista explorando questões do trabalho e tráfico sexual no turismo, lazer e setores de mídia, há pouca pesquisa sobre formas de exploração do trabalho na indústria da beleza, especificamente a ascensão dos *nail bars* como espaços feminizados de trabalho corporal estético e que estão entrelaçados com lazer feminino em nações ricas. Cohen e Wolkowitz (2018, pp. 42-3) "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }, { "dropping-particle" : "", "family" : "Wolkowitz", "given" : "Carol", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Gender, Work and Organization", "id" : "ITEM-1", "issue" : "1", "issued" : { "date-parts" : [["2018"]] }, "note" : "42-3 Body work is a sub-category of \u2018interactive service work....aesthetic services focused on physically transforming the body, such as hairdressing, tattooing or beauty work.\u2019 \u2018aestheticising\u2019 body work (Wolkowitz, 2002 definem o trabalho corporal como serviços \u2018estéticos\u2019 que \u2018buscam a transformação física do corpo, como cabeleireiro, tatuagens ou trabalhos estéticos\u2019".

Nail bars como espaços de tráfico humano

Ao passo que discursos midiáticos afirmam estar criando maior consciência sobre o problema do tráfico, há uma usual falta de reflexão crítica sobre \u2018como\u2019 a questão é retratada. Todas as reportagens que eu li, considerando todo o espectro político, apresentam de forma dominante a polícia como os salvadores heroicos de meninas vitimizadas (merecedoras de pena) enquanto eles prendem traficantes vietnamitas (maus e merecedores de condenação) que são donos de *nail bars* por toda a Grã-Bretanha. Os relatos deste caso centraram-se, repetidamente, nos maus-tratos de uma minoria étnica por seus \u2018próprios\u2019 pares (ignorando as complexas desigualdades entre vietnamitas), colocando de lado pontos críticos que questionam o papel da Grã-Bretanha no plano econômico e político e nas forças socioculturais que modelam fluxos globais e desigualdades. O seguinte excerto da reportagem publicada no *The Guardian* nos fornece um exemplo de como o caso foi enquadrado quando os traficantes de meninas/jovens vietnamitas foram processados sob o *Modern Day Slavery Act* no início de 2018 (Morris, 2018) and Ken, were found guilty of conspiring to arrange or facilitate the movement of people for labour exploitation and conspiring to require others to perform forced or compulsory labour... Jenny, 48, from Bath, was sentenced to five years \u2019 imprisonment, while Ken, 29, from Burton-upon-Trent, was jailed for four years. Officers said they believed many more girls and boys were at risk. They hoped the prosecution



would send a message to nail bar owners who use children that they would be pursued, as well as alerting customers to the possibility that young people were being exploited. The investigation began when police, immigration officials and staff from the charity Unseen visited nail bars in Bath in February 2016. At the Nail Bar Deluxe premises, in the city centre, they found two Vietnamese girls working on clients\u2019 nails. It emerged they were working 60 hours a week. One was being paid about \u00a330 a month while the second was not paid. They were staying at the four-bedroomed home of the owner, Jenny, in Bath. One lived in a tiny room, while the other slept on a mattress in the attic. DI Charlotte Tucker, who led the operation for Avon and Somerset police, said: \u201cThey were extremely vulnerable. They were from impoverished backgrounds in Vietnam and had come to the UK seeking a better life.\u201d The pair were brought into the UK in the back of a lorry. It is not known if they were collected by someone from the nail bar or simply dumped in Bath to seek out Vietnamese people such as Jenny. The nail bar was lucrative. When police raided Jenny\u2019s home, they found \u00a360,000 in \u00a350 notes hidden inside a teddy bear and a cabinet full of designer handbags, some worth thousands of pounds. She also had a string of bedsits in Bath. The teenagers were taken into emergency foster care but ran away. \u201cUnfortunately, this is a common occurrence in trafficking cases, as victims are conditioned to feel reliant on those controlling them and compelled to return to them,\u201d said Tucker. They were re-trafficked but were traced to a nail bar in Abbey Arcade Tucker said the girls spoke little\u201d

u2026", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Morris", "given" : "Steven", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "The Guardian", "id" : "ITEM-1", "issued" : { "date-parts" : [["2018", "1", "2"]] }, "title" : "Trio who used trafficked girls to work in nail bars jailed under slavery laws", "type" : "article-newspaper" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=aea1cb46-1b46-4959-b588-f87431af5874"] }], "mendeley" : { "formattedCitation" : "{Morris, 2018.

Um homem e uma mulher que forçaram crianças traficadas do Vietnã a trabalhar em *nail bars* no Reino Unido estão presos [5 e 4 anos]... [a polícia] esperava que a acusação enviaria uma mensagem para os donos de salões de beleza/*nail bars* que usam crianças informando que seriam investigados, além de alertar os clientes para a possibilidade de que jovens estivessem sendo exploradas... Nas instalações do *nail bar* Deluxe, no centro da cidade, foram encontradas duas meninas vietnamitas [menores de 18 anos] trabalhando nas unhas dos clientes. Verificou-se que elas trabalhavam 60 horas por semana. Uma delas recebia em torno de £30 por mês, e a outra não era paga. Elas estavam hospedadas em uma casa de quatro quartos da proprietária do salão, Jenny, em Bath. Um morava em um quarto minúsculo, e a outra dormia em um colchão no sótão.

A investigadora Charlotte Tucker, que liderou a operação pela Polícia de Avon e Somerset, disse: "Elas eram extremamente vulneráveis. Elas vieram de origens empobrecidas no Vietnã e imigraram para o Reino Unido buscando uma vida melhor." Ambas foram trazidas para o Reino Unido na caçamba de um caminhão. Não se sabe se elas foram recolhidas por alguém do *nail bar* ou simplesmente deixadas em Bath para buscar vietnamitas como Jenny. O *nail bar* era lucrativo. Quando a polícia invadiu a casa de Jenny, encontraram £60.000 em notas de £50 escondidas dentro de um ursinho de pelúcia e um armário cheio de bolsas de grife, algumas delas custam milhares de libras. Ela também era dona de diversos pequenos apartamentos em Bath.



As jovens foram levadas para um orfanato de emergência, mas fugiram. “Infelizmente isto é comum em casos de tráfico, uma vez que as vítimas são condicionadas a se sentir dependentes daqueles que as controlam e compelidas a retornar a eles”, disse Tucker. Elas foram re-traficadas, mas encontradas em um *nail bar* na cidade de Burton. Tucker disse que as meninas falam pouco inglês. “Elas eram tão vulneráveis que não tinham chance alguma de fugir. Elas não estavam aprisionadas, mas também não tinham para onde ir. “Nós queremos mostrar ao público que esses traficantes escondem as suas vítimas à luz do dia. Quando as pessoas vão fazer as suas unhas pode haver uma vítima lá que veio aqui por uma vida melhor, às vezes por conta de dívidas ligadas à suas famílias em seu país de origem. Elas estão presas aqui. “No caso de *nail bars*, alguns sinais podem ser trabalhadoras de aparência muito jovem, preços muito baixos, troca frequente de funcionários ou comportamentos controladores por parte de funcionários mais velhos. Se você tiver qualquer suspeita, por favor contate a polícia.” O caso foi executado como um “processo sem vítimas” – algo frequente nos casos de violência doméstica em que a vítima não necessariamente colabora com a acusação. “Essas pessoas são fortemente condicionadas a acreditarem que não são vítimas. Elas não enxergam que foram exploradas para a obtenção de lucros”, disse Tucker.

No fundo, as jovens afetadas pelo caso não são “beneficiárias” deste bem sucedido processo sob a lei britânica de escravidão moderna, uma vez que não recebem nenhuma garantia de proteção ou asilo, havendo ainda a chance de serem mandadas de volta ao exato local onde foram exploradas (sendo, muitas vezes, re-traficadas) (Gadd e Broad, 2018, p. 11). Frequentemente, pessoas traficadas são julgadas pelo sistema de referência considerando o seu status migratório, e aquelas advindas de países fora da União Europeia são quatro vezes menos propensas a receberem proteção e serem reconhecidas como vítimas de tráfico, sendo, na maioria das vezes, deportadas (International Anti-Slavery, n.d.). As vítimas devem ter o seu pedido de asilo analisado pelo tribunal, e até a proclamação da decisão os requerentes vivem recebendo aproximadamente £35 por semana. As crianças são colocadas em famílias de acolhimento que talvez tenham pouca compreensão intercultural (Bath é uma área britânica predominantemente branca) ou apreciação do desejo de trabalhar e ganhar dinheiro (muitas crianças não tiveram educação formal ou tempo para brincar/lazer na infância em seus países de origem), e portanto, a experiência de isolamento pode contribuir para as ‘fugas’ relatadas em reportagens. Essas garotas são frequentemente coagidas a retornar para os traficantes sob ameaças às suas famílias e escravidão por dívidas (Gadd e Broad, 2018). O Reino Unido tem acordos internacionais em vigência com certos países, o Vietnã neste caso, para retornar quaisquer crianças traficadas para que sejam cuidadas por seu estado de origem. No entanto, o estado vietnamita não tem os recursos em termos de seguridade social, e a falta de cuidados adequados em relação a determinados pontos de inadequação de tais acordos converte-se no aumento do risco de re-tráfico (Child Exploitation and Online Protection Centre and British Embassy, 2011). Complexidades e desigualdades como essas levam muitos críticos a assinalar a posição paradoxal da postura moral adotada pelo governo britânico na ‘erradicação’ da escravidão moderna. Gadd e Broad (2018, p. 12) também identificam a geopolítica mais ampla implicada na resposta do estado britânico, “apesar do empenho legislativo em acabar com a escravidão moderna, proporcionalmente, a Grã-Bretanha recebeu menos que a sua parte de refugiados em 2015 em relação a outros países europeus – apenas 3,1% do total dentro da União Europeia, e apenas um duodécimo do número recebido pela Alemanha”.



A exploração laboral escondida em nail bars

Em 2016, salões de beleza cresceram mais que qualquer outro tipo de empresa independente no Reino Unido. Dados mais recentes apontam que, em média, mulheres britânicas passam por 10 procedimentos de pedicura por ano, gastando £994 por ano em tratamentos de beleza. Homens apresentam valores crescentes, gastando em média £779 por ano... *Nail bars* passaram a dominar as ruas de forma avassaladora. Mais baratos que os salões de beleza tradicionais e sem a necessidade hora marcada, esses ambientes recorrem ao nosso insaciável desejo de economizar, à necessidade de gratificação instantânea e à necessidade moderna de bem estar próprio. E nosso desejo é que essas coisas aconteçam sem qualquer interação com a pessoa por trás da máscara que fornece nosso tratamento. Mas este desejo por serviços baratos pode estimular a escravidão moderna (Garbers, 2018) more beauty and grooming salons opened in the UK than any other independent business. Latest figures show that women on average have 10 pedicures a year and spend \u00a3994 per annum on beauty treatments. Men are increasingly getting in on the act, spending on average \u00a3779 per year. I am not one of those women, but my terrible nails are a good talking point when I go into nail bars to spot signs of slavery and exploitation. These visits are part of the work of the south-west\u2019s Anti-Slavery Partnership. Partners from law enforcement, statutory agencies and the voluntary sector come together to investigate businesses in which slavery and exploitation may be occurring. We try to make sure that people who may be victims of exploitation are aware of their rights and that there are agencies out there who are able to help. We know that exploiters and traffickers often keep their victims isolated from the community in which they work in order to exert control over them. One of those visits led to the UK\u2019s first successful prosecution of modern slavery involving minors earlier this week in Bath, where two people were jailed after forcing children trafficked from Vietnam to work in nail bars. Budget nail bars have taken our high streets by storm. Cheaper than traditional beauty salons, with no appointment required, they appeal to our insatiable desire for a bargain, need for instant gratification and the modern necessity to feel good about ourselves. And we want all of this without interacting with the person behind the mask providing our treatment. But this desire for cheap service can fuel modern slavery. The current estimate is that there are 40 million slaves worldwide \u2013 and it is often unclear what practical steps an individual can take to avoid using \u201cslave labour\u201d in pursuing our beauty regimes. The reality is that it is the people using the nail bars who can provide the best information as to what is happening there. Familiarise yourself with the warning signs, report anything suspicious and make informed choices about the beauty salons you visit. Our purchasing decisions hold power. If more of us are using nail bars, we need to understand the implications of what we are potentially participating in. Regulation and licencing of nail bars is largely voluntary and, outside of a few London boroughs, this lack of regulation allows exploitative practices to continue. It is suggested\u2026”, “author” : [{ “dropping-particle” : “”, “family” : “Garbers”, “given” : “Kate”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }], “container-title” : “The Guardian”, “id” : “ITEM-1”, “issued” : { “date-parts” : [[“2018”, “1”, “5”]] }, “title” : “Nail bars are havens for modern slavery: Here\u2019s how you can help tackle it”, “type” : “article-newspaper” }, “uris” : [“http://www.mendeley.com/documents/?uuid=6c7ef034-a630-46c3-8268-a8b0194bdb25”]], “mendeley” : { “formattedCitation” : “[Garbers, 2018].



Após o processo mencionado anteriormente, Kate Garbers, diretora da agência Unseen, que provê suporte a vítimas de tráfico, escreveu um artigo na mídia com o intuito de conscientizar consumidores sobre a escravidão moderna em *nail bars*, um tipo de ambiente de lazer que se tornou onipresente para muitas mulheres britânicas. *Nail bars* vietnamitas tornaram-se o objeto de uma atenção pública racializada em reportagens midiáticas sobre o “tráfico de seres humanos, lavagem de dinheiro e imigração ilegal” (Barber, 2018, p. 8). A diáspora vietnamita no Reino Unido tem sido significativa na expansão dos *nail bars* durante a década de 2000, representando pequenas empresas bem sucedidas e espaços de consumo da beleza-lazer feminizados. Jovens mulheres (e alguns homens) de idade incerta que fazem trabalhos no corpo costumam precisar usar máscaras faciais, têm limitações na fala e compreensão do inglês e conseguem seus empregos através de redes culturais na desregulada indústria da beleza. A reestruturação da economia global e a comercialização práticas corporais que eram conduzidas, inicialmente, no espaço privado das casas, contribuem para o crescimento de *nail bars* como locais de lazer onde os corpos de diferentes mulheres trabalham e são trabalhados, em o nome de ideais de beleza héteronormativos e feminizadas (Kang, 2003)(2. Uma pesquisa etnográfica feita com *nail bars* operados ou possuídos por coreanos e vietnamitas documentou como percepções racializadas sobre mulheres asiáticas (pequenas mãos que são naturalmente boas para manicure) pelos consumidores contribuem para normalizar relações desiguais de trabalho na troca de serviços de corpo (Eckstein & Nguyen, 2011; Hoang, 2015; Kang, 2003)(2. As condições precárias e grande número de riscos para a saúde (exposição à substâncias químicas, acidentes e conexões com a exploração sexual e do trabalho)(Harris-Roberts et al., 2011) *permanecem invisíveis* dentro de uma economia visual que privilegia o corpo consumidor feminizado como um objeto estético a ser melhorado, desejado e com status. Kang (2003) identificou que estes profissionais também estavam envolvidos em relações de trabalho emocional, garantindo a prestação de mimos e atenção através de soluções especiais, banhos de imersão, toalhas, etc. Produzindo assim uma experiência sensorial agradável nos salões para clientes de diferentes classes, e ambientes e perfis culturais. Kang descreve a experiência de uma de suas entrevistadas brancas, Kathy, que era *personal trainer*,

Ter as minhas unhas feitas é um prazer, um luxo. Fazê-las eu mesma é tedioso, tê-las feitas é um prazer. Envolve toda a ideia de ir num lugar e ter algo legal feito para mim mesmo. Se eu mesma fizer as minhas unhas não passa da manutenção de rotina do meu corpo, como lavar o cabelo ou manter minhas roupas limpas... Claro que se torna mais agradável se elas são amigáveis e podem falar com você. Se elas não se lembram do meu nome não tem problema, mas acho que deveriam me reconhecer (Kang, 2003, p. 827-8)

Um crescente corpo de literatura feminista tem analisado as experiências de mulheres brancas de classe média como consumidoras e os esforços da indústria da beleza – dominada por homens – para explorar suas inseguranças através do lazer trabalhado de auto aperfeiçoamento (“me time”). Críticas mais recentes têm começado a tornar visível a diversificada produção e consumo de trabalhos corporais de raça e gênero na era pós-feminista de serviços de cultura e lazer (Coffey, 2016; Cohen & Wolkowitz, 2018; Elias, Gill, & Scharff, 2017; Kang, 2003; Veijola & Jokinen, 2008)who had more than 600,000 followers on Instagram, earned \u2018thousands of dollars\u2019 from marketers for each post, she said, but could no longer tolerate the shameless manipulation of her images and the painful costs of \u2018self-promotion\u2019.



\u2018Resigning\u2019 from the site, she deleted 2000 posts and \u2018re-captioned\u2019 the remaining 96 to draw attention to the artifice involved in their production\u2014not just the (notorious. Contudo, tem havido pouca discussão das formas mais amplas das relações racializadas da desigualdade de gênero que governam as interações feminizadas dos consumidores e prestadores de serviços de lazer relacionados ao corpo, e que podem *tornar as relações de trabalho forçadas invisíveis*. Retornando à política afetiva que Richard White promove em seus passeios sobre a história da escravidão em Bath, como podemos começar a tornar conhecidos os ‘conhecimentos impensados’ sobre trabalho traficado dentro daquilo que é comumente chamado de ‘enclave étnico’, considerando circuitos globais e locais de corpos e capital baseados no gênero? Ao invés de repudiar a complexa afecção produzida por essa escravidão moderna, relatos eticamente responsáveis reconhecem a ‘violência inocente’ que serviços relacionados ao lazer feminizado promovem para manter a beleza dos corpos que se beneficiam do trabalho de mulheres empobrecidas que são traficadas (Gadd & Broad, 2018). A nível local, tais questões exigem novas formas de ver e ouvir que reconheçam os efeitos históricos do imperialismo britânico na perpetuação de práticas de diferenciação que desvalorizam o trabalho dos corpos negros e asiáticos e seu direito à liberdade de lazer.

Como feministas pós-/decoloniais tem argumentado no campo dos Estudos do Lazer – e também de forma mais ampla –, o risco de não nomear as ontologias e epistemologias que moldam as experiências pessoais da desigualdade é o de colocar mulheres/jovens (neste caso, traficadas) como o problema (a serem deportadas ou controladas em relação à segurança das fronteiras nacionais) (Bhambra, 2014; Fitzgerald, 2016; Kempadoo, 2015; Ratna, 2018). As responsabilidades de geopolíticas mais amplas de países como a Grã-Bretanha provém dessas questões, reque-rendo maior escrutínio ao passo em que dispositivos legais progressistas e mudanças sociais continuam entrelaçados com histórias de colonização e exploração. Numerosos acadêmicos e ativistas têm argumentado que abordagens socialmente justas são necessárias, considerando processos de múltiplas camadas de forma a intervir mais eficazmente na economia global do tráfico de seres humanos (Davidson, 2015; Kempadoo, 2015). Ao reunir diversas literaturas para explorar os complexos direitos humanos envolvidos na ‘escravidão moderna’, este artigo buscou “*aprender a ouvir o que é impossível*” (Ahmed, 2004, p. 35 italics in original) através do reconhecimento de como o trabalho forçado sustenta espaços onipresentes do consumo e prestação de lazer feminizado na indústria global da beleza. Um dos desafios é ir além dos silêncios históricos que mantêm o privilégio branco, tornando conhecido os “conhecimentos impensados” sobre a exploração, a violência e a falta de liberdade. E se a autoridade cultural branca de Bath pudesse ser abalada com um pequeno passo? Um passeio que provoca uma maneira diferente de caminhar-saber o emaranhado transnacional de histórias da escravidão onde histórias de trabalho e lazer incorporados estão conectadas através de fluxos de poder que continuamente dão forma ao passado e ao presente.



Referências

- Ahmed, S. (2004). *The cultural politics of emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Aitchison, C. (2000). Poststructural feminist theories of representing others: a response to the 'crisis' in leisure studies' discourse. *Leisure Studies*, 19(3), 127–144.
- Arai, S., & Kivel, D. (2009). Critical Race Theory and Social Justice Perspectives on Whiteness, Difference(s) and (Anti)racism: A Fourth Wave of Race Research in Leisure Studies. *Journal of Leisure Research*, 41(4), 459–470.
- Barber, T. (2018). *The integration of Vietnamese refugees in London and the UK: Fragmentation, complexity, and 'in/visibility.'* Helsinki.
- Bhambra, G. K. (2014). Postcolonial and decolonial dialogues. *Postcolonial Studies*, 17(2), 115–121. <https://doi.org/10.1080/13688790.2014.966414>
- Blackshaw, T. (2010). *Leisure*. London: Routledge.
- Bravo, K. E. (2015). Making "Slavery" Work. In *Slavery Past, Present and Future Conference Proceedings Ebook, 2015*. (pp. 1–18). SSRN: <https://ssrn.com/abstract=2801282> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2801282>.
- Carrington, B. (2008). Introduction: Rethinking labour and leisure. *Leisure Studies*, 27(4), 369–374. <https://doi.org/10.1080/02614360802456972>
- Carrington, B. (2017). Post/ colonial theory and sport. In R. Giulianotti (Ed.), *Routledge Handbook of the Sociology of Sport*. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203404065.ch11>
- Caudwell, J., & McGee, D. (2018). From promotion to protection: human rights and events, leisure and sport. *Leisure Studies*, 37(1–3), 1–10.
- Chan, C. (2018). The politics of leisure and labor mobilities: discourses of tourism and transnational migration in Central Java, Indonesia. *Mobilities*, 13(3), 325–336. <https://doi.org/10.1080/17450101.2017.1356436>
- Child Exploitation and Online Protection Centre and British Embassy. (2011). *The trafficking of women and children from Vietnam*. Hanoi.
- Clarke, J., & Critcher, C. (1985). *The devil makes work: Leisure in capitalist Britain*. London: Macmillan.
- Coffey, J. (2016). Introduction to youth sociology and the body. In *Body work: Youth, gender and health*. London: Routledge.
- Cohen, R. L., & Wolkowitz, C. (2018). The Feminization of Body Work. *Gender, Work and Organization*, 25(1), 42–62. <https://doi.org/10.1111/gwao.12186>
- Cooper, C., Hesketh, O., Ellis, N., & Fair, A. (2017). *A Typology of Modern Slavery Offences in the UK*. Retrieved from <https://www.antislaverycommissioner.co.uk/media/1190/a-typology-of-modern-slavery-offences.pdf>
- Davidson, J. O. (2015). *Modern slavery: The margins of freedom*. London: Palgrave Macmillan.
- Dearden, L. (2018, January 2). Police warn modern slaves "staffing nail bars across UK" as Vietnamese gang jailed in landmark case. *Independent*. Retrieved from <https://www.independent.co.uk/news/uk/crime/modern-slavery-nail-bars-bath-case-jailed-police-staffing-vietnamese-uk-britain-forced-labour-a8137031.html>
- Deem, R. (1986). *All work and no play?: a study of women and leisure*. London: Open University Press.
- Eckstein, S., & Nguyen, T. N. (2011). The making and transnationalization of an Ethnic niche: Vietnamese manicurists. *International Migration Review*, 45(3), 639–674. <https://doi.org/10.1111/j.1747-7379.2011.00861.x>
- Elias, A., Gill, R., & Scharff, C. (2017). *Aesthetic Labour: Rethinking Beauty Politics in Neoliberalism*. Springer.



- Fitzgerald, S. A. (2010). Biopolitics and the regulation of vulnerability: The case of the female trafficked migrant. *International Journal of Law in Context*, 6(3), 277–294. <https://doi.org/10.1017/S1744552310000169>
- Fitzgerald, S. A. (2016). Vulnerable geographies: human trafficking, immigration and border control in the UK and beyond. *Gender, Place and Culture*, 23(2), 181–197. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2015.1013441>
- Fullagar, S., Pavlidis, A., & Francombe-Webb, J. (2018). Feminist theories after the post-structuralist turn. In D. C. Parry (Ed.), *Feminisms in Leisure Studies: Advancing a Fourth Wave*. New York: Routledge.
- Gadd, D., & Broad, R. (2018). Troubling recognitions in British responses to modern slavery. *The British Journal of Criminology*, 37(July), 1–22. <https://doi.org/10.1093/bjc/azx082>
- Garbers, K. (2018, January 5). Nail bars are havens for modern slavery: Here's how you can help tackle it. *The Guardian*.
- Gearon, A. (2016). "Child trafficking": Experiences of children on the move. University of Bath.
- Green, E., Hebron, S., & Woodward, D. (1990). *Women's leisure, what leisure?* London: Macmillan Press Ltd.
- Hall, C. (2018). Doing reparatory history: bringing 'race' and slavery home. *Race and Class*, 60(1), 3–21. <https://doi.org/10.1177/0306396818769791>
- Harris-Roberts, J., Bowen, J., Sumner, J., Stocks-Greaves, M., Bradshaw, L., Fishwick, D., & Barber, C. M. (2011). Work-related symptoms in nail salon technicians. *Occupational Medicine*, 61(5), 335–340.
- Haworth, J. T., & Veal, A. J. (2004). *Work and leisure*. Psychology Press.
- Hoang, K. K. (2015). Nailing Race and Labor Relations: Vietnamese Nail Salons in Majority-Minority Neighborhoods. *Journal of Asian American Studies*, 18(2), 113–139.
- Hylton, K. (2005). 'Race', sport and leisure: lessons from critical race theory. *Leisure Studies*, 24(1), 81–98.
- International Anti-Slavery. (n.d.). Slavery in the UK. Retrieved August 8, 2018, from <https://www.antislavery.org/slavery-today/slavery-uk/>
- International Labour Organisation. (2017). *Global estimates of modern slavery: Forced labour and forced marriage*. Geneva.
- Kang, M. (2003). The Managed Hand: The Commercialization of Bodies and Emotions in Korean Immigrant-Owned Nail Salons. *Gender and Society*, 17(6), 820–839. <https://doi.org/10.1177/0891243203257632>
- Kempadoo, K. (2015). The Modern-Day White (Wo)Man's Burden: Trends in Anti-Trafficking and Anti-Slavery Campaigns. *Journal of Human Trafficking*, 1(1), 8–20. <https://doi.org/10.1080/23322705.2015.1006120>
- Latimer, J., & Skeggs, B. (2011). The politics of imagination: keeping open and critical. *The Sociological Review*, 59(3), 393–410.
- Lugones, M. (2010). Toward a Decolonial Feminism. *Hypatia*, 25(4), 742–759. <https://doi.org/10.1111/j.1527-2001.2010.01137.x>
- McDonald, M. (2009). Dialogues on whiteness, leisure and (anti)racism. *Journal of Leisure Research*, 41(1), 5–21.
- McGee, D. (2012). Displacing childhood: Labour exploitation and child trafficking in sport. In A. Quayson & A. Arhin (Eds.), *Labour Migration, Human Trafficking and Multinational Corporations: The Commodification of Illicit Flows* (pp. 71–90). New York: Routledge.
- Morris, S. (2018, January 2). Trio who used trafficked girls to work in nail bars jailed under slavery laws. *The Guardian*.
- Mowatt, R. A., French, B. H., & Malebranche, D. A. (2013). Black/female/body hypervisibility and invisibility: A Black feminist augmentation of feminist leisure research. *Journal of Leisure Research*, 45(5), 644–660.



- Parker, S. (1983). *Leisure and work*. Sydney: George Allen and Unwin.
- Parry, D. C., Johnson, C. W., & Fullagar, S. (2018). *Digital dilemmas: Transforming gender identities and power relations in everyday life*. London: Palgrave Macmillan.
- Ratna, A. (2018). Not just merely different: Travelling theories, post-feminism and the racialized politics of women of color. *Sociology of Sport Journal*.
- Ratna, A., & Samie, S. F. (2017). *Race, Gender and Sport: The politics of ethnic "Other" girls and women*. (A. Ratna & S. F. Samie, Eds.). London: Routledge.
- Ratna, A., Samie, S. F., Jamieson, K., & Thangaraj, S. (2018). Learning lessons from the feminisms of ethnic "Others." In *The Palgrave Handbook of Feminism and Sport, Leisure and Physical Education* (pp. 627–648). Springer.
- Risse, M. (2009). A right to work? A right to leisure? Labor rights as human rights. *Law & Ethics of Human Rights*, 3(1), 1–39.
- Rojek, C. (2013). *Capitalism and Leisure Theory (Routledge Revivals)*. London: Routledge.
- Squire, V. (2017). Unauthorised migration beyond structure/agency? Acts, interventions, effects. *Politics*, 37(3), 254–272. <https://doi.org/10.1177/0263395716679674>
- Truong, T.-D. (2015). Human trafficking, globalization, and transnational feminist responses. *The Oxford Handbook of Transnational Feminist Movements*, 295.
- Veal, A. J. (2015). Human rights, leisure and leisure studies. *World Leisure Journal*, 57(4), 249–272.
- Veijola, S., & Jokinen, E. (2008). Towards a Hostessing Society? Mobile Arrangements of Gender and Labour. *NORA - Nordic Journal of Feminist and Gender Research*, 16(3), 166–181. <https://doi.org/10.1080/08038740802279901>
- Watson, B., & Scraton, S. J. (2012). Leisure studies and intersectionality. *Leisure Studies*, 32(1), 35–47. <https://doi.org/10.1080/02614367.2012.707677>
- Wearing, B. (1998). *Leisure and feminist theory*. London: Sage.
- White, R. (2018). Richard White. Walking. Social Media. Heritage. Retrieved August 4, 2018, from <http://www.walknowtracks.co.uk/projects.html>



MAKING MODERN SLAVERY VISIBLE IN THE GENDERED, RACIALISED ENTANGLEMENT OF LEISURE AND LABOUR: TRANSFORMING LEISURE PRACTICES AS SITES OF (UN)FREEDOM

Professor Simone Fullagar,

University of Bath, UK

The relationship between labour and leisure, or more often within the vernacular of leisure studies, work and leisure, is one of the foundational almost axiomatic problematics of the field. Indeed, given the way in which 'leisure' has historically been defined as time spent outside the formal demands and requirements of work, modern and essentially Western conceptualisations of leisure cannot be understood apart from the work/leisure coupling... the Atlantic slave trade and the resistance struggles of blacks offer historians of leisure an alternative narrative, a counter-Modernity if you will, for how we think through the nature of work. (Carrington, 2008, p. 369)

As Carrington suggests in this open quotation the field of Leisure Studies has long been interested in understanding leisure in the context of relations with labour, capital and consumption from various perspectives, yet there has been a lack of theoretical counter narratives that move thinking beyond Eurocentric accounts (Blackshaw, 2010; Clarke & Critcher, 1985; Deem, 1986; Green, Hebron, & Woodward, 1990; Haworth & Veal, 2004; Parker, 1983; Rojek, 2013; Wearing, 1998). Debates have focussed how leisure and (paid and unpaid) labour were shaped through the capitalist and patriarchal production of inequalities on structural and/or individual levels. However, the ontological and epistemological foundations of such knowledge largely remained unreflexively steeped in Eurocentric concepts and histories. In response, there is a growing body of scholarship that critically questions the fictive origins of leisure and leisure theory as a privileged white, masculine, middle class orientation to knowing the world (Carrington, 2018). These debates reveal the power relations that sustain privilege by opening up other onto-epistemologies that trouble the exclusion of embodied histories of leisure and labour through intersectional and posthumanist feminisms, critical race theory, post and decolonial theories¹ (Aitchison, 2000; Arai & Kivel, 2009; Carrington, 2017; Hylton, 2005; McDonald, 2009; McGee, 2012; Mowatt, French, & Malebranche, 2013; Ratna, 2018; Ratna & Samie, 2017; Ratna, Samie, Jamieson, & Thangaraj, 2018; Watson & Scraton, 2012) forwarding an approach to research that is interdisciplinary, elucidates different, complex and changing sites of being and belonging, and that aims to recover the lived agencies of ethnic minority men and women. Instead of foregrounding equivalence, we centre difference to trace the contours of similar and different theoretical persuasions, and demonstrate how they can be used to deepen understandings of the sensibilities, pleasures and politics of ethnic minority sporting participants. We pay particular attention to the contributions of post-colonial feminism, Chicana feminism and queer of colour thinking.

“author” : [{ “dropping-particle” : “”, “family” : “Ratna”, “given” : “Aarti”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }, { “dropping-particle” : “”, “family” : “Samie”, “given” : “Sumaya Farooq”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }, { “dropping-particle” : “”, “family” : “Jamieson”, “given” : “Katherine”, “non-dropping-particle”

¹ For a useful overview of post/colonial/feminist theory in relation to sport, see Carrington, 2017 and Ratna, 2018.



: "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }, { "dropping-particle" : "", "family" : "Thangaraj", "given" : "Stanley", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "The Palgrave Handbook of Feminism and Sport, Leisure and Physical Education", "id" : "ITEM-1", "issued" : { "date-parts" : [["2018"]] }, "page" : "627-648", "publisher" : "Springer", "title" : "Learning lessons from the feminisms of ethnic \u201cOthers\u201d", "type" : "chapter" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=d0d5f510-0f2c-403c-ac36-eb801121018a"]], { "id" : "ITEM-2", "itemData" : { "ISSN" : "1543-2785", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Ratna", "given" : "Aarti", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Sociology of Sport Journal", "id" : "ITEM-2", "issued" : { "date-parts" : [["2018"]] }, "publisher" : "Human Kinetics", "title" : "Not just merely different: Travelling theories, post-feminism and the racialized politics of women of color", "type" : "article-journal" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=243a1c7a-b4e6-4dbe-9d32-a08ab856d701"]], { "id" : "ITEM-3", "itemData" : { "DOI" : "10.4324/9780203404065.ch11", "ISBN" : "9780203404065", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Carrington", "given" : "Ben", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Routledge Handbook of the Sociology of Sport", "editor" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Giulianotti", "given" : "Richard", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "id" : "ITEM-3", "issue" : "11237", "issued" : { "date-parts" : [["2017"]] }, "publisher" : "Routledge", "publisher-place" : "London", "title" : "Post/ colonial theory and sport", "type" : "chapter" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=ed7f26e0-b56a-49f0-ad74-82069feb5487"]], { "id" : "ITEM-4", "itemData" : { "abstract" : "This essay offers one response to recent calls for leisure studies scholars to more effectively integrate race into their analyses. Drawing from interdisciplinary scholarship within ethnic studies, cultural studies, and gender/women's studies the article initiates a broader dialogue about the possibilities and dangers of analyzing whiteness within leisure contexts. The article outlines several studies that demonstrate ways in which whiteness operates to advantage white hegemony. It suggests how the concepts of power evasiveness, normalization and intersectionality might be applied to leisure settings and concludes with a discussion of some problems associated with the study of whiteness. The ultimate aim of the essay is to provoke further dialogue as a step toward documenting and overturning inequitable social arrangements in the movement toward justice.", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "McDonald", "given" : "M", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Journal of Leisure Research", "id" : "ITEM-4", "issue" : "1", "issued" : { "date-parts" : [["2009"]] }, "page" : "5-21", "title" : "Dialogues on whiteness, leisure and (anti. These theoretical debates are also thoroughly bound up with current issues in Leisure Studies, such as, the identification and eradication of modern slavery (target 8.7 in the UN Sustainable Development Goals) that significantly shape the leisure and labour of an increasing number of people. The fastest growing form of 'slavery' today is human trafficking. In 2016 it was estimated that across the globe around 40.3 million people were subjected to slavery (24.9 million in forced labour and 15.4 million in forced marriage) and 71% of those were women/girls (International Labour Organisation, 2017).

In this paper I draw upon these theoretical trajectories within and beyond the field to explore a reflexive set of theoretical and ethical questions that were posed by both Ben Carrington and Diana Parry in their recent keynote addresses at the UK Leisure Studies Association conference (10-12, July 2018 in Bath)². Their arguments for decolonial and feminist approaches powerfully articulated the

2 Diana Parry's keynote 'Rising Tide of Possibility or Devastating Crash? On a Fourth Wave Feminism in



ethical importance of making visible how power relations of the present (digital patriarchal capitalism, Parry) are entangled with the past (histories of colonisation and counter narratives, Carrington). Foregrounding the power-knowledge relations that shape theory as a worlding practice, they bring into view the othering practices that produce labouring bodies (via the intersecting relations of gender, race, class, sexuality etc) in particular ways that sustain an imperialist imaginary of leisure practices and provision. Feminists exploring the leisure related labour that produces, and disrupts, digital culture via social media practices (#metoo, #timesup, #blacklivesmatter) also identify how (hetero)sexist and racist patterns pervade the algorithmic production of contemporary gendered representations and identities across entangled work and leisure spaces (Parry, Johnson, & Fullagar, 2018). In this sense leisure practices are transformative of cultural life in ways that reiterate patterns of inequality, as well as challenging exclusions and human rights abuses in local-global relations. While there has been some exploration of human rights issues related to labour and leisure (often focussed on sport and sex tourism) within the literature (Caudwell & McGee, 2018; McGee, 2012; Risse, 2009; Veal, 2015)"title": "Displacing childhood: Labour exploitation and child trafficking in sport", "type": "chapter" }, "uris": ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=d905b0cf-490b-42f5-9404-93739237d5b1"] }, { "id": "ITEM-2", "itemData": { "ISSN": "1607-8055", "abstract": "The Universal Declaration of Human Rights, endorsed by the United Nations in 1948, includes the right to leisure time, to cultural participation and to travel. While the idea of human rights permeates many aspects of national and international life, it has not permeated the field of leisure studies to any great extent. The purpose of this paper is not to remedy this situation but to argue that this neglect is unjustified and to suggest that leisure researchers might incorporate the idea of human rights and leisure rights into their work. The paper is divided into six main parts. First, it considers the parallels between the neglect of human rights in sociology and in leisure studies. Second, it considers the basis of human rights in general. Third, it examines the nature of the leisure rights declared in the Universal Declaration. Fourth, the place of leisure in the general critique of economic, social and cultural rights is assessed. Fifth, the relationship between human rights and a number of themes in leisure studies is briefly explored, including: the work/leisure divide; the individual versus society; freedom; gender; globalization; and policy. Finally, some suggestions are made for a research agenda on leisure and human rights.", "author": [{ "dropping-particle": "", "family": "Veal", "given": "A J", "non-dropping-particle": "", "parse-names": false, "suffix": "" }], "container-title": "World Leisure Journal", "id": "ITEM-2", "issue": "4", "issued": { "date-parts": [["2015"]] }, "page": "249-272", "publisher": "Taylor & Francis", "title": "Human rights, leisure and leisure studies", "type": "article-journal", "volume": "57" }, "uris": ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=ad336898-4b3b-40c2-a927-6d07a0862e7c"] }, { "id": "ITEM-3", "itemData": { "ISSN": "1938-2545", "abstract": "Labor rights are the first to come up for criticism when accounts of human rights are offered in response to philosophical questions about them, and notoriously so Article 24, which talks about 'rest and leisure' and 'period holidays with pay.' This study first tries to make it plausible why labor rights would appear on the Universal Declaration, and next articulates some philosophical objections to their presence there. The interesting question then is not so much how one could respond to the objections, but to explore what commitments one needs to make to answer our question in a satisfactory manner. To make progress, we can contrast the idea of human rights with conceptions of them. Such conceptions offer answers to a set of philosophical questions about human rights. It would be rather unlikely for any such conception to emerge as the uniquely best philosophical

Leisure Research' and Ben Carrington's keynote 'Whose Freedom, Which Constraints? Towards a Decolonial Leisure Studies'. Both will be available on video at the Leisure Studies Association webpage in 2018.



account of human rights since disagreements among different conceptions (each of which requires commitments to a range of issues, there has been little examination of how women's bodies are mobilised through forced labour in the feminised leisure consumption practices and transnational flows of the beauty industry (the rapid growth of nail bars or salons³).

The dominant western imaginary conjures up popular leisure practices through liberalist conceptions of individual autonomy, rational choice and status oriented consumption that denies the historical effects of exclusion and violence on labouring bodies. We see this conjured through gendered vocabularies of advertising that activate bodies to - 'work hard, play hard', 'just do it' - or pamper them - 'you're worth it'. Feminist, critical race, post/colonial and decolonial scholarship disrupts theorisations of leisure defined by masculine paid labour by bringing into view the complex relations of paid, unpaid and indentured labour of black and brown women with diverse histories of mobility and forced migration. This labour has serviced the leisure of white, wealthy men and women through various legal and illegal leisure related industries and heteronormative institutions (sex, forced marriage, surrogacy, domestic and institutional care, massage, nail and beauty salons, cleaning, cannabis growing etc). The invisibility of the labouring bodies of women of colour becomes a normalised condition of possibility that sustains capitalist and patriarchal flows across the global north and south (bound up with colonisation, militarisation and ecological exploitation)(Kempadoo, 2015).

Institutionalised slavery in various historic and contemporary forms has generated the conditions of possibility for white leisure freedoms through transnational flows, even though such histories are frequently disavowed (Bhambra, 2014; Chan, 2018; Hall, 2018; Kempadoo, 2015; Squire, 2017) the grounding of this framework in questions of intentionality risks reproducing assumptions about subjects whose decision to migrate is more or less free from constraint. The article argues that such assumptions are analytically problematic because they involve a simplification of processes of subjectivity formation. Moreover, it also argues that they are normatively and politically problematic in the context of debates around unauthorised migration because discussions of structure/agency can easily slip into the legitimisation of wider assumptions about the culpability and/or victimhood of people on the move. Drawing on Michel Foucault's theorisation of subjectification, the article proposes an alternative analytics of acts, interventions, and effects by which to address the politics of unauthorised migration in the midst of a so-called 'migration crisis'.', "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Squire", "given" : "Vicki", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Politics", "id" : "ITEM-1", "issue" : "3", "issued" : { "date-parts" : [["2017"]] }, "page" : "254-272", "title" : "Unauthorised migration beyond structure/agency? Acts, interventions, effects", "type" : "article-journal", "volume" : "37" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=76a42c8a-a965-4ce4-ae47-5649afd4f90f"] }, { "id" : "ITEM-2", "itemData" : { "DOI" : "10.1080/17450101.2017.1356436", "ISSN" : "1745011X", "abstract" : "This article presents narratives and tropes of transnational tourism from a less considered perspective: rural migrant-origin villagers of Central Java. Drawing from ethnographic fieldwork conducted in Cilacap and Yogyakarta, I analyze how and why some former temporary labor migrants depict their typically harsh experiences in terms of tourism and leisure. Addressing the tendency in current research to approach labor migration and tourism as mutually exclusive or unrelated class categories and experiences, I consider the ways in which former migrants and non-migrant villagers evaluate or identify labor migration in terms of gender, class, religious, and ethno-national subjectivities associated with 'tourist' and/or

3 I use the terms nail salon and nail bars interchangeably.



'migrant' categories. Popular and commercial imaginations of leisure travel and tourism importantly shape the subjectivities and positionalities of precarious labor migrants. Foregrounding the relations between tourism and labor migration reveals the multi-scalar ways in which associated discourses and infrastructures of both mutually shape and constitute global socio-economic inequalities.”, “author” : [{ “dropping-particle” : “”, “family” : “Chan”, “given” : “Carol”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }], “container-title” : “Mobilities”, “id” : “ITEM-2”, “issue” : “3”, “issued” : { “date-parts” : [[“2018”]] }, “page” : “325-336”, “publisher” : “Routledge”, “title” : “The politics of leisure and labor mobilities: discourses of tourism and transnational migration in Central Java, Indonesia”, “type” : “article-journal”, “volume” : “13” }, “uris” : [“http://www.mendeley.com/documents/?uid=131dae34-905a-47be-8b4c-3da398148997”] }, { “id” : “ITEM-3”, “itemData” : { “DOI” : “10.1080/23322705.2015.1006120”, “ISSN” : “2332-2705”, “abstract” : “In the early 1990s, the debate on human trafficking was restricted to a handful of feminists and revolved around establishing the trafficking of women as a case of labor migration or one of female sexual slavery. Two decades later, the debate is more complicated and widespread, yet within the proliferation of attention, a convergence among some of the most vocal and visible campaigns is discernible. This article takes up three prominent campaigns that dominate contemporary debates internationally—modern anti-slavery, abolitionist feminism, and celebrity humanitarianism—and considers the politics that emerge at the points of their convergence. It is argued that rather than getting to the bottom of things, as Emma Goldman urged over a century ago in relation to the traffic of women, a 21st-century version of the white man’s burden is apparent, supported by contemporary western, neoliberal interests that maintain boundaries between the haves and the have-nots, while bolstering an image of a compassionate, benevolent West. The article points toward an alternate framework, one that is lodged in a commitment to social and economic justice, decolonization, a redistribution of wealth, and respect for subaltern experience and knowledge.”, “author” : [{ “dropping-particle” : “”, “family” : “Kempadoo”, “given” : “Kamala”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }], “container-title” : “Journal of Human Trafficking”, “id” : “ITEM-3”, “issue” : “1”, “issued” : { “date-parts” : [[“2015”]] }, “page” : “8-20”, “title” : “The Modern-Day White (Wo. Feminist decolonial theories importantly open up questions about the diversity of “women’s” bodies, but also different onto-epistemologies that reveal how gendered power is enacted through colonised histories and capitalist imaginaries in the present (Ratna, 2018). Lugones (2010, p. 742) argues that ‘the colonial imposition of gender cuts across questions of ecology, economics, government, relations with the spirit world, and knowledge, as well as across everyday practices that either habituate us to take care of the world or to destroy it’. We need post and decolonial theory to disrupt the privileging of white, masculine historical accounts in order to open up the complexity of gendered labour and leisure relations in the historical present. The introduction of legislation that aims to prevent ‘modern slavery’ in a growing number of countries is a key moment through which to engage with the sociocultural, geopolitical and historical context of colonial rule, militarisation and shifting mobility practices (for example, the Modern Slavery Act, 2015, UK). In my analysis of the UK context I draw upon Gadd and Broad’s (2018, p. 5) account of the complex politics of affect that underlie “the excessive political positivity with which the advent of the Modern Slavery Act has been greeted can be conceptualized as a form of violent innocence that keeps core questions of power, paradox and contradiction at the heart of British nationalism at bay” (italics in original).



Thinking through the affective relations that shape ‘modern slavery’ in the historical and contemporary milieu of leisure and labour [shame, national pride, sadness, disgust as orientations to others and oneself (Ahmed, 2004)], I seek to weave this thread of critical conversation forward into the World Leisure Congress in Sao Paulo (Brazil, 2018). My aim is to refuse the “violent innocence” (Gadd and Broad, 2018, p.2 who draw upon Bollas, 1993) that often characterises the framing of much Leisure Studies research and service provision around the benefits of leisure for empowering ‘others’. By examining such tensions I consider how the (un)freedoms of leisure and labour for women across the global south and north are entangled with shifting geo and biopolitical agendas. Given that the focus of my panel discussion is Leisure and Social Transformation, I would also like to draw attention to the importance of conferences as affective sites of provocation to engage us in different ways of thinking and feeling our way through the emerging ethical and onto-epistemological issues of ‘doing’ Leisure Studies (Fullagar, Pavlidis, & Francombe-Webb, 2018). Hence, this paper is written through an assemblage of affective relations that circulate through multiple registers - the intellectual discussions at LSA, writing within and beyond the field as well as the present/absent narratives of slavery that continually shape the city of Bath⁴ as a UNESCO World Heritage tourist site and an everyday place of leisure and labour. I have chosen to focus on events in Bath as the city I live and work in as a (white, privileged) economic migrant, having moved from the conflicted space of post/colonial Australia to an English heritage site that appears seemingly unconflicted about dominant fictions of Empire that fixate on Georgian grandeur and conspicuous leisure consumption. The multiple histories of Bath rub up against the case of modern slavery that I explore in relation to the leisure-labour site of a nail salon, where the most significant prosecution for child trafficking has occurred to date. My aim is to make visible the flows of racialised and gendered power that reinscribe historic patterns of inequality through neoliberal formations of ‘aestheticized’ body work in nail bars, while also opening up an alternative politics of imagination that responds to disruptive affects (Latimer & Skeggs, 2011).

Modern slavery and human trafficking

In 2015 the United Kingdom was the first country in Europe to pass a Modern Slavery Act (2015)⁵, led by Conservative Prime Minister Theresa May who was Home Secretary at the time. The Act was lauded by Conservatives as part of their ongoing historical commitment to fight against ‘evil’ individuals and immoral business supply chain and labour practices (Gadd & Broad, 2018). In their report that identifies 17 forms of modern slavery, Cooper et al., (2017, p. ii) servitude, forced or compulsory labour, as set out in the different anti-slavery legislation in place in the four UK countries (England, Wales, Scotland and Northern Ireland suggest that the term encompasses “the offences of human trafficking and slavery, servitude, forced or compulsory labour” that “frequently involves multiple victims, offenders and places, and it is often hidden and involves or takes place alongside a wide range of abuses and other criminal offences”. The UK Anti-Slavery Commissioner has been tasked with ‘the prevention, detection, investigation and prosecution of slavery and human trafficking offences’⁶. Trafficking involves the movement and exploitation of people (largely from the majority world) for their labour via recruitment by coercive means (fraud, force, debt bondage, threats to life). Traffickers often

⁴ For further research see the Legacies of British Slave-ownership project (www.ucl.ac.uk/lbs)

⁵ http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2015/30/pdfs/ukpga_20150030_en.pdf (last accessed July 30, 2018)

⁶ http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2015/30/pdfs/ukpga_20150030_en.pdf (last accessed July 30, 2018)



form complex relationships of trust with victims and exploit their desire for better a life away from poverty, abuse, political or military instability. Victims of trafficking often experience psychological, economic, physical, and sexual abuse (including unwanted pregnancies, terminations and infections), poor health, substandard living and working conditions. In relation to the public acknowledgement of such harms and the human rights violations, Gadd and Broad (2018, p.6-7) argue that the UK reforms have been curtailed by nationalist desires for capital accumulation formed through an imperialist white history,

Proposals to make having forced labour anywhere within a business' supply chain a criminal offence were opposed by the British government ahead of the Modern Slavery Act 2015 in favour of balancing 'free and fair trade'. Instead, Section 54 of the Modern Slavery Act only required large corporations to publish an annual statement explaining what steps they take to prevent modern slavery within their supply chains, the hope being that consumers' preferences for ethically produced goods would reshape exploitative industries (O'Connell Davidson, 2015).

The emergence of modern day slavery discourse and legislative change highlights the contested nature of knowledge production about the conditions of freedom and unfreedom that govern the movement and rights of labouring bodies. The use of the term slavery has generated a range of responses from enthusiastic promotion by contemporary abolitionists (charities, governments, and philanthropists), to more critical responses from post and decolonial scholars concerned with how the racialized histories and bodies subject to colonisation are reconfigured through white, liberalist imaginaries (Bravo, 2015; Davidson, 2015; Kempadoo, 2015). As Gadd and Broad (2018, p. 2) have argued in relation to UK initiatives, "to redress the many forms of exploitation that are conceptualized as modern slavery, any new 'task force' will need to be reflexive and enduring enough to articulate the 'unthought knowns' of British colonialism, immigration policy and consumer practice implicit in the false national pride tackling it engenders". The 'unthought knowns' of an imperialist imaginary resonate with my recent experience of closely following media accounts of the first successful prosecution for child labour exploitation and child trafficking under the UK's Modern Day Slavery Act, 2015 (Dearden, 2018)with money from unsuspecting customers funding organised crime.\nThree members of a Vietnamese gang uncovered in Bath were jailed for a total of nine years for forcing teenage girls to work without pay and keeping them in squalid conditions.\nThey transferred their victims to beauty parlours across England while\u00a0dumping phones in efforts to evade police, sparking an intelligence operation involving the National Crime Agency.\nInvestigators said they had just scratched the surface of a far-reaching criminal underworld that sees girls bound to their abusers \u201cby invisible chains\u201d....a 48-year-old Vietnamese woman known as Jenny, was jailed for five years for conspiring to facilitate the movement of people for labour exploitation and require others to perform forced or compulsory labour.\u00a0...Investigators believe their \u201ccash-only\u201d nail bars are a fraction of those run by gangs using them to launder money from cannabis factories and other criminal activity in the UK.\nNo links were proven in the Bath case, but Jenny could not explain the origin of \u00a0360,000 that had been hidden inside a rabbit soft toy at her home in Southdown Road, Bath.\n\nDI Tucker said one of the victims told police she arrived in the UK \u201cin the back of a lorry with cardboard boxes\u201d via France. (Avon & Somerset POLice in the popular tourist World Heritage city of Bath⁷.

⁷ The case in Bath was also the subject of a BBC 2 television documentary The Prosecutors: Prisons, Drugs



As I read the local and national news about this case I did not ever see a connection made between the history of Transatlantic (or even ancient Roman) slavery upon which the Georgian city was built and the context of human trafficking. The extensive media coverage of the case echoed the political positivity that Gadd and Broad (2018) identified as bound up with an “innocent violence” that denies the historical context of slavery in the expansion of Empire. This is perhaps not surprising given the dominant commercial and touristic narratives of the city that are largely silent about the profits of slavery, even the popular Mayor’s walks of the city⁸ that are led by volunteers (whose privilege enables labour to be shared freely) rarely discuss the hidden histories of Bath. However, counter narratives are being created by people such as local artist and academic Richard White who leads participatory performative walks of slave histories in Bath and along the River Avon⁹. His walks invite participants to reimagine and ‘see’ the unthought past and present through “sensing the legacies of slave-ownership. Wayfaring in obscured histories, reflecting on flow, cycle and memory; alert for sounds, voices, tears, sweat blood matter suspended in the water” (White, 2018). One of these walks transformed my experience of how I ‘sense’ (seeing-feeling-listening) the invisible stories of the city and the black bodies that laboured in far away places to create the conditions of privilege for white leisured lives.

White’s highly affective cultural practice works to disrupt the “innocent violence” of mainstream tourist and heritage discourses that incessantly celebrate “Beautiful Bath”, and in doing so offer participants a different kind of affective politics that recognises, rather than disavows the effects of Empire (Hall, 2018) it goes on to reflect on contestations over memory and the significance of the emergence of reparations as a key term with which to think about the wrongs of the past and the possibilities of repair. It uses a discussion of the author’s individual and collaborative historical work to argue for the importance of a different understanding of Britain’s involvement in the slavery business and our responsibilities, as beneficiaries, of the gross inequalities associated with slavery and colonialism.”, “author” : { “dropping-particle” : “”, “family” : “Hall”, “given” : “Catherine”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }, “container-title” : “Race and Class”, “id” : “ITEM-1”, “issue” : “1”, “issued” : { “date-parts” : [[“2018”]] }, “note” : “8 Could re-thinking the past, taking responsibilities for its residues and legacies, be one way of challenging rightwing politics and imagining a different future? Those of us living in the rich societies of the West have all, albeit profoundly unequally, enjoyed the fruits of racial capitalism, we are all survivors of slavery, not just those who can directly trace their lineages. While the word reparations generally means compensation of some kind, reparation has come to mean repair. People make reparation, states and corporations pay reparations. The recognition of white privilege, grasping the extent to which white identities have been built on the capacity to other those who are defined as lesser is a crucial part of the work that is underway and needs to be sustained in Britain. Reparatory history must be about more than identifying wrongdoers and seeking redress: it begins with the descendants, with trauma and loss, but the hope is that the work of mourning can be linked to hopes for reconciliation, the repair of relations damaged by historical injustice. Disavowal is connected with a denial of external realities, a refusal to think what is unthinkable, a wish to put aside what cannot be integrated. And this is as relevant in our intimate and interpersonal relations as in relation to forgotten histories... individuals or collectives, indeed whole states and societies can be engaged in it. Disavowal is the refusal to avow, the disclaiming of responsibility or knowledge of, repudiation or denial. It is often

And Drones that was first shown on 9/8/2018

⁸ See <http://www.bathguides.org.uk>

⁹ For a video of one of Richard’s slave history walks in Bath see <https://vimeo.com/182379470>



linked to the notion of a \u2018blind eye\u2019 or the refusal of something in plain sight, so carrying the implication of knowing and not knowing.\n\n15 compensation to the slave-owners: he knew what the payment of 20 million pounds meant in terms of the government\u2019s overall expenditure. (16 billion in today\u2019s money. Despite the growth of public discourse about modern slavery, it has yet to permeate touristic discourses that are closely bound up with the enactment of British identity in Bath as a powerful global force of the past and imagined post-Brexit future. Gadd and Broad (2018, p. 16) argue for the importance of public discourses that historicize \u201cfeeling states so that they can be deconstructed, identifying defensive splitting, tolerating ambivalence and containing enough of the pain for its working through to become bearable....For the British, at least, a political crisis of national identity\u2014of forlorn greatness in the absence of an empire once built upon transatlantic slavery and colonial oppression\u2014must also be broached\u201d. In the liminal zone of Brexit the precarious position of many migrants, asylum seekers and refugees is heightened within an affective economy that is fuelled by fear, hate and the denial of racism within the neoliberal state that desires increased security, border control and trade relations (Squire, 2017).

The state is engaged in a biopolitical endeavour to regulate the movement of vulnerable people, national borders and human rights through imperatives of securitization. As Fitzgerald (2010, p. 280) argues \u201cthe trafficked migrant is the visible evidence of those \u2018leaky borders\u2019 (Gilbert, 2007, p. 77) that support state rhetoric on the need for stricter immigration law and border control\u201d. At the same time humanitarian discourses that circulate through media and governmental reports concerning the human rights of trafficked women into the UK appear work to gloss over the geopolitics steeped in domestic anti-immigration agendas and racialised/gendered stereotypes (Fitzgerald, 2016). Truong (2015, p. 11) outlines how feminist \u201cresearchers have demonstrated how some anti-trafficking programmes have created a \u201crescue industry\u201d whose practices conflate \u201cprostitution\u201d with \u201ctrafficking\u201d, ending up with ascribing a victim status to people (mostly women) who have made conscious decisions to migrate (Law, 2000)\u201d. In addition, Gadd and Broad (2018) have argued that the highly visible law enforcement raids that were undertaken in the UK to rescue victims of sex trafficking have been subject to criticism given that they resulted in sex workers being arrested and deported because traffickers were not identifiable. In one of the first studies in the UK, Gearon (Gearon, 2016, p. 91) in recent years gathered considerable pace. \u2018Child trafficking\u2019 is a crosscutting social issue, relevant to policy areas of child protection, child migration, criminal justice, immigration, social policy and human rights. This thesis explores children\u2019s own accounts and lived experiences of \u2018child trafficking\u2019, addressing a notable gap in hearing from children directly. The thesis critically engages with the social construction of the \u2018trafficked child\u2019 examining how contemporary concepts of childhood shape and inform \u2018child trafficking\u2019 policy and practice. How \u2018child trafficking\u2019 policy has been constructed politically is examined, in shaping how \u2018child trafficking\u2019 is defined in practice. The implications for children experiencing trafficking of a system built on current assumptions about childhood and \u2018child trafficking\u2019 are considered. The study explores how children\u2019s experiences of their childhood and \u2018child trafficking\u2019 challenge many assumptions underpinning policy and practice. The findings reveal a disjuncture between immigration-driven and prosecution focused \u2018child trafficking\u2019 practice and children requiring a welfare and individualised response to their needs. Children needed practitioners to listen to them, believe them and take action upon child protection concerns. A conclusion is drawn that the way in which \u2018child trafficking\u2019 policy and practice in England is presently constructed, and experienced, appears not to reflect the lived \u2018realities\u2019 of young people in this study.



A new approach to \u2018child trafficking\u2019 policy and practice is recommended underpinned by a conceptual shift in how we perceive childhood and adolescence. Intended audiences of this study include policy-makers and front-line practitioners including social workers, the police, immigration officers and other services. This qualitative study contributes in developing methods with a hard to access population addressing a difficult subject area, promoting children and young people\u2019s participation in research.”, “author” : [{ “dropping-particle” : “”, “family” : “Gearon”, “given” : “Alinka”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }], “id” : “ITEM-1”, “issued” : { “date-parts” : [[“2016”]] }, “note” : “91 Positioning \u2018child trafficking\u2019 as a concern synonymous with illegal migration, served the governments interests in demonstrating to the public that action was being taken to curb illegal migration, in the context of a significant increase in net migration to the UK.”, “publisher” : “University of Bath”, “title” : “‘Child trafficking’: Experiences of children on the move”, “type” : “article” }, “locator” : “91”, “uris” : [“http://www.mendeley.com/documents/?uuid=d6372b3d-d02a-4aed-997f-991910a0a11c”] }], “mendeley” : { “formattedCitation” : “[Gearon, 2016, p. 91 has critiqued the lack of focus on children’s welfare in modern slavery reforms given the political agenda, ‘Positioning ‘child trafficking’ as a concern synonymous with illegal migration, served the governments interests in demonstrating to the public that action was being taken to curb illegal migration, in the context of a significant increase in net migration to the UK”.”

While there is a substantial body of feminist research exploring these issues of sex work and sex trafficking across tourism, leisure and reproductive sectors, there is little research into forms of labour exploitation in the beauty industry, specifically the rise of nail salons as feminised sites of aestheticized body work that are entwined with women’s leisure in wealthy nations. Cohen and Wolkowitz (2018, pp. 42–3)”non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }, { “dropping-particle” : “”, “family” : “Wolkowitz”, “given” : “Carol”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” }], “container-title” : “Gender, Work and Organization”, “id” : “ITEM-1”, “issue” : “1”, “issued” : { “date-parts” : [[“2018”]] }, “note” : “42-3 Body work is a sub-category of\ninteractive service work....aesthetic services focused on physically transforming the body, such as hairdressing, tattooing or beauty work.\n\n\u2018aestheticising\u2019 body work (Wolkowitz, 2002 define body work as enacted through “aesthetic” services that are “focused on physically transforming the body, such as hairdressing, tattooing or beauty work”.”

Nail bars as a site of human trafficking

While media discourses claim to be creating greater awareness about the problem of trafficking there is generally a lack of critical reflection on ‘how’ the issue is portrayed. In all the media reports that I have read across the political spectrum there was a dominant framing of police as the heroic rescuers of victimised girls (deserving of pity) as they arrest Vietnamese traffickers (evil and deserving of condemnation) who run nail bars across Britain. The reporting of this case repeatedly focused on the mistreatment of a minority ethnic group by their ‘own’ people (ignoring complex inequalities between Vietnamese people), thus side-stepping critical questions about Britain’s role in the economic, political and sociocultural forces shaping global flows and inequalities. The following extract from The Guardian report provides an example of how the case was framed when the traffickers of Vietnamese children/young women were prosecuted under the modern slavery act in early 2018 (Morris, 2018) and Ken, were found guilty of conspiring to arrange or facilitate the movement of people for labour



exploitation and conspiring to require others to perform forced or compulsory labour...Jenny, 48, from Bath, was sentenced to five years imprisonment, while Ken, 29, from Burton-upon-Trent, was jailed for four years. Officers said they believed many more girls and boys were at risk. They hoped the prosecution would send a message to nail bar owners who use children that they would be pursued, as well as alerting customers to the possibility that young people were being exploited. The investigation began when police, immigration officials and staff from the charity Unseen visited nail bars in Bath in February 2016. At the Nail Bar Deluxe premises, in the city centre, they found two Vietnamese girls working on clients' nails. It emerged they were working 60 hours a week. One was being paid about £30 a month while the second was not paid. They were staying at the four-bedroomed home of the owner, Jenny, in Bath. One lived in a tiny room, while the other slept on a mattress in the attic. DI Charlotte Tucker, who led the operation for Avon and Somerset police, said: "They were extremely vulnerable. They were from impoverished backgrounds in Vietnam and had come to the UK seeking a better life." The pair were brought into the UK in the back of a lorry. It is not known if they were collected by someone from the nail bar or simply dumped in Bath to seek out Vietnamese people such as Jenny. The nail bar was lucrative. When police raided Jenny's home, they found £360,000 in £50 notes hidden inside a teddy bear and a cabinet full of designer handbags, some worth thousands of pounds. She also had a string of bedsits in Bath. The teenagers were taken into emergency foster care but ran away. Unfortunately, this is a common occurrence in trafficking cases, as victims are conditioned to feel reliant on those controlling them and compelled to return to them," said Tucker. They were re-trafficked but were traced to a nail bar in Abbey Arcade Tucker said the girls spoke little.

"author": [{ "dropping-particle": "", "family": "Morris", "given": "Steven", "non-dropping-particle": "", "parse-names": false, "suffix": "" }], "container-title": "The Guardian", "id": "ITEM-1", "issued": { "date-parts": [["2018", "1", "2"]] }, "title": "Trio who used trafficked girls to work in nail bars jailed under slavery laws", "type": "article-newspaper" }, "uris": ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=aea1cb46-1b46-4959-b588-f87431af5874"] }, "mendeley": { "formattedCitation": "{Morris, 2018." }

A woman and man who forced children trafficked from Vietnam to work in nail bars in the UK have been jailed [5 and 4 years]...[police] hoped the prosecution would send a message to nail bar owners who use children that they would be pursued, as well as alerting customers to the possibility that young people were being exploited... At the Nail Bar Deluxe premises, in the city centre, they found two Vietnamese girls [under 18] working on clients' nails. It emerged they were working 60 hours a week. One was being paid about £30 a month while the second was not paid. They were staying at the four-bedroomed home of the owner, Jenny, in Bath. One lived in a tiny room, while the other slept on a mattress in the attic.

DI Charlotte Tucker, who led the operation for Avon and Somerset police, said: "They were extremely vulnerable. They were from impoverished backgrounds in Vietnam and had come to the UK seeking a better life." The pair were brought into the UK in the back of a lorry. It is not known if they were collected by someone from the nail bar or simply dumped in Bath to seek out Vietnamese people such as Jenny. The nail bar was lucrative. When police raided Jenny's home, they found £60,000 in £50 notes hidden inside a teddy bear and a cabinet full of designer handbags, some worth thousands of pounds. She also had a string of bedsits in Bath.



The teenagers were taken into emergency foster care but ran away. “Unfortunately, this is a common occurrence in trafficking cases, as victims are conditioned to feel reliant on those controlling them and compelled to return to them,” said Tucker. They were re-trafficked but were traced to a nail bar in Abbey Arcade. Tucker said the girls spoke little English. “They were so vulnerable they had no chance of running away. They were not locked up but had nowhere to go. “We want to get the point across to the public that they are hiding their victims in plain sight. When people go and get their nails done there can be a victim there who comes here for a better life, sometimes with debt bondage connected to families back home. They are trapped here. “In the case of nail bars, warning signs could be very young-looking members of staff, low prices, a rapid turnover of staff or controlling behaviour by senior employees. If you have any suspicions, please contact the police.” The case was run as a “victimless prosecution” – more often used in domestic violence cases where the victim does not necessarily cooperate with the prosecution. “They are so conditioned to believe they are not victims. They didn’t see they had been exploited for gain,” said Tucker.

The girls at the heart of the case are not simply the ‘beneficiaries’ of this successful prosecution under the modern slavery act as they are not guaranteed protection or asylum and may be returned to the very place where they were exploited (and many are re-trafficked)(Gadd and Broad, 2018, p. 11). Often trafficked persons are judged in the referral system in terms of their immigration status and those from outside of the European Union are four times less likely to be protected and recognised as victims of trafficking and are often ordered to be deported (International Anti-Slavery, n.d.). Victims must have their application for asylum heard before the court and until that decision asylum seekers live on about 35 GBP per week. Children are placed in foster care families that may have little cross-cultural understanding (Bath is predominantly a white British area) or appreciation of the desire to work and earn money (many have not had schooling or time for play/leisure in childhood in their country of origin), and hence the experience of isolation can contribute to girls ‘running away’ in media reports. They are often coerced to return to traffickers with threats to family and debt bondage (Gadd and Broad, 2018). The UK also has international agreements in place with certain countries, Vietnam in this case, to return trafficked children to be cared for by the state. However, the state is vastly under resourced in terms of welfare support and the lack of appropriate care points to the inadequacy of such agreements which increases the risk of re-trafficking (Child Exploitation and Online Protection Centre and British Embassy, 2011). It is these complexities and inequities that leads many critics to point out the paradoxical position of the British government’s moral stance on ‘eradicating’ modern slavery. In addition, Gadd and Broad (2018, p. 12) identify the broader geopolitics implicated in the state’s response, “Despite the legislative commitment to ending modern slavery, Britain took proportionally fewer of its share of refugees in 2015 than other European countries—just 3.1 per cent of the total within the European Union and just a twelfth of the number accepted by Germany”.

Hidden labour exploitation in the nail salon

In 2016, more beauty and grooming salons opened in the UK than any other independent business. Latest figures show that women on average have 10 pedicures a year and spend £994 per annum on beauty treatments. Men are increasingly getting in on the act, spending on average



£779 per year... Budget nail bars have taken our high streets by storm. Cheaper than traditional beauty salons, with no appointment required, they appeal to our insatiable desire for a bargain, need for instant gratification and the modern necessity to feel good about ourselves. And we want all of this without interacting with the person behind the mask providing our treatment. But this desire for cheap service can fuel modern slavery (Garbers, 2018) more beauty and grooming salons opened in the UK than any other independent business. Latest figures show that women on average have 10 pedicures a year and spend \u00a3994 per annum on beauty treatments. Men are increasingly getting in on the act, spending on average \u00a3779 per year. I am not one of those women, but my terrible nails are a good talking point when I go into nail bars to spot signs of slavery and exploitation. These visits are part of the work of the south-west\u2019s Anti-Slavery Partnership. Partners from law enforcement, statutory agencies and the voluntary sector come together to investigate businesses in which slavery and exploitation may be occurring. We try to make sure that people who may be victims of exploitation are aware of their rights and that there are agencies out there who are able to help. We know that exploiters and traffickers often keep their victims isolated from the community in which they work in order to exert control over them. One of those visits led to the UK\u2019s first successful prosecution of modern slavery involving minors earlier this week in Bath, where two people were jailed after forcing children trafficked from Vietnam to work in nail bars. Budget nail bars have taken our high streets by storm. Cheaper than traditional beauty salons, with no appointment required, they appeal to our insatiable desire for a bargain, need for instant gratification and the modern necessity to feel good about ourselves. And we want all of this without interacting with the person behind the mask providing our treatment. But this desire for cheap service can fuel modern slavery. The current estimate is that there are 40 million slaves worldwide \u2013 and it is often unclear what practical steps an individual can take to avoid using \u2013slave labour\u2013 in pursuing our beauty regimes. The reality is that it is the people using the nail bars who can provide the best information as to what is happening there. Familiarise yourself with the warning signs, report anything suspicious and make informed choices about the beauty salons you visit. Our purchasing decisions hold power. If more of us are using nail bars, we need to understand the implications of what we are potentially participating in. Regulation and licencing of nail bars is largely voluntary and, outside of a few London boroughs, this lack of regulation allows exploitative practices to continue. It is suggested\u2026\u201c, \u201cauthor\u201c : [{ \u201cdropping-particle\u201c : \u201c\u201c, \u201cfamily\u201c : \u201cGarbers\u201c, \u201cgiven\u201c : \u201cKate\u201c, \u201cnon-dropping-particle\u201c : \u201c\u201c, \u201cparse-names\u201c : false, \u201csuffix\u201c : \u201c\u201c }], \u201ccontainer-title\u201c : \u201cThe Guardian\u201c, \u201cid\u201c : \u201cITEM-1\u201c, \u201cissued\u201c : { \u201cdate-parts\u201c : [[\u201c2018\u201c, \u201c1\u201c, \u201c5\u201c]] }, \u201ctitle\u201c : \u201cNail bars are havens for modern slavery: Here\u2019s how you can help tackle it\u201c, \u201ctype\u201c : \u201carticle-newspaper\u201c }, \u201curis\u201c : [\u201chttp://www.mendeley.com/documents/?uuid=6c7ef034-a630-46c3-8268-a8b0194bdb25\u201c] }, \u201cmendeley\u201c : { \u201cformattedCitation\u201c : \u201c(Garbers, 2018).

After the prosecution case, Garbers as the CEO of the agency Unseen that supports victims of trafficking, wrote a media article to raise the awareness of consumers about modern day slavery in the ubiquitous leisure site that the nail bar has become for many women in Britain. Vietnamese nail bars have been subject to racialized public attention in media reports related to \u201chuman trafficking, money laundering, and illegal migration\u201c (Barber, 2018, p. 8). The Vietnamese diaspora in the United Kingdom have been significant in driving the growth of nail salons during the 2000s as sites of successful small business and feminised beauty-leisure consumption. The young women (and some men) of uncertain



age who undertake the body work in nail bars are often required to wear face masks, have limited English and obtain jobs through cultural networks in what is a largely unregulated beauty industry. The restructuring of the global economy and the commercialisation of body practices that were originally enacted in the private space of the home, have contributed to the rise of the nail bar as a leisure site where different women's bodies work, and are worked on, in the name of heteronormative feminised beauty ideals (Kang, 2003)(2. Ethnographic research in Korean and Vietnamese operated or owned nail bars has documented how racialized perceptions of Asian women (with petite hands who are naturally good at manicures) by consumers contribute to normalising unequal labour relations in the exchange of body services (Eckstein & Nguyen, 2011; Hoang, 2015; Kang, 2003)(2. The substandard conditions and range of health risks (chemical exposure, injury as well as connections with sex and labour exploitation)(Harris-Roberts et al., 2011) remain unseen within a visual economy that privileges the feminised consumer body as an aesthetic object of improvement, desirability and status. In Kang's (2003) research manicurists were also engaged in emotional labour to ensure the provision of pampering care and attention with special solutions, soaking, towels etc to produce a pleasurable sensory experience for customers in nail salons with different class and cultural locations and profiles. Kang describes the experience of one of her white interviewees, Kathy, who was a personal trainer,

Having them done is a pleasure, a luxury. Doing them myself is tedious, having them done is a treat. It's the whole idea of going and having something nice done for myself. If I do them myself, it's just routine upkeep of my body-like washing your hair or keeping your clothes clean...Of course it makes it more enjoyable if they are friendly and can talk to you. If they can't remember my name that's okay, but I think they should recognize me (Kang, 2003, p. 827-8)

There is a growing body of feminist literature that has largely examined the experiences of white middle-class women consumers and the efforts of the male-dominated beauty industry to exploit their insecurities through the laboured leisure of self-improvement ("me time"). More recent critiques have begun to make visible the diverse production and consumption of gendered and racialised body work in the era of post-feminist culture and leisure services (Coffey, 2016; Cohen & Wolkowitz, 2018; Elias, Gill, & Scharff, 2017; Kang, 2003; Veijola & Jokinen, 2008)who had more than 600,000 followers on Instagram, earned \u2018thousands of dollars\u2019 from marketers for each post, she said, but could no longer tolerate the shameless manipulation of her images and the painful costs of \u2018self-promotion\u2019. \u2018Resigning\u2019 from the site, she deleted 2000 posts and \u2018re-captioned\u2019 the remaining 96 to draw attention to the artifice involved in their production\u2014not just the (notorious. However, there has been little examination more broadly of the racialised relations of gender inequality that govern the feminised interactions of consumers and providers of body-related leisure services that can render forced labour relations invisible. To refer back to the affective politics opened up by Richard White's sensing tours of slave histories in Bath, how do we begin to make known the 'unthought knowns' about trafficked labour within what are often pejoratively called 'ethnic enclaves' in terms of the local and global circuits of gendered bodies and capital? Rather than disavow the complex affects that modern slavery produces, ethically responsive accounts recognise the 'innocent violence' that feminised leisure related services enact to maintain the beauty of bodies that benefit from the labour of impoverished women who are trafficked (Gadd & Broad, 2018). At a local level such questions require new ways of seeing and listening that recognise the historical effects of Empire in perpetuating othering practices that devalue labour of black and brown bodies and their right to leisure freedoms.



As post and decolonial feminists have argued in *Leisure Studies* and more broadly, the risk of not naming the onto-epistemologies that shape personal experiences of inequality is that of positioning (in this case trafficked) women/girls as the problem (to be deported or managed in relation to securitised borders of nationhood) (Bhambra, 2014; Fitzgerald, 2016; Kempadoo, 2015; Ratna, 2018). Hence, it is the broader geopolitical responsibilities of countries, such as Britain, that requires greater scrutiny as progressive legislative and social change remain bound up with histories of colonisation and exploitation. As many academics and activists have argued, socially just approaches are needed with far more multi-layered processes to more effectively intervene in the global economy of human trafficking (Davidson, 2015; Kempadoo, 2015). In bringing together diverse literatures to explore the complex human rights implicated in 'modern slavery' this paper has sought to "learn how to hear what is impossible" (Ahmed, 2004, p. 35 italics in original) by recognising how forced labour sustains ubiquitous sites of feminised leisure consumption and provision in the global beauty industry. One of the challenges is moving beyond the historical silences that maintain white privilege by making known the "unthought knowns" of exploitation, violence and unfreedom. What if the cultural authority of whiteness in Bath could be disrupted with one small step? A tour that evoked a different way of walking-knowing the entangled transnational histories of slavery where stories of embodied labour and leisure are connected through the flows of power that continually shape the past and present.

References

- Ahmed, S. (2004). *The cultural politics of emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Aitchison, C. (2000). Poststructural feminist theories of representing others: a response to the 'crisis' in leisure studies' discourse. *Leisure Studies*, 19(3), 127–144.
- Arai, S., & Kivel, D. (2009). Critical Race Theory and Social Justice Perspectives on Whiteness, Difference(s) and (Anti)racism: A Fourth Wave of Race Research in Leisure Studies. *Journal of Leisure Research*, 41(4), 459–470.
- Barber, T. (2018). *The integration of Vietnamese refugees in London and the UK: Fragmentation, complexity, and 'in/visibility'*. Helsinki.
- Bhambra, G. K. (2014). Postcolonial and decolonial dialogues. *Postcolonial Studies*, 17(2), 115–121. <https://doi.org/10.1080/13688790.2014.966414>
- Blackshaw, T. (2010). *Leisure*. London: Routledge.
- Bravo, K. E. (2015). Making "Slavery" Work. In *Slavery Past, Present and Future Conference Proceedings Ebook, 2015*. (pp. 1–18). SSRN: <https://ssrn.com/abstract=2801282> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2801282>.
- Carrington, B. (2008). Introduction: Rethinking labour and leisure. *Leisure Studies*, 27(4), 369–374. <https://doi.org/10.1080/02614360802456972>
- Carrington, B. (2017). Post/ colonial theory and sport. In R. Giulianotti (Ed.), *Routledge Handbook of the Sociology of Sport*. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203404065.ch11>
- Caudwell, J., & McGee, D. (2018). From promotion to protection: human rights and events, leisure and sport. *Leisure Studies*, 37(1–3), 1–10.



- Chan, C. (2018). The politics of leisure and labor mobilities: discourses of tourism and transnational migration in Central Java, Indonesia. *Mobilities*, 13(3), 325–336. <https://doi.org/10.1080/17450101.2017.1356436>
- Child Exploitation and Online Protection Centre and British Embassy. (2011). *The trafficking of women and children from Vietnam*. Hanoi.
- Clarke, J., & Critcher, C. (1985). *The devil makes work: Leisure in capitalist Britain*. London: Macmillan.
- Coffey, J. (2016). Introduction to youth sociology and the body. In *Body work: Youth, gender and health*. London: Routledge.
- Cohen, R. L., & Wolkowitz, C. (2018). The Feminization of Body Work. *Gender, Work and Organization*, 25(1), 42–62. <https://doi.org/10.1111/gwao.12186>
- Cooper, C., Hesketh, O., Ellis, N., & Fair, A. (2017). *A Typology of Modern Slavery Offences in the UK*. Retrieved from <https://www.antislaverycommissioner.co.uk/media/1190/a-typology-of-modern-slavery-offences.pdf>
- Davidson, J. O. (2015). *Modern slavery: The margins of freedom*. London: Palgrave Macmillan.
- Dearden, L. (2018, January 2). Police warn modern slaves “staffing nail bars across UK” as Vietnamese gang jailed in landmark case. *Independent*. Retrieved from <https://www.independent.co.uk/news/uk/crime/modern-slavery-nail-bars-bath-case-jailed-police-staffing-vietnamese-uk-britain-forced-labour-a8137031.html>
- Deem, R. (1986). *All work and no play?: a study of women and leisure*. London: Open University Press.
- Eckstein, S., & Nguyen, T. N. (2011). The making and transnationalization of an Ethnic niche: Vietnamese manicurists. *International Migration Review*, 45(3), 639–674. <https://doi.org/10.1111/j.1747-7379.2011.00861.x>
- Elias, A., Gill, R., & Scharff, C. (2017). *Aesthetic Labour: Rethinking Beauty Politics in Neoliberalism*. Springer.
- Fitzgerald, S. A. (2010). Biopolitics and the regulation of vulnerability: The case of the female trafficked migrant. *International Journal of Law in Context*, 6(3), 277–294. <https://doi.org/10.1017/S1744552310000169>
- Fitzgerald, S. A. (2016). Vulnerable geographies: human trafficking, immigration and border control in the UK and beyond. *Gender, Place and Culture*, 23(2), 181–197. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2015.1013441>
- Fullagar, S., Pavlidis, A., & Francombe-Webb, J. (2018). Feminist theories after the post-structuralist turn. In D. C. Parry (Ed.), *Feminisms in Leisure Studies: Advancing a Fourth Wave*. New York: Routledge.
- Gadd, D., & Broad, R. (2018). Troubling recognitions in British responses to modern slavery. *The British Journal of Criminology*, 37(July), 1–22. <https://doi.org/10.1093/bjc/azx082>
- Garbers, K. (2018, January 5). Nail bars are havens for modern slavery: Here’s how you can help tackle it. *The Guardian*.
- Gearon, A. (2016). “Child trafficking”: Experiences of children on the move. University of Bath.
- Green, E., Hebron, S., & Woodward, D. (1990). *Women’s leisure, what leisure?* London: Macmillan Press Ltd.
- Hall, C. (2018). Doing reparatory history: bringing ‘race’ and slavery home. *Race and Class*, 60(1), 3–21. <https://doi.org/10.1177/0306396818769791>
- Harris-Roberts, J., Bowen, J., Sumner, J., Stocks-Greaves, M., Bradshaw, L., Fishwick, D., & Barber, C. M. (2011). Work-related symptoms in nail salon technicians. *Occupational Medicine*, 61(5), 335–340.
- Haworth, J. T., & Veal, A. J. (2004). *Work and leisure*. Psychology Press.
- Hoang, K. K. (2015). Nailing Race and Labor Relations: Vietnamese Nail Salons in Majority-Minority Neighborhoods. *Journal of Asian American Studies*, 18(2), 113–139.
- Hylton, K. (2005). ‘Race’, sport and leisure: lessons from critical race theory. *Leisure Studies*, 24(1), 81–98.



- International Anti-Slavery. (n.d.). Slavery in the UK. Retrieved August 8, 2018, from <https://www.antislavery.org/slavery-today/slavery-uk/>
- International Labour Organisation. (2017). *Global estimates of modern slavery: Forced labour and forced marriage*. Geneva.
- Kang, M. (2003). The Managed Hand: The Commercialization of Bodies and Emotions in Korean Immigrant-Owned Nail Salons. *Gender and Society*, 17(6), 820–839. <https://doi.org/10.1177/0891243203257632>
- Kempadoo, K. (2015). The Modern-Day White (Wo)Man's Burden: Trends in Anti-Trafficking and Anti-Slavery Campaigns. *Journal of Human Trafficking*, 1(1), 8–20. <https://doi.org/10.1080/23322705.2015.1006120>
- Latimer, J., & Skeggs, B. (2011). The politics of imagination: keeping open and critical. *The Sociological Review*, 59(3), 393–410.
- Lugones, M. (2010). Toward a Decolonial Feminism. *Hypatia*, 25(4), 742–759. <https://doi.org/10.1111/j.1527-2001.2010.01137.x>
- McDonald, M. (2009). Dialogues on whiteness, leisure and (anti)racism. *Journal of Leisure Research*, 41(1), 5–21.
- McGee, D. (2012). Displacing childhood: Labour exploitation and child trafficking in sport. In A. Quayson & A. Arhin (Eds.), *Labour Migration, Human Trafficking and Multinational Corporations: The Commodification of Illicit Flows* (pp. 71–90). New York: Routledge.
- Morris, S. (2018, January 2). Trio who used trafficked girls to work in nail bars jailed under slavery laws. *The Guardian*.
- Mowatt, R. A., French, B. H., & Malebranche, D. A. (2013). Black/female/body hypervisibility and invisibility: A Black feminist augmentation of feminist leisure research. *Journal of Leisure Research*, 45(5), 644–660.
- Parker, S. (1983). *Leisure and work*. Sydney: George Allen and Unwin.
- Parry, D. C., Johnson, C. W., & Fullagar, S. (2018). *Digital dilemmas: Transforming gender identities and power relations in everyday life*. London: Palgrave Macmillan.
- Ratna, A. (2018). Not just merely different: Travelling theories, post-feminism and the racialized politics of women of color. *Sociology of Sport Journal*.
- Ratna, A., & Samie, S. F. (2017). *Race, Gender and Sport: The politics of ethnic "Other" girls and women*. (A. Ratna & S. F. Samie, Eds.). London: Routledge.
- Ratna, A., Samie, S. F., Jamieson, K., & Thangaraj, S. (2018). Learning lessons from the feminisms of ethnic "Others." In *The Palgrave Handbook of Feminism and Sport, Leisure and Physical Education* (pp. 627–648). Springer.
- Risse, M. (2009). A right to work? A right to leisure? Labor rights as human rights. *Law & Ethics of Human Rights*, 3(1), 1–39.
- Rojek, C. (2013). *Capitalism and Leisure Theory (Routledge Revivals)*. London: Routledge.
- Squire, V. (2017). Unauthorised migration beyond structure/agency? Acts, interventions, effects. *Politics*, 37(3), 254–272. <https://doi.org/10.1177/0263395716679674>
- Truong, T.-D. (2015). Human trafficking, globalization, and transnational feminist responses. *The Oxford Handbook of Transnational Feminist Movements*, 295.
- Veal, A. J. (2015). Human rights, leisure and leisure studies. *World Leisure Journal*, 57(4), 249–272.
- Veijola, S., & Jokinen, E. (2008). Towards a Hostessing Society? Mobile Arrangements of Gender and Labour. *NORA - Nordic Journal of Feminist and Gender Research*, 16(3), 166–181. <https://doi.org/10.1080/08038740802279901>



Watson, B., & Scraton, S. J. (2012). Leisure studies and intersectionality. *Leisure Studies*, 32(1), 35–47. <https://doi.org/10.1080/02614367.2012.707677>

Wearing, B. (1998). *Leisure and feminist theory*. London: Sage.

White, R. (2018). Richard White. Walking. Social Media. Heritage. Retrieved August 4, 2018, from <http://www.walknowtracks.co.uk/projects.html>



HACER VISIBLE LA ESCLAVITUD MODERNA EN GÉNERO, EL ENTRELAZAMIENTO RACIAL DEL OCIO Y EL TRABAJO: TRANSFORMAR LAS PRÁCTICAS DE OCIO COMO LOS SITIOS DE LIBERTAD O LOS DE LA FALTA DE LIBERTAD

Profesor Simone Fullagar,
Universidad de Bath, Reino Unido

La relación entre el trabajo y el ocio, o más a menudo dentro de la lengua vernácula de los estudios de ocio, el trabajo y el ocio, es una de las casi que fundacionales problemáticas axiomáticas del campo. De hecho, dado el modo en que históricamente se ha definido el "ocio" como el tiempo pasado fuera de las exigencias formales y requisitos de trabajo, esencialmente occidentales y modernos de conceptualización de ocio, no se puede entender aparte de conexión del trabajo/ocio... el comercio de esclavos Atlánticos y las luchas de resistencia de los negros ofrecen a los historiadores del ocio una narrativa alternativa, una contra-Modernidad si se desea, por cómo pensamos a través de la naturaleza del trabajo. (Carrington, 2008, p. 369)

Como sugiere Carrington en esta cita abierta, el campo de los Estudios de Ocio ha estado interesado durante mucho tiempo en entender el ocio en el contexto de las relaciones con el trabajo, el capital y el consumo desde diversas perspectivas, sin embargo, ha habido una falta de contador teórico de narrativas que mueven el pensamiento más allá de los relatos Eurocéntricos. (Blackshaw, 2010; Clarke & Critcher, 1985; Deem, 1986; Green, Hebron, & Woodward, 1990; Haworth & Veal, 2004; Parker, 1983; Rojek, 2013; Wearing, 1998). Los debates se han centrado en cómo es la forma de ocio y (remunerado y no remunerado) de trabajo a través de la producción capitalista y patriarcal de desigualdades en los niveles estructural y/o individual. Sin embargo, los fundamentos ontológicos y epistemológicos de tales conocimientos permanecieron, principalmente, que reflexivamente no están impregnados de conceptos e historias Eurocéntricos. En respuesta, existe un creciente corpus de becas que cuestiona críticamente los orígenes ficticios del ocio y de la teoría del ocio como una orientación privilegiada para la clase blanca, masculina y media para conocer el mundo (Carrington, 2018). Estos debates revelan las relaciones de poder que sustentan el privilegio para abrir otras epistemologías que problematizan la exclusión de historias involucradas de ocio y trabajo a través de feminismos interseccionales y pos humanistas, teoría crítica de la raza, teorías¹ postcoloniales y decoloniales (Aitchison, 2000; Arai & Kivel, 2009; Carrington, 2017; Hylton, 2005; McDonald, 2009; McGee, 2012; Mowatt, French, & Malebranche, 2013; Ratna, 2018; Ratna & Samie, 2017; Ratna, Samie, Jamieson, & Thangaraj, 2018; Watson & Scraton, 2012) forwarding an approach to research that is interdisciplinary, elucidates different, complex and changing sites of being and belonging, and that aims to recover the lived agencies of ethnic minority men and women. Instead of foregrounding equivalence, we centre difference to trace the contours of similar and different theoretical persuasions, and demonstrate how they can be used to deepen understandings of the sensibilities, pleasures and politics of ethnic minority sporting participants. We pay particular attention to the contributions of post-colonial feminism, Chicana feminism and queer of colour thinking.", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Ratna", "given" : "Aarti",

¹ Para una visión general útil de lo expuesto/colonial/feminista en relación con el deporte, véase Carrington, 2017 y Ratna, 2018.



"non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }, { "dropping-particle" : "", "family" : "Samie", "given" : "Sumaya Farooq", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }, { "dropping-particle" : "", "family" : "Jamieson", "given" : "Katherine", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }, { "dropping-particle" : "", "family" : "Thangaraj", "given" : "Stanley", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "The Palgrave Handbook of Feminism and Sport, Leisure and Physical Education", "id" : "ITEM-1", "issued" : { "date-parts" : [["2018"]] }, "page" : "627-648", "publisher" : "Springer", "title" : "Learning lessons from the feminisms of ethnic \u201cOthers\u201d", "type" : "chapter", "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=d0d5f510-0f2c-403c-ac36-eb801121018a"] }, { "id" : "ITEM-2", "itemData" : { "ISSN" : "1543-2785", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Ratna", "given" : "Aarti", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Sociology of Sport Journal", "id" : "ITEM-2", "issued" : { "date-parts" : [["2018"]] }, "publisher" : "Human Kinetics", "title" : "Not just merely different: Travelling theories, post-feminism and the racialized politics of women of color", "type" : "article-journal" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=243a1c7a-b4e6-4dbe-9d32-a08ab856d701"] }, { "id" : "ITEM-3", "itemData" : { "DOI" : "10.4324/9780203404065.ch11", "ISBN" : "9780203404065", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Carrington", "given" : "Ben", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Routledge Handbook of the Sociology of Sport", "editor" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Giulianotti", "given" : "Richard", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "id" : "ITEM-3", "issue" : "11237", "issued" : { "date-parts" : [["2017"]] }, "publisher" : "Routledge", "publisher-place" : "London", "title" : "Post/ colonial theory and sport", "type" : "chapter" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=ed7f26e0-b56a-49f0-ad74-82069feb5487"] }, { "id" : "ITEM-4", "itemData" : { "abstract" : "This essay offers one response to recent calls for leisure studies scholars to more effectively integrate race into their analyses. Drawing from interdisciplinary scholarship within ethnic studies, cultural studies, and gender/women's studies the article initiates a broader dialogue about the possibilities and dangers of analyzing whiteness within leisure contexts. The article outlines several studies that demonstrate ways in which whiteness operates to advantage white hegemony. It suggests how the concepts of power evasiveness, normalization and intersectionality might be applied to leisure settings and concludes with a discussion of some problems associated with the study of whiteness. The ultimate aim of the essay is to provoke further dialogue as a step toward documenting and overturning inequitable social arrangements in the movement toward justice.", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "McDonald", "given" : "M", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Journal of Leisure Research", "id" : "ITEM-4", "issue" : "1", "issued" : { "date-parts" : [["2009"]] }, "page" : "5-21", "title" : "Dialogues on whiteness, leisure and (anti. Estos debates te\u00f3ricos tambi\u00e9n est\u00e1n completamente atados a las cuestiones actuales en los Estudios de Ocio, como la identificaci\u00f3n y la erradicaci\u00f3n de la esclavitud moderna (objetivo 8.7 en los Objetivos de Desarrollo Sostenible de la ONU) que conforman significativamente el ocio y el trabajo de un n\u00famero cada vez mayor de personas. La forma m\u00e1s r\u00e1pida de "esclavitud" hoy en d\u00eda es la trata de personas. En 2016 se estim\u00f3 que en todo el mundo cerca de 40.3 millones personas fueron sometidas a la esclavitud (24.9 millones en el trabajo forzoso y 15.4 millones en el matrimonio forzoso) y del 71% son mujeres/chicas (International Labour Organisation, 2017).

En este trabajo reflexiono sobre estas trayectorias te\u00f3ricas dentro y fuera del campo para explorar un conjunto reflexivo de preguntas te\u00f3ricas y \u00e9ticas que fueron planteadas tanto por Ben Carrington como por Diana Parry en sus recientes discursos en la conferencia de la Asociaci\u00f3n de Estudios de



Ocio del Reino Unido (10-12, Julio de 2018 en Bath)². Sus argumentos para los enfoques decoloniales y feministas articularon poderosamente la importancia ética de hacer visibles cómo las relaciones de poder del presente (capitalismo patriarcal digital, Parry) están enredadas con el pasado (historias de colonización y contadores narrativos, Carrington). En primer plano de las relaciones entre el poder y el conocimiento que conforman la teoría como práctica mundial dan a entender las otras prácticas que producen los grupos de trabajo (a través de las relaciones de género, raza, clase, sexualidad, etc.), de manera particular, que sostienen un imaginario imperialista de provisión y prácticas de ocio. Las feministas que exploran la fuerza laboral que está relacionada con el ocio que produce, y afecta la cultura digital a través de las prácticas de los medios sociales (#metoo, #timesup, #blacklivesmatter) también identifican como (hetero) sexista y racista los patrones que difunden la producción algorítmica de representaciones de géneros contemporáneos e identidades a través de enredados espacios de ocio y de trabajo (Parry, Johnson, & Fullagar, 2018). En este sentido, las prácticas de ocio son transformadoras de la vida cultural de formas que reiteran los patrones de desigualdad, así como el reto de las exclusiones y los abusos contra los derechos humanos en las relaciones locales-globales. Si bien se ha explorado el tema de los derechos humanos relacionados con el trabajo y el ocio (a menudo centrado en el turismo deportivo y sexual) dentro de la literatura (Caudwell & McGee, 2018; McGee, 2012; Risse, 2009; Veal, 2015) "title": "Displacing childhood: Labour exploitation and child trafficking in sport", "type": "chapter", "uris": ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=d905b0cf-490b-42f5-9404-93739237d5b1"] }, { "id": "ITEM-2", "itemData": { "ISSN": "1607-8055", "abstract": "The Universal Declaration of Human Rights, endorsed by the United Nations in 1948, includes the right to leisure time, to cultural participation and to travel. While the idea of human rights permeates many aspects of national and international life, it has not permeated the field of leisure studies to any great extent. The purpose of this paper is not to remedy this situation but to argue that this neglect is unjustified and to suggest that leisure researchers might incorporate the idea of human rights and leisure rights into their work. The paper is divided into six main parts. First, it considers the parallels between the neglect of human rights in sociology and in leisure studies. Second, it considers the basis of human rights in general. Third, it examines the nature of the leisure rights declared in the Universal Declaration. Fourth, the place of leisure in the general critique of economic, social and cultural rights is assessed. Fifth, the relationship between human rights and a number of themes in leisure studies is briefly explored, including: the work/leisure divide; the individual versus society; freedom; gender; globalization; and policy. Finally, some suggestions are made for a research agenda on leisure and human rights.", "author": [{ "dropping-particle": "", "family": "Veal", "given": "A J", "non-dropping-particle": "", "parse-names": false, "suffix": "" }], "container-title": "World Leisure Journal", "id": "ITEM-2", "issue": "4", "issued": { "date-parts": [["2015"]] }, "page": "249-272", "publisher": "Taylor & Francis", "title": "Human rights, leisure and leisure studies", "type": "article-journal", "volume": "57" }, "uris": ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=ad336898-4b3b-40c2-a927-6d07a0862e7c"] }, { "id": "ITEM-3", "itemData": { "ISSN": "1938-2545", "abstract": "Labor rights are the first to come up for criticism when accounts of human rights are offered in response to philosophical questions about them, and notoriously so Article 24, which talks about 'rest and leisure' and 'period holidays with pay.' This study first tries to make it plausible why labor rights would appear on the

² Fundamento de Diana Parry ¿Marea Creciente de la Posibilidad o Accidente Devastador? En un Cuarto Feminismo de la Ola en la Investigación' del Ocio y el Fundamento de Ben Carrington 'Cuya Libertad, ¿Qué Limitaciones? Hacia un Estudio de Ocio Decolonial'. Ambos estarán disponibles en video en la página web de la Asociación de Estudios de Ocio en 2018.



Universal Declaration, and next articulates some philosophical objections to their presence there. The interesting question then is not so much how one could respond to the objections, but to explore what commitments one needs to make to answer our question in a satisfactory manner. To make progress, we can contrast the idea of human rights with conceptions of them. Such conceptions offer answers to a set of philosophical questions about human rights. It would be rather unlikely for any such conception to emerge as the uniquely best philosophical account of human rights since disagreements among different conceptions (each of which requires commitments to a range of issues, se ha examinado un poco cómo estaban los cuerpos de las mujeres durante todo el trabajo forzoso en las prácticas de consumo feminizadas de ocio y los flujos transnacionales de la industria de la belleza (el rápido crecimiento de nail salon³³ (salón de belleza) o nail bars (peluquerías)).

El imaginario occidental dominante evoca las prácticas populares de ocio a través de concepciones liberalistas de la autonomía individual, la elección racional y el consumo orientado al estatus que niega los efectos históricos de la exclusión y de la violencia en los grupos de trabajo. Vemos esto evocado a través de los vocabularios de género de la publicidad que activan los grupos para - 'trabajar duro, jugar duro', 'simplemente hacerlo' - o consentirlos - 'tú vales la pena'. La beca feminista, de raza crítica, post/colonial y decolonial interrumpe las teorizaciones del ocio definidas por el trabajo masculino remunerado trayendo a la vista las complejas relaciones de pago, la no remuneración y el trabajo forzoso de las mujeres negras y pardas con diversas historias de movilidad y de migración forzada. Este trabajo ha reparado el ocio de los hombres blancos, ricos y mujeres a través de diversas industrias legales e ilegales relacionadas con el ocio y las instituciones heteronormativas (sexo, matrimonio forzoso, gestación subrogada, cuidado doméstico e institucional, masajes, nail y salones de belleza, limpieza, cultivo de cannabis, etc.). La invisibilidad de los grupos obreros de las mujeres de color se convierte en una condición normalizada de la posibilidad que sustenta flujos capitalistas y patriarcales a través del norte y del sur global (vinculados a la colonización, a la militarización y a la explotación ecológica) (Kempadoo, 2015).

La esclavitud institucionalizada en varias formas históricas y contemporáneas ha generado las condiciones de la posibilidad para ocio blanco libre a través de flujos transnacionales, aunque tales historias son renegadas con frecuencia (Bhambra, 2014; Chan, 2018; Hall, 2018; Kempadoo, 2015; Squire, 2017)the grounding of this framework in questions of intentionality risks reproducing assumptions about subjects whose decision to migrate is more or less free from constraint. The article argues that such assumptions are analytically problematic because they involve a simplification of processes of subjectivity formation. Moreover, it also argues that they are normatively and politically problematic in the context of debates around unauthorised migration because discussions of structure/agency can easily slip into the legitimisation of wider assumptions about the culpability and/or victimhood of people on the move. Drawing on Michel Foucault's theorisation of subjectification, the article proposes an alternative analytics of acts, interventions, and effects by which to address the politics of unauthorised migration in the midst of a so-called 'migration crisis'.", "author" : [{ "dropping-particle" : "", "family" : "Squire", "given" : "Vicki", "non-dropping-particle" : "", "parse-names" : false, "suffix" : "" }], "container-title" : "Politics", "id" : "ITEM-1", "issue" : "3", "issued" : ["date-parts" : [["2017"]]], "page" : "254-272", "title" : "Unauthorised migration beyond structure/agency? Acts, interventions, effects", "type" : "article-journal", "volume" : "37" }, "uris" : ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=76a42c8a-a965-4ce4-ae47-5649afd4f90f"] }, { "id" : "ITEM-2", "itemData" : { "DOI" : "10.1080/17450101.2017.1356436", "ISSN" : "1745011X", "abstract" : "This

3 Utilizo los términos nail salon y nail bars indistintamente.



article presents narratives and tropes of transnational tourism from a less considered perspective: rural migrant-origin villagers of Central Java. Drawing from ethnographic fieldwork conducted in Cilacap and Yogyakarta, I analyze how and why some former temporary labor migrants depict their typically harsh experiences in terms of tourism and leisure. Addressing the tendency in current research to approach labor migration and tourism as mutually exclusive or unrelated class categories and experiences, I consider the ways in which former migrants and non-migrant villagers evaluate or identify labor migration in terms of gender, class, religious, and ethno-national subjectivities associated with 'tourist' and/or 'migrant' categories. Popular and commercial imaginations of leisure travel and tourism importantly shape the subjectivities and positionalities of precarious labor migrants. Foregrounding the relations between tourism and labor migration reveals the multi-scalar ways in which associated discourses and infrastructures of both mutually shape and constitute global socio-economic inequalities.", "author": [{ "dropping-particle": "", "family": "Chan", "given": "Carol", "non-dropping-particle": "", "parse-names": false, "suffix": "" }], "container-title": "Mobilities", "id": "ITEM-2", "issue": "3", "issued": { "date-parts": [["2018"]] }, "page": "325-336", "publisher": "Routledge", "title": "The politics of leisure and labor mobilities: discourses of tourism and transnational migration in Central Java, Indonesia", "type": "article-journal", "volume": "13" }, "uris": ["http://www.mendeley.com/documents/?uuid=131dae34-905a-47be-8b4c-3da398148997"] }, { "id": "ITEM-3", "itemData": { "DOI": "10.1080/23322705.2015.1006120", "ISSN": "2332-2705", "abstract": "In the early 1990s, the debate on human trafficking was restricted to a handful of feminists and revolved around establishing the trafficking of women as a case of labor migration or one of female sexual slavery. Two decades later, the debate is more complicated and widespread, yet within the proliferation of attention, a convergence among some of the most vocal and visible campaigns is discernible. This article takes up three prominent campaigns that dominate contemporary debates internationally: modern anti-slavery, abolitionist feminism, and celebrity humanitarianism and considers the politics that emerge at the points of their convergence. It is argued that rather than getting to the bottom of things, as Emma Goldman urged over a century ago in relation to the traffic of women, a 21st-century version of the white man's burden is apparent, supported by contemporary western, neoliberal interests that maintain boundaries between the haves and the have-nots, while bolstering an image of a compassionate, benevolent West. The article points toward an alternate framework, one that is lodged in a commitment to social and economic justice, decolonization, a redistribution of wealth, and respect for subaltern experience and knowledge.", "author": [{ "dropping-particle": "", "family": "Kempadoo", "given": "Kamala", "non-dropping-particle": "", "parse-names": false, "suffix": "" }], "container-title": "Journal of Human Trafficking", "id": "ITEM-3", "issue": "1", "issued": { "date-parts": [["2015"]] }, "page": "8-20", "title": "The Modern-Day White (Wo. Las teorías feministas decoloniales abren importantes preguntas acerca de la diversidad de los cuerpos de las 'mujeres', pero también de diferentes ontoepistemologías que revelan cómo el poder de género es promulgado a través de imaginarios de historias colonizadas y capitalistas en el presente (Ratna, 2018). Lugones (2010, p. 742) argumenta que 'la imposición colonial de género recorta a través de cuestiones de la ecología, la economía, del gobierno, de las relaciones con el mundo espiritual, y del conocimiento, así como a través de nuestras prácticas cotidianas para que nos habituemos a cuidar del mundo o destruirlo'. Necesitamos la teoría expositiva y decolonial para interrumpir el privilegio de las representaciones históricas blancas y masculinas con el fin de abrir la complejidad de las relaciones de ocio y de trabajo de género en el presente histórico. La introducción de una legislación que apunte a prevenir la 'esclavitud moderna' en un número creciente de países es un momento clave para comprometerse con el contexto sociocultural,



geopolítico e histórico del régimen colonial, de la militarización y de la movilidad de prácticas cambiantes (por ejemplo, *La Ley de la Esclavitud Moderna*, 2015, Reino Unido). En mi análisis del contexto del Reino Unido, dibujo sobre el relato de Gadd y Broad (2018, pág. 5) de la compleja política de afecto que subyace en “el excesivo positivismo político con el que se ha recibido el advenimiento de la Ley de la Esclavitud Moderna, puede ser conceptualizado como una forma de inocencia violenta que mantiene las cuestiones centrales del poder, de la paradoja y de la contradicción en el corazón del nacionalismo Británico en la ensenada” (cursiva en original).

Pensando en las relaciones afectivas que conforman la ‘esclavitud moderna’ en el entorno histórico y contemporáneo del ocio y del trabajo [vergüenza, orgullo nacional, tristeza, repugnancia como orientaciones a los demás y a uno mismo (Ahmed, 2004)], busco tejer este hilo de conversación crítica hacia el Congreso Mundial de Ocio en Sao Paulo (Brasil, 2018). Mi objetivo es rechazar la “inocencia violenta” (Gadd y Broad, 2018, p. 2 que se basan en Bollas, 1993) que a menudo caracteriza la elaboración de la investigación de muchos Estudios de Ocio y la prestación de servicios en torno a los beneficios del ocio para empoderar a los ‘otros’. Al examinar esas tensiones, considero que las libertades o no libertades de ocio y de trabajo para las mujeres en todo el sur y el norte global están enredadas con cambios de las agendas geopolíticas y biopolíticas cambiantes. Dado que el enfoque de mi mesa redonda es el Ocio y la Transformación Social, también me gustaría llamar la atención sobre la importancia de las conferencias como sitios afectivos de provocación para involucrarnos en distintas maneras de pensar y sentir nuestro camino a través de las emergentes cuestiones éticas y ontoepistemológicas de “hacer” Estudios de Ocio (Fullagar, Pavlidis, & Francombe-Webb, 2018). Por lo tanto, este documento se escribe a través de un conjunto de relaciones afectivas que circulan a través de múltiples registros - las discusiones intelectuales en LSA, escribiendo dentro y fuera del campo, así como las narrativas presentes/ausentes de la esclavitud que continuamente da forma a la ciudad de Bath⁴ como un sitio turístico del Patrimonio Mundial de la UNESCO y un lugar cotidiano de ocio y trabajo. He decidido centrarme en los eventos en Bath como la ciudad en la que vivo y trabajo como un (blanco, privilegiado) migrante económico, después de haber pasado del espacio conflictivo de la Australia post/colonial a un sitio de patrimonio Inglés que aparentemente no está en conflicto con las ficciones dominantes de Imperio que se fija en la grandeza Georgiana y en el consumo de ocio visible. Las historias múltiples de Bath se frota contra el caso de la esclavitud moderna que exploro en lo referente al sitio del ocio-trabajo de nail salon, donde el procesamiento más significativo para la trata de niños se ha ocurrido hasta la fecha. Mi objetivo es hacer visibles los flujos de poder racial y de género que reinscribe los patrones históricos de desigualdad a través de formaciones neoliberales de trabajo corporal “esteticizado” en nail bars, al mismo tiempo que se abre una política alternativa de imaginación que responde a los efectos perjudiciales (Latimer & Skeggs, 2011).

La esclavitud moderna y la trata de personas

En 2015 el Reino Unido fue el primer país en Europa en aprobar una Ley de la Esclavitud Moderna (2015)⁵, encabezada por la Primera Ministra Conservadora Theresa May, quien era la Ministra del Interior en ese momento. La Ley fue elogiada por los Conservadores como parte de su compromiso histórico

⁴ Para más investigación véase los Legados Británicos del Proyecto de Propiedad de Esclavos (www.ucl.ac.uk/lbs).

⁵ http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2015/30/pdfs/ukpga_20150030_en.pdf (último acceso el 30 Julio de 2018)



permanente de luchar contra los individuos “malvados” y la cadena de suministro de negocios inmoral y las prácticas laborales (Gadd y Broad, 2018). En su informe que identifica 17 formas de esclavitud moderna, Cooper et al., (2017, p. ii) sugiere que el término abarque “los delitos de trata de personas y esclavitud, servidumbre, trabajo forzoso u compulsorio” que “con frecuencia involucra a múltiples víctimas, delincuentes y sitios, y a menudo se oculta e implica o tiene lugar junto a una amplia gama de abusos y otros delitos penales”. El Comisionado Contra la Esclavitud del Reino Unido ha sido encargado de “la prevención, la detección, la investigación y el enjuiciamiento de los delitos ‘de esclavitud y trata de personas’”. La trata implica el movimiento y la explotación de personas (en gran parte del mundo mayoritario) para su trabajo mediante el reclutamiento por medios coercitivos (fraude, fuerza, servidumbre por deudas, amenazas a la vida). Los traficantes, a menudo, forman relaciones complejas de confianza con las víctimas y explotan su deseo de una vida mejor lejos de la pobreza, del abuso, de la inestabilidad política o militar. Las víctimas de la trata a menudo experimentan el abuso psicológico, el económico, el físico y el sexual (incluyendo embarazos no deseados, recisiones e infecciones), la mala salud, las condiciones de vida y de trabajo deficientes. En relación con el reconocimiento público de tales daños y las violaciones de los derechos humanos, Gadd y Broad (2018, p. 6-7) argumentan que las reformas del Reino Unido han sido recortadas por los deseos nacionalistas de acumulación de capital formada a través de una historia blanca imperialista,

Las propuestas para hacer que el trabajo forzoso en cualquier lugar dentro de una cadena de suministro de un negocio un delito se opuso por el gobierno Británico antes de la Ley de Esclavitud Moderna 2015 en favor de equilibrar el “comercio libre y justo”. En su lugar, la Sección 54 de la Ley de Esclavitud Moderna solo exigía que las grandes corporaciones publicaran una declaración anual explicando qué medidas tomaban para prevenir la esclavitud moderna dentro de sus cadenas de suministro, la esperanza de que las preferencias de los consumidores por la producción ética las mercancías remodelarían industrias explotadoras (O’Connell Davidson, 2015).

La aparición del discurso de la esclavitud moderna y el cambio legislativo pone de relieve la naturaleza impugnada de la producción del conocimiento sobre las condiciones de libertad y la no libertad que rige el movimiento y los derechos de los grupos de trabajo. El uso del término esclavitud ha generado una serie de respuestas de la promoción entusiasta de los abolicionistas contemporáneos (caridades, gobiernos y filántropos), a las respuestas más críticas de los expuestos académicos y decoloniales interesados en cómo las historias raciales y los organismos sujetos a la colonización se reconfiguran a través de los imaginarios blancos, liberalistas (Bravo, 2015; Davidson, 2015; Kempadoo, 2015). Como Gadd y Broad (2018, p. 2) han argumentado en relación con las iniciativas del Reino Unido, “para corregir las muchas formas de explotación que se conceptualizan como la esclavitud moderna, cualquier nuevo ‘grupo de trabajo’ que tendrá que ser reflexivo y duradero suficiente para articular los ‘conocidos impensados’ del colonialismo Británico, la política de inmigración y la práctica de los consumidores implícitos que engendra el falso orgullo nacional abordado”. Los ‘conocidos impensados’ de un imaginario imperialista resuena con mi reciente experiencia de seguir de cerca las representaciones mediáticas del primer enjuiciamiento exitoso por la explotación del trabajo infantil y la trata de niños bajo la Ley de Esclavitud Moderna del Reino Unido, 2015 (Dearden, 2018) en la popular ciudad turística del Patrimonio Mundial de Bath⁷.

⁶ http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2015/30/pdfs/ukpga_20150030_en.pdf (último acceso el 30 Julio de 2018)

⁷ El caso en Bath también fue objeto de un documental televisivo de la BBC 2 Los Fiscales: Prisiones, Drogas y



Mientras leía las noticias locales y nacionales sobre este caso, nunca vi una conexión entre la historia de la esclavitud Transatlántica (o incluso antigua Romana) sobre la que se construyó la ciudad Georgiana y el contexto de la trata de personas. La extensa cobertura mediática del caso hizo eco de la positividad política que Gadd y Broad (2018) identificaron como vinculación a una “violencia inocente” que niega el contexto histórico de la esclavitud en la expansión del Imperio. Tal vez esto no sea sorprendente dadas las narrativas dominantes comerciales y turísticas de la ciudad que en gran parte están en silencio sobre los beneficios de la esclavitud, incluso los paseos populares del Alcalde de la ciudad⁸ que son dirigidos por voluntarios (cuyo privilegio permite que el trabajo sea compartido libremente) raramente discuten las historias ocultadas del Bath. Sin embargo, las narrativas contrarias están siendo creadas por personas como el artista local y el académico Richard White, que lleva a los paseos performativos participativos de las historias de esclavos en Bath y a lo largo del Río Avon⁹. Sus paseos invitan a los participantes a imaginarse nuevamente y a ‘ver’ el pasado y el presente inimaginables a través de “percibir los legados de la propiedad de esclavos. Expedición en historias oscurecidas, reflexionando sobre el flujo, el ciclo y la memoria; alerta de sonidos, voces, lágrimas, sudor de la materia sanguínea suspendida en el agua” (White, 2018). Uno de estos paseos transformó mi experiencia de cómo yo ‘siento’ (ver-sentir-escuchar) las historias invisibles de la ciudad y de los grupos negros que trabajaban en lugares lejanos para crear las condiciones de privilegio para las vidas de los blancos ociosos.

La práctica cultural altamente afectiva de las blancas trabaja para interrumpir la “violencia inocente” de los discursos tradicionales del turista y del patrimonio que celebran incesantemente la “Hermosa Bath”, y al hacerlo ofrecen a los participantes un tipo diferente de política afectiva que reconoce, en lugar de rechazar los efectos del Imperio (Hall, 2018). A pesar del crecimiento del discurso público sobre la esclavitud moderna, todavía hay que permear discursos turísticos que están estrechamente vinculados con la promulgación de la identidad Británica en Bath como una poderosa fuerza global del pasado y del futuro imaginado post Brexit. Gadd y Broad (2018, p. 16) argumentan por la importancia de los discursos públicos que historican “la sensación de los estados para que puedan ser reconstruidos, la identificación de la división defensiva, la tolerancia a la ambivalencia y que contenga suficiente dolor para que a través de su trabajo llegue a ser soportable... Para los Británicos, por lo menos, una crisis política de la identidad nacional — de la grandeza desesperada en ausencia de un imperio construido sobre la esclavitud transatlántica y la opresión colonial — también debe ser abordado”. En la zona liminal de Brexit la precaria posición de muchos emigrantes, solicitantes de asilo y refugiados se agudiza dentro de una economía afectiva que se alimenta por el miedo, el odio y la negación del racismo dentro del estado neoliberal que desea mayor seguridad, relaciones de frontera de control y comercio (Squire, 2017).

El estado está involucrado en un esfuerzo biopolítico para regular el movimiento de las personas vulnerables, las fronteras nacionales y los derechos humanos a través de imperativos de titularización. Como Fitzgerald (2010, p. 280) argumenta que “el migrante traficado es de esas evidencias visibles “fronteras por fugas” (Gilbert, 2007, p. 77) que apoyan la retórica estatal sobre la necesidad de una ley de inmigración más estricta y un control fronterizo”. Al mismo tiempo, los discursos humanitarios que circulan a través de los medios de comunicación y los informes gubernamentales relativos a los derechos humanos de las mujeres traficadas en el Reino Unido parecen trabajar para pulir la Drones que se mostró por primera vez el 09/08/2018.

⁸ Véase al <http://www.bathguides.org.uk>

⁹ Para un video de uno de los paseos de historia de esclavos de Richard en Bath véase al <https://vimeo.com/182379470>



geopolítica impregnada en las agendas domésticas anti-inmigración y raciales/ estereotipos de género (Fitzgerald, 2016). Truong (2015, pág. 11) esboza cómo los investigadores feministas “han demostrado cómo algunos programas contra la trata de personas han creado una” industria de rescate “cuyas prácticas conforman la “prostitución” con el “tráfico”, terminando con atribuir un estatus de víctima a la gente (en su mayoría mujeres) que han tomado decisiones conscientes para migrar (Ley, 2000)”.

Además, Gadd y Broad (2018) han argumentado que las redadas de aplicación de la ley altamente visibles que se emprendieron en el Reino Unido para rescatar a las víctimas del tráfico sexual han sido objeto de críticas, dado que resultaron en que las trabajadoras sexuales fueran arrestadas y deportadas porque los traficantes no eran identificables. En uno de los primeros estudios en el Reino Unido, Gearon (Gearon, 2016, p. 91) ha criticado la falta de enfoque en el bienestar de los niños en las reformas de la esclavitud moderna dada la agenda política, “el posicionamiento de la ‘trata de niños’ como una preocupación sinónimo de la migración ilegal, sirvió para los gobiernos interesarse en demostrar al público que se están adoptando medidas para frenar la migración ilegal, en el contexto de un aumento significativo de la red de migración al Reino Unido”.

Si bien existe un importante grupo de investigaciones feministas que exploran estos temas del trabajo sexual y el tráfico sexual a través del turismo, el ocio y los sectores reproductivos, hay pocas investigaciones sobre las formas de explotación laboral en la industria de la belleza, específicamente el aumento de nail salons como sitios feminizados de trabajo corporal estético que se entrelazan con el ocio de las mujeres en las naciones ricas. Cohen y Wolkowitz (2018, PP. 42 – 3) definen el trabajo corporal como promulgado a través de servicios “estéticos” que están “enfocados en transformar físicamente el cuerpo, como la peluquería, el tatuaje o el trabajo de belleza”.

Nail bars como el sitio de la trata de personas

Si bien los discursos mediáticos se pretende crear una mayor conciencia sobre el problema de la trata de personas, en general la falta de reflexión crítica sobre “cómo” se retrata el tema. En todos los informes de los medios de comunicación que he leído a través del espectro político había un encuadre dominante de la policía como los rescatadores heroicos de muchachas victimizadas (que merecen piedad) mientras arrestan a los traficantes Vietnamitas (malvados y merecedores de condena) que ejecutan nail bars a través de Gran Bretaña. La presentación de informes de este caso se centró repetidamente en el maltrato de un grupo étnico minoritario por su ‘propia’ gente (ignorar las complejas desigualdades entre los Vietnamitas), por lo que las preguntas críticas sobre el papel de Gran Bretaña en el aspecto económico y político y las fuerzas socioculturales que conforman flujos y desigualdades globales. El siguiente extracto del informe The Guardian (El Guardián) proporciona un ejemplo de cómo se enmarcó el caso cuando los traficantes de niños/jóvenes mujeres vietnamitas fueron enjuiciados bajo la ley de esclavitud moderna a principios de 2018 (Morris, 2018).

Una mujer y un hombre que obligó a los niños a traficar desde Vietnam para trabajar en nail bars en el Reino Unido han sido encarcelados [5 y 4 años]... [la policía] esperaba que la fiscalía enviara un mensaje a los dueños de nail bar que usan a los niños, que serían perseguidos, además de alertar a los clientes de la posibilidad de que los jóvenes hubieran siendo explotados... En hipótesis, en Nail Bar Deluxe, en el centro de la ciudad, encontraron a dos chicas Vietnamitas [menores de 18] trabajando en las uñas de los clientes. Se supo que trabajaban 60 horas a la semana. Uno les



pagaba unos £30 al mes, mientras que el segundo no les pagaba. Se alojaban en la casa de cuatro dormitorios del dueño, Jenny, en Bath. Uno vivía en una habitación pequeña, mientras que el otro dormía en un colchón en el ático.

DI Charlotte Tucker, quien dirigió la operación para la policía de Avon y Somerset, dijo: “Eran extremadamente vulnerables. Eran de orígenes empobrecidos en Vietnam y habían llegado al Reino Unido buscando una vida mejor”. Han sido traídos al Reino Unido en la parte trasera de un camión. No se sabe si fueron recogidos por alguien de nail bar o simplemente han sido tirados en Bath para buscar a la gente Vietnamita tal como Jenny. Nail bar era lucrativo. Cuando la policía allanó la casa de Jenny, encontraron £60.000 en £50 notas ocultas dentro de un osito de peluche y un gabinete lleno de bolsos de diseño, algunos valen miles de libras. También tenía una habitación de alquiler en Bath.

Los adolescentes fueron llevados a cuidados adoptivos de emergencia, pero huyeron. “Desafortunadamente, esto es un acontecimiento común en los casos de trata, ya que las víctimas están condicionadas a sentirse dependientes de quienes los controlan y se ven obligados a volver a ellos”, dijo Tucker. Fueron retratados, pero fueron rastreados hasta un nail bar en Abbey Arcade. Tucker dijo que las chicas hablaban un poco de inglés. “Eran tan vulnerables que no tenían ninguna posibilidad de huir. No estaban cerradas, pero no tenían adónde ir. “Queremos que consigan el objetivo del público que están escondiendo a sus víctimas en plena vista. Cuando la gente va y arregla sus uñas allí puede haber una víctima que viene aquí para una vida mejor, a veces con deudas en la servidumbre conectada a las familias de vuelta a casa. Están atrapadas aquí. “En el caso de nail bars, las señales de advertencia podrían ser miembros de personal muy jóvenes, precios bajos, una rápida rotación del personal o el control de comportamiento por parte de los empleados mayores. Si usted tiene alguna sospecha, por favor, póngase en contacto con la policía”. El caso se ha ejecutado como un “enjuiciamiento sin víctimas” – más frecuentemente siendo utilizado en casos de violencia doméstica donde la víctima no coopera necesariamente con la fiscalía. “Están tan condicionadas a creer que no son víctimas. No vieron que habían sido explotadas para ganar”, dijo Tucker.

Las chicas en el centro del caso no son simplemente las “beneficiarias” de este enjuiciamiento exitoso en virtud de la ley de la esclavitud moderna, ya que no se garantiza la protección o el asilo y pueden ser devueltos al mismo lugar donde fueron explotadas (y muchos son re-traficados) (Gadd y Broad, 2018, p. 11). A menudo las personas traficadas son juzgadas en el sistema de referencia en términos de su estatus migratorio y las de fuera de la Unión Europea tienen cuatro veces menos probabilidades de ser protegidas y reconocidas como víctimas de la trata y a menudo se les ordena ser deportadas (Anti-esclavitud Internacional, n.d.). Las víctimas deben tener su solicitud de asilo oída ante la corte y hasta esa decisión los solicitantes de asilo viven alrededor de 35 GBP por semana. Los niños son colocados en familias de acogida que pueden tener poca comprensión intercultural (Bath es predominantemente un área blanca Británica) o el aprecio por el deseo de trabajar y ganar dinero (muchos no han tenido la escuela o el tiempo para jugar/ocio en la niñez en su país de origen), y por lo tanto, la experiencia de aislamiento puede contribuir a que las chicas “huyendo” en los informes de los medios de comunicación. A menudo se les obliga a regresar a los traficantes con amenazas a la servidumbre familiar y de la deuda (Gadd y Broad, 2018). El Reino Unido también tiene acuerdos internacionales en marcha con ciertos países, Vietnam en este caso, para devolver a los niños



traficados a ser atendidos por el estado. Sin embargo, el estado está muy subcontratado en términos de apoyo a la asistencia social y la falta de atención adecuada apunta a la insuficiencia de esos acuerdos que aumentan el riesgo de reventa (Explotación Infantil y Centro de Protección En Línea y Embajada Británica, 2011). Son estas complejidades e inequidades las que llevan a muchos críticos a señalar la posición paradójica de la postura moral del gobierno Británico sobre la “erradicación” de la esclavitud moderna. Además, Gadd y Broad (2018, p. 12) identifican la geopolítica más amplia implicada en la respuesta del estado, “A pesar del compromiso legislativo de poner fin a la esclavitud moderna, Gran Bretaña llevó proporcionalmente menos de su parte de refugiados en 2015 que otros europeos países — apenas el 3.1 por ciento del total dentro de la Unión Europea y apenas un duodécimo del número que es aceptado por Alemania “.

La explotación laboral oculta en nail salon

En 2016, se abrieron más salones de belleza y aseo en Reino Unido que cualquier otro negocio independiente. Las últimas cifras muestran que las mujeres en promedio tienen 10 pedicuras al año y gastan £994 por año en tratamientos de belleza. Los hombres se están metiendo cada vez más en el acto, el gasto en promedio de £779 por año... El presupuesto de nail bars ha tomado nuestras calles altas con fuerza. Más barato que los salones de belleza tradicionales, sin necesidad de nombramiento, apelan a nuestro deseo insaciable de una ganga, la necesidad de gratificación instantánea y la necesidad moderna de sentirse bien con nosotros mismos. Y queremos todo esto sin interactuar con la persona detrás de la máscara proporcionando nuestro tratamiento. Pero, este deseo de servicio barato puede alimentar la esclavitud moderna (Garbers, 2018) more beauty and grooming salons opened in the UK than any other independent business. Latest figures show that women on average have 10 pedicures a year and spend £994 per annum on beauty treatments. Men are increasingly getting in on the act, spending on average £779 per year. I am not one of those women, but my terrible nails are a good talking point when I go into nail bars to spot signs of slavery and exploitation. These visits are part of the work of the south-west's Anti-Slavery Partnership. Partners from law enforcement, statutory agencies and the voluntary sector come together to investigate businesses in which slavery and exploitation may be occurring. We try to make sure that people who may be victims of exploitation are aware of their rights and that there are agencies out there who are able to help. We know that exploiters and traffickers often keep their victims isolated from the community in which they work in order to exert control over them. One of those visits led to the UK's first successful prosecution of modern slavery involving minors earlier this week in Bath, where two people were jailed after forcing children trafficked from Vietnam to work in nail bars. Budget nail bars have taken our high streets by storm. Cheaper than traditional beauty salons, with no appointment required, they appeal to our insatiable desire for a bargain, need for instant gratification and the modern necessity to feel good about ourselves. And we want all of this without interacting with the person behind the mask providing our treatment. But this desire for cheap service can fuel modern slavery. The current estimate is that there are 40 million slaves worldwide in 2013 and it is often unclear what practical steps an individual can take to avoid using slave labour in pursuing our beauty regimes. The reality is that it is the people using the nail bars who can provide the best information as to what is happening there. Familiarise yourself with the warning



signs, report anything suspicious and make informed choices about the beauty salons you visit. Our purchasing decisions hold power. If more of us are using nail bars, we need to understand the implications of what we are potentially participating in. Regulation and licencing of nail bars is largely voluntary and, outside of a few London boroughs, this lack of regulation allows exploitative practices to continue. It is suggested”

```
“author” : [ { “dropping-particle” : “”, “family” : “Garbers”, “given” : “Kate”, “non-dropping-particle” : “”, “parse-names” : false, “suffix” : “” } ], “container-title” : “The Guardian”, “id” : “ITEM-1”, “issued” : { “date-parts” : [ [ “2018”, “1”, “5” ] ] }, “title” : “Nail bars are havens for modern slavery: Here\u2019s how you can help tackle it”, “type” : “article-newspaper” }, “uris” : [ “http://www.mendeley.com/documents/?uuid=6c7ef034-a630-46c3-8268-a8b0194bdb25” ] } ], “mendeley” : { “formattedCitation” : “(Garbers, 2018.
```

Después del caso de la fiscalía, Garbers como el CEO de la agencia Invisible que apoya a las víctimas de la trata, escribió un artículo de prensa para elevar la conciencia de los consumidores acerca de la esclavitud moderna en el sitio de ocio ubicuo que nail bar se ha convertido para muchas mujeres en Gran Bretaña. Los nail bars vietnamitas han estado conforme a la atención pública racial en informes de los medios relacionados con la “trata de personas, blanqueo de dinero, y migración ilegal” (Barber, 2018, p. 8). La diáspora vietnamita en el Reino Unido ha sido importante para impulsar el crecimiento de los nail salons durante la década de 2000 como los sitios de éxito de la pequeña empresa y el consumo feminizado belleza-ocio. Las mujeres jóvenes (y algunos hombres) de la edad incierta que emprenden el trabajo del cuerpo en nail bars requieren a menudo usar máscaras en la cara, hablar Inglés de modo limitado y conseguir trabajos a través de las redes culturales en qué es una industria de la belleza, en su gran parte no está regulada. La reestructuración de la economía mundial y la comercialización de prácticas corporales que se promulgaron originalmente en el espacio privado del hogar, han contribuido al surgimiento de nail bar como un sitio de ocio donde trabajan distintos grupos de mujeres, y trabajan en el nombre de los ideales feminizados de la belleza de heteronormativa (Kang, 2003). La investigación etnográfica en nail bars Coreanos y Vietnamitas que son operados o que son poseídos fueron documentados a partir de las percepciones raciales de las mujeres Asiáticas (con las manos pequeñas que son naturalmente buenas para manicuras) por los consumidores contribuyen a normalizar las relaciones laborales desiguales en el intercambio de servicios corporales (Eckstein & Nguyen, 2011; Hoang, 2015; Kang, 2003). Las condiciones precarias y el rango de riesgos para la salud (exposición química, lesiones, así como las conexiones con el sexo y la explotación laboral) (Harris-Roberts et al., 2011) permanecen invisibles dentro de una economía visual que privilegia al grupo de consumo feminizado como objeto estético de la mejora, de la conveniencia y del estado. En Kang (2003), la investigación de manicuristas también se dedicó a la mano de obra emocional para asegurar la prestación de cuidado de belleza y atención con soluciones especiales, remojo, toallas, etc. para producir una experiencia sensorial placentera para los clientes en los nail salons con distintos sitios y perfiles culturales y de clase. Kang describe la experiencia de uno de sus entrevistados blancos, Kathy, que era una entrenadora personal,

Hacerlo es un placer, un lujo. Hacerlo yo mismo es tedioso, haberlo hecho es una delicia. Es toda la idea de ir y tener algo bien hecho por mí mismo. Si lo hago yo mismo, es solo mantenimiento de rutina de mi cuerpo-como lavarme el pelo o mantener mi ropa limpia... Por supuesto que lo hace más agradable es si son amables y si se puede hablar con usted. Si no pueden recordar mi nombre está bien, pero creo que deben reconocermme (Kang, 2003, p. 827-8)



Hay un cuerpo creciente de literatura feminista que ha examinado en gran parte las experiencias de los consumidores blancos de la clase media y los esfuerzos de la industria de belleza que es dominada por los hombres para explotar sus inseguridades a través del ocio que es trabajado para la auto-mejora (“mi tiempo”). Críticas más recientes han empezado a hacer visibles la diversa producción y el consumo de trabajo corporal racial y de género en la era de la cultura post-feminista y los servicios de ocio (Coffey, 2016; Cohen & Wolkowitz, 2018; Elias, Gill, & Scharff, 2017; Kang, 2003; Veijola & Jokinen, 2008) who had more than 600,000 followers on Instagram, earned \u2018thousands of dollars\u2019 from marketers for each post, she said, but could no longer tolerate the shameless manipulation of her images and the painful costs of \u2018self-promotion\u2019. \u2018Resigning\u2019 from the site, she deleted 2000 posts and \u2018re-captioned\u2019 the remaining 96 to draw attention to the artifice involved in their production\u2014not just the (notorious. Sin embargo, ha habido poco examen más amplio de las relaciones raciales de desigualdad de género que rigen las interacciones feminizadas de los consumidores y proveedores de servicios de ocio que son relacionados con el grupo que puede representar las relaciones laborales forzosas invisibles. Para referirse de nuevo a la política afectiva abierta por los viajes de detección de Richard White de las historias de esclavos en Bath, ¿cómo empezamos a dar a conocer los ‘conocidos impensados’ sobre el trabajo de tráfico dentro de lo que a menudo se llaman ‘enclaves étnicos’ en términos del local y de los circuitos globales de los grupos de género y del capital? En lugar de negar el complejo afecto que produce la esclavitud moderna, los relatos éticamente sensibles reconocen la ‘violencia inocente’ que los servicios de ocio feminizados promulgan para mantener la belleza de los grupos que se benefician del trabajo de las pobres mujeres que son traficadas (Gadd y Broad, 2018). En nivel local, estas cuestiones requieren nuevas formas de ver y escuchar que reconocen los efectos históricos del Imperio al perpetuar otras prácticas que devaluaran la mano de obra de negros y pardos y de su derecho a las libertades de ocio.

Como las feministas expuestas y decoloniales han argumentado en los estudios de ocio y en términos más amplios, el riesgo de no nombrar las epistemologías que conforman experiencias personales de desigualdad es el de posicionar (en este caso, traficada) a las mujeres/chicas como el problema (ser deportado o ser administrado en relación con las fronteras que han sido titulizada de nación) (Bhambra, 2014; Fitzgerald, 2016; Kempadoo, 2015; Ratna, 2018). Por lo tanto, las responsabilidades geopolíticas más amplias de los países, como Gran Bretaña, exigen un mayor escrutinio, ya que los cambios legislativos y sociales progresistas siguen estando ligados a historias de colonización y explotación. Como muchos académicos y activistas han argumentado, se necesitan enfoques socialmente justos con procesos mucho más multi-estratificados para intervenir más eficazmente en la economía mundial de la trata de personas (Davidson, 2015; Kempadoo, 2015). Al reunir diversas literaturas para explorar los complejos derechos humanos implicados en la ‘esclavitud moderna’, este documento ha tratado de “cómo aprender a escuchar lo que es imposible” (Ahmed, 2004, p. 35 cursiva en original) reconociendo cómo el trabajo forzoso sostiene sitios ubicuos de consumo y provisión de ocio feminizados en la industria de la belleza global. Uno de los retos es avanzar más allá de los silencios históricos que mantienen el privilegio blanco al dar a conocer los “conocidos impensados” de la explotación, la violencia y la no libertad. ¿Qué pasaría si la autoridad cultural de la blanca en Bath pudiera ser interrumpida con un pequeño paso? Un recorrido que evocaba una manera distinta de caminar-conociendo las enredadas historias transnacionales de la esclavitud donde las historias de trabajo y ocio encarnados se conectan a través de los flujos de poder que continuamente dan forma al pasado y al presente.



Referencias

- Ahmed, S. (2004). *The cultural politics of emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Aitchison, C. (2000). Poststructural feminist theories of representing others: a response to the 'crisis' in leisure studies' discourse. *Leisure Studies*, 19(3), 127–144.
- Arai, S., & Kivel, D. (2009). Critical Race Theory and Social Justice Perspectives on Whiteness, Difference(s) and (Anti)racism: A Fourth Wave of Race Research in Leisure Studies. *Journal of Leisure Research*, 41(4), 459–470.
- Barber, T. (2018). *The integration of Vietnamese refugees in London and the UK: Fragmentation, complexity, and 'in/visibility.'* Helsinki.
- Bhambra, G. K. (2014). Postcolonial and decolonial dialogues. *Postcolonial Studies*, 17(2), 115–121. <https://doi.org/10.1080/13688790.2014.966414>
- Blackshaw, T. (2010). *Leisure*. London: Routledge.
- Bravo, K. E. (2015). Making "Slavery" Work. In *Slavery Past, Present and Future Conference Proceedings Ebook, 2015*. (pp. 1–18). SSRN: <https://ssrn.com/abstract=2801282> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2801282>.
- Carrington, B. (2008). Introduction: Rethinking labour and leisure. *Leisure Studies*, 27(4), 369–374. <https://doi.org/10.1080/02614360802456972>
- Carrington, B. (2017). Post/ colonial theory and sport. In R. Giulianotti (Ed.), *Routledge Handbook of the Sociology of Sport*. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203404065.ch11>
- Caudwell, J., & McGee, D. (2018). From promotion to protection: human rights and events, leisure and sport. *Leisure Studies*, 37(1–3), 1–10.
- Chan, C. (2018). The politics of leisure and labor mobilities: discourses of tourism and transnational migration in Central Java, Indonesia. *Mobilities*, 13(3), 325–336. <https://doi.org/10.1080/17450101.2017.1356436>
- Child Exploitation and Online Protection Centre and British Embassy. (2011). *The trafficking of women and children from Vietnam*. Hanoi.
- Clarke, J., & Critcher, C. (1985). *The devil makes work: Leisure in capitalist Britain*. London: Macmillan.
- Coffey, J. (2016). Introduction to youth sociology and the body. In *Body work: Youth, gender and health*. London: Routledge.
- Cohen, R. L., & Wolkowitz, C. (2018). The Feminization of Body Work. *Gender, Work and Organization*, 25(1), 42–62. <https://doi.org/10.1111/gwao.12186>
- Cooper, C., Hesketh, O., Ellis, N., & Fair, A. (2017). *A Typology of Modern Slavery Offences in the UK*. Retrieved from <https://www.antislaverycommissioner.co.uk/media/1190/a-typology-of-modern-slavery-offences.pdf>
- Davidson, J. O. (2015). *Modern slavery: The margins of freedom*. London: Palgrave Macmillan.
- Dearden, L. (2018, January 2). Police warn modern slaves "staffing nail bars across UK" as Vietnamese gang jailed in landmark case. *Independent*. Retrieved from <https://www.independent.co.uk/news/uk/crime/modern-slavery-nail-bars-bath-case-jailed-police-staffing-vietnamese-uk-britain-forced-labour-a8137031.html>
- Deem, R. (1986). *All work and no play?: a study of women and leisure*. London: Open University Press.
- Eckstein, S., & Nguyen, T. N. (2011). The making and transnationalization of an Ethnic niche: Vietnamese manicurists. *International Migration Review*, 45(3), 639–674. <https://doi.org/10.1111/j.1747-7379.2011.00861.x>
- Elias, A., Gill, R., & Scharff, C. (2017). *Aesthetic Labour: Rethinking Beauty Politics in Neoliberalism*. Springer.



- Fitzgerald, S. A. (2010). Biopolitics and the regulation of vulnerability: The case of the female trafficked migrant. *International Journal of Law in Context*, 6(3), 277–294. <https://doi.org/10.1017/S1744552310000169>
- Fitzgerald, S. A. (2016). Vulnerable geographies: human trafficking, immigration and border control in the UK and beyond. *Gender, Place and Culture*, 23(2), 181–197. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2015.1013441>
- Fullagar, S., Pavlidis, A., & Francombe-Webb, J. (2018). Feminist theories after the post-structuralist turn. In D. C. Parry (Ed.), *Feminisms in Leisure Studies: Advancing a Fourth Wave*. New York: Routledge.
- Gadd, D., & Broad, R. (2018). Troubling recognitions in British responses to modern slavery. *The British Journal of Criminology*, 37(July), 1–22. <https://doi.org/10.1093/bjc/azx082>
- Garbers, K. (2018, January 5). Nail bars are havens for modern slavery: Here's how you can help tackle it. *The Guardian*.
- Gearon, A. (2016). "Child trafficking": Experiences of children on the move. University of Bath.
- Green, E., Hebron, S., & Woodward, D. (1990). *Women's leisure, what leisure?* London: Macmillan Press Ltd.
- Hall, C. (2018). Doing reparatory history: bringing 'race' and slavery home. *Race and Class*, 60(1), 3–21. <https://doi.org/10.1177/0306396818769791>
- Harris-Roberts, J., Bowen, J., Sumner, J., Stocks-Greaves, M., Bradshaw, L., Fishwick, D., & Barber, C. M. (2011). Work-related symptoms in nail salon technicians. *Occupational Medicine*, 61(5), 335–340.
- Haworth, J. T., & Veal, A. J. (2004). *Work and leisure*. Psychology Press.
- Hoang, K. K. (2015). Nailing Race and Labor Relations: Vietnamese Nail Salons in Majority-Minority Neighborhoods. *Journal of Asian American Studies*, 18(2), 113–139.
- Hylton, K. (2005). 'Race', sport and leisure: lessons from critical race theory. *Leisure Studies*, 24(1), 81–98.
- International Anti-Slavery. (n.d.). Slavery in the UK. Retrieved August 8, 2018, from <https://www.antislavery.org/slavery-today/slavery-uk/>
- International Labour Organisation. (2017). *Global estimates of modern slavery: Forced labour and forced marriage*. Geneva.
- Kang, M. (2003). The Managed Hand: The Commercialization of Bodies and Emotions in Korean Immigrant-Owned Nail Salons. *Gender and Society*, 17(6), 820–839. <https://doi.org/10.1177/0891243203257632>
- Kempadoo, K. (2015). The Modern-Day White (Wo)Man's Burden: Trends in Anti-Trafficking and Anti-Slavery Campaigns. *Journal of Human Trafficking*, 1(1), 8–20. <https://doi.org/10.1080/23322705.2015.1006120>
- Latimer, J., & Skeggs, B. (2011). The politics of imagination: keeping open and critical. *The Sociological Review*, 59(3), 393–410.
- Lugones, M. (2010). Toward a Decolonial Feminism. *Hypatia*, 25(4), 742–759. <https://doi.org/10.1111/j.1527-2001.2010.01137.x>
- McDonald, M. (2009). Dialogues on whiteness, leisure and (anti)racism. *Journal of Leisure Research*, 41(1), 5–21.
- McGee, D. (2012). Displacing childhood: Labour exploitation and child trafficking in sport. In A. Quayson & A. Arhin (Eds.), *Labour Migration, Human Trafficking and Multinational Corporations: The Commodification of Illicit Flows* (pp. 71–90). New York: Routledge.
- Morris, S. (2018, January 2). Trio who used trafficked girls to work in nail bars jailed under slavery laws. *The Guardian*.
- Mowatt, R. A., French, B. H., & Malebranche, D. A. (2013). Black/female/body hypervisibility and invisibility: A Black feminist augmentation of feminist leisure research. *Journal of Leisure Research*, 45(5), 644–660.



- Parker, S. (1983). *Leisure and work*. Sydney: George Allen and Unwin.
- Parry, D. C., Johnson, C. W., & Fullagar, S. (2018). *Digital dilemmas: Transforming gender identities and power relations in everyday life*. London: Palgrave Macmillan.
- Ratna, A. (2018). Not just merely different: Travelling theories, post-feminism and the racialized politics of women of color. *Sociology of Sport Journal*.
- Ratna, A., & Samie, S. F. (2017). *Race, Gender and Sport: The politics of ethnic "Other" girls and women*. (A. Ratna & S. F. Samie, Eds.). London: Routledge.
- Ratna, A., Samie, S. F., Jamieson, K., & Thangaraj, S. (2018). Learning lessons from the feminisms of ethnic "Others." In *The Palgrave Handbook of Feminism and Sport, Leisure and Physical Education* (pp. 627–648). Springer.
- Risse, M. (2009). A right to work? A right to leisure? Labor rights as human rights. *Law & Ethics of Human Rights*, 3(1), 1–39.
- Rojek, C. (2013). *Capitalism and Leisure Theory (Routledge Revivals)*. London: Routledge.
- Squire, V. (2017). Unauthorised migration beyond structure/agency? Acts, interventions, effects. *Politics*, 37(3), 254–272. <https://doi.org/10.1177/0263395716679674>
- Truong, T.-D. (2015). Human trafficking, globalization, and transnational feminist responses. *The Oxford Handbook of Transnational Feminist Movements*, 295.
- Veal, A. J. (2015). Human rights, leisure and leisure studies. *World Leisure Journal*, 57(4), 249–272.
- Veijola, S., & Jokinen, E. (2008). Towards a Hostessing Society? Mobile Arrangements of Gender and Labour. *NORA - Nordic Journal of Feminist and Gender Research*, 16(3), 166–181. <https://doi.org/10.1080/08038740802279901>
- Watson, B., & Scraton, S. J. (2012). Leisure studies and intersectionality. *Leisure Studies*, 32(1), 35–47. <https://doi.org/10.1080/02614367.2012.707677>
- Wearing, B. (1998). *Leisure and feminist theory*. London: Sage.
- White, R. (2018). Richard White. Walking. Social Media. Heritage. Retrieved August 4, 2018, from <http://www.walknowtracks.co.uk/projects.html>



O QUE O LAZER SE TORNA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO?

Michel Maffesoli,

Professor emérito da Sorbonne,
Membro do Instituto Universitário da França

As mudanças se observam na vida cotidiana. É preciso estar atento ao que está abaixo, ao que é considerado de menor importância. Mas estas mudanças devem ser também consideradas no imaginário da época. O imaginário, ou seja, que inclui o clima, a atmosfera.

A tradição francesa diferenciou o imaginário do real, e tem uma tendência a misturar imaginário e imaginação, considerando esta última como “a louca da casa”. Na tradição do grande antropólogo, criador do Centro de Estudos do Imaginário¹, Gilbert Durand, considero que o imaginário é constitutivo da Realidade; como disse Ortega y Gasset, um imperativo atmosférico. O clima atmosférico nos define. Porém, no sentido dos *limes* latino, o limite, o marco final é tanto aquilo que limita quanto o que torna possível esse limite. Ele marca a ruptura entre o que é deserto e o que é cultivado².

O segundo pré-requisito é a questão do progresso. Fomos criados dentro da crença em um progresso linear e infinito. A humanidade seria parte de um ponto A e chegaria a um ponto B, tendo melhorado a condição humana. Mas o bom senso e a razão, para usar a expressão de Joseph de Maistre, estão lá para nos lembrar que isso é um mito, e que o mito do progresso já está saturado. A humanidade não cresce em uma progressão linear, mas por uma sucessão de eras, como se fossem parênteses. Nós estamos fechando o parêntese da era moderna, que começou no Renascimento e nos introduziu à época que chamo – assim como outros – de pós-modernidade, depois da modernidade.

O correlato desta mudança de época é que também é necessária uma mudança de palavras. Lembremo-nos deste grande livro de Michel Foucault, *As palavras e as coisas*. Nessa época, houve uma alteração de palavras e coisas, ou seja, uma mudança epistemológica. A episteme, ao contrário da teoria, é o conhecimento que se aplica.

É claro que a mudança de época não é brutal. Entre duas épocas (ou seja, dois a quatro séculos) há sempre períodos (décadas) em que os valores da época que se encerra estão perdendo força, ao passo que novos valores surgem. Assim, vivemos hoje uma extraordinária discrepância entre a opinião pública e a publicada, entre aqueles que vivem a vida cotidiana, e aqueles que têm o poder de dizer e fazer, os intelectuais, jornalistas, políticos...

Nesses períodos de transição, permanecemos com palavras que não são mais formas formativas, mas que tornam-se fórmulas, até mesmo fórmulas mágicas.

Cito, em conexão com o tema do meu discurso, esta fórmula que ouvimos por todo o lado: “o valor-trabalho” e em correlação, a “sociedade do lazer”.

¹ Gilbert Durand, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire* (1964), aborda o Centro de Estudos do Imaginário que ele criou e Chambéry espalhou para a França e para o estrangeiro.

² Expus minhas considerações epistemológicas e metodológicas em vários livros, incluindo M. Maffesoli, *Éloge de la raison sensible*, La Table Ronde, Paris, 2005, *L'Ordre des choses*, CNRSÉditions, 2014.



Neste texto, mostrarei que a sociedade do lazer é apenas uma consequência, uma espécie de ponto culminante da sociedade do consumo, da sociedade produtivista da modernidade. Mas esse lazer difundido, contraponto para o valor-trabalho, quer dizer, a valência produtividade/reprodução da força de trabalho, segue o otium, de que está no lazer a criatividade do valor-trabalho.

Última prévia antes do cerne da questão, algumas palavras sobre a globalização, já que também me pediram para falar sobre lazer na era de sua internacionalização, ou seja, da globalização.

A grande mudança da pós-modernidade é a globalização, ou seja, uma difusão imediata e generalizada, não apenas das descobertas e criações, mas também do imaginário, sonhos, expressões artísticas, usos e costumes.

Mas o universalismo Europeu queria fazer “avançar” (o mito do Progresso) todos os continentes no seu próprio ritmo, até mesmo forçando alguns a atravessar etapas de um chamado desenvolvimento econômico e social. A globalização atual permite abandonar o progresso necessário e o desenvolvimento linear para substituí-los pelos avanços mais caóticos, adaptando-se a cada situação local. É neste sentido que a globalização é mais uma exclusividade do que uma unidade de desenvolvimento: em vários lugares, novas formas de viver e pensar surgem e interagem, pondo fim ao monopólio do Progresso ocidental, assentado em uma concepção de mundo monoteísta. Para colocar em outras palavras, repito a frase que usei há 40 anos em *O tempo das tribos*, livro publicado no Brasil graças à tradução de Luis Felipe Baeta Neves, antes da edição francesa; o Brasil, laboratório da Pós-modernidade. E ao contrário do que muitos especialistas dizem, a crise atual não é principalmente ou apenas econômica, mas evidencia a passagem de uma época para outra, os abalos de uma modernidade que não deixa de saturar, e o surgimento de novas formas de estar junto, viver junto, estruturar a sociabilidade.

A transição de uma sociedade produtivista para uma sociedade criativa é um exemplo evidente que desenvolverei agora.

A Modernidade, uma sociedade produtivista baseada no valor-trabalho

O valor-trabalho, base da modernidade

Podemos datar a modernidade do final do século XIV (Renascimento, Reforma protestante, Grandes Navegações), ou posteriormente, do século XVI (Descartes, “*Cogito ergo sum in archem meum*”) ou mesmo do século XVIII, início da industrialização e da filosofia das Luzes.

Digamos que gradualmente emerge o princípio individualista que Auguste Conte, bem conhecido no Brasil (a “ordem e progresso” de vossa bandeira) chamou de “*reductio ad unum*”. A história das sociedades segue um desenvolvimento linear, o presente não apenas faz tábula rasa do passado, mas almeja o futuro.

Podemos dizer que a partir dos séculos XVIII e XIX, as sociedades europeias, urbanas e rurais, camponesas e operárias, são moldadas pelo inevitável trabalho. O camponês medieval, certamente ligado ao senhor e à sua terra, não tinha que cultivar mais do que para sua subsistência e para o que devia ao senhor em troca de proteção. O artesão, companheiro ou mestre, não via seu tempo determinado pelo trabalho, mas pela elaboração de sua obra.



A mecanização do campo e da organização industrial visam rentabilizar o capital humano, assim como o capital material leva à uma divisão do trabalho que destrói as solidariedades orgânicas em favor de solidariedades mecânicas abstratas. As sociedades de classe sucedem as sociedades holistas, e o trabalho torna-se o valor de troca. O agricultor cultiva sempre mais terra e torna-se dependente não mais da natureza, mas das flutuações do mercado, e portanto, seu trabalho torna-se o valor. O operário, por sua vez, vende seu tempo de trabalho, sem ter mais relação com uma produção definida.

É nessa estruturação da vida social que surge a noção de lazer, ao mesmo tempo em que o valor-trabalho se estende a toda a atividade humana.

No século XIX, o lazer é apenas um alívio do tempo de trabalho, semanal e diário, de acordo com idade e gênero. Esse lazer, que Marx muito bem demonstrou estar integrado ao processo capitalista de valorização da força de trabalho, é usado para garantir a sua reprodução, para o descanso e para a atividade sexual reprodutiva. Esse é também um período de forte puritanismo, durante o qual a atividade sexual só é permitida pela Igreja para garantir descendentes dentro do casamento.

Então, no século XX, o lazer terá um nome que não é sem significado: estamos falando de férias. Quer dizer, um vazio. O lazer é um vazio em relação ao tempo de trabalho.

A França, que se torna cada vez menos rural, descobre o “tempo das férias” ao conceder férias laborais aos trabalhadores da indústria, do comércio, e da administração.

Ao longo do século XX, esse tempo só se estenderá, e Joffre Dumazedier será um pertinente analista dessa sociedade do lazer.

A organização pré-moderna era completamente diferente. Em vigor até o século XVIII na Europa, a separação do trabalho/não trabalho baseou-se em uma separação entre o que era devido aos homens e o que era devido a Deus. O não trabalho, o lazer, não era um tempo de inatividade ou desocupação, era um tempo dedicado aos cultos e às reuniões de fiéis, às peregrinações (as primeiras viagens de lazer!) e às devoções. Naturalmente, no Domingo não se trabalha; mesmo em áreas rurais, o trabalho com a foice nunca exigia um ritmo em que se precisasse correr para colher o feno em caso de tempestade. Em alguns locais, os feriados dedicados a vários santos se intercalam às longas jornadas de trabalho, como os dias de festa, Natal e Páscoa, mas também Carnaval e outras festas votivas.

Por fim, o trabalho doméstico, aquele da casa, dos prédios públicos, dos prédios da comunidade cidadina, era exercido mais intensamente no período de festas e feriados, já que era preciso preparar pratos especiais, organizar os banquetes, etc.

O surgimento do valor-trabalho e de seu correlato, o vazio do lazer, se encaixa portanto em um ciclo econômico de trocas, conforme descreveu, por exemplo, Jean Baudrillard, o valor de uso dá lugar ao valor de troca, e isso resulta na perda do valor simbólico³.

3 Cf. Jean Baudrillard, O sistema dos Objetos, A Sociedade de Consumo, A troca simbólica e a morte.



A secularização e o desenvolvimento de uma sociedade de lazer

No século XX, a luta operária destina-se a reduzir o tempo de trabalho e aumentar a rentabilidade. Isso é o que chamamos de ganho de produtividade, fundamento para esses dois séculos produtivistas. O camponês não trabalha menos horas, mas é sempre mais produtivo graças à mecanização. Ele não trabalha mais tanto para se alimentar quanto para pagar os seus investimentos.

A concessão de férias laborais, a fixação das datas das férias das crianças fora das exigências do trabalho agrícola, a generalização de férias remuneradas a todas as classes da sociedade e o desenvolvimento de uma indústria de lazer diminuem ainda mais intensamente o tempo de trabalho.

Isso significa que o advento de uma sociedade de lazer é uma verdadeira ruptura com a organização da modernidade? Que a sociedade de lazer questionaria uma sociedade focada no valor-trabalho e no produtivismo? Não acredito nisso.

Parece-me que a sociedade de lazer, tal como analisada pelo falecido Joffre Dumazedier, é uma espécie de eco da sociedade de consumo descrita por Jean Baudrillard.

Como dissemos, lazer é um descanso, uma forma de garantir a reprodução da força de trabalho e da espécie humana. O *Sea and Sun* do Club Med é no fundo como a epítome desse processo que objetiva o desenvolvimento material infinito das sociedades humanas. O desenvolvimento da sociedade de lazer se encaixa no progressismo da modernidade. Certamente, os funcionários cada vez mais constroem suas vidas em torno do lazer, eles não estão mais de férias para reproduzir sua força de trabalho, creem eles, mas trabalham para pagar por suas férias. No entanto, essa mudança faz parte do grande movimento produtivista da modernidade, tendo organizado a vida social em torno do valor-trabalho, da qual o lazer é apenas o contraponto, e de certa forma, vazio de significado desde a secularização. Sem dúvida, o lazer tornou-se o objetivo do trabalho, mas essa é uma meta que define um “tempo homogêneo e vazio” (Walter Benjamin), um tempo vago.

Rumo a uma sociedade criativa

Minha hipótese em perspectiva é que na pós-modernidade, a ruptura, a separação trabalho-lazer não existirá mais.

Rumo ao fim da separação entre tempo de trabalho e tempo de lazer: a atividade criativa

A sociedade moderna organizava seu tempo de acordo com um princípio de separação: trabalho/lazer, ativo/inativo, produção/reprodução, natureza/cultura, pago, gratuito, profissional/voluntário, etc.

Com a expansão do tempo de lazer, a redução do tempo de trabalho é também acompanhada pelos efeitos contraproducentes, os efeitos perversos do aumento do repouso. Podemos ver, tanto nas empresas como nos serviços, que a redução do tempo de trabalho aumentou sua intensidade e assim gerou fenômenos de fadiga, de *burnout*. Porque, se não por causa do tempo de trabalho, dedicado exclusivamente ao trabalho, o aumento do valor monetário do tempo gera uma perda de sentido (significado) e uma perda de sociabilidade nos locais de trabalho.



Além disso, no fim da modernidade, a organização do trabalho trouxe sua divisão à última fase através da individualização do tempo de trabalho: o ritmo dado pelo sino da fábrica, aquele que respondia ao sino da igreja no domingo, agora é substituído pelo relógio de ponto que controla as entradas e saídas de cada um.

Mas trata-se de uma última explosão da modernidade.

Já estão surgindo organizações de trabalho alternativas que colocam um fim a essas divisões individualizantes.

A ruptura entre produtores e utilizadores está desaparecendo à medida que os usuários são convidados a participar da concepção dos produtos. Da mesma forma, o desenvolvimento de *fab labs* e outros espaços colaborativos permite a cada um participar no seu tempo de lazer em funções anteriormente atribuídas aos profissionais: conserto de carros, máquinas, construção de casas, bricolagem, etc.

A linha entre dias úteis e dias não úteis, ativos e inativos, empregados e desempregados está se tornando cada vez mais tênue.

Alguns sinais são testemunha disso: o lugar do jogo, que já não é uma atividade reservada para crianças ou para a recreação, mas tornou-se um instrumento de criação, gestão, colaboração.

A aprendizagem vem mais da iniciação do que da educação.

Os horários, ou seja, tempos e espaços, não são mais dedicadas rigidamente ao trabalho ou ao lazer.

De alguma forma, *otium* e *negotium* se reúnem nesta sociedade de criatividade.

Do lazer da folga para o lazer do otium

Vamos dar três exemplos.

O turismo é cada vez menos um turismo de puro lazer, um turismo de sol e mar. Novas formas estão se desenvolvendo, tais como o turismo ecológico, turismo cultural, turismo tribal, turismo humanitário. A viagem não é necessariamente uma “mudança de cenário”, uma desconexão com o seu país, mas é antes uma reunião, uma aventura humana, uma experiência de vida. O turismo resgata as leis da hospitalidade ao mesmo tempo em que o comércio recupera o significado da troca simbólica. Podemos dar como exemplo o desenvolvimento de plataformas do tipo Airbnb, de todo tipo de carona solidária, divisão de moradia, etc.

Sobre o valor simbólico no comércio, podemos citar com certeza tudo o que é o comércio justo, produção ecológica, etc. Claro, tudo isso pode ser rotulado como falso, como *greenwashing*. No entanto, essas são as principais tendências da época.

Ao mesmo tempo, o trabalho é cada vez menos individualizado. A inteligência coletiva traz organizações de trabalho mais horizontais, mais amigáveis. Para além disso, algumas empresas intercalam os tempos de trabalho e os espaços, os tempos e os lugares dedicados ao lazer, à criação conjunta, às atividades esportivas, humanitárias, culturais, etc.



O status das pessoas está mudando também: os aposentados continuam a sua atividade com outro status, os desempregados podem trabalhar enquanto continuam sendo indenizados. A ideia de renda básica universal inclusive introduziria um *continuum* entre aqueles que não trabalham de maneira remunerada e aqueles que são remunerados, e cada um pode, a seu critério ou de acordo com suas habilidades, adicionar mais ou menos atividades remuneradas à uma renda básica em troca de sua participação no bem comum.

O fim do valor-trabalho também assina o fim de uma concepção produtivista e materialista do trabalho doméstico. A tendência da modernidade foi aumentar a profissionalização e remuneração do trabalho relacionado à vida doméstica, à casa e à vizinhança. O cuidado com as crianças e os idosos, com a casa, com a cozinha, são assim delegados para pessoas especializadas.

O feminismo também contribuiu para considerar essas tarefas de cuidados da casa e da comunidade como equivalentes aos trabalhos de produção, reivindicando salários e divisão de tarefas.

Há também o fato de que esta organização de serviços para as crianças e os idosos leva a um impasse financeiro; vemos muito claramente ressurgir um interesse por esses serviços domésticos (em sentido amplo), mas considerado um *otium* e não mais como um trabalho.

A cozinha, tarefas de casa, bricolagem, jardinagem, educação das crianças, cuidado de pais idosos passam do status de trabalho escravizado àquele da atividade criativa, e de qualquer forma, altruísta.

Assim, assistimos ao desenvolvimento de formas de lazer bastante diferentes, nacionais ou internacionais: trocas entre famílias, ajuda para reconstrução após catástrofes, intercâmbios de conhecimento, linguísticos, de *savoir-faire* local, tomam gradualmente o lugar das grandes viagens em grupos de turistas incapazes de encontrar os anfitriões do país.

Viagens e atividades de lazer são semelhantes aos encontros, aos intercâmbios e às colaborações.

O retorno das leis da hospitalidade

O *otium* é um produtor de sentido, não um sentido distante, mas uma significação profunda, aquela que permite a todos desenvolver as suas relações com os outros; os outros em sua comunidade da vida cotidiana, os outros de várias comunidades que ele encontra em suas viagens ou em sua circumnavegação cotidiana.

Ao mesmo tempo, a atividade produtiva é cada vez mais atraente para a criatividade, a competência requer palatabilidade.

Portanto, *otium* e *negotium* misturam-se no tempo e no espaço, desenhando novas formas de estar juntos. Este é o lazer no tempo da globalização, o fim das férias e o surgimento de uma sociedade de hospitalidade.



WHAT HAPPENS TO LEISURE IN THE AGE OF GLOBALIZATION?

Michel Maffesoli,

Professor Emeritus at Sorbonne,

Member of the University Institute of France

The changes can be observed in the everyday life. This requires to be attentive to what is below, what is considered to be minor. But these mutations are also considered in the imagination of the time. The imaginary, i.e., what includes the climate, the atmosphere.

*The French tradition distinguishes between the imaginary and the real and tends to blend imaginary and imagination, considering the latter as “the crazy one of the house.” In the tradition of the great anthropologist, creator of the Center for Research on the Imaginary¹ Gilbert Durand, I consider that the imagination is constitutive of Real, as said by Ortega y Gasset, an atmospheric imperative. The atmospheric climate determines us. But in the sense of the Latin *limes*, the limit, the terminal is, in its turn, what limits and allows to be limited. It marks the rupture between what is desert and what is cultivated².*

Second topic, the matter of progress. We are led to believe in an infinite and linear progress. Humanity would be a journey from point A and would lead to point B, having improved the human condition. But common sense and reason together, in the words of Joseph de Maistre, are there to remind us that it is a myth and the myth of progress is saturated. Humanity grows not in a linear progression, but by a succession of eras, in the sense of parentheses. We are closing the parenthesis of the modern era, which began in the Renaissance and introduced us to the epoch I call – as well as other authors do – postmodernity, after modernity.

*The correlate of this change of time is that there is also the addition of a change of words. Let us remember the great book of Michel Foucault, *Les mots et les choses*. This age had a change of words and things, i.e., an epistemological change. The episteme, unlike the theory, is the knowledge that is applied.*

Obviously the change of time is not brutal. There are always between two ages (i.e., two to four centuries), periods (decades) in which the ending period values are running out of steam while new values emerge. Thus we live today an extraordinary discrepancy between public and published opinion, between those who live the life of every day and those who have the power to say and do, intellectuals, journalists, politicians...

In these transitional periods, we are left with words that are not formant forms anymore, but rather become formulas, and even magic formulas.

¹ Gilbert Durand, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire* (1964), addresses the Center for Research on the Imaginary he created and Chambéry has spread in France and abroad.

² I exposed my epistemological and methodological considerations in several books, including M. Maffesoli, *Éloge de la raison sensible*, La Table Ronde. Paris, 2005, *L'Ordre des choses*, CNRSÉditions, 2014.



I mention, regarding the theme of my speech, this formula we hear everywhere: “the labor value” and related to it, “leisure society”.

I'll focus on showing in this communication that the leisure society is only an outgrowth, a kind of culmination of the consumer society, of the productivist society of modernity. But in this widespread leisure, counterpoint to the labor value, that is, to the valency productivism/ reproduction of the labor force follows the “otium”, which is the creativity of the labor value is in leisure.

Last topic before the heart of our subject, a few words on globalization, since I was asked to talk about leisure at the time of its internationalization, i.e., of globalization.

The big change of postmodernity is globalization, which is the immediate and widespread dissemination, not only of the discoveries and creations but also of the imaginary, dreams, artistic expressions, usages and traditions.

*But while European universalism wanted to, at its own pace, “move every continent forward” (the myth of progress), even forcing some to go through the steps of a so-called economic and social development, today's globalization allows to give up the necessary progress and linear development to replace them with more chaotic advances, accommodating to each local situation. It is in this sense that globalization is more of an exclusivity than a development unit: in several places, new ways of living and thinking are emerging and changing, ending the monopoly of Western progress, based on a monotheist design of the world. To put it differently, I repeat the phrase I had used 40 years ago in *Le Temps des tribus*, book published in Brazil before the French edition thanks to the translation of Luis Felipe Baeta Neves: “Brazil, laboratory of the postmodernity.” And contrary to what many experts say, the current crisis is not primarily nor only economic, it rather reflects the passage of time to another period, the turmoil of a modernity that does not stop to be saturated and the emergence of new forms of being together, living together, to structure society.*

The transition from a productivist society to a creative society is an obvious example that I will now develop.

Modernity, a productivist society based on the labor value

The labor value, basis of modernity

One can date the modernity from the end of the 14th century (Renaissance, Protestant Reformation, great discoveries), or later, from the 16th century (Descartes, “Cogito ergo sum in archem meum”) or even from the 18th century, beginning of the industrialization and philosophy of the Age of Enlightenment.

*Let's say that the individualistic principle gradually emerges, which Auguste Comte, well-known in Brazil (*Order and progress of your flag*) named “reductio ad unum.” The history of societies follows a linear development, the present not only makes a blank slate of the past, but awaits the future.*

We can say that from the 18th and 19th centuries, European societies, be that urban and rural societies, farmers and workers are shaped by the work commandment. The medieval peasant certainly related to the Lord and to his land had nothing to grow more than its subsistence and what he owed to



the Lord in return for his protection. The craftsman, journeyman or master, saw his time determined not by a time of work, but by the development of his artwork.

The mechanization of the countryside and the industrial organization aiming the return on human capital as physical capital leads to a division of labor which destroys organic solidarity in favor of abstract mechanical solidarity. The holistic societies become class societies, and labor becomes the exchange value. The farmer cultivates more of the land and becomes dependent not so much on nature, but on fluctuations of the market and thus his work becomes value. The worker, on the other hand, sells his working time, without relation to a defined production.

It is in this structuring of social life that emerges, as the labor value extends to all human activity, the notion of leisure.

At the beginning and during the 19th century, leisure is only a reduction of the working hours, weekly and daily, by age and gender. Marx has shown very well that this leisure is integrated into the capitalist process of valorization of the labor force; it is used to ensure the reproduction of itself through rest and reproductive sexual activity. It is also the period of great puritanism, during which sexual activity is not allowed by the Church, except to ensure descendants inside the marriage.

So, in the 20th century, the leisure gets a name that is not without meaning: we're talking about vacation. Or, if you will, empty. Leisure is an emptiness compared to working time.

France, that is becoming less and less rural, by granting paid leave to workers in industry, commerce, and administration, discovered the "vacation time".

Throughout the 20th century this time will only extend itself and Joffre Dumazedier will be the relevant analyst of this leisure society.

Totally different was the pre-modern organization. In effect until the 18th century in Europe, the work/not work partition was based on a partition between what belonged to men, and what belonged to God. The non-work, leisure was not a time of inactivity or vacancy, it was a time of worship and gatherings of the faithful, pilgrimages (first leisure trips!) and devotions. On Sundays, of course, people did not work, even in rural areas; the work with the sickle never required a pace such as having to rush to get the hay in case of storm. In some locals, public holidays dedicated to various saints were intercalated by long work days, and holidays such as Christmas and Easter, but also Carnival, and other votive festivals.

Finally, the domestic work, housework, of the common house and of the village community house was exercised more intensely in periods of public holidays and celebrations since it was necessary to prepare special dishes, banquets etc.

The emergence of the labor value and its correlate, the leisure of vacations, fits in an economic exchange cycle, as described for example by Jean Baudrillard: the use value is substituted by the exchange value, thus resulting in the loss of the symbolic value³.

3 Cf. Jean Baudrillard, *Le système des objets, La société de consommation, l'échange symbolique et la mort.*



Secularization and development of a leisure society

In the 20th century, the labor struggle is intended to reduce working time, increasing profitability. This is what we call the productivity gain, basis of the two productivist centuries. The peasant does not work less hours, but is always more productive thanks to mechanization. Also, he no longer works mostly to feed himself, but to repay his investments.

The granting of paid leave, the fixing of the dates of children vacation outside the requirements of agricultural labor, the generalization of paid leave to all classes of society, and the development of a leisure industry reduces the working time even more intensely.

Does this mean that the advent of a society of leisure is a real break with the organization of modernity? That the society of leisure would call into question a society focused on the labor value and productivism?

I don't think so.

It seems to me that the society of leisure, as the deceased Joffre Dumazedier has analyzed, is somehow the echo of the consumer society described by Jean Baudrillard.

It has been said, leisure is a rest, a way to ensure the reproduction of the labor force and that of the human species. The Sea and Sun of Club Med is ultimately as the epitome of this process that aims at infinite material development of human societies. The development of the leisure society fits in the progressivism of modernity. Certainly, employees build their lives more and more around the leisure, they're no longer on vacation to reproduce their work force – they believe – they are working to pay for their vacation. However, this development is part of the great productive movement of modernity, having organized social life around the labor value, in which the leisure is only counterpoint and somehow vacant of meaning since the secularization. Leisure has become the objective of the work, but it is a goal that sets a "homogenous, empty time" (Walter Benjamin), a vacant time.

Towards a creative society

My prospective hypothesis is that in postmodernity, the rupture, the separation work–leisure will no longer exist.

Towards the end of the separation between work and leisure time: creative activity

Modern society was organizing its time according to a principle of separation: work/leisure, active/inactive, production/reproduction, nature/culture, paid, free, professional/volunteer etc.

With the expansion of leisure time and reduction of working time we see the counterproductive effects, the perverse effects of the increase in the resting time. Indeed, in the industry as in the services, the reduction of working time has increased its intensity, thereby generating phenomena of fatigue, burnout. Why, if not because of the working time, dedicated solely to the work, the increase in the monetary value of the time generates a loss of sense (meaning) and a loss of sociality in workplaces.



The organization of the work at the end of modernity has led the division of labor to its ultimate stage with the individualization of working time: the rhythm given by the factory bell, and followed on Sundays by the Church bell, is now succeeded by the time clock that keeps track of the check-in and check-out times of everybody.

But it is a final burst of modernity.

Now, other labor organizations that put an end to these individualizing divisions are emerging.

The rupture between producers and users is fading as users are asked to participate in the design of products. In the same way, the development of fabrication laboratory (fab labs) and other collaborative spaces allows everyone to participate in their leisure time in tasks previously entrusted to professionals: repair of cars, machines, house construction, DIY etc.

The line between working days and non-working days, active and inactive, employed and unemployed is becoming increasingly blurred.

A few signs can be observed: the place of the game that is no longer an activity reserved for children or for recreation, but it becomes an instrument of creation, management, collaboration.

Learning is more about initiation than education.

Schedules, that is, time and space are no longer rigidly dedicated for work or for leisure.

Somehow, otium and negotium come together in this society of creativity.

From the vacation leisure to the otium leisure

Let's take three examples.

Tourism is less a pure leisure tourism, a "sun and sea tourism." New forms are developing, such as ecotourism, cultural tourism, tribal tourism, humanitarian tourism. The trip isn't necessarily a "change of scenery", a disconnection with one's country, but it's rather a meeting, a human adventure, an experience of life. Tourism recovers the laws of hospitality at the same time that the commerce retrieves the meaning of the symbolic exchange. We can give as an example the development of Airbnb-type platforms, of all kinds of carpooling, flatsharing, etc.

Regarding the symbolic value in the commerce, we also include all that is fair trade, ecological production, etc. Obviously, all of this can be labeled as fake, as greenwashing. However, these are undoubtedly the major trends of the time.

Work, at the same time, is less individualized. The collective intelligence brings more horizontal and friendlier work organizations. Furthermore, some companies overlaps the working time and the spaces, time and places dedicated to leisure, to the joint creation, to sports, humanitarian, cultural activities, etc.



People status is also changing: retired people continue their activities under other status and the unemployed can work while being indemnified. The idea of basic income would also introduce a continuum between those who work for payment and those who are not paid, each one can work voluntarily or according to their abilities to add more or less gainful activities to a basic income in return for their participation in the common good.

The end of the labor value also signs the end of a productivist and materialistic conception of domestic work. The tendency of modernity was increasingly focused on professionalization and remuneration of the work related to domestic life, housework and neighborhood. The care of children and seniors, care of the home, of the kitchen have thus been delegated to specialized people.

Feminism has contributed to consider these household and community tasks as equivalent to production jobs, calling for wage and work sharing.

Besides the fact that this organization of services to children and seniors leads to financial trouble, we clearly see an interest for these domestic chores (in the broad sense) reappearing, but considered as otium and no longer as a job.

Cooking, housework, DIY, gardening, education of children, caring for elderly parents passed from bonded labor to the status of creative activity and somehow altruistic.

Therefore, we watch the development of quite different leisure forms, national or international: exchanges between families, reconstruction aid after disasters, exchanges of knowledge, language, local know-how gradually take the place of the great travels in groups of tourists unable to meet the country's hosts.

Travels and leisure activities are similar to encounters, exchanges and collaborations.

The return of the laws of hospitality

The otium is a producer of meaning, not a distant meaning, but a deep one that allows everyone to develop their relations with others; others in their everyday life community, others of various communities they meet in their travels or daily circumnavigation.

At the same time the productive activity is increasingly appealing to creativity; competence requires appetite.

Therefore, otium and negotium mingle in time and in space, designing new ways of being together. This is the leisure in times of globalization, the end of a vacation and the emergence of a society of hospitality.



¿QUÉ ES EL OCIO EN LA ERA DE LA GLOBALIZACIÓN?

Michel Maffesoli,

Profesor emérito de la Sorbona,
Miembro del Instituto Universitario de Francia

Los cambios se observan en la vida cotidiana. Es necesario estar atento a lo que está abajo, a lo que es considerado de menor importancia. Pero estos cambios deben ser considerados en lo imaginario de la época. Lo imaginario, es decir, que incluye el clima, la atmósfera.

La tradición francesa diferenció lo imaginario de lo real, y tiene una tendencia a mezclar imaginario e imaginación, considerando esta última como “la loca de la casa”. En la tradición del gran antropólogo, creador del Centro de Estudios del Imaginario¹, Gilbert Durand, consideró que lo imaginario es constitutivo de la Realidad; como dijo Ortega y Gasset, un imperativo atmosférico. El clima atmosférico nos define. Sin embargo, en el sentido de los limes latino, el límite, el marco final es tanto aquello que limita cuanto lo que hace posible ese límite. Marca la ruptura entre lo que es desierto y lo que es cultivado².

El segundo requisito es la cuestión del progreso. Hemos sido creados para creer en un progreso lineal y infinito. La humanidad sería parte de un punto A y llegaría a un punto B, habiendo mejorado la condición humana. Sin embargo, el buen sentido y la razón, para usar la expresión de Joseph de Maistre, están ahí para recordarnos que eso es un mito, y que el mito del progreso ya está saturado. La humanidad no crece en una progresión lineal, sino por una sucesión de eras, como si fueran paréntesis. Estamos cerrando el paréntesis de la era moderna, que comenzó en el Renacimiento y nos introdujo a la época que llamo –así como otros– de la posmodernidad, después de la modernidad.

*El correlato de este cambio de época es que también es necesario un cambio de palabras. Recordemos este gran libro de Michel Foucault, *Las palabras y las cosas*. En esa época, hubo una alteración de palabras y cosas, es decir, un cambio epistemológico. La episteme, a diferencia de la teoría, es el conocimiento que se aplica.*

Por supuesto, el cambio de época no es brutal. Entre dos épocas (es decir, dos a cuatro siglos) hay siempre períodos (décadas) en que los valores de la época que se encierra están perdiendo fuerza, mientras que nuevos valores surgen. Así, vivimos hoy una extraordinaria discrepancia entre la opinión pública y la publicada, entre aquellos que viven la vida cotidiana, y los que tienen el poder de decir y hacer, los intelectuales, periodistas, políticos...

En estos períodos de transición, permanecemos con palabras que no son más formas formativas, sino que se convierten en fórmulas, incluso fórmulas mágicas.

¹ Gilbert Durand, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire* (1964), aborda el Centro de Estudios del Imaginario creado por él y que Chambéry difundió en Francia y en el extranjero.

² Expuse mis consideraciones epistemológicas y metodológicas en varios libros, entre ellos M. Maffesoli, *Éloge de la raison sensible*, La Table Ronde, París, 2005, *L'Ordre des choses*, CNRSÉditions, 2014.



Cito, en relación con el tema de mi discurso, esta fórmula que hemos escuchado por todas partes: “el valor-trabajo”, y en correlación la “sociedad del ocio”.

En este texto, mostraré que la sociedad del ocio es solo una consecuencia, una especie de punto culminante de la sociedad del consumo, de la sociedad productivista de la modernidad. Pero ese ocio difundido, contrapunto al valor-trabajo, es decir, la valencia productivismo/reproducción de la fuerza del trabajo, sigue el otium, de que está en el ocio la creatividad del valor-trabajo.

Última vista previa antes del tema principal, unas palabras sobre la globalización, ya que también se me pidieron para hablar del ocio en la era de la internacionalización o globalización.

El gran cambio de la posmodernidad es la globalización, es decir, una difusión inmediata y generalizada, no solo de los descubrimientos y creaciones, sino también del imaginario, sueños, expresiones artísticas, usos y costumbres.

*Pero el universalismo europeo quería hacer “avanzar” (el mito del Progreso) todos los continentes a su propio ritmo, incluso forzando a algunos a atravesar etapas de un llamado desarrollo económico y social. La globalización actual permite abandonar el progreso necesario y el desarrollo lineal para sustituirlos por los avances más caóticos, adaptándose a cada situación local. Es en este sentido que la globalización es más una exclusividad que una unidad de desarrollo: en varios lugares, nuevas formas de vivir y pensar surgen e interactúan, poniendo fin al monopolio del Progreso occidental, asentado en una concepción de mundo monoteísta. Para poner en otras palabras, repito la frase que usé hace 40 años en *O tempo das tribos*, libro publicado en Brasil gracias a la traducción de Luis Felipe Baeta Neves, antes de la edición francesa; Brasil, laboratorio de la posmodernidad. Y al contrario de lo que muchos expertos dicen, la crisis actual no es principalmente o solo económica, sino que evidencia el paso de una época a otra, la sacudida de una modernidad que no deja de saturar, y el surgimiento de nuevas formas de estar juntos, vivir juntos, estructurar la sociabilidad.*

La transición de una sociedad productivista hacia una sociedad creativa es un ejemplo evidente que desarrollaré ahora.

La modernidad, una sociedad productivista basada en el valor-trabajo

El valor-trabajo, base de la modernidad

Podemos datar la modernidad de finales del siglo XIV (el Renacimiento, la Reforma protestante, las Grandes Exploraciones), o, más tarde, del siglo XVI (Descartes, “Cogito ergo sum in archem meum”), o incluso del siglo XVIII, principio de la industrialización y de la filosofía de las Luces.

Digamos que gradualmente emerge el principio individualista que Auguste Conte, bien conocido en Brasil (el “orden y progreso” de su bandera), llamó “reductio ad unum”. La historia de las sociedades sigue un desarrollo lineal, el presente no solo hace una tabla rasa del pasado, sino que anhela el futuro.

Podemos decir que a partir de los siglos XVIII y XIX las sociedades europeas, urbanas y rurales, campesinas y obreras, son moldeadas por el inevitable trabajo. El campesino medieval, ciertamente ligado al señor y a su tierra, no tenía que cultivar más que para su subsistencia y para lo que debía



al señor a cambio de protección. El artesano, compañero o maestro, no veía su tiempo determinado por el trabajo, sino por la elaboración de su obra.

La mecanización del campo y de la organización industrial apuntan a rentabilizar el capital humano, así como el capital material lleva a una división del trabajo que destruye las solidaridades orgánicas en favor de solidaridades mecánicas abstractas. Las sociedades de clase suceden las sociedades holistas, y el trabajo se convierte en el valor de cambio. El agricultor cultiva siempre más tierra y se vuelve dependiente no más de la naturaleza, sino de las fluctuaciones del mercado, y por lo tanto, su trabajo se convierte en el valor. El obrero, a su vez, vende su tiempo de trabajo sin tener más relación con una producción definida.

Es en esa estructuración de la vida social que surge la noción del ocio, al mismo tiempo que el valor-trabajo se extiende a toda la actividad humana.

En el siglo XIX, el ocio es solo un alivio del tiempo de trabajo, semanal y diario, de acuerdo con la edad y el género. Este ocio, que Marx muy bien demostró estar integrado al proceso capitalista de valorización de la fuerza de trabajo, es usado para garantizar su reproducción, para el descanso y para la actividad sexual reproductiva. Este es también un período de fuerte puritanismo, durante el cual la actividad sexual solo es permitida por la Iglesia para garantizar descendientes dentro del matrimonio.

Entonces, en el siglo XX, el ocio tendrá un nombre que no es sin significado: estamos hablando de vacaciones. Es decir, un vacío. El ocio es un vacío en relación al tiempo de trabajo.

Francia, que se vuelve cada vez menos rural, descubre el “tiempo de las vacaciones” al conceder vacaciones laborales a los trabajadores de la industria, del comercio, y de la administración.

A lo largo del siglo XX, ese tiempo solo se extenderá, y Joffre Dumazedier será un pertinente analista de esa sociedad del ocio.

La organización premoderna era completamente diferente. En vigor hasta el siglo XVIII en Europa, la separación del trabajo/no trabajo se basó en una separación entre lo que era debido a los hombres y lo que era debido a Dios. El no trabajo, el ocio, no era un tiempo de inactividad o desocupación, era un tiempo dedicado a los cultos y a las reuniones de fieles, a las peregrinaciones (¡los primeros viajes de ocio!) y a las devociones. Naturalmente, el domingo no se trabaja; incluso en áreas rurales, el trabajo con la hoz nunca exigía un ritmo en que se necesitaba correr para cosechar el heno en caso de tormenta. En algunos lugares, las fiestas dedicadas a varios santos se intercalan a las largas jornadas de trabajo, como los días de fiesta, Navidad y Pascua, pero también Carnaval y otras fiestas votivas.

Por último, el trabajo doméstico, el de la casa, de los edificios públicos, de los edificios de la comunidad ciudadana, se ejerció más intensamente en el período de las fiestas y los feriados, ya que era necesario preparar platos especiales, organizar los banquetes, etc.

El surgimiento del valor-trabajo y de su correlato, el vacío del ocio, se encaja por lo tanto en un ciclo económico de intercambios, según lo describió, por ejemplo, Jean Baudrillard, el valor de uso da lugar al valor de cambio, y eso resulta en pérdida del valor simbólico³.

3 Cf. Jean Baudrillard, El sistema de los Objetos, La Sociedad de Consumo, El Intercambio Simbólico y la Muerte.



La secularización y el desarrollo de una sociedad de ocio

En el siglo XX, la lucha obrera se destina a reducir el tiempo de trabajo y aumentar la rentabilidad. Esto es lo que llamamos ganancia de productividad, fundamento para estos dos siglos productivistas. El campesino no trabaja menos horas, pero siempre es más productivo gracias a la mecanización. No trabaja tanto para alimentarse como para pagar sus inversiones.

La concesión de vacaciones laborales, la fijación de las fechas de las vacaciones de los niños fuera de las exigencias del trabajo agrícola, la generalización de vacaciones remuneradas a todas las clases de la sociedad y el desarrollo de una industria de ocio disminuyen aún más intensamente el tiempo de trabajo.

¿Esto significa que el advenimiento de una sociedad de ocio es una verdadera ruptura con la organización de la modernidad? ¿Qué la sociedad de ocio cuestionaría en una sociedad enfocada en el valor-trabajo y en el productivismo? No me lo creo.

Me parece que la sociedad de ocio, tal como analizada por el fallecido Joffre Dumazedier, es una especie de eco de la sociedad de consumo descrita por Jean Baudrillard.

Como dijimos, el ocio es un descanso, una forma de garantizar la reproducción de la fuerza de trabajo y de la especie humana. El Sea and Sun del Club Med es en el fondo como el epítome de ese proceso que objetiva el desarrollo material infinito de las sociedades humanas. El desarrollo de la sociedad de ocio se encaja en el progresismo de la modernidad. Ciertamente, los empleados cada vez más construyen sus vidas alrededor del ocio, no están más de vacaciones para reproducir su fuerza de trabajo, creen ellos, pero trabajan para pagar por sus vacaciones. Sin embargo, ese cambio forma parte del gran movimiento productivista de la modernidad, habiendo organizado la vida social en torno al valor-trabajo, de la cual el ocio es solo el contrapunto, y de cierta forma, vacío de significado desde la secularización. Sin duda, el ocio se ha convertido en el objetivo del trabajo, pero esta es una meta que define un "tiempo homogéneo y vacío" (Walter Benjamin), un tiempo libre.

Hacia una sociedad creativa

Mi hipótesis en perspectiva es que en la posmodernidad, la ruptura, la separación del trabajo y del ocio no existirá más.

Hacia el final de la separación entre tiempo de trabajo y tiempo de ocio: la actividad creativa

La sociedad moderna organizaba su tiempo de acuerdo con un principio de separación: trabajo/ocio, activo/inactivo, producción/reproducción, naturaleza/cultura, pago/gratuito, profesional/voluntario, etc.

Con la expansión del tiempo de ocio, la reducción del tiempo de trabajo es también acompañada por los efectos contraproducentes, los efectos perversos del aumento del reposo. Podemos ver,



tanto en las empresas como en los servicios, que la reducción del tiempo de trabajo aumentó su intensidad y así generó fenómenos de fatiga, de burnout. Porque si no a causa del tiempo de trabajo, dedicado exclusivamente al trabajo, el aumento del valor monetario del tiempo genera una pérdida de sentido (significado) y una pérdida de sociabilidad en los lugares de trabajo.

Además, al final de la modernidad, la organización del trabajo trajo su división a la última fase a través de la individualización del tiempo de trabajo: el ritmo dado por la campana de la fábrica, el que respondía a la campana de la iglesia el domingo, ahora es sustituido por el reloj de punto que controla las entradas y salidas de cada uno.

Pero se trata de una última explosión de la modernidad.

Ya están surgiendo organizaciones de trabajo alternativas que ponen fin a esas divisiones individualizantes.

La ruptura entre productores y usuarios está desapareciendo a medida que los usuarios son invitados a participar en el diseño de los productos. De la misma forma, el desarrollo de fab labs y otros espacios colaborativos permite a cada uno participar en su tiempo de ocio en funciones anteriormente atribuidas a los profesionales: reparación de coches, máquinas, construcción de casas, bricolaje, etc.

La línea entre los días laborables y los días festivos, los activos e inactivos, los empleados y desempleados se está volviendo cada vez más tenue.

Algunas señales son testigos de ello: el lugar del juego, que ya no es una actividad reservada para niños o para la recreación, se ha convertido en un instrumento de creación, gestión, colaboración.

El aprendizaje viene más de la iniciación que de la educación.

Los horarios, es decir, los tiempos y los espacios, ya no se dedican estrictamente al trabajo o al ocio.

De alguna forma, otium y negotium se reúnen en esta sociedad de creatividad.

Del ocio del descanso para el ocio del otium

Tomemos tres ejemplos.

El turismo es cada vez menos un turismo de puro ocio, un turismo de sol y mar. Nuevas formas se están desarrollando, como el turismo ecológico, el turismo cultural, el turismo tribal, el turismo humanitario. El viaje no es necesariamente un “cambio de escenario”, una desconexión con su país, pero es antes una reunión, una aventura humana, una experiencia de vida. El turismo rescata las leyes de la hospitalidad al tiempo que el comercio recupera el significado del intercambio simbólico. Podemos dar como ejemplo el desarrollo de plataformas del tipo Airbnb, de todo tipo de carona solidaria, división de vivienda, etc.



Sobre el valor simbólico en el comercio, podemos citar con certeza todo lo que es el comercio justo, producción ecológica, etc. Por supuesto, todo esto puede ser etiquetado como falso, como greenwashing. Sin embargo, estas son las principales tendencias de la época.

Al mismo tiempo, el trabajo es cada vez menos individualizado. La inteligencia colectiva trae organizaciones de trabajo más horizontales, más amigables. Además, algunas empresas intercalan los tiempos de trabajo y los espacios, los tiempos y los lugares dedicados al ocio, a la creación conjunta, a las actividades deportivas, humanitarias, culturales, etc.

El status de las personas está cambiando también: los jubilados continúan su actividad con otro status, los desempleados pueden trabajar mientras continúan siendo indemnizados. La idea de ingreso básico universal incluso introduciría un continuum entre aquellos que no trabajan de manera remunerada y aquellos que son remunerados, y cada uno puede, a su criterio o de acuerdo con sus habilidades, agregar más o menos actividades remuneradas a una renta básica a cambio de su participación en el bien común.

El fin del valor-trabajo también firma el fin de una concepción productivista y materialista del trabajo doméstico. La tendencia de la modernidad fue aumentar la profesionalización y la remuneración del trabajo relacionado con la vida doméstica, la vivienda y la vecindad. El cuidado con los niños y los ancianos, con la casa, con la cocina, son así delegados para personas especializadas.

El feminismo también contribuyó a considerar estas tareas de cuidado de la casa y de la comunidad como equivalentes a los trabajos de producción, reivindicando salarios y división de tareas.

Hay también el hecho de que esta organización de servicios para los niños y los ancianos lleva a un impasse financiero; vemos muy claramente resurgir un interés por esos servicios domésticos (en sentido amplio), pero considerado un otium y no más como un trabajo.

La cocina, las tareas de casa, el bricolaje, jardinería, la educación de los niños, el cuidado de los padres ancianos pasan del estatus de trabajo esclavizado a aquel de la actividad creativa, y de cualquier forma, altruista.

Así, asistimos al desarrollo de formas de ocio bastante diferentes, nacionales o internacionales: intercambios entre familias, ayuda para la reconstrucción tras catástrofes, intercambios de conocimientos lingüísticos, de savoir-faire local, toman gradualmente el lugar de los grandes viajes en grupos de turistas incapacitados de encontrar a los anfitriones del país.

Los viajes y las actividades de ocio son similares a los encuentros, los intercambios y las colaboraciones.

El retorno de las leyes de la hospitalidad

El otium es un productor de sentido, no un sentido distante, sino una significación profunda, aquella que permite a todos desarrollar sus relaciones con los demás; los otros en su comunidad de la vida cotidiana, los otros de varias comunidades que él encuentra en sus viajes o en su circunnavegación cotidiana.



Al mismo tiempo, la actividad productiva es cada vez más atractiva para la creatividad, la competencia requiere palatabilidad.

Por lo tanto, otium y negotium se mezclan en el tiempo y en el espacio, dibujando nuevas formas de estar juntos. Este es el ocio en el tiempo de la globalización, el fin de las vacaciones y el surgimiento de una sociedad de hospitalidad.



ÁREAS TEMÁTICAS

1. Política e Gestão do Lazer

Gestão e política de lazer fornecem o contexto para a prestação de serviços de lazer dos setores público, privado e comunitário. Esta área temática concentrará trabalhos que reportem a pesquisa e exemplos de boas práticas sobre gestão e políticas de lazer.

2. Lazer, Acessibilidade e Inclusão

A área temática concentrará estudos de práticas integradas, projetos ou serviços que destacam a consciência para a acessibilidade em nível comunitário e ampliam as oportunidades de lazer para pessoas com deficiência ou necessidades especiais, com ênfase em projetos de currículo interdisciplinar, criados e desenvolvidos para uma efetiva integração na sociedade.

3. Lazer para Crianças e Jovens

A exploração e a consolidação dos interesses de lazer devem procurar humanizar experiências enquanto atendem à diversidade de manifestações culturais que ocorrem no tempo livre de crianças e jovens. A área temática concentrará trabalhos que apresentam pesquisas e explicações de boas práticas sobre lazer de crianças e jovens.

4. Lazer, Esportes e Atividades Físicas

O tema tem atraído atenção tanto de acadêmicos quanto de profissionais. A área temática concentrará trabalhos que apresentem o lazer em sua relação estreita com esporte e atividade física, considerando que o lazer traz muitos benefícios à saúde das pessoas e ao desenvolvimento social.

5. Educação no Lazer

A área temática concentrará trabalhos dedicados aos caminhos pelos quais indivíduos e grupos adquirirão o conhecimento, habilidades e atitudes que informam e aumentam sua funcionalidade no lazer, bem como propostas para experiências valiosas de lazer, para a autonomia no tempo livre e para o desenvolvimento da ludicidade.

6. Lazer, Saúde e Bem-estar

Esta área temática concentrará trabalhos que apresentem pesquisas e análises sobre lazer, saúde e modelos de bem-estar, e estratégias dirigidas para o campo da promoção da saúde e da saúde pública, com abordagens multidisciplinares, articulando a conexão entre saúde e determinantes de lazer, recreação e recreação terapêutica.

7. Lazer e Envelhecimento

Área temática que concentrará a apresentação de estudos, projetos e metodologias capazes de aumentar a compreensão do papel do lazer em contribuir para a qualidade de vida das pessoas idosas, bem como defender programas de melhoria do acesso à experiência do lazer para os idosos, ampliando suas oportunidades de participação social, cultural e política.



8. Lazer e Gênero

A área temática concentrará trabalhos que destacam diferentes aspectos do gênero em relação ao lazer, inclusive, mas não limitados a, estudos enfocando as relações entre masculinidade e feminilidade envolvidas nas práticas do lazer, bem como a afirmação da identidade de gênero, o reconhecimento e o respeito à diversidade sexual e de gênero, entre outros.

9. Lazer, Diversidade e Relações Étnico-raciais

Estudos sobre práticas tradicionais de lazer, dos povos ou comunidades indígenas e afrodescendentes serão apresentados nesta área temática, observando aspectos de afirmação de identidades, respeito e reconhecimento da diversidade cultural, étnico-racial, religiosa/espiritual.

10. Inovação, Indústria Criativa e Lazer Digital

Nesta área temática serão concentrados trabalhos sobre desenvolvimentos inovadores em lazer, inovação em empresas de lazer, iniciativas de lazer digital e o papel do lazer nas indústrias criativas, explorando as formas pelas quais a inovação refere-se ao lazer, quebrando padrões convencionais e criando novas oportunidades.

11. Lazer, Turismo e Hospitalidade

Parece ser bem conhecido o reconhecimento do turismo e hospitalidade como uma próspera área acadêmica e mercado de trabalho para os profissionais do lazer. Esta área temática visa à abordagem do turismo e hospitalidade em sua estreita relação com o lazer no contexto mundial globalizado.

12. Lazer para o Desenvolvimento Social e Comunitário

Os trabalhos desta área temática devem considerar o lazer como um direito humano e uma oportunidade de superar desafios e obstáculos que ameaçam a coesão social, bem como uma solução para transformar indivíduos, cidades e comunidades, efetivando-se em uma importante estratégia capaz de aumentar o capital e a justiça social.

13. Lazer, Cidades e Urbanização

Esta área temática contará com a apresentação de pesquisas, estudos e projetos de intervenção que discutem e percebem as cidades, o planejamento urbano e seus espaços de convivência, como lugares privilegiados para grandes experiências urbanas, que contribuem para o desenvolvimento humano dos cidadãos, tais como as experiências no âmbito do lazer.

14. Produção de Conhecimento e Teorias do Lazer

Esta área temática irá contemplar pesquisas e estudos do lazer e a produção de conhecimento teórico-metodológico, com base em diferentes abordagens (sociais, históricas, políticas e antropológicas), além da análise das teorias de lazer produzidas em diferentes épocas e contextos.

15. Lazer, Meio Ambiente e Sustentabilidade.

Trabalhos com base em estudos de práticas de lazer envolvendo sinergias entre o ser humano e o ambiente, observando aspectos como mobilidade, manutenção, transformação, responsabilidade e sustentabilidade ambiental serão concentrados nesta área temática.



AGENDA DE APRESENTAÇÕES ORAIS | ORAL PRESENTATIONS AGENDA | AGENDA DE PRESENTACIONES ORALES

AGENDA DE APRESENTAÇÕES ORAIS | ORAL PRESENTATIONS AGENDA | AGENDA DE PRESENTACIONES ORALES

atualizado em 17/08 | updated 08/17 | actualizado 17/08

29 AGOSTO, QUARTA MANHÃ - 11h45 às 13h45	AUGUST 29, WEDNESDAY MORNING - 11:45am to 1:45pm	29 DE AGOSTO, MIÉRCOLES MAÑANA - 11:45am - 1:45pm
---	---	--

Teatro Paulo Autran - Térreo/Ground floor			13. Leisure, Cities and Urbanization		13. Ocio, Ciudades y Urbanización		
13. Lazer, Cidades e Urbanização			ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
SESSÃO 1 SESSION 1 SESIÓN 1	79	PT	Projeto DIVER-CIDADE			Mário Silveira; Anderson Campos; Odirlei Vieira	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	695	PT	PRÁTICA DE LAZER NA METRÓPOLE: REPRESENTAÇÕES DO CICLISMO URBANO.			Carolina Gontijo Lopes	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	544	PT	INFLUÊNCIA DO PODER PÚBLICO NA APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS DE SKATE			Allana Joyce S G Scopel, Ana Claudia P Couto	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	627	PT	TRICOTANDO A CIDADE ATRAVÉS DO YARN BOMBING			Rosana Eduardo da Silva Leal	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	508	PT	ESPAÇOS ESPORTIVOS E A URBANIZAÇÃO EM BELO HORIZONTE (1959-1980)			Luciana Cirino Lages Rodrigues Costa, Elcio Loureiro Cornelsen.	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	537	PT	PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO PELO E PARA O LAZER EM CIDADES			Carolina Dias Machado, Maria Helena Mattos Barbosa dos Santos	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	441	PT	DO PRADO AO MINEIRÃO: HISTÓRIA E ESTÁDIOS EM BELO HORIZONTE			Georgino Jorge de Souza Neto, Silvio Ricardo da Silva	pesquisa científica / scientific research / investigación científica

Auditório - 3º piso/floor			6. Leisure, Health and Well-being		6. Ocio, Salud y Bienestar		
6. Lazer, Saúde e Bem-estar			ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
SESSÃO 2 SESSION 2 SESIÓN 2	410	PT	PROGRAMA CRUZEIRO DO SUL EM FORMA: LAZER EM FORMAÇÃO			Thelma Hoehne Peres Polato, Patricia Fátima de Oliveira Martins	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	246	PT	ATIVIDADES RECREATIVAS PARA CRIANÇAS EM INSTITUIÇÕES HOSPITALARES			Luana Andressa Borré, Maria Paula Moleta Corrêa, João Eloir Carvalho	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	770	EN	EXPLORING RECREATION THERAPY PRACTICES AND TRAINING IN THE UNITED STATES TO PROVIDE GUIDELINES FOR THE DEVELOPMENT OF THE PROFESSION IN SOUTH AFRICA			Marié E.M. Young, Sunday Onagbiye, Makaya Malema	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	378	EN	HOW LEISURE AGENCIES CAN ADDRESS PREVENTIVE PUBLIC HEALTH FACTORS			Teresa L. Penbrooke, Michael B. Edwards	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	19	PT	LAZER E COTIDIANO DE EGRESSOS DE HOSPITAIS PSIQUIÁTRICOS			Adriana Gonçalves Queiroz	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	248	PT	SAÚDE MENTAL E LAZER ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO INTERIOR PAULISTA.			Júlia Leles Vieira, Maria Cristina Pereira Lima	pesquisa científica / scientific research / investigación científica

Sala de Oficinas 1 - 2º piso/floor			1. Leisure Policy and Management		1. Política y Gestión del Ocio		
1. Política e Gestão do Lazer			ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação/Classification/Clasificación
SESSÃO 3 SESSION 3 SESIÓN 3	763	EN	POLICY STUDY OF THE OPENING OF SCHOOL SPORT FACILITIES TO COMMUNITY USE			PATRICK WC LAU, FK MA	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	15	EN	REGIONAL RECREATION PLANNING IN KENT COUNTY N.-B. CANADA			Hubert Roussel, Marc Leblanc	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	203	PT	M&A DE POLÍTICAS E PROGRAMAS – A EXPERIÊNCIA DO PELC			Ana Elenara Pintos, Fernando Mascarenha, Pedro Athayde.	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	464	EN	MANAGEMENT PRACTICES AND STYLES OF COMMUNITY SPORT FACILITY MANAGERS			John Tower, Evald Iversen	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	265	PT	PLANEJAMENTO MUNICIPAL PARA POLÍTICAS DE ESPORTE E LAZER EM BH/MG			Luciano Pereira da Silva, Brisa de Assis Pereira, Ludmila Miranda Sartori, Natascha Stephanie Nunes Abade	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	773	EN	THE CONTINUING STRUGGLE FOR LEISURE TIME			Anthony J. VEAL	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	58	PT	Pesquisas em Políticas de Esporte e Lazer Rede Cedes MG			Ana Cláudia Porfírio Couto, Luciano Pereira da Silva, Kátia Lúcia Moreira Lemos, Elisângela Chaves, Hélder Isayama, Silvio Ricardo da Silva, Christianne Luce Gomes, Giselle Helena Tavares, Patrícia Zingoni Machado de Moraes	relato de experiência / case study report / estudio de caso

Sala de Oficinas 2 - 2º piso/floor			5. Education in Leisure		5. Educación en el Ocio		
5. Educação no Lazer			ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação/Classification/Clasificación
SESSÃO 4 SESSION 4 SESIÓN 4	707	PT	EDUCAÇÃO E ÓCIO DIGITAL: CONSUMO DE VIDEOCLIPES POR JOVENS PORTUGUESES			Maria Joana Alves Pereira, Maria Manuel Baptista	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	29	PT	PRÁTICA PEDAGÓGICA DE AVENTURA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.			Liege Matheus da Silva, Silvana dos Santos, Giuliano Gomes de Assis Pimentel, Décio Roberto Calegari	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	152	PT	COMPREENSÕES DO LAZER PELOS COORDENADORES DO DO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO			Sheylazarth Ribeiro, Ana Cláudia Porfírio Couto.	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	492	EN	EDUCATION ON INTANGIBLE CULTURAL HERITAGE FOR A SUSTAINABLE FUTURE			Cristina Ortega Nuere, Isabel Verdet Peris	pesquisa científica / scientific research / investigación científica
	433	EN	THE POWER OF "ACTIVE EXPERIMENTATION": ASSESSING STUDY ABROAD PROGRAMS			Hongping Zhang, Heather Julie Gibson	pesquisa científica / scientific research / investigación científica



Sala Atividades - 3º piso/floor		11. Lazer, Turismo e Hospitalidade		11. Leisure, Tourism and Hospitality		11. Ocio, Turismo y Hospitalidad	
ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação/Classification/Clasificación			
206	PT	AS PRÁTICAS DE LAZER E TURISMO NA ORLA DE SOURE-MARAJÓ/PA	Juliana Azevedo Hamoy, Thiliane Regina Barbosa Meguis, Mirleide Chaar Bahia	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
536	PT	O FÃ DO SESC EM SÃO PAULO: PERFIL INICIAL	Luiz Octavio de Lima Camargo, Airton José Cavenaghi, Danilo Cava Pereira, Elizabeth Kyoko Wada	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
525	PT	TURISMO E LAZER EM SÃO PAULO DURANTE O GOVERNO VARGAS	Senia Bastos	relato de experiência / case study report / estudio de caso			
63	EN	MAPPING THE RECREATIONAL VEHICLE MARKET IN THE UK	Dorothy Fox, Juliette Hecquet	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
685	PT	PROJETO OBA! FÉRIAS! E O ACESSO DE CRIANÇAS AO TURISMO	Carolina Paes de Andrade, Vera Marisa de Souza Rodrigues	relato de experiência / case study report / estudio de caso			
460	PT	LAZER EM ÁREAS PROTEGIDAS: PERCEPÇÕES DE GESTORES SOBRE O KITESURF	Ruan Ribeiro, Monica Araújo, Elizabeth Wada	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
539	PT	LAZER NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE TURISMO	Ivan Conceição Martins da Silva	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
29 AGOSTO, QUARTA TARDE - 16h30 às 18h30		AUGUST 29, WEDNESDAY AFTERNOON - 4:30pm to 6:30pm		29 DE AGOSTO, MIÉRCOLES TARDE - 4:30pm - 6:30pm			

Teatro Paulo Autran - Térreo/Ground floor		4. Lazer, Esportes e Atividades Físicas		4. Leisure, Sports and Physical Activities		4. Ocio, Deporte y Actividad Física	
ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação/Classification/Clasificación			
344	PT	ENTRE LAZER E OFÍCIO: UM OLHAR SOBRE OS VELEJADORES	Maria Altimira Hackerott, Soraia Chung Saura	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
237	PT	O BASQUETE 3X3 PRATICADO NOS ESPAÇOS DE LAZER	Douglas Vinicius Carvalho Brasil, Alcides José Scaglia, Roberto Rodrigues Paes	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
646	PT	UM ESTUDO SOBRE GRUPOS DE GINÁSTICA DA PREFEITURA DE VALINHOS/SP	Caroline Giolo de Melo, Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
479	EN	VALUE CO-CREATION OF SPORT TOURISM PRODUCT AND SERVICE IN HANGZHOU	Li-ping Ye, Li-jun Zhou	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
417	EN	LEISURE CONSTRAINTS ON OUTDOOR RECREATION PARTICIPATION AMONG CHINESE STUDENTES	Tan Jiangong, Dong Erwei	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
440	PT	ESPORTE ORIENTAÇÃO: POSSIBILIDADES ENTRE LAZER E COMPETIÇÃO EM BELÉM/PA	Anacleto Araújo dos Santos	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			

Auditório - 3º piso/floor		14. Produção de Conhecimento e Teorias do Lazer		14. Production of Knowledge and Leisure Theories		14. Producción de Conocimiento y Teorías de Ocio	
ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação/Classification/Clasificación			
136	ES	DISPOSITIVO RECREACIONAL: EL CONTROL EN DICTADURA, NEUQUÉN 1976 -1983, ARGENTINA.	Julia Cristina Gerlero	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
165	ES	Prácticas y representaciones del ocio en estudiantes universitarios uruguayos.	Martín Pérez Pollero	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
173	PT	REFLEXÕES DO COSPLAY COMO FORMA DE LAZER	Ari da Silva Fonseca Filho, Dionisio de Almeida Brazo	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
432	PT	O ESPECTRO DA ESPIRITUALIDADE COMO INTEGRADORA DA MULTIDIMENSIONALIDADE DO LAZER	Cristiane Ker de Melo	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
182	PT	O CELAZER E O CAMPO CIENTÍFICO DO LAZER NO BRASIL	Regiane Cristina Galante, Sílvia Cristina Franco Amaral	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
107	PT	O LAZER NA CONTEMPORANEIDADE URBANA: Os Centros Culturais do SESC na cidade de São Paulo (1982 – 2012)	Alexandre Francisco Silva Teixeira	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			

Sala de Oficinas 1 - 2º piso/floor		3. Lazer para Crianças e Jovens		3. Leisure for Children and Youths		3. Ocio para Niños y Jóvenes	
ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação/Classification/Clasificación			
463	EN	A MODEL OF ADOLESCENTS' SELF-EXPLORATION IN LEISURE	Atara Sivan, Chiu-Wan Vicky Tam, Po-Kwan Gertrude Siu, A. Robert Stebbins	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
263	EN	ADOLESCENTS' PHYSICAL ACTIVITY IN RELATION TO PARENTS' SOCIOECONOMIC STATUS	Min Wang, Hui Tian, Juan Li	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
446	EN	LEISURE CENTERS: FRAMEWORK FOR CHILDREN'S DEVELOPMENT.	Gala Bi Tizie Emmanuel	relato de experiência / case study report / estudio de caso			
588	PT	LAZER E RECREAÇÃO NAS COLÔNIAS DE FÉRIAS: ÁREA DE ATUAÇÃO	Regiane Oliveira Lisboa, Tiago Rodrigo Alves Nunes, Cleber Mena Leão Junior	relato de experiência / case study report / estudio de caso			
591	ES	EL OCIO Y EL TURISMO: UNA MIRADA JUVENIL DE APRENDIZAJE	Daniela Duque Largo, Natalia Ospina Balanta	relato de experiência / case study report / estudio de caso			
194	PT	BENEFÍCIOS DAS ATIVIDADES LÚDICAS NO COMBATE AO BULLYING	João Eloir Carvalho	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			
737	PT	O ADOLESCENTE E LAZER DENTRO E FORA DA ESCOLA	Vagner Miranda da Conceição, Luciana Karine de Souza	pesquisa científica /scientific research / investigación científica			



Sala de Oficinas 2 - 2º piso/floor			8. Leisure and Gender	8. Ocio y Género	
8. Lazer e Gênero			8. Leisure and Gender	8. Ocio y Género	
	ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação/Classification/Clasificación
SESSÃO 9 SESSION 9 SESIÓN 9	733	PT	PRÁTICAS TORCEDORAS DISSONANTES: TORCIDAS GAYS E TORCIDAS LIVRES	Maurício Rodrigues Pinto	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	207	PT	PAPÉIS SOCIAIS E LAZER DAS MULHERES DO QUILOMBO-PARÁ	Ana Célia Barbosa Guedes, Thiliane Regina Barbosa Meguis, Mirleide Chaar Bahia	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	318	PT	O LAZER NA AGENDA DA MULHER BRASILEIRA: UM DIREITO INVISÍVEL?	Cláudia Regina Bonalume	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	118	EN	Taiwanese Leisure: Opportunities and Constraints with a Focus on Women	Chiung-Tzu Lucetta Tsai; Yu-Jen Wu	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	140	EN	AN EXPLORATION OF UGANDAN WOMEN'S LEISURE CONSTRAINTS AND NEGOTIATIONS	Emilie V. Adams, Stacy T. Taniguchi, P. J Ward, Stephen J. Hite, Stephen T Lewis	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	221	EN	MEDIA REPRESENTATIONS OF LEISURE AND GENDER AT THE SECOND HOME	Trudie Walters	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	230	EN	LEISURE OF FILIPINO IMMIGRANTS IN MARKHAM CITY, ONTARIO, CANADA	Gilda Uy, John Mari Mangahas	pesquisa científica /scientific research / investigación científica

Sala Atividades - 3º piso/floor			12. Leisure for Social and Community Development	12. Ocio para el Desarrollo Social y Comunitario	
12. Lazer para o Desenvolvimento Social e Comunitário			12. Leisure for Social and Community Development	12. Ocio para el Desarrollo Social y Comunitario	
	ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação/Classification/Clasificación
SESSÃO 10 SESSION 10 SESIÓN 10	172	ES	LA EXPERIENCIA DE OCIO EN CÁRCEL FEMENINA EN URUGUAY	Luciana Di Lorenzo, Maria Victoria Fuentes	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	475	PT	JOVENS MONITORES EM ESPORTE: LAZER E PROJETOS DE VIDA	Carlos Henrique Costa, Regiany Maciel Pereira	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	247	ES	Modelo de Gestión de Recreación en una Cooperativa de Profesionales	Andrés Wilmer castaño Caballero, Gloria Patricia Cárdenas Gómez	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	651	PT	FESTIVAL COMUNIDADE LÚDICA: O LAZER NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA	Andresa S. Ugaya, Denise Ap. Corrêa	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	269	PT	VIAGENS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, UM MERCADO INEXPLORADO	Ricardo Roitburd	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	4	EN	Exploring Women's Leisure Experiences Through Photovoice: A Costa Rican Project	Susana Juniu, Carmen Grace Salazar Salas	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	245	PT	LAZER E DESENVOLVIMENTO NO RVS METRÓPOLE DA AMAZÔNIA - PA	Leonard J. Grala Barbosa, Laisse Palheta, Mirleide Chaar Bahia	



AGENDA DE APRESENTAÇÕES ORAIS | ORAL PRESENTATIONS AGENDA | AGENDA DE PRESENTACIONES ORALES

atualizado em 17/08 | updated 08/17 | actualizado 17/08

30 DE AGOSTO, QUINTA MANHÃ - 11h45 às 13h45	AUGUST 30, THURSDAY MORNING - 11:45am to 1:45pm	30 DE AGOSTO, JUEVES MAÑANA - 11:45am - 1:45pm
--	--	---

Teatro Paulo Autran - Térreo/Ground					
4. Lazer, Esportes e Atividades Físicas		4. Leisure, Sports and Physical Activities		4. Ocio, Deporte y Actividad Física	
SESSÃO 11 SESSION 11 SESIÓN 11	ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
	335	PT	IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE GINÁSTICA MULTIFUNCIONAL NO SESC VILA MARIANA	Flávia Cristina Toscano, Vanessa Gonçalves Rodrigues de Paula, Janaina Lima da Silva	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	361	PT	GINÁSTICA MULTIFUNCIONAL COMO PORTA DE ENTRADA PARA O LAZER	Ana Paula Kogake Claudio Lima, Fernando Livramento de Sousa	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	604	PT	MOVIMENTO SEUS TEMPOS: REFLEXÕES SOBRE TEMPO E	Adan Parisi	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	480	EN	PLANNING OF SPORTS TOURISM PROGRAM IN HANGZHOU, CHINA	Li-jun ZHOU	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	260	PT	ATIVIDADE FÍSICA E LAZER: UMA ANÁLISE ACERCA DO SESC VERÃO	Alipio Rodrigues Pines Junior, Ricardo Ricci Uvinha	pesquisa científica /scientific research / investigación científica

Auditório - 3º piso/floor					
14. Produção de Conhecimento e Teorias do Lazer		14. Production of Knowledge and Leisure Theories		14. Producción de Conocimiento y Teorías de Ocio	
SESSÃO 12 SESSION 12 SESIÓN 12	ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
	667	PT	FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA PEDAGOGIA CRÍTICA DO LAZER: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	Bruno Assis de Oliveira, Edson Marcelo Hungaro	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	640	PT	PRÁTICAS CIRCENSES NA FORMAÇÃO DOS GRADUANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA	Heloá Rodrigues Assunção, Patrícia do Socorro Chaves de Araújo	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	734	PT	LÓGICA GERENCIAL: INGERÊNCIA SOBRE O TEMPO E ESPAÇO DE LAZER	Bruno Modesto Silvestre, Simone Gonçalves de Paiva, Sílvia Cristina Franco Amaral	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	626	PT	O LAZER NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS PAULISTAS	Amanda Sousa do Nascimento, Mateus Henrique de Oliveira, Eliana de Toledo	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	457	PT	ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM LAZER NO BRASIL	Aline Tschoke, Simone Rechia.	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	724	PT	LAZER E CONSUMO DE DROGAS NAS SOCIEDADES JUVENIS CONTEMPORÂNEAS	Heloisa Heringer, Gelsimar José Machado, Liana Romera	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	329	PT	TEMPO-LIVRE COMO CATEGORIA DE ANÁLISE DA SUBJETIVIDADE/VILA DA PAZ	Paula Ângela de Figueiredo Paula	pesquisa científica /scientific research / investigación científica

Sala de Oficinas 1 - 2º piso/floor					
2. Lazer, Acessibilidade e Inclusão		2. Leisure, Accessibility and Inclusion		2. Ocio, Accesibilidad e Inclusión	
SESSÃO 13 SESSION 13 SESIÓN 13	ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
	2	PT	Lazer Em Um Mundo Sem Som	Amanda Victoria Vicente, Rita de Cássia Giraldi	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	23	EN	VIRTUAL SAILING FOR PEOPLE WITH DISABILITIES	Cari Autry, Ph. D Stephen Anderson, Ph.D	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	31	PT	BASQUETE/HANDEBOL DE CADEIRA DE RODAS: OPÇÃO DE LAZER PARA CADEIRANTES	Christian Martins dos Santos, Silvana dos Santos, Giuliano Gomes de Assis Pimentel, Décio Roberto Calegari	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	42	PT	PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA BRINCAR: LUDICIDADE E INCLUSÃO	Fabia Tuchsznajder Campos, Eleni Papparonis, Dagmar Maria Gomes da Silva	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	445	ES	RECREACIÓN INCLUYENTE: UNA APUESTA DE CIUDAD	María del Amparo Wiswell Arevalo	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	142	PT	LAZER E ACESSIBILIDADE CULTURAL: MOBILIDADE NO ENTORNO DE ESPAÇOS CULTURAIS	Luiz Felipe Mendes de Oliveira	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	190	PT	ACESSIBILIDADE EM ESPAÇOS DE LAZER DE CAXIAS DO SUL-RS	Bruna Tronca, Jacqueline Corá, Pedro Alcântara Bittencourt César, Caroline Peccin, Júlia Altmann	pesquisa científica /scientific research / investigación científica

Sala de Oficinas 2 - 2º piso/floor					
8. Lazer e Gênero		8. Leisure and Gender		8. Ocio y Género	
SESSÃO 14 SESSION 14 SESIÓN 14	ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
	196	PT	Lazer Trans em São Paulo: arte, identidade e expressividade	Ana Rosa Guimarães Bastos Proença, Flávio Daiji Kishigami, Ricardo Ricci Uvinha.	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	10	ES	Representaciones Sobre Tiempo Libre y Ocio en Mujeres y Hombres	María Ximena Ureta Sosa	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	3	ES	Praticas Infrapolíticas em Los Tiempos de Ocio de La Mujer	Esperanza Osorio Correa	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	49	PT	EMPODERAMENTO FEMININO NO CINEMA LATINO-AMERICANO CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS PARA O LAZER	Christianne Luce Gomes	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	484	ES	ADOLESCENCIA, JUVENTUD, GÉNERO Y LIMITACIONES DE OCIO EN URUGUAY	Natalia Paola Maidana Brazeiro, Ximena Ureta Sosa	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	635	PT	TRANSGÊNEROS E AS BARRERAS DE ACESSO AO LAZER E TURISMO	Mariana Aldrigui	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	32	PT	TEMÁTICAS LGBT E EMPODERAMENTO NOS ANAIS DO WORLD LEISURE CONGRESS	Renata Laudares Silva, Elisangela Gisele Carmo, Nara Heloisa Rodrigues, Marília Amábele Guarizo, Bruna Cidade Souza Lima, Gisele Maria Schwartz	pesquisa científica /scientific research / investigación científica



Sala Atividades - 3º piso/floor		12. Lazer para o Desenvolvimento Social e Comunitário		12. Leisure for Social and Community Development		12. Ocio para el Desarrollo Social y Comunitario	
	ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación		
SESSÃO 15 SESSION 15 SESIÓN 15	65	PT	A BRINCADEIRA DE RODA DAS "MENINAS DE SINHÁ"	Raquel Borges, Cristiane M. D. Brito	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	503	PT	COPA INTEGRAÇÃO DOS REFUGIADOS	Denise Orlandi Collus, Airton Magalhães de Oliveira e Ricardo Silvestre	relato de experiência / case study report / estudio de caso		
	366	PT	JOGOS TRADICIONAIS NA IDENTIDADE DOS POVOS TRADICIONAIS DA REGIÃO SUDESTE	Daniel Cobra Silva	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	757	PT	PROJETO VIVA LAZER	Gustavo André Pereira de Brito, André Sousa Rocha, Wislianny Melissa de Moraes Silva, Maria Dolores de Oliveira Souza Neta, Vinicius Cabral dos Santos, Raquel Mendes da Silva, Daniel Silva Santos, Felipe Oliveira Barros, Sabrina Dayane Conceição de Marais	relato de experiência / case study report / estudio de caso		
	408	EN	THE CO-CREATION OF CREATIVE TOURISM IN NAIROBI, KENYA	Simone Eva Langejan, Lénia Marques	relato de experiência / case study report / estudio de caso		
	71	ES	Modelo de convivência de Campamentos Recreativos. SNDIF	Sergio Román García Rojas, Lizeth Cervantes Fontes, María Luisa Hernández Hidalgo, Julio Cesar García Oregón	relato de experiência / case study report / estudio de caso		
	450	PT	INTERVENÇÕES NO CAMPO DO LAZER ACIMA DA LINHA DO EQUADOR.	Aldevan Reis Dias, Karina Straiotto, Ítalo Gomes.	relato de experiência / case study report / estudio de caso		
30 DE AGOSTO, QUINTA TARDE - 16h30 às 18h30		AUGUST 30, THURSDAY AFTERNOON - 4:30pm to 6:30pm		30 DE AGOSTO, JUEVES TARDE - 4:30pm - 6:30pm			

Teatro Paulo Autran - Térreo/Ground floor		13. Lazer, Cidades e Urbanização		13. Leisure, Cities and Urbanization		13. Ocio, Ciudades y Urbanización	
	ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación		
SESSÃO 16 SESSION 16 SESIÓN 16	425	PT	DIVERTIMENTOS, ESPORTES E A MODERNIDADE RELATIVA EM BELO HORIZONTE	Sarah Teixeira Soutto Mayor	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	669	PT	PARQUE MINHOÇÃO: TRANSFORMAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES PARA LAZER URBANO	Ana Carolina Machado, Thiago Allis	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	718	PT	PARQUES URBANOS COMO ESPAÇO EDUCATIVO INTERCULTURAL: GESTÃO E USO PÚBLICO	Reinaldo Pacheco	relato de experiência / case study report / estudio de caso		
	696	PT	APROPRIAÇÃO PARA O LAZER DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE BENTO GONÇALVES	Morgana Pizzi Moraes, Pedro de Alcântara Bittencourt César	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	498	PT	OS ENCONTROS CIRCENSES COMO FRUIÇÃO DO LAZER NA CIDADE	Olívia Cristina Ferreira Ribeiro, Jéssica Adriana Montanini Fernandes, Marco Antônio Coelho Bortoleto	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	234	PT	EDUCAÇÃO, CULTURA E LAZER: EXPERIÊNCIAS NÃO FORMAIS EM SÃO PAULO	Tiago Aquino da Costa e Silva, Alípio Rodrigues Pines Junior, David Reis Miranda, Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro, Gisele Maria Schwatz	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	158	PT	LAZER NO ESPAÇO URBANO: AS PRAÇAS PÚBLICAS DE BRAGANÇA (PA)	Nélis Araújo, Maryllin Oliveira, Alessandra Pereira	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		

Auditório - 3º piso/floor		6. Lazer, Saúde e Bem-estar		6. Leisure, Health and Well-being		6. Ocio, Salud y Bienestar	
	ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación		
SESSÃO 17 SESSION 17 SESIÓN 17	113	ES	BENEFICIOS DEL OCIO EN LA SALUD DE ESTUDIANTES DE MÚSICA	HERNAN GILBERTO TOVAR TORRES	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	663	ES	CALIDAD DE VIDA DE PERSONAS CON DISCAPACIDAD: UN DERECHO INNEGABLE	M.Sc. María Antonieta Corrales Araya, Dra. María Antonieta Ozols Rosales	relato de experiência / case study report / estudio de caso		
	57	PT	Compreendendo lazer na perspectiva de indivíduos na iminência da morte	Claudia Franco Monteiro, Cristiane Miryam Drumond Brito	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	552	PT	BEM-ESTAR SUBJETIVO ANTES, DURANTE E DEPOIS DA VIAGEM.	Juliane Machado, Veronica Mayer	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	653	PT	A CURA PELAS PRÁTICAS DE LAZER NO SESC-SP	Rodrigo Valentim Chiquetto, Mariana Hangai Nogueira, Enrico Spaggiari	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		

Sala de Oficinas 1 - 2º piso/floor		7. Lazer e Envelhecimento		7. Leisure and Aging		7. Ocio y Envejecimiento	
	ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación		
SESSÃO 18 SESSION 18 SESIÓN 18	41	PT	PARTICIPAÇÃO DA PESSOA IDOSA NA ESCOLHA DE ATIVIDADES DE LAZER	Valdilei Wagner, Maria Ângela Garcia Almeida, Leonardo Pastillo Oliveira	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	59	PT	IDOSOS DE MOCHILA: HISTÓRIA ORAL DE VIAGENS	Maria Carolina de Andrade José	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	69	PT	MELHOR IDADE: ACOLHER E INCLUIR	Daniela Ferreira Flores Longato, Isabela Dimes Vicente, Carolina Rodrigues Caldas Falleiros, Diego dos Santos Ferreira, Paulo David de Carvalho Ferreira	relato de experiência / case study report / estudio de caso		
	363	EN	DIGITAL TO NA EXTENT: CYBER-SENIORS' USE OF TRADICIONAL MEDIA	Galit Nimrod	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		
	514	ES	RECREACIÓN TERAPÉUTICA: MODELO DE INTERVENCIÓN INTEGRAL EN POBLACIÓN ADULTA MAYOR	Maria Eugenia Jenkins-Alvarado	relato de experiência / case study report / estudio de caso		
	670	PT	VELHICE E SOCIABILIDADE: AS PRÁTICAS DE FREQUENTADORES DO SESC-SP	Leslie L. Sandes, Yuri B. Tambucci	pesquisa científica /scientific research / investigación científica		



Sala de Oficinas 2 - 2º piso/floor		5. Educação no Lazer		5. Educación en el Ocio	
ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação/Classification/Clasificación	
SESSÃO 19 SESSION 19 SESIÓN 19	473	PT	CURRÍCULO ESCOLAR EM EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES EDUCACIONAIS PARA/NO LAZER	Anderson Cristian Barreto, Silvana Santos, Ana Luiza Barbosa Anversa, Luciane Cristina Arantes da Costa, Amauri Aparecido Bássoli Oliveira, Vânia de Fátima Matias de Souza.	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	490	PT	ESTADOS E POTENCIALIDADES CORPORAIS EM PROCESSOS ARTÍSTICOS NO LAZER	Bárbara Machado Mazzetti	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	26	PT	O LAZER NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: CONSTRUINDO CONHECIMENTO	Adriana Angelica lobo leite	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	729	PT	ESCOLA DE AVENTURA DURANTE AS AULAS NO ENSINO FUNDAMENTAL	Érika Fernandes de Almeida Arruda, Giuliano Gomes de Assis Pimentel	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	64	PT	IMPLEMENTAÇÃO DO CONTRATURNO ESCOLAR E REPRESENTAÇÕES DE LAZER E ESPORTE	Marcília de Sousa Silva, Hélder Ferreira Isayama	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	481	EN	AN ECOTOURISM SCENARIO GAME FOR EDUCATION ENHANCEMENT IN TOURISM STUDY	Chung-Shing Chan, Lawal Mohammed Marafa, Yat Hang Chan, Tsz Heung Agnes Fong	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	39	PT	O LAZER NO PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA: CURRÍCULO E INTERVENÇÃO	Cathia Alves, Hélder Ferreira Isayama	pesquisa científica /scientific research / investigación científica

Sala Atividades - 3º piso/floor		11. Lazer, Turismo e Hospitalidade		11. Ocio, Turismo y Hospitalidad	
ID	Idioma Language	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación	
SESSÃO 20 SESSION 20 SESIÓN 20	225	PT	LAZER, VIAGEM E HOSPITALIDADE: A REDE COUCHSURFING EM JAGUARÃO/RS	Marcina Amália Nunes Moreira, Christianne Luce Gomes (orientadora).	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	694	PT	TURISMO SOCIAL DO SESC NA ZONA SUL DE SÃO PAULO	Mayra Vergotti Ferrigno, Gabriela Santos Tibúrcio	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	186	EN	VISITOR PERCEPTIONS OF WINE FESTIVALS IN THE BREEDE VALLEY REGION	Shameelah Ismail, Kamilla Swart	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	109	EN	LEARNING TO TRAVEL BY MYSELF: SENIOR TOURISM IN MONTERREY, MÉXICO	Adriana Esther Estrada González	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	50	EN	The Impact of Free Admission on National Park Attendance in Canada	Marc LeBlanc	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	87	PT	HOSPITALIDADE NA CIDADE-SEDE DE MANAUA NA COPA DO MUNDO 2014	César Teixeira Castilho, Christianne Luce Gomes	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	292	PT	Gastronomia e lazer: atrativos gastronômicos da cidade de São Paulo	Maria Henriqueta Gimenes - Minas, Vander Valduga	pesquisa científica /scientific research / investigación científica



AGENDA DE APRESENTAÇÕES ORAIS | ORAL PRESENTATIONS AGENDA | AGENDA DE PRESENTACIONES ORALES

atualizado em 17/08 | updated 08/17 | actualizado 17/08

31 DE AGOSTO, SEXTA MANHÃ - 11h45 às 13h45	AUGUST 31, FRIDAY MORNING - 11:45am to 1:45pm	31 DE AGOSTO, VIERNES MAÑANA - 11:45am - 1:45pm
---	--	--

Teatro Paulo Autran - Térreo/Ground floor			13. Leisure, Cities and Urbanization	13. Ocio, Ciudades y Urbanización	
13. Lazer, Cidades e Urbanização					
SESSÃO 21 SESSION 21 SESIÓN 21	ID	Idioma/L anguage	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
	701	PT	LAZER, CIDADE E ANTROPOLOGIA: O SESC NO INTERIOR PAULISTA	Julio Cesar Talhari, Mariana Luiza Fiocco Machini	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	28	PT	INCIDÊNCIA DA TEMÁTICA ESPAÇOS DE LAZER NO WORLD LEISURE CONGRESS	José Pedro Scarpel Pacheco, Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro, Nara Heloisa Rodrigues, Renata Laudares Silva, Tiago Aquino da Costa Silva, Gisele Maria Schwartz	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	45	PT	LAZER, TERRITÓRIO E POLÍTICA CULTURAL PÚBLICA	Agustin Arosteguy	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	82	PT	LAZER, INDICADORES DE QUALIDADE DE VIDA URBANA E PLANEJAMENTO: POTENCIALIDADES	Isabela Veloso Lopes Versiani; Anete Marília Pereira	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	84	PT	MÚSICOS DE RUA E A TURISTIFICAÇÃO DAS CIDADES	Denise Falcão	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	154	PT	CTG COMO EQUIPAMENTO DE LAZER EM CAXIAS DO SUL (RS)	Ricardo Daneluz Neto, Elis Louise Cuchinir Oleas, Eduarda Fronza Nagildo, Pedro de Alcântara Bittencourt César	relato de experiência / case study report / estudio de caso

Auditório - 3º piso/floor			6. Leisure, Health and Well-being	6. Ocio, Salud y Bienestar	
6. Lazer, Saúde e Bem-estar					
SESSÃO 22 SESSION 22 SESIÓN 22	ID	Idioma/L anguage	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
	334	PT	GINÁSTICA MULTIFUNCIONAL COMO LAZER E PREVENÇÃO DE QUEDAS EM IDOSOS	Vanessa Gonçalves Rodrigues de Paula, Janaina Lima da Silva	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	200	PT	LAZER E PRÁTICA DA VELA: DIÁLOGOS ENTRE BEM-ESTAR E COTIDIANO	Priscilla Pinto Costa Silva, Patricia de Jesus Costa Santos, Emilia Amélia Pinto Costa Rodrigues, Cheng Hsin Nery Chao, Ana Raquel Mendes Santos, Clara Maria Silvestre Monteiro Freitas	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	24	PT	A TEMÁTICA LAZER NO CURRÍCULO DE FISIOTERAPIA DA UFMG	Larissa Silva Guimarães Arruda, Hélder Ferreira Isayma	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	240	EN	RECEPTIVITY TO PARK RX: A SOCIAL MEDIA CAMPAIGN CASE STUDY	Suzanne Carmack, John Henderson, Kendra Barat, Anne O'neill, Sara Newman, Diana Allen	relato de experiência/case study report/estudio de caso
	390	EN	BRAZIL AND DENMARK: PREPONDERANT ASPECTS OF LEISURE BY YOUNG PEOPLE	Thiago Escudeiro Borba, Felipe Dutra, Jefferson John da Silva Santos	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	601	PT	LAZER E FATORES PROTETIVOS AO USO EXCESSIVO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	Liana Romer, Derick Tinôco	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	122	PT	RECREAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE: EXPERIENCIANDO UMA OFICINA DE BRINQUEDOS	Juliana de Paula Figueiredo, Verônica Werle, Daliana Stephanie Lecuona, Miráira Noal Manfro, Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi, Alcyane Marinho	relato de experiência / case study report / estudio de caso

Sala de Oficinas 1 - 2º piso/floor			1. Leisure Policy and Management	1. Política y Gestión del Ocio	
1. Política e Gestão do Lazer					
SESSÃO 23 SESSION 23 SESIÓN 23	ID	Idioma/L anguage	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
	102	ES	LA IMPLEMENTACIÓN DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE RECREACIÓN/OCIO EN CAPITALES ANDINAS	Luciana Noya, Christianne L. Gomes	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	423	EN	ANALYSIS OF LIFEGUARD RECRUITMENT PROCESSES IN AQUATIC AND RECREATION CENTRES	Michael Butson, John Tower, Eric Schwarz	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	321	PT	PARQUES URBANOS DE CARAPICUÍBA E A GESTÃO PÚBLICA DO LAZER	Endrigo Silva Mello, Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	776	EN	Active Well-being Initiative (AWI)	Francisco Irrazaval	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	346	ES	AGENTES PÚBLICOS DE RECREACIÓN EN URUGUAY: ANÁLISIS DE PROGRAMAS ESTATALES.	Ricardo Lema, Gustavo Martínez	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	774	EN	Research on the historical opportunity, contemporary perplexity and strategy choice of China E-sports industry development	Ling Ping, Wei Jia Yue, Cao Hai Fei	relato de experiência / case study report / estudio de caso

Sala de Oficinas 2 - 2º piso/floor			10. Innovation, Creative Industry and Digital Leisure	10. Innovación, Industria Creativa y Ocio Digital	
10. Inovação, Indústria Criativa e Lazer					
SESSÃO 24 SESSION 24 SESIÓN 24	ID	Idioma/L anguage	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
	72	PT	VIDEOGAMES: DO LAZER PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	Cleber Mena Leão Junior, Vanessa Eitz, Tatyane Roiek Lazier-Leão, Tiago Rodrigo Alves Nunes, Tiago Aquino da Costa Silva	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	75	PT	LAZER DIGITAL PARA CRIANÇAS: PROCESSOS CRIATIVOS LÚDICOS	Monique Priscila de Abreu Reis, Luciana Pereira de Moura Carneiro, Fernanda Aparecida Coelho Ciriaco	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	62	PT	O JOGO COUNTER STRIKE: LAZER POR MEIO DOS COMENTÁRIOS ONLINE.	Rodrigo Lage Pereira Silva	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	633	PT	ECONOMIA CRIATIVA, HOSPITALIDADE E ATIVIDADES MANUAIS DO LAZER NA VIRTUALIDADE	Erica Ana Alves Bortolotte, Elizabeth Kyoko Wada	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	616	EN	CARNIVAL AS A HUB FOR CREATIVE DEVELOPMENT	Carla Borba, Lenia Marques	pesquisa científica /scientific research / investigación científica



Sala Atividades - 3º piso/floor			15. Leisure, Environment and Sustainability	15. Ocio, Medio Ambiente y Sostenibilidad	
15. Lazer, Meio Ambiente e					
	ID	Idioma/L anguage	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
SESSÃO 25 SESSION 25 SESIÓN 25	553	EN	BEYOND LEISURE: EDUCATING FOR A BROADER PERSPECTIVE	Celiane Camargo Borges, Marisa P. de Brito, Michelle Sampaio	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	374	PT	GESTÃO PARTICIPATIVA E IMPACTOS DO CICLISMO NO HORTO DE TUPI	Carolina Teixeira Bartoletti, Teresa Cristina Magro Lindenkamp	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	305	PT	COMPETIDORES DE PARAPENTE: PERFIL, SENTIDOS DA PRÁTICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	Marília Bandeira, Raquel Borges	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	636	PT	VISITAÇÃO EM ÁREAS NATURAIS: A EXPERIÊNCIA DA RESERVA NATURAL SESC	Séfora Tognolo de Aguiar, Marcelo Bokermann, Emerson Luis Costa	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	213	PT	BRINCAR E CONTEMPLAR: EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E LAZER NO SESC INTERLAGOS	Felipe Gaspari, Eveline Guttilla, Eliane Neves, Santiago Noronha, Mariano Ribeiro, Lilliane Souza, Gabriela Santos Tibúrcio	relato de experiência / case study report / estudio de caso

31 DE AGOSTO, SEXTA TARDE - 16h30 às 18h30	AUGUST 31, FRIDAY AFTERNOON - 4:30pm to 6:30pm	31 DE AGOSTO, VIERNES TARDE - 4:30pm - 6:30pm
---	---	--

Auditório - 3º piso/floor			Mixed - 8/9	Mixto - 8/9	
Mista - 8/9					
	ID	Idioma/L anguage	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
SESSÃO 26 SESSION 26 SESIÓN 26	74	PT	Indígenas: territorialidade, alteridade, temporalidade e lazer	Khellen Cristina Soares, José Alfredo Debortoli	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	188	PT	LAZER E ATIVISMO NEGRO: ANÁLISE NO ESPAÇO CULTURAL APARELHA LUZIA	Vanderléia Ricardo da Silva, Isabel Aparecida dos Santos Mayer, Juliana M. Costa, Ricardo R. Uvinha	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	541	EN	QUILOMBO CULTURE AND COMMUNITY BASED TOURISM	Thais Rose Pinheiro, Carolin Lusby	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	77	PT	LAZER, TRANSGERACIONALIDADE E EDUCAÇÃO: BLACK SOUL BELORIZONTINO NO SÉCULO XXI	Luiz Carlos Felizardo Junior; Walter Ernesto Marques	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	706	PT	LAZER E EMPODERAMENTO FEMININO NO PELC SÃO BERNARDO DO CAMPO	Luana de Souza Leonardo	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	270	PT	TURISMO NA PARADA LGBTQI+ E O APAGAMENTO LÉSBICO NO TEATRO	Camila Karla Grillo, Ricardo Lanzarini	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	287	EN	"RE-CREATING": RECREATIONAL OCCUPATIONAL IDENTITY AMONGST COLOURED WOMEN IN SOUTH AFRICA	Chantal Christopher	pesquisa científica /scientific research / investigación científica

Sala de Oficinas 2 - 2º piso/floor			Mixed - 2/7	Mixto - 2/7	
Mista - 2/7					
	ID	Idioma/L anguage	Título / Title	Autores/Authors	Classificação/Classification/Clasificación
SESSÃO 27 SESSION 27 SESIÓN 27	244	ES	REDES SOCIALES, ADULTOS MAYORES, "LA EXPERIENCIA TRANSFORMADORA DEL OCIO	MONICA CAICEDO HOFFMANN	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	435	EN	NEIGHBORHOOD SOCIAL SPACES AND SUBJECTIVE WELL-BEING OF OLDER ADULTS	Yu Niu, Heather Julie Gibson	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	533	PT	ACESSO DOS IDOSOS AO LAZER DIGITAL	Larissa Rodrigues, Ana Carolina Pigato, Leticia Franzen	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	99	PT	LAZER, INCLUSÃO, AUTONOMIA: PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL. CURITIBA, PR, BRASIL	Vânia Lúcia Girardi; Simone Rechia	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	302	EN	LEISURE NEEDS AS PERCEIVED AND EXPERIENCED BY DEAF ADULTS	MALEMA MAKHAYA JOHANNES, WEILBACH JOHANNES THERON & WATSON FRANCOIS	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	351	EN	GENDERED HISTORIES, GENDERED CONSTRAINTS: THE SPIRIT OF YOUTH AND LEISURE	Rasul A. Mowatt	relato de experiência / case study report / estudio de caso

Sala Atividades - 3º piso/floor			Mixed - 3/12/14	Mixto - 3/12/14	
Mista - 3/12/14					
	ID	Idioma/L anguage	Título / Title	Autores/Authors	Classificação / Classification / Clasificación
SESSÃO 28 SESSION 28 SESIÓN 28	515	PT	LAZER E FÉRIAS DE PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO.	Janaína Carrasco Castilho, Rosana Fernandes Santos, Maria Aparecida Cunha Malagrino	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	312	PT	LAZER E CIDADANIA: CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO HIP HOP	Gustavo José Santana, Maria Verônica Cunha Sena, José Carlos Rodrigues Júnior, Elaine Prodócimo, Ricardo Manoel de Oliveira Zambelli, Olívia Cristina Ferreira Ribeiro.	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	739	PT	A TRANSMISSÃO CULTURAL DA BRINCADEIRA PAPAGAIO DE PAPEL EM MANAUS	Joise Simas de Souza Mauricio	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	737	PT	O ADOLESCENTE E LAZER DENTRO E FORA DA ESCOLA	Vagner Miranda da Conceição, Luciana Karine de Souza	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	704	PT	TECENDO ELOS DE COOPERAÇÃO ENTRE LAZER, ESPORTES E A RUA	Lua Karine de Sousa Pereira, Bryan da Costa Souza, Natalia Andrea Craciun Boc	relato de experiência / case study report / estudio de caso
	549	EN	CULTURAL CONSUMPTION AS A CATALYST FOR SOCIAL INCLUSION	Marcel Bastiaansen, Coen Van Bendegom, Angelique Cramer, Pieter De Rooit, Ondrej Mitas, Hilde Smetsers	pesquisa científica /scientific research / investigación científica
	353	PT	LAZER E HUMANIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA COM REFUGIADOS NA DINAMARCA	Adeline Borini Gargioni, Denise Aparecida Correa	relato de experiência / case study report / estudio de caso



APRESENTAÇÕES ORAIS
ABSTRACTS ORAIS
PRESENTACIONES ORAL



TEMA 1
POLÍTICA E GESTÃO DO LAZER
LEISURE POLICY AND MANAGEMENT
POLÍTICA Y GESTIÓN DEL OCIO



ACTIVE WELL-BEING INITIATIVE (AWI)

Francisco Jose Irarrazaval

gonzalez@tafisa.org

TAFISA - The Association For International Sport for All – Frankfurt, Germany.

The world continues to urbanize at breath-taking speed. Simultaneously, it suffers from a growing epidemic of inactivity and related non-communicable diseases. Today, cities must re-think the way they address their urban planning and growth, how they design infrastructure and mobility, how they operate and integrate their diverse communities, in order to enable their citizens and communities to be more active and healthy. More investment is required in promoting individual and collective wellbeing, because prevention is a smarter and cheaper choice than cure. Citizens and communities must be empowered to make healthier choices. Cities need to address such challenges with a new paradigm – with urgency. The Active Well-being Initiative (AWI) is a non-profit, non-governmental organization, founded by TAFISA and EVALEO with the support of the IOC in 2017. It is based in Lausanne, Switzerland, and operates under Swiss law. The AWI enables cities to enhance the well-being of their population, while receiving international recognition for their progress through a certification process. Citizens are empowered and engaged in order to adopt a more active and healthy lifestyle. The AWI approach and methodology is based on international standards and tools, and supported by a network of field experts. As an initial step in 2017, the AWI launched its first label, Global Active City, leveraging on physical activity and sports to enhance individual and collective well-being. The AWI model provides a systematic, flexible, evolutive approach and tools that can be adapted to each city's local context. It links decision-makers, key stakeholders and agencies in areas of health, sports, education, urban planning and social development in a cross-sectoral alliance, around a shared vision and a framework of integrated initiatives. Through the AWI model and suites of tools and services, cities are encouraged to move further away from the current, largely pathogenic paradigm to adopt a new approach based on the promotion of active, lifestyles, and environments. They may start their journey by joining the AWI as a Partner City and adopting the Global Active City framework to ultimately achieve the proposed internationally-recognized certification. Alternatively, and in the near future, cities may also decide to adopt a more rounded and multidimensional approach to well-being and follow the model proposed by the Global Well-being City label. In addition, such a model will also be proposed to organizations (private, public, for profit, NGOs, of all sizes and nature) which decide to adopt a more proactive, healthy and active workplace approach for their staff, members, participants, visitors or customers.



AGENTES PÚBLICOS DE RECREACIÓN EN URUGUAY: ANÁLISIS DE PROGRAMAS ESTATALES

Ricardo Lema; Gustavo Martínez.

rlema@ucu.edu.uy

Universidad Católica del Uruguay, Montevideo, Uruguay.

El artículo plantea los principales hallazgos de un estudio exploratorio realizado durante el 2017, donde se relevó y analizó la presentación de 41 programas recreativos o con componente recreativo, llevados adelante por diversos agentes públicos del Estado en Uruguay. El objetivo fue identificar la presencia de la recreación en la ejecución de políticas públicas por parte de la actual gestión de gobierno en Uruguay (2015-2019). Hoy la recreación en nuestro país ha evolucionado del tradicional enfoque recreacionista de la educación física, hacia prácticas más cercanas a lo sociocultural y educativo (Lema, 1999; Waichman, 2004), sin embargo el Estado no siempre refleja este cambio de enfoque. Nos interesa indagar en el rol del Estado como praxis política de la recreación (San Salvador del Valle, 1996) y desde un enfoque de derecho a la recreación (Contreras, 2005). El propósito de este análisis fue visualizar la presencia de la recreación en el accionar de diversos agentes públicos del Estado nacional, procurando identificar el papel que juega hoy el Estado uruguayo en el desarrollo y ejecución de una política de recreación. Se trata de un estudio exploratorio y de corte cualitativo, que mediante la técnica de análisis documental, revisó entre mayo y junio del 2017, las páginas web oficiales de diferentes dependencias estatales, en el entendido de que allí cada agente hace explícita su razón de ser, volviendo públicas las propias representaciones sobre las prácticas que llevan adelante. Se procesaron los datos en cuatro variables: denominación y dependencia del programa, objetivos, público al que se dirige y descripción de las actividades. Para el análisis se tomaron en cuenta categorías que surgen del marco teórico. Se analiza la explicitación de objetivos de estos programas, diferenciando los programas propiamente recreativos de aquellos que cuentan con un componente recreativo. De esto se deriva el enfoque de los mismos, distinguiendo aquellos que están centrados en una oferta de actividades de aquellos que apuntan al desarrollo de una vivencia de largo plazo (Cuenca, 2004). Siguiendo con el análisis de los objetivos, se considera el tipo de beneficio al que apuntan (Driver y Burns, 1999) y las dimensiones de desarrollo que se privilegian (Lema y Machado, 2013). Por último se analizan el tipo de actividades recreativas que llevan adelante estos programas, en base a la tipología desarrollada por Lema y Machado (2013). Los hallazgos del estudio dan cuenta de una gran dispersión de los programas recreativos y la ausencia de un agente rector de las políticas de recreación, además de una fuerte tendencia hacia el recreacionismo. Esto pone en cuestión el potencial de estos programas para el fortalecimiento de una política pública de recreación y su articulación en un plan nacional que permita asegurar el rol del Estado como garante del derecho al disfrute del tiempo libre.

Palabras claves: Recreación. Agentes Públicos. Programas Recreativos. Uruguay.



ANALYSIS OF LIFEGUARD RECRUITMENT PROCESSES IN AQUATIC AND RECREATION CENTRES

Michael Butson; John Tower; Eric Schwarz.

michaelbutson@gmail.com

Victoria University, VU, Melbourne, Victoria, Australia.

Introduction - Between July 2016 and June 2017, 45 people lost their lives to drowning in Victoria, a 20% increase on the ten-year average. Paramedics also attended 54 non-fatal drowning incidents in Victoria during the same period, bringing the number of drowning incidents across Victoria to 99 (Life Saving Victoria, 2017). These incidents amongst others have called for changes in lifeguard supervision practices and a better understanding of the roles and responsibilities of lifeguards (Coroners Court Victoria 2016). In Australia, the total annual cost of drowning related injury is estimated to be \$110 million (World Health Organization, 2017). Lifeguards are vital to maintaining safety at public aquatic and recreation centers (ARCs). Lifeguards safeguard lives and provide first response in fatal and nonfatal emergencies. Consequently, it is crucial ARC's are engaging in recruitment processes that are attracting the strongest candidates, and in turn recruiting lifeguards who will effectively negotiate any emergency. ARCs need to be more selective in their recruitment choices, as poor recruiting decisions have contributed to devastating consequences and long-term negative impacts. This research analyses the current recruitment processes in-line with contemporary human resource management recruitment literature. **Methods** - The study conducted a qualitative research approach based on 16 semi-structured interviews, over a four-month period. All interviews were scheduled in advance and conducted at each ARC. ARCs were grouped into three categories – commercial, not-for-profit, and independent. The commercial sector consists of organizations that are in business primarily to make a profit. Not-for-profit organizations do not earn profits for its owners; all the money earned or donated is invested back into the organization to accomplish goals and objectives. An independent structure means local governments or councils control the operation of an ARC (Veal, Darcy & Lynch, 2013). Participants completed a 30 to 60-minute interview and, on certain occasions, a follow-up discussion was requested to clarify particular ideas or themes. The framework for the interview involved discussion around pre-determined steps in the recruitment process of lifeguards (forecasting, job analysis, job description, job specification, recruitment methods, employer branding and promotion, shortlisting and selection tools). Participants were either center managers, assistant managers or operations managers currently employed in ARCs. An additional requirement was participants must be in a current position and have previously recruited lifeguards. Data were collected as digital recordings and written field notes, and then transcribed into text files for archiving and analysis. Research data were reduced and coded with the assistance of Atlas.ti Version 1.6.0. **Consideration/Conclusions** - This study provides valid and reliable data on lifeguard recruitment practices. ARCs must engage in recruitment processes that attract the strongest candidates. The analysis of the respondents' comments identified a number of improvements for ARC lifeguard recruitment. This study contributes to the aquatics/leisure industry by informing ARC manager's current recruitment practices, policies and programs. Indicating current recruitment strengths and weaknesses.

Keywords: Recruitment. Human resources. Lifeguards. ARCs.



LA IMPLEMENTACIÓN DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE RECREACIÓN/OCIO EN CAPITALES ANDINAS

Luciana Noya; Christianne L. Gomes.

luciananoyacasas@gmail.com

UFMG / Grupo de Pesquisa LUCE / Ministério do Esporte-Rede Cedes / CAPES.

La recreación/ocio como derecho social en vinculación con la ciudadanía, requiere la intervención del Estado por medio de políticas públicas para su garantía. Es en la fase de implementación de una política pública que tiene lugar (o no) su materialización en acciones que pueden contribuir con la garantía de un derecho. La presente investigación de maestría buscó comprender las posibilidades y limitaciones para la concreción del derecho a la recreación/ocio en las políticas públicas de recreación/ocio implementadas en las capitales de los países integrantes de la Comunidad Andina: Bogotá, La Paz, Lima y Quito, en relación con sus respectivos contextos nacionales. La problematización del modelo del ciclo de políticas públicas (JANN; WEGRICH, 2007) y de los principales enfoques para el análisis de implementación (PULZL; TREIB, 2007), permiten realizar un estudio que considera las disposiciones de leyes y planes, las acciones desarrolladas, así como las ideas de los gestores responsables. El estudio de implementación realizado buscó analizar el entendimiento de la recreación/ocio y los objetivos que orientan la política pública. Asimismo, a partir de los aportes de los gestores de estas políticas, procuró comprender de qué manera son implementadas y promueven el acceso a acciones, espacios y equipamientos de recreación/ocio, buscando identificar los grupos poblacionales y contenidos culturales priorizados. La metodología contempló el análisis documental de leyes y planes que contienen orientaciones para la implementación de la política pública de recreación/ocio y entrevistas presenciales con 15 gestores de estas políticas públicas en los niveles nacionales y municipales. Los resultados evidenciaron que las políticas públicas de recreación/ocio se encuentran en todos los contextos analizados sectorialmente junto a las de deporte, lo que produce ciertos desafíos. Los significados atribuidos a la recreación/ocio en los documentos no son unívocos, sino que abarcan concepciones que la consideran un nivel del deporte, la vinculan con la actividad física o la entienden como un proceso más complejo, que trasciende el nivel de actividad. En general, se verifica que su comprensión como derecho es tímida, y que las políticas públicas se orientan hacia objetivos tan diversos como promover la salud, mejorar la calidad de vida, fortalecer la convivencia, prevenir la violencia y el consumo de drogas, entre otros. Las políticas implementadas privilegian la atención prioritaria de ciertos grupos de la población, ya sea en función del ciclo de vida, de su identidad o condición, lo que varía según el contexto analizado. Se constata el predominio del contenido cultural físico-deportivo de la recreación/ocio en los programas y actividades desarrolladas, así como un número significativo de actividades de carácter eventual. Los equipamientos para la recreación/ocio contemplados por la política pública sectorial, consisten principalmente en infraestructura deportiva. Se evidencia el uso del espacio público como escenario para las actividades de recreación/ocio, mientras la excepción la constituye la participación del sector en la planificación del espacio público para favorecer el acceso a la recreación/ocio de la población.

Palabras claves: Políticas públicas. Recreación. Ocio. América Latina. Comunidad Andina.



M&A DE POLÍTICAS E PROGRAMAS – A EXPERIÊNCIA DO PELC

Ana Elenara Pintos; Fernando Mascarenhas; Pedro Athayde.

aelenara@gmail.com

Universidade de Brasília – UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

A avaliação de políticas públicas surge, na América Latina e no Brasil, sob o reflexo daquelas concebidas e implementadas no contexto norte-americano. No que diz respeito ao nosso país, mais especificamente sob a égide da redemocratização política, oportunidade na qual os movimentos sociais passaram a reivindicar políticas públicas sociais universalizantes enquanto mecanismos de garantia dos direitos de cidadania (SILVA, 2008). No bojo dessas transformações sociais, surgiram novas concepções que buscavam responder, por um lado, a necessidade de controle sobre os gastos públicos e, por outro, dar respostas às agências de financiamento internacionais. Por consequência, a avaliação, na década seguinte (1990), assume um papel de destaque na gestão pública, pautada pelos princípios da eficiência, eficácia e efetividade, bem como no modelo gerencialista e, por que não dizer, fiscalizatório. Após alguns anos, é possível verificar no Brasil experiências exitosas de monitoramento e de avaliação da gestão de políticas públicas no âmbito da Educação, da Saúde, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Em grande medida, tais iniciativas superaram a mera preocupação com o controle de uso dos recursos públicos, incorporando a preocupação com o monitoramento e avaliação daquilo que está sendo executado para corrigir desvios, objetivando o alcance dos resultados planejados. Já no que diz respeito à gestão de políticas públicas de esporte e de lazer, na perspectiva de garantia de um direito constitucional, o monitoramento e a avaliação são muito incipientes e, por essa razão, existe a necessidade de se contribuir a respeito. Neste contexto, identificamos a experiência do Programa Esporte e Lazer da Cidade – PELC, que na condição de um amplo programa, formulado (2003) e desenvolvido pelo governo federal, por intermédio do Ministério do Esporte, merece a atenção de estudos interdisciplinares (PINTOS, 2017). Neste caminho, no presente artigo procura-se apresentar o monitoramento e a avaliação de políticas e programas em seu contexto histórico e conceitual, refletindo sobre métodos, modelos e técnicas, buscando definir o que são indicadores e sistemas de monitoramento e avaliação (M&A). Além de apresentar o PELC, busca-se analisar o processo de formulação e implantação do sistema de monitoramento e avaliação deste programa federal, intitulado MIMBOÉ, almejando saber quais as perspectivas e os desafios para a temática no contexto do programa. No tocante ao delineamento metodológico do trabalho, com base nas características da temática escolhida, optou-se por uma pesquisa social de caráter qualitativo. Em razão da amplitude desse tipo de pesquisa, verificou-se a necessidade de delimitar o foco, o que, conseqüentemente, levou à opção por um estudo de caso. Com relação aos procedimentos e técnicas, utilizamos a revisão bibliográfica da literatura relacionada à temática explorada, além da pesquisa documental em fontes primárias e secundárias. Percebe-se que, ao longo de aproximadamente 11 anos (2004-2015), diversas questões atingiram a gestão do PELC e, conseqüentemente, influenciaram nas discussões em torno das respectivas metodologias de monitoramento e avaliação, até a criação de uma tecnologia social, o Sistema MIMBOÉ, que carece de constantes qualificações, visando à concretude das perspectivas vislumbradas em meio às diretrizes do programa social.

Palavras chave: Esporte. Lazer. Monitoramento. Avaliação.



MANAGEMENT PRACTICES AND STYLES OF COMMUNITY SPORT FACILITY MANAGERS

John Tower¹; Evald Iversen.²

john.tower@vu.edu.au

Victoria University, Melbourne, Australia¹; University of Southern Denmark, Denmark².

Community sport facilities (CSFs) provide the setting for many local leisure service providers such as sporting clubs and associations, specific population groups and local government. The facilities are deemed important because the programs provide health-related benefits for wider parts of the population and provide an important setting to bring people together to form social bonds and build social capital. Management of CSFs have not attracted much attention in the literature. Focus has been on different output measures such as utilization, the performance of sports facilities, efficiency or how the users perceive their outcome when using the facility. However, these analyses do not include a focus on managers' activities or how customer service goals are balanced with economic effectiveness. Little is known about the managerial practices or management style of the CSF manager. There is a need to investigate the voice and actions of the manager to be able to understand CSF service delivery. The aim of the study was to analyze CSF managers' practices regarding how they make decisions about the needs of different stakeholders and service delivery. The research was based on interviews with Australian and Danish CSF managers and related agency managers, e.g. municipal leisure managers. Both countries have similar systems of CSF programs and services. A convenience sampling approach was used to gain input from similar settings and services in both countries. The interviewers inquired about:

- The programs and services provided at the CSF Manager's experience and education
- Manager's approach about setting priorities when making decisions about the CSF programs and services
- Approaches used to evaluate the CSF's programs and services. Interview data were transcribed and Nvivo was used to analyze the managers' comments.

The research takes place in late 2017 and early 2018 and we expect to present the results at the WLO Congress. Preliminary results indicate that CSFs have a variety of different services with a main focus on organized sport and community sporting activities and fitness. CSF managers have a variety of different backgrounds, especially regarding levels of education. A key challenge relates to the conflicting demands of economic effectiveness and community service for the wide range of stakeholders. There are varied approaches to evaluate programs and services with a focus on outputs and little attention to outcomes. The purpose of the research is to demonstrate the challenges that CSF managers face as they work to provide effective community sport and leisure programs. The understanding of CSF managers' practices will assist in the development of CSF programs and services' capacity to meet the needs of different stakeholders. Initial results indicate that CSF managers might improve their management practices by appreciating the needs of the diverse stakeholders. The juggle between economic effectiveness and meeting stakeholders' needs seems to demand setting priorities and making compromises. Further research should explore how CSF management practice and style impacts on service delivery for diverse stakeholders.

Keywords: Sport facility. Facility management. Management practice.



PARQUES URBANOS DE CARAPICUÍBA E A GESTÃO PÚBLICA DO LAZER

Endrigo Silva Mello; Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco.

endrigo.mello@usp.br

Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Os parques urbanos fazendo parte das metrópoles, segundo Pacheco (2015, p.1), ressaltam a sua importância “no cenário do direito ao uso dos espaços públicos e de forma mais geral do direito à cidade e o acesso público a estes importantes espaços de construção da cidadania e garantia de direitos”, como também para Melo, Nóbrega e Dias (2012, p. 12), a “presença dos parques, na estrutura urbana das grandes cidades, é importante para a qualidade de vida das pessoas, para a preservação da natureza e configuração espacial”. O presente estudo de caso objetivou analisar se a estrutura de gestão do uso público dos parques urbanos de Carapicuíba, SP, tem proporcionado o acesso às práticas de Atividades Físicas de Lazer (AFL). Procurou-se analisar os quatro parques desse município – Parque dos Paturis, Parque da Aldeia, Parque do Planalto e Parque Gabriel Chucre – quanto ao planejamento, implantação e administração, com a finalidade de verificar se existem formas de participação da comunidade local na estrutura de gestão do uso público. Buscou-se verificar como se dá o acesso às práticas de AFL, como também comparar a estrutura de gestão destas unidades. Deste modo, o presente trabalho combina pesquisa documental e pesquisa bibliográfica para contextualização e caracterização desses espaços e utiliza-se essencialmente do trabalho de campo na pesquisa qualitativa, com técnicas de coleta de dados como a observação participante, e das entrevistas semiestruturadas com moradores de representatividade da comunidade do entorno para coletar dados sobre as suas impressões a respeito da gestão desses equipamentos de lazer. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas aplicadas aos gestores, buscando investigar e apurar quais ações ou programas relacionados às políticas públicas de lazer são executadas nestas unidades para promover as práticas de AFL. A escolha dos sujeitos se baseia pela amostra não probabilística, intencional, por critérios de representatividade e acessibilidade. Analisando-se os materiais coletados, averiguou-se que, perante o poder público municipal, essas áreas abertas públicas são por vezes protegidas unicamente pela legislação, mas no tocante da aplicabilidade dessas leis para estímulo do uso público, ficam desassistidas por esses órgãos municipais responsáveis por tal gestão. Importante ressaltar é a falta e/ou a inoperância dos conselhos participativos desses parques, cujo efeito reflete diretamente na participação do cidadão: após análise de algumas entrevistas, identificou-se pelos relatos dos entrevistados pouca participação ou nenhuma participação em relação à gestão do uso público desses parques e a escassa oferta de programas de AFL condizentes com as demandas regionais. Percebe-se que as políticas públicas de lazer nesse município precisam avançar na questão do uso público, ou seja, aproximar cada vez mais as comunidades locais dessas discussões sobre o uso e a gestão pública nesses equipamentos de lazer.

Palavras chave: Parques urbanos. Uso público. Políticas públicas de lazer.



PESQUISAS EM POLÍTICAS DE ESPORTE E LAZER - REDE CEDES MG

Ana Cláudia Porfírio Couto; Luciano Pereira da Silva; Kátia Lúcia Moreira Lemos; Elisângela Chaves; Hélder Isayama; Silvio Ricardo da Silva; Christianne Luce Gomes; Giselle Helena Tavares; Patrícia Zingoni Machado de Moraes.

acpcouto@gmail.com

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

É inegável o crescimento da produção de conhecimento sobre políticas públicas no Brasil. Seja com destaque para as ideologias que determinados governos adotam, suas políticas de financiamento, estratégias de avaliação ou maneiras de envolver a população no ciclo político. Tradicionalmente, podemos entender política pública como uma estratégia governamental de intervenção, com vistas a resolver algum problema e/ou produzir determinados resultados. O início das políticas de esporte e lazer que abarcavam parcelas significativas da população ocorreu somente nos anos 1940; aliado aos diversos períodos de governos autoritários que o Brasil atravessou, são algumas das causas da percepção de que ainda há certa carência de estudos voltados para esta temática. Nesse sentido, iniciativas direcionadas ao estímulo da produção do conhecimento em políticas públicas de esporte e lazer são muito importantes, sobretudo se baseadas na ampla divulgação do material produzido e no estabelecimento de redes de cooperação que envolvem pesquisadores inseridos em diferentes realidades sociais. É justamente com este perfil que se estabeleceu a ação do Ministério do Esporte denominada REDE CEDES. Neste trabalho, apresentamos a proposta desta ação de fomento e divulgação de conhecimento em políticas de esporte e lazer, com destaque para o trabalho desenvolvido pelo Centro de Minas Gerais, no qual objetivamos apresentar o Centro MG da REDE CEDES e sua atuação no cenário Brasileiro. A REDE CEDES busca, através de pesquisas, a avaliação e aperfeiçoamento da gestão de políticas públicas de esporte e de lazer, e é de responsabilidade do Departamento de Desenvolvimento e Acompanhamento de Políticas e Programas Inter setoriais de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social/DEDAP, da Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social/SNELIS do Ministério do Esporte. Em 2013, foi aberto um edital junto ao órgão de fomento de pesquisa Brasileiro e, em 2014, as ações da Rede foram retomadas e foram realizados eventos e publicações específicas. Em 2015, foi lançado edital público de modo a ampliar a Rede e possibilitar que Centros de pesquisa fossem criados em todos os 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. O Centro MG é formado por uma parceria estabelecida entre sete grupos de pesquisa que se dedicam a estudar as políticas públicas de esporte e lazer nas suas mais variadas manifestações (futebol, saúde, tecnologias sociais e financiamento). A preocupação do Centro perpassa pela necessidade de se conhecer as políticas que são ofertadas na atualidade e como os direitos ao esporte e lazer estão sendo garantidos para a população em geral; além disso, o centro busca atingir grande número de pessoas na divulgação das suas ações, usando as ferramentas das redes sociais que hoje são disponibilizadas, por entendermos que este meio é facilitador e atinge diretamente parcela significativa da população, formada por gestores, profissionais e estudantes das políticas públicas de esporte e lazer.

Palavras chave: Políticas públicas. Esporte. Lazer. Direitos.



PLANEJAMENTO MUNICIPAL PARA POLÍTICAS DE ESPORTE E LAZER EM BH/MG

Luciano Pereira da Silva; Brisa de Assis Pereira; Ludmila Miranda Sartori; Natascha Stephanie Nunes Abade.

ludsartori@hotmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Tendo em vista a necessidade de mais investigações em determinadas políticas municipais, o presente estudo buscou investigar o Plano Plurianual de Ação Governamental (PPAG) e o Plano Estratégico BH 2030 (PEBH), da cidade de Belo Horizonte. O PEBH foi criado em 2009 e trouxe os objetivos estratégicos e metas baseados em indicadores a serem obtidos em 20 anos para a capital mineira. O documento também apresenta um planejamento de curto e médio prazo: o “Programa BH Metas e Resultados”, que possui 12 áreas de resultados e 40 projetos sustentadores – empreendimentos que mobilizam recursos financeiros e humanos para a execução da política municipal. Os projetos sustentadores serão complementados pela elaboração do PPAG, que corresponde ao planejamento estratégico de médio prazo da administração pública municipal. Com vigência de quatro anos, o PPAG inicia-se no segundo ano do mandato do prefeito e termina no primeiro ano da gestão seguinte. Assim, o PEBH se articula com o PPAG através dos projetos sustentadores, integrando os planejamentos de médio e longo prazo. Esses documentos configuram-se como importante fonte para investigações que buscam problematizar as prioridades de cada governo, suas estratégias de trabalho e visões sobre os diversos conteúdos da política. Dessa maneira, o objetivo desta pesquisa foi analisar o planejamento das políticas de esporte e lazer da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte por meio do PEBH e o PPAG. Como metodologia, a pesquisa contou com uma pesquisa documental, tendo como foco os temas esporte e lazer. A análise dos dados buscou identificar como os documentos tratam e propõem as ações relacionadas a esses direitos. Em relação ao documento PEBH, a estratégia de desenvolvimento que trata desses direitos está relacionada aos objetivos gerais que trazem a qualidade de vida e a convivência alegre e saudável. Já no Programa BH Metas e Resultados, dos 40 projetos sustentadores, destacou-se 11 ações e projetos que tinham alguma relação com o objeto de estudo. Contudo, ressalta-se a área de resultado “Cidade de Todos”, pois trouxe de forma direta o esporte e lazer através do projeto “Promoção do Esporte”. Seu objetivo geral tem como enfoque a ampliação e requalificação de equipamentos de práticas esportivas e de lazer. No PPAG, o esporte e o lazer estão contemplados tanto no Projeto Sustentador “Promoção do Esporte e do Lazer”, como no programa “Promoção e Democratização das Práticas de Esportes e Lazer”, que têm como objetivo promover o esporte e o lazer como direitos constitucionais, priorizando o atendimento àqueles com maior vulnerabilidade social. Nos documentos pesquisados, nota-se que o planejamento municipal para o esporte e o lazer focam na manutenção, qualificação e implantação de equipamentos e estruturas. No entanto, são poucas as ações que incluem a animação e apropriação de tais locais. Ressalta-se, também, o lazer vinculado com o discurso da promoção da qualidade de vida e da saúde, o que demonstra que o discurso para a execução das políticas de esporte e lazer ainda precisa ser ancorado em outros direitos e finalidades.

Palavras chave: Lazer. Esporte. Política. Planejamento.



POLICY STUDY OF THE OPENING OF SCHOOL SPORT FACILITIES TO COMMUNITY USE

Patrick WC Lau

wclau@hkbu.edu.hk

Hong Kong Baptist University, Hong Kong Recreation Management Association,
Hong Kong, China.

Currently, the sport and recreation facilities managed by the Leisure and Cultural Service Department, Hong Kong government, are already fully used. Many sport/recreation organizations are lacking venues for athlete training and mass sport participation. This situation has existed for a long time. On the other hand, the school sport venues and facilities are under use off the school time such as after 5pm - in the weekdays and most of the weekends. If these sport facilities can be well organized and used by the sport/recreation organizations, it can help soften the problem and maximize the school sport facilities resources. Consequently, the community can benefit with the existing facilities on sport training and participation. *Approach:* Objectives of the study are: To understand the current situation of the opening of school sport facilities to community use; To explore the barriers and major concerns originated from this issue in schools; To propose recommendations which may provide incentives and comprehensive understanding of the benefits to schools and communities. *Method:* a questionnaire related to the opening of school sport facilities to community use was developed and validated based upon the literature review. Questionnaire content covers the current situation of the sport facilities and venues usage in schools during school time and non-school time; the school concerns when considering the applications from community; what are the possible solutions to eliminate the worries and barriers from school's perspectives? Focus interviews investigated the concern and barriers of schools. Interview questions based upon the findings from the questionnaire analysis. *Participants:* invited 840 primary and secondary schools to respond to the self-constructed questionnaire and the interview. Among them, 16.4% schools returned the questionnaire and four schools accepted the interview. *Conclusion:* 23% of the surveyed schools responded that they are willing to open their sport facilities to community, which is under most advanced cities and regions in the world. In the application cases, 82% of the applications are approved and openness of these schools is demonstrated. Among all the reasons of successful applications, "know the applicants/organizations" is significant to the school's decision. To summarize, the reasons for the approval are: (a) identification of the school's role as a contributor in the community; (b) impacts of the opening on student's learning; (c) legal liability; (d) security and (e) safety considerations. The main reasons for disapproval are: (a) operating resources, (b) legal liability and (c) insurance. *Recommendations:* Government legislation is of great significance, which could reduce schools' hypothetical concerns; financial implication, government should be responsible for the expenditure and schools/sport organizations may apply for funds and share costs as well. Government should provide a template for schools and communities in case of unnecessary apprehension and conflicts. Volunteers could be an effective and efficient option to solve the human resources issue. Liability, security, safety, injury, insurance and so on, need to be dealt with distinctively according to the local features and resources.

Keywords: Recruitment. Human resources. Lifeguards. ARCs.



REGIONAL RECREATION PLANNING IN KENT COUNTY N.B. CANADA

Hubert Roussel; Marc Leblanc.

hubert.roussel@umoncton.ca

Université de Moncton, Moncton N.B., Canada.

Introduction - Many authors (Gold, 1980; Coyler, MacGowan & Skinner, 1997; Nogradi, 2000; Soubrier, 2000; Reid, 2001; Reid, Mair & George, 2004; Choy & Prineas, 2006) have looked at different approaches to planning for leisure, recreation, and tourism. Canadian municipalities developed Master plans for the past 50 years and New Brunswick implemented a leadership program financing such studies in the late 80s. Although a great deal of attention has been given to local planning (municipalities), regional planning has yet to obtain that kind of interest. The Province of New Brunswick took a step in that direction in 2014 when it implemented a program to encourage the new Regional Service Commissions to undertake regional recreation planning. The Kent Regional Service Commission decided to engage in such a planning process in collaboration with its 30 communities that account for a population of 33,000 residents. This paper describes the process and presents the results included in this regional master plan. **Approach** - The recreational needs assessment process involves analyzing the current situation (CS) and desired future state (DFS), and then identifying the need (DFS-CS) and the required actions based on the recommendations. To achieve this, we visited some 120 facilities of all types (sports, tourism and culture) in order to assess their condition (functional, secure, accessible, and esthetic) and we developed an online survey administered to the Kent County population. A questionnaire was also sent via email to a number of the region's associations to create a profile of their financial and human resources, clientele, funding, and challenges. Several consultation meetings (27) were held in each of the communities located in the Kent RSC's Greater Areas. **Conclusions** - We found that the facilities are aging and that some of them are lacking in accessibility. The wish list of new facilities includes an arena, a pool and, a trail. As for usage levels, arenas and community centers are the most popular facilities, followed by trails and regional tourist attractions. The organizations told us about their challenges, which involve funding, volunteer management, and better regional cooperation and collaboration. Concerning communications, the more traditional methods of reaching the public, like newspaper ads and church bulletins, are still used, but contemporary methods like Facebook and websites are increasingly popular. Kent residents' recreation participation rates are similar to other Canadians in terms of type of activity and frequency. Walking, hiking, gardening, and biking top the list. Participation in "passive" activities, such as tablet and computer use, is very high. In terms of governance, the public wants to professionalize the field by hiring a recreation director. They also want to have volunteers better supported. The public would like to be consulted and guided throughout the facility development process and the concept of a fair funding formula is very important. These needs were rewritten in the form of 19 recommendations on governance, facilities, and programs and services.

Keywords: Regional. Recreation. Planning.



RESEARCH ON THE HISTORICAL OPPORTUNITY, CONTEMPORARY PERPLEXITY AND STRATEGY CHOICE OF CHINA E-SPORTS INDUSTRY DEVELOPMENT

Ling Ping; Wei Jia Yue; Cao Hai Fei.

2528555325@qq.com

Hangzhou Normal University, Hangzhou, China.

With the advent of the digital world and the development of artificial intelligence, the demand for diversified life experiences has driven the e-sports industry to surpass the imagination development, in the face of colorful electronic sports. What forces have spawned such a huge market potential? What is the reason that makes the public opinion mixed? Why are there so many people worried about the e-sports game? What kind of factors does still make the governments hesitate to promote the development of this market? What kind of policies should the country put in order to make the electronic sports industry develop healthily? This is an urgent need to explore and must solve the major issues. This paper analyzes the historical evolution and basic *status quo* of the development of e-sports industry in China by using the methods of documentation, expert interviews and Delphi. It also presents the opportunities and market prospects for the development of e-sports industry, and reveals the culture of the development of e-sports industry confusion and constraints. It found out that there still exist the shortage of professionals; the quick replacement and renewal of projects; the short effective period of value; the instable industrial chain; the imperfect operation and management mechanism of clubs; the lack of complete and unified rules and standards in the industry. The traditional cultural forces have a deviation in the understanding of e-sports and the lack of influence of national culture in e-sports projects in the development process of e-sports industry in China. It also reveals the main restricting factors of the development of the e-sports industry in China though comparing with the main experience of the United State, South Korea and United Kingdom. The author of this paper explores the strategic positioning and development goals for e-sports industry in China and presents the basic strategies as follows: 1. to strengthen the cooperation with the International Olympic Committee, the Olympic Council of Asia, the different international sports individual Association. 2. To establish a review committee for e-sports programs; 3. Strengthen the protection of intellectual property; 4. Develop rules and regulations to punish misconduct in e-sports competitions; 5. To expand the mainstream media for e-sports projects publicity; 6. Government departments should strengthen the management of the network of cultural markets in order to provide the basic idea for the healthy development of China's e-sports industry.

Keywords: E-sports industry. Historical Evolution. Constraints. Basic strategy.



THE CONTINUING STRUGGLE FOR LEISURE TIME

Anthony J. Veal

Tony.Veal@uts.edu.au

University of Technology Sydney, New South Wales, Australia.

1. Introduction. The early phases of leisure studies, in the 1960s and 1970s, arose as a result of the achievements of generations of workers and reformers in Western industrial societies who had struggled to wrest free time from the industrial system. At the time, it was even believed by some that such societies might become 'societies of leisure'. In the 1980s and 1990s, scholars such as Benjamin Hunnicutt and Juliet Schor informed the leisure studies community that this struggle appeared to have reached a stalemate. Working hours were no longer falling; in some cases, they were increasing. The response of leisure studies scholars was seemingly to lose interest in the topic of the relationship between work and leisure time and to turn their attention to the study of the experience of leisure activity at the micro-level, involving individuals and groups defined by such factors as gender, age and ethnicity. The result has been a tendency to focus on what Kenneth Roberts has referred to as 'little leisure', to the neglect of broader societal issues. Meanwhile, by the mid-1990s, other commentators were talking of a 'time bind' and 'overwork' on one hand and 'the end of work', 'the jobless future' and the 'post-work society' on the other. More recently, concerns raised about under-employment and the rise of the 'precariat'. These issues have arisen partly as a result of recurrent economic crises, from the oil-price increases of the 1970s and 1980s to the 2008 financial crisis. They are also seen as partly the result of long-term structural tendencies such as globalization of labor markets, technological change and the growth in the power of capital relative to labor. In response, numerous groups have begun to renew the call for reductions in working hours together with, in some cases, reform of industrial relations regimes and the institution of a universal basic income. These groups include economists concerned about the long-term sustainability of the economic system and the impacts of automation; feminists concerned about the unequal distribution of paid and unpaid work. In addition, environmentalists arguing that reduced working hours could slow the future rate of economic growth and therefore relieve pressures on the environment; and various activist groups concerned with aspects of the quality of life. It is notable, however, that leisure scholars have been largely absent from this movement. **2. Approach.** The paper surveys the current state of the 'struggle for leisure time' drawing on some 30 sources calling for reductions in working hours published since 2000. **3. Conclusion.** The paper argues the case for leisure scholars to resume their involvement with work/leisure time issues.

Keywords: Working Hours. Leisure Time. Future of Leisure Studies.



TEMA 2
LAZER, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO
LEISURE, ACCESSIBILITY AND INCLUSION
OCIO, ACCESIBILIDAD E INCLUSIÓN



ACESSIBILIDADE EM ESPAÇOS DE LAZER DE CAXIAS DO SUL-RS

**Bruna Tronca; Jacqueline Corá; Pedro Alcântara Bittencourt César;
Caroline Peccin; Júlia Altmann.**

bruna.tronca@hotmail.com

Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

Os novos modos de vida da população podem ser situados, em sua maioria, no contexto urbano. Nas cidades, os espaços públicos abertos permitem a prática da cidadania, do bem-estar, da liberdade e da sociabilidade da vida coletiva. Neles podem-se desenvolver atividades voltadas para o lazer, como a prática de esportes, o contato com a natureza e para o turismo, proporcionando a integração de diferentes públicos. Dessa maneira, estes espaços devem garantir o uso e a acessibilidade a todas as pessoas, independentemente de suas habilidades ou características físicas. Para que possam ser usufruídos por todos, é necessário que os projetos e, conseqüentemente, seus equipamentos, considerem a acessibilidade universal. Este estudo tem por objetivo avaliar a questão da acessibilidade em praças e parques localizados no município de Caxias do Sul-RS. Define-se como recorte geográfico a área urbana central da cidade, mais precisamente o primeiro anel viário. Esses locais – Praça João Pessoa, Praça Dante Marcucci, Praça Dante Alighieri, Parque Municipal Getúlio Vargas, Parque Monteiro Lobato – caracterizam-se por espaços de lazer e podem ser considerados de relevância em relação a outros espaços abertos da cidade. Esta pesquisa caracteriza-se por um estudo exploratório de caráter qualitativo. Para tanto, realiza-se o mapeamento e o levantamento de dados nos locais, através da observação direta, de registros fotográficos e da montagem de um roteiro de inspeção baseado no modelo sugerido pelo Ministério do Turismo. A acessibilidade, a partir da definição apresentada por instrumentos legais do governo federal, pode ser considerada a condição necessária para uso de espaços, equipamentos urbanos, mobiliários e edificações, por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, de maneira segura e autônoma, sem que existam barreiras ou discriminações. Através de espaços universalmente acessíveis, permite-se o uso diverso e o lazer de todos os indivíduos ou grupos sociais, usufruindo de seus direitos e a igualdade de oportunidades. Os locais analisados podem ser classificados em dois tipos de ocupação: de lazer/recreação – pela existência de áreas esportivas e/ou *playgrounds* – e de lazer/contemplação. Neles, identifica-se a acessibilidade parcial, tanto para os passeios, quanto para a sinalização e o mobiliário. Identifica-se o caso mais crítico no Parque Monteiro Lobato, onde a pavimentação, os acessos e os desníveis internos prejudicam sua ocupação por pessoas com deficiência – seja intelectual, visual, auditiva ou física/motora; ou ainda com mobilidade reduzida – a saber: idosos, gestantes, lactantes, obesos, pessoas com criança de colo. As praças Dante Alighieri, João Pessoa e Dante Marcucci caracterizam-se por uma topografia mais plana. Percebe-se na maioria dos espaços de lazer analisados a existência de pavimentação adequada, de rampas para rebaixe de calçadas, de banheiros acessíveis. Apenas na Praça Dante Alighieri encontra-se um trecho do passeio público com piso tátil, sendo este um recurso ainda insuficiente. Como considerações finais, aponta-se que ainda há um longo percurso de conscientização e adaptação para a eliminação de barreiras – tanto físicas quanto atitudinais, para que o lazer e suas atividades nesses locais possam ocorrer de forma independente, confortável e segura por todos os usuários.

Palavras chave: Acessibilidade. Lazer. Espaços abertos. Caxias do Sul-RS.



BASQUETE/HANDEBOL DE CADEIRA DE RODAS: OPÇÃO DE LAZER PARA CADEIRANTES

**Christian Martins dos Santos; Silvana dos Santos; Giuliano Gomes de Assis Pimentel;
Décio Roberto Calegari.**

silsantos2611@outlook.com

Universidade Estadual de Maringá; União das Faculdades Metropolitanas de Maringá,
Paraná, Brasil.

O Programa de Atividade Física Adaptada – PROAFA/UEM é um projeto de extensão vinculado ao curso de Educação Física, cuja finalidade está centrada na inclusão, valorização social, saúde e qualidade de vida para pessoas com deficiência. O projeto oferece práticas e treinamentos de onze modalidades: 1. Bocha paraolímpica; 2. Basquetebol em cadeiras de roda; 3. Artes cênicas adaptada; 4. Goalball; 5. Handebol em cadeiras de roda; 6. Handebol para deficientes intelectuais; 7. Natação adaptada; 8. Voleibol sentado; 9. Tênis de mesa; 10. Esgrima em cadeiras de roda; e 11. Tênis de campo. Embora o projeto de extensão PROAFA/UEM caracteriza-se como um facilitador da inclusão esportiva para pessoas usuárias de cadeiras de roda, também pode ser compreendido numa perspectiva para/no lazer, ao postularmos que tais práticas esportivas podem ser vivenciadas no tempo livre dos atletas, sem o interesse de treinamento (tempo formal), mas como um momento propiciador de ludicidade, entretenimento e prazer (tempo informal), indo ao encontro dos preceitos estabelecidos por Dumazedier (1979) no que se referem os interesses culturais do lazer. Especificamente neste recorte, trataremos das especificidades resultantes dos treinamentos de Basquete/Handebol para usuários de cadeira de rodas. Embora Rittner (2009) elucide o esporte como fator de integração e inclusão social, é perceptível que práticas esportivas transcendam o caráter físico/esportivo, pois, em momentos destinados para/no lazer, estas mesmas modalidades podem ser praticadas a partir de adaptações quanto às regras, atendendo a demanda local e público alvo. Neste aspecto, os participantes do Projeto PROAFA/UEM referenciam a voluntariedade da prática, o prazer lúdico, a descontração, o entretenimento, entre outras características vinculadas diretamente com o lazer destes indivíduos. Frente as primeiras colocações, o objetivo do estudo consistiu em discutir a relação do lazer advindas das práticas paradessportivas ofertadas aos atletas do projeto de extensão PROAFA/UEM. Tomou-se como ponto de partida o estudo descritivo de cunho qualitativo. Especificamente no projeto de extensão PROAFA/UEM, há uma demanda de atletas que se mostram interessados pelas modalidades e procuram pelos treinos. Esse mesmo grupo também utiliza seu tempo livre para socializar com outros deficientes em partidas de basquete sem o intuito competitivo. Não se pode negar que ações voltadas às especificidades esportivas com cadeiras de rodas possibilitam a integração/sociabilização de deficientes praticantes de HCR e Basquetebol nos diferentes papéis sociais. Assim, pode-se concluir que a eficácia dos treinos não se fortalece apenas na melhoria dos aspectos sociais, intelectuais e físicos por meio do esporte de auto rendimento, mas principalmente na valorização do sujeito e as relações que frutificam por meio do lazer.

Palavras chave: Deficientes. Lazer. Esporte.



LAZER E ACESSIBILIDADE CULTURAL: MOBILIDADE NO ENTORNO DE ESPAÇOS CULTURAIS

Luiz Felipe Mendes de Oliveira

luizfelipe@usp.br

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil.

O público de pessoas com deficiência é um público expressivo na sociedade para acesso ao lazer, turismo e serviços culturais. Segundo censo do IBGE (2010), 45,6 milhões de pessoas declararam ter ao menos um tipo de deficiência, correspondendo a 23,9% da população brasileira. As variáveis consideradas por esse tipo de público para passeios e atividades de lazer incluem aspectos de mobilidade, transporte e acessibilidade atrativos. Há catalogados no cenário cultural da cidade de São Paulo 251 espaços – em um total de mais de 1.000 – que já possuem algum tipo de acessibilidade parcial ou a todos os tipos de deficiência (IMG, 2013). Essa acessibilidade alcança programação, adaptações em estrutura interna e minimamente pessoal capacitado, carecendo as áreas externas, entorno e vias de acesso. A partir da observação de acessibilidade a museus e espaços culturais da cidade, com base na experiência e atuação profissional na área de educação em museus acompanhando as ações de acessibilidade nos equipamentos, propõe-se a discussão sobre as informações e normativas técnicas sobre o entorno, trajeto e mobilidade até os espaços culturais, complementar às políticas e ações de acessibilidade já praticadas internamente e como instrumento de gestão da acessibilidade no que se refere à mobilidade. Acompanhando as programações dos espaços culturais, o levantamento da acessibilidade nos mesmos e observando a adesão dos grupos às atividades, observou-se que o acesso livre e autônomo da pessoa com deficiência ao lazer e à cultura implica não só em acesso à programação e equipamentos, mas a vias de acesso do entorno e dimensões mais amplas como locomoção, atitudes inclusivas (acessibilidade atitudinal) e acessibilidade da informação. Importante destacar, das ações inclusivas, a mediação de obras acessíveis que museus têm promovido nos últimos tempos por meio das propostas de mediação e ação educativa acessíveis. O objetivo desse relato é promover a reflexão sobre acessibilidade cultural para além dos muros institucionais, ampliando as dimensões de acesso à cultura na cidade pela mobilidade autônoma. Percebe-se que os equipamentos e as discussões no âmbito da museologia estão cada vez mais articulados em promover visibilidade para as Pessoas com Deficiência. Exemplo disso são os eventos como a *Virada Inclusiva* e o *Setembro Azul* e o equipamento dedicado a esse público, o *Memorial da Inclusão*. A continuidade dessa reflexão perpassa a expansão para aspectos inerentes à política pública de acessibilidade em calçamento e transporte público, por exemplo, mas também aos espaços, a manutenção de estacionamentos, vias de acesso pelo entorno, área externa e sinalização. A sistematização de um instrumento ou metodologia capaz de diagnosticar e servir para o planejamento de políticas institucionais e públicas de mobilidade acessível é uma propositiva em construção. A reflexão enseja uma noção sobre a acessibilidade cultural, expandindo suas fronteiras para além dos muros institucionais, considerando a autonomia como política de cidadania para o lazer e cultura.

Palavras chave: Lazer. Inclusão. Acessibilidade cultural. Mobilidade.



LAZER EM UM MUNDO SEM SOM

Amanda Victoria Vicente; Rita de Cássia Giraldi.

rgiraldi@usp.br

Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, EACH-USP,
São Paulo, Brasil.

A presente pesquisa aborda um estudo de caso sobre a acessibilidade ao lazer para os deficientes auditivos nos equipamentos públicos do município de São Paulo, a fim de observar se o lazer é realmente acessível para todos. Para a obtenção das informações foi necessário usar uma plataforma online para coleta de dados, somada a visita in loco e o contato com funcionários dos equipamentos selecionados. Verificou-se o uso dos locais pela comunidade surda e se, de fato, há inclusão dos surdos nos equipamentos culturais pré-definidos para o estudo, assim como há para os ouvintes; analisar leis que asseguram o lazer e a inclusão em locais públicos; analisar as atividades de lazer proporcionadas nos espaços e equipamentos selecionados e, se as mesmas atraem os deficientes auditivos. Para fundamentar a base teórica, a revisão bibliográfica e mapeamento dos espaços e equipamentos de cultura no município de São Paulo foram feitos através de consultas a sites de órgãos públicos. Realizamos uma análise da legislação atual, ressaltando o que nossa Constituição assegura aos deficientes auditivos e seus direitos perante o lazer, o que possibilitou uma reflexão acerca da disponibilização de estrutura adequada nos equipamentos de lazer elegidos para esta população em especial. Através do estudo de espaços e equipamentos de cultura, realizamos um levantamento por meio da ferramenta do módulo Mapa da Cultura, sobre a real acessibilidade para o público alvo desta pesquisa. Após este levantamento, foi detectado que o município de São Paulo possui 453 espaços voltados para cultura (sendo que 22 desses não possuem endereço confirmado) e 79 deles possuem algum tipo de acessibilidade. Com a sistematização de dados coletados foi viável verificar a quantidade de espaços que possuem caráter integrador e acessível à comunidade surda. A partir disto, foram realizadas entrevistas nos sete equipamentos culturais restantes buscando compreender, segundo os mesmos, como funciona o oferecimento de atividades, eventos e oficinas para os surdos e se a oferta destas é favorável para atraí-los. A partir do conhecimento sobre a legislação do lazer que diz ser uma obrigação constitucional dos órgãos e entidades do Poder Público assegurar o pleno exercício às pessoas com deficiência de seus direitos básicos e garantidos pela Constituição Federal Brasileira de 1988, concluímos que o lazer é um direito de todos, contudo, essa diretriz não é colocada em prática, já que, dentre 453 equipamentos públicos de SP, segundo o Mapa da Cultura, apenas sete possuem alguma acessibilidade para os deficientes auditivos. Dos dados coletados na pesquisa pudemos perceber que, em sua maioria, os espaços e equipamentos são mais acessíveis para deficientes físicos ou com mobilidade reduzida. Não há procura pelo público surdo e, também, não há oferta de atividades nos equipamentos que se dizem acessíveis. Após análise respectiva à coleta de dados, foi possível verificar que a inclusão efetiva ainda é uma utopia, seja por parte do governo e no oferecimento de atividades em locais de âmbito público e divulgação das mesmas, como também por interesse e busca pela parte do público surdo.

Palavras chave: Lazer. Acessibilidade. Deficientes auditivos.



LAZER, INCLUSÃO, AUTONOMIA: PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Vânia Lúcia Girardi; Simone Rechia.

girardivania@gmail.com.br

Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil.

O objetivo desta pesquisa foi analisar as ações nas políticas públicas de inclusão direcionadas ao lazer da pessoa com deficiência intelectual na cidade de Curitiba, PR, Brasil e verificar se estas repercutem nas atividades de lazer do grupo *Amigos do Handebol*. Fez parte o grupo *Amigos do Handebol*, composto por 14 homens com deficiência intelectual, 13 responsáveis, quatro pedagogas e seis gestores da Prefeitura Municipal de Curitiba. Procurou-se levantar dados sobre as ações nas políticas públicas de inclusão voltadas para o lazer da pessoa com deficiência intelectual em Curitiba; descrever as práticas cotidianas de lazer dentro e fora do espaço escolar dos participantes; discorrer acerca das barreiras e facilitadores para as práticas tempo/espaço/lazer; e analisar as possibilidades de lazer do grupo relacionadas às ações nas políticas públicas de inclusão. Através de uma pesquisa-ação de forma qualitativa, os dados foram coletados com a observação do grupo *Amigos do Handebol*, anotações em diário de campo durante 12 encontros em 2016 em uma praça e um parque de Curitiba, entrevistas semiestruturadas com 37 participantes do estudo e busca no site da Prefeitura Municipal de Curitiba sobre lazer e inclusão referente ao período 2013-2016. A análise foi realizada a posteriori, com levantamento de categorias temáticas e cruzamento de dados de forma interpretativa embasada nas teorias de Michel de Certeau, Paulo Freire e Milton Santos. Concluiu-se que as ações implementadas no período de 2013-2016 do plano *Curitiba Mais Humana Mais Inclusiva* repercutiram de forma inexpressiva para o grupo *Amigos do Handebol*, visto que as oportunidades de lazer relatadas nas entrevistas pela maioria deles apontam a participação em ações destinadas às escolas especializadas, configurando-se em atividades integrativas entre pessoas com deficiência, evidenciando um caráter não inclusivo. Há no cotidiano do referido grupo barreiras e facilitadores que repercutem no acesso ao lazer, como a acessibilidade, conhecimento e informação sobre os direitos e serviços, os transportes, a autonomia, condições financeiras, invisibilidade da deficiência, formação profissional, que dificultam ou impedem a inclusão nas práticas de lazer com os demais cidadãos nos espaços da cidade. A pesquisa-ação possibilitou ao grupo *Amigos do Handebol* desenvolver a autonomia a partir da aprendizagem de novos trajetos, escolha e proposição de práticas corporais, utilização da tecnologia de informação e comunicação escrita e em áudio com a criação de um grupo no *WhatsApp*, aumento do número de encontros previstos, participação em momentos inclusivos na praça, novas vivências em grupo com passeios após os encontros. O lazer como direito social e dimensão da vida pode ser efetivado, desde que observados os dispostos na Lei Brasileira de Inclusão, com um modelo social da deficiência baseada nos direitos humanos. Nesse sentido, olhar outras dimensões da pessoa com deficiência intelectual a partir de uma educação para a inclusão e pela inclusão, através do lazer nos espaços públicos, pode ser um caminho e uma ferramenta de autonomia ao proporcionar o exercício da liberdade de escolha e o convívio com a diversidade.

Palavras chave: Lazer. Políticas públicas. Inclusão. Autonomia. Deficiência intelectual.



LEISURE NEEDS AS PERCEIVED AND EXPERIENCED BY DEAF ADULTS

Malema Makhaya Johannes; Weilbach Johannes Theron; Watson Francois.

malema.makhaya@gmail.com

North West University, Potchefstroom, South Africa.

Introduction - Leisure services are introduced to communities, to develop and maintain health, wellness and quality of life for all people. Deaf people are often victims of marginalization in terms of mainstream activities, including recreation and leisure, resulting in unique leisure needs and experiences. In South Africa, despite the equal rights of access to leisure and recreational opportunities, persons with disabilities are deprived the opportunity to participate in recreational activities. However, leisure and recreation providers need to anticipate the needs of people with disability, as failure to do so may create unwelcoming and uncomfortable environments that can exclude people with disabilities. It is noted that the needs of people with disabilities, as far as leisure and recreation are concerned, comprise of thoughtful and inclusive leisure services. It is important for leisure service providers to avoid the one-size-fits-all criteria, as this marginalizes people with disabilities in terms of their leisure choices. **Approach** - The purpose of this study was to explore leisure needs and experiences of Deaf adults in the North West Province. A qualitative research design, utilizing face-to-face, semi-structured interviews, followed to collect data from 13 young Deaf adults. The study strictly focused on Deaf adults with severe or profound hearing loss. Individuals with additional medical conditions or forms of disability were excluded from the study, because their additional disabilities may have an influence on their leisure needs and experiences. Average time for the interviews was 50 minutes. In each interview, a qualified sign language interpreter was present, specifically trained for this study, to ensure that communication was feasible between the researcher and the participants. Ethical clearance was obtained from the NWU Ethics committee (NWU-00081-15-A1). From the transcribed interviews, four (leisure meaning, leisure participation activities, leisure activities encounter experiences and need for diverse activities) themes were generated. The results showed that for leisure meaning, Deaf adults perceived it as being an activity, time, and an experience. Furthermore, leisure participation activities, such as soccer, swimming, chess, rugby, and athletics, were the main activities engaged in by Deaf adults. Additionally, positive and negative experiences encountered by the participants included enjoyment, a sense of expressing themselves and anger. Lastly, the participants were of the opinion that more leisure activities, such as having a barbeque, going to the movies, socializing, engaging in hula-hoops, travelling overseas and playing, should also be included to satisfy their leisure needs and levels. **Conclusion** - The study concluded that all-inclusive leisure activities that could lower the levels of vulnerability in Deaf persons should be established. In conclusion, marginalization of Deaf adults is not justifiable, as evident from the results of the study and the experiences derived from participating in leisure activities.

Keywords: Deaf adults. Leisure. Leisure experience. Leisure needs.



PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA BRINCAR: LUDICIDADE E INCLUSÃO

Fabia Tuchsznajder Campos; Eleni Paparounis; Dagmar Maria Gomes da Silva.

fabia2014campos@gmail.com

Centro Universitário Senac, CAS, São Paulo, Brasil.

O Projeto de Extensão Universitária Brincar: Ludicidade e Inclusão é norteado no conceito de inclusão social e intelectual, voltado para um público infantil ou juvenil com ou sem algum tipo de deficiência, podendo ser motora e/ou cognitiva, através do lúdico e do lazer. A ludicidade pode ser considerada um dos elementos da educação, pois faz parte da evolução humana, através das interações sociais, da apropriação da cultura e do desenvolvimento motor, como esclarece Rau (2012). O compartilhar dos conhecimentos de forma lúdica também possibilita a ampliação da criatividade, da afetividade e da sensibilidade dos alunos. Os conceitos de jogo, brinquedo e brincadeira acompanham desde cedo a criança e a preparam para o mundo adulto. É por meio do brincar que se faz o ensaio para enfrentar as situações do dia a dia, como exemplifica Huizinga (2000) quando comenta sobre as brincadeiras de luta entre os filhotes no reino animal, os preparando para a caça quando adultos. O projeto se fundamenta no conceito de zona de desenvolvimento proximal cunhado por Vygotsky (1987), que estabelece uma intersecção entre a solução de problemas de forma independente e com a orientação de um adulto ou colaboração de companheiros mais capazes. Portanto, leva-se em consideração a potencialidade do educando e a possibilidade de superar obstáculos e enfrentar desafios. Desde 2008, o projeto tem seu foco no pensamento do Design Social proposto por Victor Papanek e entende que a sala de aula não é o único contexto no qual ocorre a aprendizagem. A metodologia aplicada é da pesquisa ação, na qual há uma estreita relação entre a ação e a resolução para demandas específicas, como jogos, brinquedos e livros multissensoriais em parceria com instituições da comunidade. O Projeto Brincar propõe o desenvolvimento de produtos de forma coletiva e multidisciplinar envolvendo alunos de design gráfico, design industrial e design de moda – modelagem, compartilhando saberes adquiridos durante o curso. Cada um contribui com suas áreas de conhecimento, entretanto, existem vários pontos de convergência e a busca por esses pontos são motivos de integração. Os alunos dedicam 16 horas semanais, das quais quatro horas são presenciais, onde ocorrem os momentos de trocas de informações, busca coletiva de soluções e ideias. No ano de 2017, o parceiro foi o Lar Escola AACD, uma escola certificada de fundamental 1, cujos alunos, entre 11 e 17 anos, são cadeirantes com paralisia cerebral. A instituição recebeu uma biblioteca itinerante composta de um móvel desenvolvido pelos alunos do design industrial e moda, livros em substratos diversos e temas variados concebidos e executados pelos alunos do design gráfico e moda, além de objetos complementares e suportes para leitura vertical. Foram beneficiados 60 jovens e suas famílias, professores, cuidadores e voluntários. O Projeto Brincar levou em consideração as necessidades e potencialidades desses jovens, inclusive o lema da AACD: “não faço por você, mas faço com você”.

Palavras chave: Inclusão. Lúdico. Paralisia cerebral. Design. Lazer.



RECREACIÓN INCLUYENTE: UNA APUESTA DE CIUDAD

María del Amparo Wiswell Arevalo

mwiswellarevalo@gmail.com

Instituto Distrital de Recreación y Deportes – IDRDR – Colômbia.

En esta ponencia se comparte una experiencia de más de 20 años que evidencia el papel de la recreación en los procesos de inclusión y los logros del programa Recreación Incluyente al diseñar un proyecto sostenible iniciado desde 1996, en el IDRDR, entidad responsable de ofertar a la comunidad de Bogotá D.C. actividades deportivas y recreativas. El programa está orientado a brindar a la población con discapacidad el acceso a actividades recreativas soportado en el reconocimiento de habilidades y capacidades de las personas con discapacidad - PCD, identificándolas como sujetos de derecho, capaces de aportar a la construcción de ciudad. El planteamiento inicial de actividades buscó crear una propuesta que facilitara el acceso y disfrute de la población, además de trabajar en el posicionamiento de la recreación como acción complementaria del deporte, que fue el interés de los ciudadanos. Se definieron entonces cuatro pilares de la acción: Capacidades, Habilidades, Oportunidades y Participación ciudadana. Entre 1996 y 2006 se trabajó en la estructuración de actividades recreativas que respondieran a las inquietudes y expectativas de los usuarios, lo prioritario fue establecer en el imaginario tanto institucional como ciudadano el RECONOCIMIENTO de las habilidades y capacidades de las PCD. Simultáneamente, el IDRDR inicia su participación como actor relevante en el Sistema Distrital de Discapacidad - SDD, aportando iniciativas para el trabajo articulado entre las diversas instituciones de gobierno integrantes del mismo, tomando como base las acciones recreativas. En el 2007, se define la estrategia central que soporta el programa: ACCIONES RECREATIVAS BASADAS EN COMUNIDAD, la cual alimenta el proceso de transformación de imaginarios y la gestión orientada al desarrollo de un modelo que incorpore las iniciativas ciudadanas a las acciones recreativas, tomando como base sus realidades, necesidades y expectativas para facilitar la inclusión recreativa. En la actualidad el programa ha logrado definir dos procesos de intervención: comunitaria y familiar desde los cuales se soportan las tres columnas del proceso recreativo: 1) Promoción de actividad física, 2) Desarrollo de hábitos de vida saludable y 3) Fortalecimiento de competencias para la vida, las cuales son alimentadas por actividades recreativas diseñadas con base en el análisis de los territorios y las iniciativas de la comunidad usuaria para caminar hacia el reto de estructurar un modelo de atención denominado RECREACIÓN A TU MEDIDA. A manera de conclusión: a) Se han fortalecido los procesos de reconocimiento de habilidades y capacidades y el de transformación de imaginarios, al contar con una participación más consciente y exigente por parte de la comunidad usuaria; b) La Recreación Familiar ha permitido el acceso e inclusión de PCD que por condiciones particulares, de ubicación geográfica o de condición socio económica no pueden acceder a espacios recreativos comunitarios; c) Se cuenta con dos gimnasios recreativos dotados con máquinas de última tecnología para el fortalecimiento de habilidades y capacidades de las PCD, sus familias y cuidadores; d) Articulación con el SDD, a través de la oferta acciones integrales a la comunidad con discapacidad, familias y cuidadores facilitando la gestión en red.

Palabras clave: Inclusión. Reconocimiento. Transformación. Recreación.



VIRTUAL SAILING FOR PEOPLE WITH DISABILITIES

Stephen Anderson; Cari Autry.

stepande@fiu.edu

Florida International University – USA.

Leisure constraints such as socio-economic status, accessibility, and physical limitations often prevent people with disabilities from full participation. Identifying leisure constraints and overcoming barriers results in more access to and participation in leisure activities for people with disabilities. Sailing is pursued for both recreation and competitive sport purposes. Participation in sailing by people with disabilities is regarded as having positive outcomes on their quality of life (Recio, Becker, Morgan, Saunders, Schramm, McDonald, 2013). However, evidence-based research is lacking. Common constraints to sailing by people with disabilities are: knowledge and skill of sailing, access to sailboats, swimming skills, financial resources, and the perception that sailing is elitist and dangerous. As such, persons with disabilities typically do not choose sailing as a leisure activity or sport. Simulation, however, can assist people with disabilities with accessing various leisure activities, learning specific skills, and transitioning into real life participation. Virtual reality sailing simulators (VRSS) have the potential to bridge the gap between dry land and on-the-water sailing for persons with disabilities. It is hypothesized that participation in a VRSS will result in an increase in participants' simulator sailing score, which is the competence level required for on-the-water sailing, and their quality of life (QOL) score. Participants will engage in a program one hour per week for 12 weeks, which targets virtual reality sailing and quality of life for people with spinal cord injuries. Participants will be assessed using a battery of physical and neurologic indicators during each session as they relate to physical and cognitive skills used to sail the simulator, sailing competency tests, and feedback from the score sheets. Participants will complete the Spinal Cord Injury Quality of Life Questionnaire (SCI QL-23) before the VRSS program begins and immediately following the final session. The SCI QL-23 is a 23-item health-related QOL questionnaire. It is a weighted scale, aggregate score: overall rating of life situation, physical and social limitations, distress and depressive feelings, and perceived loss of independence and other issues relating to injury. Participants will also be interviewed before and after the program regarding their perceived constraints and personal benefits to sailing. Both quantitative and qualitative measures will be repeated 3 months, 6 months, 12 months, and 18 months following the VRSS program to assess any integration into sailing and/or the sailing community, sailing competency skills, constraints/outcomes, and quality of life. Participants' SCI QL-23 scores and session assessment data will be analyzed using SPSS software. Qualitative data will be analyzed using NVivo software. Various coding methods will be applied including Attribute Coding, Provisional Coding, In Vivo Coding, and Eclectic Coding.

Keywords: Leisure Constraints. Access. Virtual Sailing. People with Disabilities.



TEMA 3
LAZER PARA CRIANÇAS E JOVENS
LEISURE FOR CHILDREN AND YOUTHS
OCIO PARA NIÑOS Y JÓVENES



A MODEL OF ADOLESCENTS' SELF-EXPLORATION IN LEISURE

Atara Sivan; Vicky Chiu-Wan Tam; Gertrude Po-Kwan Siu; A. Robert Stebbins.

atarasiv@hkbu.edu.hk

Hong Kong Baptist University, Hong Kong; Calgary University, Canada.

Leisure is a significant domain in adolescents' lives, which can contribute to their identity development and personal growth. Engagement in leisure activities provides youngsters with the opportunities to involve in a process of exploration that is at the heart of identity formation. This paper presents a model of self-exploration in leisure that involves an ongoing process of self-discovery, self-construction and appraisal. The model comprises seven components of leisure pursuit, namely investment, positive and negative affect, obstacles to activity pursuit, desires, personal gains and recognition of own character. Adolescents are committed to leisure activities in terms of time, effort, and energy. In pursuing their most important and interesting leisure activity, they experienced pleasant and unpleasant emotions and faced some hurdles. Activity pursuit enhancing adolescents' learning, and broaden their self-awareness while providing them with a platform for unitizing and expressing potentials. Increased self-understanding also facilitates adolescents' planning for future. Self-exploration is evident in adolescents' choice of activity, commitment to the choice, awareness of outcome resulted from activity pursuit, and constant appraisal of current activity engagement with the formulation of corresponding future plans. Engagement in leisure is considered as social environment in which adolescents are exposed to new role models, experience new activities, encounter novel ideas, and engage in social interaction with adults and peers. Adults like coaches, instructors and seasoned co-participants help to scaffold adolescents' exploratory journeys. This model was developed based on an empirical study on leisure pursuits involving Chinese adolescents in Hong Kong. The Serious Leisure Inventory and Measure (SLIM) was distributed to 1110 senior secondary school students of 10 schools geographically distributed around Hong Kong. When completing the questionnaire, students were asked to refer to their most important and interesting leisure activity. Using purposeful sampling based on the criteria of gender, type of activity, duration of engagement and the overall SLIM score, 75 students were invited to participate in individual interviews. Employing a phenomenological research design, face-to-face in-depth, semi structured interviews were conducted to understand students' leisure pursuits and to find out the manifestation of self-exploration in such pursuits. Coding and theme analysis were performed to map out students' leisure pursuits and identify the essences of self-exploration in these pursuits. This paper discusses the significance of this model in students' packed schedule of mandated activities that provide few opportunities for self-direction and initiative. Recommendations are made to incorporate such model into leisure education programs within educational settings.

Keywords: Adolescence. Self-exploration. Leisure. Hong Kong.



A TRANSMISSÃO CULTURAL DA BRINCADEIRA PAPAGAIO DE PAPEL EM MANAUS

Joise Simas de Souza Mauricio

joise.simas@gmail.com

Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Manaus, Amazonas, Brasil.

O papagaio de papel, aliado ao antigo desejo do homem, o de voar, buscou seu lugar em cada canto do mundo, portanto, cultural e intercultural, que com o passar dos anos se tornou um objeto de diversão de crianças e adultos, sendo um dos locais de prática a rua, que por sua vez está entre os espaços para a vivência do lazer no tempo livre. Segundo Pinto e Lopes (2009, p.867), a rua “se apresenta como espaço de transição entre casas, escolas e praças e também como um lugar de especificidade própria, onde acontecem eventos e relações sociais diversas, envolvendo adultos e crianças”, funcionando como redes de sociabilidade. Estes espaços, de acordo com Marcellino (2006, p.40), estão cada vez mais escassos, principalmente nas capitais brasileiras, devido à expansão das cidades, o que causa uma redução nas áreas livres para o lazer. Como se não bastasse a perda de espaço, a vivência do lazer através de brincadeiras tradicionais vem se tonando cada vez mais rara, tendo seus lugares assumidos por novas formas de brincar, principalmente durante a infância, dominada pelos brinquedos industrializados. Diante disto, esta pesquisa teve como objetivo demonstrar a importância da transmissão cultural do papagaio de papel por parte dos adultos para pessoas mais jovens. Para isto, foi realizada uma pesquisa de campo que se configura em um Estudo de Caso no bairro Cachoeirinha, em Manaus, na qual foram entrevistados 30 indivíduos adultos, maiores de 18 anos, por meio de um formulário semiestruturado. Os resultados nos remetem às características de uma brincadeira tradicional, tais como sua transmissão através da oralidade de geração para geração ocorrendo ainda na infância. Dos entrevistados, 21 têm filhos, mas somente oito empinam papagaio junto com os filhos. A liberdade de escolha pela atividade a ser realizada em seu tempo livre foi evidenciada ao justificar os que não empinam. Todos os entrevistados afirmaram ter tido seu primeiro contato com o papagaio de papel nesta fase da vida, sendo que oito entrevistados relataram que isso se deu antes dos quatro anos de idade, entretanto, todos declararam ter aprendido empinar papagaio com menos de 13 anos, sendo que este “aprendizado” se deu através da observação (56%) ou com outras pessoas, geralmente parentes próximos, entre eles o pai (17%), irmão (13%), tio ou primos (14%). No entanto, aqui parece não só ser importante a figura paterna como também a presença de uma pessoa mais velha no que diz respeito à experiência. As redes de sociabilidade permitiram o aprendizado não só com os parentes mais próximos como também olhando outras pessoas brincarem na rua. Concluímos através dos relatos dos entrevistados que o papagaio já não está mais tão presente no cotidiano de seus filhos ou parentes ainda em idade infantil, pois as crianças de hoje têm novas formas de brincar, preferindo outros brinquedos mais modernizados e informatizados.

Palavras chave: Papagaio de papel. Pipa. Brincadeira. Cultura. Lazer.



ADOLESCENTS' PHYSICAL ACTIVITY IN RELATION TO PARENTS' SOCIOECONOMIC STATUS

Min Wang, Hui Tian, Juan Li.

wangmin810418@163.com

Beijing Sport University, Beijing, China.

Background: The aim of the present study was to examine the impact of family SES and parents' physical activity on adolescents' physical activity level and sedentary lifestyle among both boy students and girl students living in Beijing. **Methods:** The participants were 960 adolescents (472 boys, 488 girls) who are 10th and 11th graders with an average age of 16 yr. from three senior high schools in Beijing, China. Physical activity levels of the participants were assessed using the International Physical Activity Questionnaire (IPAQ) in its short format. The self-reported minutes of physical activity were then computed into units of metabolic index (MET) according to the guidelines in the IPAQ manual. Moderate-to-vigorous physical activity (MVPA) levels and the minutes spent sitting could also be calculated through the IPAQ. The students reported physical activity levels of the parents. The construct of the participants' SES was assessed using an authoritative Chinese scale of big city residents. Students were then classified into three groups according to their parents' physical activity, educational degree, type of occupation, and their family annual income, respectively. The statistical analysis was conducted with the SPSS software, Version 24. One-Way ANOVAs were employed to investigate the impact of SES and the parents' physical activity on the students' physical activity and sedentary lifestyle. Fisher's LSD was conducted to examine the group differences in total physical activity, MVPA and sitting time. Statistical significance was set at $p < .05$. **Results:** Boys whose mothers are of moderate and high educational degree have more total METs than the boys whose mothers are of low educational degree. Students from moderate-income families have more total METs than students of low-income families have, for both boys and girls. The students, whose mothers often perform physical activity, have more total METs than those whose mothers do not often perform physical activity, for both boys and girls. Boys whose mothers are of moderate and high educational degree have more MVPA minutes than the boys whose mothers are of low educational degree. Girls, whose mothers often perform physical activity, have more MVPA minutes than the girls whose mothers do not often perform physical activity. Girls whose mothers are of high educational degree have more sitting time than the girls whose mothers are of moderate educational degree. Girls from high-income families have more sitting time than the girls from low and moderate-income families have. No statistical significances are found for the fathers' side. **Conclusions:** Mothers' educational level is related to their sons' physical activity. Family income and mothers' physical activity level are related to the sons and daughters' physical activity. Mothers' educational level is related to their sons' MVPA. Mothers' physical activity level is related to their daughters' MVPA. Family income and mothers' educational level are related to their daughters' sitting time. Fathers' educational level, type of occupation and physical activity level do not affect their sons and daughters' physical activity and sedentary lifestyle. A potential explanation for this is that mothers devote more time to childcare.

Keywords: Adolescents. Physical activity. Parents. Socioeconomic status.



BENEFÍCIOS DAS ATIVIDADES LÚDICAS NO COMBATE AO BULLYING

João Eloir Carvalho

joao.eloir@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

O *bullying*, conceituado como agressões entre pares, de caráter repetido e frequente; seus conceitos, manifestações e meios de intervenção tornam-se fundamentais, devido ao seu crescimento. As atividades lúdicas concebidas como a prática das relações sociais, manifestadas através dos jogos e brincadeiras, podem ser um importante componente educativo. O presente estudo é um dos capítulos da tese de doutorado que identificou o conhecimento e a incidência dos casos de *bullying* e os benefícios das atividades lúdicas, para a redução das práticas agressivas entre pares em escolas públicas. Inicialmente participaram 920 alunos de 3ª e 4ª séries, de ambos os sexos; foram selecionadas duas escolas, uma delas denominou-se de controle e na outra realizou-se uma intervenção com atividades lúdicas, durante um período de 5 meses e a reaplicação dos questionários com 457 alunos das duas escolas, para se analisar os benefícios da intervenção. Diversos estudos demonstram que não existe escola sem violência ou sem ocorrências de *bullying*; os dados do estudo analisam o recreio: 80% relatam que brincam com os amigos; “não gosto e gosto mais ou menos”, alcançaram 31,7% na escola de controle e 23,5% na escola de intervenção, onde o percentual de alunos que relataram ser perseguidos durante o recreio diminuiu de 14,4% para 5,3%. Os meninos, comparando com as meninas, têm maior envolvimento em casos de *bullying* nas escolas. As agressões repetidas entre três a cinco vezes, desde o início das aulas, indicam mais de 22% de envolvimento dos meninos, contra 15% das meninas; estes números são mais esclarecedores na participação como agressores, entre 38% a 57% dos meninos e entre 57% a 82% das meninas relatam não se envolverem nenhuma vez. Os resultados apresentam diferenças: o percentual de alunos que foram vítimas mais de 5 vezes na escola controle aumentou e na escola de intervenção diminuiu. Na escola, 48% não foram vítimas; enquanto na escola de intervenção diminuiu o número de alunos agressores e 64,1% relatam não serem vítimas de nenhuma agressão. Quanto às formas de agressão, as diretas por meio de agressões verbais e de ameaças foram apontadas nas duas escolas; na escola de controle a verbal aumentou de 33% para 38,7%. Na escola de intervenção houve uma diminuição em quase todos os tipos de agressão sofridos pelas vítimas; a agressão “chamaram de nomes feios” diminuiu de 42,8% para 36,3% e as agressões físicas reduziram de 17,5% para 10,6%. A aplicação de atividades lúdicas contribui para a diminuição do *bullying* na escola. Esta hipótese é confirmada com o aumento na resposta nenhuma vez (57% para 64%) e uma diminuição em todas as respostas em que se apontavam ocorrências de vitimização desde o início das aulas ou no último mês de aulas. As atividades desenvolvidas com os alunos durante o período de intervenção foram em sua maioria de caráter cooperativo, portanto os resultados aqui analisados demonstram a eficiência da intervenção, através das atividades lúdicas, para a redução do *bullying* nas aulas de Educação Física e no recreio, dentro da escola.

Palavras chave: Ludicidade. *Bullying*. Escola. Alunos.



CULTURAL CONSUMPTION AS A CATALYST FOR SOCIAL INCLUSION

Marcel Bastiaansen; Coen Van Bendegom; Angelique Cramer; Pieter De Rooij; Ondrej Mitas; Hilde Smetsers.

bastiaansen4.m@nhtv.nl

NHTV Breda University of applied sciences, the Netherlands; Tilburg University, the Netherlands.

Introduction - In western societies, there is an increasing divide between different social groups (e.g. autochthonous, recent immigrants, 2nd / 3rd generation immigrants), which is fueled by the social encapsulation and the information bubbles created through social media (Bovens et al., 2014). This divide, strongest amongst young people (< 30 years of age), becomes increasingly visible in leisure, i.e. in the extent to which different groups engage in cultural activities, and also in the type of cultural activities different groups engage in (Voase, 2013). In our view, a broader and more varied pattern of cultural consumption can therefore serve as a catalyst to promote the building of a broader (social and cultural) identity, and as a consequence, to enhance social inclusion. The goal of the present research project therefore is to identify how these different groups of young people experience a wide variety of cultural activities (both inside and outside of their 'social bubbles'), so as to be able to inform policy makers and marketers of cultural institutions on how to broaden cultural consumption amongst young people. **Approach** - In an experimental, factorial research design, different groups of participants engaged in a variety of cultural activities: visiting an arts museum, attending a multicultural festival, a classical music concert, or a pop music concert. Crucially, each group attended cultural activities that fit within their own social networks, and cultural activities that do not normally fit into that. Three different state-of-the art quantitative measures were taken to establish how participants experienced the cultural activity: (1) self-reports of experience obtained shortly after the cultural activity, using established questionnaire scales (de Rooij & Bastiaansen, 2017); (2) experience sampling data obtained at regular intervals during the cultural activity, about the extent to which a limited set of emotions were experienced during the cultural activity; (3) physiological indices of emotional engagement (notably heart rate and skin conductance responses) obtained in a continuous measurement during the cultural activity, through the use of wearable recording devices (Empatica wristbands). The data thus obtained were analyzed using a network model approach (Cramer et al., 2012), which allows for a measure of experience as objective as currently possible. Data collection and analysis is currently in progress, and results will be fully available and presented at the time of the conference. **Considerations / Conclusions** - Although the results of the research project were not yet available at the time of writing, two scientifically innovative aspects of the project are worth emphasizing. First, the use of a three-fold measure of experience overcomes the biases and limitations of a self-report-only measurement of experience (Bastiaansen et al., 2015). Second, using cultural consumption as a tool to enhance social cohesion and social inclusion is a powerful strategy for leisure scientists, as leisure behavior is closely associated with social identity building.

Keywords: Cultural Consumption. Experience Measurement. Social Inclusion.



EL OCIO Y EL TURISMO: UNA MIRADA JUVENIL DE APRENDIZAJE

Daniela Duque Largo; Natalia Ospina Balanta.

duque.daniela@correounivalle.edu.co

Universidad del Valle, Univalle, Santiago de Cali, Valle del Cauca, Colombia.

La presente ponencia está orientada en el relato de la experiencia de dos estudiantes universitarias del Programa Académico de Recreación de la Universidad del Valle en Cali, quienes tuvieron la oportunidad de realizar su primer viaje internacional a Perú en el año 2016, con una motivación en común: conocer otras culturas y tomar elementos significativos que aportaran a su formación personal y profesional. A partir del viaje las estudiantes se caracterizaron como turistas jóvenes por las siguientes características planteadas por Conte (2009): edad, motivación que las llevó a viajar, modo de emplear su tiempo disponible, tipo de actividades elegidas para realizar en su destino, entre otros aspectos. La Organización Mundial de Turismo (1994) plantea el turismo como una actividad de desplazamiento de las personas a un lugar distinto del entorno habitual, que por lo general ocurre en las vacaciones o los fines de semana; los negocios, estudio y el ocio son algunas de las motivaciones de un viaje. El turismo se ha caracterizado por ser una actividad que moviliza gran cantidad de personas y logra conglomerar la gente que busca ocupar su tiempo en actividades por fuera del cotidiano. Esto ha dado paso para que el turismo se torne una actividad económica, dejando de lado la subjetividad y los sentires del individuo como lo plantea el turismo joven, que brinda posibilidad de potenciar las capacidades de las personas a través de vivencias significativas que fortalezcan y generen nuevas habilidades. Trilla (1993) define el ocio como una actividad que tiene un fin en sí misma (autotélica), la cual produce placer y se elige de manera autónoma. Gómez (1998) considera el ocio como un factor de desarrollo integral y expansión cultural idóneo para promover experiencias con fines formativos, lo cual se conecta con el planteamiento de Cuenca (2006) acerca del sentido y los alcances educativos inter e intrapersonales propiciados por el ocio, que le permiten a los niños y jóvenes un desarrollo integral, autonomía, adquisición de valores, entre otros aspectos que aportan a su bienestar físico, mental y emocional. Cabe aclarar que la educación en el ocio va más allá de una guianza donde se enseñe la manera acertada o negativa de acceder a él, por el contrario, promueve la búsqueda personal de vivir experiencias que impactan su vida y trascienden hacia la motivación de seguirlas viviendo. Con base a lo expuesto y a la experiencia personal de las estudiantes universitarias, se desea mostrar el turismo joven planteado por Conte (2009), como una posibilidad de acceder al ocio y educarse de manera personal, social, cultural y profesional, a través de ambos. También se pretende resaltar la importancia de promover el turismo en la población joven, como una forma distinta de auto-encuentro, reflexión y reafirmación social. Finalmente se desea dar cuenta de cómo influyen y trascienden las vivencias de ocio en la construcción de nuevos proyectos viajeros, académicos y personales, que llevaron a las estudiantes a visionar un próximo destino a Brasil con una motivación personal y académica, como posibles ponentes.

Palabras claves: Turismo. Jóvenes. Ocio. Educación.



LAZER E CIDADANIA: CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO HIP HOP

**Gustavo José Santana; Maria Verônica Cunha Sena; José Carlos Rodrigues Júnior;
Elaine Prodócimo; Ricardo Manoel de Oliveira Zambelli;
Olívia Cristina Ferreira Ribeiro.**

olivia@fef.unicamp.br

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – FEF/Unicamp,
Campinas, São Paulo, Brasil.

Este estudo visou conhecer e analisar as contribuições do Movimento Hip Hop (MHH), na perspectiva de arte-educadores, levando em conta benefícios pessoais, sociais e culturais para crianças e jovens em diferentes contextos no âmbito do lazer. O MHH se caracteriza pela formação crítica do sujeito, por meio da valorização da ancestralidade dos povos oprimidos e pela luta por seus direitos frente à cultura dominante vigente. O movimento surgiu no final da década de 1960, nos Estados Unidos, e exerceu grande influência na formação dos jovens da periferia de Nova Iorque. O MHH apresenta quatro elementos artísticos: o break (a dança de passos robóticos, quebrados e, quando realizada em equipes, sincronizados); o grafite (a pintura, normalmente feita com spray, aplicada nos muros da cidade); o DJ (o disc-jóquei) e o rapper (ou MC, mestre de cerimônia, aquele que canta ou declama as letras sobre as bases eletrônicas criadas e executadas ao vivo pelo DJ). A junção dos dois últimos elementos resulta na parte musical do Hip Hop: o rap (abreviação de rhythm and poetry, ritmo e poesia, em inglês). Para a realização do estudo utilizamos o método qualitativo de entrevista semiestruturada para, posteriormente, analisar o discurso de cinco entrevistados, cuja profissão leva o título: Educador Social/Arte-Educador. Os entrevistados desenvolvem seus trabalhos a partir dos elementos do MHH, sendo eles: Break, DJ, Grafite e MC. Atuam em organizações de lazer do terceiro setor da região metropolitana de São Paulo que, no Brasil, se constitui como um espaço importante de acesso às práticas de lazer. Nos dados das entrevistas identificamos que todos os arte-educadores apresentam a importância do MHH em seus discursos no que diz respeito ao compromisso social como um movimento contra-hegemônico. Afirmam que o MHH tem um papel problematizador das questões sociais, tais como o empoderamento do jovem da periferia, a construção do olhar crítico sobre: os problemas que afetam os grupos sociais onde estão inseridos, as desigualdades sociais, a violência, o preconceito, entre outros. Outro aspecto importante na fala dos entrevistados encontra-se na valorização da educação como elemento potencializador do processo de ampliação da cidadania. Dessa forma, a cultura Hip Hop se constrói a partir de um conjunto de elementos vivenciados no tempo livre dos participantes, oriundos da própria comunidade, que passam a identificar e conferir sentido para a vida de uma geração de jovens. Concluímos, assim, que o MHH apresenta-se como uma possibilidade de educação pelo lazer fazendo parte da identidade da população periférica que vive com a dialética da inclusão/exclusão social.

Palavras chave: Movimento Hip Hop. Cidadania. Juventudes. Arte-educação.



LAZER E RECREAÇÃO NAS COLÔNIAS DE FÉRIAS: ÁREA DE ATUAÇÃO

Regiane Oliveira Lisboa¹; Tiago Rodrigo Alves Nunes²; Cleber Mena Leão Júnior³.
regianelisboa@yahoo.com.br

Faculdade de Tupã – Universidade Brasil, Tupã, São Paulo, Brasil¹/ Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU, São Paulo, São Paulo, Brasil²/ Faculdade de Paraíso do Norte – FAPAN, Paraíso do Norte, Paraná, Brasil³.

Sabe-se que a recreação e lazer proporcionam inúmeros benefícios para os participantes, em condomínios, escolas e clubes. As colônias de férias no período de férias escolares são oportunidades de locais para realização destas atividades para que ocorra este lazer. O objetivo deste trabalho é demonstrar o desenvolvimento desse mercado, tendo uma visão de vários lugares e possibilidades de ação dessas atividades, além de mostrar o papel dos profissionais envolvidos. A cidade de São José do Rio Preto / SP, por exemplo, possui vários clubes, escolas e condomínios, sendo comum ocorrer colônias de férias com atividades voltadas para o lazer e a recreação, entretanto ainda é pequeno o número de profissionais que atuam nesse mercado. A metodologia utilizada foi através de pesquisas bibliográficas, experiências de atuações, artigos e publicações, juntamente com pesquisa de observação e análise de perfil dos profissionais e das atividades. A pesquisa realizou-se nos meses de janeiro e julho de 2017. Após o término das colônias de férias, entramos em contato com os profissionais que executaram as atividades para analisar como foi feito o planejamento, execução e a divulgação das atividades, além de identificar os objetivos, espaços, perfil dos profissionais e também a concepção da recreação e lazer. Para Steinhilber (1995), colônia de férias é o conjunto de atividades desenvolvidas em determinado local, para um número considerável de crianças, durante o período de férias escolares, dentro de uma organização especificamente estruturada para este fim e sob a orientação de recreadores especializados. Analisando a pesquisa, percebemos que a maioria das colônias é realizada nas escolas, além de outros espaços oferecerem esse tipo de serviço, percebe-se a iniciativa dos clubes e condomínios ou profissionais da área de educação física e outras. As colônias acontecem uma ou duas vezes por ano, durante uma ou duas semanas no mês, tendo como objetivos, além da socialização das crianças, desenvolver a criatividade, diversão, vivenciar o lazer e a recreação e ainda atender a uma necessidade dos pais, para deixarem os filhos enquanto trabalham. O planejamento das colônias de férias se dá através da identificação da faixa etária dos participantes, pensando nas possibilidades e variações das atividades. As atividades desenvolvidas foram: jogos, gincanas, aquáticas e musicais, além de rodas cantadas, dinâmicas e etc. A quantidade de participantes total foi de 129 crianças de 5 a 12 anos de idade e as atividades foram realizadas em escolas, clubes e condomínios, sendo divididas em dois grupos: de 5 a 7 anos e de 8 a 12 anos, para melhor organização, espaço e segurança. Concluímos com esta pesquisa que os profissionais precisam se preparar para essa área de atuação, além de compreender um pouco mais sobre a recreação e lazer. Encontramos grande variação de espaços e atividades realizadas, isso nos mostra que as colônias de férias são um espaço ou opção de lazer e recreação. Sendo assim, acreditamos que os profissionais que procuram essa área de atuação devem visar o crescimento, além de aprofundar os estudos para virem a ser um profissional capacitado e valorizado.

Palavras chave: Colônias de férias. Recreação e Lazer. Crianças.



LEISURE CENTERS: FRAMEWORK FOR CHILDREN'S DEVELOPMENT

Emmanuel Gala Bi Tizie

galatizie@gmail.com

Department of Leisure, University Felix Houphouet Boigny of Cocody –Abidjan – Cote D'Ivoire (UFHB).

The leisure centers dedicated to children and teenagers have emerged in Côte d'Ivoire since 1968. At that time, the Ivorian government decided to invest in the organization of public recreation centers. Two years later the private sector got involved in this activity and opened twenty (20) leisure centers. Toba (1981) reported that 34.000 children attended to these centers during the school holidays. However, from that time on, this activity collapsed. It happened due to many issues such as financial problems (economic crisis and the structural adjustment plans); administrative issues (administrative guardianship dispute between the Ministry of Youth and the Ministry of Sports and Leisure about the organization of public recreation centers); and the social and political crisis which occurred in Côte d'Ivoire from 2000 to 2011. As an illustration, the Department of Associative Life and Youth Empowerment of the Ministry of Youth, which is in charge of the regulation and the organization, did not organize any public leisure centers these last 2 years. As a result, thousands of children were deprived from their rights to participate to public leisure centers during their school holidays. In order to solve the issue the Department of Leisure of the Ministry of Sports and Leisure has installed since 2015, two pilot leisure centers in the primary schools of the district of Abidjan, precisely in Marcory and Port Bouet. Each year around 500 children attend to these centers. For the school year 2016-2017, two leisure centers were held in Port Bouet in the SOGEPHIA SCHOOL COMPLEX. Twenty-three instructors and two managers supervised the pupils during school and public holidays. After 3 years, a survey was ordained to assess the impacts of this project on the pupils and eventually replicate it in other municipalities and school complexes of Côte d'Ivoire. As far as the methodological approach is concerned, we elected a mixed study in other words we realized a qualitative and a quantitative study. This survey was undertaken in June 2017, during the closing ceremony of the leisure centers. The sample constituted with 337 individuals divided as follows: 15 instructors (from all grades); 210 pupils (80 boys and 130 girls, from the third to fifth year of primary school); 110 parents; 02 managers of leisure center. For the scientific analysis, we used the dialectic and the content analysis methods. The results show how the interviewed persons perceived the recreation centers.

Keywords: Leisure Centers. Summer Camp. Children's Development.



O ADOLESCENTE E O LAZER DENTRO E FORA DA ESCOLA

Vagner Miranda da Conceição; Luciana Karine de Souza.

eefvagner@hotmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

A adolescência é uma fase da vida que envolve mudanças físicas, cognitivas e emocionais. Pesquisas mostram que o momento de lazer é um tempo/espaço que pode contribuir para o desenvolvimento do adolescente. No entanto, é importante investigar e compreender como o adolescente compreende e vivencia o lazer, em especial, em quais atividades esses sujeitos tendem a se envolver no tempo disponível. O objetivo deste estudo foi saber, na percepção de 18 adolescentes de uma escola pública de Ribeirão das Neves/MG, quais são as vivências de lazer dos adolescentes, dentro e fora da escola. A fundamentação teórica teve como base a ciência interdisciplinar do desenvolvimento humano e os estudos do lazer. A coleta de dados envolveu entrevista semiestruturada individual e, posteriormente, grupo focal. As respostas foram analisadas e geraram categorias temáticas semelhantes em sentido. Na visão do adolescente, a aula de Educação Física, o recreio com amigos e os eventos escolares podem proporcionar e são os momentos de lazer dentro da escola. Fora da escola, as preferências dos escolares para os momentos de lazer são: ficar com a família, ir ao Shopping, ir ao cinema, atividades em contato com a natureza, mexer no computador, ver TV/Filme, jogos (eletrônicos, com bola) e atividades físico-esportivas. Diversas são as atividades de interesse dos escolares para a fruição do tempo disponível, mas é necessário refletir acerca da relação dessas experiências de lazer dentro e fora da escola. Para os escolares, o responsável pelo desenvolvimento do conteúdo Lazer na escola, devido às circunstâncias vivenciadas e permitidas em aula, é o Professor de Educação Física. Essa associação se dá por três fatores: a) contato com os colegas; b) conteúdos desenvolvidos em aula; e c) espaço da aula diferenciado. A prática do Professor de Educação Física é baseada nos conteúdos da cultura corporal do movimento, que se aproximam das práticas apresentadas por esses alunos como preferências para vivência nos momentos de lazer. Cabe ao professor de Educação Física entender suas possibilidades de atuação e trazer novos sentidos e valores para a vida do escolar adolescente, estimulando esses sujeitos a hábitos saudáveis para toda a vida do escolar. Ademais, é importante que o professor de Educação Física compreenda como os conteúdos desenvolvidos em aula podem influenciar nas escolhas de lazer dos escolares fora da escola, alinhando a sua prática profissional no contexto escolar com a educação para e pelo lazer para além dos muros da escola, proporcionando o descanso, a diversão, e em especial, o desenvolvimento físico e social e estimulando o pensamento crítico-reflexivo dos estudantes.

Palavras chave: Lazer. Adolescente. Escola. Educação Física.



TEMA 4

LAZER, ESPORTE E ATIVIDADE FÍSICA

**LEISURE, SPORTS AND PHYSICAL
ACTIVITIES**

OCIO, DEPORTE Y ACTIVIDA FÍSICA



ATIVIDADE FÍSICA E LAZER: UMA ANÁLISE ACERCA DO SESC VERÃO

Alipio Rodrigues Pines Junior; Ricardo Ricci Uvinha.

alipio.rodrigues@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Atividade Física, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Os jovens brasileiros estão passando por uma situação inédita: mais da metade da população desta faixa etária está acima do peso considerado ideal. Isso ocorreu devido a diversos fatores, como a não priorização da prática de atividade física, por conta de outros interesses, como trabalho ou estudo. Nota-se com isso que diversas iniciativas têm sido tomadas para combater esse quadro alarmante. Dentre elas, há os programas que visam estimular a atividade física nos momentos de lazer desses jovens. Porém, será que tais programas contribuem para a incorporação da atividade física como opção de lazer no cotidiano dos jovens? Tendo este problema em vista, o presente trabalho tem como tema a atividade física e o lazer, e como objeto os jovens participantes do programa “SESC Verão”. Seus objetivos são estudar o interesse dos jovens entre 12 e 18 anos pela atividade física como opção de lazer e verificar a influência do “SESC Verão” no estímulo da prática de atividade física de jovens. Como categorias teóricas foram estabelecidas as relações entre algumas características da juventude e o lazer, o interesse físico-esportivo do lazer e sua interface com os jovens e os equipamentos específicos de lazer e o Serviço Social do Comércio (SESC). Enquanto procedimentos metodológicos foram adotados dois momentos: no primeiro, foi feita uma revisão bibliográfica sobre os temas abordados nas categorias teóricas. No segundo momento foi adotada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, com a aplicação de roteiro de entrevista focalizada, durante o mês de janeiro, com jovens participantes do programa “SESC Verão” na edição de 2016, nas unidades Belenzinho e Itaquera, e gestores ligados à organização do programa. Cada edição do programa possui um tema norteador, que são organizados por ciclos, sendo que o atual vai de 2012 a 2016. Esta edição teve o tema “Qual o esporte que te move?”, apresentando os esportes olímpicos e difundindo e valorizando as modalidades paraolímpicas, no ano em que o Brasil sediará uma edição de ambos os jogos. A amostra foi não representativa, com critério de escolha por conveniência, com o número de entrevistados definidos pela saturação de dados. Através da análise das entrevistas realizadas, confrontadas com as informações obtidas através do levantamento bibliográfico realizado, pode-se dizer que os jovens possuem interesse pela atividade física como opção de lazer, embora ela não seja prioritária, e sua prática visa o divertimento e a descontração. O “SESC Verão” possui diversos atributos que o torna atraente aos jovens, entre eles, a programação oferecida, a infraestrutura e os instrutores nas atividades, o que faz com que eles prefiram praticar atividades físicas no SESC. Tais elementos dão ao programa um potencial transformador da realidade dos jovens, mostrando diferentes práticas de atividade física que possam ser incorporadas em seu cotidiano.

Palavras chave: Adolescente. Atividades de lazer. Atividade física. Centros de convivência e lazer.



ENTRE LAZER E OFÍCIO: UM OLHAR SOBRE OS VELEJADORES

Maria Altimira Hackerott; Soraia Chung Saura.

mhackerott@gmail.com

Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Este trabalho busca investigar a vela como lazer para os velejadores pescadores e os velejadores atletas, grupos estes que têm a prática do velejar relacionada também ao seu ofício. Tal pesquisa encontra-se dentro de um estudo mais amplo da experiência do velejar desenvolvido no mestrado da autora, o qual está vinculado ao programa de pós-graduação da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, na área sociocultural. O trabalho parte de uma concepção de lazer que extrapola a dicotomia trabalho – tempo livre e se aprofunda no sentido lúdico, sensível e subjetivo da experiência. Com base no referencial teórico da fenomenologia, esta pesquisa pretende descrever as intersecções entre lazer e ofício, partindo do ponto de vista dos próprios velejadores. Em diálogo com os estudos de Gilbert Durand sobre a antropologia do imaginário e de Gaston Bachelard sobre a imaginação material, pretende-se adentrar na discussão sobre o que há de envolvente e fascinante no ofício dos velejadores. A estrutura do imaginário, o regime diurno e noturno propostos por Durand, assim como as imagens poéticas amplamente estudadas por Bachelard, colaboram com os estudos da sensibilidade, propiciando compreender como o ser humano interage com determinados elementos e símbolos, bem como se fascina por eles. O material que compõe este trabalho foi coletado em pesquisa de campo, onde a autora conviveu com os velejadores, fez entrevistas e observação participante, durante seu mestrado, nos anos de 2016 e 2017. Vale lembrar que esses procedimentos respeitaram todos os princípios éticos do Comitê de Ética da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Os velejadores pescadores que colaboraram com a pesquisa realizam cotidianamente a pesca artesanal e são moradores das comunidades de Tatajuba e de Redonda, no Ceará. Por sua vez, os velejadores atletas competem em nível internacional e são da região sudeste do Brasil. A perspectiva de análise está voltada para experiência vivida e a metodologia considera principalmente as recorrências do discurso dos velejadores, quando indagados sobre os fascínios presentes em seus ofícios. Desta maneira, foi possível encontrar os elementos e as sensibilidades que envolvem o velejador em uma prática prazerosa e significativa do ponto de vista existencial. Ao constatar que para ambos os grupos de velejadores o trabalho do dia a dia é envolvente e lúdico, observou-se elementos típicos do lazer relacionados ao ofício, o que possibilita reflexões sobre a prática esportiva, o fazer artesanal e o lazer.

Palavras chave: Vela. Esporte. Pesca artesanal. Lazer.



ESPORTE ORIENTAÇÃO: POSSIBILIDADES ENTRE LAZER E COMPETIÇÃO EM BELÉM/PA

Anacleto Araújo Santos

cleto_araujo@hotmail.com

Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, Pará, Brasil.

O lazer pode propiciar a manifestação de novas formas de relacionamento com o meio ambiente, por meio da vivência de jogos, esportes, desafios, entre outros elementos. As possibilidades de lazer enfatizam a necessidade e o interesse do homem urbano na busca por atividades que nos permitam o contato com a natureza seja através de simples passeios ou por práticas esportivas organizadas formalmente. As atividades na natureza de cunho competitivo e performático, como as vivências no esporte orientação, normalmente produzem uma definição da natureza bastante reduzida, um mero cenário. Podem ser considerados exemplos de um lazer relacionado ao consumo da aquisição de objetos a ações e produções simbólicas. O objetivo deste estudo é promover uma discussão acerca da orientação, conceituando-o e descrevendo as diferenças em duas vertentes, enquanto esporte ou lazer a partir do olhar dos praticantes. Assim como compreender e analisar os motivos que envolvem a busca das pessoas, seja pelas práticas esportivas ou de lazer na natureza, e em particular as corridas de orientação. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo com quinze integrantes do clube de orientação Ariramba (COARI). O perfil dos sujeitos dessa pesquisa vai ao encontro do que Pimentel (2006) afirma fazer parte de um dos grupos de indivíduos interessados em atividades na natureza, com caráter aventureiro e competitivo. São segmentos de universitários, profissionais liberais ou com experiências paramilitares relacionadas à sobrevivência na selva. Trata-se de um estudo exploratório e o instrumento utilizado nesta pesquisa qualitativa foi o relato de experiência de atleta da área. Trazer para a discussão a orientação é estar possibilitando aos praticantes a vivência do que é o espírito de aventura, de equipe e enfatizando a importância da harmonia com a natureza, possibilitando o sentimento intenso de todas as emoções presentes em nossa vida. Os resultados da investigação foram agrupados em três categorias. Na primeira categoria, a importância do Esporte de Orientação, na qual foram mencionados diferentes motivos que levam à busca pelo esporte orientação, como: a possibilidade do contato com a natureza; o agrupamento de várias habilidades em uma mesma competição (raciocínio lógico, uso da bússola, atividade física, estratégia na escolha do percurso); a superação de limites; o fato de poder conhecer novos lugares; aventura; desafio e adrenalina. Na segunda categoria, a visão de participação dos praticantes como Esportes ou Lazer, a maioria entende como competição e refere-se à qualidade de saúde e melhoria no condicionamento físico, outros ao mencionar lazer destacaram a atividade e confraternização em grupo e momentos de contemplação da natureza, o contato com a natureza. Na terceira categoria, enfatizando o aspecto interdisciplinar do esporte nas vertentes lazer e ambiental, foi citado pela maioria a necessidade de interação ativa com a aprendizagem do uso do mapa com a natureza, o uso do cognitivo, motor, afetivo social em constante problematização. O esporte orientação é um esporte que estimula o pensamento abstrato, o raciocínio lógico e rápido, ao interagir de forma ativa com o meio ambiente.

Palavras chave: Esporte Orientação. Lazer. Competição.



IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DE GINÁSTICA MULTIFUNCIONAL NO SESC VILA MARIANA

Flávia Cristina Toscano; Vanessa Gonçalves Rodrigues de Paula; Janaína Lima da Silva.

flavia.edfisc@gmail.com

Serviço Social do Comércio – SESC, Vila Mariana, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Este relato apresenta o histórico da Ginástica Multifuncional (GMF), programa de ginástica do SESC que, por meio de exercícios, desenvolve capacidades físicas e habilidades motoras, proporcionando ganhos motores e cognitivos, bem como a experiência do Núcleo Físico Esportivo do Sesc Vila Mariana no processo de planejamento, desenvolvimento e implantação da GMF na unidade. No Sesc, enquanto instituição educativa que se preocupa com sua inserção no contexto social, a evolução de seus programas de atividades físicas e, em especial, daqueles de ginástica, absorveu diversas manifestações teóricas, pedagógicas e práticas da cultura corporal nas últimas décadas, buscando novos significados para suas ações. Nos anos 60, os espaços do Sesc eram ocupados significativamente por grupos de *cooper* e turmas de condicionamento físico que praticavam sessões de calistenia e ginástica sueca. Nos anos 70, foi implantado o projeto *GinásticaSesc*, diversificando e ampliando o alcance da atividade física enquanto cultura corporal ao incluir projetos, festivais e encontros de ginástica e dança. Para diversificar as formas de atendimento ao público, acrescentar valores e objetivos educacionais com forte enfoque sociocultural, entendendo a ginástica como um meio para o aperfeiçoamento da cidadania e qualidade de vida dos participantes, surgiu na instituição a Ginástica Voluntária no início dos anos 90, a qual visava desenvolver a expressão criativa da corporalidade, baseada na ludicidade e na preparação da autonomia, incentivando o indivíduo a desenvolver suas práticas corporais integradas a situações do cotidiano. A partir dos anos 2000, houve a necessidade de se repensar a ginástica no Sesc e começou-se a desenvolver a GMF. Em seus primeiros anos, a proposta era desenvolver a aptidão física, mas considerando as capacidades e habilidades físicas isoladamente. Com o passar dos anos, a proposta passou a considerar importante o desenvolvimento das capacidades e habilidades físicas de maneira integrada e complementar, tais como: resistência cardiovascular, força motora, flexibilidade, equilíbrio, velocidade-agilidade, estabilidade do core e complexidade motora, variando a ênfase de acordo com cada fase do desenvolvimento humano e considerando a individualidade de cada praticante. Em 2015, no Sesc Vila Mariana, foi realizada uma análise diagnóstica referente aos espaços, número de alunos, recursos humanos e físicos para a implantação do Programa. Durante os primeiros meses de 2016, realizou-se um projeto piloto com o objetivo de modificar progressivamente a forma de atendimento, visando qualificar o acolhimento e adaptação dos alunos para uma prática mais autônoma, onde os exercícios são elaborados partindo do conhecimento técnico do instrutor de atividades físicas juntamente com os desejos dos alunos. A efetiva implantação do Programa ocorreu em 15 de março de 2016. Esse processo, ao ser finalizado, consolidou a GMF, permitindo ao indivíduo uma dedicação do tempo livre a si próprio, oferecendo diferentes experimentações direcionadas ao bem-estar, estimulando o contato com valores que contemplam a qualidade de vida, o desenvolvimento pessoal, a convivência e a socialização.

Palavras chave: Atividade física. Ginástica multifuncional. Sesc Vila Mariana.



GINÁSTICA MULTIFUNCIONAL COMO PORTA DE ENTRADA PARA O LAZER

Ana Paula Kogake Claudio Lima; Fernando Livramento de Sousa.

anapaulak@hotmail.com

Serviço Social do Comércio – SESC, São José dos Campos, São Paulo, Brasil.

As pessoas vêm buscando cada vez mais a atividade física como opção de lazer (Alves, Trovo e Nogueira, 2010) e, segundo Marcellino (2003), as academias de ginástica são espaços específicos de lazer que abrangem tanto os conteúdos físico-esportivos quanto os sociais. O Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC-SP) disponibiliza, dentro da sua programação, mais de 14 atividades que contemplam todas as seis áreas de interesses no Lazer proposta por Dumazedier (1980) e complementada por Camargo (1986): artísticos, manuais, físicos, intelectuais, sociais e turísticos. Sendo que as atividades de desenvolvimento físico-esportivo possuem como norte a participação, o prazer, a qualidade de vida e a autonomia e buscam promover, além da saúde integral, a sociabilidade. Assim, o objetivo deste estudo foi verificar a relevância do SESC de São José dos Campos como espaço de lazer para os alunos matriculados no programa de Ginástica Multifuncional (GMF). O método utilizado foi de questionário estruturado composto por 18 questões de múltipla escolha. O número de sujeitos foi definido com base no critério de saturação dos dados. Participaram do estudo 86 indivíduos (52 mulheres e 34 homens) com idade média de 49,98 anos (DP=17,67). Os resultados mostraram que 64 alunos conheceram o SESC por meio da programação de desenvolvimento físico-esportivo e se matricularam principalmente com o objetivo de melhorar a qualidade de vida (78%), a saúde (76%) e condicionamento físico (69%). Em contrapartida, apenas 35% dos alunos apontaram a estética como objetivo. Além disso, foi verificado que os alunos se mantêm matriculados no programa principalmente pelo ambiente (67%), pelo atendimento (59%) e pela qualidade dos aparelhos (56%), porém o resultado trazido pela prática apareceu somente nas respostas de 42% dos entrevistados. E para 66% dos alunos a prática na GMF abriu possibilidades para outras práticas de lazer dentro da instituição, sendo que as respostas mais recorrentes foram a participação em apresentações musicais (12) e em aulas de hidroginástica (10). Esses resultados indicam que a área físico-esportiva do SESC São José dos Campos é uma das portas de entrada na instituição. O perfil dos alunos matriculados na GMF difere dos frequentadores de academia, que buscam a estética como objetivo para a prática (Eli, Santos e Marinho, 2016; Pereira, 2002; Rocha, 2008). Além disso, sugere que a participação dos alunos na GMF abriu possibilidades para a exploração de outras áreas de lazer oferecidas pela instituição. Assim, a Unidade seria um local em que as pessoas conseguem usufruir de diferentes áreas do lazer.

Palavras chave: Ginástica. Lazer. SESC. GMF. Academia.



LEISURE CONSTRAINTS ON OUTDOOR RECREATION PARTICIPATION AMONG CHINESE STUDENTS

Tan Jiagong; Dong Erwei.

tanjiagong2011@hotmail.com

Guangzhou Sport University, Guangzhou, Guangdong Province, China; United States Sports Academy & Shanghai Sport University.

Outdoor recreational sports have positive characteristics of returning to nature, keeping fit, and relaxing body and mind, which not only satisfy people's interests and needs, but also benefit their physical and mental health. Therefore, more and more college students are willing to spend energy, time and money participating in their favorite recreational sports. However, various constraint factors limit participating behaviors of college students. The purpose of the study is to probe the relationship between subjective and objective constraint factors to participation of college students in outdoor recreational sports and their behavior performance. A total of 676 subjects of this study are from universities in Zhuhai. A combined method of the qualitative and quantitative research was employed to investigate their constraints issues of participation from four-dimensions: intrapersonal constraint, lack of supports from others, structural constraint and participation-experience constraint. The results of the study indicate that: (1) Most of college students (males 87.18% and females 64.76%) have participating experiences of outdoor recreational events; male students have higher levels of participation than females in frequency and the amount of numbers. Many students (males 75.82% and females 55.83%) choose land areas as their preferred sporting venues, much higher than waters and high altitude activity for their leisure space selection. (2) Constraints on outdoor recreational sports participation impacted on both no-experienced and experienced students. A-) Both groups have perceived constraints on the level of participation. A significant difference exists for both intrapersonal constraints and structural constraint in degree of involvement; no-experienced students are strongly influenced by the structural constraint factors and followed by intrapersonal constraint. The structural constraint also affects experienced students' participation. There is some confusion of experience, with the increase of students' involvement; the perceived constraints are gradually weaker. B-) Female students have higher levels of perceived constraints than males, especially in intrapersonal constraint, structural constraint and the participation-experience constraint. C-) There is significant difference between senior students and freshmen & sophomore students in intrapersonal constraint, other dimensions do not have any difference; D-) Students who major in literature & history and science & engineering are much higher than the major of physical education in all perceived constraint factors. E-) The perceived leisure constraints for setting of the activity from strong-to-weak are land, waters and high altitude activity in degree of participation. (3) A negative correlation relationship exists between college students' behavior in outdoor leisure sports participation and the four dimension constraints factors. The more the individual perceived constraint, the weaker the likelihood of students' involvements; there is a significant mutual predictive effect between intrapersonal constraint and participating behavior. In addition, there is a significant negative correlation relationship between intrapersonal constraints, lack of supports from others, structural constraint with participating frequency. The more the individual perceived constraint factors, the lower the likelihood of students involving numbers, among self-limitation and structural constraint as predictable index in participating number has a statistical significance. In conclusion, if only students could realize how to overcome individual constraints to participation, they would enjoy more outdoor recreational sports.

Keywords: College Students. Outdoor Recreational Sports. Leisure Constraint. Participating Behavior.



MOVIMENTE SEUS TEMPOS: REFLEXÕES SOBRE TEMPO E ATIVIDADE FÍSICA

Adan Parisi

adan@sjcampos.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – SESC, São José dos Campos, São Paulo, Brasil.

Em meio a tantos paradoxos existenciais contemporâneos, a relação entre indivíduo e tempo certamente perfaz um dos cenários mais intrigantes. Com o advento das máquinas e aparatos tecnológicos decorrentes da revolução industrial, os seres humanos se emanciparam da regência solar em seus dias e passaram a controlar o tempo por meio do relógio, todavia, com o avançar exponencial dos meios de comunicação e possibilidades de conexões, o tempo humano ficou escasso e fugaz frente à era digital. Não obstante, a vigente lógica do mundo do trabalho faz com que as pessoas estejam conectadas e em uma espécie de *stand by* permanente, cujos desdobramentos perfazem uma eterna sensação de falta de tempo e esta é significativamente ampliada quando relacionada às atividades de lazer como as práticas físico-esportivas. Por sua vez, o *Sesc Verão* é uma campanha realizada pelo Sesc SP cujo intuito é o incentivo à prática de atividades físicas regulares e combate ao sedentarismo, tendo como meio ações diversificadas, inovadoras, provocativas e convidativas. Apresentações, oficinas, aulas abertas, bate-papo e palestras, entre outras, perfazem este cenário que percorre os meses de janeiro e fevereiro nas unidades do Sesc e demais regiões atendidas. Em São José dos Campos, *Movimente seus tempos* foi o eixo temático adotado para a edição da campanha neste ano. Para tanto, o diálogo entre cultura corporal, lazer e concepções de tempo advindas da mitologia grega constituiu a base conceitual do projeto, sendo fundamento para a programação pretendida e sua relação com os espaços. *Chronos*, o tempo padronizado, sequencial e lógico foi representado pelos esportes sistematizados e com demandas espaço-temporais mais rígidas. *Kairós*, o tempo oportuno, teve nos esportes urbanos e nas práticas na natureza sua representação, enquanto *Aion*, tempo que remete à atemporalidade e sublimação da linha temporal, foi abordado a partir de práticas corporais mais introspectivas e contemplativas. A estrutura proposta advém do fato de que a falta de tempo é apontada como principal motivo para a não realização de atividades físicas pelas pessoas. Importante perceber que tal indicativo revela também o ideário do mundo do trabalho em que o lazer é visto como algo de menor importância para o desenvolvimento dos indivíduos e, intencionalmente, o tempo do lazer é incessantemente alimentado por uma indústria cultural cujas produções reiteram tal perspectiva. *Movimente seus tempos* é, portanto, um convite a vivências e reflexões sobre como gerimos nosso tempo, em sua duração e em nossa intenção. Como e por que pontuamos e categorizamos as demandas de nossas vidas. Trabalho e lazer são entendidos como faces de uma mesma moeda em que o equilíbrio denota importância e significância a ambos, entretanto, a estrutura de nosso sistema sociopolítico nos afasta deste entendimento e, muitas vezes, o impossibilita. Assim, tais reflexões buscam instigar as pessoas sobre possibilidades de releituras de seus tempos possíveis e, dentro destes, identificar oportunidades, como a resignificação da cidade pelos praticantes de *parkour* ou a plenitude do brincante durante o jogo, enfim, pensar o tempo para além de sua duração cronológica.

Palavras chave: *Chronos. Kairós. Aion.* Tempo. Lazer. Atividade física.



O BASQUETE 3X3 PRATICADO NOS ESPAÇOS DE LAZER

Douglas Vinicius Carvalho Brasil; Alcides José Scaglia; Roberto Rodrigues Paes.

douglasviniciuscarvalhobrasil@gmail.com

Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas – FEF/Unicamp, Campinas, São Paulo, Brasil.

O Basquetebol praticado nas ruas e parques dos Estados Unidos da América (EUA) adquiriu características próprias como: regras flexíveis, vencer em segundo plano, entreter o público etc. Notando isso, a mídia norte-americana criou o termo *Streetball*, para distingui-lo do tradicional. O *Streetball* tornou-se fenômeno mundial entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000, principalmente por meio de ações da empresa AND1. No Brasil, o termo *Streetball* foi adaptado para Basquete de Rua, tendo suas primeiras menções datando dos anos 1990. Nos anos 2000, o Basquete de Rua brasileiro ganhou outras características, por meio de ações desenvolvidas por Organizações Não Governamentais (ONG's), das quais destacamos a *Central Única das Favelas*, responsável pela criação da Liga Internacional de Basquete de Rua. Assim como fizeram as ONG's brasileiras, que inspiradas no *Streetball* criaram suas próprias adaptações/versões dessa prática corporal, na Espanha a Federação Espanhola de Basquetebol criou o *Tribasket*, que serviu de inspiração para que a Federação Internacional de Basquetebol (FIBA) desenvolvesse a partir de 2007 o Basquete 3x3 (3x3). Diferente do Basquetebol em alguns aspectos (espaço de jogo, número de praticantes, pontuação etc), o 3x3 foi inserido no cenário mundial em 2009, desde então foram realizadas uma série de ações com intuito de difundir-lo (diferentes tipos de eventos, web sites, sistema de registro e ranqueamento etc), o que contribuiu para que fosse incluído nas Olimpíadas de Tóquio-2020. No Brasil, esse papel de divulgação e organização da modalidade ficou por conta da Confederação Brasileira de Basquetebol e de outras organizações, como por exemplo: ANB3x3, Liga Campineira de Basquete de Rua (LCBR), entre outras. Compreendemos as práticas corporais citadas anteriormente por meio principalmente do referencial histórico-cultural (um dos referenciais da Pedagogia do Esporte), que nos permitiu entender o desenvolvimento histórico, influência da mídia, entre outros, e do referencial técnico-tático, que nos auxiliou na identificação das semelhanças e diferenças técnicas e estruturais dessas práticas. O que nos permitiu, por meio de observação não participante de partidas de Basquetebol (que variaram desde o jogo 1 contra 1 a até 5 contra 5) realizadas em cinco quadras públicas e/ou de livre acesso da Região Metropolitana de Campinas (RMC) em 2016, compreender de que forma se organiza esta prática corporal nesses espaços de lazer, inclusive dos jogos disputados em meia quadra, por equipes compostas por trios (semelhante ao 3x3). No que diz respeito ao jogo disputado por trios, nota-se que não seguem as normas estabelecidas pela FIBA referente à modalidade, suas regras são flexíveis e variam de um local para outro, ou seja, possui características próprias, semelhantes às do *Streetball* norte-americano, apresentada por alguns autores. Portanto, podemos considerar que fora do contexto competitivo, o 3x3 não é praticado nos espaços de lazer observados na RMC, sendo o jogo disputado por trios, nesse caso, uma versão reduzida e adaptada do Basquetebol, ou ainda, do *Streetball* e/ou Basquete de Rua.

Palavras chave: Lazer. Esporte. Atividade de lazer. Basquetebol. Pedagogia do Esporte.



PLANNING OF SPORTS TOURISM PROGRAM IN HANGZHOU, CHINA

Lijun Zhou

janezhou328@zju.edu.cn

Department of Sports Science, College of Education, Zhejiang University, China.

With the development of social economy and the improvement of people's living standards, more and more tourists have gradually attracted sports tourism programs, which focus on the participation and experience of sport. China governments have issued a series of supportive policies to encourage the development of sports tourism. There are a large number of natural and cultural landscape resources in Hangzhou. It is an ideal place to develop sport tourism. However, the existing sports tourism programs in Hangzhou lack of overall planning at present. Therefore, how to make use of all kinds of high quality resources in Hangzhou and set up a large number of distinctive sports tourism programs has become an important problem to solve. According to the RMP theory, the study collects information of the natural and built environment in Hangzhou by site observation, and gets data of 800 questionnaires from tourists in scenic sports and gymnasiums to know the information of present situation of sport tourists and their needs of sport tourism. The results show: (1) Sports tourism programs in Hangzhou can be divided into nine blocks, which are sports tourism core, sports events area, sports culture area, the three rivers area, mountain outdoor sports area, winter sports area, water sports area and sports leisure area. (2)The sports tourism core is located in the main city and focuses on the role of consultation and reception, functioning as a tourism distribution center. The sports events area is located in the Binjiang District and Xiaoshan District, focusing on the development of brand events. The sports culture area emphasizes the planning of sports and cultural programs, providing experience and sightseeing project. The three rivers area focuses on the development of water sports and fine line, including canoeing, drift, touring car etc. The mountain outdoor sports area develops programs suitable for different age groups such as bungee jumping, rock climbing, downhill, mountaineering, tracking and others. Winter sports area sets up ice and snow program experience, training, sightseeing and so on. Water sports area focuses on nonpolluting water sports such as diving, sailing and other new pollution-free water programs. Sports leisure area reduces the degree of specialization and difficulty of the projects, focusing on parent-child sports experience, team sports and entertainment. As a new field, the degree of public awareness and acceptance is limited in sports tourism; the research suggests expanding the survey population in different levels.

Keywords: Sport Tourism. Program Planning. RMP Theory.



UM ESTUDO SOBRE GRUPOS DE GINÁSTICA DA PREFEITURA DE VALINHOS/SP

Caroline Giolo de Melo; Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco.

caroline_giolo@usp.br

Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo - EACH/USP, São Paulo, São Paulo, Brasil.

O presente estudo refere-se a uma dissertação de mestrado em Ciências da Atividade Física, Área de Concentração: Atividade Física para Promoção do Lazer, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, e encontra-se em fase de análise dos dados coletados. Tem como objetivo analisar a influência da Atividade Física Regular Orientada, enquanto vertente da Política Pública de Esporte e Lazer, na Qualidade de Vida das praticantes, através de uma Pesquisa-Ação no Programa de Ginástica da Secretaria de Esportes e Lazer da Prefeitura Municipal de Valinhos/SP, um exemplo de política pública de esporte e lazer consolidada, que ocorre há cerca de trinta anos, visando entender qual o intuito destas alunas ao buscarem um programa de atividade física, bem como quais os objetivos para inclusão e permanência neste programa em específico. Foi adotada a combinação das abordagens quantitativa e qualitativa de pesquisa, utilizando diferentes estratégias de coleta, com o intuito de obter uma visão ampla e efetiva da realidade do estudo. Quantitativamente foi utilizado o questionário Versão Abreviada em Português do Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL – bref) para avaliar a qualidade de vida de cerca de 220 alunas, e qualitativamente foi realizada uma sessão de grupo focal em duas turmas selecionadas utilizando-se o critério de classe social em situações inversas, para identificar os motivos de adesão e permanência neste programa, bem como complementar a metodologia qualitativa no sentido de abranger outros aspectos eventualmente não considerados no instrumento quantitativo e que são subsídios importantes para atingir os objetivos propostos. Os critérios de inclusão foram: disponibilidade em participar do estudo, ser aluna do Programa de Ginástica da Secretaria de Esportes e Lazer do Município de Valinhos, responder ao questionário Versão Abreviada em Português do Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL – bref), participar do grupo focal, caso sua turma seja selecionada, e frequentar o programa de forma assídua (verificado através das listas de frequência), sendo necessária a presença em 75% das aulas durante o segundo semestre de 2017, no qual ocorreram as coletas de dados. Também foi realizada pesquisa documental no site oficial da Prefeitura e Câmara Municipal, Leis Municipais e Imprensa Oficial e pesquisa bibliográfica. Ainda será realizada uma entrevista semiestruturada com o Secretário e o Diretor de Esportes, separadamente, buscando compreender a visão que possuem a respeito da importância e do significado desse programa para população, para o município e para Secretaria, e para avaliar a abrangência do programa serão analisados dados demográficos do município e documentos internos da Secretaria indicando o alcance, a fim de obter um parâmetro da abrangência. Os dados coletados serão correlacionados e analisados qualitativamente, bem como discutidos com a pesquisa bibliográfica, e o lazer será apresentado como mecanismo para Promoção da Saúde e Qualidade de Vida das alunas participantes, inclusive através da relação aula de ginástica como espaço de sociabilização.

Palavras chave: Política pública. Qualidade de vida. Atividade física. Ginástica. Lazer.



VALUE CO-CREATION OF SPORT TOURISM PRODUCT AND SERVICE IN HANGZHOU

Li-ping Ye; Li-jun Zhou

18868159959@163.com

Department of Sports Science, College of Education, Zhejiang University, China.

The study of sport tourism began in the 1960s. There are many different definitions of sport tourism due to different research perspectives. In addition, the main contents of the research focus the basic theory of sport tourism, the economic, social, cultural and environmental influences of sport tourism, the development and marketing of sport tourism products, etc. The theory of value co-creation comes from service economics area, which means that both customers and producers create the value of product or service. In addition, the DART model is based on value co-creation theory, considering dialogue, access, risk assessment and transparency as four dimensions for value co-creation. Hangzhou has a wealth of sport tourism resources with many sport tourism products and services. However, the quality of sport tourism products and services still has much room for improvement, especially in the value creation part. This study tries to understand the current situation about value co-creation of sport tourism products and services in Hangzhou and discusses some proposals for better future development. The study uses questionnaire designed according to the four dimensions in DART model to collect first-hand information from sport tourism customers. The questionnaires were distributed in several main sport tourism destinations in Hangzhou such as Huanglong Gymnasium of Hangzhou and West Lake scenic area, along with online questionnaires. A total of 359 questionnaires were collected, of which 333 were valid. Single factor analysis of variance and independent sample T test in SPSS 22.0 are used to analysis the data. The result shows that in dialogue dimension, most customers do not have communication with producers, being in a state of passive acceptance of products and services. This situation may be caused by the traditional concept of consumption. To strengthen the dialogue section, producers should lead the communication before, during and after the consumption process using new social software to provide the most suitable product and service. In access dimension, customers have many online and offline accesses to get information about sport tourism product and service. However, the information quality cannot satisfy customers' needs. This requires producers to attach importance to the release of information especially the timeliness and comprehensiveness of information. It provides basic information guarantee for consumers to participate in value co-creation. In risk assessment dimension, customers are lack of adequate knowledge of risk on sport tourism. Therefore, the producers should be more specialized in risk disclosure and the sport tourism industry needs to set up a clear responsibility system. In transparency dimension, the information asymmetry between consumers and producers is obvious, which needs to establish a public information public platform to improve the quality of customers' participation in value co-creation.

Keywords: Sport Tourism Product and Service. Value Co-Creation. DART Model.



TEMA 5
EDUCAÇÃO NO LAZER
EDUCATION IN LEISURE
EDUCACIÓN EN EL OCIO



AN ECOTOURISM SCENARIO GAME FOR EDUCATION ENHANCEMENT IN TOURISM STUDY

Chung-Shing Chan; Lawal Mohammed Marafa; Yat Hang Chan; Tsz Heung Agnes Fong
ccs_johnson@cuhk.edu.hk

Department of Geography and Resource Management, GRM; Centre for Learning Enhancement and Research, CLEAR, The Chinese University of Hong Kong, GRM, CUHK, Hong Kong SAR, China

With the rapid development of information and communication technology and e-learning, the conventional lecturing and knowledge transfer also have to incorporate innovative ways of teaching and technological advancements. Game-based learning is not new and is widely applied to various academic disciplines. Tourism studies often integrate field visit and classroom lecturing but a virtual and scenario-based experience in some real-life cases benefit both instructors and learners to stimulate discussions about circumstances of tourism planning and management. Two key features design the educational platform of the Ecotourism Scenario Game: 1. selection of location. It simulates an indigenous community in the Amazon rainforest in Peru. It is significant, especially for students who are living in crowded urban cities, where are rare to provide the opportunities experiencing the nature in person. The contrast between the milieu of students and the selected context in the game enhances the immersion of the students in the game. This feature also controls the design of characters as well as decides what kind of interactions would happens within the community. 2. simplified plot. The plot is basically derived by the simplification of the development situation in the real world. It is not necessary for the designer to be overly detailed but inclusive to all main dilemmas in the real situations. Further detailed considerations of the development can be ignited during the discussion with the students. Combining conceptual/theoretical knowledge, real world information and hypothetical storyline, this game allows students to make in-group decisions in different scenarios in the development process. Instructors may facilitate discussion between groups and deliver knowledge of ecotourism such as tourism impact assessment, destination planning and visitor management at certain stages of the game. Some common dilemmas between different parties are designed along the storyline and the students are encouraged to critically think and justify their decisions in attempt to balancing the multi-stakeholders' interests and achieving sustainable tourism development. As different groups may have different paces and decisions during the game, the students are not required to achieve the same ending. The various results allow the students to draw further deeper critical thinking. This game significantly integrates conventional lecturing, class interactions and e-learning application to tourism classes. The platform also allows students to experience the scenarios outside classroom, either individually or group-based, which would enhance the learning effectiveness. A focus group study on the effectiveness of knowledge transfer is undertaken by sampling 30 bachelor students from various disciplines in university. Preliminarily, active performance has been observed during the in-class discussions and positive responses on the integrated teaching method have been obtained from the questionnaires regarding the students' knowledge, attitude and usability before and after the game experience.

Keywords: Ecotourism. Game-based Learning. Leisure Education. Scenario Game. Tourism.



COMPREENSÕES DO LAZER PELOS COORDENADORES DO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO

Sheylazarth Ribeiro; Ana Cláudia Porfírio Couto

sheylazarth@hotmail.com

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Esta pesquisa aborda o Programa Segundo Tempo (PST) do Ministério do Esporte através de dois eixos de ação, os Coordenadores de Núcleo (CNs) e a Capacitação profissional. Investigamos como as Capacitações do PST estão envolvidas na construção dos sentidos de lazer dos CNs por meio de uma decodificação do vídeo “Fundamentos do lazer e da animação cultural” exibido aos CNs durante a Capacitação à distância do PST. No que tange às Capacitações, buscamos mapear os conceitos de lazer expressos no vídeo, e a relação que os CNs estabeleciam com o vídeo. Nosso objetivo se configurou em identificar as compreensões de lazer que os CNs (que já haviam realizado a Capacitação do PST) constroem a partir da apresentação do vídeo construído para a Capacitação à distância do PST. A realização dessa pesquisa contou com uma coleta de dados junto ao convênio do PST da cidade de Betim/MG. O instrumento de coleta foi uma exibição do vídeo “Fundamentos do lazer e da animação cultural” seguido da aplicação de 37 questionários com questões sobre o vídeo. Os estudos de Stuart Hall (1997; 2003) permitiram olhar para as Capacitações do PST como elemento de um sistema de produção cultural. E, para elencar as compreensões de lazer, utilizamos a teoria da codificação e decodificação de Hall (2003) que indicou os sentidos preferenciais, negociados e de oposição. Como conclusão, demarcamos os sentidos apresentados pelas Capacitações do PST como preferenciais, e, a partir deles, referenciamos os sentidos de lazer dos CNs. Disponibilizado no canal *Youtube* na internet, o vídeo “Lazer e Animação Cultural” (23’ e 42” de duração, do ano de 2010) é apresentado pela professora Ângela Bretas e trata dos temas argumentando como o PST se configura um programa de lazer, pois acontece a partir das escolhas das crianças e dos jovens e no contraturno escolar, tempo livre dessas pessoas. No vídeo, encontramos, o lazer como um fenômeno social moderno que tenciona os tempos da vida humana delimitando os tempos de produção e os tempos cotidianos e, nos tempos cotidianos, excluindo as obrigações rotineiras, encontramos atividades culturais que são relacionadas à busca do prazer. Dos 37 respondentes, 36,1% indicaram que era a primeira vez que viam o vídeo mesmo tendo participado da Capacitação à distância do PST. Quanto à concordância com o conceito de lazer expresso pelo vídeo, tomamos as respostas que indicavam o vídeo como positivo e assertivo, assim, 33,3% dos CNs acharam o vídeo ótimo, 58,3% acharam bom e apenas 8,3% acharam regular, ninguém indicou que o filme fosse ruim. Os dados apontaram para uma leitura por parte dos CNs preferencial. Para eles, o vídeo contribui para ampliação das percepções sobre o lazer e o trabalho nos núcleos a partir dessa temática. Concordam também que o vídeo é importante para a atualização de seus conhecimentos e um olhar crítico sobre a realidade nos núcleos.

Palavras chave: Coordenadores de núcleo. Capacitação PST. Lazer. Formação profissional em esporte e lazer.



CURRÍCULO ESCOLAR EM EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES EDUCACIONAIS PARA/NO LAZER

**Anderson Cristian Barreto; Silvana Santos; Ana Luiza Barbosa Anversa;
Luciane Cristina Arantes da Costa; Amauri Aparecido Bássoli Oliveira;
Vânia de Fátima Matias de Souza**

andercbarreto@hotmail.com

Secretaria de Educação de Maringá – SEDUC / Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar – GEEFE / Grupo de Estudos do Lazer – GEL, Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná, Brasil

Todo currículo carrega em suas ideias e propostas as influências sociais, econômicas, políticas e culturais de cada momento da sociedade. Ele é o documento orientador das ações pedagógicas no qual se destacam os conteúdos, as experiências de aprendizagem, os planos pedagógicos, os objetivos educacionais e outros elementos que consolidam a prática educativa. A partir dessa compreensão, surgem inquietudes pertinentes à forma como a temática lazer é apresentada/tratada nos currículos de Educação Física Escolar. Diante disso, ressalta-se a necessidade de o lazer ser abordado como uma manifestação cultural e corporal, que se configura no tempo disponível individual ou coletivo, de caráter desinteressado, que busca satisfação pessoal. Por conseguinte, cabe às aulas de Educação Física, por meio das manifestações práticas e da abordagem lúdica, oportunizar aos alunos uma educação para o lazer em seu conceito amplo, levando-os a compreendê-lo no âmbito prático e teórico, facilitando a assimilação das informações e os saberes que o envolvem. Tendo essa compreensão, o estudo objetivou analisar como o lazer é tratado no currículo da Educação Básica, especificamente na Educação Física do ensino fundamental I do município de Maringá-PR. Para o desenvolvimento da pesquisa optou-se por realizar uma análise documental, pautando-se na tematização dos constructos ligados ao campo do Lazer e Recreação identificados no Currículo da Educação Infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental do Município de Maringá-PR. A análise buscou identificar como a temática referente ao lazer encontra-se disposta nesse documento oficial. Conclui-se que a análise do currículo da Educação Física da Educação Infantil e Séries Iniciais relata apenas a importância da ludicidade nos processos educativos. Evidencia-se o brincar e as abordagens recreativas ligadas aos jogos e brincadeiras como práticas corporais que se aproximam do entendimento de educação para/no lazer na escola com caráter recreacionista. Todavia, é assertivo relatar que pelo brincar as crianças experimentam, exploram e compreendem os significados culturais presentes no meio em que estão inseridas, elaborando e/ou ressignificando o pensamento, pois brincando em atividades de intensa movimentação corporal, a criança desenvolverá os seus diferentes aspectos, levando ao entendimento de que esses movimentos têm significados, se manifestando com o objetivo de se expressar e comunicar. Entretanto, a temática referente a uma proposta educativa para/no lazer vai além do ato de brincar e no currículo não é identificada, em nenhuma das menções. Assim, encontra-se a necessidade de desmistificar o entendimento de lazer enquanto jogo e brincadeira e, com base nos indicativos encontrados, aponta-se a necessidade de se trazer ao currículo perspectivas teórico-pedagógicas do campo do Lazer adequadas às demandas escolares na atualidade, utilizando-o enquanto uma ferramenta pedagógica que possibilite a ampliação dos saberes da criança em relação ao entendimento do Lazer a partir do trato dado no contexto das aulas de Educação Física Escolar.

Palavras chave: Currículo. Educação Física Escolar. Lazer.



EDUCAÇÃO E ÓCIO DIGITAL: CONSUMO DE VIDEOCLIPES POR JOVENS PORTUGUESES

Maria Joana Alves Pereira; Maria Manuel Baptista

joanapereira.ua@gmail.com

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas - CLLC, Universidade de Aveiro, Portugal

Com a entrada no século XXI, têm-se verificado grandes modificações na forma de estar das camadas jovens. As mudanças culturais político-sociais e econômicas trazem aos jovens a necessidade da autoexpressão, de identidade e, ainda, de autonomia. Emerge a importância da realização pessoal, da liberdade. No contexto da temática “Educação no Lazer”, propomo-nos a apresentar os resultados de um estudo empírico que parte da análise da semiótica literária, visual e musical de videoclipes inscritos nos tops mundiais, e que se tornaram referência de visualizações no canal do *Youtube*. O estudo incide no modo como uma população de cerca de 200 jovens portugueses os decodificaram (os estudos norte-americanos apontam para um consumo diário de 7h38 minutos de tecnologia combinada (Rideout, Foehr e Roberts, 2010)). Mais especificamente, participaram deste estudo 192 alunos do ensino secundário, com idades compreendidas entre 14 e 20 anos. A pesquisa foi desenvolvida numa das escolas secundárias do distrito de Aveiro (PT). Os métodos de desenvolvimento da investigação consistiram na visualização por parte dos sujeitos de quatro dos videoclipes que constam do referido top, submetendo-os em seguida a um questionário semiestruturado. Num momento seguinte, realizaram-se sete *focus group*, cujo tema se centrou em torno das diversas interpretações e decodificações produzidas pelos sujeitos. A investigação realizada, e que continua ainda em desenvolvimento no que respeita à análise completa dos dados recolhidos, apontou para algumas conclusões prévias: concluímos que 70% da fruição do ócio do Jovem é digital; os jovens do sexo masculino praticam mais ócio digital; o consumo de música é a atividade digital mais praticada pelos jovens; a sensação mais experienciada pelos jovens ao ouvirem música é a liberdade; o grau de escolaridade do encarregado de educação do jovem é, na sua maioria, inferior àquele que o jovem tem no momento do preenchimento do questionário. Procedemos ainda a uma extensa revisão bibliográfica sobre o estado da arte no domínio dos estudos teóricos e empíricos sobre ócio/lazer dos jovens em contexto digital, e mais especificamente no que respeita ao consumo de música e videoclipes. Com base no estado da arte – Ortega Nuere, Lazcano Quintana e Rocha Teixeira Baptista (2015); Berrio-Otxoa, Hernández e Martínez (2002); North, Hargreaves, O’neill (2000); Ward, Hansbrough, and Walker (2005); Sánchez-Navarro e Aranda, (2011); Rideout, Foehr e Roberts, (2010) – e na análise dos resultados empíricos prévios que obtivemos, foi elaborado um Guião de Oficinas a ser usado pelos professores e educadores, no sentido de promover o conceito de “ócio débil”, estimulando nos jovens práticas de lazer informadas, críticas e de resistência a estereótipos de gênero e à violência de gênero, cujas imagens são largamente propagadas nos videoclipes analisados.

Palavras chave: Ócio débil. Lazer. Jovens. Videoclipes.



EDUCATION ON INTANGIBLE CULTURAL HERITAGE FOR A SUSTAINABLE FUTURE

Cristina Ortega Nuere; Isabel Verdet Peres

cristina@worldleisure.org

University of Florida (UF), Gainesville, Florida, USA

A new vision of cultural heritage, including intangible cultural heritage (ICH), gained prominence along the last century, which emphasizes the value of its protection for the enhancement of sustainable development and social cohesion. Growing relevance of cultural heritage was reaffirmed by the 2003 UNESCO Convention for the safeguarding of the ICH. This process has been mirrored by a penetration of the issue in higher education curricula. However, there is at present a general lack of knowledge about integration of ICH in training programs at higher education level. This communication is the result of a research trying to fill this gap by looking into how future decision-makers and professionals are being trained in fields related to ICH, such as leisure, heritage studies, cultural management or sustainable development. This research project, titled “Learning on intangible heritage: building teachers’ capacity for a sustainable future”, received the support of the UNESCO’s Participation Program 2016-2017. Against this background, and assuming not only that ICH has much to do with leisure – some of the domains in which ICH is manifested according to the UNESCO Convention are clearly leisure-related: “[a] oral traditions and expressions (...); (b) performing arts; (c) social practices, rituals and festive events (...)” – but also that the knowledge accumulated in the past decades by the leisure studies and leisure education field can contribute to the development of education on ICH, a literature review is briefly presented about the intersections of those different areas: leisure, ICH and education. Then, the results of a research project mapping higher education programs teaching about ICH in over 40 European countries are presented, together with the main findings of some parallel investigations carried out by partners in Asia and Latin America. A qualitative mapping methodology, which will be described, was employed for gathering data, while the gathered information was analyzed both qualitatively and quantitatively. The results of the mapping process were also presented, discussed and further informed by the opinion of international experts on ICH in a roundtable held last December in Milan. Among the main findings of this research, we found that the term “ICH” is barely used in higher education programs, which suggests there is a *décalage* between what UNESCO is proposing since 2003 and its reflection in education programs. However, the number of programs that deal with ICH (having ICH as a course or content in not ICH-specific courses) is much more significant. By way of conclusion, it might be argued that, while ICH is already integrated in some courses for students of heritage studies, there is a great need for strengthening this component in the teaching and curricula of universities focusing on other topics, such as leisure, arts and cultural management or cultural studies. Finally, this research suggests some of the most pressing needs for the future development of the field: 1) common terminologies, 2) exchange of approaches, methodologies and good practices, and 3) international cooperation, taking advantage of the already existing umbrella for exchanges to take place at the international level.

Keywords: Intangible Cultural Heritage. Higher Education Programs. Universities. Mapping.



ESCOLA DE AVENTURA DURANTE AS AULAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Érika Fernandes de Almeida Arruda; Giuliano Gomes de Assis Pimentel

erikaferalmeida81@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná, Brasil

As atividades de aventura atualmente têm despertado cada vez mais o interesse das pessoas em suas práticas, novas modalidades veem surgindo e o acesso está cada vez mais fácil, fazendo com que aumente o número de adeptos a estas práticas. Com a alta disseminação dessas práticas, entendemos que há uma demanda e que estas devem ser oferecidas pela Educação Física Escolar. Sendo assim, o projeto de extensão *Escola de Aventura*, pertencente ao grupo de estudos do lazer (GEL), do departamento de educação física da UEM, desde 2015 vem desenvolvendo suas práticas de forma pedagógica dentro do Colégio de aplicação Pedagógica (CAP). A *Escola da Aventura* atende atualmente crianças do primeiro ao quarto ano do Ensino fundamental, com idades entre seis e 10 anos, durante o horário de aulas, em um sistema de ensino multidisciplinar, em que cada turma é atendida por um período de um semestre no ano: no momento, estão sendo atendidas duas turmas em duas sessões semanais com duração de uma hora aula cada. As atividades de aventura desenvolvidas são: skate, *slackline*, *parkour*, orientação e escalada – geralmente, são desenvolvidas duas por aula. Em cada turma, separamos as crianças em cinco grupos, cada um com cinco ou seis crianças repartidas pelo número delas na turma, e cada grupo tem seu monitor fixo, consiste em atividades específicas ou não, sempre fazendo a exposição verbal e, após o trabalho em grupo, mesmo que as modalidades possuam características individuais diferenciadas, durante a semana anterior a cada aula é preparado o conteúdo multidisciplinar, sendo associado aos conteúdos que já estão sendo trabalhados pela pedagoga da turma conjuntamente com a atividade de aventura – estes geralmente são conteúdos voltados para as disciplinas de matemática, ciências, língua portuguesa e inglesa, auxiliando na melhoria de reforço dos conhecimentos adquiridos dentro da sala de aula. As bases teóricas utilizadas até o momento são as teorias desenvolvimentista, construtivista e pedagogia da aventura, fazendo um elo ao desenvolvimento das capacidades motoras de: equilíbrio, sendo este estático, dinâmico e de recuperação; força, sendo concêntrica, excêntrica, isotônica e isocinética; flexibilidade; coordenação com deslocamentos em planos altos, médios e baixos; e práticas cinestésicas corporais, categorizando os movimentos em estabilizadores, manipulativos e locomotores, cuja ideia é promover uma associação de tarefas motoras executadas de uma forma lúdica e consistente. Além disso, devido às dificuldades que estas modalidades carregam, classificamos os conteúdos dentro das dimensões conceitual, que se refere ao que será ensinado; procedimental, isto é, como eu vou transmitir os conteúdos; e atitudinal, que refere-se ao como deve ser (PAIXÃO, 2012). Até o momento foram observadas não apenas melhorias motoras como cognitivas nas crianças e também as pedagogas relatam que, além das atividades caracterizadas pelas modalidades, as consideradas multidisciplinares têm contribuído para a aprendizagem dos conteúdos trabalhados por elas em sala de aula.

Palavras chave: Modalidades. Crianças. Educação Física Escolar.



ESTADOS E POTENCIALIDADES CORPORAIS EM PROCESSOS ARTÍSTICOS NO LAZER

Bárbara Machado Mazzetti

bmmazzetti@gmail.com

Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

A presente pesquisa visou identificar particularidades e percepções de participantes acerca dos encontros de música corporal “Fritura Livre”, que ocorrem mensalmente na Praça Victor Civita, localizada no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Os encontros são atividades abertas de música corporal, onde os sons produzidos por estímulos ao corpo configuram práticas integradas de percussão corporal, dança e música vocal. Suas vivências são realizadas de forma livre, inclusiva e comunitária, não se exigindo experiência musical e/ou pré-requisito, a não ser pela disponibilidade de estar em contato direto com o outro. A pesquisa descritivo-qualitativa, realizada e apresentada como trabalho final de conclusão de curso no ano de 2015, partiu da inquietação e compreensão de que o corpo humano é base para qualquer existência, onde o raciocínio, a sociabilização, a capacidade criativa e demais facetas humanas podem estar ligados potencialmente ao corpo, uma vez que todas as ações partem dele. A pesquisa está baseada em uma revisão bibliográfica de conceitos sobre lazer, animação sociocultural, educação informal ou não formal, arte, cultura, eutonia e consciência corporal, fazendo-se valer de ideias de autores como Dascal (2008), Vianna (2005), Dumazedier (1980), Bernet (2004), Gohn (2009), Isayama (2006), Marcellino (2007), entre outros, e utilizou-se da observação participante e da aplicação de questionários semiestruturados abertos como instrumentos metodológicos para coleta de dados, reunindo uma amostra de 30 entrevistados, sendo 28 realizadas com participantes, uma com o facilitador da atividade e uma com a gestora da Praça Victor Civita na época. Compreendendo, assim, o tempo-espaço do lazer como um elemento de grande valia para a formação do indivíduo, possibilitando e impulsionando o aprimoramento de habilidades artísticas, lógicas, sociais e pessoais, entre outras, o presente trabalho visou levantar e discutir possibilidades de estados corporais em processos artísticos no lazer, verificando o emergir de momentos em que ocorra maior conexão do indivíduo com seu corpo. Assim, o estudo de caso acerca do “Fritura Livre” partiu de questionamentos de como estes estados corporais pessoais refletem e interferem na coletividade e quais potencialidades podem ser identificadas nas relações entre lazer, educação informal, vivências artísticas e consciência corporal. Quanto às particularidades dos encontros de música corporal e percepções relatadas pelos entrevistados, foi possível captar a impressão de que os encontros de música corporal “Fritura Livre” representam uma vivência artístico-corporal que ajuda a promover a criatividade pessoal e coletiva, por meio de uma sociabilização espontânea, do respeito mútuo e pelo autoconhecimento corporal, resultando em uma avaliação positiva do público entrevistado sobre as atividades desenvolvidas nos encontros de “Fritura Livre”. Também foi verificado como o espaço da Praça Victor Civita, seu espaço físico e sua forma de gestão contribuem para o desenvolvimento de atividades sócio artísticas, inclusive para a própria execução do “Fritura Livre”. Ademais, foi verificado como novos conhecimentos corporais e artísticos podem ser obtidos através da vivência de música corporal coletiva, em momentos de lazer, e como estes podem influenciar diretamente na forma como o indivíduo se relaciona consigo mesmo, com o espaço público e com outras pessoas.

Palavras chave: Lazer. Música corporal. Consciência corporal. Praça. Cidade de São Paulo.



IMPLEMENTAÇÃO DO CONTRATURNO ESCOLAR E REPRESENTAÇÕES DE LAZER E ESPORTE

Marcília de Sousa Silva; Hélder Ferreira Isayama

marciliassousasilva@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Os programas de contraturno escolar desenvolvidos na rede municipal de ensino da cidade de Belo Horizonte, mais especificamente os Programas *Escola Integrada* e *Segundo Tempo*, interagem com a dinâmica da escola e, por vezes, provocam justaposição na concretização de suas ações. O objetivo deste estudo foi investigar a implementação desses programas e as representações de esporte e lazer no contexto da prática, por meio de estudo de caso. A observação foi utilizada como estratégia de coleta de dados e os instrumentos foram o caderno de campo e entrevistas com a comunidade escolar (estudantes, gestores, professores, monitores, estagiários universitários e pais). A pesquisa baseou-se no ciclo de política para refletir as práticas políticas e sociais desenroladas na dinâmica da escola. Os campos da análise de discurso e da representação social foram percorridos para o tratamento dos dados produzidos. Por meio do aporte teórico metodológico, foram definidas as categorias de gênero de discurso, formação discursiva e percurso, cujos conceitos de cena de enunciação, interdiscurso, pequenas frases e fórmulas contribuíram para a análise. Há o entendimento de que a análise da implementação e representações de lazer e esporte não deve considerar os programas de contraturno em si mesmos, ou seja, na atividade executada. É necessário compreender a situação de comunicação e os acordos que se concretizam em discurso perceptível nas falas dos sujeitos. Nesse sentido, o entendimento dos implementadores dos programas de contraturno escolar orienta para a noção de proteção social e cuidado aos estudantes participantes e, de certa forma, às suas famílias. Ao considerar que os programas de contraturno escolar têm um papel prioritário de “tirar da rua”, os implementadores trazem para o universo da escola uma demanda social que ela não soluciona sozinha. E, com isso, provoca lacunas e insatisfações no que diz respeito aos resultados que se espera dela. O processo de implementação deu pistas de uma construção de discurso de lazer e esporte com o propósito de prescrever e informar aos estudantes sobre as experiências, em outras palavras, os sujeitos da ação produzem o enunciado de saber/fazer e os estudantes apoiam-se no dever/fazer. Esse modo de organização do discurso é produto de restrições discursivas que se apresentam, principalmente, por meio do lugar que os sujeitos ocupam (educador/estudante, educador professor/educador monitor). O ideário de que o esporte é saúde, afasta das drogas, combate a violência, é competição e lazer permeia as práticas discursivas da escola. O imaginário consensual dessa prática social pouco avança para sua concretude na realidade social. Os discursos do lazer percebidos na prática escolar nos permitem significá-lo como instrumento de indução de uma conduta disciplinada esperada e solidificada no contexto da produção de sua representação, bem como diversão ou entretenimento necessários à cena “carente” na qual os programas de contraturno se inserem. Este estudo contribui para as possibilidades de interpretações dos discursos dos sujeitos que participam da comunidade escolar, oportunizando protagonismo coletivo e de vozes no caminho da construção de “encontros potentes” entre lazer, esporte, escola, educação.

Palavras chave: Programa de contraturno escolar. Implementação. Representação social. Esporte. Lazer.



O LAZER NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: CONSTRUINDO CONHECIMENTO

Adriana Angelica Lobo Leite

dri.allobo@gmail.com

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Considerando a necessidade de analisar a temática do lazer e Educação Física Escolar, este estudo tem como foco o desenvolvimento do tema: “Lazer no Ensino Médio” para as turmas da Fundação de Ensino de Contagem (FUNEC). Embora a discussão sobre lazer e educação se encontre muito difundida no campo acadêmico, não se tem observado especial atenção ao campo didático-pedagógico, sobretudo nas aulas de Educação Física do Ensino Médio. Esta pesquisa visa promover reflexões sobre as vivências de lazer nas aulas de Educação Física do Ensino Médio na FUNEC. Nesse sentido, como objetivo principal, este estudo visa fortalecer e qualificar essa instituição para enfrentar os desafios de uma proposta pedagógica sobre o lazer. Esta pesquisa busca realizar um diagnóstico sobre as possibilidades de vivências de lazer nas aulas de Educação Física na perspectiva de identificar como ele é compreendido, tratado e desenvolvido pelos professores de Educação física da FUNEC. O estudo possui uma abordagem descritiva qualitativa e utilizou a combinação de pesquisas bibliográfica, de observação e de intervenção pedagógica, possibilitando alternativas de produção de conhecimento e de intervenção na área. O presente estudo está organizado em três partes: a primeira, onde a pesquisa é apresentada, “O lazer nas aulas de Educação Física: construindo projetos de ensino com professores do Ensino Médio”, introdução e seu objeto de estudo, enfatizando a importância de focar algumas reflexões sobre a relação entre a Educação Física e o lazer e que, conseqüentemente, aborda os objetivos e as justificativas. Na segunda parte, a escolha da metodologia utilizada é apresentada e a terceira, com base nessas premissas, apresenta a descrição do produto técnico: a construção de um blog, de uma carta oficial e de um projeto – aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e pela Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEP) –, que se mostraram como uma oportunidade de um maior diálogo e de reflexões, influenciando a produção de conhecimentos na área de Educação Física. Encerrando o estudo, as considerações finais são expostas, quando se propõem algumas reflexões sobre a relação lazer e Educação Física e apresentam-se os anexos utilizados para complementação e oficialização da pesquisa. O estudo revelou que a intercessão Educação Física e lazer pode ser um meio de transformação sociocultural, de reflexão sobre o tipo de sociedade que queremos construir e de produção de uma maior criticidade sobre os ditames sociais que são impostos pelo sistema capitalista vigente. Como resultado, a pesquisa revelou a importância do trabalho docente coletivo e da ampliação dos contextos de formação continuada dentro da escola. Sendo o lazer uma dimensão importante das experiências juvenis, dando visibilidade à necessidade de atenção às inúmeras manifestações culturais de lazer dos jovens estudantes.

Palavras chave: Lazer. Educação física. Ensino Médio.



O LAZER NO PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA: CURRÍCULO E INTERVENÇÃO

Cathia Alves; Helder Ferreira Isayama

alves.cathia10@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP, Salto, São Paulo, Brasil;
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

O Programa Escola da Família (PEF) é uma ação de políticas públicas educacionais da Secretaria da Educação do Governo Estadual de São Paulo e tem como objetivo ocupar as escolas aos fins de semana com atividades e oficinas de esporte, cultura, saúde e formação para o trabalho, com a mediação de bolsistas universitários e voluntários. As ações do Programa se desenvolvem em escolas localizadas em regiões de alta vulnerabilidade social, procurando difundir uma cultura de paz, incentivar o protagonismo juvenil e fortalecer práticas de convivência e cidadania. Esta pesquisa teve como objetivo investigar as implicações pedagógicas e políticas que envolvem o currículo do Programa Escola da Família, bem como compreender os conhecimentos e discursos disseminados sobre lazer por meio da ação dos educadores universitários e descrever os modos de ser desses sujeitos. Como estratégia de investigação, foram utilizadas a revisão bibliográfica, a análise documental e a imersão no campo com a técnica de observação e entrevistas com doze educadores universitários (bolsistas do Programa). Para tratamento dos dados, recorreremos à análise de discurso foucaultiana. Os resultados do estudo apontaram que o Programa Escola da Família é fruto de parcerias com entidades internacionais e tem como meta ensinar modos de ser a partir do dispositivo da cultura de paz, ocupando o tempo da comunidade com atividades de cunho recreativo, social, esportivo, cultural e de formação profissional e para a saúde. Ao compreender o currículo como um texto cultural, identificamos que o PEF tem dois currículos: o formal, que segue as orientações e diretrizes da Secretaria da Educação; e um currículo de resistência, que é espontâneo e descompromissado, pois a comunidade escolhe as práticas e participa das ações que tem desejo e vontade: as pessoas ocupam as escolas para jogar futebol de salão, tênis de mesa, ouvir músicas, fazer as unhas, se encontrar, conversar e passar o tempo. Quanto aos educadores universitários, os discursos demonstram preocupação em manter a bolsa de estudos e oferecer segurança às crianças e adolescentes. Ao atuar no PEF, os educadores universitários aprendem aspectos pessoais, relacionados à autonomia, empatia e respeito às diferenças; e aspectos profissionais, referentes a regras, gestão de tempo, pessoas e recursos. Os tipos de formações e capacitações ofertados para eles são escassos e focados na produção de comportamentos em torno das questões do corpo e da saúde. Consideramos que o Programa Escola da Família é um dispositivo pedagógico que fabrica modos de ser ao ofertar acesso à cultura, esportes, lazer, cursos profissionalizantes e formações sobre saúde, no sentido de controlar e organizar as comunidades, mascarando o direito ao lazer. Assim, o PEF é uma política pública disciplinadora de condutas, que opera com micro poderes que se movimentam e, por meio do lazer, produz práticas educativas, atribuindo modos de ser aos educadores universitários (disciplina, seriedade, papel educativo), que são os mediadores das ações.

Palavras chave: Lazer. Currículo. Atuação profissional.



PRÁTICA PEDAGÓGICA DE AVENTURA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Liege Matheus da Silva; Silvana dos Santos; Giuliano Gomes de Assis Pimentel,
Décio Roberto Calegari**

RA79939@UEM.BR

Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil

A Escola de Aventuras é um projeto de extensão formalizado em 2014 (Processo 16331/14-DEX) organizado pelo Grupo de Estudos do Lazer (GEL/UEM/CNPq). O GEL foi fundado em 2000 pensando na pesquisa como ferramenta formativa de transformação (PIMENTEL, 2010). A partir de 2004, o grupo começou a desenvolver uma linha de pesquisa sobre Atividades de Aventura e, dado o volume de trabalhos acumulados a respeito dessa temática, desenvolveu procedimentos próprios para o ensino das modalidades skate, parkour, slackline e escalada, por entendê-las como cultura corporal que permite aos/as alunos/as a compreensão das modalidades propostas pelo projeto, assim como contribuem para que eles se reconheçam como sujeitos históricos e promotores da transformação social. Demonstramos que o conhecimento sobre a prática das atividades de aventura, por meio da organização coletiva de sua prática na escola e na comunidade, pode promover o desenvolvimento dos/as alunos/as. Em 2016, o projeto é convidado para se inserir na dinâmica escolar e ocupa um lugar na grade curricular do CAP como um tema gerador, se articulando ao ensino das disciplinas de Matemática, Línguas, Artes e Geografia. Assim, o projeto adquiriu um caráter multidisciplinar na escola. Nesse contexto, são realizadas aulas de atividades de aventura para os anos iniciais do Ensino Fundamental I duas vezes por semana. Para sua realização, o projeto conta com os bolsistas PIBIC-EM, integrantes do grupo GEL e alunos/as voluntários/as do curso de Educação Física (DEF/UEM). Esse estudo é caracterizado como pesquisa-ação, (THIOLLENT, 2005). As aulas ofertadas para cerca de 100 crianças dos anos iniciais do ensino fundamental I contemplavam a seguinte dinâmica: 1) planejamento, 2) seleção do material, 3) organização das atividades na escola, 4) buscar as crianças em sala, 5) parte inicial (acolhimento das crianças), 6) efetivação das atividades, 7) conclusão (apreender as percepções das crianças sobre as atividades), 8) retornar com as crianças para sala, 9) recolhimento do material e 10) produção de relatórios. As crianças vivenciavam duas modalidades diferentes em cada aula, distribuídas no tempo total de 50 minutos, uma vez por semana. As aulas foram elaboradas para atender o planejamento da escola de aventura de acordo com o calendário escolar. Partindo daí, dividimos as aulas em momentos diferentes: Além da divisão supracitada, os planejamentos também contemplaram os seguintes elementos: a) conteúdo específico das modalidades; b) conteúdo articulador das modalidades com as disciplinas curriculares específicas; c) objetivo específico de cada aula; e d) o processo metodológico (identificação, instrumentalização e catarse). Em todos esses elementos esteve presente uma ação problematizadora. Os elementos que orientam o planejamento das aulas do projeto Escola de Aventura se apresentam como inovadores frente às estratégias pedagógicas, ora por sua teoria crítica em que o objetivo é oferecer aos/as alunos/as um saber produzido historicamente pela sociedade e entender a luta de classes; ora por apresentar um esporte que podemos considerar elitizado, já que os materiais têm um custo elevado e a sua prática não é comum nas escolas públicas; ou ainda, por promover uma transformação de conhecimento do senso comum para o conhecimento científico.

Palavras chave: Escola de Aventura. Criança. Extensão.



THE POWER OF “ACTIVE EXPERIMENTATION”: ASSESSING STUDY ABROAD PROGRAMS

Hongping Zhang; Heather Julie Gibson

hongpingzhang@ufl.edu

University of Florida (UF), Gainesville, Florida, USA

Over 4.6 million students studied abroad in 2015 (UNESCO Institute for Statistics, 2017) and as such this is contributing to the growth of educational tourism in general (Worldtourismwire, 2017). While early research tended to focus on motivations to study abroad (e.g. Sanchez, Fornerino, & Zhang, 2006), recently researchers have examined the outcomes and transformative power of these international education experiences (e.g. Strange & Gibson, 2017). Researchers have found that study abroad can improve students' cross-cultural competencies and facilitate cognitive development (Stone & Petrick, 2013), but its academic credibility is still questioned (Woolf, 2007). Experiential learning theory (Kolb, 1984) has been used to understand the development exhibited by students engaging in international education. The theory portrays learning as a holistic circle with concrete experience, reflective observation, abstract conceptualization, and active experimentation (Kolb, 1984). Accordingly, the learner's transformation occurs via internal reflection (reflective observation) and external manipulation of their environment (active experimentation). The importance of reflection in cognitive development is particularly important (e.g. Lou & Bosley, 2012). However, study abroad as an opportunity for students to interact and experience external worlds has largely been overlooked. This study examined the impact of “active experimentation” in a non-traditional short-term study abroad program. Participant observation was used to observe 17 undergraduates taking part in a four-week program to Australia. Semi-structured interviews were conducted with 11 upon returning. We adopted a constructivist approach, and the interview and observation data were analyzed using constant comparative method (Glaser & Strauss, 1967). Three major themes and a number of sub-themes were identified. First, the study abroad experiences enhanced educational outcome in three ways: a) it brought alive respective theories the students learned in the past and made the prior knowledge “more solid”; b) the direct experience of trip made the newly gained knowledge more memorable; c) the vivid memory about the program provided a foundation for the students to draw upon in the future. Second, what was considered new and meaningful differed depending on students' backgrounds. Third, students' attitudes toward “free time” during study abroad were to use it to “live in the moment”, and “absorb” what the place had to offer. This made study abroad different from studying on campus. This study is a first attempt to assess the benefits of study abroad programs by examining the last phase of experiential learning, “active experimentation”, to illustrate how the students transform by interacting with the external worlds. Once college students are at the stage of “emerging adulthood” characterized by specializing and exploration, study abroad allows them to add more experience to their knowledge base, which they can reflect on later (Arnett, 2000). Study abroad is an experiment for those who have some ideas about their future to examine how they feel about certain activities, and further adjust their perception of themselves and the world. Additionally, study abroad programs create a temporary frame where students can experiment with a learning-play balanced lifestyle.

Keywords: Study Abroad. Experience. Experiential Learning. Cognitive Development.



TEMA 6
LAZER SAUDE E BEM ESTAR
LEISURE, HEALTH AND WELL-BEING
OCIO, SALUD Y BIENESTAR



A CURA PELAS PRÁTICAS DE LAZER NO SESC SÃO PAULO

Rodrigo Valentim Chiquetto; Mariana Hangai Nogueira; Enrico Spaggiari

rodrigochiquetto@hotmail.com

Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana, Universidade de São Paulo – LabNAU/
USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

Este trabalho é parte da pesquisa “Cultura e Lazer: práticas físico-esportivas dos frequentadores do SESC em São Paulo”. Realizada a partir de uma parceria entre o Centro de Pesquisa e Formação do SESC/SP, o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea e o Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, a pesquisa buscou observar as diversas motivações que levavam os diferentes frequentadores do SESC a utilizarem tal equipamento. Ela teve duas fases: em 2015 foram realizadas incursões a campo em seis unidades SESC da cidade de São Paulo, uma do interior, uma do ABC Paulista e uma do litoral; em 2017 foram realizadas incursões em seis unidades do interior de São Paulo. Os pesquisadores visitaram, portanto, quinze unidades SESC, coletando dados sobre os frequentadores da capital e do interior. Nesta pesquisa, o Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana ficou responsável por realizar uma análise a partir da metodologia etnográfica. Foram observados, portanto, os diversos usos e contra usos realizados pelos frequentadores das diferentes unidades, bem como suas diferentes estratégias, percepções e motivações para ir ao SESC. Alguns temas se destacaram nas análises: A relação entre os diferentes SESC e seus entornos – ou como os diversos frequentadores circulavam pelas unidades e outros equipamentos locais; as questões geracionais que perpassavam as diversas formas de se frequentar as unidades; as diferentes percepções dos frequentadores sobre o programa “SESC Verão”; as relações de pertencimento e acolhimento estabelecidas entre os frequentadores do SESC e a instituição, entre outras questões. Foi nesse último tópico que a dimensão da cura apareceu como fundamental para se debater as relações entre o SESC e seus frequentadores. Ficou claro, no curso da pesquisa etnográfica, que o SESC aparecia, para muitos de seus frequentadores, como um local em que era possível de se estabelecer relações de cura. Muitos daqueles que iam ao SESC o faziam por recomendação médica, para realizarem algum tipo de exercício físico que favorecesse a cura de alguma doença. No entanto, era comum que essa relação simples de cura corporal logo fosse extrapolada para novos processos de cura mental. Eram usuais os relatos de frequentadores que, no ambiente do SESC, podiam entrar em contato profundamente consigo mesmos, ao praticarem exercícios físicos e outras atividades – como o nado, a ginástica e a leitura – em que pudessem “esvaziar a mente”, desligar-se da vida cotidiana. Eram recorrentes, também, os relatos daqueles que, a partir da convivência frequente com outras pessoas nas diversas atividades do SESC, estabeleciam novos laços sociais que passavam a dar significado para sua vida cotidiana. Essa frequente atitude de “fazer o social” era fundamental para que muitos ali – principalmente os mais idosos – se sentissem acolhidos na instituição e experimentassem um verdadeiro processo de cura psíquica. Tais processos de cura, assim, vinculavam-se profundamente às atividades de lazer que os frequentadores do SESC realizavam em seu cotidiano e faziam com que tais atividades deixassem de ter um caráter meramente de relaxamento ou entretenimento, passando a carregar um significado muito mais profundo.

Palavras chave: Lazer. Cura. SESC.



A TEMÁTICA LAZER NO CURRÍCULO DE FISIOTERAPIA DA UFMG

Larissa Silva Guimarães Arruda; Hélder Ferreira Isayama.

larasguimaraes@hotmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Esta pesquisa procurou contribuir com o debate da formação e atuação profissional do fisioterapeuta e a sua aproximação com o campo do lazer, uma vez que a pesquisa ainda é incipiente nesse campo. Seu objetivo foi compreender e analisar como a temática lazer é tratada no currículo do curso de graduação em Fisioterapia da Universidade Federal de Minas Gerais. No estudo, buscamos identificar e analisar em quais disciplinas o lazer é abordado e quais os conteúdos do lazer que são desenvolvidos. A metodologia foi baseada na combinação das pesquisas bibliográfica e documental. Na pesquisa documental foram analisados programas de disciplinas que tinham como eixo temático o lazer, a recreação, lúdico, brincadeiras, brinquedos, jogos. Para o tratamento dos dados utilizamos a técnica de análise de conteúdo. A partir das reflexões estabelecidas, foi possível perceber que o currículo da Fisioterapia na instituição estudada privilegia os conteúdos biomédicos, apresentando quatro disciplinas que se dispõem a tratar do tema lazer, seja de maneira direta ou indiretamente. Tais análises demonstram que a Fisioterapia pode se aproximar do campo do lazer, a partir da concepção de promoção de saúde e do entendimento ampliado de saúde, contribuindo com o tema através da discussão da educação para e pelo lazer. Para Campos (1998), compreender de forma ampliada o conceito de saúde é fundamental para pensar uma prática interdisciplinar que dialogue com outros campos de saberes. Nesse sentido, torna-se necessário ampliar o horizonte da discussão para além das concepções e práticas de saúde fundamentadas na doença, aproximando o foco na esfera social e na promoção da saúde. Assim, pensar no conceito ampliado de saúde é refletir sobre a formação do fisioterapeuta quanto a sua preparação acadêmica para atuar também na área do lazer, que vem sendo caracterizada como uma possibilidade de atuação interdisciplinar, pois o lazer não é um fenômeno isolado, ele estabelece estreitas relações com as demais dimensões da vida humana: trabalho, família, religião, saúde, educação, política, dentre outras (ISAYAMA et al., 2011). Neste estudo, entendemos que o lazer tem influência na constituição dos sujeitos e que isso interfere em sua condição de vida e saúde, pois é compreendido como um fenômeno que possui ambiguidades, complexidades e contradições no âmbito em que é vivido. Então, podemos pensar o lazer como um importante dispositivo de promoção da saúde, uma vez que suas intervenções e vivências atuam na dimensão lúdica da vida. Abordar a questão do lazer significa considerar a sua importância na vida humana e como ele se configura como um dos determinantes da saúde. Outro ponto encontrado na pesquisa é a utilização do lazer como um meio e não como um fim de si mesmo, enfoque dado devido às características próprias da profissão e desse profissional. A discussão realizada pode auxiliar na construção de propostas curriculares com redimensionamento do lazer no interior do currículo da Fisioterapia, superando a tradição biomédica arraigada na trajetória formativa, que envolva uma formação sólida que contribua com as possibilidades de intervenção do fisioterapeuta no campo do lazer.

Palavras chave: Lazer. Fisioterapia. Currículo. Formação profissional. Promoção de saúde.



ATIVIDADES RECREATIVAS PARA CRIANÇAS EM INSTITUIÇÕES HOSPITALARES

Luana Andressa Borré; Maria Paula Moleta Corrêa; João Eloir Carvalho.

joao.eloir@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, Paraná, Brasil.

A recreação é uma atividade, sempre aplicada por um profissional capacitado, que traz aos seus participantes entretenimento, bem-estar físico e mental, alegria e prazer (MOYLES, 2006). Na recreação hospitalar as atividades recreativas passam a desempenhar uma forma de interagir com a criança hospitalizada e trazer a ela conforto, entretenimento e alegria em forma de atividades educativas e lúdicas (RAMOS, 2008). Segundo Oliveira (2008), as crianças hospitalizadas que participaram de alguma atividade de recreação obtiveram inúmeros benefícios, como mudanças de comportamento diante da hospitalização, interação e socialização com outras crianças e melhoria da capacidade de enfrentamento durante o período de internação. Referente ao Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente na resolução Nº 41 de outubro de 1995, toda criança tem o direito de desfrutar de projetos que envolvam a recreação hospitalar, ou ambientes propícios para essa prática, como brinquedotecas (Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005). Este estudo, apresentado para a conclusão do curso de bacharelado em Educação Física de uma instituição de ensino superior, teve como objetivo identificar as instituições hospitalares públicas que desenvolvem projetos e atividades recreativas para crianças e ainda verificar se a recreação hospitalar por meio das atividades recreativas desempenha uma interação com a criança hospitalizada, em forma de atividades educativas e lúdicas. O estudo, de caráter quantitativo, foi realizado por meio da aplicação de questionários, com vinte e três profissionais ou voluntários de dois hospitais da cidade de Curitiba e região metropolitana, que desenvolvem intervenções de recreação hospitalar infantil. Os resultados encontrados com relação à qualificação apontaram que 34,8% não possuem graduação, ou seja, eram voluntários ou participavam de ONGS e 39,1% possuem ensino superior em licenciatura e/ou bacharelado nas áreas de educação física, pedagogia e enfermagem. Apenas um dos profissionais possui especialização na área de recreação hospitalar. Em relação às atividades e a abordagem utilizada, as músicas e brincadeiras foram as mais citadas pelos entrevistados com 34,8% e a conversa ou contação de histórias com 30,4% foram as mais citadas como forma de interagir com a criança hospitalizada. Quanto aos benefícios, mais de 90% dos entrevistados afirmam que existem benefícios da recreação hospitalar no âmbito hospitalar infantil, especialmente a importância da melhora psicológica e a alegria, as quais obtiveram igual porcentagem (33,3%). Conclui-se com base na pesquisa que a maioria dos entrevistados não possui uma qualificação profissional adequada, destaca-se também a necessidade de as instituições hospitalares promoverem espaços para formação de voluntários nessa temática, e assim ampliar e colaborar na formação continuada dos profissionais. Sugerimos a continuidade de pesquisas que abordem o tema deste estudo em outros espaços hospitalares a fim de ampliar os dados de análise e aprofundar a compreensão acerca da importância das atividades lúdicas para crianças em situação de hospitalização.

Palavras chave: Atividades recreativas. Crianças. Hospitais.



BEM-ESTAR SUBJETIVO ANTES, DURANTE E DEPOIS DA VIAGEM

Juliane Machado; Verônica Mayer.

juliane-jf-13@hotmail.com

Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

O bem-estar vem despertando ao longo dos anos o interesse da sociedade, sendo este um assunto contemporâneo de grande importância. Atualmente, a busca pela melhoria da sensação de bem-estar e da qualidade de vida tem sido um objetivo crescente entre os indivíduos. Esse desejo e busca pelo aumento da sensação de bem-estar e da satisfação geral com a vida podem estar associados a diversos fatores como, por exemplo, o estresse, situações e eventos negativos, trabalho excessivo, entre outros. A partir deste contexto, o bem-estar e a qualidade de vida também se tornaram objetos de interesse das pesquisas acadêmicas. Compreender como o indivíduo se sente, como se comporta e como determinada atividade afeta seu bem-estar é de grande importância para o avanço das pesquisas acadêmicas que podem contribuir significativamente para aplicações em diversas áreas. Atualmente, os temas bem-estar e satisfação geral da vida estão ligados às diversas esferas como, por exemplo, à saúde e ao lazer; à psicologia; às ciências sociais e também, ao turismo. Organizando, assim, este conceito em uma linha do tempo, é possível perceber as diferentes formas como ele foi tratado pela literatura até o momento atual, sendo encontrado primariamente tanto na psicologia e nas ciências médicas (Smith e Diekmann, 2017) quanto na economia e sociologia (Uysal, Sirgy, Woo e Kim, 2015) e, posteriormente aplicado em outras áreas como, por exemplo, o lazer (Driver, Brown & Peterson, 1991 apud Uysal, Sirgy, Woo e Kim, 2015); as ciências sociais (Sirgy, 2002 apud Uysal, Sirgy, Woo e Kim, 2015) e também o turismo (Kaye Chon, 1999 apud Uysal, Sirgy, Woo e Kim, 2015). A partir disso, compreende-se a importância do desenvolvimento de pesquisas sobre o bem-estar, principalmente aplicado ao turismo, uma vez que esta área possui um número reduzido de pesquisas no Brasil, podendo ser explorada de maneira significativa e também, por ser esta uma temática que pode auxiliar a compreensão do comportamento do turista, bem como possibilitar o desenvolvimento de práticas que aperfeiçoem a gestão e a experiência turística. A partir disso, este trabalho caracteriza-se por uma pesquisa multimétodos de cunho qualitativo e este adotou o método de observação participante para a realização do campo. A pesquisa contou com a realização de um estudo entre os dias 16 e 19 de novembro de 2017, sendo o campo selecionado para a realização da pesquisa uma viagem técnica da Universidade Federal Fluminense, do curso de Turismo. A observação participante permitiu chegar a alguns resultados em consonância com a literatura existente sobre o bem-estar como, por exemplo, a influência das companhias de viagem como um fator a influenciar os níveis de bem-estar; assim como o fator climático; os estressores de viagem e as atividades em que os participantes estavam inseridos. Assim como desenvolvido na literatura, estes fatores são compreendidos como possíveis determinantes da variação de bem-estar durante uma viagem. Compreender como o turista se sente durante uma viagem ainda é uma lacuna a ser preenchida pelas pesquisas em Turismo, entendendo que este é um horizonte promissor e relevante a ser desenvolvido.

Palavras chave: Bem-estar subjetivo. Turismo. Viagem e lazer.



BENEFICIOS DEL OCIO EN LA SALUD DE ESTUDIANTES DE MÚSICA

Hernan Gilberto Tovar Torres

hgtovar@ut.edu.co

Universidad Del Tolima – Colombia.

La presente comunicación que se presenta para el Congreso Mundial de Ocio 2018, como opción oral, corresponde a una investigación doctoral ya concluida. Esta se precisa en los beneficios del ocio físico-deportivo en la salud de las y los estudiantes de carreras de música del Conservatorio del Tolima, Colombia. Este trabajo se realizó partiendo de la detección de los múltiples y constantes problemas de salud que presentan las personas (tanto hombres como mujeres) que estudian carreras de música. Los estudios musicales son formaciones profesionales singulares que se reflejan en las personas que las cursan. De ahí que, en las últimas décadas, varias investigaciones se hayan dirigido a abordar los frecuentes problemas de salud de las y los músicos; sin embargo, la visión habitual y su gestión se dirige a los trastornos musculoesqueléticos y principalmente desde disciplinas como la Medicina, la Fisioterapia y, en los últimos años, desde el ámbito de la Seguridad y la Prevención Laboral. Con base en ello, el estudio del estado de salud integral de este colectivo desde el ámbito del ocio es un territorio desconocido al cual se le pretenden aportar nuevos conocimientos y pautas para su mejora. Teniendo en cuenta las necesidades de salud que presentan las personas que estudian carreras de música, la presente investigación se realizó inspirada en la propuesta de ocio humanista del Instituto de Estudios de Ocio de la Universidad de Deusto (Bilbao, España), de ahí que se planteó como objetivo general el de diseñar una propuesta de ocio, centrada en mejorar la salud de estudiantes de carreras de música, mediante la consolidación de hábitos de ocio físico-deportivo en esta población y, en concreto, en las y los estudiantes del Conservatorio del Tolima (Colombia). Esta investigación se sustenta en una metodología mixta, mediante un análisis documental extenso sobre el ocio experiencial y su ámbito físico-deportivo como factor promotor de salud, los hábitos de ocio en general y, en particular, de ocio físico-deportivo del colectivo universitario iberoamericano. Finalmente, el presente trabajo reflexiona sobre el potencial que tiene el ocio para la salud de las y los estudiantes de música. En términos cuantitativos, se administró un cuestionario a trescientos (300) estudiantes de carreras de música con el propósito de conocer la incidencia de los estudios de música, los hábitos de ocio y de práctica físico-deportiva en la salud de este colectivo. Los resultados obtenidos evidencian la necesidad de buscar soluciones a los problemas de salud (físicos y psico-emocionales) que aquejan a este grupo poblacional. Para ello, esta investigación elabora una propuesta que pretende mejorar la salud de las y los estudiantes de carreras musicales, quienes mediante la promoción del ocio en clave experiencias pueden conseguir el máximo aprovechamiento del ocio como experiencia satisfactoria, saludable y valiosa, fuente de bienestar físico, psicológico y social.

Palabras claves: Ocio. Enfermedades de los músicos. Estudios musicales.



BRAZIL AND DENMARK: PREPONDERANT ASPECTS OF LEISURE BY YOUNG PEOPLE

Thiago Escudeiro Borba; Felipe Dutra; Jefferson John da Silva Santos.

gesportes.estudos@gmail.com

Study group on Population Health, Recreation and Sports Training - GESPORTES, São Paulo/SP, Brazil; Social Service of Commerce - SESC, Physical and Sports Department, São Paulo/SP, Brazil.

Introduction: Young people aged 15 years or over who don't practice any kind of sport or physical activity sums more than 100 million people. The number is equivalent to 62% of the population of 161.8 million Brazilians in this age group. The data are part of the study about the Sports and Physical Activity practice, which the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) conducted in 2015. The figures also show that in Brazil, slightly more than 37% of the total population in this range age practice some kind of sport or physical activity, of which 53.9% were men and 46.1% were women. In order to encourage the practice of sports, as well as the development of physical skills through motor skills, the Social Service of Commerce (SESC), which is a private social institution, offers programs and projects that strive to meet the quality of life of individuals in more different age groups. That said, the objective of this study was to investigate how the young adults living in Brazil – currently seventy-third place in the Human Development Index (HDI) - and Denmark, fifth in the same index, are related to the levels of physical activity and comprise the predominant aspects to the practice of physical leisure activities for a better condition of health. **DESCRIPTION:** The sample was composed of Brazilians (75%), residents of the São Paulo City and Danish (25%), residents of Viborg, totaling 184 young adults between 15 and 30 years old. The online Monkey Survey platform, with closed questions, was composed of eight objective and quantitative questions on the subjects: 1. "Age"; 2. "Leisure concept"; 3. "how many facilities offer free physical activity?" 4. "and paid facilities?" 5. "The current scenario of physical activity practice"; 6. "How physically healthy are you right now?"; 7. "How important is the practice of physical exercise"; and 8. "How healthy do you imagine you are at age 60, considering your current lifestyle?" **Results:** The main results were related to the interpretations about the concept of leisure and knowledge of paid or free equipment. Both groups considered "physical and sports activities" their first leisure option, Brazilians (21,21%) and Danish (36,61%), secondly another tie, "meetings with friends", 18,23% and 24,11% respectively, however, in the third place the groups diverge, Brazilians list the "family events" as one of the main leisure activities (15.08%), while the Danish understand that "idle time" (15.18%) deserves this highlight. About the Venues that provide the practice of leisure physical activities, the Brazilians reported knowing on average 4,86 free spaces and 8,22 paid, and the most of the paid places can also be observed in the answers of Danish, 3.04 free and 7.89 payments. **Conclusion:** It is possible to conclude that even though there is a discrepancy in the cultural and / or financial aspects of these two countries, the equivalence of the answers points to a uniform understanding of the concept of leisure physical activity, as well as its importance.

Keywords: Physical Activity. Leisure. Young Adult.



CALIDAD DE VIDA DE PERSONAS CON DISCAPACIDAD: UN DERECHO INNEGABLE

María Antonieta Ozols Rosales; María Antonieta Corrales Araya.

antonieta.ozols.rosales@una.cr

Universidad Nacional, Costa Rica – Central América.

Según la OMS y el Banco Mundial (2011) estimó que el 10% de la población a nivel mundial presenta algún tipo de discapacidad. Entendiendo la discapacidad como aquella condición que afecta a la persona en su forma de interactuar y participar plenamente en la sociedad, debido a una deficiencia ya sea física, cognitiva o sensorial. En América Latina, existen 85 millones de personas con alguna discapacidad y el 80% de estas personas viven en países donde los servicios de atención son escasos y a veces nulos. La mayoría no tiene acceso a servicios de salud y tampoco disponen de posibilidad de acceso físico a los edificios que albergan estos servicios, encontrándose que el 20% y 30% únicamente asisten a centros educativos, que entre el 80% y el 90% están desempleadas o no integradas a la fuerza laboral, condiciones que los conlleva a estar más excluidos de la vida social y económica de sus países (Schkolnik, 2014). Para mejorar estos puntos se debe proporcionar a las personas con discapacidad una calidad de vida digna y la posibilidad de mantenerla, por lo que se requieren acciones de promoción de la salud, prevención de la discapacidad, recuperación funcional e integración o inclusión social, siendo un derecho fundamental y por lo tanto, una responsabilidad social (Amate, Vásquez, Blasco de Aufiero, Cisternas Reyes, Vulcano, Núñez Bernadet y Rodríguez Ravena, 2015). De ahí nace la pregunta ¿existe algún programa o proyecto que mejore la calidad de vida de las personas que adquieren una discapacidad utilizando la recreación, deporte y actividad física adaptada? De esta interrogante surge el proyecto “Promoción de la salud en personas con problemas neurológicos (PROSANEURO) cuyo objetivo es “mejorar la calidad de vida de las personas a través de la natación recreativa terapéutica”. Este proyecto pretende utilizar elementos de la natación y la recreación para mejorar la calidad de vida de las personas con problemas neurológicos. Además enfatizamos en el balance, la coordinación, la flexibilidad, la resistencia muscular y la resistencia cardiopulmonar adaptándose a las características de cada persona. Los resultados encontrados es que este tipo de proyectos mejoran la calidad de vida de las personas. A modo de resumen debemos afirmar que es trascendental hacer notar la importancia positiva que tiene la actividad física para las personas con alguna discapacidad, que muchas veces no cuentan con espacio ni personal idóneo para realizarlos, lo que nos llama a proporcionar espacios para solventar esos derechos fundamentales y por lo tanto, una responsabilidad social (Alvarado, Sánchez, González, Rodríguez, Bonilla; 2015 y Amate, Vásquez, Blasco de Aufiero, Cisternas Reyes, Vulcano, Núñez Bernadet y Rodríguez Ravena, 2015).

Palabras clave: Derecho. Calidad de Vida. Natación Recreativa Terapéutica.



COMPREENENDO LAZER NA PERSPECTIVA DE INDIVÍDUOS NA IMINÊNCIA DA MORTE

Claudia Franco Monteiro; Cristiane Miryam Drumond Brito

caumont02@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado que busca identificar o lazer vivido por pessoas que estão na iminência da morte, traçando um panorama sobre as diversas maneiras com que as pessoas desempenham atividades que consideram prazerosas quando se encontram em situação de doença grave e sem perspectiva de cura. Propomo-nos a nos enveredar pelas contribuições de Morin que discute a condição social do homem que vive apesar da morte. Em seu ponto de vista, o homem aprende a viver com ela e apesar dela (MORIN, 1970, p.17). Por isso a necessidade de focar as lentes deste trabalho a um espaço microssocial e imergir nas experiências de vida que protagonizam suas singularidades reservadas às suas condições de vida e que vão desenhando um design de comportamento humano diante da morte iminente. A pergunta “é possível morrer feliz?” vem no sentido de uma provocação sobre reflexões advindas de pessoas na finitude e suas relações com atividades de lazer nesse momento especial da vida, em uma compreensão do lazer como um fazer hedonista, marcado como busca de um estado de satisfação, tomado como um fim em si (Dumazedier, 2008, p.95). Esta pesquisa será desenvolvida em um Instituto de Hemodiálise e Transplante Renal voltado à população com Insuficiência Renal Crônica Terminal. Será desenvolvida por meio da metodologia qualitativa denominada *photovoice*. Os participantes realizarão registros fotográficos que serão disparadores para as narrativas e deverão responder à seguinte pergunta: “O que estas fotos dizem sobre o lazer neste momento especial de minha vida”. Discutir a possibilidade de findar a vida sentindo-se feliz com atividades de livre escolha certamente trará informações de grande riqueza para os estudiosos do assunto e, acreditamos, muita quebra de paradigma entre dois temas que parecem se opor, especialmente para a cultura ocidental. Além de trazer novas evidências para o entendimento da finitude da vida sem negligenciar o desejo e a subjetividade humana em sua esfera micropolítica.

Palavras chave: Morte. Lazer. Finitude. Atividades prazerosas.



EXPLORING RECREATION THERAPY PRACTICES AND TRAINING IN THE UNITED STATES TO PROVIDE GUIDELINES FOR THE DEVELOPMENT OF THE PROFESSION IN SOUTH AFRICA

Marié E.M. Young; Onagbiye Sunday; Malema Makaya

myoung@uwc.ac.za

University of the Western Cape, Cape Town, South Africa

Background - Recreation therapy is a fast growing allied health profession, most especially in the United States. Although in South Africa, recreation therapy is at the developmental stages and required strong support to be well established. The need for recreation therapy to provide health-promoting services to marginalized groups in South Africa has prompted this study. This study explored recreation therapy practices, development and experiences in the United States to guide the implementation of recreation therapy services and establish the profession in South Africa. **Method** - An explorative qualitative research approach was used. Twelve people were purposefully selected to participate in the study due to their involvement as academics, registered therapeutic recreation practitioners and board members of professional bodies. Unstructured face-to-face interviews were conducted with participants on recreation therapy as a profession in the United States. Discussions were transcribed verbatim and analyzed using Atlas.ti7 in order to extract themes. **Results** - The result from the analysis revealed that despite an urgent necessity in establishing the recreation therapy as a profession in South Africa, the correct name for the profession should be provided to be aligned with other allied health professions such as occupational therapy and physical therapy. Education and training is informed by the American Therapeutic Recreation Association's standards of practice as well as institutions accreditation through Committee on Accreditation of Recreational Therapy Education and the National Council for Therapeutic Recreation Certification's annual job analyses research. Students are urged to add further value to their knowledge by equipping themselves with additional courses to gain additional skills. Emphasize was placed that the establishment of an academic program should be standardized. Recreation therapy in practice adds value to other health professions and collaboration is required. Good relationships with other professions are thus necessary. Recreation therapy is a specialized area does not just provide recreation programs to the disabled but taking a client through the motions of learning to reskill in adaptive recreation activities and once mastered to reintegrate into the community. The needs of the client and their families should be taken into consideration and programs should be developed with specific goals in mind. Practice settings are community or clinical based and is different in practice. However, there should not be differentiation as both should apply the basic principles of the recreation therapy process and document it. The challenge lies with community therapists not reporting on their work to make it evidence-based. Different models of the profession exist globally. The model followed by the United States, professional degree program, internship and certification exam, is not followed by all and not suitable based on cultural differences. **Conclusion** - In conclusion, it was evident that recreation therapy profession could be beneficial, considering its roles in the communities and country at large in improving life qualities of people. Although, more work still needed to be done in terms of instituting a curriculum content, ethics and standard of practice, qualified personnel, support and mapping out policy for the establishment of recreation therapy as a profession in South Africa.

Keywords: Therapeutic recreation. Profession. Disabilities. Quality of life. South Africa.



GINÁSTICA MULTIFUNCIONAL COMO LAZER E PREVENÇÃO DE QUEDAS EM IDOSOS

Vanessa Gonçalves Rodrigues de Paula; Janaína Lima da Silva.

vanessagr24@gmail.com

Serviço Social do Comércio – SESC, São Paulo, São Paulo, Brasil.

O lazer enquanto fenômeno social não depende apenas do tempo livre para se concretizar enquanto prática, há outras variáveis que interferem em sua concretização. Há alguns complicadores a esse acesso, são as barreiras de acesso ao lazer, tais como o fator econômico, social, gênero e idade. Quando tratamos dos idosos, há diversos fatores que interferem no lazer desse público, haja vista que apesar da aposentadoria, o tempo livre de que eles dispõem muitas vezes é utilizado para auxiliar outros membros da família ou até mesmo para trabalhar informalmente para complementar a renda. Outro elemento complicador para que os idosos tenham acesso ao lazer é a limitação física, sendo uma das principais causas dessa limitação a queda, que tem sua incidência aumentada progressivamente com o avanço da idade e é um dos principais problemas relatados por idosos, especialmente pelos não praticantes de atividade física. Pensando na conscientização sobre os riscos de queda em pessoas idosas e em diferentes formas de prevenção, entre elas a prática de atividade física, para que esse evento não ocorra, o Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC SP), em parceria com a Secretaria de Estado da Saúde de SP, desenvolve todos os anos a Semana de Prevenção de Quedas em Pessoas Idosas. Neste relato, são apresentadas atividades desenvolvidas na Semana de Prevenção de Quedas em Pessoas Idosas pelo Núcleo Físico Esportivo da unidade Vila Mariana do SESC SP, entre os anos de 2014 e 2017, tendo como base a Ginástica Multifuncional (GMF), que é o programa de exercícios físicos do SESC que visa desenvolver as capacidades físicas por meio de habilidades motoras, o que contribui para a melhoria da capacidade funcional dos indivíduos. Em junho de 2014, o tema foi “Olhe por onde você anda!”, com destaque para os perigos das calçadas de São Paulo. Foi realizado um bate-papo e uma vivência de exercícios físicos no formato de circuito e simulação de situações cotidianas. “Balanço, mas não caio!” foi o tema de 2015, destacando as variáveis do equilíbrio para o corpo se manter estável. Na campanha de 2016, o tema foi “Era uma casa nada engraçada, tinha tapete, tinha escada”. Foi desenvolvido um circuito de exercícios pensando nas causas de queda em domicílio e a atividade terminou com uma parte lúdica, trabalhando ritmo e atenção. Em 2017, com o tema “Um passo de cada vez, não caia em armadilhas”, as atividades buscaram conscientizar sobre os riscos ao realizar duas ou mais tarefas ao mesmo tempo. A prática de atividade física como lazer promove prazer, criatividade, tranquilidade, felicidade, diversão, igualdade, convívio social e integração. A escolha de se trabalhar com elementos da GMF nestes últimos anos se deu por essas questões e também pela oportunidade de trabalhar diferentes capacidades e habilidades motoras, melhorando a mobilidade articular, a flexibilidade, a força e potência muscular, melhorar o tempo de reação, o foco atencional, o equilíbrio, a sinergia motora, a velocidade de andar e a autonomia, possibilitando ao idoso se manter ativo e independente.

Palavras chave: Prevenção de quedas. Idosos. Ginástica multifuncional.



HOW LEISURE AGENCIES CAN ADDRESS PREVENTIVE PUBLIC HEALTH FACTORS?

Teresa L. Penbrooke; Michael B. Edwards.

Teresap@gpred.org

North Carolina State University, GP RED, & GreenPlay, LLC.

Within the United States, park and recreation agencies (P&R) typically manage public leisure facilities, spaces, lands, and recreation programs. Public health (PH) evidence has increasingly pointed to local P&R agencies as a critical setting for promoting health. Addressing desired PH outcomes is a growing focus for P&R agencies. There are a variety of national programs and potential strategies available, but most agencies have limited resources and lack proven strategies on which to base their actions. However, the research base is growing. The global research question has shifted from asking IF leisure agencies can positively affect PH factors, to HOW they can best do so with limited resources. This study included a literature review along with iterative exploration through a three-stage Delphi panel study with 17-leisure agency Key Informants in the U.S and Canada. Methods included identifying Informants through a waterfall selection process. Each had at least three years of senior administration experience in the field, representing agencies with interest in addressing and/or improving outcomes for at least one key health factor, and some designated assignment of resources towards addressing these issues. The study first explored which preventive PH factors appear to be most modifiable by leisure agencies. Results indicated that they are increased physical activity, improved nutrition, enhanced safety or perception of safety, increased social and parental engagement, improved transportation and access to locations (especially nature), and cessation or reduced over-consumption of tobacco and alcohol. However, research indicated that the priority of factors varies by community, and community-specific data on the health factors are not usually readily available to leisure agencies. The continuing challenge at the local level is determining the priority of the factors for agencies and their partners to address. The study explored methods, programs, strategies, and sample policies and documents utilized by agencies. Results indicated that it is critical to focus on: leadership to create a strong organizational culture of PH in P&R; allocation of staff and financial resources; cultural ethics of inclusion and equity; equitable access to assets and programs; collaboration; utilization of crime prevention and design strategies; increased health promotions; and centralized tracking of feasible measures. A community systems-thinking approach was suggested for identifying priorities and addressing the factors. Implications for research included need for additional validation and dissemination of research, evidence-based tools, and proven methods. Conceptual frameworks were refined to address management implications for a practice-focused systems approach, and to help address the gaps in knowledge transferal between leisure research and practice realms.

Keywords: Preventive Public Health. Leisure Management. Systems Thinking. Delphi Method. Health Factors.



LAZER E COTIDIANO DE EGRESSOS DE HOSPITAIS PSIQUIÁTRICOS

Adriana Gonçalves Queiroz

adrianaqueiroz.to@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Os Serviços Residenciais Terapêuticos ou Residências Terapêuticas são casas na comunidade, destinadas a abrigar egressos de longa internação psiquiátrica quando seu suporte social é frágil ou recusa-se a aceitá-los de volta na moradia familiar. Visam por meio do estímulo ao morar, acolher a subjetividade de cada ex-paciente e auxiliá-lo a se descobrir morador e cidadão. Para tal, calcam-se nos princípios da reforma psiquiátrica de autonomia e cuidado em liberdade, além de desenvolver junto com o morador, equipe e rede de saúde mental, projeto singular terapêutico, o qual, dentre outros elementos, deve favorecer o lazer dos moradores. Este trabalho apresenta resultados da pesquisa de mestrado, defendida em agosto de 2015, nomeada “Não tô boa. Preciso passear!”. A dissertação discorre sobre o papel do lazer no cotidiano dos moradores de duas Residências Terapêuticas da Regional Nordeste de Belo Horizonte, compreendendo este objeto como necessidade humana e dimensão da cultura dos residentes. Apoiou-se na teoria sobre lazer desenvolvida por Christianne Luce Gomes e fizeram-se interlocuções com os dizeres de Thelma Simões Matsukura sobre cotidiano, além de conceitos provenientes da Reforma Psiquiátrica e Reabilitação Psicossocial. Utilizou-se de metodologia qualitativa, em que foi aplicado transversalmente guia de entrevista e realizadas observações do cotidiano no período de maio de 2014 a março de 2015. Os dados foram categorizados em: História, Rotina e Lazer. A partir dos discursos dos moradores, o lazer é apresentado de diversas formas, inclusive como tarefa doméstica, passeios, sexo e trabalho. O não ter lazer também foi apresentado. Observou-se a riqueza que o lazer traz para o cotidiano dos moradores, a qual pode contribuir para a (re) significação deste cotidiano. Questionou-se a dependência de outras pessoas (cuidadores e acompanhantes terapêuticos, em sua maioria) para que os moradores pudessem vivenciar seu lazer. Este trabalho tateou o conhecimento sobre lazer de moradores de residências terapêuticas em seu cotidiano, valorizou a percepção de lazer dos moradores e questionou sobre esta e sua ligação com a cultura manicomial e o novo cotidiano que se apresenta para esses egressos do manicômio. A realização de outros estudos é encorajada, uma vez que se acredita que será no dia a dia que a cultura do lazer será (re) descoberta e (re) inventada, de forma interligada com a (re) significação desses sujeitos como moradores e cidadãos de uma cidade. Tomando para si mesmos não apenas como corpo que conta uma história de exclusão, mas também como construções de empoderamento e de enfrentamento sociocultural.

Palavras chave: Lazer. Cotidiano. Saúde mental.



LAZER E FATORES PROTETIVOS AO USO EXCESSIVO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Derick Tinôco; Liana Romera.

dericktinoco@hotmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

Considerando que as escolhas do lazer refletem comportamentos socialmente aprendidos, este estudo objetivou conhecer e classificar os fatores protetivos ao uso de drogas e suas possíveis relações com o lazer, visando qualificar políticas de prevenção. O uso de substâncias psicoativas se encaixa no contexto atual em função da capacidade de proporcionar novas sensações, alterar percepções e aumentar a sociabilidade, tornando seu consumo uma espécie de atalho ou fórmula para um “bem-estar” momentâneo. Esses são alguns dos aspectos da contemporaneidade que fazem com que atividades de lazer, principalmente atreladas ao consumo, ganhem mais importância, em especial destaca-se o consumo de substâncias psicoativas (SPA's) pelo público jovem, que ocorrem majoritariamente durante o lazer noturno. Nesse cenário, investigar possíveis fatores de proteção ao consumo excessivo de psicoativos é uma importante ferramenta para qualificação de políticas voltadas para a prevenção. Em resposta ao crescente aumento no número de usuários de drogas ao redor do mundo, várias pesquisas foram realizadas nos últimos anos, entretanto, grande parte dessas pesquisas aborda o tema apenas pela ótica dos fatores de risco, ou seja, foca suas observações e análises nas razões que levam um indivíduo a desenvolver um padrão de consumo excessivo de psicoativos, deixando assim de lado os possíveis motivos para o não uso. Este trabalho busca justamente elencar fatores classificados como de proteção que podem contribuir para o não uso excessivo de SPA's e que seriam importantes para a prevenção. Trata-se de uma pesquisa quantitativa em que a coleta de dados foi feita por meio de um *survey* online aplicado a alunos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O questionário buscou levantar dados sobre a forma de ocupação do tempo livre da amostra, participação em atividades extraescolares e padrões de consumo de SPA's. A hipótese levantada é que a ocupação do tempo de lazer de adolescentes com atividades extraescolares estruturadas contribui para que não seja desenvolvido um padrão de uso compulsivo de SPA's durante o decorrer da vida. Após a coleta dos dados, 110 questionários foram validados por terem sido completamente preenchidos. A atividade extraescolar orientada mais realizada durante a adolescência foi o esporte, sendo relatado por 76,85% da amostra e permanecendo como principal opção de lazer até a fase adulta para 59,26%. Quanto ao consumo de psicoativos, as bebidas alcoólicas são as que representam maior porcentagem de consumo do grupo, com 61,11%. As primeiras análises indicam que participar apenas de atividades esportivas não confere proteção ao consumo de álcool e outras drogas. Estudos do lazer podem oferecer contribuições ao estabelecer o diálogo com a prevenção ao uso excessivo de drogas e a necessidade de aprendizagem via atividades extracurriculares. Diante desta premissa, espera-se que o trabalho possa subsidiar políticas de prevenção a partir dos resultados, visando à qualificação dos projetos e grupos de intervenção.

Palavras chave: Lazer. Atividades extraescolares. Fatores de proteção. Substâncias psicoativas.



LAZER E PRÁTICA DA VELA: DIÁLOGOS ENTRE BEM-ESTAR E COTIDIANO

Priscilla Pinto Costa Silva; Patricia de Jesus Costa Santos; Emília Amélia Pinto Costa Rodrigues; Cheng Hsin Nery Chao; Ana Raquel Mendes Santos; Clara Maria Silvestre Monteiro Freitas

laprisci@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

A prática de atividades no contexto do lazer, tomado como um fenômeno social plural, traz possibilidades de relações com o bem-estar e o cotidiano, apresentando-se como um fio condutor da realidade que caracteriza a vida de uma sociedade. O objetivo deste trabalho foi analisar a influência do esporte a vela no cotidiano dos velejadores. Trata-se de uma pesquisa de campo, com a participação de 19 velejadores do *late Clube da Paraíba*, Brasil, com idades entre 19 e 64 anos. O critério de inclusão foi o tempo de experiência e prática da vela, sendo selecionados aqueles com no mínimo cinco anos de prática. A opção por este critério diz respeito às experiências e às relações estabelecidas com os elementos da natureza, como o mar, o vento e os conhecimentos técnicos advindos das vivências. Foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados um questionário sociodemográfico e um roteiro de entrevista semiestruturado, além disso, utilizou-se um diário de campo. As entrevistas foram transcritas e avaliadas por meio da análise de conteúdo. Os resultados apontaram que a prática da vela permite vivenciar situações que tornam relevantes as atitudes e ações do ser humano no cotidiano. Deste modo, as instabilidades climáticas, como a variação do mar e da intensidade do vento, podem se relacionar com as instabilidades do cotidiano do ser humano, como na tomada de decisão. Os resultados e discussão do estudo estão apresentados em três categorias analíticas. A primeira refere-se à escolha pela prática da vela; a segunda, às mudanças sociopsicológicas por meio da prática da vela e a terceira, às diferenças no cotidiano advindas da prática. Foi destacado que a escolha pela prática da vela é influenciada por amigos, familiares e/ou mídia, confrontando com a pluralidade de escolhas referentes ao estilo de vida. Observou-se mudanças benéficas à vida dos velejadores, contribuindo no afastamento de vícios, melhora na percepção de saúde e nas relações pessoais, refletindo no conhecimento, responsabilidade, disciplina e bem-estar. A prática da vela no âmbito do lazer e suas influências no cotidiano e bem-estar dos velejadores possibilitou alterar as relações existentes, especialmente favorecendo as mudanças nas relações pessoais e interpessoais, estendendo-se pelos âmbitos do trabalho e dos aspectos sociais. Neste cenário, essas experiências conduzem ao conhecimento no tocante à responsabilidade e disciplina, em que as sensações de bem-estar se relacionam ao poder e à liberdade. Assim, a prática da vela representa uma atividade que imprime o respeito e molda algumas formas sociais, abrindo caminho para que se estimule qualitativamente o pensar, o agir e o sentir.

Palavras chave: Lazer. Bem-estar. Saúde. Cotidiano.



PROGRAMA CRUZEIRO DO SUL EM FORMA: LAZER EM FORMAÇÃO

Thelma Hoehne Peres Polato; Patricia Fátima de Oliveira Martins.

thelmapolato@hotmail.com

Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, São Paulo, Brasil.

O Programa de Extensão Cruzeiro do Sul em Forma – PCSF é um programa vinculado ao curso de graduação em Educação Física da Universidade Cruzeiro do Sul. Criado em 2010, visa transformar os espaços pedagógicos do curso de graduação em Educação Física em espaços de atendimento à comunidade interna e externa, por meio de exercícios físicos, atividades socioculturais, recreativas, e esportivas. Partimos do pressuposto de que a aproximação da comunidade das atividades propostas neste programa decorre de uma ação não só participativa mais também de educação contínua sobre aspectos do lazer, qualidade de vida e promoção da saúde. A ideia é acolher, principalmente, a autonomia, liberdade e cidadania, comprometendo-nos com o desenvolvimento de um espaço não apenas para prática de exercício físico, mas com o desenvolvimento de um espaço em que os direitos humanos e a vida com qualidade sejam acessíveis a todos. Entendemos que as manifestações do lazer, como os esportes, a dança e as manifestações populares, entre outras, devem ser tratadas como experiências capazes de possibilitar o desenvolvimento das potencialidades humanas. Porém, neste tempo/espaço de lazer em que essas experiências são manifestadas, deve-se buscar trabalhar com conhecimentos e habilidades que permitirão uma melhor compreensão da realidade que nos cerca, desenvolvendo-nos a capacidade de fazer valer nossos interesses e necessidades. O lazer deve ser concebido como uma prática social, uma atividade humana e histórica que se define no conjunto das relações sociais, no embate dos grupos ou classes social sendo, ele mesmo, forma específica de relação social, como um espaço de qualificação humana, ou seja, de desenvolvimento das condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas. O principal objetivo do PCSF é o de garantir a prática e o aprendizado das atividades físicas e esportivas, bem como do estímulo à incorporação das atividades corporais e de lazer em caráter permanente na vida diária, por meio da orientação sobre exercício físico, alimentação e hábitos de vida, e estimulando a prática e o aprendizado de diferentes atividades ligadas ao desenvolvimento da qualidade de vida e melhoria da saúde. O bairro de São Miguel Paulista possui uma população de 378.938 habitantes, sendo que aproximadamente 20% (75.685 habitantes) correspondem a crianças e adolescentes de 0 a 19 anos. Nesta região, podemos encontrar um dos piores índices de desenvolvimento humano da Grande São Paulo (IDHM < 0,5), de exclusão social (IEX -0,75 a -0,5) e sócio econômico (rendimento médio por família de R\$ 607,61). O sistema público de Saúde de São Miguel conta com apenas um Hospital Municipal e três Hospitais Privados e o sistema de Esporte e Cultura conta com apenas três Clubes de Desporto Municipais. Desta forma, o PCSF apresenta um impacto importante nesta região. Em 2017 foram realizados cerca de 30.542 atendimentos com o enfoque nos exercícios físicos, esporte e atividades socioculturais. A natural consequência dessa proposta é a ampliação das possibilidades de prática dessas atividades com finalidades as mais distintas, ou seja, lazer, saúde, educação, entre outros, por meio da valorização dos princípios da inclusão e da diversidade das oportunidades.

Palavras chave: Programa de Extensão. Lazer. Saúde. Qualidade de vida.



RECEPTIVITY TO PARK RX: A SOCIAL MEDIA CAMPAIGN CASE STUDY

**Suzanne Carmack; John Henderson; Kendra Barat; Anne O’Nell; Sara Newman;
Diana Allen**

john@parkrxamerica.org

Park Rx America, PRA, Washington, District of Columbia, USA; George Mason University, GMU, Fairfax, Virginia, USA; American University, AU, Washington, District of Columbia, USA; National Park Service, Washington, District of Columbia, USA

Social media metrics offer valuable insight into the public response to health promotion efforts, because they offer a low cost and readily available means of tracking public perception to these efforts over time. In this case study, the authors will describe public response to a Park Rx social media campaign, as evidenced by Facebook and Twitter reports. Park Rx is a national movement in the United States to promote the concept of doctors prescribing visits to parks, gardens, and other natural areas, as a means of getting children and adults to engage in physical activity and other healthy behaviors while experiencing the biopsychosocial benefits of being in nature. In 2012, the Centers for Disease Control and Prevention and the National Recreation and Park Association (NRPA) approached the Institute at the Golden Gate (IGG) to convene a group of national leaders working in the fields of parks and health. This group of leaders evolved into a national Park Rx steering committee with IGG, the National Park Service (NPS), and NRPA as core members. By 2016, the Park Rx movement had grown to become part of the NPS Healthy Parks Healthy People Initiative with an established social media presence via Facebook and Twitter. Social media was used to promote the movement at all levels of the socio-ecological model (individuals, organizations, communities). This paper examines public engagement via the social media campaign from the launch in April 2016 through December 2017. Two co-authors of this paper are hosts of the Facebook and Twitter pages; page analytics are the source of data for the case study. Although the Park Rx social media campaign did not engage in paid advertising, initial findings indicate the campaign was well received on both Facebook and Twitter. From April 2016 through November 2017, the campaign reached a total of 97,062 individuals on Facebook and 1,091,337 individuals on Twitter. The campaign has seen steady growth in followers on both channels, with 649 Facebook and 1135 Twitter followers as of November 2017. The most mentions of #ParkRx occurred on and around National Park Rx Day on April 23, 2016 and April 24, 2107, which indicates that support for online social media health promotion may be improved by combining online promotion with live local, community, or national events. Social media metrics from Facebook and Twitter provide valuable insight into how receptive the general population is to the concept of park prescription and of the Park Rx national movement. Results from this study suggest that the Park Rx concept is favorably received from the general online population. Future studies could examine patient and provider reactions to determine whether there are differences in perception among sub-groups to the Park Rx concept, explore whether paid advertising makes a significant difference in the success of the campaign, and how live events impact online public interest in and engagement with the Park Rx concept.

Keywords: Park Rx. Park prescription. Social media. Health promotion. Outdoor activity.



RECREAÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE: EXPERIENCIANDO UMA OFICINA DE BRINQUEDOS

Juliana de Paula Figueiredo; Verônica Werle; Daliana Stephanie Lecuona; Miraíra Noal Manfroi; Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi; Alcyane Marinho
julianapfig@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil /
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

A recreação mostra-se como uma forte aliada na promoção da saúde. No tratamento de bebês, aumenta-se a necessidade de estratégias e da criatividade para construir recursos que atendam às demandas e contribuam para o desenvolvimento geral da criança. Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo apresentar e refletir sobre uma oficina de construção de brinquedos voltada a pais e profissionais da área da saúde que atuam com bebês. A iniciativa, com duração de três horas, ocorreu no contexto de um projeto de extensão em uma universidade pública de Florianópolis (SC, Brasil), cujos responsáveis foram estudantes e professores dos cursos de graduação em Educação Física e Fisioterapia. Houve maior participação de profissionais e estudantes, em comparação aos pais; aqueles relataram terem buscado a atividade em função da necessidade de formação e atualização profissional, bem como da dificuldade em conseguirem recursos financeiros para compra de brinquedos nas instituições onde atuam, sendo a oficina com materiais alternativos uma possibilidade de amenização desta dificuldade. Inicialmente foram apresentadas informações sobre o desenvolvimento de crianças de zero a dois anos de idade e a importância dos estímulos visuais, sonoros e táteis que podem ser proporcionados por meio da construção de brinquedos com materiais alternativos. Em seguida, foi exposto um vídeo que instigou os participantes a refletirem sobre a produção e a comercialização dos brinquedos na sociedade, abordando aspectos relativos ao consumismo, à existência (ou não) do brinquedo de menino e de menina, à alusão às datas comemorativas e aos materiais com que são produzidos. Posteriormente, foram apresentados sites sobre brinquedos artesanais e, por meio de imagens, algumas possibilidades de construção dos mesmos para bebês, de modo a explorar os sentidos e a promover o desenvolvimento físico e cognitivo, como garrafas plásticas enfeitadas com fita de cetim e outros adornos; móveis; recipientes plásticos preenchidos com areia, pedras e bolinhas; sacos plásticos lacrados preenchidos com gel; entre outros. Por fim, propôs-se a construção de brinquedos a partir de caixas de papelão, de diferentes tamanhos, de modo que cada face da caixa proporcionasse estímulos diferentes, resultando em diferentes tipos de caixas de papelão multissensorial. Foram disponibilizados inúmeros objetos, como barbantes, rolos de papel higiênico, garrafas pet, lãs, tecidos, tampas, tintas, caixas de ovos, papéis coloridos, entre outros materiais recicláveis, os quais foram levados pelas organizadoras e pelos participantes. Durante a construção dos brinquedos, refletiu-se sobre a possibilidade de, com materiais simples, criar algo atrativo, útil e construtivo ao contexto a que se propõe, vislumbrando suas potencialidades de aplicação. No decorrer da oficina, a relação de troca de ideias, conhecimentos e auxílios entre os participantes e os mediadores desencadeou a construção de brinquedos que, a partir de materiais simples, mostraram-se fáceis de construir e, de forma mais ampla, podem ser capazes de promover saúde às crianças, por meio do brincar. Experiências como esta oficina podem contribuir para reflexões (e, quiçá, intervenções) sobre a promoção da saúde, em uma perspectiva multidisciplinar, podendo favorecer ludicamente o desenvolvimento físico e cognitivo de bebês, bem como otimizar o trabalho dos profissionais e familiares envolvidos.

Palavras chave: Brinquedos. Bebês. Recreação.



SAÚDE MENTAL E LAZER ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO INTERIOR PAULISTA

Júlia Lelis Vieira; Maria Cristina Pereira Lima

profjuliavieira@gmail.com

Faculdades Integradas de Jaú – FIJ, Jaú, São Paulo, Brasil / Faculdade Orígenes Lessa – FACOL, Lençóis Paulista, São Paulo, Brasil / Universidade Estadual Paulista – UNESP, Botucatu, São Paulo, Brasil

Diversas publicações têm mostrado prevalências elevadas de sofrimento psíquico entre estudantes da área da saúde. Além de identificar prevalências maiores do que aquelas observadas na população geral, também tem sido apontado que o pouco tempo livre e a falta de lazer estariam entre os fatores de risco. Este estudo visou identificar as atividades vivenciadas no âmbito do lazer, entre estudantes de Enfermagem, Medicina e Nutrição de uma Universidade do interior Paulista, e também investigar sua associação com a presença de transtorno mental comum (TMC) nestes grupos de universitários. Trata-se de um estudo transversal, parte de uma dissertação de mestrado. A coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário estruturado e anônimo em salas de aulas e salas de atividades. O questionário era composto de perguntas para investigar variáveis sociodemográficas e sobre o lazer, contendo também os seguintes instrumentos: escala de apoio social, *Self-Report Questionnaire* (para identificar TMC) e *Alcohol Use Disorders identification Test* (para identificar uso de risco de álcool). A variável dependente foi a presença de TMC, sendo lazer a principal variável explanatória. Após a análise univariada foi feita análise multivariada por meio da construção de modelos de Regressão Logística, considerando significativas quando $p \leq 0,05$. Entre os alunos, 62,9% relataram insatisfação com o tempo dedicado ao lazer. A prevalência global de TMC no grupo de alunos foi de 40,9% e, dos sete interesses investigados (esportes, artístico, intelectual, manual, social, turístico e virtual), somente “esportes” mostrou-se um fator de proteção. Embora na análise univariada diferentes atividades de lazer tenham se mostrado significativamente associadas a TMC, após a análise multivariada, somente “cantar e tocar um instrumento” se manteve como fator de proteção. Outros fatores que se mostraram associados como fator de risco, após a análise multivariada, foram: cursar enfermagem, seguido do curso de medicina, não ser solteiro, ter dificuldade em fazer amigos, sentir-se rejeitado, não estar satisfeito com a escolha do curso, desejo de abandonar o curso, não estar satisfeito com a frequência do lazer, fazer uso de álcool, tabaco e substâncias psicoativas e baixo apoio social “interação”. Este estudo observou que há diferenças nas escolhas de vivências no lazer segundo os cursos e que a insatisfação quanto à frequência foi significativa. Tocar instrumento musical e/ou cantar foi a única modalidade das 53 investigadas no questionário de lazer que se manteve significativa após a regressão logística. Por fim, o estudo sugere que seja inserido na grade curricular dos estudantes da área da saúde o conhecimento sobre o lazer, com o intuito de educá-los para tais vivências e para que estes possam ser disseminadores de uma cultura de valorização desta vivência. O lazer pode ser um instrumento estratégico na busca por uma melhor qualidade de vida e melhor saúde física e mental, tanto para os profissionais quanto para seus pacientes.

Palavras chave: Saúde mental. Atividades do contexto do lazer. Estudantes de ciências da saúde.



TEMA 7
LAZER E ENVELHECIMENTO
LEISURE AND AGING
OCIO Y ENVEJECIMIENTO



ACESSO DOS IDOSOS AO LAZER DIGITAL

Larissa Rodrigues; Ana Carolina Pigato; Letícia Franzen

anapigato@outlook.com

Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

Esta pesquisa centra suas discussões sobre o acesso dos idosos ao lazer digital, buscando contribuir para a discussão e reconhecimento das questões de acesso e inclusão, de maneira que os idosos possam fruir lazer sem restrições. Este resumo, que apresenta dados preliminares de uma pesquisa em andamento, busca analisar como o lazer digital está presente na vida do idoso e qual a relação dele com as novas tecnologias. De acordo o Estatuto do Idoso (2013), idoso é a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos. De acordo com o Art. 20 desse Estatuto, é assegurado ao idoso o direito ao lazer. Essa prática proporciona uma vida mais saudável física, psicológica e socialmente, pois momentos de lazer geram divertimento, bem-estar e sociabilidade e reduzem o risco de doenças, como a depressão. O lazer, para Dumazedier (2014), possui a função de descanso, divertimento e desenvolvimento. Já o lazer digital configura-se como uma atividade de entretenimento realizada através da internet. Para Trew e Malle (2004), essa tipologia pode ser classificada como ativa, uma vez que o internauta interage com o equipamento, o sistema operacional e com outros usuários, ou passiva, quando o contato é mínimo. Esta investigação caracteriza-se por ser de caráter qualitativo, com pesquisa exploratória e revisão bibliográfica. Realizaram-se entrevistas, com perguntas semiestruturadas, com os idosos frequentadores das atividades promovidas pelo Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) de um município do Rio Grande do Sul, Brasil. Neste estudo, sete respondentes aceitaram participar, mulheres, com média de idade de 66,7 anos e aposentadas. Os resultados preliminares demonstraram que a maior parte das entrevistadas possui um aparelho celular antigo que não tem acesso à internet, e apontam, como motivo principal para a aquisição do aparelho, ligações para familiares. Apenas uma, das sete entrevistadas, afirma possuir computador em casa, fazer uso de redes sociais e pesquisas em sites sobre artesanatos. Essas ações podem ser consideradas lazer digital, uma vez que proporcionam descanso, divertimento, desenvolvimento e entretenimento. As demais entrevistadas não mantêm contato com esse equipamento em suas residências ou no CRAS, que embora promova ações ligadas ao lazer, por não dispor de internet para a comunidade, acaba não desenvolvendo o lazer digital. Apesar disso, seis idosas manifestaram anseio por aulas de informática, indicando que existem dificuldades no manuseio desses equipamentos digitais, mas ainda assim predomina a vontade de ter maior contato com esse espaço virtual. Ao fim, pode-se inferir, preliminarmente, que o acesso ao lazer digital é limitado, quase inexistente. Pode-se depreender que existem barreiras socioeconômicas, visto que as idosas que fazem parte do grupo do CRAS são provenientes de uma camada social menos favorecida e que necessita de maior suporte assistencial. O fato de o CRAS ainda não proporcionar condições de acesso à internet dificulta ainda mais o acesso autônomo para essas idosas. De forma geral, ainda existe preconceito social, ao considerá-las velhas demais para lidar com novas tecnologias. Esses são comportamentos que precisam ser repensados. O envelhecimento da população brasileira e o avanço tecnológico são fenômenos que necessitam ser considerados.

Palavras chave: Idoso. Lazer digital. Acesso. Barreiras.



DIGITAL TO AN EXTENT: CYBER-SENIORS' USE OF TRADITIONAL MEDIA

Galit Nimrod

gnimrod@bgu.ac.il

Ben-Gurion University of the Negev, Israel

The rapid development of Information and Communication Technologies (ICTs) in the past two decades led to fundamental changes in the global media landscape. While offering new media practices (e.g., social networking), ICTs also provide digital equivalents of mass media (e.g., online newspapers and broadcasts). Despite the increasing amount of time spent using ICTs, however, people still use traditional mass media as well (Jensen & Helles, 2011; Newell, et al., 2008). Older adults appear to be the most loyal audience of traditional media (Depp et al., 2010; Nossek et al., 2015), but even this audience is gradually narrowing age-related digital divides. As the percentage of seniors, using ICTs rises rapidly (Anderson & Perrin, 2017; OECD, 2017), a growing number of studies explore various aspects of ICT use in later life (Damant et al, 2016; Forsman & Nordmyr, 2015), most of which ignore parallel use of traditional media among seniors. This study aimed at exploring the extent to which traditional mass media are displaced by their digital equivalents, as well as the factors that predict higher levels of media displacement among older audiences. The study was based on a survey of 6,989 Internet users aged 60 and up in six countries (Austria, Denmark, Israel, the Netherlands, Romania and Spain). Participants' ages ranged from 60 to 101 (mean=67.01, sd=5.75), of whom 53.2% were male, 49% had at least some post-secondary education, 37.6% reported having income higher than the average in their country, and 71% were retirees. The current investigation was based on a specific part of the data that explored the participants' media use the day before they responded to the survey and took into account various demographic and sociodemographic particulars. Results indicated a high media displacement with regard to newspapers and magazines, followed by book reading, with a relatively marginal transition to online TV and radio. Separate analyses of media displacement in each of the six countries examined in this study demonstrated similar patterns. Yet, there were significant differences among countries, with Spain and Israel displaying the highest displacement levels. Differences remained significant even after controlling for background characteristics. The most significant displacement predictor, however, was the variety of users' online activities: Study participants involved in a greater repertoire of online activities demonstrated higher levels of media displacement. These findings suggest that despite the increasing percentage of older Internet users, this audience tends to adhere to familiar media practices. Nevertheless, it also exhibits selective displacement that is highly dependent on users' media habits, the relative advantages of each medium and socio-cultural contexts. In line with theories of adaptation in old age, such as the Selective Optimization with Compensation model (Baltes & Baltes, 1990), this selectivity may be considered a specific strategy for setting, pursuing and maintaining personal goals in later life.

Keywords: Older adults. Online leisure. Mass media.



IDOSOS DE MOCHILA: HISTÓRIA ORAL DE VIAGENS

Maria Carolina de Andrade José

mariandrade.j@hotmail.com

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - EACH/USP,
São Paulo, São Paulo, Brasil.

O segmento de mochileiros (ou *backpacker*) vem apresentando um crescimento expressivo no turismo brasileiro, especialmente na última década. Mochileiros são sujeitos que viajam por longos períodos, se organizando de forma independente, econômica e flexível. Contrapondo-se ao turismo de massa, eles viajam para destinos pouco visitados, contando com pouco ou nenhum conforto. Geralmente representados como jovens que dispõem de muito tempo e pouco dinheiro, os mochileiros priorizam as interações sociais e a autenticidade de suas viagens. Porém, fugindo à imagem tradicional do mochileiro, existem pessoas com mais de sessenta anos que realizam esse tipo de viagem. Contrariando os estereótipos da velhice, eles aproveitam o período da aposentadoria, ou a menor carga de trabalho, para viajar pelo País e pelo mundo. Utilizando a metodologia de história oral, este estudo, ainda em fase inicial, busca conhecer a história desses sujeitos e suas viagens. A história oral suscita representações da experiência vivida e possibilita a atribuição de sentidos ao passado pelo sujeito. Sendo assim, por meio de entrevista temática, este projeto pretende despertar a memória de viagens passadas e presentes, incentivando a reflexão sobre tais vivências nessa fase da vida. Propõe-se também a análise dos hábitos, aspirações e preferências de viagem dos entrevistados, considerando o cenário turístico atual. Dispondo de muito tempo livre e poder aquisitivo limitado, os entrevistados optam por viagens longas com custos mais baixos, que propiciam interações com comunidades locais e outros viajantes. Nesse contexto, o convívio e troca de experiências com pessoas de diferentes nacionalidades e contextos sociais são fatores muito valorizados. Eles lidam de diferentes formas com as dificuldades comuns a esse tipo de viagem: hospedagens simples, longas distâncias a percorrer, meios de transporte precários, alimentação irregular, insegurança, limitações físicas e financeiras. Esses sujeitos se distinguem do turista da “melhor idade”, alvo de políticas públicas implementadas pelo Ministério do Turismo na última década, que procuram, comumente, destinos como estâncias hidrominerais, praias, *resorts* e cruzeiros marítimos. Mais do que usar o turismo como ferramenta para um “envelhecimento ativo”, eles transformam suas viagens em um estilo de vida. Os entrevistados realizam agora as viagens que não puderam fazer em suas juventudes por falta de dinheiro ou tempo. Para eles, o “mochilar” faz parte de um processo de reconstrução de identidades. Dessa forma, o envelhecimento, associado socialmente à ideia de inatividade, se torna o momento ideal para investir em tais aventuras. Viajando sozinhos, eles afirmam sua liberdade e individualidade, não dependem dos cônjuges, filhos ou netos, eles são livres para fazer suas escolhas de forma independente.

Palavras chave: Mochileiros. Idosos. História oral. Turismo. Envelhecimento.



MELHOR IDADE: ACOLHER E INCLUIR

Daniela Ferreira Flores Longato; Isabela Dimes Vicente; Carolina Rodrigues Caldas Falleiros; Diego dos Santos Ferreira; Paulo David de Carvalho Ferreira

d.daniela.flores@gmail.com

Centro Universitário Senac, São Paulo, Brasil

Este projeto trata do desenvolvimento de atividades lúdicas para o público idoso e infantil em parceria do Centro Universitário Senac com instituições e/ou empresas. Ele é desenvolvido através do embasamento conceitual-teórico do lazer e do conhecimento das necessidades das crianças e idosos dessas comunidades, viabilizando a execução de atividades lúdicas a fim de integrar esses dois públicos. A proposta considera a inclusão social de crianças e idosos, possibilitando a interação das famílias. “A sociedade atual, ao pregar o consumo intenso, valoriza aqueles que ainda são economicamente produtivos. Assim, o velho já não é mais importante, pois ele pertence ao passado e o que importa é a novidade, o consumo rápido de tudo que for possível, descartando o que não interessa mais ou perdeu valor no mercado de troca. Nesse sentido, o velho se identifica com a criança, a quem não é dado, assim como a ele, o direito de ser independente. A criança está em processo de formação, não é produtiva economicamente e só será considerada ‘gente’ quando se tornar adulta e produtiva; mesmo assim, é considerada um valor em potencial.” (LOPES e SANTOS, 2009). Sendo assim, velho e jovem se aproximam por essa falta de independência e por estarem nos extremos da vida com características de aprendizado parecidas, sendo que o idoso está diminuindo seu ritmo e a criança aumentando esse ritmo gradativamente. Mas estão no mesmo estágio em certo ponto da vida. “O processo de aprendizagem das pessoas idosas difere do processo dos jovens. Esta diferença se explica pelas mudanças próprias do envelhecimento normal, as quais afetam a velocidade no processamento.” (YUNI e URBANO, 2009). A velocidade da aprendizagem do idoso está mais lenta e a da criança está “aquecendo”, então um pode colaborar com o outro neste desenvolvimento. A criança necessita de atenção, o idoso tem tempo e vontade de repetir e essa combinação dá um bom resultado na experiência e na aprendizagem. “A arteterapia é uma modalidade terapêutica que visa, através da mediação de instrumentos plásticos, a expressão ou a comunicação de representações como fantasias e sentimentos. Consiste na utilização de técnicas que favorecem a expressão da emotividade e viabiliza a compreensão de sentido das emoções, por permitir a formatação de formas capazes de serem interpretadas pela consciência.” (URRUTIGARAY, 2009). As atividades propostas em um projeto de extensão pelo Senac, com o mesmo nome deste artigo, atendem às questões de aprendizagem do idoso e da criança usando a arteterapia com materiais recicláveis e atividades lúdicas a fim de integrar e gerar aprendizado e desenvolvimento de crianças e idosos e de suas famílias. Os resultados são crianças que aprendem a respeitar melhor os idosos e idosos que conseguem manter seu desenvolvimento. Esse resultado se espalha de forma progressiva na família, pois as pessoas passam a se enxergar, se respeitar e voltam a se amar.

Palavras chave: Melhor idade. Inclusão. Ludicidade. Aprendizagem.



NEIGHBORHOOD SOCIAL SPACES AND SUBJECTIVE WELL-BEING OF OLDER ADULTS

Yu Niu; Heather Julie Gibson

niuyu1008@ufl.edu

Department of Tourism, Recreation and Sport Management, University of Florida, Gainesville, FL, US

Tuan (1974) described place as a center of meaning constructed by experience. Such meaning that bonds individuals with space generates place attachment, which is believed to help maintain well-being and to facilitate successful adjustments of older people, who in particular tend to draw meaning from the places in which they live (Wiles et al, 2009). A key idea of gerontological and geographical theories of place attachment is that older people with good place ties are more likely to feel in control, secure, and have a positive sense of self (Golant, 1984). Leisure activities with others may construct social spaces in order to restore social resources (Pressman et al., 2009), provide social support, and enrich meaning of life (Carruthers & Hood, 2004), thus may help enhance place attachment of older adults to their neighborhoods. The purpose of this study is twofold. First, to examine the role of leisure experiences in improving the attachment to home and older adults' subjective well-being; second, to explore how neighborhood social spaces bridge leisure with attachment to neighborhood and its subsequent impact on subjective well-being. Semi-structured in-depth interviews were conducted with 14 community-dwelling older people (8 males and 6 females) aged 60 and above in a Southern US college town. The participants age ranged from 60 to 75 years (mean age 64 years). Participants were asked to talk about their residential environment and leisure experiences. The interviews were recorded and transcribed verbatim. The constant comparative method of grounded theory was used to analyze data. Interviews with older adults gave a rich account of leisure experiences, attachment to place, social spaces, and subjective well-being. Four themes emerged from the data analysis: bonding with family, social connectedness with friends and other residents, a sense of security and stability, and meaningless neighborhood experience. The identified themes show that (1) Home, as social space for intergenerational interaction is the most important place for developing place attachment for older adults. Leisure experiences such as family parties help enhance such attachment, maintain older adults' sense of parental/grandparental identity, feel in control, and improve their satisfaction of family life. (2) Social interactions through leisure activities in neighborhoods with friends or other residents is another source of place attachment. Recreation centers, parks, and volunteering opportunities gave older adults opportunities to build/enhance friendship, increase the meaning of life, and keep emotional balance. A sense of belonging to the neighborhood emerged through social interaction then enhances the feeling of secure and stability. (3) The lack of social space for older adults decreases the place attachment and the meaning of community life. Older adults have to find alternative leisure opportunities to compensate for the loss of such social space in order to maintain their level of subjective well-being. These findings suggest that neighborhood planners should consider social needs and leisure opportunities of older adults when designing spaces for this age group. It is not only about function, but also about meaning of space.

Keywords: Social Spaces. Place Attachment. Subjective Well-Being. Neighborhood. Older Adults.



PARTICIPAÇÃO DA PESSOA IDOSA NA ESCOLHA DE ATIVIDADES DE LAZER

Valdilene Wagner; Maria Ângela Garcia Almeida; Leonardo Pastillo Oliveira

valdilene_wg@hotmail.com

Centro Universitário de Maringá - UNICESUMAR, Maringá, Paraná, Brasil

A sociedade brasileira apresenta um contexto de crescimento populacional etário de idosos, fato recorrente em escala mundial. Nesse sentido, Pegorati et al (2015) apontam que a prática de atividades de lazer entre idosos deve ser incentivada, pois apresenta impacto positivo na qualidade de vida e nas condições de saúde dessa população. Pensando nesses aspectos, a Política Nacional do Idoso (1994) e a Política Nacional de Assistência Social (2004) definiram a criação de diversas modalidades de atendimento. Dentre elas, destacam-se os Centros de Convivência do Idoso (CCI). Esses espaços destinam-se a propiciar o envelhecimento ativo por meio da prevenção de riscos. Salientando-se que a intervenção social incumbida ao CCI deve considerar as características, interesses, demandas, vivência em grupo, experiências artísticas, culturais, esportivas e de lazer, esse estudo se propõe a identificar quais atividades são oferecidas pelos CCIs na Região Norte do Paraná e se essas estão de acordo com o gosto dos idosos, haja vista que atitudes emancipadoras podem criar possibilidades de se promover saúde e qualidade de vida. Trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho observacional em dez dos 30 municípios da região Norte do Paraná, Brasil. A amostra foi composta por 20 idosos (masculino e feminino), totalizando 200 idosos escolhidos de forma aleatória, os quais concordaram em participar do estudo e assinaram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Para coletar os dados, utilizou-se um questionário sociodemográfico, contemplando dados pessoais, além de informações sobre as atividades desenvolvidas e as quais gostariam de desenvolver e a importância das mesmas para a qualidade de vida. Os resultados foram analisados por meio de frequências absolutas e percentuais. A pesquisa revelou que as principais atividades desenvolvidas nos CCIs foram as Brincadeiras (59,0%), Ginástica (57,0%), Danças (57,0%) e os Bailes (55,5%). Quando questionados sobre as atividades que gostariam de praticar e que consideraram benéficas para a qualidade de vida, os idosos destacaram a necessidade de atividades de lazer tais como: pescaria (98,0%), passeios (92,0%), caminhadas (88,0%), outras atividades de lazer apareceram aleatoriamente em 98% das respostas. Destacaram-se, ainda, atividades culturais tais como: aulas e apresentações de música e canto (97,0%) e aulas de dança e bailes (94,0%). Atividades manuais e aulas de informática compreenderam 87,0% e 92,0% das respostas, respectivamente. Desse modo, é importante manter as atividades ofertadas, mas destaca-se a indispensabilidade de se atender ao gosto dos idosos que frequentam os CCIs a fim de que as atividades de lazer possam propiciar emancipação, desenvolvimento físico e psíquico com uma gama mais abrangente de possibilidades de se promover saúde e qualidade de vida, além daquelas já ofertadas. Portanto, o presente estudo indica a necessidade de valorização do gosto do idoso, tendo em vista os benefícios das atividades de lazer. Considerar apenas os aspectos sociodemográficos foi uma limitação desta pesquisa. No entanto, ela mostrou-se eficaz por demonstrar a necessidade de se aumentar o foco de escuta às necessidades dos idosos e desenvolver estratégias de planejamento para que se ampliem possibilidades para o envelhecimento saudável e, conseqüentemente, a qualidade de vida.

Palavras chave: Lazer. Emancipação. Qualidade de vida. Centro de Convivência do Idoso.



RECREACIÓN TERAPÉUTICA: MODELO DE INTERVENCIÓN INTEGRAL EN POBLACIÓN ADULTA MAYOR

María Eugenia Jenkins Alvarado

fecered@gmail.com

Fundación Centroamericana de Recreación, Educación y Deporte – FECERED / Comité Cantonal de Deportes y Recreación de Tibás – CCDRT, San José, Costa Rica

El presente trabajo explicita un estudio experimental de seis meses de duración, desarrollado con enfoque mixto de investigación, según lo planteado en Hernández, Fernández y Batista (2003). Determina el efecto de la aplicación de un Modelo de Recreación Terapéutica, sobre la calidad de vida de un grupo mixto de veinte personas adultas mayores, con edades comprendidas entre los sesenta y los ochenta y siete años de edad, quienes viven en el Cantón de Tibás, San José, Costa Rica. El objetivo de investigación es lograr el mejoramiento de la calidad de vida de los participantes, considerando para el efecto una mayor movilidad articular, mejora en la memoria, incremento de su autoestima, disminución de la depresión y del sentimiento de soledad, así como también mayor responsabilidad en la escogencia y control de actividades de esparcimiento. Se sigue los lineamientos del modelo de Recreación Terapéutica de Austin (2004), llamado de *Protección y Promoción de la Salud*, el cual está basado en una perspectiva humanista que estabiliza y actualiza a los sujetos, promueve conceptos de libertad, control, auto-motivación, acción en familia y percepción de esparcimiento. Se recurre a la guía de actividades recreativas de Salazar Salas (2014) para determinar los contenidos a desarrollar, específicamente: a- actividad física, deporte y juegos; b- actividades culturales; c- actividades sociales; d- actividades espirituales; e- actividades cognitivas; y f- actividades turísticas. Se efectúa evaluación diagnóstica, intermedia y final utilizando técnicas cualitativas como recolección de datos mediante observaciones de las conductas diarias de los sujetos y entrevistas sobre soledad y sobre prácticas recreativas. También se utiliza técnicas de medición cuantitativa como los test de: movilidad articular tomado del Senior Fitness Test de Rikli y Jones (2001); de Autoestima de Rosenberg (1965); de Estados anímicos del POMS de Mc Nair et al. (1971) y el de Memoria de Krell (2005). Se trianguló los resultados los cuales mostraron que el efecto de la aplicación del Programa recreativo de intervención integral sobre la calidad de vida de un grupo de personas adultas mayores no institucionalizadas, es positivo y realmente mejora la calidad de vida. Respalda ésta aseveración los porcentajes de cambio efectivos mostrados en las pruebas de movilidad articular, en la escala de autoestima, en el perfil de estados anímicos y en la valoración de la memoria. De igual forma, los resultados de las hojas de observación y de las entrevistas sobre actividades recreativas, mostraron disminución de los síntomas de soledad y fortalecimiento de los sujetos en la toma de decisiones de control sobre la salud.

Palabras claves: Persona adulta mayor. Recreación terapéutica. Modelo Recreativo de Intervención Integral. Calidad de vida.



REDES SOCIALES, ADULTOS MAYORES, “LA EXPERIENCIA TRANSFORMADORA DEL OCIO”

Monica Caicedo Hoffmann

mkaicedo@gmail.com

Cooameva – Cooperativa, Programa Vida en Plenitud, Colombia

En Colombia los procesos de transición demográfica han llevado a nuestro país a envejecer de una manera más acelerada que el resto de países en latino américa – el último censo muestra que la población mayor de 60 años asciende a 5.2 millones de adultos mayores y en el 2050 14.1 millones... Esta situación no es ajena a nuestra empresa que al fecha cuenta con 256.000 asociados de los cuales el 18% son mayores de 60 años, es por eso que desde hace 10 años se implementa un proceso de atención y construcción de políticas y acciones que lleven a nuestros asociados desde edades tempranas a prepararse para la etapa de la vejez e implementar acción de atención a los asociados mayores de 60 años, a través del programa *Vida en Plenitud*. En este contexto y a través de la participación social de la población y basados en los principios de envejecimiento activo, (determinantes sociales, determinantes conductuales, determinantes personales, entorno físico, entorno económico, aprendizaje continuo, participación social, acceso a servicios), los asociados han construido redes sociales que evidencian la importancia del fomento del envejecimiento activo y sus acciones concretas a través de propuestas adecuadas de utilización del tiempo libre y la construcción colectiva del saber a través del ocio formativo. Los constructos sociales generados a través de la participación han llevado al programa *Vida en Plenitud* a convertirse en la red social de gran importancia para nuestros participantes y a mostrar la pertinencia de las instituciones alrededor de la construcción de significados y de la trascendencia de la actividad. El presente trabajo es un estudio secundario de la investigación realizada a nuestros participantes durante 2017, llamada valoración del “Programa Vida en Plenitud” realizada por la Universidad del Valle y cuyo objetivo fue describir y argumentar el programa como fuente de apoyo para nuestra comunidad, muestra desde los resultados del capítulo de apoyo social, como nuestro programa a través de la participación de nuestros asociados se han convertido en la red secundaria más importante para ellos y como alrededor del mismo se construyan y se resignifican relaciones personales y grupales alrededor de los elementos del ocio constructivo y la utilización adecuada del tiempo libre. Estos efectos transformadores evidencian la necesidad de cada vez más fomentar acciones de curso de vida que nos permitan a través del goce, el disfrute y la utilización adecuada del tiempo libre, construir procesos de vida más sana, más social y más interactiva que nos lleven a una vejez digna, productiva y participativa. La metodología utilizada fue una muestra aleatoria simple, con la aplicación de un cuestionario conformado por 12 preguntas y la participación de 800 asociados.

Palabras clave: Envejecimiento activo. Apoyo social. Participación social. Ocio. Tiempo libre.



VELHICE E SOCIABILIDADE: AS PRÁTICAS DE FREQUENTADORES DO SESC SÃO PAULO

Leslie L. Sandes; Yuri B. Tambucci.

sandes.le@gmail.com

Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana, Universidade de São Paulo – LabNAU/USP, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Ao longo dos anos de 2015 e 2017 foram realizadas duas etapas da pesquisa “Cultura e Lazer: práticas físico-esportivas dos frequentadores do Sesc em São Paulo”, a partir de uma parceria firmada entre o Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP (LabNAU-USP), o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC) e o Centro de Pesquisa e Formação do Sesc-SP. Seu objetivo geral era o de compreender as motivações e as práticas dos frequentadores do Sesc nas unidades do estado de São Paulo. A etapa qualitativa dessa pesquisa se deu a partir de uma estratégia metodológica que vem sendo desenvolvida e trabalhada pelo LabNAU nos últimos anos: a expedição etnográfica. Neste caso, uma equipe de 10 pesquisadores antropólogos visitou 14 unidades do Sesc, acompanhando “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) as atividades cotidianas durante uma semana em cada uma delas. Esse tipo de abordagem possibilitou que se conseguisse um material muito extenso e extremamente rico, que permite seguir pistas dadas pelos episódios vividos em campo e compreender os frequentadores da instituição a partir de seus próprios termos. Dentre os marcadores sociais da diferença, a geração se mostrou uma das classificações mais utilizadas para que os frequentadores do Sesc falassem sobre si e sobre os outros e para que a instituição se relacionasse com o seu público. A instituição possui programas específicos relacionados a determinadas faixas etárias, como o *Programa Curumim* (infância), o *Juventudes* e o *Trabalho Social com Idosos*. O público alvo desse último programa forma um grupo de frequentadores extremamente diverso, não apenas pelo intervalo etário que compreende (a partir dos 65 anos), mas principalmente pela diversidade de corpos, desejos, capacidades e histórias de vida. Essa diversidade se manifesta no próprio nome utilizado para se referir a essa idade: “idoso”, “velho”, “terceira idade”, “melhor idade”, entre outros, cada um mobilizado e negociado em cada situação e para cada demanda. Durante o trabalho de campo, foi possível perceber que esses homens e mulheres ocupam o Sesc e suas atividades de forma ativa e mobilizam outros aspectos de sua identidade que – em muitos casos – não têm espaço no ambiente familiar. A sexualidade volta a ocupar um lugar central na vida social, com os namoros e paqueras que têm espaço nos bailes e nas viagens de turismo; masculinidades e feminilidades são debatidas e mobilizadas a partir de atividades entendidas no campo do lazer; amizades e inimizades configuram redes de relação e constituem a vida além do ambiente doméstico. Neste trabalho, serão apresentados casos de campo que ajudam a compreender como as questões relacionadas à velhice são mobilizadas e como as atividades e as formas de uso imprevistas das unidades do Sesc ajudam a acessar de forma sensível a diversidade dessa faixa populacional.

Palavras chave: Lazer. Geração. Velhice. Usos do tempo. Espaço e sociabilidade.



TEMA 8
LAZER E GÊNERO
LEISURE AND GENDER
OCIO Y GÉNERO



ADOLESCENCIA, JUVENTUD, GÉNERO Y LIMITACIONES DE OCIO EN URUGUAY

Natalia Paola Maidana Brazeiro; Maria Ximena Ureta Sosa

natalia.maidana@gmail.com

Grupo interdisciplinario de investigación – Estudios sobre el tiempo libre, ocio y género, Universidad de la República – UDELAR, Montevideo, Uruguay

Considerar la perspectiva de género y de interseccionalidad en las políticas públicas permite visibilizar las desigualdades entre mujeres y varones en el ejercicio de los derechos humanos y en las posibilidades de vida digna, y aportar insumos para el desarrollo de políticas más igualitarias. Desde esta perspectiva, nos proponemos identificar y reflexionar sobre las desigualdades que presentan adolescentes y jóvenes de Uruguay en relación a la disponibilidad de tiempo libre, el uso de espacios y las preferencias de actividades reflexionando sobre posibles causas de las brechas de género, y la relación entre los comportamientos y las pautas culturales de género y las constricciones o limitaciones de ocio. Autores como Crawford, Jackson y Godbey (1991) proponen una clasificación de tipo de limitantes de ocio, es decir de restricciones que condicionan e impiden a las personas disfrutar de su tiempo libre. Según los autores, los tres tipos de limitantes son: las limitantes intrapersonales, las limitantes interpersonales y las limitantes estructurales (1991). Mientras las primeras tienen una incidencia directa en las motivaciones, en los intereses y en las actitudes – favorables o no – hacia las actividades de ocio, las últimas inciden directamente en la participación y pueden resultar en facilitadores o en restrictores más difíciles de revertir en el corto plazo (1991). Tanto los estudios de género como los de ocio han sido ciegos entre sí a lo largo de la historia, por lo que es reciente su interrelación. Lo mismo sucedió al interior de los estudios de ocio, siendo reciente la incorporación de la teoría de género en el marco teórico de las limitaciones de ocio. Se utilizan las categorías género y diversidad para analizar algunos datos aportados por la Encuesta Nacional de Adolescencia y Juventud realizada en 2013 en Uruguay (INJU, INED, INEE, CCSS) en los módulos “tiempo libre e intereses” y “actividad física”. Asimismo se realiza un análisis interseccional tomando también algunos datos de los módulos sobre “empleo”, “constitución del hogar” y “cuidados”, para poder reflexionar sobre las relaciones entre la temática estudiada, los roles y estereotipos de género, la división sexual del trabajo, y sus mutuas incidencias. El análisis permitió identificar distintas relaciones entre las relaciones y estereotipos de género, y los diferentes tipos de limitaciones de ocio que operan en el comportamiento de adolescentes y jóvenes de Uruguay. Permite además reflexionar sobre las limitaciones y las oportunidades para el desarrollo del ocio que genera y pueden generarse en la articulación de distintas políticas públicas vinculadas a los cuidados, los espacios públicos, el deporte y la recreación, el empleo juvenil y el combate a la violencia de género.

Palabras claves: Adolescencia. Juventud. Género. Limitaciones de Ocio. Políticas Públicas.



AN EXPLORATION OF UGANDAN WOMEN'S LEISURE CONSTRAINTS AND NEGOTIATIONS

Emilie V. Adams; Stacy T. Taniguchi; P. J. Ward; Stephen J. Hite; Stephen T. Lewis
emiliea@clemson.edu

Clemson University, Brigham Young University

Introduction/Conceptualization - Leisure constraints theory has been constructed and discussed primarily in the context of developed western nations. To understand leisure constraints from a global perspective, there is a critical need to explore leisure and constraints in developing non-western nations. Leisure among Ugandan women has been defined through the framework of perceiving choice, and includes both productive and non-productive activities, in which women freely chose to participate. The purpose of this phenomenological case study was to explore perceived constraints to leisure, and the constraint negotiation process among women in Uganda. Approach/Description - This phenomenological study used semi-structured interviews to explore leisure constraints, and negotiation strategies of 38 Ugandan women. The researchers used a purposive snowball sample to fill a pre-designed matrix accounting for variety in dwelling location (20 rural, 18 urban), age (18-75 years), family stage (16 with no children, 18 with children in the home, 4 with grown children), religion (32 Christian and 6 Muslim) and social economic status. The principal investigator conducted, recorded, and transcribed the interviews and the data were analyzed using the constant comparative method. Themes were developed and the results analyzed through the lenses of perceiving choice, and the hierarchy of leisure constraints. Results - Three main themes related to constraints emerged from the data: 1) Conflicting responsibilities—including employment, cultural obligations, caregiving responsibilities, and housework. 2) Lack of resources—including lack of money, inadequate access to resources such as books to read, infrastructure issues as no electrical wiring to towns, and lack of transportation. 3) Health issues—including chronic pain, low energy, chronic illness, and lack of social support due to other's health issues. Three negotiation strategies emerged from the data: a) social support, b) identity, and c) independence/compliance in negotiation. It was mentioned the social support in contexts of coworkers covering work obligations, taking friends to activities for safety, combining money to afford trips and using social connections to justify special trips or events. Identity was coded to convey women participating in activities because they grew up participating, and continued to view participation as part of their identity. Finally, independence/compliance was coded to convey if women were working to be independent from or comply with cultural expectations as their negotiated constraints. **Considerations** - The process of negotiating leisure constraints was closely related to social support, and with the sense of identity as developed in the family of origin, or within the broader culture. Identified constraints did not discretely fit into the hierarchical model, and the manner in which constraints were negotiated appeared to be more important in terms of producing empowerment vs helplessness, than the identified constraints themselves. These findings support past research demonstrating the role of negotiation in either resisting or reifying social norms. Additionally, in this exploratory study, constraints overlapped with public health, human resources and city planning, civil engineering and gender studies. This highlights how leisure constraints can be a valuable framework from which to begin discourse, and to develop further inquiry for issues that affect a wide array of disciplines.

Key words: Perceiving Choice. Leisure Constraint. Hierarchy of constraints. Uganda. Women's Leisure, Negotiation.



EMPODERAMENTO FEMININO NO CINEMA LATINO-AMERICANO CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS PARA O LAZER

Christianne Luce Gomes

chrislucegomes@gmail.com

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico / Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa / Grupo de Pesquisa LUCE - Ludicidade, Cultura e Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

A experiência de assistir a um filme para desfrutar o lazer permite que espectadores estabeleçam contato audiovisual e vínculo emocional com personagens, situações, tempos, espaços e contextos. Imerso nessa experiência, cada espectador (re)descobre lugares, paisagens, modos de vida, práticas sociais e culturais, projetos de sociedade, códigos normativos e emoções. Nesse processo, o olhar vai sendo construído, valores são assimilados e realidades são edificadas em diferentes âmbitos, instigando interpretações sobre o lugar de cada pessoa no mundo. Atenta a essas questões, a presente pesquisa objetivou compreender de que maneira as mulheres são representadas em filmes latino-americanos contemporâneos, tendo em vista identificar possibilidades de empoderamento feminino. Representação é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e contribui para a construção de uma realidade social comum (Jodelet, 2002). Empoderar é o processo pelo qual as mulheres vão em busca de recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência, capacidade de ação/decisão diante das situações de exclusão decorrentes da hegemonia e dominação masculina (Horochovski & Meirelles, 2007). De abordagem qualitativa, a metodologia envolveu pesquisa bibliográfica, entrevistas e análise fílmica. Como locus de investigação, foi definido um cinema que cumpriu quatro critérios: (a) estar localizado no município de Belo Horizonte/MG/Brasil, (b) contemplar filmes latino-americanos na programação, (c) ter bilheteria e (d) conceder anuência institucional para a investigação. Para ser selecionado, o filme deveria ser (co)produzido na América Latina, ser um longa-metragem de ficção e mencionar pelo menos uma personagem feminina na sinopse divulgada pelo cinema. A seleção dos filmes ocorreu em um período de nove meses e 15 cinematografias latino-americanas atenderam aos critérios: três da Argentina, 11 do Brasil e uma do Chile. As entrevistas com 54 voluntários seguiram um roteiro semiestruturado, foram gravadas e transcritas. A análise fílmica foi organizada em três momentos, procurando articular cada filme com o problema, sistematizar conhecimentos sobre a temática investigada e analisar cenas relevantes para a pesquisa. Na sistematização dos resultados, os filmes foram organizados em três grupos: aqueles construídos sob o viés masculino (dez filmes), que trazem personagens femininas em posição de domínio (dois) e filmes que empoderam personagens femininas (três). Apenas nesse último grupo os filmes apresentam mulheres vivendo situações complexas, com voz e visibilidade na narrativa, enunciando diálogos contextualizados e bem elaborados que desafiam valores estabelecidos e padrões normativos. Nesses três filmes, o empoderamento feminino foi representado de formas diferentes: pela inversão de papéis atribuídos a mulheres e homens, em contextos profissionais e no despertar da consciência sobre as desigualdades sociais. Os marcadores identitários que prevaleceram entre as personagens femininas foram



gênero e profissão, em geral conformados segundo modelos patriarcais. Inevitavelmente, isso produz efeitos sobre os comportamentos e sobre as formas de cada personagem feminina e de cada espectador se reconhecer e se posicionar no mundo. Os resultados da pesquisa evidenciam, portanto, que é fundamental desfrutar essa experiência de lazer, mas, também, é necessário refletir sobre os sentidos e significados presentes nas narrativas fílmicas e fomentar novos estudos que contribuam com a produção/difusão de conhecimentos sobre a temática.

Palavras chave: Empoderamento feminino. Mulher. Cinema. América Latina.



LAZER E EMPODERAMENTO FEMININO NO PELC SÃO BERNARDO DO CAMPO

Luana de Souza Leonardo

luanasleyonardo@gmail.com

Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, Secretaria de Esportes e Lazer,
São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil.

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar as experiências vivenciadas no Programa de Esporte e Lazer da Cidade – PELC em São Bernardo do Campo/SP. Sob a perspectiva que percebe um ambiente com tradição esportiva de massificação masculina, com baixa inserção significativa da mulher. O local recebe então a implementação do programa do Ministério do Esporte PELC Urbano, fator este de extrema importância para a ressignificação da mulher no espaço. Consideramos como referências norteadoras os documentos oficiais do Programa PELC Urbano, os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável ODS-5 e publicações cuja abordagem central seja lazer, mulher e sustentabilidade social. A Praça de Esportes Salim Tabet, popularmente conhecida como Corintinhas, localizada na Vila Ferreira, região periférica da cidade, existe desde 1953 e tem desenvolvido práticas esportivas do universo futebolístico desde então. Havia um histórico intenso de violência no local e, em 2015, a prefeitura entregou a reforma do local, deixando-o com maior acessibilidade e melhorias na infraestrutura. O Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) proporciona prática de atividades físicas, culturais e de lazer abrangendo faixas etárias distintas e pessoas com necessidades especiais, favorecendo a socialização e o estímulo do surgimento de lideranças comunitárias que contribuem para que o esporte e o lazer sejam compreendidos como direito de todos. Em novembro de 2016, o Corintinhas recebeu a equipe do PELC Urbano São Bernardo, composta por uma coordenadora e seis agentes de lazer, para então passar a desenvolver tais ações no espaço. Descobriu-se, então, um problema a ser enfrentado: a baixa procura do público. A fim de sanar as necessidades de atendimento de público no programa, a equipe realizou divulgação em mídias sociais, escolas, Unidades Básicas de Saúde e comércios da região. Quando as atividades iniciaram, a equipe de trabalho passou a reconhecer outro problema: boa parte das mulheres tem medo de frequentar o espaço, ou não se sentem convidadas a estar ali por se tratar de um espaço destinado ao futebol, inicialmente. Através das atividades sistemáticas, como aulas e oficinas regulares e das atividades assistemáticas, como eventos, palestras, rodas de conversas e outros, pode-se notar e coletar através dos relatos das mulheres frequentadoras do espaço que houve um rompimento das barreiras ideológicas, gerando uma familiarização das mesmas com o equipamento, com as colegas e profissionais do PELC. Garante-se a participação plena das mulheres no Programa, através de ações potenciais em que elas assumem papéis que são fundamentais para a transformação do espaço e sua respectiva participação. Um grupo de homens e mulheres, quando são conduzidos pela agente a realizar práticas corporais no campo de futebol, a título de exemplo, cria uma oportunidade de romper uma cultura exclusivista do futebol para o local, na qual o público começa a notar que o espaço pode também proporcionar outras práticas e com maior protagonismo feminino. A pesquisa é descritiva e interpretativa, partindo dos relatos femininos das beneficiadas e da equipe do Programa. Acredita-se que o processo de ações reflexivas e práticas mediadas pela equipe PELC foi um fator fundamental para apropriação da mulher num espaço sexista.

Palavras chave: Atividades de lazer. Gênero. Comunidade.



LAZER TRANS EM SÃO PAULO: ARTE, IDENTIDADE E EXPRESSIVIDADE

Ana Rosa Guimarães Bastos Proença; Flávio Daiji Kishigami; Ricardo Ricci Uvinha
anarosaproenca@usp.br

Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de São Paulo – USP,
São Paulo, São Paulo, Brasil

Na cidade de São Paulo, transexuais, travestis e não-binários expressam, por meio do lazer, suas realidades marginalizadas como forma de reflexão e libertação, apropriando-se de espaços públicos que são negados a esses corpos. O *TranSarau* é uma referência no movimento LGBT, que por meio da música e da poesia abre espaço para a expressão e performance artística trans. A *Casa de Acolhida Especial para Mulheres Transexuais (Casa Florescer)* ultrapassa a arte, proporcionando festas beneficentes, esporte e acolhimento. A “Casa” expressa as ações de um relevante grupo, socialmente marginalizado, num dos países que mais excluem do convívio os sujeitos trans e travestis em todo o mundo, já que em 2016 foram contabilizados 316 assassinatos de pessoas oriundas desta comunidade no Brasil. Tem-se como objetivo geral no presente trabalho compreender como o lazer trans se manifesta em diferentes espaços e no discurso dos sujeitos a ele atrelados. Enquanto objetivos específicos, identifica-se como diversas ações, por meio do lazer, da arte e do esporte, auxiliam na promoção de uma identidade política e/ou uma ressignificação do sujeito trans; buscou-se ainda averiguar as diferenças entre os sujeitos participantes do *TranSarau* e os da *Casa Florescer*, investigando como os diferentes eventos influenciam no discurso engendrado pelos mesmos. A metodologia adotada é do tipo qualitativa, utilizando-se de pesquisa bibliográfica realizada em artigos/livros nas categorias teóricas educação, lazer/turismo, sociologia/antropologia, com foco nos temas da identidade, de gênero/sexualidade e de políticas públicas. O procedimento metodológico combinou uma pesquisa de campo, realizada no período de setembro a novembro de 2017 e que consistiu na técnica de observação direta do evento *TranSarau*, promovido pelo SESC Santo Amaro, e nos eventos realizados na/pela *Casa Florescer*, ambos na cidade de São Paulo. Adotou-se como instrumento de pesquisa as entrevistas, realizadas por meio de roteiro semiestruturado aplicado a duas amostras: a primeira formada por sujeitos envolvidos diretamente com a *Casa Florescer* (gestor, auxiliares e mulheres trans); a segunda, com sujeitos envolvidos secundariamente com ações e eventos desta mesma “Casa”, como o Projeto de Reinserção Social *Transcidadania*. Enquanto resultados parciais, identificou-se que as duas ações, *TranSarau* e *Casa Florescer*, manifestam-se de formas distintas por meio dos sujeitos participantes. No primeiro, notou-se uma formação identitária e política nos discursos; já o segundo é marcado pela ressignificação da pessoa trans, criando possibilidades como a vivência para além da marginalidade e da prostituição, inserção social, cultural e no mercado de trabalho formal, entre outros. Averiguou-se ainda que as origens dos eventos são distintas, já que o *TranSarau* surge como manifestação artística trans dentro do cursinho popular *Transformação*, voltado especificamente para o público trans que deseja acessar o ensino superior. Já a *Casa Florescer* desponta como política pública para abrigar mulheres trans em situação de vulnerabilidade social. Nesse contexto, abordam-se identidades de gênero-sexualidades similares, porém quando considerados os contextos sociais distintos, identificou-se uma expressiva diferença nos discursos e na forma das expressões artísticas e de lazer.

Palavras chave: Lazer. Identidade. Transgênero. Travesti. São Paulo.



LEISURE OF FILIPINO IMMIGRANTS IN MARKHAM CITY, ONTARIO, CANADA

John Mari Mangahas; Gilda Uy

gilda uy@yahoo.com

College of Human Kinetics (CHK) University of the Philippines Diliman (UPD),
Quezon City, Philippines.

Participation in leisure and recreation can be more challenging for expatriates as they go through the process of adapting to foreign environments. Active engagement of immigrants and ethno-cultural minorities in activities during leisure do not only contribute positively to their wellbeing and adaptation, but also to community and cultural integration (Pendakur, 2000; Stodolska, 2000; Stodolska & Alexandris, 2004). This study, therefore, aimed to describe and analyze the leisure constructs of selected Filipino immigrants in the City of Markham, Ontario Province, Canada. More specifically, this study sought to identify the leisure activities of Filipino immigrants before and after they settled in Canada in terms of (a) participation in recreational activities, (b) reasons for such engagement (enabling factors), (c) constraints to engagement (hindering factors), and (e) personal definition of leisure. This exploratory and inductive study was conducted with a survey of 30 Filipino immigrants in Canada, eight adult participants of whom were further interviewed for the case study part. Basic descriptive statistics and cross tabulation were used to organize and analyze the survey. Narratives for each case were written and summarized. Filipino immigrants have different perception of what leisure or recreational activities are. However, most of them believe that these activities develop and strengthen social ties. They also believe that undertakings during spare time and those things that promote physical wellbeing are also leisure or recreational activities. The following factors after migration influenced participation in leisure activities (constraints) were ranked by the respondents (1=high/7=least): 1-family obligations, 2-socioeconomic status, 3-physical attributes, 4-interpersonal relationships, 5-socio-cultural, 6- lack of access to leisure and recreational facilities to services, and 7-religious beliefs, customs, and traditions. This study shows that the Filipino migrants of Canada view leisure and recreation activities as endeavors other than routine work and tasks. Filipino constructs of leisure and recreation also gears towards nurturing and enhancing social ties, promoting physical wellbeing, fostering mental sharpness, and promoting spiritual growth. The study provides us some insights on how social capital plays a big role in shaping leisure behavior of Filipino immigrants in Markham. Study results also point to cultural continuity due to robust social capital within the Filipino community. Filipinos continue to be family centered and 'stick' together. The researcher recommends conducting further study on Filipino migrants situated in Greater Toronto Area wherein constraints and inhibitors might be different due to socioeconomic and structural confines of each city or townships. Furthermore, studying the link of leisure and recreation in the process of assimilation of culture and its impact in the settling phase are at most importance at providing policies that would help migrants in general living in Canada.

Keywords: Leisure. Migrants/Immigrants. Assimilation. Leisure constraints.



MEDIA REPRESENTATIONS OF LEISURE AND GENDER AT THE SECOND HOME

Trudie Walters

trudie.walters@otago.ac.nz

University of Otago, Dunedin, New Zealand.

Studying how gender is represented in the media provides an avenue into the inner workings and values of a society, as the media is both a reflection and an influencer of socio-cultural norms. The recreational second home is an important site for leisure in many countries, and yet research into the experience of gender and leisure at the second home is a largely overlooked area of study. Some research has been done on the divide between work and leisure, finding that what constitutes 'work' (for example, home renovation projects) at the primary home may be considered 'leisure' at the second home but there has been little attention paid to gender differences in perception of work and leisure. Furthermore, no distinctions have been made between established second home stock and bespoke, architect-designed second homes. When an architect is involved in the design of a second home, the owners are able to stipulate how their leisure practices are catered for – they have the opportunity to envisage how their leisure time is to be spent, and where their priorities lie. These second homes are therefore a manifestation of the second home owner's values and priorities, and thus their deep-seated beliefs around gender. One means of gaining an insight into gender and leisure at the architect-designed second home is to investigate how they are represented in the media, and this study utilizes home and lifestyle magazine discourses as its source of empirical material. This study provides important insights into media representations of gendered leisure and gender inequality in access to leisure over time in the context of second home culture in New Zealand. The researcher sought to take an interpretive, latent, inductive approach to the data rather than a descriptive, semantic, deductive approach. It centers on a thematic analysis of the written and visual discourse of second home articles in *Home New Zealand* magazine since its inception in 1936 and covers a period of 80 years. This magazine was the first architecture and lifestyle magazine to be produced in New Zealand for a New Zealand audience that was/is highly educated and affluent and is thus differentiated from the general readership of mainstream media. Gendered discourses in the second home articles were identified, and there was evidence of gender inequality concerning access to leisure in the *Home New Zealand* second home discourse. This was most overt in the written discourse of the 1940s and 1950s. Commonly, however, more subtle gendering was identified in the visual discourse; women were depicted as enjoying the 'pleasure' of cooking in their modern second home kitchen [working] while others were relaxing. Addressing issues of how gender is represented contributes to a more nuanced understanding of second home culture in New Zealand. In addition, such an analysis serves to shed light on cultural and societal changes over time.

Keywords: Leisure. Gender. Second homes. Media representation.



O LAZER NA AGENDA DA MULHER BRASILEIRA: UM DIREITO INVISÍVEL?

Cláudia Regina Bonalume

cbonalum@hotmail.com

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais.

Buscando entender a forma e o porquê o lazer entra, ou não, na agenda de segmentos transversais, como as mulheres, a pesquisa de Doutorado no Programa de Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, visa compreender os sentidos, usos e importância que este direito social assume para o segmento. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pelas Nações Unidas em 1948, introduziu uma concepção que considera todas as pessoas titulares de direitos, independentemente de sua condição social, sexo, credo político ou religioso, raça/etnia. Declaração de Direitos Humanos de Viena, de 1993, por sua vez, aprofunda o conceito no art. 5º “Todos os direitos humanos são universais, indivisíveis, interdependentes e inter-relacionados [...]”. Esta busca por direitos faz surgir grupos, os quais denominaremos segmentos, com demandas singulares, indivisíveis, inter-relacionadas e transversais. Para Bacci (2016), muitos segmentos historicamente discriminados buscam cada vez mais serem reconhecidos como mulher, índio, homossexual, pessoa com deficiência, em vez de proletário ou burguês (identidade de classe). Querem ser reconhecidos, respeitados e tratados nas especificidades e peculiaridades de sua condição social. Trata-se do direito à igualdade com respeito à diferença e à diversidade. Espera-se que entre estes direitos reivindicados esteja o lazer, enquanto construção humana e cultura corporal, direito social, histórica, econômica, política e culturalmente situado, o qual demanda políticas públicas universais e continuadas, como possibilidade de contraponto à lógica social de desigualdade, exclusão e desrespeito às diversidades e com grande potencial de relação com outras políticas. Considerando o objetivo principal de analisar o lugar do lazer na agenda pessoal e coletiva da mulher, buscando compreender sentidos, usos, importância política e desafios deste para a temática em questão, optamos pela realização de uma pesquisa qualitativa. Denzin e Lincoln (2006) afirmam que este tipo de pesquisa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Os pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Tendo como base a análise do discurso de Foucault, venho olhando detalhadamente as coisas ditas, pronunciadas ou escritas, os elementos significantes traçados ou articulados na agenda da mulher, revelados em pesquisas como O Lazer do Brasileiro e o Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG), do IBGE, em documentos produzidos a partir da participação feminina, a exemplo das resoluções das quatro conferências nacionais e enunciados presentes em políticas públicas que relacionam os temas mulher e lazer. Demandas conhecidas, muitas das quais ainda pendentes, perpassam a agenda da mulher. Igualdade de direitos, equiparação salarial, dupla jornada de trabalho, autonomia e respeito ao corpo são algumas delas. Mas, o lazer tem espaço nesta agenda? Que tipo de espaço, para si ou para os/as outros/as? É parte das reivindicações dos movimentos de mulheres e dos interesses e necessidades individuais, ou não fica invisível? As políticas públicas voltadas às mulheres consideram-no? Perguntas que envolvem questões muito complexas, das quais venho tentando me aproximar pela investigação científica.

Palavras chave: Mulher. Gênero. Direitos Sociais. Lazer. Políticas Públicas.



PAPÉIS SOCIAIS E LAZER DAS MULHERES DO QUILOMBO-PARÁ

Ana Célia Barbosa Guedes; Thiliane Regina Barbosa Meguis; Mirleide Chaar Bahia
thilly20@hotmail.com

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil

O presente estudo teve como objetivo analisar os diferentes papéis sociais exercidos pelas mulheres quilombolas na comunidade Santa Rita de Barreira-PA, bem como as suas percepções sobre lazer. Essa comunidade se localiza na zona rural do município de São Miguel do Guamá, no Estado do Pará. A proposta de pesquisa visou compreender como as mulheres, moradoras desse quilombo, exercem diferentes funções na comunidade e ao mesmo tempo praticam distintas formas de lazer, de acordo com sua cultura, considerando-se que as mesmas realizam várias atividades, como plantar, capinar a roça, fazer farinha, atividades domésticas, entre outras, e são responsáveis pela liderança das práticas de lazer da comunidade, especialmente as que são direcionadas para elas, por exemplo, participação em grupos de Carimbó (expressão artística composta pela reunião de mulheres e homens, em formação de dança de roda, como pares/casais dançantes), samba de cacete (samba composto por pessoas anônimas, que utiliza instrumentos artesanais) e pesca. A pesquisa foi organizada a partir de três questões importantes que corroboraram para a investigação do objetivo: a primeira aborda os assuntos pertinentes ao contexto histórico da comunidade, a fim de entender as práticas e as concepções de lazer exercidas pelas mulheres desse quilombo (ALMEIDA, 2008; ACEVEDO e CASTRO, 1998); a segunda discorre sobre as funções das mulheres na referida comunidade quilombola, a partir das análises teóricas do feminismo negro (DAVIS, 2016; CONRADO e REBELO, 2012); e a terceira se refere ao conceito de lazer, a partir de teorias analíticas da área (MARCELLINO, 1987; GOMES, 2003) e a percepção das mulheres quilombolas sobre o que são consideradas vivências de lazer. Nesse estudo, utiliza-se também o conceito de quilombo, entendendo que o mesmo é fruto das redefinições e necessidades, principalmente de delimitação e legalização do território e da territorialidade da sociedade brasileira atual (AMARAL, 2010). A metodologia constou de levantamento teórico, visando compreender como se constituiu a história da comunidade quilombola; sobre os papéis realizados pelas mulheres negras; e sobre suas percepções de lazer. Também foi realizada pesquisa de campo, com aplicação de questionários com 25 mulheres da comunidade, tendo sido estas analisadas por meio de análise de conteúdo. Os resultados ressaltaram que, apesar de as mulheres exercerem atividades de trabalho que ocupam a maior parte do tempo, as mesmas conseguem conciliá-las às vivências de lazer, que em alguns casos são protagonizadas por elas. A partir da pesquisa, foi possível perceber que a maioria das mulheres entende o lazer por meio de vivências que afirmam a sua identidade enquanto mulheres negras e quilombolas.

Palavras chave: Mulheres. Quilombo. Lazer.



PRACTICAS INFRAPOLITICAS EN LOS TIEMPOS DE OCIO DE LA MUJER

Esperanza Osorio Correa

espeosorio@funlibre.org

Funlibre Latinoamerica – Bogotá, D.C. - Colombia

El objetivo de la investigación fue identificar si los espacios tiempos de ocio en las mujeres se configuran como espacios de prácticas infra políticas que emergen como respuesta a la lógica patriarcal que las ha puesto en lugar de subalternadas. Es una investigación histórico hermenéutica, que epistémica y metodológicamente parte de una lógica de construcción de conocimiento propuesta para el campo del ocio que pone en tensión lo dado con lo deseado y lo posible y a la experiencia de ocio como espacio de ruptura con lo instituido para construir otras miradas del mundo. Metodológicamente, en un primer proceso se construye el campo de la mujer como campo de observación, se objetiva y ordena pensamiento del campo de estudio a partir de preguntas ordenadoras partiendo de la propia construcción como sujeto historiado. Las categorías ordenadoras fueron: El proceso de sometimiento – resistencia como movimiento para el repliegue y despliegue de las mujeres; vida cotidiana, prácticas infra políticas y resistencia, articulado a los campos emocionales de las mujeres. En un primer momento las mujeres como sujetos historiados retornan a su pasado desde una pregunta en el presente para comprender las lógicas desde las que se constituyeron; en un segundo momento se determinaron la presencia o no de tales lógicas en los tiempos de ocio. En el tercer momento se preguntó si las mujeres en tales espacios se despliegan a través de prácticas infra políticas que niegan el pensar y actuar patriarcal y si éstas se constituyen prácticas de resistencia que son llevadas a la vida cotidiana. A partir del análisis de contenido de los textos (producidos en los círculos, la entrevista y cuestionarios) se identificaron las ideas fuerzas para ampliar el diálogo teórico y la comprensión del fenómeno desde un pensar en femenino, por ello no se usan de entrada categorías como género o movimientos feministas, aunque se trabajan teóricamente, sino que se parte de “mujer” como categoría construida desde el sujeto de la experiencia mujer. Los resultados mostraron que las mujeres se han constituido como sujetos desde institucionalidades (la escuela, la familia, la escuela, la religión) patriarcales que las han puesto en lugar de subordinación, lo que se muestra en los resultados desde los textos de las participantes. Se encontró que los espacios tiempos de ocio, como parte de la vida cotidiana, están sujetos a las mismas subjetividades, regulaciones y en fin totalidades patriarcales a las que las mujeres se resisten desde prácticas de libertad en su sentir-pensar-actuar en los espacios de ocio, que a través de su permanencia en el tiempo se constituyen en prácticas de resistencia en la vida cotidiana; fenómeno que se da como emergencia de una tensión permanente entre el sometimiento y la resistencia que les permite mantenerse en un continuo de repliegue - despliegue como sujetos. Los resultados de la investigación llaman la atención sobre la necesidad de pensar las políticas, la planificación y el diseño de programas desde un pensar femenino que permite al sujeto mujer empoderarse y transformarse desde sus tiempos espacios de ocio.

Palabras clave: Mujeres. Infra política. Resistencia. Vida cotidiana. Espacios tiempos de ocio.



PRÁTICAS TORCEDORAS DISSONANTES: TORCIDAS GAYS E TORCIDAS LIVRES

Maurício Rodrigues Pinto
maorodrigues9@gmail.com

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil.

O futebol brasileiro configura-se como uma prática esportiva e de lazer ainda caracterizada pelo machismo e pela exacerbação da masculinidade. Nos espaços de torcedores estabelecidos – utilizando conceito formulado por Norbert Elias –, dentre eles as torcidas organizadas, é muito reiterada e exaltada a ideia de que o futebol é um “jogo pra machos”. Nas rivalidades entre torcedores, a homofobia e a feminização são estratégias recorrentes na desqualificação do time adversário. Tais posturas contribuem para que, dentro desse campo, pessoas sejam vistas como abjetas, aproveitando conceito da filósofa Judith Butler, mais especificamente as mulheres e as pessoas LGBT, sujeitos historicamente segregados das experiências que dão sentido ao futebol, como o jogar e o torcer. Desdobramento da dissertação de mestrado intitulada “Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol”, este trabalho tem como objetivo principal analisar as trajetórias de grupos de torcedores no Brasil, cujos discursos e performances contestam a ideia de que o futebol é exclusivamente um “jogo pra machos”. A realização de pesquisa bibliográfica possibilitou entender a relação entre ativismos políticos e a emergência desses movimentos de torcedores que reivindicaram e reivindicam para si o reconhecimento como atores do campo futebolístico e o direito de torcer às mulheres e às pessoas LGBT. Ademais, foi feita pesquisa de veículos da imprensa esportiva e também da imprensa alternativa – como o jornal “Lampião da Esquina”, criado por intelectuais e militantes da primeira onda do movimento homossexual brasileiro –, que contribuiu para a reconstituição das trajetórias das torcidas gays que surgiram no final da década de 1970, caso da *Coligay* (torcida do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense) e da *Fla-Gay* (torcida do Clube de Regatas Flamengo), que ganharam visibilidade pública durante o regime militar brasileiro. Entrevistas de história oral e a pesquisa em páginas do *Facebook* são o material de análise dos movimentos contemporâneos de torcedorxs contrários à homofobia e à misoginia no futebol, que constroem a sua visibilidade principalmente por meio de páginas no *Facebook*, em um contexto em que o ativismo político, dentre eles o feminista e o LGBT, também alcança os sites de redes sociais. São analisados os movimentos *Galo Queer* (formada por torcedorxs do Clube Atlético Mineiro), *Palmeiras Livre* (coletivo de torcedorxs da Sociedade Esportiva Palmeiras) e *Movimento Toda Poderosa Corinthians* (coletivo de mulheres torcedoras do Sport Club Corinthians Paulista). Ainda que o futebol seja um esporte e lazer ainda marcadamente masculino (cisgênero e heterossexual), a existência desses grupos de torcedores, em seus respectivos momentos históricos, revela focos de resistência a essa norma. A partir das ideias e reflexões de Judith Butler e do também filósofo Jacques Rancière, entre outros, entende-se que as práticas torcedoras desses atores e a reivindicação do reconhecimento como “sujeitos-torcedorxs” podem ser consideradas atos políticos que confrontam e desestabilizam a norma regulatória que tem caracterizado o campo futebolístico, trazendo novos sentidos para o entendimento do futebol no Brasil.

Palavras chave: Futebol. Masculinidades. Machismo. Torcer. Facebook.



“RE-CREATING” RECREATIONAL OCCUPATIONAL IDENTITY AMONGST COLOURED WOMEN IN SOUTH AFRICA

Chantal Christopher

Christopherc@ukzn.ac.za

University of KwaZulu-Natal – UKZN, Durban, South Africa.

Coloured (a bi-racial classification from apartheid legislation) women in a previously disadvantaged township in Durban, South Africa, live a borderline existence between identity politics, a lower socio-economic status and historical displacement. This specific identity construct drives their everyday life. Everyday life, usually needs social and economic roles which for women in this community meant focusing on living with a historied context, with little self-reflection. Critical conversations as part of a PhD research focusing on women and recreation, conscientised the women to their occupational identity. This initiated an exploration of how they represented/imagined themselves and hence allowed for some unlocking of hither to locked identities. This oral presentation explores the concept of Coloured identity (racialized identity) and the impact of this on women’s recreational engagement, in terms of occupational identity, occupational choice, participation in, and the seeking out or creation of opportunities to engage in recreational opportunities within and outside of a South African township (low socio-economic residential area). Critical ethnography as an embedded researcher allowed co-construction of the material knowledge to form and be reformed over two years of critical research conversations. This approach occurred at a community based level, through voluntary conversations held with non-homogenous, non-essentialised co-constructors (women participants) in interactive conversations both individually and in groups. This allowed the women to Practice implications: This knowledge highlights methods of working to create difference amongst women who have limited opportunities to explore themselves, their contexts and their occupational identity. Identities are frequently built by unchosen cultural and political constructions and can be tweaked or changed by mass cultural struggle but also through changing one’s composite sense of who one wishes to become. In the absence of any form of cultural/feminist struggle in communities such as these, how can we approach occupational identity as both humanists and activists? This study offers a few answers, through creating spaces of discourse and reflection, through weaving reality into self-questioning and exploration, through the unpeeling/exfoliation of layers of societies detritus that continues to cloak marginal people through systemic and inherited mechanisms. The research study does not claim to answer all the questions and indeed offers up more, such as why do women in this century, with identities shifting and the world is changing still find themselves in these situations. The final take home message is that practice implications are often not wrought through physical changes such as changes in the built environment or direct interventions but through a critical conscientising – a shifting of our internal compass.

Keywords: Women. Recreation. Marginalised. Identity.



REPRESENTACIONES SOBRE TIEMPO LIBRE Y OCIO EN MUJERES Y HOMBRES

Maria Ximena Ureta Sosa

anemixi@gmail.com

Instituto Universitario Asociación Cristiana de Jóvenes, IUACJ, Montevideo, Uruguay

En el presente trabajo se plantean interrogantes acerca de las razones que se ocultan tras la organización del tiempo de mujeres y varones de acuerdo a representaciones sociales internalizadas y desde sus experiencias cotidianas. Cómo las desigualdades de género en torno a las tareas de cuidado, empíricamente comprobadas, son fuentes de desigualdad de oportunidades y acceso a la esfera pública, la participación social, y el uso y negociación del tiempo de ocio en el interior de los hogares. Las principales corrientes teóricas que versan en la investigación son el concepto de género como categoría de análisis (Scott, 1996) que permite analizar, responsabilidades, limitaciones y oportunidades diferentes de varones y mujeres en diversos ámbitos, permitiendo entender la manera como circula el poder entre hombres y mujeres, por ejemplo en el uso del tiempo. Asimismo, se realizó un desarrollo teórico profundo para precisar las definiciones de tiempo libre y ocio (Csikszentmihaly, 1980, 1998; Cuenca, 2000, 2004, 2014), poco desarrolladas sociológicamente en Uruguay y se recurrió a las tipologías de ocio (Stebbins, 2006; 2012) y limitaciones de ocio (Crawford, Jackson, Godbey, 1991) para construir una tipología propia. Por último, se recurrió a la teoría del ocio feminista (Shaw, 1985, 1994, 2005; Henderson, Bialeschki, Shaw & Fresinger, 1996) como teoría que sintetiza las corrientes de género y ocio. El trabajo se centra en la perspectiva de los actores, mujeres y varones que viven en pareja con al menos un hijo a cargo de entre 3 y 12 años, sobre las decisiones que movilizan para el uso del tiempo libre y de ocio y cómo estas pueden tornarse o no en barreras de ocio desde una perspectiva de género y ocio. Para ello, esta investigación se basa esencialmente en el paradigma cualitativo de investigación, centrándose en la perspectiva del pensamiento de Alfred Schutz entre otros fenomenólogos que se interesan en los procesos por los cuales los sujetos producen interpretaciones y dan forma a lo real en la vida cotidiana, buscando identificar y comprender el sentido común de las personas por el que movilizan y organizan sus motivaciones y acciones (en Marradi y otros, 2007). Entre las principales conclusiones se pueden mencionar que a pesar de la menor cantidad de tiempo real en horas disponibles (empíricamente comprobado en las EUT) en las mujeres, ellas logran apropiarse de un tiempo para sí mismas y un tiempo social. No obstante, las actividades que realizan las mujeres tienen un fuerte componente de género por ser flexibles, domésticas, familiares, productivas, con altas cargas emocionales y en un tiempo superpuesto con otras responsabilidades. En cambio, los varones representados en este estudio, realizan actividades de ocio digital y anhelan realizar actividades de ocio deportivo que por razones sociales, de salud y tiempo no pueden hacer, por ejemplo jugar al fútbol. Si bien muchas veces se creen que estas preferencias son parte de un orden “natural” de las cosas y libremente elegidas, se está ante elecciones con claras líneas de género y con marcadas cotas de libertad.

Palabras clave: Género. Ocio. Limitaciones de ocio. Ocio feminista.



TAIWANESE LEISURE: OPPORTUNITIES AND CONSTRAINTS WITH A FOCUS ON WOMEN

Chiung-Tzu Lucetta Tsai¹; Yu-Jen Wu²

cttsai@gm.ntpu.edu.tw

National Taipei University¹; National Chung-Cheng University²

Considerable debate surrounds the definition of leisure in Taiwan. Problems exist with a traditional definition of leisure as a contrast to work. Part of the problem relates to the definition of what work means. If work only includes paid work, then unpaid domestic work is not included. If work is more than paid work, then a blurred line arises about the differences between work and leisure. For example, if a person seeks relaxation after a day at the office and decides to read to his or her children, he or she might be engaging in leisure or domestic work. Leisure also is considered as an activity that is discretionary. Leisure is carried out not out of necessity but as a choice among a few alternatives. Work is necessary because it must be done for economic or social reasons. Leisure, however, is optional since it can be undertaken or not with no detriment, regarding whether one chooses to participate or not. These definitions also raise the question of whether leisure needs to be active. For example, is it lying on the couch watching television equivalent to spending time outside walking in a park? Rather than seeking to arrive at a comprehensive definition of leisure - even if such a definition is possible or worthwhile - the focus of this paper is on a range of activities that can be called leisure activities. Specifically, it will offer insights about Taiwanese women's leisure since it is an area where authors have conducted much of the research. Taiwan is a democratic country and therefore, people have choices regarding how they spend their time. Unfortunately, however, not everyone has the same choices. The degree of freedom depends on the extent to which people can participate in the political arena where the distribution of power in politics is unequal. Taiwanese women, for example, generally lack an understanding of their rights and obligations in a democratic society due to the overwhelming patriarchal ideology in Taiwanese society. Thus, there are negative impacts on people's rights and needs, which include especially the rights to leisure for women. Even though Taiwan has experienced rapid economic development and growth that has opened many opportunities for citizens, women are not equally represented in the work force or leisure opportunities. Since the late 1960s, there has been an apparent increase in the availability of leisure opportunities around the world (Torkildsen, 1992). One reason for this increase is the continual move towards a shorter working week and the increased availability of vacation time. Taiwan reduced working hours from 42 hours to 40 hours per week on January 1, 2016, and the direct result is that people on the island have more free time to engage in leisure.

Key words: Taiwan, Leisure Opportunities, Leisure Constraints, Gender.



TEMÁTICAS LGBT E EMPODERAMENTO NOS ANAIS DO WORLD LEISURE CONGRESS

Renata Laudares Silva; Elisangela Gisele Carmo; Nara Heloisa Rodrigues; Marília Amábile Guarizo; Bruna Cidade Souza Lima; Gisele Maria Schwartz.

renata.laudares@gmail.com

Laboratório de Estudos do Lazer - LEL, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil.

Nas discussões que versam sobre as temáticas gênero e empoderamento, diferentes pesquisas acadêmicas têm sido produzidas, cujo olhar está direcionado, em sua grande maioria, aos temas ligados à mulher, às crianças em situação de risco e a grupos religiosos. Todavia, diante da diversidade de gênero, a produção de conhecimento que aborda a população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) tem se mostrado tímida e carente de novos olhares aprofundados, principalmente quando se trata da participação deste público em programas e ações relacionados ao contexto do Lazer. Assim, o presente estudo objetivou analisar as ocorrências da temática LGBT e empoderamento em trabalhos publicados nos Anais do *World Leisure Congress* dos últimos três eventos. De natureza qualitativa e exploratória, utilizaram-se os termos de busca “empowerment”, “gay”, “lesbian” e “transgender” em todos os 550 trabalhos distribuídos nos Anais dos anos de 2012, 2014 e 2016. Os critérios de inclusão tiveram por base as pesquisas científicas que versavam sobre o público LGBT e empoderamento, quanto aos critérios de exclusão, foram descartadas as pesquisas que não tinham relação direta com a temática. Os dados foram analisados descritivamente sob a técnica de análise de conteúdo. Não foi encontrado nenhum trabalho referente aos temas empoderamento e LGBT na edição de 2012. Nos anais de 2014, foram encontrados oito trabalhos e, nos anais de 2016, oito trabalhos, totalizando 16 pesquisas científicas. Todavia, nos anais de 2014 e 2016, notaram-se trabalhos relacionados à temática LGBT em diferentes perspectivas, sendo selecionados quatro estudos amostrais. Como resultados, os trabalhos estavam direcionados para quatro vieses diversos e incluíram: as novas configurações familiares com casais gays (um estudo), a diversidade de gênero e o universo *drag queen* (um estudo), igualdade de oportunidades nos espaços de lazer e o público LGBT (um estudo) e a igualdade de oportunidades nos espaços de lazer e o público transgênero (um estudo). Diante dos 550 trabalhos submetidos nas três edições do *World Leisure Congress*, a temática LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) apresenta um número reduzido de pesquisas realizadas, além de não terem sido encontradas relações entre empoderamento e LGBT, indicando a necessidade de maior atenção por parte de pesquisadores que atuam na área do Lazer. Além do contexto acadêmico, outras ações efetivas como políticas públicas, utilização e apropriação dos espaços de Lazer e a conscientização do Lazer como direito garantido por lei, poderão facilitar a superação das restrições e barreiras relacionadas às oportunidades no âmbito do Lazer por parte deste público, que ainda sofre com a discriminação e o preconceito, frutos da homofobia.

Palavras chave: LGBT. Empoderamento. Lazer. Gênero.



TRANSGÊNEROS E AS BARREIRAS DE ACESSO AO LAZER E TURISMO

Mariana Aldrigui

aldrigui@usp.br

Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo – EACH/USP,
São Paulo, São Paulo, Brasil

O avanço das pesquisas sobre transgêneros é notório nas áreas da medicina e da psicologia, muito embora ainda sejam escassas as contribuições que tratam de aspectos da qualidade da vida em sociedade destes indivíduos. Percebe-se, por meio da disseminação de notícias, filmes e novelas (no caso brasileiro) que o tema está mais presente nas discussões sobre gênero, e alguns avanços em termos de políticas de acolhimento à diversidade vêm sendo discutidos e implantados, liderados por empresas e organizações e, em alguns casos, seguidos pelo poder público. Questões sobre a educação formal, empregabilidade, acesso a serviços de saúde e permissão para atuar no serviço militar já foram abordadas e têm sido aprofundadas, porém o acesso a práticas de lazer e de turismo por indivíduos transgêneros ainda é um tema pouco abordado. Por não se enquadrarem nas expectativas tradicionais e convencionais do comportamento de gêneros, os indivíduos transgêneros usualmente são vítimas de preconceito, discriminação e violência, em suas diferentes manifestações. Portanto, como afirmam Grossman et al (2012), “integram uma população marginalizada e vulnerável”, e isso tem como consequência, entre diversas outras, o seu afastamento de espaços de uso coletivo onde a divisão masculino/feminino fica não apenas evidente, mas muitas vezes pauta a oferta de serviços e atividades. Particularmente no caso das práticas de lazer e turismo, sua limitação se dá por diferentes razões – a percepção de insegurança, o risco de violência, o medo da exposição a situações constrangedoras e o reconhecimento da falta de ações efetivas de gestores públicos na criação de espaços efetivamente públicos e que respeitam a diversidade, por exemplo. A partir do uso da Teoria sobre Transgêneros (Nagoshi & Brzuzy, 2010) e das mais recentes abordagens sobre lazer e turismo apresentadas por Best (2010) e Bricker & Donohoe (2015), realizou-se uma revisão bibliográfica do tema a fim de selecionar as principais contribuições teóricas sobre o comportamento de transgêneros, verificando se e como as barreiras de acesso ao lazer e ao turismo estão mapeadas e discutidas, identificando oportunidades para novas pesquisas e abordagens necessárias à ampliação da qualidade de vida desta comunidade. Da revisão, pode-se concluir que o indivíduo transgênero opta por práticas de lazer e turismo em ambientes em que não seja necessário “incorporar o gênero”, negociar privilégios ou administrar riscos. Entre os diferentes exemplos de boas práticas foi possível selecionar alguns que são mais facilmente replicáveis e que podem ampliar a qualidade de vida destes indivíduos e de seus familiares.

Palavras chave: Transgêneros. Lazer. Turismo. Barreiras.



TURISMO NA PARADA LGBTQI E O APAGAMENTO LÉSBICO NO TEATRO

Camila Karla Grillo; Ricardo Lanzarini

camilagrillo@usp.br

Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo – EACH/USP,
São Paulo, São Paulo, Brasil / Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN,
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

A Parada do Orgulho LGBTQI caracteriza-se como um megaevento turístico presente anualmente no calendário oficial da cidade de São Paulo/SP, e seus participantes gastam durante a estadia, de acordo com o Observatório de Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo (2017), uma média de R\$ 1.112,17. Dentre suas motivações de viagens, destacam-se o lazer e entretenimento, a luta pela causa homossexual e a facilidade de acesso à cidade, valorizando o lugar turístico e produzindo impactos positivos na economia do país. Além da Parada, os turistas têm a oportunidade de participar da extensa programação durante o mês que antecede o evento, com diferentes atrações, a exemplo do ciclo de debates, mostra de cinema, feira cultural, exposições, gastronomia, bem como a apresentação de peças teatrais. Somente no ano de 2017, segundo o *Guia Gay São Paulo*, 19 espetáculos com temáticas homossexuais ficaram em cartaz durante o período. Diante das diferentes ferramentas capazes de contribuir para a desconstrução de preconceitos, se faz relevante compreender como diversos espaços têm trabalhado as questões homossexuais para trazer legitimidade à luta pelos direitos LGBTQIs em toda a sua diversidade, visto que é notória a fragilidade que o movimento apresenta quanto à sua unidade. Seria o teatro um representante do universo homossexual masculino por que as lésbicas não realizam o mesmo engajamento? Um evento como a Parada não seria uma oportunidade para aumentar a visibilidade lésbica e atrair mais turistas durante esse período? Para responder estas questões, este trabalho, que faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, tem por objetivo trazer dados relevantes sobre a invisibilidade lésbica e utiliza-se de autores dos estudos de gênero (Foucault, 1988; Butler, 2003; Davis, 2016), do lazer (Lashley, 2017; Dumazedier, 1976; De Masi, 2000), do entretenimento (Trigo, 2003) e do comportamento sexual de turistas (Lanzarini, 2016; Cantalice, 2016; Perlongher, 2005). Por intermédio do método dedutivo, foram analisadas as sinopses desses 19 espetáculos com temáticas LGBTQIs em cartaz no ano de 2017, bem como os dados empíricos da Pesquisa de Perfil de Público do evento, realizada pela Equipe Técnica do Observatório de Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo. Assim, deduziu-se que os espetáculos trabalharam somente as questões voltadas aos travestimentos, transexualidade, bissexualidade, queer e homossexualidade cisgênero. Também foi apurado que entre a amostragem da pesquisa de perfil do público, o teatro não aparece entre as opções de lazer escolhidas pelos participantes do evento. Outro dado relevante é que o número de lésbicas participantes da Parada é bem inferior, contando com 18,9% em relação aos gays, que tiveram 51,3%. Como resultado, considera-se que os espetáculos são representativos na programação do evento, mas não atendem a demanda das lésbicas participantes. Apesar das comemorações realizadas terem como objetivo abarcar toda a diversidade, as peças em sua maioria contaram com assuntos que envolvem somente o universo dos homens, sem nenhuma expressão cênica com foco no universo lésbico.

Palavras chave: Turismo. LGBTQI. Homossexual. Lésbica. Parada Gay.



TEMA 9

**LAZER, DIVERSIDADE E RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS**

**LEISURE, DIVERSITY AND ETHNICAL-RACIAL
RELATIONS**

**OCIO, DIVERSIDAD Y RELACIONES
ÉTNICAS Y RACIALES**



INDÍGENAS: TERRITORIALIDADE, ALTERIDADE, TEMPORALIDADE E LAZER

Khellen Cristina Soares; José Alfredo Debortoli.

khellencristina@gmail.com

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, Tocantins, Brasil/
Rede CEDES, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas
Gerais, Brasil.

O estudo das práticas culturais Akw -Xerente nos remete a considerar o comportamento do indivíduo frente aos estímulos contemporâneos e suas possibilidades de resistência e fortalecimento das práticas culturais. Adentrar o universo indígena e revelar seu modo de vida pode trazer contribuições para os estudos do lazer, os estudos interétnicos e interculturais. Este recorte da tese de doutorado objetiva relacionar as práticas culturais do povo Akw -Xerente e o campo de Estudos do Lazer, explicitado a partir do foco na ludicidade das experiências culturais deste povo. O estudo foi realizado combinando a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com observação, entrevista e registros no caderno de campo. A fundamentação no debate antropológico orientou a prática etnográfica por meio do “olhar de perto e de dentro”. Analisamos o habitar dos indígenas, revelando como vivenciam o tempo e espaço da aldeia, suas relações com as obrigações, lazer e cultura. As reflexões construídas sobre esse modo de vida são desveladas por meio das relações entre territorialidade, alteridade, temporalidade, sustentabilidade e lazer. Santos (1978) contribui para a compreensão da relação entre territorialidade e alteridade, quando reflete acerca do espaço como produção do homem, da relação da natureza com a totalidade e a mediação da técnica. O espaço social do povo Akw -Xerente corresponde ao espaço humano, lugar de vida, de morada, de trabalho, sobrevivência, ritos e tantas outras experiências. O espaço geográfico – Território Indígena Xerente – vem sendo historicamente organizado pelo seu povo, que o produz como lugar de luta e de sua própria reprodução. No modo Akw -Xerente de habitar o mundo existe uma noção de que a diferença constitui a vida social, na medida em que esta se efetiva através das dinâmicas das relações sociais, e “neste processo a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito” (VELHO, 1996, p.10). O movimento que o povo realiza no seu habitar condiciona o que está no tempo e no espaço e este mesmo movimento de habitar condiciona o que está no espaço e no tempo, estabelecendo uma temporalidade específica. Perpassa por essa forma habitar a noção de sustentabilidade ecológica e cultural, estabelecida por Sachs (1993), trazendo que sustentabilidade ecológica é a possibilidade de propor formas de relacionamento entre o consumo humano e os recursos naturais, sendo que a sustentabilidade cultural é a possibilidade de valorização de formas diversas de relação entre ser humano, natureza e diversidades culturais, mediada pela etnociência. As práticas culturais específicas do povo Akw -Xerente (a pintura, o canto, as brincadeiras, o berarubu, a corrida de tora, a corrida de flecha, o KraKau e o banho no rio); a relação com a comunidade – as práticas culturais são para todos os “parentes”, crianças, jovens, adultos e idosos, ressaltando, inclusive, a intergeracionalidade nas atividades e, por fim, a questão da territorialidade e da temporalidade, pois as práticas culturais destacadas acontecem dentro de um território e tempo específico, compõem uma paisagem única entre ambiente, corpo, percepção e aprendizagem das práticas culturais, revelando a relação entre territorialidade, alteridade, temporalidade, sustentabilidade e lazer.

Palavras chave: Indígenas. Territorialidade. Alteridade. Temporalidade. Lazer.



LAZER E ATIVISMO NEGRO: ANÁLISE NO ESPAÇO CULTURAL APARELHA LUZIA

**Vanderléia Ricardo da Silva; Isabel Aparecida dos Santos Mayer; Juliana M. Costa;
Ricardo R. Uvinha**

vanderleiaricardo@hotmail.com

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP,
São Paulo, São Paulo, Brasil

Na década de 1920, na América do Norte, se consolidava o *Harlem Renaissance*, movimento nacional americano de expressivo impacto no desenvolvimento internacional de arte, cultura e lazer que proporcionou a difusão e o fascínio pela arte afro-americana. No Brasil, na década de 1930, uma “elite negra” em ascensão econômica e cultural criava “clubes negros” de lazer e formação, à semelhança dos “clubes brancos” tradicionais. Alguns destes “clubes negros” controlavam trajes e condutas dos frequentadores para aproximarem-se do “modelo branco”, acreditando que desta forma poderiam enfrentar mais facilmente o preconceito racial e reduzir o distanciamento social entre negros e brancos. O *Teatro Popular Brasileiro* - TPB foi fundado nesta conjuntura, na década de 1930, quando Solano Trindade criou o *Centro Cultural Afro-brasileiro* e a *Frente Negra Pernambucana*, extensão da *Frente Negra Brasileira*. Em 1944, no Rio de Janeiro, surgia o *Teatro Experimental do Negro* - TEN, que se propunha resgatar os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana reunindo, já na primeira turma, cerca de 600 alunos de baixa renda e sem escolaridade. Tal cenário, fundado em realizações históricas para a questão étnico-racial no Brasil, inspiraram o presente estudo que tem como objeto debater o lazer associado ao ativismo negro e sua associação ao *Aparelha Luzia*, equipamento inaugurado em março de 2016 no centro de São Paulo e que em pouco tempo tornou-se um notável ponto de encontro da população negra paulistana. Com programação diversificada – apresentações musicais, lançamentos de livros e filmes, saraus, rodas de conversas e eventos sociais festivos, o presente trabalho objetivou assim analisar tanto o referido equipamento no cenário urbano da cidade de São Paulo como os significados do *Aparelha Luzia* para seus frequentadores. A metodologia utilizada foi do tipo qualitativa, adotando como procedimento uma observação participante, utilizando-se do instrumento de entrevista semiestruturada. A amostra é composta por frequentadores do equipamento cultural *Aparelha Luzia* na cidade de São Paulo, incluindo também artistas que ali se apresentam bem como os gestores do espaço. As entrevistas procuraram identificar as motivações para a escolha de um local voltado ao público negro, assim como o entendimento sobre as atividades de lazer e de tempo livre desenvolvidas no espaço e se a agenda é construída pelo critério do ativismo ou de outros elementos afeitos às questões étnico-raciais. A investigação, balizada pela concepção do capital simbólico tratada por Pierre Bourdieu, apresentou como resultados preliminares que o referido equipamento, originariamente concebido para atividades culturais e de lazer, se consubstancia como um indutor de mobilização política, estruturando processos políticos sociais de formação de grupos de identidade como forma de continuidade de pertença. Acredita-se que os achados da pesquisa contribuirão para verificar questões centrais que estimulam a aderência de um público específico a determinados espaços de lazer, bem como para interpretar a diversidade de concepções, opiniões, valores, atitudes e processos estruturais que marcam o grupo de frequentadores daquele espaço.

Palavras chave: Lazer. Brasil. Negros. Cenários urbanos. Diversidade étnico-racial.



LAZER, TRANSGERACIONALIDADE E EDUCAÇÃO: BLACK SOUL BELORIZONTINO NO SÉCULO XXI

Luiz Carlos Felizardo Junior; Walter Ernesto Marques Ude

felizaerdojr@hotmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

A pesquisa doutoral realizada objetivou conhecer e compreender as ações formativas e os processos educativos transgeracionais e entre grupos de idade que acontecem no *Baile Black Soul* público, gratuito e semanal, mobilizado por adultos maduros e adultos de meia idade – do qual os jovens participam – na praça central da metrópole belorizontina, nesse início do século XXI. Situando social e historicamente a criação do estilo musical *Black Soul* nos Estados Unidos nos fins de 1960, seu apogeu na década de 1970, e sua permanência tanto nas rádios quanto nos novos e renovados estilos musicais da *Black Music* e em bailes nas periferias, bem como e sua (re)emergência no século XXI em Belo Horizonte. Discernindo sem separar os aspectos étnico-raciais dos aspectos étnico-culturais, a pesquisa epistemologicamente aportada no paradigma da complexidade e teórico-metodologicamente orientada pelos estudos da Subjetividade, foi realizada na perspectiva da transdisciplinaridade, articulando observação de campo à entrevista episódica em situação conversacional com 11 participantes do Baile: quatro adultos maduros, cinco adultos de meia idade e dois jovens. Os resultados indicam que com dança, música, alegria, diversão, nesse lazer, emergem processos educativos transgeracionais e entre grupos coetâneos que revelaram a importância que esse estilo teve e tem na constituição de uma identidade específica compartilhada pelos negros da cidade – os *Black's* – a qual enseja a produção da Cultura Soul belorizontina. Instituído no contexto da (re)emergência, o *Baile Black* da praça configura um tempo-espço de fruição e expressão desta cultura, atraindo moradores de diferentes pontos da metrópole, faixas etárias e ciclos da vida, convertendo-se numa prática de lazer privilegiada para o encontro da população negra, mas não apenas, que se efetiva na e pela dança, e com ela a transmissão de um acervo de conhecimentos produzidos no interior da Cultura Soul que configuram formas de ser-e-estar-com-e-como-os-outros próprias deste universo. Nele, a disseminação da Cultura Soul se faz pela via do ensino-aprendizado, em processos formativos intencionalmente orientados para a promoção de vínculos positivados de pertencimento a um território identitário; dando aos jovens a oportunidade de desenvolver uma corporeidade específica, pela qual podem expressar uma ética e uma estética definidoras de um modo particular de ser-com-e-como-os-outros, entre os outros, permeada pelo respeito à pessoa humana. Ao inseri-los, por este expediente, os *Black's* contribuem para que eles se insiram no mundo de uma forma mais positivada, posto que mais sabedores de si, do mundo e de si no mundo. Questões relativas ao papel dos adultos e das mulheres no interior desta cultura, ao conflito decorrente da luta por territorialização, na cidade, desse lazer e às influências do trânsito dos *Black's* entre diferentes manifestações de matriz africana no baile emergiram da pesquisa, revelando o potencial de investigação que a temática encerra. Destaca-se ainda dos resultados o potencial do campo do lazer em contribuir para a efetivação da lei 10639/03, produzindo novos e renovados conhecimentos sobre o negro e afrodescendente a partir de seu lazer nas cidades, contemplando um aspecto ainda escasso, pouco sabido e tratado pelas pesquisas.

Palavras chave: Lazer. Black Soul. Educação. Transgeracionalidade. Metrópole.



QUILOMBO CULTURE AND COMMUNITY BASED TOURISM

Thais Rose Pinheiro; Carolin Lusby

trprosa@gmail.com

Connectando Territorios; Florida International University – Florida – USA

This study examines community-based tourism (CBT) as a way to sustain traditional community culture in Brazil, which is the country with the highest number of Afro descendants in the Americas. The African legacy lies in every aspect of Rio's culture until the present day. Historically defined as communities of fugitive slaves, the *Quilombos* represented areas of resistance and freedom for Afro-descendent Brazilians. The 1988 Constitution following calls from black activists for recognition and reparations, descendants of *Quilombos* gained the rights to the land they had historically occupied. Today, there are more than five thousand *Quilombos* in Brazil, the majority of which still do not have land titles, but they still have their own culture. Community based tourism is characterized by community participation in the development of tourism, contributes to the enhancement of local identity and preservation of the territory. It is an alternative to the traditional tourism model. Mass tourism, which is mainly concerned with economic growth, affects the destination's host, excluding the local culture. CBT is a way to generate income for these communities and allows visitors to experience the music, culinary, dance and history of their culture. In the State of Rio de Janeiro, there are two examples: the *Quilombo* community Campinho da Independência, located in Paraty, the first community in the State of Rio de Janeiro to be entitled to their lands; and the *Quilombo* community Grotão, located in Niterói in the border of Serra da Tiririca State Park. The objective of the study was to analyze how these communities perceive tourism, the impacts tourism has on them and how tourism can bring benefits. Research questions aimed to understand the current state of community development and tourism in each community, perceptions of residents towards tourism, perceptions of potential impacts and understanding of the tourism process. Interviews with residents were recorded and a facilitator guided the work of answering the research questions. Interviews were transcribed and analyzed using a grounded theory approach. Themes that emerged from the study showed that residents are open to tourism, see it as a way to preserve culture, and are hopeful it will bring in much needed income and stimulation. However, residents were mostly unaware of the needs of tourists; how they could change their communities and how to attract visitors. The authors discuss findings and present solutions to link Afro-Brazilian culture in Rio de Janeiro State with the USA. Through a Project grant from the USA, the authors were able to spend two months working together to establish linkages and collaboration including the USA consulate in Rio de Janeiro.

Keywords: Sustainability. Ethnicity. Tourism.



TEMA 10

INOVAÇÃO INDÚSTRIA CRIATIVA E LAZER DIGITAL
INNOVATION, CREATIVE INDUSTRY AND DIGITAL
LEISURE

INNOVACIÓN, INDUSTRIA CREATIVA Y OCIO
DIGITAL



CARNIVAL AS A HUB FOR CREATIVE DEVELOPMENT

Lénia Marques¹; Carla Borba².

marques@eshcc.eur.nl

Erasmus University Rotterdam -The Netherlands¹ / Universidade Federal de Pernambuco – Recife – Pernambuco - Brazil²

Carnival has been a classic subject in fields of study such as Sociology or Cultural Studies. Some specific events studies have also looked at Carnival as a cultural manifestation and briefly on the experience of Carnival from a guest's perspective. However, a deep understanding of the experience of Carnival and how that subjective experience can relate to degrees of creativity are still missing in the literature. The aim of this paper is therefore to explore the Carnival as a hub for creative development from an events' experience perspective, trying to answer to questions such as: What are the experience of Carnival and how do they relate to creativity? To what extent is Carnival a moment for creative development beyond familiar borders? What are the conditions for fostering creativity in such type of event? In this exploratory study, the methodological approach is quantitative and focused on Brazil. Brazil has a long history of Carnival celebrations and practices. It is also a bottom-up event, which has a strong link to local communities and carnival groups. This is a special moment for many, however it is yet unknown the specificities of this experience and the creative expression. An online survey was shared on social media and e-word of mouth in the period just after the Carnival of 2017. Because it was a convenience and snowball sampling, the region most represented is Pernambuco, which can be considered a limitation. This region's Carnival is very particular and popular, particularly in Recife and Olinda, two nearby cities. With 350 complete responses, the data collected are solid enough to provide an opportunity to have exploratory insights into the Carnival experience and its relationship to creative development. Preliminary findings point out to the fact that the experience is more positive and creative dimensions are systematically higher in the group of respondents who belong to a Carnival group. The difference between the groups in having new ideas and feeling creative is significant and it implies that creativity levels and creative outputs are more likely to be produced when people belong to a Carnival group. Although this is not a surprise, it also becomes clear that there is little awareness for this fact, and, consequently, the experiential and creative dimensions are fields to be further explored by the actors. Based on results, paths for further development and quality of the Carnival experience will be highlighted, in a way that policy makers and other stakeholders can innovate, by re-thinking ways to improve the event experience in a creativity framework. As for the creative dimension, there is clearly space to develop products and experiences related to Carnival in a way that unexplored territories can be unearthed.

Keywords: Carnival. Creativity. Innovation. Experience. Events.



ECONOMIA CRIATIVA, HOSPITALIDADE E ATIVIDADES MANUAIS DO LAZER NA VIRTUALIDADE

Erica Ana Alves Bortolotte; Elizabeth Kyoko Wada

ericana@gmail.com

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, São Paulo, Brasil

A economia criativa abarca práticas baseadas em alguns pilares, como talentos, propriedade intelectual, herança cultural regional e a conectividade (BUITRAGO; DUQUE, 2013). Desempenha papel de destaque no mundo contemporâneo com uso da Internet e mídias sociais e inclui como práticas mais comuns a produção de bens e serviços relacionados à arquitetura, artes visuais e cênicas, artesanato, cinema, design, moda etc (BUITRAGO; DUQUE, 2013). Alguns empreendedores do setor encontraram nas mídias sociais uma forma de disseminar seu trabalho, ajudando a impulsionar a cultura DIY (faça você mesmo). Dentre as mídias mais acessadas está o *Pinterest* e dentre as categorias mais populares estão decoração e artesanato (PEREIRA; SCHNEIDER, 2016). No entanto, profissionais de Economia Criativa têm se utilizado de canais de *Youtube*, postando principalmente tutoriais de como se executar projetos em casa. Neste artigo, são analisados três canais de *Youtube*, sendo eles o *EK Tube*, *Homens da Casa* e *A Costureirinha*, que juntos somam mais de 280 mil seguidores. Tais canais promovem projetos para se fazer em casa e contribuem para a disseminação de práticas manuais do Lazer. Quanto a essas práticas, Marcellino (2000) aponta progressos nos conteúdos pela oferta de revistas e lojas especializadas (apud SILVA, 2007), porém, atualmente esta absorção de conhecimento se dá em ambientes interativos e envolve um anfitrião (dono do canal de *Youtube*) e um hóspede (usuário que visita e interage), em uma relação humana (CAMARGO, 2015), além da máquina. Este artigo pretende então responder ao problema de pesquisa “Como os profissionais de Economia Criativa podem contribuir na disseminação dos conteúdos manuais do Lazer por meio da Hospitalidade em seus canais de *Youtube*?”. Para tal, foi feita uma revisão de literatura utilizando-se a base *Scopus* e *Google Acadêmico* e adotado o método de Análise de Conteúdo, a partir da seleção dos sete vídeos mais visualizados de cada um dos três canais de *Youtube* selecionados, em que foi feita uma categorização a partir de Bardin (2011) para identificar relações de Hospitalidade em ambiente virtual. Os resultados parciais mostram que profissionais do setor de Economia Criativa estimulam as práticas manuais do Lazer, por meio de tutoriais e pelo engajamento proporcionado como anfitriões de seus canais. Com um discurso pautado na empatia, criam interação entre o público por meio dos comentários. As saudações nos vídeos e atos como explicar dúvidas de antemão e jargões, colocar erros de gravação, mostrar ambientes da casa do anfitrião e contar com participação de animais domésticos ou crianças da casa no vídeo criam esta empatia e engajamento por parte do público, o que pôde ser visto nos comentários analisados. Alguns *youtubers* criaram ainda comunidades em outras mídias para que os usuários mostrem os projetos que realizaram, proporcionando maior engajamento. O estudo tem sua relevância, pois pode fornecer *insights* para *influencers* digitais que lidam com este público interessado na cultura DIY, para a adoção da hospitalidade em ambiente virtual como vantagem competitiva de seu canal e para a difusão dos conteúdos manuais do Lazer, além de trazer uma nova perspectiva para os estudiosos do Lazer e da Hospitalidade.

Palavras chave: Hospitalidade. Lazer. Atividades manuais. Economia criativa. Mídias sociais.



LAZER DIGITAL PARA CRIANÇAS: PROCESSOS CRIATIVOS LÚDICOS

Monique Priscila de Abreu Reis; Luciana Pereira de Moura Carneiro; Fernanda Aparecida Coelho Ciriaco

moniquepriscila@yahoo.com.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, Avaré,
São Paulo, Brasil

Este projeto propõe promover experimentações em processos criativos lúdicos de lazer digital para crianças de 4 a 5 anos, com o apoio de alunos do Curso Técnico em Lazer Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo (Campus Avaré). Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) sobre acesso à Internet e à televisão e posse de telefone celular para uso pessoal de 2015 mostram que 57,8% dos domicílios particulares no Brasil têm acesso à Internet, sendo superada a marca de 100 milhões de internautas. Neste sentido, o mundo virtual tem se consolidado enquanto espaço de lazer, atingindo diferentes faixas etárias da população. Gadotti (2005, p. 4 APUD KUROVSKI, P. 21) afirma que as novas tecnologias da informação também criaram novos espaços do conhecimento. É possível buscar fora das escolas a informação disponível nas redes de computadores interligados. O *ciberespaço* rompeu com a ideia de tempo para a aprendizagem. O espaço do saber está em qualquer lugar e o tempo de aprender se torna sempre. Para Braga et al (2015, p. 281), “os cenários virtuais frequentados pela geração jovem são muito abrangentes e variados. As atividades que podem desenvolver nos mesmos são de ordem variada: jogo, comunicação, informação/conhecimento, identidade e criação.”. Neste sentido, o *YouTube* pode ser um meio propício para disponibilizar, de forma lúdica, histórias para inspirar as brincadeiras infantis. Fortuna (2016 APUD OLIVEIRA, 2017, p. 18) coloca que existem “sites lúdicos que são muito interativos [...] não é porque o meio é digital que ele será necessariamente passivo, ou necessariamente ativo, ou que o brinquedo construído pela criança será necessariamente ativo”, assim, é possível desenvolver atividades de lazer digital que instiguem a imaginação e também novas práticas. O projeto em desenvolvimento visa a contação de histórias, utilizando o teatro de formas animadas, a partir de histórias das tradições orais de diferentes partes do mundo, principalmente afro e ameríndias. Cada história será filmada e disponibilizada para acesso das crianças por meio do *YouTube*. Assim, os/as estudantes do Curso Técnico Integrado em Lazer vivenciarão processos de criação, realizarão a confecção dos/as bonecos/as, sua manipulação e a contação de histórias. Serão utilizados recursos visuais e vocais. Haverá dois personagens fixos que serão os contadores da história: uma senhora conhecida como Tia Conceição e um menino de cinco anos chamado Evaristo. Vale ressaltar que se trata de uma homenagem à Conceição Evaristo, grande representante da literatura brasileira contemporânea. Cada situação vivenciada por Evaristo e relatada à tia será o mote para que ela conte uma fábula ou um conto. Os/as outros/as bonecos/as relacionados a cada conto ou fábula serão confeccionados utilizando-se diferentes materiais. Ao final da contação, as crianças poderão assistir ao passo a passo da confecção destes bonecos/as e, assim, serão convidados/as a também criarem novas personagens. Baseando-se nos estudos de Vygotsky (1985, 2002) de que a linguagem é fundamental na relação que a criança estabelece com o mundo, espera-se que a contação de histórias das tradições orais inspire as crianças a construírem suas próprias narrativas.

Palavras chave: Lazer digital. Contação de histórias. Ludicidade.



O JOGO COUNTER STRIKE: LAZER POR MEIO DOS COMENTÁRIOS ONLINE

Rodrigo Lage Pereira Silva

rodrigowtf@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

O presente texto é parte integrante de uma pesquisa que teve como objeto de estudo as interações de usuários do jogo *Counter Strike* (CS) por meio de comentários na internet como uma vivência de Lazer. Schwartz (2003) ressalta que experiências de Lazer podem ser vivenciadas no ambiente virtual. Nesse sentido, o lazer virtual também pode ser configurado pelo jogar, assistir, discutir e envolver-se, dimensionando principalmente seu caráter lúdico, no qual o próprio usuário cria, guia e alimenta as relações ali presentes. A pesquisa objetivou compreender as interações ocorridas no ambiente virtual a partir de um jogo online. A escolha por este meio levou em consideração que um dos fatores que podem favorecer uma interação entre os usuários é a rapidez com a qual as informações são recebidas e enviadas, além do número de pessoas que podem expressar-se (ANJOS, 2012). Nesse sentido, Ventura (2009) salienta que os jogos eletrônicos, em especial os *multiplayers*, são um bom ponto de partida para a interação e ludicidade. Para tanto, foram investigados dois sites que possuem ligação com o jogo: *Reddit* e *TeamPlay*. O primeiro apresenta um formato de fórum no qual os próprios internautas são responsáveis por produzir o conteúdo. O segundo é um site de notícias de jogos eletrônicos, no qual os internautas podem interagir entre si por meio da caixa de comentários. Foram analisadas 297 postagens, contemplando 1980 comentários. Para obter tais postagens foi feita uma busca com a ferramenta de procura, disponibilizada pelos sites, por conteúdos que tivessem temas relacionados ao CS, utilizando palavras chaves como: *CS*; *Counter Strike*; *cs:go*. Após a coleta dos dados, os comentários foram lidos e o conteúdo obtido foi separado em categorias de acordo com sua frequência de aparição nas falas dos usuários. Os resultados nos indicaram que as discussões ali presentes abordam as mais diversas temáticas, uma vez que os internautas conversam entre si sobre o próprio jogo, sobre temas que o tangem, mas também sobre assuntos que fogem totalmente ao game. Assim, o sentimento de pertencimento ao grupo propicia aos internautas se expressarem abertamente, sendo possível traçar quatro temas principais dos debates, delineados a seguir: Possibilidade da interação pela internet, no qual é observado o estabelecimento de relações pessoais por meio do compartilhamento de vivências e ideias a respeito de um interesse comum (RODRIGUES, 2011); o jogo como um *e-sport*, sendo observada a preferência entre alguns adeptos em assistir aos jogos profissionais a jogarem por si só, movimentando o cenário profissional do game; o mercado envolvido com o game, onde os internautas apontaram diversos modos para a monetização das ações no jogo, indicando abertura de estabelecimentos comerciais e, ligado ao tema anterior, a criação de eventos e equipes profissionais, com a oferta de prêmios em dinheiro na casa dos milhões e grandes espetáculos a fim de enfatizar a grandiosidade do meio (PULCIDES; NODARI, 2015); *Counter Strike* e Política, onde os comentaristas relatam os discursos de ódio presenciados pelos mesmos em função de diferenças político-partidárias, sendo relatada a popularização de discursos agressivos (RECUERO, 2013).

Palavras chave: Interação. Counter Strike. Jogo online.



VIDEOGAMES: DO LAZER PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Cleber Mena Leão Junior; Vanessa Eltz; Tatyane Roiek Lazier-Leão; Tiago Rodrigo Alves Nunes; Alípio Rodrigues Pines Junior; Tiago Aquino da Costa Silva.

prof.cleberjunior@hotmail.com

Faculdade de Paraíso do Norte - FAPAN, Paraíso do Norte, Paraná, Brasil / Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil / Faculdade Santa Maria da Glória - SMG, Maringá, Paraná, Brasil / Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Para iniciarmos um diálogo sobre os jogos eletrônicos, faz-se necessário definir os segmentos que englobam tais jogos. Os jogos que utilizam suportes eletrônicos ou computacionais podem ser divididos em três tipos: a) jogos para consoles: desenvolvidos para videogames e que precisam de monitores de televisão; b) jogos para computadores: desenvolvidos especificamente para microcomputadores e c) jogos de arcade: aqueles onde o console se integra ao monitor. Portanto, neste trabalho, iremos nos ater, especificamente, aos jogos para console. No tempo presente, há jogos no mercado que possuem grande potencial educativo. Uns foram desenvolvidos potencialmente para serem jogos comerciais, enquanto outros, pelo seu conteúdo, acabaram revelando-se como uma excelente ferramenta para a Educação. O objetivo do estudo foi analisar as possíveis contribuições da utilização do videogame como ferramenta de ensino em uma escola do município de Estância Velha, Rio Grande do Sul, Brasil. A metodologia da pesquisa apoiou-se no paradigma qualitativo. Os instrumentos escolhidos para realizar a coleta de informações foram: a) observação; b) intervenção com a utilização do videogame e c) entrevista semiestruturada. A amostra foi composta por 21 alunos da sétima série do ensino fundamental (13 meninos e oito meninas). Os dados coletados e a sua análise originaram-se em três categorias: aprendizado; contribuições; corpo em movimento. Contudo, nesse momento, iremos discutir a que refere-se a categoria aprendizagem. Observamos que os envolvidos sentem-se bem utilizando o videogame, interagindo socialmente e em equipe. Os pesquisados sentiram-se satisfeitos com o que aprenderam e reconhecem como algo relevante. Além disso, ao utilizarmos o videogame, construímos um espaço de discussão, ocasionando a criticidade dos alunos, que passam de meros jogadores indiferentes a sujeitos críticos e conscientes. Percebemos que os alunos preferem, antes de tudo, uma aula mais lúdica, proporcionada pelo jogo do videogame. Eles sentem-se mais à vontade no jogo eletrônico, pois o vivenciam em seu tempo de lazer, tendo assim mais familiaridade. Da mesma forma, esses jogos têm a vantagem de transpor as informações de maneira mais divertida e interativa. O aluno, em vez de decorar um conteúdo, estará aprendendo de uma forma diferente e lúdica e, assim, ele terá mais confiança para realizar o movimento esperado. Percebemos isto observando os alunos enquanto eles realizavam as atividades e vimos que os mesmos estavam se divertindo, integrados, motivados e atentos a tudo que acontecia. Por fim, os achados do estudo nos permitem observar que não há como nos opormos aos avanços tecnológicos da sociedade, pois desde cedo os alunos estão em contato com este universo em seu momento de lazer. Contudo, os professores necessitam apropriar-se destas tecnologias para o ensino. Além disso, os videogames podem ser elementos atrativos, pois fogem do cotidiano comum das escolas, e isso pode resgatar a valorização das aulas, por parte dos alunos, proporcionando uma educação que não se limite a ter os estudantes como meros espectadores do saber, mas sim, atuantes em sua formação educativa.

Palavras chave: Videogame de Movimento Corporal. Aprendizagem. Lúdica.



TEMA 11
LAZER, TURISMO E HOSPITALIDADE
LEISURE, TOURISM AND HOSPITALITY
OCIO, TURISMO Y HOSPITALIDAD



AS PRÁTICAS DE LAZER E TURISMO NA ORLA DE SOURE - MARAJÓ/PA

Juliana Azevedo Hamoy; Thiliane Regina Barbosa Meguis; Mirleide Char Bahia
thilly20@hotmail.com

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil

O presente estudo teve como objetivo analisar a percepção dos usuários sobre as práticas de lazer e turismo na orla de Soure (Marajó/PA). A proposta de pesquisa visou compreender como os diferentes agentes (moradores e turistas) utilizam a orla da referida cidade, considerando-se que os espaços públicos das cidades e as diversas relações sociais existentes desempenham uma importante função para a formação da dinâmica das cidades. A pesquisa foi organizada a partir de três questões importantes que corroboraram para a investigação do objetivo: a primeira aborda os assuntos pertinentes ao direito à cidade (LEFEBVRE, 2001); a segunda discorre sobre os espaços públicos de lazer e de turismo e suas utilizações nas cidades; a terceira questão se refere à percepção dos moradores e turistas sobre o uso da orla para as práticas de lazer e turismo em Soure. A democratização do lazer e, em particular dos espaços públicos nas cidades, é um fator a ser analisado, pois em muitas cidades não há distribuição igualitária dos poucos espaços existentes. Nesse estudo, utiliza-se o conceito de espaço público (SERPA, 2011), entendendo que o mesmo não se restringe ao local físico-geográfico, mas se caracteriza por ser um espaço produzido a partir das relações socioculturais. O processo de urbanização das cidades é um dos fatores apontados por Bahia et al (2008) como um influenciador da manutenção, utilização e criação de equipamentos de lazer. Na maioria das vezes, a utilização desses espaços se torna restrita a uma pequena parcela da população e grande parte das cidades não possui espaços e equipamentos de lazer suficientes para atender a população, além da distribuição desigual desses poucos espaços. As cidades possuem uma dupla função: a prática do lazer aos moradores e o processo cultural. É nessa segunda função que o turismo é evidenciado como um processo de sociabilidade da comunidade local com o visitante (FIGUEIREDO, 2008). A metodologia constou de levantamento teórico sobre o uso dos espaços urbanos e sua função de sociabilidade; sobre o espaço público enquanto lugar de vivência ou como afirmação da cidadania e o uso desses espaços para o lazer e pelo turismo. Também foi realizada pesquisa de campo, com realização de entrevistas semiestruturadas com os moradores e turistas da cidade de Soure, tendo sido estas gravadas e, posteriormente, transcritas e analisadas, por meio de análise de conteúdo. A escolha dos entrevistados se deu pelo critério de acessibilidade (VERGARA, 2005). Os resultados ressaltaram a percepção dos moradores de que existe a necessidade de criação de políticas públicas de lazer e de turismo que visem inclusão de equipamentos e atividades na orla, bem como uma maior e melhor distribuição de espaços públicos em Soure, com fins de democratização das práticas de lazer para moradores e turistas, por ser a cidade um dos principais polos de turismo do Estado do Pará.

Palavras chave: Espaço público. Lazer. Turismo. Pará.



GASTRONOMIA E LAZER: ATRATIVOS GASTRONÔMICOS DA CIDADE DE SÃO PAULO

Maria Henriqueta Gimenes-Minasse; Vander Valduga

mariegimenes@gmail.com

Universidade Anhembi Morumbi – UAM, São Paulo, São Paulo, Brasil / Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil

A gastronomia, suas práticas e serviços vinculados, são importantes elementos integradores da oferta turística, atuando como serviços indispensáveis; agregadores de valor a outros produtos e serviços turísticos; e atrativos turísticos propriamente ditos. Como observam Richards (2002), Hall e Sharples (2003), Schlüter (2006) e Croce e Perri (2010), a valorização das manifestações gastronômicas no contexto turístico tem assumido o papel de estratégia de diferenciação de destinos e demarcação de identidades culturais. São Paulo é o principal núcleo econômico do país, com população estimada em mais de 12 milhões de habitantes (IBGE, 2017) formada por diferentes fluxos migratórios, nacionais e internacionais. Esta diversidade humana se manifesta em sua gastronomia, resultado da miscigenação de grupos e articulação de diferentes tradições. A oferta gastronômica local reflete alguns dos aspectos relacionados por Heck (2004) à alimentação contemporânea, como a disseminação do hábito de comer fora, a expansão da oferta da alimentação fora do lar a partir de diferentes tipos de estabelecimentos comerciais e a incorporação do comer como forma de lazer, inclusive como resposta à superexposição da gastronomia (seus sujeitos e elementos) em diferentes canais midiáticos. Em termos turísticos, a cidade é um importante destino nacional e internacional, tendo como principal vocação os segmentos de negócios e o de eventos (SPTuris, 2017). Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar, através de um levantamento, o quadro geral da oferta gastronômica da cidade de São Paulo organizado a partir das categorias de atrativos turísticos gastronômicos identificadas por Gimenes-Minasse (2014): a) estabelecimentos de alimentação; b) pratos e produtos típicos; c) locais de produção alimentar; d) estabelecimentos de comercialização de produtos; e) feiras livres, feiras gastronômicas e comida de rua; f) eventos gastronômicos; g) roteiros, rotas e circuitos gastronômicos; h) outros. Como principais resultados, observa-se que as categorias de maior relevância identificadas foram: estabelecimentos de alimentação; estabelecimentos de comercialização de produtos; feiras livres, feiras gastronômicas e comidas de rua; e eventos gastronômicos. De forma específica, observa-se que a ABRASEL (Associação Brasileira de Restaurantes, 2017) estima a existência de aproximadamente 55 mil estabelecimentos de alimentação, sendo possível perceber algumas territorialidades (a associação do bairro Vida Madalena com a boemia, e dos bairros Liberdade e Bixiga à gastronomia étnica). Em relação aos locais de comercialização de produtos, a cidade conta com 10 mercados municipais, com destaque para o Mercado Municipal de São Paulo. Existem mais de 50 feiras livres sendo realizadas em dias alternados, mais de 12 feiras gastronômicas e 18 *food parks* em operação, além de outros espaços itinerantes de comida de rua. Em 2017 foram realizados 42 eventos gastronômicos com diferentes temas e duração. Os resultados preliminares indicam um contingente robusto de elementos, que atendem tanto residentes quanto visitantes, que oferecem diferentes especialidades culinárias, trabalham com distintas faixas de preço e reforçam a imagem de cidade dinâmica e multicultural que é divulgada nos materiais oficiais de promoção turística.

Palavras chave: Gastronomia. Lazer. Turismo gastronômico. São Paulo.



HOSPITALIDADE NA CIDADE-SEDE DE MANAUS NA COPA DO MUNDO 2014

César Teixeira Castilho; Christianne Luce Gomes

castcesarster@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil /
Université de Paris-Sud – Paris-11, França.

A pesquisa longitudinal em questão – elaborada entre os anos de 2013 e 2017 – tem como objetivo principal analisar a questão relativa à hospitalidade da população brasileira, notadamente na cidade-sede de Manaus, através da teoria da dádiva (dar-receber e retribuir) cunhada pelo antropólogo francês Marcel Mauss, em associação direta com a teoria concernindo o conceito de *hospitality* tratado nos estudos contemporâneos anglo-saxões. Pretende-se discutir a hospitalidade da população local de Manaus sob a égide da formação cultural do povo brasileiro, temática discutida pelos teóricos Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e, mais recentemente, Jessé Souza, e a utilização dessa característica – real ou inventada – da população do Brasil pelos organizadores e políticos envolvidos na Copa do Mundo de Futebol 2014 (CM 2014). Através de uma pesquisa de natureza qualitativa – entrevistas, observações, análise de documentos e fotografias –, realizada em três momentos distintos do evento esportivo – antes, durante e após – abordamos esta temática de maneira que as duas questões principais da pesquisa pudessem ser exploradas: ao analisarmos os teóricos da formação cultural do povo brasileiro, é possível discorrer sobre a construção de uma hospitalidade típica da nossa população, notadamente em relação ao visitante estrangeiro? No contexto da CM 2014, como tal característica foi manipulada pelos organizadores/políticos envolvidos no evento e como se produziu tal relação na cidade-sede de Manaus? Ao analisar o discurso hegemônico dos atores envolvidos na organização da CM 2014, percebe-se uma utilização da hospitalidade local como condição *sine qua non* para que o evento esportivo em questão seja percebido como um sucesso. Embora os legados tangíveis e intangíveis da CM 2014 estejam em constante debate, a população brasileira foi “escalada” para receber e entreter adequadamente os visitantes estrangeiros. Logo após o evento, o então presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), Sr. Joseph Blatter, declarou que a Copa havia sido um sucesso e que “o país do futebol” e, em especial, sua população calorosa, havia orquestrado uma grande festa em torno do esporte mais popular do planeta. Na cidade-sede de Manaus, em especial, foi possível analisar a participação e a hospitalidade da população local, na perspectiva da teoria de Marcel Mauss, revelando, ao mesmo tempo, os pormenores da relação “dar-receber-retribuir” junto dos visitantes estrangeiros e a manipulação e utilização de tal “característica dos brasileiros” pelos envolvidos na organização do evento. Para além destas questões, percebem-se também as consequências diretas das festividades locais e da hospitalidade no desenvolvimento do turismo nos anos subsequentes na cidade de Manaus.

Palavras chave: Hospitalidade. Copa do Mundo de Futebol 2014. Formação cultural. Manaus.



LAZER EM ÁREAS PROTEGIDAS: PERCEPÇÕES DE GESTORES SOBRE O KITESURF

Ruan Tavares Ribeiro, Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo, Elizabeth Kyoko Wada
ruantavaresufma@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil / Universidade Anhembi Morumbi – UAM, São Paulo, São Paulo, Brasil

As áreas protegidas, ou unidades de conservação, são espaços criados para a preservação e conservação da biodiversidade em um determinado território (IUCN, 2008). Comumente, trata-se de belezas cênicas naturais que despertam o desejo humano para a prática de diferentes atividades de lazer, recreação e esportes. Contudo, a presença humana nesses espaços pode gerar uma série de conflitos de interesses entre diferentes sujeitos e os objetivos que sustentam a criação das áreas protegidas. No caso do uso público para atividades turísticas, na literatura há registros da dificuldade de gestão de unidades de conservação diante do relacionamento com diferentes stakeholders – sujeitos ou grupos que influenciam ou podem influenciar nos resultados de uma organização (RIBEIRO, 2017). Tal desafio é diário para a gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) em áreas protegidas que formam parte da Rota das Emoções, nos estados do Maranhão, Piauí e Ceará. Esse é o contexto da presente pesquisa, que analisou as percepções dos gestores públicos das áreas que mais recebem visitantes na rota turística supracitada sobre a prática de um esporte que há poucos anos tem motivado um fluxo cada vez maior, sobretudo em razão de campeonatos sediados no território: o kitesurf. O recorte espacial da pesquisa foi o Parque Nacional de Jericoacoara, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses e a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. Entre 24 de outubro e 07 de novembro de 2016, os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com o chefe de cada parque e da APA, e analisados com base na técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). As entrevistas foram realizadas no escritório de cada gestão local do ICMBio, o que posteriormente facilitou a recolha de novos dados por meio de observação assistemática das práticas de kitesurf nos principais atrativos da três áreas protegidas. Foi constatado que, além do kitesurf, outros esportes de aventura são promovidos. No entanto, os loci estudados apresentam em comum a prática do kitesurf, o qual, por sua vez, recebeu destaque na fala dos três entrevistados. Mesmo que esse esporte seja organizado por empresários locais, que prestam serviços de locação de equipamentos e aulas para os praticantes, os gestores demonstram preocupação com a segurança dos usuários. Outra questão que emerge para a gestão dessas unidades de conservação é a necessidade do zoneamento de áreas específicas para as atividades, que resulta da preocupação tanto com acidentes entre os praticantes de kite e de outros esportes de aventura, quanto com a minimização de impactos na biodiversidade. O ICMBio, no entanto, reconhece suas limitações de ordem orçamentária – número de colaboradores, veículos etc – para a fiscalização das atividades supracitadas, o que se pode inferir que gera dificuldade da garantia de um lazer seguro aos visitantes e de baixo impacto ao ambiente das áreas protegidas.

Palavras chave: Stakeholders. Unidades de conservação. Esporte. Uso público.



LAZER NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE TURISMO

Ivan Conceição Martins da Silva

ivanmartins@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Lazer e turismo são fenômenos com estreitas relações. O lazer envolve muito mais práticas do que as relacionadas ao turismo, porém estas assumem um papel de destaque na medida em que são amplamente valorizadas na sociedade atual por suas potencialidades de: conhecimento de lugares, pessoas e culturas; fuga do cotidiano e do tempo de trabalho; mobilidades e status social. Ao mesmo tempo, as experiências turísticas estão interligadas ao lazer – fato que permite a distinção entre turismo e viagens puramente para trabalho ou educação. Tendo em vista que o lazer é estabelecido como direito social na Constituição Federal de 1988, esta interligação tão estreita entre lazer e turismo deveria estar presente também nas ações do Estado em relação ao setor de turismo. De acordo com a Lei 11.771/08, a política pública de turismo está institucionalizada na figura do Ministério do Turismo (MTur) e expressa através dos Planos Nacionais de Turismo (PNT). Desta forma, a pesquisa aqui relatada teve como propósito identificar a perspectiva do poder público, nas políticas de turismo, sobre a relação entre lazer e turismo. Para tanto, foi utilizada como metodologia análise documental dos três PNT já estabelecidos pelo MTur. No PNT 2003-2007, encontram-se menções a lazer em quatro momentos. Na mensagem do Presidente da República, é apontado que turismo é uma forma de lazer e que a oferta de lazer do Brasil auxilia na diversificação do produto turístico. Já a mensagem do Ministro de Turismo aponta o lazer como um objeto de interesse da população. Nas metas do plano, por outro lado, lazer é abordado apenas como aspecto de um tipo de produto turístico. Por fim, nos macroprogramas, os equipamentos de lazer estão listados como parte da estrutura turística e como atrativos para a demanda internacional. Já no PNT 2007-2010, a mensagem do Presidente aponta para um acesso mais equitativo ao lazer pela população, enquanto a mensagem da Ministra de Turismo afirma que um dos objetivos de uma viagem é a busca pelo lazer. No diagnóstico, porém, retoma-se a ideia do lazer como um dos tipos de produto turístico. E os macroprogramas do segundo PNT mantêm a mesma visão de lazer do anterior. O PNT 2013-2016 apresenta uma abordagem menor do tema lazer. No diagnóstico, é apontado que as atividades de lazer são uma das fontes de geração de empregos diretos na atividade turística. Aponta também que a viagem de lazer passou a incorporar a cesta de consumo da população brasileira. Entretanto, já nas ações estratégicas, registra também que uma grande parcela desta população está ainda em vias de alcançar este acesso ao lazer. Portanto, é possível ter como considerações que: os PNT têm uma visão para o lazer muito pautada na capacidade de consumo da população; não se discute a relação entre turismo e lazer, o que faz esta aparecer ora como intrínseca ao fenômeno turístico ora como apenas um produto da atividade econômica; e não há metas, objetivos ou programas voltados especificamente para desenvolvimento do lazer ou dos equipamentos de lazer apropriados pelo turismo.

Palavras chave: Lazer. Turismo. Políticas públicas. Plano Nacional de Turismo.



LAZER, VIAGEM E HOSPITALIDADE: A REDE COUCHSURFING EM JAGUARÃO/RS

Marcina Amália Nunes Moreira; Christianne Luce Gomes (orientadora)

marcinanunes@hotmail.com

Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Viçosa, Florestal, Minas Gerais, Brasil / Grupo de Pesquisa LUCE-CNPq, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Turismo e hospitalidade são temáticas de interesse do campo de estudos do lazer. Enquanto o lazer é aqui considerado como “[...] uma necessidade humana e dimensão da cultura que constitui um campo de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos” (GOMES, 2014, p.9), o turismo é compreendido como um movimento de egresso das pessoas de seus lugares de residência, “[...] por motivos revelados ou ocultos, que pressupõe hospitalidade, encontro e comunicação com outras pessoas e utilização de tecnologias [...]” (PANOSSO NETO, 2010, p.15). Hospitalidade, por sua vez, pressupõe acolher o outro, em todas as suas dimensões, dando abrigo, segurança, alimentando-o, entretendo-o em todo o período de permanência em determinado espaço (CAMARGO, 2011). Este trabalho é resultado de uma pesquisa dedicada à ascensão de formas diferenciadas de acolhimento turístico, sob a égide da hospitalidade mediada pela rede *Couchsurfing*. Conhecida pelas possibilidades de troca de hospitalidade com usuários cadastrados em âmbito mundial, a pesquisa focalizou usuários cadastrados em Jaguarão, no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Seu objetivo geral foi compreender de que maneira as práticas sociais em Jaguarão se assemelham (ou não) à lógica apontada pelos princípios, missão e política de uso do site destacados na rede *Couchsurfing*. O marco teórico que fundamentou a investigação buscou respaldo na teoria da dádiva, de Marcel Mauss (1974), que edificou as bases da corrente francesa de abordagem da hospitalidade. Embora não tivesse na hospitalidade o foco dos estudos, a pesquisa do antropólogo permitiu a compreensão da dádiva como base das relações humanas, junto às sociedades arcaicas. A investigação teve abordagem qualitativa e o percurso metodológico contou com estudo bibliográfico, pesquisa de campo ciberespacial e entrevistas semiestruturadas com oito anfitriões e cinco hóspedes. Aproximou-se do método netnográfico, uma abordagem etnográfica para mídias digitais no ciberespaço (KOZINETS, 2014), com a utilização de cadastro prévio do pesquisador na rede *Couchsurfing* para as finalidades da investigação. A análise interpretativa apoiou-se nas regras de usabilidade do site que remetem à visão, princípios e políticas que balizam a hospitalidade mediada pelo *Couchsurfing* e na Teoria da Dádiva (MAUSS, 1974). Os resultados da pesquisa apontaram práticas sociais em Jaguarão que se distinguem do *Couchsurfing*, quando as mesmas ocorrem no momento em que existe um pedido de hospedagem e que alguns anfitriões estabelecem critérios para a aceitabilidade dos hóspedes. Tais critérios podem resultar em expectativa afetiva, dentre outros aspectos, o que aponta distinção quanto aos valores do site no que diz respeito a comportamento sexualmente sugestivo. A hostilidade foi percebida no caso da cobrança pelo pagamento da hospedagem, por constrangimento gerado diante da intolerância à diversidade e desrespeito para com as regras explícitas pelo *Couchsurfing*, mas também implícitas pela hospitalidade na casa dos anfitriões. A pesquisa revelou, também, a necessidade de novas instrumentalizações empíricas na área de lazer pautadas em diferentes contextos de análise que privilegiem e acompanhem a liquidez de práticas sociais emergentes como a que foi analisada nesta pesquisa.

Palavras chave: Lazer. Turismo. Hospitalidade. Rede social. Tecnologias.



LEARNING TO TRAVEL BY MYSELF: SENIOR TOURISM IN MONTERREY, MÉXICO

Adriana Esther Estrada González

adriana.estrada@udem.edu

Universidad de Monterrey

Senior Tourism has been studied just very recently in México. The senior market had been included in previous surveys through the family segmentation market. However, travel agents and tour operators have been devoted to catering tourism services to this group in society. As such, research interest is growing rapidly in our country. Research has been conducted in Monterrey, México. 347 senior citizens participated in the survey and issues included were: reasons to travel with cohorts, travel behavior, needs and limitations to travel, as well as demographic and psychographic features. Literature review includes researches conducted by Abellán and Pujol (senior profile in Spain, 2013), Alén, Dominguez and Fraiz (senior tourism, an emerging market, 2010), Balari and Debenedetto (senior tourism, a new market segment, 2016), Zsarnoczky, Lorant, Mukayev, and Baiburiev (silver tourism in the European Union, 2016), among others. Scholars addressing travel behavior and motivations were also reviewed, focusing in data developed by Crompton (motivations for pleasure vacation, 1979), Losada, Alén and Dominguez (senior tourism behavior, 2014), Sangpikul (travel motivations, 2007, 2008). Questionnaires were used to collect information. The rationale applied was to select 60 years old senior citizens and older, regardless their gender and socioeconomic status. A key question was to ask their motive for traveling, serving to identify if they traveled for pleasure or by diverse personal reasons. The sample method used was not probabilistic, focused to identify senior citizens who were on the age group required for the research. It was decided to conduct the research in places of usual gathering for senior citizens. As such, shopping centers, casinos, cafeterias, senior homes and family reunions were selected to deliver questionnaires. Results will emphasize 25 scales used to identify main travel motivations (regarding pull and push factors), and 18 additional questions collected the travel behavior of leisure tourism by seniors. Findings reflect 66% from the seniors interviewed travel regularly, and they prefer comfortable lodging and previous visited destinations. The average of days traveled is 7 days, being spring and national holidays the most popular seasons to travel. Other findings focus on their frequency of travel, with an average of traveling once or twice a year. Final discussion also invites to observe personality features, relevant to classify travelers by their psychographic profile. Analysis will contribute to a wider understanding on the senior tourism field in Mexico, and the current implications to travel agents and tour operators, in times where society is aging rapidly, and suitable travel services are needed to increase participation.

Key words: Social tourism. Senior citizens. Travel motivations. Travel behavior.



MAPPING THE RECREATIONAL VEHICLE MARKET IN THE UK

Dorothy Fox; Juliette Hecquet

dfox@bournemouth.ac.uk

Bournemouth University, Poole, Dorset, UK

Introduction/Conceptualization - The market for Recreational Vehicles (RVs) is expanding in many countries and yet their use for leisure and tourism purposes has to date received little attention (an exception is some fragments of chapters in 'Drive Tourism: Trends and Emerging Markets' (Prideaux & Carson (Eds.) 2011). Even within this text there is no agreement as to what constitutes a RV; that is whether they are motorhomes, camper vans, caravans and/or trailers. A study, such as the recent work by Hardy & Kirkpatrick (2017) considers users attitudes towards the environment, but again, treats all respondents as a homogenous group. Similarly, whilst the activities of 'snowbirds' in the USA and their equivalent 'Grey Nomads' in Australia offers one form of subdivision (by age), it is otherwise generally assumed that these recreationists are otherwise undifferentiated. However, this study suggests that the totality of users is more complex. The process of market segmentation identifies different ways to segment the market and develop profiles of the resulting market segments using broad variant bases such as geographic, demographic, behavioral and psychographic. In leisure and tourism, 'the diversity of products and customers has justified the intensive use of segmentation strategies as strategic weapons in an increasingly competitive environment', (Frochot & Morrison 2001, p.21). The ability through behavioral and psychographic segmentation to identify and group consumers with similar attitudes, values, emotions, behaviors, beliefs and interests enables opportunities for greater understanding of the phenomenon. **Approach/Description** - This exploratory study identifies RV users as a precursor for developing a segmental understanding of mobile recreationists. To do so, respondents were located indirectly through where their vehicles were located (i.e. where parked, stored or maintained) rather than the owners directly through the membership of clubs etc. as in previous studies. A total of 90 useable responses were received to the self-completion questionnaire and Cross-tabulation and Multinomial logistic regression were used to assess the impact of various predictors on the type of RV owned. **Considerations/Conclusions** - The results show that RVs are not a homogenous market; instead there are wide variations in use. For example, campervans are used for day trips and short breaks, caravans are more likely used for holidays and motorhomes are used for longer trips. Membership of clubs, such as the Caravan and Motorhome Club is statistically significantly different between user groups as is the period of use throughout the year. Variations in these and other behavioral patterns have important implications for the provision of facilities for RVs as well as understanding the leisure behavior of this growing market.

Key words: Recreational vehicles. Market segmentation. Motorhomes: Leisure behavior.

References Frochot, I. and Morrison, A., 2001. Benefit Segmentation: A Review of Its Applications to Travel and Tourism Research, *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 9, 21-45. Hardy, A. & Kirkpatrick, J.B., 2017 Exploring the attitudes and behaviours of recreational vehicle users. *Journal of Outdoor Recreation and Tourism* 18, 100-104.
Prideaux, B. & Carson, D. (Eds.) 2011. Drive tourism: Trends and emerging markets. Abingdon: Routledge.



O FÃ DO SESC EM SÃO PAULO: PERFIL INICIAL

**Luiz Octavio de Lima Camargo; Airton José Cavenaghi; Danilo Cava Pereira;
Elizabeth Kyoko Wada.**

danilocava@hotmail.com

Universidade Anhembi Morumbi – UAM, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa empírica e de caráter exploratório na área de hospitalidade e acolhimento. A pesquisa pretendeu traçar um perfil dos participantes de grupos nas redes sociais de fãs do SESC em São Paulo, centro cultural e de lazer com 41 unidades no estado de São Paulo. Para a fundamentação teórica, buscou-se, em autores de hospitalidade, acolhimento, economia e cultura, alguns dos conceitos que seriam imprescindíveis para a análise dos resultados. No caso do SESC, estabelecimento comercial que permite a interação social de seus visitantes com a comunidade, o acolhimento se dá desde a chegada deste frequentador até sua despedida. Para efeitos de estudo, considera-se o anfitrião o funcionário da instituição. Foi elaborado então um questionário com 17 questões – sendo 14 fechadas de múltipla escolha e de mais de uma seleção e três abertas –, criado no *Google Formulário*. O questionário foi dividido em três seções: a primeira, que limava quem não participava de nenhum dos grupos do *Facebook* selecionados; a segunda, de perfil socioeconômico; e a terceira, que procurou entender melhor a assiduidade e participação na programação das unidades do SESC no estado de São Paulo. O período em que o link estava disponível para resposta nos grupos foi de 26 de novembro a 4 de dezembro de 2017, totalizando 243 respostas, das quais 224 foram validadas. A pesquisa, quantitativa, tinha um caráter estatístico e exploratório e sua análise foi descritiva. Três grupos foram selecionados por número de participantes e, principalmente, pelo mote: fãs do SESC. Os três grupos selecionados para a pesquisa foram: Aficionados pelo SESC-SP, SESC – Troca de Ingressos e SESC. Todos com postagens divulgando programações, além de outras mais específicas, como oferta de ingressos para compra e venda. Ao final das análises, pôde-se afirmar que foi possível apresentar um breve panorama do perfil do aficionado pelo SESC, presente em grupos da rede social *Facebook*, e que percebem as relações de hospitalidade e acolhimento dos funcionários. A hipótese levantada no início do trabalho, a de que o público fã dos grupos online representaria o público frequentador prioritário da instituição SESC em São Paulo (o trabalhador do comércio, serviços e turismo, em sua maioria de baixa e média renda, ou seja, a base da pirâmide de Prahalad), foi refutada com os resultados da pesquisa socioeconômica. Os respondentes representaram um público de classe social de alto poder aquisitivo, dependente da família e jovem adulto, em sua maioria.

Palavras chave: Hospitalidade. Acolhimento. Centro cultural. Fã. Base da pirâmide.



PROJETO OBA! FÉRIAS! E O ACESSO DE CRIANÇAS AO TURISMO

Carolina Paes de Andrade; Vera Marisa de Souza Rodrigues.

pandradecarolina@gmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo, São Paulo, Brasil.

As atividades de Turismo Social do Sesc em São Paulo tiveram início com a inauguração, em 1948, do Centro de Férias Sesc Bertioga. Desde então, diversos projetos foram e vêm sendo desenvolvidos dentro do escopo do programa, seja no formato de passeios e excursões (turismo emissivo), de hospedagem ou ainda de atividades reflexivas sobre o turismo, sem a necessidade de deslocamento. Atualmente, 28 unidades operacionais do Sesc no Estado desenvolvem atividades de Turismo Social. Dentre os princípios que norteiam as ações propostas, está a democratização do acesso, que busca abranger, além do público prioritário da instituição (trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e seus familiares), outros segmentos da sociedade, como crianças, jovens, idosos e trabalhadores em geral. O projeto “Oba! Férias!” é proposto com o objetivo principal de promover uma maior participação das crianças nas atividades turísticas, propiciando a esse público o contato com conteúdos variados relacionados às linguagens artísticas, à ciência e tecnologia, à história e patrimônio e ao meio ambiente a partir da vivência de turismo social. Atividades voltadas para esse público já foram oferecidas, mas em 2017 ganharam força como projeto, com a definição de critérios para inscrição (condicionando à participação de uma criança) e de faixas de valores acessíveis. As atividades, que têm como foco o público de crianças, fundamentam-se no pressuposto do turismo como uma ação educativa; daí toda a preocupação na definição dos conteúdos e nos locais de visitação, tempo de duração, estratégias de mediação, entre outros aspectos, tendo sempre em vista o caráter lúdico, característico das atividades infantis. Em sua primeira edição após esta sistematização, realizada em julho de 2017, 26 unidades realizaram 38 atividades. Foram 31 passeios com um total de 968 participantes e sete atividades preparatórias e/ou reflexivas, as quais contaram com um público de 370 pessoas. No que diz respeito ao público dos passeios, a ocupação média das atividades foi de 97% (a média das atividades de Turismo Social é de 85%), sendo que 41% foi composto pelo perfil de público para o qual o projeto é direcionado e 68% dos participantes foram comerciários e seus dependentes. Além disso, o número de participantes que declarou frequentar pela primeira vez uma atividade do Turismo Social (cerca de 40% dos que responderam aos questionários de avaliação) pode ser um indicativo de que a adoção das faixas de preço mais acessíveis em relação aos valores normalmente praticados no âmbito do programa tenha sido um dos fatores de estímulo para a participação de famílias nos passeios propostos, ao lado do período durante o qual são realizadas as atividades, qual seja, as férias escolares. Tendo em vista o fato de que em 2016 cerca de 5% dos participantes nas atividades do Turismo Social emissivo (passeios e excursões) do Sesc em São Paulo foi constituído por crianças, concluímos que o objetivo do projeto — ampliar a participação desse público nas atividades do Turismo Social — foi atingido.

Palavras chave: Sesc. Turismo social. Crianças. Férias.



THE IMPACT OF FREE ADMISSION ON NATIONAL PARK ATTENDANCE IN CANADA

Marc LeBlanc

marc.leblanc@umoncton.ca

École de kinésiologie et de loisir, Université de Moncton, Moncton, New Brunswick, Canada

Canada celebrated its 150th anniversary in 2017. Many great events were organized to allow Canadians and tourists alike to celebrate. One of the Government of Canada's most significant actions was to allow free admission to its national parks and historic sites for all Canadians wishing to visit. The purpose of this paper is to review the impact of this free admission on national park attendance, in particular. The literature contains several studies (Herath, 2004; Chen et al., 2004; Willis, 2003; Mendes, 2002; Chase et al., 1998) which address the impact of fee structures in parks displaying the natural resources of a region or country in different areas of the world. We were however unable to find any studies dealing with an entire national park system offering free admission over a long period of time (i.e. one year). The national park network is made up of 39 parks spread out over the entire Canadian territory. To get a better understanding of the impact of free admission, we divided these parks into four categories based on visitation numbers: 13 parks attract fewer than 50,000 visitors per year (small); 7 attract from 50,001 to 200,000 visitors (medium); 11, from 200,001 to 500,000 (large); and 8, over 500,001 (huge). Once the 2017 official data will only be available in early 2018*, attendance was compared from 1996 to 2016. A 6% decrease is observed in the parks as a whole, with 14.5 million visitors in 2016 compared to 15.3 million in 1996 (Parks Canada Agency, 2017). Large parks experienced the greatest decrease (-10%) while huge parks saw an increase (7%). Over the past ten years (2006-2016), the number of visitors increased by 12% throughout the park system, with a 17% peak for small parks and a 14% peak for huge parks. The increase totaled 7% in 2015-2016, when 15% and 7% gains were experienced in medium and huge parks respectively. It should be noted that entry fees represent one of the national parks' ten sources of income (Eagles, 2002) and account for 50% of their (non-governmental) revenues. Parks Canada anticipated a 40 million dollar shortfall (-33%) because of this free admission initiative (Parks Canada Agency, 2017). The comparison of 2017 data (on free admission) with those of previous years will allow us to better understand the impact on park visitation while already acknowledging that some parks, according to preliminary figures, have experienced a 12% increase (Arsenault, 2017). For the time being, it would appear that the impact on client experience and park management is relatively minimal (Arsenault, 2017). An analysis of available data indicates that the larger parks are the most attractive, with annual increases or only slight decreases, compared to small or medium parks. * Note that this paper will be greatly enhanced with the 2017 data, which were not yet available at the time of submission.

Keywords: National Park. Free Admission. Tourism.



TURISMO E LAZER EM SÃO PAULO DURANTE O GOVERNO VARGAS

Senia Bastos

bсениab@terra.com.br

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, São Paulo, Brasil.

O delineamento da política de turismo no âmbito federal no Brasil se inicia no governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Inscrito no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a Divisão de Turismo compete um amplo espectro de atividades destinadas à organização, coordenação, regulação, controle e promoção do turismo no país. Subordinados ao DIP, e à sua semelhança, são criados departamentos estaduais e, no caso paulista, uma Divisão de Turismo e Divertimentos Públicos, objeto da presente análise, promove ações destinadas ao incremento das atividades turísticas e de lazer. Compete ao Estado a seleção e adequação de determinados territórios para o uso turístico. Nesse momento, ocorre centralização administrativa, intervencionismo, e durante o período 1937 a 1945, verifica-se a subtração de direitos políticos e se constata um modelo antiliberal de organização da sociedade. O turismo se coloca do ponto de vista econômico, como atividade promissora em razão da exuberância de nossas paisagens e hospitalidade do povo. Considerada uma construção cultural, a definição de um local como turístico demanda a constituição de um sistema de significados, reconhecidos pelos destinatários, que demonstram interesse na visitação. Essa seleção envolve escolhas e negociações que variam de acordo com a cultura e o tempo, ou seja, pode se alterar de uma localidade a outra ou se modificar no futuro, em virtude da alteração do sistema simbólico ou mudanças urbanísticas do período da visitação. Caracterizada como uma pesquisa qualitativa, o estudo apoia-se na análise de conteúdo dos periódicos *Folha da Manhã*, *Correio Paulistano* e *Jornal do Brasil* relativos ao período 1930-1950. A partir da perspectiva histórica, os resultados da análise apontam preocupações relativas à constituição de infraestrutura turística, notadamente, a construção de meios de hospedagem, abertura de restaurantes, criação e manutenção de estradas, potencialização da malha ferroviária, entre outras. Destacam-se ações no sentido de constituição de atrativos, por meio da realização de pesquisas sobre festas tradicionais, bem como a preocupação com a manutenção e preservação dos monumentos já reconhecidos. Promovem excursões viabilizadas tanto por meio da malha rodoviária, quanto da malha ferroviária, bem como por meio da articulação de ambas. O lazer dos moradores pobres também é problematizado, destacando-se a promoção de espetáculos circenses como atividade saudável, tanto para crianças, quanto para adultos. Tais iniciativas se inscrevem na política varguista, cujo discurso oficial apela ao sentimento patriótico, ou seja, conhecer e valorizar as destinações turísticas nacionais encontra-se afinado a esse propósito político. Acrescenta-se o fomento econômico que a atividade potencializa, quer atraindo nacionais, quer turistas americanos, sobretudo do sul do continente.

Palavras chave: História do turismo. Turismo. Departamento de Imprensa e Propaganda. Lazer. Hospitalidade.



TURISMO SOCIAL DO SESC NA ZONA SUL DE SÃO PAULO

Mayra Vergotti Ferrigno; Gabriela Santos Tibúrcio

mayra@sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo, São Paulo, Brasil

No Estado de São Paulo, o Sesc conta atualmente com 41 unidades operacionais que promovem atividades culturais, esportivas, na área da saúde e atividades em Turismo Social. Democratização do acesso ao turismo, operacionalização ética e incentivo ao protagonismo dos participantes são princípios que norteiam o Programa do Turismo Social do Sesc em São Paulo. Em 2017 foram realizadas 316 excursões com 10.450 inscritos e 343 passeios de um dia, com público de 10.700 pessoas. Foi realizada também uma série de atividades reflexivas acerca da atividade turística, como palestras e cursos, a fim de promover não apenas a educação pelo turismo (o que a vivência nos roteiros procura suscitar), mas a educação para o turismo: a preparação do turista, dos guias e o encontro entre pesquisadores da área. Na zona sul da cidade de São Paulo, dentre as unidades que operaram roteiros e atividades em turismo social, entre os anos de 2015 e 2017, destacamos as ações da unidade Interlagos para refletir sobre a atuação educativa do Sesc nessa região, dentro e no entorno do Polo de Ecoturismo da cidade de São Paulo. O Sesc Interlagos está implantado há mais de 40 anos na Zona Sul da cidade e desde a década de 1980 assume um papel de incentivo ao desenvolvimento local e à educação socioambiental. Inserido em região de vulnerabilidade social e ambiental, as diversas ações culturais e socioambientais compõem um processo socioeducativo junto aos moradores. Em Turismo Social realizou juntamente com outras unidades do Sesc diversos roteiros dentro da área que atualmente compõe o Polo de Ecoturismo da cidade. Entre os anos 2015 e 2017, ocorreram 53 passeios e excursões para a região operados pelas unidades do Estado, com cerca de 1.500 participantes; 36% desses roteiros foram realizados pelo Sesc Interlagos. Uma peculiaridade é que a maior parte do público do turismo social dessa unidade é constituída por moradores da região. Assim, o presente trabalho se pretende um relato de experiência do Programa de Turismo Social do Sesc no contexto da Zona Sul de São Paulo, a partir da construção de uma programação de turismo guiada pela sustentabilidade e pela valorização social local. Sítios, agências de ecoturismo, restaurantes e guias são exemplos de promotores do turismo na região, a partir de atrativos como cachoeiras, trilhas, casas de cultura, templos religiosos e aldeias indígenas. Migrantes de outras regiões do Brasil e antigos colonos alemães e japoneses também contam a história do local. Nesse rico cenário sociocultural ocorreram parcerias para a realização de roteiros, o que nos permite refletir sobre como os princípios do turismo social do Sesc, a atuação socioeducativa da unidade na comunidade e a diversidade cultural da região se combinam para o exercício de um turismo educativo e potencialmente comunitário.

Palavras chave: Turismo Social. Sesc. São Paulo. Zona Sul.



VISITOR PERCEPTIONS OF WINE FESTIVALS IN THE BREEDE VALLEY REGION

Shameelah Ismail; Kamilla Swart

ismailsh@cput.ac.za

Cape Peninsula University of Technology (CPUT), Cape Town, South Africa; American University in the Emirates (AUE), Dubai, United Arab Emirates

This study focused on visitor perceptions of wine festivals hosted in the Breede Valley region of the Western Cape Province, South Africa and used the Breedekloof Outdoor and Wine Festival as a case study. This event was selected owing to its popularity, magnitude and high attendance at the time. The Breede Valley region is situated in the Cape Winelands District near Cape Town. The event industry in the Breede Valley, more particularly wine festivals, are growing exponentially and has become increasingly competitive with several other well established wine festivals hosted in the Cape Winelands region. As a result, it became imperative for event organizers to distinguish their events from competitors and more specifically maintaining visitor loyalty by ensuring that visitors receive value for money. Evidently, understanding visitor perceptions is pivotal for future planning, management and sustainability of events. For the purpose of the study quantitative methods were used, specifically survey questionnaires. The questionnaire aimed to elicit visitor views and perceptions regarding the Festival. The survey was administered to 322 visitors to the Breedekloof Outdoor and Wine Festival 2013 on a face-to-face basis. The spatially based systematic sampling method was deployed and the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) was used as a tool to analyze the data collected. The results showed that the festival was mostly attended by White visitors from the Western Cape between the ages of 21-30 years. Most visitors that attended the Festival were in groups that comprised of friends. They became aware of the event by word-of-mouth thus emphasizing the importance of visitor satisfaction, as they will most likely spread the word if the experience was pleasant and vice versa. The results further demonstrated that most respondents were satisfied with the facilities and their experience at the Festival, rating it as either good or excellent. However, there were concerns to improve the planning and management of the event, enhancing current marketing strategies and increasing the entertainment and activities for visitors. The study concludes that the hosting of events lures visitors to a destination, thus contributing positively towards the economy of a region. Ensuring visitor needs are met and that they receive value for money should be a priority for event organizers to ensure return visits. The hosting of wine festivals may be an attempt to boost wine sales and promote a destination but understanding visitor perceptions are equally important to ensure the success and sustainability of events.

Keywords: Festival. Visitor. Perception.



TEMA 12
**LAZER PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
E COMUNITÁRIO**
**LEISURE FOR SOCIAL AND COMMUNITY
DEVELOPMENT**
**OCIO PARA EL DESARROLLO SOCIAL Y
COMUNITARIO**



A BRINCADEIRA DE RODA DAS “MENINAS DE SINHÁ”

Raquel de Magalhães Borges; Cristiane M. D. Brito

raquel.borges@ufff.edu.br

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil / Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Esta pesquisa analisa a potência da brincadeira de roda como lazer. O lazer enquanto uma linguagem inserida em uma dimensão da cultura capaz de provocar emoções, reconectar sensibilidades e propiciar aprendizagens, dando maior significação à vida de mulheres idosas, negras e de baixa renda, pertencentes ao grupo “Meninas de Sinhá”. Originário de uma região periférica da cidade de Belo Horizonte, tal grupo surgiu da necessidade destas mulheres processarem sentimentos de tristeza diagnosticados como depressão e, conseqüentemente, com ingestão de medicamentos psiquiátricos. O tratamento medicamentoso não significou melhora na vida cotidiana dessas mulheres, então o grupo foi formado com intuito inicial de diminuição medicamentosa. O ponto de partida do grupo foi a brincadeira que constituiu a memória positiva de infância destas mulheres. Com o crescimento qualitativo do grupo, formado há duas décadas, essas mulheres apresentam cantos e danças originários de suas infâncias e/ou com criações próprias do grupo em diversos eventos locais, regionais e internacionais. Um olhar sobre o processo de passagem das integrantes do grupo da condição de adoecimento para a condição de artistas revelou a importância da brincadeira de roda para que essas mulheres construíssem vínculos de identidade coletiva e, conseqüentemente, transformação na maneira de viver uma determinada realidade social. Pesquisas realizadas com o grupo, com análise de vídeos produzidos e disponibilizados no *Youtube* e por meio da observação participante entre os anos de 2015 e 2017 possibilitaram identificar cada uma das etapas da passagem, conforme definidas pelo antropólogo Van Gennep: ritos preliminares / ritos de separação do mundo anterior; ritos liminares / ritos durante o estágio de margem; e ritos pós-liminares / ritos de agregação ao novo mundo. Destacamos a preliminaridade marcada por um corpo fragmentado, dolorido e que expressava a falta de desejo, um estado de anestesia, como denominado pelas pesquisadoras Caldeira e Moreira (2014). A inexistência do lazer e do autocuidado foi justificada por algumas barreiras, como as sexistas. A liminaridade foi percebida quando a brincadeira de roda foi entrelaçada na vida cotidiana como vivência significativa e capaz de gerar um estado de redescoberta do corpo em sua expressividade. A pós-liminaridade, marcada pela vida de artistas, revelou um corpo disponível para cantar, dançar e se expor em público. Assim, o lazer, enquanto uma necessidade humana (GOMES, 2012), passou a ser fundamental para essas mulheres. O grupo mobilizou convivências afetivas, novas possibilidades de vida potencializadas pela fruição da brincadeira e de criações artísticas dessas mulheres. A brincadeira de roda e seu desenvolvimento como prática artística comunitária, além de ter contribuído para a saúde, constituiu-se como uma necessidade social específica para fruição da experiência do lazer e convivência afetiva.

Palavras chave: Brincadeira de Roda. Meninas de Sinhá. Lazer.



COPA INTEGRAÇÃO DOS REFUGIADOS

Denise Orlandi Collus; Airton Magalhães de Oliveira; Ricardo Silvestre.

denisec@sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – SESC, São Paulo, São Paulo, Brasil.

O Sesc São Paulo realiza ações de integração voltadas a refugiados e solicitantes de refúgio desde 1995, fruto de um convênio entre o SESC, o SENAC, a Caritas Arquidiocesana de São Paulo e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR. Dentre as ações desenvolvidas e apoiadas pelo SESC São Paulo, destacamos a *Copa Integração dos Refugiados*, em parceria com a organização não governamental África do Coração, constituída inteiramente por refugiados e solicitantes de refúgio que vivem em São Paulo. A Copa teve início em 2014 e tem o objetivo de aproximar os participantes para a realização de ações que buscam dar visibilidade à causa do refúgio e promover a integração entre pessoas de diferentes países, culturas e valores. A Copa tem apoio do Alto Comissariado da ONU para Refugiados – ACNUR e da Caritas Arquidiocesana de São Paulo, além das parcerias com a Prefeitura de São Paulo e demais instituições públicas e privadas. O apoio do SESC São Paulo neste evento, que já está na sua 4ª edição, está na promoção de atividades que contemplem mulheres, idosos e crianças atendidas em casas de acolhimento e neste evento, onde o futebol é a atividade principal e a participação majoritariamente é do público adulto masculino. Em cada atividade, a unidade operacional do SESC São Paulo que participa do evento desenvolve uma logística especial para o atendimento de famílias de refugiados que incluem desde o transporte, a alimentação e atividades culturais e esportivas que vão de encontro com seus interesses e faixas etárias. O apoio à realização da *Copa Integração dos Refugiados* é supervisionado pela equipe de assistentes do Núcleo de Direitos Humanos da Gerência de Programas e Estudos Sociais – GEPROS. São também responsabilidade desta gerência os Programas: Infância e Juventudes, Trabalho Social com Idosos e Diversidade Cultural. A cada ano, a *Copa Integração dos Refugiados* reúne refugiados e solicitantes de refúgio de diferentes países para participar de uma série de jogos amistosos de futebol em campos semiprofissionais e profissionais na cidade de São Paulo. Quanto ao SESC São Paulo, fica responsável em organizar atividades de lazer e de esporte especialmente desenvolvidas para famílias de refugiados, atendidas em casas de acolhimento. O objetivo principal é ampliar o repertório sociocultural deste grupo, que em seu dia a dia encontra barreiras no acesso a equipamentos culturais, barreiras estas de caráter religioso, cultural e econômico. A organização de atividades de lazer, sejam elas na área de esporte, cultura, valorização social, entre outras, aproxima essas famílias de refugiados nas ações oferecidas pelo SESC a todos os brasileiros, uma vez que toda a pessoa ou família que solicita refúgio no Estado de São Paulo é beneficiada pela Matrícula de Interesse Social – MIS, como mais um incentivo à criação de novos vínculos com as cidades que habitam e seus habitantes.

Palavras chave: Lazer. Integração. Refúgio.



EXPLORING WOMEN'S LEISURE EXPERIENCES THROUGH PHOTOVOICE: A COSTA RICAN PROJECT

Susana Juniu; Carmen Grace Salazar Salas

junius@montclair.edu

Montclair State University, Universidad de Costa Rica.

Introduction - This work-in-progress investigates, through Photovoice, the leisure experiences of a group of women as well as the contextual factors that facilitate or inhibit their recreational participation. Four social vulnerable communities from the outskirts of San Jose Costa Rica based on the National Development Plan 2015-2018 ranking districts with higher unfulfilled basic needs (Costa Rica, Ministry of National Planning and Economic Policies, 2014) have been selected for this project. Lack of facilities and poor maintenance of the existing ones, as well as the urban conditions are some of the factors that contribute to low participation in physical activity. According to Sallis (2009), the practice of leisure time physical activity depends on how friendly is the space design. Chriqui et al. (2016) suggest an association between zone codes and behaviors related to active recreation. This investigation uses Photovoice, a Community-Based Participatory Research (CBPR) methodology, to conceptualize the participants' experiences as an alternative way to document their surroundings and circumstances and to empower these women to express their concerns. This methodology gives the participant a voice through images, creating new opportunities to reflect on and to represent relevant community issues in a creative, critical, and personal way. It is based on a number of theories and practices of understanding the world including: documentary photography, public health promotion, grassroots social action, feminist theory, and Paulo Freire's theory of critical consciousness (Wang, 1999). This presentation also examines this methodology as an approach to foster social justice through community participation in the decision making process. **Methodology** - The recruitment began in June-July 2017 by contacting a community leader and explaining the purpose of the project to help the investigators locate participants. Prior to data collection, the participants will attend a 90-minute orientation that includes a description of the project, presentation on recreation related concepts, introduction to the technique of Photovoice, and the ethics regarding photographing people. At the end of the first session, participants are asked to take photographs during two weeks and choose 15 images that best represents their experiences. Along with the photographs, the women include a paragraph explaining what each photograph represents. The images including individual reflections will be collected. The focus-group discussion follows a 3-stage process: (a) selecting the photographs, (b) contextualizing the photos during interview / group sessions, and (c) codifying the issues and themes (Wang, 1999). The women analyze the photos by answering the following questions (Wang, Burris, and Xiang, 1996): (a) What do you see here? (b) What is really going on? (c) How does this affect your lives? (d) Why does this strength or weakness exist? and (e) What can we do about it? The participants work in groups and categorized the photos. The investigators facilitate this process by analyzing the narratives and the words the participants use to identify common themes in their stories and by using the constant comparative method (Glaser & Strauss, 1967). The words of the participants' descriptions that best depict the meanings of the stories will be used to name the themes.

Key words: Photovoice. Women. Urban Setting. Empowerment. Photo documentary.



FESTIVAL COMUNIDADE LÚDICA: O LAZER NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Andresa de Souza Ugaya; Denise Aparecida Corrêa

ugaya@fc.unesp.br

Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Bauru, São Paulo, Brasil

O lazer é considerado um elemento primordial na formação do sujeito, no entanto, em um mundo em que o trabalho se tornou a atividade humana mais importante para a sobrevivência, este tem sido marginalizado e negligenciado nas políticas públicas do nosso país. Buscando contribuir para diminuir esta lacuna, a Unesp Bauru, por meio do curso de Educação Física, promove desde o ano de 2013 o “Festival Comunidade Lúdica”. Esta iniciativa ocorreu quando duas professoras do curso se depararam com a necessidade de atribuir atividades avaliativas para as disciplinas de práticas formativas sob suas responsabilidades. Assim, depois de algumas conversas, surgiu a ideia de ofertar aos/às estudantes uma proposta de organização e execução de um evento de lazer voltado à comunidade que reunisse os conhecimentos tratados nas disciplinas jogos, atividades lúdicas e lazer e atividades rítmicas, ambas vinculadas às práticas formativas. A preparação do festival divide-se em dois momentos: o primeiro, que está relacionado a toda a sua organização inicial, sendo esta feita pelos/as estudantes do terceiro termo do período integral e noturno divididos/as em comissões com tarefas predefinidas. Nesse primeiro momento, é orientado às turmas que definam um tema para o evento e que as atividades sugeridas abarquem diferentes conteúdos do lazer e que atendam às várias faixas etárias. O segundo momento é a realização do evento em si e envolve: organização e decoração do espaço; recepção do público; execução das atividades planejadas; elaboração e entrega de lanches e lembrança do evento, bem como a resolução de contratempos que surjam no decorrer do mesmo. As docentes coordenam os/as estudantes na realização das tarefas ao longo de todo o processo, e também são responsáveis pela documentação necessária para o estabelecimento de parcerias, solicitação de apoio, espaço, divulgação nos meios de comunicação etc. As duas primeiras edições do festival foram realizadas na Praça de Esportes do Departamento de Educação Física da Unesp Bauru, no ano de 2013 e 2014. A terceira aconteceu nas dependências do Serviço Social da Indústria e as duas últimas no Centro Social Urbano (CSU) do Jardim Bela Vista. Essa mudança de local se deu pelo fato do campus da Unesp ser de difícil acesso para a maior parte da população da cidade, visto que ele se localiza perto de duas rodovias e o transporte público no domingo, dia de realização do festival, fica bastante reduzido. Dentre as dificuldades encontradas estão: maior participação do público externo; envolvimento dos/as estudantes no cumprimento das tarefas nas respectivas comissões e a administração do tempo entre a organização e realização do festival. Após a realização do festival, os/as estudantes de cada período se reúnem em suas comissões e fazem uma avaliação do processo de organização e execução, posteriormente, faz-se uma roda de diálogo em que as percepções são compartilhadas, momento no qual as docentes também fazem suas considerações. Nestes cinco anos de Festival Comunidade Lúdica, o aprendizado tem sido profícuo e o fortalecimento da promoção do lazer na cidade tem ganhado visibilidade.

Palavras chave: Lazer. Educação Física. Formação inicial. Comunidade.



INTERVENÇÕES NO CAMPO DO LAZER ACIMA DA LINHA DO EQUADOR

Aldevan Reis Dias; Karina Straiotto; Ítalo Gomes.

aldevanreis@sescrr.com.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, Boa Vista, Roraima. Brasil.

O Serviço Social do Comércio (Sesc) é instituição privada, mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo, com atuação nacional, voltada prioritariamente para o bem-estar social dos comerciários e seus dependentes, porém aberto à comunidade em geral. Atua nas áreas da Educação, Saúde, Lazer, Cultura e Assistência. Criado em 1946, no dia 13 de setembro, pelo Decreto-Lei nº 9.853. A sede do Departamento Nacional do Sesc está localizada na cidade do Rio de Janeiro. Roraima é uma das vinte e sete unidades federativas do Brasil. Está situado na Região Norte do país, sendo o estado mais setentrional (ao norte) da federação. Boa Vista e todas as sedes dos municípios do estado estão localizadas acima da linha do equador (no hemisfério norte). As atividades de recreação no Sesc consistem em ações destinadas ao entretenimento dos clientes por meio de práticas lúdicas, com ênfase em conteúdos socioculturais, educativos e multidisciplinares. O Projeto da Unidade Móvel de Lazer SESC visa à democratização do lazer em formato itinerante, no estado de Roraima, oportunizando às pessoas vivências e experiências que levem a novas descobertas relacionadas ao crescimento e ao desenvolvimento pessoal. Durante o ano de 2017, a unidade móvel de lazer do SESC atuou em mais de cinco municípios do estado de Roraima, sendo eles: Amajari, Boa Vista, Iracema, Rorainópolis e São João da Baliza. Esta pesquisa trata-se de um relato de experiência dos projetos e ações no campo da recreação efetivados pelo SESC em Roraima. A sustentação teórica do projeto vem dos estudos e pesquisas realizados ao longo dos últimos anos sobre a Teoria das Inteligências Múltiplas, do professor Howard Gardner, que se adequa aos propósitos da Atividade Recreação, em especial no que diz respeito à questão da educação pelo lazer e para o lazer. O elemento de ligação entre o Projeto e a teoria das Inteligências Múltiplas é o propósito de educar através do lazer. Isso significa que o Projeto é um instrumento de aprendizagem não formal. O Sesc, Departamento Regional de Roraima, fomentou durante todo o ano de 2017 atividades, ações, projetos locais e do Departamento Nacional Sesc com objetivo de fomentar o lazer comunitário de âmbito coletivo em todo o estado, desta forma democratizando a prática da recreação no estado de Roraima. Vale destacar que todas as atuações contemplaram parceria junto a Instituições de Ensino, dos cursos de Educação Física, Pedagogia, História, Enfermagem, Odontologia etc, possibilitando, assim, uma maior vivência teórico-prática destes futuros profissionais, ao mesmo tempo em que se ampliou o fomento da recreação no estado de Roraima. Foram pontos positivos das atividades itinerantes do lazer comunitário as parcerias com instituições sociais e de saúde, o que garantiu uma maior oferta além do recrear gerando um alcance global junto a famílias em situação de vulnerabilidade social. Com este formato, o Serviço Social do Comércio-SESC garantiu o fomento e a democratização do lazer com qualidade para todas as classes sociais, no estado de Roraima, residentes acima da linha do equador.

Palavras chave: Lazer Comunitário. Itinerante. Democratização.



JOGOS TRADICIONAIS NA IDENTIDADE DOS POVOS TRADICIONAIS DA REGIÃO SUDESTE

Daniel Cobra Silva

daniel.cobra.silva@usp.br

Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo – EEFÉ/USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

Os jogos tradicionais são as mais genuínas práticas corporais esportivas que os povos tradicionais realizam desde antes da colonização. Por meio dos jogos, conseguem expressar sua cultura e manter vivas tradições e corporeidade. Além de se manterem como práticas culturais, lúdicas e esportivas, os jogos tradicionais habitam também o campo da resistência cultural e política. Marcar presença no mundo mercantilista, capitalista e ocidentalizado no qual estão inseridas não é tarefa fácil para as comunidades tradicionais, que têm seus direitos e interesses atacados e relegados. Diversos elementos da sociedade contemporânea agem no sentido de reprimir os direitos dos povos originários, que sofrem com a perda de suas terras, instrumentos, tradições e identidade. É nesse cenário que os jogos tradicionais se destacam, possibilitando que se resgate, crie e mantenha o senso de pertencimento das comunidades, possibilitando a perpetuação de suas culturas. A pesquisa visa entender a relação que os jogos das comunidades tradicionais têm com a criação, resgate, ressignificação e manutenção de um sentimento de pertencimento dos integrantes da comunidade para com suas culturas. Em uma perspectiva internacional, encontramos associação dos jogos tradicionais com saúde social (cf. JAOUEN; BURGUÉS; DE LA VILLA PORRAS, 2010), socialização, prazer e identidade cultural (ARTOLA, 2005), modo de vida e produção das comunidades tradicionais (NING, 1996) e educação (VALENZUELA; LÓPEZ, 2008). No panorama americano, Gálvez e Cifuentes (2014) fazem um delineamento do tema e colocam a importância de se pensar a cultura corporal contextualizada e ambientada na ancestralidade do local; Martínez Perdomo (2015) define e diferencia os termos tradicional e autóctone; Vinha (2011) constrói o envolvimento sociocultural do qual os jogos tradicionais fazem parte; Padilla (2015) nos conta da importância da afirmação cultural que os jogos tradicionais representam; Fassheber (2006) e Barata (2007) relacionam os jogos tradicionais às identidades dos povos. A pesquisa tem caráter qualitativo (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009) de inspiração etnográfica para coleta de dados, observação e descrição do fenômeno, utilizando procedimentos como registro em diário de campo, observação in loco, registro de imagens e entrevistas, valendo-se também do método fenomenológico (MOREIRA, 2004) para elencar e descrever categorias de análise. A pesquisa se alicerça nos métodos de raciocínio indutivo e descritivo da pesquisa filosófica (THOMAS; NELSON, 2002). Neste sentido, busca uma metodologia que procura compreender a importância e o significado dos jogos tradicionais na identidade das comunidades. Tem por objetivos investigar a relação dos jogos tradicionais com a criação, o resgate, a ressignificação e a manutenção da identidade das comunidades tradicionais do Sudeste, tendo como referência o Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra, Paraty e Ubatuba; observar e descrever como as relações entre os jogos, o corpo, o ambiente, os indivíduos, o espaço e a identidade dos povos tradicionais influenciam no seu reconhecimento político, territorial e cultural; investigar se há inter-relações entre as comunidades quilombolas, indígenas e caiçaras da região delimitada, e como essas relações se apresentam em suas práticas corporais; situar os jogos tradicionais no âmbito esportivo nacional e pontuar relações com a atividade física e lazer.

Palavras chave: Jogos tradicionais. Jogos autóctones. Identidade. Comunidades tradicionais. Cultura.



JOVENS MONITORES EM ESPORTE: LAZER E PROJETOS DE VIDA

Carlos Henrique Costa; Regiany Maciel Pereira

carloshc83@yahoo.com.br

Fundação Julita, São Paulo, São Paulo, Brasil

A Fundação Julita é uma organização social sem fins lucrativos que atua há 65 anos no Jardim São Luís, região com uma população de aproximadamente 260 mil habitantes, um dos locais mais populosos (densidade demográfica de 95,94 pop/ha), carentes (47 mil pessoas vivendo em favelas) e violentos da cidade de São Paulo. Seus moradores estão em setores censitários de alta ou muito alta vulnerabilidade social. A região conta com poucas áreas destinadas ao lazer, recreação e prática esportiva, sendo que a maioria é direcionada apenas para a prática majoritária do futebol, que, por sua vez, privilegia a participação de meninos e homens, deixando as meninas e mulheres com pouca oportunidade. Em 2012 a Fundação iniciou o Projeto *Jovens Monitores em Esportes*, com o objetivo de: desenvolver o senso comunitário, por meio de ações de lazer; estimular o protagonismo juvenil; incentivar os jovens para a criação de um plano de vida alinhado a metas educacionais direcionadas ao estudo superior em Educação Física ou áreas correlacionadas. A cada ano, 30 jovens com idade entre 15 e 24 anos passam por uma formação de 20 horas semanais, com aproximação a teorias e práticas da Educação Física e Esportes, tais como: diferentes manifestações da Cultura Corporal de Movimento, Jogos Cooperativos, Esporte Educacional e Lazer, Recreação e Saúde. Paralelamente passam por oficinas de desenvolvimento pessoal, Educomunicação, Línguas Estrangeiras, além de maior entendimento da atuação do profissional de Educação Física. Esse grupo de jovens participa como monitores em atividades diversas junto aos educadores da entidade e o ponto alto acontece nos meses de julho e dezembro, quando protagonizam as Colônias de Férias. A cada edição esse grupo, junto ao educador responsável, concebe, planeja, executa e avalia uma programação de duas semanas de atividades recreativas para as crianças atendidas pelos demais programas da Fundação Julita. Tornam-se multiplicadores de práticas plurais, já que entre as atividades se encontram diversas práticas esportivas, lutas, elementos circenses, danças, brincadeiras, jogos, princípios e valores como Inclusão de Todos, Construção Coletiva, Respeito à Diversidade, Educação Integral e Autonomia. Transformam-se em referências para as crianças que são suas vizinhas, parentes, amigos. Interação com as crianças e experimentam elementos de um ofício, contribuindo para a reflexão e planejamento de seus projetos de vida. O projeto já atendeu mais de 150 jovens. Destes, 23 ingressaram no ensino superior, sendo 16 em Educação Física, quatro retornaram para a Fundação como educadores. O número é muito acima da média do território, mas ainda baixo em relação às nossas expectativas. Identificamos que a barreira socioeconômica impede que muitos jovens egressos do projeto não ingressem e/ou se mantenham no ensino superior pela necessidade de complementar, de imediato, a renda de suas famílias. Em 2017, conseguimos uma parceria que viabilizará o ingresso de 10 jovens no curso superior em Educação Física no ano de 2018. Este grupo continuará em formação na Fundação, receberá uma bolsa auxílio e cumprirá uma contrapartida de 20 horas semanais na entidade, auxiliando de diversas maneiras os programas, desenvolvendo pesquisas e intervenções.

Palavras chave: Jovens. Projeto de vida. Pluralidade de práticas.



LA EXPERIENCIA DE OCIO EN CÁRCEL FEMENINA EN URUGUAY

Luciana Di Lorenzo; María Victoria Fuentes

vickyfuentes.uy@gmail.com

Universidad Católica de Uruguay – Montevideo - Uruguay

La investigación intenta brindar aportes que colaboren en la construcción de conocimientos en el ámbito del ocio y tiempo libre, particularmente en el contexto carcelario uruguayo y su vínculo con la rehabilitación. Se considera que la dimensión del derecho al ocio, en pro de una sociedad más justa y equitativa, demanda estudios que consideren esta situación de vulnerabilidad a fin de lograr un cambio significativo. Este trabajo es un estudio de caso, de carácter exploratorio y con una metodología cualitativa. Se realizó a partir de entrevistas con agentes penitenciarios e internas de la Unidad N°5 - Femenino, cárcel que aloja a casi la totalidad de las mujeres privadas de libertad. Se reflexionó acerca de un tema poco estudiado y muy sensible en Uruguay, incorporando la dimensión de la experiencia de ocio en la rehabilitación de mujeres que cumplen su pena. Desde el supuesto social que propone el ocio como componente negativo de la rutina cotidiana, este trabajo intentó responder a la pregunta: ¿cuál es la valoración de la experiencia de ocio desde la mirada institucional, enfocada en la rehabilitación de las mujeres privadas de libertad? Estableciéndose diferentes objetivos específicos como la descripción de los espacios y actividades recreativas ofrecidos por la institución; el análisis del sentido que le adjudican los discursos al ocio y al papel que desempeñan los espacios y actividades recreativas en la rehabilitación de las internas; y la identificación del tipo de experiencia de ocio promovida por la institución a través de los espacios y actividades propuestas. Para ello se determinó un marco teórico enfocado desde conceptos como privación de libertad; género; tiempo libre, ocio como derecho, desarrollo humano y necesidad; actividades y espacios de ocio. Basándose particularmente en autores como Cuenca (2000 y 2014), Munné (2004), Max Neef (1998), Osorio (2001), Dumazedier (1962), documentos y leyes nacionales e internacionales acerca de población carcelaria, entre otros. Posteriormente desde los discursos ofrecidos por diferentes agentes involucrados en la rehabilitación, se realizó un análisis para describir, identificar y estudiar los distintos aspectos que refieren al ocio y tiempo libre desde la mirada de la rehabilitación de dichas mujeres. Como conclusiones principales se confirma el supuesto del ocio asociado al concepto de ociosidad. Se determina que las actividades y espacios de ocio existentes para la mejora de la rehabilitación son insuficientes. Además en esta cárcel no se valora la importancia que puede tener el ocio como factor de relevancia en la rehabilitación. Por último al ser el ocio un potenciador y promotor del desarrollo humano, se considera relevante ejecutar prácticas que contemplen este derecho humano ayudando a la transformación del contexto estudiado.

Palabras clave: Mujeres. Ocio. Tiempo Libre. Cárcel. Rehabilitación.



LAZER E DESENVOLVIMENTO NO RVS METRÓPOLE DA AMAZÔNIA – PA

Leonard J. Grala Barbosa; Laísse Palheta; Mirleide Char Bahia

leograla@gmail.com

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, Universidade Federal do Pará – UFPA,
Belém, Pará, Brasil

O processo de urbanização e o crescimento desordenado das cidades acarretam problemas que interferem na qualidade de vida da sociedade, dentre os quais a redução de áreas verdes e degradação ambiental. A percepção deste tipo de problema aumenta o interesse pelo convívio com a natureza. Deste cenário, advém a importância de estudos sobre lazer em áreas verdes remanescentes e áreas naturais protegidas, especialmente as Unidades de Conservação (UC). Para tanto, deve haver planejamento e gestão do uso público, atividades de lazer e turismo que considerem os atores locais, a partir do Ecoturismo e o Turismo de Base Comunitária, tendo por base as discussões apresentadas por Bartholo et al (2009). Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise das possibilidades de turismo e lazer, a partir do diagnóstico, já realizado, da situação atual do uso público do Refúgio de Vida Silvestre Metrópole da Amazônia (REVIS). Esta UC localizada na Região Metropolitana de Belém (RMB) passa por processo de consolidação, através da elaboração de seu Plano de Gestão, o que indica a necessidade de apontar oportunidades e fragilidades na Unidade para contribuir no planejamento e gestão turística em consonância com o desenvolvimento local. A UC está inserida em um contexto de urbanização complexo, que inclui comunidades tradicionais em seu interior e entorno, por isso, é necessário considerar estratégias que contemplem os diferentes atores, com demandas e interesses distintos, por vezes conflitantes. Dentro das estratégias propostas pelo Órgão Gestor – Instituto de Desenvolvimento Florestal da Biodiversidade IDEFLOR-Bio, há a necessidade de considerar particularidades locais, o que pressupõe a adoção de ações que contemplem as nuances do turismo propostas pelo órgão, demandas de quatro prefeituras e a realidade engendrada pelas comunidades residentes, que poderiam ser empoderadas com o Turismo de Base Comunitária. Como suporte metodológico, foram realizados levantamentos sobre dinâmicas de socialização da preservação natural e histórica, bem como sobre o TBC como possibilidade de gestão local, com o manejo comunitário dos recursos. Além disso, entrevistas com gestores e comunitários e observações in loco também subsidiaram a análise apresentada. Esta abordagem é relevante para se entender o lugar ocupado pelas populações locais nos planos de desenvolvimento regional, que a despeito do histórico de propostas, que ignoram atores locais no plano socioeconômico e cultural das estratégias, seguem em franca expansão. Como resultado do trabalho, são apresentadas algumas iniciativas em curso, bem como propostas para o uso público e o desenvolvimento local obtidas a partir do diálogo com as comunidades.

Palavras chave: Uso público. Desenvolvimento local. Unidades de Conservação.



LAZER E FÉRIAS DE PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO

Janáina Carrasco Castilho; Rosana Fernandes Santos; Maria Aparecida Cunha Malagrino

janacarrasco@yahoo.com.br

Pontifícia Universidade Católica – PUC, Campinas, São Paulo, Brasil / Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo – EACH-USP, São Paulo, São Paulo, Brasil / Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, São Paulo, Brasil

A educação aparece no discurso de diferentes agentes sociais como o caminho possível para a resolução dos problemas da sociedade. Em decorrência dessa postura, a profissão docente tem se tornado mais complexa, exigente e desgastante. Exige-se dos professores disposição plena, formação especializada e multicultural. No entanto, apesar de aumentarem as exigências quanto à formação profissional e humana, devido à diversidade social e os avanços tecnológicos, constata-se que as condições reais de trabalho dos professores da rede pública nos níveis fundamentais de ensino são inversamente proporcionais ao exigido. Um número significativo de professores se percebe afetado por pressões econômicas locais e globais, pela política e, mais recentemente, pelas ameaças de reorganização dos espaços escolares e dos currículos aplicados em sala de aula. Diante de tal realidade, o exercício da profissão passa a ser sentido no cotidiano como uma tarefa desgastante, considerada responsável por prejuízos à saúde física e emocional. De tal modo, o trabalho na educação começa a se caracterizar também como uma obrigação, o profissional aguarda continuamente a chegada do final de semana, do feriado, do recesso escolar, das férias e da aposentadoria, numa contínua espera por um tempo de liberdade. Assim, indagamos se esse lazer existe e em que medida pode contribuir ou não para a potencialização do seu desenvolvimento pessoal e profissional. Trata-se de estudo exploratório com abordagem qualitativa, com enfoque bibliográfico e de campo. A partir do referencial teórico sobre a temática do Lazer e Trabalho, realizou-se a pesquisa de campo para investigar as férias dos professores e a relação entre o tempo livre e o lazer. Foi entrevistado um grupo de professores no bairro de Ermelino Matarazzo. A partir dos dados analisados, foi possível contextualizar uma realidade de esgotamento físico e mental, de sensação de atuação como mão-de-obra numa produção em larga escala. Esses professores, ao término do ano letivo, se percebem com sensações de cansaço e esgotamento identificadas até pela aparência física. Relatam que as férias servem como uma motivação para continuar; elas geram expectativas quanto à espera e a projeção por um tempo futuro permeado por emoções positivas. A intenção fundamental e imediata, segundo os relatos, é em relação ao descanso, a busca pela reposição de energia e pelo equilíbrio. Observou-se que, para as mulheres, o tempo das férias é utilizado para o cumprimento de obrigações domésticas e familiares acumuladas no decorrer do ano, é também o momento possível para a organização da vida pessoal. Quanto às possibilidades de lazer coletivo promovidas aos professores por sindicatos e associações, atualmente, embora haja a institucionalização dos sindicatos, estes não visam articulação política nas propostas de lazer, pelo contrário, também priorizam a arrecadação financeira, inclusive dificultando o acesso dos trabalhadores aos equipamentos de lazer existentes.

Palavras chave: Direito. Docente. Lazer.



LAZER E HUMANIZAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA COM REFUGIADOS NA DINAMARCA

Adeline Borini Gargioni; Denise Aparecida Correa

adeline_bg@yahoo.com.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, Bauru, São Paulo, Brasil / Departamento de Educação Física – DEF, Universidade Estadual Paulista – Unesp, Bauru, São Paulo, Brasil

O presente artigo relata a experiência advinda do projeto “Semana com Refugiados”, como parte do programa de intercâmbio na Gymnastikhøjskolen i Ollerup, na Dinamarca, promovido pelo Serviço Social do Comércio (SESC/São Paulo) em parceria com a International Sport and Culture Association (ISCA). O referido projeto foi organizado e executado por 40 estudantes internacionais da Gymnastikhøjskolen, cujo foco foi proporcionar atividade física aos refugiados advindos de países como Afeganistão, Irã, Iraque, Síria e que estão abrigados em dois Asilos na Dinamarca, um na cidade de Ollerup, que atende exclusivamente homens a partir 14 anos, e outro em Nyborg, que atende famílias: homens, mulheres, crianças e idosos. O objetivo do presente relato é descrever e refletir acerca das vivências lúdicas compartilhadas com os refugiados do Asilo de Nyborg, na perspectiva da educação pelo lazer. Para tal foram realizados registros dos acontecimentos no formato de diários de campo, dos quais foram destacados aspectos significativos agrupados em dois momentos: planejamento e desenvolvimento das ações. No tocante ao primeiro, destacamos o desafio de planejar ações para uma comunidade cujo objetivo primário é estabilizar traumas, uma vez que alguns refugiados chegam sozinhos, a pé, cheios de tensão muscular, desnutridos e com o emocional em estado de alerta constante, dado que atividades rotineiras, como sair à rua para o trabalho ou para a escola, são uma tensão constante, além de outras manifestações, consequência de estresses pós-traumáticos, de vestígios de guerra e/ou da viagem de fuga. Diante desse cenário, o trabalho pautado em vivências lúdicas, de expressão corporal, danças e jogos de confiança, visou possibilitar integração comunitária, estabelecer e/ou fortalecer os vínculos de confiança entre os próprios refugiados e entre eles e a equipe. Decisão acertada, pois obtivemos aproximadamente 200 participantes divididos entre os dois dias, totalizando 12 horas de atividades. Quanto ao desenvolvimento das ações, percebemos a relevância das vivências lúdicas, não apenas para as crianças, que se entregavam com mais espontaneidade à experiência, mas especialmente para os adultos, os quais foram aderindo gradativamente às atividades, criando laços que se estendem para além da vivência em si, como observado em uma situação em que uma família convidou um estudante para conhecer sua casa e lanchar com sua família. Outro momento de conagração foi observado na vivência da dança circular, cuja roda composta por crianças, adolescentes, homens e mulheres, juntos de mãos dadas, marcou o fechamento das vivências, pois a separação em grupos por faixa etária e de gênero é uma constante. No tocante a este último aspecto, observamos a segregação marcada pelas diferenças culturais de gênero, manifestada pelas crianças que se mostraram resistentes em brincarem juntos, meninos e meninas. Assim como pelas mulheres adultas, cuja participação em uma vivência de dança foi realizada em uma sala fechada, e ao se certificarem não estarem sendo observadas, se permitiram tirar o hijab. A partir destas reflexões, lançamos aspectos significativos da experiência educativa com pessoas na condição de refugiados, cujo potencial das vivências lúdicas em ações comunitárias se tornam condição para a educação pelo lazer na perspectiva da humanização.

Palavras chave: Lazer. Refugiados. Ação comunitária.



MODELO DE CONVIVENCIA DE CAMPAMENTOS RECREATIVOS - SNDIF

Sergio Román García Rojas; Lizeth Cervantes Fontes; María Luisa Hernández Hidalgo; Julio Cesar García Oregón

difcamp@hotmail.com

Sistema Nacional para el Desarrollo Integral de la Familia, Secretaria de Salud, Mexico

En 1975 el gobierno Mexicano crea el departamento del Campamentos Recreativos el cual tenía bajo su responsabilidad el “Modelo Recreativo al Aire Libre” destinado a la niñez campesina de 8 a 12 años teniendo como objetivo mejorar su carácter y personalidad a través de actividades recreativas, deportivas, artísticas, físicas y socioculturales. Así mismo en el Modelo se hará referencia a los Programas enfocados en la teoría del Ocio Humanista (Cuenca, 2004), para promover experiencias positivas de los grupos a quienes se atiende. Lo anterior para cumplir un doble propósito: contribuir a la adopción de la teoría del Ocio Humanista por parte de los Coordinadores, Responsables Estatales y Consejeros de Campamentos y por ende, brindar una atención personalizada, sustentada teóricamente, teniendo en cuenta las características de cada grupo de población y abocarse a la realización de acciones que impulsen el desarrollo individual y comunitario, en la búsqueda de dejar una huella positiva de la experiencia recreativa. Debido a la importancia de responder a los objetivos planteados en los documentos administrativos y normativos vigentes, es posible contribuir a través del Modelo, a cerrar las brechas existentes en cuanto a oportunidades de recreación y cultura e implementar las acciones óptimas para subsanar las limitaciones de acceso y disfrute de espacios de Recreación y socialización, sin que la población sujeto de atención este supeditada a depender de sus condiciones físicas, mentales y sociales. En el Modelo de Convivencia de los Campamentos Recreativos del Sistema Nacional DIF, la práctica asistencial está focalizada en la siguiente población, a quienes para efectos prácticos se denominará Población Objetivo: Comunidad de personas de 7 hasta 60 años o más de edad, así como personas con algún tipo de discapacidad de cualquier edad, sujetos de asistencia social, que viven limitaciones socioeconómicas para el disfrute de oportunidades de recreación y esparcimiento. En el Modelo se contemplaran estrategias para promover la experiencia recreativa de los acampantes, que coadyuven en la solución de problemas de socialización y convivencia. También se implementarán mecanismos para transparentar los recursos que son destinados para la recreación en los Campamentos, mediante el diseño de objetivos medibles y alcanzables para que puedan ser evaluados en largo y corto plazo. Para facilitar su comprensión se refiere la pretensión de que los aspectos operativos se enfoquen en la estandarización de los servicios recreativos en cada uno de los Campamentos con los que cuenta el Sistema Nacional DIF. Dicha homologación debe basarse en un modelo teórico y filosófico, de los cuales se hará mención más ampliamente en el desarrollo teórico del Modelo. La operación se sustenta también en los enfoques del desarrollo comunitario y personal dirigida a la población objetivo que se atiende, por ello se denomina “Modelo de Convivencia”, promoviendo encuentros de Ocio experiencial valioso que potencie el desarrollo y los derechos humanos.

Palavras chave: Modelo. Desarrollo. Comunidad. Ocio.



MODELO DE GESTIÓN DE RECREACIÓN EN UNA COOPERATIVA DE PROFESIONALES

Wilmer Andrés Castaño Caballero; Gloria Patricia Gómez Cárdenas

wilmer_castano@coomeva.com.co

Cooomeva

Cooomeva, uno de los grupos cooperativos más grandes de Latinoamérica, tiene como visión el desarrollo integral de sus 240.000 asociados y sus familias a través de un portafolio de servicios que busca satisfacer las diferentes necesidades de acuerdo a las dimensiones de vida de los asociados. La base fundamental del crecimiento de la comunidad de asociados está sustentada en los profesionales, técnicos, tecnólogos y estudiantes de último año de carrera profesional, lo que nos posiciona como la Cooperativa y la Comunidad de Profesionales más grande de Colombia. Hace más de 20 años nació la Corporación Coomeva para la Recreación y la Cultura bajo el esquema de un Fondo Mutual que apalancara financieramente un modelo de Recreación sostenible y sustentable en el tiempo, buscando el desarrollo y generación de tejido social y familiar, rescatando valores y principios desde la recreación, el deporte y la cultura. Este modelo nació como respuesta a la necesidad de generar espacios de tiempo libre y recreación para el profesional colombiano la cual es la clase emergente de los estratos 3 y 4, donde su oferta de recreación es muy limitada ya que no cuenta con los recursos para ingresar a clubes sociales y deportivos exclusivos y tampoco se involucran ni se benefician de los servicios y programas del Estado. Convirtiéndose entonces una de sus principales actividades de Recreación las visitas a los Centros Comerciales, o a quedarse en casa viendo televisión o frente al computador, acrecentando el individualismo como tendencia global y reducir cada vez más las posibilidades de socializar, de comunicación y de interacción familiar. Hoy hemos trascendido a entender la recreación y el ocio como una oportunidad para transformar el ser y para reconstruir nuestras vidas junto a los demás. Nuestra oferta de servicios la componen 7 programas: Vive Caminantes, Vive el Arte y la Cultura, Vive en Familia, Vive el Deporte, Vive Gourmet, Vive Vital y Vive Solidario donde a través de la Recreación cocreamos con nuestros asociados afianzando cultura y fortalecemos los valores del respeto, confianza, solidaridad, ayuda mutua, responsabilidad social y de sostenibilidad del medio ambiente. Nuestros pilares para el desarrollo de Modelo de Gestión son: 1. Vive el Tiempo Libre: en este pilar desarrollamos actividades, eventos y alianzas transversales a los programas que tienen como objetivo el entrenamiento y diversión teniendo como ejes los valores y los atributos de la oferta de valor. 2. Desarrollo Humano: le apostamos y contribuimos desde el modelo de Recreación al desarrollo y la transformación de nuestros asociados y sus familias. Formación en el ser, saber y en el emprender. Actores y protagonistas de los procesos de cocreación, aprendizaje y construcción en las artes, el deporte, la cultura. 3. Interacción Familiar y Social: asociados y sus familias que le permiten disfrutar de su escaso tiempo libre con actividades diseñadas con mensajes positivos, de reflexión con temáticas referentes a la importancia de la familia, la sostenibilidad del medio ambiente y la solidaridad.

Palabras clave: Recreación. Ocio. Cooperativa. Solidaridad. Desarrollo Integral. Transformación del ser.



PROJETO VIVA LAZER

Gustavo André Pereira de Brito; André Sousa Rocha; Wislianny Melissa de Morais Silva; Maria Dolôres de Oliveira Souza Neta; Vinicius Cabral dos Santos; Raquel Mendes da Silva; Daniel Silva Santos; Felipe Oliveira Barros; Sabrina Dayane Conceição de Marais

gustavo.brito@ifrn.edu.br

Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Apesar da consolidação do lazer nos últimos anos, esse tema ainda não tem grande “ressonância social”. Essa falta de “ressonância social” se dá, principalmente, pela falta de continuidade das políticas setoriais de lazer, que vêm sendo desenvolvidas ao longo do último século, em diversos executivos municipais e até mesmo em programas e projetos do governo federal, mas que na maioria das vezes sofrem descontinuidades com mudanças de gestão. Ao longo do século XX, municípios como São Paulo (SP), Florianópolis (SC), Belém (PA), Caxias do Sul (RS), Belo Horizonte (MG), Piracicaba (SP), São José dos Campos (SP) e Diadema (SP), entre outros, vêm elaborando e executando políticas públicas na área (MARCELLINO, 1995), (MARCELLINO, 1996), e (MARCELLINO, 2001). Em Natal (RN), apesar de, desde o início do século XXI, terem surgido cursos como: técnico em lazer; superior de tecnologia em lazer e qualidade de vida; superior de tecnologia em gestão desportiva e de lazer; especialização em gestão de programas e projetos de esporte e lazer na escola; além de, na década de 1980, terem sido desenvolvidos, pela gestão pública municipal, vários projetos como ruas de lazer, atualmente, são poucas as ações propostas pelo poder público municipal. O projeto *Viva Lazer* surgiu no intuito de promover a interação entre teoria e prática dos conteúdos de lazer junto aos alunos dos cursos de lazer. Tem como objetivo desenvolver projetos e ações de lazer nos bairros de Natal/RN, buscando parcerias com instituições públicas, privadas e o terceiro setor, visando à difusão dos cursos: técnico em lazer, superior de tecnologia em gestão desportiva e de lazer, e a especialização em gestão de programas, projetos de esporte e lazer na escola do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – campus Natal – Cidade Alta. Para alcançar os objetivos apresentados, o *Viva Lazer* visou desenvolver lazer em várias frentes, a saber: (1) colônia de férias; (2) atividades artístico-culturais; (3) ruas de lazer; (4) Gincanas; (5) Eventos artístico-culturais e esportivos e (6) qualificações em lazer. As atividades desenvolvidas, além do bem-estar físico, mental e social de seus participantes, puderam proporcionar a descoberta de novos valores e ideais que os auxiliem no desenvolvimento dos sujeitos enquanto ser humano e cidadão. Sendo assim, o projeto foi desenvolvido em diversas comunidades da cidade de Natal/RN. Tratou-se de um projeto inclusivo e, portanto, não se limitou a designações de gêneros e classes, sendo atendidos prioritariamente as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos em situação de risco ou vulnerabilidade social.

Palavras chave: Projeto. Lazer. Natal.



TECENDO ELOS DE COOPERAÇÃO ENTRE LAZER, ESPORTES E A RUA

Lua Karine de Sousa Pereira; Bryan da Costa Souza; Natalia Andrea Craciun Boccardi
luakarineee@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

O projeto TECER tem como proposta ser um elo de cooperação entre o ambiente universitário e as pessoas que estão em situação de rua através do esporte, objetivando auxiliar no desenvolvimento da autonomia e da independência, bem como o resgate da autoestima dessas pessoas, no combate ao estigma criado junto à sociedade acerca desta população. Ao aproximar-se de realidades muitas vezes desconhecidas, a comunidade acadêmica tem oportunidade de agir-refletir sob outra ótica. Pessoas em situação de rua vivenciam inúmeras dificuldades. A mais evidente delas, a sua territorialização precária. A vulnerabilidade locacional sujeita o grupo às diversas dimensões de desamparo: desconforto face às intempéries; insalubridade; insegurança frente aos estabelecidos que lhes dirigem olhares de desconfiança. Considerando que pessoas que se encontram em situação de rua são muitas vezes estereotipadas, caracterizadas como “vagabundas”, contribuindo para que a busca por uma vida mais digna não exista. Nessa premissa, envolver pessoas em situação de rua em atividades esportivas, culturais e artísticas, no ambiente universitário, possibilita desenvolver nestas pessoas a esperança de uma vida melhor, usufruir de momentos de lazer e prazer, usando do tempo ocioso para fins do desenvolvimento integral, ajudando na saúde física e mental, almejando que os mesmos superem suas dificuldades e tracem novas perspectivas de vida, promovendo interação com outros segmentos da sociedade, ressignificando a ocupação do espaço público; proporcionar momentos de lazer e melhorias na qualidade de vida; quantificar mudanças físicas e psicológicas ocasionadas pela prática de esportes; facilitar a integração da Universidade com outras esferas sociais, contribuindo com seu papel de agente transformador; e estimular a ação-reflexão dos universitários através da interação com pessoas em alto grau de vulnerabilidade. O projeto atualmente oferece esportes dentro da universidade e objetiva proporcionar benefícios fisiológicos e psicológicos, bem como oportunizar aos participantes vivências em novos ambientes, o que possibilita a ampliação de suas redes sociais e potencializa as oportunidades para sair da situação de rua. São oferecidas atualmente oito modalidades esportivas (atletismo, badminton, forró, kung fu, natação, *slackline*, vôlei de areia e vôlei de quadra) com o apoio dos professores, bolsistas e funcionários responsáveis pelos esportes. Deste modo, este projeto manifesta a inclusão social atrelada a experiências de lazer, saindo do seu habitat e proporcionando a prática desportiva no seu tempo de ócio. Trazemos neste trabalho um relato de experiência. Dentre os principais resultados alcançados, podemos relatar o retorno de uma parcela dos participantes ao processo de escolarização. Além disso, podemos citar que de modo geral, mesmo com as oscilações decorrentes da intermitência e itinerância que caracteriza essa população, a frequência às atividades oferecidas pelo projeto elevou a qualidade de vida dos participantes, conforme observado através de questionários aplicados sazonalmente.

Palavras chave: Esporte. Inclusão social. Lazer. Pessoas em situação de rua. Qualidade de vida.



THE CO-CREATION OF CREATIVE TOURISM IN NAIROBI, KENYA

Simone Eva Langejan ; Lénia Marques (supervision)

s.langejan@student.eur.nl

Erasmus University, Rotterdam, South Holland the Netherlands

The United Nations World Tourism Organization stimulates tourism for economic growth, development and the reduction of poverty in developing countries, with the micro- small- and medium-sized tourism enterprises as a big part of this progress (Manyara & Jones, 2009; Marques, 2012; Richards & Wilson, 2007; Smith, 2003; Smith & Robinson, 2015). In Kenya, the tourism industry is one of their leading foreign exchange earners, contributing “about 18% of total foreign exchange earnings and about 10% of gross domestic product (GDP) - the tourism industry therefore is of critical importance to the economy of Kenya” (Manyara & Jones, 2009; Kenya government, 2005). The industry is young and there is a lot of room to expand and flourish. UNESCO (2006) emphasizes the importance of tourism development in relation to the involvement of local communities. Engaging local populations can lead to stronger communities, poverty reduction, preservation of culture and improvement of new skills (UNESCO 2006; Mbaiwa, 2008). In order to realize this, a clear framework is required as well as a clear plan to realize development and community engagement. This research will be an exploratory qualitative research (which will be performed from January 2018 - June 2018). The research approach is a combination of two different types of qualitative inductive research: interviews and ethnographic field research conducted in Nairobi Kenya. I will navigate certain issues and focus on the different theoretical concepts. The found literature and the theoretical framework will be reviewed using the case study of tourism development in Nairobi and the contacts retrieved through snowball sampling. My expected results are that Value co-creation between business entrepreneurs and local communities on creative tourism is a powerful catalyst in order to realize local community improvement, empowerment and reduce poverty. I presume to find out that the value co-creation with the local community will lead to the development of creative tourism as well as a stable community, development of skills and alleviate poverty. These several factors can be of great help determining the strategy, opportunities of both business entrepreneurs located in Nairobi, Kenya as well as government or policy makers. The importance of value co-creation within creative tourism will fit into the larger understanding of the available literature where this positive causality between the local community and business entrepreneurs is indicated. The use of the qualitative case study (with interviews and ethnographic field research) will provide me with a unique insight in how the theory translates into practice.

Keywords: Creative Tourism. Value co-creation. Social and Community Improvement. Tourism Development Opportunities. East-Africa.



VIAGENS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, UM MERCADO INEXPLORADO

Ricardo Roitburd

ricardo.roitburd@sp.senac.br

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Este relato baseia-se nas viagens desenvolvidas como guia de ecoturismo com grupos de pessoas com deficiência. Ao longo do tempo, pude perceber que o conceito de lazer e de experimentação deveria ser um direito de todos (CF - 1988, Art. 6º), mas grande parte dos roteiros de aventura não estavam disponíveis para PCD, e isso ocorria para as mais diversas deficiências, como física e intelectual. As restrições aparecem, de maneira mais óbvia, nas dificuldades dos participantes com relação ao preparo físico, à capacidade de ser autossuficiente, à locomoção, ao entendimento dos riscos e também à insegurança em relação ao novo. Mas também de formas menos perceptíveis, como a insegurança dos pais e/ou cuidadores, a falta de recursos financeiros e o preconceito, tanto dos operadores turísticos como dos outros turistas. Segundo Duarte, em artigo publicado na *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo* (2015), o trade turístico trabalha "... mais do ponto de vista social do que de mercado", perdendo uma parcela considerável da população (23,91% segundo IBGE 2010). O artigo também afirma que não existe "... nenhuma agência de viagens que trabalhe com o referido grupo de pessoas e, corroborando com os demais, afirma que as PCD não são vistas como uma parcela que tem capacidade de consumo", deixando clara a falta de conhecimento sobre o potencial do setor. Por outro lado, durante as viagens e passeios, pude perceber que mesmo com as dificuldades inerentes aos portadores de deficiência, os roteiros não necessitam de grandes modificações para serem desenvolvidos. O uso de veículos adaptados aos cadeirantes, a disponibilização de um número maior de guias e monitores e o planejamento mais minucioso podem ser suficientes no que tange a parte de operacionalização. Não obstante, deve-se levar em conta a realidade de cada cliente, em especial com relação às suas limitações físicas, psicológicas, familiares e de alimentação, encontrando alternativas e criando adaptações necessárias. No que se refere às adaptações físicas e de alimentação, temos diversas possibilidades que podem ser encontradas no mercado, e que no geral já são conhecidas do próprio cliente. A dificuldade maior fica no tocante aos temores psicológicos e a aceitação familiar, pois na maioria das vezes, será a primeira experiência do cliente em um ambiente natural e em uma condição de "independência" no que se refere à separação familiar, mesmo que por pouco tempo. Entender a preocupação, tanto dos parentes como do próprio deficiente, é responsabilidade do trade turístico, em especial da agência e do guia que devem criar um vínculo de confiança. Para isso, é essencial realizar encontros, anteriores à viagem, que mostrem de forma didática e clara todos os detalhes do roteiro, incluindo as condições do local, adaptações possíveis, tempos de deslocamento, riscos envolvidos e disponibilidade de acesso ao socorro, bem como acesso a meios de comunicação. Apesar das dificuldades, participar do processo de descoberta pessoal do cliente, no tocante à percepção de suas habilidades e capacidades é algo transformador para todos os envolvidos. Em conversas com familiares, pude notar o quanto todos cresceram com a experiência.

Palavras chave: Viagem. Deficiência. Inclusão. Lazer.



TEMA 13
LAZER, CIDADES E URBANIZAÇÃO
LEISURE, CITIES AND URBANIZATION
OCIO, CIUDADES Y URBANIZACIÓN



APROPRIAÇÃO PARA O LAZER DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE BENTO GONÇALVES

Morgana Pizzi Moraes; Pedro de Alcântara Bittencourt César

m.pizzimoraes@gmail.com

Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Esta pesquisa tem como temática o reconhecimento das formas de ocupação dos espaços públicos de lazer na cidade de Bento Gonçalves (RS). Objetiva-se neste levantamento, além de verificar a distribuição de praças e parques existentes, identificar a diversidade de usos destes locais, identificando o seu papel perante a população que os usufrui, possibilitando que os resultados alcançados possam auxiliar no planejamento das áreas verdes da cidade. As praças são locais de encontro, permanência e das práticas sociais da vida urbana, possuindo importância significativa na estrutura da cidade e no uso do tempo livre dos sujeitos. Ao longo da história, os espaços de lazer foram tomando importância e magnitudes distintas. De ambientes privados usufruídos por minorias até chegar às reformas que proporcionaram a democratização desses locais, permitindo assim a sua apropriação social. O espaço público é um elemento que ordena e configura a cidade, no entanto, as condições atuais de urbanização e densificação têm resultado na insuficiência desses locais para atender às necessidades da população, principalmente nas áreas periféricas das cidades. A metodologia utilizada é dada através da análise de cartografias urbanas da Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves (RS) e aplicação do método de observação direta dos usuários no local. Foram analisadas no levantamento as funções de cada espaço público aberto de lazer e o seu tamanho, determinando assim o raio de abrangência que exerce sobre o seu entorno. A cidade possui áreas públicas voltadas para o lazer distribuídas pela malha urbana. Há uma maior concentração destes locais em sua área central, onde estão as praças mais movimentadas e que oferecem à população a maior gama de atividades. Essa variedade de ocupações está também atrelada ao turismo, resultando em espaços de lazer com programas mais diversificados, como feiras esporádicas e atividades de cunho histórico-cultural. São poucos os locais na cidade que oferecem opções mais variadas, sendo que o programa de necessidades mais recorrente verificado compreende espaços de atividades recreativas para todas as idades e áreas para descanso e contemplação. De modo geral, as praças e parques de Bento Gonçalves estão distribuídos de maneira homogênea por sua zona urbana, porém não garantem a abrangência completa em algumas áreas. A população se utiliza desses locais como equipamentos de lazer, promovendo o encontro, a troca de experiências e de práticas sociais entre os diversos usuários, demonstrando a importância que os espaços de lazer possuem nas relações urbano-sociais entre os moradores da cidade. Além disso, as informações coletadas podem justificar tanto a falta de uso e abandono de algumas praças e parques como também a carência destes locais em determinadas áreas, relacionando o crescimento da cidade e suas diretrizes urbanas na distribuição e conservação dos espaços públicos de lazer.

Palavras chave: Lazer. Bento Gonçalves. Espaço urbano.



CTG COMO EQUIPAMENTO DE LAZER EM CAXIAS DO SUL (RS)

**Ricardo Daneluz Neto; Elis Louise Cuchinir Oleas; Eduarda Fronza Nagildo;
Pedro de Alcântara Bittencourt César**

daneluzricardo@gmail.com

Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Os Centros de Tradição Gaúcha (CTG) definem-se conceitualmente como instituições de referência da cultura do Gaúcho brasileiro. Estes são locais de práticas diversas relacionadas ao desenvolvimento de um lazer com apelo cultural. Seus integrantes formam grupos comunitários específicos com o intuito de manter memórias vivas do tradicionalismo. Embora tenha uma penetração plena no território do Rio Grande do Sul, nota-se sua presença em todas as unidades federativas e mesmo em diversos países do mundo. De modo que Caxias do Sul ostenta ser a localidade com a maior quantidade destes, sendo reconhecida como “Capital mundial dos CTGs”. A sua própria consagração, de certa maneira, se faz por uma relação dialética sociocultural peculiar. Afinal, destaca-se este município como uma área de assentamento migratório europeu, predominantemente italiano, e com expressões culturais marcantes associadas também a este processo cultural, o que contradiz a formação tradicionalista. Nesta pesquisa, busca-se relacionar a apropriação espacial destas unidades, fazendo a identificação e buscando a caracterização de suas áreas de práticas de lazer. No decorrer do estudo, este confronto com outro anteriormente desenvolvido, que mostra a falta de áreas de lazer, principalmente praças urbanas, no município. A pesquisa desenvolveu-se por uma observação direta destes equipamentos. Inicialmente, foram listados e identificados os CTGs do município para a elaboração de uma cartografia específica de sua localização e, ao longo da pesquisa, com identificação de suas especificidades. Assim, foi reconhecido que estas instituições podem ser divididas em função de suas características principais: as atividades Campeiras e as Artísticas. A primeira refere-se às práticas relacionadas aos animais, como equinos e bovinos, que é uma reprodução das lidas campeiras (trabalhos realizados com o trato de animais) feitas pelo homem do campo, o pecuarista, que ao serem adaptadas ao mundo contemporâneo, tornam-se práticas culturais e de lazer, como o tiro de laço, as gineteadas, provas cronometradas e as cavalgadas. Nos CTGs Artísticos prevalecem atividades de danças tradicionais do sul do país. Nestas, são utilizados adereços que remetem à tradição cultural, como lanças, facões e boleadeiras. Ainda nas artísticas, são desenvolvidas as declamações e trovas. Adotam-se em ambas as práticas diversas da culinária gaúcha, como um lazer contemplativo associado ao consumo de churrasco e chimarrão. Territorialmente, todas têm por características reconhecer o local como de encontros sociais e administrativos. As atividades campeiras desenvolvem-se fundamentalmente em áreas rurais. Muitas vezes, na área urbana localiza-se o endereço social para as atividades funcionais e administrativas. Nos CTGs artísticos, sua sede, frequentemente na zona urbana, funciona como um clube de dança e de outras atividades sociais de recreação. Este confronto reforça o papel dos CTGs como áreas de lazer para a população dos diversos bairros e distritos do município, suprimindo em muitos aspectos a necessidade de áreas de lazer em Caxias do Sul.

Palavras chave: CTG. Territorialidade. Espaço de lazer. Espaço cultural. Caxias do Sul.



DIVERTIMENTOS, ESPORTES E A MODERNIDADE RELATIVA EM BELO HORIZONTE

Sarah Teixeira Soutto Mayor

sarahtsouttomayor@hotmail.com

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil

O presente artigo tem como objetivo problematizar a utilização discursiva dos divertimentos e dos esportes, em suas variadas facetas, como um dos contributos para a afirmação do progresso e da modernidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Aliada a outros referenciais, tais como número de edificações construídas, extensão de área asfaltada, implantação e expansão de serviços de saúde, educação e saneamento, incremento das atividades comerciais, dentre outras intervenções no cenário social, os esportes, juntamente com algumas manifestações de diversão – a exemplo do cinema, do teatro e da dança – lograram importante visibilidade dentre as características veiculadas sobre a cidade em alguns periódicos durante os anos 1930 e 1940, tornando-se indicativo da tentativa de consolidação da jovem capital construída no final do século XIX. Em se tratando da prática esportiva, o olhar da imprensa sugeria uma possibilidade fértil não apenas para se propagandear o progresso citadino, mas também para difundir valores educativos considerados essenciais para a formação do novo cidadão belo-horizontino. As assertivas supracitadas tornaram-se possíveis de serem formuladas e problematizadas por meio da leitura e análise de jornais e revistas que circularam na cidade no período proposto, a saber: revista *Alterosa*, revista *Bello Horizonte*, revista *Minas Tennis*, revista *Leitura* e jornal *Estado de Minas*. Embora distintas em vários quesitos, o que envolve comissão editorial, tipo de público consumidor, tiragem, periodicidade e tempo de circulação no mercado jornalístico, todas estas publicações possuíam um ponto convergente: a veiculação expressiva dos feitos realizados na cidade de Belo Horizonte, sobretudo, a ação de políticos em momentos comemorativos, como no aniversário do município, que se cumpre no dia 12 de dezembro. Foram selecionadas reportagens de todos os periódicos sinalizados e, em momento posterior, analisada e problematizada a forma como algumas das diversões e dos esportes era veiculada, atentando-se especificamente à maneira como estas manifestações eram relacionadas aos indicativos de progresso e de modernidade. Junto a outras referências de evolução do município, amparadas especialmente por marcadores numéricos que atestavam o crescimento urbano almejado, manifestações esportivas e de divertimento, bem como lugares construídos especialmente para ambas as finalidades, foram divulgados como importantes ações na promoção de uma ideia de cidade próspera e moderna. Pode-se dizer que em Belo Horizonte, cidade nascida com o regime republicano e idealizada para representar um símbolo supremo desta forma de governo, os divertimentos e os esportes caminharam junto a outras estratégias de desenvolvimento da cidade e seu incentivo e veiculação se direcionavam, sobremaneira, à proposição de novos costumes aos moradores. O incitamento ao gosto e à admiração por manifestações desta natureza estavam no cerne das ambiguidades contidas no desejo da capital mineira de ser uma metrópole moderna, ainda que esta modernidade tenha sido absolutamente relativa, materializada por suas próprias condições locais.

Palavras chave: História. Esportes. Lazer. Divertimentos.



DO PRADO AO MINEIRÃO: HISTÓRIA E ESTÁDIOS EM BELO HORIZONTE

Georgino Jorge de Souza Neto; Sílvio Ricardo da Silva

netogeorgino@gmail.com

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil / Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Este estudo teve por objetivo investigar o movimento e o contexto que permitiu a construção dos principais estádios de futebol na cidade de Belo Horizonte - MG, e como estes se legitimam a partir do diálogo que estabelecem com o seu entorno social, nos diversos aspectos (econômico, político, cultural, entre outros). Para tanto, o período delimitado para a investigação abrangeu os anos de 1904 a 1965, por este abrigar o tempo em que estes estádios foram erguidos na paisagem belo-horizontina. Por representar uma investigação historiográfica, o estudo fundamentou-se metodologicamente em dois aportes teóricos balizadores: a História Cultural, particularmente a noção de representação, desenvolvida por Roger Chartier, e a Micro-História, notadamente o conceito de paradigma indiciário descrito por Carlo Ginzburg. Neste sentido, as fontes de pesquisa privilegiaram os periódicos. Assim, foram utilizados jornais e revistas da época, que possibilitaram a tessitura da trama proposta. Neste sentido, os capítulos foram estruturados em recortes temporais específicos, a saber: a construção do Prado Mineiro e sua apropriação pelo futebol (1904-1923); os estádios que surgem na década de 1920 e que passam por importantes reformas na década de 1940, atrelados aos principais clubes da cidade (1923-1948); o estádio Independência, vinculado ao clube Sete de Setembro e importante espaço futebolístico, notadamente na sua relação com a Copa do Mundo de 1950 (1948-1950); e por fim, o estádio do Mineirão, principal palco do futebol na cidade desde a sua inauguração até os dias atuais (1958-1965). Os indícios apontam para a identificação de três constatações particularmente pontuais: a primeira diz respeito à relação estabelecida entre estes estádios e a estruturação urbanística/espacial no seu entorno, promovendo e/ou provocando rearranjos quanto à mobilidade urbana, construção de vias de acesso, planejamento viário, melhorias estruturais etc. Em todos os momentos, esta relação se mostra bastante potente, podendo ser percebido um influxo de organização do espaço da cidade em função da existência dos estádios. Outro entendimento trata do quanto estes espaços se configuram dentro da lógica da modernidade, atendendo (ou procurando atender) às exigências e demandas de outro ordenamento social, desde aspectos urbanísticos à espetacularização do fenômeno esportivo e de lazer (como importante equipamento específico), e ainda do seu atrelamento a uma crescente determinação mercadológica. A ideia de modernidade se configura, portanto, como importante categoria relacional destes estádios com a cidade de Belo Horizonte, estabelecendo, em certa medida, o convencimento legitimador de sua construção. Por fim, a maneira como os estádios em Belo Horizonte são fortemente demarcados pelo contexto político, em todo o decurso temporal do estudo. Do Prado ao Mineirão, a ordem política é determinante para a viabilização dos projetos que originam os estádios, desde embates de adversários políticos, privilégios de determinados grupos que detinham o controle do campo esportivo na cidade, e elaboração de uma legislação facilitadora para a implementação destes espaços.

Palavras chave: Futebol. História. Estádios.



EDUCAÇÃO, CULTURA E LAZER: EXPERIÊNCIAS NÃO FORMAIS EM SÃO PAULO

Tiago Aquino da Costa e Silva; Alipio Rodrigues Pines Junior; David Reis Miranda; Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro; Gisele Maria Schwartz

alipio.rodrigues@gmail.com

Laboratório de Estudos do Lazer – LEL, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil / Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer – GIEL, Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

Na evolução do ser humano, nota-se uma transição do nomadismo (sem residência fixa) para o sedentarismo (residência permanente), caracterizando o surgimento das cidades, que foram concebidas para contemplar algumas funções e fenômenos sociais, entre eles, o lazer. Por ser parte da esfera da cultura, há inúmeras formas diferentes de manifestações em uma cidade, as quais contemplam ações no âmbito do lazer, incluindo ações de educação não formal, fenômeno que vem ganhando a atenção dos pesquisadores brasileiros. O termo diz respeito às instituições, associações, organizações ou quaisquer outros espaços que trabalham a educação como mediadora nos processos de construção do conhecimento, independente do perfil do público, objetivo, conteúdo, durabilidade, espaço e lugar onde se desenvolve a proposta, englobando ações elaboradas intencionalmente, as quais podem vir a interferir na formação dos sujeitos. Dentro do universo da educação não formal, há uma metodologia de intervenção conhecida como animação sociocultural, a qual é concebida como uma forma de intervir nas dimensões social, cultural, educativa e política, capaz de criar dinâmicas junto às populações, no sentido de gerar processos organizativos e de autodesenvolvimento. Partindo da premissa de que a animação sociocultural pode ser aplicada em quaisquer espaços, esta pesquisa, de natureza qualitativa, teve como objetivo identificar experiências e manifestações não formais relacionadas à educação, cultura e lazer, presentes nas praças do “Centro Velho” de São Paulo. Para a coleta de dados, foi realizada uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva, na qual, primeiramente, foram mapeados e definidos os locais de investigação, sendo que estes foram visitados posteriormente, com a finalidade de elencar tais ações, por meio de uma observação estruturada, utilizando-se caderno de campo, além de se proceder a uma entrevista semiestruturada com as lideranças das ações investigadas em cada uma das praças, quando existentes. Foram definidas e visitadas sete praças do “Centro Velho” de São Paulo. Os dados foram analisados por meio de Técnica de Análise de Conteúdo criando-se categorias a priori. A partir das informações obtidas nessas visitas, foi construída uma tabela com a indicação das experiências não formais, classificadas em três categorias: cultura, educação e lazer. Os resultados obtidos mostraram que, das sete praças visitadas, quatro não apresentaram qualquer experiência não formal; uma praça apresentou uma ação ligada à educação (religião); uma praça apresentou oito ações, sendo três ligadas à cultura, três à educação e duas ao lazer; e uma praça apresentou nove ações, sendo duas ligadas à cultura, quatro à educação e três ao lazer. A partir dos dados coletados e analisados, considerou-se que as praças do “Centro Velho” de São Paulo são subutilizadas, mas possuem potencial para o desenvolvimento de ações não formais voltadas para as três vertentes investigadas. Nota-se uma necessidade de desenvolvimento e aprimoramento de políticas públicas que incentivem a oferta de tais atividades por parte de coletivos populares, de forma que os cidadãos entendam que podem se apropriar do espaço urbano, não apenas como um local de passagem, mas também para cumprir sua função social ligada aos contextos do lazer, da educação e da cultura.

Palavras chave: Educação não formal. Animação sociocultural. Praças.



ESPAÇOS ESPORTIVOS E A URBANIZAÇÃO EM BELO HORIZONTE (1959-1980)

Luciana Cirino Lages Rodrigues Costa; Elcio Loureiro Cornelsen

lucylages@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

No Brasil, ao longo do século XX, a ação do Estado no campo do esporte comportou diferentes conflitos e interesses, disputas que evidenciaram os jogos de poder e os arranjos presentes na trajetória política esportiva (LINHALES, 1996; VERONEZ, 2005; CASTELLANI FILHO, 2001). E, na política de lazer, também é possível identificar tais jogos de poder. O acentuado aumento populacional brasileiro, ocorrido a partir dos anos 1950, impactou e ainda tem impactado significativamente a urbanização nas grandes cidades, situação que percebemos em Belo Horizonte. Planejada e iniciada as obras de sua construção no final do século XIX, foi inaugurada em 1897 para assumir a centralidade do poder em Minas Gerais, tornando-se a nova capital do Estado. Em seu traçado inicial, a cidade já previa espaços para o divertimento. E, ao longo dos primeiros anos de sua existência, foram constituindo-se os espaços para a prática esportiva (RODRIGES, 2006), que, gradativamente, se espalharam pela cidade, que crescia e rompia o seu traçado inicial. (COSTA e RODRIGUES, 2016). Nesse movimento de crescimento da cidade, áreas que eram pouco povoadas foram ocupadas, urbanizadas e habitadas. A região da Pampulha, que teve significativa intervenção entre as décadas de 1930 e 1940, passou por esse processo, de modo mais acentuado após a constituição do seu conjunto arquitetônico. Constituiu-se, assim, um novo espaço na cidade, em que se poderia ter acesso às práticas esportivas e ao lazer (VIANA, 2013). Assim, nos indagamos: como os espaços de esporte e lazer foram pensados pelo poder público nesse novo processo de urbanização da cidade? Esta é a questão central na realização do presente estudo, que é parte da pesquisa de doutorado (em desenvolvimento) e que tem por objetivo identificar e analisar os processos que impulsionaram a construção do Palácio dos Esportes, popularmente conhecido por Mineirinho. A metodologia utilizada compreende a análise de documentos e fotografias do arquivo da Diretoria de Esportes de Minas Gerais (DEMG), e também de relatórios de prefeitos de Belo Horizonte. Identificamos que os processos que levaram à construção do Mineirinho (1959 a 1980), que guarda relação com a construção do Estádio do Mineirão (entre 1959 e 1965), impulsionaram a aceleração da urbanização nas suas imediações, em especial nos anos de 1960 e 1970, fomentando, entre outros, a pavimentação de avenidas e ruas próximas, a expansão da rede de comunicação e de água tratada e a alteração da paisagem da cidade, que deu lugar a um complexo esportivo e de lazer, constituído por um estádio de futebol – o Mineirão –, um Centro Esportivo, e, posteriormente, pelo Palácio dos Esportes – o Mineirinho.

Palavras chave: Esporte. Lazer. Cidade. História.



INCIDÊNCIA DA TEMÁTICA ESPAÇOS DE LAZER NO WORLD LEISURE CONGRESS

José Pedro Scarpel Pacheco; Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro; Nara Heloisa Rodrigues; Renata Laudares Silva; Tiago Aquino da Costa Silva; Gisele Maria Schwartz
josep.pacheco@hotmail.com

Laboratório de Estudos do Lazer – LEL, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus Rio Claro, São Paulo, Brasil

A organização e difusão dos dados das pesquisas científicas produzidas sobre os espaços e equipamentos utilizados no contexto do Lazer podem favorecer informações relevantes, contribuindo para o fortalecimento da produção acadêmica da área, a qual ainda pode ser considerada escassa, dada a dificuldade de gerenciamento de todos os dados e informações advindos dessa temática. Diante desse panorama, o objetivo deste estudo foi analisar a incidência temática sobre espaços no contexto do lazer, nos resumos publicados nos Anais do *World Leisure Congress*, entre os anos de 2012 e 2016, assim como o viés predominante e os interesses emergentes de cada edição. Para este estudo, de natureza qualitativa, foi desenvolvida uma pesquisa exploratória, realizada nos anais do *World Leisure Congress*, nas últimas três edições (2012, 2014 e 2016). Os dados foram analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo. Primeiramente, foi realizada uma busca pelas palavras “space” e “leisure space”, nos Anais de cada edição, selecionando todos os resumos que citavam uma e/ou outra. Posteriormente a esta etapa, foram analisados os resumos selecionados e descartados os que não tinham relação direta com a temática. Os vieses predominantes citados nas edições selecionadas foram: “Urbanização”, “Espaços e Consumo”, “Acessibilidade”, “Gestão”, “Espaços Verdes”, “Espaços Urbanos”, “Aspecto Social dos Espaços”, “Políticas Públicas”, “Diferenças Regionais”, “Gênero”, “Megaeventos”, “Promoção da Saúde”, sendo que nem todos os vieses foram citados nas três edições analisadas. A edição de 2012 continha 191 resumos no total, e a palavra “espaço” foi citada em 30 deles, sendo selecionados 21 resumos que possuíam relação direta com a temática abordada. O viés predominante nesta edição foi “Espaços Urbanos”, com 11 resumos. Na edição de 2014, composta por 223 resumos, a palavra “espaço” foi citada em 18 deles, sendo selecionados oito resumos. O viés predominante foi “Espaços Urbanos”, com dois resumos, e notou-se o interesse por três novas áreas, sendo elas: “Políticas Públicas”, “Diferenças Regionais” e “Questão de Gênero”. Já na edição de 2016, houve 106 resumos e a palavra “espaço” foi citada em 19 deles, sendo selecionados 15 resumos. O viés predominante, nesta edição, foi “Espaços Verdes no Meio Urbano”, com três resumos, e notou-se o interesse por duas novas áreas, sendo elas: “Megaeventos” e a “Promoção da Saúde”. Percebe-se uma preocupação com os espaços inseridos no ambiente urbano, como as grandes metrópoles, sendo que esses espaços podem ser áreas verdes ou espaços urbanizados no contexto do lazer. Além disso, de acordo com o período em que os três eventos foram realizados e suas tendências emergentes, surgiram novas áreas de interesse, como por exemplo, no ano de 2014, as Políticas Públicas e, no ano de 2016, os Megaeventos. Estudos de análise da produção científica acerca de espaços no contexto do lazer, foco deste estudo, podem facilitar a gestão da informação sobre a temática, porém reitera-se a necessidade de novas pesquisas que contribuam para a ampliação desse conhecimento na área.

Palavras chave: Espaços. Lazer. Incidência. World Leisure Congress.



INFLUÊNCIA DO PODER PÚBLICO NA APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS DE SKATE

Allana Joyce Soares Gomes Scopel; Ana Cláudia Porfírio Couto

allana.scopel@outlook.com

Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Ceará (IFCE) – Fortaleza – Ceará – Brasil; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil; Grupo de Estudos em Sociologia do Esporte e Lazer (GESPEL) – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil.

Produções anteriores acerca da relação entre lazer e apropriação espacial urbana problematizaram a necessidade de compreender melhor o papel do poder público nos processos de apropriação espacial na dinâmica do lazer das cidades contemporâneas. Compreendendo que as relações sociais se realizam na forma de relações espaciais, a reflexão sobre a cidade se fundamenta necessariamente em uma reflexão sobre a prática sócio espacial, sobre o modo como a vida se realiza na cidade, enquanto formas e momentos de apropriação (CARLOS, 2004). A apropriação transforma a natureza em bens humanos, ela é a meta, o sentido e a finalidade da vida social (LEFEBVRE, 1978). O objetivo dessa investigação é refletir sobre a interferência do poder público nos modos de apropriação espacial urbana a partir do estudo das práticas de skate no Parque da Juventude. A investigação bibliográfica e documental possui natureza qualitativa e abordagem teórica. Consiste na revisão dos estudos sobre formas de apropriação do espaço urbano a partir da prática do skate, frutos do mestrado em Estudos do Lazer, publicados por Gomes e Couto (2013, 2013a, 2014, 2014b) e Scopel e Couto (2016). Além da análise das fontes documentais: edições antigas do jornal A Folha de São Paulo e da revista Cemporcento Skate Magazine; fotos e vídeos do arquivo pessoal de skatistas; sítios virtuais de entidades de gestão do skate; Decreto Nº 16.096, de 16 de agosto de 2007, que regulamenta a Lei Municipal que dispõe sobre a criação e denominação do Parque Cidade Escola da Juventude Città Di Maróstica (Parque da Juventude). A reflexão se deu a partir de referenciais teóricos e metodológicos inseridos na geografia crítica e no campo de estudos sobre lazer. Ao contrário da hipótese inicial de que a atuação do poder público limitou a apropriação daquele lócus de estudo. Os resultados mostraram que a atuação pública contribuiu para melhorar a qualidade das relações espaciais, não somente do Parque em questão, mas também na dinâmica social daquela região metropolitana do ABC Paulista - SP. Aquele equipamento, agora revitalizado e gerido publicamente, se configura como um incentivo ao lazer e ao esporte, um monumento histórico e cultural para os atores da história do skate naquele espaço e um marco na paisagem urbana, servindo de cartão postal da cidade. Após interferência do poder público houve um aumento em quantidade, diversidade e qualidade da apropriação daquele equipamento, gerando democratização do espaço. Reforçou e criou laços de identidade e cidadania principalmente para skatistas, mas também para a população em geral. Nessa apropriação espacial, destacam-se ainda os processos constantes de reequilíbrio de poder entre skatistas e gestão pública. Através dos métodos de negociação, skatistas aceitam determinações, não por serem alienados dos processos de produção espacial, mas por entenderem que isso garante a perpetuação, qualidade e desenvolvimento daquele equipamento e de suas práticas de skate. Confirmando que a omissão da iniciativa pública é pior que a intervenção, a primeira leva ao abandono, deterioração e segregação, a segunda atua como um dos fatores preponderantes para uma efetiva apropriação do espaço urbano nas cidades contemporâneas.

Palavras chave: Poder público. Lazer. Espaço urbano. Skate. Apropriação.



LAZER, CIDADE E ANTROPOLOGIA: O SESC NO INTERIOR PAULISTA

Julio Cesar Talhari; Mariana Luiza Fiocco Machini

jtalhari@hotmail.com

Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana, Universidade de São Paulo –
LabNAU-USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

O presente trabalho é um eixo de uma pesquisa mais ampla intitulada “Cultura e lazer: práticas físico-esportivas dos frequentadores do Sesc em São Paulo”, desenvolvida pelo Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (LabNAU) em parceria com o Centro de Pesquisa e Formação do Sesc (CPF) e o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec). Tem por base a segunda fase desse estudo (2017), que se concentrou em cinco unidades do Sesc no interior de São Paulo: Sorocaba, São José do Rio Preto, Taubaté, Presidente Prudente e Campinas. O escopo geral era compreender as motivações dos frequentadores do Sesc, suas práticas e formas de apropriação dos espaços, atividades e até mesmo conceitos. Esse eixo de pesquisa levou em consideração o espaço urbano em que as unidades estavam inseridas e as práticas de lazer locais. O fato de as unidades serem únicas em cada uma dessas cidades gerou a hipótese de que configurariam identidades bem específicas enquanto espaço de lazer. Assim, compreender a atuação desse equipamento múltiplo em uma cidade de interior exigiria a captação da lógica local. Também foi considerado que o Sesc no interior teria importância e atuação singulares, o que gerou uma necessidade de perceber suas relações políticas e a forma pela qual se relaciona com outros equipamentos de lazer, bem como entender suas relações com sindicatos e prefeituras. A pesquisa foi realizada no formato de expedição etnográfica: uma abordagem do tipo etnográfica em que um conjunto de pesquisadores vai a campo compartilhando olhares e relatos, em um período curto de tempo (no caso, uma semana para cada unidade), imersos na dinâmica do ambiente urbano para observar e registrar o objeto de seu estudo. Um dos pressupostos teóricos foi a ideia da cidade em processo, isto é, a cidade vista como algo em construção pelos cidadãos e não como dada aprioristicamente. De modo análogo, enfocou-se o poder criativo das práticas dos frequentadores, tanto em atividades dentro das unidades como em suas circulações pela cidade, criando circuitos de lazer próprios e apropriando-se dos espaços. Conseguiu-se captar dimensões importantes da relação das unidades do Sesc do interior pesquisadas com o espaço urbano. Primeiramente, a forma de inserção do Sesc em cada cidade obedece a interesses locais e gera, em maior ou menor grau, consequências nas cidades. Se por um lado a instalação de uma unidade do Sesc pode ter influência em processos de expansão urbana locais, por outro, enfrenta e tem de adaptar-se a dinâmicas próprias de segregação socioespacial e de relações sociais. O estudo também indicou como o Sesc no interior de São Paulo tem de se colocar em movimento, seja por meio de atividades que extrapolam as unidades, seja mediante articulações políticas e institucionais. Além disso, enquanto o Sesc colabora para o fomento de cenas culturais locais, também é integrado pelos frequentadores em circuitos de lazer mais amplos e autônomos.

Palavras chave: Cidade em processo. Circuitos de lazer. Expedição etnográfica.



LAZER, INDICADORES DE QUALIDADE DE VIDA URBANA E PLANEJAMENTO: POTENCIALIDADES

Isabela Veloso Lopes Versiani; Anete Marília Pereira

isabelamoc@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Montes Claros,
Minas Gerais, Brasil

O intenso processo de urbanização levou a um crescimento acelerado das cidades e à explosão de problemas estruturais e sociais que interferem diretamente nas condições de vida dos habitantes urbanos, inclusive no acesso ao lazer. Embora reconhecido como um direito social por diversos documentos jurídicos, o efetivo exercício do lazer de forma democrática ainda encontra-se distante de se realizar em consonância com as políticas urbanas. Se fosse incorporado de fato ao planejamento urbano, o lazer poderia contribuir para um maior desenvolvimento social e bem-estar dos seus habitantes, fazendo-se presente na formulação e efetivação de políticas públicas voltadas à sua democratização, sobretudo na relação com os espaços e equipamentos públicos para sua vivência. Tal visão aproxima a discussão do lazer à qualidade de vida, expressão recorrente nos debates sobre o presente e o futuro das cidades em todo o mundo, e que tem se fortalecido pela crescente sistematização de indicadores de qualidade de vida urbana articulada por redes de cidades e experiências locais. A busca pela mensuração da qualidade de vida urbana contempla áreas essenciais à compreensão das reais condições de vida de uma população por diferentes órgãos do Estado e movimentos da sociedade civil, vinculadas não só a aspectos econômicos, mas também aqueles ligados ao meio ambiente, serviços urbanos, habitação, mobilidade e transporte, educação, participação política, segurança, saúde, lazer, entre outros. Compreender como se tem dado essa configuração no campo do lazer pode contribuir para ampliar seu debate no meio urbano, evidenciando suas potencialidades para superar algumas das dificuldades cotidianas de sua democratização. Embora em diversos meios e discussões seja recorrente uma associação entre o lazer e a qualidade de vida, o aprofundamento teórico e, principalmente, empírico dessa relação ainda é escasso, sendo o presente trabalho uma tentativa de demonstrar a importância da aplicação desses indicadores para sua melhor compreensão. A partir de um estudo exploratório, de caráter bibliográfico e documental, busca-se articular o lazer como um campo temático presente em alguns sistemas de indicadores de qualidade de vida urbana, evidenciando como essa relação tem sido construída e a partir de quais indicadores, apontando possíveis contribuições para estudos futuros. Dentre os resultados, evidencia-se que esses sistemas de qualidade de vida urbana resultam em conjuntos prioritariamente objetivos de indicadores (embora mais recentemente indicadores subjetivos com base em levantamento de impressões e percepções da população também têm sido construídos) e muitos são operacionalizados a partir de dados georreferenciados no espaço intraurbano. Tais indicadores relacionam-se tanto com a dimensão cultural como com a dimensão esportiva/recreacional do lazer e, em sua maioria, são construídos com base no levantamento do número e da distribuição dos equipamentos públicos disponíveis nas diferentes regiões das cidades. O compartilhamento de experiências entre esses sistemas de qualidade de vida urbana é importante para o aprimoramento de indicadores, sobretudo na área do lazer, contribuindo para sua legitimação no debate em torno da qualidade de vida nas cidades e de suas potencialidades no direcionamento de ações efetivas de planejamento e de políticas públicas para esse campo.

Palavras chave: Lazer. Qualidade de vida. Indicadores.



LAZER NO ESPAÇO URBANO: AS PRAÇAS PÚBLICAS DE BRAGANÇA (PA)

Nélis Araujo; Maryllin Oliveira; Alessandra Pereira

maryllinoliveira.tur@gmail.com

Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, Pará, Brasil / UNINTER

A criação de equipamentos públicos para o lazer visa diminuir a desigualdade social, oferecendo à população menos favorecida lugares onde possam desenvolver diversas atividades longe de seu ambiente familiar e interagir com a sociedade na qual está inserida, na tentativa de atenuar o caráter segregador que os espaços e os equipamentos particulares de lazer representam. Nesse sentido, o presente trabalho, intitulado “Lazer no espaço urbano: as praças públicas de Bragança (PA)”, apresenta como problemática: “Como o lazer é estabelecido/usufruído pelas diversas classes sociais em praças de diferentes bairros da cidade de Bragança (PA)?”. Diante disso, este trabalho teve como objetivo analisar os espaços das praças Rosa Blanco (Aldeia) e Antônio Pereira (Coreto) enquanto equipamentos de lazer e comparar esses ambientes no que concerne ao perfil do público frequentador, às (infra) estruturas existentes e às diretrizes das políticas públicas e do planejamento urbano, que aperfeiçoem a utilização desses espaços de acordo com as necessidades e os desejos da população quanto à socialização, à interação e ao bem-estar individual e social. Para viabilizar a pesquisa, os procedimentos metodológicos se estabeleceram a partir de levantamentos bibliográficos e documentais e da pesquisa de campo, sob uma abordagem quanti-qualitativa. No que tange à coleta de dados, os instrumentos de pesquisa compreenderam a aplicação de questionários com perguntas semiestruturadas abertas e fechadas com os moradores do entorno das praças supracitadas e com o poder público, além de registros fotográficos. Com base nesses procedimentos, a primeira seção contextualizou inicialmente o lazer no âmbito mundial, nacional, estadual e regional, referenciando os autores como Bahia (2008, 2012), Camargo (2006), Dumazedier (2004) e Marcelino (2006), já a segunda seção perpassou pelo planejamento do lazer e sua importância, embasando-se nos autores Costa (2001) e Rodrigues (2008) e a terceira seção apresentou a historicidade das praças públicas e da cidade de Bragança, assim como as praças analisadas in lócus, com embasamento teórico de De Angelis (2005), Recife (2002), Robba (2002) e Soares (2009). Os resultados obtidos apontam que as praças são equipamentos públicos destinados ao lazer da comunidade local, porém observou-se na Praça Rosa Blanco (Aldeia) um maior número de frequentadores, por esta apresentar quadras poliesportivas, brinquedos para crianças e praça de alimentação, no entanto ainda é perceptível o descaso do poder público com a manutenção desse ambiente. Por outro lado, a Praça Antônio Pereira (Coreto) não recebe um número expressivo de frequentadores, mas por ter uma melhor localização e estar em um bairro de classe média, recebe por parte do poder público manutenção e revitalização frequente. A partir dos resultados obtidos e das discussões geradas, buscou-se contribuir com os estudos acerca dessa relação que há entre o lazer e os espaços e equipamentos públicos urbanos, bem como apresentar algumas propostas para o planejamento do lazer nessas espacialidades, a fim de contribuir com o entretenimento e o bem-estar da comunidade local.

Palavras chave: Lazer. Espaço urbano. Equipamentos. Praças públicas. Bragança (PA).



LAZER, TERRITÓRIO E POLÍTICA CULTURAL PÚBLICA

Agustin Arosteguy; Christianne Gomes

agarosteguy@yahoo.com.ar

Grupo de Pesquisa LUCE, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG / FAPEMIG,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Este trabalho integra uma pesquisa de doutorado, desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil, dedicada ao estudo de uma política cultural pública denominada Ponto de Cultura/Cultura Viva. O seu objetivo geral é compreender de que maneira as experiências de lazer desenvolvidas por dois Pontos de Cultura no município de Belo Horizonte são apropriadas pelas pessoas que neles atuam (funcionários, educadores e participantes das propostas) e instigam o estabelecimento de vínculos afetivos com o território em termos de identificação, representatividade e pertencimento. Paralelamente, a pesquisa indaga se essa política cultural pública promove o direito ao lazer e à cultura nas cidades e se pode ser considerada uma ação revolucionária no sentido de resistir e contestar a (re)produção capitalista do espaço. O marco teórico buscou integrar a geografia humana, entendida como o estudo da interação entre a sociedade e o espaço, e a geografia do lazer, sendo este abordado como uma produção cultural humana que se concretiza num determinado território. Nessa direção, o referencial teórico articula fundamentos sistematizados por Henri Lefebvre (1991, 2016), David Harvey (2000, 2008, 2014), Milton Santos (2006, 2012), Yi-Fu Tuan (2012), Rogério Haesbaert (1997, 1999, 2011), Gilmar Mascarenhas (2010), Christianne Gomes (2004, 2011, 2014) e Manuel Cuenca (2006, 2009), entre outros autores. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, envolveu análise documental, observação e entrevistas, e contemplou alguns elementos da metodologia desenvolvida por Marcelo Matos (2010), sobretudo no que diz respeito aos aportes que fundamentam a dimensão simbólica, traduzida na afetividade dos habitantes pelo território que habitam. As análises empreendidas a partir das entrevistas e as anotações de campo evidenciaram que as experiências de lazer desenvolvidas pelos Pontos de Cultura pesquisados optam por atender demandas da comunidade relacionadas com a história e a memória coletiva de cada bairro. Tais experiências incitam a configuração de vínculos afetivos com o território em termos de identificação, representatividade e pertencimento a partir da construção do sentido de lugar. Lugar esse que comporta muito mais que o mero sentido geográfico de localização, pois se refere, em palavras de Matos (2010, p. 90), “às noções de seus significados; intimidade; familiaridade; identidade e singularidade”. Dessa forma, compreende-se que o espaço vivido é o emaranhado de paisagens composto por inúmeros lugares que permeiam e atravessam o cotidiano dos indivíduos. Entretanto, cada pessoa se identifica mais com uns lugares que com outros, e a partir daí estabelece uma relação de reconhecimento que faz com que assimile e incorpore o seu conteúdo simbólico. Foi constatado, ainda, que a escolha do território representa uma decisão afetiva e simbólica que vai além do trabalho e do aspecto meramente econômico. Como esta investigação buscou percorrer e aprofundar um caminho ainda incipiente nos estudos do lazer no Brasil, acredita-se que ela pode contribuir com os estudos e reflexões sobre as ligações entre o ser humano e o território.

Palavras chave: Lazer. Território. Direito ao lazer. Política Cultural Pública. Identidade.



MÚSICOS DE RUA E A TURISTIFICAÇÃO DAS CIDADES

Denise Falcão

defalcao1@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Em cidades turísticas, como Rio de Janeiro e Barcelona, é corriqueiro encontrar músicos de toda sorte se apresentando pelas ruas, praças e parques. Suas presenças vivificam os espaços urbanos, aflorando o poder da arte e da rua entre comunicações e encontros. Porém, para que essa prática social milenar aconteça, a primeira condição é a ocupação do espaço público pelos sujeitos. Os espaços públicos, na lógica capitalista contemporânea, muitas vezes são planejados com intenções turísticas em um movimento contínuo de transformação urbana em direção ao belo e ao consumo. Neste sentido, observa-se que o processo político-econômico é mais forte que o político-social. Políticas públicas, com caráter de “racionalidade instrumental”, a favor de uma “higienização” dos espaços públicos – principalmente dos espaços turísticos –, são implementadas, pretendendo dar forma regular, padronizando e controlando, por assim dizer, tudo o que acontece nesses espaços. A ocupação pelos músicos de rua desses espaços públicos nas cidades turísticas reivindica o direito à cidade (LEFEBVRE, 1974), repudiando a privatização dos espaços sociais, em um jogo de poder entre forças e transgressões, ou como sinaliza De Certeau (1980), entre táticas e estratégias. Esta pesquisa de abordagem qualitativa foi desenvolvida por uma etnografia durante 24 meses, 12 meses em cada campo, nas cidades do Rio de Janeiro e Barcelona. Realizaram-se 23 entrevistas semiestruturadas e a análise interpretativa dos dados foi articulada entre as observações do trabalho de campo, as entrevistas semiestruturadas e o levantamento bibliográfico. A compreensão dessa prática na contemporaneidade pontua que os músicos nas ruas aproximam a arte da vida, transformando o espaço social em espaço afetivo. Porém, quanto mais hierarquizados, regulamentados e estetizados os espaços se apresentam, mais se vê a arte transformada em mercadoria e os sujeitos tentando vender (se) arte. A estetização do mundo promovida por uma economia de mercado transforma esses artistas em mercadoria para consumo. Mercadorias que expressam o lado sensível da cidade ao mesmo tempo em que apresentam outra forma de remuneração, a troca. Tocar nas ruas, para os músicos, é um trabalho. Para uns, um trabalho árduo, para outros, um trabalho prazeroso e ativista. O significado social da música atrelado ao lazer e o entendimento de que sua habilidade é um dom divino silencia a posição de ofício para o músico, negligenciando o sujeito que vive dessa arte por desconsiderar todo esforço necessário para alcançar a expertise. A perspectiva crítica ao sistema capitalista contemporâneo se evidencia na percepção de que a música de rua, apropriada pela turistificação das cidades, tenta transformar uma parte sensível das metrópoles em mercadoria para consumo, impondo, a uma prática social milenar, condições precarizadas de (sobre) vivência pela arte. Por fim, compreende-se que, por mais que esses sujeitos estejam envolvidos e pressionados por todo o processo estético que abarca o mundo contemporâneo, essa prática social resiste como possibilidade de expressão desses músicos pelo seu fazer artístico. Ao escorregar pelas brechas do sistema homogeneizador, transgredindo os códigos e as hierarquias postulados, os músicos de rua mantêm viva uma prática social que sensibiliza e encanta as cidades.

Palavras chave: Músicos de rua. Turistificação. Espaço público. Prática social.



OS ENCONTROS CIRCENSES COMO FRUIÇÃO DO LAZER NA CIDADE

**Olívia Cristina Ferreira Ribeiro; Jéssica Adriana Montanini Fernandes;
Marco Antônio Coelho Bortoleto**

olivia@fef.unicamp.br

Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas – FEF/UNICAMP,
Campinas, São Paulo, Brasil

Um dos desafios nas grandes cidades em relação ao lazer atualmente é o acesso aos espaços públicos e às vivências culturais a todos os cidadãos, os quais fazem parte do direito à cidade. No Brasil, acompanhando uma tendência internacional, uma forma de ocupação e apropriação dos espaços públicos para vivências de lazer que vem ocorrendo são os encontros circenses (FERNANDES, RIBEIRO e BORTOLETO, 2015). O objetivo deste estudo é discutir e refletir sobre esses encontros como possibilidades significativas de lazer na cidade. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica (LIMA; MIOTO, 2007), com ênfase em estudos recentes sobre esse tema. Cabe destacar que o circo tem se manifestado de diversas maneiras e, no caso brasileiro, após a década de 1990, houve o surgimento de convenções e outras formas de encontros que reúnem artistas e praticantes entusiastas, que buscam novos contatos e a troca de conhecimentos (BORTOLETO, 2016; DUPRAT, 2016; CONVENÇÃO BRASILEIRA DE MALABARISMO E CIRCO, 2016). Tais encontros são muito diversificados e disseminados por todas as regiões do país, têm durações variadas, em alguns casos com periodicidade semanal e, em outros, esporádica (RIBEIRO, BORTOLETO e FERNANDES, 2014). Nessas vivências de lazer ocorrem, entre outras coisas, o intercâmbio de conhecimento e o aprimoramento técnico-artístico. Nossos estudos mostram que os encontros semanais têm crescido em número e proporções em todo o país, mas é na região sudeste onde acontecem com maior ênfase. Estudos realizados na cidade de Campinas e na capital do Estado de São Paulo (FERNANDES, 2015a; 2015b, 2016) revelam, por exemplo, tratar-se de iniciativas geridas por grupos de pessoas voluntárias e são praticadas atividades como o malabarismo, equilibrismos (monociclo e na perna de pau), acrobacias (de solo, mão a mão) e até mesmo modalidades aéreas (tecido, trapézio, lira etc). Outras práticas têm sido observadas, como a de atirar facas e equilíbrios de objetos incomuns para essa finalidade (como bicicletas e instrumentos musicais, por exemplo), assim como a incidência regular de apresentações abertas (cabarés, mostras) e indicam que os encontros podem ser observados como espaços de experimentação artística também. A maioria desses encontros acontece em espaços públicos como praças, ruas, becos, pontes e até mesmo no interior de universidades públicas e sem o apoio do poder público (FERNANDES, 2015a; 2015b, 2017). Os encontros de circo reúnem pessoas de diversas classes sociais e gêneros, o público é composto fundamentalmente por artistas e entusiastas (novatos ou experientes), majoritariamente jovens ou adultos. Os encontros proporcionam uma interessante aproximação entre artistas experientes e iniciantes e contribuem com o direito ao lazer e à cidade. Parece-nos que por meio desses encontros as possibilidades de troca, de diálogos com diferentes opiniões e gostos, de conhecimentos e experiências sobre o circo são potencializadas, bem como o fomento do convívio social e de práticas culturais e de transformação desses espaços (FERNANDES, 2017).

Palavras chave: Lazer. Circo. Urbano.



PARQUE MINHOCÃO: TRANSFORMAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES PARA LAZER URBANO

Ana Carolina Machado; Thiago Allis

anacarolinapadua@yahoo.com.br

Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo – EACH/USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

O Elevado Presidente João Goulart, o Minhocão, é uma via elevada de 2,6km de extensão localizada na região central da cidade de São Paulo, que se torna objeto de destaque na medida em que, além de sua função original, representa espaço de apropriação para o lazer por moradores e visitantes da cidade de São Paulo. Inaugurado em 25 de janeiro de 1971, sua função era – e ainda é – a de conectar a região central e partes da Zona Oeste, estendendo-se da Praça Roosevelt ao Largo Padre Péricles. Sua construção trouxe impactos aos moradores e paisagem do entorno, acentuando problemas de poluição e alterando a lógica imobiliária vigente. Neste contexto, este trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa de mestrado sobre o Parque Minhocão, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, cujos determinados conteúdos também foram apresentados no XIV Seminário ANPTUR, em 2017. Sua base teórica/conceitual fundamenta-se nas discussões sobre cidade para pessoas (Jan Gehl), planejamento urbano (Otilia Arantes), lazer (Nelson Carvalho Marcellino), lazer na cidade (José Guilherme Cantor Magnani) e turismo urbano (Martin Selby). Diante da lógica da ocupação e apropriação de espaços públicos e urbanos para novas finalidades, o trabalho objetiva analisar cronologicamente os processos de transformações e ressignificações que apresentaram com novas funcionalidades o Minhocão, passando de um objeto restrito à circulação viária para um espaço de lazer e, de maneira incipiente, turismo na cidade de São Paulo. Uma vez que o elevado teve sua concepção inicial como espaço viário (sem qualquer perspectiva para usos não motorizados), busca-se apresentar e interpretar acontecimentos e instrumentos legais marcantes que fundamentaram políticas públicas e permitiram a ocupação gradual do Parque Minhocão para novos usos – especialmente para lazer urbano. O procedimento metodológico adotado, de caráter qualitativo, utilizou de pesquisa bibliográfica em artigos científicos, livros, reportagens de jornais e revistas, combinada com visitas com observação direta nos momentos em que o Parque encontrava-se fechado para carros e aberto para pessoas. Através de uma básica pesquisa cronológica em jornais e revistas, é possível perceber a quantidade de debates, interesses e instrumentos legais criados ao longo das gestões municipais em relação ao Minhocão e seu futuro. Atualmente, o Elevado tem trânsito exclusivo para carros todos os dias da semana, das 6h00 às 21h00, ficando aberto apenas para pedestres aos sábados (a partir das 15h00), domingos e dias de semana (a partir das 21h30), quando passa a se chamar – legalmente – Parque Minhocão. Nestes períodos, o Parque Minhocão ganha novo significado enquanto espaço de convivências e experiências humanas, com a prática de esportes, encontros de “tribos” e manifestações artísticas e culturais. Através das análises realizadas, averiguou-se a evolução cronológica do Minhocão e suas transformações funcionais, trazendo à tona a importância dos espaços urbanos de lazer para a cidade (em termos de imagem, novos ambientes de encontros e potenciais de lazer e turismo) e para seus usuários, através da garantia do bem-estar, saúde, e possibilidade de práticas artísticas, esportivas e culturais.

Palavras chave: Lazer. Planejamento urbano. São Paulo.



PARQUES URBANOS COMO ESPAÇO EDUCATIVO INTERCULTURAL: GESTÃO E USO PÚBLICO

Reinaldo Pacheco

repacheco@usp.br

Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo – EACH/USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

Os parques urbanos, imersos no cenário de uma megalópole contemporânea tal como a Cidade de São Paulo (Brasil), com mais de dez milhões de habitantes, apresentam-se como espaços potenciais do encontro intercultural educativo. No entanto, observa-se que as políticas educacionais desconsideram as potencialidades destes espaços públicos de educação não formal ao não estabelecerem propostas integradas de políticas públicas que consideram as práticas culturais de tempo livre já desenvolvidas. No caso da Cidade de São Paulo, os parques municipais são administrados pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente sem que haja troca de experiências e estabelecimento de programas conjuntos com as secretarias municipais de educação, cultura, esporte e lazer. Desta forma, as atividades desenvolvidas nos parques municipais deixam de aproveitar todo o potencial de inclusão social e de troca intercultural possível no cenário de uma cidade que cada vez mais demandará serviços de cultura e lazer. Assim, parece não haver a devida consideração aos aspectos do planejamento do uso público destes espaços que poderiam oferecer atividades de forma a proporcionar inclusão social e o direito ao lazer, promovendo inclusive maior conservação ambiental. Propõe-se que os gestores responsáveis pela administração destes espaços públicos aproximem-se do campo de conhecimento e intervenção profissional relativo às políticas públicas de cultura e lazer e que as políticas educacionais do município considerem o potencial educativo não formal destes espaços. Desde 2013, temos oferecido uma Disciplina Optativa Livre no curso de Lazer e Turismo da Universidade de São Paulo com a temática do Uso Público em Parques Urbanos. A disciplina, em cinco anos, teve a procura de cerca de 250 estudantes. Esta iniciativa surgiu em função de um acúmulo de trabalhos de pesquisas, especialmente no tocante ao convênio DERSA/USP em relação ao planejamento do uso público dos parques recebidos pelos municípios de Embu das Artes, Itapeverica da Serra, São Paulo, São Bernardo do Campo e Santo André como compensação ambiental pela passagem do trecho sul do Rodoanel Metropolitano. Além disso, notou-se no campo dos Estudos do Lazer no Brasil, uma incipiência em relação à sistematização dos estudos sobre lazer nos parques urbanos também por meio da pesquisa FAPESP realizada no Parque Ecológico do Tietê acerca do uso público dos campos de futebol de várzea. Desta forma, esta comunicação pretende relatar e abrir espaço para discussão sobre o campo de estudos sobre os parques urbanos que está em desenvolvimento na EACH-USP, à luz da compreensão destes espaços como importantes componentes numa rede cidadã de educação não formal. Por meio do trabalho de campo da disciplina optativa temos mergulhado em realidades distintas e percebido diversos modelos de gestão em pequenas, médias e grandes cidades brasileiras, para além de São Paulo, tais como Curitiba, Belo Horizonte, Brasília, Sorocaba e Salto. Ainda, parece haver uma discussão ainda muito incipiente na realidade brasileira acerca dos modelos de gestão destes espaços que possam dar fluxo às demandas de uso na contemporaneidade.

Palavras chave: Parques urbanos. Uso público. Lazer. Educação. Cidades.



PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO PELO E PARA O LAZER EM CIDADES

Carolina Dias Machado; Maria Helena Mattos Barbosa dos Santos

lena_mbsantos@yahoo.com.br

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Sorocaba, São Paulo, Brasil

As cidades, segundo Canclini (2013) e Agier (2011), são heterogêneas por natureza, em suas múltiplas dimensões (cultural, social, econômica, política e ecológica); são multiculturais, multitemporais, colocam problemáticas complexas, favorecem encontros e aprendizagens e, simultaneamente, sediam exclusões, fechamentos. São Miguel Arcanjo, cidade da Região Metropolitana de Sorocaba, no interior do estado de São Paulo, com aproximadamente 31.450 habitantes, possui IDHM relativamente alto – índice de 0,710 – e é turisticamente reconhecida pela presença de atrativos ecológicos, contabilizando fluxo em torno de sessenta mil turistas/ano (IBGE, 2010; IPEA, 2010; PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL ARCANJO, 2017). A impossibilidade de apreender uma cidade em sua totalidade, face à diversidade e pluralidade imanentes, franqueia diferentes análises, optando-se por desvelar de que forma “[...] as pessoas fazem a cidade” (AGIER, 2011). A faculdade de planejar, erigir e intervir em espaços urbanos, de forma a privilegiar usos públicos e acesso ao lazer como direito social, para Pacheco e Raimundo (2014), atrela-se à definição de projetos que os considerem como espaços profícuos à reflexão sobre a cidade e cidadania, tendo em vista o relevante papel do lazer no desenvolvimento crítico, criativo e livre dos cidadãos. Sob esta ótica e pautadas pelo uso do método dedutivo, da metodologia de estudo de caso, das técnicas de pesquisa bibliográfica, documental (“Inventário Turístico” e “Plano de Desenvolvimento Turístico”) e entrevistas com agentes políticos vinculados à Prefeitura Municipal de São Miguel Arcanjo, buscou-se investigar a oferta de espaços e equipamentos de lazer na cidade, com a respectiva categorização destes segundo tipologias propostas por Santini (1993) e Stucchi (1997), agrupados em espaços e equipamentos específicos (especializados, polivalentes, polivalentes grandes e equipamentos de turismo) e não específicos, assim como analisar os interesses culturais, por estes, passíveis de estímulo, segundo considerações de Dumazedier (1980). Os resultados apontam a existência de nove espaços/equipamentos de caráter específico: quatro classificados como especializados (dois estabelecimentos rurais dedicados à pesca amadora, e dois espaços para eventos – espaço de exposições e casa noturna), além de quatro polivalentes (RPPN Parque do Zizo; RPPN Parque Taquaral; Parque da Onça Parda; Parque Municipal Lagoa do Guapé) e um polivalente grande (Parque Estadual Carlos Botelho). O número expressivo de espaços e equipamentos de lazer, contudo, integra a tipologia não específicos, a saber: cinco estabelecimentos rurais vinícolas; quarenta e oito estabelecimentos vinculados ao segmento de Alimentos & Bebidas; doze estabelecimentos de hospedagem; e duas bibliotecas (uma dedicada à história da imigração japonesa – Biblioteca Japonesa Toshokan). Considerando os interesses/conteúdos culturais do lazer – sociais, físicos, intelectuais, manuais, artísticos e turísticos –, constata-se que a oferta de lazer concentra estímulos ao desenvolvimento de conteúdos físicos, sociais e turísticos, fomentando, em princípio e com limitações, competências e habilidades relacionadas aos conteúdos intelectuais, manuais e artísticos, imprescindíveis ao desenvolvimento da consciência histórica, da expressão criativa, das dinâmicas culturais, de processos de interpretação patrimonial, entre outros. Por fim, nota-se oferta, sobretudo, ligada às iniciativas e atuação de agentes privados, situação que explicita limitações na oferta e uso de espaços públicos urbanos, que potencialmente impactarão o amplo desenvolvimento sociocultural de cidadãos e turistas.

Palavras chave: Lazer. Cidades. Espaços de lazer. Interesses culturais. Desenvolvimento sociocultural.



PRÁTICA DE LAZER NA METRÓPOLE: REPRESENTAÇÕES DO CICLISMO URBANO

Carolina Gontijo Lopes

carolminasfef@yahoo.com.br

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra/CES-UC, Coimbra, Portugal

Entre disputas e conflitos a prática do ciclismo urbano para o lazer enfrenta questões sociais complexas próprias de São Paulo. Com base na tese de doutorado em andamento apresento uma análise sociológica de como e por que os cidadãos pedalam no tempo livre numa metrópole do Sul. As informações qualitativas obtidas em São Paulo decorrem da etnografia de rua centrada na ciclo faixa operacional de lazer do circuito Centro-Paulista-Ibirapuera; bem como de entrevistas semiestruturadas com os próprios ciclistas, gestores públicos e experts. Em função da prática, os vídeos etnográficos foram adotados para registrar as imagens de cada informante. É no diálogo entre dados empíricos qualitativos e teorias da Prática, com ênfase na teoria da prática cotidiana de Michel De Certeau (2009), que a discussão em torno do ciclismo urbano, práticas urbanas, lazer e metrópole contribui com elementos estruturais e situados tanto para qualificar o planejamento urbano, quanto para adaptar as teorias aplicadas. A partir das lógicas estratégias e táticas certeusianas que as representações das maneiras de pedalar foram compreendidas. O ciclismo urbano como prática de lazer confronta ao que Lefebvre denomina de racionalização da vida urbana. Relatos de campo relacionaram a prática à memória de infância; à saúde; à segurança e ao transporte na metrópole. Por um lado, o campo empírico revelou a princípio preocupação estratégica com a inserção de hábitos saudáveis entre os atores investigados. Pedalar no tempo livre seria uma forma de praticar atividade física e sair do sedentarismo. Ao contrário, o sentimento de medo frente: a agressividade no tráfego pelas ruas; à saturação e centralidade dos parques para atender a demanda; e aos riscos de assaltos ao pedalar pela cidade, representa insegurança na prática. Por outro lado, as pedaladas para o lazer incentivaram a ampliação do uso da bicicleta para além do universo infantil e dos finais de semana e feriado. Verificou se que, com apropriação da cidade durante tal prática houve a ampliação das pedaladas para outros dias, horários ou até mesmo caminhos. Hoje em dia, muitos atores já usam a bicicleta para ir ao trabalho, buscar o filho na escola ou fazer compras. O aspecto motivacional da prática do ciclismo urbano para o lazer fomenta mudanças nos comportamentos dos cidadãos, bem como nas formas de representar a prática no próprio espaço urbano. Em um contexto que se afasta do espaço público, em que os espaços não promovem o encontro e a convivência entre os diferentes, o pedalar pela cidade aproxima, seduz e encanta com suas histórias e objetos arquitetônicos. A cidade distante e insegura cede lugar aos espaços de encontros e trocas. Questões sociais de saúde, segurança e transporte público são algumas dimensões associadas à prática do ciclismo urbano para lazer na metrópole do Sul.

Palavras chave: Ciclismo urbano. Práticas urbanas. Lazer. Cotidiano. Metrópole do Sul.



PROJETO DIVER-CIDADE

Mário Silveira; Anderson Campos; Odirlei Vieira

mario@pompeia.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio de São Paulo - SESC, São Paulo, São Paulo, Brasil

O bairro de Itaquera, periferia de São Paulo, convive com escassas opções de prática esportiva e lazer com boa infraestrutura, equipamentos e segurança. Entretanto, a região possui desde 1992 uma unidade do SESC, instituição nacional, sem fins lucrativos, que contribui para o bem-estar e a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Historicamente, o SESC Itaquera funcionou como um grande parque, com capacidade para receber grandes públicos, especialmente em finais de semana. Os frequentadores se deslocavam de diversas áreas da cidade com objetivo de desfrutar de um dia de lazer junto a uma grande área verde, capaz de dar vazão a essa intencionalidade. Com a criação de novas ações na instituição, a unidade percebe então uma maior apropriação por parte do público, que de maneira crescente, passou a se apropriar de modo mais permanente, em dias de semana e também aos finais de semana. O projeto arquitetônico de Eduardo de Castro Mello e Cláudio Cianciarullo tem possibilitado que a unidade funcione como um grande espaço de convivência, atualmente apoiado em uma gama de programações desenvolvidas de modo bastante descentralizado e com uma ocupação bastante territorial em todo o equipamento. O complexo do SESC está em uma área de proteção ambiental e abriga 350.000m² de área construída, contando com parque aquático, quadras poliesportivas descobertas, ginásios cobertos, salas de múltiplos usos, quadras de tênis, campos de Futebol Soçaite, quadras para esportes de praia e uma ciclovia. O complexo do Ginásio de Esportes, principal equipamento do SESC, após pouco mais de 20 anos de sua inauguração, apresentou necessidades de manutenção, com previsão de fechamento de até um ano, o que provocou a reflexão da unidade em como se organizar para este período sem este equipamento, buscando novas perspectivas e considerando apenas os espaços descobertos, tendo eles características esportivas ou não. Sob a ótica do *Placemaking* – um processo de planejamento, criação e gestão de espaços públicos voltado para a integração das pessoas, a equipe criou o projeto “Diver-Cidade”, cujo conceito versava sobre novas apropriações para o esporte em locais não convencionais e usos diferenciados para áreas esportivas preexistentes, com espaços acessíveis e que estimulam interações entre as pessoas e a cidade. O Projeto apresentou cinco novas possibilidades de espaços e atividades: Pista de Skate – esportes radicais; Quadra Multiesportiva – multimodalidades esportivas adaptadas em tamanho e configuração; Espaço de Ginástica Geral – voltado aos movimentos básicos, próprios da infância como saltar, correr, rolar; Piscina – esportes náuticos e modalidades olímpicas diferenciadas; Espaço Corpo em Harmonia – práticas corporais, ginásticas e danças. Desta forma, a unidade ampliou a diversidade de oferta de atividades, atendendo a públicos de todas as idades e com interesses distintos, porém convivendo juntos e tendo o esporte como meio para a integração e para a convivência. Percebemos que a criação de espaços esportivos adaptados permite maior acolhimento e vem inspirando mais pessoas à participação, tornando o espaço mais atrativo, participativo e menos hostil, principalmente para o público com menor afinidade com as práticas esportivas formais.

Palavras chave: Esportes. Diversidade. Placemaking. Lazer.



TRICOTANDO A CIDADE ATRAVÉS DO YARN BOMBING

Rosana Eduardo da Silva Leal

rosanaeduardo@yahoo.com.br

Universidade Federal de Sergipe - UFS

O trabalho tem por objeto analisar a relação entre cidade, intervenção urbana e lazer, tendo como objeto de estudo o yarn bombing, movimento criado nos Estados Unidos pela americana Magda Sayed, que logo se expandiu por outros países e se tornou um fenômeno global. Trata-se de uma técnica artesanal que envolve com peças de tricô e/ou crochê árvores, postes, semáforos, bancos, bem como todo tipo de mobiliário do espaço urbano, colorindo e humanizando as cidades. Segundo a criadora, a proposta busca valorizar o comum, o ordinário, o mundano, sem necessariamente retirar a identidade e funcionalidade dos elementos da paisagem citadina. O movimento segue a tendência do “faça você mesmo” tão recorrente nos dias atuais, indo de encontro ao mundo tecnológico de hoje. Trata-se de uma intervenção artística e urbana quase sempre efêmera, que provoca estranhamento e curiosidade aos transeuntes, transformando a paisagem urbana. A técnica remete ao conceito de bricoleur definido por Lévi-Strauss (1970) como um pensamento mágico, não utilitário, intuitivo, proveniente da experimentação, da criatividade e da curiosidade. O estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, seguindo as premissas teóricas e metodológicas da Antropologia Urbana, estando embasado no pensamento de Certeau (1998) sobre as artes de fazer do cotidiano. Para o referido autor, as práticas humanas constroem táticas silenciosas e sutis, que não obedecem aos modelos impostos, produzindo uma cultura ordinária que não se conforma com o que está posto. Neste âmbito, consideramos que as intervenções urbanas perpassam a tese do referido autor, estando presentes na rotina de diversas metrópoles. A pesquisa de campo foi realizada no Barrio del Oeste em Salamanca/Espanha. Trata-se de um bairro com uma intensa produção e programação artístico-cultural, que absorve criativas instalações, dentre elas o yarn bombing, passíveis de serem contempladas por moradores, visitantes e/ou turistas que por lá circulam diariamente. Tais produções podem ser observadas nas ruas, árvores, praças, garagens, fachadas de prédios residenciais e comerciais, em bares e restaurantes da localidade, transformando o bairro em uma ampla e diversificada galeria de arte. Diante da pesquisa, observou-se que o yarn bombing constitui um movimento estético e político que repensa o modo acelerado e tecnocrata da vida cotidiana, promovendo bricolagens da e na cidade. A técnica transforma o espaço urbano em ambientes lúdicos, de pausa e contemplação, bem como em ateliês públicos capazes de estimular a interação social, o lazer e a criatividade humana, como foi possível observar no Barrio del Oeste.

Palavras chave: Intervenção urbana. Lazer. Yarn bombing.



TEMA 14
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E TEORIAS
DO LAZER
PRODUCTION OF KNOWLEDGE AND
LEISURE THEORIES
PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO Y
TEORÍAS DE OCIO



A CONDIÇÃO HUMANA: TÉDIO ENQUANTO MOTOR À PRÁTICA DO LAZER

Alex Natalino Ribeiro; Odilon José Roble

alex.natalino.ribeiro@gmail.com

Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas – FEF/Unicamp,
Campinas, São Paulo, Brasil

Pautado em uma metodologia estritamente hermenêutica, a partir do conceito de tédio na filosofia de Pascal (1623-1662), propomos uma reflexão acerca de como tal conceito, em nossa perspectiva, nos permite compreender o modo como, na contemporaneidade, nos relacionamos com as práticas de lazer. Ao estabelecermos um diagnóstico da contemporaneidade, poderíamos afirmar que vivemos tempos pós-modernos; de uma modernidade líquida; em que numa sociedade excitada as dinâmicas das atividades humanas, entre elas as práticas de lazer, se configuram de um modo específico quando perspectivadas frente a outros momentos históricos – seja na Grécia antiga, na Idade Média ou na Modernidade, nós humanos haveríamos nos relacionado com o mundo de um modo distinto às peculiaridades contemporâneas. Tal noção reivindica que este modo específico de experiência no mundo perpassa-atraversa nossas ações dinamizando o modo como nos relacionamos, propriamente, com as coisas no mundo e nele agimos. Deste modo, nesta dinâmica também estaria inserido o lazer, suas práticas e o modo como são pensadas, promovidas e oportunizadas – em outras palavras: a dinâmica de produção e consumo da contemporaneidade, que também atravessa as práticas de lazer, seria própria desse nosso tempo e poderia ser de mesmo modo diagnosticada. No entanto, ao nos questionarmos acerca daquilo que propriamente diagnosticamos em cada um dos tempos-períodos históricos convenientemente distintos, nos chama atenção o fato de que, ao olharmos para o mundo indagando de que ordem seria a relação que com ele estabelecemos, em diversos aspectos, nos parece escapar determinada questão capaz de problematizar o vetor primeiro destas relações, isto é, ao passo que se problematiza, se compreende e se caracteriza o mundo – as relações nele estabelecidas –, escapa-nos a compreensão acerca de que humano é este que, no mundo, é capaz de estabelecer determinadas relações que, por exemplo, se configuram na contemporaneidade enquanto pós-modernas? Nesse sentido, estabelecendo um debate com a filosofia, o que propomos é justamente a problematização acerca da, aqui denominada, condição humana. Isto é, partindo de Pascal, acreditamos que nos é possível dimensionar o que implica o humano no mundo que seria comum a cada um dos períodos anteriormente citados: seja na Modernidade, na Pós-modernidade ou na Idade Média, há algo de específico que move o humano a se relacionar com as coisas no mundo. Pois, no presente trabalho, reivindicamos uma interpretação que segue especificamente o que nos apontam alguns filósofos, tais como Pascal, Husserl, Svendsen, acerca do que nos permite compreender a relação que o humano estabelece com a vida, na realização das ações cotidianas de caráter efêmero e, de mesmo modo, com o desconhecido, naquilo em que se inseririam tais ações, o universal. Por exemplo, o que nos interessa é a compreensão de Pascal acerca do modo como as ações, os fazeres humanos – e neles, o tédio e o divertimento – se articulam, associados em um mecanismo tal que configuraria o motor próprio das ações humanas no mundo, principalmente, o que é objeto desta reflexão: a dinâmica tédio-divertimento enquanto motor à prática do lazer.

Palavras chave: Lazer. Tédio. Filosofia.



DISPOSITIVO RECREACIONAL: EL CONTROL EN DICTADURA, NEUQUÉN 1976 -1983, ARGENTINA

Julia Cristina Gerlero

juliagerlero@gmail.com

Universidad Nacional del Comahue – UNCo – ciudad de Neuquén, Argentina

Se destaca como contexto teórico el devenir de la recreación en su relación con el control social (Janowitz, 1975; Adorno, 1962; Thompson, 1984; Clarke y Critcher, 1985; Rojek, 1995), el autocontrol y el disciplinamiento (Elías, 1982; Rojek; Shaw y Veal, 2006; Tejeda González, 2011), así como su utilización en diversos gobiernos autoritarios (Uría, 1984; Sgrazzutti, 2004; Tamames, 2008; Grunberger 2010). La investigación pone en evidencia que las prácticas recreativas no quedan por fuera de la dominación dictatorial, aún en una pequeña ciudad de la Patagonia Argentina. Su objetivo general es analizar la estructura y el sentido de las prácticas recreativas organizadas en la ciudad de Neuquén desde el Estado Municipal, en el periodo 1976-83 a la luz de los marcos ideológicos impulsados por el gobierno de facto. El estudio se inscribe en una perspectiva socio-histórica, con carácter longitudinal, en un diseño de investigación flexible (Mendizabal, 2006). Las fuentes de datos incluyen: 1) noticias de diarios locales; 2) documentos oficiales de nivel provincial; 3) notas de nivel municipal, y ocho entrevistas semidirigidas a informantes clave, vinculados al ámbito municipal de la gestión pública, organizaciones intermedias y ámbito privado de recreación. La diversidad de fuentes ha permitido una triangulación de datos y metodológica (Flick, 2014). El análisis se ajusta a un proceso mixto – cuantitativo y cualitativo. La presentación enfoca la definición y posterior análisis del “dispositivo recreacional”, que se configura como hallazgo destacado de la investigación, ya que permite analizar los factores que actúan sobre las prácticas recreativas cuando la intención es el control de la población. Se evidencia cómo el dispositivo afecta a la población en sus distintas etapas vitales, y supone un impacto en la subjetividad, al estar impreso en elementos tan disímiles como discursos, espacios, organizaciones y expresiones arquitectónicas, y prácticas entre otras, las que se amalgaman con el saber propio que trasmite el poder. El dispositivo recreacional en dictadura, articula cuatro dominios claramente identificables: jurídico administrativo, relacionado con la imposición de la legalidad en el uso del tiempo; el núcleo de cualificación ideológica relacionado con la imposición de sentido en las prácticas; el control del espacio en la nueva territorialización destinada al combate de la subversión con efectos en lo recreativo, así como el dominio del denominado control encubierto, relacionado con acciones de inteligencia y censura sobre las prácticas recreativas. Cada dominio demuestra las estrategias que dan cuenta del dispositivo como un instrumento de control, que actuó en armonía con el poder central. El dispositivo recreacional revela en su configuración aspectos que posibilitan con la adecuación necesaria, una lectura de la realidad recreativa – en su dimensión política –, aún por fuera de gobiernos autoritarios.

Palabras clave: Recreación. Control social. Poder. Dictadura.



FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA PEDAGOGIA CRÍTICA DO LAZER: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Bruno Assis de Oliveira; Edson Marcelo Hungaro

br.olivei@gmail.com

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), São Paulo, SP, Brasil;
Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil

Nos estudos do Lazer é frequente a referência à temática da Educação. Nos estudos clássicos brasileiros prevalecem teses da educação para o tempo livre e educação pelo tempo livre, manifestações da “disputa política em torno do que será feito do tempo livre da classe trabalhadora, predominando as posições que visam sempre determinar o caráter deste tempo” (PEIXOTO, 2007, p. 268). Diante do exposto, começamos discorrendo sobre os limites e possibilidades da educação visando a perspectiva da emancipação humana. Num segundo momento indicamos as características do lazer na contemporaneidade. Partimos de algumas reflexões sobre as formas da Educação (escolar sistematizada, escolar assistematizada, não escolar sistematizada e não escolar assistematizada). Na sequência, apresentamos um esboço com elementos para a constituição de uma pedagogia crítica do lazer, fundamentalmente, com base em aspectos da pedagogia histórico-crítica, mas com a colaboração de outras reflexões orientadas por expressões nos estudos do lazer na educação popular. Longe de reivindicar o fim da escola como muitos teóricos da Educação sugerem, ou a ascensão da “sociedade do lazer”, reivindicamos o pensamento de Dermeval Saviani no qual a escola é a instituição socializadora do conhecimento por excelência e reafirmamos a centralidade ontológica do trabalho “e não do Lazer”, coerente com os fundamentos do método Materialista Histórico-Dialético para interpretar o ser social sob o capital. Entendemos que a luta pela socialização da cultura, embora atravesse a defesa intransigente da educação escolar, não precisa (nem deve) prescindir da defesa e da colaboração de outras modalidades do fenômeno educacional (MORI e CURVELO 2016). Trabalhamos com a hipótese de uma pedagogia crítica do lazer, que se oriente pela perspectiva da emancipação humana, possua inúmeras possibilidades de articulação com uma educação escolar crítica. O resumo que ora apresentamos representa um desdobramento da dissertação sob o título *Subjetividade e lazer: contribuições para uma análise crítica* (OLIVEIRA, 2016). Nessa pesquisa constatamos a pouca ocorrência do tema, os limites dos estudos que abordaram tal relação e encontramos, na análise dos estudos do lazer vinculados à tradição marxista, a possibilidade de desenvolvimento do tema por pressupor a mútua determinação entre sujeito e objeto. Nesse caso, a subjetividade não corresponde a um dado natural, imediato ao indivíduo, mas é construída historicamente, atravessada pelas contradições de classe e representa elemento essencial na construção, na transformação, na apreensão e na interpretação cognitiva do real. Como importante elemento nas disputas entre capital e trabalho, reconhecemos no lazer um dos terrenos possíveis de construção de subjetividades alienadas e a possibilidade de questionamento dos limites da “liberdade” e “felicidade” prometidos pelo capital. No entanto, a refuncionalização do lazer no Brasil durante a década de 1990 opera como simulacro de emancipação do capital ao conferir nova vida às concepções subjetivistas, pela afirmação do prazer do indivíduo e de sua liberdade de escolha no mercado.



GENDERED HISTORIES, GENDERED CONSTRAINTS: THE SPIRIT OF YOUTH AND LEISURE

Rasul A. Mowatt

ramowatt@indiana.edu

Indiana University

Foundational texts serve as pedagogical tools for students in classrooms as well as philosophical guideposts for scholars that explore lived experiences through research. In examining the foundational texts within leisure studies that includes Johan Huizinga's (1949) *Homo Ludens: A Study of the Play-Element in Culture* and Josef Pieper's (1952) *Leisure the Basis for Culture*, the earliest has been Veblen's (1899) *Theory of the Leisure Class: An Economic Study of Institution* with a noted void comprised of diverse voices. More recently, it has been raised that Du Bois landmark study (1899), *The Philadelphia Negro: A Social Study* merits consideration for inclusion as a foundational text (Mowatt, Floyd, & Hylton, 2017). By extension, based on the date of publishing and the stature of the author, *The Spirit of Youth and the City Streets* by Jane Addams also warrants such an inclusion due to the significance of the discussion. Addams argued, as an early form of Leisure Justice (Henderson, 2014), that the environment of the city "is thronged streets, its glittering shops, its gaudy advertisements of shows and amusements" (p. 54) that lead youth to seek "adventures", which often turn into criminal activity and thus the work of settlement houses, youth development, and youth recreation were paramount as an intervention. Further, Addams posited that, "organizing a child's activities with some reference to the life [s]he will later lead and of giving [her or] him a clue as to what to select and what to eliminate when [s]he comes in contact with contemporary social and industrial conditions" (p. 109). Yet the discussion and inclusion of Addams and this text is absent from most textbooks in the way that would present as a necessary reading for future practitioners and scholars focused on programming and community development (Henderson, Bialeschki, Shaw, & Freysinger, 1996). What is presented here is a discussion of: 1) a summary of *The Spirit of Youth*; 2) the role of programming in overcoming cultural and structural constraints based on Addams assessment of the treatment of immigrant youth (Chick & Dong, 2003), albeit absent of an intersectional perception of crime and enforcement that was evident in the Racial Restrictive Covenants of Chicago at the time (Watson & Scraton, 2013); and 3) the ways in which academia genders and silences, as an additional form of intellectual constraint, the voices of women in scholarship (Aitchison, 2001; Henderson & Gibson, 2013; Samdahl, 2016). By properly situating *The Spirit of Youth* as the first published example of an articulated programming philosophy, we are gifted with an improved understanding of foundational texts in leisure studies that incorporates early development of theory (Veblen, 1899), research (Du Bois, 1899), and practice (Addams, 1909) for the modern age.

Keywords: Addams. *The Spirit of Youth*. Gendering. Youth Development. Silences.



LAZER E CONSUMO DE DROGAS NAS SOCIEDADES JUVENIS CONTEMPORÂNEAS

Heloisa Heringer; Gelsimar José Machado; Liana Romera

helo.heringer@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Os contextos de lazer se configuram como espaços-tempos importantes para compreender os modos de vivência dos lazeres juvenis. Dentre as manifestações presentes entre as juventudes, a socialização, a busca pelo prazer e por novas sensações são elementos intrínsecos aos lazeres destas parcelas populacionais. Além disso, estudos, tanto qualitativos como quantitativos, destacam a prevalência do consumo de substâncias psicoativas entre os jovens, evidenciando cenários de uso de drogas no lazer, principalmente no período noturno nos fins de semana, trazendo também à tona discussões sobre a relação destes usos com as vivências sociais fomentadas pelas sociedades contemporâneas nas quais o consumo de bens e sensações aparece de forma marcante. O lazer hedônico aparece como reflexo da sociedade de consumo que centra constantemente a busca pela gratificação, integração e formação de identidade que vêm de encontro às constantes insatisfações e incertezas sociais. O aumento do consumo de substâncias psicoativas pode ser mais uma consequência desta sociedade, uma forma de fuga das responsabilidades e ou até produção de sentido de existência. Objetivamos, a partir deste estudo, compreender os modos de consumo das sociedades contemporâneas que influenciam as culturas juvenis em direção ao uso de drogas nos espaços-tempos de lazer. Tendo como eixo o conceito de tribos descrito por Maffesoli (2006), apresentamos discussões, a partir de pesquisa teórico-conceitual, sobre a emergência de formas de socialização juvenil refletidas em uma valorização do sentimento de pertencimento que, em consonância com uma dimensão estética voltada para a experiência de sensações positivas, pode se materializar muitas vezes em itinerários de lazer, nos quais aparecem frequentemente consumos de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. Acreditamos que os modos de uso presentes nas culturas juvenis contemporâneas extrapolam as visões maniqueístas fortemente enraizadas em nossa sociedade e ressaltam a busca por experiências aprazíveis, construção das identidades, divertimento, socialização e pertencimento. Entretanto, tais usos sofrem os reflexos moralistas construídos ao longo dos anos a partir de evidências científicas compreendidas equivocadamente, por interesses políticos e econômicos, pela influência da mídia, dentre outros fatores. Este cenário tem gerado implicações estigmatizantes que encobrem o entendimento sobre as motivações individuais de uso, sobretudo quando falamos do público juvenil. Compreender as inter-relações entre juventude, lazer e drogas é importante, pois contribui para a construção de um olhar não maniqueísta sobre as manifestações de lazer das juventudes e heterogeneidade deste público. As compreensões sobre os modos de lazer das culturas juvenis contemporâneas são fundamentais no trato de ações preventivas, principalmente ao pensarmos em subsidiar políticas de prevenção ao uso de substâncias psicoativas nos contextos de lazer distanciadas dos ranços moralizantes e mais próximas da realidade concreta.

Palavras chave: Lazer. Juventude. Consumo de drogas.



LAZER NA CONTEMPORANEIDADE URBANA: OS CENTROS CULTURAIS DO SESC/SP (1982-2010)

Alexandre Francisco Silva Teixeira

afst2009@hotmail.com

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil

Esta pesquisa historiográfica emerge das seguintes questões: 1) O que houve historicamente para que o lazer se tornasse natural em inúmeros locais no espaço urbano? 2) Como foi possível achar que do lazer pode-se retirar alegria e prazer? Para responder parte de tais questões, esta investigação aponta para o estudo de caso sobre a história do lazer na cidade de São Paulo, relacionada aos trabalhadores do comércio em recente contemporaneidade historiográfica. Entre as manifestações, experiências e estratégias ocorridas neste sentido na capital paulista encontram-se os Centros Culturais do Serviço Social do Comércio do Estado de São Paulo. Há mais de 70 anos a instituição SESC atua neste setor e, atualmente, possui implantados equipamentos urbanos para realização de programações em todas as zonas municipais paulistanas. Seu atendimento prioritário são os empregados do comércio e serviços, mas também está aberto a toda a comunidade, com programações que apresentam um *modus operandi* de diversificado conteúdo cultural. Para a instituição, o lazer é atualmente uma estratégia educativa que pode contribuir para melhorar a qualidade de vida e a convivência entre as pessoas. Para isso, mantém um fluxo permanente de programações culturais que englobam eventos artísticos, esportivos e programas socioeducativos. Com base nas fontes analisadas até o momento, observa-se que durante os anos de 1982 a 2010 as programações culturais, a arquitetura dos espaços e a hospitalidade como formas de acolhimento de seus usuários, firmaram-se como estratégia para oferecer espaços e tempos de lazer na instituição. Como são inúmeros os fatos que marcaram a história do SESC, foi necessário estabelecer limites e critérios de análise para as fontes audiovisuais como fotos, vídeos e entrevistas que balizam a pesquisa. O recorte temporal ficou definido entre os anos de 1982 a 2010, período de concentração de fatos que apontam para transformações nas práticas do lazer, se comparado às das primeiras décadas da instituição. Assim, três aspectos de observação norteiam a seleção das fontes: Programação, Arquitetura e Hospitalidade. Entre as unidades do SESC na cidade de São Paulo foram selecionadas quatro, segundo os critérios: data de inauguração atendendo ao recorte temporal (1982-2010) e não mais que uma unidade por zonas municipais. Assim, foram selecionadas quatro: SESC/Pompeia, SESC/Vila Mariana, SESC/Santana e SESC/ Belenzinho. A compreensão histórica conceitual do lazer de um modo geral aponta indícios de que suas práticas ou ausências na sociedade acabam sempre servindo aos valores e à lógica da produtividade, do rendimento e da utilidade. Tais fatos estruturam historicamente uma plataforma de conhecimento para o lazer comprometida com o desenvolvimento econômico das elites. No caso do SESC, observa-se que o fator produtividade no tempo de lazer alia-se ao educativo não formal e ao educativo permanente que se traduzem em programações abertas à diversidade social, cultural e econômica da população. Características que sugerem a existência de uma racionalização dirigida e ao mesmo tempo criativa e ampla que estabelecem direcionamentos bastante diversificados para o lazer.

Palavras chave: História. Cidade. Lazer. SESC-SP.



LÓGICA GERENCIAL: INGERÊNCIA SOBRE O TEMPO E ESPAÇO DE LAZER

Bruno Modesto Silvestre; Simone Gonçalves de Paiva; Silvia Cristina Franco Amaral
modesto.b@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, São Paulo, Brasil

Com o avançar do processo de reestruturação produtiva e das políticas neoliberais, a lógica gerencialista ganha espaço e é tratada como panaceia para diversos problemas econômicos e sociais. A sociedade gerencial nada mais é, segundo Gaulejac (2007), do que um sistema que garante a centralidade das dimensões social, econômica e cultural determinadas pela empresa. Nascida no setor privado, a lógica gerencialista tende a se espalhar no setor público e extrapolar as barreiras do trabalho para abranger todas as esferas de relações humanas. Assim, os princípios da eficácia, da performance e da concorrência – sistematizados no conceito de “gestionarização” – passam a ser estruturantes para as relações sociais, levando o sujeito a “gerenciar” sua educação, a saúde, o lazer como se tratasse de um investimento, ou mesmo um capital a ser otimizado (METZGER; MAUGERI; BENEDETTO-MEYER, 2012). A administração gerencialista, ancorada na racionalidade econômica, também se faz presente no campo educacional. Essa perspectiva, que se orienta na noção da educação como serviço e não como direito, desencadeou um processo de intensificação e precarização do trabalho docente no estado de São Paulo (VENCO e RIGOLON 2014). Desse modo, esta pesquisa teve por objetivo investigar a influência da lógica gerencialista no tempo de não trabalho e no lazer dos trabalhadores docentes da rede estadual paulista. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, além da análise de documentos que versam sobre a gestão escolar no estado de São Paulo, utilizou de entrevistas semiestruturadas, com 29 trabalhadores docentes, condicionadas à aplicação da técnica de pesquisa sobre os usos do tempo. Esta análise baseia-se na descrição das atividades desenvolvidas por uma população durante determinado período de tempo (AGUIAR, 2011; BRUSCHINI, 2006). Nesta pesquisa, os diários abarcaram uma semana típica de trabalho dos professores em questão, mais o final de semana anterior ou subsequente. As políticas gerencialistas para a educação no Estado de São Paulo se expressam por diferentes matizes. Entre as que influenciam diretamente os professores vale pontuar as seguintes: os cursos oferecidos para as equipes gestoras, as distintas formas de contratação docente, o Índice de Cumprimento de Metas (ICM), o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) e Política da Bonificação de Resultados (BR). Neste cenário, foi possível identificar que os professores investigados vivenciam tensões para “gerenciar” suas vidas, tendo em vista as adequações impostas à carreira docente. Na perspectiva apontada por Gaulejac (2007), onde as técnicas de gestão apresentam a especificidade de conseguir fazer com que os assalariados aceitem as exigências de seu trabalho, vale destacar a tomada do tempo livre e do que seria o tempo e espaço destinado ao lazer por atividades ligadas ao trabalho, sobretudo as atividades vinculadas ao SARESP. Também vale salientar que parte importante das práticas de lazer entre os professores estão relacionadas à tecnologia. Todavia, além da dificuldade de se delimitar com acuidade essas atividades – principalmente em equipamentos conectados à internet –, foi possível observar que tempos e espaços considerados de lazer, sob reforço da lógica gerencialista, são cada vez mais ocupados pelo trabalho.

Palavras chave: Lazer. Tempo livre. Gestão. Trabalho docente.



O CELAZER E O CAMPO CIENTÍFICO DO LAZER NO BRASIL

Regiane Cristina Galante; Silvia Cristina Franco Amaral

regiane@scarlos.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – SESC, São Carlos, São Paulo, Brasil / Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil

Instituição privada de âmbito nacional, criada em 1946, o Sesc – Serviço Social do Comércio – tem como objetivo a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural dos trabalhadores do comércio e serviços e suas famílias. Com a aprovação das Diretrizes Gerais de Ação pelo seu Conselho Nacional na década de 1970, o lazer foi incorporado oficialmente à política social institucional, tornando-se um campo de ação prioritário em todo o território nacional. Desta forma, no intuito de sistematizar e fundamentar teoricamente as ações da entidade, além de ampliar a formação e a capacitação técnica dos funcionários que atuavam com os projetos de lazer, no ano de 1978, o Departamento Regional do Sesc em São Paulo criou o CELAZER – Centro de Estudos do Lazer. O referido Centro contou com a participação de funcionários do Sesc, orientados por estudiosos do Lazer, entre os quais o sociólogo francês Joffre Dumazedier. Favorável às ideias de Dumazedier, o Sesc assume o lazer enquanto vivência ligada ao tempo livre, e passa a investir nos estudos e pesquisas sobre o caráter socioeducativo do lazer. Durante os anos de funcionamento do CELAZER, foram promovidos eventos, cursos, congressos, seminários e pesquisas sobre a temática. O CELAZER publicou, ainda, cinco livros que compuseram a chamada *Biblioteca Científica do Sesc – série Lazer*, além da *Revista Leituras Celazer*. Assim, buscando compreender o papel do CELAZER para a constituição do campo científico do lazer no Brasil é que foi realizada esta pesquisa. De cunho qualitativo, a pesquisa levantou no acervo do *Sesc Memórias* – o Centro de Memória do SESC São Paulo – todo o material produzido pelo CELAZER e os documentos que comprovam sua criação e atuação, a fim de identificar a fundamentação teórica e também política do referido Centro de Estudos. Além disso, com inspiração na História Oral e nos estudos da Memória, utilizando a entrevista semiestruturada como recurso metodológico, foram entrevistados os principais integrantes/pesquisadores do CELAZER, para compreender suas atuações e contribuições na construção deste campo e, ainda, outros agentes que, mesmo não atuando diretamente no Centro, também se envolveram com as ações e pesquisas realizadas pelo CELAZER, tornando-se produtores de conhecimento e, portanto, contribuintes ao campo científico do Lazer no Brasil durante e após o encerramento das atividades do CELAZER, em 1983. Enquanto resultados, do ponto de vista dos entrevistados foi possível apontar duas principais contribuições do CELAZER para o campo científico do lazer no Brasil: a publicação dos volumes que compõem a *Biblioteca Científica*, e que influenciaram não somente as ações da instituição Sesc como também a construção/formatação de todo um pensamento sobre o Lazer no País, e a definição dos *Conteúdos Culturais do Lazer*, redigidos em conjunto e com a orientação de Joffre Dumazedier. Contudo, também emerge da pesquisa a reflexão sobre a preponderância da Teoria de Joffre Dumazedier nos estudos do CELAZER e seus efeitos na conformação do campo científico do lazer no País, dada a divulgação massiva de tal pensamento pelo CELAZER e pelo Sesc.

Palavras chave: Lazer. Celazer. Campo científico. Memória.



O ESPECTRO DA ESPIRITUALIDADE COMO INTEGRADORA DA MULTIDIMENSIONALIDADE DO LAZER

Cristiane Ker de Melo

cristianeker@hotmail.com

Departamento de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Este trabalho visa contribuir à discussão dos interesses/conteúdos culturais do lazer (ICCL) tendo por base a construção de um entendimento sobre sua manifestação dinâmica e multidimensional na totalidade da vida, transcendendo perspectivas classificatórias/estranques. Visa, ainda, propor a espiritualidade como mais um espectro a ser considerado no quadro das áreas fundamentais dos ICCL, verificados até o momento no campo de estudos do lazer, como: físicos, manuais, artísticos, intelectuais, sociais, turísticos e virtuais (DUMAZEDIER, 1980; CAMARGO, 1986; SCHWARTZ, 2003). A busca pela espiritualidade, vinculada ou não a formas religiosas, é uma área de interesse que move a humanidade ao longo de toda sua história e culturas, e concretiza um universo de conhecimentos e práticas do “tempo livre”. Nesse sentido, esta pesquisa, caracterizada como qualitativa-exploratória, segue a perspectiva da hermenêutica dialética (MINAYO, 1996), integrando o campo bibliográfico e empírico. Toma como campo de investigação/análise as propostas/convites de eventos vinculados à temática do autoconhecimento/espiritualidade, divulgados através de uma rede social. Tais eventos, delineados na forma de palestras, vivências e/ou cursos de formação/aperfeiçoamento, permeiam a experiência de lazer de diferenciados grupos sociais. Um universo de conhecimentos e conteúdos relativos às mais diversificadas temáticas pode ser identificado nessas propostas, tais como: práticas corporais; práticas energéticas/sutis; massagens; jogos; prosperidade; comunicação não-violenta; astrologia; artes; danças sagradas; física quântica, dentre outras. Quanto às etapas da investigação, destaca-se: 1) busca por esses eventos em páginas específicas da rede; 2) seleção e registro das temáticas, informações e conteúdos de cada evento; 3) análise das informações coletadas, para o delineamento das dimensões que envolvem a experiência da espiritualidade permeando a esfera do lazer e ressignificando conceitos e práticas. Como resultados, identificamos que este heterogêneo e múltiplo campo de vivências vem crescendo significativamente nas últimas décadas, principalmente, em função do movimento denominado Nova Era. Igualmente, nesse contexto contemporâneo, essas propostas de vivências espirituais incorporam tanto a prática, quanto o consumo e o conhecimento em diferentes níveis de apropriação e se ajustam ao modelo hegemônico de mercadorização do lazer, dado o elevado valor cobrado por tais experiências. Muitas das atividades são propostas na forma de retiros, viagens, práticas junto à natureza, experiências de expressão/artísticas, portanto, integram vivências em todas as áreas dos ICCL as quais são ofertadas após o horário comercial, nos finais de semana e férias. Considerando os conteúdos do lazer como os conhecimentos manifestos da cultura e o interesse por qualquer um deles como um elemento motivador interno, que move o sujeito em direção a seus objetivos, a busca pela espiritualidade na contemporaneidade se apresenta como elemento integrador de outras vivências, conhecimentos, valores e conteúdos na teia da vida, promovendo uma autoformação humana, fundamentada na construção de si e na reconfiguração da vida.

Palavras chave: Lazer. Conteúdos culturais. Espiritualidade.



O LAZER NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS PAULISTAS

Amanda Sousa do Nascimento; Mateus Henrique de Oliveira; Eliana de Toledo
amandanascimento18@hotmail.com

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil

O campo do lazer é multidisciplinar, possuindo atividades interdisciplinares, que compreendem a atuação de profissionais com diferentes perfis de formação (ISAYAMA, 2003; MARCELLINO, 2006). Os cursos de Educação Física e/ou Esporte e Turismo, parecem ser os que mais abarcam esta temática, e segundo Filippis e Marcellino (2013), tanto no ensino como na pesquisa e extensão (principalmente nos cursos de Educação Física). Sendo assim, esse trabalho teve por objetivo analisar as disciplinas (obrigatórias e eletivas) que possuem como tema principal o Lazer, oferecidas nas universidades públicas estaduais paulistas, nos cursos de graduação em Educação Física e Esporte. A pesquisa se caracterizou como documental, e teve como fonte primária os currículos vigentes dos referidos cursos das universidades USP, Unicamp e Unesp (disponíveis nos sites institucionais). A amostra contempla oito cursos de graduação em Educação Física e Esporte: dois da Unicamp (campi de Campinas e Limeira), três da USP (campi de São Paulo/Butantã, São Paulo/Zona Leste e Ribeirão Preto), e três da Unesp (campi de Bauru, Rio Claro e Presidente Prudente). A análise utilizada foi quantitativa, relacionada à incidência das disciplinas que continham no título ou ementa a abordagem do Lazer. Identificou-se a existência de disciplinas com a temática Lazer nas três universidades (100% da amostra). Na USP, o tema está em 1/3 dos cursos (33%), sendo inexistente nos cursos de Bacharelado em Educação Física e Esporte, dos campi Ribeirão Preto e Zona Leste. E no campus Butantã, foi identificada uma disciplina eletiva (Lazer e Movimento), que é comum aos cursos de Bacharelado e Licenciatura. Na Unicamp, o tema é abordado em 100% dos cursos (Limeira e Campinas), em seis disciplinas (duas eletivas e quatro obrigatórias). O campus de Campinas oferece quatro disciplinas, sendo uma eletiva e três obrigatórias (Licenciatura e Bacharelado). O campus de Limeira, somente com um curso de Bacharelado, oferta as outras duas disciplinas (uma eletiva e uma obrigatória). Na Unesp, o tema é abordado em 100% dos cursos dos três campi, tendo sido encontradas seis disciplinas ao total: uma disciplina obrigatória (Bacharelado e Licenciatura) em Rio Claro; duas obrigatórias (Bacharelado e Licenciatura) em Presidente Prudente; e três disciplinas, sendo duas delas obrigatórias para o curso de Bacharelado, e a outra obrigatória para o curso de Licenciatura, no campus de Bauru. Conclui-se que todas as universidades estaduais paulistas ofertam o tema Lazer na formação profissional em Educação Física e Esporte, com pouco desequilíbrio entre cursos de Licenciatura e Bacharelado (com preponderância para o segundo). As disciplinas são em sua maioria obrigatórias, garantindo a abordagem do tema na formação. A Unicamp possui menos campi e é a que mais oferta disciplinas que abordam o tema, possuindo um histórico de formação profissional específica nesta área, não mais vigente (em Campinas). O tema já não é tão abordado na USP e Unesp (nesta sequência), o que denota uma escolha do perfil do egresso.

Palavras-Chave: Formação. Lazer. Universidades Estaduais. Disciplinas.



ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM LAZER NO BRASIL

Aline Tschoke Vivan; Simone Rechia

aline.tschoke@ifpr.edu.br

Instituto Federal do Paraná (IFPR); Grupo de Estudos e Pesquisas em Espaço, Lazer e Cidade da Universidade Federal do Paraná (GEPLEC/UFPR), Curitiba, PR, Brasil

Esse trabalho é um estrato da pesquisa de doutorado a qual questionou quais as maneiras de fazer acadêmico, nas perspectivas de alguns pesquisadores, vinculadas aos estudos e pesquisas no campo do lazer, concernentes à área da Educação Física. Especificamente neste recorte, tem-se como objetivo apresentar um mapeamento dos grupos de pesquisa em lazer no Brasil a partir do GTT lazer e sociedade do CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Assim, o tema dessa pesquisa é o conhecimento científico, no campo do Lazer e na área da Educação Física; portanto, questiona-se: quais as formas de organização e produção dos grupos de pesquisa em Lazer no Brasil. Para tanto, esta pesquisa foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa, materializada em três fases: análise de documentos e seleção dos sujeitos; entrevistas semiestruturadas com os pesquisadores selecionados; análise interpretativa. Foram selecionados seis grupos de pesquisa, todos vinculados a Programas de Pós-Graduação em Educação Física ou áreas afins, sendo a metade deles vinculados a área da saúde, e a outra metade a área Interdisciplinar, ambas denominações referentes a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Acrescenta-se que em relação à distribuição no território nacional, temos dois grupos na região Sul e quatro na região Sudeste. Partindo-se dos dados coletados, foram delimitadas duas categorias de análise: organização e produção. Sobre a organização, ou seja, as maneiras de fazer acadêmica, os grupos de pesquisa têm dinâmicas próprias, mas a maioria busca conectar sujeitos, em diferentes níveis de formação, em um mesmo espaço acadêmico. Porém, o enfoque em alguns casos é mais forte na pesquisa, e em outros está dissipado no ensino, na pesquisa e na extensão. As tendências epistemológicas são centradas na área das Ciências Sociais e Humanidades. Já no caso das tendências metodológicas a abordagem é qualitativa. No que tange à produção, ou seja, sistematização e socialização do conhecimento, todos os pesquisadores entrevistados relatam preocupação em compartilhar o conhecimento acumulado e construído no interior dos grupos em forma de publicações científicas (periódicos, livros, capítulos de livros) e participação em eventos científicos. Para tanto, a maioria dos coordenadores dos grupos de pesquisa atuam tanto como autores, quanto pareceristas e editores de periódicos da área da Educação Física. A maioria dos pesquisadores possui uma conexão forte com os eventos científicos, mesmo que estes não sejam examinados objetivamente nas avaliações dos Programas de Pós-Graduação, denotando-se a resistência do grupo em manter espaços de troca e socialização do conhecimento científico. Sendo assim, se organizando em pesquisas essencialmente qualitativas, com aspectos de análise sob um viés sociocultural e pedagógico, a produção desses grupos pesquisados é socializada prioritariamente em publicações e eventos científicos.

Palavras-Chave: Lazer. Produção do conhecimento. Educação Física. Brasil.



PRÁCTICAS Y REPRESENTACIONES DEL OCIO EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS URUGUAYOS

Martín Pérez Pollero

martin.ppollero@gmail.com

Universidad de la República – Udelar, Montevideo, Uruguay / Universidad Católica del Uruguay – UCU, Montevideo, Uruguay

La siguiente investigación se enmarca en la Maestría en información y comunicación de la Facultad de información y comunicación de la Universidad de la República (Udelar) y actualmente se encuentra en curso. En los últimos años, la apropiación de las tecnologías digitales ha transformado nuestra vida cotidiana. Algunas de estas transformaciones impactan en las experiencias espacio-temporales de ocio. Si bien algunas de estas modificaciones son comprendidas desde las encuestas de uso del tiempo libre y consumo culturas, este tipo de indagaciones no son suficientes para dar cuenta de las transformaciones en la forma en que los sujetos contemporáneos practican y significan sus experiencias de ocio. Los jóvenes universitarios, de entre 18 y 24 años, parecen ser una generación en la cual estas transformaciones podrían estar presentes de manera particular. Desde diferentes abordajes, las generaciones jóvenes, han sido conceptualizadas a partir de diferentes características que modifican las formas tradicionales desde donde se sustentaban las experiencias de ocio. Algunas investigaciones proponen que la frontera entre tiempo de trabajo y otros tiempos, así como el ocio ya no son tan claros y que los jóvenes buscan en características que antiguamente pertenecían claramente al ocio en sus experiencias laborales. Por otro lado, las tecnologías digitales enmarcan la experiencia contemporánea de los jóvenes, donde se vuelven fundamentales para comprender la textura de la experiencia contemporánea. La hipótesis de partida postula que se están experimentando una serie transformaciones, que modifican las prácticas y representaciones tradicionales, y que se manifiestan en las generaciones más jóvenes. Comprender estos fenómenos se vuelve fundamental para profundizar en cómo los sujetos contemporáneos vivencian y dan sentido al esparcimiento, al disfrute y a los usos del tiempo. El abordaje metodológico se basa en una perspectiva socioantropológica que pretende comprender las prácticas y los sentidos de los jóvenes universitarios. Para eso, en un primer nivel, se realizarán entrevistas en profundidad con el objetivo de recolectar los discursos sobre el ocio y el tiempo. Asimismo, se realizarán grupos de discusión que permitan comprender los sentidos sociales asociados a estas categorías y sus prácticas. A partir del trabajo de campo se pretende contar con los datos para trazar las principales representaciones y prácticas de los jóvenes sobre sus experiencias de ocio mediadas por las tecnologías digitales. Los resultados aportarán a la comprensión de cómo los jóvenes universitarios viven su ocio y qué relación tienen las tecnologías digitales en estos cambios. Asimismo se pretende profundizar sobre la comprensión las transformaciones en el uso del tiempo tradicional y las nuevas formas emergentes. Asimismo pretende revisar a la luz de una investigación empírica los modelos tradicionales de entender el ocio con la experiencia contemporánea de los sujetos. Esta investigación es un aporte a comprender una de las dimensiones de la vida cotidiana de los sujetos contemporáneos, sus tensiones y transformaciones.

Palabras clave: Ocio. Tecnologías digitales. Jóvenes universitarios.



PRÁTICAS CIRCENSES NA FORMAÇÃO DOS GRADUANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Heloá Rodrigues Assunção; Patrícia do Socorro Chaves de Araújo

helo95@hotmail.com

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil

O presente trabalho busca descrever as possíveis implicações sobre o desenvolvimento das práticas circenses, frente à formação no curso de Educação Física, no Campus III da Universidade do Estado do Pará (CEDF/UEPA). Neste sentido, refletimos questões pertinentes às práticas corporais de (ou para o) lazer e seus significados dentro de um universo da formação que propicia o desenvolvimento de práticas circenses. O aumento dos estudos acerca da aplicabilidade do circo dentro da Educação Física escolar é ressaltado por (BORTOLETO, DUPRAT, 2007); assim como estudos voltados para a formação de professores através das atividades circenses como destacado por (ABRAHÃO, 2011). A ideia de Cultura Corporal, conforme (BORTOLETO, CELAFANTE 2011), mencionado pelo Coletivo de autores, permite a ampliação das práticas corporais ensinadas nas escolas e discutidas na formação universitária. A metodologia aplicada foi estruturada por uma pesquisa-ação, pautada em achados científicos que estivessem de acordo com o objetivo proposto. A amostra foi constituída a partir de caráter intencional, tendo quarenta e três participantes com idade entre 18 e 50 anos do CEDF/UEPA. O critério de inclusão foi à entrega do TCLE assinado. Para coleta dos dados se utilizou um questionário constituído de perguntas abertas aplicado aos alunos do CEDF/UEPA. Trabalhamos com três eixos: 1. Primeira aplicação de questionário: promoveu um diagnóstico dos discentes, com a análise das respostas dadas ao questionário, e o planejamento das intervenções. 2. Intervenção: implementação e realização da intervenção utilizando-se das práticas circenses, como ferramenta para melhorar e promover novas experiências, quanto às questões de interação e corporeidade. 3. Segunda aplicação de questionário/resultados após a intervenção: a realização do questionário se deu após a intervenção, que apresentou uma variação dos pontos questionados da pesquisa. As discussões, conforme (TUCUNDUVA, 2015), nos mostram algumas universidades, dentro e fora do Brasil, que oferecem disciplinas com o conteúdo circense dentro de sua grade curricular. As universidades estão localizadas em cidades de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Goiás, Canadá, EUA e Espanha. Os termos em geral designados para os nomes das disciplinas são “atividades circenses”, “atividades acrobáticas”, “esportes ginásticos e artes do circo”. Ao propomos ao CDF/UEPA uma disciplina, mesmo que de caráter optativo em sua matriz curricular, acreditamos que as transformações no mundo do circo foram mudanças significativas na cultura e que devem ser tratadas no ambiente universitário, em especial na graduação em Educação Física. Ao criar condições de um conhecimento corporal amplo e dentro do contexto da realidade social dos discentes, através da compreensão e reflexão da cultura que o rodeia, podemos lhes proporcionar uma importante contribuição para seu pensamento crítico e sua formação. Nesse sentido, os diferentes tipos de experiências das atividades circenses envolvem questões artísticas, culturais e corporais. E assim, por meio destas atividades é possível que os educandos conheçam a riqueza de conhecimento da cultura humana.

Palavras-chave: Práticas Circenses. Formação Universitária. Educação Física.



REFLEXÕES DO COSPLAY COMO FORMA DE LAZER

Ari da Silva Fonseca Filho; Dionisio de Almeida Brazo

dionisioalmeida@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

O lazer como fenômeno social está diretamente ligado à sociedade, absorvendo novas formas de preenchimento desse tempo. O *cosplay* consiste em fantasiar-se e interpretar algum personagem da cultura pop e sua gênese é identificada nos eventos de ficção científica dos Estados Unidos da América, no final da primeira metade do século XX. Atualmente, a prática encontra-se mundializada, sendo exercida em diversos países em que seus praticantes interpretam personagens da cultura pop local, assim como mundial. Com isso, houve mudanças no modo como essa atividade é praticada. É possível identificar que a prática não se restringe somente aos eventos fechados ou pagos, sendo também realizada nas ruas. Além disso, houve a crescente profissionalização da prática em que *cosplayers* são contratados para participar de eventos, assim como fez emergir o profissional que confecciona as roupas, o *cosmaker*. Com isso, o limite que separa o *cosplay* de uma atividade lúdica e desinteressada, por vezes pode se confundir com uma atividade profissional. Participar de eventos e confeccionar suas próprias roupas são partes, mesmo que não obrigatoriamente, de ser um *cosplayer*, no entanto, na medida em que esses praticantes se tornam experientes e ganham visibilidade, há a possibilidade de contratos para participar de eventos ou de trabalhar como *cosmaker*. Diante disso, o presente texto tem como propósito identificar a prática do *cosplay* como uma atividade de lazer do mundo contemporâneo, evidenciando o seu limiar com a atividade profissional do *cosplayer* e *cosmaker*. Para tal, os objetivos específicos traçados foram compreender o lazer no contexto da pós-modernidade; contextualizar o *cosplay*, assim como os *cosplayers* e *cosmaker* e; por fim, investigar a relação da atividade do *cosplay* e o lazer dos *cosplayers*. Assim, este artigo caracteriza-se como exploratório com abordagem qualitativa. O processo metodológico de coleta de dados foi desenvolvido por meio de levantamento bibliográfico, questionário aplicado em meio virtual aos *cosplayers* e na observação direta em eventos relacionados à cultura pop e no bairro da Liberdade, em São Paulo. A pesquisa nos evidencia o *cosplay* como forma de representação da identidade de seus praticantes em que se utiliza de símbolos e códigos de uma cultura mundializada. Nesse sentido, o tempo de lazer contribui para a construção física e imaginária do vestuário de sua fantasia. Além disso, identificamos os eventos da cultura pop como lugares de sociabilização dos *cosplayers* no qual encontram um espaço lúdico para vivenciar seus personagens favoritos da cultura pop, encontrando seus pares e, assim, reforçando laços culturais.

Palavras chave: Lazer. Cosplay. Cultura pop.



TEMPO-LIVRE COMO CATEGORIA DE ANÁLISE DA SUBJETIVIDADE/ VILA DA PAZ

Paula Ângela de Figueiredo Paula

pauladepaula@uol.com.br

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Considerando a natureza dos estudos do “Centro de Estudos de Educação Física, Esporte e Lazer” (CEEFEL) da PUC Minas, tomamos a categoria de tempo-livre (tão cara aos estudos do Lazer), para analisar a constituição da subjetividade na Vila Da Paz, um dos territórios compreendidos pelo Programa Judicial para Remoção e Reassentamento Humanizado de Famílias do Anel Rodoviário e BR-381 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Como o ser humano não tem um órgão específico para apreender o tempo, a Psicologia e a Psicanálise o tomam como fator constituintes da subjetividade. Por outro lado, a divisão entre um caráter quantitativo (chronos/kronos), tido como o tempo disponível das obrigações sociais e o qualitativo (kairós), tido como instante subjetivo privilegiado de vivência lúdica, reedita a clássica dialética filosófica entre o universal e o particular/singular. Por isso a primeira parte da pesquisa foi de uma revisão bibliográfica sobre a ontologia do tempo, tomando a contribuição da filosofia, física, sociologia, psicologia/psicanálise, buscando analisar suas implicações nas teorias do lazer. No segundo momento, fizemos uma pesquisa de campo com um grupo de crianças/adolescentes e de mulheres, participantes das atividades promovidas pela equipe da educação física do Eixo Socioeducativo do Programa. Como as mulheres não estavam inseridas no mercado de trabalho, visamos investigar a maneira como nossa amostra se apropriava do caráter quantitativo e qualitativo do tempo/espço, considerando as funções do lazer referentes ao descanso, desenvolvimento da personalidade e diversão. A metodologia utilizada baseou-se em dois instrumentos. O primeiro conhecido como protocolo do “orçamento-tempo” (inspirado no livro de SZALAI, Alexander, “The use of time” (1972), visa saber como as pessoas dispõem de seu tempo. O segundo foi a “conversaão”, um dispositivo da psicanálise clínica, criado por Jacques-Alain Miller (2003), que estende a psicanálise para fora das 4 paredes do consultório individual. Essa metodologia de intervenção em grupos foi aprovada pelo Fundo de Incentivo a Pesquisa (2014-2015) na PUC Minas, na categoria de inovação tecnológica. Este dispositivo visa provocar nos participantes a elaboração de um saber subjetivo e ao mesmo tempo coletivo construindo uma solução para os desafios postos pela realidade. A conversaão foi gravada e transcrita para procedermos a análise do discurso e, de acordo com Minayo (1996) e Bardin (1977) referenciou nossa interpretação nas teorias acima apresentadas. Descobrimos que a Vila convive simultaneamente com o tempo de trabalho das sociedades capitalistas e com o tempo religioso das Igrejas que regulam a vida das mulheres e das famílias. O tempo livre de um trabalho formal (tal como acontece na Vila), não pode ser considerado ócio, porque diferente do que significava o conceito na Grécia antiga este tempo é vivido como tédio de uma “falta completa do que fazer”. Concluímos com a análise de três casos (fruto da escuta desta amostra), apresentados com o nome de: “Menina Falante”, “Menino Facinho” e “Mulher realidade” que a qualidade do “tempo vivido” no cotidiano dessas vidas, produz subjetividades sem recursos simbólicos para competir no mercado de trabalho, impedindo as pessoas de sonhar e lutar por melhores condições materiais de existência.

Palavras chave: Tempo. Subjetividade. Lazer.



TEMA 15
LAZER, MEIO AMBIENTE E
SUSTENTABILIDADE
LEISURE, ENVIRONMENT AND
SUSTAINABILITY
OCIO, MEDIO AMBIENTE Y SOSTENIBILIDAD



BEYOND LEISURE: EDUCATING FOR A BROADER PERSPECTIVE

Celiane Camargo-Borges; Marisa P. de Brito; Michelle Sampaio

brito.m@nhtv.nl

Breda University of Applied Sciences, Breda, the Netherlands; UniRio, Rio de Janeiro, Brazil

1. Introduction - In this paper, we look beyond the leisure field itself, by considering the challenges and opportunities in educating future professionals to embrace the complexities that communities and organizations face in this 21st century (Castells, 2000). This complex reality has had a drastic impact on the educational field, meaning that traditional education models, based on transfer of knowledge, are not well suited to 21st century society (Robinson, 2011). The traditional educational models are failing to prepare people for the challenges of today's society (Giacalone, 2004; Rynes, Bartunek and Daft, 2001). Creativity, collaboration and co-creation define today's landscapes of business and technology (Karakas, 2009) so it is also important to bring those into educational approaches. For that, we are embracing a collaborative methodology in the learning process. The theoretical and practical framework will be explained and contextualized. This methodology offers a systemic, collaborative and relational view on education (Camargo-Borges, 2015) focusing on designing for emergence investing on the collective creativity of all involved (Nijs, 2014). It is a learning process to be co-designed, aiming to engage teachers, students and stakeholders in an experience that leads to transformation.

2. Approach/Description - We will examine a collaborative methodology by means of a concrete educational learning project on sustainable place making. We will include testimonials from the teachers, students and other stakeholders. Nineteen students from the Netherlands and 19 students from Brazil spent three weeks in the State of Rio de Janeiro, working together on a real-life challenge: facilitating the sustainable development of Silva Jardim. Social actors in Silva Jardim, together with the Unirio University are developing the "Silva Jardim 2030 initiative", aiming at growing a diversity of projects that are locally and financially possible in the region. The students, during this field trip, had the challenge to understand the context in a broader way, to immerse themselves in that specific reality, and trying to help them to develop a sustainable place. Important to note is that Silva Jardim is a region full of contradictions: while rich in nature is one of the poorest of the State of Rio de Janeiro. Sustainable development can be read here as a livable, resilient and innovative territory in which nature protection and human enhancement could be combined with sustainable entrepreneurship.

3. Considerations - Students received a complex challenge to tackle collaboratively. This implied automatically overcoming some challenges along the way: - to navigate through a complex reality of stakeholders and their expectations; - to grasp quickly but without jumping to premature conclusions, - to balance aiming high without compromising the timeline. The paper will further describe the fieldwork process, how the universities collaborated and got involved with the stakeholders from the region. The collaborative methodology, was developed as part of both universities will be shown in action, as applied in the project. The paper will then go over the potential gains of organizing such didactical approaches. It will prepare students for the 21st century professional reality and to deal with potential bottlenecks.

Keywords: Collaborative methodology. Learning process. International fieldtrip. Place making. Sustainability. 21stCentury challenges.



BRINCAR E CONTEMPLAR: EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E LAZER NO SESC INTERLAGOS

Felipe Gaspari; Eveline Guttilla; Eliane Neves; Santiago Noronha; Mariano Ribeiro; Liliane Souza, Gabriela Santos Tibúrcio

liliane@interlagos.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo/SP, Brasil.

1. Introdução - O objetivo deste relato é demonstrar como se dá, num contexto de intenso processo de urbanização, o encontro entre a educação socioambiental e o lazer, pensando no Sesc Interlagos como uma estrutura capaz de oferecer ao visitante uma experiência de contato com a natureza cada vez mais escassa na região. **2. Descrição** - O Sesc Interlagos destaca-se como importante espaço de lazer na região onde está localizado, proporcionando acesso a práticas esportivas, recreação, estruturas lúdicas, áreas verdes, serviços de alimentação e programação cultural. Sua estrutura conta também com trilhas em fragmentos de Mata Atlântica, horta agroecológica, estufa, sistema agroflorestal e composteiras que compõem um espaço educador onde são desenvolvidas as atividades socioambientais. No atendimento a públicos diversos nota-se o desejo por usufruir deste espaço: correr, pisar, observar, tocar, coletar, fotografar, brincar e contemplar. A busca pelas atividades educativas e pela aprendizagem não se separa da busca por espaço para o lazer e bem-estar. Unir o lazer à atividade socioambiental, a partir de uma metodologia pautada menos na transmissão de conteúdos e mais na capacidade de incorporar desejos, de encorajar a experimentação, a vivência direta e o encantamento, sem ignorar os impulsos que o espaço amplo e verde desperta, significa incorporar à prática educativa as expectativas dos grupos que a procuram. Substituir a fala centralizada no/a educador/a pelo exercício da escuta e compartilhamento, pelo silêncio e contemplação. Substituir percursos prévios por caminhos orientados pelos interesses do grupo. Substituir a ânsia de explicação pela experiência de brincar e contemplar, formas profundas de contato e diálogo com a natureza e seus elementos. Esta abertura e escuta permite incorporar não apenas os desejos do público, mas as descobertas proporcionadas pelo espaço vivo, em constante mudança: colher uma fruta que maturou no pé, observar as flores do alface que não foi colhido, se deparar com um novo ninho na copa da árvore... Tais práticas educativas são vivenciadas através do projeto Viva o Verde que oferece atividades socioambientais mediadas a grupos agendados (para mais informações: <https://goo.gl/T3QHDT>) e do projeto Viveiro Itinerante que atende o público espontâneo a partir de atividades lúdicas. **3. Considerações/Conclusão** - No programa de educação socioambiental do Sesc Interlagos, público e educadores/as podem usufruir de um ambiente que promove a interação entre diversas áreas: cultura, esporte, lazer, educação ambiental, saúde, tornando a prática educativa mais complexa, criativa e dialógica. As escolas, principal público atendido, sofrem enormemente a carência por espaços verdes, mantendo as crianças por diversas horas no espaço fechado das salas de aula e reforçando o distanciamento com as possibilidades pedagógicas contidas no ambiente natural. Incorporar o lazer à educação socioambiental, valorizando o brincar e o contemplar como formas potentes de aprendizagem e de aproximação com a natureza, amplia e enriquece o repertório de atuação dos/as agentes de educação ambiental. O que significa reconhecer o potencial do Sesc Interlagos em acolher demandas de diversas naturezas e oferecer ao público aquilo que falta na cidade: acesso a áreas verdes e estruturas de lazer e a uma educação socioambiental contextualizada e sensível.

Palavras chave: Educação socioambiental. Áreas verdes. Lazer.



COMPETIDORES DE PARAPENTE: PERFIL, SENTIDOS DA PRÁTICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Marília Bandeira, Raquel Borges

mariliamartinsbandeira@gmail.com

Universidade Federal de Juiz De Fora, Campus Governador Valadares

Em Janeiro de 2017, foi realizada em Governador Valadares/MG, a etapa Superfinal da Paragliding World Cup (PWC) 2016. Participaram do evento 123 competidores, sendo 112 homens e 11 mulheres oriundos de 22 países. Nesta pesquisa, investigamos o perfil sociológico dos pilotos de parapente competidores do PWC/2016, os sentidos conferidos por estes a sua modalidade e sua relação com a educação ambiental. Para tanto, utilizamos questionário com questões objetivas e abertas, aplicado durante o campeonato, em português para pilotos brasileiros e em inglês para estrangeiros. Participaram desta pesquisa, voluntariamente, 41 homens e 6 mulheres, de 16 nacionalidades diferentes. As mulheres tinham entre 34 a 53 anos, e os homens entre 19 a 51 anos. A maioria dos pilotos (26) cursaram ensino superior em nível de graduação e destes, 9 cursaram pós-graduação. Embora 21 participantes da pesquisa tenham declarado receber patrocínio ou suporte governamental, apenas 13 pilotos se consideram atletas profissionais. Estes justificaram esta posição, pois: dedicam muito tempo ao esporte, competem em eventos mundiais, possuem patrocinadores ou auxílio governamental, têm vitórias em campeonatos e, um deles, por trabalhar como piloto de testes. Aqueles que não se consideram atletas profissionais se justificaram por: não serem remunerados, dependerem de outra profissão, compreenderem que o voo livre não é um esporte profissional. Com objetivo de captar os sentidos da prática do voo livre por meio do parapente, os participantes foram questionados sobre como definiam sua modalidade, quais motivações para adesão e o que o parapente representava em suas vidas. Nestas 3 perguntas correlacionadas, obtivemos 133 respostas distintas, sendo que, as expressões mais frequentes foram: (21) divertimento/prazer; (15) liberdade; (10) contato/integração com a natureza; (9) sensações incríveis/extraordinárias; (8) estilo de vida/sentir-se vivo; (8) esporte; (6) desafio/aventura/excitação; (6) viagens/novas experiências/conhecer outras culturas; (5) sonho; (5) sentir-se pássaro; (5) sociabilidade/amizade; (5) relaxamento/descanso; (5) ser acessível/fácil de aprender; e (4) lazer/hobby. Outras 13 expressões foram mencionadas com menor frequência, como, por exemplo, (2) competição. Apesar do contato/integração com a natureza aparecer como terceiro sentido mais frequente, quando perguntados se a modalidade estimulava a educação ambiental, 23 terem respondido que sim, apenas 3 conseguiram sinalizar de que maneira: (1) pilotos jogarem sementes em áreas degradadas; (2) oportunidade de educação do público nos eventos. Concluímos que, o perfil sociológico dos pilotos participantes do PWC 2016 coincide com o registrado pela literatura sobre atividades de aventura com predominância de homens e pessoas com alta escolaridade. Apesar de representarem a elite da alta performance do parapente mundial, os motivos de adesão e sentidos da prática apresentados relacionam-se aos elementos constituintes da ideia de lazer. Desta maneira, o sentido de lazer supera o sentido de competir, mesmo quando estes pilotos estão envolvidos numa etapa final de campeonato mundial. Entretanto, o sentido de competir supera o sentido de educação ambiental, pois mesmo que a natureza apareça como eixo da caracterização da modalidade, ações concretas relacionadas a seu cuidado não são priorizadas.

Palavras chave: Parapente, Lazer, Perfil, Sentidos, Educação Ambiental.



GESTÃO PARTICIPATIVA E IMPACTOS DO CICLISMO NO HORTO DE TUPI

Carolina Bartoletti; Teresa Magro

carolina.bartoletti@usp.br

Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo - USP, Piracicaba, São Paulo, Brasil

A mountain bike, além de ser uma modalidade esportiva, é uma das atividades mais comuns dentro do turismo de aventura e do ciclo turismo. Ela acontece em áreas naturais, protegidas ou não, em trechos estreitos e sinuosos chamados single tracks, em estradas de terra, ou em trilhas geralmente com a presença proposital de obstáculos como erosão, pedras, cascalhos, troncos e trechos com lama para aumentar a dificuldade do percurso e se tornar “radical”. Em unidades de conservação e outras áreas naturais a mountain bike pode causar impactos socioambientais como conflitos com outros usuários pedestres, abertura de trilhas informais, erosão e dispersão de sementes de plantas invasoras (PICKERING et al., 2010). Apesar destes potenciais impactos negativos pode ocorrer também a valorização das áreas naturais por parte dos ciclistas e conseqüentemente um melhor suporte político para a manutenção de áreas públicas naturais. Baseando-nos em conceitos de cidadania ambiental (DOBSON, 2010) e democracia deliberativa (SMITH, 2003), e na experiência de Newsome et al. (2016) com ciclistas na Austrália, está sendo proposta na Estação Experimental de Tupi, em Piracicaba/SP, popularmente conhecida como Horto de Tupi, uma experiência de gestão participativa deste espaço público. O Horto de Tupi lida com uma demanda de uso por parte de ciclistas mountain bikers da região de Piracicaba e entorno. Entre Setembro e Novembro de 2017 foram entrevistados no horto 112 visitantes, entre ciclistas (n = 56) e não-ciclistas (n=56), a fim de verificar que tipos de impactos sociais, tais como os conflitos de usos, eram percebidos pelos visitantes, bem como aferir o grau de disposição destes em participar de um processo de gestão participativa deste espaço público através do manejo voluntário de trilhas por eles utilizadas. Aumentar a participação pública e principalmente a dos grupos interessados no uso recreativo das áreas protegidas aprofunda a democracia, diminui a insatisfação com estes espaços públicos, e também diminui o potencial de impactos ambientais decorrentes do uso (NEWSOME et al., 2016; GROTE, GBIKPI, 2002). Como resultados das enquetes realizadas em 2017 verificou-se que 60,7% dos visitantes não-ciclistas reportaram ter tido encontros com ciclistas durante seus momentos de lazer no horto. Contudo, apenas dois sujeitos (5,9%) reportaram experiências negativas oriundas destes encontros, sendo que uma foi justificada por falta de respeito do ciclista com outros visitantes caracterizada por excesso de velocidade, e a outra pelo fato de ter que dividir o espaço com o ciclista. Via de regra estes visitantes não-ciclistas (82,3%) não se importam com os encontros com ciclistas, e inclusive 11,8% manifestaram gostar dos encontros por serem eles indicativos de maior segurança no local ou por questões de socialização. Assim, no Horto de Tupi foi verificada baixa incidência de impactos sociais da mountain bike. Com relação à manifestação de interesse em participar de um mutirão voluntário para realizar o manejo das trilhas do horto, 48,2% dos visitantes não-ciclistas e 66,1% dos ciclistas se colocaram disponíveis a um futuro contato via e-mail ou telefone para dialogarmos em parceria com a gestão da E.E. Tupi os melhores rumos para esta área de lazer.

Palavras chave: Mountain bike. Impactos. Horto. Gestão participativa.



VISITAÇÃO EM ÁREAS NATURAIS: A EXPERIÊNCIA DA RESERVA NATURAL SESC

Séfora Tognolo de Aguilar; Marcelo Bokermann; Emerson Luis Costa

sefora@bertioga.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, Bertioga, São Paulo, Brasil

No Brasil, o lazer em áreas naturais vem ganhando maior interesse das pessoas nas últimas décadas, principalmente com a criação das Unidades de Conservação, que também visam à utilização das áreas protegidas como locais educativos. As áreas naturais podem proporcionar aos visitantes momentos de descobertas e aprendizado se associadas a programas e vivências de Educação Ambiental, que buscam despertar uma nova visão de mundo, com o objetivo principal, a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Localizada no município de Bertioga, litoral paulista, a Reserva Natural Sesc é uma área de floresta de restinga, inserida no bioma Mata Atlântica, com mais de 60 hectares, na zona urbana da cidade. A Reserva abriga mais de 600 espécies de plantas e animais, inclusive algumas ameaçadas de extinção. Além da preservação da biodiversidade, a área proporciona o contato direto das pessoas com a natureza, estimulando o aprendizado, as descobertas e o lazer. São muitos os benefícios de uma relação próxima das pessoas com os ambientes naturais. A criação da Reserva diz respeito à conservação de uma área de interesse ecológico e também à preocupação de caráter político social do Sesc no que tange à sua responsabilidade socioambiental no processo de educação permanente. Previsto no Plano de Manejo da Reserva Natural Sesc, o Programa Visitação contempla atividades educativas, de interpretação ambiental e projetos de extensão com a comunidade do entorno, turistas, pesquisadores, escolares, entre outros. Aberta ao público desde setembro de 2016, a Reserva Natural Sesc em Bertioga proporciona experiências transformadoras de contato com ambientes naturais. Entre elas o Projeto Agrofloresta, realizado na área de entorno da Reserva, no qual a comunidade tem a oportunidade de plantar e colher por meio de mutirões em hortas comunitárias. Uma Reserva para todos! A acessibilidade é premissa nas estruturas arquitetônicas, projetos e ações educativas. O Ponto de Atendimento da Reserva foi planejado para receber com qualidade e conforto todos os perfis de público e possui estruturas que permitem o aprendizado através dos variados sentidos. Uma maquete tátil representa o projeto da primeira trilha acessível da Reserva e as fotos táteis são reproduções em resina de espécies da fauna e flora encontradas na floresta. Essas instalações, ao serem manuseadas, auxiliam no processo cognitivo de aprendizado das pessoas com deficiência. Dentre as programações, aos domingos, a atividade Tarde na Reserva é mais uma opção para a comunidade. Com oficinas, rodas de conversa, exibição de filmes, entre outros formatos, estas atividades proporcionam momentos agradáveis de troca de conhecimentos, aprendizado e experiências. Para Richard Louv, o contato com a natureza é essencial para a saúde e uma pessoa não precisa viver em meio a montanhas para estabelecer uma relação de longo prazo com o meio natural. Nesse sentido, a Reserva Natural Sesc cumpre a vocação de conectar as pessoas aos ambientes naturais mesmo em um contexto urbano.

Palavras chave: Reserva. Natureza. Visitação. Interpretação ambiental.



AGENDA DE APRESENTAÇÕES PÔSTERES | POSTER PRESENTATIONS AGENDA | AGENDA DE PRESENTACIONES PÓSTERES

AGENDA DE APRESENTAÇÕES PÔSTERES | POSTER PRESENTATIONS AGENDA | AGENDA DE PRESENTACIONES PÓSTERES

atualizado em 27/08 | updated 08/27 | actualizado 27/08

29 AGOSTO, QUARTA TARDE - 14h30 às 15h30	AUGUST 28, WEDNESDAY AFTERNOON - 2:30pm to 3:30pm	29 DE AGOSTO, QUARTA TARDE - 14h30 às 15h30
---	--	--

SESSÃO A / SESSION A / SESIÓN A - Ginásio - 7º piso / 7th

TV	ID	Idioma Language	Área temática Thematic Area	TÍTULO / TITLE	AUTORES/AUTHORS
A1	17	PT	1	FORMAÇÃO EM LAZER: SABORES CONSTRUÍDOS PELOS AGENTES SOCIAIS DO PÊLC	Marle Aparecida Dias Vasconcelos
A2	22	PT	1	AVULSÃO DO PÊLC NO CONTEXTO DE RECIFE	Árciele Farias da Silva de Assis Moraes, Luciano Pereira da Silva, Máider Ferreira Leitura
A3	47	PT	1	ANÁLISE DO DOCUMENTAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER/RECREAÇÃO NAS CATEDRAS ANDRÉAS	Iuri Francisco Mustafa Cordeiro, Luciana Riya, Christianne Lacerda Gomes
A4	60	PT	1	SESC VERÃO – O LAZER E VALORIZAÇÃO DO TRABALHO COLETIVO	Emerson José Lima de Silva, Denise Machado Yoshizaki, André Mallo, Antonio Carlos Buarque Brites, Alina Gomes Uchima, Daniela Vilela dos Reis, Elson Tadeu Uchima, Leonardo Orlando, Denílson André de Oliveira, Carlos Alberto Campos Júnior, Carlos Roberto Moreira Júnior, Gláucia Galvão Martins
B1	692	PT	1	FORMAÇÃO E MERCADO: SITUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE LAZER EM RECIFE	Marlene Alidistara Cortes, Rodrigo José de Albuquerque Martins Alidistara dos Santos, Inesalva Pereira da Silva
B2	78	PT	2	PROPOSTA DE DANÇAS REGIONAIS COM ACESSIBILIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	Giovanna Benjamin Tognari, Vitoria Leita Domingues, Viviane Rizzo Fowler, Bruno Eduardo Cicotelli, Mircilo Moreira Sales, Cláudio Monteiro dos Santos, Estela Pereira Palma
B3	125	EN	2	PROMOTING PHYSICAL ACTIVITY AND NUTRITION THROUGH ADAPTED SPORT AND MENTORING	Lisa Mache Lawson
B4	158	PT	2	SMATE ADAPTADO: UMA POSSIBILIDADE DE EDUCAÇÃO PARA/PELO LAZER	Sílvia dos Santos, Uigo Matheus Silva, Délio Roberto Calegari
C1	7	EN	3	Association Between Organized Sports and Positive Youth Development	Suzana Junia, Jan Wilberta
C2	11	PT	3	Projeto de Trabalho do Instituto Federal: Análise Crítica	Luciana Pereira de Moura Carneiro, Elina Aparecida Campidelli Hoyon, Maria Vitoria de Oliveira Cardoso
C3	18	EN	4	Challenges and Consequences of Physical Activity: at SESC Piracicaba	Rosana de Almeida Fereira
C4	94	PT	4	ESCALADA EM ROCHA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE LAZER	Jarbas Pereira Santos, Marilide Tereza Mendes, Michèle Abreu Francisco Alves, Tânia Mara Vieira Sempalo, Gláucia Ferreira da Melo
D1	95	PT	4	CORRIDA DESAFIO DAS LENDAS, O ESPORTE E O FOLCLORE BRASILEIRO	Matheus Alves de Amorim
D2	159	PT	4	INSCRIÇÃO AS TRAVESSIAS AQUÁTICAS: COMO ESSA ATIVIDADE TORNA-SE UM LAZER?	Tiago Santiago, Márcio Kato, Sônia Kawaguti, Edison Maczemo, Eduardo Sartoro
D3	211	PT	4	BRINCADEIRAS DO MUNDO EM UMA PROPOSTA ESPORTIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	Marlene Cristine de Montezano, Tatiana Cristine Henrique Vieira, Giovanna Benjamin Tognari
D4	217	EN	4	PHYSICAL AND ARTISTIC RECREATION CONTRIBUTE TO THE RESILIENCE OF PRE-ADOLESCENTS	Cecilia Edith Romano, Carmen Grace Seixas, Eugenio Seixas
E1	9	PT	5	Semana do Brincar: Educação para o Lazer no IFSP Avançá	Requel Ribeiro de Souza Silva, Requel Maranhão Nicolosi, Luciana Pereira de Moura Carneiro
E2	12	EN	5	Leisure Classes Versus Leisure Activities in Learning English	Eduardo O B Fontes
E3	37	PT	5	Jogos Infantis: proposta prática para a Didática Teórica de Recreação	Fernando Pereira Liguori
E4	54	PT	5	MODERNOS EDUCATIVOS VIVENCIADOS NA NATUREZA: MOVIMENTO ESCOTEIRO E OUTWARD BOUND	Fernando Sanchez de Oliveira, Marc Helaine Rodrigues, Bruna Cidely Souza Lima, Gláucia Marie Schwartz
F1	136	PT	5	Desafios da Formação em Esporte: análise do PÊLC-15 ExD	Paulo Eduardo Souza Medeiros, Ana Cláudia Puffrino Costa
F2	205	PT	5	EDUCAÇÃO PELO LAZER: PROGRAMA ESPORTE CRIANÇA DO SESC SÃO CARLOS	Mathew Raphael Vazotto, Ragnara Cristine Galante, Jaqueline Oliveira Alves, Tânia Mara Vieira Sempalo, Francisco Eric Vello de Souza, Gláucia Ferreira da Melo
F3	97	PT	6	TODA EXPERIÊNCIA É ÚNICA: O CAVINI, LAZER E BEM-ESTAR	Marilide Tereza Mendes, Jarbas Pereira Santos, Michèle Abreu Francisco Alves, Tânia Mara Vieira Sempalo, Francisco Eric Vello de Souza, Gláucia Ferreira da Melo
F4	191	PT	6	ÍNDICO E HUMANIZAÇÃO: JOGOS COMO ESTRATÉGIA NO CUIDADO DA SAÚDE	Dalaine Stephanie Lucena, Aloysia Marinho
G1	316	PT	6	OS CAMINHOS DO YOGA NA SAÚDE E BEM VIVER	Roberta Maria Zambon Maziero
G2	647	PT	7	TURISMO SOCIAL: SITUAÇÃO COM IDOSOS EM BONANINA, RELATO DE EXPERIÊNCIA	Sabrina Souza, Aldeivan Reis Dias, Karina Stralotto, Jada Mirilla Trindade
G3	35	EN	8	WOMEN EMPOWERMENT: IMPACT OF THE PROJECT RUNNING LIFE	Renata Lucilene Silva, Elvengela Gláucia Carmo, Marc Helaine Rodrigues, José Pedro Scarpel Pacheco, Isabella Alves Marinho, Gláucia Marie Schwartz
G4	141	PT	9	CORPO, TERRITÓRIO E ANCESTRALIDADE NAS FESTAS DOS CARAPATOS DA TRAVESSIA-MG	Carla Tereza Oueli Costa, José Alfredo Oliveira Daborioli
H1	714	PT	5	AVENTURA COMO TEMA GERADOR: PROJETO ESCOLA DE VENTURAS	Ailene Joyce S G Scopel, Alessandra V Fernandes, Gilvane G A Pinheiro, Pedro H. Miranda
H2	90	PT	11	Turismo, Lazer e Desenvolvimento Regional na Rota das Grandes Lendas	Ana Paula Guimarães Santos Oliveira, Christianne Lacerda Gomes
H3	82	PT	11	Gastronomia como forma de lazer	Mirza Sebbag, Paulo Frederico, Fabiano Castro
H4	30	PT	12	A INFLUÊNCIA DO LAZER NA REINSCRIÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES INERITORES	Dayana Ferraz Lucinda Trastin, Silvia Cristine Franco Anzari
I1	68	PT	12	RECREAÇÃO EM FAMÍLIA: TEMPO E ESPAÇO DE BRINCAR	Milena Ropelle Demate Nascimento, Flávia de Almeida Pacheco, Stefanie Hessa Alves
I2	133	PT	12	ESPORTE, LAZER E SOCIALIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	Wiliane Cardoso de Castro Frazzoni, Aloysia Marinho
I3	70	PT	13	O LAZER E AS SMART CITIES: UMA ANÁLISE DE CURTURA	Rafique Bezerra
I4	108	PT	13	A APROPRIAÇÃO DO CONJUNTO RECREATIVO DA FRANQUÍLIA E A BICICLETA	Leidiane Milena Sartori
J1	131	PT	13	LAZER E REGULARISMO: O FUTEBOL E A CIDADE	Felipe Pereira de Oliveira
J2	16	PT	14	ASSOCIATIVISMO CIVIL E LAZER: O ESPORTE UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO (1980-1990)	Vitor Lucas de Faria Pessoa
J3	38	PT	14	LAZER EM EMPRESAS: REVISÃO SISTEMÁTICA EM PERÍODOS CIENTÍFICOS BRASILEIROS	Ana Paula Evertto-Guilherme Teodoro, Denis Juliano Gaspar, José Pedro Pacheco, Tiago Aquino de Costa Silva, Alípio Rodrigues Pires Junior, Gláucia Marie Schwartz
J4	254	PT	14	DESAFIOS DE ESTUDOS DO LAZER EM COMUNIDADES TRADICIONAIS	Carla Tereza Oueli Costa, Leonardo Toledo Silva
K1	285	PT	14	MAPEANDO A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ESPORTE LAZER NO TOCANTINS	Suzana Kalber Abilio, Diego Elling
K2	286	PT	14	EVASÃO NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: ANÁLISE DO PÊLC/MS	Bruno Uigheri, Edson Feres, Luciana Costa, Marle Aparecida Vasconcelos, Marilene Carneiro
K3	347	PT	14	NA TRANSGRESSÃO DO LAZER: DO USUÁRIO DESMAMATE	Vitor Hugo de Farias Gomes de Oliveira, Silvana Santos
K4	485	PT	14	CULTURA E LAZER: PRÁTICAS DOS FREQUENTADORES DO SESC SÃO PAULO	Ana Rocha
L1	711	EN	14	DEVYANT LEISURE IN WORDS: THE CASE OF PORNOLEISURE	Giuliano Gomes de Assis Pinheiro, Alfredo Feres Neto
L2	36	PT	15	A VISITAÇÃO AO JARDIM BOTÂNICO DE BRASÍLIA	Vanessa Sousa de Oliveira
L3	543	PT	13	RELAÇÕES ENTRE LAZER, EDUCAÇÃO FORMAL E CONDIÇÕES DE MORADIA	Adriano Paoli Gonçalves Marques
L4	267	PT	14	GASTRONOMIA E OS CONTEÚDOS CULTURAIS DO LAZER	Tatiana Martins Silva



M1	38	PT	14	LAZER EM EMPRESAS: REVISÃO SISTEMÁTICA EM PERÍODOS CIENTÍFICOS BRASILEIROS	Ana Paula Evaristo Galvão Teodoro, Denis Juliano Gaspar, Joel Pedro Pacheco, Tiago Aquino de Costa Silva, Alípio Rodrigues Pinheiro Junior, Gisela Marie Schwartz
M2	509	IN	4	SÃO PAULO SOCCER-CUP 2017 AND USE OF SOCIAL MEDIA	Thiago Fernandes da Silva, Alan Queiroz de Costa, Alfredo Weiss, Alexandre Kasper Pinheiro, Angela Letícia Wozniak, André Achi Guedes, Evandro Santos de Oliveira, Fabio Rodrigo Brandão, Guilherme Henrique Brito Barreto, Henrique de Costa Rangel, Lucas de Jesus Granjato, Misonu
M3	582	PT	13	USO PÚBLICO NOS PARQUES URBANOS E PARQUES NATURAIS DE SOROCABA/SP	Elisabete Vitoria Barros Kachinski, Eliane Cardoso Leite, Maria Helena Mattos Barbosa dos Santos

29 AGOSTO, QUARTA TARDE - 15h30 às 18h00	AUGUST 28, WEDNESDAY AFTERNOON - 3:30pm to 6:30pm	29 DE AGOSTO, QUARTA TARDE - 3:30pm - 6:30pm
--	---	--

SESSÃO B - SESSION B - SESIÓN B - Gestão - 7ª pista/Track					
TV	ID	Idioma Language	Área temática Thematic Area	TÍTULO / TITLE	AUTORES/AUTHORS
A1	98	EN	1	OUTDOOR GYM: Health and Leisure approach regarding to Public Policies	Pedro Amorim, Nilda Lemos, Ana Costa
A2	168	PT	1	POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER DA SÃO PAULO TURISMO	Ana Cristina Fernandes Clemente, Edmar Antonio Stoppi
A3	195	PT	1	PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SISTEMA CAMPO-GRANDE DE ESPORTE E LAZER	Rodrigo Barbosa Terra, Rafael Pasotto Vicente Cruz, João Márcio Sardinha, Juliana Maria Antonas Ramos
A4	715	PT	1	POLÍTICA DE LAZER: AÇÕES INTERSETORIAIS NA SENTAS EM NATAL-RN	Daniela Mesquita Severo, Cynthia Maria de Góis Leite, Alisane Tatiana Souza Moura Rocha, Jaqueline Gomes da Silva, Gustavo André Pereira de Brito
B1	710	PT	13	ESTÁDIOS: BRASIL E ÁFRICA DO SUL PÓS-COPA DO MUNDO	Rafael Freitas, ACP Costa
B2	249	PT	2	O TURISMO SOCIAL & A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA	Jordanie Eugenio, Bernardo Chaibub
B3	330	EN	5	STUDY ON THE LEISURE SPORTS EDUCATION AT CHINA FOOTBALL COLLEGE	Hui Zheng, Hui Tian
B4	40	PT	3	CADE O MEU BRINCAR? IMBUIÇÕES AO LAZER NO ACOUPLAMENTO INSTITUCIONAL	Pollana Gorenge Rocha, Ana Cláudia Portillo-Costa
C1	83	PT	3	PROJETO 1, 2, 3 E FÉRMAS NO SESC ITAQUERA.	Gisela Lopes Ribeiro, Montseley Vieira de Pádua, Natália Senchen de Melo, Taisi André Rizzo
C2	231	PT	4	PROGRAMA MOVIMENTA CAMPO-GRANDE: AMPLIANDO O ACESSO AO LAZER.	Rodrigo Barbosa Terra, Rafael Pasotto Vicente Cruz, João Márcio Sardinha, Juliana Maria Antonas Ramos
C3	295	PT	4	DANÇAS AFRO E LAZER NA GINÁSTICA MULTIFUNCIÓNAL DO SESC BOM RETIRO	Ana Carolina Toledo
C4	382	PT	4	LAZER ACADÊMICO: PROPOSIÇÃO DO BRINCAR EM DIFERENTES FORMAS RECREAR	Emmanuel Alves, Mateus Doris, Larissa Ellen, Emilly Kelly Castro, Isabela Freitas
D1	357	PT	4	BARRAGEM DE TÊNIS DE CAMPO: CONSTRUÇÃO COETIVA E SOCIALIZAÇÃO	Daniel Silveira Campos
D2	359	PT	4	ASSESSORIA ESPORTIVA X CONDIÇÕES DE RUA: UMA POSSIBILIDADE DE LAZER	Carine Barbosa de Oliveira
D3	379	PT	4	A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NO DESEMPENHO DA CAMEINHADA	Fabíola F. B. Buzingue
D4	220	PT	5	O SLACKLINE COMO ATIVIDADE DE LAZER NO AMBIENTE ACADÊMICO	Diego Neyton de Medeiros, Priscilla Pinto Costa de Silva, Heloisa Farias de Lopes da Silva, João Leandro de Melo Araújo, José Carlos Belarmino, Cheng Hsin Nany-Chao
E1	228	PT	5	COMPREENDENDO A DOCÊNCIA POR MEIO DE EXPERIÊNCIAS EM MONITORIA ACADÊMICA	Maria E. T. Luit, Senem E. Martins, Aiyane Marinho
E2	238	PT	5	LAZER E TERRITÓRIO EDUCATIVO: RELATO DE EXPERIÊNCIA PROGRAMA SESC CURUMIM	Felipe Del Mundo Lucchietti
E3	243	PT	5	RECREAÇÃO ORIENTADA DE TÊNIS: UMA ABORDAGEM EDUCATIVA E PARTICIPATIVA	Anderson Tadeu de Campos, Davi Alexander Fernandes de Costa, Elder Regis Decastro Marques
E4	250	PT	5	VIVÊNCIAS E DESAFIOS NO MUSEU DA FARMÁCIA DA UFUF	Índio Botto Farias, Edvaldo Sérgio dos Anjos Junior, Kelly Dias Tagliati, Daniela de Silveira Gomide
F1	251	PT	5	ORIGINA JOGOS DE TODO MUNDO: PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES	Senem E. Martins, Maria E. T. Luit, Dafiane S. Luccas, Gabriela Marques, Aiyane Marinho
F2	257	PT	5	CARRINHO DE ROULIM COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO PARA O LAZER	Jerbas Pereira Santos, Marilide Tairaiva Mendes, Michele Abreu Francisco Alves, Tábata Mesa Vieira Serapiao, Gisela Farias de Melo
F3	362	PT	6	SATISFAÇÃO COM IMAGEM CORPORAL DE MULHERES ADULTAS PRATICANTES DE BALÉ	Flavia Paiva, Vitoria Carvalho, Mathews Medeiros, Daniela Santos
F4	376	PT	6	SENTIDOS DOS TRABALHADORES DE HOSPEDAGEM SOBRE O TEMPO PARA LAZER	Iranaldo Pereira da Silva, Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataide dos Santos
G1	387	EN	6	ATTENDANCE OF MULTIFUNCTIONAL GYMNASIUM PROGRAM UNDER THE COLLECTIVE PERSPECTIVE	Guilherme dos Reis Dias, Jefferson João de Silva Santos
G2	672	PT	7	O ESPORTE PARA IDOSOS NO SESC JUNDIAÍ	Aerem Sayari Shihonematsu, Raquel de Melo Mattias
G3	682	PT	7	JOGO E GINÁSTICA PARA TODOS: EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES PARA IDOSOS	Fabiano B. Martini, Monica R. Bosen, Eliane Toledo
G4	176	PT	8	AS PRÁTICAS CORPORAIS NA SÉRISSO UNIVERSITÁRIA COMO POSSIBILIDADES DE LAZER	Bianca Inácio Luz Ferreira, Olívia Cristiane Ferreira Ribeiro
H1	199	PT	9	FORMAÇÃO ESPORTIVA: TRABALHANDO VALORES POR MEIO DOS JOGOS AFRICANOS	Fernando Rosendo de Silva Oliveira, José Evaristo Silveiro Netto
H2	333	EN	11	WHAT ARE ATTRIBUTES IMPORTANT TO CRUISE VACATIONERS?	Frida Behja, Chen Cobanoglu, Katherine Barreira, Caroline Luby
H3	377	EN	11	BALANCING THE BENEFITS OF TOURISM WITH IMPACT ON COMMUNITY NEEDS	Teresa L. Penbrock
H4	179	EN	12	HEARNEY, REBRAGAR: EMERGING COMMUNITY RECREATION AS A WAY OF LIFE	Barbara Schletter, Maria Moorman, Uta Passavento
I1	197	PT	12	CIRAR E RECREAR: ATIVIDADES DE LAZER PARA A COMUNIDADE AVARESENSE	Raquel Marafon Nicolson, Luciana Pereira de Moura Carneiro
I2	224	PT	12	LAZER E AVENTURA PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA	João Leandro de Melo Araújo, Diego Neyton de Medeiros, Heloisa Farias de Lopes da Silva, Luc Karline de Souza Pereira, José Carlos Belarmino, Arizete Pereira dos Santos, Marilide Flavia Botto de Lima, Lucas Palumbo de Macedo, Priscilla Pinto Costa de Silva
I3	189	PT	13	ESPAÇOS PÚBLICOS DE CAIXAS DO SUL: LAZER E APROPRIAÇÕES DIVERSAS	Jacqueline Maria Cruz, Bruno Trezza, Marceli Costa Marcolin, Pedro de Alcântara Britocourt César
I4	198	PT	13	O LAZER E AS LÓGICAS SUPERESTRUTURADAS NA SERRA GAÚCHA	Robiane Machado Pinheiro, Morgana Fial Moraes, Angélica Ravizzei Vasconcelos, Pedro de Alcântara Britocourt César
J1	277	PT	13	Lazer no Espaço Urbano: O Slam como manifestação em São Paulo	Natália Paes Formai, Thelaine de Silva, Ricardo Ricci Uvinha
J2	284	PT	13	Equipamentos de lazer no espaço urbano de Palmas	Barbara Kalber Azeite
J3	16	PT	14	ASSOCIATIVISMO CIVIL E LAZER: O ESPORTE UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO (ESUB-UBR)	Vitor Lucas de Paiva Perce
J4	38	PT	14	LAZER EM EMPRESAS: REVISÃO SISTEMÁTICA EM PERÍODOS CIENTÍFICOS BRASILEIROS	Ana Paula Evaristo Galvão Teodoro, Denis Juliano Gaspar, Joel Pedro Pacheco, Tiago Aquino de Costa Silva, Alípio Rodrigues Pinheiro Junior, Gisela Marie Schwartz



K1	394	PT	15	LAZER, NATUREZISMO E ESTESSIA: NOTAS DE UMA ECOLOGIA CORPORAL	JuFya Bheertr Dantas de Costa Sobral, João Leandro de Melo Araújo, Lucas Peixoto de Macêdo, Carlos Jean Damasceno de Góes, Tatiana Cavale de Lima Alves da Silva, Yerezinha Patrícia de Móbrega
K2	399	PT	15	LAZER E SUSTENTABILIDADE NA PRAIA DE PONTA NEGRA – NATAL/RN	Cheng Jilin Nery Chen, Pollyanna Tupyne Rocha Bezerra, Neijane Cavaleiro de Costa, Rodrigo de Silva Rosa Valada Mendes, ARTHUR VINÍCIUS DE OLIVEIRA Mendonça, Priscilla Pinto Costa da Silva.
K3	359	PT	15	PERCEPÇÕES DE ESPECTADORES DE UM EVENTO DE HIGHLINE EM FLORIANÓPOLIS/SC	Juliana de Paula Figueiredo, Juliana Araújo Khan, Adriana Aparecida de Fossaca Viçari, Gláucia Assedi, Estefânia Alzovena Machado.
K4	594	EN	11	SKIING TOURISTS' ATTITUDES AND SATISFACTION: THE CASE OF BEIJING	Qi Shunhong
L1	621	PT	4	CORRIDA DE RUA E LAZER NO BAIRRO DE SANTO AMARO	Patrick Szalontay, Ulia Cristina Taveiro
L2	506	PT	5	LAZER CAÇARA EM IBAHELA-SP E TURISMO: DESAFIOS E PROCESSOS EDUCATIVOS	Silviana Eliana Alves de Campos
L3	700	PT	9	APELIDOS PARA PROFISSIONAIS DE RECREAÇÃO, USAR OU NÃO?	Gustavo Henrique Hungaro Barbosa, Tiago Aquino da Costa e Silva, Rosalena Cruzeski, Alípio Rodrigues Pires Junior
L4	454	PT	13	LAZER: UMA OPÇÃO DE VIVÊNCIA OFERECIDA PELO PARQUE VALE VERDE	Eliedir de Andrade Souza, Breno Alves Costa, Vanessa da Souza Barbosa, Natália José da Cruz.
M1	491	PT	13	INTERESSES CULTURAIS DO LAZER NA COMUNIDADE VILA DA PAZ	Tatiana Lorena Rocha, Leonardo Toledo Silva
M2	367	PT	14	GASTRONOMIA E OS CONTEÚDOS CULTURAIS DO LAZER	Tamiris Martins Silva
M3	557	PT	6	PRÁTICA ARTESANAL NA CONTRIBUIÇÃO DA AUTOESTIMA DAS MULHERES COM CÂNCER	José Inácio Cabral, Severton K Cavalcanti Bellão, Genildeon Oliveira Silva, Carla Virginia Paulino de Silva, Rafael Soares Leonardo
M4	30	PT	10	A TEMÁTICA TECHNOLOGM EM ANAIS DO WORLD LEISURE CONGRESS	Eliângela Gláucia do Carmo, Renata Louderas, Nera Heloisa Rodrigues, Raísa Cristiana de Paula Venancio, Raiane Ufêka Mór Fukushima, Gláucia Maria Schwartz



AGENDA DE APRESENTAÇÕES PÔSTERES | POSTER PRESENTATIONS AGENDA | AGENDA DE PRESENTACIONES PÓSTERES

atualizado em 27/08 | updated 08/27 | actualizado 27/08

30 AGOSTO, QUINTA TARDE - 14h30 às 19h30 | AUGUST 30, THURSDAY AFTERNOON - 2:30pm to 6:30pm | 30 DE AGOSTO, JUEVES TARDE - 2:30pm - 6:30pm

		SESSÃO A / SESSION A / SESIÓN A - Geralão - 7ª planta			
TV	ID	Motiva Language	Área temática Thematic Area	TÍTULO / TITLE	AUTORES / AUTHORS
A1	282	PT	1	ANÁLISE DECENAL NA LEI DE INCENTIVO AO ESPORTE	Luís Ximenes Cavalcanti, Rodrigo Pereira de Souza, Emmanuel Alves Carneiro
A2	288	PT	1	POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER: DIAGNÓSTICO DO TOCANTINS	Huana Kalber Abreão, Kharlen Soares, Diego Erling, Fernando Queiroza
A3	289	PT	1	IFTO E REDE CÍCLOS ESPORTE E LAZER NO TOCANTINS	Alan Carrasco, Paul Emerson Cunha, Kharlen Soares, Gabriela Soares
A4	420	PT	1	POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O LAZER DE AVENTURA	Marília Bandeira, Sílvia Amaral
B1	721	PT	1	BALNEÁRIOS DO OESTE PAULISTA: O LAZER EM PRAIAS DO INTERIOR	Roberta Dias de Moraes Ribeiro, Edmar Antonio Stoppa
B2	308	PT	2	PROJETO DE EXTENSÃO NA APAE-PO POMBAL/MG: LAZER, ESPORTE E INCLUSÃO	Pedro Gonçalves Soares, Luana Santos, Guilherme Tavenes
B3	730	PT	2	PROGRAMA ETEC DE ESPORTES: Projeto de Atividade Motora Adaptada 2012	Ivan Ferreira dos Santos, Thaís de Fátima Pereira
B4	170	PT	3	PROJETO APRENDA A DIZER NÃO: PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL	Christiano Henrique de Silva Maranhão, Selate Gonçalves
C1	356	PT	3	ESCOTISMO NO PARÁ: LAZER OU EDUCAÇÃO COM BASES INQUIETAS?	Wellington da Costa Pinheiro, Helen Tatiana Santos Pontes, Míchele César Balbi
C2	381	PT	4	ESPORTES URBANOS: HISTÓRIA, CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS, E BENEFÍCIOS DO "LE PARKOUR"	Willy Fernando de Cruz Pereira, Jefferson John de Silva Santos
C3	383	PT	4	FOOTBALL EM CAMPANHAS: LAZER COM UM ESPORTE NÃO CONVENCIONAL	Guilherme da Arruda Carvalho Freitas
C4	394	PT	4	ASPECTOS LÚDICOS IDENTIFICADOS EM PRÁTICAS COLETIVAS DE ESPORTES DOMINADOS INDIVIDUAIS	Edvaldo Garcia, Adriana Papa Capozzato, Artur Henrique Barbosa, Bruno Batista Dallagas, Jefferson John de Silva Santos
D1	429	PT	4	AS MÃES DE AVENTURA: O SURFE ENTRE AÇÕES E POSSIBILIDADES	Emilly Yasmin Corvêlo Dias, Patrícia do Socorro Chaves de Araújo, Emacalis Nazari de Silva, Tadeu João Ribeiro Baptista
D2	437	PT	4	SIACOLIME: VIVÊNCIAS ACADÊMICAS NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	Pedro Roberto Borges Neto, Vital Brasil Araújo Monteiro Filho, Anacleto Araújo Santos
D3	438	IN	4	LEISURE-TIME PHYSICAL ACTIVITY AMONG DIFFERENT SOCIAL GROUPS OF ESTORIA	Pedro Leoniği
D4	261	PT	5	ÓBVIO ULIANTE: FUTEBOL E LAZER NO RÁDIO	Thiago José Silva Santana, Luiz Aguiar dos Anjos, Sílvia Ricardo de Silva, Adriano Lopes de Souza
E1	325	PT	5	AS INFLUÊNCIAS DO BRINCAR EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL	Caroline Tavares Costa
E2	327	PT	5	FUTEBOL CALLEIRO: O ESPORTE COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	Roberto Ramos Campos, Thiago Escadaino Borba, Getúlio Furtado Marinho, Luciano Tavares Soares
E3	328	PT	5	ESCALADA EM ROCHA PARA ADOLESCENTES: DIVERSÃO E APRENDIZADO	Dimitri Wao Pereira
E4	331	PT	5	GRUPOS NATURAIS EM FAMILIARIDADES MAIS VERDES E CRIANÇAS MAIS SAUDÁVEIS	M. L. A. de Barros, Laila Fleury, Gabriela Guth, P. Mendonça
F1	418	PT	5	BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: IM VISIBILIDADES ACADÊMICAS	Fabíola Santiago Reis, Patrícia do Socorro Chaves de Araújo Araújo, Tadeu João Ribeiro Baptista
F2	442	PT	5	SAÚDE/ QUALIDADE DE VIDA DOS DOCENTES CURRICULARES PARA DESENVOLVIMENTO DE LAZER AUTÔNOMO	Thiago Ville Lobos Monteiro, Rosane Andreoli
F3	388	PT	6	EXERCÍCIO FÍSICO E DOENÇAS NEURODEGENERATIVAS: OS BENEFÍCIOS CONTRA O ALZHEIMER	Sérgio Bastos Lopes, Raphael Ferreira, Everton Rodrigues Silva, Alina Panson Rodrigues, Jefferson John de Silva Santos
F4	424	PT	6	A RELAÇÃO ENTRE AS EXPERIÊNCIAS DE ÓCIO E A RESILIÊNCIA	Carla Dias, Ieda Rhodora
G1	451	PT	7	FESTIVAL DA INTEGRAÇÃO - UM PROJETO EM REDE DO SESC SP	Helena Alessandra Fátima Nascimento, Sandra Regina Feltrin, Ricardo Silveira, Cristiana Ferrer, Cristiane Riscalla Medd
G2	373	PT	8	LAZER E GÊNERO: UM OLHAR PARANÔMICO A PARTIR DA ODISSEIA DAS RUAS DE LAZER NA CIDADE DE SÃO PAULO	Yveline Vieira de Sousa
G3	752	PT	1	LAZER E IMIGRAÇÃO EM SÃO PAULO-SP E CASOS DO SUL-RS	Alan Queiroz de Costa
G4	254	PT	9	O FUTEBOL NO LAZER DOS ESTUDANTES DO INTERIOR DE MG	Angela Tebague de Paula, Tairé Aparecida Aguiar Gordon Santos
H1	283	PT	10	NEUROPSICOLOGIA E O BRINCAR: UMA EXPERIÊNCIA NA BRINQUEDOTECA	Márcia Alessandra Silva
H2	396	PT	6	RESERVA LAZER E TURISMO EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO	Luana Cristiane Pinto Tavares, Tiago Aquino da Costa e Silva, Alípio Rodrigues Pinheiro Junior
H3	439	PT	11	COUCHSURFING - TURISMO COLABORATIVO Y HOSPEDAJE EN LA CONTEMPORANIDAD	Dessera Malinias, Márcio Medeiros, Ryan Ribeiro
H4	487	ES	11	ARTICULANDO INSTITUIÇÕES, MOVENDO PESSOAS: OCUPAÇÃO URBANA ESPORTIVA PRAÇA ALTEMAR DUTRA	J. MITTERHAUSER, Bárbara Machado Mazzetti
I1	290	PT	12	JOGOS NO PROJETO "TeeSTAR" DE FORMAÇÃO EM SEXUALIDADE PARA CRIANÇAS	Janeira Lima da Silva, Camilla Lopes Magalhães, Gerson Luiz de Sousa
I2	347	PT	12	ANÁLISE DO LAZER NA VILA DA PAZ EM BELO HORIZONTE/MG: O LAZER COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO E INCLUSÃO DE ADOLESCENTES.	Édulo Rodrigues de Almeida Jr.
I3	390	PT	12	A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL PARA O LAZER NA CIDADE	Paula Aparecida Figueiredo Paula
I4	490	PT	12	LIÇÕES DE LAZER NA VILA DA PAZ EM BELO HORIZONTE/MG: O LAZER COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO E INCLUSÃO DE ADOLESCENTES.	Lizandra Meyers de Silva Xavier
J1	296	PT	13	A EDUCAÇÃO FÍSICA ENTRE MUROS COMO IMPEDIMENTO DO LAZER	Breno Rodrigues Neta, Rodrigo Tamaritolo Navarro, Daniela Santana Tachela
J2	370	PT	13	INCENTIVANDO-CONHECER O LAZER DE UMA FORMA DIFERENTE	Rogério Rodrigues, Daniela Orangi Sant'Anna
J3	443	PT	13	DESAFIOS DE ESTUDOS DO LAZER EM COMUNIDADES TRADICIONAIS	Alyson da Rocha Silva, Tiago Rodrigo Alves Nunes, Cleber Mano Leão Junior
J4	256	PT	14	PRÁTICAS CORPORAIS DE LAZER EM SALVADOR: COTIDIANO ENTRE 1995-1995.	Carla Tereza Ozeili Costa, Leonardo Toledo Silva
K1	279	PT	14	SENTIDOS DEL LUGAR Y LA EXPERIENCIA DE OCHO	Daniela Baniary Alves Frade
K2	304	ES	15	APRENDIZAGEM SEQUENCIAL APLICADA AO ESTUDO DO MEIO ATRAVÉS DO RECREADOR	Andres Real
K3	320	PT	15	DISPOSITIVO LÚDICO PARA TRIENÁRIOS DE BARRERAS DEL OCHO, EM UNIVERSIDAD	Pedro Henrique Miranda
K4	372	ES	14	JOGOS VIRTUAIS COMO FOCO DOS TRABALHOS NO WORLD LEISURE CONGRESS	Ricardo Lemos, Gustavo Martins
L1	381	PT	10	JOGOS OLÍMPICOS 2016: IMPACTOS SOCIAIS E SIGNIFICADOS	Amanda Meyers Nascimento-Cardoso, Marc Helaine Rodrigues, Elienilde Guelle do Carmo, Fernando Sanchez de Oliveira, Gilvane Marie Schwartz
L2	67	PT	1	FORMAÇÃO CULTURAL DE DOCENTES-QUE LECIONAM LAZER NA REGIÃO NORTE	Nathalia Sara Petroni, Cristiane Lopes da Silva
L3	681	PT	5	PROGRAMAS DE ATIVIDADE FÍSICA E LAZER: COMPARANDO VALINHOS/SP E JUNDIAÍ/SP	Gustavo Maneschy Montenegro, Nilder Ferreira Iwayama
L4	720	PT	4	LAZER E RELIGIÃO EM MEANDROS DO PROCESSO CRIADOR	Alessandro Galvão, Eduardo Roberto Urie, Daniela Henrique de Silva Leite
M1	763	PT	13	PRÁTICAS ESPORTIVAS DE LAZER NO PROGRAMA SESC DE ESPORTES	Sílvio Torres Paes, Sarah Camaschi Degato
M2	689	PT	4	LUGARES DO LAZER NA CIDADE SESC: FINEBIENS, TEATRO E ESPAÇOS PERMEÁVEIS	Caroline Giolo de Melo, Tatiani Ribeiro
M3	717	PT	14	PROGRAMAS DE ATIVIDADE FÍSICA E LAZER: COMPARANDO VALINHOS/SP E JUNDIAÍ/SP	Marcos Nunes, Edilson Soares, Luciano Leonildi, Henrique Khal
M4	698	PT	5	A CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOS PROFISSIONAIS DO BH EM FÉRIAS	Lucilene Alencar Dorea

30 AGOSTO, QUINTA TARDE - 19h30 às 23h30 | AUGUST 30, THURSDAY AFTERNOON - 6:30pm to 9:30pm | 30 DE AGOSTO, JUEVES TARDE - 6:30pm - 9:30pm



SESSÃO B / SESSION B / SESIÓN B - Geral - 7ª plantão					
TV	ID	Idiom / Language	Área temática / Thematic Area	TÍTULO / TITLE	AUTORES/AUTHORS
A1	421	PT	1	ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA NACIONAL DE ESPORTE E LAZER NO BRASL	Dírcio Santos Silve
A2	484	PT	1	POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER NO MUNICÍPIO DE PALMAS	Alice Correia, Carlos André Coelho Silve, Crístina Vasconcelos Rueder, Mateus Pereira Rocha, Rayssa dos Santos Gonçalves, Kheffen Cristina Pires Soares
A3	530	PT	1	O LAZER COMO IMPORTANTE COMPONENTE NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	Katara de Fange Silve
A4	534	PT	1	SISTEMA DE INDICADORES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER	Shalene Vargas da Silveira, Semires Lima Souza, Leonardo Perles da Silve
B1	371	PT	2	PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA: OFICINAS DE ESPORTE E LAZER NA APRE	Priscila Gonçalves Soares, Renan Carraro, Mateus Campos
B2	455	IM	2	STUDY ABOARD PARTNERSHIP: COSTS AND BENEFITS FOR HOST UNIVERSITIES	Jo An M. Zimmerman, Nicole Paul, Krista A Thomas
B3	738	PT	2	PROJETO PAVÃO PRAIA ACESIVEL: LAZER INCLUSIVO NO LITORAL PALMENSE	Semires Lima Souza, Leonardo Perles da Silve, Shalene Vargas da Silveira
B4	388	PT	3	LAZER E SÉRIES: O COMEÇO DE UM ESTUDO NO IFTO.	Kemely Borges Tranqueira, Luizgleyson Carneiro, Fabiana Santos Rodrigues, Túlio Caspary, Peri Emerson Silveira da Cunha e Kheffen Cristina Pires Soares
C1	483	PT	3	FARRA NAS FÉRRAS' REF 2018: O OLHAR DAS CRIANÇAS	Olivia Cristina Ferreira Ribeiro, Gustavo Alves Silve, Guilherme Henrique Jesus Silve
C2	448	PT	4	O LAZER NA ÁGUA UTILIZANDO MÚSICAS NA SEGUNDA INFÂNCIA	Fernanda Romano
C3	449	PT	4	DO PONTO A AO PONTO B: ANÁLISES DO PARQUEUR CURITIBANO	Rafael Ramos Chagas, Andréia Juliana Druis
C4	658	PT	2	PROGRAMAS DE LAZER BENEFICIAM NOS IMPACTOS FAMILIAR DE CRIANÇAS AUTISTA	Luís Mendes Tavares, Gabriel Benedito Lima, Emerson José Souza Silve, Lara Coelho Fonseca, José Gilmar Carvalho Junior, Adriana Pereira Lopes, Tássia Flacilino Silve Oliveira, Alina Paula Castano, Rodrigo Pereira Silve, Nathália Maria Resende
D1	467	PT	4	PROJETO LAZER E CIDADANIA: O LAZER COMO DIREITO DE TODOS	Maycon Luiz Monned, Rodrigo Barbosa Ferraz, Rafael Presotto Vicente Cruz, Alípio Márcio Sardin Silve, Juliana Marta Antunes Ramos, Renata Resende Diniz Ramos
D2	470	PT	4	ATIVIDADE FÍSICA E ESPORTES PARA EMPRESAS ESCALADA E IMAGINÁRIO: INVESTIGAÇÕES A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DA IMAGEM	Lara Micaela Dias
D3	559	PT	4	LAZER NA ESCOLA: PROJETO CULTURA CORPORAL NO EPR CAMPUS PARANAGUÁ	Eric Stojk Ito, Ana C Zimmermann
D4	458	PT	5	LAZER E CURRÍCULO: COMPREENDENDO AS IDENTIDADES TORCEDORAS EM TORÇIDAS ORGANIZADAS	Alina Tschoko
E1	482	PT	5	BRASIL/PORTUGAL: A FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM LAZER E ANIMADOR SOCIOCULTURAL	Mariano Lúcio Madal Júnior, Helder Ferreira Iazawa
E2	484	PT	5	VALORIZAR A CULTURA POR MEIO DOS CONTEÚDOS CULTURAS DO LAZER	Adriano Gonçalves Silve, Helder Ferreira Iazawa
E3	545	PT	5	LAZER, ESPORTE E POLÍTICA NO MUNICÍPIO DE ATLETISMO MASTER TÉCNICOS E GRADUADOS: FORMAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO EM LAZER	Antonioelly Oliveira Silve
E4	580	PT	5	A LUDICIDADE COMO ELEMENTO FACILITADOR PARA EDUCAÇÃO EM SAÚDE	Carles Fabra Mirande
F1	585	PT	5	PRÁTICAS ESPORTIVAS DE LAZER NO PROGRAMA SESC DE ESPORTES	Carla Aguiar Nogueira Lima e Santos, Helder Ferreira Iazawa
F2	571	PT	6	PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: PRÁTICAS CORPORAIS LAZER E EDUCAÇÃO INTEGRAL	Roseli Neme Iazawa, Cristiane Ueda Modaffari, Jairo de Souza Moreira Jr.
F3	720	PT	6	CAPOEIRA PARA IDOSOS: CULTURA, SOCIALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NO LAZER	Alessandra Galvão, Eduardo Roberto Uliás, Daniel Henrique da Silve Leite
F4	589	PT	6	ESPORTE E BELEZA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA REVISTA ALTEROSA (1999-2005)	Marco Aurélio Paganella
G1	485	PT	7	SARAU EMPODERANDO IDEIAS: EMPODERAMENTO FEMININO EM EXPRESSÕES ARTÍSTICAS	Eduardo Biaz, Diógenes Brito, Regine Gerzani
G2	489	PT	8	A ANCESTRALIDADE NAS PRÁTICAS DO BRINCAR E A CULTURA POPULAR	Gaúla Arruda de Barros
G3	608	PT	8	OCIO DIGITAL: EL USO DEL SMARTPHONE COMO CONSOLA DE VIDEOJUEGOS	Valéria Dias, Débora Gambard, Vânia Moreira Ferreira, Viviane Veiga Silveira
G4	349	PT	9	ESTÁDIOS DE FUTEBOL: ESPAÇOS DE LAZER TRANSFORMADOS PARA A MODERNIDADE	Denise Machado Gomes, Juliana Zago Mendes, Liliana Maria Santos Oliveira
H1	527	ES	10	LAZER E IDOSOS: ACADEMIA DA TERCEIRA IDADE NA SACH	Pablo Corral González, Estelita González García, Selate Gonçalves
H2	528	PT	11	INTERESSES CULTURAS DO LAZER NA COMUNIDADE VILA DA PAZ	Angela Cristina do Mar de Jesus
H3	542	PT	11	ESPAÇO DE LAZER PROIBIDO: ELITIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL BRASILEIROS	André Massaro
H4	490	PT	12	BRANQUEADO DE MIRIM: LAZER OU SE TRABALHO PARA ARTESÕES DE ABATETUBA-PA	Silvane Gonçalves de Paiva, Bruno Modesto Silvestre, Silve Crístina Franco Ananil
I1	428	PT	12	LAZER E TRABALHO: OS COLETORES DE SEMPRE VIVAS DE GALHEIROS/MS	Douglas Carvalho Rocha, Pablo Vitor Viana Pereira, Rodrigo Almir Araújo Miranda
I2	539	PT	12	FINANCIAMENTO DO ESPORTE E LAZER: DE FHC A DELMA	Valeria Pele Oliveira, José Alfredo Oliveira Debonof
I3	528	PT	12	ESTÁDIOS DE FUTEBOL: ESPAÇOS DE LAZER TRANSFORMADOS PARA A MODERNIDADE	Rozângela Gomes Pinell
J1	675	PT	7	LAZER E IDOSOS: ACADEMIA DA TERCEIRA IDADE NA SACH	Andréia Juliana Druis, Silvane Rachá, Raissa Ramos Chagas
J2	486	PT	13	INTERESSES CULTURAS DO LAZER NA COMUNIDADE VILA DA PAZ	Leonardo Paulino, Renato Sebas, Edgar Tomazzoni
J3	521	PT	13	ESPAÇALIDADE DA PRÁTICA SOCIAL: PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA, CURITIBA/PR	Thaís Lorenza Rocha, Leonardo Toledo Silva
J4	285	PT	14	MAPEANDO A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ESPORTE LAZER NO TOCANTINS	Danielle Tachita Santana, Emília Amélia Pinto Costa Rodrigues, Rodrigo Trematolo Neto
K1	285	PT	14	EVASÃO NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ANÁLISE DO PBL/VS	Rubere Kaffer Abilio, Diego Eding
K2	341	PT	15	O LAZER E O LÚDICO COMO INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	Bruno Ungheri, Eduardo Ferraz, Luciana Costa, Maria Aparecida Vasconcelos, Mariana Carvalho
K3	360	PT	15	ATIVIDADES DE AVENTURA NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA	Suzana Santos Campos, Luciana de Souza Castro, Roberta Rocha da Silve Leite, Mirsa Marlene Duarte
K4	402	ES	14	RECREACIÓN CIÉNTIFICA	Monica Delgado, Evandro Antonio Correa
L1	40	PT	11	USABILIDADE DE SITES NO CAMPO DO TURISMO E HOSPITALIDADE	Zelma del Valle Rhodensira
L2	144	PT	15	AS PRÁTICAS DE AVENTURA NOS ANAIS DO WORLD LEISURE CONGRESS	Marília Amabile Guariso, Luis André Pereira Oliveira, Ana Paula Guizardo Teodoro, Renata Leuderes Silve, Heli Helena Rodrigues, Gisela Marie Schwartz
L3	732	PT	13	PROGRAMA LUDICIDADE: POLÍTICA PÚBLICA PARA A INFÂNCIA	Bruna Cláudia Souza Lima, Heli Helena Rodrigues, Renata Leuderes Silve, Jusselina Alves Marinho, Fernando Seneca de Oliveira, Gisela Marie Schwartz
L4	722	PT	12	O LAZER NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: UMA PROPOSTA DE ESTUDO	Roselene Crispoldi
M1	427	PT	11	LAZER E TURISMO NA ILHA DO COMBUÇA: CONTRADIÇÕES E DESAFIOS	Marina Bellata Santos, Uliana Kovner
M2	622	PT	13	PARQUE DO CARMO: O LAZER NO SÍTIO HISTÓRICO DE OLINDA	Pablo Vitor Viana Pereira, Douglas Carvalho Rocha, Mirsilde Cleir Bahia



N3	604	PT	1	ESTUDO DE CASO: PROGRAMA PELC: IMPLEMENTAÇÃO DO CONSELHO GESTOR.	Renata Vanaglin, Rafael Ramos, Bruna Gonçalves, Rodrigo Coelho, Elaine Rocha, Leonardo Nunes
N4	501	PT	12	INTERVENÇÃO DE LAZER: CAMPANHA CAMPUS SOLIDÁRIO	Milena Thales Santiago Correia, Ana Elise Steiner Nunes, Alessandra Cavalcanti Correia, Camilla Cavalcanti Dias da Silva, Luis Filipe da Silva-da-Lima, Ana de Fátima Bastião da Silva, Ruth Mitsuy Germano da Lima
N1	180	PT	12	Formação em lazer nos programas do Governo Federal	Marcela Gomes Alves da Silva, Dagmar Ap. C. Fraga Hungar
N2	764	BN	4	RISK IDENTIFICATION OF BICYCLE TOURISM BASED ON HFACS	Tiyan Zhou, Jijun Zhou



AGENDA DE APRESENTAÇÕES PÔSTERES | POSTER PRESENTATIONS AGENDA | AGENDA DE PRESENTACIONES PÓSTERES

atualizado em 27/08 | updated 08/27 | actualizado 27/08

31 AGOSTO, SEXTA TARDE - 3h30m to 15h30	AUGUST 31, FRIDAY AFTERNOON - 2:30pm to 3:30pm	31 DE AGOSTO, VIERNES TARDE - 2:30pm - 3:30pm
--	---	--

SESSÃO A / SESSION A / SESIÓN A - Ginásio - 7º piso/floor

TV	ID	Idioma/ language	Área temática/ Thematic Area	TÍTULO / TITLE	AUTORES/AUTHORS
A1	526	PT	1	LAZER EM NOVA UMA: A GESTÃO DE 2013 A 2016	Alida Cristina Rodrigues Medina, Ana Claudia Pontiro-Couto
A2	529	IN	1	POLICY CHANGES AND POLITICAL ECONOMIES IN CANADIAN NATIONAL PARKS	Fabrice S. Mathieu, John Shultz
A3	575	PT	1	POLÍTICAS PÚBLICAS DE FINANCIAMENTO DE PESQUISAS SOBRE LAZER	Giulio Helena Tavares, Maria Clara Elias Polo, Letícia Ramos Rodrigues, Gisela Maria Schwartz
A4	585	PT	1	TRANSFORMAS E CONSTRUÇÃO DO SABER DE GESTORES DO PELC	Walter Ferreira Neryana, Camille Rezende, Rita Paloso Grassi, Juliana Viana, Marcelle de Sousa Silva, Fabiano Antonio Sena Peres, Luciene de Alencar das Dornas
B1	597	PT	2	LAZER E INCLUSÃO: O DIREITO AO LAZER	Luana Juliana de Melo Silva
B2	608	PT	2	TURISMO SOCIAL E A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA	Jordana Eugenio, Bernardo Chalchib
B3	452	ES	4	BECKLETTAR AL AIRE LIBRE: SU INFLUENCIA EN LOS ESTADOS ANIMADOS	Jeaneth Herrera-Cavazos, Maria Eugenia Jaramila
B4	531	PT	3	CRIANÇAS EM HÓTEIS EM SÃO PAULO	Roselene Crispoldi
C1	573	IN	3	LAZER NA FORMAÇÃO INTEGRAL EM UMA ESCOLA RESIDÊNCIA	Wesley Santos do Vale
C2	584	PT	4	A INFLUÊNCIA DO TREINO EM GRUPO PARA corredores RECREACIONAIS	Vanessa Cardoso Malta Ribeiro, Wanila Cristina Nogueira e Silva, Ana Paula Kogala Claudio Lima
C3	594	PT	4	PERFIL DOS ORGANIZADORES E PARTICIPANTES DO SEMINÁRIO	Diogo Antunes, Lucas Rufino, Bruno Pereira Ribeiro, Romário de Sousa, Juliana de Paula Figueiredo
C4	600	PT	4	A MARATONA COMO ATIVIDADE FÍSICA DE LAZER	Ana Carolina Marques Silva, Diogo Barbosa Albuquerque, Clea Marie Silveira Monteiro Freitas
D1	570	PT	4	LAZER E INDIVÍDUOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL	Fernanda Pereira de Lima, Ulvia Cristina Toneto
D2	569	PT	5	VIVÊNCIAS RECIFEENSES: TRANSFORMANDO UMA PRAÇA EM SALA DE AULA	Maria Helena Cavalcanti de Silva Belchior, Ana Rosa Cavalcanti de Silva, Paula Patrícia Aguiar da Mota
D3	590	PT	5	LAZER, EDUCAÇÃO E MÍDIA NO ENSINO SUPERIOR	Patrícia Luciene de Carvalho, Juliana Tassinari
D4	628	PT	5	CERCO EM CURSO: UM CASO DE FORMAÇÃO NO LAZER	Aracelis Silva
E1	674	PT	5	SENSIBILIDADE E CRIATIVIDADE: ANÁLISE DE UMA COLÔNIA DE FÉRIAS TEMÁTICA	Ulisses Oliveira Leão, Gustavo André Pereira de Brito, Joana dos Santos Lima
E2	716	PT	5	LAZER E EAD: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?	Alida Cristina Rodrigues Medina
E3	620	PT	6	LAZER/ESPAÇOS PÚBLICOS: QUALIDADE DE VIDA NA PRAÇA DO CRISTO, CASTANHAL-PA	Claudio Nascimento da Costa, Antonio Gilberto Martins de Silva
E4	666	PT	6	PALHAÇOS EM HOSPITAIS NA PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE	Victor César Shing, Tiago Aquino de Costa e Silva, David Miranda Reis, Aljago Rodrigues Pinas Junior
F1	469	PT	7	CHARMOSIDADE FITNESS – UM DIA DE LAZER PARA IDOSOS	Barbara Gambani, Fernanda Carilho, Gabriela Cfoff, Vilma Moreira Ferreira, Vilaine Velgo Stibicki
F2	603	PT	8	INICIAÇÃO EM MULTIMODALIDADES PARA ADULTOS, UMA EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO	Nicole Cibte Galvão
F3	511	PT	9	A FEMEADE E O SAMBA ELEMENTOS DE LAZER E RESISTÊNCIA	Fernando Estima Almeida, Jorge Luis de Hora Jesus, Mariete de Souza Gato Suggiana, Malena Gonçalves
F4	532	PT	10	JUST DANCE: A DANÇA NA PERSPECTIVA DO LAZER	Paula Lucia Gomes Prudente
G1	586	PT	11	IMIGRAÇÃO EM DESTINOS TURÍSTICOS: O CASO DO LITORAL POTIGUAR/BRASIL	Saleta Gonçalves, Christiane Lacer Gomes
G2	595	PT	11	LAZER E EDUCAÇÃO NO CENTRO DE CIÊNCIAS DA UFV/MG	Edvaldo S Araujo Jr, Alice G Araujo, Maria C. Rocha, Leana S. Barros, Camilla S. Oliveira, Rebecca O. Silva, Michelene K. Ribeiro
G3	619	PT	11	PARQUE SAPUÇÁ: EXPERIÊNCIA DE LAZER E AVENTURA EM MONTES CLAROS/MG	Thiago Neves Silva, Isabela Veloso Lopes Versiani
G4	624	PT	11	TURISMO E DIREITOS: UMA EQUAÇÃO POSSÍVEL?	Alan Lopes Granja, Julio Paulo Leite Guadagnoli, Sílvia Eri Hirao, Marcelo Batista Kawano, Círcula Fongaro Peres, Fernanda Alves Vargas
H1	579	PT	12	CORRIDA DA GAUBINA: O LAZER DE UMA FORMA "DIFERENTE".	Américo Moura Neto
H2	605	PT	12	LAZER NA PERIFERIA: A PISTA DE SKATE COMO EQUIPAMENTO	Waldil Rodrigues Assunção, Patrícia do Socorro Chaves de Araújo, Tadeu João Ribeiro Baptista
H3	638	PT	12	SKATISTAS NO CENÁRIO URBANO: DO LAZER À DEMOCRATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS	Geórgio F. Marinho, Roberto R. Campos, Juliana Z. Mendes, Claudio Secco Júnior
H4	645	PT	12	AURORA DO LAZER: METODOLOGIA PARTICIPATIVA PARA VIVÊNCIAS COMUNITÁRIAS DE LAZER	Luiza Barbosa Lima, Rodrigo José de Albuquerque Marinho Alzide dos Santos, Inezilda Pereira de Silva
I1	540	PT	13	CONTEMPLAR NO BARRIO: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COM FOCO NO LAZER	Emanuel Vitor Caldes Lullo, Ana Patrícia Dos Santos de Carvalho, Leonardo Farias de Silva, Samara Lima Souza, Shalene Vargas de Silveira
I2	587	PT	13	LAZER E ESPAÇO TURÍSTICO: ESTUDO SOBRE O COMPLEXO DO VER-O-PESO.	Jonathan Rodrigues Nunes, Kelly Norina Lima, Marina Alina Brito Osório, Sílvia Helena Ribeiro Cruz
I3	347	PT	14	NA TRANSGRESSÃO DO LAZER: DO USUÁRIO DESVIANTE	Vitor Hugo de Farias Gomes de Oliveira, Silvana Santos
I4	369	PT	14	PRODUÇÃO/MODULAÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE LAZER EM PERÍODOS DO TURISMO	Maria Furtado Gonçalves, Solano de Souza Braga, Christiane Luiza Gomes
J1	372	ES	14	DISPOSITIVO LÓGICO PARA ENSINAR DE BARRERAS DO OCIO, EN UNIVERSIDAD	Ricardo Lema, Gustavo Martínez
J2	413	PT	15	SE ESSA HORTINHA FOSSO MINHA: BRINCADERAS NA NATUREZA	Vilaine Cristine dos Santos
J3	481	PT	15	LAZER, MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE: ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA NO IFTO	Vilaine Dedeato Santos, Ingrid dos Santos Lima, José Guilherme Marques Silva, Khalise Cristina Pinz Soares, Raphael Pelezzo
J4	500	IN	15	ART, SOCIETY AND SUSTAINABILITY - AURVILLE, THE EXPERIMENTAL CITY OF INDIA	N. SOUJA, B. M. MAZZETTI
K1	562	PT	15	LAZER EM ÁGUAS DE RIO: ESTUDO SOBRE OS BALNEÁRIOS AMAZÔNICOS	Sílvia Helena Ribeiro Cruz, Mônica Paula França
K2	639	PT	15	PISCINAS PÚBLICAS E O DIREITO À CIDADE EM SÃO PAULO	Daniela Ribeiro da Silva, Reinaldo Tadeu Roscio Pacheco
K3	334	IN	15	VOLUNTEER TOURISM PERCEPTIONS AND IMPACTS	Cecilia Leeb, Jennifer Gonzalez
K4	711	IN	14	DEVANT LEISURE IN WEBSITE: THE CASE OF FORMOLEISURE	Giuliano Gomes de Assis Pinheiro, Alfredo Feres Neto
L1	110	PT	15	CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE IDOSOS	Adriane Aparecida de Fozes Vicardi, Priscila Mari dos Santos Correia, Giovanna Campos, Aicyana Marinho
L2	766	PT	5	CULTURA E CONVIVÊNCIA – EXPERIÊNCIA DE LAZER E EDUCAÇÃO NA PRAÇA	Shirley Torres Peres, Flávia Andrea Cavalho
L3	538	PT	2	ACESSIBILIDADE NOS TRENS URBANOS E O ACESSO AO LAZER	Ivan Conceição Martins de Silva, Patrícia Tavares Rensing, Helena Soares do Nascimento
L4	580	PT	1	LAZER, ESPORTE E POLÍTICA NO MUNDIAL DE ATLETISMO MASTER	Carlos Fabre Miranda
M1	598	IN	7	LEISURE THERAPY AND ACTIVE AGING	Se-Hyun Lee, Jing-Shuang Hou
M2	606	PT	12	HORTA COMUNITÁRIA DA ZONA NORTE: COMUNIDADE, TERRA E CULTURA	Fábio Rodrigues de Silva, Alan Parisi
M3	6	PT	8	Práticas Corporais e de Lazer de Banho em Homossexuais	Diogo Elbing do Nascimento



31 AGOSTO, SEXTA TARDE - 13h30 to 16h30 AUGUST 31, FRIDAY AFTERNOON - 3:30pm to 4:30pm 31 DE AGOSTO, VIERNES TARDE - 3:30pm - 4:30pm

SESSÃO B / SESSION B / SESIÓN B - Gisela - 7ª / 7th floor

TV	ID	Idioma/ Language	Área temática/ Thematic Area	TÍTULO / TITLE	AUTORES/AUTHORS
A1	611	PT	1	O LAZER NA SECRETARIA MUNICIPAL DE MIO AMBIENTE NATAL- RN A RELATIVA AUTONOMIA NA GESTÃO DO LAZER NOS CUMES SOCIOCREATIVOS	Marle Juliana Rocha Ribeiro, Gustavo André Pereira de Brito
A2	655	PT	1	RIA DA AURORA COMO ESPAÇO DE LAZER: EMBARRAÇOS NO DESENVOLVIMENTO	Marcos Ruiz de Silva, Laura Alice Rinaldi Casarigo
A3	661	PT	1	PERFE. DOS ALUNOS DA SVD DO PISC	Laura Barbosa Lima, Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataide dos Santos, Inesilde Pereira de Silva
A4	677	PT	1	ATIVIDADES FÍSICAS E DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN	Fábio Henrique França Resende, Lucilene Alencar Dorne, Eliângela Chaves, Maria Cristina Rosa, Helder Ferreira Jayme
B1	664	PT	2	TRANSPORTE COLETIVO E ACESSO AO LAZER DOS SURDOS EM PARANÁ-PR/PR	Kellyene Cavillo dos Santos, Gustavo André Pereira de Brito, Carla Virginia Paulino Silva
B2	700	PT	2	ACESSIBILIDADE NAS PRAÇAS: ANÁLISE DE ESPAÇOS DE LAZER EM BELÉM	Jussara Rodrigues, Fernando Veloso, Felipe Miranda, Herbert Gomes, Lucas Valdivino
B4	761	PT	3	DIALOGOS ENTRE JUVENTUDES E POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER NO MUNICÍPIO.	Sandro Natalcio Prudêncio
CL	771	IN	3	WHAT FACTORS HAVE CONSTRAINED GROWTH OF TEENAGERS IN CHINA	Ma Huidi
C2	662	ES	4	PROGRAMA DE ACTIVIDAD FÍSICA ADAPTADA, SALUDY DISEÑACION (AFISADIS)	Dr. Marle Antonieta Ozoli Rozales, M.Sc. Marle Antonieta Corrales Anaya
C3	678	PT	4	PERCEPÇÕES SOBRE O LAZER NA PRÁTICA ESPORTIVA.	Vagner Martins dos Santos Junior
C4	727	PT	4	PROVETO SLACKLINE - EQUILÍBRIO ENTRE AVENTURA E EMOCÃO: BRAS A MOÇAMBIQUE	Luc Karine de Souza Pereira, João Leonardo de Melo Araújo, Diego Neylon de Medeiros, Heloisa Fernanda Lopes de Silva, José Carlos Balduino, Arilton Pereira dos Santos, Marile Flavia Brito de Lima, Lucas Paicoto de Macêdo, Priscilla Pinto Costa de Silva, Cheng Hei Nany Chao
D5	748	PT	4	DO LAZER AO ESPORTE: A HISTÓRIA DO BOLONISMO	Luana Mari Noda, Juliano de Souza
D2	764	IN	4	RISK IDENTIFICATION OF BICYCLE TOURISM BASED ON HWCS	Yuyun Zhou, Lijun Zhou
D8	728	PT	5	LAZER NOS MESTRADOS STRICTO SENSU (TURISMO) NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS	Roberto Dias de Moraes Ribeiro, Edmar Antonio Stoppa, Ricardo Raci Uvinha
D4	736	PT	5	LAZER E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA	André Souza Rocha, Gustavo André Pereira de Brito
E1	517	PT	12	POR UM LAZER PROMOTOR DE DIÁLOGOS INTERCULTURAIS	Maria Helena Mattos Barbosa dos Santos
E2	747	PT	5	PROGRAMA JUVENTUDES DO SESC SÃO PAULO	Gabriele de Silve Neves, Cristine Ricalde Madi, Cristiane Ferrari, Ana Cristine de Souza
E3	749	PT	5	LAZER E EDUCAÇÃO NO GEOPARK BOGOCQUELA-PANTANAL: NÚCLEO MIOQUE	MAGELA FERNANDA DOS SANTOS, TIELIANA PEREIRA OLIVEIRA
E4	768	PT	5	LAZER E EXPERIÊNCIA DISCENTE NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	Maria Luza Tavares
F1	466	PT	6	LAZER E SAÚDE: OS DESAFIOS DA INTERSETORIALIDADE NA GESTÃO FÍSICA	Renata Rosendo Diniz Ramos, Rodrigo Barbosa Terra, Rafael Passatto Viçente Cruz, João Marcelo Sardin Silva, Juliana Maria Antunes Ramos, Myrcos Laiz Moimrad
F2	741	PT	6	LAZER COMO PROPRIADOR DE PROMOÇÃO À SAÚDE NA SMS NATAL/RN	Joselyenne Rosendo de Silva, Alexandre Barreto Silva, Paloma Lima de Paulo, Gustavo André Pereira de Brito
F3	147	PT	7	INCIDÊNCIA DA TEMÁTICA IDOSO NOS TRABALHOS DO WORLD LEISURE CONGRESS	Wera Heloisa Rodrigues, Renata Laudares Alves, José Pedro Scarpel Pacheco, Eliângela Gisela do Carmo, Amanda Miyama do Nascimento Cardoso, Gisela Maria Schwartz
F4	528	PT	7	OS LAZES DE IDOSOS DA PRAIA DO CANTO VERDE/BRASIL	José Clerton de Oliveira Martins, Laila Duarte de Moraes, Francisco Wellington de Souza Barbosa Junior
G1	689	PT	8	LAZER E INCLUSÃO: O TURISMO LGBT+ EM RECIFE - PE	Daniel Alberto Correia de Mendonça, Bruno Galindo Miroy Fernandes, Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataide dos Santos, Inesilde Pereira de Silva
G2	614	PT	9	A CAPOEIRA COMO DIVERTIMENTO E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS DO LAZER A PROFISSIONALIZAÇÃO DOS "E-SPORTS"	Uirde de Paula Machado Pereira, Elisea de Toledo
G3	652	PT	10	RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ARG "O FANTASMA NO MUSEU"	Ricardo Antonio Correa, Dagmar Hunger
G4	680	PT	10	RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ARG "O FANTASMA NO MUSEU"	Bruno Rosendo de Góis, Mirlene Helen Gomes de Araújo de Corte e Silva, Tiago Araújo de Corte e Silva, Herika Yumi Inoue, Alípio Rodrigues Pinas Junior, Roselene Crepaldi
H1	642	PT	11	CENITÁRIO COMO ESPAÇO DE LAZER: UMA POSSIBILIDADE VIÁVEL	Charlene Braun Del Puerto, Letícia Inedit Franzen, Maria Luiza Cardinale Baptista
H2	752	PT	11	EXPERIÊNCIAS SOCIOCORPORAIS, O RISCO CONTROLADO E O TURISMO DE AVENTURA	Laura Alice Rinaldi Casarigo, Marcos Ruiz de Silva
H3	754	PT	11	O TURISMO DAS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS NO FACEBOOK	Marcos Vilas de Almeida, Cynthia Correa
H4	760	PT	11	ELEMENTOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE IMIGRANTES EM SÃO PAULO	VINÍCIUS ROCHA BÉCARD
I1	654	PT	12	ACOLHENDO EM PARILHEIROS: UMA EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL PELO TURISMO	Israel Aparecida dos Santos Meyer, Cláudia Dias Nogueira, Valéria Maria Macocatti, Thelma Costa Guzzatti
I2	690	PT	12	RECREAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO SOCIAL NO MERCADO DE TRABALHO	Virgílio Abrelho Junior, Tatjana Peres Silva, André de Filippis, Rebeca Vitória Serachas Lepora, Glaucen Rodrigues Ribeiro
B	735	PT	12	MUSEALIZAÇÃO DA "CASA VELHA": PATRIMÔNIO, TURISMO E LAZER EM TEMÃO	Ara Maria Costa Baber, Sorene Gestel
H	679	PT	13	FEIRANTES DO VER-O-PESO: INTERAÇÃO ENTRE LAZER E TRABALHO	Márcia Peres, Aurilene Nóbrega, Milena Medeiros, Anacéto Santos, Patrícia do Socorro Chaves de Araújo
J1	755	IN	1	COASTAL GOVERNANCE PRINCIPLES AND IMPLICATIONS FOR NAUTICAL TOURISM	Rosana Mazarro, Celina Marques, Ricardo Uvinha
J2	759	PT	13	TERRITORIALIDADES CULTURAIS DO CAMPO LIMPO	Pedro M. R. Seles, Pedro H. V. Santos, Yuri B. Tambucci
J3	407	ES	14	RECREACIÓN CIÉNTIFICA	Zuleima del Valle Rueda de la
J4	485	PT	14	CULTURA E LAZER: PRÁTICAS DOS FREQUENTADORES DO SESC SÃO PAULO	Ara Rocha
K1	609	PT	15	LAZER E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL: ESTUDO COM DOCENTES E DISCENTES	Diana Barbo, Alysson Bassari, Catiane Lima
K2	628	PT	15	REFLEXÕES SOBRE LAZER EM PARQUES NATURAIS EM PRESIDENTE FIGUEIREDO-RJ	Francoise Inguan Ribeiro, Mirleide Chaz Brito
K3	648	PT	15	EXPOSIÇÕES AMBIENTAIS O DESPREZAR PARA A CURIOSIDADE NO SESC BERTIÓGA	Rogério Wong de Oliveira, Marcelo Bohemann, Emerson Luis Corti, Amanda Santos de Oliveira, Camilla Fozzi de Aguiar, Carla Cruz Soares, Carlos Alberto de Aquino, Marcela Oliveira Fonseca
K4	572	PT	13	PARQUES URBANOS E LAZER EM MALIÁ/SP/PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES	Henrique Oliveira de Medeiros, Rafaelão Tadeu Boccolo Pacheco
L1	565	PT	4	LAZER E PRÁTICAS CORPORAIS NA REGIÃO DE SANTO AMARO	Uirde Cristine Toneto
L2	369	PT	14	PRODUÇÃO/VEICULAÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE LAZER EM PERÍODICOS DO TURISMO	Marcia Furtado Goepelman, Selma de Souza Braga, Christianne Luza Gomes
L3	279	PT	14	PRÁTICAS CORPORAIS DE LAZER EM SALVADOR: COTIDIANO ENTRE 1993-1995.	Daniello Rasilery Alves Freire
L4	93	PT	14	O LAZER DE UNIVERSITÁRIOS: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÃO CIÉNTIFICA	Danielle Gomes Rosado, Marle Luiza de Jesus Miranda, Vera Lúcia Teixeira de Silva, Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva
M1	358	PT	11	Unidades como espaços de entretenimento: locais e lugares.	Cláudia Corrêa de Almeida Moraes, Carli Porto
M2	368	PT	12	LAZER EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: PODEM COMUNIDADES RESIDENTES TER ACESSO?	Maryse Laborde Santos



MO	660	PT	13	ACESSIBILIDADE CULTURAL: O DIREITO AO LAZER DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	Ugêi Helena F. Zanero, Octávio Weber Neto
----	-----	----	----	---	---

ÁREA TEMÁTICA THEMATIC AREA	
1	Política e Gestão do Lazer
2	Lazer, Acessibilidade e Inclusão
3	Lazer para Crianças e Jovens
4	Lazer, Esportes e Atividades Físicas
5	Educação no Lazer
6	Lazer, Saúde e Bem-estar
7	Lazer e Envelhecimento
8	Lazer e Gênero
9	Lazer, Diversidade e Relações Étnico-raciais
10	Inovação, Indústria Criativa e Lazer Digital
11	Lazer, Turismo e Hospitalidade
12	Lazer para o Desenvolvimento Social e Comunitário
13	Lazer, Cidades e Urbanização
14	Produção de Conhecimento e Teorias do Lazer
15	Lazer, Meio Ambiente e Sustentabilidade





APRESENTAÇÕES PÔSTERES
POSTER PRESENTATIONS
PRESENTAÇÕES PÔSTERES



TEMA 1
POLÍTICA E GESTÃO DO LAZER
LEISURE POLICY AND MANAGEMENT
POLÍTICA Y GESTIÓN DEL OCIO



A RELATIVA AUTONOMIA NA GESTÃO DO LAZER NOS CLUBES SOCIORRECREATIVOS

Marcos Ruiz da Silva; Laura Alice Rinaldi Camargo

mruiz4@hotmail.com

Centro Universitário Internacional – UNINTER, Curitiba, Paraná, Brasil /
Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil

No interior da diversidade – quantitativa e qualitativa – de espaços públicos e privados de lazer existentes no Brasil, os clubes sociorrecreativos representam um segmento que está distribuído em todos os estados da federação, e que conta com características muito distintas na dimensão local e muito semelhantes na dimensão global. Concebidos a partir do século XIX no Brasil por diferentes grupos sociais – imigrantes, trabalhadores, grupos políticos e outros – e também por diferentes motivações – lazer (leitura, jogos, dança), mutualismo, política, por exemplo – estabeleceram um lugar que se legitimou enquanto um equipamento específico de lazer (SILVA, 2017). Estruturados a partir dos mesmos princípios globais de funcionamento – diretoria eleita pelo voto do associado, restrição ao acesso delimitado por critérios pré-determinados, pagamento mensal por parte dos associados de TMD (Taxa de Manutenção e Desenvolvimento ou taxa de Condomínio), entre outros –, conformam um complexo e dinâmico espaço de sociabilidade lúdica (SIMMEL, 2006). Desse modo, o objetivo deste trabalho foi compreender como se estabelecem as relações de interdependência entre os diferentes sujeitos e instituições que estruturam o cenário das experiências de lazer no interior dos clubes sociorrecreativos e identificar como essa relação interfere na sua forma de gestão. Para isto, foi realizado um mapeamento das instituições e sujeitos dessa configuração e analisada a influência que cada um fornece para a construção desse contexto, a partir de suas características. Com os resultados da pesquisa, foi possível identificar que as relações estabelecidas quanto à vida associativa dos clubes é caracterizada por aquelas que são construídas no interior e aquelas que são externas à vida cotidiana dos associados. As relações estabelecidas entre os diversos sujeitos e instituições que fazem parte da vida associativa dos clubes representam uma teia de interdependência que é orientada pelas forças sociais, consideradas como forças compulsivas que exercem influência pelas, sobre e entre as pessoas (ELIAS, 1980). Em virtude disso, o modelo de administração caracteriza-se como eminentemente político. Assim, a tomada de decisão da diretoria sobre as coisas que conformam o lazer dos associados é o resultado da tensão estabelecida entre associados, grupos organizados de associados, funcionários, entre os próprios dirigentes, levando a diretoria a uma gestão pautada prioritariamente pela manutenção do poder e não por critérios técnicos. Ainda, a outra dimensão na rede de relações dos clubes que interfere na política da administração dessas entidades, composta pelo ME (Ministério do Esporte), COB (Comitê Olímpico Brasileiro), CBC (Comitê Brasileiro de Clubes), FENACLUBES (Confederação Nacional dos Clubes), Ligas, Federações Esportivas e Confederações, Sindicatos classistas, Federação Nacional dos Clubes de Rede, entre outras, acaba por influenciar na composição de diretrizes mais gerais sobre o universo das práticas vividas nos clubes. Assim, acreditamos que essa relação de interinfluência na forma de gestão do lazer nos clubes e, conseqüentemente, na vida associativa das pessoas que frequentam esses ambientes, contribui para a constituição ou manutenção de um *habitus social* (ELIAS, 1989).

Palavras chave: Clubes sociorrecreativos. Lazer. Gestão.



ANÁLISE DECENAL NA LEI DE INCENTIVO AO ESPORTE

Lívia Ximenes Cavalcante; Rodrigo Pereira de Souza; Emmanuel Alves Carneiro

livia.xc@hotmail.com

Instituto Federal do Ceará – IFCE, Fortaleza, Ceará, Brasil

A Lei de Incentivo ao Esporte (Lei 11.438), sancionada em 29 de dezembro de 2006, estabelece uma política pública de fomento ao esporte através de incentivos fiscais para pessoas físicas (6%) ou jurídicas (1%) que estimulem o desenvolvimento do esporte nacional e que invistam em projetos esportivos e paradesportivos. A literatura abordando o tema é escassa, não sendo identificado nenhum estudo científico que buscou analisar quantitativamente a evolução da aplicação dos projetos na manifestação de Participação, que é caracterizada pela não existência de regras formais, ou seja, o esporte como lazer. Considera-se que a análise desse aspecto seja de fundamental importância para demonstrar a tendência da política de incentivo praticada pelo Governo Federal Nacional. Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo verificar a aplicação da Lei e sua contribuição para o desenvolvimento do Esporte no País, analisando e comparando a evolução dos projetos durante o período em que a lei completa dez anos de existência no país. O presente estudo é caracterizado como avaliativo e comparativo, uma vez que pretende medir o sucesso ou o valor de políticas e programas e compará-las entre si, quanto aos procedimentos técnicos, é documental e de levantamento e tem abordagem quantitativa. As informações referentes à aplicação da Lei de Incentivo ao Esporte foram levantadas no Relatório de Gestão 2016 divulgado pelo Departamento de Incentivo e Fomento ao Esporte do Ministério do Esporte (ME), disponibilizado no website do mesmo. A partir da leitura dos documentos pelos pesquisadores, foram levantados, analisados e comparados os dados referentes aos números de projetos que foram encaminhados ao ME e analisados pela Comissão Técnica, a partir desse levantamento, foi verificado a quantidade de projetos encaminhados para análise e a quantidade de projetos rejeitados sem análise de mérito, e destes quantos foram classificados na manifestação de Participação. Os números de incentivadores, os números de proponentes que captaram recursos e quantos desses proponentes são classificados na manifestação de Participação também foram analisados. Além disso, a evolução dos valores totais dos projetos autorizados e captados foi comparada com os valores captados pelos projetos classificados na manifestação de Participação. Os resultados obtidos indicam que a quantidade total de projetos apresentados no período decenal foi de 12.555 projetos, dentre esses, 8.381 projetos foram encaminhados para análise e 4.146 projetos foram rejeitados sem análise de mérito, sendo que do total de projetos apenas 2.883 projetos estão classificados na manifestação de Participação. Os dados da pesquisa permitem concluir que apenas 22% da quantidade total de projetos são classificados na manifestação de Participação, e que o índice é baixo quando comparado às manifestações Educacional e de Rendimento. Esses dados indicam que os projetos apresentados ao ME precisam de maior incentivo e conscientização por parte dos proponentes, para executar atividades que estejam relacionadas à qualidade de vida e a sociabilização da população e que mantenham o caráter de lazer como principal objetivo das atividades ofertadas nesses projetos.

Palavras chave: Lei de Incentivo ao Esporte. Política pública. Projeto. Manifestação de participação.



ANÁLISE DOCUMENTAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER/ RECREAÇÃO NAS CAPITAIS ANDINAS

Iuri Francisco Mustafa Cordeiro; Luciana Noya, Christianne Luce Gomes

iurifmc@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Esta pesquisa de Iniciação Científica (IC) é parte de uma investigação mais ampla que tem como objetivo geral analisar a concretização do direito ao lazer nas políticas públicas de lazer/recreação em La Paz, Bogotá, Quito e Lima (NOYA, 2017). Buscou-se compreender de que maneira a recreação/lazer é tratada nos documentos que orientam as políticas públicas, considerando grupos sociais priorizados, conteúdos culturais e possíveis locais em que as atividades recreativas são realizadas. A relevância do estudo se justifica pelo pouco conhecimento sobre esta temática no contexto dos países andinos e da América Latina face ao reduzido diálogo existente sobre o assunto, além da escassez de trabalhos sobre políticas públicas de lazer nesses territórios. A metodologia consistiu na seleção e análise de 52 documentos de nível nacional e municipal, entre leis, decretos, planos, constituições, resoluções, livros, regulamentos e sites institucionais, que preveem o direito ao lazer/recreação naquelas capitais. Entende-se a análise documental como a criação de novas formas de compreender fenômenos, a fim de serem interpretados para sintetizar informações e determinar tendências, para com isso tentar realizar inferências (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). Os resultados da análise documental evidenciaram que em todos os municípios as políticas públicas destacam como público-alvo a primeira infância, a infância e a juventude, além de priorizar pessoas com deficiência. Na Bolívia, as políticas são utilizadas como promoção do direito à cidadania dos diferentes povos indígenas ali existentes, decorrentes da refundação do estado e da nova constituição. Em Quito, no Equador, as políticas abrangem ações concretas permanentes voltadas à população, através do esporte “barrial” e “paroquial”. No Peru, ao contrário dos outros países, a Constituição determina o direito ao tempo livre ao invés da recreação. As políticas são centralizadas a nível nacional pelo Instituto Peruano del Deporte, e em Lima, são desenvolvidas ações à nível municipal pela Municipalidade Metropolitana de Lima. Estas capitais incentivam a recreação enquanto atividade físico-esportiva com infraestrutura esportiva (especialmente quadras), privilegiando apenas um conteúdo cultural do lazer (DUMAZEDIER, 1970). Porém, Bogotá diferencia-se por possuir setores de planejamento, contando com parques, equipamentos recreativos e desportivos. Está alinhada às diretrizes da Colômbia, onde a recreação é regida por leis e planos que contemplam ações participativas envolvendo atividades físicas, sociais, intelectuais, manuais, a fim de promover saúde e qualidade de vida. Na maioria dos documentos analisados, as políticas públicas de recreação/lazer têm objetivos que vão além da garantia desse direito, podendo ser confundidas com políticas públicas diversas relacionadas ao combate à criminalidade e ao uso de drogas, à promoção da saúde etc. As ações intersetoriais são importantes, mas precisam adotar a reciprocidade como princípio para que o direito ao lazer seja assegurado às populações destas capitais.

Palavras chave: Lazer. Recreação. Políticas públicas. Capitais andinas. Análise documental.



AVALIAÇÃO DO PELC NO CONVÊNIO DE RECIFE

**Aniele Fernanda Silva de Assis Moraes; Luciano Pereira da Silva;
Hélder Ferreira Isayama**

anieleassis@yahoo.com.br

Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), São João Evangelista, MG, Brasil;
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

O Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), vinculado ao Ministério do Esporte, coordenado pela Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social, tem como objetivo democratizar o acesso às práticas de esporte e lazer abrangendo todas as faixas etárias, por meio da implementação de núcleos de esporte recreativo e lazer, mediante convênios firmados entre governos municipais, estaduais, distrital e instituições de ensino superior. Nos núcleos, são planejadas e realizadas as oficinas temáticas, cujas ações educativas são desenvolvidas na perspectiva da emancipação humana e do desenvolvimento comunitário, tendo como elementos norteadores as diretrizes pedagógicas. Para verificar se os objetivos e as diretrizes do programa materializam-se em seus aspectos políticos, pedagógicos e técnicos, escolhi o Recife como convênio a ser avaliado. No qual elegi como objetivo geral desta investigação, avaliar como os objetivos e as diretrizes do PELC materializam-se no convênio de Recife nos aspectos políticos, pedagógicos e técnicos e como objetivos específicos: analisar os limites e as potencialidades apontados pelos sujeitos para materialização dos objetivos e das diretrizes do PELC; avaliar a relação entre as políticas locais e federais tendo em vista a continuidade do programa em uma perspectiva municipal; compreender de que forma as atividades do cotidiano do PELC, oficinas- eventos formação, realizam-se no convênio de Recife; identificar as motivações para o acesso e permanência dos participantes. Para a realização da pesquisa, foi necessária a combinação de procedimentos e técnicas. Utilizei a pesquisa bibliográfica para o levantamento das produções acadêmicas que versam sobre a avaliação de políticas públicas de esporte e lazer e do PELC; pesquisa documental com os diversos documentos norteadores da política local e nacional; pesquisa de campo em quatro núcleos do PELC no Recife: Brasília Teimosa/Pina, Campo Grande/Chié, Geraldão e Santo Amaro/Ilha de Santa Terezinha. Na pesquisa de campo, realizei observações nos núcleos, entrevistas semiestruturadas com gestores locais (secretário-executivo de Esportes e presidente do Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães) e grupos focais (população participante, agentes sociais e coordenadores geral, pedagógico e de núcleo). Para realizar as interpretações e análise dos dados, utilizei a análise de conteúdo categorial por temática mediante as categorias organização do trabalho pedagógico, gestão, formação e valorização profissional. A triangulação dos dados permitiu identificar que este Programa em Recife tem dado passos importantes na sua execução, com ações de esporte e lazer democratizadas, criação e fortalecimento de vínculo entre sujeitos e instituições, mobilizando a comunidade para a auto-organização; profissionais do campo do esporte e lazer qualificados e provocando os indivíduos quanto à diversidade. Considerando a trajetória histórica de Recife no desenvolvimento de políticas públicas de esporte e lazer, é tempo de consolidar-se como política de estado, utilizando o protagonismo, formação política, mobilização comunitária e resultados já conquistados para avançar no processo de municipalização; vislumbrando um cenário propício para vivenciar as diversas práticas culturais de esporte e lazer.

Palavras chave: Programa Esporte e Lazer da Cidade. Avaliação. Esporte. Lazer.



BALNEÁRIOS DO OESTE PAULISTA: O LAZER EM PRAIAS DO INTERIOR

Roberta Dias de Moraes Ribeiro; Edmur Antonio Stoppa

ro.moraes.ribeiro@hotmail.com

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil

Sob o olhar de alguns autores, a atividade turística está em contínuo crescimento e em constante busca por ofertar produtos e serviços diferenciados e diversificados, visando suprir os desejos e anseios de uma demanda que exige cada vez mais o novo. Assim, o turismo foi sendo segmentado, na tentativa de corresponder positivamente às expectativas de grupos/populações diferentes, criando produtos e serviços ajustados a tais exigências. Desde uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) em 1997, com o intuito de avaliar o potencial turístico de municípios brasileiros, os recursos hídricos têm sido apontados como os principais atrativos turísticos. Esse dado despertou o interesse das diversas regiões que têm recursos hídricos próprios para balneabilidade com o intuito de se desenvolver economicamente, a partir das atividades do setor de serviços, como turismo e à demanda de lazer das populações urbanas (ANA, 2005). Considerando esse cenário e a relação do brasileiro com a água, principalmente as praias, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de se estudar novas alternativas de lazer para o Estado de São Paulo em ambientes aquáticos, ampliando as opções de destinos turísticos diferentes da movimentação “oeste-leste” que existe atualmente, disponibilizando, na maioria dos casos, as mesmas atividades oferecidas no litoral paulista. Dessa forma, este estudo teve como objetivo analisar os balneários das cidades de Presidente Epitácio e Rosana, como alternativas de lazer, identificando as políticas públicas que os municípios possuem e os projetos futuros. Buscou-se conhecer o entendimento que os responsáveis das secretarias/divisões de turismo e lazer e os frequentadores desses espaços têm em relação às políticas públicas. Mesmo sendo um direito social garantido por lei, o lazer não figura entre as prioridades dos nossos gestores públicos e quando aparece em seus discursos, é diminuído a apenas um de seus conteúdos, geralmente ao físico-esportivo. A metodologia utilizada foi composta pela combinação de pesquisa bibliográfica, documental e empírica, estudo de caso com coleta de dados utilizando-se entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram destinadas aos gestores responsáveis pelas secretarias/divisões de turismo e lazer e aos visitantes dos balneários estudados, resultando num total de 166 entrevistas. Além disso, foi realizada uma observação estruturada com intuito de analisar os fatores externos dos balneários, como conservação do local. Como resultados, identificou-se a dificuldade sobre o entendimento do lazer pelos gestores. Eles configuram o lazer em seu departamento como a agenda de eventos do município e, por consequência, denominam essa agenda como sua política de lazer. Constatamos também que os visitantes dos balneários não percebem a presença física, constante, do poder público municipal, não tendo eficácia a fiscalização das regras estabelecidas pela prefeitura. Apesar de os balneários possuírem potencial para todo o Oeste paulista, a maioria dos frequentadores dos balneários é residente da cidade local. Desta forma, desafios são lançados para as Prefeituras Municipais alcançarem novas fronteiras, com novas parcerias por meio da intersetorialidade; outros métodos de publicidade que atinjam, em especial, as cidades vizinhas; e estabelecer políticas públicas de lazer para além da agenda de eventos.

Palavras-Chave: Lazer e Turismo. Balneários Municipais. Presidente Epitácio. Rosana. Gestão Pública Municipal.



COASTAL GOVERNANCE PRINCIPLES AND IMPLICATIONS FOR NAUTICAL TOURISM

Rosana Mazaro¹, Osiris Marques², Ricardo Uvinha²

rosanamazaro@uol.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN¹. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, Brazil.²

Nautical tourism in the coastal areas is dependent of the coastal management decisions. The rise of sustainable development that has contributed to highlight the governance principles are more adequate to lead with the interests conflicts in the zonal coast areas. Under international guidelines, governance is the process through which diverse elements in a society wield power and authority and, thereby, influence and enact policies and decisions concerning public life and economic and social development. Governance is carried out by the state, as well as the private sector and civil society. These principles are integrated into spatial development strategies under the umbrella of integrated coastal management - ICM. For the ICM approach, governance refers to the structures and processes used to govern. The main characteristics of ICM, according to international guidelines, is horizontal and vertical integration and the main challenge is overcoming the sectoral and intergovernmental fragmentation inherent in the sectoral management approach and in the splits in jurisdiction between levels of government at the land-water interface. The purpose of the study is to examine how the governance`s principles such as participation, accountability, direction and performance influence whether the decision-making process in coastal zone and its consequences for the development of nautical tourism in the Brazil destinations. This research uses the case study approach, undertaking a comparison of make-decision process for the one marina authorization in two potential nautical destination in Brazil that are operating in the different geographical location but under similar governance regimes. The purpose of the study is to examine how the governance`s principles such as participation, accountability, direction and performance influence whether the decision-making process in coastal zone and its consequences for the development of nautical tourism in the Brazil destinations. The outcomes allowed see that the implementation of the governance principles is the main challenge for the development of the segment and requires policies to promote integrated actions and the structuring of destinations, such as the definition of its coastal integrated plans in order to guide and regulate the installation of support equipment activities of the recreational boating and sports. Therefore, the interrelation and interdependence with coastal zone management arrangements need to be made compatible to be allowed the promotion and segment planning in the regions of oceanic coast in Brazil, which currently suffer from the lack of planning and specific and coordinated actions. The nautical tourism can be a way to bring sustainable and friendly tourism development.

Palavras chave: Coastal management. Governance Nautical Tourism.



ESTUDO DE CASO: PROGRAMA PELC: IMPLEMENTAÇÃO DO CONSELHO GESTOR

Renata Venaglia, Rafael Ramos, Bruna Gonçalves, Rodrigo Ceolin, Elaine Rocha, Leonardo Tunes

ramosl@hotmail.com

Prefeitura da cidade de São Bernardo do Campo (PMSBC)
Programa de esporte e Lazer da cidade (PELC)

Considerando o PELC (Programa de esporte e lazer da cidade) dentro das discussões existentes sobre organização comunitária como diretriz do projeto, inserido no contexto do esporte e lazer, traremos relatos de experiências dos agentes e coordenadores participantes desse projeto sobre a criação do conselho gestor e como avançar em relação ao protagonismo e participação efetiva dentro do centro esportivo do bairro da Paulicéia na cidade de São Bernardo do Campo. O PELC é um programa federal que foi criado para desenvolver uma proposta de política pública e social que atenda as necessidades de esporte recreativo e de lazer da população. A cidade de São Bernardo do Campo firmou o convênio com o Ministério de Esporte, implementando o projeto em dez Centros Recreativos Esportivos (CREC) espalhados pela cidade. Em cada um, existem ações para comunidade com o intuito de proporcionar a prática de atividades físicas, culturais e de lazer, cativar à convivência social, incentivar a formação de gestores e lideranças comunitárias, fomentar a pesquisa e a socialização do conhecimento. O público-alvo das ações do programa envolvem todas as faixas etárias e portadores de necessidades especiais. O PELC tem por objetivo geral contribuir com a democratização do acesso ao esporte recreativo e ao lazer, por meio da promoção de ações educativas. Uma das diretrizes do PELC é proporcionar e incentivar a autonomia dos beneficiários e a autogestão das atividades nos Centros Recreativos Esportivos da cidade. Para atingir essa diretriz, foi criada uma iniciativa onde o morador participa ativamente na organização e execução de atividades (eventos, campeonatos, ações sócias e etc.) em conjunto com a equipe de profissionais do PELC que são compostos por um coordenador e seis agentes sociais, assim gerando uma melhor participação da comunidade e dando protagonismo aos envolvidos. A comissão do PELC no CREC Paulicéia teve início com a formação da coordenadora pedagógica juntos aos 10 coordenadores de polo do projeto da cidade de São Bernardo do Campo. Após reuniões para definir estratégias e ações, cada coordenador montou com sua equipe seu plano de ações de acordo com a realidade de seu polo. Na Paulicéia, a principal estratégia foi à identificação de beneficiários com um perfil de liderança e protagonismo que já utilizavam o espaço antes da chegada do projeto ao Centro Esportivo. A partir da criação do conselho com o caráter deliberativo, iniciaram-se reuniões mensais para o debate e trocas de ideias para proporcionar melhorias no espaço e para o cidadão, desenvolvendo competências no aspecto individual e nas relações interpessoais.

Palavras-Chave: PELC. Conselho gestor. Organização Comunitária.



FORMAÇÃO E MERCADO: ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE LAZER EM RECIFE

**Mirela Alcântara Cortez; Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataíde dos Santos;
Iraneide Pereira da Silva**

mirelaalcantara5@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), Recife, PE, Brasil

O turismo hoje é um grande setor de investimentos no Brasil. Segundo o Ministério do Turismo (MTur), só no ano de 2016, o Brasil recebeu cerca de 6,6 milhões de turistas estrangeiros (BRASIL, 2017). Apesar dos números estarem associados às Olimpíadas, sediada no estado do Rio de Janeiro, a estimativa do MTur é de crescimento desses números para o ano de 2017. Se o turismo internacional só apresenta crescimento, o turismo doméstico não seria diferente, segundo dados da pesquisa Sondagem do Consumidor – Intenção de Viagem, realizada também por este Ministério: 79% dos brasileiros, que viajaram no ano de 2016, escolhem o Brasil como destino turístico tendo a região Nordeste como principal destino (BRASIL, 2017). Ressalta-se que a formação em lazer é caracteristicamente multidisciplinar, e atualmente os profissionais, que exercem função na área, recreadores, animadores e/ou educadores, possuem formação nas áreas de Educação Física, Turismo, Pedagogia, Psicologia e Hotelaria. Na cidade de Recife não existe formação acadêmica específica, como é o caso da cidade de Natal (RN), que oferta o curso Técnico em Lazer e o curso Superior Tecnológico em Gestão Desportiva e de Lazer. Diante disto, é necessário questionar se a formação ofertada em Recife atende de forma satisfatória às necessidades de conhecimentos deste profissional, uma vez que, em função da ausência de formação acadêmica específica na área, as próprias empresas assumem o papel de formador. No entanto, as empresas focam o treinamento do funcionário no atendimento de demandas específicas da empresa, não se preocupando com a formação integral do profissional. Resulta assim, uma formação limitada, que dificulta a mobilidade e o desenvolvimento destes profissionais que atuam nos equipamentos turísticos e de lazer na cidade de Recife e Região Metropolitana. O objetivo deste estudo é verificar a adequação da formação às necessidades do mercado recifense no que se refere ao profissional de lazer. Metodologicamente, este trabalho se dá em três etapas, a primeira, com o levantamento de material teórico ligado às áreas de turismo e lazer. Na segunda etapa, em andamento, faremos um inventário das empresas que atuam no setor do lazer na cidade e suas demandas de profissionais. Na terceira etapa, será realizada pesquisa de campo, por meio de entrevistas junto aos profissionais acerca das lacunas em sua formação profissional na cidade de Recife. Com a conclusão deste estudo, espera-se lançar um olhar sobre a adequação do processo de formação com as demandas do mercado.

Palavras-Chave: Lazer. Mercado. Formação. Recife.



FORMAÇÃO EM LAZER: SABERES CONSTRUÍDOS PELOS AGENTES SOCIAIS DO PELC

Maria Aparecida Dias Venâncio
maria.venancio@ifmg.edu.br

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Tendo em vista a formação continuada de profissionais do Lazer, bem como as políticas públicas neste campo de ação social, esta pesquisa propõe discutir a formação dos agentes de lazer dos programas Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e Vida Saudável (VS) e analisar a construção de saberes desses sobre o lazer, tendo como pano de fundo o processo sistematizado de formação no âmbito dos programas. Os PELC/VS são desenvolvidos pelo Ministério do Esporte, uma política pública realizada para democratizar o acesso ao esporte recreativo e ao lazer, que tem como premissa o estímulo à convivência social, a formação de agentes sociais, o fomento à pesquisa e a socialização de conhecimentos. A formação de gestores, agentes sociais, lideranças e parceiros da esfera pública, com vistas à qualificação da política social de lazer é eixo central dos programas. A mesma foi sistematizada a partir de pesquisas avaliativas, onde a alta discricionariedade dos operadores do PELC/VS foi identificada. Daí a reformulação desse processo, com foco no agente social de lazer no contexto de sua atuação, visando aumentar o poder de decisão e os sentidos de sua intervenção, tendo o lazer como objeto de atuação. Este processo formativo é também fonte de indagações e objeto desta pesquisa ao analisar a construção de saberes sobre o lazer de agentes sociais que atuam no PELC/VS, a partir do processo de formação continuada ofertados. Sob a luz das teorias contemporâneas busca-se compreender a relação entre o saber, o aprender e o fazer cotidiano, e a compreensão das implicações desses conhecimentos na efetivação dos programas em estudo. Abre-se o diálogo com autores que problematizam o lazer, políticas públicas, formação continuada e a construção de saberes. Além de relacionar estes conhecimentos com o PELC/VS, que possuem densidade de produções acadêmicas recentes, encontradas no Centro de Memória/UFRGS, e nos trabalhos do Grupo de Pesquisa ORICOLÉ/UFMG, onde pesquisas sobre formação e atuação profissional em lazer se destacam, dentre outros: Figueiredo (2009), Bonalume (2010), Tondin (2011), Gualberto (2013), Santos (2014), Capi (2016), Pintos (2016). Metodologicamente este estudo conduz às abordagens quantitativa e qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, a ser realizada utilizando métodos diversos de coleta e análise dos dados. A abordagem quantitativa exploratória permitirá descrever elementos do objeto para compreender suas características, neste caso, o perfil e formação dos agentes sociais do PELC/VS. A abordagem qualitativa permitirá a aproximação com os significados, crenças e atitudes dos sujeitos. Os enunciados e discursos registrados dos agentes sociais serão importantes na análise de saberes dos agentes no PELC/VS. A relevância deste estudo vem do potencial para contribuir no processo de formação e qualificação do PELC/VS. Além de ampliar os estudos sobre formação e atuação profissional, visando desenvolver um modelo educativo como ferramenta formativa no campo do lazer. Outro aspecto é o fortalecimento de políticas públicas de lazer, ao considerar os saberes dos agentes sociais como promotores de ações participativas, colaborativas e na construção de novos saberes necessários a uma prática significativa no interior de suas intervenções.

Palavras-Chave: Lazer. Políticas Públicas. Formação Continuada. Construção de Saberes.



GESTÃO DAS RUAS DE LAZER NA CIDADE DE SÃO PAULO

Alan Queiroz da Costa

alanqcosta@gmail.com

Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de São Paulo – SEME, São Paulo,
São Paulo, Brasil

O programa *Ruas de Lazer* é uma iniciativa da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer de São Paulo (SEME) iniciada na década de 70 e que oferece à população a oportunidade de organização, execução e desfrute de atividades de lazer e recreação nas ruas da cidade, transformando-as em ambientes de convivência e estimulando a apropriação dos espaços públicos a partir da iniciativa dos municípios. Assim, o presente relato de experiência tem por objetivo atualizar as ações que vêm sendo tomadas pela SEME em relação à gestão desse programa nos últimos anos e as propostas que são previstas para 2018. Desde 2012, mudanças na maneira gerenciar o programa *Ruas de Lazer* vêm sendo tomadas pela equipe técnica da SEME como pesquisas, atualizações cadastrais, aproximação junto aos moradores das *Ruas de Lazer* e modernização do Decreto Municipal realizado em 2014. No início do ano de 2017, o programa *Ruas de Lazer* foi selecionado como uma das ações do planejamento estratégico, porém, cortes no orçamento impediram que recursos de dotação orçamentária fossem utilizados para que o planejamento elaborado pudesse ser realizado a contento. Mesmo assim, o programa *Ruas de Lazer* conta, atualmente, com 26 ruas ativas (iniciou o ano de 2017 com 22) e mais 19 ruas encontram-se em processo de implantação. Merece destaque, por exemplo, a iniciativa de um dos Supervisores de Esportes (Prefeitura Regional de Vila Maria/Vila Guilherme) que organizou, junto com a SEME, uma audiência pública para explicar aos moradores os procedimentos e demais ações possíveis em relação ao programa *Ruas de Lazer*, convidando moradores a participarem e colaborarem com essa e outras ações de sua região (<http://bit.ly/2DjEdeU>). Apesar do estímulo a iniciativas similares em toda a cidade, a gestão das políticas públicas de esporte e lazer feita pela SEME em toda a cidade ainda sofre com o uso político que muitos agentes fazem de seus cargos. Assim, mantendo o entendimento de que as políticas públicas devem ser fruto de um processo de decisões tomadas coletivamente, de que as grandes cidades e suas populações vivem novas rotinas e exigências fruto dos avanços tecnológicos e, principalmente entendendo que o Lazer, expresso pelas atividades recreativas, possibilitará que o ser humano cultive de maneira satisfatória os objetivos simultâneos de descanso, diversão e desenvolvimento, propomos um planejamento que valorize a intersetorialidade e transversalidade de ações, para uma gestão diferenciada, moderna e que possibilite a construção de bens e serviços sociais de forma coletiva e acima das necessidades individuais. Por fim, sugerimos para 2018 uma gestão central e local, a partir de encontros municipais onde parcerias com órgãos da prefeitura envolvidos com o programa – como DSV/CET, Prefeituras Regionais, Secretarias afins, equipe da SEME e convidados externos (professores e pesquisadores universitários, entidades e organizações da sociedade civil, estudantes universitários) – e demais interessados poderiam ser firmadas a partir de termos específico conforme legislação atual, aliada à informatização dos processos de implantação, recadastramento, acompanhamento e gestão do programa e com uma comunicação clara e efetiva servindo como uma das possíveis maneiras de promover o programa.

Palavras chave: Ruas de Lazer. Gestão. Políticas públicas. Esporte. Lazer.



IFTO E REDE CEDES: ESPORTE E LAZER NO TOCANTINS

Alex Carrasco; Peri Emerson Cunha; Khellen Soares; Gabrielle Sousa

khellencristina@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, Palmas,
Tocantins, Brasil

O Estado do Tocantins está em processo de implementação do Centro de Pesquisa de Esporte e Lazer, por meio da Rede CEDES, que foi criada em 2003, pelo Ministério do Esporte, e por meio de Instituições de Ensino Superior (IES), públicas e privadas sem fins lucrativos, que se constituem em Núcleos da Rede, colabora para a produção e difusão de conhecimentos voltados para o aperfeiçoamento e a qualificação de projetos, programas e políticas públicas de esporte recreativo fundamentados nas Ciências Humanas e Sociais. Através da parceria entre a Universidade Federal do Tocantins (UFT), o Instituto Federal do Tocantins (IFTO) e a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), a proposta de investigação e construção de um diagnóstico das políticas públicas de esporte e lazer deste Estado vem se desenvolvendo. Este trabalho traz o relato de experiência do IFTO, por meio do olhar do Grupo de estudos em Lazer, Esporte e Educação Física do IFTO (GELEFITO), do processo de construção da investigação da identificação das manifestações de esporte e lazer, em formato de programas, projetos e ações da gestão pública além da identificação do quadro profissional (formação e atuação), atuante em cada um dos 139 municípios do Estado do Tocantins. Tendo como base a pesquisa bibliográfica, foi construído um instrumento de coleta de dados online, voltado à identificação de programas, projetos e ações da gestão pública, e quadro profissional (formação e atuação) em cada município. A ideia é que se organize o levantamento dos municípios do estado do Tocantins, obedecendo a divisão em microrregiões, e por contato telefônico e/ou por e-mail consigamos os resultados dos 139 municípios. Para maior efetividade deste processo, buscamos o envio aos gestores municipais, via correio eletrônico, ofício de apresentação do “Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e de Lazer da Rede Cedes do Estado do Tocantins”, esclarecendo objetivos e solicitando indicação de um servidor para contato. Da mesma forma haverá um levantamento das Instituições de Ensino Superior (IES) no Estado e posteriormente contato telefônico e por e-mail com as IES, para o envio aos gestores acadêmicos, via correio eletrônico, ofício de apresentação do “Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e de Lazer da Rede Cedes do Estado do Tocantins”, esclarecendo objetivos e solicitando indicação de um servidor/professor para contato para o envio do questionário. Nosso intento é diagnosticar as manifestações de esporte e lazer nos municípios do Estado do Tocantins, organizar os dados coletados por microrregião, fazer uma discussão com estes resultados a partir dos estudos bibliográficos realizados e posteriormente realizar seminários nas microrregiões, enfatizando possibilidades de direcionamento de políticas públicas de esporte e lazer a cada município, a partir dos resultados encontrados. Este processo de investigação do diagnóstico das políticas públicas de esporte e lazer do Tocantins abre possibilidades de leitura das realidades dos municípios, revelando desde as variações estruturais como as mudanças conjunturais dentro de políticas específicas, contribuindo para que se possa provocar processos de mudanças na capacidade estrutural dos municípios em propor iniciativas autônomas.

Palavras chave: IFTO. Rede Cedes. Esporte. Lazer.



JOGOS OLÍMPICOS 2016: IMPACTOS SOCIAIS E SIGNIFICADOS

Nathalia Sara Patreze; Cinthia Lopes da Silva

nathalia_pa13@hotmail.com

Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, Piracicaba, São Paulo, Brasil

Esta pesquisa teve como objetivos: 1) realizar um levantamento bibliográfico acerca dos megaeventos esportivos no Brasil e as políticas públicas de esporte e lazer; 2) identificar e analisar os impactos sociais positivos e negativos dos Jogos Olímpicos de 2016 para pesquisadores de políticas públicas de esporte e lazer; 3) identificar e analisar os significados dos megaeventos esportivos no Brasil para pesquisadores de políticas públicas de esporte e lazer. Os megaeventos esportivos geram nos países hospedeiros impactos positivos e negativos, sendo fundamental que o país tenha elementos e pesquisas para dar base para a construção de políticas públicas de esporte e lazer, com o intuito de que sejam ampliados os impactos positivos e reduzidos os impactos negativos de tais eventos. Como procedimentos metodológicos, realizamos pesquisa bibliográfica e de campo, sendo este estudo qualitativo. A pesquisa bibliográfica foi realizada nas bibliotecas da UNIMEP e UNICAMP para o acesso a livros, artigos, dissertações e teses e também consultamos revistas da área de Educação Física, esportes e políticas públicas. A pesquisa de campo foi realizada com pesquisadores de políticas públicas de esporte e lazer. A técnica utilizada foi de entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados foi baseada na pesquisa bibliográfica. Entrevistamos dez pesquisadores de políticas públicas de esporte e lazer, todos os entrevistados possuem experiência com relação à pesquisa na área de políticas públicas de esporte e lazer e na temática dos megaeventos esportivos. Como significados dos megaeventos esportivos no Brasil, foi mencionado que os mesmos são produtores de uma série de relações sociais e são difundidos na mídia; possuem visibilidade mundial; há capacidade do país em sediar megaeventos; há oportunidade de valorização do esporte e do lazer; os megaeventos possuem uma dimensão econômica; há oportunidades sociais e culturais; há visibilidade do esporte; há produção de símbolos sagrados. Também foram mencionados significados negativos em relação aos megaeventos, tais como: corrupção, falta de legado para as políticas públicas, superfaturamento de obras e acumulação de capital. Os impactos positivos dos Jogos Olímpicos 2016 citados em comum pelos pesquisadores foram: conhecimentos em organização de eventos, visibilidade do país, turismo e infraestrutura. Como impactos negativos dos Jogos Olímpicos 2016, os entrevistados indicaram: falta de legado para o esporte, remoções de pessoas, corrupção e superfaturamento de obras, falta de planejamento e preparação, intensificação da especulação imobiliária, falta de democratização com a sociedade e infraestrutura. O esporte e a infraestrutura foram mencionados como impactos sociais positivos e negativos pelos entrevistados, pois podem vir a se tornar positivos ou negativos, fato que dependerá da implementação de ações governamentais que possibilitem a prática de atividades físicas, esportivas e de lazer à população e permitam o acesso da mesma aos espaços construídos. Nesse sentido, as políticas públicas assumem extrema importância, pois elas estão presentes nos megaeventos esportivos e devem reconhecer as necessidades e possibilidades de intervenção para melhoria de vida das pessoas. Evidenciamos a necessidade de estudos futuros para análise dos legados dos Jogos Olímpicos 2016, no intuito de compreender se houve ou não a concretização de ações em termos de políticas públicas.

Palavras chave: Jogos Olímpicos. Megaeventos esportivos. Políticas públicas. Esporte. Lazer.



LAZER E IDOSOS: ACADEMIA DA TERCEIRA IDADE NA EACH

Leonardo Paulino; Renato Seixas; Edegar Tomazzoni

paulinoleonardo@usp.br

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil

Este trabalho tem como tema tratar a atividade física como lazer para idosos e foi realizado com o objetivo de analisar a viabilidade da instalação da Academia da Terceira Idade (ATI) na Escola de Artes, Ciência e Humanidades (EACH) unidade da Universidade de São Paulo (USP), localizada na zona leste de São Paulo. Justifica-se a escolha do tema por averiguar que a unidade não possui aparelhos físicos que possam atender aos idosos, que participam de atividades na unidade, e a comunidade externa carente de aparelhos físicos no bairro. O problema motivador identificado foi ausência de aparelhos de atividade física específicos para os idosos que frequentam a unidade. Considera-se como hipótese que, a partir da instalação da academia da terceira idade na unidade, haja um aumento nas opções para realização de atividades físicas na unidade e a instalação da academia será de uso para pesquisas nas áreas dos cursos de Lazer e Turismo, Educação Física e Saúde e Gerontologia. Para alcançar os objetivos propostos e confirmar ou refutar as hipóteses levantadas todas as etapas da pesquisa foram decididas no primeiro semestre com as primeiras orientações. O período delimitado para a pesquisa compreendeu o mês de maio de 2015 até o mês de dezembro de 2015. Os dados foram coletados durante os dias de semana quando todos os entrevistados estariam na unidade; a aplicação dos questionários foi após as caminhadas, antes das aulas, durante o intervalo, após as aulas e durante oficinas. A metodologia utilizada foi pesquisa exploratória, amostragem intencional, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas realizada na Escola de Artes, Ciência e Humanidades (EACH) e levantamento bibliográfico, foram levantadas informações sobre Lazer, Idosos, Atividade Física e sobre academia da terceira idade. A pesquisa pautou-se também por uma análise sociocultural levando em consideração a conjuntura contemporânea sobre o idoso no Brasil. Pretendeu-se realizar neste estudo, uma congruência entre o enfoque bibliográfico (revisão de literatura sobre o tema pesquisado) e de campo (investigação com o olhar de pesquisador no grupo escolhido para o estudo). A pesquisa foi dividida em três grandes etapas. Na primeira foi feito um criterioso levantamento bibliográfico com base em informações sobre lazer, idosos e atividade física e também sobre a academia da terceira idade, com a finalidade de conhecer mais detalhes sobre a academia, bem como suas potencialidades para os usuários, visando identificar o perfil destes e a pertinência de instalar aparelhos já difundidos em diversas praças da cidade. A segunda etapa foi composta por visitas de campo, a fim de coletar informações dos atores envolvidos por meio de questionários com perguntas abertas e fechadas e entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas. A terceira etapa aglutinou os dados e formatou todas as informações para obter os resultados finais da pesquisa. Os resultados obtidos indicaram que a instalação dos equipamentos da Academia da Terceira Idade se trata de uma iniciativa positiva, trará benefícios para pesquisas, mais incentivo à atividade física, desde que haja profissionais capacitados para ensinar o uso adequado dos equipamentos.

Palavras-Chave: Lazer. Idosos. Atividade Física.



LAZER EM NOVA LIMA: A GESTÃO DE 2013 A 2016

Aládia Cristina Rodrigues Medina; Ana Cláudia Porfírio Couto

aladiamedina34@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Política pública é uma estratégia de intervenção sobre um problema ou setor da sociedade. É o Estado em ação. O lazer enquanto direito social, garantido pela Constituição Brasileira de 1988, é efetivado por intermédio das políticas públicas. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa de Doutorado em Estudos do Lazer é compreender e analisar as políticas públicas de esporte e lazer na cidade de Nova Lima, Minas Gerais, na gestão municipal que envolve o período de 2013 a 2016. Para isso, utilizamos como metodologia a análise documental. Algumas questões foram levantadas a partir dos documentos da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer da cidade, que é o órgão responsável pelo desenvolvimento do lazer e do esporte. Podemos inferir que há um volume grande de ações, projetos e eventos que tentam oportunizar o acesso ao bem cultural que é o lazer. Entretanto, as ações são de caráter eventual e não de caráter contínuo. Os programas não são institucionalizados. Muitos se apresentam como ações isoladas, não se organizando em uma política de lazer concisa, articulada e bem delimitada. O programa *Comunidade Ativa* parece ser uma tentativa nesse sentido, pois aconteceu em quatorze núcleos situados nos bairros da cidade, com perspectiva de gestão participativa. A cidade realizou a *Conferência Municipal de Esporte e Lazer* em 2013, permitindo a participação popular na formulação da política, no desenvolvimento dos programas e projetos. Nesse evento foi discutido o *Sistema Municipal de Esporte* e as diretrizes da política municipal de esporte e lazer, a gestão colegiada dos equipamentos de esporte e a universalização das práticas esportivas. O esporte na cidade é tratado a partir das suas três perspectivas: rendimento, educacional e esporte recreativo. Observamos que, em termos de recursos destinados a cada um deles, o esporte de rendimento tem destaque em detrimento dos demais, mas apenas em uma modalidade esportiva: o futebol de campo, pois há um financiamento expressivo para essa área. Quanto à formação dos profissionais do lazer, não há indícios de que ela acontecia. Em relação aos equipamentos de lazer da cidade, há um setor específico para manutenção de campos e quadras. Não identificamos ações que contemplassem outros espaços específicos para a vivência do lazer, como praças públicas. Foram inauguradas em torno de 15 academias a céu aberto na cidade nesse período analisado, que hoje mantêm os equipamentos, mas não têm profissionais para auxiliar os usuários. Essas considerações são as primeiras observações da trajetória da administração pública municipal na cidade, que é gerida de acordo com interesses políticos que denotam falta de continuidade, pois a política pública tem associação direta com a política de governo. Ao estudar o caso de Nova Lima, temos a impressão de falar de várias políticas de lazer e não apenas uma, com diretrizes e ações consolidadas.

Palavras chave: Lazer. Política pública. Nova Lima.



LAZER, ESPORTE E POLÍTICA NO MUNDIAL DE ATLETISMO MASTER

Carlos Fabre Miranda

carlosfabremiranda@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil /
Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, Viamão, Rio Grande do Sul, Brasil

Este relato de experiência busca apresentar elementos que colaboram para o entendimento das relações de tensionamento que se apresentaram na realização do XX Campeonato Mundial de Atletismo Master, realizado na cidade de Porto Alegre no Brasil. O WMA (World Masters Athletics), sigla como ficou conhecido o campeonato, reuniu mais de 4.000 atletas/participantes representando 82 países e foi realizado de 16 a 27 de outubro de 2013 em diferentes espaços da cidade. A organização envolveu distintas instituições públicas das esferas municipal, estadual e federal, instituições privadas e relacionadas diretamente com a modalidade. A organização do campeonato demandou a constituição de um Comitê Organizador Local (COL), do qual o autor fez parte, representando naquele momento a Secretaria de Esportes, Recreação e Lazer (SME) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. As complexidades de demandas que envolveram questões específicas do atletismo, áreas da segurança, transporte, infraestrutura, voluntariado, entre outras, se fizeram presentes e podem hoje contribuir com a socialização desta experiência. Ao observar questões relacionadas à política e gestão, entre as entidades que compunham o COL, a SME e FUNDERGS (Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul) foram centrais. Se olharmos na atualidade, cinco anos após a realização do XX WMA, notamos que as entidades públicas, tanto do estado do Rio Grande do Sul, como do município de Porto Alegre ou foram extintas ou se fundiram e estão em secretarias combinadas com as áreas da cultura, turismo etc. Este elemento exalta a fragilidade institucional que o esporte e o lazer possuem para se constituir como campo da administração pública. Cabe aqui salientar que o WMA foi exaltado como um dos eventos testes na área de segurança para a realização da Copa do Mundo de Futebol em 2014. Levando em consideração seu funcionamento, o evento apresenta questões que permitem compreender que a fronteira entre esporte e lazer é tênue, especialmente no público máster, em que a busca pelo desempenho, além de outros elementos, cria um tensionamento, que pode se aproximar da “lógica” de um evento como *Gay Games* descrito por Camargo (2016). Pretendemos, com este relato, socializar uma experiência de participação na organização de um evento que tensiona elementos do esporte e lazer e que fez parte da denominada década de megaeventos esportivos no Brasil. A descrição deste campeonato, realizado em um contexto particular, pode colaborar com outras situações semelhantes em outros contextos. O WMA, em especial, se aproxima do esporte como lazer e demonstra a fragilidade institucional do esporte e lazer na esfera pública.

Palavras chave: Atletismo. Esporte. Gestão pública.



O LAZER COMO IMPORTANTE COMPONENTE NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Karina de França Silva

kfsvalle@gmail.com

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil

Esta pesquisa é resultado de uma dissertação de Mestrado, defendida em maio de 2017, apresentada ao Programa Interdisciplinar da Universidade Presbiteriana Mackenzie – Educação, Arte e História da Cultura. Conhecer os hábitos de lazer e cultura se torna necessário à medida que se reconhece nesta tarefa a possibilidade de análise das relações sociais e suas desigualdades. O lazer, tema desta pesquisa, atrela-se com a cultura, pois fomenta debates transversais que permeiam temas como trabalho, tempo livre e políticas públicas. Mesmo com sua natureza interdisciplinar, no meio acadêmico, a corrente que estuda o lazer costumava fragmentar o aspecto integrador do nosso objeto, extraindo a cultura como se ela fosse parte desagregada, distante e fora do contexto do lazer (Marcassa, 2002); o que acende a necessidade de pesquisas em torno desta temática contemporânea, como forma de contribuição e entendimento de demandas socioculturais. O objetivo principal desta pesquisa de mestrado foi analisar a relação entre dois temas, a saber: lazer e identidade. Partindo da ideia que o lazer pode contribuir para a constituição indenitária dos indivíduos, primeiramente percorremos os conceitos de lazer, legitimados por autores como Dumazedier, que realizou estudos dentro deste campo e que são referências até os tempos atuais; também transitamos por autores como Hall e Canclini, que nos ajudaram a compreender os conceitos que acercam a identidade. O convívio social configura a dimensão antropológica. Nesta dimensão, o indivíduo elabora sua identidade, cria seu estilo de vida, estabelece seus valores. A sociabilidade, assim como os elos, é construída a partir de significações particulares ou comuns a determinados grupos, sejam eles de ordem étnica, de ordem cultural ou profissional. A relação entre o lazer e a identidade pode existir por influência de uma causa coletiva, que pode ser justificada pelo envolvimento em algum programa social, entre eles o PELC – PROGRAMA ESPORTE E LAZER NA CIDADE, o qual foi analisado em nossa pesquisa. A relação entre lazer e identidade pode também existir por uma escolha individual, porque o indivíduo em momento de fruição do lazer, pela necessidade do cuidado de si, se inter-relaciona com estes dois elementos. Considerando os aportes teóricos utilizados, a aplicação da técnica de triangulação de dados, composta por duas entrevistas com os professores Luiz Octávio de Lima Camargo e Evandro Secco, e pesquisa de campo realizada na Avenida Paulista, constatamos que existe plena relação entre lazer e identidade. Os dados coletados tanto nas entrevistas com os docentes quanto na pesquisa de campo reforçam que lazer e identidade são princípios que caminham juntos. A escolha pela técnica de pesquisa foi satisfatória porque somou à contribuição dos autores escolhidos e contidos na bibliografia questões contemporâneas e de interesse público. O momento histórico-político-social foi decisivo para a pesquisa de campo, ocorrida em dezembro de 2015, na transição da gestão municipal de São Paulo, que demonstrou através dos relatos do público entrevistado uma emergência nas demandas de políticas públicas que envolvem o lazer.

Palavras chave: Lazer. Identidade. Políticas públicas. Cultura. Gestão do lazer.



O LAZER NA SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE DE NATAL- RN

Maria Juliana Rocha Ribeiro; Gustavo André Pereira de Brito

juliana_rocha10@hotmail.com

Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

Lazer é um direito fundamental para a garantia do desenvolvimento social, embora essa temática venha ganhando importância enquanto políticas públicas há algum tempo, trazendo consigo um número cada vez mais crescente de experiências setoriais públicas nos âmbitos municipal, estadual e federal, ainda tem muito a ser explorado. Como fundamentação teórica, este trabalho foi baseado em autores como Requiza (1980), Bramante (1995), Pinto (1996), Marcellino (1996), Zingoni (1998), entre outros, que se referem às políticas de lazer, ou políticas públicas de lazer. Nessa perspectiva, foi fundamental compreender a atuação da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo – SEMURB, Natal/RN. A pesquisa teve como objetivo geral analisar os programas e projetos de lazer desenvolvidos nos parques ambientais administrados pela referida Secretaria, sendo eles: Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte e Bosque das Mangueiras. Como metodologia, utilizamos como abordagem a pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, descrito por Yin (2015, p. 21) como técnica que “permite uma investigação para se preservar as características totalizantes e significativas dos eventos da vida real – tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos”. O instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista semiestruturada, permitindo ao entrevistado maior liberdade para discorrer sobre o tema proposto, referenciado por Minayo (2014, p.108) como “uma conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes a um objeto de pesquisa e entrada (pelo pesquisador), em temas igualmente pertinentes com vistas a estes objetivos”. Após análise, foi possível identificar que, apesar de a função primária da SEMURB não ser específica de Lazer, ambos os espaços realizam atividades de lazer como propiciador de melhoria de qualidade de vida da população, já que o Parque da Cidade tem como missão a conservação da natureza e a promoção de melhoria na qualidade de vida dos natalenses ao desenvolver a sustentabilidade do meio urbano. Na pesquisa identificamos atividades como: exposições, aulas de dança, yoga, teatro infantil, passeios ciclísticos, trilhas, entres outras. Já o Bosque das Mangueiras, que é um espaço de pequeno porte, desenvolve poucas atividades de lazer – verificamos apenas aulas de yoga e caminhada livre, desenvolvidas em parceria com empresas privadas (Plano de saúde *Unimed*, e Universidade Potiguar – UnP), tendo em vista que esse espaço não tem profissionais ligados à referida Secretaria, o que dificulta a execução de atividades de lazer como propiciadoras de melhoria da qualidade de vida da população. Nesse sentido, concluímos que o Lazer, por ser um tema multiprofissional, deve ser tratado numa proposta interdisciplinar, com atuação das diversas secretarias que compõem o executivo municipal, pois na maioria das ações foi percebida a articulação entre diversas secretarias municipais e/ou parceiras com instituições privadas.

Palavras chave: Lazer. Política Pública. SEMURB. Natal.



ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA NACIONAL DE ESPORTE E LAZER NO BRASIL

Dirceu Santos Silva

dirceu_09@yahoo.com.br

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande,
Mato Grosso do Sul, Brasil

A organização de um Sistema se refere a um conjunto articulado de elementos que se relacionam entre si, de modo a formar um todo coerente e organizado (SAVIANI, 2014). No caso do Sistema Nacional de Esporte e Lazer (SNEL), remete a um conjunto de elementos constitutivos, com diretrizes, metas e estratégias de desenvolvimento das políticas públicas sociais discutidas nas Conferências Nacionais de Esporte (CNE) e Fórum Nacional de Esporte (CASTELLAN, 2010; KASZNAR, 2015; SILVA, BORGES, AMARAL, 2015). Dessa forma, o objetivo da presente pesquisa foi analisar a organização do SNEL, bem como investigar a proposta em andamento no Brasil. O caminho percorrido envolveu a utilização do método descritivo-interpretativo, com abordagem qualitativa (MINAYO, 1994), e análise de dados em três etapas: na primeira, ocorreu a análise da legislação esportiva no Brasil; na segunda, ocorreu uma análise de documentos oficiais do Ministério do Esporte; e na terceira etapa, considerou-se os documentos de outros setores sociais que discutem o Sistema Nacional. Para a interpretação dos dados, a técnica utilizada foi a análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Os resultados indicam que a criação de um SNEL com ênfase na universalização do acesso ao esporte e lazer começou a ser discutida na I CNE, em 2004, foi rediscutida na II CNE, em 2006, e perdeu a prioridade a partir da III CNE, em 2010, para a agenda política dos megaeventos esportivos. O SNEL no Brasil continua no plano teórico, uma vez que o Plano Nacional de Esporte e Lazer enfatiza a agenda política dos megaeventos esportivos. A participação da sociedade civil só ocorreu de forma institucionalizada, por meio das conferências e conselhos. O Fundo Nacional para o Desenvolvimento do Esporte e do Lazer e o Financiamento nunca apresentaram uma autonomia orçamentária. Além disso, inexistente uma política nacional de formação de recursos humanos, construção de equipamentos e avaliação. O Ministério do Esporte precisa reestruturar a proposta de SNEL para além da discussão das CNEs, e construir um projeto de lei para ser submetido ao Congresso Nacional, com a realização de um pacto federativo, que transforme o esporte e o lazer em uma política de estado. O projeto de lei do SNEL sugerido pela pesquisa envolve a seguinte composição: Plano Nacional de Esporte e Lazer; CNEs realizadas a cada dois anos; Conselho Nacional de Esporte com ampliação da participação da sociedade civil; Fundo Nacional para o Desenvolvimento do Esporte e Lazer; Sistema Nacional de Financiamento do Esporte e Lazer, com autonomia orçamentária de no mínimo 1% do PIB; Política Nacional de Formação de Recursos Humanos; Política Nacional de Construção e Reforma de Equipamentos; e Política Nacional de Avaliação. Os resultados da pesquisa são de grande relevância para o campo das Políticas Públicas de Esporte e Lazer, e serve como suporte para discutir as propostas em processo do SNEL, bem como subsidiam o debate sobre a construção dos sistemas de esporte e lazer em âmbito estadual e municipal.

Palavras chave: Políticas públicas. Políticas sociais. Esportes. Lazer.



OUTDOOR GYMS: HEALTH AND LEISURE APPROACH REGARDING TO PUBLIC POLICIES

Pedro Amorin, Katia Lemos, Ana Couto

pet.edfisufmg@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

The Outdoor Gym Program is a public policy which aims to equip squares and parks with equipment designed to develop leisure and sport in the city of Belo Horizonte, Brazil, since 2010 (Abade, 2016). With the intention to articulate leisure and health themes through this growing public policy in the city, this study deploys the Belo Horizonte Deputy Secretary of Leisure public policy to investigate how the program impacts the users' lives as well as to analyze the public policy of the Outdoor Gym Program in Belo Horizonte. The investigation will start with a bibliographic search that will give an adequate scenario to discuss themes approached in the study and in the research analysis. The sample will be determined by a random investigation that consists in covering a big diversity of outdoor gym's users in all Belo Horizonte looking into investigating all the regionals, age and gender. As there is no possibility to calculate a significant sample, once there is no evidence of the number of users of the outdoor gyms, and in the attempt of giving this study a more reliable character, the data collection will be performed at fifteen percent of the total number of outdoor gyms of each regional of Belo Horizonte. The regionals will be visited in alphabetical order and the gyms for each regional will be visited in the order they appear in the City Hall's official list of outdoor gyms. A semi structured questionnaire will be given to the users in each of the outdoor gyms that will be investigated and will be applied by the researchers. Therefore, the sample will be determined by the number of visited gyms and questionnaires collected from each one of them, being aware that the same person cannot be interviewed more than once. In order to add on the investigation procedures, an analysis of the City Hall's documents will be performed to serve as an understanding of how this program was implemented and how it is currently being held. This research seeks to identify: 1) the social profile of the users; 2) the users understanding of the program's effects in their health and leisure and; 3) to create a link with the results of the analysis of the questionnaires applied in Lisbon's outdoor gyms in order to contribute to the internationalization of the policies. By using the content analysis technique, the Statistical Package for Social Science for Windows (SPSS) and Nvivo software, the data processing will be performed.

Keywords: Outdoor gym. Leisure. Health. Public Policy.



PERFIL DOS ALUNOS DA EAD DO PELC

**Fábio Henrique França Rezende, Lucilene Alencar Dolores, Elisângela Chaves,
Maria Cristina Rosa, Hélder Ferreira Isayama**

lucilene.pelc@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

O Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), foi criado pelo Ministério do Esporte (ME) no ano de 2003 visando proporcionar atividades físicas, culturais e de lazer para os seus participantes. O PELC possui como uma de suas diretrizes a política de formação continuada, desenvolvida pelo ME em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais. Dentre as ações realizadas, destacamos a educação à distância (EaD) como ferramenta de formação permanente com a oferta de cursos que abordam conceitos e debates acerca do lazer, diretrizes do PELC e de referenciais pedagógicos compatíveis com as reflexões do esporte e lazer como direito social. Essa formação está disponível em todo território nacional a fim de atender os atores envolvidos com o PELC, gestores públicos e pessoas interessadas em discutir o esporte e o lazer e seus processos de elaboração, implementação, monitoramento e avaliação. O objetivo deste estudo consiste em caracterizar o perfil dos alunos que participaram da EaD nos anos de 2016 e 2017 como forma de identificar os sujeitos que buscaram na educação a distância processos de formação continuada. O estudo combina dois tipos de pesquisa: bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida ao longo do estudo, por meio do levantamento bibliográfico. No levantamento bibliográfico, utilizamos os termos: formação, EaD, esporte e lazer. Para a pesquisa de campo, utilizamos os dados cadastrais dos alunos e a participação nos cursos. A análise permitiu levantar o perfil dos alunos quanto: a distribuição da região do país, interesse pelos cursos, sexo e outros. Os dados indicam que as turmas variam quanto ao perfil dos alunos. É possível ressaltar que a EaD possui maior número de alunos da região Sudeste. Além disso, quando analisamos a participação dos alunos vinculados ao PELC, verificamos que eles tem maior interesse por cursos com temáticas aplicáveis ao cotidiano do programa e, ainda, possuem um percentual de conclusão dos cursos mais alto do que os alunos que não tem vínculo com o PELC. Observamos no decorrer da pesquisa que a EaD apresentou um crescimento progressivo de adesão dos alunos aos cursos. Isso sinaliza um interesse por formações a distância em esporte e lazer para os profissionais que atuam no programa e demais pessoas interessadas pela temática. Nesse sentido, é importante fortalecer a EaD enquanto processo de formação continuada que possibilita o intercâmbio entre pessoas com perfis heterogêneos, contribui com a qualificação profissional e amplia os saberes no campo do lazer e do esporte.

Palavras-Chave: Formação; Esporte; Lazer e Política Pública.



POLICY CHANGES AND POLITICAL ECONOMIES IN CANADIAN NATIONAL PARKS

Fabricio S. Matheus; John Shultis

matheus@unbc.ca

University of Northern British Columbia (UNBC), Prince George, BC, Canada

Tourism was the main goal of Banff National Park, the first modern protected area (PA) created in Canada, in 1885. Since then, policies for PAs have incorporated additional aspects such as biodiversity conservation and local communities' interests. However, recreation and tourism remain one of the main cornerstones of national parks. The purpose of this paper is to analyze how policies for Canadian national parks have changed since 1885 and show how the understanding of recreation and tourism have also changed, focusing on how they were influenced by the dominant political economy of each period. From the Rocky Mountains Park Act (1887) to the National Parks Policy of 1965, the new National Parks Act of 2000 and other recent strategies and plans (e.g. Parks Canada Sustainable Development Strategies), it is possible to see how classical liberalism, Keynesianism and neoliberalism influenced national park regulations. The establishment of Banff National Park in the 19th century can be interpreted as a state effort to expand capitalism to the western part of the continent and create an economic alternative to the otherwise worthless lands through tourism, within the key tenets of classical liberalism. The first annual reports from the Dominion Parks Branch (now known as the Parks Canada Agency), highlighted the potential of parks in attracting tourists, especially international tourists, to contribute to the country's economy. The National Park Act (1930) included the preservation aspect in the park definition, establishing the dual mandate for this type of PA (i.e., preservation and use values). The passing of the 1964 National Park Policy occurred during Keynesianism, a political and economic system that promoted state intervention and social welfare. Answering the claims from environmental movements and the increasing public support for conservation, policies started to focus on the preservation side of PAs over their recreational goals. Concerns about the type and amount of use led to improvements in visitor management process, including zoning policies and the focus on low impact activities and ecotourism (Dearden & Dempsey, 2004). Since the 1980s policies were subjected to the new dominant political economy: neoliberalism. While neoliberalism is a chaotic concept, it is possible to identify common policies associated with it, which promote entrepreneur freedom, private property and the free market (Harvey, 2007). The new National Parks Act, passed in 2000, seemed to continue to prioritize the ecological integrity of national parks, but visitation continued to play a major role in Canadian national park management. In keeping with neoliberalism, the institution maintained its focus in revenue generation through visitors' use fees, materialized by the ever-increasing budget for visitor experience, which more than doubled in the last 10 years, while the budget for conservation was reduced. Each dominant political economy was key in the production of recreation and tourism policies for national parks and neoliberalism has a subtler and perhaps more incisive influence, pushing for the adoption of market-based instruments.

Keywords: National Parks. Recreation. Tourism. Policy. Neoliberalism.



POLÍTICA DE LAZER: AÇÕES INTERSETORIAIS NA SEMTAS EM NATAL (RN)

Daniele Mesquita Severo; Cyntia Maria de Gois Leite; Ahiane Keline Souza Moura Rocha; Jaqueline Gomes da Silva; Gustavo André Pereira de Brito

lela.severo@hotmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN),
Campus Natal, RN, Brasil

O exercício da cidadania requer o pleno exercício dos direitos civis, direitos políticos (participação no poder por meio do direito de associação, de livre expressão e de práticas políticas), direitos sociais (regulação do trabalho, aposentadoria, alimentação, habitação, saúde e educação) e direitos culturais. Assim, as políticas públicas devem se nortear através de ações e projetos, cada vez mais, em conjunto com “intervenções multisetoriais integradas, buscando dar ao cidadão uma atenção global” (Gastal; Moesch, 2007, p. 41). Torna-se importante destacar que as organizações têm tomado consciência de que lazer e educação estão diretamente relacionados, proporcionando uma melhor qualidade de vida para quem o usufrui. Embora o lazer seja um direito social e importante no desenvolvimento do ser humano, o nosso conjunto de leis não contemplo um artigo específico ao esporte e lazer, sendo fragmentados em partes na nossa Constituição Federal e na CLT. Muitas são as dificuldades do estado e do município em garanti-lo, dentre elas a falta de uma política pública. Nesse sentido, este artigo buscou compreender o papel da esfera pública para a promoção e realização de práticas voltadas para o esporte e o lazer, conhecendo as políticas públicas desenvolvidas pela Secretaria Municipal do Trabalho e Assistência Social e, mais especificamente, conhecer os programas e projetos de esporte e lazer, da cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Metodologicamente, a pesquisa foi constituída como estudo de caso, pois segundo Yin (2015), este tipo de pesquisa visa descrever um grupo de indivíduos que possuem características comuns entre si, contribuindo para nosso conhecimento sobre os indivíduos ou grupo estudado. Para a realização deste estudo foi utilizado com instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. De acordo com os fatos apanhados, podemos observar que apesar de não ser atribuição direta da SEMTAS desenvolver políticas públicas de esporte e lazer, encontramos alguns projetos dessa área, além de ser ela responsável por espaços como os centros de convivência para idosos Ivone Alves e Marly Sarney, que executam projetos de lazer para a população mais carente da cidade, dentre eles atividades de hidroginástica, tardes de danças, jogos de tabuleiro, gincanas, festas comemorativas, como Carnaval, Dia das Mães, São João, Dia dos Pais, Natal, além de passeios. Encontramos, também, projetos sociais com população em situação de rua, que utilizam o lúdico como atividades de lazer; além de disponibilizar profissionais de dança e artes para os grupos da terceira idade e clubes de mães nos bairros da cidade do Natal; bem como, eventos sociais nos grupos em situação de vulnerabilidade social, como crianças e mulheres. Dessa forma, tais ações são sempre desenvolvidas com a finalidade de proporcionar aos cidadãos, melhores condições de vida e amenizando a questão da desigualdade social.

Palavras-chave: Políticas Públicas. Município. SEMTAS. Lazer.



POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER NO MUNICÍPIO DE PALMAS

Alice Correia, Carlos André Coelho Silva, Cristina Vasconcelos Roeder, Mateus Pereira Rocha, Rayssa dos Santos Gonçalves, Khellen Cristina Pires Soares

correialice1@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins

O presente estudo, traz o relato de experiência da construção e desenvolvimento de um projeto de pesquisa desenvolvido na disciplina de Recreação e Lazer do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Nosso grupo tem como objetivo conhecer como as políticas públicas vêm sendo planejadas e implementadas no município de Palmas no âmbito administrativo governamental, como também, analisar as propostas de política públicas de lazer em Palmas nos diferentes espaços. Nosso caminho metodológico tem base na pesquisa bibliográfica a partir de autores que investigam o fenômeno lazer, como: Marcelino (1987), Christine Gomes (2016) e Vitor Melo (2012) e na pesquisa de campo, com a aplicação de questionários para coletar dados referentes aos nossos questionamentos sobre as políticas públicas de recreação e lazer para levar a compreender um pouco sobre os problemas a realidade estudada. A pesquisa foi realizada em três etapas, sendo elas: elaboração dos questionários, e por fim, será realizada a análise de dados. Para Suassuna (2007) as políticas públicas diferenciam-se das políticas de estado, uma vez que as primeiras são caracterizadas por ações focais, em uma determinada área – como a educação, a saúde, o lazer – nas quais não há continuidade de governo para governo. Por meio do levantamento dos dados visamos identificar a opinião dos gestores que são responsáveis por pensar e planejar as atividades de recreação e lazer de Palmas. Assim, partindo do ponto de vista das leituras realizadas sobre o assunto, elaboramos e aplicamos questionário aos responsáveis pelas entidades públicas ligadas a gestão da política de esporte e lazer deste município. Montenegro (2011) destaca que se faz necessário ampliarmos e aprofundarmos o debate sobre as políticas públicas de lazer e realizá-las junto à comunidade e ao Poder Público, com vista a emancipação humana, além de fortalecer a participação popular na construção de tais ações. Assim, temos de agregar esforços com vista a discutir e legitimar o lazer como um direito social de fato. Entendemos que os gestores e representantes políticos tornam-se sujeitos cruciais na promoção do acesso ao lazer à comunidade, visto que são responsáveis pelo direcionamento de recursos para o investimento de capital para locais, aparelhos e eventos que proporcionem a sociedade uma gama maior de escolha durante o tempo disponível. Observamos que ainda é pequeno o número de pessoas que reconhecem e entendem o lazer como um direito básico de todo indivíduo e a necessidade de desenvolvimento de estudos que dialoguem com esta realidade, trazendo a tona elementos da realidade de Palmas, que traz uma representatividade da realidade de região Norte.

Palavras chave: Políticas Públicas, Lazer.



POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER: DIAGNÓSTICO DO TOCANTINS

Huena Kelber Abraão; Khellen Soares; Diego Ebling; Fernando Quaresma

khellencristina@gmail.com

Universidade Federal do Tocantins – UFT, Miracema, Tocantins, Brasil / Instituto Federal do Tocantins – IFTO, Palmas, Tocantins, Brasil / Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, Palmas, Tocantins, Brasil

Este trabalho traz o relato de experiência da implementação do “Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer da REDE CEDES”, no Estado do Tocantins, através da parceria entre a Universidade Federal do Tocantins (UFT), o Instituto Federal do Tocantins (IFTO) e a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Segundo dados do IBGE, este estado conta com 139 municípios, possuindo atualmente 1.515.126 habitantes, sendo sua extensão territorial de 277.720,569 km² e sua densidade demográfica de 4,90 habitantes/Km². O Tocantins se caracteriza por ser um estado multicultural, com uma rica diversidade de povos e comunidades tradicionais e ainda sete etnias indígenas. O desafio de formação de uma REDE de pesquisadores no Estado do Tocantins é pensar articuladamente com diversos grupos existentes no Estado as questões relativas às perspectivas de políticas públicas de Esporte e Lazer nos municípios e no Estado. Assim como no estudo de Linhales et al. (2008), compreendemos que o esporte e o lazer constituem dimensões da vida social que, especialmente durante o século XX, foram gradativamente incorporadas como formas modernas de expressão cultural, capazes de agregar valores e produzir sentidos e significados para aqueles que delas participam, diretamente ou indiretamente. Os estudos a serem desenvolvidos neste Centro de Pesquisa buscam investigar, junto aos 139 municípios e Instituições de Ensino Superior do Tocantins, questões referentes às Políticas Públicas de Esporte e Lazer, compreendendo que o esporte e o lazer fazem parte da vida das cidades e das comunidades e o modo de vida destes contextos produzem sentidos e significados que estabelecem identidades próprias e manifestações culturais específicas que necessitam ser investigadas. Os resultados do Diagnóstico Nacional do Esporte (DIESPORTE) são importantes para entendermos o quanto os investimentos no campo da pesquisa são relevantes para a construção de uma cultura de produção de informação que contribua no processo de elaboração, execução, monitoramento e avaliação das políticas públicas de esporte e lazer. O Diagnóstico do Esporte e Lazer na Região Norte Brasileira traz um levantamento das condições reais das políticas públicas de esporte e lazer implementadas nesta região, apontando como aspecto relevante a identificação de alguns municípios desta região e suas reais necessidades de políticas públicas de esporte e lazer. A possibilidade de criação de um centro de pesquisa em esporte e lazer no Tocantins abre um campo de possibilidades de aprofundamentos em uma realidade ainda não explorada, impactando e contribuindo para a valorização do campo de estudos do lazer e de áreas afins. As ações destas pesquisas poderão contribuir diretamente na gestão pública, refletindo sobre os dados pesquisados, ou na construção e acompanhamento de programas e projetos na área de esporte e lazer nos diversos municípios e nas Instituições parceiras que compõem o Centro, e ainda integrando e incentivando a produção local de cada grupo, sistematizando encontros para divulgação dos resultados de pesquisa e produção acadêmica.

Palavras chave: Política Pública. Lazer. Esporte. Tocantins.



POLÍTICAS PÚBLICAS DE FINANCIAMENTO DE PESQUISAS SOBRE LAZER

**Giselle Helena Tavares; Maria Clara Elias Polo; Letícia Ramos Rodrigues;
Gisele Maria Schwartz**

gi_htavares@yahoo.com.br

Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil /
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, Uberaba, Minas Gerais, Brasil /
Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil

O campo de pesquisa relativo ao lazer vem crescendo substancialmente nos últimos anos. Atualmente, no Brasil, existem aproximadamente 290 grupos de pesquisa atrelados à especialidade do lazer, oriundos das mais diversas áreas predominantes, como Educação Física, Turismo, Ciências Sociais, entre outras, sendo a Educação Física a área que mais concentra grupos de pesquisa relativos a esta temática. Neste sentido, torna-se necessário investigar como se dá o apoio financeiro para a realização de pesquisas nesse campo de investigação. Este estudo, de natureza qualitativa, teve como objetivo realizar a gestão das informações sobre a temática Lazer nas Políticas Públicas de financiamento de pesquisa no Brasil. Assim, optou-se por selecionar como objeto deste estudo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O estudo uniu pesquisa documental e descritivo-exploratória. Foram analisados os Editais Universais do CNPq e editais específicos sobre esporte e/ou lazer, divulgados no período de 2011 a 2016. Foram consultados somente os editais que continham os resultados publicados online na página do CNPq. Os dados foram analisados descritivamente e por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temático. Foram divulgados neste período cinco Editais Universais, nos anos de 2011, 2012, 2013, 2014 e 2016. As pesquisas aprovadas concentravam-se, em sua maioria, nas grandes áreas de Ciências Exatas e Ciências da Saúde. Grande parte das pesquisas aprovadas foi desenvolvida em Universidades públicas e privadas situadas nas regiões Sul e Sudeste. Em todo o período verificado foi encontrado somente um edital específico para o campo do esporte/lazer, lançado em 2013 pelo CNPq. Entretanto, ao analisar especificamente as pesquisas aprovadas por este edital, foi possível verificar que a maioria das pesquisas apoiadas não tinha o lazer como objeto principal, e sim, o esporte, especialmente a análise de megaeventos esportivos e esporte de alto rendimento. Os resultados encontrados sugerem que a temática do lazer tem pouco espaço no âmbito do financiamento de pesquisa ao analisar o principal edital de pesquisa publicado pelo CNPq. Focalizando especialmente a área da Educação Física, sendo esta a área que mais contempla grupos de estudos sobre lazer no Brasil, foi verificado que o lazer é tratado como variável secundária e não como objeto principal de pesquisa. Nos cinco editais analisados, foram encontradas somente 20 pesquisas que versavam sobre o lazer como objeto de estudo principal. Foram encontradas pesquisas relativas ao lazer, como objeto principal, esparsas nas áreas de Educação, Ciências Sociais, Turismo e Administração, evidenciando o caráter interdisciplinar da temática. Entretanto, mesmo nessas áreas, foram poucas pesquisas aprovadas relativas a esta temática, representando menos de 1% por edital. Estes resultados subsidiam uma reflexão inicial sobre o espaço da temática Lazer nas políticas de financiamento do país, incitando novas propostas para elaboração de políticas públicas para o desenvolvimento científico do campo do lazer no Brasil.

Palavras chave: Lazer. Políticas públicas. Financiamento. Pesquisas.



POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER DA SÃO PAULO TURISMO

Ana Cristina Fernandes Clemente; Edmur Antonio Stoppa

ana.clemente@usp.br

Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, SP, Brasil

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma análise das políticas públicas de lazer desenvolvidas pelo órgão oficial de turismo da cidade de São Paulo – a São Paulo Turismo, com enfoque em entender a existência de políticas que permitem estimular o morador a conhecer a própria cidade. A discussão centra-se na necessidade de políticas que despertem um novo olhar no morador sobre sua própria cidade, sendo capaz de gerar vivências que possibilitem o alcance dos níveis mais altos de participação, crítico e criativo, pensando na superação das inúmeras barreiras socioculturais presentes no lazer, na multidisciplinariedade da área e na possibilidade de mudança da ordem social vigente. Considerando o turismo enquanto uma vivência de lazer, entende-se que os órgãos oficiais de turismo têm o papel de beneficiar, por meio de seus programas e ações, não somente os visitantes, mas também os moradores na própria cidade. Para isso é necessário considerar o lazer a partir de suas relações com a educação, a cidadania e a participação popular, enquanto que o turismo visto como uma prática social, não somente uma atividade geradora de ganhos econômicos. É popular e ao mesmo tempo bastante válido destacar que a cidade boa para o turista é aquela que for boa também para os seus moradores, que os mesmos a apreciem, se apropriem e criem vínculos afetivos com ela, pensando em melhorá-la e valorizá-la. Esse trabalho é resultado de uma dissertação de mestrado que teve como metodologia a combinação de pesquisa bibliográfica, documental e empírica, com estudo de caso histórico-organizacional da São Paulo Turismo, empresa de capital aberto que tem como sócia majoritária a Prefeitura Municipal de São Paulo, e responde pelas políticas públicas de turismo e de eventos da capital paulista. Dentre as técnicas de coleta de dados utilizadas estão a aplicação de entrevistas centradas junto aos gestores, responsáveis pelo planejamento e desenvolvimento dos programas e ações da instituição, dentre as quais se pode destacar as Centrais de Informação Turística, a Linha de ônibus turística Circular Turismo SP, a visita monitorada ao Edifício Matarazzo, sede da Prefeitura Municipal, entre outros, que também foram alvo de observação estruturada. Em conjunto, foram realizadas também entrevistas estruturadas com moradores de São Paulo, visitantes das Centrais de Informação Turística. Como resultados, identificou-se a necessidade de ações mais representativas, considerando a grandiosidade da cidade de São Paulo, e descentralizadas, com atendimento a regiões mais periféricas do município, assim como a importância de se desenvolver iniciativas que permitam o morador se apropriar de forma efetiva dos fixos e fluxos de sua cidade e de superar o desconforto em espaços que, na visão dos moradores, são destinados somente aos turistas.

Palavras chave: Lazer. Turismo. Políticas de Lazer. Participação Popular. São Paulo.



POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O LAZER DE AVENTURA.

Marília Bandeira; Silvia Amaral

mariliamartinsbandeira@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, São Paulo, Brasil

Práticas recreativas e eventos esportivos relacionados à exposição ao meio ambiente natural e enfrentamento de riscos obtiveram grande aumento no número de adeptos na virada do milênio, o que criou novas demandas ao poder público. No Brasil, a proposição de leis regulamentadoras e a parceria do Ministério do Turismo com a Associação de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) para a implementação de um programa nacional chamado Aventura Segura levou à contestação de entidades esportivas que solicitaram ao Ministério do Esporte a criação de uma Comissão de Esportes de Aventura (CEAV). Esta pesquisa de doutorado, financiada pela FAPESP, teve como objetivo geral investigar quais são os agentes, as preocupações e interesses em embate na constituição de políticas públicas para atividades de aventura. Para atingi-lo, a triangulação das técnicas de análise documental, entrevistas abertas e observação direta foi utilizada. Foram investigados documentos governamentais, publicações oficiais e reações a eles na mídia especializada digital, testemunhos de envolvidos e registros em caderno de campo sobre duas visitas etnográficas. A análise dos dados, descritiva, dialética, interpretativa, dialógica e crítica, confrontou as decisões oficiais com reações das comunidades de prática, não apenas a partir de suas convergências e homogeneidades, mas também das divergências e mudanças que conformam este fenômeno social. Um estágio de pesquisa no exterior permitiu a comparação com o caso de reconhecido do destino turístico para lazer de aventura, a Nova Zelândia. Os resultados encontrados no Brasil sinalizam que a motivação dos parlamentares que propuseram leis para a regulamentação do campo dos esportes e turismo de aventura foi garantir a segurança nesses serviços, devido à proliferação de acidentes fatais. Entretanto, este processo instaurou uma disputa entre entidades do esporte e do turismo pelo direito de regulamentar e explorar comercialmente o campo. Conflito judicial que tomou mais espaço na agenda política do que a questão dos acidentes, enquanto as práticas de lazer perdiam espaço no Ministério do Esporte, que priorizou esportes convencionais de alto rendimento ao sediar a Copa FIFA e os Jogos Olímpicos. Na Nova Zelândia, observou-se que acidentes fatais também deflagraram políticas públicas, mas, são as entidades de recreação e educação ao ar livre que disputam com empresas turísticas os termos e verba para a regulamentação do campo. Seu órgão federal de administração esportiva, *Sport New Zealand*, também prioriza o esporte convencional de alto rendimento, embora disponha de políticas de fomento à recreação ao ar livre mais expressivas e intersetoriais. Conclui-se que, no Brasil, as políticas de fomento às práticas de aventura são majoritariamente voltadas ao setor turístico e seu potencial econômico como nicho de mercado. O incentivo à dimensão recreativa e prática autônoma de atividades de aventura é escasso e a intenção de democratizar o acesso e potencializar suas características educativas é restrito.

Palavras chave: Lazer. Políticas públicas. Esporte. Turismo. Aventura.



PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO SISTEMA CAMPO-GRANDENSE DE ESPORTE E LAZER

**Rodrigo Barbosa Terra; Rafael Presotto Vicente Cruz; Júlio Márcio Sandim Silva;
Juliana Marta Antunes Ramos**

rafaelpresoto@gmail.com

Fundação Municipal de Esportes (Funesp), Campo Grande (MS) – Brasil

O Esporte e o Lazer nas últimas décadas vêm compondo a agenda política dos governos nos diferentes níveis, mobilizando agentes políticos para o debate sobre as demandas da população brasileira. A partir das conquistas da Constituição Federal de 1988, o esporte e lazer passam a ser assegurados nos direitos e princípios, estabelecidos nos Artigos 6º e 217 da Constituição Federal, os quais determinam o fomento às práticas esportivas formais e não-formais como direito de cada um e o incentivo das práticas de lazer como forma de promoção e direito social. Sendo assim, a organização e sistematização do esporte e do lazer nas políticas públicas, através de uma política proposta em forma de sistema, faz parte de um debate mais atual, considerando a participação e a inclusão da sociedade na construção e no controle de políticas de estado e de governo. A partir desta concepção, o município de Campo Grande (MS), propõe a construção do Sistema Campo-grandense de Esporte e Lazer, (SICEL), o qual o presente texto tem como objetivo relatar, a experiência do seu processo de elaboração. Ao considerar os desdobramentos e as recomendações das conferências nacionais de esporte realizadas nos anos de 2004, 2006 e 2010 no Brasil pelo Ministério do Esporte, que sinalizam a necessidade de organização e sistematização do esporte e lazer nas políticas públicas, e os desafios postos para sua implantação nas cidades, é que o órgão gestor municipal de esporte e lazer, a Fundação Municipal de Esporte (Funesp), propôs a elaboração do SICEL, sendo a principal estratégia para sua efetivação a mobilização política dos agentes dos segmentos vinculados ao setor, bem como a do poder público executivo e legislativo, com participação e inclusão da sociedade na proposição, controle e gestão das políticas de esporte e lazer. O processo de construção iniciou com a realização de um evento de mobilização social e debate sobre as temáticas envolvendo o sistema municipal de esporte e lazer, culminando com a eleição de uma comissão de elaboração do anteprojeto de lei do sistema a ser apresentado ao poder legislativo, composta por 31 representantes do poder público municipal e da sociedade civil. O processo de elaboração do SICEL baseou-se em princípios como: universalização; equidade; diversidade; democratização; descentralização; diversificação; autonomia; interação e transparência; os quais garantem sua legitimação junto à sociedade, podendo contribuir de maneira decisiva para sua efetivação. As estratégias norteadoras para a construção de um sistema de esporte e lazer remete a necessidade de ser elaborado não “para” a população, mas “com” a população, ou seja, a participação da sociedade civil no processo é fundamental para a construção de políticas públicas que atendam as demandas e necessidades apontadas pelas pessoas envolvidas, com o esporte e lazer no município. Considera-se que a gestão pública norteadora por um sistema pode favorecer a organização e sistematização de ações que garantam o direito ao esporte e o lazer as pessoas no município, sendo legitimados nas políticas públicas, em seus diferentes níveis, fazendo parte da vida das pessoas, como espaço de conhecimento e desenvolvimento humano.

Palavras chave: Políticas Públicas. Sistema Municipal. Esporte. Lazer.



RUA DA AURORA COMO ESPAÇO DE LAZER: EMBARAÇOS NO DESENVOLVIMENTO

**Laiza Barbosa Lima; Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataíde dos Santos;
Iraneide Pereira da Silva**

laizabarbo@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE,
Recife, Pernambuco, Brasil

Nos últimos cinco anos, a gestão municipal da Cidade do Recife intensificou os investimentos no desenvolvimento do lazer em espaços públicos, seja a partir de programas e ações, seja a partir da estruturação de espaços para realizar tais práticas. Dessa forma, na área central do Recife, próximo a outros espaços públicos de lazer e a locais onde a prefeitura desenvolve boa parte desses programas, existe a Rua da Aurora, que além de estar na área central da cidade dispõe de cinema, teatro, museus, prédios públicos, escolas de arte, entre outros, bem como um calçadão com parque infantil, mirante com vista para o rio, banquinhos, pista de skate, quadra poliesportiva, equipamentos para ginástica etc. Por estar muito bem localizada, próxima a outros espaços, e perto dos programas e projetos realizados pela prefeitura, além do seu incontestável potencial, a Rua da Aurora seria, naturalmente, um equipamento de lazer que deveria ter uma procura muito maior do que existente. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa foi o de caracterizar o calçadão da Aurora e identificar algumas possíveis causas do seu não uso de forma significativa. Neste sentido, realizou-se uma pesquisa por meio de questionário *on-line* com pessoas que já se declaravam usuários dos espaços públicos para práticas de lazer, e observação de campo não participante, com o intuito de cruzar as informações dadas pelo questionário com o que era efetivamente visto. Com base nos dados obtidos, observa-se que o calçadão da Rua da Aurora dispõe de uma diversidade de equipamentos para a prática do lazer e este espaço não é um desconhecido do recifense; no entanto, a sua efetiva utilização para este fim tem volume insignificante frente à sua potencialidade/capacidade. Dentre os motivos apresentados pelos sujeitos para a não apropriação deste espaço, destaca-se a segurança, apontada como um dos principais motivos para o não uso da Aurora. A distância e o difícil acesso também foram apontados na pesquisa, além da falta de equipamentos e falta de programação. Os sujeitos, quando questionados sobre quais atividades de lazer realizam em espaços públicos da cidade, indicaram práticas que, quase em sua totalidade, poderiam ser realizadas na Rua da Aurora, demonstrando que existem os espaços e equipamentos necessários no local; no entanto, diferente de outros espaços públicos, os projetos municipais de sensibilização turística, que têm atraído um público significativo, não dialogam expressivamente com a Rua da Aurora, indicador que, ainda de forma elementar, já sinaliza um possível comodismo da população à espera de lazeres pré-fabricados e postos ao consumo. Considerando que a Rua da Aurora tem todo o potencial descrito – é um local de fácil acesso, que as pessoas afirmam conhecer, com segurança, com inúmeros equipamentos disponíveis – e que muito do que as pessoas afirmam não condiz com a realidade que é possível observar na Aurora, questiona-se: por que as pessoas não usam o calçadão? Trata-se de uma questão de divulgação, atratividade, estímulo, ou uma possível dependência do merco-lazer? Qual o papel da comunicação pública no estímulo à apropriação dos espaços públicos para o lazer?

Palavras chave: Rua da Aurora. Lazer. Espaço.



SESC VERÃO – O LAZER E VALORIZAÇÃO DO TRABALHO COLETIVO

**Emerson José Lima da Silva; Daniel Machado Yonashiro; Andrea Mello;
Antonio Carlos Bucarter Bitran; Aline Gomes Uehara; Daniela Vilela dos Reis;
Elson Takao Uehara; Leonardo Orlandi; Danieli Andrade de Oliveira;
Carlos Alberto Campos Júnior; Carlos Roberto Moreira Júnior; Gleice Kelli Martins**
emersilvajl@hotmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc Thermas de Presidente Prudente,
Presidente Prudente, São Paulo, Brasil

O presente trabalho caracteriza as ações de lazer como sendo importantes para o desenvolvimento e ganho de saúde e qualidade de vida dos comerciários e a comunidade em geral que frequenta o Sesc Thermas de Presidente Prudente, São Paulo. Dentre as ações que serão realizadas para o seu público, enfatizamos o *Sesc verão*. A pesquisa tem como objetivo principal evidenciar o trabalho coletivo da equipe do setor esportivo, como uma das ferramentas para otimizar, propor e desenvolver novas ações de lazer para a população local e em cidades da região de Presidente Prudente. Para a realização do objetivo deste estudo, está sendo utilizada uma pesquisa qualitativa, de caráter social e descritivo, envolvendo ideias e propostas apresentadas pelos funcionários do setor esportivo da unidade Sesc Thermas de Presidente Prudente, buscando interpretar e descrever os resultados das discussões deste grupo de pessoas que trabalham nesta instituição privada. Os dados obtidos estão sendo realizados durante a permanência do pesquisador na referida unidade Sesc, utilizando de um protocolo de observação com registro dos encontros da equipe de trabalho. Para a análise dos resultados encontrados, estamos utilizando a técnica da transcrição das observações efetuadas e registradas, categorizando e organizando os dados em possíveis descrições dos fatos mais importantes ocorridos durante os encontros que se iniciaram no dia 02 de agosto de 2017. Através das reuniões envolvendo o setor esportivo, que até a data de início deste trabalho estava sendo composto por seis instrutores físico-esportivos, dois monitores de esportes, cinco estagiários e um coordenador, estão sendo elaboradas as atividades pertencentes ao programa descrito como “Sesc verão”, totalizando cinco encontros. Os dados obtidos estão evidenciando a importância do trabalho coletivo na execução de ações relacionadas ao lazer. O fato de termos várias pessoas colaborando em ideias relacionadas às diversas faces que permeiam o lazer, e a possibilidade de aplicação junto à população de comerciários e a comunidade em geral, faz com que o evento seja cada vez mais conhecido como uma ferramenta de acesso e promoção de lazer e qualidade de vida das pessoas. Como se trata de uma pesquisa em andamento, já foram categorizados, até o momento, cinco blocos de conteúdos, e todos os resultados estão sendo apresentados em tabelas para posterior publicação e discussão dos resultados. Entre estes blocos encontra-se o *Bloco-1 Reuniões* com as datas das ações referentes ao *Sesc Verão 2018*, totalizando oito encontros. No *Bloco-2 Atividades a serem realizadas*, foram categorizadas um total de nove ações, no *Bloco-3 Vivências esportivas / minicursos / festivais*, foram categorizadas um total de oito ações, no *Bloco-4 Programa de férias*, foram categorizadas quatro ações e, no *Bloco-5 Ambientação / Exposição*, foram categorizadas quatro ações.

Palavras chave: Lazer. Gestão. Trabalho coletivo.



SISTEMA DE INDICADORES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER

Shaiane Vargas da Silveira; Samires Lima Souza; Leonardo Farias da Silva

shaiane@ufpi.edu.br

Universidade Federal do Piauí – UFPI, Parnaíba, Piauí, Brasil

O *Projeto Sistema de Indicadores para Políticas Públicas de Lazer* se encontra em execução e objetiva pesquisar e analisar indicadores de subsídio às políticas públicas de lazer, propondo um sistema com foco no desenvolvimento humano. A preocupação do estudo surge ao evidenciar que, na sociedade capitalista, a relação do homem com os seus processos de trabalho e de não trabalho foi afetada de tal forma que ao mesmo tempo em que sacia as necessidades, cria uma nova série delas. Assim, compreender o lazer como fator importante ao desenvolvimento humano admite o enfrentamento do mercado, do consumo e da alienação, como resposta à problemática social. Pensar o contrário é reduzir o lazer a uma necessidade individual, subjetiva e relativa, cuja satisfação é dada pelo mercado ou por políticas microssociais que não correspondem ao mesmo patamar da conquista coletiva dos trabalhadores frente aos direitos humanos e trabalhistas que lhes garantiram o acesso ao tempo livre. A pesquisa leva à compreensão de quais indicadores podem, em conjunto, configurar um sistema apropriado, capaz de transformar a ideia de lazer, com foco no desenvolvimento humano, em realidade. É sobre este aspecto que se insere a necessidade de inovação na elaboração de indicadores e modelos de avaliação, pois as abordagens sobre políticas públicas de lazer enfatizam indicadores centrados apenas em atividades, gastos, receita, empregos ou espaços de lazer – que são insuficientes e tendem a ignorar os critérios centrados na pessoa (por exemplo, satisfação com as experiências de lazer). Para a elaboração do trabalho, o referencial teórico compreende a perspectiva do lazer adotada na *Carta Internacional de Educação para o Lazer*, subscrita pela *World Leisure Organization – WLO*, em 1993, e o conceito de ócio humanista, de Manuel Cuenca Cabeza, para afirmar que a vivência plena do indivíduo se produz quando aceitamos o lazer como experiência completa e com sentido, ou seja, quando existe um processo com início, meio e fim. Nos argumentos de Cuenca Cabeza (2000), a vivência do lazer ganha significado, importância e qualidade, na medida em que se separa do mero passatempo e ainda ocorre muito antes da realização da atividade em si. Seguindo nossa proposta de referencial teórico, indicamos o conceito clássico de transformação de conceitos em variáveis (LAZARSELD, 1973). A sequência de Lazarsfeld diz que partimos de uma representação literária do conceito (i) para a realização de uma divisão ou decomposição das dimensões que o integram (ii) seguido da escolha de indicadores que permitem medir cada uma das dimensões do conceito (iii) e, por último, a formação dos índices para sintetizar os dados resultantes das etapas anteriores (iv). Para a determinação do sistema de indicadores, a pesquisa se dividiu em cinco etapas, das quais já concluímos o levantamento dos indicadores mais utilizados para análise e avaliação das políticas públicas de lazer na gestão pública brasileira (i) e a organização e sistematização dos dados obtidos (ii). A próxima etapa, de análise, será o confronto conceitual para identificação de indicadores desconsiderados na gestão pública e sua transformação, quando possível, em instrumento de medição.

Palavras chave: Lazer. Políticas públicas. Indicadores.



TRAJETÓRIAS E CONSTRUÇÃO DO SABER DE GESTORES DO PELC¹

Hélder Ferreira Isayama; Camila Rezende; Rita Peloso Grasso; Juliana Viana; Marcília de Sousa Silva; Fabiano Antonio Sena Peres; Lucilene de Alencar das Dores
helderisayama@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

O Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) visa fomentar políticas públicas e sociais que atendam à demanda por lazer da população, seu objetivo principal é democratizar e universalizar o acesso a práticas e conhecimentos do esporte e do lazer, integrado às demais políticas. Nesse contexto, surge o interesse de compreender a formação profissional dos gestores do Programa Esporte e Lazer da Cidade, pois concebemos a formação como um *continuum*, que acontece durante toda a carreira do profissional, e é constituída pela alternância entre o trabalho prático e a formação continuada. O objetivo desta pesquisa consiste em identificar e analisar os saberes de gestores do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), do Ministério do Esporte do Brasil, considerando a trajetória dos profissionais, espaços de formação, pessoas e instituições que influenciam a formação. Assim, os objetivos específicos do estudo são: 1) Analisar a trajetória profissional de um grupo de gestores; 2) Compreender como os saberes pessoais e oriundos da formação profissional (considerando a relação com os espaços, as pessoas, as instituições e as experiências) são construídos e articulados com a sua trajetória na atuação como gestor do PELC; e 3) Analisar se as suas experiências de esporte e lazer influenciam e/ou são apropriadas como saber sobre a política do PELC. O estudo combina dois tipos de pesquisa: bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida ao longo do estudo, por meio do levantamento bibliográfico, no qual utilizamos os termos: trajetória, construção do saber, formação, esporte e lazer. Para a pesquisa de campo, utilizamos a técnica de entrevistas semiestruturadas *on-line*. Os sujeitos da pesquisa são 12 gestores, secretários de esporte e lazer, coordenadores gerais e de núcleos do Programa que se disponibilizaram a participar do estudo. O tratamento das informações foi por meio da técnica de análise de conteúdo e permitiu abordar uma diversidade de objetos de investigação: atitudes, valores, representações, mentalidades, ideologias e outros. Os dados indicam que o que os gestores experimentaram na sua trajetória, desde a sua infância até o que produzem e experimentam, refletem no seu modo de estar, agir e conduzir. Revelam nessas esferas que, arraigados pelas subjetividades, sentidos e significados que os marcaram, os permitiram estabelecer a relação entre o saber e o poder “nos” e “com” os grupos onde convivem e atuam. Sendo assim, é importante fortalecer processos de formação continuada em serviço com o papel de qualificar o saber fazer dos gestores no sentido de evitar o desenvolvimento de ações que visem à performance esportiva no Programa Esporte e Lazer da Cidade. Entendemos que a formação assume o papel de promover o desenvolvimento de pessoal, tornando-se, juntamente com os demais eixos da política pública, uma das estratégias responsáveis pela disseminação e continuidade do plano de ação que tem como pretensão ser de qualidade e para todos. Pesquisa financiada pela Rede Cedex do Ministério do Esporte.

Palavras chave: Lazer. Políticas públicas. Formação profissional.



TEMA 2
LAZER, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO
LEISURE, ACCESSIBILITY AND INCLUSION
OCIO, ACCESIBILIDAD E INCLUSIÓN



ACESSI(DE)BILIDADE NAS PRAÇAS: ANÁLISE DE ESPAÇOS DE LAZER EM BELÉM

**Lauanna Picanço da Costa Rodrigues; Fernanda Veloso; Felipe Miranda;
Herbet Gomes; Lucas Valdevino**

lauannarodrigue@gmail.com

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, PA, Brasil

O lazer é um direito social garantido no Art.º 6 da Constituição Brasileira, portanto faz-se necessário a construção de espaços públicos para o mesmo. No entanto, para esses espaços serem utilizados com isonomia por todos os cidadãos é essencial a garantia de acessibilidade. Neste sentido, a presente pesquisa busca refletir sobre as condições de acessibilidade em espaços de lazer da região metropolitana de Belém (PA), especificamente da Praça da República e Praça Batista Campos. Para isso, analisaremos como se encontra a infraestrutura das praças pesquisadas, especificamente seus espaços de lazer para todos, se a acessibilidade realmente existe de maneira efetiva nos espaços pesquisados, e se existe como esta se apresenta para utilização pública daqueles que necessitam. Trata-se de uma pesquisa de campo, realizada por meio de observação sistemática que segundo Marconi e Lakatos (2003), que utiliza um instrumento regulador (roteiro) para identificar categorias de observação relevante. No presente estudo, buscando analisar a acessibilidade foi criado um roteiro para avaliar: o acesso (entrada e estacionamento), circulação e uso do espaço e dos equipamentos de lazer e sanitários. Foram feitas visitas nas duas praças mais conhecidas e visitadas da região metropolitana de Belém; o registro das observações foi feito por meio de registro fotográfico e anotações em diário de campo, sendo que a análise dos dados foi de cunho interpretativo. Como resultado constata-se que a acessibilidade para portadores de deficiências nas principais praças que foram observadas na cidade apresentam carência em desenvolver o atendimento necessário para colocar em prática as políticas públicas necessárias, e assim conseguir dispor da infraestrutura necessária quanto à segurança dos espaços, objetos e equipamentos que as praças deveriam disponibilizar de maneira inclusiva. As praças observadas não correspondem às expectativas referentes à acessibilidade para pessoas portadoras de deficiência. Estas não possuem piso especializado para deficientes visuais, não apresentam rampas em algumas elevações contidas nos espaços e não têm banheiros públicos, apenas banheiros terceirizados, e que não possuem estrutura adequada para atender as pessoas que apresentam deficiência. A Praça Batista Campos encontra-se em pior estado, grande parte dos bancos e lixeiras estão danificados, o solo está quebrado em diversos locais, dificultando o acesso. Conclui-se que embora existam exigências inclusivas numa atmosfera pública, nem sempre tais medidas resultam em transformações práticas que garantam efetivamente acessibilidade. Ademais e em concordância com Cassapian (2014), ao compreender “que a garantia do direito ao lazer não está baseada somente no tempo para experienciar tal dimensão, mas depende também tanto do acesso à educação quanto das condições de acessibilidade dos espaços públicos destinados a essas experiências.” (p. 35). É necessária a adequação às normas vigentes de acessibilidade nas praças observadas.

Palavras-Chave: Acessibilidade. Lazer. Infraestrutura.



ACESSIBILIDADE NOS TRENS URBANOS E O ACESSO AO LAZER

Ivan Conceição Martins da Silva; Pedriná Tavares Henning; Helena Soares do Nascimento

ivanmartins@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Em uma metrópole como o Rio de Janeiro, com imenso fluxo de pessoas, a malha ferroviária caracteriza um dos mais importantes sistemas de transporte, capaz de interligar as zonas mais afastadas ao centro em um tempo reduzido. Atualmente cerca de 600 mil pessoas utilizam diariamente o serviço de trens urbanos, oferecido em 100 estações de trem, em 12 municípios do estado do Rio de Janeiro. Os trens urbanos não são apenas um meio de acesso ao trabalho, mas também a espaços de lazer. Diversas estações de trem estão diretamente associadas a equipamentos de lazer, como estádios de futebol, escolas de samba, museus, espaços naturais e shoppings. A malha ferroviária permite também acesso das zonas periféricas da cidade ao centro e zona sul – zonas que concentram diversos espaços de lazer consagrados como representativos do Rio. Apesar dos dados impressionantes, uma análise mais detalhada aponta que a uma grande parcela da população é negado o direito de igualdade: das 100 estações presentes na malha ferroviária, apenas 21 são definidas como acessíveis segundo próprio site da *Supervia*. O Brasil possui um panorama amplo de pessoas com necessidades especiais, onde se observa dois grupos maiores: as pessoas deficientes e as com mobilidade reduzida. Ambos possuem, assegurados pelo Decreto nº. 5.296/2004, direito a atendimento prioritário que garanta igualdade de condições de acesso à cidade. Todavia, este acesso não pode ser garantido sem a existência de acessibilidade na malha ferroviária urbana. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar a acessibilidade das estruturas dos trens urbanos do Rio de Janeiro. Para isto, utilizou-se como metodologia: pesquisa bibliográfica sobre recursos e equipamentos necessários para acessibilidade dos espaços; e pesquisa de campo nas estações de trem da *Supervia*. Pode ser observada uma melhora gradativa nos trens da malha ferroviária, mas não suficiente para suprir as necessidades da população, em especial das pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida. Nota-se que os maiores investimentos foram feitos em decorrência dos eventos que o Rio sediou (Copa do Mundo e Olimpíadas) e que melhorias foram feitas nas estações mais próximas ao centro e locais onde ocorreriam os jogos, como acessos a Maracanã e Engenho de Dentro. Contudo, esse investimento não se expandiu muito além do que era obrigatório para a realização do evento e, por isso, estações mais afastadas não receberam o mesmo tratamento. Pode-se perceber claramente este padrão no ramal Belford Roxo, onde nenhuma estação em que o ramal não faça integração com os demais ramais possui acessibilidade. Nestas estações, é possível observar diversos problemas de acessibilidade: altos degraus nas plataformas de embarque; inexistência de elevadores; até mesmo acesso a estações exclusivamente por escadarias. Pensar a acessibilidade de equipamentos de lazer não se limita aos espaços de lazer em si; é necessário considerar o deslocamento das pessoas até estes espaços. Neste sentido, o Rio de Janeiro tem ainda como desafio ajustar sua infraestrutura urbana para tornar acessíveis – além dos equipamentos de lazer – as estações de trem que dão acesso a estes e, principalmente, aquelas por onde a população inicia a viagem.

Palavras chave: Acessibilidade. Lazer. Transportes. Trens urbanos. Rio de Janeiro.



ATIVIDADES FÍSICAS E DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

**Kellyane Camilo dos Santos; Gustavo André Pereira de Brito;
Carla Virgínia Paulino Silva**

kellyanecamilo12@hotmail.com

Universidade Potiguar (UNP); Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Natal, RN, Brasil

A Síndrome de Down (SD) não é uma doença, mas uma condição genética (deficiência), causada por uma anomalia no cromossomo 21, também conhecido como trissomia 21. Os fatores limitantes do quadro sindrômico implicam na restrição de alguns aspectos do desenvolvimento motor e interacional, como lentidão, hipotonia muscular, os quais refletem no esquema corporal do sujeito e na esfera proprioceptivo. A prática de atividades físicas pode focar o trabalho em grupo, a expressão corporal e a exploração dos mais variados movimentos, além de contar com elementos como jogos e brincadeiras e o ritmo, os quais favorecem a ludicidade da intervenção. Pensando nisso, o presente artigo tem como objetivo compreender como as atividades físicas influenciam no desenvolvimento de pessoas com Síndrome de Down (SD). As alterações físicas e biológicas, geradas pela anormalidade genética, atrasam o desenvolvimento motor, cognitivo, fisiológico e social desses indivíduos, causando dificuldades no progresso de algumas habilidades; entretanto, podemos perceber que tais problemas podem ser superados, ou melhor, amenizados mediante estímulos contínuos (SOUSA, 2014). Como metodologia utilizou-se a pesquisa de campo, tendo como técnica de coleta de dados uma combinação entre observação participante, que se pautou no acompanhamento dos sujeitos pesquisados, fazendo intervenções e discutindo tais práticas, e a aplicação de questionário, no intuito de possibilitar respostas mais complexas que permitam um maior esclarecimento dos fatos (SEVERINO, 2008). A partir da aplicação e da observação dos questionários encontramos uma situação favorável, pois foi percebido que a prática regular de atividade física para pessoas com a Síndrome de Down, interfere positivamente em seu processo de inclusão social, diminuindo o déficit no desenvolvimento motor e intelectual, possibilitando a essas pessoas uma maior e melhor inclusão no quadro social. A prática de atividade física, também, foi percebida como um elo na geração de oportunidade de inclusão social e desenvolvimento, como na melhoria da qualidade de vida desses indivíduos. Aliado a tudo isso, foi possível reconhecer de forma consciente o papel transformador das atividades físicas no meio ao qual fazem parte. É por intermédio das vivências de atividades físicas, que pessoas com SD conseguiram de forma direta ter contato com o outro, consigo e com o ambiente, reconhecendo assim os seus valores, limites, particularidades, e, sobretudo, as suas capacidades de potencializar suas habilidades como um todo, desmistificando a ideia preconceituosa de que as pessoas com Síndrome de Down não conseguem se desenvolver de forma integral.

Palavras-Chave: Atividades Físicas. Desenvolvimento. Síndrome de Down.



ESTRATEGIAS LÚDICAS PARA LA PARTICIPACION DE LOS ESTUDIANTES CON DISCAPACIDAD

Roselys Iriarte Rojas

roselystjr@hotmail.com

Instituto Municipal de Deportes y Recreación de Cabimas, Imdec, Zulia, Venezuela

En Venezuela a pesar de ser el único país donde la recreación es un derecho establecido en la constitución, mientras el mundo se debate si en el deporte paralímpico prevalece la voluntad de sus atletas o la alta tecnología deportiva en la obtención de resultados. Los docentes de educación física que laboran en las escuelas especiales no tienen una capacitación en su formación de pregrado, en la atención a los estudiantes con necesidades especiales. Así mismo, los estudiantes con discapacidad debido al proteccionismo que los rodea carecen de motivación para la práctica deportiva dando como resultado la poca participación en estos eventos. Esta investigación tuvo como propósito influir en la inclusión de los estudiantes con discapacidad ya que esta se refiere no sólo a las condiciones de los estudiantes, sino a las de los docentes, instituciones, escuela, familia y debemos acceder a la complejidad del modelo social que los ayude a ser parte de ella. La recreación se cree que es una actividad que se encuentra ausente en las personas con necesidades especiales al no realizarse plenamente por su condición. La realidad es que la discapacidad se encuentra muchas veces en la mente de las personas que se cohiben de transmitir su motivación a quienes disfrutan de las experiencias significativas de la recreación, por considerar que deben ser distintas en esta población. Los datos se obtuvieron por medio de la entrevista, internet, generación de ideas, que sirvieron de soporte a la investigación, se vinculó con las escuelas especiales "Corina Campos" y la Auditiva Cabimas del Municipio Cabimas, Estado Zulia, Venezuela. Se convocaron a encuentros recreativos entre las que se incluyeron el pompibol, volitenis y la SILLOTERAPIA (invención principal como terapia lúdica de este proyecto), que animaron a los estudiantes a participar con excelentes resultados en el deporte escolar municipal permitiendo alcanzar los objetivos trazados. Se observó la baja asistencia a los eventos deportivos, ya que no cuentan con la información a tiempo y no son formados para la competencia. Los resultados fueron la cristalización de un sueño no solo como docente, sino como ser humano amante del deporte y de lo que hago, me dio satisfacción de contribuir aportando soluciones al deporte especial y romper paradigmas. Se demostró que con interés, esfuerzo y dedicación puede lograrse que los estudiantes con discapacidad no solo se integren de forma efectiva a la sociedad, sino que también pueden ser parte importante de la generación de oro deportiva de Venezuela. Por tanto, es necesario fomentar la inclusión de las personas con discapacidad en las actividades deportivas-recreativas a través la sensibilización del gremio, promocionando el trato igualitario entre las personas, creando estrategias lúdicas que propicien la participación sistemática de las personas con discapacidad. No esperemos que ellos sean los que se incluyan, propiciemos la práctica de la inclusión a la inversa, seamos creativos y recordemos que todos somos personas. ¿Es que acaso, la recreación, en las personas con discapacidad es diferente?, ¿es que acaso para la recreación en la discapacidad, las barreras solo son arquitectónicas?

Palabras clave: Recreación. Deportes. Inclusión. Discapacidad.



LAZER E INCLUSÃO: O DIREITO AO LAZER

Laura Juliana Silva

laurajuliana.melo@gmail.com

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH-USP, São Paulo, São Paulo, Brasil / Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Deficiência, de Funcionários do Banco do Brasil e da Comunidade – Apabb, São Paulo, São Paulo, Brasil

O presente artigo apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa que se propõe a investigar o trabalho realizado pelo programa de lazer da Apabb (Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Deficiência, de Funcionários do Banco do Brasil e da Comunidade) como um meio de inclusão social. Para a investigação inicial foi realizada uma revisão bibliográfica sobre documentos nacionais e internacionais que tratam sobre o direito ao lazer e os direitos das pessoas com deficiência, além de uma análise inicial do programa de lazer da Apabb a partir da observação participante, descrição do programa de lazer e histórico da instituição disponíveis no site desta. No artigo 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência realizada em Nova York, em 2007, temos que: 1. Os Estados Partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência de participar na vida cultural, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas [...], o que inclui o lazer, um direito social reconhecido pela ONU desde 1966. Entendendo o lazer como uma oportunidade de participação social, ele pode ser um meio para promover a uma população que carece de inclusão, como as pessoas com deficiência, a consciência do direito a ter direitos. Sob essa perspectiva, evidencia-se o duplo papel educativo do lazer, no qual as pessoas podem aprender conteúdos para praticar ou participar de uma atividade de lazer, ou aprender conteúdos por meio da participação nas atividades de lazer (CAMARGO, 2002). Destaca-se aqui a segunda relação do lazer com a educação, na qual a partir da participação das atividades de lazer elas podem aprender conteúdos, como por exemplo, a consciência de seus direitos sociais. A educação social está intrinsecamente ligada aos movimentos sociais (GARCIA, V., 2015). Existe um movimento social por trás da luta da pessoa com deficiência pelos seus direitos nas esferas públicas, e a sanção recente da LBI é um exemplo prático. No que diz respeito à Apabb, ela atua junto aos movimentos sociais, por tratar-se de uma associação que nasceu a partir de uma mobilização de funcionários do Banco do Brasil em meados dos anos 80 para trocar informações, ideias e experiências sobre o universo da deficiência. A associação avançou atuando na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, e o programa de lazer reflete essa característica na ocupação dos espaços de lazer. Quem participa das atividades de lazer está exercendo um direito social, o que evidencia a relação do programa de lazer da Apabb com o campo da educação social, que como afirma Antônio Rotger (1997), é um decisivo fator para a igualdade de oportunidades, para que direitos deixem de ser meras abordagens teóricas e passem para a realidade. A partir dessas reflexões, os próximos passos da pesquisa são na direção de aprofundar a análise da hipótese de que a metodologia de trabalho utilizada pela Apabb no atendimento das pessoas com deficiência no programa de lazer tem sido eficaz ao utilizar o lazer como uma forma de incluir as pessoas com deficiência em diferentes ambientes sociais.

Palavras chave: Lazer. Inclusão social. Pessoas com deficiência. Educação social.



O TURISMO SOCIAL & A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Jordania Eugenio; Bernardo Cheibub.

jordaniaeugenio2@hotmail.com

Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Desde a Constituição de 1988, o Brasil reconhece o lazer como direito social, o que nos permite considerar o turismo como uma possibilidade de lazer, e afirmar que a implantação de políticas públicas ligadas ao turismo social poderia possibilitar à população mais pobre o acesso à experiência turística em sua própria cidade. Ao se deslocar de casa para vivenciar a cidade onde mora, o cidadão estaria se movendo e consumindo os diversos espaços urbanos, que são seus por direito, diminuindo a sensação de não pertencimento a determinados locais, algo percebido por indivíduos que estão à margem da sociedade. Para uma parcela da população brasileira são negados, além dos direitos sociais – que contribuem para a sobrevivência cotidiana e diminuição da desigualdade de oportunidades – os direitos civis (dentre estes, o direito à liberdade e o de ir e vir), todos previstos em constituição. Esta privação está constantemente presente na realidade da população de rua, que ainda é envolta de julgamentos e preconceitos. Toda esta imputação dada a esta população reflete nas relações sociais estabelecidas entre estes sujeitos e a cidade onde residem ou estão de passagem. Segundo Santana e Castelar (2014), este grupo social enfrenta a destituição de seus direitos, parecendo estar invisíveis perante aos olhos do Estado e outros cidadãos, os quais, muitas vezes, demonstram o desejo de que haja uma “limpeza” dessa população nas cidades. Por isso, Sotero (2011) acredita que as políticas públicas destinadas à população em situação de rua não são formuladas e executadas como forma de compreender e se ajustar àquela condição; pelo contrário, são políticas que procuram deixar a população em situação de rua longe dos olhos dos demais cidadãos, o que reforça, conforme Santana e Castelar (2014), a culpabilização desses sujeitos. Desta forma, a população que reside nas ruas possui um sentimento de não pertencimento à cidade, o que, aproximando a discussão à temática do turismo, a repele também dos principais atrativos turísticos. Esta relação traçada entre a população em situação de rua e o turismo geralmente é enxergada com lentes pragmáticas e negativas, ligando os indivíduos que estão na rua à conotação de “lixo urbano”. Nesta perspectiva, este trabalho – fruto de uma investigação em andamento, no mestrado em turismo da UFF – observa a relação entre a experiência turística e a população em situação de rua com outro olhar, buscando compreender de que forma as oportunidades de lazer podem intermediar as relações sociais entre os “moradores” de rua com a cidade de Niterói – RJ. Para tanto, está sendo realizado um estudo etnográfico, no qual os relatos e descrições percebidos em campo possam, de maneira hermenêutica, contribuir para a compreensão das relações sociais da população de rua com a tessitura urbana. Portanto, a possibilidade de integração entre a população em situação de rua niteroiense com os atrativos turísticos da cidade de Niterói poderia gerar efeitos distintos nas relações sociais destes cidadãos com a urbe, possibilitando o estreitamento de laços, o sentimento de pertencimento e a sensação de menos invisibilidade destes aos olhos da “cidade”.

Palavras chave: Lazer. Acessibilidade. Inclusão.



PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA: OFICINAS DE ESPORTE E LAZER NA APAE

Priscila Gonçalves Soares; Renan Carraro; Mateus Campos

renan.carraro92@gmail.com

Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, Rio Pomba, Minas Gerais, Brasil

Este relato de experiência vislumbra compartilhar as vivências e experiências tendo como base trabalhos realizados na disciplina de Prática Pedagógica da Educação Física Inclusiva, na qual foram realizadas visitas à APAE. Sabe-se que as pessoas com deficiência convivem com barreiras sociais que dificultam o acesso a lugares e espaços. A maior parte das pessoas com deficiência não frequenta academias, clubes, aulas de educação física e espaços de lazer, não por incapacidade destas, mas sim pelo preconceito decorrente da deficiência, especialmente aquela que pode ser vista, no caso a deficiência física (MACIEL, 2000). Acredita-se na mudança deste paradigma através do envolvimento de alunos, professores, instituições públicas, família, comunidade, desenvolvimento de políticas públicas, entre outros. Este relato tem por objetivo compartilhar os aprendizados e reflexões proporcionados por duas atividades distintas realizadas na disciplina de Práticas Pedagógicas da Educação Física Inclusiva, realizada na APAE-Rio Pomba/MG: relatório de observação das Oficinas de Esporte e Lazer e organização de uma exposição com material produzido pelos alunos da APAE. A metodologia utilizada foi direcionada pela professora da disciplina, que nos orientou a fazer um relatório de observação e vivência a partir do acompanhamento das oficinas de esporte e lazer que são desenvolvidas na APAE. As observações tinham o intuito de ampliar o olhar dos graduandos em Educação Física para as práticas de esporte e lazer voltadas às pessoas com deficiências. Observou-se que o trabalho com pessoas com deficiência implica em desafios diários, no entanto suas limitações não podem se tornar empecilhos para que os portadores pratiquem atividades de esporte e lazer. No projeto de realização da exposição buscou-se acompanhar o processo de aprendizagem e desenvolvimento de materiais pelos alunos da APAE. As visitas aconteceram em setembro de 2017, com os graduandos em Educação Física do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – Campus Rio Pomba, em parceria com a APAE. Entre as atividades planejadas destacaram-se as físico-esportivas, danças, trabalhos artesanais e desenhos com o intuito de resgatar e debater sobre os direitos e deveres dos cidadãos com deficiência, inclusive o lazer. Foram desenvolvidos materiais como: Auto desenho simbolizando o atletismo, dois campos de futebol em tnt com as marcações dos pés dos alunos, dois banners com imagens de handebol pintadas pelos alunos, uma rede de vôlei confeccionada com retratos dos alunos jogando voleibol, duas maquetes de quadra de basquetebol, uma maquete de um campo de futebol americano. Todas as atividades que eram executadas estavam sendo filmadas e, posteriormente, viraram um vídeo que foi divulgado na exposição junto com todos os materiais feitos pelos alunos. Observou-se que o esporte e o lazer são estratégias que podem propiciar uma maior integração social para as pessoas com deficiência. No nosso olhar de graduandos em Educação Física, foi uma experiência ímpar que contribuiu para desmitificar as deficiências e ampliar nossos olhares para o outro, focalizando as capacidades. Acreditamos que atividades como essa ajudam no desenvolvimento dos graduandos, tanto na parte profissional como pessoal, pois saímos desta experiência transformados.

Palavras chave: Inclusão. Educação Física. Experiências na educação. Visitas supervisionadas.



PROAMA ETEC DE ESPORTES: PROJETO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA 2017

Ivan Ferreira dos Santos; Thalia de Fátima Pereira

prof.ivansantos@gmail.com

Centro Paula Souza – Etec de Esportes Curt Walter Otto Baumgart, São Paulo, São Paulo, Brasil

Este projeto foi desenvolvido durante o ano letivo de 2017. Foram atendidas mais de 150 pessoas com deficiência durante o ano, sendo que aproximadamente 110 pessoas com deficiência participavam semanalmente. O Proama contou também com a participação de 25 voluntários ao longo do ano, sendo que 10 deles eram alunos do curso Técnico em organização Esportiva da Etec de Esportes e 15 deles eram estudantes de Educação Física (UNIP, UNICSUL, FMU, UNINOVE E USP), que enriqueceram ainda mais o projeto. Os mesmos puderam auxiliar durante o desenvolvimento e elaboração das atividades recreativas, esportivas e de lazer, utilizando de maneira prática todos os conhecimentos adquiridos no ambiente educacional, independente da instituição de ensino. Nossa contribuição acadêmica ficou por conta da apresentação de quatro trabalhos no “Simpósio Internacional de Atividades Físicas Adaptadas”, organizado pelo SESC São Carlos, no qual tivemos a oportunidade de mostrar o trabalho que desenvolvemos no Proama. No que se refere à participação das pessoas com deficiência, foi possível observar: superação na participação das atividades recreativas, esportivas e de lazer; modificações no gesto motor e nas relações interpessoais; e melhoria da concentração durante a maioria das atividades, além de aumentar o número de possibilidades de interação social entre elas. No que se refere à participação dos alunos voluntários do curso Técnico em Organização Esportiva e dos acadêmicos voluntários, foi possível observar: o crescimento profissional e pessoal; o grande interesse em trabalhar nesta área (inclusão, esporte e lazer) e reconhecer suas possibilidades de atuação profissional; a superação de seus limites a cada dia; a quebra de “pré-conceitos”; a satisfação e vontade de contribuir para que todas as atividades fossem realmente atrativas e inclusivas para todos. Entendemos que o Proama atingiu todos os resultados esperados neste período e foi além, pois atingiu mais que 5% do corpo docente em algumas intervenções do projeto; todas as pessoas atendidas terminaram o ano letivo satisfeitas com as atividades do projeto; produzimos e apresentamos quatro trabalhos acadêmicos; aumentamos o número de voluntários no projeto em relação aos anos anteriores; recebemos mais de três instituições (parceiras) externas que atendem pessoas com deficiência; outras instituições (acadêmicas, escolares e Ongs) já demonstraram interesse em participar do Proama em 2018. Esperamos desenvolver o Proama novamente em 2018, para que possamos caminhar sempre em busca de melhorias no atendimento e na oferta de oportunidades de atuação no campo da Inclusão para os nossos alunos da Etec de Esportes e para acadêmicos de Educação Física e áreas afins.

Palavras chave: Lazer. Esporte. Deficiência.



PROGRAMAS DE LAZER BENEFICIAM NO IMPACTO FAMILIAR DE CRIANÇAS AUTISTA

Lais Mendes Tavares; Gabriel Benedito Lima; Emerson José Sousa Silva; Lara Coelho Fonseca; José Gilmar Carvalho Júnior; Adriana Pereira Lopes; Tássia Placedino Silva Oliveira; Aline Paula Cassiano; Rodrigo Pereira Silva; Nathália Maria Resende

laismtavaress@gmail.com

Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, MG, Brasil

Os programas de lazer e atividade física (PLAF) são fundamentais para o desenvolvimento integral de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual é definido como uma condição neurodesenvolvimental, que se apresenta nos primeiros anos de vida da criança, resultando principalmente em déficits na comunicação social. Após o diagnóstico do TEA, a vida familiar sofre mudanças impactantes nos aspectos afetivo, financeiro e social. A partir dessas acepções, o objetivo deste trabalho foi analisar as potencialidades de um PLAF no impacto familiar em mães de crianças com TEA. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, na qual foi utilizada a Escala de Impacto Familiar (EIF, versão portuguesa adaptada) para compreender a sobrecarga de prestações de cuidados com seus(suas) filhos(as) no impacto familiar. Em seguida, feito a seguinte pergunta: “Visto todos esses apontamentos na escala, você acredita que PLAF pode influenciar na melhoria desses aspectos? Em quais e por quê?”. Participaram deste estudo, quatro mães (idade média: 41 anos) e seus filhos (todos do sexo masculino e idade média: seis anos), assíduos do projeto de extensão de PLAF da Universidade Federal de Lavras. Durante o estudo foram desenvolvidas, semanalmente, atividades adaptadas de lazer (jogos, brincadeiras e música) entre pais e filhos. De acordo com as respostas das mães, a EIF demonstrou correlação negativa (média: 2,29 - desvio padrão: 0,29 - $r^2=0,12$) do TEA sob o impacto social/familiar e correlação positiva (média: 3,05 - desvio padrão: 0,80 - $r^2=0,30$) sob a tensão pessoal das mães. O PLAF foi considerado um ótimo instrumento de inclusão e socialização, o qual conseqüentemente proporcionou melhora nas relações familiares. As mães expuseram que as atividades de lazer proporcionam momentos prazerosos e de interação, que resulta em um melhor convívio social, devido à grande exposição com pessoas diversas, tanto típicas quanto atípicas. Relataram também que os momentos de lazer da família são influenciados pelo TEA e que as atividades no PLAF ajudam a acalmar e relaxar, tanto as mães quando os filhos, motivando-os assim a saírem em família. Outro aspecto colocado pelas mães foi o benefício de poder se relacionar com outras mães e dividir experiências. E diferente de outras terapias, o PLAF é um momento no qual as crianças com TEA se desenvolvem brincando e aumentam o vínculo mãe/filho. O transtorno influencia na vida familiar, impactando em diversos aspectos, contudo, os programas de lazer e atividades físicas são inclusivos e ajudam na socialização e na diminuição do estresse, logo, as atividades de lazer auxiliam na melhora do convívio familiar e social da criança com TEA.

Palavras-Chave: Transtorno do Espectro Autista. Programas de Lazer. Jogos. Brincadeiras. Impacto Familiar.



PROJETO DE EXTENSÃO NA APAE-RIO POMBA/MG: LAZER, ESPORTE E INCLUSÃO

Priscila Gonçalves Soares; Luana Santos; Guilherme Tavares

profaprisilasoares@gmail.com

Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, Rio Pomba, Minas Gerais, Brasil

Em vias sinuosas e de mão dupla, a sociedade caminha nas discussões sobre a inclusão das pessoas com deficiência. Observa-se ainda um despreparo tanto dos professores quanto da sociedade para trabalhar e discutir a inclusão. Corrobora-se com Vieira Pinto (1979) quando diz que a cultura humana se constitui e se constrói a partir de um ideal social e civilizatório, a cultura é um produto do existir do homem. Marcos de exclusão são práticas que permeiam a história das pessoas com deficiência, regradados por uma sociedade que estabelece suas próprias regras culturais, políticas, sociais e econômicas de acordo com o momento histórico vivido (FERNANDES, 2011). Questiona-se a mudança de postura social em relação à formação de professores, principalmente em relação à Educação Física. A disciplina de Educação Física Inclusiva tornou-se componente curricular presente na formação dos professores, entretanto poucas iniciativas são observadas no que tange a ação dos professores na inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar, a inclusão esportiva, entre outros. Esta inclusão pode ser pensada de vários ângulos, elegemos o viés do esporte e do lazer para realização deste trabalho. O objetivo do projeto de extensão “Oficinas de Esporte e Lazer na APAE-Rio Pomba/MG” é estimular a prática de atividades esportivas e de lazer pelas pessoas com deficiências atendidas pela APAE-Rio Pomba/MG, contribuindo para a socialização, diversão e aprendizado, ampliando o conhecimento do ambiente (cidade), bem como estimular as capacidades das pessoas com deficiência, relativizando a deficiência e enaltecendo as possibilidades. O desenvolvimento das oficinas de esporte e lazer na APAE-Rio Pomba/MG acontece duas vezes por semana com carga horária total de cinco horas semanais. São atendidas quatro turmas infantis e duas adultas, num total de 65 alunos. Cada oficina tem duração média de duas horas e trinta minutos, onde são propostos desafios esportivos e de lazer. As atividades desenvolvidas buscam atuar de forma recreativa e lúdica, educando pelo e para o lazer (MARCELLINO, 1996), contribuindo no desenvolvimento das habilidades finas e manipulação de objetos, proporcionando aos alunos momentos de diversão e aprendizado, oportunizando o trabalho coletivo e dando visibilidade ao sucesso do grupo. O projeto foi iniciado em 2017 e tem-se observado uma boa aceitação por parte das pessoas com deficiências atendidas pelo projeto, pela instituição e pelos familiares. Nosso foco é valorizar as capacidades e potencialidades dos alunos atendidos através da progressão pedagógica dos conteúdos em todas as oficinas. Tem-se utilizado atividades simples, materiais adaptados e construção de materiais pelos próprios alunos. Temos obtido resultados positivos e já observamos uma melhor percepção da Educação Física enquanto área que dialoga com o esporte e com o lazer, maior autonomia e liberdade nas atividades realizadas fora da APAE, contribuindo para o convívio social e inclusão das pessoas com deficiência. As atividades realizadas no projeto têm sido uma excelente forma de aprendizado, tanto para os alunos do curso de graduação em Educação Física quanto para os alunos com deficiência atendidos pelo projeto; as novas vivências e experiências têm contribuído para o desenvolvimento global destes.

Palavras chave: Inclusão. Educação Física. Lazer. Esporte. Educação.



PROJETO PIAUÍ PRAIA ACESSÍVEL: LAZER INCLUSIVO NO LITORAL PIAUIENSE

Samires Lima Souza; Leonardo Farias da Silva; Shaiane Vargas da Silveira

Samiresjm@hotmail.com

Universidade Federal do Piauí, UFPI, Parnaíba, Piauí, Brasil.

O Projeto Piauí Praia Acessível é fruto de uma parceria com a Secretaria Estadual para Inclusão de Pessoas com Deficiência (SEID) e a Secretaria de Estado de Turismo (SETUR). Ele surgiu a partir da necessidade da criação de uma proposta que possibilitasse suprir a carência de lazer das pessoas com deficiência física. O Piauí Praia acessível tem como objetivo fomentar um lazer com segurança e autonomia ao deficiente, para usufruir do banho de praia. Esse projeto é realizado na Praia de Atalaia e atualmente conta com a infraestrutura básica e oito cadeiras anfíbias com rodas infláveis, que fazem com que o cadeirante flutue na água, com auxílio de estudantes de uma universidade. O projeto iniciou suas atividades em julho de 2016 e contou com trinta pessoas em sua inauguração. Além disso, apesar de recente, o local já serviu de apoio para a realização do evento Luau acessível promovido pela SEID, SETUR e Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), proporcionando entretenimento e lazer para as pessoas com deficiência. As atrações são em sua maioria bandas locais e o acesso ao evento é livre. A festividade possui uma estrutura montada para gerar momentos que elevem a autoestima, possibilitando ao cadeirante uma forma de vivenciar e compartilhar bons momentos entre familiares e amigos. A partir da pesquisa de campo realizada no período de alta temporada, nosso relato de experiência traz importantes contribuições que visam compreender a relevância deste trabalho e dos eventos realizados no local para a inclusão de pessoas com deficiência física no litoral do Piauí. Foram colhidos relatos sobre as experiências vivenciadas através do projeto, tendo como resultado um relevante meio para a melhoria da qualidade de vida, autoestima, autoconfiança dos participantes. As atividades são realizadas de forma segura, com profissionais monitores e salva-vidas que fiscalizam o banho de mar fazendo com que se sintam despreocupadas em relação ao percurso e ao contato com a natureza, sem barreiras, melhorando as experiências de lazer. A pesquisa de campo conclui que apesar de eficaz para fomentar o lazer na região, ainda são necessárias melhorias em aspectos como fiscalização nos estacionamentos exclusivos, melhoraria na pavimentação das calçadas que fazem parte dos acessos da orla para a avenida e aumento das sinalizações em toda a área do projeto e do evento quando realizado. Apesar de ser um trabalho recente vem realizando o sonho de muitos cadeirantes e mudando a realidade dos mesmos com a inclusão do lazer em suas vidas, sendo de suma importância sua continuação para que alcance mais pessoas e que estas possam usufruir deste trabalho que beneficia toda a sociedade.

Palavras chave: Lazer. Acessibilidade. Inclusão. Litoral.



PROMOTING PHYSICAL ACTIVE LEISURE AND NUTRITION THROUGH ADAPTED SPORT AND MENTORING

Lisa Mische Lawson

lmische-lawson@kumc.edu

University of Kansas Medical Center, Kansas City, Kansas, USA

Insufficient physical activity is one of the leading risk factors for death worldwide. The World Health Organization (2017) defines physical activity as any bodily movement produced by skeletal muscles that requires energy expenditure – including engaging in recreational pursuits. It is critical for recreation professionals to promote physically active leisure, especially for individuals with barriers to participation. The *I Can Do It, You Can Do It* (ICDI) national model was initiated by the U.S. Department of Health and Human Services' Office on Disability in 2004. ICDI facilitates opportunities for all Americans, regardless of ability, to lead a healthy lifestyle that includes regular physically active leisure and good nutrition. Children with disabilities are 38% more likely to be obese than typical peers and that percentage grows to 58% by adulthood. Individuals with disabilities are likely to be physically inactive due to social, environment and policy/program barriers, thus it is critical to provide programming to reduce health disparity. We implemented ICDI in our adapted sports programs serving the Kansas City area. The ICDI mentoring program pairs children with disabilities and mentors to set and track physically active leisure and healthy eating goals as well as participate in weekly physically active leisure activities for 8-weeks. At KUMC, weekly physically active leisure participation occurs through established adapted sports programs, 1) Sensory Enhanced Aquatics - a swimming program for children with autism, 2) CHAMPS - an adaptive martial arts program, 3) Starstruck - adapted dance program, and 4) Happy Feet - adapted soccer. Goals of the program include: 1) Increase physically active leisure participation, 2) Increase healthy eating behaviors, and 3) Improve health outcomes (BMI, waist circumference). To determine if the program was effective, ICDI data collection tools were used to track physically active days and minutes and progress toward nutrition goals at pre and post-test. Height, weight and waist circumference were also collected. Thirty-one participants completed measures. Participants were aged 3-23 and all had a physical and/or intellectual disability. The majority were male (76%), had a diagnosis of Autism Spectrum Disorder (76%), and were white (53%) or biracial (26%). Most participants met their goals related to physically active minutes (79%) and days per week (94%). Of those who set nutrition goals, 14 (45%) met their goal, 12 (39%) were making progress, and five (16%) did not make progress toward their healthy eating goals. Of those who set beverage goals, 19 (76%) met their goal, four (16%) were making progress, and two (8%) did not report. Fourteen individuals were overweight/obese range at the start of the study, and 17 were normal/underweight (Centers for Disease Control and Prevention, 2015). ANOVA showed no differences in changes from pre to post-test between the overweight and normal groups on any variables. Paired t-tests showed that the overweight group had significant changes from pre to post-test in both height ($p=.006$) and weight ($p=.011$), while the normal/underweight group only had significant changes in height ($p=.018$). Results indicate the ICDI is effective in promoting healthy behaviors, but the program may not be long enough to produce positive changes in weight.



PROPOSTA DE DANÇAS REGIONAIS COM ACESSIBILIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Giovanna Benjamin Togashi; Vitória Leite Domingues; Viviane Rose Fowler;
Bruno Eduardo Ciccotelli; Márcio Moreira Salles; Cláudio Monteiro dos Santos;
Bartira Pereira Palma**

gitogashi@gmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc Pompeia, São Paulo, São Paulo, Brasil

A acessibilidade no lazer garante a inclusão das pessoas com deficiência e das pessoas com mobilidade reduzida nos diversos grupos de convivência social, porém ações que promovam o desfrute pleno deste direito ainda encontram desafios a serem superados. Dentre as possibilidades de lazer, a dança apresenta-se como uma alternativa que permeia as abordagens dos conteúdos sociais, artísticos e físico-esportivos. Por isso, viabilizar propostas de dança como lazer acessível é importante para fortalecer as discussões e fornecer informações para o aprimoramento das intervenções neste contexto. Assim, o presente trabalho teve como objetivos relatar a experiência de uma proposta de danças regionais com audiodescrição e tradução em libras e fornecer subsídios para novas propostas de inclusão e acessibilidade no lazer. O projeto foi desenvolvido na unidade de Pompeia do Serviço Social do Comércio do estado de São Paulo, com duração de dois meses, como parte de um conjunto de ações denominado *Fábrica do Movimento*, em que foram propostas intervenções periódicas de danças regionais do Brasil com os recursos de audiodescrição e tradução em libras. A participação nas vivências foi espontânea, gratuita e aberta a todos os públicos e a divulgação também foi feita com o material em braile. A audiodescrição foi realizada com equipamento específico de radiofrequência em que a áudio descritora narra os movimentos aos deficientes visuais que receptavam o áudio da descrição por meio de seus aparelhos celulares com fone de ouvido. A tradução em libras ocorreu por meio de um intérprete em tempo integral. Estes recursos possibilitaram às pessoas com deficiência o entendimento e a execução da dança de forma autônoma. Nos minutos antecedentes às atividades, era realizado o cortejo em que os mediadores e participantes transitavam pela unidade a fim de convidar novos participantes para o local da dança. Além das pessoas com deficiência participarem tocando instrumentos, cantando e dançando, este cortejo promoveu a experimentação da mobilidade no ambiente em que estavam inseridos. Esta experiência permitiu inúmeros relatos dos mediadores e, dentre eles, foram selecionados os mais relevantes. Em todas as intervenções houve a participação espontânea de crianças e pelo menos um deficiente visual. O ritmo catira favoreceu os deficientes auditivos, devido ao aumento da percepção da vibração das batidas dos pés no chão, promovendo uma interação mais efetiva. Também se integraram ao grupo duas mães com bebês de colo. No último dia da proposta participaram 30 pessoas, entre elas, 11 deficientes visuais. Um deles relatou que pela primeira vez havia compreendido o que era um giro em dupla devido à audiodescrição. Com o decorrer do projeto, a audiodescrição foi adaptada para as caixas de som externas para que os alunos deficientes visuais pudessem interagir com os outros alunos videntes e para que conseguissem ouvir a música ao vivo. Portanto, a proposta propiciou um progresso no entendimento das questões que permeiam a acessibilidade no lazer por meio da dança e auxiliou o aprimoramento de questões técnicas e sociais para futuras propostas, abrindo caminhos para que os equipamentos e mediações sejam inseridos de maneira permanente.

Palavras chave: Dança. Acessibilidade. Inclusão.



SKATE ADAPTADO: UMA POSSIBILIDADE DE EDUCAÇÃO PARA/PELO LAZER

Silvana dos Santos; Liege Matheus Silva, Décio Roberto Calegari

ra79939@uem.br

Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná, Brasil

Este estudo abordou, dentre as práticas corporais realizadas pelo Grupo de Estudos do Lazer – GEL/UEM junto ao Programa de Atividade Física Adaptada – PROAFA/UEM, a possibilidade da inclusão de crianças com diferentes deficiências a partir da prática do skate proporcionada pelo projeto *Escola de Aventuras* junto ao Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP/UEM), numa perspectiva educacional para/pelo lazer. Especificamente neste estudo, tomamos por diferentes deficiências: 1. Crianças com deficiência física; 2. Crianças com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade); e 3. Crianças com TGD (Transtorno Global do Desenvolvimento). Assim, é importante ressaltar que a inclusão de alunos com deficiência não depende somente do grau de severidade da deficiência ou nível de desempenho intelectual, mas, principalmente, das condições de interação, socialização e adaptação do próprio aluno na escola comum (BRUNO, 2006). Nesta concepção, pode-se atribuir à prática do skate na escola como um meio gerador de interação/socialização entre os alunos, inclusive os que possuem algum tipo de deficiência estabelecida neste estudo. Em algumas cidades do país, já existem programas/projetos que atendem às especificidades do skate adaptado. Na cidade de Curitiba-Paraná, por exemplo, possui o projeto “Skate adaptado para criança deficiente”, cuja finalidade está em permitir que a criança com deficiência motora possa usar o skate presa por um colete atado a um cabo de aço esticado entre dois postes, permitindo a movimentação com segurança. Em São Paulo, por sua vez, há o projeto “Skate sem limites”, cuja finalidade é interagir as pessoas com deficiência ao mundo do esporte. Embora ambos os projetos não tratem as especificidades da escola, o projeto *Escola de Aventura* (GEL), em parceria com PROAFA/UEM, vem intensificando a inclusão de crianças deficientes numa tentativa de adequação educacional para/pelo lazer à medida que a criança experiencia essa vivência e a replica em seu momento de lazer com amigos e familiares. Trata-se de um estudo exploratório, por se encontrar em fase preliminar. Prodanov e Freitas (2013, p. 51 – 52) estabelecem que esse tipo de estudo “proporciona mais informações sobre o assunto, possibilitando sua definição e seu delineamento. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso”. A existência de projetos de skate adaptado no país amplia os olhares direcionados à educação para/pelo lazer no que norteia o projeto *Escola de Aventura* junto ao CAP/UEM, atendendo, desta forma, o que delibera a Lei nº. 9.394/96, no capítulo 5º artigo 59, estabelecendo que “os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades educacionais especiais, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicas para atender as suas necessidades” (BRASIL, 1996). Levando em consideração os projetos já existentes com a aplicabilidade do skate, consideramos que a inserção do skate adaptado em âmbito escolar proporcionará uma educação para/pelo lazer às crianças participantes do projeto *Escola de Aventura*, uma vez que as práticas realizadas na escola se lapidam fora do espaço formalizado pelas crianças como uma opção de lazer em seu tempo livre.

Palavras chave: Skate. Deficiente. Lazer.



STUDY ABROAD PARTNERSHIPS: COSTS AND BENEFITS FOR HOST UNIVERSITIES

Jo An M. Zimmermann; Nicole Peel; Krista A. Thomas

jz15@txstate.edu

Texas State University, San Marcos, Texas, USA; Western Sydney University, Sydney, Australia; Texas State University, San Marcos, Texas, USA

Introduction/Conceptualization: This case study focuses on the experiences of faculty at two universities, which collaborated to facilitate a short-term study abroad experience. The university planned the program contacting several different universities to join forces in providing educational opportunities for the students. Surprisingly, the initial response from several potential partners was some variation of 'what's in it for us?' The purpose of this case study is to begin answering that question. There is a considerable body of literature relating to study abroad experiences, consisting of thousands of articles published in peer-reviewed academic journals in the past 5 years alone. The majority of papers focused on the student experience: learning outcomes, transformational learning, intercultural competence, motivation for participation, behavior of students, and differences in learning between traditional classrooms and study abroad. There is "literature which focuses on 'best practices' and policies for the implementation of study abroad programs" (Ficarra, 2017, p. 1). Missing in the literature is evidence of partnerships between universities providing study abroad experiences and the costs and benefits of those partnerships. **Approach/Description:** The partnership literature suggests several levels of partnerships: collaborations, which involve two or more stakeholders working together; alliances, which require higher levels of commitment and shared decision-making; and integration, which involves a structural change in one or more partners. Based on this knowledge the intent was to seek out either collaborations or alliances. Ultimately, we identified several universities, which were willing to collaborate, and one that was willing to form an alliance. All universities helped by providing access to facilities and/or technology as well as guest lectures on various topics. The collaborating university provided contacts for local park and recreation agencies and schools we pursued. The cost to the collaborating university was mainly that of time while the benefits were limited. In contrast, the alliance university arranged 4 days of interactive therapeutic recreation experiences for our students with local inclusive agencies. The major cost to this alliance university was once again time, and it was significantly more time than the collaborating university. The biggest difference however, was the benefits received by the alliance university. They formed/strengthened networks with local disability service providers that have continued to benefit their university after the conclusion of the study abroad program. Meeting and working with faculty and students from another university has aided in the development/improvement of their own course content, led to a better understanding of both role of a graduate within an agency and required student competencies for future success. Finally, local service providers were able to see first-hand the benefit of utilizing recreation therapy students and practices with their clients. **Considerations/Conclusions:** Based on the experiences with both types of partnerships, the faculty initiating contact for future programs will be clear that there are different levels of partnerships that can be formed. We also have a better understanding of the benefits that can come with a higher level of partnership making it easier to form partnerships in the future.

Keywords: Study Abroad. Partnerships. University.



TRANSPORTE COLETIVO E ACESSO AO LAZER DOS SURDOS EM PARNAÍBA-PIAÚ

Amanda Maria dos Santos Silva; Gabriela de Oliveira Pereira; Raimundo Alves Mota Neto
amssphb@gmail.com

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Parnaíba, PI, Brasil

Parnaíba, localizada no estado do Piauí, caracteriza-se por ser uma cidade urbana e em expansão. Segundo o IBGE, de 2016, possui cerca de 150 mil habitantes. Entre os pontos que merecem ser debatidos/pesquisados na cidade está a qualidade do serviço do transporte coletivo, ainda mais quando destinados para o público formado por deficientes auditivos. Nessa pesquisa, o objetivo é investigar a percepção dos surdos congênitos acerca do transporte ofertado na cidade relacionado às suas práticas de lazer. A partir das contribuições de Rodrigues e Serratini (2008) foi possível delinear o entendimento dos conceitos de transporte coletivo enquanto ferramenta de interligação de regiões diversas nas cidades possibilitando o deslocamento de grande quantidade de pessoas. A comunidade surda apesar de representar parte considerável da população parnaibana, ainda é pouco notada em alguns aspectos do cotidiano como, por exemplo, no lazer. Ao pontuar essa questão, é importante apresentar o conceito utilizado na pesquisa, do teórico Joffre Dumazedier (1973, p.34), que define o lazer como “conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se ou entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada.” Para Dumazedier (1973), o lazer é imprescindível à sociedade moderna, pois proporciona muitos benefícios: descanso, divertimento, socialização etc. Dessa maneira o lazer é capaz de beneficiar os surdos no meio social e pessoal. Ter uma oferta adequada de transportes para acesso aos espaços de lazer é uma premissa básica para a consolidação desse direito. Para o andamento da pesquisa, foram entrelaçadas fontes bibliográficas, documentais e orais em uma perspectiva qualitativa (Gil, 2000). Autores como Dumazedier (1973), Felipe (2006), Page (2008), Rodrigues e Serratini (2006) e a Lei de Acessibilidade nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, formaram a base para a pesquisa de campo realizada com cinco surdos, membros da Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Parnaíba (APAS), através de questionário aplicado com o auxílio de um tradutor de LIBRAS. O direito de ir e vir dos surdos é dificultado por sua condição, assim como o direito à gratuidade. Segundo eles, anos atrás a situação era pior, bastante desfavorável, pois o domínio da LIBRAS era bem reduzido e a comunicação era precária no transporte e em outros setores. A globalização e os avanços tecnológicos trouxeram melhorias reconhecidas para a atualidade. As formas de lazer dos surdos também foram objeto de debate e é preocupante a falta de estrutura, uma vez que não existe programas ou atividades de lazer que os incluam. Eles preferem usufruir do tempo livre em casa do que em possíveis lugares públicos, pois ao invés dos ouvintes se adequarem à comunicação dos surdos, acontece o contrário e isso gera constrangimento. Todos concluíram o questionário com a sugestão de que o motorista, ou o cobrador, fosse treinado para interpretar em LIBRAS, o que facilitaria a comunicação entre funcionário e passageiro, evitando situações desconfortáveis e ampliando a possibilidade de usufruir plenamente do tempo livre.

Palavras-Chave: Transporte coletivo. Lazer. Surdos. Parnaíba. Piauí.



TURISMO SOCIAL E A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Jordania Eugenio; Bernardo Cheibub

jordaniaeugenio2@hotmail.com

Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Desde a Constituição de 1988, o Brasil reconhece o lazer como direito social, o que nos permite, ao considerar o turismo como possibilidade de lazer, afirmar que a implantação de políticas públicas ligadas ao turismo social poderia possibilitar à população mais pobre o acesso à experiência turística em sua própria cidade. Ao se deslocar de casa para vivenciar a cidade onde mora, o cidadão estaria movendo e consumindo os diversos espaços urbanos, que são seus por direito, diminuindo a sensação de não pertencimento a determinados locais percebida por pessoas que estão à margem da sociedade. No entanto, sabe-se que para uma parcela da população brasileira são negados mais de um direito social previsto em constituição, como é o caso da população em situação de rua, que é envolta de julgamentos e preconceitos que nem sempre correspondem à realidade, fazendo com que sejam atribuídos a esta parcela da população adjetivos conotativos como: mendigo, vagabundo, perigoso, doente mental ou “coitadinho”. Toda esta imputação dada à população em situação de rua reflete nas relações sociais estabelecidas entre estes sujeitos e a cidade onde residem ou estão de passagem. Na verdade, segundo Santana e Castelar (2014), este grupo social enfrenta a destituição de seus direitos, eles parecem estar invisíveis perante aos olhos do Estado e dos outros cidadãos, sendo desejo de ambos que haja uma “limpeza” desta população nas cidades. Por isso, Sotero (2011), acredita que as políticas públicas destinadas à população em situação de rua não são formuladas e executadas como forma de compreender e se ajustar àquela condição; pelo contrário, são políticas que procuram deixar a população em situação de rua longe dos olhos dos demais cidadãos, o que reforça, segundo Santana e Castelar (2014), a culpabilização desses sujeitos. Desta forma, a população que reside nas ruas possui um sentimento de não pertencimento à cidade, o que, aproximando a discussão à temática do turismo, a repele também dos principais atrativos turísticos. Esta relação traçada entre a população em situação de rua e o turismo geralmente é enxergada com lentes negativas, ligando os indivíduos que estão na rua à conotação de “lixo urbano” (Santana e Castelar, 2014). Nesta perspectiva, este trabalho propõe observar a relação entre o turismo e a população em situação de rua com outro olhar, buscando compreender de que forma a experiência turística, na perspectiva do lazer, pode intermediar as relações sociais entre a população em situação de rua niteroiense, com a cidade de Niterói – RJ. Para tanto, será necessário realizar um estudo de caráter etnográfico, no qual os relatos e descrições percebidos em campo possam, de maneira hermenêutica, contribuir para a compreensão das relações sociais da população residente nas ruas com a tessitura urbana. Portanto, a possibilidade de integração entre a população em situação de rua niteroiense com os atrativos turísticos da cidade de Niterói poderia gerar efeitos distintos nas relações sociais destes cidadãos com a cidade, possibilitando o estreitamento de laços, o sentimento de pertencimento e a sensação de menor invisibilidade destes aos olhos da “cidade”.

Palavras chave: Turismo Social. População em situação de rua. Inclusão.



TEMA 3
LAZER PARA CRIANÇAS E JOVENS
LEISURE FOR CHILDREN AND YOUTHS
OCIO PARA NIÑOS Y JÓVENES



APELIDOS PARA PROFISSIONAIS DE RECREAÇÃO, USAR OU NÃO?

**Roselene Crepaldi; Gustavo Henrique Hungaro Barbosa; Tiago Aquino da Costa e Silva;
Alípio Rodrigues Pines Júnior**

rosecrepaldi@gmail.com

Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU); Universidade de São Paulo (EACH-USP
LESTE; GIEL), São Paulo, SP, Brasil

Nossa proposta de estudo, pretende refletir sobre as seguintes indagações: Pode-se chamar o profissional de lazer e recreação de tio ou tia, ou com apelidos? Essa prática facilita a criação de vínculos nas relações com as crianças, ou pode reforçar a prática de *bullying*? De que forma? Para tanto, realizaremos uma pesquisa bibliográfica que ouvirá, por meio de entrevistas semiestruturadas, profissionais e crianças sobre a prática de nomear profissionais de recreação e lazer utilizando-se de apelidos ou dos termos “tio e tia”. Pretendemos compreender os pontos positivos e negativos dessa prática tão usual entre os recreadores e realizar uma análise reflexiva sobre o uso de apelidos entre os profissionais da área de lazer e recreação. Um dos pontos de partida da pesquisa, é o livro de Paulo Freire (1997) “Professora sim, tia não” que se contrapõe ao uso corrente dos referidos termos, como forma de manter vínculos de proximidade com as crianças, facilitando assim o diálogo e a comunicação. Para Freire, o uso dos termos “tio ou tia”, reduz a postura profissional, colocando-a sob condição informal, evitando que o profissional seja reconhecido pelo seu empenho, estudos, lutas por melhores condições de trabalho. Ressalta o profissional da educação que exerce profissão de responsabilidade e, que ao ser denominado como “tio ou tia”, remete a rotulação daquele que é sempre o bonzinho, que não sacrifica seus “sobrinhos” com prejuízo do aprendizado. Miranda (2013), e outros autores, no entanto, consideram que o simples ato de utilizar o “tio” ou “tia”, possa ser interessante no ponto de vista lúdico, por aproximar não só afetivamente os profissionais das crianças, como também pode estimular e proporcionar a sensação de segurança para a criança. Incentivar e despertar o interesse infantil é uma ferramenta fundamental como fonte motivacional para a educação da criança. Soraggi (2016) indica também que as crianças que possuem boa relação afetiva são seguras e acabam se interessando mais pelo mundo que as cercam, ajudando a compreender melhor a realidade e facilidade de convívio, melhora da autoestima e melhor desempenho intelectual. Vivemos tempos em que o distanciamento entre as pessoas tem acontecido com muita frequência. A prática do uso de apelidos poderia consolidar os interesses de lazer das crianças, que atualmente estão cada vez mais ocupadas com tarefas e compromissos ditados pelos adultos? O uso de tais termos pode ser compreendido como manifestações culturais? O que dizem os principais interessados? É isso que queremos saber.

Palavras-Chave: Profissionais. Recreação. Apelidos. Crianças.



ASSOCIATION BETWEEN ORGANIZED SPORTS AND POSITIVE YOUTH DEVELOPMENT

Jen Wilenta; Susana Juniu

wilentaj@mail.montclair.edu

Montclair State University, Montclair, New Jersey, USA

The purpose of this study was to understand parental perspective regarding the role of organized sports in youth development. Specifically, it addressed whether grammar school-aged children who participate in organized sports have higher levels of positive youth development (PYD) compared to those who do not participate or who minimally participate. Adolescents face obstacles on the way to adulthood, including time-crunched parents, access to dangerous substances, overburdened schools, and a more demanding job market (Roth & Brooks-Gunn, 2003). This supported the idea that adolescents should no longer be alone during leisure time. The out-of-school hours provide opportunities for youth to engage in risk-taking behaviors, but also provide an opportunity for positive development through engagement in organized activities (Roth & Brooks-Gunn, 2003). Instead of being seen as problems to manage, youth can be seen as resources to be developed (Roth & Brooks-Gunn, 2003). Organized activities give youth a healthy way to spend their leisure time. The “organized” aspect of activities teaches participants the importance of characteristics such as teamwork, trust, and reliability (e.g., Mueller, Lewin-Bizan, & Urban, 2011; Theokas, 2009). Sport and other organized activity participation provides an environment for adolescents to develop their identities, self-esteem, and explore their emotions (Holt & Sehn, 2008). After-school organized sport activities have the potential to provide children with an arena to work through conflict resolution in nonthreatening ways. Well-structured child centered sport activities benefit mental and physical health of participants. Adolescents are active individuals and their life experiences imply they learn best by doing rather than by talking (Theokas, Danish, Hodge, Heke, & Forneris, 2008). Using a cross-sectional non-equivalent group design, this study explored parents/guardians perceptions of their children’s PYD and participation in after school activities. During the spring of 2013, 193 parents/guardians of students from first through sixth grades, in two public grammar schools in Secaucus, NJ completed the Positive Youth Development Inventory (PYDI) (Arnold, Nott, & Meinhold, 2012) and a series of background information about their family background and child’s sport participation. According to the parents’ responses, youth who participated in sports (n=128) did not show higher levels of PYD when compared to non-athletes. The results of this study suggested that participating in only one activity might not be associated with higher levels of PYD. The results of this study were consistent with the “pile-up hypothesis,” which states that the strength of activities lies in the collective pile-up of effects across multiple contexts (Schilling & Diehl, 2014). Human development can only be understood if examined over a prolonged period. Thus, in youth sport programs, future studies should focus on how training and activities change by age throughout development (Cote, et al., 2008). Long-term evaluation is imperative for understanding how participation in sport-based PYD programs influences transitions from childhood into adolescence, and adolescence into adulthood (Holt & Jones, 2008). Sports are a healthy alternative to risky behaviors such as substance abuse and violence, and are easily accessible activities throughout communities.

Keywords: Youth Development. Organized Sports. Leisure.



CADÊ O MEU BRINCAR? INIBIÇÕES AO LAZER NO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL

Poliana Gonzaga Rocha; Ana Paula Porfírio Couto

rochapoliana@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

O Estatuto da Criança e do Adolescente, datado de 1990, se apresentou como um divisor de águas no que concerne ao tratamento dos direitos das crianças e adolescentes no Brasil. De um modelo asilar de acolhimento, para um modelo que tenha o “trabalho direcionado para desenvolver relações próximas ao ambiente familiar.” (SANTOS, 2013. P.11), os abrigos têm como premissa a garantia de todos os direitos inerentes à pessoa humana e assegurados constitucionalmente, entre eles o lazer. Diante do exposto, verificou-se como o lazer se apresenta dentro do acolhimento institucional de crianças e adolescentes em Belo Horizonte, a partir da percepção das educadoras sobre o mesmo e as estratégias desenvolvidas para ofertar às crianças e adolescentes as múltiplas possibilidades de vivência desse lazer, uma vez que “alterar as condições de vida de um determinado grupo social remete-se a oferecer oportunidades, de modo que as pessoas possam vivenciar espaços, equipamentos e tempos específicos de lazer” (COUTO; COUTO, 2011, p. 81). Tratando-se de um estudo de caso, com uma abordagem qualitativa, elegemos como metodologia a análise documental do Projeto Político Pedagógico da instituição; as entrevistas semiestruturadas com seis educadoras e com a coordenadora da instituição; e elegemos a observação não participante como método de complementar os dados. Prosseguimos à análise de conteúdo utilizando o software MAXQDA 12. Foi perceptível, a partir das entrevistas, que o lazer representa um momento importante na concepção das educadoras, porém, notou-se também um caráter funcionalista e utilitarista fortemente atribuído ao mesmo, normalmente vinculado ao descanso ou ao gasto de energia das crianças. Quando os momentos de lazer extrapolam os muros da instituição, normalmente, vinculam-se às atividades culturais mais eruditas como teatro e museus, encontrando como parte de um todo inibidor, as dificuldades financeiras e logísticas para acessá-los. A intervenção voluntária se apresentou nas falas das educadoras como essencial para ampliação das vivências de lazer das crianças. As educadoras apontaram que, além dos fatores econômicos, a rotina das crianças é um dos principais entraves ao usufruto do lazer. Em relação aos espaços designados às práticas desse direito, o parque ecológico do bairro se destacou como local privilegiado para estas vivências, porém o que se percebeu foi que normalmente não há a proposição de atividades pelas educadoras neste ambiente e, mesmo que a utilização diária do parque esteja presente no Projeto Político Pedagógico da instituição, esta se condiciona à disponibilidade de tempo na rotina das crianças. Dentro da instituição, os espaços designados especificamente para momentos de lazer, como a brinquedoteca e o quarto de leitura, ficam fechados, condicionados também à quebra da rotina para que as crianças os acessem. Então se percebeu que, mesmo considerado importante na visão das educadoras, o lazer dentro da instituição de acolhimento encontra inúmeras barreiras para o seu usufruto, sendo a principal, o valor utilitarista e funcionalista atribuído ao mesmo, o que por consequência gera uma posição de um lazer subordinado à rotina cotidiana para encontrar seu tempo-espaço, bem como para mobilizar as educadoras em atitudes mais críticas em relação ao mesmo.

Palavras chave: Lazer. Acolhimento Institucional. Crianças. Adolescentes.



CRIANÇAS EM HÓTEIS EM SÃO PAULO

Roselene Crepaldi

rcrepald@usp.br

Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer – GIEL, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo – EACH/USP Leste, São Paulo, São Paulo, Brasil

Nossa pesquisa, ainda em andamento, tem por objetivos identificar quantos e quais hotéis, de três a cinco estrelas, situados em municípios de interesse turístico do Estado de São Paulo, oferecem atividades de lazer para crianças, possuem profissionais e espaços específicos a elas destinados, e se desenvolvem algum tipo de programação voltada para crianças na faixa etária de 0 a 14 anos. Para realizá-la, além da revisão bibliográfica sobre a temática (BUENO, M. S.; DENCKER, A. F. M.; CAMARGO, L. O. L.), entre outros, aplicamos questionários aos hotéis, com o apoio da *LZT Jr*, (associação civil sem fins lucrativos, formada por alunos do curso de Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo). Para a realização da pesquisa, efetuamos um breve levantamento de dados para entender o tamanho da amostra a ser pesquisada. Para isso, utilizou-se o documento “Município de Interesse Turístico – Cartilha para Orientação Lei 1261/15” para que se pudesse entender a divisão regional do Turismo Paulista e a Política Estadual de Turismo. Com o Mapa do Turismo Brasileiro de 2016, disponibilizado publicamente de forma online pelo Ministério do Turismo, foi possível encontrar a categorização dos Municípios e das Regiões Turísticas, que nos mostrou a existência de cinco categorias de municípios turísticos (A, B, C, D e E), dessas variáveis, foi possível identificar os grupos e municípios que possuem demanda e estrutura turística passível de se ter empreendimentos hoteleiros que transitam entre três e cinco estrelas. Foram excluídas as categorias D e E por, segundo a Cartilha de Categorização, representarem atividades turísticas em estágio inicial e apresentarem valores zerados para as variáveis da categorização. Assim, o levantamento de dados foi realizado apenas com as categorias A, B e C, das quais identificamos os hotéis. Nossa amostra possui 868 hotéis distribuídos em 104 municípios. Realizamos, até o presente momento, 80% das abordagens por telefone. Uma análise preliminar dos dados obtidos aponta para relativa dificuldade ou desinteresse por parte dos atendentes dos hotéis na colaboração para a coleta dos dados (18%); também identificamos que, do percentual realizado até o momento, pelo menos 25% dos hotéis não atendem a crianças. Verificamos que, dos hotéis abordados, que atendem crianças, cerca de 75%, não possuem profissionais próprios, apenas contratam empresas para realizar tais atividades. Os resultados obtidos até o momento demonstram que ainda existe muito a se fazer pela oferta de recreação e lazer dentro desses hotéis. Consideramos que a relevância de nossa pesquisa consiste na necessidade de conhecer e refletir sobre a quantidade e qualidade das atividades existentes nos hotéis que são destinadas às crianças, porque compreendemos as crianças como sujeitos de direitos (Lei nº.8.069/90), pessoas em desenvolvimento e com necessidades e peculiaridades que devem sempre ser consideradas, em especial na fruição do seu tempo livre, e que muitas vezes estão vinculadas às necessidades e à conveniência dos adultos, estejam as crianças vinculadas a eles por laços familiares, sociais, ou ainda aos proprietários dos hotéis e/ou profissionais que realizam atividades de recreação.

Palavras chave: Crianças. Hotéis. Municípios de interesse turístico.



DIÁLOGOS ENTRE JUVENTUDES E POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER NO MUNICÍPIO

Sandro Natalicio Prudêncio

san.prudencio@hotmail.com

Faculdade de Educação Física – FEF, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil

A pesquisa em curso tem como tema central as políticas públicas municipais de lazer dirigidas à juventude, delimitando-se o estudo na cidade de São Bernardo do Campo. O objetivo geral é refletir sobre as experiências pessoais e coletivas no campo do lazer, tendo o esporte como conteúdo, vivenciadas por adolescentes e jovens, entre 15 e 29 anos, e as possíveis relações entre essas experiências e a participação em programas e projetos decorrentes de políticas públicas desenvolvidas no âmbito do município. Consideram-se as diferentes políticas públicas gestadas na sociedade brasileira atual, como resultado de um processo permeado por conflitos e consensos a partir de interesses dos diversos grupos organizados que participam de uma “arena política” (Frey, 2000). O estudo em voga busca articular a noção de arena política, em primeiro lugar, com a perspectiva sociológica de juventude enquanto categoria social (Groppo, 2017), participante da estrutura como um grupo específico com privilégios e deveres socialmente reconhecidos (Peregrino, 2011; Castro, 2013). Também se considera a juventude como categoria histórica, pois, como representação social e grupo etário a juventude não é reconhecida em todas as sociedades e, quando existe, podemos falar da existência de “diferentes juventudes” (Groppo, 2017). A pesquisa parte do pressuposto de que os jovens enxergam e experimentam o mundo de um modo único e, portanto, entender o que os jovens pensam e ouvir o que eles têm a dizer sobre o lazer que desejam ter e sobre aquele que conseguem realizar, bem como sobre a política de lazer a eles dirigida no lugar onde vivem, e como agem em relação a essa política é o ponto de partida e chegada desta pesquisa. A investigação também se orienta por outros dois fios condutores básicos de análise das políticas públicas: a universalização do acesso aos direitos sociais e a promoção da participação dos jovens nos processos decisórios que envolvam – a proposição de conteúdos, a avaliação e a deliberação sobre políticas públicas. No caso, tendo como pressuposto o acesso dos jovens ao Esporte e ao Lazer como direito social inalienável. A metodologia desenvolvida se situa no campo das abordagens qualitativas das ciências humanas e sociais. Os participantes e geradores de informações serão, em primeiro lugar, os adolescentes e jovens participantes e ex-participantes de programas de esportes e lazer. A proposta é delimitar a pesquisa com jovens de dois bairros: um mais central e outro mais periférico do município. Também serão analisados documentos oficiais da Secretaria Municipal de Esportes de São Bernardo do Campo e serão ouvidos alguns gestores municipais da área.

Palavras chave: Juventudes. Política pública. Lazer. Esporte.



ESCOTISMO NO PARÁ: LAZER OU EDUCAÇÃO COM BASES MILITARISTAS?

Wellington da Costa Pinheiro; Helen Tatiane Santos Pontes; Mirleide Chaar Bahia

welingtoncpinheiro@hotmail.com

Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, Pará, Brasil

O objetivo desta pesquisa foi verificar em que medida o escotismo no Pará se delineou como tempo de lazer ou como formação de jovens numa educação com bases militaristas. O estudo se caracteriza como uma pesquisa documental de natureza histórica, que teve como principais fontes de informação o jornal “Estado do Pará”, o “Diário Oficial do Estado do Pará” e “Mensagens dos Governadores do Estado do Pará”. O recorte temporal da pesquisa foi delimitado entre os anos de 1916 a 1925, período que demarca o início das manifestações de divulgação, esclarecimento e fundação dos primeiros grupos de escotismo na realidade do estado do Pará. O corpus deste estudo é constituído por notícias, decretos e mensagens governamentais e seu suporte teórico fundamentou-se nos pressupostos da História Cultural. O estudo ainda se encontra em andamento e faz parte de uma pesquisa maior, em desenvolvimento na Universidade Federal do Pará, que busca diagnosticar, preservar e valorizar a memória das práticas de esporte e lazer vivenciadas no Pará na segunda metade do século XIX e na primeira do XX. Como resultados preliminares, foi possível perceber que, num primeiro apanhado histórico, o escotismo, no contexto paraense, começou a ser veiculado a partir da primeira década do século XX, intensificando-se nos anos de 1920, em uma conjuntura histórica na qual o patriotismo, o nacionalismo e o civismo eram defendidos como valores essenciais para a constituição do povo brasileiro, tendo como foco de suas investidas, de maneira considerável, as crianças e jovens, que precisavam assumir o status de cidadãos republicanos, pois eram considerados o futuro da Nação. Para tanto, deveriam desde cedo aprender a valorizar o seu país e se portar a partir de condutas que estavam em consonância com as ideias de ordem e progresso da Nação, difundidas fortemente na Primeira República. Neste cenário, a imprensa teve papel significativo na divulgação dos princípios do escotismo na sociedade paraense, prestando esclarecimentos sobre tal prática a partir da solicitação de importantes personalidades militares à época, que vinham aos jornais e revistas na intenção de adquirir adeptos, noticiar nas páginas desses impressos cartas, artigos, regulamentos, eventos, etc, que procuravam explicitar os fundamentos, práticas e benefícios que o escotismo poderia proporcionar na formação de meninos e moços e, conseqüentemente, para a melhoria da sociedade, o que demonstra a íntima relação entre o escotismo e uma educação com bases militaristas. Nesse sentido, percebeu-se que existem fortes indícios de que o tempo de lazer dos jovens que viviam nesse período era controlado, vigiado e educado para princípios militaristas.

Palavras chave: Escotismo no Pará. Lazer. Educação militarista.



'FARRA NAS FÉRIAS' FEF 2018: O OLHAR DAS CRIANÇAS

Olívia Cristina Ferreira Ribeiro; Gustavo Alves Silva; Guilherme Henrique Jesus Silva
olivia@fef.unicamp.br

Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas – FEF/UNICAMP,
Campinas, São Paulo, Brasil

O programa 'Farra nas Férias' é uma colônia de férias da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/Unicamp), oferecida aos filhos de funcionários que frequentam o Prodecad (Programa de Desenvolvimento e Integração da Criança e do Adolescente), um espaço de educação não formal da Universidade, disponibilizado no contraturno escolar. No mês de janeiro, os educadores do Prodecad estão em férias coletivas e essa colônia foi uma possibilidade para que as crianças vivenciassem diferenciadas atividades recreativas, esportivas, artísticas e turísticas. O 'Farra nas Férias' na FEF está em sua 11ª edição e conta com o apoio do Grupo Gestor de Benefícios Sociais. Atende a um grupo de aproximadamente 50 crianças (6 a 12 anos) por semana e atinge uma média de 200 crianças durante o período total de execução do projeto. O 'Farra nas Férias' de 2018 ocorreu entre os dias 02 a 26 de Janeiro nas dependências da FEF/UNICAMP, das 8 às 17 horas, mas seu planejamento iniciou-se três meses antes. Autores do campo do lazer (BRAMANTE, 1997; PINTO, 2013; RIBEIRO, 2014) apontam que em um planejamento as fases de planejamento, execução e avaliação devem ser respeitadas e cumpridas. Tais autores ainda afirmam que muita ênfase tem sido dada ao planejamento e execução, e pouca à avaliação. Silva (2012) ao estudar especificamente as colônias de férias temáticas também salienta a importância dessas fases no planejamento. Assim, o objetivo deste estudo foi avaliar a primeira semana (02 a 05/01/2018) do 'Farra nas Férias' a partir dos participantes do programa, as crianças. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo, por meio de uma entrevista feita pelos monitores com as crianças no último dia da primeira semana. Considerando o tempo para realizar a pesquisa com as 37 crianças presentes nesse dia, foi realizada por meio de uma "roda de conversa". Os monitores explicaram os objetivos de tal roda e questionaram individualmente, a partir de questões centrais, como: "O que você mais gostou do 'Farra nas Férias'?", "Tem algo que não gostou no 'Farra'?", "Você acha que tem algo para melhorar para as próximas semanas?", "Resuma em uma palavra o 'Farra nas Férias'". As entrevistas foram gravadas, depois transcritas e analisadas. Os resultados mostraram que todas aprovaram a primeira semana, também deram sugestões de atividades recreativas que gostariam de ser colocadas ou repetidas na programação, por exemplo: "Gato e rato", "Canibal", entre outras. As crianças ainda sugeriram que o tempo livre para o descanso, disponibilizado após o almoço diariamente, seja mais amplo, assim como o tempo para a piscina, que ocorre duas vezes por semana. Também reclamaram de não ter passeios fora da universidade nessa primeira semana e de não terem brincado no Labfef (espaço para lutas, ginásticas e artes circenses, fechado para manutenção). As crianças também teceram comentários sobre os monitores, que na opinião de algumas são "muito legais". Ao resumir o projeto em uma única palavra, "diversão" e "curtição" foram as mais citadas. Concluímos ser indispensável avaliar sempre os participantes no lazer, ainda que sejam crianças.

Palavras chave: Lazer. Colônia de férias. Infância. Planejamento.



LAZER E SÉRIES: O COMEÇO DE UM ESTUDO NO IFTO

**Kemily Borges Tranqueira; Luzigleydson Carneiro; Rebeca Santos Rodrigues;
Túlio Cerqueira; Peri Emerson Silva da Cunha; Khellen Cristina Pires Soares**

kemily.tranqueira@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, Palmas,
Tocantins, Brasil

Este trabalho é um relato de experiência oriundo da disciplina de Recreação e Lazer, em que fomos instigados a relacionar o ensino e pesquisa por meio da construção de um projeto de pesquisa no campo do lazer e recreação e o desenvolvimento da pesquisa em si. O tema escolhido foi: Lazer e Mídias para jovens do Ensino Médio Técnico em Administração do Instituto Federal do Tocantins Campus Palmas: as séries. Nosso objetivo é analisar a relação entre lazer e mídias no cotidiano dos alunos; identificar os interesses do lazer dos alunos do ensino médio; identificar a preferência em sair com a família ou ficar em casa assistindo séries e ainda, identificar os tipos de séries preferidos pelos estudantes. A ideia é analisar o envolvimento entre lazer e mídias dos alunos do Ensino Médio Integrado do Curso Técnico de Administração do Instituto Federal do Tocantins Campus Palmas, percebendo se há preferência em assistir séries. Os critérios formais para todo o procedimento de pesquisa são fornecidos pelos métodos científicos. Assim, “o método científico é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais, permitindo alcançar conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, mostrando os erros e auxiliando nas decisões do cientista” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 32). O método utilizado será de pesquisa exploratória de campo com aplicação de questionário, uma vez que visa identificar a relação entre lazer e mídias, por meio da preferência em assistir séries. Entendemos que este estudo é de natureza quanti-qualitativa, e se define como uma pesquisa de campo, com aplicação de questionários e análises dos dados, assim os dados estatísticos irão embasar nossas análises. Devido às tecnologias e mídias estarem no cotidiano da maioria dos povos do mundo, sendo o crescimento de acesso à internet diário e a observação de que a existência de plataformas de filmes e séries vem ganhando espaço e se tornando um veículo de informação tão amplo como o da televisão, é que entendemos ser relevante um aprofundamento desta realidade. O Lazer mistura-se drasticamente com esse fenômeno, pois uma grande parte das pessoas que possui acesso a esta plataforma busca se entreter, melhorar sua autoestima, em busca de paz e tranquilidade internas, mesmo que isso às vezes seja uma prioridade sobre outros fatores, como sair com a família. É primordial compreendermos as preferências que os jovens possuem ultimamente, tendo em vista a necessidade de entender se existe uma fragmentação entre os jovens por escolher esse tipo de mídia, ou tornou-se uma febre rotineira entre a maioria dos jovens. Logo, poderíamos idealizar um hipotético conceito sobre as ferramentas que utilizaríamos futuramente quanto à aplicação do lazer em mídias.

Palavras chave: Lazer. Mídias. Séries.



LAZER NA FORMAÇÃO INTEGRAL EM UMA ESCOLA RESIDÊNCIA

Wesley Santos do Vale

wvale@escolasesc.com.br

Escola Sesc de Ensino Médio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

A Escola Sesc de Ensino Médio se caracteriza por oferecer uma educação efetivamente integral para uma comunidade de estudantes e educadores que representa a vasta diversidade cultural brasileira. Os estudantes vêm de todos os estados do Brasil para formar, juntamente com a equipe de educadores, uma comunidade educativa. A partir dessa singularidade, observamos como o lazer é aplicado nas diferentes regiões do país e realizamos trocas de aprendizagens a partir de atividades culturais regionais. Esse é um projeto de educação integral muito rico, pois temos a oportunidade de ampliar o “significado de lazer” a partir do conhecimento e da vivência que cada sujeito traz consigo. Para muitos estudantes, devido ao fato de serem oriundos de cidades interioranas, o lazer não é uma realidade e o primeiro contato se dá na Escola. Além da grade curricular acadêmica, o regime de uma escola residência possibilita uma maior oferta de atividades de lazer que enriquecem a formação integral de todos os sujeitos envolvidos na nossa comunidade escolar. O final de semana na Escola Sesc de Ensino Médio é um momento especial para se ampliar a convivência comunitária, tempo de fruição e de vivenciar oportunidades ricas de troca e aprendizagem. A programação das atividades (passeios culturais, trilhas ecológicas, rodas de música, saída para praia, compras, sessões de cinema, teatro, piscina, jogos, prática de esportes e oficinas) é planejada visando tanto a interação como o bem-estar dos estudantes e da comunidade escolar. O programa visa proporcionar experiências singulares vividas dentro e fora do campus da Escola Sesc, por meio da prática de atividades que promovam a formação da identidade e o comprometimento socioambiental (mobilidade urbana, horta comunitária, projetos sociais etc). Além disso, as atividades possuem o potencial de criar internamente uma atmosfera mais leve, uma vez que os finais de semana são um solo fértil para o conhecimento, a criação e a expressão de saberes transcurriculares. As atividades de lazer são desenvolvidas há dez anos e identificamos que a imersão dos nossos estudantes provoca impactos significativos no comprometimento social, na qualidade de vida, na felicidade e na formação de um cidadão mais produtivo e responsável. Esse impacto também atinge toda a equipe de professores e funcionários administrativos (na condição de educadores) que participam e acompanham as propostas de lazer oferecidas no cotidiano da comunidade escolar. O lazer transforma e contribui fundamentalmente para a formação e desenvolvimento social, emocional, afetivo e acadêmico de todos os que têm a possibilidade de vivenciar essa experiência única de convívio com a nossa vasta pluralidade cultural.

Palavras chave: Formação integral. Comunidade. Identidade.



PROJETO 1, 2, 3 E FÉRIAS! NO SESC ITAQUERA

**Gisele Lopes Ribeiro; Morrissey Vieira de Pádua; Natalia Sanches de Mello;
Tuani Arlete Rizzo**

tuani@itaquera.sesc.sp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo, São Paulo, Brasil

Considerando a urgência e necessidade de ações e espaços de lazer para crianças durante as férias escolares, em especial na zona leste da cidade de São Paulo, a equipe de educadores recreativos do Sesc Itaquera propôs no ano de 2013 a realização do *Projeto 1,2,3 e férias!* – um campo de férias cuja proposta é fomentar o repertório e a fruição cultural e artística na convivência entre crianças e educadores. Em 2018 ele chegará a sua 8ª edição, atendendo cerca de 100 crianças de 07 a 12 anos com atividades realizadas de quarta a sexta-feira, das 10h às 16h30, gratuitamente. O Projeto foi elaborado priorizando a criança, e não a necessidade dos pais em ter onde “deixá-la” no período de férias. Com um olhar voltado ao universo infantil, a cada edição é proposto um tema diferente que irá nortear as ações desenvolvidas, levando em consideração as observações e sugestões dos participantes de edições anteriores. A programação do projeto tem como objetivos revelar e estimular, através da ludicidade, o repertório cultural e a potência criativa dos participantes, bem como o desenvolvimento motor e o raciocínio lógico; valorizar a sociabilização, o cooperativismo, o respeito à diversidade, aproximando e expandindo o conhecimento das crianças sobre diferentes linguagens artísticas. Para isso, os educadores elaboram atividades diversas, como gincanas e oficinas envolvendo pesquisa de jogos, brincadeiras, contratações artísticas e atividades lúdicas diversas. Além destas atividades, as crianças também vivenciam uma rotina com rodas de conversa sobre o dia, refeições e organização do espaço de referência, onde fazem grande parte das atividades. No final do projeto, elas participam de algumas produções artísticas, como minivídeos, saraus, exposição de artes ou algo que tenha sido mais significativo para o grupo durante esse período. O projeto ocupa vários espaços da unidade, como áreas verdes, ginásio de esportes e parques temáticos, possibilitando a programação de atividades físicas, contemplação de ambientes naturais e o estímulo à imaginação. No entanto, ele é passível de realização mesmo em locais com poucas opções de espaços, pois o seu eixo central é o protagonismo das crianças frente às ações programadas pelos educadores. As ações educativas do *Projeto 1,2,3 e férias!* caminham no sentido de valorizar a fruição do tempo livre (férias) com atividades que estimulam a criatividade, o livre brincar e a socialização, ações que contribuem para formação integral do ser humano para as crianças, mas também trazendo essa clareza e necessidade aos adultos, dentro de suas realidades.

Palavras chave: Lazer. Crianças. Cultura. Protagonismo.



PROJETO APRENDA A DIZER NÃO: PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTO-JUVENIL

Christiano Henrique da Silva Maranhão; Salete Gonçalves

christianomaranhao@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil / Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil

O presente resumo sintetiza a experiência do projeto “Aprenda a Dizer Não: prevenindo a exploração sexual de adolescentes e jovens no contexto do turismo de Natal/RN”, fomentado pela ONG RESPOSTA em parceria com DKA-Áustria. Os subsídios aqui apresentados são resultados da atuação do autor, enquanto facilitador das oficinas, durante os anos de 2013 e 2014. Contudo, informa-se que o projeto foi planejado para atuar no triênio 2012, 2013 e 2014. Com o objetivo de realizar oficinas educativas, a partir da perspectiva de autoproteção, com adolescentes e jovens envolvidos no contexto do turismo na cidade do Natal, em face da realização da Copa do Mundo FIFA-2014, o aludido projeto justifica-se devido à cidade do Natal ter sido eleita como uma das sedes do megaevento esportivo, conjuntura que previa a chegada de visitantes à cidade. Conforme a Polícia Federal (2014), quase 700 mil turistas estrangeiros entraram no Brasil durante a Copa do Mundo FIFA-2014, apresentando um volume 131% superior ao ano de 2013. O projeto ratifica-se, ainda, devido à cidade do Natal apresentar um panorama preocupante de casos de violência sexual contra adolescentes e jovens no contexto do turismo, e fundamenta-se na compreensão dos conceitos de autoproteção e da ludicidade (LUCKESI, 2002). Metodologicamente, se caracteriza como um trabalho de análise sobre a prevenção da violência sexual de adolescentes e jovens no contexto do turismo na cidade do Natal, com base no viés participativo, fazendo uso do seguinte roteiro operacional: (1) Aplicação do Grupo focal I; (2) Realização de oficinas educativas, com recursos dinâmicos (gincanas, vídeos, músicas e atividades manuais); (3) Aplicação de avaliação sequencial; (4) Produção de manual de autoproteção; (5) Realização de oficinas de multiplicação; (6) Realização do Grupo focal II. Sistemáticamente, o projeto estruturou-se com doze encontros, realizados nas instalações do IFRN. O público-alvo era formado por adolescentes e jovens, na faixa etária entre 12 e 18 anos (ambos os sexos), residentes nos bairros periféricos da cidade, e selecionados a partir de parcerias: *Caminhos do Sol PDA*, *Centro Educacional Dom Bosco* e *Projeto Vira Vida* (SESI/RN). Porém, informa-se que os participantes não necessariamente vivenciaram experiências de violência sexual. Entende-se que o projeto, além de educativo, passa pelo viés preventivo. Os resultados evidenciaram avanços no empoderamento dos participantes diante das principais questões da violação dos direitos humanos. Os participantes indicaram a pobreza, falta de diálogo familiar, falta de estudo, trabalho e acesso ao lazer, como fatores que favorecem a entrada no mercado do sexo. Destaca-se a particularidade de casos de exploração sexual com meninos, que geralmente silenciam a violência sofrida, por conta da cultura machista. O projeto encerrou suas atividades em 2014, diante de uma avaliação positiva. No entanto, entende-se que é relevante a continuidade e a ampliação do escopo do projeto, a fim de atingir novos sujeitos e destinos, e paralelo a isso, observa-se a demanda de retornar aos sujeitos já formados buscando entender se a participação no projeto favoreceu as mudanças nas escolhas, ações e no modo de ver e intervir no mundo.

Palavras chave: Violência sexual. Adolescentes e jovens. Oficinas educativas. Autoproteção. Lazer.



PROJETO DE LEITURA DO INSTITUTO FEDERAL: AVALIAÇÃO CRÍTICA

Luciana Pereira de Moura Carneiro; Elaine Aparecida Campideli Hoyos; Maria Victória de Oliveira Cardoso

lucianapmoura@ifsp.edu.br

Instituto Federal de São Paulo, Avaré, SP, Brasil

O Projeto de Leitura do Instituto Federal (PLIF) é um projeto de extensão que reúne várias ações de incentivo à leitura lideradas por docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (Campus Avaré). O primeiro eixo de atuação é o “Leitura de Sobremesa”, que reúne adolescentes no horário do almoço e que, por cerca de 30 minutos, fazem leituras sobre temas relacionados a essa fase da vida, com livros da autora Paula Pimenta voltados ao público adolescente. No primeiro ano do projeto foram lidos os livros “Fazendo meu filme” (volumes 1 e 2) e no segundo ano, “Princesa Adormecida”. O segundo eixo trabalhado no projeto é “Ler e Gostar: é só começar” com contação de histórias em espaços voltados ao público infantil. No primeiro ano o projeto foi desenvolvido em uma creche municipal (EMEB Zaini Zequi) nas proximidades do Instituto Federal. No segundo ano, em parceria com a Biblioteca Pública Municipal Prof. Francisco Rodrigues dos Santos, duas bolsistas realizam a contação de histórias duas vezes por semana (às terças-feiras, nos períodos da manhã e tarde). Para Dumazedier (2001, p. 34), “o lazer é o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”. Assim, considera-se que este projeto vem ao encontro das demandas dos discentes do campus por atividades de lazer no período em que estão dentro da escola. Para Costa (2008, p. 11 apud CARNEIRO et. al., 2017) “as atividades de lazer, no contexto escolar, propiciam, dentre outros aspectos, o bem-estar psicológico e o desenvolvimento pessoal dos indivíduos que delas participam”. Todos os alunos precisam ter a oportunidade de conviver e se divertir nos horários em que não estão na sala de aula. O que deve mudar, a cada etapa, são as propostas, com a finalidade de atender às diferentes faixas etárias. Enquanto brincam, jogam e interagem em atividades com música, leitura ou bate-papos, crianças e adolescentes aprendem a ser cooperativos “ aliás, a origem da palavra brincar vem de “estabelecer vínculos com o outro”. (GESTÃO ESCOLAR, 2010). Durante os dois anos consecutivos em que se desenvolveu o projeto foram feitos alguns apontamentos por seus organizadores com relação à avaliação do mesmo. Portanto, considera-se que o projeto é extremamente relevante para o público-alvo, tanto para as crianças atendidas via Biblioteca Municipal como aos adolescentes discentes do IF. Entretanto, acredita-se que o projeto poderia ser melhor desenvolvido se: ambos bolsistas tivessem o mesmo nível de comprometimento durante todos os meses de desenvolvimento do projeto; houvesse um maior número de bolsistas; fossem firmadas parcerias com outras instituições no município. Para o próximo ano pretende-se implantar alterações, tanto no processo seletivo dos bolsistas como no edital a ser submetido, visando suprir as demandas do projeto.

Palavras-Chave: Leitura. Lazer. Juventude. Infância.



WHAT FACTORS HAVE CONSTRAINED GROWTH OF TEENAGERS IN CHINA

Ma Huidi

mahuidi@china.com

Leisure Studies Center, Chinese National Academy of Arts; Beijing, China

Leisure as a state of existence and way of life is of great significance for the full and free development of the human beings, teenagers in particular. According to the data released by the National Bureau of Statistics of China from the sixth national census conducted on 28 April 2011, the total population in China is 1,370,536,875; among them, population in the age bracket of 0-18 accounts for about 22%, roughly 280 million people. In view of the rapid economic growth over the past 3 decades in China, the capital investments in things such as leisure education, leisure facilities, activity venues, public services, safety and security, social organizations and school sports for children and adolescents are woefully insufficient. In order for children to cope with competition in the future, the parents, families and schools have been constantly strengthening “exam-oriented education”. As a result, the normal free time for the young has to give way to various types of schoolwork and assignments. It is heart wrenching to see children as young as 3 to 5 years of age also involved in various conditioning learning. All these factors pose obstacles to the children’s leisure time and restrict their leisure activities, leading the full and free development to nothing but an empty talk on paper. According to *The Report on the Status of Teenager Participation in China (2017)*, how much free time they have every day and what have they done? What kinds of values and selective power to choose in public leisure activities? What is the condition of their physical and mental feature? Then, analysis from this case: what are the factors that restrict the full and free development of the teenagers? What are the deficiencies of the social culture and structural mechanism that need to be addressed? How the unique characteristics of the youth growth are ignored by the public awareness and social service? What are the special features and psychological needs of contemporary adolescents? What kind of serious consequences can happen under the constraints of the various restrictions? According to the theory of leisure sociology, there are different stages in life, especially for the children games, the curiosity of teenagers and the friendship between young people, to help their “state of becoming” and “socialization”(John Kelly). Cultivating positive leisure values have a good benefit and all kinds of leisure activities will play an important role. In developed countries, leisure has become a social organization system, and it must be considered for economic resource allocation, rational layout of ecological environment, public service, social management and family education. How to solve various factors that restrict the growth of young people, how to learn successful experience and how to face challenges for the sustainable development of social economy in future. Because the young people are strongest, then, the country is powerful as well. This article will attempt to explore the above issues from the perspective of leisure sociology.

Keywords: Teenagers; Leisure Participation; Restrictive factors; grave consequences.



TEMA 4

LAZER, ESPORTE E ATIVIDADE FÍSICA

**LEISURE, SPORTS AND PHYSICAL
ACTIVITIES**

OCIO, DEPORTE Y ACTIVIDA FÍSICA



A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NO DESEMPENHO DA CAMINHADA

Fabiola F. B. Bruzinga

fabiolabruzinga@yahoo.com.br

Escola Estadual Profa. Marilda de Oliveira / Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Vários são os estudos sobre a influência da música nas diversas formas de culto ao corpo (aeróbica, *step*, localizada e/ou alongamento), mas pouco se sabe sobre a relação dela com a caminhada. O objetivo do presente estudo foi analisar se a utilização da música durante a caminhada proteria melhores resultados no que diz respeito ao desempenho (tempo mais curto para completar um determinado percurso). Foram medidos os tempos para realização de um percurso de 1660 metros de uma via pública amplamente utilizada na cidade para práticas de caminhada e corrida leve. Um total de 31 pessoas não sedentárias, sendo 17 mulheres e 14 homens, com idades de 18 aos 35 anos, foram avaliadas nas mesmas condições de horário e clima. Todos os participantes foram avaliados em três situações enquanto caminhavam: A (caminhada sem música); B (caminhada ouvindo músicas de 90 a 120 bpm); e C (caminhada ouvindo músicas de 140 e 160 bpm). Para contagem do número de batimentos por minuto, bpm, que determina o ritmo musical, foi utilizado o programa MIXMEISTER BPM ANALYZER. O melhor índice, tempo mais curto para realização do percurso, foi observado na situação “C”, na qual foram utilizadas músicas mais “aceleradas”, i.e., bpm mais elevado, e de língua estrangeira, comumente tocadas em academias de ginástica e musculação. Uma possível explicação é o fato de que os participantes caminhem com passadas mais espaçadas e em ritmo mais acelerado por não estabelecerem vinculação sentimental com as músicas tocadas. Além disso, o ritmo musical da categoria “C” também induz uma sincronização entre os ritmos das passadas e o da cadência musical (Anshel & Marisi, 1979; Martins, 1996). A situação “B” continha músicas brasileiras e estrangeiras, o que pode ter criado vinculação sentimental dos participantes com as músicas. Como um dos objetivos também era averiguar com que tipo de música os participantes percorreriam a maior distância, pode-se concluir que com músicas de ritmo acelerado, entre 140 bpm a 160 bpm, da situação “C”, os participantes foram capazes de caminhar a distância de 1660m em menor tempo. Estes resultados mostram que a música exerce influência direta na prática da caminhada. Não foi possível, contudo, inferir sobre os gêneros dos participantes, diferenças significativas ($p > 0,05$). Pode-se concluir que a presença da música durante a prática da caminhada pode contribuir para a melhoria do desempenho do indivíduo e que a música de ritmo acelerado tende a aumentar mais ainda o desempenho destes que a música de bpm baixo, em torno de 90 a 120 bpm.

Palavras chave: Lazer. Caminhada. Música.



A INFLUÊNCIA DO TREINO EM GRUPO PARA CORREDORES RECREACIONAIS

**Vanessa Cardoso Malta Ribeiro; Wania Cristina Nogueira e Silva;
Ana Paula Kogake Claudio Lima**
nessamalta37@gmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc, São José dos Campos, São Paulo, Brasil

A corrida é um fenômeno sociocultural que vem ganhando adeptos em todo o país, por ser um esporte democrático, acessível e de baixo custo (Salicio, 2017). Dentre os corredores de rua existem diferentes perfis: recreacionais, amadores e profissionais. Tais perfis diferenciam-se de acordo com o nível de treinamento, regularidade e participação em provas (Oliveira, 2015). Corredores recreacionais cumprem menores volumes de treinamento e de competição. Seus interesses pela prática transitam entre a integração social, a diminuição do estresse, a promoção de saúde, a estética e a vontade de manterem-se competitivamente ativos (Moraes et al., 2015). Com relação à integração social, Franco (2010) mostra que depois de iniciar os treinos em grupo os corredores superam suas marcas e ampliam o seu círculo de amizade. Assim, o objetivo deste estudo foi verificar se o treino em grupo influencia os corredores recreacionais do *Clube da Corrida* do Serviço Social do Comércio (SESC) de São José dos Campos a participarem de provas de rua. O método utilizado foi de questionário estruturado composto por 18 questões de múltipla escolha. O número de sujeitos foi definido com base no critério de saturação dos dados. Participaram do estudo 40 indivíduos (28 mulheres e 12 homens) com idade média de 40,42 anos (DP=10,10). Os resultados mostraram que 73% dos alunos matricularam-se no *Clube da Corrida* pela motivação em se treinar em grupo e 45% pela qualidade dos profissionais. O objetivo da procura foi para melhorar a qualidade de vida (75%), a saúde (63%) e a prática segura da corrida (45%). Em compensação, apenas 10% dos alunos apontaram a estética como objetivo. Além disso, foi verificado um aumento de 26% de alunos (Antes (A) = 15, Depois (D) = 26) na prática de corrida com regularidade e de 38% (A = 12, D = 38) na participação em provas de rua. Foi verificado um aumento da quilometragem percorrida pelos alunos nas provas de rua (10Km, A = 5, D = 19; 21Km, A = 3, D = 9; 42Km, A = 0, D = 3). Portanto, a prática da corrida em grupo para corredores recreacionais não se dá pela estética, mas sim pelo convívio em grupo, corroborando com os achados de Truccolo (2008) e Franco (2010). Os resultados ainda indicam que a motivação em se treinar em grupo auxilia no aumento de adeptos na participação de corridas de rua, na prática regular de corrida e no aumento de suas marcas pessoais. Deste modo, o treino em grupo no *Clube da Corrida* do SESC São José dos Campos influencia os alunos, corredores recreacionais, na participação em provas de rua.

Palavras chave: Corrida. Corredores recreacionais. SESC. Treino em grupo.



A MARATONA COMO ATIVIDADE FÍSICA DE LAZER

**Ana Carolina Marques Silva; Diogo Barbosa Albuquerque;
Clara Maria Silvestre Monteiro Freitas**

anninhaamarques@hotmail.com

Universidade de Pernambuco – UPE, Recife, Pernambuco, Brasil

Elias e Dunning (1992) afirmam que o lazer acontece por uma necessidade humana de manter o equilíbrio através de ações que ajudem a controlar seus conflitos (emoções e tensões). Neste sentido, algumas modalidades de atividade física se destacam como atividades de lazer, entre elas está a corrida de rua. Esta se caracteriza por possibilitar aos praticantes sensações de prazer, diversão, sentimento de orgulho, realização, além de contribuir para a saúde e qualidade de vida. As provas variam entre 5Km, 10km, 15km, até as com percursos maiores, como a meia maratona (21,097Km) e a maratona (42,195Km). A maratona é uma das provas que mais atrai o público, atingindo corredores de diferentes idades, gêneros e classes sociais. Considerando que cada maratona proporciona experiências distintas das corridas com menores percursos, a depender do local, clima, participantes e a escassez de discussões que a evidenciem como possibilidade de atividade física de lazer, o objetivo deste estudo é descrever experiências de maratonistas amadores da cidade do Recife, explorando o fenômeno à luz de autores e estudos sobre o Lazer. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa. A amostra foi composta por oito sujeitos, realizada por conveniência. Foram inclusos: maratonistas amadores de ambos os sexos com idades a partir dos 18 anos, que treinem corrida de rua na cidade do Recife/PE. Foram excluídos da pesquisa os indivíduos que não completaram, na íntegra, a entrevista semiestruturada e o questionário sociodemográfico. A coleta de dados foi realizada num parque público da cidade de Recife/PE, sendo aplicadas entrevistas semiestruturadas presenciais, respondidas oralmente, gravadas em suporte de áudio e transcritas contendo, respeitosamente, as informações concedidas pelos sujeitos, além de um questionário sociodemográfico a fim de caracterizar os sujeitos da pesquisa. A tabulação dos questionários foi realizada pelo programa *Microsoft Excel* versão 2010. Para análise dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004). Todos os sujeitos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Pernambuco, sob o CAAE: 61687416.2.0000.5207. Apesar de os períodos de preparação e treinamento serem marcados por uma rotina que, por vezes, fora caracterizada como exaustiva e realizada como consequência de renúncias que interferiam em suas vidas sociais e pessoais, os momentos de socialização nos grupos de corrida e os instantes pré, durante e pós-prova superam estas fases, revelando-se determinantes para a permanência dos indivíduos nesta prática. Especialmente por serem amadores, os indivíduos a buscam pelo desafio, superação de limites, autoconhecimento, bem-estar, socialização, ajustando os treinos de corrida às suas rotinas como possibilidade terapêutica, por prazer e vontade própria. Portanto, seus benefícios se sobrepõem a rotinas e obrigações pertencentes ao período de preparação, visando à idealização de uma melhor qualidade de vida. Assim, o profissional responsável valer-se-á da corrida de rua como preparação para uma prova de maratona, contribuindo no engajamento de pessoas em atividades de lazer e, conseqüentemente, os beneficiando com os resultados fisiológicos, psicológicos e sociais da atividade física.

Palavras chave: Atividades de lazer. Atividade física. Corrida. Maratona.



AS MARÉS DE AVENTURA: O SURFE ENTRE AÇÕES E POSSIBILIDADES

**Emilly Yasmin Corrêa Dias; Patrícia do Socorro Chaves de Araújo;
Emanuele Nazaré da Silva; Tadeu João Ribeiro Baptista**

patriciadaraujo@hotmail.com

Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, Pará, Brasil / Faculdade Integrada Brasil
Amazônia – FIBRA, Belém, Pará, Brasil / Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia,
Goiás, Brasil

O presente trabalho apresenta análises acerca das políticas públicas de incentivo ao surfe no município de Salinópolis/PA, apresentando o espaço da cidade como local propício para o desenvolvimento deste esporte. A metodologia consistiu em consulta bibliográfica, pesquisa de campo realizada através de observação e perguntas semiestruturadas, que destacaram as falas de nove colaboradores, sendo sete atletas presentes no *ranking* estadual (2017) e dois gestores de ações de incentivo ao surfe no município. Foi utilizada uma abordagem fenomenológica, de enfoque qualitativo, e método da análise de conteúdo (Bardin, 2011). Para compreender os aspectos desta pesquisa foram utilizados Mascarenhas e Bahia no âmbito do lazer e políticas públicas, Ribeiro (2003), Knijnck Cruz (2010) e Dias (2008) para a trajetória histórica do surfe; Santos (1996; 2017) e Bruhns (1997) para a apropriação espacial. Os resultados apontam que, apesar da visibilidade e do reconhecimento dos atletas, não ocorre investimento do poder público para o surfe na cidade de Salinópolis/PA, sendo que o desenvolvimento e apoio à modalidade dependem da mobilização de associações. E apesar de o surfe ser praticado em Salinópolis/PA há mais de trinta anos, continua não sendo acessível a todos, as mesmas dificuldades ainda estão presentes no cotidiano dos surfistas: a dificuldade de locomoção com a prancha, além do custo elevado para a manutenção no esporte. E, embora em menor quantidade, o estereótipo sobre o estilo de vida dessa população foi um rótulo que deixou muitos tabus sobre a prática do surfe no município. O tempo que os surfistas esperam as ondas propícias para surfar, as falas em gírias e um grupo que utilizava drogas ilícitas em meio ao ambiente do surfe trouxeram à tona um rótulo que associa o surfe a vadiagem. Em conversas paralelas, os colaboradores falam do preconceito sobre a fama dos surfistas, não na mesma proporção de antes, mas ainda ocorre. É um cenário que está em transformação, não aceitando mais comportamento flexível com o uso de drogas. A ascensão do esporte em nível mundial como modalidade olímpica condena, ao menos no cenário competitivo, o uso de substâncias que influenciem no desempenho dos atletas. Na visão dos atletas colaboradores da pesquisa, a invisibilidade do surfe no município e a carência de investimentos do poder público são atribuídas à imagem do surfista rotulada através do tempo. E isso dificulta os investimentos e ações para a promoção do surfe no município. Conclui-se que, por não haver investimento do poder público voltado para o surfe em Salinópolis/PA, mesmo o meio ambiente sendo favorável à prática desse esporte, vê-se como relevante a criação de projetos voltados ao surfe que envolvam o ambiente natural da cidade em programas de lazer e preservação ambiental.

Palavras chave: Esporte e lazer. Políticas públicas. Salinópolis/PA. Surfe.



ASPECTOS LÚDICOS IDENTIFICADOS EM PRÁTICAS COLETIVAS DE ESPORTES DENOMINADOS INDIVIDUAIS

**Eduardo Garcia; Adriana Pepe Capezzuto; Artur Henrique Barbosa;
Breno Batista Dallaqua; Jefferson John da Silva Santos**

gesportes.estudos@gmail.com

Grupo de Estudos em Saúde Populacional, Recreação e Treinamento Esportivo – GESPORTES, São Paulo, São Paulo, Brasil / Serviço Social do Comércio – SESC, Departamento Físico-Esportivo, São Paulo, São Paulo, Brasil

O contexto de lazer pode ser dividido em cinco áreas de interesses: físicos, práticos, artísticos, intelectuais e sociais. Os interesses físicos podem englobar diversas possibilidades de práticas corporais e esportivas, dentre elas a prática da caminhada (CA), corrida (CO) e do ciclismo (CI), por exemplo. Essas práticas se convergem pela acessibilidade e pelo vínculo gerado em relação ao espaço da prática, permitindo com que o indivíduo se aproprie dessas modalidades para executar suas atividades cotidianas. Portanto, o objetivo deste estudo foi analisar, através da aplicação de um questionário, as formas de utilização da caminhada, corrida e ciclismo entre praticantes de atividades físicas da capital paulistana e interior de São Paulo e a sua relação com o lazer. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário disponibilizado na internet (*Google formulários*) no período de 15/09/2017 a 25/09/2017, no qual se respondeu às seguintes questões: Sexo; idade; local que reside; se pratica a atividade de caminhada, corrida ou ciclismo; se pratica uma, duas, ou as três atividades ou se pratica outras atividades; por qual motivo realiza a prática; há quanto tempo realiza a atividade; com qual frequência; se pratica sozinho ou em grupos; em qual local pratica a(s) atividades; se se sente seguro nos locais em que pratica; em qual período do dia e se utiliza os modais nas suas atividades de vida diária. Participaram da pesquisa 178 indivíduos, voluntários, com histórico de atividade física e assintomáticos. A pesquisa consistiu de 49,43% dos indivíduos residentes na cidade de São Paulo, 25,28% em Sorocaba, 15,74% em Catanduva e 9,55% em outras cidades do interior paulista. Onde 35,71% são homens e 64,29% são mulheres, sendo que 57,15% têm menos de 40 anos e 42,85% mais de 40 anos. Os participantes foram divididos em três grupos, de acordo com o tempo em meses de prática das modalidades CA, CO e CI: I) Grupo composto por praticantes abaixo de 12 meses (G.< 12 meses), onde 28,59% utilizam essas modalidades para realizar as suas atividades cotidianas, destes, 25% pontuaram o lazer como motivo da sua prática; II) Grupo composto por praticantes de 12 meses a 24 meses (G. 12 – 24 meses), onde 53,65% utilizam para suas atividades cotidianas e 45,45% pontuaram o lazer como motivo a prática; e III) Grupo composto por praticantes acima de 24 meses (G. > 24 meses), onde 65,85% utilizam para as suas atividades cotidianas e, destes, 55,55% pontuaram o lazer como motivo da sua prática. Os resultados mostram que quanto maior é o tempo de prática em meses das atividades físicas CA, CO, CI, estas se tornam impressas nas atividades cotidianas do indivíduo, seja pela apropriação do espaço, melhora da saúde ou relação social, aumentando assim as suas possibilidades quanto ao lazer.

Palavras chave: Lúdico. Atividade física. Apropriação.



ASSESSORIAS ESPORTIVAS X CORREDORES DE RUA: UMA POSSIBILIDADE DE LAZER

Karine Barbosa de Oliveira

karine3001@hotmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

As corridas de rua no Brasil, desde 1979, vêm ganhando espaços cada vez maiores nos grandes centros urbanos, nos quais as mídias destacam que não se trata apenas de mais um esporte, mas algo que está se tornando um “estilo de vida”. A corrida de rua está em constante crescimento, principalmente nos últimos anos, no que diz respeito ao número de praticantes, de provas realizadas durante o ano e ao aumento de grupos de corrida – este último também é conhecido como assessorias esportivas. Essas assessorias esportivas são empresas especializadas em atender seus clientes/alunos para a prática da corrida, prescrevendo treinos através de uma orientação de profissionais de Educação Física formados, além disso, possuem pontos de encontros fixos com estrutura e organização próprias. Normalmente possuem parcerias com marcas esportivas que auxiliam na divulgação da marca na cidade em que se situam. A corrida sofre influência da cultura, como qualquer prática esportiva urbana, a partir de reprodução e produção de gestos, costumes, princípios, ritos, entre outros, que compõem a identidade do praticante e acabam sendo reconhecidos como a “tribo” dos corredores. A identidade dos corredores nas assessorias é proporcionada, por exemplo, através do uso de camisas coloridas, que identificam a qual grupo fazem parte, afinal, cada assessoria possui uma cor de camisa que as identifica. O objetivo deste trabalho foi investigar a razão da inserção e da permanência dos praticantes de corridas de rua nas assessorias esportivas na cidade de Belo Horizonte/MG. A pesquisa de campo foi realizada através de um questionário online enviado, por e-mail, a dez assessorias que aceitaram participar do estudo, e estas encaminharam para seus alunos, através da lista de e-mails que possuem. Obtivemos 390 retornos, sendo 179 mulheres e 211 homens, que possuem em sua maioria idade entre 30 e 39 anos e são casados. A maioria dos participantes relatou que a razão principal para a escolha da prática em assessorias é devida à procura por uma orientação profissional e que a sua permanência nas corridas de rua é devida à socialização que a prática num grupo de corrida proporciona, componente dos conteúdos culturais do lazer. A corrida também é considerada pela maioria dos participantes como lazer, em que a questão do prazer, socialização e alívio do estresse foram identificados como justificativa. Concluímos que a questão da socialização proporcionada pela realização de treinos numa assessoria esportiva é importante para a permanência desses corredores nesses grupos. A socialização também foi utilizada como justificativa para classificarem a prática da corrida de rua como um momento de lazer.

Palavras chave: Corrida de rua. Lazer. Assessorias. Sociabilidade. Identidade.



ATIVIDADE FÍSICA E ESPORTES PARA EMPRESAS

Lara Macedo Dias

lara@ipiranga.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo, São Paulo, Brasil

O Sesc, Serviço Social do Comércio, instituição privada sem fins lucrativos de âmbito nacional, mantida pelos empresários do comércio, bens, serviços e turismo, com o objetivo de melhoria do bem-estar e qualidade de vida do trabalhador e de sua família, atua na perspectiva do Lazer em seus diversos aspectos. Em São Paulo, o Sesc mantém 38 unidades operacionais, Centros de Esporte, Lazer e Cultura, com uma ampla programação e diversos programas. Entre eles, o *Sesc Empresa*, programa de relacionamento com empresas para ações de credenciamento e participação dos funcionários em atividades promovidas pelo Sesc. O Sesc Ipiranga, uma das unidades operacionais do Sesc São Paulo, na área físico-esportiva, vem desenvolvendo um trabalho acerca do lazer junto ao Programa *Sesc Empresa*, promovendo a reflexão e vivência da importância do movimento humano, da socialização e convivência, do papel do lazer como protagonista para o bem-estar e melhoria da qualidade de vida. Os projetos e ações desenvolvidos nas empresas visam, ainda, colocar a atividade física e o esporte na agenda diária do trabalhador, dada a importância e amplitude de benefícios que a prática corporal cotidiana promove. Assim, pretendemos que a prática esportiva nas empresas atendidas pelo *Sesc Empresa* seja desenvolvida de forma contínua e não pontual. Atualmente, atendemos, neste formato, três empresas, com as seguintes ações: a) Projeto: “Vamos Correr?!”, com o objetivo de iniciação à corrida, no qual utilizamos o aplicativo MOVE ME, aplicativo de corrida gratuito para smartphone, desenvolvido pelo Sesc São Paulo, que oferece um treinamento de nove semanas, iniciando com caminhada e terminando com trinta minutos e/ou 5Km de corrida contínua. Além do aplicativo o trabalhador pode frequentar as diversas aulas regulares de corrida, em diversos horários, na unidade do Sesc Ipiranga e também podemos planejar alguns encontros na própria empresa e/ou parques próximos à empresa; b) Ocupação da quadra da unidade e vivência de um dos programas permanentes da área físico-esportiva. Nesta ação, agendamos a quadra para utilização dos funcionários da empresa, com a modalidade esportiva preferida por eles, sendo que, em um dos dias do agendamento, ministramos uma aula de trinta minutos de um dos programas da área físico-esportiva, como, por exemplo, uma aula de GMF (Ginástica Multifuncional); c) Ocupação Esportiva na Empresa, em que oferecemos o empréstimo de um determinado equipamento esportivo, por um período pré-determinado, e a vivência de uma ação educativa da modalidade do equipamento, por exemplo: kit de badminton, com a ação de um jogo com o atleta de badminton e/ou aula com um instrutor do Sesc; d) Ações customizadas: ações desenvolvidas conforme a necessidade da empresa, por exemplo: vivências e bate papo para SIPAT, entre outros. Ressaltamos que atendemos mais de dez empresas, ainda de forma pontual. Este novo formato vem sendo desenvolvido há seis meses, e já podemos verificar que nas três empresas envolvidas de forma contínua, os funcionários passaram a participar de mais atividades dentro da unidade do Sesc Ipiranga, e conseqüentemente estão tendo uma vida mais ativa e com mais ações de lazer no seu cotidiano.

Palavras chave: Lazer. Empresas. Esporte. Atividade física. Qualidade de vida.



BARRAGEM DE TÊNIS DE CAMPO: CONSTRUÇÃO COLETIVA E SOCIABILIDADE

Danilo Silveira Campos

danilo@scarlos.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Carlos, São Paulo, Brasil

A participação, o prazer, a melhoria da qualidade de vida e a busca da autonomia nas práticas de lazer conduzem o trabalho do Serviço Social do Comércio – Sesc. A política institucional propõe o entendimento do ‘tempo livre’ como aquele no qual se podem criar oportunidades de escolhas, ou seja, no qual o indivíduo se depara com um leque de possibilidades para fruir e usufruir o seu tempo de lazer. Dentre as ações realizadas pela instituição, as atividades esportivas e o incentivo à prática regular de atividades físicas são maneiras de oportunizar o lazer e ampliar o desenvolvimento cultural dos frequentadores. Assim, a ampliação das experiências esportivas e a inclusão da atividade física na agenda diária são metas constantes, com o entendimento de que, para além da questão da saúde, a atividade físico-esportiva praticada no âmbito do lazer favorece a sociabilidade, estimula o trabalho em equipe e facilita o relacionamento entre pessoas na busca de objetivos comuns. Nesta perspectiva, o Sesc realiza o *Programa Sesc de Esportes*, que consiste na educação para e pelo esporte, por meio de vivências lúdicas nas diversas modalidades esportivas e em diferentes faixas etárias. Na Unidade de São Carlos/SP, entre outras modalidades, desenvolve-se o *Clube do Tênis Adulto*, para pessoas de 16 a 59 anos, voltado à prática regular do Tênis de Campo. Com 20 alunos e aulas duas vezes por semana, emergiu do grupo de alunos o desejo de ampliar os momentos de encontro e de jogo para além das aulas. Nesse sentido, buscando proporcionar aos alunos atividades esportivas no seu tempo de lazer, extrapolando os momentos de aulas, foi proposta a realização de um Torneio perene de Tênis de Campo, chamado Barragem ou Ranking. Para tanto, foi sugerido aos alunos um processo de construção coletiva das regras, formas de disputa, pontuações e desafios. Inicialmente, realizou-se uma pesquisa de regulamentos de clubes/instituições que trabalham com este tipo de Barragem, não somente na cidade de São Carlos como também de outros municípios brasileiros. Após a busca, cada participante leu os regulamentos e discutiram-se as normas, a fim de elaborar as regras do grupo. Além disso, visando facilitar a comunicação e a gestão das atividades do grupo, foi criado um grupo no *WhatsApp* e no *Facebook*, para que os próprios participantes pudessem agendar os desafios, comunicar a tabela de jogos e realizar a atualização do ranking após cada jogo. Por se tratar de uma prática desvinculada da aula semanal, foi aberta a possibilidade da participação de não alunos na Barragem, ampliando, assim, o número de envolvidos na atividade. Os jogos acontecem em dias e horários pré-determinados, o que permite uma boa organização do espaço, garantindo seu uso também por não participantes da Barragem. Com a proposta, foi possível atender a um pedido dos alunos, que solicitavam aumento do número de encontros com o intuito de jogarem (praticarem/conviverem) mais, para além dos encontros nas aulas. Além disso, tal proposta otimizou o uso da quadra de tênis e proporcionou a divulgação da prática do tênis de campo para outras pessoas.

Palavras chave: Construção coletiva. Esporte de lazer. Sesc. Tênis de Campo. Atividades físicas.



BICICLETEAR AL AIRE LIBRE: SU INFLUENCIA EN LOS ESTADOS ANÍMICOS

Jeanneth Herrera-Canales; María Eugenia Jenkins

fecered@gmail.com

Comité Cantonal de Deportes y Recreación de Goicoechea, San José, Costa Rica

INTRODUCCIÓN - El presente trabajo pone de manifiesto el efecto de un programa de Recreación al aire libre en bicicleta, en el estado anímico de las personas participantes en el grupo Goico Cleteadas, organizado por el Comité de Deportes y Recreación del Gobierno Local de Goicoechea, en San José. La participación en éste grupo se ofrece en forma abierta y gratuita a todas aquellas personas mayores de edad que habiten en la región, sin distinción de género, preferencia sexual, raza o religión. Deben poseer su propia bicicleta con los accesorios de seguridad (casco, guantes, rodilleras, luces...), así como una Póliza de Riesgo. **ABORDAJE** - Mediante la aplicación de la prueba de Estados Anímicos (Poms) de Mc Nair y otros (1971), versión abreviada y actualizada por Araya (2011), se evalúan las condiciones de inicio y final de las 20 personas participantes en la ruta de montaña de 10 kilómetros con cuatro estaciones. Para las valoraciones se consideró los ítems de tensión, depresión, cólera, vigor y fatiga y se trianguló los resultados con elementos de desarrollo integral. El programa de la actividad consistió en: a) actividades físicas en bicicleta, que involucran sobre todo potencia y resistencia. Cabe destacar que para ninguna de las personas participantes, esta fue su primera carrera b) actividades sociales en los puntos de encuentro o estaciones, como compartir la comida, apoyo de la familia unida; c) actividades cognitivas como taller de mecánica básica para bicicleta, charla sobre la ruta, su ubicación geográfica y tipos de parajes, previo a la iniciación de la actividad y con la correspondiente realimentación al final y d) actividades espirituales como oración al inicio, contemplación de las maravillas de la naturaleza. **CONSIDERACIONES** - Los resultados mostraron que la variable vigor fue constante en todos los sujetos durante el pre y el post test; por lo tanto, este resultado positivo favorece el avance en los estados anímicos (Araya 2011). El sentimiento de cólera y tensión disminuyó en la mayoría de las personas participantes, aportando también beneficios en el área emocional y física de las mismas. Relativo a la depresión, no se obtuvo datos significativos ya que no se demostró en el pre test grados de depresión. Se concluye que las actividades en bicicleta al aire libre, fueron efectivas para la población destino, dando resultados positivos, no solo en los estados de ánimo, sino también en los diferentes canales de desarrollo, como el social, el físico y el cognitivo.

Palabras clave: Estados Anímicos. Recreación al aire libre. Bicicletear.



BRINCADEIRAS DO MUNDO EM UMA PROPOSTA ESPORTIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

**Mariana Cristina Montanaro; Tatiana Cristina Henrique Vieira;
Giovanna Benjamin Togashi**

mari@pompeia.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – SESC, Unidade Pompeia, São Paulo, São Paulo, Brasil

Conhecer a origem dos esportes, jogos, brincadeiras e seus significados é importante para entender o brincar como construção cultural e a relação da criança com diversas brincadeiras da cultura regional. A partir do conhecimento desse repertório cultural e sua origem, a criança é capaz de dialogar com as diversas práticas, se relacionar com outros indivíduos e se sentir inserida nas práticas de esporte e lazer. As atividades aconteceram na unidade Pompeia do Serviço Social do Comércio (Sesc) em 2016, duas vezes na semana, com duração de duas horas e 30 minutos, em curso gratuito mediante inscrição. Foram submetidas 60 crianças de 6 a 10 anos. O propósito do projeto foi conhecer e vivenciar a cultura esportiva e de lazer regional de diversos países. Os continentes serviram de tema para a divisão dos conteúdos aplicados, além do Brasil, que foi dividido em regiões do país. A cada continente abordado, foram vivenciados esportes, jogos e brincadeiras de origem e/ou popularidade na respectiva região, com construção de brinquedos, e também foi possível realizar a vivência fora do espaço do Sesc, como a escalada esportiva. As crianças foram estimuladas a investigar com os adultos que as rodeavam sobre as brincadeiras que praticavam na infância e buscar em suas próprias memórias aquelas que faziam parte do seu cotidiano. Além de refletir sobre como aprenderam, de onde surgiram e se têm relação com a cultura de outros países. Foi possível conhecer e vivenciar jogos e brincadeiras até então desconhecidos e outros parecidos com a cultura popular brasileira, mas oriundos de outros países. Além disso, puderam refletir sobre os esportes que praticam ou nunca praticaram, suas origens, em quais países têm maior popularidade e suas relações com a cultura local. Durante 30 minutos de cada aula as crianças puderam escolher as atividades a serem realizadas, com ou sem material disponibilizado pelas professoras, de acordo com o objetivo de cada atividade. Esse tempo foi denominado “tempo livre” e as professoras atuaram como mediadoras, observadoras e provocadoras, propondo mudanças caso fosse necessário, sempre levando em conta o desenvolvimento da autonomia do grupo. As famílias também se envolveram com o tema do projeto, fato evidenciado em atividade em parque público na cidade de São Paulo, onde foi realizada uma caça ao tesouro com perguntas e charadas sobre as brincadeiras, jogos e esportes vivenciados pelas crianças. Foram feitos registros fotográficos pelas professoras e as crianças fizeram registros em forma de desenho das diversas atividades realizadas. No final do ano, todo o material construído serviu de base para a confecção de um livro/portfólio de cada criança. Foi possível observar que as crianças se apropriaram do tema, conhecendo diferentes jogos, brincadeiras e esportes de diversas partes do mundo, entendendo sua origem, sabendo jogar e reconhecendo as diferenças e semelhanças com jogos brasileiros além das regras e habilidades envolvidas em cada prática. Este projeto demonstrou-se aplicável e eficaz no que tange à transversalidade no âmbito do esporte e do lazer e pode ser utilizado como eixo temático em outras áreas.

Palavras chave: Esportes. Brincadeiras. Lazer.



CHALLENGES AND CONSEQUENCES OF PHYSICAL ACTIVITY: AT SESC PIRACICABA

Rosana de Almeida e Ferreira

rosanafalmeida@gmail.com

Serviço Social do Comércio - Sesc São Paulo-SP, Brazil

In order to promote social welfare and cultural development of workers of commerce of goods, services, tourism and the entire society, the SESC - Social Service of Commerce - promotes actions in many areas such as education, health, culture, social assistance and leisure. Among the activities, this paper will highlight the research SESC Program for Sports, which understands the sport as a cultural element of education and social inclusion, spreading the spirit of harmony, sociability, cooperation and integration between people and groups of all ages. This research addresses the Adult Sport, in which the SESC Piracicaba develops, since 2010, an action with its regulars leading to the practice of walking and running - walk and run club. In this context, the research aims to check with the group in question, what is the initial challenge to the practice and possible consequences in the lives of practitioners. The research is qualitative. We used semi-structured interview based on anthropological principles of Guertz to work with the universe of meanings, motives, aspirations, beliefs, values and attitudes that corresponds to a deeper space of relationships, processes and phenomena that cannot be reduced to the operationalization of variables (Minayo, 1994). The Road Race, according to statistical data, is gaining more fans in the world. In Brazil, surveys estimate that it is the sport of greater projection for the next five years. The interest in practice are diverse, such as health promotion, aesthetic, social interaction, searching pleasurable or competitive activities, among others. Practiced in the available time among the various social obligations, the race is considered a leisure option while sports physical interest (Dumazedier, 1980). After analyzing the answers we identified that: 1- walk club and race goers attach to practice performed a set of meanings and in most of the answers the biggest challenge for the start of the race is getting out of comfort zone to "put aside laziness". 2- as for the practical consequences of the race in the life of the regulars, all respondents attributed to quality of life, health and social interaction, the latter being greatly enhanced regarding the formation of new friendships. One interviewee reported that a family relationship was significantly positive after the race practice. Given the above, it can be seen that the institution plays an important role in the lives of their regulars to promote sports activities that bring beneficial consequences, thus confirming data already affirmed. It is understood that the choices are given from a challenge and can bring positive consequences as identified in this research.

Keywords: SESC. Leisure. Run. Sports. Health.



CORRIDA DE RUA E LAZER NO BAIRRO DE SANTO AMARO

Livia Cristina Toneto; Patrick Szalontay

livia.ctoneto@sp.senac.br

Centro Universitário SENAC (campus Santo Amaro), São Paulo, SP, Brasil

O trabalho em questão é nosso projeto de iniciação de pesquisa que será desenvolvido no Centro Universitário SENAC. O tema que nos levou a elaborar este projeto é sobre o atletismo, mais especificamente, a corrida de rua enquanto uma prática corporal passível de ser praticada enquanto atividade no lazer dos indivíduos. É fato que nos últimos anos a corrida de rua vem ganhando ascensão dentro da cidade de São Paulo. Inúmeros grupos de corredores iniciantes e até mesmo de atletas amadores surgem no cenário urbano desta metrópole. A ampliação de eventos de corridas organizadas pela iniciativa pública e privada é visível, justamente para atender a demanda de interessados por esta modalidade esportiva. Algumas perguntas surgem neste momento, quais benefícios a corrida de rua pode trazer para os indivíduos? Há políticas públicas para esta modalidade, em especial no bairro de Santo Amaro? Há acessibilidade, adaptações para atender a todos os interessados moradores desta região? Por sermos praticantes deste esporte, nossa percepção primeira é a de que há certa deficiência em termos de políticas públicas voltada para lazer, práticas esportivas e saúde na região, principalmente quanto à corrida de rua. Nem sempre os parques, as praças e as ruas do bairro estão de fato preparadas e com estrutura suficiente para atender as demandas deste tipo de esporte. Outro ponto a salientarmos é que pela corrida de rua ser um esporte fácil de ser praticado, por não requerer tanta técnica, em termos de exercício, por outro lado é uma modalidade cara economicamente, uma vez que a maioria dos eventos deste esporte é pago, o que dificulta o acesso de todos os interessados, e assim parte dos que gostariam de correr as provas como inscritos acabam por fazê-lo informalmente, como “pipoca”, não tendo direito a qualquer tipo de atendimento no caso de algum acidente ou complicação durante a corrida. O objetivo geral do projeto visa mapear espaços públicos dentro da região de Santo Amaro, que possuam estrutura e condições para a prática de atletismo e corrida de rua, tanto para corredores iniciantes quanto para corredores e atletas amadores. É necessário identificar se há objetivos específicos no plano diretor da prefeitura de São Paulo e políticas públicas voltadas para o atletismo com ênfase em corrida de rua; analisar modelos de projetos que fomentem a prática da corrida de rua enquanto atividade realizada no tempo livre dos cidadãos. Sobre a metodologia deste trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, que se valerá dos aspectos bibliográficos e de campo. Este projeto de pesquisa será realizado no decorrer do ano de 2018.

Palavras chave: Corrida de rua. Lazer. Atividade Física.



CORRIDA DESAFIO DAS LENDAS, O ESPORTE E O FOLCLORE BRASILEIRO

Matheus Alves de Amorim

profmatheus@yahoo.com.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

A *Corrida Desafio das Lendas* foi criada no ano de 2014 pelo setor físico-esportivo da unidade do Sesc de Ribeirão Preto e executada anualmente até 2016. A projeção do evento se deu após discussões acerca da prática da corrida, a qual pudesse contemplar crianças, jovens, adultos e suas famílias, assim, surgiu como tema de contextualização o folclore brasileiro. Proposto no mês de agosto, quando em 22 é comemorado o dia nacional do Folclore, o evento evidenciou os principais personagens míticos através de uma corrida em meio à mata, com obstáculos naturais e artificiais, cujo objetivo foi o resgate dos personagens como Saci-Pererê, Curupira, Iara, Vitória-Régia, Boto, entre outros, aprisionados por vilões em busca da exploração das florestas e animais. Um dos critérios para participação foi a inscrição somente de quartetos, em três categorias: Infantil, Família e Adulto. Além da corrida, acompanharam a programação atividades culturais e esportivas como danças, apresentações cênicas e musicais, contações de histórias, oficinas e vivências de desenho e artes manuais, caminhada monitorada, circuito de habilidades motoras para pais e filhos e jogos populares do folclore. Enquanto prática coletiva, a *Corrida Desafio das Lendas* reforçou conceitos básicos como o trabalho em equipe, a prática solidária, a socialização, a liderança, a estratégia dinâmica para as decisões, o companheirismo e a diversão num enredo de mistérios e surpresas. O evento foi realizado na Fundação Educandário “Cel. Quito Junqueira”. No dia da corrida, os procedimentos para a largada tiveram início às 8h. Cada equipe inscrita passava pela tenda de credenciamento e recebia camisetas e fitas que deveriam ser presas à cintura, seus passaportes para o grande jogo. As largadas não eram previamente informadas, ocorriam à medida que os quartetos fossem liberados da tenda de credenciamento e estivessem devidamente uniformizados. No percurso, os participantes se deparavam com obstáculos e pessoas caracterizadas de vilões (caçadores, bruxas, feiticeiros e piratas), que os abordavam para roubar suas vidas. As equipes que finalizassem o trajeto com a bandeira resgatada recebiam medalhas de participação. Não foram os mais rápidos que venceram, mas aqueles que encontraram o personagem, preservaram suas vidas e as de seus amigos e finalizaram os quatro quilômetros juntos. Concluiu-se que a *Corrida Desafio das Lendas*, que conectou o esporte à cultura popular, pode sensibilizar os participantes para a reflexão da importância do lazer em família, da prática de esportes e atividades físicas regulares, da transmissão de nossa identidade através dos jogos e brincadeiras folclóricas, e das relações estreitas e sustentáveis com a natureza por meio de uma corrida totalmente rústica.

Palavras chave: Corrida. Folclore. Lazer.



DANÇAS AFRO E LAZER NA GINÁSTICA MULTIFUNCIONAL DO SESC BOM RETIRO

Ana Carolina Toledo

anacarolina@bomretiro.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc Bom Retiro, São Paulo, São Paulo, Brasil

O presente trabalho tem como proposta o estabelecimento das relações entre os valores do Sesc no campo das atividades físico-esportivas e o uso da corporeidade das danças de matriz afro como abordagem destes valores numa estratégia de lazer dentro do programa de Ginástica Multifuncional (GMF) da unidade Bom Retiro. Contextualiza-se a dança como atividade de lazer, neste trabalho, a partir da definição de Dumazedier (“Lazer e cultura popular”. São Paulo: Perspectiva, 1976), na qual “lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”. Sob a ótica do lazer socioeducativo, o SESC entende os interesses físico-esportivos como um meio para aumento do nível da aptidão física e educação sociocultural, valorizando todos os gêneros de atividades e enfatizando um aumento no nível de participação de sua clientela. O programa de GMF da instituição reflete esta visão articulando objetivos fisiológicos (melhoria da aptidão física geral e aperfeiçoamento de habilidades motoras através do desenvolvimento de capacidades físicas e funções cognitivas) e socioculturais (autonomia integrada à vida cotidiana através do desenvolvimento do gosto permanente pela prática, de uma cultura do corpo que vislumbre o consumo crítico dos conteúdos ligados à corporeidade, associativismo e convivência). O uso das danças de matriz afro como estratégia, nas aulas em grupo do programa GMF, vai ao encontro desta visão e ao conceito de lazer anteriormente descrito ao associar o desenvolvimento de componentes da aptidão física (como resistência cardiovascular, coordenação motora e ritmo) com lazer socioeducativo e desenvolvimento crítico, uma vez que apresenta aos alunos aspectos de uma corporeidade constituinte da cultura de corpo brasileira, a qual ele passa a reconhecer, fruir e autonomamente vivenciar, além de promover um ambiente que facilita a sociabilização utilizando estratégias de aproximação características das manifestações culturais abordadas. Importante destacar que tais aulas são momentos de livre participação, ou seja, o aluno escolhe ou não participar. Para vislumbrar a percepção das alunas participantes das aulas de dança referente aos objetivos acima traçados, o procedimento metodológico utilizado foi questionário, contendo questões fechadas. Como resultado, foi possível constatar que, espontaneamente, a grande maioria das alunas respondentes frequenta a GMF e as aulas de dança por livre escolha, e considera as aulas de dança um momento de lazer, que proporciona diversão e desenvolvimento. Declararam melhora percebida em resistência física, coordenação motora, ritmo, consciência corporal e autoconfiança através destas aulas; e afirmam terem aprendido sobre cultura e, especificamente, sobre manifestações culturais de origem afro. Confirmam, ainda, que as aulas de dança as motivam para prática de outros exercícios físicos e outras danças em seu tempo livre, e que sua atenção para programações de dança se elevou com a frequência nas referidas aulas. Percebem também as aulas de dança como momento de socialização e novas amizades. Todas as respondentes declaram melhora percebida de bem-estar relacionada a esta prática.

Palavras chave: Lazer. Ginástica Multifuncional. Sesc. Dança. Afro.



DO LAZER AO ESPORTE: A HISTÓRIA DO BALONISMO

Luana Mari Noda; Juliano de Souza

luasns@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná, Brasil

No intuito de compreender o balonismo como prática de lazer e esporte, este estudo teve como objetivo verificar o desenvolvimento histórico-cultural do balonismo. Trata-se de um estudo qualitativo de revisão bibliográfica e documental. Para a análise teórica, utilizamos do referencial de Norbert Elias, assim como para verificar o processo de esportivização do balonismo a partir das principais características do Esporte Moderno segundo Norbert Elias e Eric Dunning (1992). Os primeiros relatos de estudos sobre voo tripulado foram feitos pelo padre Bartolomeu de Gusmão que, em 1709, desenvolveu estudos que lhe permitiam acreditar ser possível construir uma máquina de andar pelo ar, iniciando as pesquisas sobre o balão de ar quente. Mas foi apenas em 1783 que os irmãos Montgolfier construíram um balão feito de papel e um tecido leve que transportou seres vivos (WIRTH, 1991). Com o desenvolvimento do balão a gás, logo em seguida, o balão de ar quente ficou em segundo plano, o balonismo a gás cresceu e foram criados clubes para balonistas recreativos. O primeiro foi fundado em 1901, o *Royal Aero Club*, na Inglaterra, que fornecia a seus associados a manutenção de campos para as decolagens, gás, galpões para equipamentos particulares e balões para alugar (OWEN, 1999). Até o final da década de 50, o balão de ar quente era utilizado apenas para estudos meteorológicos e como equipamento militar. O que é considerado como balonismo moderno surgiu em 1956, quando o governo dos Estados Unidos construiu um aeróstato feito de tecido com o ar aquecido por chamas alimentadas por propano (CAMERON, 1980). Somente com o desenvolvimento do balão “moderno” que a modalidade cresceu como opção de lazer, esporte e turismo. A partir desse modelo, foi possível configurar o balão para passeios aéreos, voos turísticos, festivais demonstrativos e eventos competitivos. Do ponto de vista esportivo, a renovação do balão de ar quente trouxe um desenvolvimento significativo, tendo seu primeiro campeonato de balonismo em 1963 e o primeiro campeonato mundial em 1973. O balão tornou-se uma possibilidade de vivenciar o ambiente de maneira diferenciada, criando circuitos de turismo ao redor do mundo a exemplo da Capadócia, dos safaris aéreos na África do Sul e os voos sobre as pirâmides do Egito e de Tehuacán, no México. Além dos grandes festivais internacionais que possuem público expressivo e participação de pilotos do mundo todo, como o Festival de Albuquerque-US, Festival del Globo, no México, Gordon Bennet na Europa, Festival de Torres no Brasil e o Festival de Saga, no Japão. Nessa perspectiva, podemos perceber que o balonismo como vivência físico-esportiva realizado na natureza enquanto conteúdo cultural de lazer possui um desenvolvimento histórico pautado na modernização do balão – na medida em que a tecnologia da aeronave se desenvolveu, novas possibilidades de voo surgiram, tornando-o mais fácil e seguro.

Palavras chave: Balonismo. Esporte e lazer. História.



DO PONTO A AO PONTO B: ANÁLISES DO PARKOUR CURITIBANO

Raíssa Ramos Chagas; Andréia Juliane Drula

deia.drula@gmail.com

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil; Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil

O Parkour é uma prática corporal originada nas cidades periféricas à Paris na década de 1980, podendo ser interpretada não apenas como um exercício físico e de lazer, mas também como uma forma de contestação e ativismo social. Tendo em vista que grande parte das cidades não conta com um planejamento urbano que estimule o uso contínuo do espaço público, os sujeitos praticantes de Parkour se tornam criativos e astuciosos para transformar a realidade em que vivem, a partir de novas maneiras de olhar a cidade, possibilitando diferentes usos e apropriações dos espaços urbanos. Na realidade brasileira, o Parkour vem se propagando como prática urbana desde meados dos anos 2000, e sendo que a capital paranaense, a cidade Curitiba, reconhecida como uma das primeiras cidades brasileiras com o surgimento de praticantes da modalidade. Até o ano de 2014 foram registradas ações e/ou encontros de Parkour que estimulam sua prática em diferentes espaços públicos da cidade curitibana. No entanto, atualmente a prática tem sido levada para o espaço privado, reduzindo suas possibilidades criativas, gratuitas e de ferramenta para a pedagogia urbana dos indivíduos. À vista disso, essa pesquisa pretendeu analisar as principais mudanças do Parkour em Curitiba, a partir de uma metodologia qualitativa, que utilizou de levantamentos históricos sobre esta prática corporal e entrevistas baseadas na História Oral enquanto técnica de pesquisa. Com isso, foram entrevistados quatro sujeitos do gênero masculino com questões sobre o Parkour e sua origem na cidade, possibilitando o acompanhamento de fatos vivenciados pessoalmente em relação à prática, acontecimentos correlacionados, personagens ou pessoas que formaram a prática do Parkour na cidade de Curitiba e por fim os espaços urbanos usados. A fim de enriquecer o estudo, também foram feitas observações dos espaços públicos originalmente reconhecidos pelos praticantes como locais característicos do Parkour em Curitiba. Com base do que foi averiguado com a pesquisa, foi possível notar um crescente enclausuramento da prática na cidade, sendo os dois principais locais de treino dos praticantes locais com estruturas fechadas, sendo ainda que um deles é de caráter privado (uma academia de Parkour) e outro de acesso público, porém localizado em propriedade privada, sendo parte de um projeto da Igreja. Podemos evidenciar com o que foi pesquisado que o Parkour apresenta muitas possibilidades de pedagogia urbana, pois através da prática os traceurs, ressignificam, exploram e se apropriam do espaço urbano. É possível concluir que, apesar de suas características diferenciadas, é necessário que haja uma ampla conscientização das lideranças relacionadas ao Parkour para que dissipem ações que revertam a extinção de sua prática em espaços públicos de Curitiba. Outro ponto evidenciado é que a esportivização de uma prática que prega a liberdade e criatividade no espaço público pode reduzir seus sentidos e significados.

Palavras chave: Parkour. Lazer. Cidade. Prática corporal. Espaço público.



ESCALADA E IMAGINÁRIO: INVESTIGAÇÕES A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DA IMAGEM

Eric Sioji Ito; Ana C. Zimmermann

ericito90@hotmail.com

Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo – EEF/USP,
São Paulo, São Paulo, Brasil

O presente escrito apresenta questões trabalhadas em um projeto de mestrado em andamento na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo. Neste, busca-se investigar as relações entre a escalada e o imaginário humano por meio de uma pesquisa qualitativa com referencial fenomenológico, utilizando-se das teorias do imaginário de Gilbert Durand e Gaston Bachelard. Considerando este referencial teórico, entende-se por escalada uma atividade ancestral, para além de movimentos técnicos sobre uma face rochosa. Assim, trata-se de uma prática corporal também ligada ao silêncio e à contemplação, à fuga do movimento das grandes cidades para o encontro com o natural, com o corpo em relação ao ambiente e com as diversas facetas que surgem do contato do humano com a montanha. Deste modo, a escalada liga-se intrinsecamente ao lazer, ou seja, como uma prática que extrapola as noções de tempo produtivo e que estabelece profundas relações com o ser, com o sensível, com a não objetivação material. Ver a escalada dessa maneira abre caminho para uma visão mais ampla do imaginário desta atividade, sendo este, nas palavras de Gilbert Durand, aquele que deforma as cópias pragmáticas fornecidas pela percepção e esse dinamismo reformador das sensações torna-se o fundamento de toda vida psíquica. Deste modo, o imaginário da escalada é aquele que se torna a base do que se constrói em relação à atividade. É o que move, o que motiva e o que traz prazer em uma atividade sem fins produtivos. A imaginação ligada à nossa corporeidade apresenta expressões do nosso relacionamento com o mundo e com o outro, e auxilia na constituição da ideia de liberdade da lógica produtiva, tão custosa nos contextos atuais. Os momentos de lazer, voltados para escalada, ajudam a constituir esse imaginário que estrutura e fortalece a liberdade de se ter prazer em uma prática de lazer. Através desse modo de ver tanto a escalada como o imaginário, esta pesquisa busca explorar as relações possíveis nesta prática corporal no que diz respeito às teorias do imaginário. A pesquisa parte de uma pesquisa bibliográfica, a fim de aprofundar o conhecimento das teorias tanto do imaginário e da escalada. A coleta de dados se dará através de duas formas: pesquisa documental, buscando relatos publicados de escaladores sobre sua prática; e entrevistas com escaladores iniciantes e experientes em diversas cidades brasileiras. Estes elementos serão analisados à luz das teorias filosóficas do imaginário de Gilbert Durand e Gaston Bachelard. Pretende-se valorizar a perspectiva do lazer na escalada, assim como fornecer subsídios para a criação de novas visões nas relações de ensino desta atividade para crianças e jovens, como para criação de projetos que visem apresentar a escalada como possibilidade de lazer e esporte.

Palavras chave: Escalada. Imaginário. Fenomenologia.



ESCALADA EM ROCHA COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL DE LAZER

**Jarbas Pereira Santos; Marilda Teixeira Mendes; Michela Abreu Francisco Alves;
Tânia Mara Vieira Sampaio; Gislane Ferreira de Melo**

mteixeiramendes@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil / Universidade de Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Luziânia, Goiás, Brasil / Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

O Brasil oferece uma diversidade de possibilidades para a prática de esportes e atividades de aventura, que vêm crescendo, ganhando espaço e obtendo adeptos, que se lançam em novas vivências, experiências, representações, valores e significados inseridos no âmbito da aventura e do desconhecido. Dentre as possibilidades de prática de atividades de aventura, a escalada em rocha é um dos fenômenos que atraem indivíduos pela possibilidade de contato e interação com a natureza, de busca pelas mais variadas paisagens, climas, culturas e atrativos naturais. O estudo teve como objetivo analisar a escalada em rocha como manifestação cultural de esporte e lazer no município de Montes Claros – MG. Pretendemos caracterizar os setores de escalada através de georreferenciamento via GPS (*Global Positioning System*) por coordenadas geográficas (Latitude, Longitude e Altitude) no formato DMS (Graus, Minutos e Segundos) e investigar o perfil dos escaladores que realizam a prática de esporte e atividade de aventura no município. A amostra contou com 32 escaladores (20 do sexo masculino e 12 do sexo feminino), com idades entre 16 e 50 anos, das mais variadas profissões. Tratou-se de uma pesquisa de caráter qualitativo descritivo, com revisão bibliográfica sobre a temática, a fim de constituir um referencial teórico para as posteriores discussões. O instrumento de coleta de dados foi um questionário confeccionado a partir do *Googledocs*, com questões fechadas e abertas, para melhor captar a tradução individual dos participantes em relação à prática da escalada em rocha, aplicado via e-mail através de link de direcionamento, respondido de acordo com a disponibilidade de tempo dos escaladores. Como resultados, verificamos que a região possui grande potencial de vias, formações rochosas e possibilidades de aberturas de diversos setores de escalada. Os escaladores são das mais diversas áreas de formação, com crescente participação de adolescentes, jovens e adultos, onde a prática oportuniza a criação de laços, busca de conhecimento, troca de experiências, experimentação e pertencimento pelas atividades de aventura. Destacamos ainda a crescente participação feminina na escalada em rocha na região, antes considerada atividade do público masculino. A escalada em rocha relatada pelos entrevistados estreita a relação do homem com a natureza e as relações de preservação, interação, respeito, liberdade, reconexão, contemplação, fuga da rotina, possibilidade de prática familiar, prazer, bem estar e descompromisso com o tempo. O levantamento da localização geográfica dos setores de escalada (CEP – Campo Escola Pedreira, Setor Fazendinha, Setor Vieiras, Serra dos Urubus, Setor Tia Tina, e Setor Zuculin) se deu em campo, através do aplicativo *Get Geo-Coordinates*, onde os dados coletados passaram por confirmação de localização no *Mapszoom* – Mapa do Mundo Online e plataforma do *GoogleEarth*. A escalada em rocha não pode ser analisada somente pela ótica da prática do exercício em si, mas pelos aspectos, fatores, valores, significados, códigos e linguagens (oral e corporal) que permeiam o envolvimento, pertencimento e permanência do escalador na atividade de aventura. Concluímos que a escalada em rocha pode ser considerada como uma manifestação cultural de esporte e lazer no município de Montes Claros - MG.

Palavras chave: Escalada em rocha. Setores de escalada. Lazer. Atividades de aventura.



ESPORTES URBANOS: HISTÓRIA, CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS, E BENEFÍCIOS DO “LE PARKOUR”

Willy Fernando da Cruz Pereira; Jefferson John da Silva Santos

gesportes.estudos@gmail.com

Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, São Paulo, Brasil / Serviço Social do Comércio – SESC, Departamento Físico-Esportivo, São Paulo, São Paulo, Brasil / Grupo de Estudos em Saúde Populacional, Recreação e Treinamento Esportivo – GESPORTES, São Paulo, São Paulo, Brasil

O *Le Parkour* é caracterizado pela prática de ações eficientes que utilizam o deslocamento do corpo de um ponto a outro, transpondo obstáculos urbanos ou naturais de uma maneira fluída e com a mínima interrupção do movimento. A modalidade surgiu na França, em meados dos anos 80, e sua tradução é “o percurso”. Seu criador foi o francês David Belle, praticante de ginástica artística desde a infância. O *Parkour* traz inúmeros benefícios, uma vez que põe em prática as habilidades do *tracer* (praticante de *Parkour*) em situações reais de perigo, desenvolve habilidades motoras e cognitivas, estimula a postura crítica, com foco no altruísmo. O *Parkour* é basicamente o método natural de treinar o corpo para se tornar capaz de se mover adiante com agilidade, transpondo os obstáculos e com a mínima interrupção do movimento, sendo o corpo a única ferramenta. As inspirações para essa arte surgiram de várias partes, primeiramente pelo Método Natural desenvolvido por Georges Hébert no século XX. A ideia é trabalhar movimentos que, atualmente, o ser humano deixa de realizar, como andar como quadrúpede ou até mesmo rastejando. Isto posto, o objetivo do presente estudo foi tornar mais conhecido o *Le Parkour*, bem como suas características gerais, conceitos, criação e benefícios. Para esta investigação, nosso estudo se pautou em diversos artigos científicos, livros e sites que nos mostraram o quão benéfica pode ser a prática dos esportes urbanos. Há inúmeros fatores atrativos que podem levar os indivíduos a aderirem a práticas desta modalidade. Entre os benefícios da prática está o fato de aprender a lidar melhor com os limites do corpo e da mente, além de aspectos como: força, resistência, confiança, coordenação, propriocepção, controle corporal e mental, velocidade de raciocínio, concentração, controle do medo, autoestima, autoconfiança, além do altruísmo. Já no ambiente escolar, as contribuições do *Le Parkour* estão ligadas ao desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais. No *Parkour*, assim como em outras modalidades esportivas, existe a probabilidade de lesões e desgaste muscular. Portanto, na sua essência, a prática agrega os princípios de resistência e utilidade, como revela seu lema “Etre et durer” (Ser e Durar). Concluimos, portanto, que dentre os benefícios da modalidade, o trabalho da confiança, propriocepção, controle corporal e mental, velocidade de raciocínio, controle do medo e autoestima, fazem com que os praticantes de *Parkour*, através da prática, se desenvolvam como atletas e como cidadãos. Outro dado importante é que a prática do *Parkour* vem crescendo no Brasil, possivelmente por conta de inúmeros filmes de ação, tais como *A hora do Rush* (Jackie Chan) e *13º Distrito* (David Balle). Apesar de a modalidade não ser competitiva, alguns praticantes afirmam que “o prazer de realizar movimentos livres e superar seus próprios limites pode igualar-se aos méritos e à satisfação de se ganhar um campeonato ou de receber uma medalha de ouro no topo do pódio”.

Palavras chave: Parkour. Esportes urbanos. Esportes radicais.



FLOORBALL EM CAMPINAS: LAZER COM UM ESPORTE NÃO CONVENCIONAL

Guilherme de Arruda Carvalho Freitas

guilhermefreitas.ef@gmail.com

Associação Campineira de Floorball – ACFb, Campinas, São Paulo, Brasil

O *Floorball* é uma modalidade esportiva coletiva semelhante ao hóquei no gelo, sendo jogado sem patins e com menor contato físico. O esporte surgiu na Suécia e chegou ao Brasil em 1998, apresentando expansão significativa desde o início da década de 2010. A trajetória da modalidade em Campinas surge juntamente com minha prática docente em Educação Física nas escolas da rede pública da região, quando elenquei o *Floorball* entre outras modalidades esportivas não convencionais para complementar as ações pedagógicas. Depois de alguns anos trabalhando com o esporte na escola, decidi promovê-lo com o objetivo de ampliar a divulgação e expansão do *Floorball* no Brasil, além de iniciar um trabalho voluntário que trouxesse uma opção de atividade esportiva democrática, segura e gratuita à população de Campinas. No início, adquirei com recursos próprios um conjunto com doze tacos e bolinhas, combinando encontros para jogar com amigos, familiares e conhecidos em praças, parques e quadras esportivas públicas, convidando outras pessoas que lá estavam para participar. Após alguns meses, escolhemos praticar *Floorball* semanalmente na quadra de hóquei *inline* do Parque Portugal, um dos mais importantes espaços de lazer da cidade de Campinas e mais conhecido por “Lagoa do Taquaral”. O esporte tornou-se, então, presente no cotidiano destas pessoas, indivíduos com pouca ou nenhuma experiência esportiva prévia, que encontraram no *Floorball* uma opção viável para preencher seu tempo livre com atividade física nas manhãs de sábado. Deste grupo, surgiu a primeira equipe de *Floorball* em Campinas, com participação nas duas últimas edições do Campeonato Brasileiro da modalidade. No ano de 2017, liderei a criação da Associação Campineira de *Floorball*, entidade sem fins lucrativos cujo principal objetivo é divulgar e fomentar a modalidade na região de Campinas. A Associação trabalha pela consolidação do *Floorball* como opção no lazer do campineiro, o que vem sendo realizado através da inclusão da modalidade entre os cursos gratuitos oferecidos à comunidade na extensão da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a criação de um horário semanal pela unidade do Sesc Campinas em seu ginásio coberto para crianças e adultos jogarem. Outras iniciativas foram a realização de dois festivais de *Floorball* abertos à população e um curso informativo oferecido em parceria com a UNICAMP, além de vivências de *Floorball* em 15 escolas públicas, atendendo gratuitamente mais de 1000 crianças e adolescentes. Após um ano de 2017 com grandes avanços no desenvolvimento do *Floorball* na cidade de Campinas, buscaremos parcerias com órgãos públicos para a criação de escolinhas gratuitas da modalidade para crianças e adolescentes e a realização de treinos para adultos em mais espaços de lazer da cidade. Assim, o *Floorball* poderá se tornar uma realidade esportiva para uma parcela maior da população campineira, além de ocuparmos os espaços ociosos de lazer disponíveis.

Palavras chave: *Floorball*. Campinas. Lazer. Esporte não convencional.



INICIAÇÃO ÀS TRAVESSIAS AQUÁTICAS: COMO ESSA ATIVIDADE TORNA-SE UM LAZER?

Tiago Santiago; Márcia Kato; Sandra Kawaguti; Edson Manzano; Eduardo Satoro
tlsweb@gmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo, São Paulo, Brasil

Este relato de experiência aborda a proposta do Sesc Bom Retiro referente ao clube da travessia como uma forma simultânea de lazer na atividade física de seus praticantes. O SESC é referência em atividades culturais, físicas e educativas voltadas ao atendimento ao trabalhador do comércio, bens e serviços e atende a um público muito maior. Dentro desse universo iniciamos um curso modular com foco em travessias aquáticas em janeiro de 2017, dentro da proposta do *Sesc Verão*, que trouxe como tema central a iniciação ao esporte com 30 integrantes. O formato do curso seria em aulas semanais com uma hora e meia de duração aos domingos, sendo que um critério para seleção e participação era que o aluno soubesse executar o nado *crawl* por pelo menos 200 metros sem parar. O objetivo principal era que ao final do ano todos os alunos conseguissem realizar uma travessia em alto mar de forma segura, prazerosa e que houvesse autonomia para futuras provas. Em cinco meses de trabalho, mais da metade do grupo já realizou sua primeira prova e alguns se sentem aptos para a realização de outras provas sozinhos. Fizemos uma revisão bibliográfica para validar a importância desse curso dentro do Sesc, e o estudo clássico de Joffre Dumazedier (1974) relata que qualquer atividade pode vir a ser um lazer, pois é o resultado de uma livre escolha do indivíduo e sua finalidade deve trazer diversão, descanso e desenvolvimento. Trilla (1993) completa acreditando que para uma atividade de tempo livre converter-se em lazer autêntico é necessário que tenha três características essenciais: autonomia, prazer e autotelismo (fim em si mesmo). Já para Ventosa (2016), é necessário que apresente condições básicas para qualidade de vida, sendo elas visar um desafio ou objetivo com metas definidas e regras claras, com dificuldade adequada e retroalimentação, exigência de concentração, capacidade e sensação de autocontrole, satisfação pessoal e autotelismo ou identificação do porquê e para que daquela atividade, sem pensar em obter algo, realizar por si mesmo ou por puro prazer. Dentro deste contexto, constatamos dentro do curso a importância do prazer durante as aulas, pois aspectos que se restringem apenas à superação de limites ou obtenção de resultados técnicos, de maneira mecanizada, sem atender às expectativas de quem procura tais práticas, acabam contribuindo para o insucesso (BORGES, 2016). Logo, apenas o interesse em atingir determinado objetivo não é suficiente para se garantir um nível motivacional elevado, capaz de manter os alunos em atividade. É necessário um vínculo entre instrutor e aluno, construindo um caminho na busca da construção pedagógica prazerosa (FREIRE; SCHWARTZ, 2005). É notório que a aula e os objetivos propostos tornem-se um momento de lazer e sociabilização. Desta forma o SESC, através do curso modular de travessia aquática, proporcionou um importante momento de aprendizado da autonomia e qualificação do lazer como um dos caminhos possíveis para o autoconhecimento e promoção do bem-estar, tornando as atividades experiências enriquecedoras e repletas de significados na vida dos participantes.

Palavras chave: Iniciação. Lazer. Travessias aquáticas.



LAZER ACADÊMICO: PREPOSIÇÃO DO BRINCAR EM DIFERENTES FORMAS DE RECREAR

Emmanuel Alves; Mateus Doria; Laryssa Ellen; EmyKelly Castro; Izabella Freitas
emmanuelalvescarneiro@gmail.com

Instituto Federal do Ceará – IFCE, Fortaleza, Ceará, Brasil

“Lazer acadêmico: Preposição de brincar em diferentes formas de recrear” é uma proposta pensada e relatada em forma de experiências, partindo do pressuposto de que toda atividade que a pessoa executa em seu tempo disponível, o lazer, sempre visa à diversão, descontração, ou convívio social que possa proporcionar ao indivíduo uma sensação de bem-estar. O objetivo deste texto é relatar experiências vividas por meio de atividades lúdicas nos intervalos escolares, projetos sociais e programas que visam e possibilitam o fazer recrear, por meio de um projeto intitulado “Lazer acadêmico”, registrado no programa de extensão do Instituto Federal do Ceará, que, no ano de 2017, realizou diversas atividades lúdicas. O embasamento teórico é pautado por DUMAZEDIER (1973), BRAMANTE (1998), AQUINO (2014) e MARCELLINO (2000), que relata que “a classe social, o nível de instrução, a faixa etária, o sexo, entre outros fatores, limitam o lazer a uma minoria da população, principalmente se consideramos a frequência na prática e sua qualidade; são indicadores indesejáveis e necessitam ser atacados por uma política que objetive a democratização cultural” e complementa relatando que “a faixa etária também é um aspecto que dificulta a prática do lazer, visto que as crianças e os idosos são esquecidos. A criança, por não ter ainda entrado no ‘mercado produtivo’, e os idosos, por já terem saído deste mesmo ‘mercado’.”. O projeto, em sua teoria, parte de um embasamento em referencial teórico e, em sua prática, desenvolve atividades lúdicas no intervalo de escola pública, através de projetos solidários e corredores culturais com alunos do curso de gestão desportiva e de lazer, que usam, em formato de práticas profissionais, a possibilidade de relatarem formas de vivências por meio de produções acadêmicas. Das diversas atuações realizadas no ano de 2017, alunos com câncer, idosos e adolescentes de ensino médio de escola pública foram contemplados em diversas dessas atividades, como jogos de tabuleiro, atividades de esporte de participação, brinquedos cantados, jogos de perseguição e jogos populares. Os bolsistas fazem a programação do tempo que se coloca disponível e na aplicação são dispostas todas as atividades para serem escolhidas pelos participantes. O projeto geralmente é solicitado pelas entidades a serem contempladas – uma vez disponível o horário e o dia, é feito o agendamento para serem aplicados, e todo o material faz parte do projeto e é disponível para as atividades. “Legal esse projeto”, “quando vocês podem vir de novo para brincar?” e “sempre vão estar por aqui?” foram frases muito utilizadas e propostas por mais de 500 crianças, adolescentes e adultos que se divertiram por meio do projeto “Lazer acadêmico”.

Palavras chave: Acadêmico. Lazer. Lúdico.



LAZER E INDIVÍDUOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Fernanda Pereira de Lima; Livia Cristina Toneto

livia.ctoneto@sp.senac.br

Centro Universitário SENAC, Campus Santo Amaro, São Paulo, São Paulo, Brasil

Apresentamos nosso projeto de iniciação científica que será desenvolvido no Centro Universitário SENAC. Ao longo da Revolução Industrial, o trabalho foi considerado a principal e mais vital atividade de um indivíduo inserido na sociedade. Em contrapartida, na era pós-industrial, o ócio parece lutar para ocupar este lugar, ainda que o tempo de cada indivíduo seja quantificado e comercializado pela indústria e pela própria sociedade (AQUINO et al., 2007). Antes considerados luxos ou atividades sem importância, o lazer e as práticas corporais estão, atualmente, no centro da discussão sobre saúde, bem-estar e qualidade de vida. Com o avanço das tecnologias, a relação do homem com o tempo torna-se cada vez mais relativa, onde o primeiro enche-se de mais atividades, afazeres e trabalho na esperança de, ao final do dia, ter para si mesmo um tempo só dele. No entanto, essa falsa ilusão transforma o homem num ser mecanizado, incapaz de distinguir o ócio, o lazer e as práticas corporais de meras obrigações impostas pela rotina extenuante do cotidiano. Os olhares duvidosos para ócio e o lazer estão enraizados na história da sociedade moderna, que se volta inteiramente para uma educação que visa à qualificação profissional em detrimento às reais necessidades do indivíduo. Pensando numa parcela específica da sociedade, que são os indivíduos em situação de vulnerabilidade, os quais estudaremos neste projeto, este cenário torna-se ainda mais complexo, uma vez que estes indivíduos são excluídos da sociedade, do campo do trabalho, ou atuando em subempregos, e com poucas perspectivas para a prática do lazer. Em vista disso, é importante ressaltar que o lazer pode ser considerado um dos meios para se empoderar e reinserir indivíduos em situação de vulnerabilidade no meio social. Se um cidadão educado, em plena ciência de seus direitos e deveres para com a sociedade, sofre com os limites impostos a seu tempo considerado “livre”, o indivíduo vulnerável socialmente tem um potencial ainda maior de sofrer as consequências da ausência de opções de lazer. Alguns estudos mostram que o lazer e sua associação às práticas corporais pode ser um meio de engajar jovens socialmente vulneráveis em um cenário organizado, sendo este o primeiro passo para trabalhar e alcançar com eles um desenvolvimento mais amplo (Haudenhuyse et al., 2012). O objetivo geral do projeto é investigar as opções de práticas esportivas oferecidas para indivíduos em situação de vulnerabilidade social na região de Santo Amaro, como uma maneira de reinserir na sociedade indivíduos em situação de vulnerabilidade social. Por objetivos específicos temos: a- identificar as práticas esportivas e os espaços de lazer existentes na região de Santo Amaro; b- analisar as ações da rede pública e privada, da região de Santo Amaro, que realizem atividades com o público-alvo desta pesquisa. Enquanto metodologia, este trabalho norteia-se pela pesquisa qualitativa, exploratória, combinando as abordagens bibliográfica e de campo. Este projeto de pesquisa será realizado no decorrer do ano de 2018.

Palavras chave: Práticas corporais. Lazer. Vulnerabilidade social.



LAZER E PRÁTICAS CORPORAIS NA REGIÃO DE SANTO AMARO

Livia Cristina Toneto

livia.ctoneto@sp.senac.br

Centro Universitário SENAC Campus Santo Amaro, São Paulo, São Paulo, Brasil

A proposta deste trabalho é apresentar o projeto de pesquisa 'Práticas corporais, lazer e bem-estar na cidade de São Paulo', pertencente à linha de pesquisa 'Saúde e Bem-estar: prevenção e promoção da saúde' do Centro Universitário SENAC, campus Santo Amaro. A temática do lazer vem sendo discutida com maior profundidade no ocidente desde a Revolução Industrial. Com o capitalismo incentivando a busca de lucro, o aumento da jornada de trabalho em detrimento ao período de descanso é um acontecimento que fomentou a discussão do tempo livre e da qualidade do lazer do então homem proletário. No Brasil, o lazer foi compreendido, no início do século XX, como um instrumento disciplinador e uma ferramenta para recuperação de trabalhadores, uma vez que o tempo livre destes indivíduos deveria contemplar atividades que não somente orientassem à disciplina corporal, como também para a manutenção da saúde e qualidade de vida com a finalidade de serem mais produtivos. Paralelamente a isso, a vida no ambiente das grandes metrópoles vem ocasionando um lazer passivo, aliado ao sedentarismo e a estilos de vida pouco saudáveis. Isso se dá em decorrência de diversas variáveis, dentre elas alta concentração populacional, baixa qualidade de vida por conta da péssima qualidade do ar, da água, das relações interpessoais, do estresse advindo de horas no trânsito e muitas horas dedicadas ao trabalho. O que os indivíduos vêm fazendo com o seu tempo livre com relação às atividades de lazer? Qual é a qualidade deste tempo de lazer? Estes e outros questionamentos nos impulsionam a refletir sobre o nosso cotidiano, sobre as nossas escolhas e sobre as influências dos discursos para nossas escolhas. Como objetivo geral, este trabalho pretende investigar as práticas de lazer no bairro de Santo Amaro. Delimitamos como objetivos específicos: a- Identificar os espaços para a prática de lazer no bairro de Santo Amaro; b- Analisar as políticas públicas voltadas a áreas do lazer e da saúde em Santo Amaro; c- Analisar os equipamentos específicos e não específicos de lazer voltados às práticas corporais e sua interface com a gestão pública e privada, considerando a qualidade do serviço prestado ao cidadão do bairro em questão. O trabalho será conduzido por meio de uma abordagem qualitativa, combinando enfoques bibliográfico, documental e de campo. A pesquisa será realizada utilizando as dependências do Centro Universitário SENAC Santo Amaro, envolvendo dois alunos bolsistas do curso de Bacharelado em Educação Física da referida instituição. Este projeto tem seu início em 2018, com duração de dois anos.

Palavras chave: Lazer. Qualidade de vida. Práticas corporais.



LEISURE-TIME PHYSICAL ACTIVITY AMONG DIFFERENT SOCIAL GROUPS OF ESTONIA

Peeter Lusmägi

peeter@eok.ee

Tallinn University; The Estonian Olympic Committee, Tallin, Estonia

Physical activity, including sports, is considered an important component of a healthy lifestyle (Bauman, 2004). Adults who are physically more active are less likely to develop many chronic diseases than adults who are physically less active. In addition, regular exercise and physical activity help to maintain and improve mental and physical health in various adult age groups (Sallis and Owen, 1999; Physical guidelines 2006; Patel et al., 2006; Eime et al, 2013). Physical inactivity has been proven to be the fourth risk factor for global mortality causing an estimated 3.2 million deaths globally (WHO, 2009). Physical inactivity is one of the main health challenges in developed countries and it can be described as a worldwide epidemic (Chief Medical Officer, 2004). According to a Eurobarometer survey conducted in 28 EU Member States, 59% of adult population in European countries practice some form of exercise less than once a week or do not exercise at all. People in the Nordic countries are the most physically active whereas people in Southern Europe are the least physically active. The proportion that exercises or plays sport at least once a week is 70% in Sweden, 68% in Denmark, and 66% in Finland. However, people who responded that they never exercise or play sport can be found in Bulgaria (78%), Malta (75%), and Portugal (64%). Among the Baltic States, the lowest percentage was obtained in Estonia where 36% of respondents never engage in physical activity. The corresponding proportion was 39% in Latvia and 46% in Lithuania (Eurobarometer, 2013). Surveys conducted in Estonia in 2013 and 2014 show that the proportion of people who engage in physical activity on a regular basis ranges between 36% and 39% (Tekkel, Veideman, 2015; Lusmägi et al 2016). At the same time, the proportion of overweight men and women (body mass index above 25.0 kg/m²) was 57.9% and 52.0% respectively (Tekkel, Veideman, 2015). An increase in this proportion has been particularly noticeable in the last decade. The poster presentation aims to present the results of surveys of leisure-time physical activity conducted in Estonia in 2013 - 2015 and analyses the level of physical activity across various social groups. Based on an analysis of the results of the physical activity studies performed in 2013-2015 it can be argued that regular leisure-time physical activity is still not an integral part of daily life of people in Estonia and that the vast majority of people do not get enough physical activity. Demographic and economic aspects play an important part in people's engagement in physical activity and occupation/main activity, age, education and ethnicity are the important factors in Estonia.

Keywords: Leisure Time. Physical Activity. National Survey. Social Groups.



O LAZER NA ÁGUA UTILIZANDO MÚSICAS NA SEGUNDA INFÂNCIA

Fernanda Romano da Silva e Oliveira

fernandaromano@hotmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo, São Paulo, Brasil

Desde sua criação, o Serviço Social do Comércio no estado de São Paulo (Sesc São Paulo) incentiva práticas que democratizam o acesso ao lazer com o objetivo de disseminar valores, promover a autonomia e a criatividade dos seus frequentadores. Uma das áreas de atuação do Sesc São Paulo é o Desenvolvimento Físico-Esportivo, que propõe ampliar o conhecimento e as experiências nos esportes e nas atividades físicas, incluindo aqui as possíveis experiências no ambiente aquático, onde desenvolve o Programa de Atividades Aquáticas, com atividades recreativas e cursos de Hidroginástica e Práticas Aquáticas, para diversas faixas etárias. O curso de Práticas Aquáticas é considerado uma prática educativa de lazer do Sesc São Paulo, pois tem o objetivo de ensinar a nadar, de maneira ampliada, incluindo os estilos de natação, o aprendizado de esportes e práticas aquáticas, buscando levar o aluno a entender a interação do corpo com a água, utilizando-se dela para realizar movimentos de maneira prazerosa e lúdica, tendo como premissa desenvolver as competências aquáticas: o controle respiratório, o controle do corpo, a manipulação na água e as entradas e saídas dos ambientes aquáticos. Atualmente é disponibilizado para três faixas etárias, a saber: 3 a 6 anos, 6 a 12 anos e a partir de 12 anos. Este relato é baseado no curso de práticas aquáticas – 3 a 6 anos e, considerando que a literatura nos demonstra que, nesta faixa etária, o simbólico e a fantasia fazem parte do desenvolvimento das crianças, utilizamos músicas do cancionário popular, alterando suas letras para inserir elementos aquáticos de modo a estimular as crianças na prática de habilidades relacionadas ao desenvolvimento das competências aquáticas. Observamos 23 crianças num período de três meses (totalizando 23 aulas), com atividades de 50 minutos, duas vezes por semana. O nível de afinidade com o meio líquido variava bastante entre elas, sendo que 13 crianças já estavam mais acostumadas com o ambiente e as outras 10 apresentavam resistência ou medo da água. Com o decorrer das atividades e dos estímulos musicais, as crianças passaram a se soltar, sendo que oito das 10 crianças que apresentavam resistência/medo conseguiram, ao final deste período, andar, correr, colocar o rosto na água e realizar expirações, mas apenas quatro delas conseguiram flutuar em decúbito ventral. Inferimos que os estímulos musicais aproximam as crianças do ambiente aquático de maneira suave, tornando a água um local mais acolhedor e, tanto o aprendizado das habilidades quanto a utilização deste meio para o lazer acabam sendo facilitados. Sugerimos, ainda, um estudo com maior duração de estímulo e observação.

Palavras chaves: Práticas aquáticas. Lazer na água. Segunda infância.



PERCEPÇÕES SOBRE O LAZER NA PRÁTICA ESPORTIVA

Vagner Martins dos Santos Júnior

vagner@belenzinho.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc Belenzinho, São Paulo, SP, Brasil

O presente relato surge a partir da observação participativa de uma atividade esportiva recreativa, realizada no SESC Belenzinho, na cidade de São Paulo, aos finais de semana. A atividade a que se refere o estudo é o futebol soçaite, vivenciado de forma recreativa, entre adultos. Ao viver em uma sociedade na qual a cultura contemporânea favorece a percepção de que possuímos um tempo cada vez mais escasso para fruirmos nossos lazeres, aguardar cerca de uma hora e vinte minutos para jogar apenas duas partidas de futebol de dez minutos sugere que essa prática esportiva no lazer possua outros componentes significativos para esses sujeitos. Essa situação de espera para a prática esportiva em um tempo maior do que a prática em si, sugere que o futebol não seria o único motivo pelo qual esse grupo de aproximadamente 60 pessoas permanecesse engajado na atividade, independente do sol, do calor intenso, e ainda da sorte ou azar em fazer parte de uma equipe ruim tecnicamente. Ao ouvir alguns frequentadores, surgem conexões com os conceitos de ócio, lazer e tempo livre. Percebe-se que aquele é um tempo livre das obrigações diárias vinculadas ao trabalho, principalmente, um tempo de divertimento e reservado para o desfrute de momentos significativos ao lado de pares que compartilham das mesmas sensações e sentimentos, ideias e entendimentos sobre o lazer. Entre as partidas, durante a espera pelo próximo jogo, fica claro que o que nutre o desejo de ali estar são as conversas sobre trabalho e tempo livre, sobre futebol e as tendências do mercado da bola, sobre o desempenho de equipes profissionais e seus atletas, sobre família, religião, política e economia. A própria preparação que começa durante a semana, a organização do pensamento que se dá na empresa, durante o trabalho, ou em casa, quando vão arrumar a mala para o futebol, já inicia um processo de fruição do lazer que ainda está por vir. Alguns começam a se preparar as quintas ou as sextas-feiras, os casados deixam as obrigações familiares organizadas, como as compras do mercado, da feira, entre outras coisas, para poderem liberar-se para a recreação esportiva. As conversas podem ser algo aparentemente imposto pela sociedade de consumo, assim como o futebol como produto da indústria do esporte, mesmo no tempo-espço do lazer. No entanto, a experiência torna-se livre e plena para cada frequentador da recreação esportiva, pertencente aquele grupo, com a possibilidade de preencher-se de si e daquilo que o afeta, com experiências ricas, com relações efêmeras ou duradouras, mas que se constituem no contexto do lazer, fora da atividade laboral delimitada por espaços e tempos pré-definidos e controlados por terceiros. A capacidade de desenvolver-se enquanto sujeito das relações, transformador e multiplicador de experiências com significado a partir do convívio com as diferenças e os diferentes. Jogar futebol no lazer pode ser interessante, libertador e transformador se, mesmo que intuitivamente, seja percebida a riqueza de elementos de significado que cada sujeito em seu momento de lazer é capaz de conquistar.

Palavras-Chave: Lazer. Tempo Livre. Ócio. Prática Esportiva.



PERFIL DOS ORGANIZADORES E PARTICIPANTES DO SKIMDAY

**Diego Antunes; Lucas Rufino; Bruno Pereira Ribeiro; Romário de Sousa;
Juliana de Paula Figueiredo**

aantunesdiego@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
/ Faculdade Multivix Vitória, Vitória, Espírito Santo, Brasil / Universidade Federal do
Espírito Santo – UFES, Vitória, Espírito Santo, Brasil

O *skimboard* é uma modalidade esportiva que se caracteriza por o atleta começar uma corrida na areia e deslizar em direção às ondas, realizando manobras semelhantes às do *skate*, *surf* e *snowboard*. O *skimboard* começou na década de 1920, em Laguna Beach-EUA, através dos salva-vidas, mas o esporte começou a se popularizar em 1960 e teve sua grande expansão a partir dos anos 2000. No Brasil, teve suas origens junto com o *Sonrisal*, e desde 2010 uma etapa do mundial de *Skimboard* acontece na praia da Sununga, em Ubatuba-SP. Apesar de ser um esporte pouco conhecido, com campeonatos brasileiros, com o mundial e eventos, o esporte está cada vez mais sendo praticado em todo o litoral brasileiro. Assim, este estudo objetivou investigar o perfil dos organizadores e dos participantes do *SkimDay* nos anos de 2016 e 2017, um dos maiores eventos de *skimboard* no país. O estudo utilizou-se de um formulário eletrônico (*Google forms*), distribuído para todos os organizadores do *SkimDay* nos anos de 2016 e 2017 na sua região (SP, SC, SE, RJ, ES, BA). Participaram do estudo sete organizadores, praticantes de *skimboard*, sexo masculino, com média de idade de 25,42 anos. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva. Os resultados demonstram que todos os organizadores praticam *skimboard* de forma amadora ou profissional, são todos jovens, com o ensino médio completo e sua maioria com superior em andamento ou completo. Nos anos de 2016 e 2017, participaram do *SkimDay* um total de 289 pessoas, deste total são 211 homens, 23 mulheres, 55 crianças e nenhum deficiente. Concluímos que os praticantes do esporte têm papel fundamental na disseminação do *skimboard*, sendo que todos os organizadores são atletas amadores ou profissionais. O *skimboard* ainda tem poucos praticantes do sexo feminino, um número significativo de crianças, nenhuma pessoa com deficiência e sua maioria do sexo masculino. A internet se mostrou uma ferramenta essencial para o crescimento da modalidade, sendo que todos os eventos foram divulgados por mídias sociais (*Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, sites...) e apenas dois eventos tiveram um patrocinador. Assim como em outras modalidades semelhantes, como o *skate* e o *surf*, se espera que, com o crescimento do esporte, também haja uma maior representatividade de mulheres, crianças e pessoas com deficiência nos eventos, pois o esporte já é praticado por todos esses públicos. Pela sua dinâmica e expansão, o *skimboard* deve alcançar mais praticantes nos próximos anos e ter um movimento em prol do desenvolvimento do esporte através de federações, associações, eventos, campeonatos, praticantes e divulgações em mídias sociais.

Palavras chave: Atividades de aventura. *Skimboard*. Eventos.



PHYSICAL AND ARTISTIC RECREATION CONTRIBUTE TO THE RESILIENCE OF PRE-ADOLESCENTS

Cecilia Enith Romero; Carmen Grace Salazar; Eugenio Saavedra

cenith14@gmail.com

Universidad de Costa Rica (UCR), San José, San Pedro, Costa Rica; Universidad Católica del Maule (UCM), Maule, Talca, Chile

Young population in conflict is characterized by misbehaving, rebelling against authority, having a pattern of low grades, being in danger of school failure, academic suspension, dropping out of school and their involvement in drug abuse (Mundy, 1996), or in the criminal world. People who, despite being exposed to serious risk factors, show little or no signs of deterioration in cognitive, social and emotional development are called resilient (Bloemhoff, 2006, Zolkoski and Bullock, 2012). Resilience occurs when “people can overcome negative experiences and often even strengthen themselves in the process of overcoming them” (Henderson and Milstein, 2003, p. 20). Previous research indicates that recreational programs are an option to promote resilience in at-risk youth (Bloemhoff, 2006; Cooper et al., 2004). Therefore, the purpose of this study was to identify the perception that sixth grade students of La Capri Elementary School, in San José, Costa Rica, had about the effect on resilience of their participation in recreational programs. The intervention consisted in 14 sessions of two types of recreational programs, one based on physical recreation and another on artistic recreation. Each treatment lasted 32 hours in total. The design was phenomenological. Eighty-six (86) sixth grade students, ages 11 to 14, from a social vulnerable elementary school participated in the study. The data were collected with response cards and audio recordings. The analysis of the data was executed in a continuous way, codifying, using a triangulation of sources to establish the topics and grouping those topics to define the categories. The results show 27 topics that were grouped into five categories. The student population perceived that, through their participation in the recreational programs, they obtained social, physical, cognitive and emotional benefits, as well as intra-personal barriers. These barriers were identified at the beginning of the program, and reduced with the passage of the sessions. In addition, the participants noticed that both recreational programs had the purpose to promote resilience, even though the type of recreational activity was different. Differences were only presented in four of the topics. On one hand, the promotion of the physical conditioning and learning of physical skills were mentioned by the population that participated in the physical recreational program and, on the other, the written, corporal and verbal expression and the learning of artistic skills, were cited by the people who participated in the artistic recreational program. These dissimilarities reflect the specific characteristics of the recreational activities that were carried out in each of the programs. The findings support the use of recreational programs as a useful and effective way to build resilience in elementary schools of social vulnerability contexts.

Keywords: Physical Recreation. Artistic Recreation. Resilience. Pre-Adolescents. Social Vulnerability.



PRÁTICAS ESPORTIVAS DE LAZER NO PROGRAMA SESC DE ESPORTES

Alessandra Galvão; Eduardo Roberto Uhle; Daniel Henrique da Silva Leite

alegalvao@sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

O lazer compreendido como um fenômeno social de múltiplos sentidos e vivenciado nos diversos tempos sociais da vida contemporânea, possibilita experiências significativas ao sujeito que se desenvolve a partir da relação com o outro e consigo mesmo nas diversas manifestações culturais. É neste contexto que o Sesc São Paulo oferece aos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e população em geral ações educativas nas dimensões culturais, esportivas e de lazer como caminhos para o desenvolvimento humano. O relato apresentará o Programa Sesc de Esportes como prática esportiva de lazer, presente em 33 unidades do Sesc São Paulo, o perfil dos participantes e atividades propostas. O Programa é gratuito e tem como objetivos ampliar o acesso ao esporte e demais práticas da cultura corporal, estimular a vivência ao longo da vida e despertar o gosto e o prazer pela prática. Enquanto matriz didático-pedagógica sua construção está pautada nas novas tendências em pedagogia do esporte, em que o ensino é centrado nas necessidades do aluno e o educador tem o papel de estimular a criação de estratégias favorecendo a compreensão e o aprendizado esportivo (Scaglia, Reverdito, Galatti, 2014; Scaglia, Reverdito, 2016). Esta pedagogia, aliada aos valores institucionais, prevê intervenções em que são valorizadas a integração, a construção coletiva, a diversidade, a inclusão e a autonomia em busca da formação de um ser humano ético, crítico e participativo. Atualmente o programa possui 13.500 inscritos e é dividido em faixas etárias: 3 a 6, 6 a 10, 11 e 12, 13 a 15, 16 a 59 e acima de 60 anos. O perfil dos inscritos indica que 67,3% são trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo (público prioritário do SESC) e que 59,7% possui renda familiar de até três salários mínimos. Analisando o gênero 50,1% representa o feminino e 49,1% o masculino. Em uma análise mais detalhada, este equilíbrio se faz presente nas turmas de 3 a 10 anos e de 16 a 59 anos, havendo uma menor presença feminina de 11 e 12 anos (35,3%) e 13 a 15 anos (28%), e menor presença masculina acima de 60 anos (33,5%). São oferecidas 450 turmas distribuídas em multimodalidades (34,8%) e modalidades específicas (65,2%). Dentre as específicas, a ordem de predominância é: Corrida/Caminhada, Vôlei, Tênis, Futsal, Basquete, Futebol Soçaito, Ginástica para Todos, Handebol, Badminton, Karatê, Tae-kwon-do, Ciclismo Lutas, Badminton, Triatlo, Judô, seguidas de Atletismo, Beisebol, Esgrima, Futebol Americano, Ginástica Rítmica, Hapkido, Jiu-Jitsu e Quimbol. A partir dos dados apresentados verifica-se a necessidade de um estudo aprofundado para compreender os motivos que levam a diferença de gênero em determinados grupos etários, cruzando estas informações com os tipos de práticas ofertadas e com a permanência a partir da transição etária no programa. A diversidade de práticas dialoga com a proposta institucional em ampliar o conhecimento esportivo, embora existam modalidades com maior e menor expressividade.

Palavras-Chave: Práticas esportivas de lazer. Esporte para todos. Programa Sesc de Esportes.



PROGRAMA DE ACTIVIDAD FÍSICA ADAPTADA, SALUD Y DISCAPACIDAD (AFISDADIS)

María Antonieta Corrales Araya; María Antonieta Ozols Rosales

antonieta.corrales.araya@una.cr

Universidad Nacional de Costa Rica, Heredia, Costa Rica – América Central

El presente trabajo pretende dar a conocer la experiencia y resultados de cinco años del Programa Actividad Física Adaptada, Salud y Discapacidad (AFISADIS), el cual tuvo como propósito el promover la salud y calidad de vida de las personas con discapacidad, como un medio para la participación social mediante la recreación, la actividad física y el deporte adaptado. El proyecto está adscrito a la Escuela de Ciencias del Movimiento Humano y Calidad de Vida (Ciemhcavi) de la Universidad Nacional de Costa Rica (UNA). Se debe considerar que la OMS refiere que del total de la población mundial, 1 000 millones de personas presentan algún tipo de discapacidad. En Costa Rica se estima que un 15% de la población presenta alguna discapacidad, (Conapdis, 2011). Con el censo del 2011, se determinó que la población con algún tipo de discapacidad es de 452.849 de los 4.301.712 de población total. No obstante, esta cifra aumentará en los próximos años debido a tendencias demográficas y sociales. En Costa Rica se llevó a cabo un diagnóstico sobre las necesidades de las personas con discapacidad (CNREE, JICA, UCR, 2005), el cual denuncia la situación de desventaja social de la población con discapacidad, en el mismo no se consideró la actividad física, recreación y deporte. La actividad física recreativa contribuye en la mejora del estado físico, bienestar emocional, las relaciones interpersonales, incide en la independencia del movimiento a nivel motor por el fortalecimiento muscular y de las capacidades físicas, reduce comportamientos arriesgados, además es una oportunidad para poder establecer relaciones de amistad con los miembros de la comunidad y principalmente en la familia (Ugarte, 2014), razón por la cual el Programa ofrece actividad física-recreativa tipo natación y deporte adaptado dirigida a personas con algún tipo de discapacidad. Metodología: Durante el periodo 2011 al 2015 se atendieron 230 personas (niños, jóvenes y adultos con edades entre los 0 a 49 años de edad), que presentaron algún tipo de discapacidad (física, sensorial, intelectual o múltiple). Se contó con el apoyo de 266 estudiantes voluntarios de diferentes áreas de formación, los cuales recibieron capacitación sobre diferentes discapacidades y su atención. Se ofrecieron programas de estimulación temprana, estimulación motriz, movimiento básico, natación y deporte adaptado, según grupo de edad, además se capacitó a los padres de familia, a los centros que les atendían y a los educadores físicos de diferentes áreas del país. Los participantes realizaron de una sesión a la semana de 2 horas, una de ellas en la piscina. Resultados y conclusiones: Los participantes del programa han logrado mejorar en sus destrezas acuáticas, dominando la parte profunda de la piscina y algunos de ellos incorporarse al programa de Olimpiadas Especiales en forma competitiva. Otros logros son el establecimiento de alianzas estratégicas.

Palabras clave: Calidad de vida. Discapacidad. Recreación. Actividad física. Deporte adaptado.



PROGRAMA MOVIMENTA CAMPO GRANDE: AMPLIANDO O ACESSO AO LAZER

**Rodrigo Barbosa Terra; Rafael Presotto Vicente Cruz; Júlio Márcio Sandim silva;
Juliana Marta Antunes Ramos**

rafaelpresoto@gmail.com

Fundação Municipal de Esportes (Funesp), Campo Grande (MS) – Brasil

Com o intuito de promover o acesso ao esporte e lazer aos munícipes, a Prefeitura Municipal de Campo Grande, por meio da Fundação Municipal de Esportes, desenvolve o Programa “Movimenta Campo Grande”, considerando o esporte e o lazer como expressão do direito individual e coletivo, assegurados pelos Artigos 217 e 6º da Constituição Federal, que definem, respectivamente, o fomento às práticas esportivas formais e não-formais como dever do estado e direito de cada um, e o lazer como direito social, bem como, pelo Artigo 185 da Lei Orgânica Municipal que define o incentivo à práticas de lazer como forma de promoção e direito social, buscando garantir assim aos munícipes a prerrogativa de exercerem práticas esportivas formais e não-formais. Pautada em uma proposta de fomento das políticas públicas de esporte, lazer e promoção da atividade física, vinculadas as práticas da cultura corporal do movimento, o programa tem como objetivos valorizar a cultura local, oferecendo atividades que atendam aos anseios e necessidades da comunidade, ampliando assim a oferta de práticas físicas, esportivas e de lazer, proporcionando a transformação do estilo de vida da comunidade campo-grandense, bem como a promoção da qualidade de vida, a oferta de práticas físicas orientadas e gratuitas. As atividades acontecem nos equipamentos de esporte e lazer da cidade, ressignificando o acesso e utilização dos mesmos, de forma democrática, fortalecendo as relações entre comunidade e instituição pública, sendo estas atividades desenvolvidas de maneira diversificada em suas manifestações, respeitando as diferenças de gênero, raça/cor, etnia, geração, pessoa com deficiência, entre outras, sendo propostas em forma sistemáticas, ou seja, projetos com atividades com frequência semanal, voltadas para o lazer, iniciação esportiva, treinamento esportivo, e assistemáticas que são os eventos desenvolvidos ao longo do ano, como: jogos e competições. No ano de 2017 o programa atendeu, com atividades sistemáticas, a população das 7 regiões urbanas do município de Campo Grande e seus dois distritos por meio dos seguintes projetos: Lazer e Cidadania, Sonho de Campeão, Lazer e Saúde, Lazer nos Parques, Brincalhão, Escolas Públicas de Iniciação Esportiva (modalidades: futebol, balé e ciclismo); do Centro Municipal de Treinamento Esportivo (modalidades: voleibol, basquetebol, judô, luta olímpica, karatê, natação, ginástica rítmica, ginástica artística, futsal, handebol e paradesporto); e Campo Grande em Ação (32º jogos escolares, 38º jogos abertos, 11º jogos do servidor, Corrida do Facho, Jogos Radicais Urbanos). O programa oportuniza a legitimação do direito ao lazer aos cidadãos campo-grandenses, fazendo parte da vida das pessoas e tornando acessível tais práticas, como espaço de conhecimento e desenvolvimento humano.

Palavras chave: Lazer. Esportes. Qualidade de Vida.



PROGRAMAS DE ATIVIDADE FÍSICA E LAZER: COMPARANDO VALINHOS (SP) E JUNDIAÍ (SP)

Tatiani Ribeiro; Caroline Giolo de Melo

mandeparatati@gmail.com

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil

Com o aumento da expectativa de vida, a ideia de envelhecer com saúde encontra-se cada vez mais em foco, fato que tem gerado uma grande busca por mais qualidade de vida, principalmente, através do lazer e da prática de atividades físicas regulares e orientadas. Nesse contexto, as práticas físicas oferecidas em espaços não formais de educação, como associações de bairros, parques, praças, centros comunitários, tornam-se importantes estratégias para a busca pela qualidade de vida. E, entende-se que é nesse sentido, que o fomento de políticas públicas no campo do lazer, do esporte e da promoção da atividade física, podem auxiliar para a ampliação da oferta destas práticas físicas, orientadas e gratuitas para um número cada vez maior de participantes. Assim, dada a relevância da prática destas atividades para a melhoria da saúde e bem-estar da população de maneira geral, o presente estudo teve como objetivo comparar e analisar dois programas públicos que promovem a prática de atividades físicas regulares e orientadas de duas cidades situadas no interior do estado de São Paulo: Valinhos e Jundiaí. Através do desenvolvimento de pesquisa de natureza qualitativa avaliou-se o Programa de Ginástica da Secretaria de Esportes e Lazer da Prefeitura Municipal de Valinhos e o Programa Zumba nos Bairros da Secretaria de Esportes e Lazer da Prefeitura Municipal de Jundiaí, ambas localizadas no estado de São Paulo, Brasil. Assim sendo, para o desenvolvimento desta pesquisa, realizaram-se entrevistas, utilizando-se de um questionário semiestruturado, com os gestores dos programas em cada uma das cidades e do levantamento bibliográfico e documental a fim de subsidiar as análises e discussões dos resultados. Em considerações finais refletiu-se sobre as experiências e peculiaridades dos programas, com vistas à implantação de melhorias e/ou possíveis reformulações que contribuam para o fortalecimento de novas ações e políticas públicas voltadas às áreas do esporte e lazer nestas e em outras cidades da região. Nota-se que em Valinhos é possível acompanhar de maneira mais sistematizada, o desenvolvimento das atividades e avaliar a influência das ações na vida dos participantes. A partir dessa premissa, a programação de atividades futuras pode se tornar mais coerente com os anseios e com as necessidades dos municípios envolvidos. É importante ressaltar, que nos dois casos as atividades físicas contribuem para a promoção da qualidade de vida dos participantes, pois oferecem momentos de bem-estar durante a prática, de ludicidade e de trocas de experiências neste tempo de lazer. No entanto, apesar das atividades das duas cidades fomentarem a sociabilização, pode-se perceber que a fruição do lazer é mais presente nas práticas observadas na cidade de Jundiaí, uma vez que em Valinhos foi possível observar que o mais relevante para os participantes foi o caráter de atividade física regular e orientada, além de propiciar aos participantes um sentimento de pertencimento a um grupo.

Palavras-Chave: Educação não formal. Atividade física. Programas públicos. Valinhos. Jundiaí.



PROJETO LAZER E CIDADANIA: O LAZER COMO DIREITO DE TODOS

Maycon Luiz Mommad; Rodrigo Barbosa Terra; Rafael Presotto Vicente Cruz; Júlio Márcio Sandim Silva; Juliana Marta Antunes Ramos; Renata Rezende Diniz Ramos
rafaelpresoto@gmail.com

Fundação Municipal de Esportes – Funesp, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

Permeada pelo processo histórico do lazer na sociedade brasileira e compreendendo sua importância social na busca da cidadania e participação cultural, a Prefeitura Municipal de Campo Grande-MS, por meio da Fundação Municipal de Esportes (Funesp), desenvolve o *Projeto Lazer e Cidadania*, integrante do Programa Esporte e Lazer da Comunidade, com o objetivo de garantir o acesso às práticas e aos conhecimentos sobre esporte e lazer aos cidadãos do município, na perspectiva da emancipação humana e do desenvolvimento comunitário, valorizando a diversidade cultural e as práticas esportivas e de lazer, garantindo a participação de públicos diferenciados (faixa etária, gênero, raça, etnia, orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros). A Funesp oferece em 13 espaços e equipamentos de lazer do município o *Projeto Lazer e Cidadania*, fortalecendo as relações entre comunidade e instituição pública, através da aproximação com os membros das comunidades atendidas, das lideranças formais e não formais, valorizando a cultura local e oferecendo atividades físicas e esportivas que atendam suas necessidades e anseios, os quais participam da seleção das escolhas das atividades oferecidas, de acordo com as características locais. Atuam diretamente com o projeto um coordenador geral e um auxiliar (no órgão gestor), três coordenadores pedagógicos que acompanham nos equipamentos de esporte e lazer as atividades oferecidas e 47 agentes sociais de esporte e lazer (Profissionais de Educação Física) que ministram as atividades nos espaços. Os profissionais envolvidos foram contratados via concurso específico, por área de atuação, e recebem formação profissional continuada para atuar no referido projeto. Em 2017, o projeto realizou 280 mil atendimentos, participando aproximadamente 10 mil pessoas, em 26 oficinas (Academia ao Ar Livre, Badminton, Basquete, Beach Tênis, Capoeira, Dança de Salão, Dança do Ventre, Funcional Dance, Funcional Kids, Futebol Americano, Ginástica Localizada, Grupo de Corrida, Hidroginástica, Judô, Karatê, Luta Olímpica, Musculação, Natação, Pilates, Ritmos, Tênis de Campo, Tênis de Mesa, Treinamento Funcional, Vôlei, Yoga e Zumba). As oficinas são oferecidas duas ou três vezes por semana, nos três períodos (matutino, vespertino e noturno), de segunda-feira a sábado, em média com turmas de 20 beneficiados por oficina. Ao longo de suas atividades, o projeto tem alcançado os seguintes resultados: democratização do acesso às práticas do lazer e da atividade física; aumento do número de beneficiados nos equipamentos de esporte e lazer do município; aumento do número de atendimentos nas oficinas oferecidas; participação ativa da comunidade no projeto; melhora da qualidade de vida da população atendida. Considera-se que a gestão pública municipal tem o dever legal de oferecer à população projetos e ações que garantam o direito ao esporte e ao lazer, sendo legitimados nas políticas públicas, os quais devem fazer parte da vida das pessoas, como espaço de conhecimento e desenvolvimento humano.

Palavras chave: Lazer. Direito. Ações Sistemáticas Municipais.



PROJETO SLACKLINE - EQUILÍBRIO ENTRE AVENTURA E EMOÇÃO: BRASIL A MOÇAMBIQUE

**Lua Karine de Sousa Pereira; João Leandro de Melo Araújo;
Diego Neylton de Medeiros; Heloisa Fernanda Lopes da Silva;
Josué Dantas Belarmino; Ariston Pereira dos Santos; Marília Flávia Brito de Lima;
Lucas Peixoto de Macêdo; Priscilla Pinto Costa da Silva; Cheng Hsin Nery Chao**

luakarineeee@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil

A prática do *slackline* possibilita uma amplitude pedagógica em diferentes áreas de atuação como a educação, o lazer e a saúde. O projeto de extensão tem como objetivo promover a prática orientada do *slackline*, a partir das relações sociais, educacionais, de lazer e da saúde. O projeto, a partir de ações estratégicas para a formação e atuação do profissional, articulando a universidade e a sociedade, contribui para o fortalecimento de ações voltadas à educação, ao lazer e à saúde. O incentivo às práticas corporais de forma sistematizada contribui na redução da estatística e auxilia a minimizar os fatores de risco provocado pelo sedentarismo. Com isso o projeto foi aplicado em Moçambique, na África, no intuito de proporcionar momentos de lazer para a população que foi visitada. A prática do *slackline* consiste na armação de uma fita entre dois pontos fixos, geralmente em árvores, em que os praticantes tentam se equilibrar sobre a fita. São trabalhados jogos pré-desportivos que exercem as capacidades e habilidades gerais e específicas, que são necessárias para a prática do *slackline*. Foi desenvolvido com os alunos para prepará-los para a prática de fato, realizando atividades em solo firme ou com equipamentos que provocam o desequilíbrio para que os praticantes buscassem uma melhora em seu equilíbrio dinâmico. A princípio o projeto era pra ser oferecido para os estudantes das escolas visitadas na cidade de Maxixe, em Moçambique, mas, não só os alunos, como todos os profissionais que se faziam presentes nas escolas, tiveram esse momento de lazer e prazer. O *slackline* além de proporcionar o lazer, nos permite mostrar o quando somos capazes de superar dificuldades, permitindo o prazer da superação. Com esse relato de experiência, objetivou-se avaliar a prática do *slackline* em outro país, os quais não tinha conhecimento algum sobre o que era este esporte. Pode-se observar a participação dos envolvidos em relação ao esporte, visto que, não era algo comum a aquela população. Através da extensão universitária, podemos entender que não se limita a um trabalho fora do ambiente universitário ou apenas por oferecer serviços de assistência à população, mas como um universo de possibilidade acadêmica, a qual favorece a articulação da aprendizagem, produção e aplicação da prática, em benefício do desenvolvimento de uma comunidade, até mesmo em outro continente. A relação dialética entre a universidade e a comunidade, a troca de saberes, contribui para experiências da realidade, em que os saberes acadêmicos de forma sistematizada, sejam aplicados com base e justificativas discutidas nas áreas de ensino e pesquisa. Desta forma, consideramos o quão o *slackline* enriqueceu a aproximação entre participantes, ofertando momentos de lazer e implantando outro tipo de esporte, não visto por aquela população, despertando o interesse de haver uma parceria para que o projeto fosse expandido à Maxixe.

Palavras-Chave: Atividade de Lazer. Esporte de Aventura. Inclusão Social. Projeto de extensão.



RISK IDENTIFICATION OF BICYCLE TOURISM BASED ON HFACS

Yuyan Zhou; Lijun Zhou

zyyzsjzyy@163.com

Zhejiang University (ZJU), Hangzhou, Zhejiang, China

With the development of social economy and the improvement of people's living standard, China is now stepping into the era of leisure. More and more people have favored bicycle tourism, as a kind of environmentally friendly leisure activity. Since 2002, in which the first Tour of Qinghai Lake International Cycling Race was held, bicycle tourism routes have been created all over the China. Moreover, with the establishment of bicycle associations and clubs at all levels, a wealth of bicycle tourism activities are organized. Carried out in natural environment, bicycle tourism is of high uncertainty and risk. Frequent accidents with serious consequences do occur sometimes. Thus, it is urgent to study risk management in this field. Effective risk management measures must be taken in the incubation period of various risks and prior to the occurrence of an accident. How to manage risks scientifically and effectively in order to reduce or prevent the occurrence of bicycle tourism accidents, an important problem that needs to be solved is to identify the various risk sources in the process. Risk identification is regarded as the first key step of risk management. The integrity of risk identification has a significant impact on the subsequent risk assessment and risk control of bicycle tourism. Bicycle tourism arose late in China, and only a small amount of risk management study was involved in its investigation of current situation in different cities. Therefore, it is of great significance to establish a theoretical framework for bicycle tourism risk identification to ensure the safe development of bicycle tourism activities. In order to build the risk identification framework of bicycle tourism, this study gave an overview about the related studies concerning bicycle tourism risk sources using literature review, found that this method lacked of systemicness and integrity; Then used HFACS theory, which is widely applied in the field of risk identification, to analyse accidents occurred during bicycle tourism, identify their risk sources, and found that directly using HFACS theory to analyse bicycle tourism risk was not so suitable in terms of environmental factors. Therefore, this study chose 20 bike tourists through target sampling method, did semi-structured interviews, and conducted a comprehensive risk identification and analysis from four aspects based on HFACS theory, that is, Unsafe Act, Pre-conditions for Unsafe, Unsafe Supervision and Organizational Influences. A further discussion is made to adjust the original framework and put forward the Risk Identification Framework of Bicycle Tourism based on HFACS theory, which settles the foundation for the risk assessment and risk control.

Keywords: Bicycle Tourism. Risk Identification Framework. Risk Management. HFACS.



SÃO PAULO SOCCER CUP 2017 AND USE OF SOCIAL MEDIA

Thiago Fernandes da Silva; Alan Queiroz da Costa; Alfredo Weiss; Alexandre Kesper Pimenta; Angela Leticia Wczassek; André Aché Guedes; Evandro Santos de Oliveira; Fabio Rodrigo Brandão; Guilherme Henrique Brito Barreto; Henrique da Costa Rangel; Lucas de Jesus Granjeiro; Minoru Furuya; Thaís Rangel Marques Bombonato
alanqcosta@gmail.com

City Department of Sports and Leisure of São Paulo (SEME), São Paulo, SP, Brazil

The São Paulo Soccer Cup is one of the activities developed by the City Department of Sports and Leisure of São Paulo (SEME) aiming to promoting and spreading the practice of soccer among young people in leisure time, with the principle of stimulating the formative process through sport, contributing to the acquisition and maintenance of health and moral values. Beyond the sport, the São Paulo Soccer Cup develops socio-environmental actions with the Sports and Environment Program (PEMA), a parallel activity of SEME, with the planting of seedlings and awareness of the participants about sustainability, respect and the promotion of nature. Currently the championship meets the under-17, under-15, under-13 and under-11 in men's categories and under-17, under-15 and under-13 in the women's categories. Traditional management actions had been kept with the support of the competition's website and in 2017 the use of the São Paulo Soccer Cup's page on Facebook was potentiated with actions of approach with public involved beyond the athletes. Among the actions carried out by Facebook are the draw of sports materials, tickets to the Football Museum, photos and videos of the "liveliest fans", promotions of the games to be held at Pacaembu Stadium, among others. Management actions were also carried out through this social media as live broadcasts of the raffles, technical conferences and even informative videos that expanded the possibility of access to the information of the league, previously restricted only to the e-mail and official website. These actions broadened the scope of the championship beyond the games, face-to-face in the days of the matches as "midfield kick", "ball juggling" contest and the increase in the number of matches in the Pacaembu Stadium (six matches), before restricted only to the finals. With these actions some results were achieved that deserve to be highlighted: 392 registered teams, 77 fields used throughout the city; 955 matches, decrease of "WOs" with only 40 non-occurrences (corresponding to 4% of the entire competition); 2.801 goals; 30.328 attendances, participation of approximately 6,000 people in the event of opening the competition with games and an increase of 390 tanned on the Facebook page (February 2017) to 3.829 tanned (January 2018) with 3.910 page followers (82% male and 18% female). Although the number of likes and followers of the São Paulo Soccer Cup's Facebook page is approximately 10% of the total attendance of the whole championship, it is worth noting that these actions were adopted in a pilot way, but they indicated a great potential that social media can offer sports and leisure management also in public policies not only as a management tool but as an updated management vision that seeks to accompany, involve and approach its public. This innovation is also reflected in the way the SEME technical team can act by creating new opportunities so that the population may also, perhaps, become a co-author of the public sports and leisure policies of the city of São Paulo.

Keywords: Leisure. Sport. Soccer. Social Media. Public Policy.



SLACKLINE: VIVÊNCIAS ACADÊMICAS NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Pedro Lobato Borges Neto; Vital Brasil Araújo Monteiro Filho; Anacleto Araújo Santos
cleto_araujo@hotmail.com

Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, Pará, Brasil

O presente artigo trata da modalidade *Slackline* e Educação Física Escolar, contextualizando uma prática corporal de aventura na disciplina Estudos do Lazer. A presente pesquisa se justifica pelo fato de buscar compreender os rumos acadêmico-científicos no que se refere aos estudos da temática a partir da relação lazer – *slackline* – formação acadêmica, enquanto uma prática corporal de aventura em nossa formação acadêmica profissional no curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará, onde destacamos como objetivo geral da pesquisa analisar a importância da prática de *slackline* para futuros profissionais de Educação Física. Para tal, o problema de pesquisa formulado: Qual a importância do trato de práticas corporais de aventura, mais especificamente o *Slackline*, na formação acadêmica em Educação Física? Considerando práticas corporais de aventura no trato da formação profissional, destacamos enquanto objetivo analisar a importância da prática de *slackline* para futuros profissionais de Educação Física, assim como verificar se a atividade contribui para a formação do futuro profissional em Educação Física, por fim, investigar se o conhecimento adquirido poderia ser transmitido em outros contextos de trabalho. O método escolhido teve uma abordagem quantitativa, tendo como instrumento questionário aplicado às três turmas da disciplina Estudos do Lazer do primeiro semestre de 2017, após vivência em aula abrangendo os três turnos (manhã, tarde e noite), totalizando quarenta e nove participantes. Na intencionalidade de abordar os esportes de aventuras para dentro do ambiente da formação acadêmica em Educação Física, a pesquisa teve um papel muito além da prática em si, pois carregou consigo também valores interdisciplinares na constituição do currículo de uma universidade que atenda a esta nova demanda imposta pelo mercado de trabalho, que surge relacionada aos esportes de risco, tal qual o *Slackline*, nos mais diversos locais de atuação destes futuros profissionais. A universidade como receptora de cultura social e corporal da sociedade deve fornecer o maior leque possível de vivências na complementação da formação acadêmica dos discentes em Educação Física. Podendo ser abordada através do contexto dos esportes de aventura no conteúdo de lazer, torna-se uma alternativa na complementação da formação acadêmica dos discentes em Educação Física. Os resultados mostraram que as atividades de aventura são conteúdos fundamentais a serem reconhecidos pelos profissionais de Educação Física, entre os quais os conhecimentos devem ser compartilhados de forma crítica, reflexiva e criativa, agregando às atuais práticas esportivas da escola ou em outros espaços de atuação profissional. Partindo das reflexões iniciais, propiciar as práticas pedagógicas diferenciadas por meio do *slackline* é sistematizar os eixos norteadores – lazer, educação e natureza –, viabilizando a introdução dessas vivências na formação acadêmica.

Palavras chave: Formação acadêmica em Educação Física. Lazer. Esporte de aventura. *Slackline*.



TEMA 5
EDUCAÇÃO NO LAZER
EDUCATION IN LEISURE
EDUCACIÓN EN EL OCIO



A CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOS PROFISSIONAIS DO BH EM FÉRIAS

Lucilene Alencar Dores

lucilene.pelc@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

O *Programa BH em Férias* (PBF) é uma política pública intersetorial desenvolvida pela Secretaria Municipal de Políticas Sociais (SMPS), em parceria com outras Secretarias e Fundações do município de Belo Horizonte, com o objetivo de proporcionar às comunidades, durante o período das férias escolares, atividades de lazer que contemplem vivências culturais em jogos e brincadeiras, esportes e artes. O programa funciona durante uma semana do mês de janeiro e de julho nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS). Outros espaços – parques, museus, zoológico e instituições privadas parceiras do município – são utilizados como locais complementares ao desenvolvimento das atividades do programa. Nos CRAS, os profissionais que atuam no programa possuem formação mínima no ensino superior, nas áreas de Serviço Social, Educação Física e Psicologia. A construção dos saberes dos profissionais é fruto de conhecimentos científicos, considerados aqueles adquiridos pelos processos de formação acadêmica e também de conhecimentos técnicos de saberes da ação, como aquelas habilidades adquiridas na experiência de vida, profissional e nas relações sociais. Assim, o objetivo deste estudo é analisar como se constitui a construção de saberes dos profissionais que atuam no *Programa BH em Férias*. Para tanto, o trabalho propôs identificar os saberes partilhados entre os analistas e as relações desses saberes com a atuação dos profissionais no programa; e, ainda, entender como os profissionais articulam os saberes da formação acadêmica e da experiência para atuarem com o lazer no contexto de ação do programa. As escolhas metodológicas deste trabalho buscaram retratar a realidade a partir da exploração de um território de abrangência do programa. Esse recorte possibilitou aprofundar mais nas análises dos dados e compreender as especificidades da formação e da atuação de profissionais no contexto do programa. Durante o processo de investigação, foram combinados procedimentos de leitura dos documentos oficiais do programa e pesquisa de campo. A análise dos dados permitiu identificar que, independentemente da formação profissional, seja em Serviço Social, Educação Física ou Psicologia, a formação acadêmica interfere de maneira expressiva nos processos de atuação profissional, uma vez que os profissionais recorrem à formação científica para apresentarem suas visões sobre o lazer e a maneira como formulam estratégias de ação no PBF. Além disso, as experiências no ambiente de trabalho, familiar e as relações sociais são de fundamental importância para o enfrentamento dos problemas profissionais, considerando que essas vivências possibilitam construir saberes a partir da aplicabilidade do conhecimento e do encontro com outros sujeitos.

Palavras chave: Construção de saberes. Lazer. Formação. Atuação profissional. Política intersetorial.



AS INFLUÊNCIAS DO BRINCAR EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Camila Teixeira Costa

camilatcost@gmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo, São Paulo, Brasil

Pelo corpo, as crianças se expressam. Pelo brincar há a possibilidade da expressão da cultura infantil, pois brincando a criança potencializa o imaginário e a corporeidade, cria relações e possibilita o desenvolvimento e aprendizagem. Além de um momento de recreação, lazer e prazer, é no brincar que há a oportunidade de desenvolver autonomia e responsabilidade: uma criança pode optar se quer participar de uma brincadeira ou não, sabe do que deseja brincar, dá outros sentidos e definições a objetos (CAILLOIS, 1990). Essa importância do brincar advém da potencialidade de desenvolvimento da criança através das relações com objetos e com outras crianças. Antes mesmo de definir o brincar como um processo educativo, ele é um modo de expressão infantil, é o momento de descoberta da criança, no qual ela aprende a entender, dominar e ressignificar, compreendido como um momento de lazer. A brincadeira se constrói como consequência desse brincar, em um espaço de socialização, de exercício de criatividade, em um processo de relações interindividuais. A brincadeira é uma atividade essencialmente coletiva. Já o brinquedo revela uma prática mais próxima do individual, pois se pode dispensar a existência de parceiros – fica a critério da criança, a partir de sua criatividade e imaginação, porém esta não é uma divisão rígida, que distingue o brinquedo como ação individual e os jogos e brincadeiras, coletiva –, a maneira com que se brinca depende da vivência da criança e do seu desejo de ação. Ou seja, o brinquedo envolve práticas associadas à espontaneidade, e sem outro propósito que não o de se entregar ao lúdico, sendo o primeiro instrumento da atividade humana (BENJAMIN, 1984). Desse modo, através de um estudo de exposições lúdicas, analisou-se a exposição de brinquedos denominada *Mil brinquedos para a criança brasileira*, realizada pelo Serviço Social do Comércio, SESC Pompéia, em 1982, aqui entendida como produção cultural contemporânea. Observou-se, com este estudo, as transformações históricas dos modos de apresentar os brinquedos ao público em exposições lúdicas, compreendendo tais exposições como produções culturais que difundem sentidos e significados estéticos e políticos sobre o brincar. Nesse cenário, percebe-se a compreensão e ação do brinquedo sobre e pela criança. A compreensão de que o brinquedo é um importante princípio na construção do saber, na potência do lazer e que a brincadeira envolve as crianças em vários estados de consciência e vivências em diferentes contextos sociais. A partir do estudo das exposições foi observada a maneira com que os brinquedos são apresentados – em diferentes classificações, coleções e nomeações –, sugerindo uma educação dos seus usos e consumos. Estudar o brinquedo é estudar a linguagem da criança – uma linguagem corporal, verbal e não verbal. Estudar a exposição do brinquedo é estudar como esta linguagem é socializada e transmitida à criança. Com esta pesquisa, foi possível perceber o brinquedo como expressão da cultura e a valorização de espaços para o lazer.

Palavras chave: Brincar. Educação não formal. Lazer. Cultura.



AVENTURA COMO TEMA GERADOR: PROJETO ESCOLA DE VENTURAS

**Allana Joyce Soares Gomes Scopel; Alessandra V. Fernandes; Giuliano G. A. Pimentel;
Pedro H. Miranda**

allana.scopel@outlook.com

Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Ceará (IFCE), Fortaleza, CE, Brasil; Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil; Grupo de Estudos do Lazer (GEL)

Este trabalho consiste num relato de experiência do projeto de extensão Escola de Aventuras, desenvolvido pelo Grupo de Estudos do Lazer (GEL) do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), e atende escolares do Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP-UEM). O projeto atua com o ensino de modalidades terrestres de aventura consideradas acessíveis à escola (*parkour*, *skate*, *slackline*, orientação e escalada), partindo do pressuposto de que estas modalidades podem ser ensinadas como tema gerador e produzir mudanças em hábitos de lazer, desempenho escolar e proficiência do gesto motor de escolares do Ensino Fundamental I. Surgiu em 2014, com oferta de experiências de aventura ao Ensino Médio durante evento de integração e organização de quatro festivais de aventura para o Ensino Fundamental. Em 2015, o projeto passa a ser ofertado ao final das aulas do Ensino Fundamental, com as modalidades *skate*, *slackline* e *parkour*. As aulas tinham uma hora de duração, três vezes por semana, com turma mista composta por 17 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. Em 2016, o projeto toma lugar na grade curricular como um tema gerador, articulando-se com Matemática, Línguas, Artes e Geografia. Em 2017, o projeto buscou sistematizar a oferta de aventura como tema gerador, a partir das modalidades *skate*, *slackline*, *parkour*, escalada e orientação, em diálogo com os conteúdos curriculares da escola, e as aulas aconteciam no horário das disciplinas formais. O projeto atende 100 escolares, distribuídos no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental I, com faixa etária entre 5 e 8 anos, de modo que, semanalmente, cada turma tinha uma aula formal (50 minutos) substituída pela Escola de Aventuras. Por meio do sistema de *coaching*, as crianças eram divididas em pequenos grupos (máximo 5). As aulas eram planejadas e realizadas por docentes, estudantes de graduação, mestrado e doutorado e discentes do CAP. Sua estrutura pedagógica se dividia em problematização (com técnicas de “exploração” e “descoberta orientada” dos conhecimentos); e formas tradicionais (tarefa e comando das atividades). Resultados preliminares: a maioria das crianças considerou saber fazer a modalidade de escalada, e foi a mais citada como preferida, seguida do *skate*, apontado como a atividade mais difícil e a mais praticada fora da escola. O *slackline* foi o segundo mais citado como atividade mais difícil e a orientação foi a segunda mais lembrada nas categorias saber fazer e é a mais feita fora da escola. Quanto a percepção de docentes, bolsistas e familiares foram apontados avanços na aprendizagem dos conteúdos curriculares e modalidades trabalhadas. A ludicidade e problematização das aulas despertam a vontade de cooperação entre escolares, fomenta interesse pelo conteúdo curricular, facilita e diminui as diferenças de aprendizagem entre as crianças. Ações futuras: aprofundar as ações do projeto, verificar “por meio de uma pesquisa de intervenção no Ensino Fundamental I, com duração de cinco anos (2018 a 2022)” sua articulação com a educação para o lazer, o desempenho escolar e a maturação dos movimentos fundamentais das crianças.

Palavras-chave: Aventura. Tema gerador. Lazer. Educação.



BARRIERS OBSTRUCT “LEISURE STUDIES” AS A FIELD STUDY IN UNIVERSITIES

Suvimol Tangsujjapoj

fedusut@ku.ac.th

Kasetsart University, Bangkok, Thailand

Recreation in Thailand was under the umbrella of physical education since 1958. Srinakharinwirot University was the first university offering Bachelor's degree program in recreation in 1982; Chulalongkorn University started the course in 1998; Kasetsart University in 2003; Institute of Physical Education in 2005; Rankhumhang University in 2011; Ratanabandit University in 2014, and lastly Kasambandit University offered in 2016. All these universities perceived “recreation” as a field study in their curricula. However, they rejected “leisure studies” to be the name of field study in universities. The purpose of this qualitative research was to study barriers obstructing “leisure studies” to be the name of field study in Thai universities. Population were five public universities and two private universities in Thailand. Research methods collected curricula documents, recorded field notes and focus group discussion from 21 responsible curriculum instructors of seven recreation programs. Data were analyzed by reading curriculum documents, frequency and percentage. Findings barriers obstructing “leisure studies” was the name of field study in Thai universities and were found the following. 1) In terms of educational background of responsible curriculum instructors, only 9.5 % of them ($n = 2$) graduated in leisure and recreation program, the other (90.50 %, $n = 19$) were graduated in physical education. 2) Approximately a quarter (28.57 %, $n = 6$) of responsible curriculum instructors were leisure literacy, the other (71.43 %, $n = 15$) were not leisure literacy. 3) One-third of responsible curriculum instructors (33.33%, $n = 7$) accepted aspects of “leisure studies” as the name of field study in universities, the other (66.67%, $n = 14$) rejected it. 4) The reason concerned using “recreation” as the name of field study in universities because the activities were singing, dancing, and playing for enjoyment, so, “leisure studies” was about personal lifestyle. In conclusion, there were four barriers obstructing “leisure studies” to be the name of field study in Thai universities. Most of instructors in charge of the curriculum of Thai recreation programs graduated in physical education. Moreover, nearly three quarters of them lack the knowledge in “leisure studies”. Two-third of instructors responsible for the curriculum rejected to use “leisure studies” as the name of field study. Similarly, to the perspective of Karla Henderson (The Academy of Leisure Science, 2015) that “recreation” is a better term associated with professional preparation and practice. In addition, “leisure studies” is personal behavior, not to mention the theoretic work done in its name. Therefore, “leisure studies” was not appropriate to be the name of a field study in Thai universities.

Keywords: Barriers. Leisure studies. Field study. Universities.



BRASIL/PORTUGAL: A FORMAÇÃO DO TÉCNICO EM LAZER E ANIMADOR SOCIOCULTURAL

Adriano Gonçalves Silva; Helder Ferreira Isayama

adrigonss@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil /
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, Belo Horizonte,
Minas Gerais, Brasil

Nos últimos anos, vem crescendo o destaque do lazer nos meios de comunicação de massa como uma das áreas mais promissoras para o século XXI. Estudiosos de distintas áreas das Ciências da Saúde, Humanas e Sociais Aplicadas têm se interessado pela temática do lazer, agregando novos conhecimentos e desestabilizando posturas tradicionais. No campo da intervenção profissional, surgem diversas possibilidades de formação para capacitar profissionais do lazer visando suprir a demanda do mercado, com diferentes perspectivas formativas. Os cursos técnicos em lazer, oferecidos pela Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica são tomados como foco neste estudo. Os Institutos Federais oferecem cursos técnicos integrados ao ensino médio que propõem a articulação entre a formação geral e a formação profissional. O Catálogo Nacional de Cursos Técnicos insere o curso técnico em lazer no eixo tecnológico Hospitalidade e Lazer e define o perfil do profissional que conclui o curso como aquele que organiza e executa atividades de lazer, recreação e animação sociocultural para as diversas faixas etárias, segmentos e programas sociais. Já o Catálogo Nacional de Qualificações de Portugal insere o curso profissional de animador sociocultural na área de formação Trabalho Social e Orientação e define como animador sociocultural o profissional apto para promover o desenvolvimento sociocultural de grupos e comunidades, organizando, coordenando e/ou desenvolvendo atividades de animação (de caráter cultural, educativo, social, lúdico e recreativo). Desta forma, é possível observar que, apesar das nomenclaturas distintas, ambos os cursos – técnico em lazer no Brasil e animador sociocultural em Portugal – estão relacionados à formação de sujeitos que estejam aptos a organizar e desenvolver atividades de animação sociocultural. A problematização que se faz neste estudo se refere a como se organizam os currículos destes cursos profissionais. Quais estratégias curriculares são utilizadas para formar o técnico em lazer no Brasil e quais são utilizadas para formar o animador sociocultural em Portugal? O que aproxima e o que distancia estes currículos? Para os questionamentos e encaminhamentos deste estudo, busco suporte nos estudos culturais e nas teorias pós-críticas de currículo. Nesta perspectiva, o currículo é um discurso, produzido por relações de saber-poder, que tem efeitos produtivos sobre aquilo que fala. Esta forma de pensar o currículo subsidia os questionamentos: O que o currículo destes cursos tem incluído, excluído, mostrado, tornado visível, hierarquizado? Que saberes ou culturas afirmam? Quais sujeitos estes currículos visam produzir? Diante deste contexto, o objetivo geral deste estudo é analisar os currículos do curso técnico em lazer no Brasil e do curso de animador sociocultural em Portugal oferecidos pela educação profissional de nível médio/secundário destes países, buscando compreender as estratégias utilizadas e os saberes elencados na produção de sujeitos, assim como as aproximações e distinções entre os dois cursos. É buscando realizar uma bricolagem que definimos os passos metodológicos a priori desta pesquisa. Para nos informar sobre o objeto deste estudo, realizaremos um recorte de procedimentos e instrumentos, envolvendo exame de documentos, observação participante, entrevistas e grupo focal. Nesta fase da pesquisa, os documentos que registram estes currículos estão sendo analisados.

Palavras chave: Currículo. Lazer. Educação.



BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: [IN] VISIBILIDADES ACADÊMICAS

**Frankson Santiago Reis; Patrícia do Socorro Chaves de Araújo;
Tadeu João Ribeiro Baptista**

patriciadaraujo@hotmail.com

Faculdades Integradas de Castanhal – FCAT, Castanhal, Pará, Brasil / Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, Pará, Brasil / Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, Goiás, Brasil

Este artigo buscou compreender a contribuição da brinquedoteca universitária enquanto espaço de formação de professores. Apresentamos um recorte de uma pesquisa mais ampla, tratando de enfatizar os principais aspectos do estudo a respeito das contribuições das brinquedotecas no desenvolvimento da formação profissional quanto ao espaço, tipos de brinquedos, atividades a serem desenvolvidas, entre outras, as quais podem trazer contribuições para os futuros professores. Para tanto, questiona-se qual é a percepção dos alunos dos cursos de licenciatura da Estácio-FCAT a respeito da brinquedoteca enquanto espaço de formação de professores. Esta pesquisa de caráter descritivo teve como objetivo investigar qual a percepção dos alunos de licenciatura em Pedagogia, História e Ciências Biológicas a respeito da Brinquedoteca Universitária da Faculdade Estácio-FCAT enquanto espaço de formação de professores. O universo desta pesquisa foram os cursos de Pedagogia (8º semestre), Ciências Biológicas (6º semestre) e História (6º semestre) da Faculdade Estácio-FCAT de Castanhal, Estado do Pará, tendo como sujeitos seus respectivos alunos. No total, concordaram em participar da pesquisa 46 discentes dos cursos mencionados, devidamente matriculados no turno Noturno, sendo 18 do curso de pedagogia, 18 do curso de Ciências Biológicas e 10 do curso de História. Os procedimentos metodológicos da investigação caracterizam-se por uma pesquisa qualitativa. E foi utilizado para a coleta dos dados o questionário aplicado a 46 alunos dos cursos de Licenciatura de Pedagogia, História e Ciências Biológicas da Faculdade Estácio-FCAT. Os resultados encontrados foram analisados segundo o método interpretativo. A fala dos sujeitos revelou disparidades no que diz respeito à percepção do espaço da Brinquedoteca Universitária enquanto espaço de formação de professores, pois, para grande parte dos sujeitos, ela não contribuiu em sua formação acadêmica. Sendo assim, consideramos a brinquedoteca universitária um agente transformador dentro das universidades, aliada a ensino e pesquisa no âmbito da formação nos cursos de licenciatura. No curso de Ciências Biológicas o espaço da brinquedoteca não teve importância para a formação dos sujeitos da pesquisa; porém, alguns destacaram em suas respostas que têm interesse em conhecer o espaço, mas que nas vezes em que eles a procuraram, a brinquedoteca se encontrava fechada, impedindo os acadêmicos de conhecer e explorar as possibilidades de ensino e aprendizagem deste local. No curso de História foi onde mais encontramos respostas contrárias ao curso de Pedagogia e Ciências Biológicas, pois, para os sujeitos, a brinquedoteca não teve importância para a sua formação, nunca usaram o espaço e poucos percebem o espaço da brinquedoteca como ambiente que proporciona uma formação de professores, porquanto, os mesmos, aparentemente, não entendem as contribuições do lúdico e do brincar para o desenvolvimento infantil. Todavia, de acordo com o objetivo geral desta pesquisa, foi possível identificar que os alunos das licenciaturas de Ciências Biológicas e História não percebem a brinquedoteca como espaço de formação e atuação docente, fato diferenciado em relação aos alunos de pedagogia, os quais identificam as potencialidades da brinquedoteca, não só em sua formação profissional como no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem escolar.

Palavras chave: Brinquedoteca universitária. Formação de professores. Práticas pedagógicas.



CARRINHO DE ROLIMÃ COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO PARA O LAZER

**Jarbas Pereira Santos; Marilda Teixeira Mendes; Michela Abreu Francisco Alves;
Tânia Mara Vieira Sampaio; Gislane Ferreira de Melo**

jarbas.edfisica@gmail.com

Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil / Universidade Católica de Brasília – UCB, Brasília, Distrito Federal, Brasil / Faculdades Unidas do Norte de Minas – FUNORTE, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil / Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

A aventura é algo inerente ao ser humano, desde o início da sua existência, como forma de sobrevivência, superação dos próprios limites e enfrentamento dos possíveis desafios. Ao longo do tempo, surgiram novas formas de se aventurar, e os esportes e atividades de aventura a cada dia se recriam e reinventam, atraindo cada vez mais adeptos. Este relato de experiência propõe reflexões sobre os carrinhos de rolimã como ferramenta de educação para o lazer, dentro dos esportes e atividades de aventura, das práticas corporais e pedagogia da aventura. Surgimento provável do carrinho de rolimã, também conhecido em algumas regiões do Brasil como carrinho de rolemã, carrinho de rolamentos, carrinho de rodagem ou carrinho de lomba (ladeira), se deu na década de 1950, época marcada pela modernização da sociedade e urbanização acelerada, assim como a chegada do automóvel, instalações de fábricas, escoamento da produção e asfaltamentos das ruas das capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, com topografias íngremes. Ao verificar todo o contexto e possibilidades educacionais em torno de um brinquedo que atravessa décadas e une gerações, observamos que poderíamos implantar um trabalho interdisciplinar dentro do ambiente escolar acerca das práticas corporais e da aventura, envolvendo as demais disciplinas como História, Ciências, Geografia, Matemática, Artes, Língua Portuguesa, entre outras, baseados em experiências em outras escolas. Em 2015 iniciamos o trabalho na Escola Estadual Professora Marilda de Oliveira, distrito de Nova Esperança, município de Montes Claros – MG, com a apresentação nas aulas de Educação Física dos carrinhos de rolimã aos alunos do Proeti – Projeto Educação em Tempo Integral, posteriormente em 2016 e 2017 aos alunos do turno Matutino (6º ao 9º ano – Ensino Fundamental Anos Finais) e Vespertino (1º ao 5º ano – Ensino Fundamental Anos Iniciais). Atualmente, o carrinho de rolimã faz parte do conteúdo das aulas de Educação Física, onde desenvolvemos o projeto *Festival Escolar de Carrinhos de Rolimã de Montes Claros*, em sua segunda edição. O projeto é realizado em três etapas: apresentação dos carrinhos de rolimã construídos pelas equipes de alunos aos professores; exposição na Feira de Ciências e encerramento com a Corrida de Carrinhos de Rolimã. O ato de construir o próprio brinquedo, baseado na pesquisa, historiografia, cálculo e desenho do projeto de carrinho, discussões de aerodinâmica, tamanho dos rolamentos, sistemas de frenagem, material a ser utilizado, construção, equipamentos de proteção individuais, até a vivência da prática em si, com a descida da ladeira, acabam por agregar valores e significados aos alunos, professores, familiares e comunidade, onde os saberes se complementam e difundem, na troca de experiências e aproximação de gerações. Percebemos que ao resgatar o carrinho de rolimã na comunidade, não o deixando desaparecer como um todo, imprimindo um (re)significado e novas possibilidades de manifestações culturais de lazer, estabelecemos ligações em torno de um brinquedo construído e popular que até hoje desperta o desejo nas pessoas.

Palavras chave: Carrinhos de rolimã. Educação para o lazer. Atividades de aventura.



CIRCO EM CURSO: UM CASO DE FORMAÇÃO NO LAZER

Amanda Silva

amandasilva.cristina@gmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc, São José dos Campos, São Paulo, Brasil

A etimologia da palavra ‘lazer’ apresenta o significado daquilo que ‘é permitido, lícito, o que pode ser feito’. Segundo Dumazedier (1976), o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda desenvolver sua informação ou formação desinteressada. Nesse contexto, o Sesc surge com espaços que possibilitam uma multiplicidade de usos e apropriações. Com foco na educação não formal, incorpora os significados de sua ação numa programação que abarca a diversidade temática, de linguagens e técnicas. Uma das linguagens que o Sesc apresenta em sua programação, tanto de forma contemplativa quanto formativa, é o circo. As artes circenses têm diferentes raízes históricas, mas o circo como o conhecemos hoje surgiu na Europa e chegou ao Brasil no formato dos circos itinerantes que circulavam pelas cidades levando sua arte. Com o advento do rádio e da televisão, esses grupos perderam espaço no lazer e no tempo livre das pessoas, o que ocasionou considerável declínio dos mesmos. A partir daí, surge um novo modelo de circo que, além de incorporar elementos das diversas artes, passa a ser fixo, formando as escolas de circo. Neste novo modelo de difusão, algumas habilidades do circo passam a ser vistas pela população em geral como uma oportunidade de lazer diferenciado: a construção do seu palhaço como atividade de lazer desassociada do trabalho formal ou a prática de acrobacias aéreas como atividade física são exemplos de apropriação da linguagem circense na atualidade. Muitos indivíduos se iniciam na formação em circo como lazer e, ao encontrar prazer nesta prática, buscam aprofundamento e aperfeiçoamento. Pensar a atividade laboral em circo exige mais que o conhecimento e o domínio de padrões técnicos, mas sobretudo um olhar estético do movimento. Transcender a técnica e agregar um olhar estético ao movimento é o desafio de muitos artistas em formação na área de circo, e é nesse contexto que surge o projeto ‘Circo em curso’, desenvolvido na unidade do Sesc São José dos Campos entre os meses de setembro a dezembro de 2016. O projeto surgiu de uma demanda institucional de trazer artistas da cidade a compor a programação mensal da unidade, mas era notável a diferença na qualidade técnica e estética do trabalho destes se comparadas às demais produções presentes na programação. Desta forma, viu-se a necessidade de qualificar essa classe por meio de um processo formativo baseado em sete habilidades circenses: malabarismo, equilibrismo, ilusionismo, palhaçaria, acrobacia, variedades e circo-teatro. No processo, alguns fatores se fizeram evidentes, como a segregação da própria classe circense dentro da cidade, a limitação da abordagem do circo baseando-se apenas no trabalho com acrobacias aéreas dentro de academias de ginástica e a prática do circo social não institucionalizada. Ao final, algumas destas barreiras foram rompidas e outras ressignificadas. A convivência entre os artistas durante o projeto possibilitou um clima de cooperação e respeito, tanto que uma parte dos artistas formou uma companhia própria.

Palavras chave: Lazer. Formação artística. Circo. Técnica. Estética.



COMPREENDENDO A DOCÊNCIA POR MEIO DE EXPERIÊNCIAS EM MONITORIA ACADÊMICA

Maria E. T Luiz; Samara E. Martins; Alcyane Marinho

samara.escobaar@gmail.com

Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF/UDESC/CNPq), Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID), Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

No contexto da formação inicial universitária, a monitoria é uma estratégia de ensino-aprendizagem que pode contribuir para a formação do aluno, por meio do desenvolvimento de habilidades inerentes à docência e do aprofundamento de conhecimentos em determinada área, mediante sua efetiva participação e envolvimento com a disciplina. Partindo desta premissa, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de monitoria na disciplina “Recreação e Lazer” do curso de Bacharelado em Educação Física de uma universidade pública do Estado de Santa Catarina. A monitoria ocorreu entre 2016 e 2017. Nesse período, as monitoras puderam observar diferentes perfis de turmas e refletir sobre suas reações às metodologias empregadas. A disciplina “Recreação e Lazer” tem carga horária de 4h semanais e possui características dinâmicas, sendo composta por aulas de fundamentação teórica, visitas técnicas e aulas práticas, proporcionando espaços para participação ativa dos alunos na construção dessas aulas, o que tem oportunizado contato direto das monitoras com um repertório significativo de experiências docentes, contribuindo significativamente para sua formação acadêmico-profissional. Nestas atividades, as monitoras tiveram a oportunidade de auxiliar a professora em tarefas didáticas, inclusive, na preparação e na realização de trabalhos práticos; em tarefas de ensino, pesquisa e extensão relacionadas à disciplina, enfatizando a necessidade de o ensino dialogar com as demais esferas universitárias; bem como tiraram dúvidas dos estudantes sobre atividades relacionadas aos conteúdos ministrados na disciplina. Da mesma forma, as monitoras participaram do processo transversal e dinâmico de avaliação da disciplina, por meio do qual a professora tem oportunizado distintos meios avaliativos, oferecendo possibilidades para que os diferentes perfis de alunos possam mostrar suas variadas competências e habilidades, sem o engessamento em avaliações tradicionais de ensino, como provas (perguntas X respostas), por exemplo. Saber avaliar é um dos grandes desafios da docência, e poder acompanhar e refletir junto com a professora, ao final de cada semestre, sobre aspectos positivos e negativos da disciplina, além de vislumbrar possíveis melhorias para o semestre subsequente, também tem sido um ótimo exercício de monitoria, especialmente pela estreita relação das monitoras com o Curso de Licenciatura em Educação Física. Por meio destas funções, foi possível perceber a importante aquisição e ampliação de conhecimentos, gerais e específicos, sobre o conteúdo da disciplina “Recreação e Lazer”; bem como o preparo para as atividades docentes, oportunizando a participação ativa no processo ensino-aprendizagem de uma disciplina em particular, adquirindo experiências que, na verdade, vão além da sala de aula e dos aspectos técnicos e didático-pedagógicos envolvidos. Nesse sentido, a experiência na monitoria foi uma significativa oportunidade de crescimento e aprendizado, desembocando em relações ampliadas de confiança, reciprocidade e, também, afeto, onde as monitoras acompanharam de perto os processos que envolvem a docência, aprendendo com os mesmos.

Palavras chave: Monitoria. Recreação. Lazer. Aprendizado. Docência.



CULTURA E CONVIVÊNCIA – EXPERIÊNCIA DE LAZER E EDUCAÇÃO NA PRAÇA

Shirlei Torres Perez, Flávia Andrea Carvalho

shirlei@pinheiros.sescsp.org.br; shitorres.shi@gmail.com.br

Serviço Social do Comércio – Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil

Mesmo considerando as evoluções da ideia de lazer e a própria noção de tempo livre – e seu consequente aproveitamento –, muitas vezes permanece implícita a essas discussões a necessidade de delimitar um bom uso desse tempo, uma intenção de potencializar as boas formas de emprego desses momentos. Mas, considerando que a própria concepção de conhecimento, saber e ciência está em revisão, é necessário revisitar o que seria um uso qualificado do tempo. Jesús Martín-Barbero (2010), a partir de Paulo Freire, afirma que uma educação para a autonomia, hoje, seria uma educação para a autonomia na comunicação, conferida pelo exercício da convivência e dos recursos disponíveis na comunicação cotidiana. Por outro lado, com a imbricação dos tempos de trabalho e de lazer, nos formatos mais variados, nos aproximamos da possibilidade de melhor fruir e organizar esse tempo, ou, por outro lado, ter engolidas essas chances, na medida em que os estímulos são administrados muitas vezes de fora, dificultando a manifestação das individualidades ou a inclusão em determinados códigos e ambientes. Este trabalho apresenta as ações de programação realizadas na Praça do Sesc Pinheiros no segundo semestre de 2017 e início de 2018, em artes cênicas e arte educação, abertas ao público em geral, aos finais de semana, dentro do contexto de educação pelo uso e para o uso do tempo livre. Essa ação propõe vivências educativas pela experimentação da prática das atividades e da fruição em momentos que se complementam, sem a mediação pedagógica ou reflexiva direta, mas pela escolha das ações, locais e horários de forma estratégica e complementar a outras possibilidades de interesse do público. As atividades são realizadas em espaço de circulação intensa, de duas mil pessoas por dia, em média, com uma participação de 200 a 400 pessoas diretamente na fruição e prática. A curadoria e programação integrada dessas ações tem um olhar para: a ampliação de repertórios e diversidade nas sensibilidades a serem trabalhadas; foco em atividades que atinjam um público amplo e diverso; e possibilidade de participação integrada, inclusive da prática conjunta para as famílias. Ações que possibilitem o foco do indivíduo participante para determinadas habilidades ou interesses, de forma lúdica. Ações que se integrem ao espaço da Unidade e da cidade, com foco na região e visando o aceso tanto ao público passante quanto ao frequentador e interessado exclusivamente na atividade, possibilitando também um espaço de encontro habitual e programado, com uma agenda específica. As atividades do período discutido trabalharam a sensibilidade e olhar para o outro e para a cidade e o coletivo, buscando a alternância de práticas e de focos, e esta apresentação visa a exposição dessas atividades, critérios e resultados, como parte de uma discussão para a educação do uso do tempo livre e da convivência para a complexidade (Morin, 207) e recuperação das sensibilidades (Santos, 2010).

Palavras chave: Tempo livre. Ecologia dos saberes. Lazer. Sesc Pinheiros.



DESAFIOS DA FORMAÇÃO EM EAD: ANÁLISE DO PELC-VS EAD

Paulo Eduardo Souza Medeiros; Ana Cláudia Porfírio Couto

paulofisic@yahoo.com.br

Universidade José do Rosário Vellano – UNIFENAS, Divinópolis, Minas Gerais, Brasil /
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

A educação à distância (EaD) está em expansão. Isso acontece, entre outros fatores, pela facilidade dos alunos não precisarem deslocar-se até um ambiente de educação presencial e pelo acesso livre de horários fixos. Os cursos EaD do Programa Esporte e Lazer da Cidade e Vida Saudável (PELC-VS) visam difundir conhecimento sobre esporte e lazer para pessoas de diversas partes do Brasil. Porém, mesmo com as facilidades da EaD, muitos alunos abandonam o curso PELC-VS. Portanto, este trabalho teve por objetivo apresentar as dificuldades encontradas pelos tutores em manter os alunos em curso de formação EaD no PELC-VS. Para tanto, foi avaliada a prática de tutoria em curso de formação EaD no PELC-VS durante o período de três anos, compreendido entre setembro de 2014 a setembro de 2017. O método utilizado foi a análise documental e a observação decorrente da ação da tutoria. A EaD no PELC-VS, quando analisada na prática de tutoria, evidenciou um índice de aprovação médio de apenas 15% do total de alunos. Este baixo índice de aprovação ocorreu principalmente pelo abandono dos alunos, que de forma instantânea paravam de responder às solicitações do tutor e, em alguns casos, paravam até de acessar a plataforma. As causas do abandono nos cursos geralmente permanecem desconhecidas, porém, durante o período de observação sistematizada foram evidenciados problemas que podem justificar o abandono de forma involuntária, como é o caso de alunos moradores em pequenas cidades localizadas no nordeste do país, que justificaram a ausência no curso pela instabilidade de energia e conseqüentemente de internet durante longos períodos de chuva em sua cidade. Outros casos foram citados em cidades do interior, na região nordeste do país, em que os alunos relataram não participar das atividades propostas, pois acessavam a internet do trabalho e haviam sido demitidos ou deslocados de função. Um dos casos que mais chamou a atenção ocorreu em uma capital da região sudeste do país, em que o aluno relatou não ter participado das atividades do curso, pois a comunidade em que morava estava em conflito há 15 dias entre polícia, exército e traficantes e que devido à zona de guerra, vários tiros e explosões danificaram a rede elétrica e, conseqüentemente, os moradores ficaram sem energia e internet durante um longo período. Com base nestas situações de prática de tutoria foi possível relatar algumas das dificuldades vivenciadas pelos cursistas nos cursos EaD de Esporte e Lazer. Porém, fazem-se necessárias mais pesquisas para investigar as dificuldades da formação EaD em cursos de Esporte e Lazer. Podemos inferir inicialmente que fatores externos contribuem para a desistência dos alunos, como por exemplo, a dificuldade de acesso à internet decorrente da desigualdade no país. Além disso, os tutores não dispõem de outros meios para manterem contato com os alunos e contribuir para a continuidade nos cursos, podendo ser outro fator que gere a incerteza em relação à desistência dos alunos. Assim, este campo de estudos demanda um olhar acadêmico diferenciado, com desenvolvimento de pesquisas que contribuam para seu incremento e conseqüente manutenção dos alunos nas atividades.

Palavras chave: Esporte e lazer. Educação à Distância. Formação em EaD.



EDUCAÇÃO PELO LAZER: PROGRAMA ESPORTE CRIANÇA DO SESC SÃO CARLOS

Nathan Raphael Varotto; Regiane Cristina Galante; Laura Fabiana Oliveira

varotton@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil / Serviço Social do Comércio – Sesc, São Carlos, São Paulo, Brasil

Este estudo buscou, por meio de pesquisa qualitativa inspirada na fenomenologia, analisar os processos educativos que se dão na prática social da educação pelo lazer, no *Programa Esporte Criança* do Sesc São Carlos, sob a perspectiva dos/as educadores/as do Programa. O *Esporte Criança* objetiva dar oportunidade para que a criança possa conhecer, experimentar e vivenciar a diversidade de manifestações esportivas e do universo da cultura corporal do movimento, a fim de desenvolver habilidades que a façam capaz de jogar e compreender o jogo de forma que desperte nela o gosto pelo aprendizado e prática dos esportes. Baseado nos princípios do Esporte de Participação – ou Esporte de Lazer –, fundamentado nos preceitos da educação permanente fora do ambiente escolar, tem na Pedagogia do Esporte sua fundamentação teórica e metodológica. Nesta perspectiva pedagógica, a aprendizagem e prática do esporte se fazem por meio da pedagogia, com o objetivo de transcender a simples repetição (técnica e mecânica) de movimentos, permitindo uma iniciação e formação esportiva consciente, crítica e reflexiva, fundamentada em pilares como diversidade, inclusão, cooperação e autonomia, considerando ainda aspectos psicológicos, princípios filosóficos e aprendizagem social para sustentar a prática pedagógica sobre o movimento humano. Implantado no Sesc São Carlos em 2012, atualmente atende 110 crianças, divididas em duas turmas, duas vezes por semana. Nesta pesquisa, foram entrevistados os/as quatro instrutores/as de atividades físicas da Unidade de São Carlos, que atuaram no Programa no ano de 2017, para entender sobre suas concepções de educação pelo lazer e conhecer sua perspectiva sobre o processo investigado. Observou-se, com a leitura dos discursos e após as análises das entrevistas, que o brincar e o aprender estão presentes no dia a dia do Programa, e tal aspecto é considerado por todos/as os/as entrevistados/as como algo importante. Além disso, foram tecidas considerações sobre a recuperação do lúdico como estratégia de educação, pela associação do prazer e do caráter lúdico às situações de aprendizagem e/ou ensino de novos conhecimentos. Além disso, o *Programa Esporte Criança*, da maneira como é realizado, possibilita a construção coletiva dos valores, prioriza a participação de todos/as e busca a reflexão sobre o contexto social no qual está inserido, sendo possível apontar que é possível educar e educar-se nas práticas de lazer. Observamos, portanto, que o esporte de participação, ou esporte de lazer, pode ser considerado uma prática social de educação pelo lazer e apontamos que cabe a nós, educadores/as, conscientizar para a busca autônoma do conhecimento. Pretendemos, com este trabalho, além de destacar aspectos que se apresentaram como significativos pelos/as entrevistados/as, apontar compreensões que pudessem contribuir para o desvelar das relações entre as áreas do lazer e da educação, sobretudo da prática social da educação pelo lazer em atividades esportivas.

Palavras chave: Educação pelo lazer. Lúdico. Esporte de participação. Pedagogia do Esporte.



ESCALADA EM ROCHA PARA ADOLESCENTES: DIVERSÃO E APRENDIZADO

Dimitri Wuo Pereira

dimitri@rumoaventura.com.br

Universidade Nove de Julho – Uninove, São Paulo, São Paulo, Brasil

A escalada está se disseminando na sociedade. Os motivos para esse crescimento estão no desejo de chegar ao topo das montanhas, de ver a paisagem do alto, de se sentir forte, ou de conhecer a si mesmo. Por esses motivos, levar essa atividade aos jovens pode proporcionar-lhes desenvolvimento pessoal no encontro com a natureza. Esta pesquisa foi desenvolvida com sete adolescentes de uma escola de São Paulo, que tiveram o conteúdo de escalada como atividade extracurricular. Ocorreram práticas em um paredão artificial, uso de técnicas verticais, conhecimento de nós, posicionamentos corporais e cuidados com o meio ambiente. Foi também realizada a escalada em uma rocha com 50 metros de altura no interior de São Paulo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade São Judas Tadeu, com assinatura do TCLE. A análise das informações foi realizada com o uso de Diário de Campo e discutida a partir do pensamento complexo de Edgar Morin. A escalada em rocha e no ambiente urbano contêm diferenças marcantes, como: a imprevisibilidade do tempo, que nos fez caminhar por uma trilha na lama para chegar à rocha; o encontro com insetos, que geraram receio aos jovens; a grande diferença de altura, que produziu mais medo em alguns deles; a maior precaução com o uso das técnicas de segurança. Essas contradições fazem parte do que se chama na complexidade de auto-organização. Por outro lado, a escalada permitiu que compreendessem quem somos e como é nosso planeta, pois para escalar é preciso diferenciar-se do ambiente e reconhecer sua força, sua habilidade e seu limite, para no contato com a pedra distinguir suas saliências, suas inclinações e locomover-se com destreza. Observou-se a melhoria no conhecimento pertinente, que lhes permite resolver o problema da ascensão com ajuda da tecnologia dos materiais e do aprendizado da leitura das vias (rotas de escalada). A ética pôde ser vista na frase de um dos estudantes: “tomo cuidado e presto atenção para que ninguém se machuque”. Verifica-se que ele compreendeu o valor da vida expresso na prática e que tem consciência de seus atos. A religação está expressa nas palavras de uma das garotas: “não penso, só sinto e faço como li, às vezes, tenho que mudar o plano, pensando”. Nesta frase, ela está com corpo e mente sintonizados e percebe que em determinados momentos a razão sobressai, em outros, é a intuição. Por fim, encarar o desafio da altura produz angústia sobre a capacidade pessoal, e o fato de estar na natureza, com um grupo em que se pode confiar, utilizando os procedimentos adequados, fez brotar a coragem e o desejo de seguir em frente, para fruir as emoções da conquista. Indivíduo – sociedade – espécie se coproduzem, como se diz na complexidade. Esta pesquisa permitiu que se entenda que a escalada é uma forma de educar os jovens para práticas de lazer que os tornem mais competentes, altruístas e felizes. Sugere-se que a escalada esteja nas escolas, a fim de permitir um desenvolvimento integral da juventude.

Palavras chave: Escalada. Aventura. Complexidade. Natureza.



FORMAÇÃO CULTURAL DE DOCENTES QUE LECIONAM LAZER NA REGIÃO NORTE

Gustavo Maneschy Montenegro; Hélder Ferreira Isayama

gustavo_maneschy@hotmail.com

Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Macapá, Amapá, Brasil / Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Este estudo problematiza a formação cultural de professores universitários que lecionam disciplinas de lazer em cursos de Educação Física de universidades públicas da Região Norte do Brasil. As principais questões que orientam a pesquisa são: Como tem se desenvolvido a formação cultural dos professores universitários que lecionam disciplinas de lazer nos cursos de Educação Física da Região Norte do Brasil? Que práticas culturais são mais recorrentes nas vidas cotidianas dos professores formadores? Os professores desenvolvem atividades a partir de seus gostos e experiências culturais nas disciplinas de lazer que lecionam? Na pesquisa, a discussão de cultura tem sido orientada pela perspectiva dos Estudos Culturais, onde é possível entender que a cultura não é algo neutro, não está ausente de relações de poder, mas que exerce centralidade em toda a dinâmica social (questões de gênero, educacionais, étnico raciais, classe social). Desta maneira, partimos do pressuposto de que a ação do profissional do lazer tem de promover uma intervenção pedagógica, que se utiliza de diversas linguagens culturais para promover a sua atuação, que pode se consolidar por meio da (re)construção de significados culturais, presentes nos jogos, brincadeiras, atividades esportivas, danças, histórias, lendas, cinema, teatro, música. Portanto, a formação cultural tem papel importante para não só diversificar as práticas culturais dos grupos com que o profissional atua, mas também para ampliar a sua própria formação. Metodologicamente, a investigação se efetivou por meio da combinação das pesquisas bibliográfica e de campo. A pesquisa de campo se concretizou por meio de entrevista semiestruturada com 11 docentes que lecionam disciplinas relacionadas ao lazer em Cursos de Educação Física da Região Norte brasileira. Em relação às práticas culturais mais recorrentes na vida dos professores, foi possível concluir que os docentes apresentam uma diversidade de consumo cultural. Um grupo ressaltou o uso do espaço doméstico como predominante para o desenvolvimento de atividades culturais, onde destacaram que realizam leituras, assistem a filmes, ouvem músicas, recebem amigos e familiares, acessam a internet. O outro grupo demonstrou fazer uso de variados espaços da cidade para vivências de práticas de lazer, tais como shows, saídas a bares e casas noturnas, visitas a espaços históricos e turísticos, cinemas, shopping center, espaços naturais, apresentações de espetáculos de danças, práticas esportivas. Quanto ao uso de atividades a partir de seus gostos e experiências culturais nas disciplinas de lazer que lecionam, todos os professores demonstraram usar suas experiências culturais para lecionar nas disciplinas, seja problematizando o lazer na sociedade; discutindo questões relacionadas ao acesso ao lazer; analisando a implementação de políticas no setor, levando os alunos da graduação para conhecer espaços culturais e turísticos; discutindo o uso do cinema e da música na educação; desenvolvendo atividades de lazer em áreas verdes; ou aproximando os alunos para a realização de atividades pedagógicas com diversos grupos, como a organização de gincanas, atividades envolvendo danças, ginásticas e esportes. Portanto, esta pesquisa tem apontado que os docentes constroem maneiras de ensinar a partir das práticas de lazer que vivenciam.

Palavras chave: Lazer. Formação cultural. Educação.



FUTEBOL CALLEJERO: O ESPORTE COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

**Roberto Ramos Campos; Thiago Escudeiro Borba; Getúlio Furtado Marinho;
Luciano Teixeira Souza**

ramosdecampos@hotmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc, Departamento Físico Esportivo, São Paulo,
São Paulo, Brasil

O Sesc Campo Limpo, situado na zona sul da cidade de São Paulo, com área aproximada de 20.000 m², proporciona um leque de atividades físico-esportivas e artísticas, contemplando uma importante demanda para a população local. Cercado por uma diversidade cultural de considerada significância, tem, por essência, a diversidade social presente entre seus frequentadores. Diante de demandas que se impõem por esse intenso contraste social, houve a necessidade de promovermos uma atividade inclusiva e educativa capaz de “provocar” a leitura e interpretação dos fatos cotidianos, bem como o comportamento de jovens frequentadores. Observando anseios desses protagonistas, buscamos vertentes educativas possíveis através do Futebol e encontramos uma excelente ferramenta denominada “Futebol *Callejero*”, ação que nasceu a partir da ideia da Organização “Defensores del Chaco” em ampliar espaços de diálogo entre jovens argentinos de comunidades com altos índices de violência. Hoje, essa iniciativa, difundida por vários países da América Latina, Europa e África, moldou uma metodologia eficiente de transformação social e formação de lideranças juvenis. (FUDE, 2012; STREETFOOTBALLWORLD, 2014). A proposta foi encaminhada com o objetivo de oferecermos um espaço com intervenções que valorizassem cooperação, respeito, solidariedade, honestidade, cuidar de si, do próximo e do espaço comum, além de uma atividade esportiva que desenvolvesse protagonismo, autonomia e responsabilidade compartilhada. A metodologia foi estabelecida através de rodas de conversa com o intuito de aproximar os alunos e o modelo de trabalho, contemplada numa dinâmica de grupo vinculada ao tema. Essas intervenções utilizaram uma abordagem de comunicação não violenta com vista ao acolhimento, respeito à diversidade e justiça social (ROSENBERG, 2006). A assiduidade e adesão são intrínsecas, com média de 23 alunos por aula – assim, consideramos a aceitação do trabalho, item relevante para a continuidade da proposta. Outro destaque refere-se ao perfil do grupo e sua heterogeneidade: o aluno mais novo com 13 e o mais velho com 65 anos, uma garota e cinco adultos de até 29 anos. Propostas estruturais (como festivais esportivos) deram início às intervenções, porém questionamentos surgiram e, na experimentação dos formatos sugeridos, chegamos à lógica de intervenção democrática (alguns preferiam o sistema “quem ganha fica”, outros, “número de jogos iguais para todos”). Com regras construídas por todo o grupo, a proposta não obteve enfrentamento ou oposição. Momentos tensos durante os jogos surgiram e auxiliaram na resolução de conflitos através das mediações. Muitos perceberam ter voz (pois tiveram tal espaço), mesmo em situações críticas. Cada encontro trouxe singularidades, o que somou certa instabilidade ao planejamento e, com ela, o aumento da ansiedade, pois nossa insegurança em relação aos acertos e erros das intervenções gerava uma incógnita relacionada às reações dos jovens e situações conflituosas que podiam surgir. No decorrer dos encontros, diminuiu a resistência durante as rodas de conversa, que trouxeram um momento importante de *feedback* para o grupo. Esse conjunto de ações, que foram opções do grupo de professores ao longo do trabalho, tem conquistado mudanças comportamentais, receptividade, diálogos e respeito em diversas vertentes, provocando mudanças nos alunos e todos os que convivem com os eles na Unidade.

Palavras chave: Futebol *Callejero*, Transformação social. Jovens.



GRUPOS NATUREZA EM FAMÍLIA: CIDADES MAIS VERDES E CRIANÇAS MAIS SAUDÁVEIS

M. I. A. de Barros; Lais Fleury; Gabriela Guth; P. Mendonça

gabriela.guth@alana.org.br

Programa Criança e Natureza - Instituto Alana, São Paulo, São Paulo, Brasil

O programa *Criança e Natureza* do *Instituto Alana* tem como missão criar condições favoráveis para que as crianças cresçam e se desenvolvam em contato direto com a natureza. Uma de suas ações, chamada *Grupos Natureza em Família*, tem como objetivo fomentar grupos de pessoas interessadas em proporcionar às crianças tempo ao ar livre, em contato com a natureza, para que possam se reunir frequentemente em parques ou praças para brincar, fazer piquenique, andar de bicicleta, caminhar ou desenvolver outra atividade de convívio com a natureza. Essas experiências levam as famílias a desenvolver um senso de pertencimento à cidade e ao bairro em que moram, a criar vínculos de afeto entre si, além de levá-las a conhecer e valorizar as áreas naturais protegidas de sua vizinhança. Existem pesquisas que comprovam os benefícios de brincar em espaços abertos para o desenvolvimento infantil em cada um de seus aspectos: intelectual, emocional, social, espiritual e físico. As crianças que crescem em contato com o ambiente natural também são mais propensas a se tornarem consumidores adultos mais bem informados e a assumirem um estilo de vida mais consciente ambientalmente. Ainda, quando as crianças brincam em diferentes ambientes naturais, se tornam mais ativas fisicamente, conscientes sobre sua alimentação e cuidadosas com o outro. Apesar das diversas ferramentas de interação social que estão ao nosso alcance atualmente, para muitas pessoas o convívio social espontâneo em espaços públicos quase não existe mais. Os encontros organizados pelos *Grupos Natureza em Família* são uma forma de ajudar a diminuir as dificuldades que encontramos no dia a dia para estar com outras famílias e simplesmente passar tempo juntos ao ar livre. Ao se relacionar com os espaços públicos o cidadão também exerce seu direito à cidade, e através de seu uso, se vincula a ela e desenvolve um senso de pertencimento e preocupação em preservá-la. No intuito de engajar as famílias em hábitos saudáveis para si mesmas e para suas comunidades, criamos o *Curso de Formação de Mobilizadores de Grupos Natureza em Família*. O curso procura trazer referências sobre os diferentes benefícios da relação direta da criança com a natureza, assim como trazer ferramentas para que os participantes tenham iniciativas práticas para favorecer a interação de crianças com a natureza. A primeira e quarta edições ocorreram na cidade de São Paulo, no *Instituto UMAPAZ*, em parceria com o *Movimento Boa Praça*. Já a segunda edição foi realizada no Rio de Janeiro, no *Parque Lage*, e contou com a parceria do *Movimento Borandá* e do *Parque Nacional da Tijuca*. A terceira edição contou com a parceria do *Movimento BrincaCidade* e o *Parque Lage*. Alguns dos mais de cem Mobilizadores formados no curso já se engajaram e organizaram seu próprio PICNIC, trilha e/ou *Grupo Natureza em Família*.

Palavras chave: Criança. Natureza. Família. Direito à cidade.



JOGOS INFANTIS: PROPOSTA PRÁTICA PARA A DISCIPLINA TÉCNICAS DE RECREAÇÃO

Fernanda Pereira Liguori

liguori.fernanda@gmail.com

Instituto Federal de São Paulo (IFSP), São Paulo, SP, Brasil

Este trabalho tem como principal objetivo verificar os resultados do processo de ensino-aprendizagem na disciplina Técnicas de Recreação, ministrada aos alunos do primeiro semestre do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do Instituto Federal de São Paulo, Campus São Paulo, das turmas dos períodos matutino e noturno, durante o segundo semestre letivo de 2015. Com carga horária de 57 horas, a disciplina Técnicas de Recreação, visa desenvolver habilidades e competências necessárias ao futuro profissional de recreação, que vão dos conceitos elementares ao planejamento e execução de atividades de entretenimento e lazer. Como proposta de trabalho de conclusão da disciplina foi solicitada aos alunos atividade prática, composta por três momentos distintos: o planejamento, a execução e a autoavaliação. Na fase de planejamento, os alunos, divididos em grupos de até cinco participantes, deveriam pesquisar e escolher dois jogos infantis do folclore brasileiro, criar uma ficha de desenvolvimento da atividade – nome da brincadeira, descrição, faixa etária, execução, materiais necessários, local adequado para execução, recursos financeiros –, uma programação de atividades e a reunião de materiais necessários para aplicar as brincadeiras escolhidas. Dentre as brincadeiras tradicionais que poderiam ser escolhidas estavam queimada, taco ou betz, jogos de corda, entre outros. A fase de execução, referiu-se à aplicação das brincadeiras em datas pré-definidas. Cada grupo deveria aplicar as brincadeiras nos próprios colegas de sala, com idade entre 18 e 50 anos. As atividades foram realizadas ao ar livre, no bosque e nas quadras do campus. Em cada grupo, deveria existir um líder e monitores que dariam suporte às brincadeiras. O líder deveria explicar e organizar o andamento das atividades. A cada grupo coube também providenciar todos os materiais necessários para a execução de suas propostas. Após a execução das atividades, foi realizada uma reunião de autoavaliação com os grupos e os participantes para determinar os erros e acertos no planejamento e execução das atividades. O desenvolvimento da atividade pedagógica baseou-se no conceito de situação-problema de Perrenoud (2002), que envolveu o planejamento, a execução e a análise crítica de uma programação de lazer, bem como buscou o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao futuro profissional de recreação.

Palavras-Chave: Jogos infantis. Técnicas de recreação. Ensino. Aprendizagem. Situação-problema.

Referências

MACEDO, Lino de. Situação-problema: forma e recurso de avaliação, desenvolvimento de competências e aprendizagem escolar. In: PERRENOUD, P. As competências para ensinar no século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.



LAZER CAIÇARA EM ILHABELA-SP E TURISMO: DESAFIOS E PROCESSOS EDUCATIVOS

Silmara Elena Alves de Campos; Ricardo Ricci Uvinha

silmaradecampos34@gmail.com

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

O conhecimento atualmente produzido e difundido na maioria dos sistemas sociais ocidentais encontra-se, em sua maioria, fortemente influenciado pelos interesses e necessidades de sistemas de dominação econômica, política e cultural, acarretando a validação e supremacia de determinados conhecimentos em detrimento de outros, assim conferindo privilégios àqueles/as que os detêm, ao mesmo tempo em que marginaliza e suprime saberes e epistemologias alheios à cultura dominante. Este estudo (em andamento) tem seus referenciais teóricos pautados e articulados em torno de estudos do Lazer, do Turismo, da Motricidade Humana, Epistemologias do Sul e Pedagogia Dialógica, assentados na perspectiva ontológica de o ser humano transcender-se e relacionados à possibilidade de superação de realidades opressoras e desumanizantes. A pesquisa vem se desenvolvendo junto a caiçaras nascidos e residentes na Baía de Castelhanos, área localizada na face leste do município-arquipélago de Ilhabela/SP, e que historicamente vem sofrendo processos de marginalização social, cultural e econômica. O objetivo desta investigação é o desvelamento e a compreensão dos processos educativos envolvidos na construção das Motricidades do Sul, especificamente no que se refere às suas práticas de lazer, frente ao aumento da demanda da atividade turística no local. Considera-se a prática social do lazer, manifestação intencional do ser humano carregada de sentidos e significados específicos àqueles/as que a fazem existir, como elemento integrante das Motricidades do Sul, aqui compreendidas como as ações (particularmente na fruição dos jogos, cantos, danças, lutas, festas, histórias no viver-a-vida) próprias de grupos/comunidades sociais marginalizadas e oprimidas que, ao se manifestarem, permitem a seus/suas integrantes a percepção, a transmissão, a compreensão e por vezes a reinterpretção de seus saberes, de seus conhecimentos, de suas tradições, de suas formas de ser e estar no mundo. Assim, o lazer pode agir no sentido de rejeitar determinismos e racionalidades opressoras, bem como atuar na busca da liberdade, de solidariedade, resistência e reivindicação ao desencadear processos educativos que permitem novas compreensões das relações humanas e do mundo em que se vive. A metodologia utilizada é inspirada na fenomenologia, modalidade fenômeno situado, a qual se interessa pela expressão e percepção da experiência do sujeito acerca de suas vivências, do mundo vivido, a partir das quais se busca compreender os infindáveis modos de ser e de experienciar o mundo. Os instrumentos de coleta de dados utilizados são entrevistas e registros em diários de campo. Almeja-se que a produção de conhecimentos oriunda do saber da experiência popular também possa impulsionar e apoiar a formação permanente de professores/as e educadores/as em distintos contextos, bem como fomentar uma reflexão crítica do mundo, de maneira que a produção de conhecimentos através de uma reformulação epistemológica e educacional tornem-se problematizadoras, libertárias e humanizadoras e consigam romper paradigmas que nos impedem de reconhecer e valorizar novas compreensões sobre o ser humano e o mundo.

Palavras chave: Lazer. Turismo. Educação. Motricidades do Sul.



LAZER E CURRÍCULO: COMPREENDENDO AS IDENTIDADES TORCEDORAS EM TORCIDAS ORGANIZADAS

Mauro Lúcio Maciel Júnior; Hélder Ferreira Isayama

maurolmj9@hotmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Os esportes modernos têm se consolidado como uma importante vivência de lazer para as pessoas, tanto no sentido da prática, quanto nos sentidos da assistência e do conhecimento. Dentre estes esportes, o futebol se destaca por possuir grande apelo popular ao redor do mundo, o que contribuiu para que se tornasse um objeto de interesse de diversos pesquisadores. Em meio aos diferentes fenômenos estudados sobre o futebol, aqueles que dizem respeito aos seus torcedores e às formas com as quais eles se organizam constituem temas que vêm despertando interesse, tanto pelo papel que os torcedores exercem dentro do espetáculo esportivo, quanto pelas relações que estabelecem com a sociedade. O presente estudo tem como foco as organizações de torcedores conhecidas, no Brasil, como torcidas organizadas, que são instituições presentes em um número considerável de clubes de futebol no Brasil e que possuem um elevado número de associados (SILVA et al. 2012). Com base nos estudos curriculares, notadamente em sua perspectiva pós-crítica, buscaremos compreender essas torcidas como instituições capazes de reunir pessoas em seus momentos de lazer e que, devido aos valores e ações difundidas em seu interior, acabam por possuir um currículo e exercer um papel formativo para seus membros, visto que em cada torcida há a construção de uma forma particular de ser torcedor, que configura a constituição de uma identidade torcedora específica. Assim, o presente trabalho estuda uma torcida organizada vinculada a um clube profissional de futebol da cidade de Belo Horizonte/MG, escolhida por critérios de relevância e acessibilidade. Nossos objetivos são identificar, compreender e analisar os modos como se dão as práticas e as relações presentes nessa instituição, de modo que seja possível visualizar a existência de um currículo que se relacione à construção de determinada identidade torcedora. Este estudo é uma combinação de pesquisas bibliográfica e de campo que utiliza as técnicas de observação participante e entrevistas semiestruturadas. A apreciação dos dados obtidos será fundamentada na técnica de análise do discurso. Como resultados parciais, temos observado que as práticas no interior da torcida estudada parecem reforçar a identificação de seus membros com os valores que motivam sua união – inicialmente a paixão por um determinado clube –, ao mesmo tempo em que fortalecem os vínculos dos membros entre si e com a própria imagem da torcida que representam. A construção de uma determinada identidade torcedora parece extrapolar o limite da paixão clubística e caminhar para a exaltação da imagem da torcida, de seus símbolos e de seus valores, o que acaba por diferenciar o modo de ser torcedor dos membros de uma torcida organizada, de outros modos de ser torcedor. A utilização de roupas da torcida, a confecção de faixas e bandeiras e as reuniões dos membros dentro e fora dos ambientes dos jogos são exemplos de ações que marcam esse modo de torcer.

Palavras chave: Futebol. Formação. Subjetividades. Torcedores.



LAZER E DANÇA (PELC/EAD): PERFIL E MOTIVAÇÃO DOS CURSISTAS

Aline Oliveira Dias Moura; Vagner Miranda da Conceição; Aládia Cristina Rodrigues Medina; Jenifer Lourenço Borges Vieira

alinedmpelc@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

As políticas públicas de esporte e lazer podem ser consolidadas de diferentes formas. O Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e Vida Saudável (VS) é a política nacional de lazer que busca consolidá-lo enquanto direito. O Ministério do Esporte, por intermédio de sua Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS), em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, desenvolve e oferece cursos de Educação à distância (EAD) voltados para agentes sociais vinculados ao PELC/VS, que abordam conceitos e debates acerca do lazer, além de princípios e diretrizes do programa, possibilitando a reflexão sobre políticas públicas e gestão participativa. Este relato de experiência apresenta o levantamento do perfil dos alunos participantes de cinco turmas de um dos cursos promovidos – Dança e Lazer do PELC – e a motivação desses para ingressarem nessa formação. Dos 119 cursistas, 28 são homens e 91 são mulheres, residentes nos estados brasileiros: Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Minas Gerais, Distrito Federal, Espírito Santo, Pernambuco, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo; e um em outro país. As formações profissionais apresentadas abrangem licenciatura e especialização em dança, conclusão de cursos de estilos específicos de dança, atuação como coreógrafo profissional. Dentre os cursistas temos também estudantes e profissionais graduados em Educação Física, Pedagogia, Arte, Educação Artística e Ciências Sociais, além de coordenador municipal de Educação Física, professor de capoeira e um sujeito que atua com EAD. Nenhum cursista destas turmas apresentou vínculo com o PELC, mas diferentes motivos para participação, como: 1) ampliar, aprimorar os conhecimentos e debates acerca do tema dança; 2) refletir sobre a dança na escola e suas possibilidades de transformação por meio desta; 3) necessidade de aprofundar no tema dança e no campo do lazer, aprendendo cada vez mais; 4) superar limites pessoais; 5) para implantar PELC na região onde reside; 6) para adquirir novos conhecimentos e melhorar as aulas de Educação Física em que atua como professor; 7) aprimorar os conhecimentos e qualificar projeto; 8) retornar aos estudos acadêmicos. Podemos inferir, a partir desse levantamento, que o tema é relevante, pois gerou interesse não apenas para participantes do Programa Esporte e Lazer da Cidade. O curso se estende a profissionais de Dança, Educação Física e outras áreas, graduados ou em formação, professores e curiosos em dança, que visualizam essa formação como uma possibilidade de aprimorar sua atuação, de se destacar no mercado de trabalho. A formação em dança e lazer proporciona um olhar diferenciado para o profissional que se dedica ao ensino de dança, independente do contexto de atuação, uma vez que permite o contato com novos conhecimentos e entendimentos da relação íntima entre lazer e dança, a compreensão da dança como uma prática de lazer e assim, como uma prática construída sócio, histórico e culturalmente, e que, como tal, deve ser possibilitada a todos. Através do Curso, os sujeitos poderão equipar-se de ideias e ferramentas para colocar princípios, projetos e iniciativas de dança e lazer em ação.

Palavras chave: Lazer. Dança. Motivação. PELC. EAD.



LAZER E EAD: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

Aládia Cristina Rodrigues Medina

aladiamedina34@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

A educação à distância (EAD) é uma metodologia de ensino crescente, que visa atender às novas demandas sociais, de uma sociedade mais tecnológica na qual a informação se processa de forma rápida e fácil. Em função dessas questões, houve a necessidade de elaborar dinâmicas e metodologias próprias para essa modalidade educacional. O Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), do Ministério do Esporte, em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), se apropriou dessa metodologia de ensino e criou cursos de temáticas associadas ao lazer voltado aos agentes sociais desse programa. A abrangência foi tamanha que não atende apenas a esse perfil, mas a pessoas do país inteiro que se interessam pelos cursos. Este texto retrata a minha experiência como tutora nesses cursos desenvolvidos pela UFMG. Faço parte da tutoria dos cursos de agente social do PELC desde fevereiro de 2017. A partir daí, já atuei como tutora dos seguintes cursos: 1) Avaliação; 2) Dança e Lazer; 3) Elaboração de projetos; 4) Esporte, lazer e juventude; 5) Esporte, lazer e saúde. Com exceção do curso Esporte, lazer e juventude, que tem 15 horas, os demais são de 30 horas. Os cursos de 30 horas são compostos de três unidades temáticas como conteúdo. O de 15 horas, de duas unidades. Ao final de cada unidade o aluno realiza uma atividade avaliativa que é pontuada. Ao final do curso deverá ter alcançado, no mínimo, 60% dos 100 pontos distribuídos. Além das atividades, o Fórum de Apresentação e a Avaliação também são pontuados aos alunos que realizarem ambos. A atividade do tutor perpassa guiar, orientar e estimular a aprendizagem dos alunos durante todo o processo, participar e fomentar os Fóruns, tirar as dúvidas dos cursistas, corrigir atividades online, dar feedbacks aos alunos, emitir relatórios de acompanhamento aos supervisores e, durante todo o curso, utilizar dos recursos tecnológicos para manter o aluno participativo e assíduo. Além disso, faz parte do papel do tutor estimular o aluno à busca de novos conhecimentos indicando bibliografias para estudo para que o aluno possa “ir além” na construção do seu conhecimento. Portanto, há desafios e barreiras no trabalho do tutor de EAD dos cursos de lazer. Posso inferir que o trabalho tem sido enriquecedor e os cursos no formato de EAD têm se mostrado como poderoso instrumento que orienta e alinha a construção do conhecimento no lazer e suas diversas formas de manifestação. Minha experiência nesse período como tutora desses cursos aponta para o sucesso da metodologia utilizada, apesar da educação à distância ainda ser um desafio grande, pois depende do desenvolvimento dos estudos de forma autônoma e da atuação do tutor através dos suportes de comunicação que tem disponível. Dessa forma, conclui-se que é uma relação possível.

Palavras-Chave: EAD. Lazer. Tutor.



LAZER E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA

André Sousa Rocha; Gustavo André Pereira de Brito
asroccha@hotmail.com

Universidade Federal do Ceará (UFC), Sobral, CE, Brasil; Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Natal, RN, Brasil

A escola é um espaço fundamental na vida de todo indivíduo, na qual desenvolve a aprendizagem do sujeito no campo físico, cognitivo, social e cultural. O lazer, principalmente, durante a fase da infância, é de extrema importância para que a criança venha a se desenvolver de maneira sadia, desta forma, melhorando sua capacidade cognitiva, evitando o aparecimento de doenças como: depressão, obesidade e comportamento antissocial. Vygotsky (1996), um autor de referência no campo educacional, traz em seu acervo de literatura o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que é a capacidade da criança realizar uma atividade sozinha, mas com uma ajuda significativa do adulto, no entanto, não interferindo no processo final. Sendo assim, em uma atividade de lazer, esta tarefa poderá ser realizada com a finalidade de perceber se a criança consegue ou não realizar determinada tarefa, podendo atrelar a um estudo cognitivo, averiguando se há o surgimento de algum distúrbio intelectual. Para Vygotsky (1996), o sujeito evolui através da troca mútua com o social e com o meio. Além disso, o brincar, considerado uma atividade de lazer e, conseqüentemente, lúdica, faz com que o sujeito interaja no ambiente com outros indivíduos, símbolos e objetos, pois é um espaço propício para imaginar, criar e aprender, ampliando o campo cognitivo. Como objetivo geral se buscou compreender o lazer e o brincar como ferramentas essenciais e de excelência no processo de formação e construção do sujeito. Este estudo consiste em uma leitura crítica de livros e artigos, que busca salientar os benefícios que o lazer impacta na vida do sujeito, sobretudo, durante a infância, sendo uma área basilar na formação social, pois segundo Freire (1975), essa habilidade permite que o sujeito tenha participação efetiva em seu meio, sem necessidade de aceitar o mundo como está posto, mas formar seu próprio ponto de vista. Dessa forma, a área de lazer conquista seu espaço no âmbito psicológico, porque ao propor determinadas tarefas que estimulem a área cognitiva do sujeito, ao mesmo tempo, permite desenvolver a autonomia, liberdade e a fantasia; mecanismos estes que fortalecem e imprimem a autoestima. Portanto, conclui-se com as leituras que o lazer se faz presente e é eminente dentro dos assuntos plurifacetados discutidos pela Psicologia, pois aumenta a qualidade de vida do indivíduo, além de serem tarefas que estimulam o contato físico, social, imaginário e ainda diminui o sedentarismo, estresse, fatores que podem desencadear doenças cardiovasculares, corporais e mentais. Por fim, deve ser uma área mais estudada e explorada e não menosprezada ou excluída por parte de pais e até mesmo de professores, que não conseguem elencar a área de lazer como formadora de um cidadão.

Palavras-Chave: Educação, Lazer, Psicologia.



LAZER E EDUCAÇÃO NO GEOPARK BODOQUENA-PANTANAL: NÚCLEO NIOAQUE

Nagela Fernanda dos Santos; Ticiane Pereira Oliveira

fernanda.nagela@usp.br

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

O objetivo deste trabalho consiste em analisar a contribuição das atividades no *Núcleo Nioaque* do *Geopark Bodoquena-Pantanal* relativa à educação pelo lazer. A concepção de um geoparque baseia-se na atividade sustentável com foco primário nas feições geológicas, estabelecidas no sítio geológico ou geossítio de valor histórico, paleontológico que possuem características únicas, singulares e que merecem atenção em virtude de suas peculiaridades, de acordo com a Rede Global de Geoparks (RGG) e Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Para tanto, os sítios considerados patrimônio geológico representam parte de um conceito holístico de proteção, educação e sustentabilidade e desenvolvimento local. Deste modo, os geossítios são entendidos como elemento central, na perspectiva de uma consciência ambiental e científica para a presente e futuras gerações, com a possibilidade de propiciar atividades de lazer com base integradora entre comunidade escolar e população. O *Núcleo Nioaque* está ativo desde 2013 pelo convênio firmado entre o *Geopark Bodoquena-Pantanal* e a prefeitura municipal de Nioaque, com um protocolo de cooperação e um plano de trabalho, e cabe à prefeitura a responsabilidade de disponibilizar monitores, por meio da cedência de dois professores do ensino básico da rede municipal, para executarem atividades junto ao *Geopark Bodoquena-Pantanal*, bem como o espaço que abriga atualmente a sede do núcleo. As atividades no núcleo de Nioaque são relacionadas às pegadas de dinossauros encontradas na margem do Rio Nioaque, impressas em arenitos eólicos jurássicos da Formação Botucatu, unidade hidrogeológica mais importante do Aquífero Guarani e associada à Bacia Serra Geral. Geossítio importante do ponto de vista paleontológico e hidrogeológico, por ser um local onde afloram arenitos de um dos maiores e melhores reservatórios de água doce do mundo. Portanto, atualmente, o núcleo desenvolve atividades de cunho educacional, conscientização e familiarização de tais conhecimentos científicos, envolvendo principalmente as escolas municipais e estaduais de maneira lúdica e jocosa. Entende-se neste trabalho que tal processo, dentro da perspectiva da educação pelo lazer, contribui como facilitador no processo de ensino-aprendizagem, agregando, assim, conhecimentos das ciências da terra e natureza. Destacamos, nessa perspectiva, a educação como elemento cultural do lazer. A metodologia abordada para utilização na pesquisa é de natureza analítica e qualitativa, com foco em informações em dados primários coletados em sites e documentos oficiais, observação *in loco*, registros fotográficos e análise do material coletado. Contudo, as atividades de lazer há muito constituem fator colaborativo no processo pedagógico, ampliando assim as possibilidades de aprendizado, uma vez que aliar o conhecimento teórico às vivências cotidianas através da ludicidade acaba por transpor algumas das barreiras do saber, e o aprender pelo lazer demonstra o universo de possibilidades dos diferentes elementos culturais do lazer, ultrapassando a visão simplista de que reproduzem o mercado do consumo. Dessa maneira, acredita-se que as atividades da educação e lazer contribuem efetivamente no processo de ensino-aprendizagem à comunidade, ampliando o entendimento do seu valor histórico, ao conhecer suas peculiaridades e características geológicas.

Palavras chave: Educação. Lazer. Geopark. Nioaque. Pantanal.



LAZER E EXPERIÊNCIA DISCENTE NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Marie Luce Tavares

marie.tavares@ifmg.edu.br

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG / Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG, Ouro Branco, Minas Gerais, Brasil

De forma geral, a educação está envolvida com o processo cultural. Contudo, ao contrário do pensamento convencional, este processo é visto como fundamentalmente político. Assim, a educação está profundamente imersa em uma política cultural, o que significa que é tanto campo de produção ativa de cultura quanto campo contestado. Neste contexto, a escola se configura como parte da comunidade em que é, na maioria dos casos, o único espaço público de integração, organização e lazer disponível. Dessa forma, deve estar permanentemente aberta à população e firmar-se como um efetivo polo cultural. Mas e a relação com a comunidade acadêmica, e especificamente os discentes? E a educação profissional? Na educação profissional, e mais especificamente no Ensino Médio Integrado, trabalho e escola passam a ser entendidos como esferas da vida humana nas quais se dá, de forma integrada, a produção da existência. Nesta, se define, a partir das relações sociais em que homens e mulheres constituem a si mesmos, uma dada formação social cujas características estão condicionadas pela forma como se consideram não só as tecnologias, a educação, o trabalho, mas, também, outras esferas da vida humana, como o lazer. Portanto, a educação profissional pautada no Ensino Médio Integrado indica um devir em termos da materialização da concepção de uma educação que integre, basicamente, as perspectivas da escola unitária, da politécnica e do trabalho como princípio educativo. Assim, pergunta-se: qual o lugar do lazer nesta concepção de educação? Que lazer é este que se materializa na escola? E quem é esse discente do Ensino Médio Integrado? É nesse contexto que se configura o problema desta investigação, qual seja, a experiência discente com o lazer no currículo do Ensino Médio Integrado de uma Escola de Educação Profissional Tecnológica. Para tanto, a pesquisa aqui apresentada tem seu foco na interface entre o discurso do currículo dos projetos pedagógicos dos cursos técnicos integrados e os discursos dos currículos das práticas extracurriculares da instituição. Para esta investigação utilizou-se a perspectiva analítica dos Estudos Culturais, em sua vertente pós-crítica, inspirada nos pressupostos teórico-metodológicos da análise do discurso na perspectiva de Michel Foucault. O percurso metodológico compreende a combinação da pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Neste trabalho, apresentamos os resultados preliminares desta pesquisa apontados no levantamento bibliográfico e documental. O levantamento documental se deu a partir da análise dos currículos dos cursos técnicos integrados e da consulta de documentos da instituição no banco de dados da Coordenação de Extensão. A partir da análise documental, apontamos possibilidades para a materialização de ações efetivas no campo da formação que podem participar não só da estruturação da realidade como também de sua transformação quando integradas às estratégias pedagógicas e às ações dos discentes no interior da instituição.

Palavras chave: Lazer. Currículo. Ensino Médio Integrado.



LAZER E TERRITÓRIO EDUCATIVO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA SESC CURUMIM

Felipe Del Mando Lucchesi

felipedelmando@hotmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc, Santos, São Paulo, Brasil

O lazer pode ser entendido como a cultura compreendida no seu sentido mais amplo, praticada ou fruída no tempo disponível, sendo esta uma ação de cunho prático ou meramente contemplativo (Marcellino, 1998). Desde a pluridimensionalidade do lazer proposta por Dumazedier (1979) na categorização dos componentes do lazer em: físicos, manuais, estéticos, intelectuais e sociais, até categorizações contemporâneas como o aspecto virtual (Schwartz, 2003), o conceito de lazer se legitima na busca do prazer idôneo, na espontaneidade e em novas formas de pensar, sentir e agir. A concepção de vivências de atividades intimamente relacionadas à natureza e aos espaços públicos de lazer com sua importância histórico-simbólica pode promover momentos de sociabilização, liberdade e apropriação de novos saberes, como a livre expansão da personalidade (física e cognitiva) dentro de uma participação ativa na vida cultural da sociedade. O programa *Curumim*, vinculado ao setor socioeducativo e à educação não formal do Sesc Santos (SP), atende crianças de 7 a 12 anos de idade e tem por premissas de atuação a autonomia, a sociabilização e a garantia de valores como respeito, empatia e protagonismo infantil. No escopo de suas ações estão os encontros com pais, mães e responsáveis. O presente trabalho se concentrou no relato de ações externas em espaços públicos da baixada santista entre os anos de 2015 a 2017, com o devido acompanhamento dos educadores de várias áreas de formação do programa. As vivências realizadas foram: canoa havaiana catamarã, com embarque de até 12 pessoas cumprindo o trajeto de Santos até Guarujá e posterior ação educativa na praia do Góes; passeio ciclístico pela orla de Santos e visitação à Fortaleza da Barra, no forte do município de Guarujá (SP). A metodologia se deu a partir do convite à participação de crianças inscritas no programa e seus familiares, o acompanhamento de guias para orientações gerais e o registro histórico (visitação ao forte), além da integração por meio de lanches coletivos e minijogos ou atividades lúdicas que estavam relacionados à temática mata atlântica, sua fauna e flora, local de visitação dos encontros. As ações atreladas buscaram se aproximar do conceito de educação integral e de que a cidade pode ser um território educativo quando permite a participação de todos, a convivência de forma equânime, harmoniosa e intergeracional e que dê acesso aos bens culturais e simbólicos em seu estado de preservação. Consideramos ainda a relevância na atuação do próprio indivíduo, que em contato com a natureza perpassa questões como bem-estar, superação, compartilhamento de tempos e espaços com seus pares em uma prática alternativa e expressiva por seu potencial educativo.

Palavras chave: Lazer. Território Educativo. Educação Integral. Intergeracional.



LAZER, EDUCAÇÃO E MÍDIA NO ENSINO SUPERIOR

Patricia Luciene de Carvalho; Juliano Turmina

patriciacarvalhoms@gmail.com

Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, Joinville, Santa Catarina, Brasil

Diante da grande influência tecnológica no cotidiano da população, a observar como a sociedade se desenvolve e se adapta a estas mudanças, surge o questionamento de como se incorpora a utilização das mídias no tempo de lazer dos estudantes universitários. Baseado nos estudos propostos por Schwartz, que reforça a concretização dos conteúdos culturais do lazer propostos por Dumazedier e ressalta a construção de um novo “conteúdo virtual” que se faz presente massivamente na rotina dos jovens da atualidade, traz-se a consciência da influência dos meios de comunicação virtuais nas mudanças de valores e formação e de conceitos na cultura de massa. Acredita-se que proximidade entre a informação e o indivíduo, proporcionada pelas tecnologias de informação e mediada pelos meios virtuais, intensifica as transformações sociais. Diante deste contexto, elaborou-se um projeto piloto, com o objetivo de investigar como as mídias estão presentes no cotidiano dos acadêmicos do ensino superior. A metodologia proposta baseia-se em uma pesquisa descritiva, que tem como instrumento de coleta de dados um questionário desenvolvido pelos pesquisadores, com dez questões abertas e fechadas, aplicado com os acadêmicos de quatro cursos do Bom Jesus/IELUSC na cidade de Joinville/SC, em diferentes fases de formação. A pesquisa envolveu oito turmas, somando um total de 178 acadêmicos, representando 25% do grupo que frequenta o campus universitário de investigação. Os resultados mostram que a idade média é de 24 anos, 74% do grupo são mulheres e 26% homens. 98% do grupo possui smartphone e passam em média 14 horas por dia conectados à internet, com a predominância do uso do smartphone. Quando questionados sobre qual tipo de acesso a programas virtuais eles mais utilizam, em média por dia, ficam duas horas assistindo televisão de canal aberto, duas horas canais de televisão pagos e três horas para o *Netflix*. Sobre a utilização dos meios virtuais, o maior enfoque foi para o contato com amigos e familiares. Quanto à utilização do smartphone simultânea a outras atividades, 25% afirmam que sempre realizam outra atividade ao mesmo tempo, 59% às vezes, apenas 15% afirmam que às vezes e 94% do grupo utiliza meios virtuais em suas atividades de lazer. Sobre a utilização dos smartphones na sua rotina, relevaram como ponto positivo que ele facilita a pesquisa, auxilia no trabalho, a comunicação e a convivência social, além da atualização de notícias. Porém, também relataram que atrapalha quando estão ocupados em atividade laborais, deixam de sair de casa por causa do equipamento, desviam a atenção para executar tarefas, “faz deixar o foco no assunto”, perdem tempo com informações desnecessárias, e alguns já consideram um vício. Conclui-se neste estudo que a presença do smartphone é a principal fonte de conexão virtual na vida dos acadêmicos, sobrepondo as outras ferramentas, que o aparelho é utilizado para estudo, mas principalmente para o lazer, dividido entre comunicação com amigos e familiares, jogos eletrônicos, redes sociais, entre outros.

Palavras chave: Lazer. Mídia. Educação.



LAZER NA ESCOLA: PROJETO CULTURA CORPORAL NO IFPR CAMPUS PARANAGUÁ

Aline Tschoke

aline.tschoke@ifpr.edu.br

Instituto Federal do Paraná – IFPR, Paranaguá, Paraná, Brasil / Grupo de Estudos e Pesquisas em Espaço, Lazer e Cidade (GEPLEC/UFPR), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Este trabalho é um relato de experiência do projeto “A cultura corporal no IFPR Paranaguá: novas possibilidades de vivências no tempo e espaço de lazer dos alunos”, desenvolvido desde 2013 no Instituto Federal do Paraná – Campus Paranaguá. Tal projeto surge em resposta à necessidade de construção de novos espaços para vivência e reflexão sobre as práticas corporais na instituição em pauta, sendo o objetivo sensibilizar a comunidade escolar em relação às práticas corporais no seu tempo e espaço de lazer, possibilitando, entre outros elementos, a interação desses sujeitos a partir de vivências diversificadas. Adotou-se como ponto central o conceito de lazer, este entendido como “[...] possibilidade de organização e materialização da cultura e também como tempo e espaço de educação e desenvolvimento” (RECHIA, 2015, p.58), contemplando elementos interdisciplinares no planejamento e realização das práticas corporais de forma inclusiva, reflexiva e diversificada. Em seus cinco anos de existência, o projeto foi desenvolvido de forma ininterrupta. Segue a listagem das principais ações desenvolvidas: a) Vivências ou oficinas: esporte adaptado, práticas corporais inclusivas, dança circular, balé clássico, circo, lutas, capoeira, futsal, parkour, dança de salão, entre outras; b) Eventos: MOVE IFPR (inspirado no Dia do Desafio, tem como principal intuito o combate ao sedentarismo), Festival de Dança do IFPR (tem como objetivo socializar as composições coreográficas realizadas pela comunidade escolar, em um momento de lazer tanto no sentido da prática da dança como da contemplação e formação de plateias), Seções de Cineclube (temáticas), Festa das Crianças (as crianças da comunidade participam de atividades junto com a comunidade escolar de forma lúdica e interativa), Festival de circo (criação e socialização de performances circenses), Meu curso em cena (apresentações teatrais temáticas), Festival de atletismo (vivências de algumas modalidades do atletismo), Festival de jogos e brincadeiras populares, Campeonatos esportivos, Festival de xadrez; c) Exposições: Jogos africanos, Exposição brincante, “Os espaços de lazer no litoral do Paraná”, Retrospectiva “CULTURAS IFPR 2017”, Esportes Paraolímpicos, entre outras; d) Espaço Interação: organização e gestão de um espaço permanente pra vivências lúdicas; e) Atividades de pesquisa: mapeamento dos espaços de lazer no litoral do Paraná e dos espaços de lazer do bairro onde está localizada a instituição, filmagens de práticas corporais em diferentes espaços da cidade, documentário “Meu bairro minha rua”. Especificamente para os envolvidos na gestão do projeto, percebe-se a exploração da potência individual a partir do trabalho colaborativo. Sendo assim, infere-se que, ao final dos ciclos anuais do projeto, tais participantes percebem sua capacidade criativa e organizativa na prática, estas que tornaram não só possível a realização das diferentes atividades, como também o êxito nelas. Considera-se ainda que as ações desenvolvidas podem ter contribuído para ampliação das possibilidades de vivências no âmbito do lazer de comunidade escolar, tanto quanto o sentimento de pertencimento dos mesmos ao Campus Paranaguá a partir de estratégias sistemáticas e dos eventos realizados.

Palavras chave: Lazer. Escola. Educação Física.



LAZER NOS MESTRADOS STRICTO SENSU (TURISMO) NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS

Roberta Dias de Moraes Ribeiro; Ricardo Ricci Uvinha; Edmur Antonio Stoppa

ro.moraes.ribeiro@hotmail.com

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil

Com a possibilidade de melhor formação profissional para atuar nas áreas de lazer e turismo, a pós-graduação no Brasil tem se apresentado como instrumento de qualificação de docentes que atuam nos mais diferentes segmentos e níveis dessas áreas, fomentando a produção de conhecimento e aprofundamento de tais temáticas. Atualmente, poucos são os cursos existentes e recomendados pela CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior - em turismo. Apenas sete cursos de pós-graduação, em nível de mestrado possuem presente no título a palavra turismo. Seis destes são mestrados acadêmicos, e o outro se trata de mestrado profissional. Entre seis programas acadêmicos existentes, selecionamos para este estudo os que utilizam apenas a palavra turismo como título, o que resultou em quatro programas. Tal recorte se deu pelo fato de que os cursos têm data de criação similar e pelo fato de adotarem o turismo como tema principal do programa. Perguntou-se aqui, se as discussões e conhecimentos produzidos nesses quatro programas contemplam aspectos referentes ao lazer. Seguindo essa questão como base norteadora, a pesquisa teve como objetivo investigar o lazer inserido como prioridade dentro das linhas de pesquisa desses programas como título ou como assunto; averiguar se o tema aparece dentro das disciplinas obrigatórias e optativas oferecidas pelos cursos; e verificar a produção acadêmica em lazer dos professores desses programas. Utilizou-se a abordagem exploratória, pois busca criar mais familiaridade com o problema proposto, e o método de estudo bibliográfico, complementando com as informações contidas nos sites dos programas de mestrados em turismo de universidades públicas brasileiras. Como resultado, identificamos que os quatro programas utilizam como área de concentração o termo "desenvolvimento do turismo". Suas linhas de pesquisa são distintas, e nenhuma aborda de forma direta o lazer. Já as disciplinas, estão voltadas para as áreas de planejamento e gestão tanto de espaços/territórios, quanto para com o meio ambiente. Em dois dos cursos foi identificado a presença do termo lazer no título de disciplinas. No primeiro, o termo aparece uma vez, enquanto que no segundo aparecem três vezes entre quatorze disciplinas. No que se refere à produção acadêmica dos professores, temos três cursos que possuem poucas publicações dessa natureza, demonstrando que o campo de estudos do lazer não é priorizado dentro das discussões acadêmicas destes programas de pós-graduação. Enquanto que no quarto programa observa-se grande avanço nas discussões acerca do tema, refletindo que o lazer é visto como campo que auxilia nas reflexões pertinentes ao desenvolvimento do turismo. Esse número ainda é pequeno em relação à quantidade de docentes ativos no programa, mas estabelece um resultado significativo em detrimento das publicações. Pensando para além dos números, em uma esfera sociocultural, os estudos do lazer podem contribuir para com a compreensão do turismo, que tende a enfatizar a motivação/experiência/percepção do homem como centro das discussões, além de utilizar, também, a multidisciplinaridade para conhecer seu próprio fenômeno. A partir deste vínculo, teremos uma compreensão acerca das experiências turísticas e que enfatizam as sensações entre as relações humanas.

Palavras-Chave: Lazer. Programa de Pós-Graduação. Turismo. Universidade pública. Brasil.



LEISURE CLASSES VERSUS LEISURE ACTIVITIES IN LEARNING ENGLISH

Eduardo de Oliveira Bueno Queiroz Fontes

eduardobuenofontes@gmail.com

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG, Varginha, Minas Gerais, Brasil. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG - EEFETO, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Despite a wide range of literature, class materials, technological tools on teaching English methodology, leisure is still considered a mere extra activity to promote better learning. This paper provides insights to English teachers interested in a new perspective for their classes. The paper discusses how as an experienced English teacher with over twenty years in the classroom, I decided and managed to teach English not using leisure activities in the classroom, but having Leisure as the driven force of the classroom. Perhaps the main catch here is to convince the students that they have to change the way they see their learning processes. Students have to perceive that learning a new language does not have to be faced as a burden or as a professional challenge. On the contrary, they must realize it as moment of freedom, of relaxation. I truly believe that by having students understanding their learning processes in a more relaxed environment, with fewer charges upon themselves, it becomes lighter and more productive. Students carry a heavy load and face learning a new language as a sacrifice, as an endless obligation, as a professional working task, therefore never actually grasping what they are learning or studying. Learning is supposed to be fun, creative, and capable of freeing the spirit and soul. That is why leisure has to be taken into account as the main teaching tool together with all the methods available. According to Joffre Dumazedier: *leisure is to be understood as a set of occupations to which the individual can surrender freely, whether to rest, to amuse himself, to recreate and entertain himself or to develop his unbiased formation, his voluntary social participation, or his free creative capacity, after getting rid of or disengaging from professional, family and social obligations* (DUMAZEDIER, 1973, p.34). In order to change my teaching style, I had to undergo an in-depth study about Leisure. Alongside, I made a detailed analysis of activities available online which used leisure as its main goal. Data collection was based on analyzing websites using the word leisure as a teaching activity. As noticed, most websites understand leisure as a free time or spare time activity, they use it to ask questions such as: "How much free time do you have today? Do you like to watch TV in your spare time?" For my new approach, I am using leisure as the key element of the classroom, where students learn the language but they do not feel the weight of it. As methods go, I have adopted a combination of methods and approaches, however, bearing in mind that the success of the class depends on whether students can see it as an leisure activity or not. Conducting an ongoing study that comprises the professional future of the students is a delicate process, which requires me to be both flexible and reflexive towards their needs and to have them understand their own learning processes as a real free time activity.

Keywords: Leisure activities. Teaching English. New approach. Leisure classes.



MODELOS EDUCATIVOS VIVENCIADOS NA NATUREZA: MOVIMENTO ESCOTEIRO E OUTWARD BOUND

**Fernando Sanches de Oliveira; Nara Heloisa Rodrigues; Bruna Cidade Souza Lima;
Gisele Maria Schwartz**

nan.so@hotmail.com

Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro,
São Paulo, Brasil

A necessidade constante da busca de modelos educacionais que promovam experiências significativas demanda atenção para a superação de estratégias convencionais, as quais nem sempre atingem os objetivos almejados. Sendo assim, o desenvolvimento de iniciativas que busquem ampliar as vivências capazes de incidir sobre valores e atitudes se torna um desafio relevante. Este estudo, de natureza qualitativa, teve por objetivo investigar os princípios e métodos educativos de vivências na natureza, apresentados pelas iniciativas do Movimento Escoteiro (ME) e do *Outward Bound* (OB). O estudo foi desenvolvido por meio de análise documental, realizada em sites oficiais das iniciativas em foco. Os dados foram analisados com base na técnica de Análise de Conteúdo, elaborando-se quatro categorias a priori, relativas a: 1. Histórico da instituição; 2. Definição e propósitos; 3. Princípios e valores; 4. Método. Os resultados indicam que, para a categoria 1, cada instituição teve sua origem criada em épocas diferentes, porém seguiam um mesmo objetivo em comum: proporcionar aos jovens uma vivência na natureza, como mecanismo de formação pessoal. Com relação à categoria 2, ambas as instituições se definem como movimentos educacionais. Seus propósitos, basicamente, são os mesmos, ou seja, propiciar que cada indivíduo seja o responsável pelo seu próprio desenvolvimento. Na categoria 3, os princípios e valores encontrados em comum são: respeito e generosidade com as pessoas que convivem com o indivíduo praticante, respeito e admiração pelo meio ambiente, além de boas práticas na natureza e ser responsável pelo próprio desenvolvimento e crescimento como indivíduo. Para a categoria 4, observou-se dois pontos em comum no método de ambas as instituições. Um deles é o aprendizado pela própria experiência prática, o outro ponto em comum entre os métodos é o uso das atividades e desafios na natureza como ferramentas ou estratégias de aprendizado. Entre as especificidades, diferentemente da OB, a qual incita a ética ambiental, o pensamento proativo e o agir com honestidade, prezando pela aplicação de atividades em ambiente seguro de aprendizagem, a instituição relativa ao ME se apoia em adesão aos princípios espirituais, lealdade ao próprio país, a promoção da paz, a participação do seu membro na sociedade, aceitação dos seus princípios institucionais, a vida em equipe e o desenvolvimento pessoal com orientação individual. Iniciativas baseadas em responsabilizar o próprio indivíduo pelo seu desenvolvimento pessoal, ampliando o respeito pelo meio ambiente e pelas pessoas, promovendo o aprendizado por meio da prática e análise das experiências em contato direto com a natureza, são privilegiadas para ampliar os significados e opções educacionais. Com base nos resultados do estudo, sugere-se que tais iniciativas sejam incentivadas, no sentido de complementar e potencializar os modelos educacionais convencionais.

Palavras chave: Vivências na natureza. Educação Experiencial. Movimento Escoteiro. Outward Bound.



O SLACKLINE COMO ATIVIDADE DE LAZER NO AMBIENTE ACADÊMICO

**Diego Neylton de Medeiros; Priscilla Pinto Costa da Silva;
Heloisa Fernanda Lopes da Silva; João Leandro de Melo Araújo;
Josué Dantas Belarmino; Cheng Hsin Nery Chao**

diegoneylton@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal, Rio Grande do Norte,
Brasil

Os esportes de aventura vêm sendo difundidos em grande parte do mundo e ganhando cada vez mais espaço nas cidades e também nos ambientes escolares. Sentindo falta dessas modalidades no meio acadêmico, foi criado o projeto de extensão “Slackline: equilíbrio entre a aventura e a emoção”, com o objetivo de inserir a comunidade acadêmica nas práticas de aventura e proporcionar aos estudantes do curso de Educação Física a oportunidade de praticar a fim de repassarem esse conhecimento em sua atuação profissional. O presente trabalho tem como objetivo discutir processos de planejamento das aulas da prática de Slackline que influenciem os participantes a se manterem na atividade, seja pelo lazer recreativo ou mesmo pelo lazer sério. Foram aplicadas aulas sistematizadas com a concepção de aulas abertas, fazendo com que os alunos fossem o centro do processo de ensino/aprendizado, progredindo das atividades mais simples para as mais complexas, utilizando jogos e brincadeiras no processo de iniciação ao Slackline. Com essa metodologia buscou-se ter êxito no processo de iniciação ao Slackline, com experiências positivas nos primeiros contatos com a prática, para que os alunos se sentissem motivados a continuar na atividade e a cada aula, tentar superar seus limites, progredindo dentro da modalidade. A progressão é motivadora, com isso há o engajamento dos participantes com a prática, levando-os a sair do ambiente das aulas e desenvolver a atividade em seus momentos de lazer, seja em uma praia, em um condomínio, cada um com seu objetivo pessoal a ser atingido: diversão, superação, competição, relaxamento. Foi percebido que muitos têm vontade de praticar o Slackline, mas sentem muita dificuldade no início e acabam desistindo, pensando neste problema, vimos em estudos e comprovamos na prática que fitas com o comprimento menor são mais estáveis e facilitam a realização da atividade. No nosso espaço de prática existem diversas árvores em diferentes distâncias umas das outras, de acordo com a evolução dos alunos, as árvores em diferentes distâncias podem ser utilizadas para que o espaço e a dificuldade mudem progressivamente. Além desta variação, atividades pré-desportivas foram pensadas para o processo de iniciação, atividades que envolvem equilíbrio, força, concentração, controle da respiração, coordenação entre outras capacidades e habilidades necessárias para a prática do Slackline. A orientação tátil pode ser outro método utilizado para auxiliar o aluno a obter sucesso na prática, o fato de ter um professor ao lado do aluno no momento da travessia, passa uma confiança para o praticante e uma sensação de que ele é capaz de chegar até o fim do percurso. Com o crescimento desta modalidade no Brasil, espera-se que mais trabalhos sobre o Slackline, o processo de aprendizagem e o ensino das técnicas sejam produzidos para que os praticantes e futuros praticantes tenham acesso a esse tipo de conteúdo e possam utilizá-los para evoluir dentro do esporte.

Palavras chave: Slackline. Planejamento. Iniciação.



ÓBVIO ULULANTE: FUTEBOL E LAZER NO RÁDIO

**Thiago José Silva Santana; Luiza Aguiar dos Anjos; Silvio Ricardo da Silva;
Adriano Lopez de Souza**
tejota14@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

O objetivo deste trabalho é apresentar o programa de rádio 'Óbvio Ululante', assim como seu processo de produção. Ao encontro de Marcellino (1996), entendendo o lazer como veículo e objeto de educação, visamos demonstrar como construímos esse programa que tematiza o futebol tendo como princípio esse duplo processo educativo. Nessa direção, trata-se de um relato de experiência de um projeto de extensão desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), em parceria com a Rádio UFMG Educativa. O 'Óbvio Ululante' é, assim, produzido e transmitido nessa emissora, sendo uma rádio educativa e pública que tem como pilares, além da formação de alunas(os), professoras(es) e servidoras(es), a programação alternativa e diversificada e a divulgação da produção acadêmica, científica e dos serviços. Esse projeto surgiu no segundo semestre de 2009 a partir do convite da emissora ao GEFuT para a produção de um programa que abordasse o futebol de forma diferente das grandes empresas de comunicação. Assim, a proposta é pensar o futebol de uma maneira que provoque questionamentos e reflexões. No momento incipiente do programa foi desenvolvido um conjunto de quadros que promoviam debates críticos sobre temas diversos que atravessam o futebol, assim como outros que tratavam esse esporte a partir de outros enfoques, sobretudo valorizando memórias pessoais, fatos, acontecimentos e personalidades desvinculados a uma "história oficial do futebol" e a presença desse esporte no campo das artes. Além disso, pautando-nos na perspectiva da divulgação científica, havia também espaços em que se discutiam trabalhos acadêmicos sobre o futebol, com os devidos cuidados de adequar o conteúdo também ao público não acadêmico. O programa foi ao ar pela primeira vez em 2010 e, desde então, é transmitido semanalmente e tem duração de uma hora. A produção de seu conteúdo fica a cargo da equipe de pesquisadores do GEFuT, contando com o apoio e suporte técnico da Rádio. Ao longo desses oito anos, novos quadros foram criados visando qualificar e diversificar os temas tratados. O formato atual do programa inclui dois quadros, uma entrevista, uma "frase da semana" e, em três das quatro semanas do mês, uma coluna produzida por parceiros. O futebol se consolidou como elemento cultural da nossa sociedade e espaço de lazer para a população. Nessa direção, de acordo com Lages e Silva (2012), "as vivências de lazer relacionadas ao futebol podem ocorrer quando os indivíduos ou grupos sociais praticam, se integram a clubes ou times, participam como espectadores, ou até quando possuem pouco ou nenhum vínculo participativo" (ibidem p.10). Igualmente, Arlei Damo (2012), ao definir a categoria 'torcedores', afirma que esses podem ser presenciais ou midiaticizados. Portanto, o 'Óbvio Ululante' busca se apropriar desse modo já tradicional e popular de se relacionar com o futebol – por meio do rádio – para, de forma lúdica, buscar promover no ouvinte novos olhares e sensibilidades sobre esse esporte, oferecer novas informações e possibilidades de pontos de vistas, além de estimular a criticidade. Acreditamos que, assim, estaremos contribuindo para um processo educativo para e pelo lazer.

Palavras chave: Futebol. Rádio. Lazer. Educação.



OFICINA JOGOS DE TODO MUNDO: PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES

Samara E. Martins, Maria E. T. Luiz, Daliana S.Lecuona, Gabriela Marquez, Alcyane Marinho

samara.escobaar@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID), Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF, CNPq), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Os jogos de tabuleiro podem ser entendidos como ferramentas lúdicas, os quais se classificam formalmente por apresentar regras pré-estabelecidas e um objetivo final, diferentemente das brincadeiras, as quais podem ser classificadas informalmente, sem definição de regras e objetivos pré-estabelecidos. Estudos vêm apontando a utilização dos jogos em diferentes contextos como: escolas, centros de saúde, clínicas e hospitais, mostrando suas possibilidades alternativas de utilização, sejam no lazer ou fora dele. Assim, este trabalho tem como objetivo investigar as percepções dos participantes da oficina intitulada “Jogos de todo mundo: mediação lúdica em contexto de aprendizagem”, promovida por comunidade acadêmica de uma universidade pública do Estado de Santa Catarina. Descrição: Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa dos dados. Contribuíram com o estudo 33 participantes da oficina, de um total de 49 pessoas, entre eles 17 homens e 16 mulheres, em sua maioria com idades entre 20 e 25 anos. Os voluntários, após darem seu consentimento, responderam a um questionário com perguntas abertas sobre sua motivação e expectativas para participar da oficina, os objetivos alcançados e a possível aplicação daquele conteúdo no contexto do participante. As respostas foram organizadas com auxílio do Excel, posteriormente separadas em categorias e analisadas por meio da técnica de análise categorial de conteúdo. Vinte e oito participantes mencionaram, como fator motivacional para participar da oficina, a vontade de ampliar seus conhecimentos, conhecer novos jogos e ter novas experiências. Entre as expectativas com relação ao curso destacaram-se as relacionadas à aprendizagem e à aquisição de novos conhecimentos e vivências, relatado por 30 participantes. Sobre os objetivos alcançados, 31 participantes mencionaram aprendizagem e conhecimento. Com relação a onde os conhecimentos da oficina poderiam ser utilizados, os participantes, em sua maioria, mencionaram seus contextos específicos de trabalho (escola, projeto, hotel e outros). Um dos participantes mencionou a utilização desse conhecimento, adquirido nas oficinas, no contexto do lazer. Os participantes identificaram diferentes públicos (alunos, idosos, crianças e deficientes), com os quais os conhecimentos com jogos podem ser aplicados. A oficina de jogos, no contexto investigado e de acordo com seus participantes, surge como uma oportunidade fértil para apresentar aos profissionais das diferentes áreas uma alternativa inovadora de trabalho. Acredita-se, assim, na potencialidade de um momento facilitador para a ampliação de conhecimentos desses participantes, bem como na apropriação da brincadeira e do lúdico em diferentes contextos, podendo fortalecer a relação lazer e educação. Portanto, de acordo com os participantes, a oficina em questão proporcionou momentos de aprendizagem significativa por meio de jogos e dinâmicas em grupo.

Palavras chave: Extensão Universitária. Jogos. Educação Física. Formação.



PROGRAMA JUVENTUDES DO SESC SÃO PAULO

Gabriela da Silva Neves; Cristina Riscalla Madi; Cristiane Ferrari, Ana Cristina de Souza
gabriellaneves@sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo, São Paulo, Brasil

O lazer, entendido de maneira abrangente, favorece a vivência de diferentes experiências a partir das manifestações e expressões culturais. Mascarenhas (2004) defende ainda que a prática do lazer também seja compreendida como um momento de exercício da cidadania e desenvolvimento individual em seu processo educativo, considerando a relação com o outro e com o meio. O Serviço Social do Comércio (Sesc) valoriza este olhar ao oferecer ações para os profissionais que atuam no comércio de bens, serviços e turismo e à comunidade, nas áreas artísticas, esportivas e social, fundamentadas em um projeto educativo. O *Juventudes*, um dos programas de educação não formal desenvolvido pelo Sesc São Paulo, é destinado a adolescentes e jovens com idades entre 13 e 29 anos. Por meio de ações em diferentes linguagens, desenvolve projetos para, com e sobre os jovens, objetivando incentivar o protagonismo, a autonomia e a alteridade; estimular a convivência, formação de vínculos e o respeito às diferenças; e desconstruir estereótipos e preconceitos, a partir da reflexão e discussão sobre os jovens e as juventudes contemporâneas. O Sesc/SP atendeu, entre janeiro e setembro de 2017, em suas 38 unidades – centros culturais e esportivos – mais de 50 mil jovens a partir de atividades como: *Diálogos da Cidadania*, bate-papo realizado em parceria com a Secretaria de Justiça e Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, sobre temas relacionados aos direitos humanos e à defesa da cidadania, como feminismo jovem, participação política juvenil e refugiados; *(IM)Pulso*, ação que tem por objetivo aproximar músicos iniciantes da produção musical contemporânea, por meio de bate-papos, oficinas e shows – partindo do incentivo e valorização de projetos autorais, as atividades formativas abrangem o aperfeiçoamento da performance e aspectos da produção. O projeto culmina na mostra das bandas inscritas ao longo do processo –; *Experimentos Criativos*, oficina de teatro em que os participantes exercitam seu protagonismo por meio da criação de cenas individuais e coletivas, tendo como inspiração assuntos e depoimentos trazidos por eles; e *Voz ao Corpo*, propondo a vivência e experimentação da dança em diálogo com outras linguagens artísticas, possibilitando a expressão das muitas formas de ser, sentir, estar e se colocar diante das questões contemporâneas. Cabe pontuar que a construção das ações realizadas pelo Programa *Juventudes* está pautada na análise do contexto social, na relação com o território, no compartilhamento de informações e no direito à participação efetiva do jovem, de maneira a reconhecer suas potencialidades e valorizar as diferentes manifestações e expressões culturais.

Palavras chave: Juventudes. Educação. Lazer.



RECREAÇÃO ORIENTADA DE TÊNIS: UMA ABORDAGEM EDUCATIVA E PARTICIPATIVA

**Anderson Tadeu de Campos; Davi Alexander Fernandes Costa;
Elder Regis Deorato Marques**

daviale@itaquera.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo, São Paulo, Brasil

Localizado e integrado a uma Área de Proteção Ambiental da Fazenda do Carmo com 350 mil m², o Sesc Itaquera, inaugurado em 1992, assume seu papel como grande polo de lazer da região, acessível a todos os públicos, de diversas faixas etárias e estratos sociais. Esta estrutura privilegia a experimentação e a participação em diversas atividades físico-esportivas, a partir de ações voltadas para a educação não formal, contribuindo para a transformação social e cultural de seus frequentadores e da região. No âmbito do desenvolvimento físico-esportivo e da recreação, o Sesc busca promover a qualidade de vida, o desenvolvimento pessoal, a convivência e a socialização, ampliando o acesso ao lazer, a partir da prática esportiva e ações educativas. Esta perspectiva dialoga com a conceituação defendida por Joffre Dumazedier na obra *Sociologie empirique du loisir* (1974), que atribui ao lazer um papel estratégico para a educação de adultos. Desta maneira, a recreação esportiva orientada é entendida como uma das ações ligadas à educação não formal do núcleo físico-esportivo. Especificamente em relação à modalidade esportiva abordada neste trabalho, cabe ressaltar que o tênis pode ser considerado um esporte de difícil acesso no contexto nacional, no que se refere ao aspecto econômico social, devido a características como: quantidade de participantes da modalidade (individual ou dupla), disponibilidade de espaços (quadras), materiais e equipamentos necessários para a prática (raquetes e bola). A partir desta contextualização, a recreação orientada de tênis na Unidade Itaquera foi desenvolvida pela equipe para qualificar o atendimento que tinha como característica o caráter livre e autogerido. Neste sentido, a equipe esportiva desenvolveu ações visando: estreitar o relacionamento com os frequentadores, mantendo um técnico do Sesc no espaço durante o período de funcionamento da Unidade para conhecer as características e a dinâmica de acesso às quadras de tênis; melhorar a comunicação com o público, a partir da criação de comunicação visual com orientações para utilização dos espaços recreativos, com base nos valores ligados à educação não formal; democratizar a utilização do espaço, com a mediação da recreação para potencializar o acesso dos públicos à modalidade. Essas ações ampliaram efetivamente o número de participantes na modalidade, que passou de 7.803 em 2013 (recreação livre) para 13.886 em 2016 (recreação orientada). Para além do aumento no número de atendimentos, foram observados também resultados qualitativos com a configuração de recreação esportiva orientada, como: a utilização do espaço por outros frequentadores; a proposta de criação de espaços adaptados na Unidade para a prática do tênis para crianças e adolescentes; a criação de cursos de tênis para iniciantes na modalidade; formação de grupos com vínculos sociais para prática da modalidade em outros espaços; envolvimento de famílias com a prática do tênis. A partir dos resultados apresentados, consideramos que o modelo de recreação orientada pode potencializar os resultados quantitativos e qualitativos no que se refere ao acesso ao esporte de participação (lazer), de acordo com a categorização da Política Nacional do Esporte (2005).

Palavras chave: Lazer. Esporte. Democratização. Educação Não Formal.



SAÚDE/QUALIDADE-DE-VIDA NOS DOCUMENTOS CURRICULARES PARA DESENVOLVIMENTO DE LAZER AUTÔNOMO

Thiago Villa Lobos Mantovani; Rosiane Andreozi

thiago@scaetano.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Caetano, São Paulo, Brasil

Diante da realidade atual, na qual grande parte das tarefas cotidianas agrega modificações significativas no estilo de vida da população, as práticas pedagógicas da disciplina de Educação Física Escolar e as propostas curriculares alcançam grande relevância. Neste contexto, esta pesquisa busca analisar as práticas corporais propostas nos eixos temáticos Saúde e Qualidade de Vida dentro da Proposta Curricular para o desenvolvimento de uma prática de Lazer autônoma e consciente. Baseando-se em Betti (2002) e Brasil (1998), entende-se, neste estudo, a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando, assim, o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la. No mesmo contexto, Silveiro et al. (2003) relatam que práticas corporais no momento de lazer trouxeram benefícios para a vida de praticantes, contribuindo para a melhora da qualidade de vida, proporcionando bem-estar físico e mental. Este estudo trata-se de uma pesquisa Bibliográfica e Documental, com análise dos documentos ofertados pelo Governo do Estado de São Paulo para a disciplina de Educação Física como: Proposta Curricular do Estado de São Paulo Fundamental 2 e Médio e os Parâmetros Curriculares Nacionais. Em relação ao eixo temático Saúde, Qualidade de Vida e Lazer, avaliou-se que são propostos 67 conteúdos para a disciplina de Educação Física, 34 se concentram no ciclo II, destes, oito estão relacionados à Saúde, Lazer e Qualidade de Vida – um total de 23,5% dos conteúdos para o ciclo. Para o ensino médio, são propostos 33 conteúdos, destes, 17 relacionados à Saúde, Lazer e Qualidade de Vida, totalizando 51,5%. Então, dos 67 conteúdos referentes aos dois ciclos, 37,3% se relacionam com os temas Saúde, Lazer e Qualidade de Vida. Nota-se que a sugestão das abordagens dos conteúdos e dos eixos temáticos possui percentual significativo de temas que se relacionam, entretanto as propostas de práticas pedagógicas se associam, prioritariamente, aos aspectos biológicos da saúde, apresentando pouca relação e aproximação com atividades de lazer. É importante que o aluno seja apresentado a toda cultura de movimento através das práticas corporais, além de vivenciar momentos de aprofundamento e discussões com oportunidade de reflexões sobre questões não apenas procedimentais, mas conceituais e atitudinais, contribuindo para a formação integral de um cidadão crítico através de práticas conscientes. Outro aspecto observado está na desvinculação do currículo à realidade da unidade escolar, desconsiderando a importância das culturas de movimento que fazem parte da sociedade próxima às unidades escolares, seus espaços de lazer e atividades oferecidas. Concluiu-se ser necessário buscar avanços na formação continuada dos professores, relacionar as Propostas Curriculares aos espaços disponíveis e ofertados à comunidade, assim como o Projeto Político Pedagógico das escolas, de modo que leve o aluno e o professor a aprenderem e darem novos significados aos conteúdos de ensino, Saúde, Qualidade de Vida e sua intervenção no cotidiano e tempo de lazer.

Palavras chaves: Educação Física Escolar. Qualidade de vida. Propostas curriculares. Saúde. Lazer.



SEMANA DO BRINCAR: EDUCAÇÃO PARA O LAZER NO IFSP AVARÉ

**Raquel Ribeiro de Souza Silva; Raquel Marrafon Nicolosi;
Luciana Pereira de Moura Carneiro**

raquel.ribeiro@ifsp.edu.br

Instituto Federal de São Paulo, Avaré, SP, Brasil

O Instituto Federal de São Paulo (IFSP), localizado no município de Avaré oferta anualmente vagas para o curso Técnico em Lazer Integrado ao Ensino Médio. Desde 2015, o primeiro ano de atuação desse curso, foi inserido como atividade constituinte do calendário educacional o evento denominado “Semana do Brincar”. A ideia da “Semana do Brincar” surgiu para promover também no IFSP (Campus Avaré) o *World Play Day* (Dia Internacional do Brincar) e reforçar o direito ao lazer, presente no artigo 6º da Constituição Brasileira de 1988. Dentre os objetivos principais da “Semana do Brincar”, realizada anualmente, o destaque está em educar para o lazer através do ato de brincar como atividade essencial ao desenvolvimento integral dos indivíduos, e além disso, esclarecer os benefícios e a importância dos momentos de ócio na manutenção da saúde física e mental em todas as faixas etárias. A “I Semana do Brincar” aconteceu em maio de 2015, no mesmo período que se comemora mundialmente o *World Play Day*. Durante o evento foram desenvolvidas ações envolvendo diferentes jogos e atividades recreativas para os alunos do Ensino Médio do Instituto Federal (Campus Avaré). Cada atividade foi pensada para o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos participantes. O evento contou com um público de aproximadamente 250 pessoas. Na “II Semana do Brincar”, em maio de 2016, a programação contemplou festival cultural com apresentação de literatura, música e teatro; palestras sobre a importância do brincar no desenvolvimento humano e oficinas sobre jogos tradicionais, atividades de contação de histórias, ioiô e pipa. No encerramento da Semana foi realizada uma gincana com todos os alunos do IFSP (Campus Avaré). O evento foi prestigiado por mais de 400 pessoas, com parcela significativa da comunidade regional, considerados multiplicadores na valorização do direito constitucional ao lazer. A programação da “III Semana do Brincar, em maio de 2017, foi composta de palestras, mesas-redondas e oficinas sobre temas de interesse para profissionais do setor. Aconteceu também um debate, após apresentação do documentário “Território do Brincar”, com a participação do Instituto Alana de São Paulo, com um público de 400 pessoas - alunos do IFSP (Campus Avaré), de escolas municipais, estaduais e instituições privadas, além de profissionais da área e representantes do setor de turismo local. A experiência institucional que vem sendo adquirida com a realização do evento “Semana do Brincar” tem demonstrado, em âmbito local, que essa temática ainda não está presente em todas as esferas da sociedade e, por essa razão, faz-se necessário mais ações no sentido de ampliar espaços para discussões e práticas que incentivem e promovam o lazer enquanto um dos direitos dos cidadãos brasileiros.

Palavras-Chave: Lazer. Educação. Direito.



SENSIBILIDADE E CRIATIVIDADE - ANÁLISE DE UMA COLÔNIA DE FÉRIAS TEMÁTICA

Lidiane Oliveira Leão; Gustavo André Pereira de Brito; Joseane dos Santos Lino

lidianeleao1@gmail.com

Instituto Federal de Educação Ciência e tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN),
Natal, RN, Brasil

No intuito de promover atividades gratuitas no período das férias escolares, surgiu a ideia de estimular a criação de uma colônia de férias para crianças, ação essa onde se desenvolveu: passeios, atividades aquáticas, jogos esportivos, brinquedos cantados, entre outros. Essas atividades não tiveram um papel de promover o lúdico unicamente pela atribuição de uma colônia de férias, ou seja, ocupar o tempo ocioso das crianças no momento das férias escolares, mas sim orientar a sensibilização das crianças e estimular o desenvolvimento em diversas áreas. Para o embasamento teórico adquirido através da revisão bibliográfica utilizamos autores como: MARCELLINO (1987), MARCELLINO (1995), ALMEIDA (1995), VIGOTSKY (1998), RIBEIRO (1985), OLIVEIRA (2000), entre outros. O objetivo geral da colônia de férias foi proporcionar às crianças educação pelo lazer, de forma a estimular a sensibilidade e criatividade, proporcionando um aprendizado para a vida. O desenvolvimento pela via da ludicidade dá às crianças prazer e alegria, motivando-as para usufruir de forma prazerosa o lazer. O projeto tinha como meta o atendimento a 150 crianças – de 4 a 13 anos –; contudo, foram inscritas 175 crianças, distribuídas em sete turmas, de acordo com a faixa etária. Cada dia foi planejado por temas, buscando trabalhar de forma sistematizada questões propiciadoras da criatividade e, conseqüentemente, buscando compreender a sensibilidade dos sujeitos participantes. Mesmo que não houvesse essa conexão entre as possibilidades de desenvolvimento que partem da atividade lúdica - ato que seria impossível, tendo em vista a interdependência social, cultural e política- essas atividades não perderiam sua importância, pois elas se inserem no contexto de uma vida frenética onde a oportunidade de vivência de lazer é cara, deixando de ser acessível à população. Desse modo, foram abordados aspectos que guiaram as atividades promovidas na colônia de férias, cujo objetivo das atividades oferecidas foi a de sensibilizar as crianças sobre temas como: acessibilidade, tecnologias, ecologia e cultura, acreditando no lúdico e o usando como instrumento facilitador na aprendizagem desses temas nas crianças. Os resultados ficaram expressos na mudança de comportamento observados entre elas, como um maior respeito às diferenças, zelo aos brinquedos e objetos produzidos, organização, responsabilidade e a aquisição de novos conhecimentos. Dessa forma, percebemos que, ao levar atividades com motivações e objetivos para a sensibilização e desenvolvimento infantil, foi de grande importância para a atribuição de novos valores das crianças e na valorização de colônias de férias com atos educativos.

Palavras-Chave: Lúdico. Desenvolvimento humano. Sensibilização. Colônia de Férias.



STUDY ON THE LEISURE SPORTS EDUCATION AT CHINA FOOTBALL COLLEGE

Hui Zheng; Hui Tian

robinbestzheng@126.com

Beijing Sport University, Beijing, China

As a beautiful spiritual home built by mankind, leisure sports is a positive, healthy, civilized, noble and scientific way of life and one of the main types of sports activities that people engage in. It is civilized, healthy and scientific leisure lifestyles. It can not only promote individual life and meet the individual needs, but also enrich students' cultural life, improve students' cultural standards and their living quality. The leisure sports education is a kind of social practice that integrates athletic, expressive, entertaining and educational nature through physical activity and seeking individual physical and mental development. In August 2017, China Football College of Beijing Sport University was officially established in the Qinhuangdao campus, which was a great action of Beijing Sport University to implement the requirements of the Overall Plan for Chinese Football Reform issued by the leading group to deepen the reform of the Party Central Committee and the plan to deepen reform in sports field of leading Party group of General Administration of Sport of China. It was also an important action to promote construction of a "double first-class" school, improve the strategic ability of the school to serve the nation, and create new models for training of sports talents. China Football College will comprehensively innovate talent training methods, adhere to high-end, interconnected and internationalized football talent training models, and follow the principle of "Refining training by selection, driving training by matches, promoting training by skills, optimizing training by rotation, and reinforcing training by fitness" to continuously improve the training level for footballers. This article is to design the basic ways of combining the sports professional training and the leisure sports education. Leisure sports is a culture, which is closely related to our life, therefore, it should be studied as a learning in-depth study. Not only to carry out academic courses, but also for leisure education activities. Because leisure sports education essentially falls into the category of quality education, it is a subjective education paradigm of "free combination." The realization of educational effect mainly depends on its autonomous educational mechanism, the development of educational mechanisms and case mechanisms, and correspondingly, it manifests itself as cognitive internalization function and development of training function and quality integration function. Therefore, the leisure sports education can make up for the important shortcoming of the weak social practice in the curriculum education. The outcome of the case study is to prove that the effectiveness of leisure sports education at sports school.

Keywords: Leisure Sports Education. Sports School. Leisure Activities.



TÉCNICOS E GRADUADOS: FORMAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO EM LAZER

Carla Augusta Nogueira Lima e Santos; Hélder Ferreira Isayama

carla.augusta@unifemm.edu.br

Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM, Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil /
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

No Brasil, as possibilidades de formação profissional para atuação no campo do lazer se apresentam em diferentes modalidades: cursos de capacitação, de extensão, de qualificação, técnico, tecnológico, graduação e pós-graduação *lato* e *stricto sensu*. O presente estudo optou por estudar e comparar duas dessas modalidades: O curso de “Técnico em Lazer” do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e o curso de graduação em “Lazer e Turismo” da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). O objetivo foi analisar o perfil de formação profissional destas instituições e identificar a inserção de seus egressos no mercado de trabalho, reconhecendo os setores de atuação aos quais estão vinculados e as funções que desenvolvem. A estratégia escolhida para a coleta de dados combinou as pesquisas bibliográficas, documental e de campo. A partir das análises dos Projetos Pedagógicos dos cursos, foi possível concluir: que ambos foram criados para atender a uma demanda do mercado de trabalho, pois entendem o lazer como um campo promissor e rentável que requer trabalhadores específicos; em relação ao perfil de formação profissional, em ambos foi identificada uma preocupação em formar indivíduos para além do fazer instrumental, reconhecendo a necessidade de uma educação ampla, valorizando a busca de autonomia e uma visão crítica do contexto social, econômico, político, científico e cultural. A partir das respostas dos egressos ao questionário, foi possível identificar que: 58,42% dos ex-alunos de ambos os cursos não estão atuando na área em que se formaram, sendo que os principais motivos foram a falta de oportunidade e por considerarem a renda salarial aquém do que imaginavam; 37% dos que estão atuando no campo do lazer estão no setor privado; os técnicos em lazer participantes da pesquisa atuam em um centro de convivência para idosos e os graduados em lazer e turismo atuam em diferentes locais, sendo 28,9% em agências e operadoras de lazer e turismo; destacaram-se também outros locais de atuação, como hotel (7,9%), empresa de eventos (7,9%), agência de intercâmbio (7,9%) e entidade patronal – SESC (7,9%). Vale destacar que entre os locais de atuação dos egressos dois são no exterior: agência de intercâmbio em Boston-EUA e prefeitura de Nova York – EUA. Os egressos do curso técnico em lazer desenvolvem funções de coordenação, elaboração e execução de atividades de lazer, ao passo que os graduados em lazer e turismo, além destas, ainda assumem funções como organização de eventos, gestão de empresas, elaboração, coordenação e execução de atividades de turismo. De acordo com a fala dos voluntários, o técnico assume funções mais operacionais, enquanto o graduado possui mais base teórica, permitindo exercer funções de gestão. Apesar dos projetos pedagógicos possuírem similaridades quanto às definições das ações profissionais e das possibilidades de intervenção, foi possível observar que as principais diferenças estão ligadas à duração dos cursos, interferindo no aprofundamento da temática e também na diferença da realidade econômica, social e cultural existente entre São Paulo e Maranhão, interferindo diretamente nas oportunidades de emprego e formação continuada.

Palavras chave: Formação profissional. Lazer. Mercado de trabalho.



VALORIZAR A CULTURA POR MEIO DOS CONTEÚDOS CULTURAIS DO LAZER

Antonielly Oliveira da Silva

antonielly_@hotmail.com

Universidade Federal do Pará – UFPA, Castanhal, Pará, Brasil

Com o avanço da tecnologia, o fenômeno da globalização passa a ser mais constante, tornando as coisas mais fáceis e as informações mais acessíveis. Isso, em alguns casos, influencia a forma de viver das sociedades, podendo ocasionar mudanças em suas culturas. As Comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas, também estão inseridas nesse processo globalizante e podem apresentar determinadas influências dessas transformações e conhecimentos globais, o que também gera mudanças em seus aspectos culturais. Assim, a partir dessa compreensão, foi desenvolvida uma intervenção com uma comunidade quilombola, localizada nos redores de Belém/Pará, conhecida como Abacatal, em que se buscou por meio do lazer e os Conteúdos Culturais do mesmo, auxiliar o fortalecimento da identidade cultural e proporcionar a experiência, a compreensão e conhecimento relacionados aos cinco Conteúdos Culturais do lazer, caracterizados por Dumazedier como o manual, o intelectual, o artístico, o físico-esportivo e o social. Tendo o lazer “não apenas como à prática de uma atividade, mas também como ao conhecimento e à assistência” (MACELLINO, 2007), foram desenvolvidas ações que possibilitassem a experiência e compreensão em relação aos cinco conteúdos culturais do lazer e auxiliassem o fortalecimento da identidade cultural da comunidade. Neste sentido, foram elaboradas diversas atividades ligadas aos conteúdos do lazer, associando-os às brincadeiras e realidades das crianças locais, como amarelinha, trabalhos manuais com indumentárias de suas realidades, teatro que valorizasse a história do povo quilombola, circuito e outros, que possibilitassem à criança a vivência e compreensão em relação ao lazer e auxiliassem no fortalecimento e valorização da sua cultura. A intervenção fez parte de uma disciplina do curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, e contou com a participação de estudantes de uma das turmas do curso. A turma foi dividida em cinco grupos, em que cada grupo estava responsável por desenvolver uma atividade correspondente às características de um conteúdo, associando-o ao objetivo da intervenção. As atividades foram destinadas exclusivamente às crianças da comunidade, o que não impossibilitava a permanência dos adultos nas áreas destinadas às mesmas. As ações da turma tiveram a duração de um dia na comunidade. Ao final de todas as atividades, pôde-se verificar o quanto os elementos dos conteúdos culturais do lazer podem contribuir com o ensino e a ampliação do conhecimento dos sujeitos envolvidos, tanto em relação ao lazer quanto de forma geral, e que a partir de ações simples, mas bem elaboradas, atividade lúdicas, jogos, brincadeiras e outros, podem contribuir com a valorização ou afirmação de uma determinada cultura, além de possibilitar trocas de conhecimentos entre todos os envolvidos, pois foram notórios a satisfação e o ganho que a turma também adquiriu a partir do contato com as crianças da comunidade e seus saberes.

Palavras chave: Conteúdo Cultural do Lazer. Intervenção. Atividades.



VIVÊNCIAS E DESAFIOS NO MUSEU DA FARMÁCIA DA UFJF

**Inácio Botto Ferreira; Edwaldo Sérgio dos Anjos Junior; Kelly Dias Tagliati;
Denise da Silveira Gomide**

inaciobotto@hotmail.com

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil /

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

O presente relato de experiência visa apresentar e descrever as vivências e os desafios ligados às atividades e ações desenvolvidas pelo projeto de extensão “Democratizando o acesso ao Museu da Farmácia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF): concepção e efetivação de ações educativas para estudantes”. O Museu da Farmácia Prof. Lucas Marques do Amaral (MUFLA) foi criado em 1972 e é um dos únicos museus universitários do país que retratam a história da Farmácia. Ao desvincular os cursos de Farmácia e Odontologia, da antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia, criaram-se as condições propícias para que o acervo que deu origem ao museu fosse doado, na medida em que os equipamentos se encontravam então desatualizados. O projeto visa desenvolver ações educativas junto a estudantes de instituições de ensino de diversos níveis que visitam o museu, a fim de contribuir para a sensibilização quanto ao patrimônio material e imaterial ali existente. Pretende também estimular uma melhor compreensão do acervo mediante diferentes técnicas de interpretação do patrimônio, como a mediação das visitas e a explanação por meio de recursos visuais, com painéis e placas informativas, por exemplo, ambas permeadas pela ludicidade. Partindo da premissa de que o diálogo é parte importante da educação museal, e que compreende e abarca as experiências cotidianas dos visitantes, busca-se tornar o processo de experiência no museu dialógico e que faça sentido ao contexto de vida dos educandos, retomando assim as considerações de Paulo Freire contidas na obra *Pedagogia da Autonomia*. As práticas culturais não são lúdicas em si mesmas, mas sim construídas na interação dos sujeitos com a experiência vivida, abrangendo diferentes manifestações culturais, como salientados por Gomes (2004). Assim, desde o início do projeto, ou seja, em junho de 2017, foram formuladas e efetivadas as seguintes ações educativas: i) visitas mediadas para os diversos públicos, com ações lúdicas; ii) pesquisa e desenvolvimento de novas atividades para serem realizadas durante as visitas; iii) melhor integração com o horto de plantas medicinais e tóxicas; iv) palestras que contemplem a acessibilidade física e cultural; v) concepção e efetivação das redes midiáticas do museu, permitindo assim, uma maior interação com o público. No decorrer do projeto foram elaborados roteiros dinâmicos, os quais possibilitaram aos mediadores e aos visitantes maiores alternativas de interação e o compartilhamento mútuo das informações e das peças. Como exemplo pode ser citada a adequação da mediação ao nível cognitivo de cada grupo através de brincadeiras, teatralização, dinâmicas, atividades, jogos e uma linguagem apropriada. Através dos trabalhos até aqui desenvolvidos no MUFLA por meio do projeto de extensão, é possível afirmar que ações educativas podem auxiliar na resignificação do patrimônio cultural salvaguardado em museus, atribuindo-lhe novos significados, sentidos e, conseqüentemente, desejo em preservá-lo.

Palavras chave: Museu. Mediação. Ações educativas.



VIVÊNCIAS RECIFENSES: TRANSFORMANDO UMA PRAÇA EM SALA DE AULA

**Maria Helena Cavalcanti da Silva Belchior; Ana Rosa Cavalcanti da Silva;
Paula Patrícia Agostinho de Melo**

mhcavalcanti@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil /
Faculdade DeVry – FBV, Recife, Pernambuco, Brasil

O relato apresentado disserta sobre a experiência vivenciada por docentes e discentes da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, curso de Turismo, quanto à execução de atividades abertas à população local, em espaços denominados “Ilhas de Lazer”, na Praça Pinto Damásio, localizada no bairro da Várzea, Recife, Pernambuco, em 29 de setembro de 2017. Tais práticas fizeram parte de um calendário de ações executadas no decorrer da Semana Mundial do Turismo, em setembro de 2017, que visavam integrar turismo e lazer para a população local em diferentes bairros recifenses, com propostas específicas para os bairros participantes, configurando, assim, o Projeto “Viva Recife!”. No caso em análise, houve a integração e a parceria entre o poder público, por meio da Secretaria de Turismo, Esportes e Lazer do Recife, e a Academia, representada pela UFPE e pelo Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação de Pernambuco – IFPE. Destaca-se aqui o lazer em sua essência, como o responsável por uma rede colaborativa e focada em propor à comunidade da Várzea as melhores atividades e experiências que o lazer pode proporcionar, tendo como premissa a satisfação do envolvidos (DUMAZEDIER, 1976; REQUIXA, 1977; KRIPPENDORF, 2000; BACAL, 2003; MARCELLINO, 2006). A partir de uma metodologia de observação dos atores envolvidos, num primeiro momento foram feitas avaliações do que poderia se propor enquanto atividades, adequando-se à realidade do espaço e ao perfil do público-alvo para, então, criar-se o repertório de lazer (MARCELLINO, 2007). Reuniões com os acadêmicos responsáveis pelas atividades foram realizadas de modo a expor ao grupo em geral questões relativas ao espaço, equipamentos e formas de uso, perfil do público, atuação e postura esperada dos monitores. Nesses momentos de discussão, foram levados em conta também os recursos financeiros, materiais e de tempo disponíveis. Assim surgiram as Ilhas de Lazer “Hora da imaginação”, “Hora da historinha”, “Hora da diversão” e “Hora dos brinquedos”, de modo que diferentes faixas etárias puderam ser agregadas ao que se oferecia nos locais, por meio das atividades propostas. Cultura, resgate de brincadeiras populares tradicionais, artes, exposição e contação de histórias foram alguns dos elementos utilizados pela equipe de docentes e discentes para a organização das ilhas. Respeitando-se as características dos frequentadores da Praça Pinto Damásio, os espaços puderam ser organizados não interferindo em sua dinâmica própria, funcionando como mais uma opção de lazer disponível à população no dia de realização da ação. Nesse sentido, o espaço público em questão foi o cenário ativo (Rodrigues; Arantes, 2011) aos acadêmicos de Lazer no instante em que se buscou integrar, via atividades práticas, os estudos e discussões realizadas em sala de aula para além-muros da Universidade, combinando-se à realidade de um local e de sua população ávida por mais momentos e experiências satisfatórias e liberatórias que o lazer pode proporcionar.

Palavras chave: Lazer. Turismo. Experiência. Comunidade. Universidade.



TEMA 6
LAZER SAUDE E BEM ESTAR
LEISURE, HEALTH AND WELL-BEING
OCIO, SALUD Y BIENESTAR



A LUDICIDADE COMO ELEMENTO FACILITADOR PARA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Roseli Namie Ikegami; Cristiane Ueda Modaffore; Jair de Souza Moreira Jr

roselinamie@yahoo.com.br

Serviço Social do Comércio – Sesc Pinheiros, São Paulo, São Paulo, Brasil

A atividade lúdica possibilita a quem a vivencia momentos de fantasia e de realidade, de ressignificação e percepção, momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro, momentos para o cuidado consigo e o olhar cuidadoso para o outro. O brincar, principal estratégia usada pela criança no seu relacionamento com o meio, permite o conhecimento de suas próprias fantasias e emoções, e propicia o intercâmbio do mundo imaginário com as exigências do mundo real. E assim, ludicidade, qualidade daquilo que é lúdico, sofre transformações em decorrência dos elementos sociais, culturais, políticos e econômicos. A partir dos estudos realizados sobre a ludicidade e o brincar, pode-se afirmar que eles possuem grande importância para o desenvolvimento global da criança, estando relacionados aos aspectos do desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e físico. Nesse sentido, a brincadeira pode ser uma estratégia utilizada por pais, profissionais da saúde e da educação para estimular o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Este relato de experiência apresenta algumas práticas de Educação em Saúde Bucal realizadas em CCAs (Centro para Crianças e Adolescentes), nas escolas da rede pública de ensino e no Sesc Pinheiros (*Projeto Curumim*) que tiveram como objetivo troca de conhecimentos e vivências, que são consideradas adequadas para saúde bucal. Elas visaram estimular a autonomia das crianças no processo de autocuidado, adequando técnicas científicas aos saberes populares, desenvolvendo as habilidades e autoconfiança dos participantes. Essas ações foram divididas em três momentos: uma roda de conversa com os educadores para troca de conhecimentos em saúde bucal; uma reunião com os pais para inseri-los no Projeto, pois a adesão deles é de grande importância para o processo educativo em longo prazo; e a ação com os educandos. Optou-se, para os educandos, pelo uso de atividades com jogos e brincadeiras, utilizando o lúdico como principal ferramenta para a transmissão das informações. A adoção dessa perspectiva partiu do desejo de a ação ir além de um momento educativo, promovendo também um momento de lazer para as crianças, por acreditar-se que, dessa forma, o processo de aprendizagem seria mais significativo e prazeroso. Assim, as ações buscaram motivar a mudança de comportamento e atitude, para despertar a atenção das crianças e adolescentes para os cuidados com a saúde bucal. Em três anos de ação do Projeto, foram atendidas 800 crianças e adolescentes no Sesc e mais de 3.000 nas instituições parceiras, onde verificou-se o quanto as crianças estão mais independentes e conscientes da importância da higiene bucal. Foram realizados diários com fotos dos momentos vivenciados e o principal objetivo foi alcançado, com o estabelecimento da autonomia desta população para o autocuidado.

Palavras chave: Lúdico. Saúde bucal. Educação em saúde.



A RELAÇÃO ENTRE AS EXPERIÊNCIAS DE ÓCIO E A RESILIÊNCIA

Carla Dias; Ieda Rhoden

carlads_@hotmail.com

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

Este estudo pretendeu investigar as possíveis relações entre as Experiências de Ócio e a Resiliência em 104 sujeitos adultos residentes no Rio Grande do Sul. Para tanto, abordou o ócio enquanto fenômeno psicossocial, com atributos específicos que podem ser percebidos pelo próprio indivíduo que o experimenta, e resiliência como fenômeno psicológico capaz de explicar variações nos efeitos que um mesmo nível de estresse tem sobre diferentes indivíduos e suas variadas formas de perceber e lidar com situações adversas do dia a dia. Neste estudo, os resultados apontaram para algumas correlações entre a presença de determinados atributos das Experiências de Ócio e a existência de fatores da Resiliência com efeitos de proteção psíquica. Sabe-se que a sociedade contemporânea caracteriza-se por um grande bombardeio de informações e forte cobrança para que as pessoas sejam felizes e satisfeitas em todas as esferas da vida, incluindo o trabalho, que nesse cenário assume papel central na vida dos indivíduos. A partir disto, as pessoas têm se preocupado muito mais com a qualidade da vida que levam do que com os bens materiais que conquistam, o que, segundo Csikszentmihalyi (2003), ocorre por ser necessário aprender a encontrar gozo nas atividades diárias e não esperar por acontecimentos determinados pela sociedade como obrigatórios. Considerando essa busca pela vida plena, Rhoden (2009) sustenta que promovendo o desenvolvimento humano e possibilitando formas do sujeito se conhecer mais e melhor, é possível transformar conceitos e transcender limites no intuito de impulsionar os indivíduos para que sejam cada vez mais capazes de encontrarem formas de lidar com as adversidades e frustrações inerentes não só das relações de trabalho, como da própria vida. Diante disso, Machado (2009) traz que ser capaz de potencializar cada vez mais as formas positivas de enfrentamento dos problemas favorece não somente a pessoa que desenvolve a resiliência, mas também aqueles que estão ao redor e que aprendem com o exemplo, e nesse sentido, para além da resiliência, também se tornam importantes as experiências de ócio, uma vez que estas produzem um estado mental de equilíbrio psíquico e satisfação com a vida e, indiretamente, podem contribuir para relações e ambientes de trabalho mais saudáveis. A partir disso, o estudo se divide na fundamentação teórica do tema central, abordando experiências de ócio, a busca por equilíbrio entre vida pessoal e profissional, e resiliência. Posteriormente, apresenta a amostra coletada e suas principais características, elucidando os objetivos desta pesquisa e trazendo os resultados referentes às atividades mais praticadas pelos sujeitos participantes, se estes experimentam e como são as experiências de ócio, e se sugerem correlação com resiliência, sendo este último conceito entendido como aspecto fundamental para poder lidar de forma saudável com as adversidades do dia a dia.

Palavras chave: Experiência subjetiva. Desfrute. Ócio. Resiliência. Tempo livre.



ATTENDANCE OF MULTIFUNCTIONAL GYMNASTICS PROGRAM UNDER THE COLLECTIVE PERSPECTIVE

Guilherme dos Reis Dias; Jefferson John da Silva Santos

gesportes.estudos@gmail.com

Study group on Population Health, Recreation and Sports Training - GESPORTES, São Paulo, Brazil; Social Service of Commerce - SESC, Physical and Sports Department, São Paulo, Brazil

The practice of physical exercises aimed at the full development of the individual and the acquisition of physical capabilities, through motor skills, are some of the objectives of the Multifunctional Gymnastics program (GMF) of the Social Service of Commerce (SESC), as well as to stimulate the perception and recognition of gesturally, exercising the motor and cognitive repertoire in a creative, affective and social way. However, the frequency of students below the target set by the GMF program was identified, raising the following questions: a) would it be possible to learn the main reasons that lead to the students absence?; and b) making their practice schedule more flexible would increase their attendance rates? Therefore, our main objective was to find out the reasons for the students' low attendance rates in the GMF course, and specifically to investigate if the flexibility of the schedule would increase them. 397 people participated in this research, representing 84% of those present over two days of data gathering, which represents more than 50% of the students enrolled in the GMF course. It is worth noting that, according to the sample calculation, the number of participants involved in his research translates a 99% confidence level regarding the representation of the population in question. The sample consisted of men (30.54%) and women (69.46%). The Monkey Survey online platform was used with closed questions, consistent of four objective and quantitative questions: 1. "How old are you?"; 2. "Do you currently have any weekly activities with a fixed schedule?"; 3. "When it occurred, what reasons made you miss GMF?"; 4. "If the service timetable was during a single period, do you believe that your attendance rates would increase?". The main findings were related to the reasons for absence. 69.23% of the people whose absence is due to work problems answered that their attendance rates would improve if there were flexible hours. The percentage of the "yes" response to increased attendance was also high among those who were missing for undisclosed reasons ("others"), representing 69.84%. For those who are absent due to family or health-illness reasons, there was no major difference in the percentage of the answers, with 55.74% and 54.55%, respectively, responding that attendance would increase with flexible hours. Another interesting result is the answer to question number 2. Both who have and do not have activities with fixed hours responded that attendance rate would increase with flexible schedules, 61% and 57.87%, respectively. In all classes, the majority of students are over 60 years old, which represents a great deal of importance in deciding for a flex timetable. Interestingly, regardless of whether or not they were engaged in fixed activity, 58.80% of the answers were positive for the flexibility of schedule for this age group. It is possible to conclude that even though there is a significant percentage of responses for the lack of increase in attendance rates, applying the flexibility of the schedule will be a good strategy to reach the students attendance goal.

Keywords: Attendance. Participation. Physical Activity.



EXERCÍCIO FÍSICO E DOENÇAS NEURODEGENERATIVAS: OS BENEFÍCIOS CONTRA O ALZHEIMER

**Samuel Bastos Lopes; Raphael Ferreira; Ewerton Rodrigues Silva;
Aline Passos Rodrigues; Jefferson John da Silva Santos**

gesportes.estudos@gmail.com

Universidade Anhanguera de São Paulo – UNIAN, São Paulo, São Paulo, Brasil /
Grupo de Estudos em Saúde Populacional, Recreação e Treinamento Esportivo –
GESPORTES, São Paulo, São Paulo, Brasil / Serviço Social do Comércio – Sesc,
Departamento Físico Esportivo, São Paulo, São Paulo, Brasil

O envelhecimento humano se faz inerente à existência e manutenção da vida. Com a longevidade, as condições biológicas sofrem declínios e modificações, resultando em patologias, nas quais se inclui a Doença de Alzheimer (DA). A DA é um tipo de doença neurodegenerativa progressiva e irreversível associada à velhice, caracterizada por alterações anatômicas no cérebro, onde os neurônios responsáveis pelas funções cognitivas começam a morrer, e conseqüentemente as funções são perdidas com o avanço da doença. Atualmente estima-se haver cerca de 46,8 milhões de pessoas com demência no mundo. Este número praticamente irá dobrar a cada 20 anos, chegando a 74,7 milhões em 2030 e a 131,5 milhões em 2050, segundo dados fornecidos pelo Relatório de 2015 da *Alzheimer's Association International* (AAI). No Brasil, identificou-se que 55,1% destas demências são decorrentes de DA, enquanto 14,1% são decorrentes de DA associada à doença cerebrovascular (DA + Demência Vascular). Observou-se também que as mulheres (59%) estão mais suscetíveis à doença do que os homens (41%). Ninguém sabe ao certo a razão, mas uma forte possibilidade é o fato de que a mulher vive mais que o homem, em média sete anos, e a idade é o principal fator de risco para o desenvolvimento de DA. Entre as formas de tratamentos mais comuns inclui-se o cuidado médico e por medicamentos, podendo ainda relacioná-los a outras práticas saudáveis, como medicinas alternativas e as atividades físicas. Isto posto, o objetivo do presente estudo foi ressaltar os benefícios e as adaptações da atividade física como tratamento de pessoas com a DA. Para tanto, nos pautamos em uma vasta revisão de literatura, composta por pesquisas em artigos científicos, livros, sites e relatos que dão subsídios a tal investigação dos benefícios do exercício físico para o indivíduo acometido pela DA, relacionando à manutenção da autonomia e o retardo no processo degenerativo do envelhecimento. Foi constatado que o tratamento por meio de atividades físicas, como exercícios aeróbios, de força, de flexibilidade e de equilíbrio, para citar alguns, traz diversos benefícios, como a melhora cognitiva e funcional, promove a sociabilização, possibilita a prática do lazer ativo, retarda os sintomas decorrentes da DA e do processo de dependência total do indivíduo, além de trazer melhorias na qualidade de vida do idoso e, conseqüentemente, do cuidador. Concluimos, portanto, que em vias de promover a qualidade de vida do indivíduo acometido, o exercício físico pode contribuir significativamente para o tratamento da doença de Alzheimer, respeitando a individualidade biológica e compreendendo os aspectos inerentes à patologia em questão. Também merece destaque a importância do trabalho em conjunto com os familiares e equipe multidisciplinar. Embora as pesquisas relacionadas ao exercício físico e os benefícios para o indivíduo com DA sejam escassas, os resultados se mostram promissores e pedem uma maior investigação e precisão dos resultados.

Palavras chave: Doença de Alzheimer. Envelhecimento. Atividade física.



LAZER COMO PROPICIADOR DE PROMOÇÃO À SAÚDE NA SMS NATAL/RN

**Joseallynne Rosendo da Silva; Alexandra Barela Silva; Paloma Lima de Paulo;
Gustavo André Pereira de Brito**

joseallynne@hotmail.com

Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

O lazer vem ganhando bastante importância nas últimas décadas, deixou de ser visto apenas como um tempo livre e começou a ser visto como um problema social e como objeto de reivindicação relacionado à qualidade de vida na cidade. Para atuar nessa área é preciso de um profissional e algumas diretrizes para exercer seu trabalho, tais como: espaços para realizar áreas de lazer; equipamentos; tempo para realização das atividades; política de recursos; e a formação e qualificação para as funções referentes ao lazer. A presença e a participação do lazer na vida social devem ser pensadas em longo prazo e de modo permanente. O lazer é parte importante da existência individual e dos processos evolutivos da coletividade humana. (ISAYAMA, 2008, p. 24). Este trabalho teve como objetivo realizar um levantamento dos programas, projetos e ações de esporte e lazer desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Saúde de Natal/RN – SMS. O delineamento escolhido foi o estudo de caso, pois de acordo com Gil (2010, p. 117), esse é um estudo diferente do que ocorre com outros delineamentos, como experimento e o levantamento, já que as etapas do estudo de caso não se dão numa sequência rígida. Seu planejamento tende a ser mais flexível e com frequência o que foi desenvolvido numa etapa determina alterações. E também, de acordo com o mesmo autor, é possível definir um conjunto de etapas, realizando um levantamento de pesquisas para questionarmos um assunto sobre o qual não se tem muito domínio. É importante ter um conhecimento superficial para poder desenvolver alguns argumentos e soluções. Na análise de dados tornou-se evidente que, embora a referida secretaria tenha como foco principal a saúde, tem várias diretrizes voltadas para a promoção da saúde, tais como: promover medidas de prevenção e proteção à saúde da população do Município de Natal, mediante o controle e o combate de morbidades físicas, infectocontagiosas, nutricionais e mentais; promover campanhas educacionais e informativas, visando à preservação das condições de saúde e a melhoria na qualidade de vida da população. Principalmente pelo fato das atividades de lazer também serem propiciadoras da qualidade social de vida dos sujeitos. Nessa perspectiva, a Secretaria pesquisada desenvolve, em suas Unidades Básicas de Saúde – UBS, atividades de lazer, sejam elas vinculadas aos conteúdos físico-esportivos ou não, tais como: atividades físicas, caminhadas, ginástica, bem como grupos de roda, de ciranda, entre outras; além de práticas integrativas, todas vinculadas ao setor de promoção à saúde, tendo profissionais da própria secretaria e de outras secretarias, como educadores físicos do quadro da secretaria municipal de educação, cedidos à SMS. Um dos principais programas de promoção à saúde é o “Viva a Vida com Mais Saúde”, que foi criado em 2005 para atuar no combate de doenças crônicas não transmissíveis como hipertensão, diabetes, e vem sendo desenvolvido nas quatro zonas da cidade. Concluiu-se que a secretaria pesquisada desenvolve programas, projetos e ações de lazer, no intuito de promover a saúde, mostrando que o lazer é compreendido como propiciador de melhoria de qualidade de vida pelo município.

Palavras chave: Saúde. Programa. Projeto. Lazer.



LAZER E SAÚDE: OS DESAFIOS DA INTERSETORIALIDADE NA GESTÃO PÚBLICA

**Renata Rezende Diniz Ramos; Rodrigo Barbosa Terra; Rafael Presotto Vicente Cruz;
Júlio Márcio Sandim Silva; Juliana Marta Antunes Ramos; Maycon Luiz Mommad**
rafaelpresoto@gmail.com

Centro Universitário UNIFACISA, Campina Grande, Paraíba, Brasil

Devido às mudanças nos hábitos de vida da população, o país enfrenta dificuldades com o aumento de peso, especialmente com o frequente crescimento do sedentarismo e, conseqüentemente, das doenças. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a inatividade física é o quarto principal fator de morte no mundo e é fator de risco chave para doenças crônicas não transmissíveis. Pessoas pouco ativas têm 30% mais risco de morte quando comparadas com aquelas que praticam pelo menos 30 minutos de atividade física moderada. No Brasil, segundo o Diagnóstico Nacional do Esporte (DIESPORTE, 2015), 45,9% da população declarou não ter praticado esporte ou atividade física no seu tempo livre. Em Campo Grande, segundo o Ministério da Saúde, por meio da Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL, 2016), 54,5% da população campo-grandense adulta está com excesso de peso (segundo a OMS, o excesso de peso é diagnosticado quando o Índice de Massa Corporal (IMC) alcança valor igual/superior a 25 kg/m²). Comparando com pesquisa publicada em 2007 (45,3%), tivemos um crescimento de 9,2%. O número de obesos (IMC igual/superior a 30 kg/m²) atinge o número de 19,9% da população adulta, sendo um ponto percentual acima da média nacional. A obesidade também cresceu nos últimos 10 anos: em 2007, a população campo-grandense adulta obesa era de 15%. A partir destes dados alarmantes, a Fundação Municipal de Esportes (Funesp) iniciou o *Projeto Lazer e Saúde*, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde (SESAU), se propondo a contribuir para a redução do índice de obesidade e sobrepeso no município. As atividades acontecem em um dos equipamentos de esporte e lazer (Parque Ayrton Senna), local com alto índice de moradores com sobrepeso e região mais populosa do município. Através da intersectorialidade promovida entre as instituições do poder público, os agentes sociais de esporte e lazer (Profissionais de Educação Física) atuantes no *Projeto Lazer e Cidadania* da Funesp, no qual oferecem atividades físicas e esportivas à população no referido parque, a partir de testes e avaliações realizados nos participantes, selecionam pessoas em situação de risco, sendo encaminhadas para uma equipe médica da Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro, para realização de acompanhamento médico e exames preventivos, incentivando-as à manutenção de hábitos saudáveis de vida, promovendo a saúde preventiva. Outro mecanismo para participação no projeto é quando identificado pelos profissionais da UBS com doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), é sugerida à pessoa a prática regular de atividades físicas, sendo encaminhadas ao *Projeto Lazer e Cidadania* para realização de atividades físicas e esportivas. O projeto tem contribuído para a mudança de comportamento da população, especialmente da região atendida, possibilitando a melhora da qualidade de vida e redução dos índices de sobrepeso e obesidade, conseqüentemente das DCNT na região atendida, além de realizar um trabalho educativo, voltado para conscientização de hábitos saudáveis que levem a uma melhora na qualidade de vida.

Palavras chave: Lazer. Saúde. Políticas Públicas. Interssectorialidade.



LAZER/ESPAÇOS PÚBLICOS: QUALIDADE DE VIDA NA PRAÇA DO CRISTO, CASTANHAL-PA

Claudio Nascimento da Costa; Antonio Gilvando Martins da Silva

claudiocostaprof@yahoo.com.br

Universidade do Estado do Pará – UEPA, Castanhal, Pará, Brasil / Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, Pará, Brasil

Este artigo trata da compreensão da realidade do lazer na concepção dos moradores que frequentam a Praça do Cristo, no Bairro do Cristo, no Município de Castanhal-PA. O objetivo deste trabalho foi coletar dados sobre os possíveis espaços de lazer ofertados na cidade, de tal forma que constitui um ensaio exploratório in lócus, que busca enfatizar a importância do espaço público como alternativa ao lazer para os usuários e à melhoria da qualidade de vida. Além disso, o artigo tem como justificativa a necessidade de discussão teórica e a materialização da prática do lazer nos espaços públicos, corroborando para o bem-estar dos seus usuários. Trata-se de uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, que se deu a partir da necessidade de conhecer a realidade da cidade frente às possibilidades existentes para a prática do lazer em espaços públicos e seus desdobramentos no que tange a qualidade de vida. Quanto ao referencial teórico que serviu de base para a análise da pesquisa, utilizamos Dumazedier (1976); Gaelzer (1979); Marcellino (1996) e Igarza (2009), por permitirem o entendimento de lazer quanto à sua composição como “tempo livre”, mas também, pelo seu objetivo, de “bem-estar, prazer e processo de transformação pessoal e social”. Além desses, também utilizamos Kitani (2014) e Bahia (2012), com o debate de lazer em espaços públicos como direito social. Por fim, Silva et al (2010), por fundamentarem uma perspectiva ao debate do lazer que correlaciona a qualidade de vida e saúde. Entre os fatores motivadores, destacamos a necessidade de aprofundar os saberes acadêmicos sobre o estudo do lazer em espaços públicos, de tal forma que podemos compreender os espaços públicos destinados ao lazer como territórios delimitados e dotados de possibilidades àqueles que neles convivem, permitem a sociabilidade e a manifestação da identidade para com eles. Entre os resultados destacamos os benefícios e as transformações sociais que os espaços e equipamentos públicos de lazer podem oferecer e observamos que, quanto mais experiências significativas esses ambientes possam oferecer aos usuários, maior a probabilidade de os sujeitos os frequentarem. Além do mais, percebemos que a referida praça tem espaços para a prática do lazer, porém esses espaços ainda não suprem em sua totalidade as necessidades da população no que se refere à busca por melhoria da qualidade de vida. Assim, esta pesquisa ratifica o ideal de lazer em espaços públicos como direito social de todos, e, sobretudo, uma possibilidade à melhoria da qualidade de vida, pois acredita que uma vida de qualidade está sustentada em direitos sociais imprescindíveis, entre outros destacamos o esporte, a cultura e o lazer legalmente já garantido pela constituição brasileira, mas quase sempre negligenciado em sua prática, com o abandono dos espaços públicos, falta de segurança e manutenção dos equipamentos públicos. Entretanto, o lazer que visa à qualidade de vida deve ser regulado de forma educativa, criativa que negue toda e qualquer concepção que vincule ao paradigma liberal economicista.

Palavras chave: Lazer. Espaço público. Qualidade de vida.



LÚDICO E HUMANIZAÇÃO: JOGOS COMO ESTRATÉGIA NO CUIDADO EM SAÚDE

Daliana Stephanie Lecuona; Alcyane Marinho

dalianalecuona@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID), Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física (LAPLAF, CNPq), Florianópolis, SC, Brasil

A modificação demográfica que vem ocorrendo no Brasil, em concomitância com as alterações dos hábitos de vida, deu espaço às doenças crônico-degenerativas, como o câncer, ocuparem a posição de principais responsáveis pela mortalidade populacional, sendo o atual foco dos problemas de saúde. Tal situação gera inquietações e suscita reflexões quanto às formas humanizadas de tratamento e possibilidades alternativas atreladas ao cuidado dos pacientes. Desta forma, este trabalho, parte de um estudo mais amplo, apresenta dados de uma intervenção com jogos de tabuleiro aos pacientes adultos da Central de Quimioterapia de um centro oncológico do Sul do país. Descrição: Trata-se de uma investigação de campo, descritivo-exploratória, com abordagem qualitativa dos dados, da qual participaram dois pacientes idosos da central de quimioterapia. Para a coleta de dados foi utilizada a técnica de observação participante, durante uma intervenção, bem como um roteiro de entrevista semiestruturada contendo, além dos dados de identificação, os seguintes pontos: atividades promovidas; significados atribuídos aos jogos de tabuleiro; satisfação pessoal; sugestões e críticas. Para a intervenção foi utilizado o jogo de tabuleiro *Reversi*, cujo objetivo é cercar as peças do adversário de um lado e de outro e virá-las para sua cor. O vencedor é quem termina com mais peças de sua cor para cima. As informações coletadas foram organizadas no software *NVivo*, versão 10.0, e analisadas por meio da técnica de análise categorial de conteúdo. Foi possível verificar que ambos os pacientes faziam o tratamento há mais de cinco anos e nunca haviam presenciado atividades lúdicas no local. Eles afirmaram não fazer nada enquanto recebiam a medicação. Ao serem questionados quanto à possível implantação de um espaço para a interação lúdica entre os adultos da instituição, os investigados afirmaram serem favoráveis diante da inatividade e do cansaço causado pelo tratamento. Em relação aos significados atribuídos aos jogos, os investigados esclareceram que a motivação em aceitar o convite para participarem da intervenção se deu pelo fato de terem curiosidade e poderem ocupar o tempo fazendo algo diferente, possibilitando novos pensamentos, oportunizando diferentes significados ao momento. Ambos participantes apresentaram como características positivas à intervenção a interação do jogo, a companhia, conversar, conhecer a atividade, brincar e passar o tempo aprendendo coisas novas. Estas características apresentadas pelos pacientes enfatizam uma diferenciada percepção do tempo da sessão de quimioterapia, quando comparado ao tratamento realizado convencionalmente. Considerações: A intervenção promovida por meio deste estudo mostrou a possibilidade de promoção de lazer, que, apesar do ambiente, de certa forma hostil, pode possibilitar a interação, as trocas entre os pacientes e a ressignificação do período de tratamento. Além disso, os achados deste estudo suscitam a reflexão sobre a utilização de estratégias lúdicas como possibilidades alternativas ao tratamento, dirigidas ao campo da saúde, podendo proporcionar aos pacientes um momento de imersão, fruição, manifestação do espírito lúdico e do jogo. Com isso, pode-se enfatizar a conexão entre saúde e determinantes de lazer.

Palavras-chave: Jogos. Instituto do Câncer. Humanização da Assistência. Habilidades Sociais. Idosos.



NEUROPSICOLOGIA E O BRINCAR: UMA EXPERIÊNCIA NA BRINQUEDOTECA

Liana Cristina Pinto Tubelo; Tiago Aquino da Costa e Silva; Alipio Rodrigues Pines Junior
pacoca@professorpacoca.com.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; Laboratório de Estudos do Lazer – LEL/DEF/IB, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil; Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer – GIEL/CNPq, Universidade São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

O brincar, fenômeno que acompanha os processos de aprendizagem infantil e desenvolvimento humano desde os primórdios da espécie humana, vem recebendo uma atenção especial nos últimos anos, no que diz respeito às ciências. A Psicologia, as Ciências da Educação e do Movimento Humano, a Sociologia e a Psicanálise são as áreas que nos oferecem o maior número de artigos publicados, pesquisas de mestrado e doutorado acerca desse tema. A brinquedoteca é um espaço físico que garante o brincar para crianças de diferentes idades e, no Brasil, já existem mais de 190 brinquedotecas registradas realizando trabalho lúdico. Algumas são direcionadas a um atendimento terapêutico, como no caso das brinquedotecas hospitalares, outras ao atendimento social, as comunitárias e as escolares, estas últimas em que o presente estudo concentra toda a teoria e prática. Baseado nessas premissas, o presente artigo de revisão de literatura teve por objetivo construir entendimento sobre os processos neuropsicológicos que permeiam a ação de brincar e contribuem para o desenvolvimento infantil e a aprendizagem da criança no ambiente de uma brinquedoteca, a qual tem possibilidade de autonomia em suas ações lúdicas. O estudo ocorreu com análise qualitativa, em busca de publicações realizadas entre março de 2000 e dezembro de 2016, pelo qual se realizaram consultas a periódicos presentes nas Bibliotecas de Universidades do Brasil, Instituições de Pesquisa Científica Internacionais através do ERIC, no banco de dados do *Scielo*, entre outros. As palavras chave utilizadas na busca foram: neurônios-espelho, aprendizagem, brincar, Neuropsicologia da aprendizagem. Os resultados referem que o sistema de neurônios-espelho (SMN), constituindo mais de um terço do cérebro da criança em seus três primeiros anos de vida, são responsáveis pela imitação, empatia, teoria da mente, todas presentes no brincar infantil, conectados à observação-ação. Quando a criança observa uma ação de outra, mesmo sem o ato motor, seu cérebro se ativa como se estivesse realizando fisicamente a ação observada. Confirma-se que a criança aprende pela ação de observar e imitar brincando mediante os estudos de Marshall & Meltzoff (2011). Este artigo aponta reflexões sobre as três unidades lurias. Luria construiu sua teoria sobre as três unidades funcionais do cérebro humano, uma forma que encontrou de subdividir o mesmo por unidades de estruturas funcionais dos substratos neurais implicados na cognição, aprendizagem e funções psicológicas ou mentais superiores, e que descrevem os fatores psicomotores presentes nas ações infantis lúdicas e uma análise por abordagem neuropsicológica do que a criança aprende ao jogar/brincar com a Torre de Hanói. Entende-se, a partir deste estudo, que o brincar é de extrema relevância na construção aprendiz da criança e de impressionante atividade neuropsicológica, cognitiva, emocional e psicossocial.

Palavras chave: Neuropsicologia. Criança. Centro de Convivência e Lazer.



OS CAMINHOS DO YOGA NA SAÚDE E BEM VIVER

Roberta Maria Zambon Maziero

roberta.maziero@gmail.com

Fundação Educacional de São Carlos – FESC, São Carlos, São Paulo, Brasil;
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil; Núcleo de estudos em fenomenologia e educação física – NEFEF, São Carlos, São Paulo, Brasil

Apresento os caminhos do conhecimento, amor e ação, aspectos presentes na prática do yoga que integra percepção, consciência e autoconhecimento, objetivando descrever este percurso em aulas realizadas na Fundação Educacional de São Carlos – FESC, dentro de um programa de ações para a terceira idade. Esta descrição tem como base teórica a ciência da motricidade humana ao compreender o homem e a mulher como seres que são no mundo através de seu corpo próprio, ou seja, o corpo como uma unidade expressiva e seu movimento como intencionalidade original. Sendo assim, o movimento no yoga como na vida não é somente físico, mas é parte integrante da subjetividade e do mundo no qual o ser humano cria e realiza ações para transcender a realidade. A mudança de percepção da própria existência, através da prática do yoga, provoca uma reflexão sobre o ser no mundo, podendo levar seus praticantes ao encontro de novas possibilidades de saúde, bem-estar e lazer. Em sua grade de atividades a FESC oferece cinco turmas de yoga para a terceira idade, alinhando o conceito de bem viver e saúde pública. Estas aulas possuem periodicidade de uma vez por semana e mantêm praticamente os mesmos participantes, durante os quatro anos em que é ofertada. O yoga se expressa pelo trabalho em quatro aspectos: prática física – asanas; técnicas de respiração – pranayamas; relaxamento, meditação e mantras; e base filosófica. As aulas de yoga na fundação iniciam com um breve relaxamento, visando à percepção do momento presente pela observação do corpo, respiração e fluxo de pensamentos. Depois, são realizados movimentos lentos para desbloquear o corpo físico e etérico e, então, as sequências de asanas se organizam a partir de um elemento da natureza. Descrevo, como exemplo, a prática com o tema água na qual as sequências de movimento e respiração se utilizam da fluência do corpo para expandir e flexibilizar as musculaturas posteriores e o tórax. Neste trabalho, há momentos de pausa e observação, mobilizando o sentido cenestésico na ação e na pausa. Chega-se à parte final, que contempla o relaxamento por meio de meditação e/ou mantra com o intuito de voltar novamente à observação física, emocional e mental. No cumprimento final, a base filosófica é transmitida por breves reflexões ou leituras. Através dos relatos dos alunos, convivência e minhas observações como docente, considero que a prática do yoga proporciona uma harmoniosa combinação da consciência inteligente – mente e os sentidos de percepção e de ação, levando ao encontro de uma saúde que equilibra e sustenta uma vida positiva pautada em um estado sereno e autônomo por meio de elementos lúdicos, criativos e de percepção de si. Potencializando mudanças de comportamento e a ampliação do conceito de saúde e lazer, pois novas escolhas são tecidas a partir da valorização da vida e do momento presente, não lamentando ou saudosamente buscando o passado e muito menos se sentido amedrontado pelas incertezas do futuro. O que se expressa é um ser íntegro que se faz e refaz a cada dia e nova experiência.

Palavras chave: Yoga. Vida. Saúde. Bem viver. Autoconhecimento.



PALHAÇOS EM HOSPITAIS NA PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

**Tiago Aquino da Costa e Silva; Victor César Shing; David Miranda Reis;
Alípio Rodrigues Pines Júnior**
pacoca@professorpacoca.com.br

Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU); Laboratório de Estudos do Lazer, LEL/DEF/
IB/UNESP Rio Claro; Universidade de São Paulo (USP) – Grupo Interdisciplinar de
Estudos do Lazer (GIEL), São Paulo, SP, Brasil

O cenário hospitalar limita a ação de ser criança em ambiente com computadores em funcionamento, luzes piscando incontáveis números de fios-soro, as pessoas com comportamentos e roupas estereotipadas, tubos e máscaras dificultando os movimentos. Nesse mesmo espaço é aberto um local para práticas de lazer com elemento artístico, recreativo e cômico; isso só é possível quando esse novo elemento é aceito pela instituição como um recurso a mais na luta pela vida, isto é, está inserido na equipe de tratamento do hospital. As vivências lúdicas, com a atuação de palhaços e outros atores, vêm penetrando cada vez mais o ambiente hospitalar como mais um elemento contribuindo para a cura. O palhaço é um elemento essencial ao atuar como um nobre recurso, junto ao tratamento convencional, em hospitais do mundo inteiro. O aspecto cômico dos palhaços apresenta meios para uma ação lúdica em contação de histórias, esquetes e *gags*, improvisação teatral e cenas do cotidiano. Este relato de experiência teve por objetivo investigar a percepção de profissionais da saúde sobre a atuação dos palhaços da “Entretenimento SP”, que atuam visitando crianças internadas no Hospital Infantil Darcy Vargas, localizado na cidade de São Paulo (SP). A atuação acontece desde abril de 2016, com periodicidade mensal, perfazendo vinte dias visitados até o instante deste projeto. A pesquisa contou com vinte e um sujeitos das diferentes áreas de atuação do hospital, como enfermagem, gestão e direção médica, escolhidos de forma aleatória, por critério de conveniência. A pesquisa foi de natureza quantitativa e com dados coletados por meio de um questionário específico para este trabalho. Para análise dos dados, utilizou-se levantamento de frequência e porcentagem. Dezoito entrevistados (85,7%) apontaram que os palhaços atuam de forma significativa no desenvolvimento de benefícios na atuação hospitalar, na melhora do clima do ambiente hospitalar, na recepção e nos quartos visitados diminuindo o estresse da rotina de trabalho. Entretanto três profissionais (14,3%) apontaram que a atuação interferiu na rotina de trabalho dos profissionais de saúde e que os pais não estariam no momento da intervenção lúdica dos palhaços. Considera-se então que a atuação dos palhaços da “Entretenimento SP” contribui de forma positiva na rotina do hospital na visão dos profissionais de saúde entrevistados. O palhaço é atualmente um elemento que entra como um mais recurso ao tratamento convencional em hospitais, acentuando o estado da arte com características políticas e sociais.

Palavras-Chave: Terapêutico. Trabalhadores Voluntários de Hospital. Atividades de lazer.



PRÁTICA ARTESANAL NA CONTRIBUIÇÃO DA AUTOESTIMA DAS MULHERES COM CÂNCER

**José Izaias Cabral; Severton K. Cavalcanti Belisio; Genildson Oliveira Silva;
Carla Virginia Paulino da Silva; Rafael Gomes Leonardo**

izaiascabralrn@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Cidade Alta, Natal, Rio Grande do Norte

O objetivo do estudo consiste em analisar as contribuições do desenvolvimento das práticas artesanais por mulheres submetidas a tratamento para neoplasia maligna na cidade de Natal/RN, no grupo "ONCOEVIDA" e como essa atividade contribui para sua autoestima na recuperação delas. Dessa forma, buscou-se averiguar essa temática junto ao grupo de mulheres que participa do "ONCOEVIDA", entidade criada com a missão de oferecer suporte às pessoas com câncer, pessoas essas que sofrem as consequências da desproteção e condições desfavoráveis sociais nas políticas públicas brasileiras, portanto a entidade foca na intervenção às necessidades básicas destas pessoas no tocante às condições sociais e de saúde, oferecendo-os serviços e ações que visem à qualidade de vida, promovendo, assim, a minimização das expressões de vulnerabilidade a que estão expostos os pacientes com câncer. Justifica-se o estudo pelo simples fato do aumento de instituições de apoio às mulheres, homens e crianças do país acometidos por neoplasia maligna, que colaboram com assistência psicológica e benevolência nesse processo humano. A metodologia utilizada como instrumento da coleta de dados foi pesquisa de campo, de natureza qualitativa e descritiva, através de questionários aplicados com seis perguntas abertas, na qual participaram 20 mulheres entre a faixa etária de 30 a 55 anos, escolhidas aleatoriamente. O lócus da pesquisa aconteceu na mesma instituição, com dia e hora marcados. Os resultados apontaram que 85% das entrevistadas, no total de 17 mulheres, responderam que estão ali entre o grupo de mulheres acometidas pela neoplasia maligna, pelo fato de estarem com as mesmas enfermidades e apoiando umas às outras, reunidas produzindo artes de materiais recicláveis, o que tem contribuído para a autoestima delas na sua ocupação do tempo. O simples fato de a instituição ser um local propício à sociabilidade e construir a socialização dessas mulheres é relevante nessa batalha cotidiana. Em síntese, esta pesquisa revela e destaca que a promoção, recuperação e reabilitação em saúde se traduzem em prática educativa, que se respalda na análise crítica da realidade, e visa à transformação positiva dos fatos determinantes de condições de saúde e a formulação de atividades de lazer, arte e cultura que atendam às necessidades desses usuários. Neste contexto, arte-terapia nessas pessoas acometidas por neoplasia maligna surge como um processo de acompanhamento que pode ser considerado positivo para o tratamento como elemento de autoestima, que tem a relevância para unir o sentimento compartilhando junto com a socialização e artes e o lazer na busca da autoestima das mulheres acometidas pela neoplasia maligna.

Palavras chave: Autoestima. Arte-terapia. Ocupação. Lazer.



PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA: PRÁTICAS CORPORAIS LAZER E EDUCAÇÃO INTEGRAL

Marco Aurélio Paganella

marcoapaganella@globo.com

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil / Centro Universitário Ítalo Brasileiro – UNIÍTALO, São Paulo, São Paulo, Brasil / Faculdades Metropolitanas Unidas/Laureate – FMU, São Paulo, São Paulo, Brasil

Este estudo objetiva investigar como a Educação Física – seus referenciais, diferentes concepções sobre saúde e seus respectivos atores, agentes e representantes – participou da concepção, criação, formulação, elaboração e definição do Programa Saúde na Escola (PSE). Instituído pelo Poder Executivo Federal pelo Decreto 6.286/2007, no primeiro ano do segundo mandato do Governo Lula, o PSE trata-se de uma política de saúde e educação voltada às crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação pública brasileira que prevê a articulação entre práticas corporais, lazer e educação física escolar para promover saúde e educação integral. O programa exige uma articulação intersetorial das redes públicas de saúde e educação e das demais redes sociais para o desenvolvimento das ações, e isto implica em ofertas de serviços no mesmo território num trabalho articulado no âmbito da Política Nacional de Promoção de Saúde (PNPS) entre as três esferas governamentais (Federal, Estadual/Distrital e Municipal), devendo propiciar a sustentabilidade das ações a partir da conformação destas redes de corresponsabilidade, das quais a Educação Física faz parte. Esta pesquisa, que tem como referencial teórico os estudos acerca das práticas corporais no campo da saúde, encontra-se em andamento, e utiliza o método exploratório, descritivo, analítico e interpretativo documental, com abordagem qualitativa, no intuito de compreender como a Educação Física participou da formulação e definição do PSE. Tem como marco temporal o ano de 2007, dado que o programa foi instituído neste ano, também porque sediou os Jogos Pan-americanos/2007, venceu a disputa pela sede da Copa do Mundo/2014 e protocolou sua candidatura como sede dos Jogos Olímpicos Rio/2016, fatos que aparentemente podem ter influenciado a consecução e implantação do programa na Rede de Ensino. Na pesquisa documental serão analisadas as atas das audiências públicas e setoriais, das reuniões dos Ministérios da Saúde e Educação, as composições das comissões, secretários, assessores, técnicos e membros correlatos, pareceres, sugestões e propostas efetuadas pelos atores, agentes, representantes, políticos, profissionais, professores, pesquisadores e gestores que participaram e contribuíram com seus estudos, pesquisas e posições no contexto desta arena política da formulação do PSE. Contempla, também, o programa, suas definições, conteúdo, orçamento, formas de implementação e de gestão, articulações nas instâncias federativas, o lugar que a Educação Física e as práticas de lazer nele ocupam, as concepções de saúde em disputa, os atores que participaram da inserção das concepções de saúde da Educação Física no PSE e o quanto importante é essa questão no programa. Espera-se, ainda, verificar como este conteúdo é articulado nos diferentes níveis federativos e como se faz presente no município de São Paulo/SP. Como resultados parciais preliminares, é possível cogitar que as práticas corporais enquanto concepção de saúde e enquanto expressões individuais e/ou coletivas do movimento corporal



advindas do conhecimento e da experiência em torno do jogo, da dança, do esporte, da luta, da ginástica, da recreação construídas de modo sistemático ou não sistemático, seja na escola, seja pelo lazer, recreação e tempo livre, estão marcadamente presentes no PSE e, por extensão, estão em consonância com o que preconiza a PNPS brasileira.

Palavras chave: Programa Saúde na Escola. Práticas corporais. Lazer. Saúde Pública Multidisciplinar e Intersetorial. Política Nacional de Promoção de Saúde.



SATISFAÇÃO COM IMAGEM CORPORAL DE MULHERES ADULTAS PRATICANTES DE BALÉ

Flavia Paiva; Vilma Carvalho; Matheus Medeiros; Daniel Santos

flaviabacelete@yahoo.com.br

Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

O nascimento do balé clássico ocorreu na Renascença e sua denominação veio do italiano, cujo significado é bailar ou dançar (ACHCAR, 1998). O balé evoluiu ao longo dos séculos de simples entretenimento da corte e atualmente é uma forma de atividade que vai além da beleza, exigindo muito desempenho físico dos praticantes, proporcionando leveza, agilidade, força, flexibilidade e coordenação (PRATI; PRATI, 2006). Desta forma, sua prática gera benefícios à saúde e ao físico do (a) bailarino (a) (LEÓN et al., 2008). Imagem Corporal é a forma com que o corpo se apresenta para o indivíduo (SAIKALI et al., 2004). A busca por uma Imagem Corporal ideal é mais forte neste público, quando comparada com os parâmetros da população de forma geral (FRAÇÃO et al., 1999). Bailarinas estão constantemente insatisfeitas com sua imagem corporal, mesmo estando com bons níveis antropométricos ou ainda com níveis abaixo do indicado (RIBEIRO; VEIGA, 2010; HAAS; GARCIA; BERTOLETTI, 2010). Cada cultura molda sua Imagem Corporal ideal, e os indivíduos que não a alcançam podem sofrer muito, o que leva ao desenvolvimento de patologias físicas e mentais, destacando depressão, baixa autoestima e transtornos alimentares (SAIKALI et al., 2004; DAMASCENO et al., 2006; ALVES et al., 2009). Tais padrões se impõem especialmente para as mulheres, para as quais a aparência física representa uma importante medida de valor pessoal (SIMAS; DE AZEVEDO GUIMARÃES, 2008). Trata-se de um estudo transversal, descritivo e quantitativo. A amostra constituiu-se de 24 praticantes de balé clássico, adultas, não profissionais, que fazem uma hora de aula duas vezes por semana, frequentadoras há mais de um ano de academias de dança da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, com idades entre 20 e 49 anos. Os procedimentos respeitaram as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional da Saúde (Resolução CNS, nº466, de 12 de dezembro de 2012) envolvendo pesquisas com seres humanos. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As bailarinas fizeram o reconhecimento da imagem corporal através do *Silhouette Matching Task* (SMT) proposto por Stunkard, Sorensen e Schlusinger (1983). O SMT é composto por 12 silhuetas em escala progressiva e foi apresentado às bailarinas, que responderam às seguintes questões: Qual é a silhueta que melhor representa a sua aparência física atual e qual silhueta você gostaria de ter? A partir dessa coleta foi avaliada a Disparidade entre Percepção da Imagem Corporal Atual (PICA) e a Percepção da Imagem Corporal Ideal (PICI) para saber qual é o nível de satisfação corporal. Foram consideradas “insatisfeitas” com a percepção corporal as alunas que apresentaram disparidade PICA-PICI igual ou maior do que três. A insatisfação com a imagem corporal foi evidenciada em menos da metade do grupo (46%). Esse resultado sugere que mulheres que praticam balé como lazer não sofrem altos índices de insatisfação com imagem corporal.

Palavras chave: Dança. Mulheres. Imagem corporal.



SENTIDOS DOS TRABALHADORES DE HOSPEDAGEM SOBRE O TEMPO PARA LAZER

Iraneide Pereira da Silva; Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataíde dos Santos

iraneidepsilva@hotmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, Recife, Pernambuco, Brasil

Embora se considere a centralidade do trabalho na sociabilidade humana, conforme expresso por Pronovost (2011), o lazer se constitui “uma referência cultural importante na representação de certas maneiras de agir consideradas como as mais desejáveis” (p.32), criando valores sociais que legitimam o lazer como prática e motivação capazes de ampliar o sentido da vida. Ressalta-se, assim como considera Padilha (2003), que tanto o trabalho como o lazer são atividades complementares, e não opostas, fazendo com que sua vivência interfira uma na outra. Assim, objetiva-se neste estudo compreender os sentidos construídos pelos trabalhadores dos serviços de hospedagem sobre o tempo dedicado ao lazer, por meio do estudo da comunidade de fala, a *fanpage* do Facebook, denominada “Escravos da Hotelaria”. Propõe-se, assim, a realização de pesquisa qualitativa pautada na proposta marxista da linguagem baseada em Bakhtin (2006), tendo como técnica de constituição do *corpus* de pesquisa a netnografia. A análise deste *corpus* baseia-se nos pressupostos bakhtinianos para Análise do Discurso, no sentido de contribuir para a reflexão sobre o sujeito que atua profissionalmente nesta área. Percebe-se pelas interações que o tempo livre é utilizado basicamente para dormir e recompor as energias para o retorno ao trabalho. A folga no feriado passa a ser um dia comum e não um dia que irá representar uma vivência diferenciada, como ocorre para a maioria dos trabalhadores que aguarda o feriado para experienciar diferentes tempos sociais, inclusive o tempo para o lazer. Ao que parece, o tempo livre é um tempo distante de sua realidade, desconhecido, negado, pois é “Muita inocência esperar por isso”. Imaginar que a folga representará tempo livre para o lazer, diversão e entretenimento e não conseguir. Ver seu tempo livre destinado somente à reposição das condições físicas e psíquicas para retornar ao trabalho e não ver a possibilidade de um tempo para se ter vida fora do trabalho são aspectos expressos sobre o tempo para o lazer. Assim, o tempo livre está no poder discricionário da chefia, pois conforme uma das interações indica, “Sim. Sua alma é minha”, uma vez que este tempo não é respeitado pela gerência, pois tanto os dias de folga, quanto as folgas em feriados e o período de férias podem ser modificados pela gerência conforme demanda do trabalho, demonstrando que o tempo de trabalho é central nesta relação. Estes aspectos levam a uma identificação com uma vida subjugada ao mercado e ao local de trabalho e conseqüente adoecimento físico e psíquico. Assim, o estudo ora exposto busca trazer um olhar sobre o tempo para o lazer, acreditando que este poderá humanizar o trabalho e proporcionar aos trabalhadores o bem-estar a partir do desenvolvimento psicossocial, quando vivido de forma mais autônoma, criativa e emancipadora.

Palavras chave: Tempo. Construção de sentidos. Hospedagem. Trabalho. Lazer.



TODA EXPERIÊNCIA É ÚNICA: O CAVING, LAZER E BEM-ESTAR

**Marilda Teixeira Mendes; Jarbas Pereira Santos; Michela Abreu Francisco Alves;
Tânia Mara Vieira Sampaio; Francisco Eric Vale de Sousa; Gislane Ferreira de Melo**
mteixeiramendes@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG; Universidade
Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF, Brasil

A experiência de estar em uma caverna desperta a curiosidade e a sensação de exploração. A aventura se reflete em benefício direto à sociedade ao despertar o interesse de jovens e adultos; pois, em cada passagem, em cada volta por esses espaços naturais, desfruta-se de uma nova visão e, a cada passo, há uma diferente e nova perspectiva. O envolvimento com este ambiente corresponde a uma experiência que não obedece a uma previsibilidade em todas as situações. A preparação para a entrada, em uma caverna, possui toda uma dinâmica de tomar ciência dos equipamentos de segurança, dos percursos delineados, das dificuldades básicas que serão encontradas; contudo, integrar-se ao ambiente da caverna promove as mais distintas experiências, abrindo novos horizontes, em vista de uma releitura da sociedade, suas minúcias, seus detalhes, parcelas importantes, que nos tornam mais humanos e responsáveis uns com os outros e com o ecossistema que nos abriga. A interação com a caverna vai além de abrigo, de sobrevivência e de autoconhecimento. Hoje, há também uma relação de proteção, de preservação da história e da cultura do ambiente cavernícola, proporcionando ao corpo experiências únicas. É afirmativo que os sentidos corporais estão muito presentes no *caving*, e a partir dessa vivência, é possível pensar novas formas de perceber o corpo, a natureza e as relações de alteridade. O aumento da acuidade sensorial possibilita uma nova forma de o ser humano relacionar-se com o mundo, consigo próprio e com o meio ambiente. Este estudo teve como objetivo compreender as experiências vividas pelo ser humano na natureza por meio da prática do *caving* a partir das percepções do Espeleogrupo Peter Lund (EPL). Utilizou-se como metodologia, a pesquisa bibliográfica e de campo. Foram realizadas as técnicas da observação participante e da entrevista semiestruturada para a coleta de dados. Os dados obtidos foram analisados por meio da análise de conteúdo, o que possibilitou obter indicadores que contribuíram para a sistematização dos motivos de tal prática. O grupo foi composto por dez integrantes (homens e mulheres), praticantes do esporte de aventura conhecido como *caving*. As evidências encontradas no presente estudo consideram este esporte como uma atividade de aventura na natureza, realizada em ambiente cavernícola. Os resultados encontrados, por meio da experiência, demonstraram que a prática do *caving* promove um cansaço bom, paz, tranquilidade, harmonia, lazer, sociabilidade, espiritualidade e emoção, revelando-se uma prática que proporciona a melhoria do bem-estar. Então, pode-se concluir que a prática do *caving* dialoga com as diversas energias do ambiente cavernícola, falando de uma complexidade que percorre o sentimento do praticante em relação às cavernas. A experiência vai além de praticar espeleologia puramente como atividade esportiva ou como atividade de pesquisa; portanto, o *caving* é ter o ser humano como relação maior com o meio ambiente.

Palavras-chave: Esporte de aventura. Lazer. *Caving*.



TEMA 7
LAZER E ENVELHECIMENTO
LEISURE AND AGING
OCIO Y ENVEJECIMIENTO



CAPOEIRA PARA IDOSOS: CULTURA, SOCIABILIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NO LAZER

Eduardo Blaz; Diolino Brito; Regina Gerizani

dublaz@gmail.com

Serviço Social do Comércio – SESC, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil

Atualmente, a população de idosos no Brasil se aproxima dos 26,1 milhões de pessoas, o que equivale a 13,8% da população total (OLIVEIRA et al., 2015). A previsão é de que em 2030 esse grupo represente 18,6% da população brasileira (IBGE, 2013). Pioneiro no país, o Trabalho Social com Idosos realizado pelo Sesc São Paulo tem como objetivo, através do desenvolvimento de atividades socioculturais e educativas no tempo de lazer, promover a sociabilização, a reflexão sobre o envelhecimento, o desenvolvimento de novas habilidades e a integração com as demais gerações. Nos últimos anos, com o aprofundamento científico sobre os aspectos relacionados ao processo de envelhecimento, vem ocorrendo uma gradual mudança de mentalidade frente às questões da velhice, no sentido de compreender este momento também como uma fase de desenvolvimento e de novas experimentações, e não exclusivamente como uma etapa de reduções, perdas e incapacidades (Néri, 2000). Alinhado com as necessidades e condições de desenvolvimento do idoso e tendo a Capoeira, expressão cultural multifacetada de origem afro-brasileira, como força motriz, o Sesc São Caetano realiza o projeto *Cultura e Movimento*, fundamentado nos elementos lúdicos desta prática corporal e suas possibilidades de sociabilização no tempo livre. Tem, ainda, como propósito, a redução da perda da capacidade funcional inerente ao aumento da idade, ampliação do conhecimento sobre as manifestações culturais brasileiras, o desenvolvimento de consciência cidadã participativa, a promoção do bem-estar e da qualidade de vida e o exercício da autonomia. O grupo é composto por cerca de 30 idosos, mulheres e homens, entre 60 e 84 anos, residentes na cidade de São Caetano do Sul/SP, e se reúne duas vezes por semana no Sesc São Caetano para participarem das aulas de Capoeira e outras manifestações culturais brasileiras como Samba de Roda, Jongo e Maculelê. Além da prática em si, apresentações artísticas, palestras, excursões com conteúdos culturais relacionados e workshops diversos são ferramentas adicionais utilizadas para se atingir os objetivos propostos, ampliando as possibilidades de fruição e envolvimento dos idosos nesta prática de lazer. Através de percepções empíricas que se dão naturalmente no dia a dia advindas da interlocução professor aluno, bem como através das relações entre o grupo de participantes do projeto Cultura e Movimento, observamos três temáticas que aparecem com maior ocorrência: a melhora da funcionalidade corporal, a sociabilização e a aquisição de novos conhecimentos. Os relatos espontâneos dos participantes foram congruentes no sentido de apontar melhoras que julgamos ser significativas nestas três dimensões. Desta forma, concluímos que a Capoeira e o exercício de manifestações da cultura brasileira podem ser uma estratégia para o desenvolvimento de competências físicas funcionais de idosos, bem como de aproximação com questões socioafetivas e de ampliação de referências culturais. Diante dessa perspectiva, sugerimos o aprofundamento de debates e estudos nesta área, no sentido de oferecer maior subsídio didático e pedagógico para este tipo de prática.

Palavras chave: Capoeira. Idosos. Sociabilização.



CHARMOSIDADE FITNESS – UM DIA DE LAZER PARA IDOSOS

**Barbara Gambaré; Fernanda Castilho; Gabrielle Cifelli; Vilma Moreira Ferreira;
Viviane Veiga Shibaki**

barbarajaragua@yahoo.com.br

Faculdade de Tecnologia Padre Danilo José de Oliveira Ohl – Fatec Barueri, Barueri,
São Paulo, Brasil

O evento *Charmosidade Fitness* foi planejado e realizado pelos discentes do sexto semestre do curso Superior de Tecnologia em Eventos da Fatec Barueri-SP. O seu objetivo foi promover um dia de lazer e entretenimento para estimular a prática de atividades físicas para as pessoas acima de 60 anos. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se como metodologia as etapas de planejamento e organização de eventos: pré-evento (planejamento), trans-evento (realização) e pós-evento (análise dos resultados). Na etapa do pré-evento foi definido o público-alvo, a tipologia do evento, o local, a data, atividades da programação, uniforme, serviço de alimentos e bebidas e suas formas de divulgação. Com todas as etapas do pré-evento concluídas, o *Charmosidade Fitness* foi realizado no dia 25 de novembro de 2017, no Parque Municipal Dom José, localizado no município de Barueri-SP, com duração de 5 horas. Sua programação teve início às 14h, com ginástica dançante, desfile de moda *fitness* com pessoas acima de 60 anos que praticam atividades físicas regularmente, alongamento, caminhada com quatro estações de atividades recreativas e ginástica laboral para o encerramento do evento. A ginástica dançante e a laboral foram orientadas por dois profissionais de educação física e as atividades recreativas foram aplicadas por seis discentes do curso de eventos. Ao final do evento, foi realizada uma pesquisa de satisfação, na qual se constatou que todos os idosos participantes afirmaram que o evento foi muito bom e que voltariam em uma segunda edição. Esses dados demonstraram que é possível estimular os idosos a saírem do sedentarismo e envelhecerem com mais saúde, aumentar a sua autoestima e que esse tipo de evento tem potencial para ocorrer com regularidade no município. A idealização desse evento surgiu a partir das teorias estudadas na disciplina de Planejamento de Atividades de Lazer, como por exemplo, as funções do lazer apresentadas por Dumazedier, em 1973, e todo seu processo de concepção e execução foi desenvolvido durante as aulas do Projeto Integrador VI, disciplina que coloca em prática as teorias de planejamento e organização de eventos e agrega as demais disciplinas do semestre para a realização desses eventos. As formas de divulgação foram desenvolvidas durante a disciplina de Relações Públicas, a gestão dos resíduos foi planejada de acordo com as orientações da disciplina de Gestão Ambiental e a saúde da equipe de trabalho foi pensada e orientada pela disciplina de Ergonomia Aplicada ao Trabalho. Além dos benefícios gerados aos participantes do evento, o planejamento e a execução do *Charmosidade Fitness* proporcionou aos discentes o entendimento de todas as teorias do lazer abordadas em sala de aula e que a prática do lazer não tem idade, além disso, perceberam que trabalhar nessa área e proporcionar lazer ao próximo não é tarefa simples, mas sim algo que precisa de muito planejamento para que não comprometa o tempo livre do indivíduo.

Palavras chave: Lazer. Eventos. Barueri-SP. Idosos.



FESTIVAL DA INTEGRAÇÃO: UM PROJETO EM REDE DO SESC SÃO Paulo

**Neide Alessandra Périgo Nascimento; Sandra Regina Feltran; Ricardo Silvestre;
Cristiane Ferrari; Cristina Riscalla Madi**

alessandrap@sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc São Paulo, SP, Brasil

Introdução: O Serviço Social do Comércio (SESC), instituição privada e sem fins lucrativos, criada em 1946 pelo empresariado do comércio de bens, serviços e turismo, tem como objetivo proporcionar bem-estar e qualidade de vida aos trabalhadores deste setor, sua família e à comunidade. Promove ações de educação não formal e permanente em diferentes projetos e programas, sendo o Trabalho Social com Idosos um deles. Além disso, conta com uma rede de 38 unidades em todo o estado de São Paulo, em sua maioria centros culturais e desportivos. O Festival da Integração é um dos projetos caracterizados como ação em rede do Programa Trabalho Social com Idosos do Sesc São Paulo, pois envolve várias unidades do Regional. Acontece em duas edições no ano, e em cada uma delas, reúne cerca de 700 idosos no Centro de Férias SESC Bertioga, localizado no litoral norte do estado. Neste sentido, busca promover, além da integração, a transformação dos participantes, incentivando sua participação social e desenvolvimento pessoal. O Trabalho Social com Idosos (TSI) é um programa de educação não formal, desenvolvido pelo Sesc São Paulo desde 1963, que tem por objetivo a inclusão e a valorização social da pessoa idosa. Por meio de atividades socioculturais e educativas, voltadas ao cidadão com mais de 60 anos, o programa está fundamentado em diretrizes e objetivos. Atualmente, o programa conta com aproximadamente 260.000 idosos inscritos na categoria plena (trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e seus dependentes). O Festival da Integração faz parte do calendário anual das ações em rede do Programa Trabalho Social com Idosos do Sesc São Paulo, supervisionado pela equipe de assistentes do Núcleo de Estudos e Programas para Idosos da Gerência de Programas e Estudos Sociais – GEPROS. São também responsabilidade desta gerência os Programas: Infância e Juventudes, Direitos Humanos e Diversidade Cultural.

Metodologia: A cada ano o Festival da Integração tem uma programação de ações norteadas por um tema que, por sua vez, deve ser baseado em uma diretriz e em um objetivo. Os idosos participantes de cada edição, provenientes das Unidades Operacionais do Sesc São Paulo, passam 6 dias imersos em atividades reflexivas, artísticas, socioeducativas e de lazer. Cabe às Unidades divulgar aos idosos o Festival e inscrevê-los, conforme critérios abaixo: – Ter 60 anos ou mais na data de realização do Festival; – Pertencer à categoria credencial plena; – Frequentar as atividades do Programa Trabalho Social com Idosos em alguma Unidade Operacional do Sesc São Paulo; – Não ter participado do Festival nos anos anteriores. **Conclusão:** O Festival da Integração, em cada ano e edição, além de proporcionar momentos de fruição e lazer, oferece aos idosos participantes a oportunidade de refletir profundamente – mas de maneira lúdica e prazerosa – sobre temas ligados ao envelhecimento e à longevidade. O evento proporciona aos técnicos e funcionários, direta ou indiretamente, ligados ao Programa Trabalho Social com Idosos, a troca de experiências e informações além de atuar no alinhamento das diretrizes, metodologias e processos de trabalho.

Palavras-chave: Envelhecimento. Longevidade. Lazer. Transversalidade. Reflexão.



INCIDÊNCIA DA TEMÁTICA IDOSO NOS TRABALHOS DO WORLD LEISURE CONGRESS

Nara Heloisa Rodrigues; Renata Laudares silva; José Pedro Scarpel Pacheco; Elisangela Gisele do Carmo; Amanda Mayara do Nascimento Cardoso; Gisele Maria Schwartz

narahelo@hotmail.com

LEL – Laboratório de Estudos do Lazer - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Biociências, Campus Rio Claro, São Paulo, Brasil

O quadro populacional de idosos tem crescido nos últimos anos e, paralelamente, a atenção direcionada a este público tem aumentado, seja proveniente de políticas governamentais, de instituições não governamentais e da própria comunidade acadêmica. Embora se reconheça o esforço científico em produzir conhecimento acerca desta população nos diversos âmbitos, não estão claras as temáticas abordadas na relação entre lazer e envelhecimento, em estudos publicados em eventos internacionais, relacionadas a este público. O estudo, de natureza qualitativa, teve por objetivo identificar a incidência e classificar as tendências de trabalhos relacionados com o público idoso publicados nos Anais do World Leisure Congress, das três últimas edições. Para a coleta de dados desta pesquisa descritivo-exploratória, utilizou-se uma busca em todos os trabalhos (resumos e trabalhos completos) disponibilizados nos Anais dos anos de 2012, 2014 e 2016. Foram utilizados como termos de busca, as palavras “elderly”, “old”, “senior”, “geriatric” e “age”. Os anais de 2012 totalizaram 191 trabalhos, já nos anais de 2014, havia 223 trabalhos e nos anais de 2016, 136 trabalhos, totalizando 550 trabalhos publicados nos 3 anais. Como critérios de inclusão foram considerados apenas os trabalhos que discutissem prioritariamente sobre a população idosa, sendo selecionados 24 trabalhos. Os dados foram analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo, sendo estabelecidas 7 categorias de análise relacionadas com diferentes aspectos perpassando a temática idoso: 1) Preferências de atividades vivenciadas no âmbito do Lazer, 2) Aspectos psicológicos e de Saúde, 3) Espaços e/ou equipamentos de Lazer, 4) Tecnologias e Lazer, 5) Participação em programas de idosos, 6) Turismo e Lazer, 7) Aspectos sociais e Lazer. Os resultados apontaram que, nos anais de 2012 (7 trabalhos), as maiores incidências incluíram as categorias 2 e 4, igualmente. Tanto os anais de 2014 (12 trabalhos), como os anais de 2016 (5 trabalhos), a maior incidência foi da categoria 1. Na análise da produção total dos 24 trabalhos que abordaram a temática idoso, observou-se que, para a categoria 1, foram classificados 7 trabalhos, os quais indicavam a preferência de atividades a serem vivenciadas no âmbito do Lazer relacionados com a aposentadoria e/ou gênero. Na categoria 2, foram evidenciados 6 trabalhos referentes a diferentes aspectos psicológicos e aos benefícios à saúde, diante da prática de atividades diversificadas no Lazer. Na categoria 3, foram incluídos 3 trabalhos referentes à utilização de espaços e equipamentos de lazer relacionados aos benefícios à saúde alcançados e, nas categorias 4, 5, 6, e 7, havia 2 trabalhos em cada, sendo a categoria 7, referente a um trabalho relacionado à satisfação relativa ao voluntariado e o outro sobre a importância das relações Inter geracionais no contexto do Lazer. Considerando-se o total de trabalhos publicados nas últimas três edições do evento, o número de estudos especificamente sobre a população idosa parece ainda ser reduzido, necessitando maior atenção de pesquisadores atuantes na área do Lazer. A gestão de informações acerca dos vieses dos trabalhos publicados em eventos internacionais pode contribuir para a disseminação do conhecimento relacionado à população idosa no âmbito do Lazer.

Palavras chave: Lazer. Idoso. Trabalhos científicos.



JOGO E GINÁSTICA PARA TODOS: EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES PARA IDOSOS

Fabiano Bragantini Mastrodi; Monica R. Bonon; Eliana Toledo

fabianomastrodi@hotmail.com

Serviço Social do Comércio (SESC); Universidade Estadual de Campinas (Unicamp),
Campinas, São Paulo, Brasil

O objetivo desse trabalho é apresentar o relato de uma experiência na qual utilizou-se o jogo como estratégia para o ensino da Ginástica para Todos (GPT). Em agosto de 2017 foi iniciada uma turma de GPT no Sesc Campinas, com o objetivo de ofertar esse conteúdo para mulheres adultas e idosas. Algumas aulas utilizaram o jogo como estratégia pedagógica, para o ensino dos conteúdos gímnicos, baseados em referenciais clássicos da área da ginástica artística, como elementos do rolar, saltar, girar (CARRASCO, 1982) e do balancear-se, inverter-se, aterrissar, equilibrar-se (LEGUET, 1987). O jogo propiciou que as alunas pudessem transitar entre as expressões corporais cênicas, na qual as “[...] condutas de mimicry extravasam largamente da infância para a vida adulta. [E] Abrangem igualmente toda a diversão a que nos entreguemos, mascarados ou travestidos” (CAILLOIS, 1967, p. 41). Esses jogos possibilitam vivenciar, por meio da fantasia, elementos diferentes de suas realidades e isso leva a uma construção coreográfica, motivando-as a saírem de uma zona de conforto e a estabelecerem novas possibilidades individuais e grupais. Apropriando-se das divisões dos jogos propostas por Caillois (1967), as sensações do saltar em um trampolim e ter seu corpo totalmente livre no ar, fazer um rolamento, proporciona aos participantes o “inlix”, sensações de vertigem “que consistem numa tentativa de destruir, por um instante, a estabilidade de percepção e infligir à consciência lúdica uma espécie de voluptuoso pânico” (CAILLOIS, 1967, p.43). Buytendijk (1977, p.84) ainda ressalta que: “A experiência cotidiana confirma o poder dos jogos de linguagem que, ao contrário de toda forma de “informação”, invocam e evocam o elemento humano, desde a idade de lactante, em qualquer situação da vida, até que o jogo se debilite no silêncio hibernar da senilidade”. No início do curso a fim de conhecer cada uma das alunas, a professora apresentou um pouco do núcleo comum da ginástica, rolar, saltar, aterrissar além de outros elementos da cultura corporal que compõem o universo da Ginástica Para Todos. Neste início das aulas, as alunas demonstraram dificuldades, algumas delas físicas, outras psicológicas, além de muita insegurança, pois sempre associavam a modalidade de ginástica às competições de alto rendimento deste esporte. A maioria dessas alunas nunca havia, até então, vivenciado a modalidade em seu caráter descomprometido com a competição. Os conteúdos do núcleo da ginástica foram introduzidos paulatinamente sempre associados a jogos e brincadeiras. O jogo e seu conteúdo lúdico, fez com que aos poucos elas conseguissem realizar as atividades propostas, vivenciar com menos insegurança os elementos que por elas eram julgados inatingíveis e desconstruir a imagem de que a ginástica é apenas a de alto rendimento. Com o passar de quatro meses, o caráter lúdico das aulas se manteve e a evolução das alunas foi perceptível em muitos aspectos, no físico, na execução dos exercícios, no que diz respeito à autoestima, à autoconfiança, na interação social ao longo das aulas, além dos relatos de melhoras percebidas no cotidiano e em suas atividades diárias.

Palavras-Chave: Sesc. Jogo. GPT. Idosos.



LAZER E IDOSOS: ACADEMIA DA TERCEIRA IDADE NA EACH

Leonardo Paulino; Renato Seixas; Edegar Tomazzoni

paulinoleonardo@usp.br

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil

Este trabalho tem como tema tratar a atividade física como lazer para idosos e foi realizado com o objetivo de analisar a viabilidade da instalação da Academia da Terceira Idade (ATI) na Escola de Artes, Ciência e Humanidades (EACH) unidade da Universidade de São Paulo (USP), localizada na zona leste de São Paulo. Justifica-se a escolha do tema por averiguar que a unidade não possui aparelhos físicos que possam atender aos idosos, que participam de atividades na unidade, e a comunidade externa carente de aparelhos físicos no bairro. O problema motivador identificado foi ausência de aparelhos de atividade física específicos para os idosos que frequentam a unidade. Considera-se como hipótese que, a partir da instalação da academia da terceira idade na unidade, haja um aumento nas opções para realização de atividades físicas na unidade e a instalação da academia será de uso para pesquisas nas áreas dos cursos de Lazer e Turismo, Educação Física e Saúde e Gerontologia. Para alcançar os objetivos propostos e confirmar ou refutar as hipóteses levantadas todas as etapas da pesquisa foram decididas no primeiro semestre com as primeiras orientações. O período delimitado para a pesquisa compreendeu o mês de maio de 2015 até o mês de dezembro de 2015. Os dados foram coletados durante os dias de semana quando todos os entrevistados estariam na unidade; a aplicação dos questionários foi após as caminhadas, antes das aulas, durante o intervalo, após as aulas e durante oficinas. A metodologia utilizada foi pesquisa exploratória, amostragem intencional, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas realizada na Escola de Artes, Ciência e Humanidades (EACH) e levantamento bibliográfico, foram levantadas informações sobre Lazer, Idosos, Atividade Física e sobre academia da terceira idade. A pesquisa pautou-se também por uma análise sociocultural levando em consideração a conjuntura contemporânea sobre o idoso no Brasil. Pretendeu-se realizar neste estudo, uma congruência entre o enfoque bibliográfico (revisão de literatura sobre o tema pesquisado) e de campo (investigação com o olhar de pesquisador no grupo escolhido para o estudo). A pesquisa foi dividida em três grandes etapas. Na primeira foi feito um criterioso levantamento bibliográfico com base em informações sobre lazer, idosos e atividade física e também sobre a academia da terceira idade, com a finalidade de conhecer mais detalhes sobre a academia, bem como suas potencialidades para os usuários, visando identificar o perfil destes e a pertinência de instalar aparelhos já difundidos em diversas praças da cidade. A segunda etapa foi composta por visitas de campo, a fim de coletar informações dos atores envolvidos por meio de questionários com perguntas abertas e fechadas e entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas. A terceira etapa aglutinou os dados e formatou todas as informações para obter os resultados finais da pesquisa. Os resultados obtidos indicaram que a instalação dos equipamentos da Academia da Terceira Idade se trata de uma iniciativa positiva, trará benefícios para pesquisas, mais incentivo à atividade física, desde que haja profissionais capacitados para ensinar o uso adequado dos equipamentos.

Palavras-Chave: Lazer. Idosos. Atividade Física.



LEISURE THERAPY AND ACTIVE AGING

Su-Hsin Lee, Jing-Shoung Hou

houma0507@gmail.com

National Taiwan Normal University, Department of Geography; National Formosa University, Department of Leisure and Recreation, Taiwan

In recent years, lifestyles have drastically changed because of rapid urbanization and advances in technology. This has led to numerous lifestyle-related health problems such as psychological disorders, stress, depression, chronic diseases and environmental diseases. As a result, people are naturally close to nature and increase their leisure and recreational needs. Forest recreation is one of the activities most commonly attended by the public. From a natural healing point of view, forests are the best place to promote health. In addition, Taiwan has been rapidly aging and is anticipated to become one of the most aged countries by 2026. The quality of life of elderly people is closely linked to their health. The elderly are engaged in appropriate leisure activities and active living can improve physiology, delay aging and improve physical and mental health. The first step is to explore the core value of forest healing which is providing recreational experience and awaken their interactions with the environment. Second, we discuss the landscape design principles of forest healing. Third, we explore the psychological and psychosocial benefits of middle-aged and elderly people in the forest area. The framework and measurements are based on relevant theories such as Biophilia Hypothesis (Wilson, 1984), Stress Reduction Theory (Ulrich, 1979, 1981), Attention Restoration Theory –ART- (Kaplan & Kaplan, 1989), and healing landscape design principals. From the perspective of forest health promotion and preventing sickness, the purpose of this study is to explore the psychological and psychosocial benefits of elderly people in forest. The psychological benefits are examined before and after the experiment. Forty-five elderly people participated in this program which is 30 minutes guided walking in the forest trail. The influential effect of personal background factors such as gender, age, living place, and experience of participating in forest recreation activities were also analyzed. The results show that revised "Profile of Mood States (POMS) "could be categories as "tension-anxiety, anger-hostility, depression-dejection, fatigue-melancholy, confusion-bewilderment and vigor-activity" six factors. ART includes "being away, fascination, coherence, compatibility, and scope 'five dimensions. Forestry environment can improve individual mental well-being, relieve stress, and increase attention restoration. Participants' age, gender, and living place have no significant difference, but the experience of participating in forest recreation activities has significant influence in psychological benefit. The results not only can be used as the basis for the Forest Service's promotion of forest healing activities planning, but also could provide suggestions for Sports Administration, National Health Bureau for Long-term Care policy.

Keywords: Forest Recreation Area. Stress Reduction. Attention Restoration Theory. POMS.



O ESPORTE PARA IDOSOS NO SESC JUNDIAÍ

Aurea Sayuri Shihonmatsu; Raquel de Melo Martins
sayuri.unicamp@gmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc Jundiaí, SP, Brasil

O Programa Sesc de Esportes (PSE) é um programa do Sesc São Paulo que visa estimular e conscientizar sobre a prática regular de atividades físico-esportivas a partir dos três anos de idade, por toda a vida dos indivíduos. O Esporte para Idosos “a partir dos 60 anos” oferece uma variedade de atividades esportivas e corporais, visando desenvolver capacidade física, bem como manter a capacidades funcionais dos participantes, mantendo-os ativos para um envelhecimento saudável. Com isso, atenuam-se vários fatores associados ao envelhecimento, como diminuição da densidade óssea, perda de força muscular e o uso contínuo de medicamentos, bem como a diminuição de um problema psicológico bastante presente nessa faixa etária “a depressão” através da possibilidade de integração com seus pares. Além disso, com o crescente número de idosos que sofrem quedas e com isso, tornam-se dependentes por toda a vida, o programa desenvolvido pela instituição visa, através do supracitado, diminuir essa estatística e contribuir no aumento da qualidade de vida e saúde dos frequentadores da unidade Sesc Jundiaí. As aulas do PSE Esporte para Idosos nesta unidade acontecem duas vezes na semana, com duração de uma hora e meia cada aula, e tem o caráter de multimodalidades esportivas e trabalha as atividades físicas de uma maneira global. O planejamento anual da turma tem como base, essencialmente, o jogo como forma de trabalhar as modalidades esportivas, uma vez que suas características imprevisíveis tornam possível recrutar um repertório motor maior, tornando o aprendizado mais efetivo, aumentando a capacidade de resolução de problemas e interação interpessoal. No decorrer do ano, são trabalhadas atividades físicas como a Ginástica Multifuncional e as culturais como o Maculelê, por exemplo. A estruturação das aulas é feita de modo a apresentar para os participantes, inicialmente, o conteúdo a ser trabalhado naquele dia específico, uma vivência deste conteúdo, com direcionamento e intervenção por parte da instrutora, e, por fim, uma roda de conversa para debater as possíveis questões que surjam durante o desenvolvimento da aula. Não se pode deixar de citar a importância das três dimensões esportivas presentes ao longo do ano – de educação, de rendimento e de participação, sendo esta última a de maior foco no processo. No Sesc Jundiaí, há duas turmas do programa, com 60 alunos matriculados, com idade média de 68 anos, homens e mulheres. O programa é desenvolvido há dois anos e meio; e a frequência e adesão aumentaram nos últimos meses, devido ao convívio social que o grupo proporciona. Sendo assim, por meio da prática esportiva e corporal do programa Esporte para Idosos, os participantes desenvolvem uma melhor autonomia, aumentando e usufruindo mais momentos de lazer, nos diferentes âmbitos: sociais, motores e psicológicos. Nota-se também, a inclusão da prática de atividades físicas no seu dia-a-dia fora do ambiente do Sesc e um aumento na capacidade de comunicação e integração, melhorando todos os fatores citados inicialmente.

Palavras-Chave: Programa Sesc de Esportes. Esporte para Idosos. Qualidade de vida. Saúde.



OS LAZERES DE IDOSOS DA PRAINHA DO CANTO VERDE/BRASIL

**José Clerton de Oliveira Martins; Laís Duarte de Moraes;
Francisco Welligton de Sousa Barbosa Junior**

welligtonbjr@gmail.com

Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Fortaleza, Ceará, Brasil /
Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal

O envelhecimento é uma fase natural da vida. No Brasil tem como demarcador social a aposentadoria, comumente compreendida como o momento em que as pessoas deixam de ter seus tempos voltados ao trabalho, e diminuem significativamente sua atividade laboral. A partir de então, elas supostamente passam a ter mais tempo livre, o qual convoca, entre outras coisas, lazeres. Embora os olhares sobre o envelhecimento encontrem-se em processos de mudança, existem ainda muitos estigmas sobre tal condição. Diante desse contexto, sentimo-nos convocados a saber mais sobre a realidade dos idosos brasileiros, sobretudo os do Nordeste, região de grandes contrastes e abandono social. Para tal, fomos a uma comunidade extrativista no Ceará, a Prainha do Canto Verde, com o intuito de descobrir quais suas atividades mais satisfatórias no tempo livre, e delas retiramos dados sobre suas práticas de lazer. Com esse fim, realizamos um processo etnográfico na comunidade apontada, em busca de conhecer suas dinâmicas diárias, e entrevistamos 52 idosos, que responderam à questão guia escolhida: “o que você mais gosta de fazer nessa sua fase da vida?”. Orientados com base no objetivo, caracterizamos o estudo como de natureza qualitativa, descritivo e exploratório, com um enfoque etnográfico. Nesse processo, que ocorreu entre agosto de 2015 e junho de 2016, realizamos as fases características da etnografia. Ao longo desse período fomos a campo, onde entramos em contato com os idosos, seus contextos específicos, suas dinâmicas e o todo ambiental no qual estes se inserem. Para isso, orientamo-nos com base na observação participante. E com o fim de coletarmos e registramos dados que imergiram ao longo da pesquisa, utilizamo-nos de instrumentos como diários de campo, questionários sociodemográficos e entrevistas, o que nos possibilitou desenvolver, com o auxílio das técnicas do Discurso do Sujeito Coletivo, categorias que convocam discursos que nos apontam práticas que contemplam o lazer desses idosos, tais como: a) caminhar; b) realização de atividades cotidianas; c) lazeres diversos, que contempla algumas atividades por eles mencionadas, como jogar cartas, passear, tomar banho de mar, entre outras. E nesses discursos estão presentes expressões como gostar de realizar tais atividades e sentir-se bem ao fazê-las. Isso nos leva a inferir que o lazer é uma possibilidade pela qual os idosos da Prainha do Canto Verde se apropriam de seus tempos livres, tomado a partir de tais ocupações, quer seja caminhar na praia, assistir à televisão, descansar, assim como também outras, como jogar cartas, pescar, e ir à igreja, por exemplo. E essas práticas, realizadas por sua livre escolha, contemplam-lhes, além de sensações de prazer e bem-estar, benefícios à saúde.

Palavras chave: Lazer. Idoso. Etnografia.



REFLEXÕES SOBRE A VIVÊNCIA DO LAZER NA TERCEIRA IDADE

Andre Luis Mattos Silva; Raquel Marrafon Nicolosi; Rosana Correa Morais

adlsilva@hotmail.com

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – IFSP, Avaré, São Paulo, Brasil

A atual Constituição Federal do Brasil tornou-se popularmente conhecida como Constituição cidadã, pois visou proteger uma infinidade de direitos sociais e fundamentais. No que tange ao campo do lazer, tal proteção deu-se em especial no artigo 6º, garantindo-se a igualdade de seu fornecimento com amparo no princípio da isonomia a homens, mulheres, jovens, adultos, crianças e idosos sem discriminação, devendo cada um deles ser atendido em suas necessidades nesse sentido. Com o advento do Estatuto do Idoso, essa população passou a ter seus direitos devidamente resguardados, representando um avanço não só histórico, mas também social, haja vista tal faixa populacional ter sido deixada à mercê de sua própria sorte em vários campos sociais, entre eles o direito ao lazer. Com o incremento de políticas voltadas à população idosa, além de atender-se a igualdade pregada pela Constituição Federal, houve, por conseguinte, um incremento da chamada “terceira idade” ou “melhor idade” em várias práticas de lazer como: clubes e associações exclusivamente voltados ao atendimento das necessidades de lazer e integração desse público com promoção de jogos, atividades físicas, gincanas etc; políticas públicas como a instalação de áreas ao ar livre para exercícios com equipamentos públicos devidamente direcionados a tal faixa etária; programas governamentais de incentivo ao turismo do idoso; e garantia de descontos em programas culturais, bem como garantia de transporte intermunicipal gratuito a todos os maiores de sessenta anos. No entanto, na prática, o acesso ao lazer por essa faixa etária ainda é incipiente e necessita de maiores intervenções governamentais a fim de fortalecer as conquistas iniciais, visto que o lazer ainda não está acessível a todos os idosos (RODRIGUES, 2002), pois, entre outros motivos, os equipamentos públicos se concentram em espaços específicos da cidade, ocorre a privatização dos espaços de lazer no qual os idosos só podem participar mediante pagamento, ocorrendo a exclusão dos que não podem pagar (IBID). Isso significa que o lazer, em grande parte, está atrelado à indústria do bem-estar social e do consumo, conseqüentemente os idosos que não dispõem de recursos financeiros não têm acesso à maior parte dos espaços de lazer e, por isso, são condicionados a um envelhecimento solitário, motivo pelo qual se faz necessária uma educação para o lazer na qual as pessoas possam aprender a ter um tempo de ócio produtivo independente da indústria do consumo. Portanto, as políticas públicas, além de criarem espaços para o convívio social dessas pessoas, devem disseminar a educação para o lazer, ou seja, uma conscientização coletiva na qual é possível refazer amigos após a velhice e compartilhar momentos com outras pessoas independentemente de recursos financeiros, ou seja, demonstrar que é possível vivenciar a experiência do lazer mesmo após os 60 anos. Acredita-se que só assim, por meio da educação para o lazer, se poderá falar de direitos resguardados e garantidos aos idosos e, conseqüentemente, da possibilidade de acesso desse público aos espaços de lazer de forma qualitativa e quantitativa.

Palavras chave: Lazer. Direitos Humanos. Terceira idade.



TURISMO SOCIAL: ATUAÇÃO COM IDOSOS EM RORAIMA, RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sabrina Souza; Aldevan Reis Dias; Karina Straioto; Jade Mirella Trindade

aldevanreis@sescrr.com.br

Serviço Social do Comercio Departamento Regional em Roraima

Introdução - Existem diversos conceitos sobre envelhecimento, porém a organização Mundial da Saúde (OMS) define o idoso como aquela pessoa que possui idade de 60 anos ou mais, em países em desenvolvimento, ou 65 anos para as pessoas que vivem em países desenvolvidos, desta forma a expectativa de vida mundial vem crescendo e as mudanças já estão aparecendo. Portanto, a busca por novas perspectivas encontram-se em plena evolução. Segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, a região norte aponta crescimento populacional de idosos a partir dos 60 anos ou mais de idade, de 9,8% para 14,3%. Em 2015, os valores extremos na proporção de idosos na população foram de 8,0% nos Estados do Amapá e de Roraima. (IBGE 2016). O Turismo Social no Sesc - Segundo o Referencial Programático do Sesc - caracteriza-se pela promoção e fomento de estratégias inclusivas e educativas, favorecendo o acesso do cliente, priorizando os comerciários e seus dependentes, de menor renda, a passeios, viagens e hospedagens a lazer. Os valores do turismo social se expressam por meio de tarifas acessíveis, animação, encontros culturais, dimensão solidária e participativa, atividades educativas e do desenvolvimento das comunidades. Turismo em Roraima. - Roraima tem a única capital brasileira localizada no extremo norte do país, acima da Linha do Equador. O estado é contemplado por um eco sistema com uma diversidade de animais silvestres, sua fauna, as florestas e o lavrado tipicamente roraimense o que favorece amplas práticas do turismo de aventura e o ecoturismo. **Descrição** - Este relato pretende abordar as atividades e ações relacionadas ao fomento do turismo social promovido pelo Serviço Social do Comercio (SESC), no Departamento Regional em Roraima direcionado à população idosa, durante ao ano de dois mil e dezessete. Vale ressaltar que em Roraima o Sesc promove atividades para esta população há mais de quinze anos, buscando ofertar atividades que ampliem a melhoria na qualidade de vida destes. Neste sentido, o DR Roraima tem como objetivo a efetivação de atividades que contribuam para a qualidade de vida dos idosos atendidos em suas atuações estimulando a participação ativa com voz, frente a construção de novos roteiros turísticos. Desta forma, pretende-se apresentar as atividades que foram contempladas pelo Turismo Social no estado de Roraima, para a criação de novos roteiros locais desenvolvidas junto à população idosa no ano de 2017.

Palavras chave: Idosos. Turismo Social. Protagonismo da pessoa idosa.



TEMA 8
LAZER E GÊNERO
LEISURE AND GENDER
OCIO Y GÉNERO



AS PRÁTICAS CORPORAIS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO POSSIBILIDADES DE LAZER

Bianca Inácio Luz Ferreira; Olívia Cristina Ferreira Ribeiro

olivia@fef.unicamp.br

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/Unicamp),
SP, Brasil

A extensão universitária é um dos papéis fundamentais da universidade e deve ser indissociável entre o ensino e a pesquisa. A Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), desde sua fundação em 1985, vem oferecendo programas de práticas corporais à comunidade interna e externa. Tais programas têm por objetivo proporcionar melhoria da saúde, da qualidade de vida e formas de lazer aos participantes, além de oferecer possibilidades de experiências para os alunos de graduação, futuros profissionais de Educação Física. A extensão universitária da FEF cresceu nos aspectos quantitativos e qualitativos e, atualmente, tem a preocupação de oferecer práticas corporais de lazer para diferentes faixas etárias. No entanto, uma das preocupações e desafios atuais no campo do lazer é proporcionar igualdade de oportunidade entre homens e mulheres. Consideramos nesse estudo autores que tem como pressuposto o lazer como espaço generificado e generificador, assim como todas as práticas humanas e, por isto, reproduzem representações de feminilidade e masculinidade. Consideramos, também, que as questões de gênero podem interferir na adesão e permanência nas atividades de lazer. Assim, o objetivo dessa pesquisa foi identificar como se dá a participação de homens e mulheres nos programas de práticas corporais de lazer oferecidas pela extensão da FEF/Unicamp no ano de 2017. Para esse estudo realizamos pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Levantamos documentos relativos às vagas e matrículas oferecidas no referido ano. Verificamos o número de vagas oferecidos em cada projeto de extensão, assim como as matrículas realizadas. Encontramos 17 temas sobre práticas corporais, e suas variações, ofertadas à comunidade, para diversificadas faixas etárias, gêneros e em todos os períodos do dia. São elas: artes marciais chinesas, circo, condicionamento físico, dança (do ventre, de salão, balé, jazz, forró e *hip-hop*), esportes coletivos (futebol de campo, futebol de salão, futebol americano, handebol, basquete, *floorball*, *rugby* e beisebol), exercícios físicos para terceira idade, futebol feminino, yoga, ginástica, ginástica geral, esportes de raquetes (tênis de campo, de mesa, *badminton*), iniciação esportiva paraolímpica, jogos e brincadeiras para crianças, kendô, lutas (capoeira, jiu-jítsu e *tae-kwon-do*), *mat pilates*, musculação, natação e atividades aquáticas e triatlon. Nessa fase encontramos um equilíbrio entre os gêneros na maioria das práticas corporais oferecidas, a não ser aquelas que tradicionalmente atraem mais a homens (como o futebol de campo, de salão e americano nos esportes coletivos) e a mulheres (no caso da dança). Entretanto, encontramos também, que as vagas das práticas corporais são buscadas e preenchidas pelos participantes e não há uma preocupação da organização da extensão universitária em equilibrar o oferecimento para ambos os sexos. A pesquisa está em andamento e, na próxima fase, usaremos um instrumento para todos os monitores (professores) dos projetos. Temos o intuito de verificar se a frequência aos programas de atividades de lazer também é equilibrada em relação aos homens e mulheres, como ocorreu com as matrículas. Os resultados serão analisados e apresentados no evento.

Palavras-chave: Extensão universitária. Práticas corporais. Identidade de gênero.



ESPORTE E BELEZA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA REVISTA ALTEROSA (1939-1945)

Gelka Barros

gelkabarros@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Este artigo, fruto de tese em desenvolvimento, tem por objetivo analisar como o discurso sobre a mulher e o esporte foi construído na Revista Alterosa. O intuito é compreender as representações femininas presentes no periódico. A revista Alterosa foi uma publicação ilustrada lançada em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais - Brasil, em agosto de 1939. O periódico de variedades era mensal, de caráter literário e noticioso, e composto por contos, crônicas, reportagens econômicas, políticas e sociais sobre o Estado de Minas Gerais, notas dasociedade mineira, humor, poesia, passatempos, entretenimento como o rádio e o cinema, prescrições sobre saúde, beleza, moda e anúncios publicitários. Em maio de 1943, passou a apresentar sumário e o slogan “Para a família do Brasil”. A Alterosa alcançou seu auge em torno dos anos 1950, quando sua tiragem chegou a 60.000 exemplares, circulando nacionalmente. As estratégias discursivas presentes na Alterosa valorizavam a família conjugal, onde a mulher branca, de classe média e alta, tinha o papel social definido como mãe, esposa e dona de casa. A subordinação ao homem estabelecia a ordem “natural” da sociedade, pois, a instituição da família foi vista durante a constituição da República no país, como fator necessário para instaurar a ordem e o progresso (Maia 2011). À época do seu surgimento, Belo Horizonte vivia um segundo processo de modernização, segundo Chacham (1996), conhecido como “o ciclo do Arranha-céu”, o período de 1935 a 1947, representou uma nova etapa de progresso na história da capital. Naquele momento, o Brasil vivenciava um processo de americanização, cujo objetivo era obter o alinhamento do país ao esforço de guerra norte-americano (Tota 2000). Para alcançar o objetivo, foram investigadas todas as edições publicadas entre 1939 e 1945. O conteúdo analisado é composto por anúncios publicitários, reportagens, matérias e seção de moda. A metodologia utilizada combina análise de conteúdo de texto e fotografia. O aporte teórico auxilia as reflexões sobre gênero, baseando-se em Scott (1995), Perrot (2000), Maia (2001), Del Priori (2003) e Matos (2003), incluindo a particularidade contextual do Estado Novo em Goellner (2008) e Carvalho (2011). O diálogo estabelecido com Tota (2000) subsidia a apreensão das circunstâncias do processo de americanização. A introdução apresenta brevemente o contexto histórico em questão. A primeira seção discute a transformação da saúde em elemento constituinte da beleza, e a segunda analisa as representações da mulher esportiva. Ao final, conclui-se que, apesar do ideal de beleza difundido, alinhar-se à cultura de massa norte-americana e ao projeto político do Estado Novo, sua dimensão ligada à esfera esportiva propiciou maior participação da mulher na esfera pública.

Palavras chave: Revista Alterosa. Esporte. Mulher. Estado Novo. Americanismo.



INICIAÇÃO EM MULTIMODALIDADES PARA ADULTOS – UMA EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO

Nicole Chiba Galvão

nicole@ribeirao.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

Face ao processo de afastamento de atividades físicas esportivas durante a fase adulta, em seus momentos de lazer e principalmente pelo gênero feminino, fez com que fosse repensado como essas práticas estavam sendo oferecidas e quais eram os principais motivos de permanência, por esses adultos. Estes estão ligados aos estados socioeconômicos, as influências culturais e midiáticas, a idade, ao estado de saúde e principalmente, a motivação para sua prática, que varia significativamente quanto ao gênero. Levando-se em consideração que estes adultos vivenciaram uma educação física esportivista, seletiva e excludente, os que permanecem na prática, normalmente, tiveram boas experiências na infância ou adolescência. Nesse contexto, o trabalho apresenta um relato de experiência da elaboração de um curso de Iniciação em Multiesportes para adultos, dentro do Programa Sesc de Esportes (PSE), na cidade de Ribeirão Preto (SP). A oferta de um curso de multimodalidades também para os adultos é uma novidade. Visto que no atual formato do PSE, multimodalidades somente é ofertado para crianças e jovens. Mostrando-se como uma possibilidade de alfabetização corporal/esportiva tardia e atendendo todos os adultos: os que não tiveram boas experiências com o esporte na infância e os que não tiveram a possibilidade de ampliar essas vivências, ficando limitados aos esportes mais comuns, comumente chamados de quarteto fantástico (futebol, vôlei, basquete e handebol). O relato aborda como a construção de uma metodologia para este curso pautada na classificação dos esportes proposta por Gonzalez, facilita o entendimento da lógica do jogo, amplia as relações de sucesso e aumenta a permanência desses adultos na prática. Quando o jogador aprende primeiro a lógica interna de determinada classificação dos esportes, como por exemplo esportes de invasão, num jogo mais simplificado, sua capacidade de adaptação de respostas às situações do jogo é facilitada, pois não se tem uma preocupação com a perfeição do gesto motor e sim com a solução dessas situações-problema. Observamos adultos prazerosos em suas práticas esportivas, inclusive em práticas nada convencionais como *parkour* e hóquei em patins. O encorajamento e aproximação do público feminino, em uma turma mista, foram observações significativas. Aumentou a adesão ao PSE e, principalmente, a confiança para se inscrever em um curso de um esporte específico também, mesmo que não apresentasse essa bagagem anterior. A transição dos alunos entre os cursos de esportes não era comum até então. Para atender às novas perspectivas esportivas no âmbito do lazer, é preciso refletir sobre as metodologias que estão sendo utilizadas, realizar adequações necessárias para atender as necessidades do público, tanto para o sucesso dentro do jogo, como nas relações interpessoais, encantando-os com a prática para que esta possa ser inserida em seu momento de lazer. A relação com o esporte torna-se duradoura, quando sua lógica é bem entendida, a vivência torna-se prazerosa, pois aprende a jogar o jogo e jogar com o outro, respeitando-o como companheiro ou como adversário.

Palavras-Chave: Multimodalidades. Iniciação tardia. Lazer. Participação feminina.



LAZER E GENERIFICAÇÃO: A RESISTÊNCIA FEMININA NO FUTEBOL PAULISTA

Derek da Silva Amorim; Natalia Pais Fornari

dereksamorim@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP/SPO / Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

Este artigo investiga o lazer através do torcer no futebol brasileiro e a generificação desta modalidade esportiva, enfatizando a resistência feminina que deseja ressignificar o seu espaço nas arquibancadas dos estádios do Brasil. Visa ilustrar a grande disparidade entre o futebol masculino e feminino no país, que atinge não só os aspectos financeiros e estruturais deste, mas também questões gestacionais, positivando largamente a cultura das arquibancadas e as manifestações do torcer como atividades notadamente associadas ao gênero masculino, segregando a participação feminina nesta modalidade. Para tanto, tomou-se como caso o *Movimento Toda Poderosa Corinthiana*, coletivo de mulheres torcedoras do *Sport Club Corinthians Paulista*, que é um dos mais destacados clubes da cidade de São Paulo, sendo também o segundo maior time do país em número de torcedores. Este estudo se pauta em uma pesquisa de cunho qualitativo exploratório, com levantamento bibliográfico prévio utilizando as seguintes palavras chave em plataformas de pesquisa como *Google Scholar* e *Periódicos Capes*: Futebol; Mulheres; Lazer; Generificação; Torcida. A base teórica consultada advém da epistemologia feminista. Como instrumento de pesquisa foram utilizadas entrevistas estruturadas às fundadoras e principais integrantes do coletivo *Movimento Toda Poderosa Corinthiana*. As discussões deste artigo se pautam nas principais privações e preconceitos de gênero sofridos pelas atletas e torcedoras do time, sejam elas organizadas, uniformizadas ou comuns, no futebol dentro do campo e também nas arquibancadas dos seus estádios. Sendo as mulheres comprovadamente maioria na torcida global do clube, a resistência feminina através do lazer do torcer no futebol se mostra consoante com as reivindicações feministas dos últimos anos, ao versar principalmente sobre a ocupação dos espaços públicos e o frequente cerceamento e exclusão do uso destes, frente às situações de discriminação sofridas provenientes de uma cultura generificada, traduzida neste estudo sob a temática do futebol. Nota-se, portanto, que o torcer no futebol se mostra como uma atividade de lazer importante para as mulheres, principalmente àquelas que se organizam em torno de seus clubes e buscam seus direitos através da afirmação de seus espaços, refletindo uma demanda maior da mulher nos territórios culturais e gerenciais do futebol brasileiro. Um olhar sobre as adversidades impostas pela generificação da modalidade se faz necessário para um maior enfrentamento destas questões, contribuindo assim para aumentar a participação feminina nesta atividade, bem como com a superação dos contextos vexatórios aos quais as mulheres ainda são compelidas, tanto ao buscar seu lazer individual como ao se sentirem forçadas a desistirem destas atividades.

Palavras chave: Futebol. Mulheres. Lazer. Generificação. Torcida.



LAZER E GÊNERO: UM OLHAR PANORÂMICO A PARTIR DA ODS5

Valéria Vieira de Souza

vvs.sport@gmail.com

Prefeitura de São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil

O texto tenta responder ao seguinte questionamento: “Em que medida o lazer pode ajudar/contribuir a concretizar o objetivo 5 da ODS – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável que é alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas por meio e/ou intermédio do Lazer?”. E, além de responder a esse questionamento, realizar a interação do que vem sendo realizado no PELC São Bernardo do Campo, no núcleo Vila Marlene, para que esse objetivo seja atingido. Para isso, o artigo está baseado em pesquisa bibliográfica e no dia a dia que a autora tem em coordenar um núcleo do PELC em São Bernardo do Campo, no núcleo Vila Marlene, envolvendo a formação d@s agentes que lidam diretamente com id@s munícipes e no dia a dia das oficinas, na tentativa de observar e enxergar as relações de gênero existentes nas relações que acontecem durante as oficinas, para que, depois, as formações sejam direcionadas no sentido de equiparar as relações que se mostram desiguais, tendo como referência as diretrizes do PELC e a ODS 5. Tentar responder ao questionamento citado acima pode ser bastante desafiador, no sentido crítico do lazer, de que ele é um direito social e deve ser oferecido e acessível a todos/as cidadãos/ãs de maneira equitativa e principalmente respeitando o recorte de gênero, pois é muito comum associar as atividades de lazer ao funcionalismo, entendido como descanso, recuperação do trabalho, o que nos remete à figura masculina, que socialmente é estabelecida como provedora financeira do lar e que automaticamente “merece o descanso”, já a figura feminina, que vem se reconfigurando, é primeiramente responsável pelo cuidado e manutenção do lar, sem contar que ela também já está passando pela jornada dupla e tripla de trabalho, levando em consideração as mulheres que estudam e trabalham fora de casa – essas mulheres por mais que desejem ter um momento de lazer não lhes resta tempo e muito menos disposição para exercer seu direito social. O lazer desabrocha em cada local do mundo com o advento da industrialização, revolução essa que para os homens marcou de forma significativa sua relação com o tempo, já a marca que deixou nas mulheres e principalmente em seus corpos foi de mais uma jornada de trabalho. O lazer é tido como direito fundamental, estabelecido no título II da Constituição Federal de 1988. Para OLEIAS (2000), o Estado tem obrigação de promover o lazer aos indivíduos ao considerar as seguintes premissas: “a) o lazer tem sido, historicamente, uma atividade necessária ao desenvolvimento bio-psíquico-social do homem; b) o lazer está relacionado à disponibilidade do tempo livre; c) o lazer diz respeito mais diretamente às classes privilegiadas pela sua situação socioeconômica; d) por fim, a prática do lazer é influenciada sobretudo pelo Estado, na medida em que este pode implementar políticas públicas para o setor, além de oferecer espaços físicos necessários e adequados para a sua execução”.

Palavras chave: Lazer. Gênero. ODS 5. PELC.



LAZER E INCLUSÃO: O TURISMO LGBTQ+ EM RECIFE (PE)

**Daniel Alberto Correia de Mendonça; Bruna Galindo Moury Fernandes;
Rodrigo José de Albuquerque Marinho Ataíde dos Santos; Iraneide Pereira da Silva**
danibeto18.da@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE),
Recife, PE, Brasil

Recife possui grande importância para o turismo nordestino e nacional. A cidade em função de seus atrativos e serviços atrai diversos públicos, entre eles o LGBTQ+. A cidade, atualmente, oferece para este público diversos serviços e espaços para atender suas necessidades como, por exemplo, os espaços diurnos da Praia de Boa Viagem e do Marco Zero, onde o público pode exercer seus direitos com liberdade. Mas no conjunto de serviços, destacam-se os serviços de lazer noturno, como o Club MetrÓpole, coate MKB, Bar do Céu e boate The Valley, lugares onde se buscam fortalecer o movimento de inclusão através de eventos que atendem não somente o público LGBTQ+, mas também a todos que apoiam e respeitam a causa, além de desenvolver eventos de apoio ao movimento negro como demonstra a festa BAFRO realizada todo mês no Bar do Céu. Essas festas buscam propiciar representatividade, respeito e diversão, fazendo com que Recife caracterize-se como um dos roteiros preferidos desse público. Considerando o entendimento de que inclusão é a participação de todos e não a segmentação dos espaços para públicos específicos, e uma vez que se entende que a prática do lazer é um direito básico de todo cidadão brasileiro garantido por lei, este estudo busca apresentar aspectos ligados à história e a razão pela qual esses equipamentos de lazer foram criados, como funcionam e quais as preocupações em atender este público. Este estudo foi dividido em três etapas, que correspondem ao levantamento de material teórico; pesquisa e produção de inventário dos atrativos voltados a esse público; além da produção de questionários aplicados aos gestores e públicos que frequentam estes lugares. Atualmente, a segunda etapa da pesquisa está sendo desenvolvida, por meio da elaboração dos questionários estruturados de duas maneiras distintas: um focado na gestão dos ambientes e outro focado no público que o utiliza, a fim de obter a visão sobre a temática pelas partes envolvidas. Os questionários desenvolvidos para os gestores procuram compreender como são organizados seus eventos, como ocorreu a ideia de desenvolver um local que tenha como foco principal o público LGBTQ+, bem como sua funcionalidade. Já para o público, o questionário foi construído com o objetivo de conhecer o nível de satisfação e se há a necessidade de ter lugares como estes. Esperamos assim com os resultados, ampliar a discussão sobre a inclusão e trazer dados que subsidiem as decisões dos gestores destes equipamentos na formulação de seus produtos de modo a garantir a este público o direito ao lazer em lugares onde se sintam acolhidos e respeitados.

Palavras-Chave: Lazer. Inclusão. LGBTQ+. Turismo. Recife.



PRÁTICAS CORPORAIS E DE LAZER DE BAILARINOS HOMOSSEXUAIS

Diego Ebling do Nascimento

digue_esef@yahoo.com.br

Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas de Esporte e de Lazer da Rede Cedes do Estado do Tocantins (Rede CEDES – TO), Miracema, TO, Brasil

Este estudo teve como objetivo descrever as práticas corporais e de lazer que direcionaram a escolha dos profissionais, que se reconhecem como homossexuais, pela dança e que são formados em Educação Física e trabalham com esta prática. Descrição metodológica: O estudo foi baseado na perspectiva qualitativa-descritiva e optou-se por uma amostra intencional, utilizando entrevistas temáticas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados. Considerações: A partir do estudo identificamos que os bailarinos, antes de ingressarem na dança, realizavam práticas corporais diferentes, entre elas a natação, o vôlei e o atletismo. Dois entrevistados indicaram que começaram a dançar a partir de experiências estéticas que os agradaram. Isso fez com que eles buscassem os estilos de dança que haviam assistido. Lacerda e Gonçalves (2009) entendem que a experiência estética pode proporcionar uma ponte que facilita o trânsito entre o esporte e a dança, que encontram no corpo e no movimento a sua matriz comum. Além disso, as autoras colocam que o desenvolvimento da educação estética é viabilizado pelo contato com os mais diversos objetos estéticos. Diante disso, alguns esportes podem ser considerados como um desses objetos e, conseqüentemente, impulsionar e promover a educação estética. Essas práticas contribuíram para que eles ingressassem na área, embora não tenham passado por experiências com a dança na educação básica; vale ressaltar que foi justamente estas práticas corporais que facilitaram o ingresso desses profissionais na dança. Andreoli (2011), ao investigar bailarinos, também apontou que eles, anteriormente à dança, passaram por esportes e outras práticas corporais. Segundo Louro (1999), uma prática que pode ser apontada como um caminho para que um jovem se torne um adulto bem-sucedido é cultivar o corpo através de atividades esportivas. A autora complementa dizendo que os meninos acreditam que precisam ser bons em algo para que sua masculinidade seja legitimada. Tal legitimação possibilita que eles sejam aceitos por seus colegas e amigos, gerando assim, melhor socialização. Porém, é importante ressaltar que nem o esporte, nem a dança necessariamente sociabilizam, principalmente quando falamos do esporte de lazer que, muitas vezes, não conta com a participação direta de um profissional da área da Educação Física. É preciso levar em consideração a abordagem, o objetivo e a metodologia que será adotada nesse esporte. Uma possível metodologia que pode levar em consideração a sociabilização através do esporte é a do esporte educacional (ROSSETTO JÚNIOR, COSTA e D'ANGELO, 2008) e a da dança educativa (SCARPATO, 2001; STRAZZACAPPA, 2003; MARQUES, 2011). Essas metodologias/propostas se tornam importantes na formação dos indivíduos, pois por meio delas é possível formar cidadãos críticos e participativos socialmente, estimulando a autonomia e, assim, refletindo no lazer uma concepção diferente do esporte de rendimento. Sendo assim, foi possível perceber que as práticas corporais e a educação estética na infância e na adolescência foram potenciais para a formação dos futuros professores de dança e bailarinos e, além disso, destacamos que a escola é uma forte aliada para a promoção de diferentes práticas corporais e experiências estéticas.

Palavras-Chave: Dança. Gênero. Práticas corporais. Lazer. Experiências estéticas.



SARAU EMPODERANDO IDEIAS: EMPODERAMENTO FEMININO EM EXPRESSÕES ARTÍSTICAS

Valéria Dias; Bárbara Gambaré; Vilma Moreira Ferreira; Viviane Veiga Shibaki
vvshibaki@gmail.com

Faculdade de Tecnologia de Barueri – Fatec, Barueri, São Paulo, Brasil / Associação para Proteção das Crianças e Adolescentes – CEPAC, Barueri, São Paulo, Brasil

A partir do trabalho desenvolvido na disciplina Projeto Integrador, com os alunos do 5º semestre do Curso Superior de Tecnologia em Eventos da Fatec Barueri, no segundo semestre de 2017, optou-se por realizar um evento que, por meio de expressões artísticas de jovens, desenvolvesse o tema empoderamento feminino. O sarau teve sua gênese no evento anual que acontece na Associação para Proteção das Crianças e Adolescentes (CEPAC) da cidade de Barueri, Estado de São Paulo, tendo como proposta explorar as habilidades, dons e criatividade dos jovens e adolescentes que estão inclusos e ativos no projeto da entidade, em que expressões artísticas são desenvolvidas e apresentadas. Em que se pesem as dimensões de lazer de que trata Camargo (1998, 2016), o objetivo do evento foi incentivar os jovens a desenvolverem a proposta. Com a organização dos alunos do Curso Superior de Tecnologia em Eventos da Fatec Barueri e CEPAC, com a realização da Prefeitura de Barueri e da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social, com a participação de todos os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS): CRAS Belval, CRAS Engenho Novo, CRAS Imperial, CRAS Mutinga, CRAS Silveira, bem como o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e com apoio do *Fundo Social de Solidariedade Estrela Guia*, o sarau recebeu o título “SARAU EMPODERANDO IDEIAS”, com o tema empoderamento feminino, que, por sua vez, tem ocupado cada vez mais espaço nas grandes mídias e também reflexões em nossa sociedade, visando fixar a imagem feminina como sinônimo de força, coragem, e principalmente garantir os seus respectivos direitos. O intuito da temática culminou na expressão por meio de categorias: poema, dança, escultura, pintura, fotografia e música, sendo que os jovens (meninos e meninas) expressaram as diversas formas da personalidade feminina fixando ao público a necessidade de combater elementos de uma sociedade injusta e, na maioria das vezes, enfraquecida em garantir os direitos humanos e do sexo feminino. O evento foi executado em todas as suas fases (pré, trans e pós-evento). No pré-evento foi escolhido o local do evento (auditório do Centro de Eventos de Barueri), desenvolvida a identidade visual, regulamento e cronograma de atividades. No trans-evento, realizado no dia 8 de novembro de 2017, das 13h às 17h, foram expostas pinturas em tela no *hall* de entrada e apresentação de poemas, música e dança no palco do auditório, as apresentações foram permeadas de criatividade e engajamento dos jovens, que souberam explorar o tema em suas expressões artísticas. No pós-evento realizou-se a tabulação da pesquisa aplicada no trans-evento, mostrando que a maioria dos jovens ficou satisfeita em assistir e participar do sarau, sendo que participaria novamente do evento. O resultado perante os organizadores também foi satisfatório, pois foram aplicados os conceitos de todas as disciplinas estudadas no semestre em curso, como Captação de Eventos e Recursos, Políticas Públicas, Eventos e Hospitalidade, Plano de Negócios, Fundamentos de Logística Aplicada, Direito Aplicado a Eventos, Inglês, Espanhol e Teoria da Imagem.

Palavras chave: Sarau. Eventos. Empoderamento feminino. Expressões artísticas.



WOMEN EMPOWERMENT: IMPACT OF THE PROJECT RUNNING LIFE

**Renata Laudares Silva; Elisangela Gisele Carmo; Nara Heloisa Rodrigues;
José Pedro Scarpel Pacheco; Isabella Alves Marinho; Gisele Maria Schwartz**
renata.laudares@gmail.com

LEL-Laboratory of Leisure Research - State University of Sao Paulo (UNESP),
Bioscience Institute Rio Claro, São Paulo, Brazil

Social ills as well as prejudices and distorted values, usually associated with suburban communities, can result in barriers to healthy and proactive experiences in Leisure, particularly when it focuses on women. Some of these factors experienced by women can limit self-esteem and social handicaps to participate as protagonists. It is increasingly recurrent the perspective that the best social investment is one that, in addition to financial aspects, enhances human values. However, the adoption of strategies in this regard are not simple and require the overcoming of numerous challenges. Several women and girls living in suburbs of big cities, experience the lack of opportunities in all sectors of social life, including in the context of health promotion experiences and entertainment in the leisure context. This is the reality of Capão Redondo community/SP/ Brazil, where social exclusion and idleness are present, deserving the attention in this study. With the prospect of promoting empowerment strategies for women of this community, the aim of this study was to investigate the potential of participating in street racing activities at the Running Life Project to the perception of women empowerment. This qualitative study was developed through literature review and exploratory research, using a questionnaire with open questions, applied to an intentional sample consisted of 20 women participants of street racing modality. The proposed actions enfolded lectures and group dynamics, based on theoretical perspective of Positive Psychology and the adoption of street racing as democratic and accessible space. This theoretical basis involving Positive Psychology allows deconstructing unique senses by associating aspects of human potential based on a reconstruction of the positive qualities. Prioritizing strategies used to assess human potential, stressing the positive subjective experiences, along with the individual positive traits, can contribute for the perception of higher levels of well-being and quality of life. Data were descriptively analyzed by Thematic Content Analysis Technique, based on two prior formulated categories. In category 1 - perception of social bonds - data indicated that these women realized increasing personal bond with other participants, with their families and with the surrounding community where they trained. The category 2 - perception of empowerment - evidenced increasing in self-esteem and health, stronger leadership in the community and better subjective perception of life quality. Data suggest the need for further studies in order to evidence and spread the potential of sport and physical activity associated with group dynamic as strategy for women empowerment. It is urgent the investment and attention in the development of social projects, which can contribute to the provision of facilities for the practice of sports and physical activity, combined with other strategies, capable of promoting the elimination of violence and enhance the perception of self-esteem, basis for female empowerment.

Keywords: Leisure. Sports. Empowerment. Social Projects. Gender.



TEMA 9

LAZER, DIVERSIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

LEISURE, DIVERSITY AND ETHNICAL-RACIAL RELATIONS

OCIO, DIVERSIDAD Y RELACIONES ÉTNICAS Y RACIALES



A ANCESTRALIDADE NAS PRÁTICAS DO BRINCAR E A CULTURA POPULAR

Jerusa Machado Gomes; Juliana Zago Mendes; Liliane Maria Santana Oliveira

jerusa@campolimpo.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, Campo Limpo, São Paulo, São Paulo, Brasil

A ancestralidade está repleta de diferentes significados e manifestações de tradições. A criança brinca e produz cultura, com os adultos e com outras crianças, participando ativamente da brincadeira e dos processos culturais como expressões de si. A cultura popular brasileira está repleta de momentos singulares de transcendência e expressão do brincar, em que as crianças se manifestam por meio dessas vivências. Elas são protagonistas e brincam com o teatro, a música e a dança presentes em diversas festas populares. Neste processo, resgatam a ancestralidade e constroem vínculos de pertencimento aos grupos que constituem essas diversas manifestações. As crianças do *Programa Curumim* do Sesc Campo Limpo experimentaram o brincar e suas manifestações durante todo o mês de agosto de 2017 em consonância com a proposta da unidade de vivenciar a cultura popular brasileira por meio de diversas atividades. A partir de diferentes linguagens e abordagens, as crianças participaram de investigações, vivências e observações sobre a cultura popular, suas relações com o brincar e seus aspectos ancestrais. Estruturadas nos encontros diários do *Programa Curumim*, ocorreram três sequências didáticas em que os participantes conheceram melhor algumas brincadeiras, de diversos povos, e reconheceram as raízes de diversas manifestações culturais, tanto as que já faziam parte do seu cotidiano quanto as que se desenvolveram em outros estados e regiões do Brasil; criaram brinquedos e instrumentos musicais presentes em manifestações culturais e populares, experimentando diversos materiais, ritmos e sons; e confeccionaram roupas, cantaram músicas da tradição popular do *Bumba Meu Boi* e fizeram uma apresentação teatral dessa história, aberta aos familiares, amigos e aos usuários do Sesc Campo Limpo como fechamento da atividade “Tocar, Cantar e Dançar o Bumba Meu Boi”. Entre os encontros, as educadoras do programa propuseram às crianças a exploração do filme “Terreiros do Brincar”, ampliando o repertório sobre as manifestações culturais presentes no país. Em contato com o filme, as crianças não só expandiram seus conhecimentos sobre o folclore brasileiro como também perceberam elementos da ancestralidade étnico racial envolvidos nas manifestações. Elas participaram ativamente de todas as atividades e criações e o brincar permeou de forma significativa a experiência delas, fazendo com que a vivência extrapolasse os muros do Sesc e fosse para outros espaços, numa proposta construída pelas próprias crianças para apresentarem a festa do boi na escola que frequentam. As sequências de atividades mostraram como as manifestações culturais podem estar presentes também nas brincadeiras de crianças que vivem em grandes metrópoles, superando as barreiras da lógica mercadológica de consumo e a massificação do brincar e proporcionando momentos de contato com o folclore, a cultura e a herança ancestral dessas manifestações. Para reflexão sobre os momentos vividos nessas sequências de atividades, nos referenciamos pelos trabalhos de Kabengele Munanga sobre ancestralidade e as importantes referências de Joffre Dumazedier sobre cultura popular e lazer considerando os aspectos da diversão, do descanso e do desenvolvimento.

Palavras chave: Ancestralidade. Cultura Brasileira. Brincar. Lazer.



A CAPOEIRA COMO DIVERTIMENTO E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Lívia de Paula Machado Pasqua; Eliana de Toledo

liviapasqua@yahoo.com.br

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP).
Campinas, SP, Brasil

A capoeira alcança a condição de patrimônio imaterial do mundo (UNESCO, 2014) chegando a diferentes culturas e praticada até mesmo em ambientes de conflitos sociopolíticos internacionais. Essa prática, considerada polissêmica, pode ser vivenciada em forma de luta, dança e jogo (PASQUA, 2011), porém, cabe destacar seu caráter lúdico-festivo (ARAÚJO, 1997), cujo sentido propiciou a sobrevivência desta manifestação cultural em um ambiente de conflitos, em que havia muita repressão e preconceito. No presente, a capoeira é praticada em diversos âmbitos, por todas as idades, nacionalidades, gêneros e classes sociais. Sendo assim, um ambiente de divertimento possibilitado pela sua prática, pode colaborar na formação do cidadão brasileiro, que sofre ainda com preconceitos em relação às questões étnico-raciais, principalmente da população afrodescendente. Com a sua internacionalização, a capoeira chega a diferentes culturas também como uma cultura de divertimento. Este trabalho busca identificar e discutir os elementos que proporcionam a experiência da capoeira para diversas culturas em consonância com políticas de formação do cidadão. Trata-se de uma análise documental tendo como fonte primária dois documentos oficiais, sendo um nacional, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (BRASIL, 2004), e um internacional, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948). Destacamos para a análise, a história da capoeira, sua diversidade de gestualidade e a musicalidade na roda. No Brasil o ensino da capoeira, pode auxiliar na formação do cidadão, o que observamos no documento analisado das diretrizes curriculares, que apoiam ações afirmativas para uma política de reparações, reconhecendo e valorizando a cultura e identidade da população afrodescendente. Para além-mar essa manifestação chega a diferentes países, também com a característica lúdico-festiva, recebendo influências de diferentes culturas. Sua prática por meio de gestualidade característica, com certo grau de liberdade de execução, a exemplo dos floreios (PASQUA, 2011) e a musicalidade na roda, que cria e também dita o ritmo do jogo da capoeira, são elementos que ampliam a participação e inclusão. A característica de liberdade na capoeira é um dos fatores que permite o fácil acesso à sua prática, promovendo a diversidade cultural em formato acessível, expressando uma cultura de paz. De acordo com as características que tornam a capoeira lúdica, observadas em Araújo (1997), como a conduta de simulacro de combate, igualdade entre os oponentes e os sentidos de distração e fantasia, pode-se inferir que a capoeira possibilita, de forma lúdica, acessível e livre, uma convivência de respeito entre diferentes. Também constatada como objetivo na Declaração Universal de Direitos Humanos e no documento Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, pretende resgatar a identidade de uma cultura que foi sobrepujada, dando igual direito a histórias e culturas que compõem a nação brasileira. Concluímos que a capoeira, de cariz lúdico, por meio de sua história e com gestualidade diversa e livre, participação de todos e experiência estética da criação e musicalidade, presentes no momento da roda, tem elementos que possibilitam a construção da cidadania de um indivíduo.

Palavras-Chave: Capoeira. Étnico-racial. Lazer.



A FEIJOADA E O SAMBA: ELEMENTOS DE LAZER E RESISTÊNCIA

Fernando Estima Almeida; Jorge Luis da Hora Jesus; Maristela de Souza Goto Sugiyama; Malena Gonçalves Santos

fernando.ealmeida@sp.senac.br

Centro Universitário SENAC, São Paulo, São Paulo, Brasil

A feijoada e o samba são elementos importantes na construção da identidade brasileira e estão intrinsecamente relacionados a momentos de lazer, acolhimento e hospitalidade. As duas manifestações culturais também podem ser relacionadas à resistência da população afrodescendente. O objetivo deste resumo é apresentar os projetos de pesquisa e extensão que foram desenvolvidos durante 2017. Neste ano, estudamos as escolas de samba da cidade de São Paulo e a relação das agremiações com a feijoada. Inclusive, realizamos uma feijoada com a presença da Velha Guarda do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba MOCIDADE ALEGRE. A dança e o ritmo estão associados às populações escravizadas, que inicialmente foram trazidas para o estado da Bahia, no Nordeste Brasileiro e depois, no Brasil Imperial, ocuparam outros núcleos rurais e urbanos, com destaque para a cidade do Rio de Janeiro. “No Brasil colonial e imperial, as várias danças de origem africana, nas quais a umbigada era a principal característica, foram referidas como batuque ou samba, vocabulário de origem certamente banto africano” (Lopes e Simas, 2015). Além de dança, a palavra samba também faz referência a um gênero de canção popular, de ritmo geralmente dois por quatro e andamento variado, surgido a partir do século XX (Houaiss e Vilar, 2001). A feijoada também tem uma origem muito semelhante: segundo o pesquisador Luís da Câmara Cascudo, no livro *História da Alimentação no Brasil*, o feijão, misturado com a farinha, sempre foi uma fonte de energia para as populações escravizadas, que foram incrementando o prato, com legumes ou com partes do porco, para enriquecer a alimentação ou inspirados pelos cozidos de origem europeia. O samba e a feijoada surgem como elementos de celebração e resistência, no começo do século XX, nos arredores da Praça Onze, no Rio de Janeiro, na região denominada Pequena África. Após a libertação dos escravos e a proclamação da República, a população negra continuava vivendo marginalizada e discriminada pela sociedade e foi buscar um fortalecimento do seu tecido social na casa das tias baianas, entre elas a Tia Ciata. Foi nesse ambiente marginalizado que nasceram as escolas de samba e é muito peculiar como o samba e a feijoada foram incorporados pela sociedade brasileira e hoje são considerados atrativos para os turistas e elementos importantes de lazer, de todos os extratos da sociedade brasileira. Apesar de todo o preconceito, resistiram como manifestação cultural, e nos dias atuais continuam agregando, transformando e integrando as relações interpessoais.

Palavras chave: Feijoada. Samba. Identidade. Resistência.



CORPO, TERRITÓRIO E ANCESTRALIDADE NAS FESTAS DOS CARRAPATOS DA TABATINGA-MG

Karla Tereza Ocelli Costa; José Alfredo Oliveira Debortoli

ktocellicosta@gmail.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Esta tese, defendida e aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da EEFFTO/UFMG, apresenta um mergulho imagético e descritivo de dois momentos festivos da Comunidade Quilombola Carrapatos da Tabatinga, da cidade de Bom Despacho-MG: as Festas do Reinado em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito e a Festa da Umbanda em homenagem aos Pretos Velhos. Buscou-se relacionar conhecimentos vivos e dinâmicos, no sentido proposto por Ingold (2000), explicitando processos de habitar o mundo, como experiência cultural e relações sociais de aprendizagem. A proposta foi reconhecer os processos identitários constituídos a partir das múltiplas relações entre as dimensões fundantes do universo quilombola, quais sejam: as dimensões corpo, território e ancestralidade, buscando estabelecer o diálogo entre suas práticas corporais particulares e as apropriações universais, focando no que emerge da relação entre este tensionamento. Para atingir os objetivos propostos nesta investigação de caráter qualitativo, o estudo de caso, em uma perspectiva etnográfica, mostrou-se a abordagem metodológica mais adequada, oportunizando um mergulho no mágico universo festivo da comunidade e utilizando a fotografia como suporte para expressar, com a escrita, e de forma articulada, o mundo aqui apresentado. A experiência de “fazer junto” não se tornou uma “fusão”, mas a “busca radical e progressiva dos contrastes” (SAUTCHUK, 2014, p. 594). Metodologicamente, foi um desafio utilizar a fotografia não como “efeito do real”, como simples suporte ilustrativo, mas, como afirma Samain (2005), “um prodigioso suporte manipulável” (p. 128), capaz de expressar, ao lado da escrita e de forma articulada com ela o mundo apresentado. Trazendo para o centro da conversa a prática festiva, foi possível compreender que as festividades ajudam a revelar identidades que se expressam no envolvimento, participação, aprendizagem e experiência cultural. Estudar o Lazer tornou-se, assim, fundamental. Entendendo o Lazer aqui como perspectiva de olhar que busca romper com dicotomias, que permite observar o cotidiano rompendo com os dualismos trabalho/tempo livre; trabalho/cultura. Entrelaçando o diálogo do campo com a academia, apresenta-se a potência da utilização do corpo quilombola como forma de expressão, como ferramenta de luta, de resistência, de afirmação, como elo entre o visível e o invisível, afirmando-se como território marcador de identidade. A identidade quilombola transborda nas práticas performáticas dos Carrapatos da Tabatinga e se consolida no posicionamento político que todos eles assumem cotidianamente: na escola, no trabalho, na maneira de se vestir, nos compromissos que assumem na comunidade. Ali está sempre um Quilombola da Tabatinga e são respeitados por isso, da criança ao ancião. E esta é uma luta que enfrentam diariamente. É um respeito que é construído passo a passo, de forma contínua, por vezes com dor, com medo, mas sempre pautado na força da matriarca: “Meu povo é povo de fé, é povo de luta, é povo de festa, é guiado por Nossa Senhora do Rosário e protegido por Oxalá!”.

Palavras chave: Comunidades Quilombolas. Processos identitários. Corpo. Território. Ancestralidade.



FORMAÇÃO ESPORTIVA: TRABALHANDO VALORES POR MEIO DOS JOGOS AFRICANOS

Fernanda Romano da Silva Oliveira; Jose Evaristo Silverio Netto

fernandaromano@hotmail.com

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo, São Paulo, Brasil

O *Esporte Criança* é um curso regular que integra o *Programa Sesc de Esportes* do Sesc – Serviço Social do Comércio do estado de São Paulo. Tem como objetivo promover a educação pelo Esporte e para o Esporte, estimulando o conhecimento, o aprendizado, a prática das diversas modalidades esportivas e outras manifestações da cultura corporal. Considerando a faixa etária de 6 a 10 anos, é desejável que se trabalhe valores acerca da cidadania e do respeito à diversidade por meio dos jogos. Estudos recentes demonstram que os Jogos Africanos proporcionam um ambiente propício para a discussão das relações étnico-raciais e o conhecimento da cultura africana e afro-brasileira. Neste sentido, o presente trabalho buscou verificar a percepção de crianças do *Esporte Criança* da Unidade do Sesc Santana, na cidade de São Paulo, sobre o continente Africano, sobre os jogos de origem africana e sobre a população negra. Também auxiliou no desenvolvimento da noção de identidade étnico-racial e na percepção sobre as dinâmicas das relações raciais na sociedade atual. Participaram da proposta 30 crianças de ambos os sexos, com idade entre 6 e 10 anos. Em roda de conversa previamente autorizada pelos pais e responsáveis, e realizada antes do trabalho com os jogos africanos, as crianças responderam a três perguntas: “O que é a África?”; “Como seriam os jogos e esportes praticados pelas crianças de lá?”; e “Qual é a sua raça e a raça das pessoas de lá?”. Após a exploração inicial sobre o tema, as crianças passaram por oito aulas de Jogos Africanos (duas vezes por semana, com 1h30 de duração cada). Foram utilizados jogos como o *Lioti* ou *My God*, (Moçambique), o *Terra-Mar* (Moçambique), o *Pombo* (Gana), o *Pegue o Bastão* (Egito), e o *Gutera Uriziga* (Ruanda), que traduzem a corporalidade africana e as relações histórico-sociais envolvidas na região. Em cada aula foram realizadas novas rodas de conversa sobre o continente Africano e o país originário de cada um dos jogos. Antes da intervenção, boa parte das crianças descreveu a África como um país, e outros afirmaram que lá só viviam pessoas negras em atividades selvagens. Quando questionadas sobre sua etnia/cor, eles se identificaram como brancos ou não brancos, e a maioria das crianças negras não foi capaz de se autodeclarar negra, mas sim “moreno”, “bege” e “bronzeado”. Após as oito aulas, grande parte das crianças descreveu a África como um continente, e os discursos passaram a focar na prática dos jogos e não na cor de pele das pessoas. Além disso, nas rodas posteriores, as crianças foram capazes de assumir sua ancestralidade, fosse ela negra, japonesa ou outra, e desenvolveram um discurso multirracial discutindo com suas famílias. Percebemos que, no início, as crianças replicavam um padrão superficial de conhecimento sobre os africanos ou a África, rejeitando em alguns casos suas próprias origens. Após as intervenções, percebemos uma visão mais crítica e ampliada sobre a cultura africana. Concluimos, portanto, que nessa faixa etária é fundamental trabalhar as questões étnicas para a formação do caráter, bem como outros valores.

Palavras chave: Jogos africanos. Esporte educacional. Lazer esportivo. Etnia. Valores educacionais.



LAZER E IMIGRAÇÃO EM SÃO PAULO-SP E CAXIAS DO SUL-RS

Angela Teberga de Paula; Tainá Amanara Aguiar Giordan Santos

angela.teberga@gmail.com

Universidade Federal do Tocantins – UFT, Palmas, Tocantins, Brasil / Missão Paz, São Paulo, São Paulo, Brasil

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a existência de práticas de lazer entre grupos de imigrantes ganeses, senegaleses, paquistaneses, congolezes, togolezes, angolanos e haitianos do município de São Paulo (SP) e de imigrantes cubanos, ganeses, senegaleses e haitianos do município de Caxias do Sul (RS). A pesquisa caracteriza-se por ser de metodologia quali-quantitativa e utilizar de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo, através da aplicação de questionários (em caráter amostral), tabulação e análise dos dados. Como referencial teórico, foram utilizados autores que trabalham com os temas: Imigração (BAENINGER ET PERES, 2017; PÓVOA NETO 2013; BARBOSA, 2010; MARMORA, 2003; SKELDON, 2002) e Lazer, práticas de lazer e espaços de lazer (BACAL, 2003; CAMARGO, 2003; DUMAZEDIER, 1973; SANTINI, 1993; STUCCHI, 1997). A conexão entre os temas ainda é muito pouco estudada no país. Sobre o primeiro assunto, sabe-se que os deslocamentos humanos no espaço são tão antigos quanto sua própria história (BARBOSA, 2010). Tal mobilidade promove o crescimento econômico e melhora as condições de vida da maioria da população (SKELDON, 2002). Sobre lazer, entende-se que se caracteriza por uma prática social que gera prazer e está desvinculada das obrigações (CAMARGO, 2003), cujas principais funções são a de descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal (DUMAZEDIER, 1973). Os questionários, compostos por 14 perguntas, foram aplicados em São Paulo, junto à Missão Paz, uma instituição filantrópica que desenvolve ações de apoio e acolhimento a imigrantes e refugiados desde 1930; e em Caxias do Sul, junto ao Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), que também acolhe as famílias migrantes, desde 1985. Foram escolhidas essas instituições por representarem os principais centros de acolhimento a imigrantes e refugiados desses municípios. Com a pesquisa empírica, verificou-se que 52% dos entrevistados em São Paulo não souberam responder sobre a relevância do lazer e 38% o considera irrelevante. De maneira oposta, em Caxias do Sul, 65% dos entrevistados consideraram o lazer relevante e para 35% é considerado indiferente. As práticas de lazer mais comumente realizadas entre os grupos de São Paulo são as visitas às igrejas e templos religiosos, sendo citadas por 80% dos entrevistados; as atividades de interesse físico ao ar livre (praça, academia ao ar livre e parque público) são citadas por 47,6% dos entrevistados. Os imigrantes de Caxias do Sul citaram primeiramente as atividades ao ar livre em espaços públicos, seguidas das atividades comunitárias em templos religiosos. Atividades de interesse cultural foram citadas por apenas 7% dos entrevistados. Ainda, os entrevistados apontaram que o acesso ao lazer é dificultado principalmente em razão da falta de dinheiro e de um local adequado. Essa última informação vai ao encontro do entendimento de Marcellino (2008), para quem a democratização do lazer entre os cidadãos passa pela democratização dos espaços de lazer. Finalmente, confirmou-se a hipótese de que as barreiras simbólicas geradas pelas diferenças étnico-raciais (língua e cultura) são as que mais dificultam o lazer entre os imigrantes – o que pode ser verificado pela existência de práticas de lazer coletivas em igrejas e espaços públicos entre cada grupo de diferente nacionalidade.

Palavras chave: Imigração. Práticas de lazer. São Paulo. Caxias do Sul.



TEMA 10

INOVAÇÃO INDÚSTRIA CRIATIVA E LAZER DIGITAL

**INNOVATION, CREATIVE INDUSTRY AND
DIGITAL LEISURE**

**INNOVACIÓN, INDUSTRIA CREATIVA Y
OCIO DIGITAL**



A TEMÁTICA TECNOLOGIA EM ANAIS DO WORLD LEISURE CONGRESS

**Elisangela Gisele do Carmo; Renata Laudaes Silva; Nara Heloisa Rodrigues;
Reisa Cristiane de Paula Venâncio; Raiana Lídice Mór Fukushima; Gisele Maria Schwartz**
elisangelagiseledocarmo@gmail.com

Laboratório de Estudos do Lazer (LEL) - Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro, SP, Brasil

Os recentes avanços tecnológicos trouxeram grande significado para as sociedades e para o desenvolvimento global, proporcionando inúmeras possibilidades de acesso a conteúdos digitais e perfazendo diversas áreas, entre elas, as atividades desenvolvidas no contexto do lazer. As inúmeras perspectivas do ambiente virtual têm despertado o interesse da área acadêmica, contribuindo para o desenvolvimento de estudos sobre a interface tecnologia e lazer. Entretanto, mesmo que esta tendência seja impulsionada por pesquisas diferenciadas, nos eventos científicos internacionais não se têm claros quais os direcionamentos que esses estudos têm dado sobre as interfaces da tecnologia e as atividades do contexto do lazer. Este estudo de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de pesquisa descritivo-exploratória, tem por objetivo analisar os trabalhos científicos sobre o tema tecnologia, nos Anais referentes aos últimos três eventos do *World Leisure Congress*. Foi analisado o total de 550 trabalhos publicados nos respectivos Anais, especificamente, 191 trabalhos em 2012; 223 na edição de 2014 e 136 na última edição, em 2016. Foram utilizados os termos de busca: “technology”, “technological”, “information and communication technology” e a sigla derivada da palavra “ICT”, “video games”, “virtual games”; “online social networking”, “media”, “internet”; “digital”. Como critério de inclusão, foram selecionados apenas os trabalhos que abordaram a temática tecnologia. Foi utilizada a técnica de análise de conteúdo e, à *posteriori*, elaboradas quatro categorias: 1) Internet e Lazer; 2) Redes Sociais e Lazer; 3) Jogos Virtuais e Videogames; 4) Aplicativos e softwares digitais. Das três edições analisadas, foram selecionados 30 trabalhos para amostragem. Os resultados mostram que, do ano de 2012 (12 trabalhos), a maior incidência foi na categoria 1, com cinco trabalhos, os quais denotam a importância das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e suas possibilidades educacionais, como, por exemplo, o e-turismo; seguido de quatro trabalhos referentes à categoria 3, com ênfase em videogames e jogos virtuais; dois trabalhos da categoria 2, sendo que ambos tratavam do *Facebook*; um trabalho da categoria 4, sobre um aplicativo para o conteúdo cultural físico-esportivo. Com relação ao ano de 2014 (12 trabalhos), cinco trabalhos se enquadraram na categoria 1, demonstrando a importância da internet no âmbito do lazer e da recreação; três trabalhos sobre softwares para a recreação na categoria 4; dois trabalhos, respectivamente, nas categorias 2 e 3, sobre as redes sociais e sua influência nas atividades do contexto do lazer. No ano de 2016 (seis trabalhos), quatro trabalhos foram enquadrados na categoria 1 e retratavam a evolução das TIC no âmbito do lazer e dois trabalhos na categoria 2, sobre a diversidade das redes sociais e as atividades do contexto do lazer. Analisando o conteúdo dos estudos que exploraram a temática tecnologia, percebe-se que a utilização da internet no contexto do lazer parece ser a mais focalizada em estudos acadêmicos publicados no Anais do *World Leisure Congress*. Apesar do avanço tecnológico ser uma realidade eminente, ainda há a necessidade de mais estudos direcionados à exploração das inúmeras interfaces das tecnologias com as atividades vivenciadas no contexto do lazer.

Palavras-chave: Lazer. Tecnologia. Trabalhos científicos.



DO LAZER À PROFISSIONALIZAÇÃO DOS “E-SPORTS”

Evandro Antonio Correa; Dagmar Hunger

prof.evandrocorrea@gmail.com

Grupo de pesquisas em Estudos Socioculturais, Históricos e Pedagógicos da Educação Física – LESCHPEF, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP, Bauru, São Paulo, Brasil

Com o avanço tecnológico e os investimentos no desenvolvimento dos diferentes jogos eletrônicos/digitais, videogames e seus consoles, os “e-sports” têm se consolidado na sociedade como opções de lazer, todavia passam por um processo de profissionalização com disputas em torneios/competições que movimentam milhões de reais/dólares por ano no Brasil e no mundo. Assim, esta investigação objetivou analisar as possibilidades de lazer e o processo de profissionalização dos “e-sports” que emergem na sociedade como “novo” cenário na convergência dos jogos e do campo esportivo. Trata-se de uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa e descritiva. Empregaram-se as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, a partir do levantamento de informações que abordaram os estudos e conhecimentos relacionados aos “e-sports”, jogos eletrônicos/digitais, lazer digital, ciberespaço e cibercultura. Neste momento da pesquisa, que se encontra em andamento, realizou-se a busca de artigos, em periódicos científicos, referentes a essas temáticas, bem como levantamento em sites especializados nos “e-sports” de dados atrelados à sua profissionalização e ao lazer. Os resultados apresentam que as tecnologias e a comunicação virtual têm impactado a forma de jogar, devido à capacidade de armazenamento, processamento de informações e a velocidade de conexão à internet, entre outros. Seja no computador, *tablet* ou celular, os indivíduos, cada vez mais conectados, usam parte do seu tempo disponível em redes sociais ou jogando (*off-line* ou *online*) no ciberespaço. Conseqüentemente, os “e-sports”, parte da cibercultura, como possibilidade de lazer ou em processo de profissionalização, apresentam uma linguagem própria, a formação de atletas e equipes para disputar torneios/campeonatos, “ídeos” e personalidades (jogadores, apresentadores, *youtubers* etc), assim como a imersão de clubes de futebol e de empresas patrocinadoras dos esportes convencionais nesse novo contexto. Estima-se que nos próximos anos os jogos eletrônicos ultrapassarão a receita dos esportes convencionais. O mercado mundial de jogos eletrônicos deverá, em 2017, superar o faturamento de US\$ 100 bilhões e, no Brasil, aproximadamente, US\$ 1,6 bilhão. Outro fator relevante verificado é o debate no Senado Federal em regulamentar “e-sports” no Brasil com o Projeto de Lei 383/2017, que propõe o reconhecimento, o fomento e a regulamentação dos esportes eletrônicos no país e visa ofertar oportunidades de crescimento da atividade e colocar os participantes em igualdade com atletas de outras modalidades. Em relação ao sistema organizacional e institucional, por exemplo, há a Confederação Brasileira de Desportos Eletrônicos e a *International e-Sport Federation*. Além dessas instituições, o Comitê Olímpico Internacional tem promovido debates sobre a possibilidade dos “e-sports” nos Jogos Olímpicos 2024 em Paris (França), como será uma realidade nos Jogos Asiáticos de 2022 em Hangzhou (China). Especula-se que os jogos eletrônicos *League of Legends*, *Dota 2*, *Star Craft II* e *FIFA* estarão entre as competições dos Jogos Asiáticos. Conclui-se que o segmento dos “e-sports” é uma realidade como opção de lazer e, nas últimas décadas, tem se convertido a profissionalização, com indivíduos (ciberatletas) contratados para disputar competições. Portanto, é um cenário que carece de atenção, seja no campo do lazer ou do esporte, e precisa ser compreendido para que não se torne mais um meio de exclusão e alienação social.

Palavras chave: Lazer. E-Sports. Profissionalização.



JOGOS VIRTUAIS COMO FOCO DOS TRABALHOS NO WORLD LEISURE CONGRESS

Nara Heloisa Rodrigues; Amanda Mayara Nascimento-Cardoso; Elisangela Gisele do Carmo; Fernando Sanches de Oliveira; Gisele Maria Schwartz

narahelo@hotmail.com

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Laboratório de Estudos do Lazer (LEL),
Instituto de Biociências, Campus Rio Claro, SP, Brasil

Com o crescimento da indústria de jogos eletrônicos, como videogames, jogos para computador e celular, muito se questiona a respeito da influência de tais jogos nas diversas esferas da vida das pessoas, considerando, inclusive, o debate sobre o potencial ativo desses jogos. Embora seja frequente a utilização dos jogos eletrônicos em atividades do contexto do lazer, no cotidiano das pessoas, notam-se, ainda, na área acadêmica, poucos estudos, nos âmbitos nacional e internacional, abordando o modo como estes aparatos tecnológicos têm sido empregados. Trata-se de um estudo com uma abordagem qualitativa com o objetivo de identificar o enfoque dado pelos estudos relacionados aos jogos virtuais nos Anais do *World Leisure Congress*, das três últimas edições. Para a coleta de dados desta pesquisa descritivo-exploratória utilizou-se uma pesquisa exploratória de resumos e trabalhos completos disponibilizados nos anais dos anos de 2012, 2014 e 2016. Foram utilizados como termos de busca “virtual games”, “videogames”, “exergames”. Como critérios de inclusão, foram considerados apenas os trabalhos que discutissem exclusivamente sobre os jogos virtuais. Os resultados indicam que, nos anais de 2012, foram encontrados três trabalhos, nos anais de 2014 havia dois trabalhos e nos anais de 2016, nenhum trabalho foi encontrado, totalizando cinco trabalhos publicados nos três anais do evento. Foi utilizada a Técnica de Análise de Conteúdo para a análise dos dados, sendo estabelecidas três categorias de análise relacionadas com a temática: 1) Jogos transpostos do ambiente virtual para o real; 2) Jogos virtuais para públicos específicos; 3) Benefícios dos videogames nas atividades do contexto do lazer. Para a categoria 1, foram classificados dois trabalhos, dos quais, um evidenciava os *webgames*, os quais propõem adaptar jogos virtuais transpostos para o corpo, para o cotidiano da Educação Física e o outro enfatiza a aplicação das atividades propostas no videogame em atividades práticas no âmbito do lazer. Na categoria 2, foram evidenciados dois trabalhos, sendo o primeiro referente aos motivos que levam os competidores a participarem de campeonatos de futebol digital e o outro relativo à criação de um jogo virtual destinado a estimular pessoas idosas na execução de suas tarefas diárias e, em geral, manter um estilo de vida ativo e saudável. Na categoria 3, foi incluído um trabalho, o qual aponta os benefícios do uso dos videogames no contexto do lazer, ressaltando melhorias na atenção seletiva visual, alívio do estresse e promoção de comportamentos psicossociais. Percebe-se, com a análise dos trabalhos publicados nas últimas três edições do evento, um reduzido enfoque dado aos jogos virtuais, videogames, bem como, os *exergames* como práticas do contexto do lazer, ainda que já se evidenciem seus impactos positivos em diversos setores. Isto retifica a importância de maior incentivo, por parte dos professores/pesquisadores da área, em relação ao estudo desse tema atual e relevante.

Palavras-chave: Lazer. Jogos Virtuais. Trabalhos científicos.



JUST DANCE: A DANÇA NA PERSPECTIVA DO LAZER

Paola Luzia Gomes Prudente

paolag@ymail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH), Belo Horizonte, MG, Brasil

A relação entre lazer, dança e jogos digitais é um tema ainda pouco investigado no campo do lazer. O termo jogos digitais representa todo e qualquer tipo de jogo que se mobiliza ou se sustenta em tecnologias digitais, abrangendo desde os videogames aos jogos de computador. Para um melhor entendimento do universo desta pesquisa é necessário esclarecer que o objeto deste estudo é um jogo digital de dança, intitulado *Just Dance*, no qual o jogador participa por meio da interação corporal de movimento. Se pensarmos que quase todas as ações humanas estão no meio digital, a dança, que é uma autêntica expressão da vida humana, não podia ser diferente. Nesse sentido, algumas problematizações são construídas ao relacionar a dança com os jogos digitais: quais os usos que os jogadores fazem do jogo: entretenimento, sociabilidade, prática esportiva, atividade profissional? De que forma o jogo tem influenciado nas relações entre os jogadores e deles com outros sujeitos? Quais as relações entre o ato de jogar e as demais atividades cotidianas dos jogadores? Instigada por essas questões, pretendo investigar o uso do jogo digital *Just Dance* buscando compreender os sentidos atribuídos pelos jogadores ao ato de jogar, descrevendo a prática desses jogadores e buscando compreender o fenômeno dança no mundo digital enquanto uma prática de lazer. Nesse sentido, esta pesquisa apresenta natureza qualitativa e se dará em três momentos: a observação participante, o grupo de discussão e a entrevista individual semiestruturada. A amostra será composta por jogadores de *Just Dance* no estado de Minas Gerais, que serão selecionados nos eventos oficiais que classificam os jogadores para a copa do mundo da modalidade. A observação não se limitará à participação do pesquisador nos eventos oficiais, mas sim em todas as possibilidades de experiências que o jogo proporciona aos sujeitos da pesquisa, como: participação em outros eventos relacionados ao jogo, participação em outras competições, acompanhamento de gravações de vídeo para internet, encontros presenciais para jogar, comunidades virtuais para trocas de informações sobre o jogo, entre outras possibilidades que surgirem ao longo da pesquisa. Nos grupos de discussão os participantes irão interagir a partir de temas relacionados aos objetivos da pesquisa, fornecidos pela pesquisadora, que ocupará o papel de mediadora do grupo, estimulando as discussões. Já a entrevista individual semiestruturada acontecerá por meio de um roteiro pré-estabelecido de perguntas, que buscará ampliar ponto de vistas sobre os temas de forma individualizada. Espera-se que esta pesquisa identifique os significados dessa prática no meio digital, entendendo que diferentes indivíduos, em diferentes contextos, podem dar sentidos diferentes a uma mesma prática. Ao se voltar o olhar para o contexto específico do lazer, foco de atenção deste estudo, percebe-se que esses recursos tecnológicos já expressam novas tendências, ampliando, sobremaneira, as possibilidades de experiências enquanto corpos dançantes.

Palavras-chave: *Just Dance*. Dança. Lazer.



O FUTEBOL NO LAZER DOS ESTUDANTES DO INTERIOR DE MINAS GERAIS

Mateus Alexandre Silva

mateusalsilva@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Este trabalho tem por objetivo estudar qual a posição ocupada pelo futebol como prática de lazer em cidades com menos de 10.000 habitantes, futebol vivenciado de forma prática e/ou de forma virtual. Este trabalho concorda com MARCELLINO (2007), onde afirma que o lazer pode ser compreendido como cultura vivenciada (praticada, fruída ou conhecida), no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares, sociais, combinando os aspectos tempo e atitude. Em se tratando de futebol, que é um jogo plural, o apelo por sua apreciação se dá de várias formas: futebol nos estádios, na televisão – nos consoles e demais plataformas digitais –, nas discussões de botequim, na pelada de rua, no rádio, nos campos de várzea, no sentimento nacionalista em época de Copa do Mundo, nos álbuns de figurinhas, nas manifestações das torcidas, enfim, na nossa cultura (RODRIGUES, 2001). O futebol é irrefutavelmente uma vivência de lazer, graças ao apreço que lhe é designado, tem uma representatividade muito grande nas escolhas de qual atividade desenvolver na hora do lazer. O interesse por desenvolver esse trabalho veio do baixo número de produções encontradas que contemplem os elementos, futebol, futebol virtual, cidades do interior, lazer. Com base em dados, que apontam para a pouca ocorrência em municípios de menor população, de equipamentos mais comuns em regiões metropolitanas como cinemas, teatros, museus, shoppings (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008), foram selecionadas cidades do interior de Minas Gerais com menos de 10.000 habitantes, e como delimitador regional foram selecionados municípios sob jurisdição da Secretaria Regional de Ensino de Pará de Minas (MG). O mesmo estudo faz um apontamento interessante sobre o surgimento de equipamentos culturais, como os provedores de internet e os equipamentos audiovisuais, demonstra a evolução da incidência de novas tecnologias orientadas para o uso pessoal ou doméstico. Esse apontamento abre um precedente para a entrada do futebol virtual, dos *games*, completando um quadro ainda indissociável quando relacionado com o futebol da prática física. Dentre os objetivos, estão dimensionar o lugar do futebol no lazer de estudantes do Ensino Médio de cidades com até 10.000 habitantes; listar as opções de lazer virtual acessadas pelos estudantes das cidades investigadas; analisar a relação dos sujeitos com jogos virtuais de futebol no campo estudado; avaliar o gosto e a motivação pela prática do futebol, bem como os meios que se dá a apreciação do torcer no campo investigado. Os sujeitos da pesquisa serão estudantes do Ensino Médio, matriculados nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos, de ambos os sexos. A investigação utilizará uma pesquisa autoaplicável, que será distribuída no horário de aula a todos os alunos que se disponibilizarem a responder. Os dados serão tabulados e tratados com o pacote estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS-IBM) para *Windows*, versão 21.0, que é um instrumento de análise de dados utilizado em pesquisas sociais.

Palavras-chave: Futebol. Lazer Virtual. Estudantes. Interior.



OCIO DIGITAL: EL USO DEL SMARTPHONE COMO CONSOLA DE VIDEOJUEGOS

Pablo Corral González¹; Estefanía González García¹; Salette Gonçalves²

salleteg@yahoo.com.br

Universidad Miguel Hernández, UMH, Elche, Alicante, España¹; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brazil.²

Ese artículo tiene como objetivo discutir el uso de las nuevas tecnologías en el ámbito del ocio, a partir de dispositivos que permitan el uso de un teléfono inteligente como consola de videojuegos únicamente haciendo mediante Arduino y la tecnología Bluetooth de baja energía (BLE). Se sabe que la tecnología se hace cada vez más presente en el día a día de las personas, influenciando el cambio de algunos hábitos y creando otras demandas, interfiriendo de esta forma en las experiencias de ocio, con el surgimiento de los juegos electrónicos, de los medios sociales, e-books, aplicaciones para entretenimiento como descargar música, películas y series en línea. En ese sentido, pensando en estrategias que posibiliten, mediante el recurso de la gamificación, un mayor acceso a los avances tecnológicos, fue creado ese proyecto dentro de las actividades que realizan los alumnos de cuarto curso de la asignatura de “Tecnología de Redes Inalámbricas” del grado de Ingeniería de Tecnologías de Telecomunicación de la Universidad Miguel Hernández de Elche/ España. Con este fin, se desarrolló un sistema para el uso de un Smartphone como controlador móvil enfocado a los videojuegos y de esa manera poder comprender los conceptos de tecnologías inalámbricas propios de una forma accesible a cualquier público. Para su implementación se utilizó una placa Arduino Leonardo con un módulo HM-11 BLE que la dotó de conectividad Bluetooth, que es de fácil programación y pequeño coste. Esta placa constituyó el puente de unión entre dispositivo móvil y ordenador, transmitiendo toda la información referente al control de usuario y ejecutando las órdenes recibidas por radiofrecuencia. Su alcance es el suficiente para utilizar el dispositivo cómodamente y en su versión de baja energía 4.0 su consumo es muy reducido y la latencia es muy baja. Una vez finalizado el desarrollo e implementación del sistema tal como se refleja en este documento, se realizaron pruebas con el mando diseñado usando un videojuego de ordenador y el control y funcionamiento fueron satisfactorios, consiguiéndose una jugabilidad óptima por parte de los usuarios. En líneas generales, podremos concluir mediante la utilización de estas técnicas de aprendizaje mixto se consiguió que el alumno fuera parte integrante del proceso educativo y poder usar un modelo innovador para el aprendizaje de determinadas materias con éxito. Además, es interesante resaltar que esta personalización del aprendizaje permite un uso de la informática desde un punto de vista más amigable y lúdico. Si se piensa en el usuario, la principal ventaja es el poder usar el dispositivo móvil sin necesidad de un control extra o teclado para jugar, teniendo sólo éste para poder jugar en cualquier pantalla con entrada USB, de igual forma, es posible que varias personas puedan conectarse al mismo dispositivo para jugar simultáneamente. Por otro lado, para la comunidad en general supone una puerta al uso de las nuevas tecnologías, mejorando la alfabetización digital de gran parte de la población y permitiendo el acercamiento a nuevas tecnologías educativas mediante el recurso de la gamificación.

Palabras clave: Ocio Digital. Innovación. Aprendizaje basado en proyectos. Gamificación.



RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ARG “O FANTASMA NO MUSEU”

**Bruno Rossetto de Góis; Mérie Hellen Gomes de Araujo da Costa e Silva;
Tiago Aquino da Costa e Silva; Herika Yumi Inoue; Alipio Rodrigues Pines Junior;
Roselene Crepaldi**

pacoca@professorpacoca.com.br

Laboratório de Estudos e Práticas em Brincadeiras e Jogos – LAB-BRINCAR, São Paulo, São Paulo, Brasil; Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU, São Paulo, São Paulo, Brasil; Laboratório de Estudos do Lazer, LEL/DEF/IB, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil; Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer, GIEL/USP/CNPq, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

Observa-se uma grande dinâmica para a inserção de jogos na sociedade, tanto no ambiente profissional quanto no pessoal, e um dos meios é pela Gamificação – também conhecida por ludificação. Gamificar ambientes, situações, atividades e experiências é uma realidade e o termo está sendo cada vez mais utilizado nas mais diversas áreas, entre elas a Educação. Este trabalho teve por objetivo apresentar o uso da gamificação nas práticas recreativas por meio do relato de experiência do ARG – *Alternate Reality Game* – “O Fantasma no Museu”, realizado no *Museu de Ciências e Tecnologia* da PUCRS. A gamificação corresponde ao uso de mecanismos de jogos orientados ao objetivo de resolver problemas práticos ou de despertar engajamento entre um público específico. Já o *Alternate Reality Games* (ARG) é um jogo que tem como eixo uma narrativa central fragmentada, do tipo caça ao tesouro, e com interação ao vivo, envolvendo diferentes tipos de desafios em códigos e interação virtual. Os jogos são compostos por três objetos: a imersão (círculo mágico), a agência (jogabilidade) e a diversão (fuga da rotina). Neste sentido, a gamificação assemelha-se muito à atividade recreativa, principalmente quando ambos os conceitos se aproveitam de narrativas para a imersão dos participantes, da participação livre para aumentar a agência e, por fim, a diversão. O presente trabalho teve como premissa de sua natureza básica, com o conhecimento sendo gerado, através de bibliografias. O método desenvolvido para com a pesquisa é o dialético, na qual será apresentado e interpretado o contexto recreativo e de gamificação do ARG realizado no *Museu de Ciências e Tecnologia* da PUCRS. A abordagem para solução do problema será qualitativa, com a finalidade explicativa para apresentar as características de um ARG – *Alternate Reality Games* (NEVES; DOMINGUES, 2007: p. 18-19) e, assim, apresentar o relato de experiência “ARG – O Fantasma no Museu”. Os meios de investigação utilizados foram, em um primeiro momento, a pesquisa bibliográfica, com capítulos que apresentam o jogo, a gamificação, os ARGs e o relato de experiência do projeto. O ARG “O Fantasma no Museu” é um *game* pervasivo, que mescla o mundo físico com uma realidade digital. O jogo foi realizado no *Museu de Ciências e Tecnologias* da PUCRS com características de um caça ao tesouro, ressignificando o objeto original de Comunicação, o foco da atividade que é a Educação. A ação foi desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Educação Digital – GPe-dU UNISINOS/CNPq – para o *SBGames Kids & Teens*, durante o *XIII Simpósio Brasileiro de Games*. O jogo contou com a participação de 183 crianças e adolescentes divididos em 25 grupos dentro do *Museu de Ciências e Tecnologias* da PUCRS, e o seu desenvolvimento envolveu a criação da narrativa, desenvolvimento de um aplicativo para dispositivos móveis com realidade mista e elementos de realidade aumentada. Por fim, considera-se que a gamificação e o *Alternate Reality Game* foram conceitos fundamentais na elaboração da experiência supracitada, elevando as experiências recreativas ao processo de narrativa ficcional e real com interação virtual e ao vivo.

Palavras chave: Atividade de lazer. Museus. Recreação.



TEMA 11
LAZER, TURISMO E HOSPITALIDADE
LEISURE, TOURISM AND HOSPITALITY
OCIO, TURISMO Y HOSPITALIDAD



BALANCING THE BENEFITS OF TOURISM WITH IMPACT ON COMMUNITY NEEDS

Teresa L. Penbrooke

Teresap@gpred.org

North Carolina State University, GP RED, & GreenPlay, LLC, USA

Description: Tourism management can be closely related to many of the known benefits of providing public leisure amenities and programs. Many communities desire the funds that come from bringing in visitors, but also need to consider how the local residents will react to visitors and the impacts they may have on usage and local resources. This session discusses some successful methods for identifying the amenities in your community that may be prime tourism draws, the integration of tourism with parks and recreation, along with strategies to evaluate and communicate benefits to local taxpayers and decision makers, and minimize negative results. **Needs Identification:** Many communities need the funds that come from bringing in visitors, but are not sure how to go about it. Still others forget to consider how the local residents will react to visitors, and the impacts they may have. This session provides case study examples and strategies to help manage both the expectations and the results, along with measurement of impacts for local communities. **Methods:** A variety of qualitative and quantitative methods have been adapted to local community planning, and these are now being used specifically to address tourism and impacts on community development. Some methods include previous document review, community engagement strategies, inventory and level of service analysis, systems analysis, key issues analysis matrices, and consensus building with the public, key stakeholders, and decision makers. A summary of key recommended methods will be provided. **Conclusions and Management Implications:** This is a strong need to provide system-wide analysis when planning for public leisure management and assets, especially when tourism amenities may be considered. The studies indicate that there are a variety of innovative planning tools, such as component-based methods for inventory and level of service analysis, geo-spatial layering and planning tools and strategic service assessment methods that can be integrated in community planning. This session includes results from the latest research on determining health impacts of amenities, along with case study results for balancing economic with social, physical, and environmental aspects. Examples will be provided from planning for a variety of coastal and other high traffic tourism destinations in the U.S. **Learning Objectives:** • Identify the various types of tourism approaches, and how they impact local agencies; • Describe the tools available to help forecast and measure tourism impacts; • Learn strategies that will help minimize negative impacts and maximize positive outcomes for the community as a whole.

Keyword: Leisure Management. Tourism. Component-Based Methodologies Planning.



CEMITÉRIO COMO ESPAÇO DE LAZER: UMA POSSIBILIDADE VIÁVEL

Charlene Brum Del Puerto; Letícia Indart Franzen; Maria Luiza Cardinale Baptista

leticiaifranzen@gmail.com

Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil /
Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do
Sul, Brasil

Os cemitérios, com seus aspectos históricos/patrimoniais, bem como com suas formas atuais de uso, despertam sentimentos conflitantes e paradoxais, devido ao entendimento do cemitério como um local majoritariamente sagrado e como um espaço para a realização de atividades de lazer (DEL PUERTO, 2016). Diante disso, este resumo busca discutir de que modo os cemitérios podem ser apropriados como espaços de lazer. Este trabalho traz ideias a partir do que Dumazedier (2014) concebe por lazer. Compreende-se que o lazer encontra-se no cerne da cultura humana, sendo fortemente relacionado aos problemas advindos do trabalho e das influências das políticas públicas. Na cultura atual, marcada por processos urbanos em larga escala e pela ocupação do tempo livre com mais atividades remuneradas ou com afazeres domésticos, o lazer passa a ficar sem espaço físico ou tempo para ser praticado (DUMAZEDIER, 2014). Na tentativa de ampliar estes espaços, os cemitérios surgem como alternativa espacial para o lazer, por vezes praticado através da atividade turística. Por isso, a atividade turística transforma-se em um importante meio para compreender a relação lazer/cemitério. Entretanto, entende-se que o turismo em cemitérios ainda esbarra em propostas não bem definidas, principalmente às relacionadas ao lazer nos espaços fúnebres. Percebe-se que a consolidação dessa atividade é balizada pelo desentendimento entre gestores e pelos preconceitos sociais sobre os espaços fúnebres (DEL PUERTO, 2016). Apesar disso, ao observar os sites referentes à temática “cemitério e turismo”, percebe-se que a ênfase para a valorização dos cemitérios foge de sua função inicial, a qual envolve sepultamentos. É o que ressalta Afonso (2010, p. 16): “[...] percebe-se que o uso do espaço cemiterial apresentado de forma diferenciada, fugindo da função para a qual foi concebido, retira a intencionalidade dada na criação do cemitério e cria uma nova forma de lazer, escapando do lazer mercadoria [...]”. Como exemplo, Del Puerto (2016) cita o Cemitério da Consolação em São Paulo (SP), importante necrópole que contempla, através da arte e iconografia tumulares, a história da sociedade paulistana e brasileira. Esse espaço foi ressignificado pela atividade turística (roteiro guiado e autoguiado) e demais atividades de lazer, como apresentações artísticas, peças teatrais, recitais etc. Menciona-se também o Cemitério da Vila Formosa (SP), local com trilha ecológica para visitação e prática de caminhada (DEL PUERTO, 2016). Ainda que haja receio frente ao cemitério, por remeter à morte, o mesmo é entendido, na contemporaneidade, como patrimônio, local de trabalho, espaço de lazer e cultura, área de pesquisa, entre outros. De maneira geral, o deslocamento aos cemitérios ocorre comumente para visita à sepultura do ente falecido, pela fé nos santos populares existentes nos cemitérios e, ainda, para estudos históricos, geográficos, sócio-antropológicos e artísticos. No entanto, o lazer, proposto pela atividade turística, também provoca a mobilização até os espaços fúnebres e vem dando novas possibilidades de usos a um espaço aparentemente ocioso. Assim, os cemitérios, entendidos como as cidades dos mortos, também podem se configurar como espaços para que os vivos possam diversificar seus locais de lazer.

Palavras chave: Cemitério. Lazer. Turismo.



COUCHSURFING – TURISMO COLABORATIVO Y HOSPITALIDAD EN LA CONTEMPORANEIDAD

J. Mitterhauser¹, Bárbara Machado Mazzetti²

bmmazzetti@gmail.com

University of Natural Resources and Life Sciences - Vienna, Austria¹

Escola de Artes, Ciências e Humanidades – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil²

“You have friends all over the world, you just haven’t met them yet”. Esta es la frase inicial en la pestaña how it works en el sitio couchsurfing.com. El Couchsurfing es una plataforma online de viajes colaborativos - o un servicio de hospitalidad basado en Internet, como está identificado en Wikipedia - donde personas de todo el mundo pueden conectarse para recibir o alojarse gratuitamente o también marcar eventos de los más diversos intereses. El Couchsurfing comenzó en 2004 por los fundadores Casey Fenton, Daniel Hoffer, Sebastian Le Tuan y Leonardo Bassani de Silveira a partir de una sencilla idea de que todos pudieran compartir sus casas con extraños, o como ellos prefieren decir, amigos que aún no conocían. Hoy en día son más de 14 millones de personas participando en esta comunidad, son 200 mil ciudades en las que personas que nunca se han visto pueden conocerse y compartir experiencias y son más de 550 mil eventos al año que se promueven a través de la plataforma, también con el propósito de hacer el acto de viajar una verdadera experiencia social. De los valores descritos en el sitio de la compañía, está el de compartir su vida, crear conexión, promover la gentileza, mantenerse curioso y dejar (el espacio o persona) mejor de lo que encontró, teniendo éstos como parámetros para lo que debe ocurrir en las relaciones entre miembros, sea en el acto de hospedar, viajar, recibir o simplemente encontrar. En vista del escenario actual de las redes sociales y de la revolución tecnológica que sigue sucediendo y cómo eso afecta a la sociedad, donde el ocio y el turismo hoy también ocurre y es promovido (a veces mayoritariamente) en las redes sociales y en el mundo virtual, la presente investigación busca dar continuidad al trabajo de iniciación científico desarrollado entre 2013 y 2014 sobre el Estado del Arte de los estudios de Hospitalidad en Brasil, pero re direccionando el foco de análisis para la comprensión del turismo colaborativo - tomando como objeto de estudio el Couchsurfing - y de la hospitalidad en la contemporaneidad, entendiéndolos como elementos socio culturales con mutaciones temporales. Por medio de la aplicación online de 30 entrevistas semi estructuradas abiertas con miembros de la comunidad del Couchsurfing y de la participación y observación participante en 4 eventos y encuentros promovidos en las ciudades de São Paulo, Brasil, y en Viena, Austria, la presente investigación establece un análisis comparativo entre ambas ciudades, mientras que también construye un análisis colaborativo para verificar cómo el Couchsurfing puede ser una herramienta para que el individuo pueda redescubrir su propia ciudad y, al mismo tiempo, comprender cómo esta plataforma virtual de viajes puede promover el intercambio cultural y el acto de hospitalidad entre individuos que antes no se conocían y, además, cómo el sitio promueve relaciones inter e intra personales de amistad y afecto en lo que antes era sólo contacto virtual y cómo esto puede, cada vez más, conectar el mundo a favor del bienestar colectivo.

Palabras clave: Couchsurfing, Turismo Colaborativo, Hospitalidad, Plataformas digitales.



ELEMENTOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE IMIGRANTES EM SÃO PAULO

Vinicius Rocha Biscaro

vinicius.biscaro@usp.br

Serviço Social do Comércio – SESC, Consolação, São Paulo, São Paulo, Brasil

O objetivo deste trabalho é identificar e apresentar elementos e manifestações culturais de povos imigrantes que se instalaram em São Paulo como potenciais atrativos turísticos. A chegada de estrangeiros em terras brasileiras marca o início de sua história como país, uma vez que os índios – povos nativos do continente sul-americano – foram colonizados por portugueses, espanhóis, holandeses e franceses principalmente. São Paulo, até meados do século XIX, era um pequeno vilarejo, com carroças, algumas estações de trem, muitas áreas verdes onde as crianças brincavam, apenas um cemitério geral e outros tantos menores próximos às igrejas, com corridas de cavalo em plena rua de passagem, escravos e nenhum arranha céu, como aponta MILANO (1949). Uma nova dinâmica urbana deve-se justamente à chegada de imigrantes, e assim vieram os italianos, japoneses, espanhóis, sírios, alemães, húngaros, russos, e também os armênios, entre tantos outros. Aproveitando-se do fato de que a cidade de São Paulo se tornou o cenário que recebeu todas estas influências, foi desenvolvido em 2017 pelo departamento de Turismo Social do Sesc Consolação um roteiro com temática relacionada ao povo húngaro, que chegou na capital paulistana no século XX e que trouxe consigo costumes e tradições de sua cultura. Após a realização do roteiro e, em decorrência do sucesso por parte do público e também da comunidade que recebeu e acolheu os participantes do roteiro, está prevista também a criação de um novo roteiro relacionado aos armênios. Assim, as possibilidades de roteiro de temática afetiva são grandes e abrem portas para novos passeios e atividades relacionadas ao Lazer, Turismo e Hospitalidade. Seguindo os preceitos do Turismo Social, o roteiro turístico foi desenvolvido de forma sustentável, ou seja, equilibrando os interesses da instituição organizadora (SESC/SP), da comunidade local (descendentes de famílias húngaras) e do público participante no programa de Turismo Social. Neste sentido, o turismo desempenha um papel articulador, entre cada grupo de interessados, sendo que URRY (1999) aborda questões com respeito à sociologia do lazer e a cultura do consumo, nas quais o turismo atua como agente e recipiente na sociedade contemporânea. Adicionalmente, foi elaborado um inventário de localidades e manifestações relacionadas à presença húngara, além de reuniões e entrevistas com representantes de manifestações culturais, grupos de dança, associações religiosas e artistas, como também proprietários de estabelecimentos como restaurantes, lojas, clubes e cursos de língua húngara oferecidos pela comunidade. A partir, então, de uma análise conjunta da teoria e dos questionários, os resultados serão obtidos, apontando as potencialidades e eventuais fragilidades do ponto de vista do turismo atuando neste contexto. Os resultados obtidos da primeira edição do passeio foram extremamente positivos, a comunidade local se sentiu valorizada ao apresentar seus costumes e tradições aos participantes do passeio, assim como os participantes desfrutaram do dia com as novidades e curiosidades relacionadas à cultura húngara. O turismo, bem como elementos da hospitalidade, mostrou-se como interessante alternativa de lazer na cidade de São Paulo, que possui grande potencial cultural para criação de outros roteiros desta temática.

Palavras chave: Turismo Social. São Paulo. Imigrantes.



EXPERIÊNCIAS SOCIOCORPORAIS, O RISCO CONTROLADO E O TURISMO DE AVENTURA

Laura Alice Rinaldi Camargo; Marcos Ruiz da Silva

laurarinaldi@hotmail.com

Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil / Centro
Universitário Internacional – UNINTER, Curitiba, Paraná, Brasil

O Turismo de Aventura pode ser distinguido não apenas pelas habilidades, emoções, riscos, mas também pela diversidade de atividades e as experiências sociocorporais que ele proporciona. Dentre as modalidades de turismo, o de aventura provavelmente seja o que mais se aproxime de uma relação ideal entre as experiências sociocorporais e a autossatisfação humana, fortalecendo a relação homem-sociedade-natureza, pois o turista é o próprio protagonista da atividade (BRASIL, 2010). No caso do Turismo de Aventura em áreas naturais, pode-se dizer que significativa parte do atrativo turístico é o próprio espaço natural, e que se utilizam instrumentos e equipamentos que facilitam a vivência do turista. O lazer, neste sentido, é um ponto de partida para a compreensão das mais variadas relações que se estabelecem, a cada dia, entre os seres humanos, desde que não seja considerado de forma isolada, mas em profunda relação com outras esferas da vida humana (KRIPPENDORF, 2000). Neste sentido, o objetivo deste trabalho é interpretar os discursos utilizados pelos diferentes agentes institucionais, na produção de sentidos a respeito do Turismo de Aventura, como produtor ou reproduzidor de modos de pensar e agir sobre essa prática. Sendo essas experiências formas de sentir individual, representadas pelo “vivido” – através das emoções e sensações (FIGUEIREDO, 2008). No Brasil a atividade turística de aventura é organizada por diferentes agentes sociais que produzem e reproduzem discursos “oficiais” que acabam por constituírem-se como referências no modo com que as pessoas se relacionam com essa atividade. Os dados obtidos para a realização deste trabalho foram levantados a partir de um estudo exploratório documental e bibliográfico, visando uma análise dos discursos desses agentes para delimitação da relação das experiências sociocorporais e o Turismo de Aventura. Deste modo, pode-se compreender que o lazer e as atividades de turismo de aventura englobam a busca do brincar com o risco. O risco está vinculado à aventura e expressa uma probabilidade de que algo inesperado aconteça, mesmo que momentaneamente, podendo acarretar situações positivas e prazerosas (UVINHA, 2011). Schwartz (2002) ressalta que a aventura passa a ser utilizada para a divulgação de mensagens positivas de vida, propondo sensações de autoestima favorável e até de possíveis noções de preservação do espaço. As atividades de turismo de aventura podem se tornar uma importante ferramenta de preservação do espaço de uma localidade, tanto natural quanto das questões socioculturais. O Turismo de Aventura proporciona ao turista protagonizar a própria atividade, vivenciar o espaço e poder interpretá-lo, essas ações fortalecem o vínculo das atividades e do turista com o lugar. Proporciona desenhar no espaço uma rede de descobertas, de modo a revelar a identidade do lugar e ajudar o visitante a captar a sua alma e sua essência (MURTA, 2002).

Palavras chave: Turismo de Aventura. Experiências sociocorporais. Lazer.



GASTRONOMIA COMO FORMA DE LAZER

Pércia Sabbag; Paulo Frederico; Fabiano Castro

perciahelenasabbag@gmail.com

Instituto Federal de São Paulo (IFSP), São Paulo, SP, Brasil

A alimentação passou por diversos estágios ao longo da evolução humana. Do caçador nômade ao homem sedentário, foi o período em que se deu o desenvolvimento da agricultura e da domesticação de animais. Tal fato propiciou abundância de alimentos e levou a um aumento demográfico, que trouxe como consequência a migração de povos para novas localidades a serem exploradas. FRANCO (2010) apresenta o princípio da hospitalidade afirmando que as comunidades se desenvolveram pela necessidade do homem se alimentar e de caçar grandes presas, forçando-o à associação em grupos. Isso ocorria quando ainda não se conhecia métodos de conservação que preservassem o alimento em condições para consumo por muito tempo, então os caçadores e suas famílias dividiam com outros membros do grupo a refeição. Essa interação fez com que, segundo RANDALL (2004), se reconhecesse que a comida é fundamentalmente importante para entender a natureza da hospitalidade no mundo moderno. Essa relação entre a oferta e a recepção da comida é o que cria um vínculo de confiança entre anfitrião e visitante. Com a evolução da sociedade, a hospitalidade, nos domínios doméstico e comercial, passa a crescer propiciando o fortalecimento de interações sociais, da comunicação e do lazer. Para BOFF (2005), o ritual das refeições deve ligar-se às virtudes humanas de hospitalidade, de acolhida, de convivência, sendo a primeira uma das características mais importantes por ser um caminho para a partilha do alimento, do espaço do anfitrião, do tempo e das ações desenvolvidas no momento em que o encontro ocorre. Percebe-se que essa possibilidade de encontro não se encerra apenas na alimentação, mas também na interação entre as pessoas envolvidas e nas atividades acessórias ao momento da alimentação. Sendo o lazer, um elemento desse encontro, para DUMAZEDIER (1979), ele perpassa a ideia de interesses culturais e estabelece cinco conjuntos de interesses relacionados aos conteúdos culturais das atividades de lazer: os físicos, os manuais, os estéticos, os intelectuais e os sociais. Ao mesmo tempo, que categoriza o lazer, DUMAZEDIER demonstra em seus estudos uma pluralidade desses conteúdos, inferindo que uma categoria pode estar inserida na outra e vice-versa. Nesse sentido, os encontros gastronômicos relacionam-se com vários conjuntos de ocupações listadas pelo autor, escolhidas de forma livre, com intenções relacionadas ao entretenimento, à apreciação do belo, aos envolvimento entre os comensais. Busca-se nesse estudo demonstrar que o ato de se alimentar não se encerra apenas no ato de cessar um sentimento de desejo e fome, nem mesmo se encerra na pretensão de uma boa nutrição, ou seja, o ato de comer não se finda somente na restauração. Deve ser levada em consideração a experiência como um todo. Um indivíduo se diferencia antes e depois do ato de comer dentro ou fora de casa quando tem a oportunidade de vivenciar esse momento como um ato de lazer e de hospitalidade, pois valores como o estabelecimento de relações humanas, conhecimento de culturas e aprendizados diversos, que podem ser sobre técnicas de preparo ou mesmo sobre novos insumos presentes na preparação, podem ser agregados à experiência da alimentação.

Palavras-chave: Gastronomia. Lazer. Hospitalidade.



GUIA DE TURISMO: A OPERAÇÃO TURÍSTICA NAS ATRAÇÕES EM BELÉM

Ângela Cristina do Mar de Jesus

angeladomar@hotmail.com

Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, Pará, Brasil

A Região Metropolitana de Belém possui vários atrativos turísticos que poderão ser estudados a partir da vivência dos profissionais Guias de Turismo Regionais/PA. O objetivo deste estudo foi identificar os problemas operacionais nos atrativos turísticos de Belém do Pará, além de apresentar possíveis sugestões para os espaços que foram avaliados pelos Guias de Turismo Regional/PA. Portanto, contribuirá para o reconhecimento de que a cidade e seus atrativos estarão organizados e estruturados de forma benéfica, tanto para moradores – como espaço de lazer e recreação –, quanto aos que visitam – como experiência turística. Os turistas ou visitantes querem conhecer a cidade com os seus personagens reais, que são os próprios moradores, tendo em vista a originalidade e a hospitalidade de um bom anfitrião. Partindo desse ideal, o profissional Guia de Turismo Regional/PA está capacitado para atender o visitante/turista e satisfazer suas necessidades. O público-alvo foi o Guia de Turismo Regional de Belém do Pará, que realiza a prestação de serviços, como a recepção, o traslado (*in* ou *out*), o acompanhamento, transmissão de informações e esclarecimentos em itinerários locais e intermunicipais. Os atrativos turísticos avaliados foram: Complexo do Ver-O-Peso, Estação das Docas e Parque Ambiental e Zoológico Mangal das Garças. A discussão conceitual para a pesquisa dos aspectos do fenômeno turístico, a complexidade das relações das pessoas e as interações entre elas se deu por meio das obras de autores como Barreto (1991), Boullón (2002), Trigueiro (1999) e Hayllar (2011). A discussão de conceitos e a aplicação da atividade profissional do Guia de Turismo, relatando experiências na operação da atividade turística, foram baseadas nas obras de Mamede (2003), Chimenti e Tavares (2007), Campos e Serpa (2010), Picazo (2004) e Silva (2015). A abordagem metodológica da pesquisa foi técnico-operacional, através de questionário com perguntas fechadas e abertas de cunho quantitativo conceitual e qualitativo. Os profissionais avaliaram as seguintes temáticas: Infraestrutura e Equipamentos; Sinalização Turística; Acessibilidade; Mobilidade Urbana Turística – Veículos Turísticos e Atendimento ao Guia de Turismo realizado por funcionários e servidores (gestão pública dos atrativos turísticos); além de poderem sugerir ou criticar mudanças. Conclui-se que o Guia de Turismo é o profissional que interage com o maior número de pessoas e outros profissionais da área do Turismo e do Lazer. As informações, a orientação e a condução transformam a experiência turística. Vale ressaltar que os atrativos turísticos devem estar em boas condições de utilização, tanto para o morador quanto para o turista/visitante. Se a cidade estiver bem estruturada para ambos, conseqüentemente atrairá mais pessoas para visitar e morar na cidade de Belém do Pará. Após resultados, alguns representantes dos órgãos de gestão do Turismo demonstraram interesse em dialogar sobre essas questões e lacunas. Os resultados demonstraram que são necessárias reuniões e discussões de pessoas, empresas e órgãos representativos dos mais variados setores da cadeia produtiva do Turismo, de modo que sejam verificados os impactos positivos e negativos para o desenvolvimento da atividade – algumas dessas questões já são debatidas no Fórum de Desenvolvimento Turístico do Estado do Pará, o FOMENTUR.

Palavras chave: Guias de Turismo. Belém. Atrativos. Experiência.



IMIGRAÇÃO EM DESTINOS TURÍSTICOS: O CASO DO LITORAL POTIGUAR/ BRASIL

Salete Gonçalves; Christianne Luce Gomes

salleteg@yahoo.com.br

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil / Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Este artigo tem como objetivo compreender as relações entre migração internacional e o fenômeno turístico no litoral oriental do estado do Rio Grande do Norte, Brasil, com destaque para os municípios de Natal, Tibau do Sul, Parnamirim e Nísia Floresta. Essas localidades estão centradas no turismo de sol e praia e durante a década de 2000 sofreram um grande crescimento no seu fluxo turístico internacional aliado a um *boom* imobiliário, entre eles o aumento do número de imigrantes europeus procedentes, em sua maioria, da Itália, Portugal e Espanha (IBGE, 2010), que também foram os principais países europeus emissores de turistas entre 2004 e 2014 no estado potiguar (Brasil, MTUR 2011; 2013; 2015). Destaca-se que nesse período, a capital potiguar dispunha de vários voos *charters* semanais, o valor da moeda favorecia ao euro, havia certa estabilidade política e econômica no Brasil e esse conjunto de fatores contribuiu para a atração de europeus e aquisição de segundas residências, bem como de residências permanentes por esses estrangeiros. Isso posto, este artigo teve como objetivos específicos: investigar o perfil e motivações dos entrevistados; descobrir se conheciam o destino turístico anteriormente; identificar suas situações laborais e a forma com que ocupam seu tempo de lazer. O estudo justifica-se, principalmente, por ser uma temática que requer aprofundamento teórico-empírico, diante dos poucos estudos existentes no cenário brasileiro. Trata-se de um estudo descritivo-explicativo, de natureza qualitativa, que adotou como estratégias de pesquisa o estudo de caso, levantamento de dados por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas com os imigrantes, bem como fazendo uso da observação não participante. Ressalta-se que esta investigação é um recorte de uma tese doutoral vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Constatou-se que a maioria dos entrevistados é do sexo masculino, adultos, que se encontram em idade laboral e que possuem ensino superior. Além disso, 81% dos entrevistados já estiveram como turistas no destino e a viagem turística foi fator primordial na tomada de decisão em fixar residência. Sobre a motivação principal para eleger a cidade como lugar para viver, merece destaque o clima, a tranquilidade, a natureza, um novo emprego e o desejo de mudar seu estilo de vida. No tocante ao trabalho, os entrevistados encontram-se atuando majoritariamente no setor turístico e/ou imobiliário. Já com relação ao tempo de lazer, constatou-se que houve um aumento a partir da sua imigração para o Brasil e que as principais experiências desenvolvidas são ir à praia, praticar atividades desportivas e sociais. Conclui-se que um conjunto de fatores estimulou a ida, vinda e fixação desses estrangeiros, e embora o trabalho tenha sido um importante elemento motivador dessa mudança, acredita-se que esses negócios tiveram outros desdobramentos, entre eles a potencialização e continuidade de novos fluxos, sejam turísticos e/ou migratórios.

Palavras chave: Imigração. Destino turístico. Turismo internacional. Lazer. Trabalho.



KITESURF, LAZER E TURISMO EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO

Dayana Nabate Meireless, Maciro Patrick Correa Madeira, Ruan Tavares Ribeiro
ruantavaresufma@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil

São Luís, capital do estado do Maranhão, apesar de sua orla possuir 32 km de litoral, ainda encontra-se limitada em sua oferta de atividades de lazer que motivem a chegada de visitantes. Em anos recentes, moradores assistem à prática de um novo esporte nas praias mais badaladas da cidade, que vem mobilizando visitantes de diferentes partes do Brasil e do mundo: o kitesurf. Dito isso, esta pesquisa foi construída a partir de dois objetivos: 1) analisar o desenvolvimento do kitesurf enquanto atividade de lazer e turismo em São Luís; 2) identificar quais sujeitos contribuíram e contribuem para o exercício dessa atividade física de lazer. Lançou-se mão de matérias jornalísticas como fontes de dados em razão do esforço proposto para o levantamento de dados históricos, numa perspectiva retrospectiva. Foi selecionado o jornal *O Estado do Maranhão* em razão de ser a mídia impressa e digital com o maior número de assinantes no estado. Para a formação do corpus analítico, em 17 de outubro de 2017, foram buscadas, no *website* do jornal supracitado, matérias que contivessem a palavra chave kitesurf em seu título ou em seu corpo. Como resultado parcial, foram levantadas 41 matérias. Contudo, após a primeira etapa de análise de conteúdo – pré-análise (BARDIN, 2011) –, com base na classificação de matérias por relevância (CARNEIRO, 2008), oito textos foram descartados porque a palavra chave foi citada sem nenhuma relação com o contexto espacial desta pesquisa, ou seja, diziam respeito à prática do kitesurf em locais como o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses e o caribe. A análise prosseguiu com o total de 33 matérias. O primeiro registro localizado foi publicado no ano de 2007, com apenas uma matéria; até mais recentemente, em 2017, com duas matérias. Em geral, os demais anos oscilaram entre uma e cinco matérias, com exceção de 2008 que não apresentou nenhum texto sobre a prática de kitesurf em São Luís. O destaque desse levantamento está no ano de 2016, que se sobressaiu com 11 publicações, correspondendo a 33,33% do total analisado. Os temas das matérias foram: campeonatos, divulgação, eventos, férias, competições, campanhas, ação ambiental e lazer. Os grupos e sujeitos mencionados foram: atletas; órgãos públicos, como Secretarias de Estado, a *Fundação Antônio Dino*, a Capitania dos Portos, o Corpo de Bombeiros entre outras; associações, como a *Associação Brasileira de Kitesurf (ABK)* e o *Grupo Amigos do Kitesurf*; hospitais; instrutores de kitesurf; e moradores. Ficou evidente que a prática do kitesurf, em São Luís do Maranhão, é motivada por fatores que variam entre um esporte como *hobby* para moradores, até campeonatos entre profissionais e ações de conscientização ambiental. Essa diversidade de motivações é resultado da pluralidade de sujeitos e grupos que vêm influenciando na realização do referido esporte. Tal constatação aponta, portanto, para a necessidade de análises do relacionamento – conflitos de interesses – entre esses diferentes atores.

Palavras chave: Lazer. Turismo. Litoral. Mídia.



LAZER E EDUCAÇÃO NO CENTRO DE CIÊNCIAS DA UFJF/MG

Edwaldo S. Anjos Jr; Alice G. Arcuri; Maria C. Rocha; Laura S. Bastos; Camila S. Oliveira; Rebecca Q. Silva; Michelson K. Ribeiro

edwaldo.sergio@yahoo.com.br

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

O Centro de Ciências, localizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, se caracteriza por ser um espaço de divulgação científica que prioriza integrar toda a comunidade acadêmica e o entorno da cidade universitária. Inaugurado em 2006, no Colégio de Aplicação João XXIII, foi reinaugurado em julho de 2017 no campus da UFJF, possuindo atualmente seis exposições com diferentes temáticas, envolvendo principalmente as duas grandes áreas do conhecimento: as Ciências Naturais e as Ciências Humanas. Os estudantes de Turismo da UFJF, por intermédio da disciplina de Lazer e do projeto de extensão “Acolhimento, gestão e monitoramento do fluxo turístico das visitas mediadas e espontâneas no Centro de Ciências da UFJF”, sob orientação dos professores Edwaldo Sérgio dos Anjos Júnior e Alice Gonçalves Arcuri, passaram, desde julho de 2017, a contribuir com esse projeto, destacando-se três grandes campos de atuação: acolhimento, gestão e monitoramento do fluxo dos visitantes. Partindo do pressuposto quanto à existência de uma dimensão educativa inerente ao lazer, tal assertiva se torna ainda mais evidente ao se pensar que o equipamento tem, como premissa fundamental, a difusão científica por intermédio de atividades, dinâmicas, jogos e experiências assentadas na ludicidade. Contudo, pode-se pensar em dilemas relativos à difusão desse conhecimento, como, por exemplo, a linguagem utilizada, o preparo dos mediadores, a imagem que se tem do Centro de Ciências, bem como a existência ou não de uma dimensão dialógica entre visitantes e mediadores ao longo da interação. Em linhas gerais, este trabalho visa apresentar a experiência levada a efeito por estudantes do Curso de Turismo no Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora, procurando discutir as possibilidades, tensões e dilemas vivenciados ao longo das visitas levadas a efeito por visitantes espontâneos ou agendados. Este estudo de caso, de caráter exploratório, se assentará também em uma breve pesquisa bibliográfica, em que se destacam as contribuições de Christianne Luce Gomes e Nelson Marcellino, ao debaterem, ao longo de diferentes trabalhos, e ao trazerem à tona as dificuldades e possibilidades de se pensar o lazer e a educação. Ademais, destacar-se-ão as contribuições de Bernardo Lazary Cheibub, ao pensar as interfaces entre lazer e experiência turística, escola e juventude no Rio de Janeiro, mormente ao assinalar como os jovens selecionados para participar de um *City-tour* na cidade, em ação disponibilizada pelo SESC-RJ, não têm seus saberes e práticas valorizados, e Romilda Aparecida Lopes, que, em sua dissertação de mestrado, investigou como estudantes oriundos de instituições de ensino juiz-foranas se apropriam de espaços museais na cidade, problematizando como, em muitos casos, o discurso em torno da democratização cultural esbarra em barreiras tácitas, como abordagens pouco instigantes e problematizadoras e dificuldades de parceria entre escola e instituição museal. Já o estudo de caso, após apresentar um breve panorama teórico sobre a área, se deterá em expor considerações sobre: i) o acolhimento; ii) a gestão; iii) o monitoramento do fluxo dos visitantes; considerando tais categorias interdependentes, destacando-se, na última delas, alguns apontamentos sobre o perfil dos visitantes.

Palavras chave: Centro de Ciências da UFJF. Lazer. Educação.



LAZER E TURISMO NA ILHA DO COMBU/PA: CONTRADIÇÕES E DESAFIOS

Pablo Vitor Viana Pereira; Douglas Carvalho Rocha; Mirleide Char Bahia

pablo.viana28@gmail.com

Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, Pará, Brasil

Os estudos sobre lazer na contemporaneidade sinalizam algumas vertentes, a exemplo dos aspectos sociais, culturais e ambientais. Todavia, é a figura do econômico que sobressai em se tratando de desenvolvimento. Em relação às regiões insulares de Belém, o lazer enquanto prática social torna-se uma das possibilidades tanto para quem pratica quanto para quem oportuniza essas experiências. Nessa dinâmica, uma das alternativas em busca dessas vivências, levando-se em consideração o rio como deslocamento, é a ilha do Combu, em função de sua proximidade com a metrópole. Geograficamente localizada próxima à capital paraense, a ilha fica a cerca de 1,5 km de distância do centro urbano e se destaca por ser um local bastante utilizado por quem quer aproveitar um momento de lazer com familiares e amigos, porém, há uma preocupação sobre as ações antrópicas na ilha, relacionadas aos impactos socioambientais provocados como, por exemplo, poluição sonora, erosão do solo, assoreamento dos furos e igarapés, em função de fluxo de lanchas e jet-skis etc. Esta pesquisa, em fase preliminar, teve como objetivo averiguar como têm se dado as políticas públicas de fomento ao lazer e ao turismo nessa ilha. Como metodologia, optou-se por uma abordagem qualitativa, fundamentando-se em revisão bibliográfica por meio de teses, dissertações e artigos científicos, além, da técnica da observação não participante onde o pesquisador “[...] faz o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 90). Também foi realizada uma pesquisa documental acerca das políticas públicas de lazer e de turismo na Amazônia. Conclui-se que ilhas da região insular de Belém, como a ilha do Combu, apresentam aspectos tanto culturais quanto naturais, que são atrativos para as práticas de lazer e de turismo. No entanto, as políticas públicas destinadas ao fortalecimento de tais práticas são incipientes tanto para os moradores quanto para os visitantes. Nota-se, dentre os problemas enfrentados pela ilha, a ausência de um estudo da capacidade de carga como método de identificação e avaliação de impactos ambientais. A identificação e caracterização dos atrativos poderão contribuir para o zoneamento ambiental com vistas a um cenário sustentável para a área de proteção. Portanto, os problemas que a ilha vem sofrendo, seja por meio do fluxo de visitantes entre as margens, seja por desarranjos ambientais que impactam os biomas insulares, além da ineficiência de políticas públicas, levam, na maioria, à (IN) sustentabilidade cultural, espacial, ecológica, econômica e social.

Palavras chave: Lazer. Turismo. Ilha do Combu. Belém. Pará.



LIVRARIAS COMO ESPAÇOS DE ENTRETENIMENTO: TERCEIROS LUGARES

Camila Porto; Claudia Corrêa de Almeida Moraes

claudiamoraes@uol.com.br

Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Frente às dificuldades intrínsecas do mercado brasileiro em formar novos leitores e manter a saúde financeira dos negócios com livros, em um contexto cultural em que consumidores querem mais experiências e participação em suas compras, Fantinel & Fischer (2010) explicam que algumas livrarias mudam seus espaços para favorecer a sociabilidade urbana, visando elevar a experiência sensorial dos potenciais compradores em lojas onde o livro não ocupa o lugar principal, mas o divide com outros produtos e com outros interesses. Estas lojas físicas passam a ser centros de entretenimento que permitem desenvolver a convivência social simmeliana (Simmel, 2006). Oldenburg (2000) sugere que cada um de nós precisa de três lugares: primeiro é o lar; segundo é o local de trabalho ou a escola; e o terceiro lugar é onde as pessoas de todos os setores da vida interagem, experimentando e comemorando a sua semelhança, bem como a sua diversidade. O presente estudo procurou verificar a aplicação do conceito do terceiro lugar em livrarias. Usou-se como recorte do estudo os eventos enquanto entretenimento que, por serem diálogos, auxiliam no favorecimento de encontros e na socialização, condições fundamentais para que um espaço seja apropriado por um sujeito como terceiro lugar. Assim, realizou-se uma pesquisa exploratória para saber quais livrarias haviam alterado seus ambientes baseados neste conceito e que oferecem uma agenda de eventos. Entre as centenas encontradas, por facilidade das pesquisadoras e pela importância destas livrarias em suas cidades, escolheu-se as livrarias *Cultura*, em São Paulo e a *Travessa*, no Rio de Janeiro, como objeto de estudo. Com abordagem qualitativa, realizou-se uma pesquisa que teve como instrumento de coleta de dados a aplicação de entrevistas semiestruturadas aos representantes do setor de marketing das livrarias, observação participante em três eventos realizados pelos estabelecimentos e entrevistas com alguns frequentadores desses eventos por meio de formulário enviado via e-mail. Os dados foram analisados utilizando a técnica da análise do conteúdo. Os resultados apontaram que os eventos têm contribuído para o novo direcionamento das livrarias como espaços culturais de lazer. Durante os eventos, a socialização está presente e, neste ambiente descontraído, conversas, palestras e trocas de informações ampliam o conhecimento sobre as obras comercializadas e fazem da livraria um espaço de fruição cultural, deixando de ser apenas um local de compra. O frequentador sente-se muito à vontade e familiarizado com o espaço, transformando-o em terceiro lugar. Muitos participantes as frequentam pelo menos mensalmente, estimulados pelos seus atrativos que incluem os eventos. Em épocas em que as lojas físicas vão perdendo espaços para as virtuais, a função de ser terceiro lugar amplia sua existência e a integra no contexto de multicanais, sendo favorável para os seus negócios. Por outro lado, para os consumidores, no contexto da economia da cultura, os eventos em livrarias passam a ser uma forma de convivência social que permite afirmação das subjetividades.

Palavras chave: Entretenimento. Livrarias. Eventos. Terceiro lugar.



O TURISMO DAS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS NO FACEBOOK

Marcelo Vilela de Almeida; Cynthia Correa

marcelovilela@usp.br

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

Ainda que exista uma considerável produção acadêmica sobre o turismo da população LGBT, formada por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, pouco se conhece a respeito das práticas turísticas das famílias homoparentais, tanto no Brasil como no exterior. “O conceito de homoparentalidade é relativamente novo, sendo um neologismo criado pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas, em Paris, no ano de 1997, que se refere ao fato de um adulto que se reconhece homossexual ser ou pretender ser pai ou mãe de uma criança” (ZAMBRANO, 2006 apud SANTOS; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2013, p. 575). Os autores mencionam que é conferida uma visibilidade crescente aos sujeitos homossexuais que se empenham na organização de configurações familiares distintas daquela considerada natural, gerando uma reavaliação do conceito de família. Assim, estas novas configurações familiares se apresentam como um desafio para várias áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Antropologia, a Psicanálise e o Direito (SANTOS; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2013); e, aqui, poderiam ser incluídas as áreas do Lazer e do Turismo. Aliás, não é por acaso que o turismo LGBT entrou definitivamente na pauta da academia e do mercado turístico, uma vez que este grupo é frequentemente associado a gastos com viagens mais elevados se comparado à população heterossexual. Neste sentido, o estudo representa um exercício visando avançar na compreensão sobre as práticas turísticas deste grupo por meio da análise de conteúdo sobre viagens de famílias homoparentais em páginas da rede social *Facebook*. A partir da bibliografia sobre o tema – com destaque para as publicações de Hughes e Southall (2012) e de Lucena, Jarvis e Weeden (2015), que tratam especificamente do turismo das famílias LGBT, e para o *Segundo Relatório Global sobre Turismo LGBT* da Organização Mundial de Turismo e da *International Gay & Lesbian Travel Association (WORLD TOURISM ORGANIZATION, 2017)* – realizou-se a identificação de páginas contendo postagens sobre a temática estudada, como “*Gay Family Trips*”, “*Gays With Kids*”, “*R Family Vacations*” e “*Gay Family Travel*”, a fim de analisar os conteúdos postados (etapa em andamento). Pretende-se mapear o engajamento (curtidas, comentários e compartilhamentos) nas páginas selecionadas, bem como realizar uma abordagem qualitativa que permita identificar os autores e os tipos de postagens (institucionais, comerciais, pessoais etc), os recursos utilizados pelos usuários, os assuntos abordados (motivações para as viagens, dicas sobre destinos e/ou prestadores de serviços LGBT *friendly*, recomendações sobre saúde e segurança etc) e outros aspectos relevantes para a abordagem empírica. A partir do exame dos dados, será proposta uma caracterização, ainda que preliminar, deste relevante nicho de mercado, partindo-se do entendimento de que as famílias homoparentais representam uma parte específica do segmento de turismo LGBT, além de fornecer subsídios para a realização de novos estudos sobre o tema.

Palavras chave: Turismo. LGBT. Famílias homoparentais. Rede social. *Facebook*.



PARQUE SAPUCAIA: EXPERIÊNCIA DE LAZER E AVENTURA EM MONTES CLAROS (MG)

Thiago Neves Silva; Isabela Veloso Lopes Versiani

thiagoturismo@gmail.com

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, MG, Brasil

O presente trabalho discorre sobre o lazer praticado na natureza através de uma atividade de aventura em Unidade de Conservação a nível municipal com o seguinte tema: Parque Municipal da Sapucaia: Experiência de lazer e aventura na cidade de Montes Claros (MG). Atualmente, a população brasileira vem buscando novas alternativas para relaxamento e momentos de lazer. Dentre essas alternativas temos os parques que podem ser Unidades de Conservação ou parques urbanos. Os parques são espaços de grande área verde com belas paisagens, cachoeiras e trilhas, localizados em áreas urbanas para propiciar à população uma forma de lazer onde cada pessoa pode estabelecer interação com a natureza, trazendo bem-estar físico, psíquico e social perante a conscientização da natureza. Compreender o tema lazer é estreitar ainda mais a relação com o turismo e suas modalidades, descobrir novas possibilidades em aproveitar o tempo livre, realizando novas interações ambientais, culturais e sociais. Conforme GOELDNER (2002) as atividades de lazer realizadas ao ar livre, como caminhadas, pesca esportiva, mergulho, acampamentos noturnos, canoagem, ciclismo, e outros, estão relacionadas com o turismo de aventura. Sendo assim, essas atividades praticadas em espaços naturais eram caracterizadas como turismo de natureza, onde, se denominava a busca do ser humano por territórios e estilos de vida mais tradicionais e naturais. O processo para a realização do trabalho foi dividido em duas etapas distintas: atividade de campo e aplicação de um questionário. A etapa do trabalho de campo foi realizada no dia 18 de junho de 2017, no período da manhã com a visita ao Parque Municipal da Sapucaia, sendo conduzida em dois momentos distintos: na primeira parte, fizemos uma trilha ecológica pelo parque e, depois, uma atividade de rapel. Ao final das duas atividades de aventura, foi aplicado um questionário contendo doze questões aos convidados que participaram do trabalho de campo e também aos visitantes do parque, totalizando vinte e cinco pessoas. Neste instrumento de pesquisa estavam inseridas diversas perguntas sobre o local de estudo e a sua relação com o visitante. Os resultados do trabalho apontam que o Parque da Sapucaia é uma importante opção de lazer relacionado com a natureza para a população de Montes Claros (MG), tendo como principal atrativo as trilhas existentes em toda a sua extensão, onde o visitante pode desfrutar de várias experiências distintas em contato direto com a natureza. Embora o parque ofereça várias opções de atividades, o maior desafio para os gestores públicos e apontado pelos usuários, estão na revitalização e estruturação física do parque, ou seja, na melhoria de aspectos importantes como segurança, sinalização, restaurante, reforma de banheiros, entre outros. Contudo, uma experiência de lazer através de uma atividade de aventura deve ser realizada por profissionais especializados e que seguem todas as normas e, sobretudo, utilizam equipamentos apropriados para garantir a segurança e a integridade física dos usuários.

Palavras-Chave: Lazer. Turismo. Aventura. Parque.



ROTEIROS PEDAGÓGICOS E DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NA MICRORREGIÃO DE FRANCA/SP

André Mazaron

mazaron@gmail.com

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, Franca, São Paulo, Brasil

O objetivo deste estudo é mostrar o turismo pedagógico como uma prática educativa através da criação de possíveis roteiros com o intuito de desenvolver a microrregião de Franca/SP. O Turismo Pedagógico é utilizado nas escolas e vem crescendo a cada ano, pois através deste segmento, os educadores encontraram uma alternativa para que os alunos busquem o conhecimento fora da sala de aula unindo teoria e prática de uma maneira descontraída através da recreação, lazer, passeios e estudo de campo. Essa atividade está em grande ascensão devido a despertar aos estudantes um desejo maior de aprender, e como um meio de demonstrar na prática os aspectos trabalhados dentro da escola. O turismo pedagógico é de grande relevância no meio escolar, pois além de desenvolver os alunos nos conceitos trabalhados em sala, desenvolve também a socialização. Através das atividades de lazer e recreação juntamente com as possíveis disciplinas trabalhadas, os alunos conseguem ter contato direto com o meio. Tal prática já vem se tornando comum entre as escolas, sendo que em muitas delas, estes passeios já fazem parte do calendário letivo. A microrregião de Franca/SP é composta por dez cidades e é rica em atrativos naturais e históricos, tendo então grandes possibilidades de roteiros para diversas faixa etárias de estudantes, porém, mesmo com um grande potencial turístico, o turismo pedagógico não é bem explorado pelos municípios. Todo o contexto histórico da região e formação dos municípios, a economia, os costumes e os patrimônios existentes são ricos em informações a serem estudados. Franca é conhecida como a capital nacional do calçado masculino, surgiu através do roteiro onde os bandeirantes passavam em busca de ouro em Goiás e utilizavam da cidade como pouso, atualmente, é uma cidade muito forte no turismo de negócios. Outras cidades da microrregião de Franca fazem de sua principal economia a agropecuária, principalmente pelas grandes plantações de café vinda através dos imigrantes, tendo então muitas fazendas cafeeiras, possibilitando uma vivência direta entre os estudantes e a produção que ainda permanece. Entretanto não há a estrutura e o interesse necessário para que se torne um destino para escolas, principalmente relacionados a pontos privados, onde ainda há uma lacuna no que se diz respeito ao turismo pedagógico. Como essas atividades turísticas podem desenvolver a microrregião de Franca? A metodologia constitui em um levantamento bibliográfico com informações teóricas, dados sobre os municípios e visitas in loco para identificação das potencialidades, problemas e possíveis resoluções destes problemas no contexto do turismo pedagógico. O trabalho visa desenvolver roteiros na microrregião de Franca/SP que podem ser utilizados por escolas e mostrar como é possível o desenvolvimento regional através deste segmento do turismo.

Palavras chave: Lazer. Turismo. Pedagogia. Educação. Recreação.



SKIING TOURISTS' ATTITUDES AND SATISFACTION: THE CASE OF BEIJING

QI Shunhong

qishunhong@163.com

Beijing Sport University (BSU), Beijing, China

With the boost of ice and snow sports triggered off by the forthcoming 2022 Winter Olympics, ski centers are now blossoming in China. Despite the fact the number of skiers soared to 11.33 million in 2016, or nearly 0.5% of the whole population, 80% are beginners and most Chinese skiers do not ski more than once on average per snow season, which makes skiing an entertainment experience rather than a leisure sport that requires repeated practice. To determine the areas for improvement in light of the extremely low return rates of leisure skiers and rather low skiing penetration level (0.5%) in China as compared with other nations in Europe, America and Asia, this study examines the traits and challenges of current skiing tourism through a case study of two major ski destinations within three hours' drive from Beijing – one for leisure skiing and the other for both leisure and elite skiing competitions. Using questionnaires, a survey was conducted including a sample of 329 visitors in the said two ski resorts. Adapting a comprehensive model toward sport tourism consumer experiences as well as Leisure Motivation Scale, this survey investigates skiers' demographics and lifestyle, their views towards skiing runs, equipment and activities, such supporting services as skiing instruction, security, medical care, accommodation, dining, and shopping; their usage of online facilitators like apps and their effectiveness; transportation, etc. Data collected shows that the participants aged 20-40 account for an overwhelming majority (96.3%); 62.6% of them have a monthly income of RMB 4,000-6,000, and 14.1% exceeding RMB 6,000; 87% hold a bachelor's degree or above. All these indicate a strong consumption potential in the skiing market. The reasons for which participants enter into leisure skiing tourism are also recorded, among which the biggest three are "leisure" (79.8%), "exercise" (41.1%) and "interaction with family, friends or colleges" (36.0%), emphasizing participants' lifestyle and enthusiasm in leisure skiing as well as socializing. The study also reveals how consumer choices depend upon factors including, in a descending order of significance, "security", "skiing runs", "ski pass prices", "equipment", "skiing instruction", "transportation", "accommodation", "dining", "information access" and "easy ski pass access"; participants put "security", "skiing instruction" and "equipment" on the top of their satisfaction list, while "skiing runs", "ski pass prices", "information access" and "transportation" get the lowest mark. Suggestions are thus made in terms of ski resorts' proper positioning and marketing in skiing tourism as to their own ski runs and tourists' skiing skills to reduce overcrowding; adopting all-year model of operation that could alleviate seasonality, further explore their diversified resources and lower the skiing touring expense on ski pass, equipment renting, accommodation and dining; establishing or perfecting their own app or cooperate with popular ones to offer such services as ski pass purchase, ski resort information, online ski instruction, ski instructors hiring, equipment renting and purchase, socializing and car-pooling, etc.; broadening publicity among the general public to further boost a skiing culture and offering diversified skiing activities with local flavors.

Keywords: Leisure Skiing. Skiing Tourism. Participant Satisfaction. Beijing.



TURISMO E DIREITOS: UMA EQUAÇÃO POSSÍVEL?

Alex Lopes Granja; João Paulo Leite Guadanucci; Silvia Eri Hirao; Marcio Batista Kawano; Cristina Fongaro Peres; Fernanda Alves Vargas

joaopaulo@sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, São Paulo, São Paulo, Brasil

O turismo é não apenas um dos setores econômicos mais importantes em nível mundial, mas também uma dinâmica característica da contemporaneidade, mobilizando um complexo conjunto de aspectos políticos, socioculturais e ambientais, cuja compreensão possibilita leituras mais amplas da sociedade atual. Dentre tais aspectos, ganhou relevo nas últimas décadas o tema do direito ao turismo. Trata-se da ideia de que o turismo constitui um direito universal, possível desdobramento lógico de outros direitos já reconhecidos: direito ao lazer, ao descanso remunerado e à mobilidade. Pensado dessa forma, o direito ao turismo refere-se, num primeiro momento, ao acesso à atividade turística, servindo de fundamento original para o conceito de turismo social. Afinal de contas, o contexto histórico que assistiu ao surgimento do turismo social – meados do século XX – indicava uma dificuldade de acesso de trabalhadores e membros de classes desfavorecidas ao turismo, notadamente no que diz respeito às barreiras econômicas. Ao longo do tempo, muita coisa se alterou: a) observou-se uma acentuada massificação do turismo como consequência de múltiplos fatores (incremento da mobilidade, desenvolvimento do setor turístico, diminuição da pobreza absoluta etc); b) tal massificação implicou efeitos sociais e ambientais inéditos em escala planetária; e c) do ponto de vista comportamental, o turismo passou a ser visto como um expediente praticamente obrigatório na vida das pessoas. Frente a esse panorama, as diversas vertentes do turismo tiveram reações variadas, que incluem a insistente reafirmação dos benefícios da atividade, a criação de estratégias (efetivas ou aparentes) de minimização de impactos e o enfrentamento dos dilemas contemporâneos. O turismo social, por exemplo, passou a propor um olhar ampliado sobre os direitos, considerando também outros agentes implicados. Nesse sentido, caberia perguntar: em que medida outros direitos – das populações locais e dos trabalhadores do setor turístico – e o meio ambiente ficam ameaçados quando o direito ao turismo se impõe como um valor inquestionável? De quais ferramentas a atividade turística responsável dispõe para lidar com esse cenário? Convém desmontar a ideia corriqueira segundo a qual o turismo deveria ser sempre tratado como um tema leve e descompromissado, o que inevitavelmente conduz à superficialidade. Ao contrário, é necessário aprofundar a reflexão sobre a relação entre turismo e direitos humanos, já que tal reflexão pode oferecer uma perspectiva renovada para vislumbrar dilemas que transbordam a atividade turística. Dentre eles, poderíamos citar: a) a relação entre direitos e privilégios, num mundo marcado pela crescente desigualdade econômica associada a fatores sociais, como questões raciais e de gênero; e b) a padronização de comportamentos ligados à esfera do lazer, com a consequente aproximação destes aos valores do mundo do trabalho. Essas reflexões estão relacionadas ao processo de planejamento e realização de um seminário sobre direito ao turismo, realizado pelo Sesc, em junho de 2018, em São Paulo.

Palavras chave: Turismo. Direitos humanos. Lazer. Direitos culturais.



TURISMO, LAZER E DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA ROTA DAS GRUTAS LUND

Ana Paula Guimarães Santos Oliveira; Christianne Luce Gomes

anapaulagsantos@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Grupo de Pesquisa LUCE – Ludicidade, Cultura e Educação/FAPEMIG, Belo Horizonte, MG, Brasil

Este estudo resulta de parte de um mestrado de doutorado do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O objetivo consistiu em avaliar a interação e integração entre três conceitos na conjuntura do projeto estruturante Rota das Grutas de Peter Lund: turismo, lazer e desenvolvimento regional. Pondera-se que, ao implementar projetos relacionados ao desenvolvimento do turismo e pelo turismo, é necessário que seu escopo contemple a provisão de resultados para a geração e manutenção de riquezas para a coletividade e o ambiente local. No entanto, nem sempre é essa a orientação assumida pelas governanças. É nesta perspectiva que este trabalho está estruturado e discute resultados relacionados a uma rota turística recém-criada no estado de Minas Gerais. A discussão redireciona o olhar para o desenvolvimento humano, considerando o direito ao lazer e ao turismo, e esses como vetores de transformação pessoal e social. Os marcos teóricos que fundamentam a investigação consideram que o desenvolvimento regional do turismo e do lazer se relaciona a práxis sociais coletivas, em uma relação dialógica no tempo/espaço, invitando um compromisso democrático para a realização de um objetivo comum (SEN, 2000; GEETZ, 2001; SANTOS, 2010; FIGUEIREDO & NÓBREGA, 2015). Com base em software, entrevistas e análise de dados pretende-se cruzar informações que contemplem os três aspectos temáticos: turismo, lazer e desenvolvimento regional. Os dados foram submetidos à análise de cluster, que consiste em uma técnica exploratória para análise multivariada, para agrupar sujeitos ou variáveis obtidas a partir de medidas de semelhança ou dessemelhança, com a finalidade de identificar inter-relacionamentos entre sujeitos e os conceitos em análise. Os resultados evidenciam que a integração entre os atores oscila entre mediana à fraca, o que do ponto de vista do desenvolvimento regional configura-se como uma fragilidade. Essas, por sua vez, são caracterizadas pela atuação individualizada de cada uma das instâncias de governança, que seguem seus próprios princípios e objetivos, limitando o diálogo, bem como ações coletivas. Por outro lado, a análise da interação entre os temas turismo, lazer e desenvolvimento regional foi constatada como forte. Esses resultados, quando relacionados à análise de conteúdo, evidenciam que ainda persistem os argumentos que relacionam sobretudo o turismo, a uma dimensão economicista, e que em projetos como o estudado, o lazer não é considerado. Concluindo, a relação turismo, lazer e desenvolvimento regional apontam para uma abordagem mais humanizada e endógena, orientada para necessidades – que não sejam apenas as do mercado, mas sim das pessoas e do meio ambiente. Requer, portanto, a desvinculação da percepção do turismo e do lazer sob um viés exclusivamente mercadológico, pois esse modelo vem apresentando sinais que indicam a necessidade de mudança. Significa atribuir valor diferente para essa atividade, conferindo maior peso à dimensão humana, e tentar reduzir alguns efeitos nocivos como, por exemplo, a pressão decorrente da massificação sobre o meio ambiente e a sociedade. Em outras palavras, denota mudar toda uma atribuição de significados para o turismo e o lazer, ou seja, mudança de postura.

Palavras-chave: Turismo. Lazer. Desenvolvimento regional. Governanças públicas.



USABILIDADE DE SITES NO CAMPO DO TURISMO E HOSPITALIDADE

**Marília Amabile Guarizo; Luís André Pereira Oliveira; Ana Paula Guizarde Teodoro;
Renata Laudares Silva; Nara Heloísa Rodrigues; Gisele Maria Schwartz**

mah_guarizo@hotmail.com

Laboratório de Estudos do Lazer (LEL) - Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, SP, Brasil

No âmbito da hospitalidade, os *sites* podem ser um mecanismo para agrupar os hotéis de categorias semelhantes, possibilitando ao turista comparar o que é oferecido em cada local, identificando vantagens e contrapontos dos hotéis e, assim, aumentando as escolhas. Por outro lado, os gestores têm a possibilidade de conhecer a concorrência, o que pode resultar no aumento da competitividade ou gerar parcerias ou apoios em momentos de crise. No Brasil, o campo dos *resorts* conta com a Associação Brasileira de Resorts, fundada em 2001 por iniciativa de líderes deste segmento, a fim de identificar, avaliar e discutir temas pertinentes ao contexto. Essa associação conta com um *site*, o qual apresenta os *resorts* associados e reúne informações relevantes para o cenário. No entanto, as informações constantes neste *site* parecem não atender adequadamente a esses propósitos, haja vista que há divergências nos conteúdos apresentados. Para que um *site* alcance seus objetivos, torna-se necessário levar em consideração questões relacionadas à usabilidade, a qual irá garantir aspectos de funcionalidade e de atratividade. Tendo em vista, estes aspectos, este estudo, de natureza qualitativa, teve por objetivo analisar atributos da usabilidade do *site* da Associação Brasileira de Resorts, tomando por base as heurísticas de Nielsen (2000), especificamente, os atributos conteúdo e *layout*. Esta pesquisa, do tipo descritivo-exploratória, foi realizada por meio do preenchimento de um formulário desenvolvido especificamente para coletar as informações sobre o conteúdo e *layout* no *site* da Associação Brasileira de Resorts. Os dados foram coletados no mês de agosto de 2017 e analisados por intermédio da Técnica de Análise de Conteúdo, com duas categorias relativas a conteúdo e *layout*. Os resultados indicam que, no *site* havia um calendário com todos os eventos, divulgação dos *resorts* associados, bem como, apresentava a associação e sua história. Contudo, em relação a esse conteúdo, as informações sobre o número de *resorts* associados por estado são apresentadas em três locais diferentes, mas de modo divergente. Em um local, constavam 50 *resorts* associados, distribuídos em 14 estados, os quais ofereciam 14.389 leitos e geravam 18.665 empregos diretos. No segundo local apareciam discriminados apenas 48 *resorts* em 13 estados. No terceiro local havia um mapa, onde estavam apontados 22 *resorts* em sete estados. Quanto ao *layout*, há equilíbrio entre cores e letras, permitindo uma visibilidade agradável e harmoniosa. Entretanto, a visualização do mapa *resorts* associados era limitada e, ao aumentá-lo, perdia-se a visão do todo, reduzindo sua função de ser interativo e de auxiliar na melhor compreensão da informação. Essas inconsistências do *site* podem acarretar o desinteresse por parte de quem navega e trazer prejuízos para a imagem da associação analisada. Sendo assim, a constante atualização do *site* e a coerência das informações disponibilizadas tornam-se indispensáveis para garantir o sucesso da associação. Sugerem-se novos estudos acerca da temática usabilidade, a fim de aprimorar a apresentação de *sites*, bem como, a gestão eficaz da informação no campo do lazer e da hospitalidade.

Palavras-Chave: Lazer. Usabilidade. Hospitalidade. *Resorts*.



VOLUNTEER TOURISM-PERCEPTIONS AND IMPACTS

Carolín Lusby; Jennifer Gonzalez

clusby@fiu.edu

Chaplin School of Hospitality and Tourism Management, Florida International University, Miami, Florida, USA

Volunteer tourism has become increasingly popular, as more and more travelers seek experiences beyond seeing sights and mere sun and fun holidays. In search for the “authentic” adventure, volunteers engage in social projects in order to give back through their travels. Previous research has shown that these experiences can tremendously change the world view of the traveler and as such have impacts beyond the immediate tourism experience, as they potentially impact buying patterns and lifestyle. As more commercial tour operators offer volunteer experiences for a profit, interests of the traveler often come at a cost to the local community. Previous studies have highlighted that knowing about the expectations and motivations of the traveler can help operators to better prepare volunteers. For the traveler, it becomes increasingly important to find ethical operators which ensure child protection, do not engage in poverty marketing, and have solid local partnerships which give back. Previous research has further shown that selection and preparation of volunteers are insufficient in most commercial operators. The purpose of this study then was to shed light on the expectations and impacts the participant or volunteer attains from engaging in this type of tourism experience on an intrapersonal level. This qualitative study examined traveler motivations to participate in volunteer tourism, expectations towards the experience and the operator and what they gained from it. Interview questions asked about reasons for going on a volunteer trip, what the traveler was hoping to get out of it, perceptions of a “good” or “ethical” operator, what ethics in travel means to the subject, and what the experience meant to them upon return. The study examined how important ethics of the operator is for the traveler, and what it means to them. The purposive sample was achieved using maximum variation and snowball sampling techniques, and consisted of 13 travelers with various backgrounds and experience levels in volunteer tourism. Interviews were taped, transcribed and analyzed using the constant comparative method of grounded theory. Several themes and subthemes emerged. Results show that almost all travelers were deeply touched by the experience that few had clear expectations of their volunteer holiday and that travelers in general were unaware of the ethical issues volunteer tourism can have or how to select an ethical operator. Themes that emerged relating to impacts on the traveler were the feeling of being one human race, realigning priorities in life, wanting an authentic non touristic experience and wanting to give back. A deep background in volunteer tourism is given in the presentation and findings and implications are discussed in detail.

Keywords: Travel. Volunteer. Ethics. Impacts. Sustainability.



WHAT ARE ATTRIBUTES IMPORTANT TO CRUISE VACATIONERS?

Frida Bahja; Cihan Cobanoglu; Katerina Berezina; Carolin Lusby

fridabahja@mail.usf.edu

University of South Florida Sarasota-Manatee (USFSM), Sarasota, Florida, USA;
Florida International University (FIU), Miami, Florida, USA

1. Introduction/Conceptualization - Cruise tourism represents one of the fastest developing sectors of tourism (Duffy, 2013), generating five to ten percent of the total annual global economy (Ballini & Bozzo, 2015) with more than 448 cruise ships available (Cruise Lines International Association (CLIA), 2005). Worldwide, 89% of cruise customers were highly satisfied with their cruise vacation in 2015 (CLIA, 2015). Travel agents in the cruise industry reported that from 2010 to 2016 the demand for cruise vacations increased by 68%. In 2016, CLIA estimated 24.2 million passengers to cruise and for 2017 the number of passengers expected to cruise was 25.3 million (CLIA, 2017). CLIA's Report (CLIA, 2016b) revealed that 42% of respondents chose the 'ocean cruise vacation' as the most preferred method of vacation in comparison to all other types of vacations. The growth of the cruise industry stirred interest for researchers to analyze the attributes influencing the cruise customers' decision-making process (Petrick, Li & Park, 2007). Several studies have examined the importance of the cruise vacation's attributes in the cruise vacationers' selection process (Ackerman, 2015; Adams, 2014; Ahmed, Johnson, Pei Ling, Wai Fang, & Kah Hui, 2002; CLIA, 2016c; De La Vina & Ford, 2001; Juan & Chen, 2012; Xie et al., 2012). This study focused on U.S. Cruise Vacationers.

2. Approach/Description - A self-administered web survey was used in this research study. A screening question opened the survey accepting only respondents that had at least one cruise vacation experience. The survey investigated the importance of cruise attributes scale adopted from the Ackerman (2015) study. Five-point Likert-scale values were based on Qualtrics.com importance scale (not at all important (1), slightly important, moderately important, very important, extremely important (5)). The survey was distributed via Amazon's Mechanical Turk (MTurk). After cleaning the data, the study had 450 suitable responses.

3. Considerations/Conclusions - The results of this study showed that four cruise attributes were considered extremely important: cruise vacation price 57.78%, getting away from it all 47.33%, relaxation 46.22%, and spending time with friends and family 38.67%. Other fourteen attributes were considered as very important when booking a cruise vacation such as activities on board 40.22%, environmental friendliness of the cruise line 26.44%, online reviews 40.00%, class of ship 35.56%, cruise line 33.11%, cuisine 41.11%, opportunity of experiencing local culture 32.67%, itinerary 38.44%, duration of a cruise 45.11%, distance from cruise port 31.33%, sightseeing (Archaeological, Historical) 30.22%, sightseeing (Nature) 37.56%, trying new experiences 40.44%, and water activities in port (diving, snorkeling, beaches) 29.11%. Shopping in cruise vacations was slightly important 28.44%, and accessibility of accommodations for disabilities had was considered not at all important 44.00%. The results of this study support the cruise industry in their strategic investment for cruise attributes.

Keywords: Cruise attributes. Decision-making. Cruise attributes. Cruise vacationers.



TEMA 12
**LAZER PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
E COMUNITÁRIO**
**LEISURE FOR SOCIAL AND COMMUNITY
DEVELOPMENT**
**OCIO PARA EL DESARROLLO SOCIAL Y
COMUNITARIO**



A INFLUÊNCIA DO LAZER NA REINserÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES INFRATORES

Dayane Ferraz Lacerda Trentin; Silvia Cristina Franco Amaral

dayatrentin@hotmail.com

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp),
Campinas, SP, Brasil

Este estudo objetiva identificar se o desenvolvimento de práticas corporais de lazer no contexto de Instituições de Atendimento Socioeducativo influencia o processo de reinserção social de adolescentes infratores e, em caso afirmativo, em que sentido esta influência ocorre. O tema se faz relevante devido à recorrente demanda no sistema social-jurídico brasileiro em relação à redução da maioria penal, delineada pela Proposta de Emenda à Constituição nº 171/1993 e que voltou a chamar a atenção da sociedade no ano de 2015, com a aprovação da mesma na Câmara de Deputados. Entende-se que tal redução, nos termos apresentados, contraria o processo legal definido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo para a ressocialização de adolescentes infratores. Percebe-se a necessidade de estudos e propostas alternativas a esta medida quanto ao combate à violência, uma vez que “dos 21 milhões de adolescentes brasileiros, apenas 0,01% cometeu atos contra a vida” enquanto que “o Brasil é o segundo país no mundo em número absoluto de homicídios de adolescentes” (UNICEF, 2015). Assim, propõe-se pensar sobre como o lazer “entendido por Mascarenhas (2000: 17) como “tempo e espaço para o exercício da cidadania e prática da liberdade” “ pode influenciar na reintegração social desses indivíduos, contribuindo para o desenvolvimento da personalidade, senso crítico e auto percepção enquanto cidadão. A pesquisa foi estruturada em três etapas: inicialmente, fez-se uma pesquisa de revisão bibliográfica a fim de identificar artigos e outras revisões que embasassem o pressuposto inicial. O segundo passo foi a realização de entrevistas com indivíduos que tivessem experiências dentro do processo de ressocialização e no âmbito das medidas socioeducativas delineadas pelo ECA; finalmente, os dados coletados teórica e empiricamente foram relacionados entre si, a fim de compreender-se como a legislação e o campo prático interagem nesse contexto. Dados tais procedimentos, o estudo organizou-se em três grandes temas centrais: Medidas Socioeducativas, Juventude e Lazer enquanto Prática Educativa. Concluiu-se, assim, que as práticas corporais de lazer têm grande potencial no sentido de auxiliar na formação de caráter, senso crítico e cidadania nos jovens em cumprimento de medida socioeducativa. O tempo-espaço do lazer pode ser utilizado para dar autonomia aos adolescentes, de modo que estes sejam estimulados a um processo de autoconhecimento, formação de autoestima e reflexão quanto à sua capacidade e potencialidades. Dessa forma, o adolescente infrator pode utilizar-se de tais práticas para perceber quais são os caminhos alternativos ao ato ilícito, que o afastam da criminalidade e o levem a constituir-se enquanto cidadão. Faz-se necessário que a sociedade e o Estado passem a compreender o jovem enquanto sujeito de direito, pois somente desta forma será possível proporcionar a essa população a igualdade de oportunidades e permitir sua sobrevivência.

Palavras-Chave: Adolescentes. Medida Socioeducativa. Práticas corporais. Lazer.



ACOLHENDO EM PARELHEIROS: UMA EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL PELO TURISMO

Isabel Aparecida dos Santos Mayer; Cláudia Dias Nogueira; Valéria Maria Macoratti; Thaise Costa Guzzatti

belsantos@uol.com.br

Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário Queiróz Filho – IBEAC, São Paulo, São Paulo, Brasil; Acolhida na Colônia – FAAC, Santa Rosa de Lima, Santa Catarina, Brasil; Cooperativa Agroecológica dos Produtores Rurais e de Água Limpa da Região Sul de São Paulo – Cooperapas, São Paulo, São Paulo, Brasil

O projeto *Acolhendo em Parelheiros* é desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário Queiróz Filho – IBEAC, em parceria com a Associação Acolhida na Colônia e a Cooperativa Agroecológica dos Produtores Rurais e de Água Limpa da Região Sul de São Paulo – Cooperapas, em território de alta vulnerabilidade social que compreende duas Áreas de Proteção Ambiental Municipal (Capivari-Monos e Bororé-Colônia) e é reconhecido como Polo Ecoturismo Parelheiros/Marsilac/Ilha do Bororé da cidade de São Paulo pela Lei nº 15.953/2014. Considerando que uma das ações previstas no Plano Nacional do Turismo é o fomento do Turismo de Base Comunitária (TBC) para “promover a qualificação e diversificação da oferta turística, com a geração de trabalho e renda, e a valorização da cultura e do modo de vida local”, o *Acolhendo em Parelheiros* estrutura ações para o desenvolvimento local nos âmbitos econômico, social, ambiental, político e cultural desta região. O projeto organiza-se com base em seis etapas: mobilização, formação, estruturação, receptivo, resultados e gestão, sendo que a formação, marco estruturante da metodologia do projeto que está em desenvolvimento, abarca atividades de planejamento didático-pedagógico, diagnóstico participativo, oficinas e visita de imersão à Acolhida na Colônia, em Santa Catarina. Após a apresentação do projeto para associados da Cooperapas, instituições locais e atuantes na área do turismo, constituiu-se um grupo com sete propriedades rurais da Cooperapas, um empreendimento social de alimentação saudável (*Amara*) e dois projetos sócio-culturais (*Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura* e *Vargem Grande Comunidades Saudáveis*) que integrarão o roteiro turístico. O diagnóstico participativo identificou de forma coletiva as potencialidades turísticas que cada unidade poderia oferecer ao ser visitada pelos demais integrantes e alguns parceiros. Durante a “visita”, um representante apresentava o espaço (propriedade rural ou equipamento sociocultural) desde a infraestrutura disponível até áreas de plantio, recursos naturais e espaços de lazer e cultura. Ao final, os participantes destacavam as fortalezas e fragilidades de cada unidade nos aspectos do atendimento/recepção, sinalização, paisagismo, atividades e atrativos, estrutura de alimentação e hospedagem entre outros, visando identificar os potenciais e as mudanças necessárias (infraestrutura e serviços) para torná-la mais hospitaleira. Observam-se como resultados a incorporação de conceitos e práticas entre um diagnóstico e outro; uma crescente apropriação dos princípios do TBC e a importância da autenticidade do rural como um atrativo para os visitantes; a crescente auto-valorização do grupo de forma geral e das propriedades em particular – se antes tinham dúvidas quanto ao potencial turístico da região e de suas propriedades, hoje desejam permacer e investir neste nicho. Desde o início do projeto, algumas propriedades têm recebido visitas, especialmente de escolas e universidades que demandavam esta modalidade



de turismo na cidade de São Paulo; é notória a articulação solidária desencadeada pelo projeto: há indicação de melhorias entre as unidades, colaboração no diagnóstico participativo, indicação de visitas, compra e venda de produtos, apoio em visitas etc. O *Acolhendo em Parelheiros* tem repertório para desenvolver um roteiro integrando as unidades de turismo local, mas também, um roteiro complementar à política municipal de turismo de São Paulo.

Palavras chave: Turismo de base comunitária. Desenvolvimento comunitário. Ecoturismo. Parelheiros. São Paulo.



ANÁLISE DO LAZER NA VILA DA PAZ EM BELO HORIZONTE/MG

Paula Ângela de Paula; Patrícia Zingoni

pauladepaula@uol.com.br

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUCMG,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

A presente pesquisa visou investigar quais equipamentos públicos destinados à prática de atividades físicas e culturais existiam nos territórios compreendidos pelo Programa Judicial para Remoção e Reassentamento Humanizado de Famílias do Anel Rodoviário e BR-381 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Decidimos realizar a pesquisa na Vila da Paz, por ser a menor delas, mas com alto nível de vulnerabilidade social, visto na falta de saneamento e iluminação pública. Interessava-nos também saber qual acesso as pessoas tinham aos equipamentos de lazer e como elas se apropriavam do caráter quantitativo e qualitativo do tempo/espaço no cotidiano de suas vidas. Para tal, elaboramos um instrumento composto de um cartaz de um metro quadrado com a foto de uma casa no centro. A casa tem dois círculos riscados em sua volta, distantes dez centímetros um do outro. O primeiro círculo se refere aos lugares considerados perto de casa, ou seja, onde as pessoas podem ir a pé. O segundo círculo faz alusão aos lugares distantes de casa, ou acessíveis pelo uso de transporte. Elegemos 50 imagens (selecionadas na internet) para serem cartas representativas dos equipamentos públicos que um bairro comum de uma cidade urbanizada deveria ter. Essas cartas foram divididas em três categorias: 1) cultos religiosos; 2) equipamentos de lazer, esportivos e culturais; 3) serviços públicos de saúde, educação, segurança, mobilidade, moradia, trabalho, saneamento etc. A amostra escolhida foi o público de crianças/adolescentes e mulheres que participam das atividades realizadas pela equipe de educação física do Eixo Socioeducativo do Programa de Conciliação. O trabalho com as crianças e adolescentes foi diferente do dia em que atendemos as mulheres e nós dividimos a sessão em duas partes. Na primeira, as pessoas eram convidadas a colocar no mapa as imagens dos equipamentos que existiam no território de acordo com sua percepção subjetiva de distância (longe ou perto de casa), marcando a acessibilidade ou não dos equipamentos. Na segunda parte, as pessoas deveriam colocar no mapa os equipamentos que desejariam ter no futuro território onde iriam morar. A pesquisa constatou escassez de oportunidades de vivências culturais lúdicas, insuficiência de locais públicos adequados ao lazer e falta de conhecimentos das pessoas sobre as diversas modalidades esportivas e culturais, reiterando diagnóstico prévio realizado pelos técnicos do Programa. Além disso, foi constatado que a percepção de distância varia de acordo com a idade, mas também pelo medo da insegurança pública. Assim, os mais velhos julgam que um lugar é mais próximo do que uma criança porque conseguem ter acesso a ele sem usar transporte público. Mas mesmo as mulheres podem achar o mesmo lugar longe, por ser perigoso acessá-lo a pé. Descobrimos também que as crianças e adolescentes ainda sonham ter acesso aos bens culturais e de lazer, enquanto as mulheres já desistiram disso, chamando nossa atenção para a realidade concreta de suas condições materiais de vida.

Palavras chave: Direito ao lazer. Programas sociais. Subjetividade.



ARTICULANDO INSTITUIÇÕES, MOVENDO PESSOAS: OCUPAÇÃO URBANA ESPORTIVA PRAÇA ALTEMAR DUTRA

Janaína Lima da Silva; Camile Lopes Magalhães; Gerson Luiz de Sousa

janalima.jls@gmail.com

Serviço Social do Comércio – SESC, São Paulo, São Paulo, Brasil

No encerramento da *Semana Latino-Americana de Esporte e Atividade Física – Semana MOVE*, ação que tem como objetivo conscientizar a população sobre a importância de praticar atividade física regularmente –, o Sesc Ipiranga, junto com a comunidade, instituições e organizações sociais de Heliópolis (bairro localizado na região Sul da capital paulista), e com apoio da prefeitura regional, promoveu, nos dias 30 de setembro e 01 de outubro, a *Ocupação Urbana Esportiva* na Praça Altemar Dutra. A praça está localizada ao lado do *Complexo Viário Escola de Engenharia Mackenzie*, próximo ao Terminal Sacomã, e é composta por duas quadras, uma academia ao ar livre e um extenso gramado. A iniciativa buscou articular os moradores da região, estreitar o diálogo entre as instituições e outros atores envolvidos e promover a ocupação do espaço público com esporte e lazer, bem como incentivar sua requalificação e manutenção. A articulação para essa ação teve início em junho, quando os monitores de esportes Gerson Luiz e Elder Deorato, em visita à praça para conhecer o espaço, encontraram o líder comunitário Renato Mundes, que estava com amigos pintando a quadra para a realização de um torneio de futsal que aconteceria no final de semana subsequente. Aconteceu uma conversa rápida para explicar a proposta de parceria e logo o Renato demonstrou interesse. A partir desse encontro, foram estabelecidos outros momentos para conversar com as pessoas da comunidade a fim de saber o que elas desejavam, o que era importante, quais eram as necessidades para a realização de uma ocupação do espaço, quais atividades existiam na comunidade e como trazer luz a elas. Foram realizadas reuniões semanais com o objetivo de sensibilizar e envolver o maior número de pessoas da comunidade e articular instituições e organizações sociais da região para a animação cultural do espaço. A animação cultural tem como pontos principais a mediação e o estímulo aos indivíduos, provocando questionamentos e o posicionamento de forma crítica e ativa para uma formação societária mais justa e democrática. Com a articulação da comunidade e mediação do Sesc, a cada reunião outras pessoas eram envolvidas no processo, trazendo suas contribuições e também envolvendo outros atores. Esse processo resultou em uma rede com mais de 15 instituições, que ocuparam a praça durante todo o dia no final de semana dos dias 30 de setembro e 01 de outubro com várias atividades esportivas e culturais, tais como capoeira, futebol americano, *floorball*, basquete, dança, música, teatro e oficina de *grafitti*, aproximando novamente a comunidade da praça, espaço que até então estava abandonado, e despertando o interesse deles em continuar esse trabalho na Praça Altemar Dutra e também replicá-lo em outros espaços da comunidade.

Palavras chave: Comunidade. Esporte. Articulação. Animação cultural. Espaço público.



AURORA DO LAZER: METODOLOGIA PARTICIPATIVA PARA VIVÊNCIAS COMUNITÁRIAS DE LAZER

Laiza Barbosa Lima; Rodrigo José de Albuquerque; Ataíde dos Santos Marinho; SILVA, Iraneide Pereira da Silva

laizabarbo@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), Recife, PE, Brasil

Embora a cidade do Recife historicamente possua inúmeros parques, praças e outros equipamentos de cultura e lazer, a praia e, posteriormente, os *shoppings centers* assumiram o status de principais alternativas de lazer da população. Nos últimos cinco anos (a partir de 2013), a Prefeitura da Cidade do Recife (PCR) começou a investir em programas, projetos e estruturação de espaços que estimulam a vivência do lazer em espaços públicos pelos residentes e visitantes. Dentre os espaços de lazer disponíveis da cidade existe a Rua da Aurora que, além de estar na área central da cidade, dispõe de: cinema, teatro, museus, prédios públicos, escolas de arte entre outros, e o calçadão com: parque infantil, mirante com vista para o rio, banquinhos, pista de *skate*, quadra poliesportiva, equipamentos para ginástica etc. A partir da realização de uma pesquisa, que contou com um questionário *online*, entrevistas e observação de campo não participante, para identificar os motivos da baixa utilização da Rua da Aurora como espaço de lazer, percebeu-se que os projetos e ações municipais têm levado o recifense às ruas para práticas de lazer, também foi observado uma suposta dependência a esses projetos, permanecendo esvaziados os espaços não contemplados pelo poder público. Com isso, percebeu-se a necessidade do comprometimento e participação ativa da população no desenvolvimento de suas práticas de lazer. A partir da identificação de experiências em metodologias participativas de lazer tais como: Bela Rua e Círculos Populares de Lazer, foi percebida a importância de desenvolver uma metodologia participativa que possibilitasse que a comunidade, de forma independente, junto a um mediador, estruturasse suas próprias vivências. Neste sentido, propõe-se o projeto Aurora do Lazer, que consiste em sete encontros, sendo: cinco oficinas de avaliação, idealização e estruturação; um evento; e um encontro de avaliação. As duas primeiras oficinas tratam da construção de um diagnóstico coletivo e a sistematização dos dados obtidos, além de indicação e escolha dos profissionais e atores que realizarão as atividades (deixando sempre, de um encontro para o outro, tarefas a se cumprir). Nas duas oficinas seguintes, propõe-se a discussão do que foi alcançado até o momento, realizar ajustes, analisar os progressos, verificar parcerias, programação, estrutura e disponibilidade. Por fim, a realização de uma oficina antes da intervenção, que será uma reunião de designação e capacitação com as pessoas que vão trabalhar no evento. O sexto encontro é a realização do evento. Um encontro de avaliação será realizado após o evento, com aqueles que atuaram na construção da intervenção, relatando sua experiência durante o processo. O objetivo dessa metodologia é incentivar a democracia e coletividade, onde haja a valorização daquilo que é local, sensibilizando o indivíduo a ter autonomia na criação de suas intervenções. Ressalta-se o interesse das pessoas em fazer uso dessa metodologia identificado no questionário e entrevistas. Ao longo de 2018, esta metodologia será implantada como um projeto piloto em outra localidade, com espaço menor, que possibilite um maior controle de cada processo da proposta.

Palavras-Chave: Lazer. Metodologia participativa. Oficinas.



BRINQUEDO DE MIRITI: LAZER E/OU TRABALHO PARA ARTESÕES DE ABAETETUBA (PA)

Douglas Carvalho Rocha; Pablo Vitor Viana Pereira; Rodrigo Almir Araújo Miranda
pablo.viana28@gmail.com

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil

Esta pesquisa teve como objetivo refletir sobre as relações entre o lazer e os brinquedos de miriti dos artesões do município de Abaetetuba, no estado do Pará. Para contextualizar a temática, cabe dizer que, em meados do mês de setembro, os aspectos visuais, sonoros, espirituais e religiosos na cidade de Belém do Pará recebem outra configuração. Nesse período ocorre a preparação para o que é considerada a maior festividade religiosa do Brasil – o Círio de Nazaré. Entre os principais objetos-símbolos da festa estão os brinquedos de miriti, que são confeccionados por artesãos do município de Abaetetuba, interior do estado. A produção de brinquedos de miriti, também ocorre em outros momentos do ano, sendo comercializados em lojas e feiras nacionais e internacionais; no entanto, é no Círio que ganha maior visibilidade. Estes são feitos a partir dos talos ou “braços” que seguram as folhagens da palmeira típica da região. Os talos são postos ao sol para secar e os artesãos esculpem o seu miolo, utilizando instrumentos apropriados, dando a forma desejada e usada, principalmente, no lazer do ribeirinho, em forma de brinquedos (bonecos, pequenas casas, canoas etc.). Esses brinquedos demonstram um pouco da cultura paraense e do ribeirinho, que mora nas ilhas próximas à Belém e em municípios à beira do rio, dentre estes, o município de Abaetetuba. O brinquedo de miriti é sinônimo de brincadeira, que o ser humano busca observar, fantasiar e dar sentido ao que lhe cerca, já que este se utiliza de elementos da floresta amazônica (miriti) para transformá-los artesanalmente em elementos lúdicos criativos. Este artesanato se tornou um ícone presente na festividade do Círio de Nazaré e vêm intercambiando as relações entre a arte de brincar e as oportunidades de trabalho. No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, optou-se por uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e pesquisa de campo, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2001) com os artesãos residentes no município de Abaetetuba, no período dos três meses anteriores ao Círio de Nazaré do ano de 2016. Como instrumentos de registros e coleta dos dados foram empregados: uma câmera e um diário de bordo. Como resultados, percebeu-se que os brinquedos de miriti, enquanto símbolo da cultura abaetetubense, e, originalmente, confeccionado pelas crianças para atividades lúdicas (FERREIRA; FIGUEIREDO, 2014), torna-se artesanato na festividade do Círio e, principalmente, uma oportunidade de renda.

Palavras chave: Lazer. Miriti. Abaetetuba. Pará.



CORRIDA DA GALINHA: O LAZER DE UMA FORMA “DIFERENTE”

Amâncio Neto Moura

amancio_neto_@hotmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, Recife,
Pernambuco, Brasil

Situada no Agreste Pernambucano, a 207 km da capital Recife, a Corrida da Galinha é sediada na cidade de São Bento do Una, maior produtora de ovos e frangos para abate do estado de Pernambuco. A Corrida da Galinha teve início através de uma brincadeira entre amigos em 1992, onde eles se reuniam para “tanger” galinhas e ver qual alcançava uma determinada marca primeiro. Em 2017, a festa chegou à sua vigésima edição, e hoje, além de atrair milhares de turistas para a cidade, é uma das festas mais conhecidas do calendário festivo de Pernambuco. Este relato de experiência tem como objetivo mostrar como o evento atua diretamente no desenvolvimento social da cidade de São Bento do Una, além de mostrar os fatores positivos e a importância para os moradores como forma de prática do lazer. Foram realizadas visitas à cidade e ao evento, entrevistas e questionários com os moradores e turistas que visitavam a cidade, ambos com a finalidade de avaliar o impacto que o evento causava na cidade e no turismo, além de uma entrevista com a Prefeita Débora Almeida, onde foi questionada a importância do lazer na cidade e do evento como prática de lazer para a própria população. O evento hoje conta com uma grande estrutura montada no parque de exposições Eládio Porfírio de Macedo, onde a prefeitura organiza um tipo de labirinto cercado por arame e com areia no chão, esse labirinto é chamado de “Galinódromo”, sendo o lugar onde as galinhas vão competir. A brincadeira atrai turistas de todos os lugares, e hoje, com a grande proporção que o evento tomou, os participantes da famosa corrida começam a se preparar treinando suas galinhas meses antes; a galinha vencedora ganha um prêmio em dinheiro, e a perdedora uma panela cheia de verduras para ser cozida. Além da tradicional corrida, o evento conta com exposições, feiras, atividades culturais, palestras, shows, e outras competições como: corrida de galos, quem come uma galinha assada mais rápido, quem consegue pegar um “Guiné” em menos tempo (é uma ave que corre muito); existe também uma competição onde o vencedor é aquele que consegue comer mais ovos cozidos em menos tempo. Concluímos que a Corrida das Galinhas é uma prática de lazer diferente para os moradores da cidade, pois é o evento mais aguardado por todos, além de ser o que mais atrai turistas para a cidade – percebemos que as pessoas procuram mais a cidade na época da corrida, além da geração de empregos que contribui muito com parte da população que aproveita a semana festiva para montar barracas no local da festa e vender comidas, objetos, artesanatos, entre outros. Tudo isso contribui de uma forma muito positiva para o desenvolvimento da cidade através do evento.

Palavras chave: Corrida. Galinhas. Pernambuco.



CRIAR E RECREAR: ATIVIDADES DE LAZER PARA A COMUNIDADE AVAREENSE

Raquel Marrafon Nicolosi; Luciana Pereira de Moura Carneiro

raquelmarrafon@ifsp.edu.br

Instituto Federal de São Paulo – IFSP, Campus Avaré, São Paulo, Brasil

Os alunos do Curso Técnico em Lazer integrado ao ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP – Campus Avaré) têm vivenciado diferentes práticas de lazer e recreação na comunidade avareense, estância turística localizada no interior do estado de São Paulo. Nessas atividades, os alunos passam por diferentes espaços públicos e privados, como escolas municipais, estaduais e federais, praças públicas, asilos, clubes, hotéis etc, a fim de incidir na transformação de indivíduos e comunidades por meio do lúdico e vivenciar os conceitos trabalhados em sala de aula. Essa experiência é coordenada por duas professoras da Área de Hospitalidade e Lazer da instituição, que definem os espaços de realização das atividades em função das faixas etárias e temáticas a serem abordadas. Isso significa que os alunos passam por todas as faixas etárias em ordem cronológica, indo da creche ao asilo, e desenvolvem atividades temáticas personalizadas para cada público-alvo. As programações de lazer temáticas já desenvolvidas foram o Dia do Índio, Páscoa, Meio Ambiente, Folclore, Dia da Pessoa com Deficiência, Natal e Dia da Família. Em função da realização dessas atividades, foi possível observar que o discente tem uma evolução profissional e pessoal simultaneamente. No campo profissional, pode-se dizer que ele aprende de forma prática a lidar com situações inéditas, a trabalhar em equipe, a planejar e executar uma programação de lazer desde a ideia até a avaliação, a ter postura profissional, conhecer o momento no qual as atividades devem ser iniciadas e interrompidas, lidar com o imprevisto etc. Já na parte pessoal, é possível constatar que ele desenvolve sua cidadania, tornando-se mais consciente de suas atitudes, da diversidade cultural e social que o cerca e da importância de sua atuação nesse contexto a fim de transformá-lo positivamente. O lazer é um direito de todos garantido constitucionalmente e ao mesmo tempo um princípio de construção cidadã capaz de transformar olhares (MARINHO et al., 2011) e tecer novas narrativas na vida das pessoas. Nesse sentido, os próprios alunos constatarem, ao final das atividades, que através do lazer é possível introduzir novas abordagens sobre diversos temas, expandir os limites culturais e de informação dos participantes, além de ampliar seu acesso ao lazer. Para Gomes e Isayama (2015, p. 35), “o direito ao lazer pode cumprir um papel importante para o amadurecimento de uma cidadania ativa e efetiva no Brasil”. Acredita-se que as atividades externas desenvolvidas no Curso Técnico em Lazer possibilitam o estabelecimento de estreita relação entre a teoria e a prática e que, ao se relacionarem, tornam efetivo o direito constitucional, uma vez que o lazer é promovido de forma personalizada, executado por uma equipe preparada enquanto futuros Técnicos em Lazer e, o mais importante, sem qualquer ônus para os grupos sociais menos favorecidos economicamente.

Palavras chave: Técnico em lazer. Comunidade externa. IFSP.



ESPORTE, LAZER E SOCIALIZAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Wihanna Cardozo de Castro Franzoni; Alcyane Marinho

hanna.franzoni@gmail.com

Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física – LAPLAF/UDESC/CNPq, Centro de Ciências da Saúde e do Esporte – CEFID, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

O estágio supervisionado no ensino superior é de extrema importância para a formação acadêmica, pois vislumbra a aplicação prática de conteúdos teóricos, ultrapassando os limites das disciplinas curriculares. Além disso, esse processo permite que o acadêmico procure aperfeiçoar seus conhecimentos e suas habilidades, aprimorando valores como respeito, reponsabilidade e autonomia. Partindo dessa perspectiva, esse trabalho constitui-se no relato de uma experiência vivenciada no “Estágio Curricular Supervisionado II: Recreação e Lazer”, do curso de Bacharelado em Educação Física do Centro de Ciências da Saúde e do Esporte (CEFID), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). As atividades foram realizadas no *Instituto Guga Kuerten* (IGK), em Florianópolis (SC), no decorrer do segundo semestre de 2016. O IGK é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada em agosto de 2000, cuja missão institucional é oferecer oportunidades de transformação social. O estágio foi desenvolvido no *Programa de Esporte e Educação Campeões da Vida*, que tem por objetivo promover o desenvolvimento pessoal e social de crianças e adolescentes, entre 7 e 15 anos, atuando em sua formação. O programa mencionado contempla os diferentes conteúdos culturais do lazer por meio de três oficinas, quais sejam: Oficina Cultural; Oficina de Tênis e Oficina de Esportes Complementares. Elas são compostas por diversos profissionais das áreas de Educação Física, Jornalismo, Letras, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social, visando um trabalho interdisciplinar. Durante o período de estágio foram atendidos cinquenta crianças e adolescentes, que participaram de atividades físicas, recreativas, pedagógicas e esportivas. Quinzenalmente, a equipe se reunia para planejamento, discussão e avaliação das oficinas, que eram realizadas duas vezes por semana. Para a realização desse trabalho, o IGK tem como referência os quatro pilares da educação da UNESCO (Aprender a: conhecer; fazer; conviver; ser), utilizando o esporte como meio de desenvolvimento de competências, habilidades e valores essenciais para o convívio social. Embora devamos ter cautela com o uso do termo social como adjetivo agregado ao programa no qual foi desenvolvido o estágio, foi possível conhecer e atuar com crianças e adolescentes que se encontram em situações de pobreza, carência afetiva, abandono familiar e vivem, quase sempre, à margem da população. A desejada transformação social idealizada pelo programa é condicionada a inúmeros fatores que, isoladamente, não permitiram que o esporte e o lazer sozinhos fossem os responsáveis por qualquer mudança. No entanto, ainda assim, as experiências com o planejamento, com a execução, a vivência e a avaliação de atividades esportivas e de lazer com esse público oportunizaram aprendizados significativos de formação acadêmica, mas, inclusive e especialmente, de ordem pessoal. O estágio tornou possível o exercício da profissão, estimulando as reponsabilidades do acadêmico e aprimorando condutas e atitudes exigidas para ser um profissional de Educação Física, considerando que este é um formador de opinião e transformador das novas gerações, com todas as potencialidades, mas também dificuldades, contradições e tensões que isto acarretará.

Palavras chave: Educação Física. Lazer. Estágio curricular.



FINANCIAMENTO DO ESPORTE E LAZER: DE FHC A DILMA

Rosângela Gomes Pinali
rosangelapinali@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Este estudo investiga o montante de recursos aplicados, via orçamento da União, em políticas sociais de esporte e lazer nas gestões de Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, procurando compreender a forma como o tema foi tratado pelo poder público e quais fatores justificaram a prioridade dos investimentos nesse período. Nesse sentido, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa de cunho quantitativo-qualitativo. Com base em revisão da literatura e pesquisa documental sobre a execução orçamentária dos programas e projetos desenvolvidos pelos governos, relaciona o montante investido com o contexto político e administrativo das gestões realizadas e problematiza se o investimento público federal em esporte e lazer contribuiu para a efetivação de uma política de garantia de direitos. Historicamente, há muito tempo o esporte é alvo de atenção por parte do Estado, mas sua regulamentação só ocorreu durante o governo de Getúlio Vargas, por meio do Decreto-Lei nº 3.199/41. Entretanto, somente na Constituição Federal de 1988 o esporte foi reconhecido legalmente como direito e no que concerne ao lazer, é definido na Carta Magna como um dos direitos sociais, junto a outros direitos. Assim, o esporte e o lazer vêm se consolidando na sociedade moderna como importantes elementos na busca pela qualidade de vida, principalmente quando compreendidos como ferramenta de incentivo à cidadania. Em uma atuação intersetorial com demais políticas sociais, como saúde e educação, é entendido como possibilidade de redução da desigualdade e da exclusão social. Dessa forma, cabe lembrar que as políticas públicas, definidas como ações do governo na garantia do bem-estar e satisfação das necessidades sociais da população, se materializam por meio dos instrumentos de planejamento orçamentário e da participação da sociedade na construção e definição das prioridades desses instrumentos. Entretanto, muito ainda precisa ser feito para que o esporte e lazer assumam sua posição e sejam tratados como direitos, por meio da intervenção ativa do Estado, na construção de uma política que vise sua efetivação. Nesse sentido, ainda que a Constituição Federal de 1988 represente um marco legal importante, o que se verifica é uma maior alocação de recursos no esporte de alto rendimento, privilegiando a promoção de grandes eventos esportivos em detrimento das ações de esporte e lazer voltadas para as necessidades sociais. Essa mudança de trajetória contraria e desrespeita os preceitos da Carta Magna, que determina no parágrafo II do Art. 217 a destinação de recursos públicos prioritariamente para o desporto educacional e apenas em casos específicos para o desporto de alto rendimento.

Palavras chave: Financiamento. Esporte. Lazer. Políticas Públicas.



FORMAÇÃO EM LAZER NOS PROGRAMAS DO GOVERNO FEDERAL

Marcela Gomez Alves da Silva; Dagmar Ap. C. França Hunger

marcela_gomez@ymail.com

Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus Rio Claro, SP, Brasil

A formação acadêmica e profissional no campo do lazer tem origem multidisciplinar; assim, na atualidade, observamos profissionais com diferentes formações e até sem formação, atuando no campo, principalmente em programas de políticas públicas de lazer e cultura. As políticas públicas que envolvem programas sociais buscam criar oportunidades de desenvolvimento educacional por meio de atividades que ocupem o tempo livre. Porém, frequentemente, a busca pela ocupação desse tempo não vem acompanhada de atividades que ofereçam algo além do divertimento momentâneo, no sentido de que não são considerados componentes de desenvolvimento social e pessoal, que esse tempo e que as atividades de lazer ensejam, tornando, muitas vezes, essas ações assistencialistas. Diante do exposto, destacamos os programas do Governo Federal que oferecem tal oportunidade, sem propostas de formação continuada para os agentes envolvidos. Objetivou-se investigar a formação e intervenção profissional dos agentes sociais no campo do lazer em programas do Governo Federal na cidade de Bauru (SP), identificando e analisando sua formação inicial e continuada, suas dificuldades, limitações e potencialidades evidenciadas da/para sua atuação no campo do lazer. O método de abordagem foi qualitativo e, como técnica para coleta de dados, utilizou-se a entrevista com os agentes envolvidos. A pesquisa de campo envolveu três programas do Governo Federal que estavam em andamento entre os anos de 2015 e 2016 na cidade de Bauru (SP) e não possuíam propostas de formação específica para os agentes envolvidos. Participaram da pesquisa dezesseis agentes sociais que ministravam oficinas/aulas nos programas envolvidos e se enquadravam nos grupos de interesses do lazer: artísticos, físico-esportivos, manuais, sociais e intelectuais. Das categorias de análise ficou evidenciado: a) Concepção sobre o lazer: conhecimento a partir do senso comum, predominando a visão funcionalista do lazer; b) Abordagem do lazer na graduação: não havia disciplinas que abordassem a relação entre lazer e o curso oferecido, tampouco estudos aprofundados sobre o tema; c) Formação inicial e continuada: os agentes sociais possuíam formações em diferentes áreas e poucos tinham algum tipo de curso de pós-graduação; d) Limitações e potencialidades da/para atuação e intervenção: dificuldades advindas do processo de formação inicial, pois não consideravam tal preparação suficiente para atuar nesses locais numa perspectiva crítica, emancipatória e criativa, embora houvesse a tentativa. Nesse sentido, os depoimentos revelaram que embora a formação acadêmica específica em lazer não seja imprescindível para se atuar no campo, percebe-se a necessidade de conhecimentos e estudos sobre os conteúdos e as possibilidades de intervenção na área, visando ampliar e enriquecer a prática, os estudos e as relações existentes entre a área de atuação e o lazer. Concluiu-se que uma proposta de formação continuada no campo do lazer nos programas envolvidos na pesquisa seja primordial para a atuação dos agentes sociais em locais que visam um processo educativo informal, que pode vir por meio de propostas envolvendo os conteúdos culturais do lazer que, na condição de um campo que envolve profissionais de diversas áreas, tem a possibilidade de intervir de maneira ampla, possibilitando ações interdisciplinares.

Palavras-chave: Lazer. Formação e Intervenção profissional. Políticas Públicas.



HORTA COMUNITÁRIA DA ZONA NORTE: COMUNIDADE, TERRA E CULTURA

Flávio Rodrigues da Silva; Adan Parisi

adan@sjcampos.sescsp.org.br

Horta Comunitária da Zona Norte, Araraquara, São Paulo, Brasil

Araraquara, cidade do interior do Estado de São Paulo, tem grande parte da formação e desenvolvimento de sua zona norte advinda de projetos habitacionais populares, decorrentes de políticas públicas voltadas às pessoas com menor possibilidade de acesso à moradia. O *Vale Verde* está entre os conjuntos habitacionais mais recentes e contemplou aproximadamente duas mil famílias. Erguido a partir da devastação de uma região de preservação ambiental, sequer dispõe de uma praça e/ou equipamento de lazer. São casas e mais casas em que o verde se faz presente apenas no nome e o único aparelho público é a unidade de pronto atendimento (UPA). Reflete, assim, a estrutura perversa de um sistema político-cultural que entende habitação popular enquanto meio de construção de senzalas contemporâneas, em que trabalhadores e trabalhadoras têm direito apenas a um local para minimamente repor as energias para a labuta do dia seguinte. Neste contexto e com intuito de quebra de paradigmas, discutir cultura se faz condição fundamental para a transcendência de estáticas e perspectivas perversas advindas deste projeto sociopolítico e econômico segregacionista que marca o Brasil desde sua constituição enquanto país. Mas como falar sobre mudança, transformação, coletivo em uma estrutura projetada para estagnação e individualismo? Como viver pertencimento diante da impossibilidade de existência? Plantando. Semeando. Cuidando. Semeando sonhos geridos em coletivo, plantando bananeira na terra e na roda de capoeira, dançando o samba de coco durante o arado do solo, fazendo cordel e poesia a cada muda plantada, brincando de circo, colhendo sorrisos que alimentam enquanto mais uma etapa projetada ganha concretude, e assim, um lixão clandestino cede lugar a uma horta comunitária e o que seria mais um bolsão refletindo as mazelas sociais toma corpo nas batidas do tambor e no trato da terra, refletindo existência e resistência a partir da ressignificação de espaços e olhares. A horta comunitária completará um ano em fevereiro, sua estruturação é um processo coletivo contínuo realizado por meio de reuniões entre seus idealizadores e suas idealizadoras, pessoas da comunidade em geral e instituições colaboradoras. Por meio das redes sociais, todas as ações são divulgadas tanto no intuito de apresentar o que está sendo realizado quanto de convidar a população a estar presente. As ações perenes atreladas ao plantio e colheita da horta ocorrem diariamente em um regime de escala compartilhada com moradores e moradoras da localidade. Semanalmente, nas manhãs de domingo, acontecem mutirões para ampliação da horta, melhorias estruturais, oficinas culturais e eventos pontuais com instituições parceiras. Nos últimos anos a conjuntura política brasileira colaborou para diminuir o abismo entre quem somos e o que vemos nos espelhos da TV. O trato com a terra, os saberes da cultura popular e sonhos compartilhados são, em nosso entender, meios de empoderamento, resistência e transgressão de uma pseudorrealidade que tem nas comunidades e periferias as causas, e não os efeitos, dos desdobramentos das mazelas sociais vigentes em nosso país.

Palavras chave: Cultura popular. Permacultura. Comunidade.



INTERVENÇÃO DE LAZER: CAMPANHA CAMPUS SOLIDÁRIO

Milena Thaísa Santiago Correia; Ana Elise Brayner Nunes; Alessandra Cavalcanti Correia; Camila Cavalcanti Dias da Silva; Luis Filipe da Silva de Lima; Ana de Fátima Bastista da Silva; Ruth Mitely Germano de Lima

milenathaisa@outlook.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, Recife, Pernambuco, Brasil

Os alunos do segundo período (turno manhã) do Curso Superior Tecnólogo em Gestão de Turismo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) – Campus Recife elaboraram uma intervenção de lazer para a *Campanha Campus Solidário*. O *Campus Solidário* é uma iniciativa do IFPE para fazer o bem e é organizada pela Diretoria de Políticas Institucionais (DPI). Em 2017, a Campanha recolheu doações para Márcio Freitas da Silva, servidor que atua no Instituto há 27 anos. Márcio foi escolhido porque está com câncer de pâncreas e o dinheiro arrecadado foi utilizado para reformar sua casa. Os alunos se embasaram nos estudos de Lazer, Direito ao Lazer e Lazer e Humanização para entender a importância das práticas de lazer para a comunidade. Orientados pelo professor coordenador do curso, os estudantes montaram uma programação com atividades lúdicas que envolviam música, dança, pintura facial e corporal, brincadeiras populares e confecção de brinquedos. A intervenção ocorreu no dia 16 de dezembro de 2017 pela manhã, no bairro de Areias, Zona Oeste do Recife, na rua da casa do servidor. Neste dia houve a entrega simbólica das doações, pois muitas doações já tinham sido entregues e a reforma estava em andamento. Antes da prática, os alunos puderam conferir as obras recentes na casa do servidor. Foi emocionante e gratificante ver que todos os setores do Instituto se mobilizaram para esta ação do bem. Uma van foi providenciada a fim de levar e trazer os alunos e professores do IFPE e uma jornalista acompanhou todo o momento para publicá-lo no site da Instituição de ensino. O público-alvo foram os filhos de Márcio e as crianças da comunidade, mas no início a comunidade estava um pouco relutante e os graduandos tiveram que ir às ruas adjacentes a fim de explicar a campanha e convidar os pais a levarem seus filhos e participarem da atividade. Como os alunos esperavam um público maior, a ideia inicial de a turma se dividir em grupos não foi possível. Todos estes imprevistos que ocorreram foram também importantes para o desenvolvimento profissional destes futuros gestores, pois eles aprenderam a trabalhar em equipe e superar os imprevistos. No final da recreação, as crianças ganharam doces, refrigerante, bambolês e foi tirada uma foto. A intervenção trouxe alegria e momentos memoráveis para as crianças da comunidade, aprendizado e experiência para os alunos do curso, pois muitos deles nunca tinham trabalhado com o público infantil e percebeu-se que é primordial a oferta de lazer para as comunidades menos favorecidas.

Palavras chave: Lazer. Comunidade. Campanha solidária.



JOGOS NO PROJETO “TEENSTAR” DE FORMAÇÃO EM SEXUALIDADE PARA CRIANÇAS

Bráulio Rodrigues de Almeida Jr.

professorbraulio@uol.com.br

Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS, São Caetano do Sul,
São Paulo, Brasil

Este relato de experiência tem o objetivo de analisar a utilização e o desenvolvimento de jogos e brincadeiras como ferramenta pedagógica para o trabalho voluntário desenvolvido dentro do Projeto *TeenSTAR*, de formação para sexualidade, realizado na *ONG AFAGO* durante o ano de 2017, com crianças de 06 a 10 anos. O Projeto *TeenSTAR* é um programa internacional de educação holística em sexualidade humana, cuja proposta é uma descoberta gradual de si mesmo, com a criança sendo estimulada a se conhecer, a descobrir como funciona a sua sexualidade e como interage com os outros. A *ONG AFAGO-SP* desenvolve trabalho social na comunidade da Vila Aparecida, bairro da Pedreira, Zona Sul de São Paulo, atendendo diariamente 240 crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social, com atividades socioeducativas e de reforço escolar, mediante programas dinâmicos de formação à cidadania; atividades artísticas e culturais, através de oficinas, jogos e brincadeiras; passeios, festas cívicas e folclóricas, com finalidade educativa, cultural e de lazer; atividades de iniciação profissional, através de cursos de informática, rotinas administrativas e beleza (manicure, cabeleireiro, depilação e maquiagem). No contexto desse trabalho, verificou-se a necessidade de trabalhar a formação à sexualidade para as crianças atendidas pela *AFAGO*. Para participar do projeto, de acordo com a metodologia *TeenSTAR*, é necessário o consentimento por escrito dos pais ou responsáveis, bem como autorização dos mesmos para utilização de imagens das crianças no material de divulgação e apresentação do projeto. Essa foi uma dificuldade encontrada que resultou em uma baixa adesão ao programa, em relação ao número de crianças atendidas na *AFAGO*; muitos pais e responsáveis, por dificuldades de formação ou por motivações religiosas, não aceitaram que seus filhos participassem do projeto, a maioria alegando que “as crianças ainda não têm idade para aprender sobre sexualidade”. Após reuniões de esclarecimento com os pais e responsáveis, iniciou-se no primeiro semestre de 2017 uma turma piloto para a faixa etária de 06 a 08 anos, com seis crianças atendidas, e no segundo semestre começou uma segunda turma para a faixa etária dos 09 aos 10 anos, com oito crianças atendidas, em encontros mensais, realizados na própria *AFAGO*, aos sábados de manhã. Dadas as especificidades das crianças e da aprendizagem lúdica, procurou-se associar a metodologia do *TeenSTAR* a jogos e brincadeiras que estimulassem a participação das crianças, fornecessem dinamismo às atividades e estimulassem a aprendizagem. Para cada aula, foram preparadas uma ou mais atividades relacionadas ao tema do dia, como “caça ao tesouro”, meditação e autoconhecimento corporal, jogos sensoriais, desenhos, colagens e artesanato, jogos de perguntas e respostas e contação de estórias. Como resultados dessa interação entre os jogos e a metodologia, verificou-se ótima adesão das crianças ao programa e também boa absorção dos conteúdos, despertando o interesse de outras crianças e pais, fazendo prever aumento das inscrições no programa para o próximo ano.

Palavras chave: Lazer. Jogos. Sexualidade. Infância. *TeenSTAR*.



KEARNEY, NEBRASKA: EMBRACING COMMUNITY RECREATION AS A WAY OF LIFE

Barbara Schlatter; Marta Moorman; Lisa Pesavento

beschla@ilstu.edu

Illinois State University, University of Nebraska at Kearney, Chicago State University, USA

Community recreation facilities must be intentionally designed to address pro-social outcomes such as resiliency, autonomy, well-being and social cohesion. Exemplifying this practice is the Midwestern community of Kearney, Nebraska in the United States. The City of Kearney Parks and Recreation Department (KP&RD) offers diverse leisure amenities including hike-bike trails, disc golf courses, a water trail, geocaching, adventure races, Community Olympics, and Senior Games. While the provision of community recreation has served to address the physical and social well-being of its residents and visitors, it was not always a primary focus of the KP&RD. Historically, team sports and leagues were emphasized in Kearney until the 1990s. Technological advances including the Internet, computer-based games, and smart phones were introduced and quickly became household “necessities.” Sedentary lifestyles, increased rates of childhood obesity, adult-onset diabetes, substance abuse and the behavioral-risk factors that influence them developed to crisis proportions throughout the US. Kearney was no exception. The Kearney P&R Department began to address these problems through the provision of activities and facilities, which promoted active, healthy lifestyles. The methods used to develop these activities and facilities typically began in one of three ways: at the grass roots level, within the KP&R Department, or through collaboration between the local university, University of Nebraska at Kearney (UN-K), and the KP&R Department. At the grass roots level, groups of skate boarders and disc golfers successfully advocated to the park board of directors their respective desires for a skate park and a disc golf course. Both groups worked with the board to enumerate how each would contribute to the development of the two facilities. The Kearney Water Trail is an example of a recreation provision emanating at the park department level. Originally, the canal provided hydroelectric power and irrigation for the county. When the city surveyed the land adjacent to the canal to develop a park, it became apparent that the canal also had the necessary components for the development of a water trail: adequate water flow, visitor access to the area, and adequate vertical drop for the inclusion of small obstacles. The result is an example of the multiple uses of an existing outdoor facility developed into a water trail for people to learn about and enjoy the basics of rafting, canoeing, and kayaking! Lastly, collaboration between UN-K and the KP&RD have led to the creation of community events through geocaching and adventure races. University-student involvement in planning and facilitating events for the KP&RD is a win-win situation. Students gain first-hand experience bringing innovative program ideas to fruition while keeping the P&R Department current in its special event and programmatic offerings. This case-study poster presentation serves as a demonstration to similar agencies how the centrality of leisure for social cohesion and community development can be celebrated through innovative facilities and program offerings. From grass roots endeavors to collaboration between university and park departments, leisure provides social opportunities for healthy lifestyles, enhanced resiliency, autonomy, well-being and fun to residents of and visitors to Kearney, Nebraska.

Keywords: Parks. Facilities. Well-being. Active Lifestyles.



LAZER E AVENTURA PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

João Leandro de Melo Araújo; Diego Neylton de Medeiros; Heloisa Fernanda Lopes da Silva; Lua Karine de Sousa Pereira; Josué Dantas Belarmino; Ariston Pereira dos Santos; Marilia Flavia Brito de Lima; Lucas Peixoto de Macêdo; Priscilla Pinto Costa da Silva

jleandro93@outlook.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

É de conhecimento que a sociedade global estratifica-se em camadas sociais, favorecendo o surgimento das desigualdades e polarizações ideológicas. Por conhecer tal realidade, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no campus Natal, propôs a realização de um projeto de extensão, reconsiderando a instituição como espaço público, aberto à população, ofertando atividades desportivas e de lazer às pessoas em situação de rua. Analisando este programa, é possível considerar que tal projeto possibilita a reflexão sobre o compromisso da comunidade estudantil, dos profissionais e da universidade com a sociedade, que é indissociável da práxis – ação e reflexão sobre a realidade. Este princípio, por sua vez, é estimulado a partir da interação com pessoas em alto grau de vulnerabilidade, decorrência da histórica lacuna gerada pela desigualdade e falta de oportunidades. Dentre os públicos vulneráveis, a ação abarcou a população em situação de rua, que é caracterizada como um grupo heterogêneo de pessoas com diferentes realidades e motivos para utilizar a rua como espaço de sobrevivência e moradia, tais como desemprego de longa data, perda de vínculos sociais de referência, uso de drogas, entre outros. Além disso, sabe-se que os indivíduos em situação de rua vivenciam uma subcultura alheia ao próprio controle, havendo perdas de direitos como moradia, lazer, educação, segurança, saúde e cultura. Desta forma, faz-se necessário que sejam estabelecidas conexões entre o visível e o invisível social, na tentativa de reduzir a dissimilitude existente entre as sociedades contemporâneas. Nesta pesquisa, objetivou-se avaliar a influência do *slackline* enquanto prática de lazer e inclusão social para a população em situação de rua. Sobre o referido esporte, este se caracteriza pela armação de uma fita entre dois pontos fixos, geralmente em árvores, em que os adeptos tentam se equilibrar sobre o equipamento. Para tanto, foram acompanhados quatro participantes em situação de rua contemplados pelo projeto de extensão da universidade, ao longo de cinco meses, ponderando sobre os seus comportamentos, a partir das experiências com a modalidade. Quanto à análise, foi perceptível que o elo existente entre os praticantes foi fortalecido, motivado pelos trabalhos em grupo realizados durante as vivências, pela ajuda mútua recorrentemente necessária no esporte, assim como pelos momentos de diversão e socialização entre os envolvidos. Igualmente, viu-se que a interação do grupo com outros segmentos sociais ressignificou o seu ocupar dos espaços públicos. Ademais, a inclusão social através do lazer favoreceu o surgimento de uma forte cultura de movimento, melhorando assim o estilo de vida destes indivíduos. Para além da esfera do projeto, tais comportamentos puderam ser acompanhados em outros espaços da universidade, de uso frequente desta população. Desta maneira, consideramos que o *slackline*, da forma em que foi planejado e executado, favoreceu a aproximação deste público com a comunidade universitária, além de tê-los ofertado momentos de lazer, o que pôde ser comprovado pela forte adesão à modalidade e pelo fortalecimento das relações pessoais entre o grupo.

Palavras chave: Pessoas em situação de rua. Lazer. Esporte de aventura. Inclusão social.



LAZER E TRABALHO: OS COLETORES DE SEMPRE VIVAS DE GALHEIROS (MG)

Naiara Paola Oliveira; José Alfredo Oliveira Debortoli

naiapaola@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Este trabalho tem como objetivo investigar a produção social, e a organização do território, no ambiente rural a partir da perspectiva dos estudos no campo do lazer, com auxílio da Antropologia, da Etnografia, da História e da Geografia. Apresenta uma abordagem diferente da habitual tendo em vista as pesquisas relacionadas ao lazer no Brasil, de modo geral, embasadas principalmente por correntes provenientes da Europa, que consideram o lazer um fenômeno urbano e, portanto, não abrange o espaço rural. Esta pesquisa procura desvendar também o mérito das atividades de lazer na produção deste espaço e as potencialidades destas atividades para o espaço rural. O estudo de caso se dará no povoado de Galheiros, localizado a 15 km do município de Diamantina (MG), considerado, a partir do Decreto Federal nº. 8.750, de 09 de maio de 2016, que institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, uma comunidade tradicional que se caracteriza como um agrupamento de apanhadores de flores sempre-vivas. O trabalho pretende analisar as relações dos moradores do povoado com o território, com o espaço que ocupam, com o tempo, com a sociedade, com a natureza e com suas próprias manifestações tradicionais ou culturais. Através das lentes do lazer, propõe compreender as relações do povoado com o trabalho e com o lazer, significado pelo trabalho artesanal realizado com as flores sempre-vivas. Esta prática promove a sobrevivência de vários moradores desde a década de 1930 e vem diminuindo tendo em vista não apenas novas regras para retirada e comercialização das flores assim como a possível falta de interesse da nova geração do povoado pela atividade. Como procedimentos metodológicos adotaremos, em um primeiro momento, uma revisão cautelosa da literatura. Esta revisão terá como principal objetivo clarificar e relacionar conceitos como comunidade, tradição e cultura, problematizando preconceitos ou estereótipos. Em seguida acontecerão as visitas a campo tendo como principal aspecto metodológico a Etnografia. A fundamentação do trabalho de campo estará teoricamente embasada por autores como Geertz, Malinowski, Ingold, Uriarte e outros, que têm se dedicado a estudar a maneira mais adequada de descrever a vida das pessoas em seus contextos de relação, observando e registrando de forma sistemática. Deverá ser realizado um entrelaçamento entre o lazer e os modos “tradicionais” de viver. Serão aplicados questionários com perguntas objetivas e realizadas entrevistas narrativas, que poderão acontecer de forma individual e, preferencialmente, de forma coletiva, com o objetivo de aproveitar o momento para reunir o grupo e resgatar sua história. Em outros formulários serão anotadas impressões e informações consideradas relevantes para o trabalho. Os resultados obtidos a partir da pesquisa deverão ser capazes de levantar a história do povoado de Galheiros e, posteriormente, poderão nortear a implantação de políticas que tenham o lazer como uma ferramenta para o desenvolvimento social capaz de promover a valorização das práticas e o fortalecimento de um grupo.

Palavras-chave: Lazer. Contexto Rural. Cultura. Comunidades Tradicionais. Coletores de Sempre-Vivas.



LAZER EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: PODEM COMUNIDADES RESIDENTES TER ACESSO?

Mayra Laborda Santos

mayra_laborda@hotmail.com

Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Os estudos bibliométricos concernentes à temática de lazer/recreação/turismo em unidades de conservação (UCs) indicam que a maior parte da produção científica ocupa-se em investigar as atividades de lazer ofertadas aos visitantes. O presente estudo, no entanto, busca, sob um viés ensaístico, refletir acerca do acesso que as populações residentes em unidades de conservação do Amazonas, pertencentes à categoria de uso sustentável, têm ao lazer. Na perspectiva de Corbin (2001, p. 8-9), o lazer pode ser considerado como integrante do “processo complexo que inventou o tempo livre nas sociedades ocidentais”. Tal processo se estende a diversos e distintos contextos e grupos sociais, dentre eles as comunidades residentes de UCs da Amazônia. Martins (2011), pautada em estudos de Elias e Dunning (1992), destaca que o lazer pode ser representado a partir da ideia de “afloramento de emoções agradáveis” incitadas por experiências como as religiosas, terapêuticas e lúdicas. O caminho metodológico do presente estudo ancora-se em uma abordagem qualitativa, com o uso de pesquisa bibliográfica. Como considerações preliminares, tendo em vista as iniciativas de lazer praticadas pelas comunidades, destacam-se as lúdicas, como o campeonato de rabetá – espécie de embarcações de madeira com motores –, realizado por comunidades ribeirinhas das unidades de conservação do Médio Solimões, Baixo e Médio Amazonas; os torneios futebolísticos, realizados tanto inter e intra-comunidades quanto inter e intra-UCs, encontrados na maior parte das UCs pertencentes ao mosaico do Baixo da Amazônia Meridional; e o festival do peixe liso, realizado pela comunidade São José do Paraná do Espírito Santo de Cima, localizada na Área de Proteção Ambiental de Nhamundá (APA de Nhamundá), no município de Parintins – baixo Amazonas. O festival teve sua 23ª edição que aconteceu, após quatro anos de suspensão, em setembro de 2017 e teve em sua programação: competições de pesca de malhadeira – um tipo de rede de pesca; regata de remo; regata de rabetá; pesca esportiva; torneio de futebol; e escolha da garota surubim. Para Abraão Filho (2010) e Bruce (2015), o festival movimenta toda a comunidade do Paraná, além de parte significativa das comunidades do entorno e dos moradores de Parintins. Os comunitários esperam o ano inteiro pelo festejo, pois consideram a “principal diversão da localidade” (BRUCE, 2015, p.22). Ademais, destaca-se que o presente ensaio não pretende esgotar e/ou exibir conclusões, mas apresentar as reflexões preliminares de um estudo em fase inicial e, dessa forma, suscitar debates construtivos sobre a temática do lazer em unidades de conservação, tendo em vista as restrições legalistas impostas a esse contexto.

Palavras chave: Lazer. Unidades de conservação. Amazonas.



LAZER NA PERIFERIA: A PISTA DE SKATE COMO EQUIPAMENTO

Heloá Rodrigres Assunção; Patrícia do Socorro Chaves de Araújo;

Tadeu João Ribeiro Baptista

tadeujrbaptista@yahoo.com.br

Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, Pará, Brasil / Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, Goiás, Brasil

O presente artigo propõe-se a discorrer a respeito dos aspectos que marcam o lazer na periferia da cidade Belém do Pará, focalizando as atividades de lazer realizadas pelo público jovem e a construção de equipamentos pela juventude dentro do bairro do Guamá, considerado um dos maiores bairros da Região Metropolitana. O mesmo não possui áreas de lazer adequadas para a população, que buscam em outros bairros sua diversão. Neste sentido, descaracteriza um dos princípios norteadores da política nacional de esporte e lazer, que seria a universalização e democratização dos espaços de lazer. Dentro deste cenário, percebemos o descaso em relação às políticas públicas voltadas para o lazer dentro do bairro, pois em um bairro tão populoso existe somente uma opção de lazer viável, que não contempla a todos. Diante disso, jovens skatistas do bairro se reuniram para criar uma pista de skate improvisada próxima à UFPA (Universidade Federal do Estado do Pará), e criaram uma pista que hoje é equipamento de lazer para os moradores do bairro, que antes dispunham somente de uma praça localizada em uma das vias principais do bairro. Os equipamentos de lazer se dividem em duas nomenclaturas ou classificação: específico e não específico (TURINI, 2001; MARCELLINO, 1996). Dentro desta classificação, a pista de skate caracteriza-se como não específico, pois não foi construída para esta finalidade, porém acabou sendo incorporada como forma de lazer pela população residente no bairro. Contamos como suporte para investigação a base em “uma metodologia que parte da questão urbana, de como a construção do espaço nesta complexa metrópole brasileira é marcada por profundas desigualdades socioespaciais” (BOUSQUAT; COHN, 2003, p. 81), visando à identificação de homogeneidades e segregações dos jovens no espaço urbano do bairro do Guamá, em Belém/PA. Nessa perspectiva, o lazer tem caráter de humanizar as cidades, pois contém o lúdico como possibilidade, na qual os espaços e equipamentos de lazer urbano devem ser democráticos, significam vida, recuperam hábitos e culturas na cidade. Além de criar espaços de lazer como forma de revitalização da cidade, é preciso introduzir formas de identificação social e pertencimento, ou seja, criar possibilidades de inclusão. Conclui-se que o lazer é um direito de todo cidadão, porém esse direito parece ser burlado constantemente nos bairros de baixa renda, em que a comunidade tenta de todas as formas alcançáveis às suas possibilidades conservar seus valores de cidadãos, porém sente-se vítima impotente do descaso total dos órgãos responsáveis, que parecem fingir a não existência dessas comunidades. Assim, na periferia desta capital, faltam opções variadas de lazer, e os habitantes dessas áreas atribuem grande importância ao lazer, visto que essa esfera da vida pode representar para os jovens uma rica experiência pessoal e social, na qual o grupo tem importante papel – a existência de espaços que permitam a convivência, portanto, faz-se essencial.

Palavras chave: Lazer. Periferia. Skate. Equipamento.



MUSEALIZAÇÃO DA “CASA VELHA”: PATRIMÔNIO, TURISMO E LAZER EM TENSÃO

Ana Maria Costa Beber; Susana Gastal

galaxia_ana@hotmail.com

Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Este artigo tem como propósito refletir sobre os espaços de memória, compreendidos como patrimônio cultural a partir da museologia e tratados como produto de consumo nas dimensões do lazer e do turismo. Neste caso, considera-se o sistema de relações e posições em que cada sujeito envolvido neste processo se situa, sua construção cultural e a relação com os atores sociais que consomem este produto cultural. Ainda, a reflexão se propõe a discutir este fenômeno a partir da multifuncionalidade e pluriatividades associadas ao rural. Considera-se o lazer, através do turismo e do patrimônio cultural, como um direito humano e como agente de transformação sociocultural que busca aumentar o capital cultural e a justiça social, efetivando-se como estratégia na superação das questões educacionais, de desenvolvimento local, de equidade social, educação, entre outras. Nestes termos, consideram-se as mudanças no âmbito da Pós-modernidade em termos de trato com a memória, a cultura, o patrimônio e o lazer, bem como o relato de experiência associado à musealização da “Casa Velha”, a primeira residência familiar no Rincão dos Costa Beber – herança do legado da imigração itálica no município de Ijuí, no Rio Grande do Sul. O processo de musealização sustentado em práticas educativas e culturais pensadas na perspectiva do lazer e do lúdico pode ser uma estratégia na forma de apresentação das narrativas e dos modos de vida local. Metodologicamente, utilizou-se a História Oral, no viés das histórias de vida, sustentada em depoimentos de dez membros da família que participam da construção do Museu da “Casa Velha”: seis deles [com idade entre 76 e 93 anos] que ainda residem no mesmo local e os outros quatro sujeitos [com idade entre 50 e 60 anos] que residem no município de Ijuí e frequentam semanalmente o local, especialmente aos sábados e domingos. No total, foram 25 horas de gravação no Rincão dos Costa Beber, seguidas de visitas guiadas ao Cemitério local e à Igreja do Mato, onde há uma capela da família. O processo de análise se sustentou em categorias que emergiram do *corpus* da pesquisa, como: processo histórico de construção da “casa velha” e uso; atividades de lazer familiar; atividades religiosas; práticas alimentares; musealização e lazer. Como resultados, registra-se a importância quantitativa e simbólica do acervo familiar, composto por objetos de uso doméstico [como panelas, mobília, roupa, lembranças de falecimento, vinis, revistas, cartas em italiano, postais] e de ferramentas de trabalho [como peças feitas em madeira que datam 1913 até 1950]. Além disso, o acervo de memória existente através dos discursos dos sujeitos da pesquisa coloca em evidência modos de vida locais em contexto de (i)migração italiana, de neoruralidades e de hibridismo cultural. Ainda, registram-se dificuldades encontradas no processo de musealização da “Casa Velha”, bem como das estratégias educativas e de lazer para preservação de sua memória material e imaterial.

Palavras chave: Lazer. Patrimônio rural. Musealização. Casa Velha. Ijuí-RS, Brasil.



O LAZER COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO E INCLUSÃO DE ADOLESCENTES

Lisandra Mayara da Silva Xavier

lisandra.xavier@sesc-am.com.br

Sesc Amazonas – Setor de Esporte e Recreação, Manaus, Amazonas, Brasil

Caracterizar a adolescência somente como faixa etária seria uma maneira muito simplista de observá-la, uma vez que ela compreende a transformação do jovem até a idade adulta, não apenas sob o ponto de vista biológico, mas também social e, principalmente, psicológico. Nessa fase, o conceito de interação grupal é perceptível, pois o adolescente busca pertencer a um grupo com o qual se identifica. E, justamente nesse período, em que o grupo de amigos atinge importância social principal, os conflitos familiares atingem o pico, fazendo com que os pais percam um pouco do seu poder de controle sobre os filhos, que buscam a imagem de adultos independentes no grupo de amigos no qual estão inseridos. A geração atual é considerada a mais urbana da história; entretanto, na medida em que a urbanização possibilita cada vez mais o acesso à educação e aos serviços de saúde, os adolescentes são mais expostos aos riscos de uso de drogas lícitas e ilícitas. Vários fatores se associam ao abuso de álcool já na adolescência, a começar pelos aspectos históricos, como a industrialização e a urbanização de décadas recentes, responsável pela dificuldade de inserção do jovem no mercado de trabalho e a consequente insatisfação de suas necessidades. Além do estímulo constante dos meios de comunicação e da condescendência dos pais, podemos mencionar outros fatores de risco que viabilizam o acesso dos jovens a essas substâncias, como sua grande disponibilidade, principalmente de drogas lícitas, em estabelecimentos comerciais e a falta de fiscalização adequada para sua venda. Analisando a realidade de nossas quadras inseridas nas comunidades através do Sesc Comunidade, precisaremos utilizar estratégias didáticas que modifiquem a maneira de interação dos jovens inseridos na sociedade, ampliando a capacidade de compreensão da complexidade dos determinantes de ser saudável e estar inserido em um ambiente com atividades lúdicas e esportivas, a fim de que possam atingir a promoção da saúde de forma global. A utilização do lazer como ferramenta de intervenção em favor dos jovens, seus familiares e das instituições educativas de que fazem parte é fundamental no controle do consumo de drogas. Para tanto, os recreadores deverão atuar, de maneira interdisciplinar, com outras profissões da área da saúde e instâncias sociais, sensibilizando os adolescentes para as causas e consequências do problema, num entendimento psicossocial, oferecendo informações sobre recreação, atividade física, esportes, cultura e os problemas relacionados ao uso de drogas, almejando sempre obter os melhores resultados – o nosso desafio reside em desenvolver atividades recreativas e educativas, de conscientização, que recobrem, principalmente, a valorização do sentido da vida por esses adolescentes. Através da pesquisa, objetivamos desenvolver uma análise crítica sobre a capacidade das atividades recreativas e brincadeiras de rua, conhecidas pelos pais e/ou avós desses adolescentes.

Palavras chave: Atividades de lazer. Brincadeiras de rua. Sesc Comunidade.



O LAZER NAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS: UMA PROPOSTA DE ESTUDO

Marina Batista Santos, Liana Romera

marinamassa.to@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFES; Núcleo de pesquisa Andaluz, Vitória, ES, Brasil

Considera-se que a juventude, concentrada nos centros urbanos independentemente da situação socioeconômica, encontra-se imersa em vasta quantidade de informações, contudo tal realidade não evita que este coletivo exponha-se a riscos, como o uso abusivo de álcool e outras drogas (SARRIERA et al, 2007). Um fator que pode nortear a compreensão sobre tal fenômeno é que a juventude apesar de “bem informada”, encontra-se em uma fase da vida que ainda não lhe oportunizou a vivência/experiência e o autoconhecimento que somente o decorrer do tempo outorga aos sujeitos (BONDÍA, 2002). Com base neste pressuposto, as relações intergeracionais têm grande potencial indutor de ampliação do repertório de vida dos jovens, bem como, pode colocar a pessoa idosa em lugar de relevo, acentuando a sua dignidade humana. A presente proposta de estudo visa investigar as atividades de lazer, que mediam as relações intergeracionais, no espaço dos serviços de convivência e fortalecimento de vínculos (SCFV) oferecidos pela esfera pública governamental da proteção social básica da secretaria de assistência social do município de Vitória. Infere-se que esta prática proporcione protagonismo social à juventude assistida nos referidos espaços, bem como, para a transmissão de conteúdos socioculturais pelos idosos, igualmente atendidos nestes serviços, de acordo com marcos legais e políticas públicas vigentes (ECA/1996; PNI/1994; Estatuto do Idoso/2003; PNAS/2004; RESOLUÇÃO CNAS N.º 109/2009; Estatuto da Juventude/2013). Justifica-se tal investigação pelo fato do tempo livre pressupor a liberdade de escolha e de satisfação quanto à realização da atividade escolhida (SARRIERA et al, 2007), agregando-se a prerrogativa do lazer tal qual um direito humano fundamental, que por sua vez se estabelece como marco legal desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), garantido como direito social pela Carta Magna de 1988 e, infraconstitucionalmente, em políticas públicas setoriais aos coletivos de pessoas idosas e da juventude na conjuntura brasileira. Assim sendo, objetiva-se descrever “como” a prática institucional do lazer, que media as relações intergeracionais, proporciona ou não os fatores de proteção ao uso abusivo de álcool e outras drogas para os jovens. Lançando-se mão de um estudo transversal com pesquisa de campo para analisar as relações estabelecidas entre as variáveis independentes das relações intergeracionais por meio da prática de lazer conjunta, e as variáveis dependentes como a aquisição de habilidades para a vida e os fatores protetivos ao uso abusivo de álcool e outras drogas para a juventude. A abordagem pretendida é qualitativa, do tipo descritivo dos fatos observados, com coleta de dados por observação sistematizada pelas seguintes pré-categorizações propostas: “relações intergeracionais”, “atividades de lazer oferecidas e desenvolvidas”, “manejo político-pedagógico” com base nos seguintes referenciais teóricos (FORMIGA et al, 2006; PONDE e CARDOSO, 2003; SOARES et al, 2011; FERREIRA e MACHADO, 2013; ROMERA, MARCELINO, 2010; SOUZA, AMATO e SARTES, 2013; COSTA et al, 2007; DIAS E COSTA, 2010; NIGRI, 2002; SILVA, 2002; ISAYAMA E GOMES, 2006; ROSA, 2006; ROMERA, 2008; ROMERA, 2009; ROMERA, 2013; DUMAZEDIER, 1980; BRENNER, DAYRELL E CARRANO, 2008) bem como o registro de um diário de campo.

Palavras-Chave: Lazer. Relações Intergeracionais. Álcool. Drogas. Políticas Sociais.



POR UM LAZER PROMOTOR DE DIÁLOGOS INTERCULTURAIS

Maria Helena Mattos Barbosa dos Santos

lena_mbsantos@yahoo.com.br

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Campus Sorocaba, São Paulo, Brasil

Fundamentadas na compreensão do lazer enquanto fenômeno e prática eminentemente cultural, proposta por Dumazedier (1978, 1980, 1994, 2008), diferentes proposições teóricas consubstanciam o entendimento do lazer como “cultura vivenciada [...] no tempo disponível das obrigações [...] combinando aspectos de tempo e atitude” (MARCELLINO, 2008, p. 12). Direito social, âmbito de práxis lúdica, desinteressada, voluntária e livre; gerador de descanso, diversão, desenvolvimento e diversos usos espaço-temporais; de saberes, valores, subjetividade e espontaneidade; de força transformadora; proporcionador de prazer e qualidade de vida, quando favorecido por certas condições, constitui âmbito de expressão crítica, criativa e libertadora dos sujeitos históricos (GOMES; LACERDA; PINHEIRO, 2010; MAGNANI, 2015; PACHECO; RAIMUNDO, 2014; MARINHO; PIMENTEL, 2010; SANTINI, 1993; STUCCHI, 1997). Mister reconhecer, na contemporaneidade, suas interfaces com transformações decorrentes de dinâmicas híbridas, multitemporais, multidimensionais, multiculturais, globalizadas e de intensos movimentos migratórios, investigadas por Agier (2011), Canclini (2013), Clifford (2000) e Santos (1997). Os contextos, lazeres cotidianos e práticas turísticas, à vista disto, estimulam leituras da realidade e diálogos com traços interculturais. Os resultados de pesquisas de caráter exploratório, pautadas por abordagem qualitativa, uso do método dedutivo e revisão bibliográfico-documental a respeito de diálogos interculturais e, por conseguinte, da globalização e do multiculturalismo, indicam que o desenvolvimento de competências interculturais ocorre na educação formal e em “experiências de primeira mão”, entre estas aquelas de tempo disponível (STIER, 2006). A formação destas competências pressupõe aprendizagens de meta-competências (pensamento crítico e consciência discursiva), de competências de ordem intra e interpessoal (comunicativas, cooperativas, confiança profissional, autoconfiança e compromisso com a dignidade humana), postura investigativa, interativa, o interesse por temas interculturais, leitura integrada e interdisciplinar das diferentes dimensões e elementos conformadores da realidade, assim como conexão entre teoria e prática na percepção, análise e intervenção no presente (*Ibid.*). Tais competências favorecem a compreensão das dinâmicas interculturais, colaboram com transformações positivas na interação social, atenta à apreensão do papel vital da cultura para as comunidades, ao caráter processual das relações em contextos multiculturais, aos potenciais problemas inerentes às interações e sensíveis aos conteúdos expressa ou subjetivamente comunicados (*Ibid.*). Miranda e Oliveira (2004) inferem que diálogos de caráter multicultural favorecem processos de ressignificação, mediante o reconhecimento das diferenças sociais, pressionando espaços de reinvenção de narrativas que forjam identidades homogêneas, camuflam contradições sociais, exclusões, desigualdades, discriminações, invisibilidades, preconceitos, sobretudo, vinculados ao componente racial. O caminho de superação, para Santos (1997, p. 28-30), está no transcurso de diálogos interculturais e depende da transformação política em direção à emancipação, que supõe a “superação do debate sobre universalismo e relativismo cultural”, o respeito às concepções de dignidade humana concebidas em cada cultura, o reconhecimento da incompletude e problemáticas nas diferentes concepções de dignidade humana, que “tendem a



distribuir as pessoas e os grupos sociais entre dois princípios competitivos de pertença hierárquica” – da igualdade e da diferença. Depreende-se, destas considerações, que o tempo disponível encerra força impulsionadora da reflexão a respeito de “si” e das relações sociais mediante processos de estranhamento e identificação, que emanam a “[...] vontade/querer vivenciar uma sociedade diferenciada” (GEERTZ, 2013; MARCELLINO, 2008, p. 12).

Palavras chave: Lazer. Turismo. Multiculturalismo. Diálogos interculturais. Competências interculturais.



RECREAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE INCLUSÃO SOCIAL NO MERCADO DE TRABALHO

Tatyane Perna Silva; Virgílio Abrahão Junior; André de Filippis; Rebeca Vitoria Sanches Lepore; Gleison Rodrigues Ribeiro

tatyperna@yahoo.com.br

Universidade Paulista (Unip)

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a importância de programa social realizado na cidade de Guarulhos (SP) intitulado “Programa Oportunidade ao Jovem”. O programa é ação conjunta entre prefeitura e instituições particulares, visando a qualificação profissional do jovem da cidade, que se encontra em situação de risco e pobreza. Atualmente, inúmeros jovens encontram-se à margem da sociedade e, muitas vezes, por não terem acesso a grupos que possam auxiliá-los nessas questões, envolvem-se com drogas, prostituição, crimes, gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis. Para realizar esta pesquisa, foi necessário refletir sobre a recreação e seu campo de atuação, entendendo que a recreação é instrumento de inclusão, não apenas para quem procura se divertir, mas também para o profissional que a promove, no caso, o recreador. Tal ideia é compartilhada por Turino (2003), quando diz que a recreação pode ser um instrumento de possibilidade de inclusão no mercado de trabalho. Uma revisão bibliográfica foi feita para o entendimento de termos importantes para a pesquisa – como inclusão social, programa social, mercado de trabalho e políticas públicas –, além de relatos de experiência, com base na observação e interação com os jovens participantes do programa. A partir do levantamento de dados realizados para esta pesquisa, onde textos conceituais foram analisados, foi possível perceber que a partir da práxis do autor é possível desenvolver a capacitação destes jovens para atuarem, profissionalmente, como Agentes de Recreação. O Estado, por vezes, utiliza mal as políticas de inserção social para escapar de situações turbulentas, ao não considerar e calcular corretamente a demanda e a necessidade social. O presente texto não foca utopia, mas procura indicar saídas para mudar a vida de jovens, que não têm quase nenhuma perspectiva de futuro. Entendemos o lazer como um caminho para uma sociedade mais justa e mais humana e acreditamos que o lazer possa ser a chave para a inclusão dos jovens em situação de risco e pobreza. Cabe destacar que não vemos o lazer como mercadoria e sim como transformação social para estes jovens. Com o distanciamento das ruas e a possibilidade da formação qualificada, ao término do curso, podem atuar como profissionais capacitados, se integrando à sociedade de forma ativa e produtiva. Este texto quer ir além das Considerações Finais, é necessário haver continuidade dos estudos, ir a campo, verificar o que tais jovens pensam da capacitação e onde estão os egressos, dessa forma o trabalho poderá ser melhor aproveitado, não apenas pelos profissionais da área, como também para outros municípios que queiram capacitar seus jovens.

Palavras-Chave: Programa Social. Agente de Recreação. Inclusão Social.



RECREAÇÃO EM FAMÍLIA: TEMPO E ESPAÇO DE BRINCAR

Milena Ropelle Demate Nascimento; Flávia de Almeida Pacheco; Stefanie Hesse Alves
milenaropelle@gmail.com

Serviço Social do Comércio – SESC, Campinas, SP, Brasil

Este relato de experiência busca destacar a importância de se resgatar o lazer em família e a troca de experiências entre pais e filhos, que pode ser realizada de forma simples e divertida por meio de jogos e brincadeiras. Estudos apontam que o avanço da tecnologia, crescimento econômico e industrial, expansão urbana das cidades mudaram os hábitos sociais e a qualidade de vida da população, fazendo com que os espaços destinados para o lazer ficassem limitados e individualizados (SANTOS; SILVA; SILVA, 2013). Com isso, é necessário pensar em estratégias que retomem a integração entre pais, filhos, irmãos, primos, avós e outros. Descrição: O Serviço Social do Comércio (SESC) desenvolve ações voltadas para educação, lazer e bem-estar, que buscam promover a autonomia, integração, respeito à diversidade, inclusão social e sociabilidade. As recreações no SESC atendem públicos variados, de diferentes faixas etárias, com o objetivo de contribuir para o direito ao lazer, por meio da oferta de conteúdos físico-esportivos, socioculturais e turísticos. É dentro desse contexto que nasce no SESC Campinas a ideia da Recreação em Família, um momento de resgate de brincadeiras, interação, troca de experiências, ou seja, um tempo e espaço para família voltar a brincar junto. A Recreação em Família acontece desde março de 2015, aos sábados, com duração de aproximadamente 50 minutos. O público alvo são as famílias presentes na unidade do SESC Campinas. Atualmente, a atividade já atendeu cerca de 2.400 pessoas. A atividade tem início com uma roda de conversas, para que todos se conheçam brevemente, e uma explicação sobre como as atividades do dia serão desenvolvidas. Os jogos e brincadeiras são inspirados em culturas diversas, brincadeiras de rua, brincadeiras populares, jogos cooperativos, esportes e atividades historiadadas. As intervenções são processuais, trazendo uma reflexão sobre a forma do brincar de diferentes épocas, em relação às regras, aos locais em que aconteciam e materiais utilizados. Assim, os pais são incentivados a dividir com seus filhos um pouco de suas memórias e experiências, revivendo momentos de lazer fruídos em sua infância. Conclusão: Observa-se, como resultado, que os participantes compartilham as impressões positivas que tiveram da prática. Da parte dos pais, há diversos relatos de como foi divertido brincar com seus filhos e poder se sentir criança novamente. Já as crianças, se surpreendem com a participação ativa de seus pais, que geralmente se empenham de uma forma diferenciada, com maior envolvimento. Dessa forma, a Recreação em Família incentiva a retomada dos espaços coletivos de lazer, que foram diminuídos pela configuração atual da sociedade.

Palavras-chave: Recreação. Família. Lazer. Jogos. Brincadeiras.

Referências Bibliográficas

SANTOS, Luana Silva dos; SILVA, Gleyson Custódio da; SILVA, Eduardo Rodrigues da. Desenvolvimento infantil e a influência da tecnologia. Revista Digital. Buenos Aires: EFDeportes.com, a. 18, n. 186, nov. de 2013.



SKATISTAS NO CENÁRIO URBANO: DO LAZER À DEMOCRATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Getúlio Furtado Marinho; Roberto R. Campos; Juliana Z. Mendes; Cláudio Sêcco Júnior
getulio@campolimpo.secsp.org.br

Serviço Social do Comércio - SESC, Campo Limpo, São Paulo, SP, Brasil

O espaço urbano é o reflexo da configuração da sociedade e, conseqüentemente, um condicionante social, afirma SANTOS (2010). Nesse espaço, articulado pelos seus protagonistas, emergem os skatistas como uma comunidade com crescimento substancial nos últimos anos. O *skate* faz parte do lazer radical que, segundo UVINHA (2001), contempla um formato de *surf* urbano, uma vez que suas primeiras aparições se deram entre os surfistas. RAMPAZZO (2012) entende que o *skate* ultrapassa o lazer e está relacionado a aspectos de estilo de vida como linguagem, vestimenta e ideais autênticos. Segundo BRANDÃO (2011), a cidade é palco de relações sociais, práticas culturais, encontros e mistura do movimento, onde os skatistas sofreram um processo de “estigmatização depreciada” comparando-os à marginalidade, provavelmente devido ao comportamento transgressor, herdado do entrelaçamento da cultura do *Street Skate* com movimentos de contracultura das décadas de 1970 e 1980, em especial o movimento *punk*. O cenário suscitado sugere reflexão onde o comportamento singular dos skatistas desperta a curiosidade para se aprofundar em conceitos acerca dos espaços públicos e seus agentes em momentos de lazer. Os skatistas, um dos maiores grupos de frequentadores do SESC Campo Limpo, realizaram a primeira mobilização espontânea com um abaixo-assinado de mais de 300 assinaturas em prol da permanência de rampas e da área destinada à prática. A ONG Instituto Gens foi contratada para mediar encontros com finalidade de levantar dados sobre a unidade, público e estrutura e identificar os anseios dos jovens frequentadores. Este grupo foi nomeado “Grupo Gestor do Programa Juventudes”, com ligação íntima à prática do *skate*. Uma de suas pesquisas com os jovens foi a escuta ampliada que trouxe a pergunta: “Que atividade você quer no SESC”? *Skate* apareceu em segundo lugar, perdendo apenas para futebol, a partir de 333 *post-its* produzidos. Nessa perspectiva, sugeriram estudos para intervenções bem como a compreensão cultural desses novos atores sociais, que deram origem ao presente projeto, que contempla intervenções com crianças e jovens e identificou a importância de ações mediadoras e o incentivo de transmissão cultural horizontal e oblíqua nas rodas de conversa, integrada ao modelo pedagógico para o desenvolvimento humano envolvendo as práticas do *skate*. Neste sentido, foram propostas práticas e encontros em formato de aulas abertas e reflexões acerca da relação dos skatistas e demais membros da sociedade como elemento participativo, contemplando aspectos fundamentais relacionados às manifestações culturais e comportamentais, utilização de espaços públicos de lazer, questões de cidadania e promoção da saúde num espaço de vivências corporais, culturais e sociais. Os encontros proporcionaram aproximação dos jovens às práticas da unidade, diálogo na resolução de conflitos e percepção de focos de vulnerabilidade entre os jovens atendidos. Tal proposta de trabalho procurou alinhar-se aos contextos do crescimento do *skate* na cena urbana e juvenil contemporânea e norteia a elaboração do cronograma, sugerindo uma abordagem educativa pedagógica que busca envolver os aspectos cognitivos com a prática do *skate*.

Palavras-Chave: *Skate*. Lazer. Jovens. Cultura.



TEMA 13
LAZER, CIDADES E URBANIZAÇÃO
LEISURE, CITIES AND URBANIZATION
OCIO, CIUDADES Y URBANIZACIÓN



A APROPRIAÇÃO DO CONJUNTO MODERNO DA PAMPULHA E A BICICLETA

Ludmila Miranda Sartori

ludsartori@hotmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Minas Gerais, Brasil

Introdução - O Conjunto Moderno da Pampulha (CMP) (composto pelos edifícios arquitetônicos de Oscar Niemeyer, pelo espelho d'água e trecho da orla que os compõem) recebe, em 2016, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Dentre os objetivos que a concorrência a esse título pretendia alcançar estava a criação de um sentimento de pertencimento em relação ao patrimônio entre os belo-horizontinos e a valorização do local como espaço de lazer e contemplação. Considerando-se que análise do espaço social também passa pela compreensão da produção do espaço realizada à nível da cultura e do cotidiano (LEFEBVRE, 1999), o presente estudo pretende investigar (tendo em vista os recentes incentivos para o uso da bicicleta no local e a expressividade da prática nos fins de semana) as relações estabelecidas entre os ciclistas e o patrimônio, bem como o papel de tal instrumento na apropriação do CMP. **Metodologia:** O estudo – através de uma abordagem qualitativa – optou como instrumento de investigação pela observação de campo (auxiliada por um protocolo de observação e por um diário de campo), e pela realização de entrevistas semi-estruturadas com ciclistas frequentadores do CMP. **Conclusões** - Notou-se através das observações na Praça Dino Barbieri (localizada em frente à Igreja São Francisco de Assis) que enquanto alguns ciclistas passam por fora da praça, outros optam pelo caminho mais longo ou até permanecem no ponto turístico, sugerindo uma maneira de se integrar e experimentar - durante o pedalar - a arquitetura/design do atrativo e contemplar a paisagem. Tal observação vai ao encontro de outros estudos que tratam do potencial da bicicleta em contribuir para uma maior aproximação e sensibilidade em relação à cidade (GEHL, 2015). Nos outros edifícios arquitetônicos observados (Museu de Arte, Casa do Baile e Casa JK), as relações com os ciclistas não se mostraram tão expressivas, sendo ainda necessário os dados das entrevistas (que serão realizadas no verão desse ano), para se chegar a conclusões mais definitivas. Contudo, notou-se a falta de bicicletários e de uma integração entre a estrutura cicloviária e tais edifícios, fatores que podem influenciar a entrada/permanência dos ciclistas nesses locais. As observações apontam para a expressividade e diversidade da prática (famílias com crianças, atletas e bicicletas de diversos modelos), especialmente aos domingos. Conclui-se que a orla da lagoa se configura - para além de seu aspecto simbólico e cultural da cidade - como um importante local para possibilitar vivências de lazer no espaço público envolvendo práticas corporais e a contemplação do patrimônio. Tal importância se dá tanto pela falta de locais na cidade que permitam o uso da bicicleta com segurança (SARTORI, 2016), quanto por possibilitar um lazer mais democrático e desvinculado das lógicas de consumo (MASCARENHAS, 2003). Tendo em vista que vivências de lazer no meio urbano – quando propiciam experiências significativas aos cidadãos – contribuem para o desenvolvimento de sentimentos de identidade e pertencimento em relação ao lugar (RECHIA, 2003), sugere-se que o uso da bicicleta no CMP pode colaborar para o estabelecimento de tais relações com o patrimônio em questão.

Palavras chave: Lazer, patrimônio, apropriação, bicicleta.



A EDUCAÇÃO FÍSICA ENTRE MUROS COMO IMPEDIMENTO DO LAZER

Rogério Rodrigues; Daniele Ornaghi Sant'Anna

peluisbraga@gmail.com

Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI, Itajubá, Minas Gerais, Brasil

A proposição deste estudo encontra-se inserida no mestrado multidisciplinar em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (UNIFEI), portanto, o objetivo desta investigação é analisar as interfaces entre corpo e cidade no sentido de evidenciar contradições que se encontram presentes nas inter-relações entre conceito de cidadania e prática do lazer. Desse modo, busca-se evidenciar como o modo de vida dos sujeitos em cidades viabiliza ou impede a possibilidade da expressão da cidadania em se tratando do acesso às condições da prática do lazer – educação física entre muros. Assim, o tema deste ensaio insere-se na discussão sobre as relações entre corpo e cidade que se encontra hegemonicamente estabelecida numa concepção de mundo instrumental e pouco se compreende a cidade como “[...] palco da imbricação adensada das heterogeneidades materiais e imateriais da natureza e da sociedade” (FLORIANI, 2011, p. 364). O uso técnico do corpo na prática do lazer encontra-se restrito por dois aspectos, quais sejam: o saber usar tecnicamente o corpo e o acesso a territórios para realização da prática corporal. Nossa pergunta central é se teríamos outras possibilidades de relações entre corpo e cidade que possam resultar numa concepção crítica para além da relação de causa e efeito no uso técnico do corpo e o lugar estabelecido para prática corporal. O método utilizado tem como proposição investigativa o campo da teoria crítica na análise do conceito de lazer em interface com a educação física e a cidade. Os elementos objetivos e subjetivos apontam para uma hipótese de que as cidades não foram feitas para os sujeitos circularem amplamente com seus corpos em aspectos efetivamente democráticos. Basta andar e observar a recusa dos corpos circulando pelas ruas e praças interditadas por grades para a livre expressão no uso do corpo. O que temos prevalecendo como elemento que circula nas cidades são carros como produção de máquinas de mobilidade urbana e se os corpos não saírem da frente serão atropelados, mesmo que este esteja circulando na denominada exclusiva “faixa do pedestre”. Conclui-se que, ao se pensar o processo de formação do sujeito em relação às questões do uso técnico do corpo, deveriam encontrar-se elementos que possam romper com a concepção da competência técnica e neutra para uma posição de igualdade para o acesso aos espaços nas cidades e o pleno reconhecimento da desigualdade entre a circulação de carros e corpos. Isso implica como ponto de partida analisar a questão da qualidade no uso técnico do corpo na prática do lazer no sentido de produzir políticas de gestão pública radicais na escolha do planejamento para qual tipo de cidade se pretende construir para pleno acesso ao lazer. Em termos de análise sobre as interações entre cidade e corpo, esta pesquisa pretende apreender o fenomênico que se transparece no contraditório do conceito de cidadania, que indica uma falta de combinação ou não interação entre o modo de existir dos sujeitos e os espaços destinados à prática do lazer nas cidades.

Palavras chave: Lazer. Corpo. Cidade. Educação Física. Desenvolvimento.



A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL PARA O LAZER NA CIDADE

Bruno Rodriques Neca; Rodrigo Tramutolo Navarro; Daniella Santana Tschöke.

r.brunodavid@gmail.com

Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil

No processo de formação acadêmica de profissionais que atuam no campo do lazer, entende-se que a competência técnica, sólida cultura geral e exercício constante de reflexão sobre a ação desenvolvida, substanciada pelo compromisso com a mudança social numa perspectiva democratizada (MARCELLINO et. al, 2007), são questões importantes a serem incorporadas. Outrossim, as dimensões do ensino, pesquisa e extensão são essenciais para que o profissional compreenda as interfaces sociais concretas dos estudos do lazer. Tomando como base tais pressupostos, o presente relato de experiência visa apresentar um projeto de intervenção desenvolvido no 27º Festival de Inverno da UFPR, destacando sua contribuição no processo de formação de estudantes de graduação em Educação Física que se propõem atuar no campo do lazer. A ação desenvolvida integra um 'Projeto Formação Docente' que visa produzir situações de mediação entre a UFPR e a sociedade de Antonina-PR. Há sete anos o Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade (GEPLEC), do Departamento de Educação Física da UFPR, tem a oportunidade de desenvolver ações de intervenção, de caráter extensionista, na Praça Coronel Macedo, localizada na área central da referida cidade. No ano de 2017, o projeto, intitulado "Vem brincar na praça", teve como objetivo promover o uso do espaço público da praça por meio da vivência de práticas corporais no tempo e espaço de lazer das pessoas que frequentaram o evento. Parte-se do entendimento de que o lazer é um tempo e espaço que pode possibilitar experiências aos sujeitos no sentido de se conhecerem e conhecerem melhor o contexto em que vivem, de fruição da capacidade criativa, de socialização e de formação para o exercício da cidadania. Tendo como pressupostos a importância das vivências lúdicas e do acesso às manifestações culturais (GOMES, 2003; RECHIA, 2003), o projeto foi elaborado a partir do conceito de interesses (conteúdos) culturais, proposto pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier (1980). As ações foram desenvolvidas no período de férias escolares, durante os seis dias do evento, sendo organizadas da seguinte maneira: o espaço público da praça foi mapeado e dividido em espaços menores (Espasom; Espaço brincadeiras de ontem, hoje e sempre; Espaço Criatividade; Espaço Cultura Corporal; Espaço Aventura), nos quais foram propostas atividades que poderiam ser experimentadas livremente pelos participantes do evento. Destaca-se a importância do debate interdisciplinar sobre lazer no processo de formação de profissionais de Educação Física, dada a própria natureza interdisciplinar de ambos os campos – Lazer e Educação Física (NUNES e PIMENTEL, 2016; PEIXOTO, 2007; SILVA e SILVA, 2014), aliado ao desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão que materializem e compartilhem os conhecimentos acumulados e produzidos no âmbito acadêmico, visando desenvolver uma compreensão para o lazer no exercício da profissão.

Palavras chave: Formação docente. Formação profissional. Espaço público. Cidade. Extensão.



ACESSIBILIDADE CULTURAL: O DIREITO AO LAZER DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Octávio Weber Neto; Lígia Helena F. Zamaro

octavio@sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – SESC, São Paulo, SP, Brasil

O Serviço Social do Comércio - SESC preconiza, em sua missão, o oferecimento de experiências de cultura, educação, esporte e lazer desde sua fundação em 1946. Ações estas voltadas para os trabalhadores do comércio de serviços, bens e turismo, assim como para o público em geral, em sua diversidade. Dinâmicas sociais em evolução tornaram necessário ampliar-se o olhar sobre acesso e participação de pessoas com deficiência. Hoje, as unidades do SESC vêm desenvolvendo o planejamento de ações voltadas para pessoas com e sem deficiências, em fruição conjunta, próprias do modelo social, em consonância com a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2008). Experiências turísticas, socioambientais, físico-esportivas, culturais, educativas e de lazer cada vez mais contemplam o acesso e a eliminação de barreiras como uma realidade inevitável. Este cenário de novas proposições desafia os projetos de promoção de lazer e cultura a contemplarem em sua concepção e execução mais instrumentos que qualifiquem a experiência dos públicos com e sem deficiências. Neste sentido, se pode trabalhar com base no Desenho Universal, na abordagem por recursos de acessibilidade comunicacional e cultural, tecnologias assistidas e uma série de outros elementos. Realça-se, assim, a ação educativa das instituições, no sentido de prever, organizar e favorecer o usufruto do direito ao lazer da população com deficiência. Estas estratégias corroboram, ainda, uma ideia de real direito à cidade, com autonomia e equidade, pois atividades e ambientes acessíveis estimulam o uso do tempo livre de forma significativa e plena por todos, sem distinção. Outro ponto relevante é a percepção de que a problemática do acesso das pessoas com deficiência nos espaços socioculturais e de lazer é inerente à perspectiva de uma ecologia urbana, ou seja, um entendimento complexo de cidade, em que sujeito e cidade são ambos os sistemas vivos intercambiantes. Nesta relação de codependência, provocam um novo olhar no desenho urbano, que precisa ser universal e para todos, implicando novas áreas transversais, com interfaces nas ciências sociais e ecológicas. É com base nesta ótica sistêmica que as propostas com foco em acessibilidade são desenvolvidas pelo SESC em São Paulo. Neste artigo, trazemos os elementos que compõem este pensamento, em que a acessibilidade é uma espécie de manifestação da cidadania e do direito à cidade, ao lazer e ao usufruto das relações possíveis neste ambiente. Esta reflexão traz a urgência de uma população que hoje, segundo o Censo 2010, representa cerca de 46 milhões de pessoas com deficiência (física, intelectual, visual, auditiva e múltipla) no Brasil. Necessário, portanto, olhar para a acessibilidade na cultura e no lazer como oportunidade de formação dialógica de novos públicos. A deficiência, como reporta a Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, não é barreira, mas característica humana. Nosso tempo está desafiado a ler, portanto, este contingente de pessoas, observando suas subjetividades, anseios, interações e perspectivas para além das leis e equiparações sociais em curso.

Palavras-Chave: Acessibilidade. Lazer. Pessoas com deficiência. Direito à cidade. Ecologia urbana.



CONTEMPLAR NO BAIRRO: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COM FOCO NO LAZER

Emanoel Vitor Caldas Lobo; Ana Patrícia dos Santos de Carvalho; Leonardo Farias da Silva; Samires Lima Souza; Shaiane Vargas da Silveira

vitor96caldas@gmail.com

Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Ministro Reis Velloso, Parnaíba, Piauí, Brasil

O presente trabalho registra a experiência do Projeto de Extensão *Contemplar no Bairro*, que é executado no empreendimento habitacional do “Programa Minha Casa, Minha Vida” denominado *Colinas da Alvorada*, na cidade Parnaíba/Piauí/Brasil. Assim como outros empreendimentos do mesmo Programa estudados pelo Observatório de Metrôpoles, o local não dispõe de espaços de lazer e convivência comunitária. Contrapondo-se à realidade apresentada, o Projeto promove que a reforma urbana extrapola a ideia de direito à moradia como um direito a uma mercadoria de consumo, pois inclui a concepção de um novo projeto de sociedade, onde o direito à moradia não é o de ter quatro paredes e um teto, mas sim porta de entrada para uma qualidade de vida decente e acesso a outros direitos como educação, saúde, meio ambiente, trabalho (Rolnik, 2012). Assim, o direito à moradia expande as quatro paredes e abriga também o direito ao lazer, compreendendo o entorno da casa como ambiente propício à implementação de políticas públicas que garantam o uso adequado do tempo livre e o gozo de seus benefícios, seguindo como referências nessa discussão Csikszentmihalyi, Cuenca Cabeza, Iso-Ahola, Huizinga e outros autores fundamentais nos estudos do lazer. Os extensionistas do Projeto realizaram, em 2015, um diagnóstico sobre a área de estudo que constatou: o alto grau de vulnerabilidade social, o abandono do poder público por um projeto habitacional inacabado e a necessidade de elevar a autoestima da população, que apesar da situação vivenciada, se sentia feliz com a aquisição da moradia, em especial as crianças, que demonstraram maior satisfação do que os pais com o novo lar. Foi analisada uma amostra de 25% das famílias residentes no local, mediante a entrevista com 141 moradores, que informaram seus hábitos de lazer; a frequência e locais preferidos; o entendimento pessoal do significado de lazer; os principais aspectos que dificultam o seu lazer; a avaliação dos espaços de lazer em seu bairro e as sugestões para melhoria. Ainda em execução, o Projeto tem o objetivo de promover a vivência plena do indivíduo a partir do lazer como experiência completa e com sentido, colaborando na autoestima dos moradores que vivem em situação de vulnerabilidade social. Tem no elenco de seus objetivos específicos desenvolver atividades planejadas para ocupação do tempo livre para crianças, adolescentes e jovens; treinar Jovens Monitores para o Lazer e Cidadania; e avaliar, planejar e criar novos conceitos de espaços de lazer comunitário. Atendendo ao primeiro objetivo, semanalmente o grupo começou a se deslocar até o empreendimento habitacional levando atividades planejadas com o propósito de criar um vínculo junto às crianças e jovens da comunidade, mediante a oferta de um elenco de atividades lúdicas a que eles não tinham acesso. A segunda proposta está em execução, após a elaboração de uma cartilha, que numa linguagem jovial propõe discussões atuais em torno do lazer como necessidade humana básica e direito social que nos permite desenvolvimento e autonomia. A cartilha aborda os temas: Direito ao Lazer, Lazer e Saúde Mental, Espaços de Lazer Comunitário e Planejando o Lazer em sua Comunidade.

Palavras chave: Lazer. Extensão Universitária. Cidadania. Direito à cidade.



EQUIPAMENTOS DE LAZER NO ESPAÇO URBANO DE PALMAS

Ruhena Kelber Abrão

kelberabrao@gmail.com

Universidade Federal do Tocantins – UFT, Palmas, Tocantins, Brasil

Este trabalho tem por objetivo mapear os equipamentos de lazer no espaço urbano de Palmas, no Tocantins, mais especificamente o Parque dos Povos Indígenas. Este parque é considerado como um dos legados da primeira edição dos *Jogos Mundiais dos Povos Indígenas*, que aconteceram em Palmas, no ano de 2015. O Parque dos Povos Indígenas abrange a Praça da Árvore e tem um viés voltado para a sustentabilidade. Sendo este o primeiro parque linear do Tocantins, tem como referência os povos tradicionais indígenas e, por meio de uma grande homenagem aos povos originários do Brasil, destaca a enorme contribuição na formação da nossa cultura, tendo por base diversas etnias, em especial as presentes no estado do Tocantins, que hoje chegam perto dos 10 mil habitantes, tais como os Karajá, Xambioá, Javaé, Xerente, krahô Canela, Apinajé e Pankararú, distribuindo-se em mais de 80 aldeias em nosso Estado. Além disso, é considerado o primeiro corredor ecológico da região Norte, no qual, por meio de um estudo etnográfico, podem-se verificar as práticas corporais realizadas neste espaço. Cabe destacar que o método etnográfico possui origem nas Ciências Sociais, especificamente a Antropologia, inicialmente praticado para compreender culturas que por ora eram determinadas de exóticas, diferentes da realidade letrada do pesquisador. Doravante, uma observação por um período prolongado de contato direto do pesquisador tem sido adotada em outras áreas de saber, como, por exemplo, a Educação Física. Buscou-se mapear a infraestrutura direcionada à prática do esporte e do lazer na cidade, bem como analisar se neste espaço, criado em 2017, há projetos e programas de esporte e de lazer. Ao observar-se este espaço, acabamos percebendo que as práticas corporais mais recorrentes são skate, vôlei de praia, futevôlei, peteca, badminton e slackline. Práticas estas diferentes de outros espaços de lazer do município, tais como o Parque Cesamar, uma das principais áreas verdes da capital, inaugurado em março de 1988, em alusão à data comemorativa do dia da autonomia, no estado, por exemplo. Por fim, pode-se compreender que, assim como os direitos constitucionais como à saúde, à educação, ao saneamento básico, entre outros, isto é, direitos sociais, o acesso à prática do esporte recreativo e do lazer também estão ancorados como parte destes direitos, sendo que este é um espaço de mobilização e fomento de reflexão, conscientização e sensibilização popular, bem como socializador do acesso a informações ligadas à questão ambiental e às práticas sustentáveis, tendo como enfoque principal os equipamentos de lazer.

Palavras chave: Esporte. Lazer. Produção do conhecimento.



ESPACIALIDADE DA PRÁTICA SOCIAL: PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA, CURITIBA/PR

**Daniella Tschöke Santana; Emília Amélia Pinto Costa Rodrigues;
Rodrigo Tramutolo Navarro**

dani_ellats@hotmail.com

Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil / Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil

Para Marcellino (2006, p.25), “[...] não há como fugir do fato: o espaço para o lazer é o espaço urbano”. Nas grandes cidades contemporâneas, emerge um movimento de valorização dos espaços urbanos de pequena escala. Outrora considerados improdutivos financeiramente e/ou subutilizados, estes espaços, geralmente remanescentes urbanos, irrompem enquanto potenciais espaços de convivência e lazer, com o intuito de viabilizar o encontro, a sociabilidade e novas experiências que contribuam com uma vida de qualidade da população. A reivindicação de transformação destes locais parte principalmente de um esforço comunitário, por iniciativas de grupos organizados da sociedade civil. Esta dimensão espacial das ações sociais, com a espacialidade como um componente evidente da forma de organização, do meio de expressão e/ou seus objetivos, foram chamadas por Souza (2013) “práticas sociais densas de espacialidade”. A implementação da Praça de Bolso do Ciclista (PBC), em Curitiba/PR, materializa estas observações. Estudo de caso qualitativo, investigou-se o processo de idealização, construção e apropriação desta praça, sendo utilizados como recursos documentos de diversas fontes, observações, registros de imagem e entrevistas semiestruturadas. Os dados foram sistematizados e triangulados, sendo elaborada uma análise interpretativa. A PBC, com 127m² de área, foi idealizada principalmente por cicloativistas da cidade. Com a autorização da prefeitura, que cedeu o espaço, realizou ajustes iniciais e disponibilizou alguns materiais, um terreno vazio foi palco da construção comunitária da praça por meio dos “mutirões”. Lideranças voluntárias, um núcleo regular de 20 pessoas aproximadamente, conduziram autonomamente as ações, a partir de suas experiências em diferentes áreas de atuação, ensinando os demais voluntários que chegavam. Paralelamente, aconteciam atividades culturais (música, grafite, oficinas, teatro, dança) e ações para conscientização do uso da bicicleta na cidade. Foi inaugurada em 22/09/2014, Dia Mundial sem Carro. A PBC abriga uma feira semanal de orgânicos, eventos culturais sistemáticos (como o “Domingo de Bolso”, todos os terceiros domingos do mês) ou pontuais e é ponto de encontro para diversos eventos ciclísticos. Ao mesmo tempo que espaço de ação cidadã e política, tornou-se um espaço também controverso, em função de uma ocupação noturna desordenada e inesperada, ocasionando tensionamentos e transtornos à comunidade local. Esta entende que existe um desrespeito por parte dos usuários da praça nas práticas ilícitas realizadas próximo aos estabelecimentos e residências, na convivência conflituosa no espaço público (brigas, algazaras, som alto) ou ainda depredação do mesmo (destruição de postes, lixeiras, paraciclos). Ashcer (2010) destaca essa característica ambivalente das cidades e dos espaços públicos. Ao mesmo tempo em que ela protege, também produz perigo/risco e, conseqüentemente, segregação, na medida em que o espaço público urbano é produto social, constituído pelo hibridismo de forças políticas e comerciais. Mesmo com formas de apropriação contraditórias, destaca-se o componente espacial significativo da prática social da PBC, a qual resultou na construção de um espaço público de lazer, inicialmente qualificando um espaço físico anteriormente negligenciado, mas trazendo à tona questões como mobilidade urbana, protagonismo popular, diversidade de usos e formas de convívio no espaço público.

Palavras chave: Lazer. Espaço. Apropriação. Ação comunitária. Praça de Bolso.



ESPAÇO DE LAZER PROIBIDO: ELITIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL BRASILEIROS

Simone Gonçalves de Paiva; Bruno Modesto Silvestre; Silvia Cristina Franco Amaral
simone.gpaiva@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil

A vinda da Copa do Mundo de Futebol para o Brasil em 2014 acarretou a chamada “modernização dos estádios”. Neste cenário, os clubes de futebol vislumbraram a possibilidade de reformular e criar espaços atrativos, sobretudo aos investimentos econômicos. Introduzido inicialmente na Inglaterra, com a finalidade de diminuir os casos de violência, o modelo de arena esportiva se tornou uma das maiores vitrines do futebol moderno: instalações grandiosas, arquibancadas tomadas por cadeiras, restaurantes, lojas entre outros espaços. Ademais, as novas arenas moldaram a forma de se assistir e vivenciar o espetáculo esportivo. Todavia, esse ordenamento não se constituiu de maneira neutra. É patente afirmar que o controle sobre as manifestações e expressões culturais dos torcedores figuraram entre os objetivos desse novo modelo. No decorrer desse trajeto ocorreram acréscimos consideráveis no valor dos ingressos e, por conseguinte, um processo de gentrificação desses espaços, o que levou os estádios de futebol a se transformarem em locais cada vez menos acessíveis, ou mesmo em espaços proibidos, para as massas de outrora. O espetáculo esportivo se constituiu como tempo e espaço de lazer para parcela considerável da população brasileira e o estádios de futebol se tornaram símbolos dessa manifestação. Desse modo, o objetivo desta pesquisa consistiu em analisar como as mudanças ocorridas nos estádios brasileiros contribuíram para a alteração do público e a forma de se lidar com o espaço e tempo de lazer nos estádios. Para tal, analisou-se o período das duas Copas do Mundo de Futebol sediadas no Brasil (1950 e 2014). Como metodologia, foi realizada uma pesquisa documental por meio de jornais de grande circulação nos períodos especificados, além de uma pesquisa comparativa que buscou relacionar os dados dos dois mundiais. Apesar dos momentos históricos analisados serem distintos, tanto do ponto de vista político e econômico como esportivo, essas características não atenuam a relação entre os dois mundiais, mas sim, ratificam que as mudanças no universo do futebol, principalmente as econômicas, reforçaram a alteração de público e a forma como esse lida com o espaço nas arenas esportivas. As arenas corroboraram as mudanças e o crescimento de um modelo de lazer atrelado à compra e venda de mercadorias e serviços. Nesse cenário, o estádio se tornou um bem que possibilita, além do seu próprio consumo, o de outras mercadorias e relega a segundo plano o lazer como manifestação da cultura e sociabilidade humana. Além disso, a partir dos dados levantados também se identificou, ao se relacionar a média do valor do ingresso com o salário mínimo dos anos de análise, que a Copa do Mundo de 1950 apresentava um ingresso que equivalia a 8,8% do salário mínimo, enquanto que em 2014 correspondia a 73%. Desse modo, é possível constatar que as alterações realizadas nos estádios, além de priorizar um espaço e tempo de lazer atrelados ao consumo, trazem elementos de elitização e exclusão dos que não podem pagar por esse novo formato, ou seja, as arenas afastaram as camadas populares das arquibancadas.

Palavras-chave: Lazer. Esporte. Espaço de lazer. Megaeventos.



ESPAÇOS PÚBLICOS DE CAXIAS DO SUL: LAZER E APROPRIAÇÕES DIVERSAS

**Jacqueline Maria Corá; Bruna Tronca; Marcell Costa Marcolim;
Pedro de Alcântara Bittencourt César**

jmcora@ucs.br

Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Observa-se que espaços públicos são equipamentos urbanos vitais para a qualidade ambiental e as possibilidades de lazer e cidadania. Dessa forma, estudam-se as praças e parques centrais de Caxias do Sul-RS, acerca do entendimento de sua apropriação relacionada aos seus equipamentos, às demandas de seus usuários e sua utilização para o lazer. Caxias do Sul surgiu a partir de práticas de povoamento migratório europeu, no final do século XIX, por processo de assentamento. Assim, nesse período, a localidade desenvolveu-se a partir de uma formação territorial planejada, tendo como referência uma praça próxima ao eixo central. A partir disso, nota-se, ao longo dos levantamentos da formação urbana dessa localidade, uma concepção de áreas verdes na zona central, mesmo sendo essa uma ocupação planejada de maneira ortogonal rígida. Em estudo mais detalhado dessa implantação cidadina, nota-se a existência de áreas livres destinadas ao lazer. Entretanto, duas praças projetadas durante o período inicial de formação da cidade foram substituídas por lotes urbanos. Soma-se a isso a necessidade da criação de uma área com recursos hídricos para suprir a ausência de fonte de abastecimento permanente, como um rio ou arroio. Nessas condições, compõe-se como área verde uma reserva a extremo sul da cidade. Para este estudo, as áreas foram analisadas por meio de observação direta dos seus usuários e dos equipamentos implantados, partindo do entendimento de que a percepção ambiental se torna peça chave para compreender as relações estabelecidas no parque urbano. Essa percepção pode ser relacionada a inúmeros condicionantes envolvidos, sejam eles de natureza geográfica, social, antropológica, psicológica ou arquitetônico-urbanísticas. Dessa maneira, fez-se um diagnóstico destes espaços públicos situados entre o traçado ortogonal original, sendo possível realizar as seguintes considerações: a Praça Dante Alighieri, pela lógica urbana, é a praça principal e atende a cidade como articulação viária para o transporte de passeio e rodoviário. Sua apropriação ocorre pelas camadas populares, atraídas pelas atividades comerciais ali realizadas – feiras, venda de artesanatos e atividades informais. A inserção da classe média na vivência da Praça ocorre em eventos pontuais – feira do livro, atividades religiosas e pelo acesso ao teatro e partidas de viagem de excursões. O Parque Monteiro Lobato é apropriado pelos moradores do seu entorno, predominantemente jovens e crianças que usufruem das quadras e do *playground*. Pontualmente, é incorporado a eventos de natureza cultural, gastronômica e de lazer, atraindo moradores de outras áreas da cidade. O Parque Municipal Getúlio Vargas oferece variedade de equipamentos e espaços que, em dias e horários diversos, são apropriados por diferentes grupos, faixa etárias e classes sociais da população. A Praça Dante Marcucci, pela disposição dos equipamentos no seu entorno, aparenta certo isolamento, favorecendo a sua apropriação por mendigos e inibindo o seu acesso a outros grupos da população. Por último, na Praça João Pessoa, a apropriação dos equipamentos e espaços é feita pela classe média, com destaque para os idosos. Observa-se acerca desses equipamentos a existência de dinâmicas específicas de lazer/apropriação associadas à disposição arquitetônica, paisagística e urbana como a situação nodal na malha urbana.

Palavras chave: Praça. Parque urbano. Lazer urbano. Equipamento de lazer. Caxias do Sul.



ESTÁDIOS: BRASIL E ÁFRICA DO SUL PÓS-COPA DO MUNDO

Rafael Fróis; A. C. P. Couto

frois.turismologo@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Investimentos em megaeventos esportivos de lazer e turismo, foram justificados por seus promotores como geradores de legados para as cidades receptoras. A África do Sul e Brasil sediaram em 2010 e em 2014, respectivamente, o megaevento esportivo promovido pela Fédération Internationale de Football Association - FIFA. Este trabalho apresenta parte dos resultados da tese de doutorado desenvolvido entre 2014-2018 no Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, que teve como objetivo identificar permanências e mutações nas cidades que sediaram megaeventos esportivos. O trabalho foi desenvolvido com a seguinte questão norteadora: Quais são as permanências e mutações nas práticas de Lazer da população residente anfitriã de um megaevento? Neste trabalho propõe-se apresentar as aproximações entre os estádios: Cape Town Stadium, localizado na Cidade do Cabo, África do Sul, e Estádio Mineirão, localizado na cidade de Belo Horizonte, Brasil, ambos equipamentos de lazer – Camargo (1979); Requiça, (1980); Pelegrini (2004), que sediaram a Copa do Mundo de Futebol. A pesquisa de abordagem qualitativa coletou dados em observações simples – GIL (1994), nas duas cidades. O Estádio do Mineirão e o Cape Town Stadium estão localizados em bairros considerados nobres, onde vivem famílias com alto poder econômico. Os dois estádios estão em zonas de interesse turístico. Antes da reforma, o estádio do Mineirão era administrado pela Governo do Estado de Minas Gerais. Após a reforma o Estádio passou a ser administrado pela Minas Arena, uma sociedade de propósito específico, criada por meio de uma parceria público-privada, que executou as obras de modernização com direito de uso por 25 anos. O Cape Town Stadium é administrado pela prefeitura, que também administra o Green Point Park ao lado do estádio. Do ponto de vista turístico, os estádios dispõem de serviço para visitas guiadas, onde é possível conhecer o estádio, seus bastidores e suas curiosidades, e analisando o quantitativo de avaliações no aplicativo de apoio ao turista Tripadvisor (2017), é possível constatar que o Mineirão desperta mais interesse que o Cape Town Stadium. Enquanto o estádio de Belo Horizonte foi avaliado por 3.634 pessoas que o visitaram, o estádio da Cidade do Cabo teve 320 avaliações apenas. Posterior à realização do megaevento Copa do Mundo Fifa de Futebol os desdobramentos seguem. Os dois equipamentos enfrentam desafios para se manterem financeiramente e constatamos a existência de conflitos socioespaciais entre moradores e frequentadores dos equipamentos. Em Belo Horizonte a reconfiguração da utilização dos estádios para o padrão europeu de futebol vem causando conflitos entre torcidas organizadas e gestores do estádio. Nos dois estádios é visível o legado urbanístico de equipamentos de lazer ao redor do megaequipamento.

Palavras-Chave: Copa do Mundo. Estádios de Futebol. Legado. Belo Horizonte. Cape Town.



ESTÁDIOS DE FUTEBOL: ESPAÇOS DE LAZER TRANSFORMADOS PARA A MODERNIDADE

Andréia Juliane Drula; Simone Rechia; Raíssa Ramos Chagas

deia.drula@gmail.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Marechal Cândido Rondon, PR; Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil

Seja no passado ou no presente, o estádio se configura como um lugar de emoções a partir da prática esportiva do futebol. Dessa forma, a representação do estádio é singular para cada sujeito, transitando pelas diferentes sensações que este lugar pode proporcionar. Quando reportamos essas lembranças a determinados espaços de lazer, alguns aspectos têm maior atenção. Especificadamente, a representação que o antigo estádio Joaquim Américo Guimarães de 1994, em Curitiba, deixou é de que o antigo campo do clube Atlético-PR deu lugar a uma nova casa no ano de 1999, na qual até sua nomenclatura passou a ser nova, de estádio para a “Arena da Baixada”. Em 2014, foi um dos palcos para a Copa do Mundo FIFA. Entretanto, com as mudanças de infraestrutura necessárias para a modernização do estádio, alguns elementos enraizados na memória e cultura dos frequentadores do estádio se modificaram. Esta pesquisa de cunho qualitativo descritivo percorreu os seguintes caminhos metodológicos: (a) descrever, historicamente, as mudanças estruturais ocorridas no Estádio Joaquim Américo Guimarães desde sua concepção até 2009; (b) analisar as mudanças de infraestrutura e funcionalidade do estádio a partir da seleção da cidade como palco da Copa do Mundo de 2014; (c) identificar as formas de apropriação desenvolvidas antes e atualmente no estádio. Os instrumentos metodológicos utilizados foram: entrevistas, roteiro de observação (diário de campo) e registros fotográficos. Na sequência dos passos estabelecidos na metodologia, foi possível apontar que as características de determinado espaço de lazer criam uma cultura do mesmo, quando este é alterado pode ter uma perda de identidade. Mesmo que a Copa do Mundo tenha passado pela cidade, os cidadãos de Curitiba devem continuar a ter seus espaços e equipamentos do lazer, no mínimo, iguais ou melhores do que eles eram antes do megaevento esportivo, para que não haja perdas para ninguém. A partir das análises feitas, é possível ressaltar que os torcedores criam laços estreitos com o estádio que frequentam, e a partir das experiências vivenciadas ali, o estádio se configura como um lugar (TUAN, 2013), o qual deve ser demarcado pelas diferenças qualitativas para reafirmar sua cultura. A “Arena da Baixada” precisa se reinventar, por não ter mais suas cadeiras vermelhas, fachada alusiva ao CAP, estabelecimentos tradicionais e a praça Afonso Botelho como eram até 2010. Assim sendo, o sujeito pode ser singular no pensamento, mas na cultura se torna plural, por isso que mesmo modificando algumas tradições do lugar em que se têm vínculos, culturas recriadas, principalmente com as lembranças do que já passou, podem ser instituídas (CERTEAU, 1995). Pensando de outro modo, quando nosso cotidiano se desestabiliza em função de mudanças daquilo que estamos acostumados é que percebemos que não fomos consultados para a ocorrência da transformação do espaço. Contudo, coletivamente pode ser mudada a história e a cultura do espaço para voltar a ser o lugar de antes, pois mesmo que a cara seja outra, as antigas experiências se conservaram em lembranças e na força das culturas.

Palavras-chave: Estádio. Espaço de Lazer. Cultura.



FACTORS LEADING THE CITY OF MEDELLIN BECOME A TOURISTIC DESTINATION

Laura Rojas De Francisco

Irojas3@eafit.edu.co

Universidad EAFIT, Medellin, Antioquia, Colombia

Colombia is a country not considered a tourist destination, for reasons related to aspects such as the internal conflict with the guerrilla; drug trafficking, violence and insecurity. However, since 2005, institutions and tourism clusters promote cities and the case that comes out is Medellin, a city with the major issues associated to those aspects, which in less than twenty years has solved many issues and became one of the most visited places in the country. It was a result of institutions, industries and citizens' efforts that transformed the way citizens live and see their city with effects on the growth of tourism. This encouraged a study about how has been achieved that change, having in mind the image and reputation, and the concepts of destination marketing and city branding, to analyze and understand that transformation. It is focused in strategies to improve a city's image or manage image, stereotypes and reputation, of a conflict-ridden destinations and the effects of strategic city planning and city marketing (Kavaratzis, 2007), to understand identity, spatial relationships and meanings of the city for residents and visitors. The study uses a methodology that starts with the use of web analytics and data mining that provides data and information about information sources and actions where the brand of Medellin is built. Digital contents created or shared by users and organizations are extracted by data mining and once obtained are filtered and analyzed to establish social actors, actions and networks. In addition, content analysis and thick data are used to describe and interpret online-shared contents. Then, a fieldwork interviewing actors, influencers and experts validated findings and found new approaches. Results identified initiatives, social actors and trends related to Medellin reputation in social networks, that offer an input to understand how institutional, organizational and citizen's efforts have led the Colombian city of Medellin to go from being a conflict destination to an interesting tourist destination. The study also shows how the city is working for transformation and improvement with strategies aimed at offering better conditions to its citizens, by providing better transportation, access to cultural agendas, facilitate the practice of sports in new recreation spaces, trying to include all neighborhoods –especially those once considered marginal– in the urbanization plans. Finally, an analysis shows how all those efforts explain why the city sells itself and attracts visitors; why citizens are open for this change; and how a negative image associated with drug trafficking and prostitution has been changed offering social transformation as a main attraction. Moreover, the city shows how social problems are solved and a touristic agenda offer, among other things, tours in places where conflicts were an issue and now are an example of transformation.

Keywords: Destination Image. Destination Transformation. Social Inclusion. Tourism.



FEIRANTES DO VER-O-PESO: INTERFACE ENTRE LAZER E TRABALHO

**Márcia Peres; Auriane Nobre; Milena Medeiros; Anacleto Santos;
Patrícia do Socorro Chaves de Araújo**

marciancbperes@hotmail.com

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil

Este artigo tem por objetivo socializar os resultados de uma pesquisa a partir da interface lazer e trabalho com os feirantes do Ver-o-Peso, o principal símbolo do centro histórico da capital paraense, sendo considerado também um espaço turístico – a feira do Ver-o-Peso, em Belém. A economia mercantil, fortemente apoiada nas práticas extrativistas, foi favorecida pela miscigenação entre europeus e índios durante o século XVIII, constituindo uma população cabocla que reteve o conhecimento da floresta, ao mesmo tempo em que se integrou à racionalidade produtiva (Costa, 2009). Assim, no decorrer de quatro séculos, o mercado do Ver-o-Peso se transformou na maior feira livre do país e um complexo que abrange a Feira do Açaí, a Pedra do Peixe, os Mercados do Peixe e de Carne, o Solar da Beira e as Praças do Pescador e do Relógio. O reconhecimento do valor histórico e arquitetônico desse espaço levou ao seu tombamento e também do conjunto arquitetônico adjacente, que incorpora mais praças, palácio e o casario antigo. Os imóveis particulares têm sido mal preservados, alguns estão em ruínas, e muito pouco avanço foi observado nas tentativas de articular políticas de preservação naquela área, aproveitando a infraestrutura existente e vocação econômica, ao gerar oportunidades de negócios a partir da venda de produtos confeccionados pela própria comunidade do bairro, assim como as limitações de acessibilidade em relação à cidade como um todo (por exemplo habitação de interesse social, geração de renda, mobilidade). Na metodologia utilizou-se a abordagem qualitativa, caracterizando-se como descritiva bibliográfica e exploratória. O aspecto bibliográfico foi fundamentado a partir da teoria das Representações Sociais; a coleta de dados foi obtida por meio da entrevista estruturada – tivemos 25 participantes; e por fim, a análise dos dados foi por meio do Discurso do Sujeito Coletivo dos feirantes. Para a compreensão do lazer é preciso compreendê-lo em sua totalidade, para que se possa identificar as relações estabelecidas e as possibilidades de se apresentar como potência transformadora. Este trabalho obteve como resultado, a partir da fala dos participantes, a junção entre lazer e trabalho, no qual o lazer tem um papel importante, pois está intimamente ligado à labuta vivenciada no cotidiano da feira e nas possibilidades de construção de uma vida com sentido no espaço de trabalho. Este projeto obteve como resultado a revelação de uma falsa dicotomia entre as categorias lazer e trabalho. Ao que parece, quando dividimos o tempo caracterizando-o como tempo de trabalho e tempo destinado ao lazer concebemos uma fragmentação do real e isso, a partir das análises das falas dos participantes da pesquisa. A problemática então se encontra na questão da dicotomia entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer, gerando uma oposição entre estas categorias, pois é só quando o trabalho se torna dotado de sentido, que o ser social poderá se humanizar e emancipar-se em todas as esferas sociais. Tal dicotomia é falsa e acaba por nos conduzir a vários equívocos no debate acadêmico.

Palavras-Chave: Feirantes. Ver-o-Peso. Lazer. Trabalho.



INCENTIVANDO CONHECER O LAZER DE UMA FORMA DIFERENTE

Alysson da Rocha Silva; Tiago Rodrigo Alves Nunes; Cleber Mena Leão Junior

alyssonrocha21@hotmail.com

Faculdade São Vicente de Pão de Açúcar (FASVIPA), AL; Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), São Paulo, SP; Faculdade de Paraíso do Norte (FAPAN), Paraíso do Norte, PR, Brasil

Atualmente muitos municípios brasileiros ainda possuem áreas verdes e espaços livres nos quais famílias e turistas podem usufruir e sair da rotina do dia a dia. No entanto a população residente nestas cidades, em sua grande maioria, não conhece ou não tem interesse em tomar conhecimento dos benefícios que locais como esses podem trazer à saúde e bem-estar na vida dos seres humanos. A preferência por grandes áreas de comércio e shoppings como lugares de encontro fazem com que a ideia do lazer, do convívio social, antes nas praças e campos de bairros, sejam apenas lembranças do passado. A meta geral de aprendizagem deste projeto foi proporcionar aos alunos conhecimento, por meio de pesquisas, sobre locais que a cidade oferece para o lazer. Uma proposta de produção de um jornal informativo, para a divulgação na comunidade escolar, sobre os parques e praças existentes na cidade, incentivando as pessoas a visitarem e utilizar esses espaços para o lazer na cidade de Garanhuns (PE). O projeto foi dividido em cinco etapas: a primeira constituiu-se na apresentação dos temas aos alunos, que também opinaram sobre o assunto e, em debate, chegamos a um denominador comum; na segunda foram realizadas pesquisas de textos, vídeos e artigos que tratassem sobre o tema escolhido e conteúdos propostos para a elaboração de matérias no jornal; na terceira etapa os alunos foram subdivididos em quatro grupos, sendo dois grupos responsáveis pelas matérias “Importância do lazer” e “Principais locais para o lazer na cidade de Garanhuns”, o terceiro grupo realizou uma entrevista com pessoas que praticavam atividades físicas e passavam pelo parque Euclides Dourado e o quarto grupo coletou dados entre os demais alunos da escola acerca da prática de lazer. A quarta etapa o grupo se juntou para debater e organizar o jornal. A quinta e última etapa foi a distribuição do jornal nas ruas com o intuito de conscientizar e incentivar a prática do lazer, apresentando os espaços que a cidade disponibiliza. O trabalho foi realizado no período de maio a agosto de 2017 no horário das aulas de Educação Física. A partir dos objetivos traçados foram alcançados os seguintes resultados: levantamento de material teórico por meio de pesquisa sobre os espaços físicos para a prática do lazer na cidade e elaboração do jornal, que foi distribuído na comunidade onde se localiza a escola. Desta forma, a população residente nas proximidades tomou conhecimento do trabalho de pesquisa, debate, produção e intervenção, desenvolvidos pelos próprios discentes. Todos os objetivos foram alcançados sem que houvesse distanciamento do objetivo inicial.

Palavras-chaves: Jornal. Saúde. Intervenção. Aprendizagem. Cidade.



INTERESSES CULTURAIS DO LAZER NA COMUNIDADE VILA DA PAZ

Titane Lorena Rocha; Leonardo Toledo Silva

titanelr@yahoo.com.br

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil / Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM, Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil

A partir de dinâmicas e entrevistas, investigamos quais são os interesses nas vivências de lazer dos moradores da Vila da Paz (BH/MG). Os estudos sobre o lazer no Brasil sofreram influências das pesquisas de Dumazedier, o mesmo acontecendo com a classificação utilizada pelo autor quando se refere aos interesses do lazer. Para diversos estudiosos brasileiros (MELO, 2004, 2007; MELO e ALVES JUNIOR, 2012; ISAYAMA, 2007; UVINHA, 2007) que investigaram a obra de Dumazedier, esses interesses estariam classificados em cinco grupos: 1) Artísticos; 2) Físicos; 3) Manuais; 4) Intelectuais; e 5) Sociais. Outros autores ampliaram essa classificação considerando interesses Turísticos (MELO, 2004; MARCELLINO, 2007) e Virtuais (SCHWARTZ, 2003; PIRES e ANTUNES, 2007; SCHWARTZ e MOREIRA, 2007). É importante constatar que existem limites em classificar as atividades realizadas pelos moradores da Vila da Paz, “já que o processo de escolha dos indivíduos nem sempre é absolutamente explícito, tampouco modulado por um interesse único” (MELO, 2004, p.52). O mesmo autor enfatiza que “a ação humana é complexa demais para caber em limites rígidos de categorias, o que não significa que a classificação seja ineficaz: somente devemos utilizá-la tendo claro os seus limites e a considerando como um guia para nossas intervenções” (p.52). Dessa maneira, temos que nos atentar para a fala de Marcellino (2007), que sinaliza que o ideal seria que cada pessoa praticasse atividades que abrangessem os vários grupos de interesses culturais do lazer, procurando exercitar o corpo, a imaginação, a habilidade manual, o relacionamento social, o intercâmbio cultural e a “quebra da rotina”, quando, onde, com quem e da maneira que quisesse, sendo necessário, para isso, uma construção da autonomia via educação para/pelo lazer. Para tal, torna-se, ainda, primordial um processo educativo de incentivo à imaginação criadora e ao espírito crítico que procure não criar necessidades, mas satisfazer necessidades individuais e sociais (MARCELLINO, 1987). Notamos que os moradores da Vila da Paz vivenciam uma diversidade de atividades nos momentos de lazer, dando ênfase nas atividades de cunho físico-esportivo, muito vinculadas e difundidas na mídia, com um discurso de qualidade de vida e saúde. Percebemos que diversas vivências são realizadas dentro da Vila (funk, almoços, jantares, festas, ações da igreja, artesanatos, os esportes e atividade física e o brincar), e que outras ocorrem fora (shopping, escola, parque e passeios), e que elas são influenciadas/orientadas pelos meios de comunicação e novas tecnologias. É importante que as políticas de lazer estimulem as pessoas a vivenciarem os mais diversos conteúdos proporcionando possibilidades de novos olhares. Segundo Marcellino (2007, p.20), é uma questão de cidadania, de participação cultural. Entendendo por participação cultural a atividade não conformista, mas crítica e criativa, de sujeitos historicamente situados. Entendendo-a, ainda, como uma das bases para a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade, tendo em vista a instauração não só de uma nova ordem social, mas de uma nova cultura. Isso não significa isolar o plano cultural do social e do econômico, mas, tão-somente, que não cabe justificar o imobilismo pela existência de uma ordem social adversa.

Palavras chave: Interesses culturais. Políticas de lazer. Educação. Mídias.



LAZER: UMA OPÇÃO DE VIVÊNCIA OFERECIDA PELO PARQUE VALE VERDE

Elzenir de Andrade Souza; Breno Alves Costa; Vanessa de Sousa Barbosa; Natalia José da Cruz

elzenirdeandrade@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC MINAS - Belo Horizonte/MG

O lazer é essencial à vida humana. Nos últimos anos, a visibilidade do lazer enquanto tema de estudo veem se tornando mais frequente. O Lazer contribui para aplicação de atividades educativas fazendo com que o indivíduo tenha uma vida equilibrada, saudável e produtiva. Um dos objetivos de uma ação educativa no âmbito do lazer é a construção de reflexões sobre as atitudes do ser humano. O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada por alunos do Curso de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, cujo objetivo precípua foi analisar as possibilidades de Lazer oferecidas pelo Alambique e Parque Ecológico Vale Verde, localizado na cidade de Betim/MG, sua diversidade bem como vivenciar os interesses culturais do lazer reunidos em um local classificado como macro equipamento de polivalência. O estudo também destaca conceitos de lazer, os limites que dificultam a vivência do lazer, os interesses culturais em torno da prática do lazer e os equipamentos que proporcionam essa prática. Através desta pesquisa, foi possível apontar fatores que impossibilitam e seleciona o público frequentador do Parque, o limite econômico do público presente no dia da pesquisa assim como a acessibilidade ao local. O público presente no Parque durante os dias em que a pesquisa foi realizada, respondeu algumas questões elaboradas pelos alunos idealizadores do trabalho, com a prerrogativa de se identificarem ou não, as respostas foram analisadas e condensadas. Através das respostas, alguns pontos positivos e negativos ficaram em destaque. Como ponto positivo, destacamos a limpeza do ambiente, a preservação de espécies raras de aves, a oferta de brincadeiras diversas para crianças e adultos assim como a presença de frequentadores de todas as idades. O local é de fácil acesso, apesar de localizado um pouco afastado do centro comercial, a cobrança de taxa de entrada também contribui para o processo seletivo do público presente. Em contrapartida, a segurança das crianças é visível e a tranquilidade dos pais. O acesso ao local para pessoas com dificuldades de locomoção ficou destacado como ponto negativo durante a pesquisa. No entanto, a preocupação com o meio ambiente é notável assim como a presença de profissionais de diversas áreas. Durante a realização da pesquisa, podemos constatar e presenciar no Parque Vale Verde a aplicabilidade do duplo aspecto educativo pelo lazer e para o lazer como veículo e objeto da educação. Através desse estudo, foi possível avaliar a perspectiva cultural, social, pessoal e política dos frequentadores do Parque Vale Verde, bem como a importância de disponibilização desse espaço para prática do lazer seja orientado ou com liberdade para decidir de que maneira ou forma o seu tempo naquele local será preenchido.

Palavras chave: Lazer. Interesses culturais. Vale Verde.



LAZER E ESPAÇO TURÍSTICO: ESTUDO SOBRE O COMPLEXO DO VER-O-PESO

**Jonathan Rodrigues Nunes; Kely Nobre Lima; Marina Aline Brito Osório;
Silvia Helena Ribeiro Cruz**

jonathanrodrigues58@hotmail.com

Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, Pará, Brasil

O Complexo do Ver-O-Peso insere-se historicamente à fundação da cidade de Belém do Pará, em 1616. A expansão da malha urbana da cidade de Belém começa a partir de seus dois primeiros núcleos urbanos, que acompanharam a construção do forte à margem da baía do Guajará. Estes dois núcleos foram denominados Cidade Velha e a Campina. O complexo Ver-O-Peso apresenta suas peculiaridades pelo valor simbólico a ele atribuído, devido à sua história que remonta à própria história da cidade. O objetivo da pesquisa foi analisar o espaço turístico do complexo do Ver-O-Peso a partir de seus frequentadores, especificamente da Região Metropolitana de Belém (RMB). Para isso, foram realizadas pesquisas bibliográfica e documental. As duas primeiras ocorreram nos lócus da pesquisa, nos arquivos da prefeitura municipal e da Biblioteca Pública do Pará, bem como em periódicos. Na segunda fase foram realizadas duas *survey*: a primeira ocorreu em março de 2017, período em que foi detectada a problemática da pesquisa, e a segunda em outubro do mesmo ano, para o levantamento de dados e observações pontuais. Por fim, no período de 19 a 30 de outubro, ocorreu a aplicação de 70 questionários *on line*, tendo como foco os munícipes da RMB. Os dados obtidos comprovaram que o complexo do Ver-o-Peso é classificado como um local que agrega valores distintos, importante como espaço de lazer público, considerado um dos principais pontos turísticos da cidade de Belém e o principal cartão-postal do estado do Pará, com atrativos interligados, entre eles o Mercado de Peixe (Mercado de Ferro), Solar da Beira, Feira do Ver-O-Peso, Mercado de Carne, Docas do Ver-O-Peso, Praça do Relógio, Feira do Açaí, Praça do Pescador e Forte do Castelo. A baía do Guajará torna o ambiente mais exótico, possibilitando a permanente relação e vivências com os povos ribeirinhos, onde há a concentração para venda de produtos, como peixe e outros materiais da floresta, e com a facilidade náutica do espaço, o complexo serve de ponto de partida para várias ilhas próximas, assim como se torna um entreposto comercial. Todavia, questões como a falta de limpeza e segurança tornam o espaço pouco vulnerável à visitação. Conclui-se que o Complexo do Ver-O-Peso apresenta diversas possibilidades de usufruto para a sociedade local, como lazer, comércio, encontros culturais, além de ser um espaço aberto para a realização de pesquisas. E que necessita de políticas públicas eficazes para uma gestão participativa, pois em sendo um local de encontros da cidade de Belém, entre visitantes e visitados, agrega valores que vão além das trocas comerciais, criam-se relações socioculturais seculares e que se tornaram referência para a cultura e o turismo na RMB.

Palavras chave: Turismo. Lazer. Ver-O-Peso.



LAZER E NEOLIBERALISMO: O FUTEBOL E A CIDADE

Felipe Pereira de Queiroz

felipesocioambiental@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Belo Horizonte - Minas Gerais - Brasil

INTRODUÇÃO - O futebol é um tema que abrange os mais diversos contextos da vida humana, dilatando sua concepção de esporte e atingindo dimensões como da cultura e da política. A capacidade de diálogo dos fenômenos em que futebol está inserido faz com que o tema seja objeto de análise de áreas que vão desde a educação física até a economia. Nesta teia de disputas é necessário reconhecer que, de fato, o futebol não é apenas um esporte. É um fenômeno de produção de sentido que se relaciona de múltiplas formas com a vida social brasileira. Historicamente, construíram-se representações e imaginários culturais, formações identitárias aliaram-se a projetos políticos em prol de uma brasilidade anunciada, iniciativas mercadológicas e midiáticas emergiram e ganharam força no jogo que se estende para além das quatro linhas. (MAYOR e SILVA, 2014, p.74) Para tanto o conceito de lazer e suas aproximações com o futebol estabelecem os pressupostos analíticos pelos quais se pretendem refletir sobre a cidade e a racionalidade neoliberal. **ABORDAGEM** - A presente pesquisa busca através de análises sócio-espaciais, culturais e políticas compreender os mecanismos da racionalidade neoliberal tendo como recorte o lazer futebolístico e a cidade de Belo Horizonte. A partir dos autores Pierre Dardot e Christian Laval no âmbito da racionalidade neoliberal e do geógrafo David Harvey busca-se refletir sobre as relações de poder estabelecidas nesses campos em disputa. **CONCLUSÃO** - Os grandes eventos – Copa do Mundo e Olimpíadas – trazem pra esses dois campos [futebol e cidade] transformações nas quais a atuação de um estado cada vez mais neoliberal ganha uma centralidade na análise da realidade. A condução desse processo gerou uma profunda intervenção na estrutura esportiva do país, buscando uma adequação ao que se convencionou chamar de padrões FIFA. Os estádios, agora chamados de “Arena”, foram o epicentro dessas transformações que somado as 4 intervenções urbanísticas e concessões dadas pelo estado a iniciativa privada formam parte do conjunto alvo das reflexões ora propostas. Concomitante a esse processo o Brasil vive um fenômeno de exclusão de um dos seus maiores símbolos culturais, o futebol. A transformação da paisagem dos antigos estádios é apenas um elemento em meio ao esse complexo fenômeno. A elevação dos preços dos ingressos, circunstância econômica mais direta, assim como o avanço da expansão das transmissões via televisão de um maior conteúdo futebolístico desenha um cenário onde o futebol deixa de ser popular na sua principal casa, o estádio. Somado a esse processo o futebol, mundialmente, é cada vez mais alimentado por sua dimensão econômica, se tornando um produto a ser vendido. Essa mercadorização transforma a figura do torcedor, de sua condição cultural de pertencimento a um clube para se tornar um cliente, um mero espectador de grande apresentações. MAYOR, S. T. S. ; SILVA, S. R. . Os discursos governamentais nas estratégias de reforma do Novo Mineirão: modernização e tradição no jogo que acontece fora das quatro linhas. Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, v. 14, p. 57-77, 2014

Palavras chave: Futebol. Cidade. Neoliberalismo.



LAZER NO ESPAÇO URBANO: O SLAM COMO MANIFESTAÇÃO EM SÃO PAULO

Natalia Pais Fornari; Thatiane da Silva Oliveira; Ricardo Ricci Uvinha

editorial.natalia@gmail.com

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP,
São Paulo, São Paulo, Brasil

Este estudo investiga as impressões acerca do uso do tempo livre, no âmbito do lazer, pelos frequentadores das batalhas de poesia propostas pelo grupo *Slam Resistência*, na Praça Roosevelt de São Paulo, Brasil. Ao participar de tal atividade e por meio da recepção das poesias declamadas pelos *slammers*, o espectador pode transitar entre os diversos níveis de participação do lazer, que vai do conformista ao crítico até o criativo, com ênfase no conteúdo intelectual que se encontra disposto na diversidade dos temas abordados pela atividade *Slam*. Neste sentido, articula-se a poesia ao jogo e sua primordial ludicidade na história humana, com a poesia cumprindo para além da estética, uma função social que abarca o desenvolvimento humano e intelectual na forma do lazer urbano. Este estudo se pauta em uma pesquisa do tipo qualitativa exploratória, realizada junto aos praticantes de *Slam* na cidade de São Paulo. Como instrumento de pesquisa, foram aplicadas entrevistas estruturadas aos frequentadores. A atualidade deste tema é trabalhada junto às obras clássicas do estudo do lazer. Utilizou-se uma revisão bibliográfica a partir das categorias teóricas *Slam*; Lazer; Poesia; Cidades; São Paulo e seus correlatos em língua inglesa, abordando publicações nacionais e estrangeiras em seu referencial teórico. Por meio da técnica de observação não participante na Praça Roosevelt, equipamento público emblemático na conjuntura urbana de São Paulo e que é majoritariamente ocupado por atividades de lazer, verificou-se a integração dos praticantes do *Slam Resistência* a este espaço e uma contrapartida de integração de outros frequentadores da praça, para assistir às batalhas propostas pelo *Slam*. Notou-se, ainda, que a apropriação do local se dá por indivíduos que atestam a identidade diversificada e culturalmente efervescente da praça, aliada à grande experiência pessoal de assistir às batalhas de poesia do *Slam*, onde se circula entre o lazer passivo e o ativo, deixando o papel de simples espectador ao declamar e fazer uso do microfone aberto durante os intervalos da competição e ao ser parte do júri que avalia os *slammers* e suas intervenções, entre outras possíveis ações. Conclui-se que o tema se articula à temática do lazer, cidades e urbanização, com uma discussão centrada no lúdico, na arte e na poesia de resistência, contemplando significativas experiências para a formação identitária e social dos indivíduos. Neste sentido, os espaços não formais de educação, de expressão da cultura e de convivência social se tornam vias privilegiadas para ter no lazer uma relevante ferramenta de transformação social.

Palavras chave: Lazer. Poesia. Espaço urbano. *Slam*. São Paulo.



LUGARES DO LAZER NA CIDADE – SESC PINHEIROS, TEATRO E ESPAÇOS PERMEÁVEIS

Shirlei Torres Perez, Sarah Caramaschi Degelo

shirlei@pinheiros.sescsp.org.br; shitorres.shi@gmail.com.br

Serviço Social do Comércio – Sesc, Pinheiros, São Paulo, São Paulo, Brasil

Este trabalho destaca a multiplicidade de papéis que as estruturas de lazer podem assumir no cotidiano da cidade, a partir da apresentação da programação do Teatro Paulo Autran, do Sesc Pinheiros, em contraposição à programação artística e de cultura nas áreas de convivência e espaços informais da mesma Unidade, traçando um paralelo entre os usos e expectativas para esses espaços e a linha de programação, curadoria e relação com o público, de forma a expor um pensamento de diálogo com o espectador/usuário e a cidade, junto a uma proposta de educação no uso do tempo livre. Sendo reconhecido como uma programação de destaque na cidade de São Paulo, o Teatro Paulo Autran é um equipamento com tecnologia e estrutura avançadas, com uma plateia de cerca de mil lugares. Por outro lado, o Sesc Pinheiros recebe, em seus espaços de convivência, um público com diferentes objetivos e intenções, ligadas à complexidade de sua estrutura, que reúne serviços, piscina e atividades esportivas e um grande restaurante, entre outras possibilidades. A pesquisa visa enxergar as diferenças e pontos em comum na construção dessas duas experiências, a partir da programação, e relacionar a ação à busca de produção de conhecimento complexo no uso do tempo. A Grade teórica considerada contempla as reflexões sobre a imbricação e sobreposição dos tempos livre e de trabalho na contemporaneidade, a lógica de circulação e ocupação no cotidiano da cidade e suas possibilidades de atravessamento, e as propostas de educação pela comunicação e relacionamentos, aplicadas à ideia de lazer na atualidade. O trabalho possibilita visualizar: as ações e linha de programação, no Teatro Paulo Autran e nos espaços de convivência ou passagem, chamados aqui de espaços permeáveis, com suas especificidades e diferenças; e as propostas de ação da Entidade aplicadas pelo Sesc Pinheiros, considerando sua estrutura e equipamento, localização da Unidade e vocação dos espaços em relação ao público e à ação do Sesc. Dessa forma, discute-se o lugar do Sesc Pinheiros na cidade por dois pontos de vista complementares, considerando expectativas e estratégias possíveis em cada um dos espaços, e os parâmetros a serem considerados nessa construção. Esta apresentação se propõe a expor a proposta para uma qualificação no uso do tempo livre, que vai além da ideia de um lazer produtivo, mas que contempla enxergar não apenas a complexidade na partição do tempo, mas as novas necessidades de relação consigo e com o outro além do espaço de trabalho, discutida como possibilidade efetiva, pela estimulação da experiência estética e de cultura.

Palavras chave: Lazer e cidade. Ação cultural. Sesc Pinheiros. Lazer.



O LAZER E AS LÓGICAS SUPERESTRUTURAS NA SERRA GAÚCHA

**Rosiane Machado Pradella; Morgana Pizzi Moraes; Angélica Ravizzoni Veronese;
Pedro de Alcântara Bittencourt César**

rosimpradella@gmail.com

Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Os municípios têm à disposição um arcabouço legal que ampara direitos e qualidade de vida do cidadão. Assim, o lazer deve ser compreendido no seu planejamento territorial, seu Plano Diretor Municipal (PDM), como instrumento para disciplinar as diretrizes urbanísticas, visando condições de habitabilidade e de relações do espaço, como na promoção do lazer. Neste estudo, objetiva-se analisar como os PDM contemplam políticas de lazer e recreação, tendo como procedimento metodológico a análise qualitativa desses, em locais referências da Serra Gaúcha com distintas populações. Caxias do Sul preocupa-se com a preservação, aliada ao desenvolvimento. Observa-se, ao analisá-la, a classificação em área urbana de espaços de reuniões públicas e de esportes, para uso coletivo de atividades e lazer, além da exigência de porcentagens para o mesmo fim em parcelamentos urbanos. Define-se também demarcação de território com incentivo do uso pelo seu potencial turístico. Ainda, refina essa preocupação com ambientes naturais ou edificados para um lazer contemplativo e o turismo. Busca-se uma universalização de ações de cultura, esporte e lazer focadas nas zonas urbanas. No município, ressalta-se a paisagem rural, unindo às atividades urbanas, para atendimento das comunidades rurais voltadas ao lazer e ao turismo. No que tange ao PDM de Bento Gonçalves, este reconhece aspectos importantes da paisagem natural e edificada, promovendo diretrizes quanto à preservação e requalificação de bens culturais com o propósito de viabilizar transformações urbanísticas, melhorias sociais, estímulos à valorização ambiental e ao fortalecimento turístico do município. Incentiva-se o turismo ao reconhecer locais rurais como parte integrante dos aglomerados funcionais para o desenvolvimento da ocupação agrícola e tradicional e de atividades de caráter temático e turístico. A especificação dos roteiros culturais turísticos viabiliza a implantação de políticas públicas e empreendimentos que venham garantir a preservação de seus bens. Flores da Cunha hoje apresenta praças na zona central do município, tendo como ponto positivo sua conexão alcançada em distâncias caminháveis. Seu atual PDM reconhece áreas de lazer e verde no zoneamento, através da determinação de locais para uso coletivo de lazer passivo, contemplativo e zonas residenciais controladas, com diretrizes para baixa densidade de ocupação e uso predominante de habitação e lazer. Classifica, ainda, áreas de proteção cultural e corredor turístico. Planos como o de Turismo e de Arborização de Áreas Públicas são citados, associados ao desenvolvimento econômico e potencializados com a integração entre a área urbana e rural do município. Percebe-se, nos últimos anos, uma tendência nas políticas públicas brasileiras de valorização dos espaços rurais, embora a relação do Plano Diretor com a expansão urbana tem tendência de fragmentação do solo e de secundarizar a área rural. Observa-se, nos casos estudados, que a crescente urbanização salienta a insuficiência de espaços destinados ao lazer e convívio público, do mesmo modo que a industrialização alterou o ritmo de trabalho e, conseqüentemente, o estilo de vida e as atividades não obrigatórias, como o lazer. A ausência de políticas com estatutos sistêmicos nos municípios no que tange a uma urbanidade associada à condição de acesso às novas possibilidades de lazer.

Palavras chave: Lazer. Serra Gaúcha. Turismo. Plano Diretor.



O LAZER E AS SMART CITIES: UMA ANÁLISE DE CURITIBA

Kaique Bezerra

kaique_evolution@hotmail.com

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil

Smart city é um conceito recente e encontra-se em discussão por diversos teóricos e profissionais. Segundo a Forbes (2010), para ser considerada *smart city*, a cidade precisa englobar parâmetros que envolvem qualidade no ambiente urbano, sendo eles: estrutura, habitação, mobilidade e, também, fundamentos econômicos (ligados especificamente à economia dinâmica), assim como o progresso das cidades em termos de planejamento, gestão, conexão de serviços e tecnologias de informação relacionadas à facilidade de vivenciar a cidade. Neste artigo foi realizada uma análise sobre os aspectos de planejamento inteligente, destinados aos espaços de lazer e turismo da cidade de Curitiba, capital do Paraná, a única cidade da América do Sul considerada *smart city* presente na lista da Forbes (2010). O método deste estudo caracterizou-se por análise bibliográfica e documental; foram utilizados documentos como o Plano Diretor Estratégico (2004) e o Plano Municipal de Turismo de Curitiba (2015-2017). Também foi realizada uma visita em campo com objetivo de verificar a aplicação dos atuais projetos e realizar um diagnóstico sobre seu modelo de gestão, que é símbolo do município. Observou-se que o destaque de Curitiba está relacionado a seus projetos inovadores de planejamento urbano, com influência de praticamente todos os órgãos públicos articulados (prefeitura e secretarias) junto a organizações privadas e a gestão participativa. O reconhecimento de seus projetos é perceptível quando se visita a cidade. Seu planejamento, que também reflete no paisagismo e em sua estética, são passíveis de contemplação ao longo de todo o centro histórico e o eixo turístico dos parques, assim como outros pontos de interesse voltados para lazer e turismo. Além de todos os aspectos que tornam Curitiba uma *smart city*, também é característica da cidade o envolvimento com a sustentabilidade onde, por exemplo, existe a preocupação com o plantio de árvores por toda a cidade. A projeção dos gestores de Curitiba é de torná-la cada vez mais uma “cidade modelo” e “mais humana”, prezando pela qualidade de vida e incentivando o setor de turismo a alavancar o número de visitantes. Conclui-se que a experiência urbana em Curitiba reflete também no conceito de Jafari (2012) que reflete: um bom destino turístico é também um bom lugar para viver. A cidade de Curitiba, com a chancela de *smart city*, é uma referência global e são perceptíveis os esforços da gestão político-administrativa em conjunto à gestão participativa e à iniciativa privada, que trouxeram múltiplos resultados que, inclusive, são reconhecidos pelos diversos prêmios internacionais que o município já recebeu.

Palavras chave: *Smart cities*. Lazer. Turismo. Curitiba.



PARQUE DO CARMO: O LAZER NO SÍTIO HISTÓRICO DE OLINDA

Marcos Henrique Bãdãrãu Jr.; Thays Correia Wanderley Alves
marcosbadarau@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE),
Recife, PE, Brasil.

“Ó linda situação para se construir uma vila”. Esta frase foi como Duarte Coelho se expressou ao ver o lugar em que hoje é Olinda em 1537, ainda uma vila. A cidade, que ostentava luxo e beleza, era comparada a Corte portuguesa e hoje em dia é Patrimônio Mundial da Humanidade. Em suma, uma terra de história e cultura. Seus espaços e sua cultura formam um centro de lazer para a população nativa e para os turistas. O Parque do Carmo, localizado na zona costeira do sítio histórico, é um exemplo desses espaços de lazer para todos. Pela importância do espaço, um estudo do lazer foi iniciado no Sítio Histórico de Olinda. Procurou-se com este estudo apresentar a situação da aplicação das políticas públicas no local e apresentar a participação de turistas e de nativos para com o mesmo. O parque do Carmo é um dos espaços verdes do sítio histórico onde a interação social acontece entre os diversos grupos que o visitam. Os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa foram: análise de SWOT, com o objetivo de avaliar os pontos fortes e fracos direcionados ao lazer no espaço, seguida de pesquisas quantitativas para que se fosse possível conhecer o nível de visitação do parque. Também foram utilizadas pesquisas qualitativas que deram uma noção de como os entrevistados avaliaram seu espaço de lazer e, por fim, deu-se início a pesquisas exploratórias e bibliográficas, como entrevistas e busca dos conteúdos referentes. Os resultados destas entrevistas foram coletados entre 200 pessoas, tanto turistas quanto nativos, que visitaram a praça durante o período de 14 a 17 de junho de 2017. Com a análise de SWOT percebeu-se que o parque apresenta grande espaço e é bastante visitado, mas não apresenta uma boa infraestrutura para atividades. O parque é utilizado para eventos musicais e culturais, mas o problema é que não são eventos fixos, ou seja, não se tem atrativos garantidos dentro do espaço. Também foi observado que a pluralidade de ofertas do espaço é reduzida pela extrema necessidade material. Com as pesquisas quantitativas e qualitativas, uma média de 67,3 das pessoas julgou o parque essencial; 87,6 como importante; 40,3 como relevante e apenas 4,6 o julgou sem importância. Em relação à questão das políticas públicas aplicadas ao local, em uma entrevista com cinco opções de escolhas apenas uma média de 40 pessoas o julgou como excelente, enquanto uma média de 47,3 julgou o mesmo quesito como ruim. Com estes resultados se percebe que a população nativa e os turistas não estão tão satisfeitos com a infraestrutura do local. Em síntese, a aplicação de políticas públicas e da disponibilidade de espaços públicos para a realização do lazer no Sítio Histórico de Olinda é preocupante, pois não há participação efetiva dos órgãos públicos na tentativa de uma resolução dos problemas encontrados no espaço.

Palavras-Chave: Lazer. Olinda. Turismo. Espaços Urbanos.



PARQUES URBANOS E LAZER EM MAUÁ/SP: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Iranilda Oliveira de Medeiros; Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco

iramedeiros@usp.br

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP,
São Paulo, São Paulo, Brasil

Mauá é, atualmente, 100% urbanizada e possui mais de 400.000 habitantes em seu território (SEADE, 2016), faz parte da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), integrando com mais seis cidades a região do ABC, formando “[...] um aglomerado de cidades com uma malha viária interligada, criando uma paisagem urbana contínua (exceto Rio Grande da Serra).” (FREITAS, 2011, p. 06). É uma cidade industrial cuja maior parte de seu território está vocacionada para Usos Diversificados como verificado em seu Plano Diretor (MAUÁ, 2007) e Lei de Uso e ocupação do Solo (MAUÁ, 2014). Com problemas relativos ao crescimento e à planificação, o município também conta com a crescente importância dos lazeres (LEFEVBRE, 2001) dentre as necessidades dos cidadãos urbanos. Dessa forma, os parques urbanos são compreendidos como espaços livres públicos (QUEIROGA, 2012) que têm funções ecológica, estética e de lazer na cidade (LOBODA; ANGELIS, 2005). Mauá possui dois parques urbanos: o Parque Natural Municipal Guapituba Alfredo Klinkert Junior, inaugurado em 1996, antiga fazenda de um proprietário alemão do ramo da cultura da uva; e o Parque Ecológico Santa Luzia ou Parque da Gruta, o qual existe desde 1975 e abriga as nascentes do Rio Tamanduateí, cuja bacia cruza todo o município mauaense. A gruta que dá nome ao parque foi recém-tombada como patrimônio histórico, ecológico e turístico (MAUÁ, 2017) pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico Municipal (CONDEPHAAT-MA). Assim, o presente estudo – projeto de mestrado da autora – propõe-se a analisar se a estrutura de gestão de uso público dos parques urbanos de Mauá tem incentivado a apropriação desses espaços para a prática de atividades físicas de lazer. A metodologia de pesquisa é qualitativa, combinando método bibliográfico – documental e de campo, por meio de observação participante nos parques da cidade (Parque do Guapituba e Parque da Gruta Santa Luzia), bem como entrevistas semiestruturadas com os seus gestores e visitantes. Em fase de levantamento bibliográfico e documental e primeiras aproximações de campo, tem-se que a gestão dos parques encontra-se na responsabilidade da atual Secretaria do Verde e do Meio Ambiente do município, tendo entre seus entraves o baixo orçamento para execução das demandas. Por outro lado, há o forte potencial dos parques urbanos como espaços de garantia do direito ao lazer podendo tornar-se elementos de conexão territorial e histórica em Mauá por meio desse uso. E por meio da conexão contribuir com a qualificação dos espaços livres públicos da cidade e seu uso sistêmico pela população.

Palavras chave: Parques urbanos. Gestão. Uso público. Lazer. Atividade física.



PISCINAS PÚBLICAS E O DIREITO À CIDADE EM SÃO PAULO

Daniele Ribeiro da Silva, Reinaldo Tadeu Boscolo Pacheco

dane.ribeiro@usp.br

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH-USP,
São Paulo, Brasil

Introdução - O presente estudo objetiva mapear e comparar os CEUs (Centro Educacionais Unificados) - e Centros Esportivos em todo o território do município de São Paulo. O projeto pretende analisar 10 equipamentos públicos, sendo 5 CEUs e 5 da SEME (Secretaria de Esportes, Lazer e Recreação), onde será analisada a gestão destes equipamentos relacionados ao lazer nas piscinas, acesso e permanência da população que mora no entorno dos equipamentos, formas de divulgação das atividades pertinentes as atividades aquáticas. Também será analisada a questão do direito à cidade e as formas de permanência e acesso a esses equipamentos públicos que estão instalados nas periferias da cidade de São Paulo. **Metodologia** - Entrevista semiestruturada com os gestores da SEME E do CEU e, também, aplicar entrevista para os usuários das piscinas. Os roteiros poderão sofrer alterações durante o trabalho de campo, assim, caso ocorra alguma modificação nesses instrumentos de coleta de dados, serão para priorizar a qualidade da pesquisa. Para uma melhor Identificação de atores sociais portadores de informações significativas sobre o problema investigado, os critérios de escolha para a participação dos sujeitos da pesquisa são a disponibilidade em participar do estudo, principalmente dos gestores envolvidos diretamente na gestão dos equipamentos que foram escolhidos, assim como, os frequentadores das piscinas destes equipamentos e moradores do entorno. Os dados documentais serão coletados junto aos órgãos públicos do município de São Paulo durante o seu horário do expediente. As visitas aos equipamentos previamente selecionados neste projeto acontecerão mediante agendamento com a gestão do equipamento. As observações de campo poderão ocorrer tanto durante a semana, quando aos finais de semana. **Conclusão** - Este é um projeto de mestrado que se encontra em andamento e a proposta dele não é somente identificar os equipamentos públicos da gestão municipal que tenham piscinas e sim, trazer à tona uma discussão sobre lazer e água na cidade de São Paulo. Muitas pessoas não sabem que existem equipamentos públicos com piscina na cidade. Um levantamento em sites acadêmicos como, por exemplo, Scielo, USP Teses, Google Acadêmico, Capes, Revista Brasileira Esporte e Lazer, dentre outras fontes, utilizando as palavras chave: “lazer e piscina”, “políticas públicas para piscinas”, “piscinas públicas”, “piscina e lazer” constatou-se que há carência de trabalhos relacionados a este tema. Dessa forma, este projeto torna-se pertinente para pensarmos a cidade que queremos, com lazer para todos, onde os indivíduos que nela habitam tenham realmente direito á cidade, com equipamentos públicos melhores e acesso para todos aqueles que desejarem estar num espaço desses.

Palavras chave: Piscina. Política Pública. Cidade.



PROGRAMA LUDICIDADE: POLÍTICA PÚBLICA PARA A INFÂNCIA

Roselene Crepaldi

rcrepald@usp.br

Universidade de São Paulo – EACH/ USP Leste/ GIEL, São Paulo, SP, Brasil

São Paulo, a maior cidade da América Latina, verticalizou-se sem um planejamento urbano adequado. A cidade, construída em função do automóvel, limita o espaço do pedestre e das áreas verdes. A periferia, carente em serviços de educação, saúde, cultura, esportes e lazer não oferece às crianças e jovens, oportunidade suficiente para viver intensamente sua infância e adolescência, para além da escola obrigatória, em que os espaços são na maior parte das vezes degradados e cujas quadras são as únicas áreas de lazer. (Crepaldi, Freyberger e Turino, 2006). Relatório do Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), em 2010, revela que no município de São Paulo “a desigualdade social, medida pelo Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ), continua elevada. Os jovens das regiões periféricas do município registram situações muito mais desfavoráveis do que os moradores das áreas centrais”. Como reverter esse processo? É possível utilizar os equipamentos públicos existentes para garantir o acesso a espaços e atividades culturais, esportivas e de lazer às crianças e adolescentes, de acordo com a Lei 8069/90 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)? Buscando responder a questões como estas, um grupo de técnicos e estagiários da Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação da Prefeitura do Município de São Paulo, criou em 2001, o Programa Ludicidade nos clubes municipais. Uma política pública inovadora, com qualidade técnica e pedagógica, contemplando atividades esportivas, físicas e recreativas, direcionadas a todas as faixas etárias, prioritariamente às crianças, e de maneira descentralizada atendeu a cerca de 50 mil crianças num período de cinco anos. O Programa Ludicidade, colocou em prática os preceitos metodológicos da Psicologia, Sociologia, Lazer e Recreação, criando dezessete brinquedotecas fixas e oito brinquedotecas móveis (Armários Brincalhão), em clubes municipais, e duas brinquedotecas itinerantes (Ônibus Brincalhão). O Programa foi pautado em três eixos: capacitação de profissionais das Secretarias de Esportes, Educação, Assistência Social e Saúde num processo de formação continuada, para atuar como brinquedistas; organização nos Centros Esportivos, Centros de Saúde e de Assistência Social (que aderiram voluntariamente ao programa), de espaços internos e externos que possibilitassem a realização de jogos e brincadeiras, com ou sem acervo de brinquedos; e a sensibilização da comunidade usuária sobre o direito e a importância do brincar. Durante todo o funcionamento do Programa tivemos a parceria de instituições nacionais e internacionais e o entusiasmo dos profissionais, crianças e famílias usuárias, que reconheciam as brinquedotecas como espaços privilegiados de alegre convivência.

Palavras-Chave: Brinquedoteca. Políticas públicas. Criança. Lazer.



RELAÇÕES ENTRE LAZER, EDUCAÇÃO FORMAL E CONDIÇÕES DE MORADIA

Adrize Paola Gonçalves Marques

adriize@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Belo Horizonte,
Minas Gerais, Brasil.

A instituição escolar é um espaço para a promoção da educação formal, onde se presume o ensino, dentro outros conteúdos, da educação para o lazer e pelo lazer, havendo “...um duplo processo educativo – o lazer como veículo e como objeto de educação.” (MARCELLINO, 1987, p. 58-59). Há, também, diferentes tempos de vivências de lazer dentro (turno e contraturno) e fora da escola. Ambos oportunizam a observação da ressonância dos conteúdos viabilizados pela educação curricular, ou a ausência dela, mas estas ressonâncias sofrem influências que, somadas a barreiras socioeconômicas e baixo nível educacional, favorecem o domínio da indústria cultural que contraria a educação para/pelo lazer (MARCELLINO, 1987). Elencou-se a condição de moradia como indicador de situação socioeconômica, diferenciando-as entre moradias de ocupações regulares (MOR) e irregulares (MOI). Ao MOI, o poder público destina ações como o Programa Judicial para Remoção e Reassentamento Humanizado de Famílias do Anel Rodoviário e BR-381 em Minas Gerais (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017). Desenvolvida na Vila da Paz em 2017, objetivando identificar a influência da condição de moradia nas vivências de lazer e suas relações com a educação formal, identificou-se, nos documentos deste programa, a escola com mais matrículas de MOI (33 alunos, 06 a 17 anos), tomando-se como ponto em comum entre os grupos a educação formal. A cada aluno MOI, era escolhido um MOR, totalizando 72 alunos respondendo ao questionário autorreferido. Observou-se que o repertório de atividades definidas pelos alunos como vivência de lazer não diferiu entre os dois grupos. Percebeu-se que diferença socioeconômica não permitiu a identificação de diferenças nas vivências de lazer. Os tempos criados como livres por iniciativa dos alunos nem sempre coincidiram com os da rotina escolar destinados para tal, sendo importantes janelas para a observação das escolhas que os alunos fazem quanto aos conteúdos de lazer. Fora da escola, o repertório de atividades entre os dois grupos mostrou-se similar, e em ambos houve o predomínio do conteúdo de lazer “social”. O uso do celular não diferiu em relação à condição socioeconômica, mas sim em relação à faixa etária. Portanto, refletimos que o fator nível educacional pode apresentar-se com maior influência sobre as vivências de lazer que o fator socioeconômico. O fato de os alunos MOI estarem na eminência do reassentamento amplia a importância da educação formal, pois ela poderá sobrepor as influências que a condição de moradia possam imprimir sobre as vivências de lazer de crianças e adolescentes.

Palavras chave: Ocupações irregulares. Educação formal. Lazer.



TERRITORIALIDADES CULTURAIS DO CAMPO LIMPO

Pedro M. R. Sales; Pedro H. V. Santos, Yuri B. Tambucci

yuribt@gmail.com

Associação Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Em 2016, foi firmada uma parceria entre o SESC-SP e a Associação Escola da Cidade – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, motivada pelo interesse de erguer a unidade definitiva do SESC Campo Limpo, aberta a colher as especificidades urbanísticas e culturais da região do Campo Limpo, Capão Redondo e Jardim São Luís, onde se insere. Com o objetivo de subsidiar e provocar o projeto arquitetônico da unidade do Sesc, foi criada uma equipe de pesquisa que, valendo-se de métodos da arquitetura, urbanismo e antropologia, realizou um levantamento sobre a produção cultural já existente nessa região da cidade. A análise de dados sobre a população e o território, bem como a visita aos coletivos e espaços culturais da região, permitiu que se fizesse um esforço de tradução e diálogo entre os produtores culturais e moradores da região e a instituição e entre o território e o espaço do Sesc. Trata-se de um esforço no sentido de identificar, mapear e caracterizar espaços-tempos de produção da cultura, as manifestações culturais no território, os pontos em que emergem subjetividades coletivas e onde se efetuam as potencialidades criativas, espaciais e temporais. As unidades do Sesc, instituição historicamente destinada à promoção do bem-estar e do lazer de trabalhadores do comércio e serviços, representam pontos de referência não apenas para seu público-alvo, mas também para toda a população das cidades em que se encontra. Ainda que parte de uma rede, as especificidades dessa região fazem com que se busque a construção de uma unidade do Campo Limpo e não apenas no Campo Limpo. O território de estudo foi traçado a partir de um círculo de 3km de raio com centro na unidade Sesc, tangenciando as margens do Rio Pinheiros a leste e os limites do município a oeste. “Do lado de cá” do rio, isto é, na periferia da cidade de São Paulo, a região é marcada por uma cultura de resistência. A ponte sobre o rio marca uma separação simbólica entre o centro geográfico e de poder e a periferia, onde tudo, embora mais difícil, é mais interessante. Nessa lógica de resistência, as atividades culturais, realizadas fora do tempo do trabalho, da escola e da família, se tornam potência e conferem novos sentidos ao território. O estigma do termo “periferia” é transformado em marca distintiva e esta passa a ser valorizada. A futura unidade é entendida por esses agentes como um espaço que pode integrar e dar visibilidade ao que já existe na região, abrindo mais um canal para que as atividades e práticas no campo da cultura de resistência possam se desenvolver. A pesquisa ajudou a compreender suas demandas e anseios e registrar a morfologia espacial de suas atividades usuais: saraus, cortejos e festivais. Em um esforço de tradução, podem ser realizadas provocações ao projeto arquitetônico: de que forma o desenho da futura unidade pode fazer sentido e abrigar as práticas já existentes?; de que forma a instituição deve pensar seus programas e regras para que ilumine (e não ofusque) o que ocorre em seu entorno?

Palavras chave: Periferia. Territorialidade. Produção cultural. Tempo livre. Leitura e projeto.



USO PÚBLICO NOS PARQUES URBANOS E PARQUES NATURAIS DE SOROCABA/SP

**Kleber Vinícius Barros Kachinski; Eliana Cardoso Leite;
Maria Helena Mattos Barbosa dos Santos**

kleber.kachinski@gmail.com

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Campus Sorocaba, São Paulo, Brasil

O tema meio ambiente está cada vez mais presente em nossa sociedade. Compreendido nos dias atuais como uma área de grande importância, pois tem profunda relação com esferas de atuação e interesse humano, como o trabalho, a educação, o lazer etc. O meio ambiente traz à tona valores na sociedade como um todo, assim como sofre influências da estrutura social, econômica e política vigente. Conservar a natureza e garantir o uso pelas populações é elemento central na construção dos programas de uso público dos parques urbanos e parques naturais. Portanto, é fundamental considerar as características locais e, ao mesmo tempo, garantir o acesso a programas de educação não formal, com base nas práticas de cultura e lazer. Entendendo os espaços públicos como fundamentais para cidades mais vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis, o presente trabalho colabora para a discussão relacionada aos parques em ambiente urbano, tendo em seus objetivos verificar como se dá a apropriação do espaço público pela população, além de observar como são desenvolvidas as práticas recreativas e a distribuição destas áreas na cidade de Sorocaba. Como metodologia, o estudo foi desenvolvido por meio da combinação da pesquisa bibliográfica, documental e de campo: trata-se de estudo observatório exploratório, partindo do instrumento da coleta de dados quantitativos com a utilização de entrevistas semiestruturadas realizadas na área amostral de oito parques da cidade (quatro delimitados – cercados e quatro sem delimitação física – não cercados). E como parte do método, realizamos a observação direta para descrição da amostra selecionada dentro do objeto de pesquisa. As entrevistas e observações apontam que os parques de Sorocaba são utilizados para a prática de atividades esportivas, para o descanso, encontro com amigos, passeios com crianças e contemplação da natureza. Nos parques mais estruturados há festas com piqueniques e churrascos, aproveitamento cênico, fotográfico e outras atividades. Por outro lado, os visitantes se manifestam com relação aos quesitos falta de segurança, carência de política de atividades, seguida por melhorias da infraestrutura e paisagismo ambiental. Há em Sorocaba parques em piores condições que acabam sendo subutilizados em detrimento de parques melhor localizados e com maior concentração de renda no entorno. Estes parques recebem mais atividades do poder público e iniciativa privada, os visitantes tendem a ser frequentes na utilização, destacando que as atividades são mais diversificadas, apesar do elevado número de parques criados e suas distribuições atenderem a todas as regiões de Sorocaba. Os resultados suportam ações para uma maior intervenção do poder público que deve priorizar as atividades de cultura, lazer e educação ambiental em todas as regiões. Buscando melhorias dos aspectos paisagísticos e de limpeza, dando a devida atenção para a segurança pública.

Palavras chave: Parques urbanos. Uso público. Lazer. Meio ambiente.



TEMA 14
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E TEORIAS
DO LAZER
PRODUCTION OF KNOWLEDGE AND
LEISURE THEORIES
PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO Y
TEORÍAS DE OCIO



ASSOCIATIVISMO CIVIL E LAZER: O ESPORTE UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO (1930-1940)

Vitor Lucas de Faria Pessoa

vitorlfpessoa@hotmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

A intervenção do Estado brasileiro no fomento e gestão de políticas públicas voltadas ao setor esportivo se deu de forma mais sistemática a partir da década de 1930, que coincide com uma mudança significativa no paradigma político e econômico do país (LINHALES, 1996). Outras nações, como por exemplo, os Estados Unidos, tiveram esta experiência já no final do século XIX, principalmente através de debates acerca dos usos sociais do esporte (O'HANLON, 1982). De acordo com Manhães (1986), a primeira lei orgânica que foi designada aos desportos no Brasil, data de abril de 1941; portanto, da sua chegada ao Brasil em meados do século XIX até o início da década de 1930, o esporte em larga medida, teria se desenvolvido no país sem a intervenção direta do Estado, principalmente através do associativismo civil (DIAS, 2012). A partir da década de 1930, a historiografia do lazer no Brasil tende a enfatizar o papel do Estado como um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do esporte em âmbito nacional, em detrimento dos sujeitos que compunham as instituições esportivas, porém algumas iniciativas como o desporto acadêmico, podem ir de encontro ao que vêm sendo discutido por estes teóricos, sendo assim o objetivo deste trabalho é buscar indícios de como o associativismo civil foi fundamental para a expansão da prática esportiva nas universidades brasileiras a partir da década de 1930. Dessa forma, o esporte universitário foi utilizado como uma janela interpretativa para compreendermos quais os fatores responsáveis pelo desenvolvimento das práticas de lazer no país nas primeiras décadas do século XX, mais precisamente, dentro das universidades brasileiras. Para buscarmos respostas a estes questionamentos utilizamos periódicos datados de 1930 a 1939 como fontes primárias, que foram coletados no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Analisamos jornais e revistas de vários estados brasileiros, dentre eles Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Pernambuco. A partir da análise destas fontes podemos concluir que o principal fator que contribuiu para o desenvolvimento dos esportes dentro das universidades brasileiras foi o associativismo civil, principalmente através da criação das federações esportivas universitárias em 1933 no Rio de Janeiro e em 1934 no estado de São Paulo. Os acadêmicos da década de 1930 no intuito de seguir o que seria uma tendência mundial dentro das universidades, principalmente nas instituições europeias e norte-americanas, buscaram incentivar a prática dos desportos no meio acadêmico realizando regatas, torneios de futebol, basquetebol, esgrima, polo aquático, atletismo e natação. O Estado só interviria na organização do esporte universitário a partir da década de 1940, com a promulgação do Decreto-Lei nº 3.617, de 15 de setembro de 1941, que instituiu a Confederação Brasileira dos Desportos Universitários. Portanto, de 1930 quando começa o processo de sistematização e alargamento do esporte universitário no país, ao início da década de 1940, o desporto acadêmico teria se desenvolvido a despeito das intencionalidades do Estado, sendo protagonizado por vários estudantes que marcaram seus nomes na história do esporte no Brasil.

Palavras-Chave: Lazer. Esporte universitário. Associativismo civil. História.



CULTURA E LAZER: PRÁTICAS DOS FREQUENTADORES DO SESC SÃO PAULO

Ane Rocha

ane@cpf.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – SESC, São Paulo, São Paulo, Brasil

O Serviço Social do Comércio de São Paulo é uma instituição privada sem fins lucrativos e de função pública que se dedica à área da cultura e da educação. A instituição mantém 41 centros socioculturais e esportivos distribuídos pelo Estado de São Paulo, dispendo ao público diversas atividades (shows musicais, teatro, dança, cinema, circo, cursos livres diversos – envolvendo também temáticas ligadas à gestão cultural –, atividades de turismo social e comunitário, centro de férias no litoral paulistano etc). A presente pesquisa teve como objetivo principal compreender as motivações, dinâmicas e agências dos frequentadores do Sesc, de forma a investigar as relações e percepções que eles estabelecem com a instituição. A pesquisa foi realizada em duas etapas: a primeira em 2015, na qual foi realizado trabalho de campo em nove unidades: seis na capital (Belenzinho, Consolação, Itaquera, Pompeia, Santana e Santo Amaro), uma na grande São Paulo (Santo André), uma no litoral (Santos) e uma no interior do estado (Araraquara). Após análise dos resultados e tendo em vista a riqueza dos dados coletados, em 2017 realizou-se a segunda etapa, desta vez com recorte etnográfico voltado para o interior do estado através da pesquisa de campo em cinco unidades (Campinas, Presidente Prudente, São José do Rio Preto, Sorocaba e Taubaté). A abordagem metodológica baseou-se em duas perspectivas: uma expedição etnográfica (método qualitativo) e um questionário do tipo “survey” (método quantitativo). A união dessas perspectivas permitiu o aprofundamento da pesquisa e o conseqüente incremento das informações. A expedição etnográfica, iniciada primeiro e formada por uma equipe de dez antropólogos, permitiu a inserção intensa em cada um dos centros socioculturais do Sesc, proporcionando uma perspectiva de entendimento dos frequentadores “de perto e de dentro” (Magnani, 2002). Com os dados das primeiras incursões a campo nos centros socioculturais, partiu-se para a elaboração do questionário que compôs a parte quantitativa (survey). Aqui, a abordagem analítica teve como base uma amostra segundo critérios estatísticos, resultando na aplicação de quatro mil e quinhentos questionários com 57 questões abertas e fechadas (com nível de confiança de 95%). O survey permitiu analisar opiniões sobre as práticas físico-esportivas e de lazer e compreender a distribuição socioeconômica dos frequentadores. A união das duas metodologias, inovadoramente, permitiu um conhecimento aprofundado da opinião e do grau de satisfação dos frequentadores dos centros culturais do Sesc. A intenção, neste trabalho, é apresentar as características da pesquisa e os principais resultados. Na perspectiva qualitativa, a partir dos dados coletados nas expedições etnográficas, foram escolhidos quatro eixos de análise: 1) O Sesc e a cidades; 2) Pertencimento e acolhimento; 3) Categorias de identidade e construção de pessoa; e 4) Formas de habitar as unidades do Sesc São Paulo.

Palavras chave: Sesc. Lazer. Cultura. Etnografia. Survey.



DESAFIOS DE ESTUDOS DO LAZER EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

Karla Tereza Ocelli Costa; Leonardo Toledo Silva

ktocellicosta@gmail.com.br

Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM, Sete Lagoas, Minas Gerais

Nossos estudos têm como desafio problematizar o Lazer em Comunidades Tradicionais, ir ao encontro de outros modos de viver, abrindo caminhos de compreensão para outras formas de relação com o meio ambiente e com as pessoas, gerando práticas sociais e experiências culturais, compreendendo as percepções do tempo/espaço e dos processos de produção cotidiana da vida. Uma comunidade tradicional não se reconhece como tal apenas por serem eles e os seus modos de vida “diferenciados do ponto de vista cultural”, mas, também, por haverem no correr dos tempos, criado, vivido e transformado padrões de cultura e modo de vida em que a luta, o sofrimento, a ameaça e a resistência estão no cerne da memória. Assim sendo, elas não são tradicionais porque aos olhos de quem chega opõem-se ao que é “moderno”. São tradicionais porque são ancestrais, resistentes, porque possuem uma tradição de memória de si mesmos em nome de uma história construída, preservada e narrada no existir em um lugar, por oposição a quem “chega de fora” (BRANDÃO; LEAL, 2002). Estas ideias provocam problematizar experiências de Lazer contextualizando-as em diferentes expressões que revelam histórias de práticas e processos de envolvimento social. Buscamos relacionar conhecimentos vivos e dinâmicos, no sentido proposto por Ingold (2000), explicitando processos de habitar o mundo, como experiência cultural. Assim, entendemos o Lazer como sugere Gomes (2014), ou seja, como necessidade humana e dimensão da cultura que pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. Nessa linha de interpretação, o Lazer é uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais lúdicas contextualizadas e historicamente situadas. Nossa proposta de estudo não é afirmar que toda prática corporal é Lazer, mas que um olhar mais atento sobre as práticas dessas comunidades pode dizer muito sobre os seus integrantes, e sobre nós mesmos. Concordamos com Debortoli et al (2015) que ao dar voz aos seus integrantes, a estes outros modos de viver pode-se contribuir para alargar um conceito até então hegemônico. Não negar o que já foi construído, mas buscar perceber o Lazer sob um prisma diferente, no caso destes estudos, como uma experiência vivida, marcada corporalmente, constituída a partir da relação com o Sagrado, com a ancestralidade, entendendo-a como possibilidade de ampliação da rica produção da cultura, da vida. Assim, nossas pesquisas têm buscado outras tramas culturais, que emergem do encontro entre o tradicional e o mundo globalizado. Entre tensões, apropriações e permanências, a proposta não é provocar a discussão sobre que palavra/conceito se encaixa melhor para descrever as práticas estudadas: Lazer, ócio ou divertimento. Mas, como sugerem Costa, Soares, Debortoli (2016) que problemática provoca-se quando são trazidos para o centro da conversa esses sujeitos, esses modos de viver? Pensar o Lazer para além dos tempos/espaços, das instituições é um desafio para o campo.

Palavras chave: Lazer. Comunidades Tradicionais. Modos de vida.



DEVIANT LEISURE IN WEBSITES: THE CASE OF PORNOLEISURE

Giuliano Gomes de Assis Pimentel¹, Alfredo Feres Neto²

giulianopimentel@uol.com.br

Grupo de Estudos do Lazer da Universidade Estadual de Maringá – GEL/UEM, Maringá, Paraná, Brasil¹; Universidade de Brasília – UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil²

This research aimed at discussing the expansion of porn language in the virtual world as a leisure option. It is based on Rojek's theory of deviant leisure, according to its classification in Mephitic, Wild or Invasive. Regarding invasive, it is predominantly experienced by people with difficulties in socializing in a world that seems threatening, seeking refuge in domestic leisure activities such as drug use and exacerbation of interaction with media equipment, including expression of interests related to virtual sex. It was analyzed a set of practices located in underground venues featured both as deviant sexualities and leisure activities in Brazilian society. Inherent in the online pornoleisure discourse are sex shop toys, undergarments, fetish events, pornographic videos, sex-themed games and advertisements for prostitution. The research method was an exploratory collection of data from the internet gathered with the Boolean combination tool between the terms "leisure" and "sex" on the Google search engine. Based on the Foucauldian discourse analysis, we acknowledge the discursive practices around the pornoleisure phenomenon. The analysed material brought up some preliminary notes, such as the following ones: the internet has allowed the expansion of virtual experiences in invasive type leisure, but there is little knowledge of its consequences for the person's leisure experience; there is contamination of the hardcore and underground universe fragments not only in "normal" sexuality but also in cultural content not commonly associated with sex; the flexible association between playfulness and fetish locates leisure as an experimental field of openings and manipulations toward seductions and bodies control; pornoleisure features a movement between the borders of usual and deviant leisure, creating an area of negotiations and the emergence of new relations with the body; despite the appropriation of some elements by bio-power, deviant leisure remains subject to surveillance and pathologization; although pornoleisure maintains another rationale toward dominant morality, it works between the sexual and the market fetish. These findings suggest that virtual leisure enhances sexual experiences in the invasive leisure mode. The above implies dispensing the need of another person for sexual desire and excitement during pornoleisure consumers' free time. Therefore we conclude that pornoleisure is a diffused ludic experience, better characterized by sexual imaginary than by sex itself. We corroborate Foucault's counter-hypothesis (in the History of Sexuality I): in secular capitalist societies, there is an incentive for the production of discourses about sex that overlaps its supposed repression. Pornolazer is linked to the imaginary transgression through sex, resulting in the diversification of products related to desire and fetish. In this sense, the new information and communication technologies supported the increase in pornography at the individual level. Further studies are suggested to understand how this phenomenon has also spread in recreational and touristic services linked to the leisure market.

Keywords: Leisure. Pornoleisure. Media. Sex. Consumption.



DISPOSITIVO LÚDICO PARA ENSEÑANZA DE BARRERAS DEL OCIO, EN UNIVERSIDAD

Ricardo Lema; Gustavo Martínez

rlema@ucu.edu.uy

Universidad Católica del Uruguay – Montevideo - Uruguay

Se propone relatar la experiencia de aplicación de un dispositivo lúdico para la enseñanza del concepto de Barrera del Ocio, en contextos de formación profesional. Los estudios del ocio cumplen un rol fundamental para el desarrollo del perfil profesional del Licenciado en Recreación Educativa (Universidad Católica del Uruguay). Dentro de sus competencias, este profesional debe desarrollar programas recreativos que apunten a satisfacer las necesidades de ocio de diferentes segmentos de población, atendiendo a las diferentes condicionantes que inciden en sus preferencias y oportunidades de acceso, al tiempo que condicionan las posibilidades de disfrute y desarrollo (Lema y Machado, 2013). El concepto de Barreras del Ocio hace referencia a un conjunto de factores que condicionan la participación y el disfrute en el ocio (Jackson, 1988). Si bien se tiende a diferenciar entre un conjunto de restrictores y otro de facilitadores, lo cierto es que hoy se asume que cualquier factor puede ser potencialmente un restrictor o facilitador. Como dice Jackson (2005), las restricciones no son estáticas, ni son obstáculos insuperables a la participación, ya que su direccionalidad dependerá no sólo de la persona sino también de las condiciones en que se da una oferta de ocio. Durante el proceso de formación de los futuros profesionales, nos hemos encontrado con la dificultad para comprender que las barreras no son estáticas y la necesidad de valorar estas limitantes en función del contexto y las condiciones en las que se da una propuesta recreativa. Atendiendo a esta dificultad para comprender la ambigüedad de las condicionantes, los docentes diseñaron un dispositivo lúdico que consta de un juego de tablero donde cuatro equipos compiten por acceder y concretar la participación en una oferta de ocio. Cada equipo cuenta con una ficha de jugador que avanza de a un casillero y 10 barreras (actitudinales, comunicacionales, temporales, percepción de beneficios, socio-culturales, económicas, personales, experienciales, intrínsecas y ambientales). Los equipos deben poner diferente tipo de barreras a los jugadores, tomando en cuenta cómo opera esa barrera para cada rival y en función de la oferta de ocio elegida y de las características psicodinámicas del contrincante. El dispositivo fue aplicado en dos grupos de la Licenciatura en Recreación Educativa, durante el año 2017, donde se constató que ha permitido mejorar no sólo la motivación hacia el aprendizaje, sino también una mayor apropiación de los conceptos teóricos, fortaleciendo las competencias requeridas en la formación profesional. El poster incluye la presentación de un prototipo.

Palabras clave: Barreras. Ocio. Dispositivo lúdico. Recreación educativa.



EVASÃO NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: ANÁLISE DO PELC/VS

**Bruno Ungheri; Eduardo Penna; Luciana Costa; Maria Aparecida Venâncio;
Mariana Carvalho**

bruno.ocelli@yahoo.com.br

Universidade Federal do Tocantins – UFT, Palmas, Tocantins, Brasil

Com o avanço dos recursos tecnológicos como *smartphones*, *tablets* e *notebooks*, e a ampliação das redes remotas, percebemos que o acesso à internet no Brasil vem se popularizando. E, nesse contexto, o Ensino à Distância (EAD) também vem alcançando um significativo aumento de abertura de cursos. Atualmente, as possibilidades de formação por meio de cursos à distância, via internet, são variadas, sendo possível realizar cursos livres, graduação e também pós-graduação via EAD. Assim, tem sido possível a um número maior de pessoas se matricularem em diferentes cursos, o que pode ocasionar, entre outros fatores, um número maior de desistências, ou a evasão. Compreendemos a evasão como “o ato da desistência, incluindo os que nunca se apresentaram ou se manifestaram de alguma forma para os colegas e mediadores do curso, em qualquer momento (Favero, p.50, 2006)”. Diante disso, nos questionamos: nos cursos de Formação à Distância para o Programa Esporte e Lazer da Cidade e Vida Saudável (EAD PELC/VS), como a evasão vem ocorrendo? Esta é a pergunta central à realização deste estudo, que tem por objetivo contextualizar e diagnosticar a evasão nos cursos ofertados pelo PELC/VS a partir da 19ª abertura de turma, que corresponde ao início da utilização da atual plataforma online denominada *Moodle CAED – UFMG*, ocorrido em janeiro de 2016. Para isso, realizamos uma análise documental de todos os relatórios de fechamento das turmas 19 a 25, no sentido de identificarmos o comportamento da evasão nos cursos ofertados. Nesse período, os cursos ofertados foram: Avaliação; Dança e Lazer; Diagnóstico da Realidade; Elaboração de Projetos; Esporte, Lazer e Adultos; Esporte, Lazer e Juventude; Esporte, Lazer e Saúde; Esporte Recreativo e de Lazer; Financiamento do Esporte e do Lazer; Gestão de Espaços de Esporte e Lazer; Gestão Participativa do PELC; Povos e Comunidades Tradicionais; Cultura e Lazer. No período analisado, foram abertas 106 turmas, totalizando 2.686 alunos inscritos. Desse total, 778 concluíram os cursos, o que corresponde a 28,9%. Com isso, 1908 (71,1%) não concluíram os cursos, o que de certa forma aponta para a evasão, uma vez que em algum momento deixaram de acessar o sistema e realizarem as tarefas propostas. É imperativo destacar que os cursos ofertados possuem carga horária de 15 ou 30 horas, sendo realizados, em média, num período de 45 dias. Trata-se, portanto, de um curto espaço de tempo em que os alunos devem acessar a plataforma, acompanhar as aulas e realizar as atividades propostas pelos tutores. Identificamos que o processo de evasão ocorre, sobretudo, em três momentos distintos. Um deles se refere ao primeiro acesso do aluno, que muitas vezes nem chega a ocorrer, ou seja, ele se inscreve no curso e, por algum motivo, não acessa a plataforma. Outro elemento relevante é a acessibilidade do aluno à plataforma, ou seja, muitos deles conseguem acessar, mas não sabem lidar com as funcionalidades do sistema. Por fim, percebemos que as avaliações também podem estar relacionadas com a evasão, principalmente aquelas que propõem questões dissertativas.

Palavras chave: Lazer. Ensino à Distância. Evasão.



GASTRONOMIA E OS CONTEÚDOS CULTURAIS DO LAZER

Tamiris Martins da Silva

tamiris.martins.gastronomia@hotmail.com

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – USP, SP, Brasil

Nos estudos do lazer, a gastronomia é comumente caracterizada como uma atividade relacionada aos conteúdos sociais do lazer ou aos conteúdos manuais para aqueles que cozinham e, de forma mais consolidada, como segmento do turismo, no qual pode ser a principal motivação do viajante. De fato, os alimentos e bebidas, são elementos de sociabilização, de relaxamento (muitos dizem que cozinhar pode aliviar o estresse) e atrativo turístico nos destinos, pelo qual é possível vivenciar um pouco da cultura local, seja pelos ingredientes, receitas, equipamentos e utensílios ou forma de comer. No entanto, além de atrativo turístico, a gastronomia vem se apresentando como uma atividade de lazer para os moradores locais extrapolando os conceitos de nutrição e sociabilização. Por estar sempre presente no nosso cotidiano e ser um elemento imprescindível para que continuemos vivos, o tema “comida” é pouco estudado, dentro dos estudos sociais, por ser considerado uma obviedade, contudo esse objeto de estudo pode render discussões em diferentes esferas. E neste trabalho, será proposto estudá-la na esfera do lazer, quando os indivíduos a buscam como principal fonte de prazer, desenvolvimento, relaxamento e entretenimento em seu tempo de não trabalho e, inclusive, durante as viagens. Aqui será analisado se a atividade gastronômica reúne características que possam caracterizá-la como novo conteúdo cultural do lazer. Sabe-se que a primeira classificação dos conteúdos culturais do lazer foi apresentada pelo sociólogo francês Joffre DUMAZEDIER (1979) que, com base no interesse cultural que predomina em cada situação e espaço, as classificou em manuais, intelectuais, sociais, físicas e artísticas. Este estudo bibliográfico sobre o lazer terá como base, principalmente, um estudo sobre a gastronomia, entretenimento, cultura, prazer, entre outros. Para investigar a sua relevância, enquanto motivação principal nas atividades de lazer, será utilizado questionário online, a fim de alcançar um grande número de pessoas, considerando as diferentes possibilidades da culinária de diversas partes do mundo a partir de preços populares até preços menos acessíveis no que diz respeito à atividade gastronômica. O que explica as pessoas decidirem por um restaurante em detrimento de outro? Por que existem revistas especializadas em avaliar empreendimentos gastronômicos, senão para orientar a escolha dos indivíduos em sua busca pelo prazer do melhor para sua satisfação pessoal? Neste trabalho, se buscará entender questões como estas, a fim de contribuir aos estudos da gastronomia, do lazer e do turismo, bem como identificar um novo nicho a ser melhor estudado e orientado no campo do lazer, uma vez que a gastronomia mostra-se cada vez mais como atividade usufruída no tempo de não trabalho, seja como um *hobbie* (cozinhar), como entretenimento (assistir programas de gastronomia e degustar), como prática de relaxamento (cozinhar), como forma de desenvolvimento intelectual (conhecer a própria e outras culturas). Por esse motivo, acredita-se que a gastronomia precisa ser objeto de debate para possível acréscimo de conhecimento para os estudos do lazer, como DUMAZEDIER já previa, a necessidade de constante adequação.

Palavras-chave: Lazer. Cultura. Gastronomia.



LAZER E RELIGIÃO EM MEANDROS DO PROCESSO CIVILIZADOR

Marcos Nunes; Edilson Souza; Luciano Leonídio; Henrique Khol

marcos.nunes@ufrpe.br

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Recife, Pernambuco, Brasil; Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil; Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil

Esta pesquisa, materializada no campo da história da educação, procurou realizar uma leitura da realidade das práticas de lazer no *Colégio Americano Batista* entre as décadas de 60 e 90 do século XX. Leitura balizada pelo diálogo multirreferencial entre diferentes áreas do conhecimento como a educação, o lazer e a religião, onde foram estabelecidas relações entre alguns atores da pesquisa que vivenciaram o CAB nesse período histórico e as adesões teóricas aqui firmadas, sempre norteadas pelo viés elisiano. Tecemos as análises a partir da hipótese de que, em nome da religião, havia certa predileção por práticas de lazer em detrimento a outras que destoavam das normas vigentes e, conseqüentemente, figuravam uma tensa relação de controles e permissividades das emoções dos alunos. Por conseguinte, o objetivo central do trabalho é analisar a educação para e pelo lazer, permeada pelos dispositivos de controle das emoções no *Colégio Americano Batista* entre anos de 1960 a 1990. E para dar suporte à concretização deste objetivo, erigimos os objetivos específicos: 1) Compreender a relação entre o lazer e a educação, analisando como se fomentou o processo civilizatório de práticas de lazer, no marco temporal escolhido; 2) Refletir sobre os processos educacionais que favorecem o controle das emoções desenvolvidos no interior do *Colégio Americano Batista* a partir dos referenciais evangélicos de educação e lazer. Neste sentido, numa abordagem metodológica qualitativa, no campo da história da educação, trilhamos caminhos que permitiram analisar alguns aspectos empíricos favoráveis a uma leitura da complexa realidade de algumas referências do lazer, no intento de estudar o processo civilizatório que dinamizou e segue dinamizando a realidade através de suas valências. Essa análise contribuiu para um outro olhar da própria teoria de processos civilizadores e seus efeitos junto às práticas de lazer dentro de uma instituição religiosa, incluindo as múltiplas formas de “civilizar”, seja na elaboração das condutas, na restrição das próprias práticas ou no controle das emoções de indivíduos e estrutura de sua personalidade. Para ser possível selecionarmos e analisarmos as fontes, utilizamos a metodologia da história oral em diálogos com as diversas fontes encontradas ao longo das incursões no campo investigativo. Ao final, tem-se uma pesquisa com relevância e coerência educacional que evidencia, à luz da teoria elisiana, o processo civilizatório pelo qual a educação para e pelo lazer foi forjada a partir da teia relacional sempre dinâmica e figurada por valências em constante transformação. Dessa forma, investigar essa temática pelo norte elisiano nos mostrou algumas mudanças que envolveram a educação para e pelo lazer. Tais mudanças se evidenciaram em atores que passaram a controlar mais as suas emoções na teia relacional de que participavam – práticas de lazer no CAB – no sentido de serem aceitos pelo “sistema” e, conseqüentemente, amenizarem as coerções sociais em que a resultante da sublimação das emoções só possa ser percebida posteriormente, num *habitus* que sugere um refinamento dos gestos e, principalmente dos pensamentos.

Palavras chave: Educação. Lazer. Processo civilizador. Emoções.



LAZER EM EMPRESAS: REVISÃO SISTEMÁTICA EM PERIÓDICOS CIENTÍFICOS BRASILEIROS

Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro; Denis Juliano Gaspar; José Pedro Pacheco; Tiago Aquino da Costa Silva; Alípio Rodrigues Pines Jr.; Gisele Maria Schwartz

anapaulaguizarde@yahoo.com.br

Laboratório de Estudos do Lazer (LEL) - Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, SP, Brasil. Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer (GIEL), Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH -USP), São Paulo, SP, Brasil

O domínio epistemológico do lazer, evidenciado no contexto da Educação Física, apresenta intensa complexidade e pluralidade, permitindo a realização de estudos, os quais envolvem diversas interfaces, entre elas, o âmbito das empresas e os contextos ligados à qualidade de vida e lazer de trabalhadores, foco deste estudo. Entretanto, nesse campo do conhecimento da Educação Física, a produção científica sobre as relações entre lazer e empresa ainda não está suficientemente esclarecida havendo lacunas a serem exploradas. O objetivo deste estudo, de natureza qualitativa, foi realizar uma revisão sistemática sobre pesquisas que abordam a temática lazer em empresas, em periódicos brasileiros classificados pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, na área de Educação Física. Para tanto, foi feita uma pesquisa exploratória, na Plataforma Sucupira da CAPES, na área de avaliação "Educação Física", nos estratos indicativos de qualidade "A1", "A2", "B1" e "B2". Foram selecionados os periódicos que publicam estudos sobre lazer, adotando como critérios de inclusão, os periódicos nacionais, em Língua Portuguesa, cujo escopo demonstrasse a aceitação por temas relacionados com o lazer e que permitissem a consulta online de artigos já publicados. Dos 1274 periódicos encontrados, 58 aceitam artigos com a temática lazer. Na sequência, foi realizada uma nova consulta, in loco, nos 58 periódicos, utilizando os descritores "Lazer em empresas", "Lazer e empresas" e "Lazer nas empresas". Como critério de inclusão foram selecionados os periódicos que continham artigos cujos títulos e/ou objetivos tivessem relação com a temática lazer em empresas. Dos 58 periódicos, 18 publicaram artigos relacionados com o assunto. Nestes 18 periódicos foram identificados 353 artigos publicados, porém, após a adoção dos critérios de inclusão, foram considerados para análise apenas 21 artigos. Os dados foram analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo, estabelecendo-se categorias a posteriori, referentes a 1. Atividade Física (sete artigos) – discorriam sobre esporte, ginástica laboral, atividade física na empresa; 2. Saúde e Qualidade de Vida (três artigos); 3. Empresas de Recreação e Lazer (dois artigos); 4. Formação e Atuação Profissional em Lazer (dois artigos); 5. Projetos sociais (dois artigos) – os quais versavam sobre o oferecimento de diversas atividades ligadas ao contexto do lazer à comunidade; 6. Barreiras para o Lazer entre Trabalhadores (dois artigos) e 7. Trabalho e Lazer (três artigos). Concluiu-se que os artigos analisados retratam, sobretudo, as opções de atividades físicas que podem ser oferecidas nesse contexto, como a ginástica laboral e os diferentes esportes. Pode-se perceber a minimização da concepção sobre lazer nas empresas, restringindo sua amplitude às atividades físicas. O número de estudos encontrados sobre a temática reitera a necessidade de melhorias na gestão da informação, no sentido de ampliar a difusão do conhecimento sobre lazer em empresas. Sugerem-se novas investigações em periódicos internacionais classificados na área da Educação Física, na tentativa de outras interfaces do lazer com o âmbito corporativo.

Palavras-chave: Lazer. Empresas. Pesquisas. Educação Física.



MAPEANDO A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ESPORTE E LAZER NO TOCANTINS

Ruhena Kelber Abrão; Diego Ebling

kelberabrao@gmail.com

Universidade Federal do Tocantins – UFT, Palmas, Tocantins, Brasil

Nas últimas décadas, no campo epistemológico da Educação Física, discutem-se, insistentemente, os problemas relativos ao desenvolvimento de currículo e à formação docente destes profissionais, principalmente a partir de março de 2004, quando foram instauradas as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Educação Física, fato este que culminou na divisão curricular, surgindo, nesse momento, dois cursos: licenciatura e bacharelado. O professorado de Educação Física, independentemente do curso em que atue, ou qual seja a instituição – pública ou privada – está e se sujeita a demandas e exigências específicas decorrentes do mercado de trabalho, dilemas, inquietações e desafios, fazendo com que este docente construa saberes e estratégias singulares. Desta forma, devido ao crescente número de pessoas envolvidas em sua prática e frente à riqueza e à diversidade de experiências que a prática esportiva pode proporcionar a qualquer indivíduo, questionamos qual o envolvimento com o esporte e lazer presente nas Instituições de Ensino Superior no Estado do Tocantins e de que forma as pesquisas acadêmicas têm contribuído para a promoção destes dois eventos em nosso estado. Desta forma, o objetivo deste trabalho é mapear a produção do conhecimento no que tange a projetos e pesquisas que versem a respeito dos temas esporte e lazer no Estado do Tocantins- TO, bem como identificar os cursos *Latu* e *Stricto Sensu*, no Estado do Tocantins, que trabalhem, em seus currículos, os temas esporte e lazer. A fim de melhor compreender o mapeamento da produção do conhecimento no que tange a projetos e pesquisas que versem a respeito dos temas esporte e lazer no Estado do Tocantins- TO, optou-se por uma pesquisa qualitativa. Tendo por base o problema “Quais os saberes produzidos a respeito dos temas Esporte e Lazer no Estado do Tocantins?”, a metodologia a ser utilizada será o Estudo de Caso. Optaremos por esse tipo de pesquisa, uma vez que a mesma permite maior profundidade sobre o tema a ser abordado, além de possibilitar o uso de múltiplas fontes de evidências. A unidade de caso serão as Instituições de Ensino Superior do estado supracitado que possuam, em seu quadro de cursos, tanto *latu* quanto *stricto sensu*, pesquisas, projetos e pesquisadores que estudem os temas propostos para esta pesquisa. Por fim, com este trabalho foi possível compreender, ou melhor, mapear a produção do conhecimento em Educação Física, mais especificamente em lazer, no Estado do Tocantins e, a partir disso, elencar políticas públicas de Esporte e Lazer em nosso estado.

Palavras chave: Esporte. Lazer. Produção do conhecimento.



NA TRANSGRESSÃO DO LAZER: DO USUAL AO DESVIANTE

Vitor Hugo de Farias Gomes de Oliveira; Silvana Santos

silsantos2611@outlook.com

União das Faculdades Metropolitanas de Maringá – UNIFAMMA, Maringá, Paraná, Brasil ; Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná, Brasil

As discussões acadêmicas atreladas ao conceito de lazer por tempos o definiam como uma forma de se libertar das ocupações do dia a dia, seja do trabalho e/ou das obrigações diárias, de modo a se satisfazer com algo relacionado aos aspectos: tempo livre e atitude. Sendo assim, atividades que estivessem fora do tempo das ocupações diárias em geral e que ao mesmo tempo proporcionassem prazer e a sensação de liberdade poderiam ser consideradas lazer. Embora Dumazedier (1979) trate o lazer como a ocupação do tempo livre, na contemporaneidade, novas discussões foram vinculadas a esse respeito, visto que com o advento das mudanças sociais, os prazeres também se modificam e ramificam como novas opções de lazer, cada qual em seu contexto histórico. Dentre as opções de lazer mais frequentes estão os encontros em bares, danceterias, shoppings, cinema, teatros, entre outros, mas sempre estabelecidos nos padrões normativos sociais (estas trataremos neste estudo como lazeres usuais) que se classificam a partir dos interesses culturais do lazer. Por outro lado, não podemos negar a existência de lazeres considerados marginais, desviantes, ilícitos, e tantos outros adjetivos que caracterizam a ruptura dessas práticas em relação aos padrões estabelecidos socialmente. Neste aspecto, o lazer desviante pode ser considerado todo aquele que transgride a lei e os princípios morais de uma sociedade, justificando esse comportamento pela vivência intensa ou exacerbada do lazer. Nesse aspecto, as ações cotidianas ganham formas na incessante busca por diferentes prazeres: novos gostos, novas festas, novos jogos e novos lazeres, incitando as mais variadas intencionalidades para a aquisição do equilíbrio pessoal, da autoestima, do empoderamento e “reconhecimento identitário” a partir das rupturas de padrões estabelecidos socialmente. O estudo utilizou-se da análise de fontes textuais e documentais por meio da revisão bibliográfica e documental, buscando referenciais teóricos acerca do lazer e suas vertentes. Desse modo, objetivou-se formular uma base teórica que compreenda conceitualmente o lazer desviante. Considera-se que diante dos diferentes interesses culturais do lazer é que se modificam e se ramificam novas práticas culturais, as quais podem ser denominadas por ora como errôneas, marginais, desviantes, ilícitas ou não usuais. Todavia, essas práticas, em algum momento, poderão ser aceitas pela sociedade, alavancando o que denominamos neste estudo como lazer desviante. Também foi verificada a escassez de materiais acadêmico-científicos voltados à temática, não devido ao fato de não ter relevância, mas em virtude das prioridades estabelecidas como tema geral de pesquisa. Desta forma, pesquisas vinculadas ao lazer desviante se fazem necessárias, numa abordagem que contemple os diferentes aspectos do lazer desviante.

Palavras chave: Lazer. Lazer desviante. Contemporaneidade.



O LAZER DE UNIVERSITÁRIOS: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA

**Daniela Gomes Rosado; Maria Luiza de Jesus Miranda; Vera Lúcia Teixeira da Silva;
Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva**

danigomesrosado@gmail.com

Universidade São Judas Tadeu

Com o aumento do número de instituições de ensino superior observado no país e do número de programas de pós-graduação em Educação Física e Lazer no Brasil, enxergou-se a necessidade de estudar o lazer dos universitários. Este estudo objetivou quantificar e analisar a produção científica sobre lazer de universitários entre os anos 2001-2016 nas bases de dados Scielo, BVS, Periódicos Capes e SportDiscus utilizando os descritores: lazer, universitário, e o conector and. Os critérios de inclusão foram: trabalhos produzidos no século XXI, publicados em inglês, português ou espanhol. Os critérios de exclusão foram: 1) identificar, após leitura do título, que o artigo não tinha relação direta com a temática, 2) após leitura do resumo, identificar falta de relação entre seu conteúdo e os objetivos da análise da produção 3) estudos realizados no ambiente universitário ou com público universitário, mas não especificamente estudantes; 4) ausência de informações sobre a metodologia; 5) validações de questionários. A análise dos dados foi feita com base em 13 categorias preestabelecidas: Ano de publicação, Autoria; Área do conhecimento; Região geográfica da coleta de dados; Categoria da Instituição de Ensino; Modalidade de artigo; Palavras-chave/temática; Tamanho da amostra utilizada; Características específicas dos participantes do estudo; Procedimento de análise de dados; Instrumentos de coleta de dados; Revista de publicação; e Abordagem de estudo do lazer. Os resultados foram expressos por meio de frequências das categorias analisadas. Quatorze estudos foram selecionados, a maioria foi produzida nos últimos 3 anos; tiveram autoria coletiva; autores vinculados a Universidades Públicas; predominantemente em São Paulo; predominantemente ligados à área Psicologia; utilizam questionários adaptados com questões abertas e fechadas; são abordagens de estudo voltadas ao tipo de atividades desenvolvidas por estudantes nos momentos de lazer; e o maior número de publicações ocorreu na revista Licere. Vários estados brasileiros que contam com grande número de instituições de Ensino Superior poderiam expandir seus estudos e publicações, como Minas Gerais, por exemplo, conta com curso de pós-graduação sobre Lazer. Ainda existem regiões brasileiras, a exemplo da centro-oeste, onde não foi encontrado nenhum estudo. Pesquisas sobre essas regiões são necessárias para que seja possível traçar o perfil de lazer do universitário brasileiro considerando as especificidades de cada estado, já que estamos num país de dimensões continentais e vivências culturais tão diferenciadas. Com base nos resultados deste estudo, é possível sugerir que seja ampliado o número de produções na área de modo a obter um panorama mais completo da realidade nacional e, por outro lado, possibilitar contrastar com estudos de outros países.

Palavras chave: Lazer. Universitário.



PRÁTICAS CORPORAIS DE LAZER EM SALVADOR: COTIDIANO ENTRE 1935-1945

Danilo Raniery Alves Freire

danilo.raniery@hotmail.com

Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, BA, Brasil

Em Salvador, o desenvolvimento dos esportes proporcionou novas vivências ressignificando o lazer na cidade entre o início e a metade do século XX. Para entender o contexto em questão, faz-se necessário traçar o perfil da cidade no que diz respeito ao desenvolvimento econômico, social e cultural. De acordo com ALMEIDA (2008), a economia baiana ainda estava fortemente atrelada à exportação de cacau, de açúcar e de fumo (2008, p. 13). Dos produtos citados, o cacau era o carro-chefe e, apesar disso, sua exportação sofreu altos e baixos durante a metade do século XX em virtude da concorrência nacional e internacional no setor. No que se refere às questões sociais e culturais, basicamente, há um eixo de ligação entre a prática, o desenvolvimento e a consolidação dos esportes com as atividades de lazer. As manifestações esportivas eram a essa época vistas como práticas modernas, geralmente associadas ao modo de vida do europeu. Neste sentido, o objetivo deste trabalho consistiu em investigar as práticas corporais de lazer entre os anos de 1935 a 1945, buscando compreender quais dessas práticas estavam presentes no cotidiano e como influenciavam a sociedade soteropolitana. O sociólogo francês Joffre DUMAZEDIER, no trabalho “Lazer e Cultura Popular” (1959), já alertava sobre a impossibilidade de elaborar teorias envolvendo problemas fundamentais sem, previamente, refletir sobre eventuais consequências provocadas pelo lazer; esta afirmação nos permite refletir sobre a influência do lazer na cultura da sociedade e, desta forma, considerá-lo enquanto um fenômeno social não menos relevante que qualquer outro. Por se tratar de uma pesquisa histórica, fomos a campo em busca de jornais e revistas em circulação no período de 1935 a 1945, que trouxessem registros (textos e imagens) sobre as práticas corporais, culturais e esportivas na capital baiana. Realizamos ainda, pesquisa bibliográfica (através de livros, capítulos de livros, monografias, dissertações, teses e artigos) com o intuito de dar suporte aos achados em campo fazendo a defesa dos termos utilizados no trabalho. Para construir e agregar valor ao debate histórico foi de crucial importância a proposta de MELO (2013) enquanto método de análise. Para subsidiar a interpretação dos dados recorreremos à Análise de Conteúdo proposta por BARDIN (2011). A pesquisa encontra-se em fase de conclusão e, por isso, os dados ainda estão sendo analisados para posterior elaboração da escrita. Contudo, registros preliminares dos anos 1930 revelam que no ambiente organizacional dos clubes esportivos, por exemplo, a essência era não só competitiva como também cultural. De acordo com o jornal “Diário de Notícias” (1935), os associados dos clubes desfrutavam de opções diversas de lazer (futebol, regatas, basquete, festas e até mesmo bailes a fantasia), seja como plateia ou não. Não se tratava de fatos isolados de um clube ou outro, mas de eventos festivos de grande parte da sociedade baiana, que aparentava ser de elite, pois os participantes e suas famílias eram sócios dos clubes; no entanto, é cedo para afirmar com veemência que as classes populares apenas assistiam estas mudanças sem que buscasse estratégias para se divertir.

Palavras-chave: Práticas Corporais. Lazer. História. Salvador.



PRODUÇÃO/VEICULAÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE LAZER EM PERIÓDICOS DO TURISMO

Marina Furtado Gonçalves; Solano de Souza Braga; Christianne Luce Gomes

marinaufmg@yahoo.com.br

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;
Universidade Federal do Piauí – UFPI, Parnaíba, Piauí, Brasil

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a produção e a veiculação de conhecimentos sobre o lazer, em artigos publicados nos dois primeiros periódicos científicos brasileiros de turismo que foram qualificados pelo Sistema de Classificação de periódicos Qualis/CAPES: *Turismo em Análise e Turismo – Visão e Ação* (1998-2018). A pesquisa, de cunho exploratório (Gil, 1999) e bibliométrico (Araújo, 2006), partiu da seleção dos artigos publicados nesses dois periódicos cujos títulos e palavras chave apresentavam referências ao lazer. Assim, buscou-se: (a) verificar a frequência da produção acadêmica sobre o lazer; (b) discutir as temáticas tratadas nos artigos selecionados; e (c) identificar a formação e vinculação institucional dos autores. O periódico *Turismo em Análise*, publicado pela Universidade de São Paulo desde 1990, é atualmente qualificado como B1 na área Administração, Ciências Contábeis e Turismo (quadriênio 2013-2016). Foi constatado que no período de 1990-2017, a revista publicou 577 artigos em 67 números. Desse total, apenas 26 artigos (4,5%) contemplam discussões sobre o lazer. As temáticas mais abordadas são espaços de lazer (38,4%), práticas de lazer (11,5%) e políticas de lazer (11,5%). Os textos estão esparsamente distribuídos durante os anos de publicação, porém observa-se um hiato entre 1995 a 2000, sem nenhum artigo dedicado à temática investigada. Cada artigo é de autoria de um a três autores, sendo que a maioria possui formação em Turismo (41,3%). As instituições com as quais os autores têm vínculos concentram-se na região sudeste do Brasil, principalmente São Paulo (50%) e Minas Gerais (23%). Já a revista *Turismo – Visão e Ação*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí, teve sua primeira publicação em 1998 e atualmente é qualificada como B1 pelo Qualis/CAPES. Publicou 423 artigos distribuídos em 57 números. Desse total, somente 16 artigos (3,8%) abordam a temática do lazer. Os temas mais recorrentes tratam de espaços de lazer (31,2%) e práticas de lazer (25%). Os artigos apresentam de um a quatro autores, com maioria sem formação em Turismo (56,3%), com vínculos em instituições de Santa Catarina (28,1%), Paraíba (18,7%), Rio de Janeiro e São Paulo, ambos com (15,6%). Os resultados evidenciam que o lazer é um tema discutido nos dois periódicos analisados, porém de maneira escassa, com 4,2% de publicações totais na soma de 1000 artigos das duas revistas. A temática mais abordada contempla os espaços de lazer, sendo eles naturais ou construídos, como praias, reservas ambientais, sítios históricos, *resorts* e navios. Dentre as práticas de lazer, há discussões que abarcam viagens, atividades físicas, observação de flora/fauna, além de barreiras encontradas por cadeirantes na prática das suas atividades. Destaca-se o caráter interdisciplinar das pesquisas tanto em lazer, quanto em turismo, observado a partir do levantamento das autorias dos artigos. Os 78 autores e coautores são oriundos das mais diferentes áreas, como Turismo, Geografia, Administração e Educação Física, com distintos níveis de formação. Observa-se que a produção a respeito do lazer nos dois periódicos de turismo analisados concentra-se na região sudeste do Brasil, local onde há vários grupos de estudos sobre essa temática.

Palavras chave: Lazer. Turismo. Periódicos científicos. *Turismo em Análise*. *Turismo – Visão e Ação*.



RECREACIÓN CIENTÍFICA

Zuleima del Valle Rivadeneira

conaprevcaracas@gmail.com

Colegio Nacional de Profesionales en Recreación, Fundación Recreación Científica,
Caracas, Venezuela

Introducción: La recreación es, en el ser humano una noción existencial y vital. Uno de los grandes libros sagrados de la humanidad, la Biblia, en el Génesis 2,3 se afirma: "Y bendijo Dios el séptimo día y lo consagró, porque ese día Dios descansó de toda su tarea de crear". (p. 20). Luego, la necesidad de descanso como dimensión fundamental de la recreación, existe desde los tiempos iniciales de la vida humana en el planeta. **Enfoque:** La visión de la diversión, el disfrute del tiempo alejado de las labores, se ha mantenido colectivo y en espacios comunes hasta estos inicios del siglo XXI. La actual sociedad del tiempo libre sustentada en la Declaración Universal de los Derechos Humanos, ha convertido el recrearse en un derecho del ciudadano y en deber para el Estado su promoción y sustentación. En consecuencia, los países deben formar las competencias humanas necesarias y el talento suficiente para garantizar apropiada recreación con base en la cultura de su respectivo gentilicio y suficientes espacios para la recreación de la población. En tal sentido, Venezuela, ha tenido una formación socio cultural multivariante pero no pertinente, por no haber considerado la mixtura de sus raíces, cuyos rasgos originarios caracterizados por desvalores casi invisibles por no estudiados, aún se manifiestan notoriamente en conductas claramente observables del comportamiento social. A pesar de ello, rasgos culturales, usos, costumbre y desvalores se encuentran en estado virginal desde la perspectiva de investigación; siendo que constituyen prerequisite insoslayable en la complejidad de la conceptualización del proceso educativo, que presenta exigencias ineludibles consecuenciales en la elaboración del currículo; aspectos trascendentes y de permanente relevancia, que afecta también la educación del resto de las sociedades del planeta. Así pues; los Sistemas Humanos en sus diferentes Dimensiones, Fortalezas y Debilidades, y el Perfil Cultural, Social y Psicológico; según los plantea Rivadeneira (1997 y 1999), no han sido estudiados en profundidad y por tanto, la conceptualización de Modelos Educativos y la correspondiente elaboración del Currículo, no son pertinentes en el desarrollo de las Naciones. Por otra parte, desde el egreso de la primera promoción de Técnicos Superiores Universitarios (TSU) en Recreación del Instituto Universitario "Lope Mendoza" del YMCA en 1991, única institución universitaria que ofrece la carrera, los integrantes de las cohortes sucedáneas y dichos pioneros, han anhelado aplicar a una licenciatura y lograr equivalencias para sus estudios como TSU, siendo un eje ontológico que contextualiza la realidad y la problemática de estudio: La paralización evolutiva académica del TSU en Recreación. **Consideraciones:** Se debe valorar la importancia estratégica de la Recreación como disciplina científica, por lo que es relevante y trascendente, la calidad de la cultura institucional de la organización universitaria que se constituya en plataforma placentaria del nacimiento de una Licenciatura en Recreación para Venezuela, por ser inexistente. Fomentar la investigación en recreación enfocado en desarrollar programas eficientes y eficaces para ofrecer oportunidades de evolución a ciudadanos de comunidades de escasos recursos comenzando con las familias según perfil social y psicológico cambiando desvalores a valores.

Palabras clave: Recreación Científica. Desvalores. Sistemas Humanos. Perfil Cultural, Social y Psicológico.



TEMA 15
LAZER, MEIO AMBIENTE E
SUSTENTABILIDADE
LEISURE, ENVIRONMENT AND
SUSTAINABILITY
OCIO, MEDIO AMBIENTE Y SOSTENIBILIDAD



APRENDIZAGEM SEQUENCIAL APLICADA AO ESTUDO DO MEIO ATRAVÉS DO RECREADOR

Pedro Henrique Miranda

pedrohm_lazer@outlook.com

Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, Paraná, Brasil

As experiências humanas relacionadas à integração com o meio ambiente dependem de real inserção e compreensão do espaço. Partindo dessa preposição, Joseph Cornell (1950), estudioso de educação ambiental e ecoturismo, desenvolveu a teoria da Aprendizagem Sequencial, cuja premissa infere que o aprendizado deve envolver a utilização de todos os sentidos para que possa gerar verdadeira percepção do mundo natural. O autor objetivou desenvolver um mecanismo que orientasse a inserção no meio natural, de modo a permitir que essa fosse mais produtiva e gerasse inter-relação entre o ambiente e o indivíduo. Nas obras traduzidas “Brincar e aprender com a natureza” (1996) e “A alegria de brincar com a natureza” (1997), o autor estabelece princípios básicos a serem observados por aqueles que orientam a experiência do sujeito e de grupos ao entrar em contato com a natureza. Dentre eles, menciona-se a necessidade de retirar a concentração do ensino e voltar a atenção para o compartilhamento da experiência, ser receptivo, voltar a atenção aos participantes, notar o entorno e sentir as impressões antes de dialogar e criar um espaço agradável. Joseph Cornell propõe, ainda, estágios de orientação da imersão do indivíduo em um meio natural, de modo a garantir que essa seja efetiva. Inicialmente, para o estudioso, é necessário “despertar o entusiasmo” para apenas depois “concentrar a atenção”. Posteriormente, deve o sujeito “dirigir a experiência” para apenas ao final “compartilhar a inspiração”. Entende-se que a percepção do meio ambiente como tratada pelo autor deve ser experimentada por crianças, jovens e adultos, entretanto, por vezes, esses não possuem a compreensão necessária para aplicar o mecanismo proposto. Nessa perspectiva, a pesquisa, que se apropria do método dedutivo, constata que o Recreador tem a qualificação necessária para promover atividades que, utilizando as diretrizes de Joseph Cornell, promovam a integração social e a aproximação do indivíduo com o meio. Esse profissional se coloca como intermediador entre o sujeito e o mundo natural, possibilitando uma verdadeira imersão e genuínas experiências sensoriais dos envolvidos. Destaca-se ainda que o Recreador, como conhecedor de técnicas e práticas que atendem a proposta da teoria da Aprendizagem Sequencial, tem habilidade para aplicar as atividades de integração, relaxamento e socialização que compõem os quatro estágios da teoria. Dentre as práticas cotidianas que envolvem o trabalho do Recreador e que permitem a utilização da teoria da Aprendizagem Sequencial está o estudo do meio, ou seja, vivências extraclasse que conferem aos alunos a oportunidade de compreender e vivenciar conteúdos trabalhados em sala de aula. Costumeiramente se desenvolve no meio ambiente natural e, por se tratar de momento incomum à rotina dos alunos, esses ficam em estado de excitação durante a atividade, acarretando distração frente ao estudo e baixa assimilação da experiência vivida. Diante da necessidade de proporcionar uma efetiva apreensão do meio e do contraponto da reação da criança, o Recreador, durante o estudo do meio, é capaz de propor práticas lúdicas e educativas que se utilizem da teoria da Aprendizagem Sequencial e contribuam para o seu desenvolvimento, aprendizado e construção de valores socioambientais.

Palavras chave: Aprendizagem sequencial. Estudo do meio. Recreador. Natureza.



ART, SOCIETY AND SUSTAINABILITY – AUROVILLE, THE EXPERIMENTAL CITY OF INDIA

B. M. Mazzetti; N. Rojas

bmmazzetti@gmail.com

Escola da Cidade - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP; Escola de Artes, Ciências e Humanidades – USP, São Paulo, SP, Brazil

“There should be somewhere on earth a place which no nation could claim as its own, where all human beings of goodwill who have a sincere aspiration could live freely as citizens of the world and obey one single authority, that of the supreme Truth; a place of peace, concord and harmony where all the fighting instincts of man would be used exclusively to conquer the causes of his sufferings and miseries, to surmount his weaknesses and ignorance, to triumph over his limitations and incapacities (...)”. It was from this ideal, from this dream that in 1968 Auroville was founded; the experimental city situated in the city of Pondicherry, in the state of Tamil Nadul, South India. Founded and based on spiritual precepts from Sri Aurobindo and The Mother, based on human elevation through Integral Yoga and the Supra Mental, they started to promote an integrated lifestyle, without division of social time, where leisure, health, spirituality and work would be together and integrated in a cyclical time and connected with the rhythm of internal and external nature. The present descriptive qualitative research was made in partnership with Auroville’s projects and volunteers during the months of November and December 2017. The practical understanding and goal was to understand the essence of Auroville through the interviewees, going deep in economic, social, cultural, environment and spiritual issues. The methods used were: participant observation, field diary, collection of audio visual material of the open semi structured interview - with eight key topics - that was held with 6 different projects and departments of Auroville: Sodhana Forest (Reforestation and permaculture), Buddah Garden (Organic farm and permaculture), Unity Pavilion (Sociocultural Space), Tree House Community (Architecture, Design and Permaculture), Matri Mandir (Main Spiritual Center), Out Reach Media (Communication Department). As results of the participant observation, it was possible to verify that over the past 50 years, many of the original precepts have to be adapted, like the creation of a system of directives and departments that organize the Auroville management, the acceptance of the use of the money, the relationship with the visitors - which number grows every year - and the growing number of design, architecture, education, health, art, and economics projects, promoting sustainability in the complete meaning. With the interviews, it was revealed that the goals of the projects are based in the recovery of the environment and reforestation, connected with the union of the local community with the international through the cooperative and collaborative work, aiming to raise the human consciousness about what is life. All the values are reflected in the way the city is still being built, in its design, its architecture, the activities that are promoted and the philosophy of integrated life that is present everywhere in Auroville. It is about a global movement for human connection and evolution, a place of the future in the present that promotes and integrates quality of life through the resonance between people and nature, representing an interesting site to be more deeply studied.

Keywords: Auroville. Arts. Architecture. Sustainability. Spirituality.



AS PRÁTICAS DE AVENTURA NOS ANAIS DO WORLD LEISURE CONGRESS

Bruna Cidade Souza Lima; Nara Heloisa Rodrigues; Renata Laudares Silva; Isabella Alves Marinho; Fernando Sanches de Oliveira; Gisele Maria Schwartz

bc-souzalima@hotmail.com

Universidade Estadual Paulista – UNESP, Laboratório de Estudos do Lazer – LEL,
Instituto de Biociências, Campus Rio Claro, SP, Brasil

As atividades de aventura têm sido, cada vez mais, difundidas e fomentadas como práticas no contexto do lazer e tomadas como foco em estudos acadêmicos por diferentes instituições em todo o mundo, abrangendo o universo das relações entre o ser humano e a natureza. Estas práticas podem proporcionar experiências distintas, interferir nos aspectos emocionais e impactar o cotidiano dos praticantes, em diferentes aspectos e contextos, como o do Lazer. No âmbito dos eventos científicos relacionados ao Lazer, quando, normalmente, são apresentadas ideias inovadoras e relevantes apontando tendências para novos estudos, as produções científicas publicadas sob a forma de anais nesses eventos, sintetizam as diferentes pesquisas e condensam o conhecimento produzido, enriquecendo a área em suas diferentes perspectivas. Entretanto, há uma lacuna na gestão das informações veiculadas nesses anais, acerca dos direcionamentos abordados nas pesquisas científicas sobre a temática “práticas de aventura”, relacionadas ao contexto do Lazer. Sendo assim, o presente estudo, de natureza qualitativa, objetivou identificar a ocorrência da temática “práticas de aventura” e as abordagens encontradas nas pesquisas científicas contidas nos Anais do *World Leisure Congress*, da última edição, ocorrida em 2016. Para a coleta de dados desta pesquisa descritivo-exploratória, foi realizada uma busca nos Anais do referido evento, utilizando-se os termos “adventure” e “outdoor”. Como critério de inclusão, foram considerados apenas os trabalhos que estivessem diretamente relacionados às práticas de aventuras na natureza vivenciadas no âmbito do lazer. Os dados foram analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo. Dentre os 136 trabalhos publicados nessa edição, foram encontradas cinco pesquisas, e foram estabelecidas a posteriori duas categorias de análise: 1) ambientes onde se desenvolveram e 2) as modalidades praticadas. Os resultados evidenciaram que, na categoria 1), os ambientes focalizados foram terra e ar; e para a categoria 2), as modalidades praticadas envolveram: meio terrestre: trilhas, montanhismo, esqui *cross-country*; e meio aéreo: balonismo. Estas pesquisas abordavam elementos relacionados à conscientização ambiental e a valorização do olhar dos praticantes sobre a conservação e funcionalidade, no caso das trilhas ecológicas. Outros atributos foram evidenciados como, as relações de bem-estar e da qualidade de vida, os aspectos ligados aos motivos de adesão e continuidade das vivências e a contemplação e as diferentes sensações proporcionadas pelas práticas de aventura. Diante dos estudos relacionados à temática, observou-se uma lacuna de enfoques relevantes sobre questões importantes, como as políticas públicas direcionadas aos esportes/atividades de aventura ou na natureza, a atuação e formação de profissionais que operam nesta área, as medidas de segurança aos praticantes, as iniciativas sustentáveis, as quais não foram contempladas. Considerando a importância dessas atividades no âmbito do lazer contemporâneo, sugerem-se novos direcionamentos, para suprir estas lacunas acerca da difusão das “práticas de aventura” em eventos internacionais na área do Lazer.

Palavras-chave: Práticas de aventura. Lazer. Práticas corporais.



ATIVIDADES DE AVENTURA NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Monica Delgado; Evandro Antônio Correa

monikatsdelgado@hotmail.com

Prefeitura Municipal de Guararema; Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil

No lazer, as vivências no meio natural, por meio das atividades/esportes de aventura, ganharam destaque na sociedade no decorrer das últimas décadas, sendo estudadas por algumas áreas de conhecimento (Turismo, Educação Física, Lazer), assim como a formação profissional que atua nessa área. Dessa forma, esta investigação objetivou analisar as ementas contidas nos planos de estudo dos currículos dos cursos de formação inicial em Educação Física da disciplina atividades/esportes de aventura, nas Instituições de Ensino Superior públicas e privadas do Brasil. A pesquisa se deu por meio do banco de dados do e-MEC (site) e nos sites diretos das Instituições de Ensino Superior (IES). No site da IES buscou-se a matriz curricular ou outro documento similar que indicasse as disciplinas relacionadas às atividades de aventura. Os resultados apresentam, até o ano de 2016, no Brasil, 1274 cursos de Educação Física, sendo que 351 cursos possuem a disciplina relacionada às atividades de aventura. Com relação às ementas, apenas 68 IES disponibilizam as ementas nos seus sites e, dessas, 12 são públicas e 56 particulares. Das ementas analisadas destacam-se alguns pontos em comum, entre eles: o estudo do planejamento, organização e prática das atividades de aventura; as possíveis estratégias metodológicas para a atuação profissional e as perspectivas de intervenção; estudo sobre ecoturismo; a busca da consciência ecológica; a vivência das atividades físicas de aventura na natureza; e a aprendizagem das técnicas específicas das modalidades (por exemplo, técnicas de rapel; de atividades de orientação; de condução de barcos infláveis – *rafting*; de segurança). Poucas ementas versam sobre a educação ambiental nas comunidades do entorno e as potencialidades turísticas de uma região. Este último fator é relevante para que os profissionais possam analisar e intervir criticamente na realidade, contribuindo para que as pessoas da comunidade compreendam e participem do processo de turismo, e conseqüentemente das atividades de aventura, para a sua cidade, colaborando para a manutenção da natureza e diminuindo os impactos ambientais. Entre os objetivos verificados nos planos de estudo, destacam-se as discussões acerca de questões históricas das atividades de aventura, noções gerais do turismo e ecoturismo, as condutas de risco, os aspectos técnicos, regras, normas, características e o tipo de movimentação de algumas atividades/esportes de aventura, desenvolver competências e valores em prol do ser humano, conduta ética e consciente da sua responsabilidade ao meio ambiente, executar tarefas com criatividade, autonomia, flexibilidade, criticidade, compreender a diversidade cultural como elemento de inclusão social. Percebe-se nessas temáticas e/ou objetivos, identificados nas ementas, que o estudo teórico acerca das questões ambientais e das diversas modalidades existentes, assim como a sua vivência, são relevantes na formação inicial do aluno e como ser humano, pois informam e podem propiciar mudanças de atitudes em relação ao meio ambiente e à sociedade na qual está inserido. A formação inicial deve fomentar no aluno o interesse em pesquisar, conhecer, dominar, analisar de forma crítica e criativa, produzir e avaliar a realidade na qual está inserido, contribuindo para e na construção da profissão e em sua atuação no campo de intervenção.

Palavras chave: Lazer. Atividades de aventura. Currículo. Formação inicial. Educação Física.



COMPETIDORES DE PARAPENTE: PERFIL, SENTIDOS DA PRÁTICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Marília Bandeira; Raquel Borges

mariliamartinsbandeira@gmail.com

Universidade Federal de Juiz De Fora, Campus Governador Valadares, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

Em Janeiro de 2017, foi realizada em Governador Valadares/MG, a etapa Superfinal da Paragliding World Cup (PWC) 2016, com 123 competidores, sendo 112 homens e 11 mulheres, de 22 países. O parapente é uma modalidade do voo livre, bem como a asa delta, caracterizado pela literatura como esporte de aventura devido à sua relação com a natureza e o risco da lida com o incontrolável de seus fenômenos (PIMENTEL, 2008; AZEVEDO, COCCHIARALE e COSTA, 2010; PAIXÃO, 2011 e SOARES, 2013). Os estudos supracitados se ocuparam da caracterização dos praticantes, emoções e gestão de acidentes. Porém, Dias e Alves Junior (2007) nos convidam a refletir mais criticamente sobre a modalidade, por exemplo, sobre quem tem se beneficiado da potencialidade de um local ser próprio para o voo livre e como essas atividades podem se converter em benefícios para a população local. Assim, este estudo de caso, além do perfil sociológico dos pilotos do PWC/2016 e dos sentidos conferidos à modalidade, procurou investigar a relação dos competidores com a educação ambiental e os locais de prática. 41 homens e 6 mulheres, de 16 nacionalidades responderam questionário com questões objetivas e abertas, aplicado durante o campeonato. As mulheres tinham entre 34 a 53 anos, e os homens entre 19 a 51 anos. A maioria dos respondentes (26) tem ensino superior e destes, 9 cursaram pós-graduação. Com relação aos sentidos da prática do parapente, os pilotos foram questionados sobre como definiam sua modalidade, quais motivações para adesão e o que representava em suas vidas. Nestas 3 perguntas correlacionadas, obtivemos 133 respostas distintas, sendo que, foram expressões mais frequentes: (21) divertimento/prazer; (15) liberdade; (10) contato/integração com a natureza; (9) sensações extraordinárias; (8) estilo de vida/sentir-se vivo; (8) esporte; (6) desafio/aventura/excitação; (6) viagens/novas experiências; (5) sonho; (5) sentir-se pássaro; (5) sociabilidade/amizade; (5) relaxamento/descanso; (5) ser acessível/fácil de aprender; e (4) lazer/hobby. Outras 13 expressões foram mencionadas com menor frequência. A competição apenas duas. Apesar do contato/integração com a natureza aparecer como terceiro sentido mais frequente, e quando perguntados se a modalidade estimulava a educação ambiental, 23 terem respondido “sim”, apenas 3 sinalizaram como pilotos jogarem sementes em áreas degradadas; oportunidade de educação do público nos eventos. Concluímos que, o perfil sociológico destes pilotos coincide com o registrado pela literatura sobre atividades de aventura com predominância de homens brancos, de alta escolaridade. Mas, apesar de serem a elite do parapente competitivo mundial, os motivos de adesão e sentidos da prática apresentados pelos pilotos coincidem com valores do lazer, segundo Dumazedier (1980). Neste grupo, o sentido de lazer supera o sentido de competir, mesmo quando estes pilotos estão envolvidos numa etapa final de campeonato mundial, de maneira semelhante ao que Stebbins (1992) define como lazer sério. Entretanto, o sentido de competir supera o sentido de educação ambiental, pois, ações concretas relacionadas ao cuidado com a natureza e locais sedes dos campeonatos não são mencionadas por eles. Concluímos que os esportes de aventura nem sempre despertam posturas e/ou motivação pró-ambiental, assim como competições podem não deixar de ser lazer.

Palavras chave: Parapente. Lazer. Perfil. Sentidos. Educação Ambiental.



CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE IDOSOS

**Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi; Priscila Mari dos Santos Correia;
Geovanna Campos; Alcyane Marinho**

adrianaapfonseca@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil;
Laboratório de Pesquisa em Lazer e Atividade Física – LAPLAF/CNPq, Universidade do
Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

O lazer como manifestação da cultura e da cidadania pode possibilitar a vivência e a reflexão criativa de questões diversas, dentre elas, a educação ambiental. Este estudo teve como objetivo identificar as concepções sobre educação ambiental de idosos participantes de um centro de convivência específico para este público, localizado no município de São José (SC). Trata-se de uma pesquisa de campo, com corte transversal, descritiva exploratória, com abordagem qualitativa, composta por nove idosos, sendo oito do sexo feminino e um do masculino, com idades entre 61 e 73 anos. Para a coleta de dados foi aplicada, individualmente, uma entrevista semiestruturada contendo três perguntas referentes à educação ambiental. A análise dos dados foi realizada por meio de elementos da técnica de análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que os idosos relacionam educação ambiental à preservação do ambiente natural, ou à falta dela; à poluição do ar, do solo e da água; à necessidade de sensibilização e de comprometimento das pessoas com relação às questões ambientais. O cuidado foi uma das expressões mais utilizadas pelos idosos, seja relacionado ao ambiente (mata, pátio, praia, mar, rios, rua e calçadas), aos animais (em extinção, abandonados), à sensibilização das pessoas (comprometimento, preocupação, bons hábitos) ou às relações interpessoais (pensar no outro, pensar nas gerações futuras). Todos os entrevistados apontaram atitudes que adotam em seu dia a dia, como separar e reciclar o lixo, cuidado com a água, limpeza e cuidado do entorno de suas residências e, ainda, algumas atitudes assumidas no lazer, como evitar a utilização de descartáveis quando vão ao centro de convivência, trocar o carro pela caminhada e o cuidado com o ambiente ao realizar trilhas, com a família e com o grupo do centro de convivência, conservando o local e retirando os lixos encontrados. Esses resultados evidenciam que, embora a maioria dos idosos tenha associado o termo educação ambiental a questões ligadas à fauna e flora, como algo exterior aos seres humanos, alguns também apontaram a importância de uma reflexão que perpassa por eles mesmos e suas atitudes proativas perante as mudanças necessárias para o que eles também, de forma sensível, chamam de cuidado com a natureza. Este cuidado, igualmente, foi percebido por alguns idosos como necessário para além do ambiente natural, sendo evidenciado nas falas que indicam a premência de consideração com o outro, com as pessoas que integram e constituem o ambiente de forma mais ampla. Dessa forma, verifica-se que os idosos investigados desse centro de convivência percebem a educação ambiental em seu cotidiano, inclusive no lazer, por meio das relações que estabelecem com o ambiente, consigo mesmos e com as outras pessoas. Por estas questões, é importante ressaltar a necessidade do incentivo constante às boas atitudes relativas à educação ambiental no lazer e nas demais esferas da vida humana.

Palavras chave: Educação ambiental. Idosos. Lazer. Atitudes.



EXPOSIÇÕES AMBIENTAIS: O DESPERTAR PARA A CURIOSIDADE NO SESC BERTIOGA

Rogério Wong de Oliveira; Marcelo Bokermann; Emerson Luís Costa; Amanda Santos de Oliveira; Camila Pozzi de Aguiar; Carla Cruz Soares; Carlos Alberto de Aquino; Marcela Oliveira Fonseca

wong@bertioga.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio - SESC, Bertioga, SP, Brasil

O Sesc Bertioga realiza exposições ambientais, que aproveitam a programação com seus visitantes, para compartilhar conhecimentos e atitudes que possam melhorar a qualidade de vida, atual e futura, priorizando o cuidado com o ambiente e com todas as formas de vida. Estas exposições se configuram como momentos de troca de conhecimentos e experiências, que consideram a realidade efêmera do público específico e evidenciam a sociobiodiversidade local. O Sesc é uma instituição brasileira, privada, criada e mantida pelos empresários dos setores de comércio de bens, serviços e turismo, com o objetivo de colaborar para a melhoria da qualidade de vida do trabalhador desses setores, seus dependentes e sua comunidade. Atuando nacionalmente, possui administrações regionais em cada estado, sendo que no estado de São Paulo existem 41 unidades operacionais, entre elas o Centro de Férias Sesc Bertioga. A entidade orienta seu conjunto de ações entre cinco programas, dentre os quais o Programa de Educação para a Sustentabilidade, que promove um cardápio de ações socioambientais com seus diversos públicos, e atualmente procura estabelecer conceitos e práticas que ampliem os horizontes institucionais, assim como assegurar a variedade nas formas de atuação da equipe, respeitando contextos sociais e culturais, suas demandas e subjetividades e fortalecendo valores pessoais e institucionais. Esta abordagem foi escolhida, pois possibilita ao público exercitar a concentração, promover o autoconhecimento e as descobertas, estimular o raciocínio lógico e possibilitam perceber melhor o mundo à sua volta, evocando pressupostos estabelecidos por autores como Joseph Cornell, com o aprendizado sequencial e o uso dos sentidos; Paulo Freire, onde os envolvidos no processo educativo transferem conhecimentos uns aos outros; e Edgar Morin demonstrando a complexidade das relações para superar a relação dicotômica entre sociedade-natureza. As temáticas destas exposições expõem inter-relações de ambiente e sociedade com destaque para os elementos existentes na região. As intervenções duram em torno de uma hora e, diariamente, compõem a programação no eixo Meio Ambiente do Sesc Bertioga. Os materiais expostos possuem temáticas específicas como “Ambiente Marinho”, “Anfíbios”, “Aves”, “Conchas”, “Dentes”, “Felinos”, “Insetos”, “Minerais” e “Serpentes”, permitindo a interação dos participantes, que com o uso dos sentidos, aproveitam a oportunidade para fruição dos conteúdos de cada exposição, ao mesmo tempo em que suscitam uma visão sistêmica da realidade com respeito à biodiversidade existente. Estas atividades permitem a participação ativa do público e ampliam sua percepção das temáticas, além disso, acabam interagindo em outras programações, com destaque àquelas propostas pelo Centro de Educação Ambiental do Sesc Bertioga. Estas exposições servem como disparadores de mudanças de hábitos e atitudes e, que potencializadas, permitirão a abordagem complexa destes assuntos ampliando a exposição de conceitos como eco gênese, arquitetura sustentável, serviços ambientais, participação cidadã e interpretação ambiental, ao mesmo que assumir estes desafios implica na possibilidade de atualização das abordagens e no reconhecimento de dinâmicas frente à curta relação que temos com este público. Estas exposições, avaliadas de forma positiva por técnicos e público atendido, fortalecem a missão institucional onde educação, lazer, meio ambiente e sustentabilidade convergem em prol da edificação de uma cultura de sustentabilidade.

Palavras-Chave: Exposição. Meio ambiente. Sustentabilidade. Férias. Biodiversidade.



LAZER E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL: ESTUDO COM DOCENTES E DISCENTES

Dimas Bicalho; Alysson Bezerril; Catiane Lima

dz9.dimas@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

A crescente preocupação com a questão ambiental admite a necessidade de ampliar o debate para os mais diversos campos de atuação do ser humano. Na medida em que o espaço físico é visto como uma extensão da casa do indivíduo e a forma de interação com esse espaço ocorre de maneira mais racional, nota-se a importância de se difundir as boas práticas de sustentabilidade em todos os momentos, inclusive os dedicados ao lazer. Em uma sociedade extremamente envolvida com questões de trabalho, é necessário abordar o “não trabalho” como um veículo de promoção tanto de questões mais individuais, como a saúde e as relações interpessoais, quanto de questões que envolvam a sociedade, como as condições de trabalho e as ocorrências relacionadas a fatores ambientais. A pesquisa em questão procura entender a visão dos docentes e discentes do ensino superior acerca do lazer em relação à sustentabilidade, mais especificamente a sustentabilidade ambiental, que, por sua vez, ganha destaque entre os assuntos mais pautados no mundo. Diante das opiniões dos participantes em questão, o presente estudo analisa como essas pessoas utilizam o tempo para lazer, se há alguma preocupação e, ainda, se adotam ações voltadas ao meio ambiente em seus momentos de lazer. Apresentam-se, também, autores e estudiosos sobre o tema que buscam uma perspectiva inovadora, no sentido de promover o debate e mesmo ações que visem à preservação e o desenvolvimento ambiental. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa, realizada com docentes e discentes de programas de graduação e pós-graduação no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A justificativa da escolha da amostra se dá pela possibilidade de análise do interesse, conhecimento e envolvimento dos pesquisadores acerca da temática. Dentre os resultados, foi possível perceber que a tecnologia predomina nas atividades de lazer e que o lazer eletrônico vem sendo amplamente praticado. Observa-se que a busca por práticas ambientalmente sustentáveis nos momentos de lazer ainda é tratada de maneira incipiente, por outro lado, o estudo levantou uma reflexão positiva entre os entrevistados acerca da consciência e educação ambiental dos mesmos durante a prática de lazer, além da importante contribuição que o lazer pode proporcionar como elemento de conhecimento e disseminação de informações e práticas voltadas à sustentabilidade ambiental. Destaque para a indicação de programas de Marketing Social como estratégias de influência de comportamento que podem gerar outras formas de interação entre os indivíduos e o meio ambiente.

Palavras chave: Lazer. Sustentabilidade ambiental. Docentes e discentes. Meio Ambiente.



LAZER E SUSTENTABILIDADE NA PRAIA DE PONTA NEGRA – NATAL/RN

**Cheng Hsin Nery Chao; Pollyanna Tuysa Rocha Bezerra; Narjara Carvalho da Costa;
Rodrigo da Silva Rosa Veleda Meirelles; Arthur Vinícius de Oliveira Mendonça;
Priscilla Pinto Costa da Silva**

nerychao@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

A praia de Ponta Negra localiza-se na cidade de Natal/RN, importante ponto turístico, caracterizada pelos belos aspectos naturais, localização geográfica – um dos extremos orientais do Brasil, artesanato, cultura e a concentração do maior número de hotéis e pousadas da cidade. Possui rede de restaurantes, casas de show, além dos esportes praticados nas areias – caminhada, corrida, vôlei, frescobol, etc.; e nas águas de sua praia - surf, natação, stand-up paddle, kite surf; diversificando as atividades de lazer, tornando a praia preferida de turistas. Devido à urbanização, várias modificações espaciais vêm ocorrendo, além dos impactos ambientais na via costeira do bairro. O trabalho objetivou mapear as políticas públicas para o desenvolvimento sustentável de Ponta Negra e seus efeitos para comerciantes, moradores locais e turistas. A pesquisa exploratória e documental, visitou órgãos públicos e entrevistou 70 usuários (69% masculino e 31 % feminino entre 20 e 55 anos de idade; 24 moradores de Natal, 23 comerciantes e 23 turistas). Observou-se que a praia de Ponta Negra sofre ação da erosão, tanto por fatores naturais - ondas e pelo aumento dos níveis da água do mar -como pela ação humana - desmatamento e destruição das dunas para urbanização - acarretando a diminuição da área útil da praia, destruição frequente dos calçadões e comprometimento da infraestrutura de saneamento, atingindo a situação de calamidade pública em vários momentos. Outro impacto ambiental é a poluição das águas por resíduos sólidos e água servida do comércio local que clandestinamente é jogada na rede pluvial direcionada para a praia. Como medida para manutenção do potencial turístico e de lazer, o governo local baseia-se no Artigo 4º do Decreto nº 86.176 de 06/07/1981 que define as praias como área especial de interesse turístico e devem ser preservadas e valorizadas no sentido cultural e natural e destinadas à realização de projetos de desenvolvimento turístico. Desde 1997, a subida no Morro do Careca foi proibida para evitar o deslocamento de areia para praia e diminuição da altura do morro. Há o controle de balneabilidade pelo projeto Água Azul do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente. Em fevereiro de 2017 a prefeitura de Natal instituiu o Plano de Ordenamento, Gestão e Fiscalização Integrada da Orla da Praia de Ponta Negra, visando melhoria da qualidade ambiental, paisagística e condições de uso da praia pela população local e turistas. Nove meses depois de implantado o Plano de Ordenamento, perguntados sobre a melhoria da qualidade ambiental, paisagística e das condições de uso da praia, 70% dos comerciantes entrevistados concordam que sim, enquanto 30% discordam; dos moradores de Natal entrevistados apenas 28% concordam com a melhoria, 61% dizem não haver melhorias e 11% não souberam responder; 60% dos turistas concordam com a melhoria e 40% dizem não haver melhorias. Esses resultados demonstram que não há um consenso, mas a tendência é para melhoria. Dos problemas elencados, a falta de banheiros que funcionem, ratos nas pedras de sustentação do calçamento e falta de acessibilidade são fatores que precisam ser resolvidos.

Palavras chave: Slackline. Planejamento. Iniciação.



LAZER EM ÁGUAS DE RIO: ESTUDO SOBRE OS BALNEÁRIOS AMAZÔNICOS

Silvia Helena Ribeiro Cruz; Jéssika Paiva França

silhcruz@gmail.com

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil

Este estudo objetivou apresentar o balneário amazônico como um espaço de lazer peculiar da região amazônica, que se difere do entendimento predominante nas demais regiões do país, a exemplo do sul e sudeste onde as praias são as correspondentes (banho em águas marítimas), da Região Metropolitana de Belém - RMB. Na Região Norte o entendimento de balneário relaciona-se à adaptação de uma pequena infraestrutura (tronco de árvores, pedras e areia) para cercamento de braços de rios e /ou igarapés, além de serviço de apoio para o público frequente. Nele os recursos naturais são adaptados para favorecer as práticas de lazer dos frequentadores. Para a fundamentação teórica autores como Urry (2007); Corbin (1989) contribuíram para reflexões sobre as mudanças culturais da sociedade quanto a percepção do mar, que até o final do século XVII e início do XVIII era altamente depreciativo. Em meados do século XVIII na Europa essa concepção depreciativa, progressivamente, muda para uma função medicinal, através do consumo para saciar a sede e banhar-se, popularizando-se no século XIX. A construção da cultura de utilização dos balneários para fins de lazer tem as suas origens na sociedade industrial, onde a racionalização da produção e do tempo, induziram a busca por mais tempo livre para recomposição das forças. "Alguns padrões começaram a encarar as férias regulares como algo que contribuía para a eficiência" (URRY, 2007, p.38). Cruz e França (2003) iniciam estudos sobre a importância dos balneários amazônicos para o lazer das populações ribeirinhas e urbanas das cidades, neste estudo, na RMB, constataram que os balneários são os principais espaços de lazer das populações urbanas dos municípios que compõe a RMB, e há uma profunda relação entre o aproveitamento dos espaços naturais, a sustentabilidade dos recursos e a necessidade de discutir estes espaços como oportunidades de inclusão social pelo lazer, principalmente por localizarem-se em áreas periurbanas. O escopo metodológico deu-se pela revisão teórica sobre lazer e balneários; survey para reconhecimento das áreas; georeferenciamento dos balneários visando a caracterização dos mesmos; análise qualitativa sobre o papel dos balneários para a inclusão social pelo lazer. Por fim, a pesquisa possibilitou a caracterização dos balneários na RMB, a importância para o direito ao lazer das populações periurbanas, e a relação entre lazer, meio ambiente e sustentabilidades, enquanto um tripé para garantir o uso racional dos recursos aproveitados como, os rios e igarapés amazônicos, posto que nas observações identificou-se o manejo irregular dos recursos naturais e problemas quanto a infraestrutura de apoio, seja pela inadequação ou ausência desta. Assim, conclui-se que os recursos naturais, como rios, igarapés e florestas remanescentes, que compõem a paisagem desses espaços, estão em risco de contaminação, assoreamentos, e extinção, caso não haja a definição de políticas públicas de uso e ocupação para o turismo e lazer.

Palavras chave: Lazer. Balneários. Amazônicos.



LAZER, MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE: ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA NO IFTO

Vinicius Deodato Santos; Ingrid dos Santos Lima; José Guilherme Marques Silva; Khellen Cristina Pires Soares; Raphael Palazzo

viniciusdeodato88@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, SP, Brasil.

O presente trabalho é um relato de experiência, de uma vivência acadêmica que relacionou lazer e meio ambiente, através de projetos ambientais realizados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Palmas, dentro da disciplina Educação Física Escolar e Meio Ambiente, realizados pelos alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física. O Campus Palmas do IFTO tem como função social oferecer educação profissional nos diversos níveis e modalidades, conjugando a teoria com a prática no ensino e promovendo a integração e a verticalização da educação básica com a educação profissional e educação superior. A unidade é referência em ensino de qualidade na capital do Tocantins e região e ocupa uma área de mais de 128 mil m²; deste total, grande parte é de área verde com árvores nativas. Estudantes, professores e técnicos administrativos são assíduos frequentadores do IFTO Campus Palmas, e nós, acadêmicos de Educação Física, percebemos que as áreas livres do campus eram pouco utilizadas pela comunidade acadêmica e precisavam de melhorias; portanto, nossa ideia foi dar vida a esses espaços e proporcionar uma maior interação ser humano-natureza. Nossa proposta foi utilizar os materiais descartados, que iriam para o lixo e (re)utilizá-los, transformá-los, retirando-os ou reintegrando-os ao meio ambiente. Como sugerem GOMES e ELIZALDE (2014), caminhando no sentido de repensar, reelaborar e reconstruir a sociedade e suas práticas. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é relatar as modificações/transformações ocorridas no Campus após a implementação dos projetos ambientais. As ações desenvolvidas foram seis para criação de espaços de convivência, além do paisagismo e plantação de mudas. Os materiais utilizados foram encontrados no próprio Campus, além dos materiais doados como: *pallets*, caixotes de madeira, pneus velhos e garrafas pet. Estes materiais foram transformados em mesas, bancos, lixeiras, jardins e usados na formação de uma pequena trilha. Os Projetos Ambientais implementados no IFTO tinham como objetivo abordar a questão da sustentabilidade, neste caso, a dimensão ética da sustentabilidade, já que por princípio entendemos que os seres humanos são parte da natureza e que nos encontramos numa relação de interdependência com todo ser vivo. As tensões decorrentes do convívio social, dos estudos e, principalmente, do trabalho, provocam nos indivíduos desgastes físicos, psicológicos, e no caso do nosso projeto, a vivência do lazer foi utilizar os espaços existentes no meio ambiente do nosso Campus e proporcionar momentos de lazer para a comunidade acadêmica em seus horários disponíveis. Posteriormente, entrevistaremos os usuários destes espaços, para saber qual a opinião dos mesmos em relação a implementação e a utilização dos espaços de convivência como um espaço de lazer.

Palavras-chave: Lazer. Meio Ambiente. Sustentabilidade.



LAZER, NATURISMO E ESTESIA: NOTAS DE UMA ECOLOGIA CORPORAL

**Jullya Bheatriz Dantas da Costa Sobral; João Leandro de Melo Araújo;
Lucas Peixoto de Macêdo; Carlos Jean Damasceno de Góes;
Tatiana Camila de Lima Alves da Silva; Terezinha Petrucia da Nóbrega**
falarcomjullya@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, RN, Brasil

Com os avanços técnicos e tecnológicos, a sociedade gradativamente se distanciou da natureza, fato este que culminou em diversas transformações ao longo de todo planeta, reconfigurando o ecossistema presente nele e as condições climáticas do mesmo. Oposto a esta assertiva, a fenomenologia de Merleau-Ponty mostra que somos também parte da natureza, posto que esta não se encontra inteiramente fora de nós. Este estudo teve por objetivo compreender a interação humana com a natureza durante momentos de lazer, em imersão na cultura naturista, em seu sentido amplo, não necessariamente associada ao nudismo; ponderando sobre os valores educacionais extraídos desta relação. O naturismo, por sua vez, é definido como a maneira de se viver em harmonia com a natureza, respeitando o próximo, a si mesmo e ao meio ambiente. Neste trabalho é apresentado um relato fenomenológico sobre as experiências vividas por cinco estudantes de graduação da UFRN em um dia de visita ao Vale Encantado, espaço este situado em área de proteção ambiental na Praia de Pium, localizada no município de Parnamirim, RN, Brasil. Embora seja uma experiência inicial, sua intensidade permite refletir sobre as questões que envolvem a temática do lazer na natureza, considerando-se a geografia da cidade e seus espaços naturais, a percepção do corpo e das práticas corporais. No que é pertinente às características da localidade, viu-se que há uma única trilha com extensão aproximada de 2,5 km (45 minutos de caminhada) de acesso à mesma, além disso, não há sinal de redes telefônicas ou de internet, o que leva os visitantes a um completo isolamento na natureza e, portanto, a possibilidade de uma escuta de si mesmo. Durante a visita, foram experimentadas várias atividades de lazer naturista, tais como, arborismo, *slackline*, canoagem, banho de rio, caminhadas e, até mesmo, as interações com os animais. Passadas todas as vivências, os participantes foram motivados a responder duas questões, considerando seus aprendizados no experimento: qual o sentido do lazer na cultura naturista? E qual a importância deste tipo de vivência para a conscientização ambiental? Refletindo sobre as perspectivas compartilhadas, observa-se que o naturismo favoreceu o reencontro do ser humano com o meio ambiente, propiciando um convívio mais harmônico entre os elementos. Ademais, as atividades na natureza foram percebidas como momentos para reflexão acerca da conservação ambiental, ou seja, não remetendo a um sentido diretivo sobre o lazer. Por fim, é relevante considerar que esta pesquisa trata de uma análise preliminar, a ser ampliada na continuidade do estudo. Compreende-se que se faz necessário a realização de outras vivências naturistas, discutindo suas possibilidades de lazer, de tal forma a valorizar esta cultura, e refletir sobre a conscientização ambiental da população.

Palavras-chave: Naturismo. Fenomenologia. Lazer. Ecologia Corporal.



O LAZER E O LÚDICO COMO INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

**Suzana Santos Campos; Luciana de Souza Castro; Roberta Rocha da Silva Leite;
Mirna Marino Duarte**

suzanascampos@hotmail.com

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ,
Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil

O presente trabalho tem por finalidade apresentar resultados do projeto de extensão “Praticando a Educação Ambiental na Escola Municipal Nilton São Thiago (Petrópolis-RJ)”, desenvolvido durante o ano de 2017 e que teve como objetivo geral sensibilizar a comunidade escolar, por meio da Educação Ambiental, a desenvolver práticas ambientais sustentáveis na instituição trabalhada. Para tal, utilizou-se o lazer e o lúdico como ferramentas educativas, principalmente nas atividades realizadas com as crianças participantes. O projeto, de abordagem qualitativa, teve sua metodologia baseada na pesquisa bibliográfica, descritiva e exploratória. A fim de desenvolver nos participantes uma visão crítica dos problemas ambientais e propor ações que venham a contribuir significativamente com a preservação ambiental, foram realizadas atividades com foco numa educação para e pelo lazer, apresentando iniciativas de coleta seletiva, incentivando a redução, reutilização e reciclagem de resíduos produzidos na escola e criação de uma horta para atender às demandas do refeitório escolar. Para planejar e desenvolver as práticas previstas, foi necessário conhecer o perfil do público identificado nos primeiros meses do projeto com a realização de um diagnóstico da Escola, por meio de visitas em todos os seus espaços, palestra com conversa aberta entre os membros do projeto, funcionários e professores da escola para explicar sobre o projeto, reuniões com a direção e análise das possíveis ações a serem desenvolvidas. A equipe se empenhou em elaborar atividades para os alunos do primeiro segmento do ensino fundamental nos horários do contraturno das turmas. Fortalecida pela ideia de que tanto o lazer como a Educação Ambiental são instrumentos cruciais para formação de sujeitos críticos e de luta contra a manutenção do *status quo* e do modelo consumista vigente, a equipe de trabalho tratou de abordar conteúdos culturais e ambientais de forma criativa e apoiada na realidade local. O lúdico como característica inerente ao lazer, referenciada no brincar consigo, com o outro e com o contexto, foi explorado em todas as intervenções por meio de jogos, brinquedos, dinâmicas, filmes. Reconhecendo que “é a interação do sujeito com a experiência vivida que possibilita o desabrochar da ludicidade” (GOMES, 2004), a possibilidade de criar brinquedos por meio de materiais recicláveis, discutir filmes e o folclore brasileiro, plantar, colher, enterrar objetos e desenterra-los após meses para compreensão de decomposição ou não de materiais, constituiu “novas formas de fruir a vida social, marcadas pela exaltação dos sentidos e das emoções, mesclando alegria e angústia, relaxamento e tensão, prazer e conflito, regozijo e frustração, satisfação e expectativa, liberdade e concessão, entrega, renúncia e deleite” (GOMES, 2004). Tal práxis resultou em um processo de ensino-aprendizagem almejado e contextualizado. Acredita-se, dessa forma, que projetos como esse podem despertar, por meio do lúdico, uma educação para novas experiências de lazer e sensibilizar os envolvidos para práticas ecologicamente corretas.

Palavras chave: Lazer. Lúdico. Educação ambiental. Escola.



PERCEPÇÕES DE EXPECTADORES DE UM EVENTO DE HIGHLINE EM FLORIANÓPOLIS (SC)

Juliana de Paula Figueiredo; Juliana Araújo Klen; Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi; Giandra Anceski Bataglion; Alcyane Marinho

julianapfig@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, SC; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

O *highline* consiste em uma das modalidades do *slackline*, caracterizado por atravessar uma fita ancorada, em duas extremidades, em grandes altitudes. Esta modalidade começou a ser difundida recentemente no Brasil, porém, de maneira ascendente. Em 2015, ocorreu a primeira versão do festival Gravitation, em Florianópolis (SC), sendo este o primeiro evento brasileiro a reunir praticantes da modalidade, o qual serviu de base e estímulo para a realização de outros em diferentes regiões. O evento também atrai expectadores que não praticam a modalidade. Assim, este estudo procurou investigar os motivos de participação dos expectadores no evento, a sua percepção sobre o mesmo e as razões de não praticarem a modalidade. De natureza descritiva e qualitativa, o estudo utilizou-se de um questionário com três perguntas abertas aplicadas, na segunda e na terceira edição, a 17 expectadores. Na segunda edição (2016), investigou-se 10 pessoas, sendo nove do sexo feminino e um transexual, com média de idade de 30 ($\pm 8,63$) anos. Na terceira edição (2017), investigou-se sete pessoas, sendo quatro do sexo masculino e três do sexo feminino, com média de idade de 30,43 ($\pm 7,55$) anos. Os dados foram analisados por meio de elementos da técnica de análise de conteúdo. Quanto à motivação para participar do festival, os expectadores apontaram: contribuir com o evento na comissão organizadora (6), curiosidade/conhecer o esporte (4), contato com a natureza (3), observar atletas experientes (2), convite do companheiro (2), convite de amigos (2), localização do evento (2), receptividade (2), participação no ano anterior (1), iniciação à modalidade (1), acompanhar o esposo (1), adrenalina (1), desejo de retornar (1), acampar (1), aproveitar o evento (1), desenvolvimento no esporte (1), desejo pessoal (1). No que se refere à percepção dos participantes sobre o evento, destacaram-se os seguintes elementos: convivência em coletividade/interação (4), união (3), diferentes vivências (2), contato com a natureza (2), troca de experiências (2), boa organização (2), conhecimento da modalidade (2), novas amizades (1), divertimento (1), respeito às diferentes culturas (1), incentivo à prática (1), promoção do esporte (1), ascensão do evento (1), evento inovador (1). Ao serem questionados sobre os motivos pelos quais não praticam o *highline*, foram apontados: necessidade de aprender técnicas específicas (6), falta de oportunidade (4), a vontade ainda não foi despertada (4), falta de preparo físico e mental (1), medo (1), falta de concentração (1), satisfação na prática de escalada (1), falta de contato (1), falta de equipamento (1), dificuldade com alturas elevadas (1). Esses resultados evidenciam que os expectadores investigados possuem amplo interesse e curiosidade pelo esporte, além de valorizarem as interações sociais estabelecidas por meio dele. O contato com o ambiente natural é um fator importante, embora os expectadores pareçam não o conceber como elemento fundamental, que motive a participação em eventos no segmento das atividades de aventura. Desta forma, outras iniciativas como esta são imprescindíveis para fomentar a disseminação de modalidades esportivas em ascensão no Brasil, bem como promover condutas que valorizem o lazer e o esporte em sintonia com o ambiente natural.

Palavras-chave: Atividades de aventura. *Highline*. Evento. Expectadores.



PERFIL DOS VISITANTES DO JARDIM BOTÂNICO DE BRASÍLIA - JBB

Vanessa Sousa de Oliveira

vanessita.bsb@gmail.com

Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília – CET/UnB, Brasília,
Distrito Federal, Brasil

Jardins botânicos são áreas verdes protegidas que visam conservar fragmentos de ecossistemas naturais, constituir coleções botânicas, promover pesquisa, educação ambiental e lazer. Desempenham importante papel na prestação de serviços ecossistêmicos à cidade como manutenção do microclima, proteção de mananciais e barreiras naturais no processo de ocupação desordenada do solo. O Jardim Botânico de Brasília – JBB, reconhecido espaço de lazer na cidade de Brasília, experimentou um crescimento exponencial da visitação entre 2012 e 2016. Desenvolvemos um estudo sobre o perfil de seus visitantes. O levantamento é um recorte dos dados obtidos para a dissertação de mestrado sobre lazer em áreas protegidas, que teve o Jardim Botânico de Brasília – JBB como estudo de caso. A pesquisa exploratória foi realizada entre os meses de julho e setembro de 2017, aos sábados e domingos, na área de visitação do JBB. Os visitantes foram selecionados de forma aleatória. Abordados nos espaços de visitação, foram convidados a responder um questionário enviado por e-mail pela plataforma *Google* a 78 visitantes. Traçamos o perfil por meio das respostas obtidas para oito questões fechadas: 1 - Idade; 2 - Gênero; 3 - Escolaridade; 4 - Local de residência; 5 - Ocupação; 6 - Com que frequência vai ao JBB?; 7 - Com quem costuma ir ao JBB?; 8 - Por que você vai ao JBB?. O público espontâneo do JBB encontra-se na faixa etária de 31 a 40 anos de idade, compondo 53% dos visitantes. A presença feminina predomina com 59% de mulheres em comparação ao percentual de 41% de homens. Esses visitantes possuem alto grau de escolaridade, composto por 94% de graduados, dentre os quais 66% são pós-graduados, distribuídos entre as titulações de especialização (42,3%), mestrado (17,9%) e doutorado (6,4%). O perfil ocupacional é predominantemente de servidores públicos, no percentual de 52,6%. Profissionais liberais aparecem em segundo lugar, com 10,3% de respostas. As mulheres frequentam o JBB com amigos na proporção de 21% e com parentes também na proporção igual a 21%. Quanto aos homens, 21% deles visitam o JBB acompanhados por parentes, seguidos por 6,4% que informam estar na companhia de amigos. Quanto ao local de residência, 28,2% residem na Região Administrativa de Brasília – RA I, 11,5% na Região Administrativa do Jardim Botânico – RA XXVII, 11,5%, Região Administrativa de Águas Claras – RA XX, 9% na Região Administrativa do Sudoeste/Octogonal e 7,7% na Região Administrativa de São Sebastião. Em suma, a maioria vive no Distrito Federal e mora fora da circunscrição do JBB. Dentre os visitantes, 25% se encontram em sua primeira visita ao JBB, enquanto 26% visitam o local uma vez por semestre, 29% uma vez ao ano e 12% uma vez ao mês. Ao serem questionados sobre a motivação para ir ao JBB, 68% apontaram o lazer como a finalidade da visita.

Palavras chave: Visitação. Área protegida. Jardim Botânico. Jardim Botânico de Brasília.



REFLEXÕES SOBRE LAZER EM PARQUES NATURAIS EM PRESIDENTE FIGUEIREDO-AM

Francisco Irapuan Ribeiro; Mirleide Char Bahia

irapuan.uea@gmail.com

Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brasil;
Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, Pará, Brasil

Este estudo teve por objetivo a observação e reflexão sobre as práticas de lazer vivenciadas por visitantes e turistas nos espaços públicos denominados parques naturais do Município de Presidente Figueiredo, no Amazonas. Sobre essa dinâmica, Figueiredo (2008) afirma que é possível entender que o espaço público é percebido como funcional e possui dupla possibilidade, pois ao mesmo tempo em que proporciona lazer aos moradores, é visto por visitantes como referência de cultura e das características identitárias do lugar. Este estudo teve enfoque nos Setores Urbanos (SER) I, II e VI, visto que são os que se encontram na área urbana da sede do município onde foi desenvolvida esta pesquisa. Como problematização deste estudo tem-se que as diversas possibilidades de impactos ambientais põem em risco além das espécies de flora e fauna locais, ocasiona problemas à vida das pessoas e aos ambientes urbanos, provocando o “estrangulamento” dessas áreas. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa em Gil (1994), com embasamento teórico nas bases de dados da *EBSCOhost – Coleção de Periódicos e eBooks*. Para a busca, foram selecionadas apenas as produções em revistas acadêmicas no ano de 2017, a partir da palavra chave (*leisure in natural parks*). Entre eles, Sarmiento et al (2017), com pesquisa sobre prática de atividade física em parques de Bogotá, bem como Chang e Bae (2017), em estudos em Taiwan sobre lazer em espaços verdes como um mediador da relação de trabalho negativo e despertando emoções positivas na família. Para a etapa de coleta de dados em campo, foram realizadas uma série de visitas aos três parques, com observação não participante, em dias diferentes da semana. Foi possível ver, diariamente, a presença de residentes tomando banho no parque com corredeira do Urubuí (mais próximo ao centro da cidade) e nos fins de semana na cachoeira das orquídeas (distante 1km da área urbana, com necessidade de caminhada por trilha). No parque Galo da Serra, o uso é predominantemente feito por jovens pelas entradas clandestinas. Os turistas, por sua vez, demonstram prazer e felicidade em vivenciarem tal ambiente natural, mas em sua maioria se restringem a registrar sua presença em fotografia e se concentram, principalmente, nos restaurantes existentes no parque Urubuí. Por motivo de terem que caminhar quase 30 minutos, os que visitam o parque das orquídeas geralmente são grupos mais jovens e o maior número de visitação é no fim da tarde. Sobre o parque Galo da Serra, os turistas que visitam esse parque o fazem principalmente para ver de perto o pássaro galão da serra, conhecido pela sua peculiar cor amarelo-laranja. Os parques naturais de Presidente Figueiredo são espaços evidentemente vivenciados/experimentados mais pelos residentes do que pelos turistas. Fato que merece atenção, principalmente por todos os três parques se encontrarem em área urbana do Município. Sobre a visitação de turistas, pode-se afirmar que os atrativos naturais dos parques e a gastronomia ofertada pelos restaurantes locais são os principais motivos para a visita.

Palavras chave: Lazer. Turismo. Parque natural.



SE ESSA HORTINHA FOSSE MINHA: BRINCADEIRAS NA NATUREZA

Viviane Cristina dos Santos

viviane@itaquera.sescsp.org.br

Serviço Social do Comércio – SESC, Itaquera, São Paulo, SP, Brasil

O projeto “Se essa hortinha fosse minha” contempla uma série de atividades que convidam as crianças a descobrirem novos lugares de brincadeira ao ar livre e em contato com a natureza, despertando a vontade e a necessidade de vivenciá-la e conservá-la. Os espaços naturais são os primeiros espaços da criação simbólica da cultura nas sociedades, como nos diz o historiador Simon SHAMA em seu livro “Paisagem e Memória”: “Paisagem é cultura antes de ser natureza, um constructo de imaginação projetado sobre a mata, água, rocha” (p. 70). As sutilezas do relevo, a formação das nuvens, a sensação que o vento causa, a observação atenta da biodiversidade e da transformação da paisagem possibilitaram grandes descobertas pelos seres humanos e a constituição dos seus modos de viver e de se relacionarem entre si. A brincadeira por sua vez é linguagem das infâncias, a forma pela qual as crianças vivenciam o lazer e todas as atividades significativas para o seu desenvolvimento, criando e recriando cultura. Neste sentido, nos diz a antropóloga Adriana FRIEDMAN: “O brincar é linguagem essencial das crianças, sendo entendida como um meio através do qual os seres humanos tentam comunicar-se, expressar-se, convidando-nos a olhar através dela, além dela”. A brincadeira é natural. O limite da relação sociedade e natureza é o que vivemos hoje em um mundo em que mais da metade da humanidade está em ambientes urbanos e a maioria dos países ocidentais não possuem mais matas nativas. Promover atividades de lazer para crianças em áreas verdes não é só fruto de uma consciência das crises ambientais, que ameaçam os ecossistemas remanescentes, é fruto também do entendimento que sem viver a experiência dentro de ambientes naturais, as crianças não vivem processos que nos definem enquanto humanidade. Essa é uma realidade nova para a educação e ação cultural: trazer de volta as crianças para a natureza. Diante do quadro exposto, o projeto propôs instalação de movelaria lúdica nos espaços de plantio para constituir um território de brincar na horta, somado a uma série de atividades programáticas: – Brincadeiras na horta: ateliê de criação de brinquedos com folhas, cascas, sementes e flores da horta. – Cozinha da dona Mata: mediação de brincadeira comum a muitas infâncias, brincar de comidinha. Neste espaço há a oferta de utensílios de cozinha junto com terra, pedra, musgos e hortaliças. – Hortinha em pequenos espaços: estímulo a momentos familiares de brincadeira e cuidado com plantas alimentícias, em que as crianças e suas famílias plantam hortas em vasos e suportes inusitados. A proposição das atividades, que se realizam com poucos recursos materiais e com metodologias simples, gerou espontaneamente uma apropriação dos espaços naturais nos momentos de lazer das crianças com suas famílias, colorindo-os e ressignificando-os. Tal constatação reforça o argumento de que a brincadeira conecta crianças aos espaços de natureza nos momentos de lazer, sensibilizando-as para questões do patrimônio representado pelas áreas verdes na cidade.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Criança. Natureza. Lazer.



SENTIDOS DEL LUGAR Y LA EXPERIENCIA DE OCIO

Andres Ried

rried@uc.cl

Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago, Chile

La literatura ha abordado la noción de sentidos del lugar y de apego al lugar, desde diferentes perspectivas teóricas y metodológicas, estableciéndose como una necesidad la exploración de aproximaciones que permitan comprender más profundamente la complejidad de relación entre las personas y el lugar. Asimismo se ha establecido el sentido del lugar como un concepto que puede actuar como predictor de conductas ambientales positivas. Por otra parte la experiencia de ocio en contacto con la naturaleza (EOCN), ha sido reconocida como uno de las vías más sólidas, para desarrollar sentidos del lugar hacia áreas protegidas. Esta investigación analizó los sentidos del lugar de visitantes de territorios naturales protegidos e identificó las actividades y/o experiencias recreativas que favorecieron la generación y consolidación de estos vínculos. Se utilizó un enfoque metodológico mixto a dominante cuantitativo, se optó por esta aproximación dado que la predominancia de los métodos cuantitativos ha sido considerada como una de las limitaciones de la literatura relacionada con estudios de ocio y sentidos del lugar. Además lo anterior permitió interpretar y explicar cualitativamente el proceso de construcción de los sentidos del lugar. Los datos recopilados provienen de una encuesta web aplicada ex post a personas mayores de 18 años interceptadas en tres parques nacionales de Chile, entre el 21 de enero y 31 de marzo de 2016. La encuesta se envió entre los meses de mayo y Junio del 2016 y fue completada por 704 personas, lo que equivale a una tasa de logro del 36%. Los principales resultados sugieren que: (1) estadísticamente la variable más relevante a la hora de construir sentidos del lugar se encuentra en la posibilidad de vivir experiencias significativas y deseadas por los visitantes, sus gustos; (2) las intensidades de las dimensiones de los sentidos del lugar varían sustantivamente según la calidad de la oferta recreativa de cada parque; (3) se confirma la percepción del carácter emergente y multidimensional de la EOCN, casi la totalidad de los relatos van mucho más allá de la descripción de una actividad en particular, sino que destacan la experiencia como un todo memorable y maravilloso, que es fruto de una interacción compleja que se produce entre la vivencia personal (actividad, paz, tranquilidad, desafío), el mundo natural (paisajes, aire, luz, sonidos, flora y fauna) y las otras personas (familias, amigos y conocidos) y (4) existe una evaluación profundamente negativa del proceso de concesión privada y mercantilización de los servicios recreativos al interior de los parques nacionales.

Palabras clave: Ocio. Areas protegidas. Sentidos del lugar.



BIOGRAFIAS
BIOGRAPHIES
BIOGRAFÍAS



ABENA P.A. BUSIA - Palestrante Convidada | Guest Speaker | Conferencista Invitada

Embaixadora de Gana no Brasil desde janeiro de 2018, é professora, poeta, escritora e especialista em assuntos de gênero, raça, multiculturalismo e diáspora africana. Diretora da AWDF-EUA, organização irmã do Fundo de Desenvolvimento das Mulheres Africanas, atua como tutora no Ruskin College e como professora visitante no Programa de Estudos Africanos e Afro-americanos nas Universities of Yale, Ghana, Legon e de Cape Coast.

Ghana's ambassador in Brazil since January, 2018, she is a professor, poet, writer and specialist in topics related to gender, race, multi culturalism and African diaspora. She is the director of AWDF-EUA, the twin organization for the African Women Development Fund; she acts as a tutor at the Ruskin College and as a guest Professor of the African and African-American Studies Program in the Universities of Yale, Ghana, Legon and Cape Coast.

Embajadora de Gana en Brasil desde enero de 2018, es profesora, poeta, escritora y especialista en asuntos de genero, raza, multiculturalismo y diáspora africana. Directora de la AWDF-EUA, organización hermana del Fondo de Desarrollo de las Mujeres Africanas, actúa como tutora en el Ruskin College y como profesora visitante en el Programa de Estudios Africanos y Afro-americanos en las Universities of Yale, Ghana, Legon y de Cape Coast.

ADRIANA ESTHER ESTRADA-GONZÁLEZ - Apresentadora | Presenter | Presentadora

Professora de lazer e turismo da Faculdade de Administração da Universidad de Monterrey, no México, é PhD em Lazer e Desenvolvimento Humano pela Universidad de Deusto, na Espanha. É pesquisadora nas áreas de turismo e marketing, turismo social, lazer e educação. Atuou como membro do Board da WLO de 1997 a 2003.

She is a leisure and tourism professor from the College of Administration of the Universidad de Monterrey, in Mexico; she has a PhD. degree in Leisure and Human Development from the Universidad de Deusto, in Spain. She is a researcher in the areas of tourism and marketing, social tourism, leisure and education. She was a member of WLO Board from 1997 to 2003.

Profesora de ocio y turismo de la Facultad de Administración de la Universidad de Monterrey, en México, es PhD en Ocio y Desarrollo Humano por la Universidad de Deusto, en España. Es investigadora en las áreas de turismo y marketing, turismo social, ocio y educación. Fue miembro del Board de WLO de 1997 hasta 2003.



ALBERTO ACOSTA – Conferencista | Lecturer | Conferencista

Natural de Quito, o economista, professor universitário e escritor equatoriano foi gerente de marketing da Corporación Estatal Petrolera Ecuatoriana, Ministro de Minas e Energia e presidente da Assembleia Constituinte, além de candidato à Presidência da República do Equador nas eleições de 2013. É autor de vários livros, entre eles o “Bem Viver – Uma oportunidade para imaginar outros mundos”.

Born in Quito, the economist, university Professor and equatorial writer was the marketing manager for the Corporación Estatal Petrolera Ecuatoriana, Mines and Energy Minister and president of the Constituent Assembly, in addition to being candidate for the Equator Republic Presidency in the elections in 2013. Author of many books, among them “El Buen Vivir – Una oportunidad para imaginar otros mundos.”

Natural de Quito, el economista, profesor universitario y escritor ecuatoriano fue gerente de marketing de la Corporación Estatal Petrolera Ecuatoriana, Ministro de Minas y Energía y presidente de la Asamblea Constituyente, además de candidato a la Presidencia de la República de Ecuador en las elecciones de 2013. Autor de diversos libros, entre ellos “El Buen Vivir – Una oportunidad para imaginar otros mundos.”

ALON GELBMAN - Palestrante convidado | Invited Speaker | Conferencista Invitado

PhD, Professor e Diretor do Departamento de Turismo e Hotelaria no Kinneret College on the Sea of Galilee, Israel. Geógrafo Cultural com pesquisas nas áreas de turismo internacional e fronteiras geopolíticas, turismo e paz, turismo urbano/rural e relacionamento hospedeiro-hóspede. Suas pesquisas têm sido publicadas em periódicos científicos de destaque tais como Anais de Pesquisa de Turismo, Geografia do Turismo e Questões Atuais do Turismo.

PhD. degree, Professor and Director of the Tourism and Hotel Department of the Kinneret College in the Sea of Galilee, Israel. Cultural Geographer with researches in the areas of international tourism and geopolitical frontiers, tourism and peace, urban / rural tourism and the relationship between the host and the guest. His researches have been published in such outstanding scientific articles as Annals of Tourism Research, Tourism Geography and Current Tourism Question.

PhD, Profesor y Director del Departamento de Turismo y Hotelería en el Kinneret College on the Sea of Galilee, Israel. Geógrafo Cultural con investigaciones en las áreas de turismo internacional y fronteras geopolíticas, turismo y paz, turismo urbano/ rural y relación hospedeiro-huésped. Sus investigaciones han sido publicadas en periódicos científicos destacados, tales como Anales de Investigación de Turismo, Geografía del Turismo y Cuestiones Actuales del Turismo.



ANA CRISTINA LIMONGI-FRANÇA - Mediadora | Mediator | Mediadora

Mestre em Psicologia Social e Doutora em Administração, é professora titular na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) na Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora do núcleo de estudos e pesquisa Gestão da Qualidade de Vida no Trabalho, presidente da ABMedicina Psicossomática e conselheira da Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO). É Fundadora da Associação Brasileira de Qualidade de Vida - ABQV.

Master's in Social Psychology and PhD. degree in Administration, she is a Full Professor at the Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) at Universidade de São Paulo (USP). Coordinates the center of studies and research Management of Quality of Life in Work, president of ABMedicina Psicossomática and counselor of the Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO). Founder of the Associação Brasileira de Qualidade de Vida - ABQV.

Maestría en Psicología Social y doctorado en Administración, profesora titular en la Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) en la Universidade de São Paulo (USP). Coordinadora del centro para estudios e investigación de Gestión de Calidad de Vida en el Trabajo, presidente del ABMedicina Psicossomática y consejera de la Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO). Es la fundadora de la Associação Brasileira de Qualidade de Vida - ABQV.

ANDERSON DALBONE - Mediador | Mediator | Mediador

Gerente do Programa Lazer do Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio - Sesc, atua liderando equipes nas áreas do Desenvolvimento Físico Esportivo, Recreação e Turismo Social. Especialista em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública - ESNP / Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, MBA em Gestão Executiva pelo Instituto COPPEAD de Administração/UFRJ e de Estratégias de Inovação pela University of San Diego.

Manager of the Recreation Program of the National Department of Serviço Social do Comércio - Sesc, leading teams in the areas of Physical and Sportive Development, Recreation and Social Tourism. Specialist in Public Health by the Escola Nacional de Saúde Pública - ESNP / Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ; MBA in Executive Management by the Instituto COPPEAD de Administração/UFRJ and Strategies of Innovation by the University of San Diego.

Gerente del Programa de Ocio del Departamento Nacional do Serviço Social do Comércio - Sesc, actúa liderando equipos en las áreas del Desarrollo Físico Deportivo, Recreación y Turismo Social. Especialista en Salud Publica por la Escola Nacional de Saúde Pública - ESNP / Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, MBA en Gestión Ejecutiva por el Instituto COPPEAD de Administração/UFRJ y de Estrategias de Innovación por la University of San Diego.



ANDRÉA DE ARAUJO NOGUEIRA - Mediadora | Mediator | Mediadora

Gerente do Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc São Paulo desde 2013, é doutora em Ciências da Comunicação e bacharel em História pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Vencedora do Troféu de Melhor Pesquisa no HQ Mix de 2006, tem desenvolvido pesquisas nas áreas de humor, história da imprensa, educação e gestão cultural.

Manager of the "Centro de Pesquisa e Formação" (CPF) of Sesc São Paulo since 2013, she has a PhD. degree in Communication Sciences and a degree in History from the Universidade de São Paulo (USP) and has a master's degree in Visual Arts from the Arts Institute of the Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Winner of the Trophy of Best Research on HQ Mix of 2006, she has developed researches in the areas of humor, press history, education, and cultural management.

Gerente del Centro de Investigación y Formación (CPF) del Sesc São Paulo desde 2013, es doctora en Ciencias de la Comunicación y licenciada en Historia por la Universidade de São Paulo (USP) y master en Artes Visuales por el Instituto de Artes de la Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Vencedora del Trofeo de Mejor Investigación en el HQ Mix de 2006, ha desarrollado investigaciones en las áreas de humor, historia de la prensa, educación y gestión cultural.

ANTONIO CARLOS BRAMANTE - Mediador | Mediator | Mediador

É mestre em Educação, doutor em Filosofia e professor aposentado da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ocupou cargos de Secretário da Criança e do Adolescente, da Educação e Cultura, de Esportes e Lazer e Juventude na Prefeitura de Sorocaba. Atualmente é consultor em gestão do lazer, membro do Comitê de Cultura e Pesquisa do Panathlon International e do Conselho Diretor da World Leisure Organization (WLO) e Pesquisador Convidado no Laboratório de Gestão de Esportes e Lazer (GESPORTE) da Universidade de Brasília (UnB).

Master's degree in Education, PhD. degree in Philosophy, retired professor at Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Held positions of Secretary of Children and Adolescents, of Education and Culture, of Sports, Leisure and Youth at Sorocaba City Hall. He is currently a consultant in leisure management, Member of the Committee of Culture and Research of Panathlon International and the Board of Directors of World Leisure Organization (WLO); Guest Researcher in the Laboratório de Gestão de Esportes e Lazer (GESPORTE) of Universidade de Brasília (UnB).

Maestría en Educación, Doctorado en Filosofía y profesor jubilado de la Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Llevado a cabo posiciones de la Secretaria de Niñez y Adolescencia, de la Educación y Cultura, del Deportes, Ocio y Juventud en el Ayuntamiento de Sorocaba. Actualmente es consultor en gestión de ocio, Miembro de la Comisión de Cultura e Investigación de Panathlon Internacional y del Board de Directores de la World Leisure Organization (WLO); Investigador Invitado en el Laboratório de Gestão de Esportes e Lazer (GESPORTE) de la Universidade de Brasília (UnB).



CARLOS ALBERTO RICO ALVAREZ - Debatedor | Debater | Debatidor

Professor Universitário de Políticas Públicas de Recreação no mestrado de Estudos Latino-americanos de Lazer do IPECAL – CIIO – Funlibre e Pensamento Estratégico na Universidad Nacional da Colombia. É membro do Conselho de Administração da World Leisure Organization (WLO), fundador e presidente da Fundación de Tiempo Libre y Recreación (FUNLIBRE) da Colômbia, México e Costa Rica. Foi diretor do Proyecto Nacional de Recreación de Colombia.

University Professor of Public Policies of Recreation in the master course of Latin American Leisure Studies at IPECAL -CIIO-Funlibre and Strategic Thinking at the Universidad Nacional da Colombia. Member of the Board of Directors of World Leisure Organization (WLO), founder and president of the Fundación de Tiempo Libre y Recreación (FUNLIBRE) of Colombia, Mexico and Costa Rica. He was Director of the Proyecto Nacional de Recreación de Colombia.

Catedrático en el Curso de Maestría de Políticas Públicas en Recreación y Estudios de Ocio en América Latina IPECAL -CIIO-Funlibre y Pensamiento Estratégico en la Universidad Nacional de Colombia. Miembro de la Junta de World Leisure Organization (WLO), fundador y presidente de la Fundación de Tiempo Libre y Recreación (FUNLIBRE) de Colombia, México y Costa Rica. Fue Director del Proyecto Nacional de Recreación en Colombia.

CHRISTIANE LUCE GOMES - Mediadora | Mediator | Mediadora

Mestre em Educação Física, doutora e pós-doutora em Ciência Política e Social. É Professora Associada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coordenadora pedagógica do Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR) e membro do Comitê de Pesquisa 13 – Sociologia do Lazer, da International Sociology Association (ISA). Desenvolve pesquisas sobre o Lazer no Brasil e na América Latina.

Master in Physical Education, PhD. and post doctor in Political and Social Sciences. Associated Professor at the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pedagogical coordinator of the Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR) and member of the Research Committee 13 – Leisure Sociology of the International Sociology Association (ISA). Develops researches about Leisure in Brazil and in Latin America.

Master en Educación Física, PhD. y pos doctorado en Ciencias Políticas y Sociales. Profesora Asociada de la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coordinadora pedagógica del Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR) y miembro de la Comisión de Investigación 13 - Sociología del Ocio, de la International Sociology Association (ISA). Desarrolla investigaciones sobre Ocio en Brasil y en América Latina.



CRISTINA ORTEGA NUERE - Mediadora | Mediator | Mediadora

Chefe acadêmica e operacional da World Leisure Organization (WLO) desde janeiro de 2016, é doutora em Lazer e Desenvolvimento Humano, mestre em Gestão de Lazer e especialista em Gestão Cultural. Professora no curso de mestrado na Universitat Oberta de Catalunya, é também professora convidada na New York University, nos Estados Unidos, e na University of Zheizang, na China.

Academic and operational chief of the World Leisure Organization (WLO) since January of 2016, she has a PhD. degree in Leisure and Human Development, a master's degree in Leisure Management and is a specialist on Cultural Management. Professor of the master's degree course of the Universitat Oberta de Catalunya, she is also a guest Professor of the New York University, in the United States, and University of Zheizang, in China.

Jefa académica y operacional de la World Leisure Organization (WLO) desde enero de 2016, es doctora en Ocio y Desarrollo Humano, master en Gestión de Ocio y especialista en Gestión Cultural. Profesora del curso de maestría de la Universitat Oberta de Catalunya, es también profesora invitada de la New York University, en los Estados Unidos, y de la University of Zheizang, en China.

CRISTÓBAL COMANDARI - Apresentador | Presenter | Presentador

Engenheiro Comercial pela Universidad Andrés Bello, com MBA em Administração pela Universidade de Boston, EUA. Atual diretor regional para América Latina da Crystal Lagoon. Sua experiência abrange posições mantidas a nível sênior no setor privado, incluindo área comercial, desenvolvimento de produto e cargos de gestão em que tem consistentemente identificado e cumprido a eficiência das operações.

Ingeniero Comercial por la Universidad Andrés Bello, con MBA en Administración en la Universidad de Boston, Estados Unidos. Director regional para América Latina de la Crystal Lagoon. Su experiencia abarca altos cargos en el sector privado, incluyendo el área comercial, posiciones de gestión y desarrollo de producto en que el constantemente ha identificado y cumplido la eficacia de las operaciones.

Commercial Engineer by the Universidad Andrés Bello, with MBA in Administration by University of Boston, EUA. Current regional director of Crystal Lagoon LATAM. His expertise covers positions held at a senior level in private sector; including commercial, product development and management positions in which he has consistently identified and delivered efficiencies in operations.



EDMUR STOPPA - Apresentador | Presenter | Presentador

Mestre e doutor em Educação Física na área dos Estudos do Lazer pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é professor na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP). Co-líder do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer (GIEL/EACH/USP) e do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ/EEFFTO/UFGM).

Master's degree and PhD. degree in Physical Education in Leisure Studies from the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Professor at the Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP). Co-leader of the Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer (GIEL/EACH/USP) and the Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ/EEFFTO/UFGM).

Master y doctor en Educación Física en el área de Estudios del Ocio por la Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), profesor de la Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP). Co-lider del Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer (GIEL/EACH/USP) y de Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ/EEFFTO/UFGM).

ERIC ROBERTO GUTIÉRREZ RODRÍGUEZ - Apresentador | Presenter | Presentador

Licenciado em Educação Física e Esporte, é presidente da Federação Cubana de Rugby e diretor nacional de recreação do Instituto Cubano de Deportes, Educación Física y Recreación (INDER), onde também atua como representante na Comissão Central de Recreação. Professor associado do Departamento de Recreação da Universidad de Ciencias de la Cultura Física y el Deportes (UCCFD).

Degree in Physical Education and Sport, President of the Cuban Federation of Rugby and national director of recreation of Instituto Cubano de Deportes, Educación Física y Recreación (INDER), where he also serves as a representative on the Central Commission of Recreation. Associate Professor of the Department of Recreation of the Universidad de Ciencias de la Cultura Física y el Deportes (UCCFD).

Licenciado en Educación Física y Deporte, es Presidente de la Federación Cubana de Rugby y Director Nacional de recreación del Instituto Cubano de Deportes, Educación Física y Recreación (INDER), donde también funge como representante en la Comisión Central de Recreación. Profesor asociado del Departamento de Recreación de la Universidad de Ciencias de la Cultura Física y el Deportes (UCCFD).



ESPERANZA OSORIO CORREA – Debatedora | Debater | Debatidora

Psicóloga, pesquisadora, palestrante, escritora e professora, é mestre em Desenvolvimento Educacional e Social e doutora em Conhecimento e Cultura na América Latina. Membro do grupo Casa de las Preguntas, é ainda diretora da Revista Latino-americana de Recreação e diretora executiva da Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación (FUNLIBRE).

Psychologist, researcher, writer and Professor, she has a master's degree in Social and Educational Development and has a PhD. degree in Knowledge and Culture in Latin America. She is a member of the Group "Casa de las Preguntas", and director of the Latin-American Recreation Magazine and executive director of the Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación (FUNLIBRE).

Psicóloga, investigadora, conferencista, escritora y profesora, es master en Desarrollo Educacional y Social y doctora en Conocimiento y Cultura en América Latina. Miembro del grupo Casa de las Preguntas, es además directora de la Revista Latinoamericana de Recreación y directora ejecutiva de la Fundación Colombiana de Tiempo Libre y Recreación (FUNLIBRE).

FELIPE SOBCZYNSKI GONÇALVES - Apresentador | Presenter | Presentador

Mestre e doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), é vice-diretor da Rede Estadual do Paraná, professor de Educação Física do município de Curitiba e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade (GEPLEC). Tem experiência nas áreas de Educação e Educação Física, com ênfase em estudos do lazer e espaço público, educação e comunidade.

Master's degree and PhD. degree from the College of Physical Education of the Universidade Federal do Paraná (UFPR); he is the deputy director of Paraná's State System, Physical Education Professor of the municipality of Curitiba and member of Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade (GEPLEC). He has experience in the areas of Education and Physical Education, with emphasis on the studies about leisure and public space, education and community.

Master y doctor en Educación Física por la Universidad Federal de Paraná (UFPR), es vice-director de la Red Estatal de Paraná, profesor de Educación Física del ayuntamiento de Curitiba e integrante del Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade (GEPLEC). Tiene experiencia en las áreas de Educación y Educación Física, con énfasis en estudios del ocio y espacio público, educación y comunidad.



FERNANDO MARIN ESCOBAR - Apresentador | Presenter | Presentador

Com experiência gerencial nas áreas financeira e administrativa, o administrador de empresas é graduado pela Universidad del Valle, na Colômbia. Foi presidente, vice e membro do conselho de administração do clube Deportivo Cali, que alcançou títulos nacionais e o vice-campeonato da Copa Libertadores durante sua gestão. Desde 2002, é gerente geral da Corporación para Recreación Popular e atua como gestor de projetos sociais, de lazer, esportes e cultura na cidade de Cali.

Having general experience in the financial and administrative areas, the business manager has a degree from the Universidad del Valle, in Colombia. He was the President, deputy and member of the administration council of Deportivo Cali club, and achieved national titles and won second place in "Copa Libertadores (Liberators Cup)" during his term. Since 2002, he has been the general manager of the Corporación para Recreación Popular and works as a manager of social, leisure, sports and culture projects in Cali.

Con experiencia gerencial en las áreas financiera y administrativa, el administrador de empresas es graduado por la Universidad del Valle, en Colombia. Fue presidente, vice y miembro del consejo de administración del club Deportivo Cali, que alcanzó títulos nacionales y el vice-campeonato de la Copa Libertadores durante su gestión. Desde 2002, es gerente general de la Corporación para Recreación Popular y actúa como gestor de proyectos sociales, de ocio, deportes y cultura en la ciudad de Cali.

FERNANDO MASCARENHAS – Debatedor | Debater | Debatidor

Diretor da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (UnB) e editor-chefe da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), é pós-doutor em Política Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre e doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e membro do Conselho Nacional de Esporte.

Director of Universidade de Brasília (UNB)'s College of Physical Education and editor-in-chief of the Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), he has a post-PhD. degree in Social Politics from the Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) and master's degree and PhD. degree in Physical Education from the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). He was president of the Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) and member of the Conselho Nacional de Esporte.

Director de la Facultad de Educación Física de la Universidad de Brasilia (UnB) y editor-jefe de la Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), es post-doctor en Política Social por la Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) y master y doctor en Educación Física por la Universidade Estatal de Campinas (Unicamp). Fue presidente del Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) y miembro del Conselho Nacional de Esporte.



GEORGE YÚDICE - Conferencista | Lecturer | Conferencista

Professor do Programa de Estudos Latino-americanos e do departamento de Línguas e Culturas Modernas da University of Miami, é diretor do Miami Observatory on Communication and Creative Industries e faz parte do comitê editorial de publicações no Brasil, Reino Unido e Argentina. Autor de títulos como “A Conveniência da Cultura: Usos da Cultura em Uma Era Global”, fez consultorias para organizações, ministérios e secretarias da Cultura em diversos países latino-americanos.

Professor of the Latin-American Studies Program and of the Department of Modern Languages and Modern Cultures of University of Miami, director of the Miami Observatory on Communication and Creative Industries and is member of the editorial committee of publications in Brazil, United Kingdom and Argentina. Author of titles such as “A Conveniência da Cultura: Usos da Cultura em Uma Era Global” worked as a consultant for culture organizations, ministries and secretaries in many Latin American countries.

Profesor del Programa de Estudios Latinoamericanos y del departamento de Lenguas y Culturas Modernas de la Universidad de Miami, es director del Miami Observatory on Communication and Creative Industries y forma parte del comité editorial de publicaciones en Brasil, Reino Unido y Argentina. Autor de obras como “A Conveniência da Cultura: Usos da Cultura em Uma Era Global”, actúa como consultor para organizaciones, ministerios y secretarías de Cultura en diversos países Latinoamericanos.

HELDER FERREIRA ISAYAMA - Apresentador | Presenter | Presentador

Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é professor e sub-coordenador da pós-graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foi presidente da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL).

Post-PhD. degree in Education from the Universidade Federal do Rio de Janeiro and PhD. degree in Physical Education from the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), he is a Professor and sub-coordinator of the post-graduation in Leisure Studies of the Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). He was president of the Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL).

Post-Doctor en Educación por la Universidade Federal do Rio de Janeiro y doctor en Educación Física por la Universidade Estatal de Campinas (Unicamp), es profesor y sub-coordinador del postgrado en Estudios del Ocio de la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Fue presidente de la Associação Brasileira de Pesquisa e Pós- Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL).



HELIO HINTZE - Mediador | Mediator | Mediador

Educador, filósofo e consultor da Usina do Conhecimento. É mestre em Ecologia Aplicada, doutor em Ciências, pós-doutor em Economia, Administração e Sociologia e pós-doutorando em Educação Antirracista pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ – da Universidade de São Paulo (USP).

Educator, philosopher and consultant of Usina do Conhecimento. Master's degree in Applied Ecology, post-doctorate in Sciences, in Economics, Business Administration and Sociology and post-doctorate in Anti-Racist Education by Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-ESALQ – Universidade de São Paulo (USP).

Educador, filósofo y asesor de Usina do Conhecimento. Maestría en Ecología Aplicada, doctor en Ciencias, pos doctor en Economía, Administración y Sociología y pos doctorado en Educación Contra el Racismo por la Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-ESALQ-Universidade de São Paulo (USP).

IEDA RHODEN - Debatedora | Debater | Debatidora

Doutora em Psicologia Social pela Universidad de Deusto, na Espanha, é mestre em Administração, com ênfase em Comportamento Organizacional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). É professora convidada do Laboratório de Estudos Sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre da pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e atua como consultora em desenvolvimento humano e coach para projetos de vida na maturidade.

PhD. degree in Social Psychology from the Universidad de Deusto, in Spain, she has a master's degree in Administration, with emphasis on the Organizational Behavior from the Pontifícia Universidade Católica of Rio de Janeiro (PUC-RIO). She is a guest Professor of the "Laboratório de Estudos Sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre" of the post-graduation in Psychology of the Universidade de Fortaleza (UNIFOR) and works as a consultant for human development and coach for life projects at adulthood.

Doctora en Psicología Social por la Universidad de Deusto, en España, es master en Administración, con énfasis en Comportamiento Organizacional por la Pontifícia Universidade Católica de Río de Janeiro (PUC-RÍO). Es profesora invitada del Laboratorio de Estudios Sobre Ocio, Trabajo y Tiempo Libre del postgrado en Sicología de la Universidade de Fortaleza (UNIFOR) y actúa como consultora en desarrollo humano y coach para proyectos de vida en la madurez.



JACK AGRIOS - Apresentador | Presenter | Presentador

Bacharel em Artes e em Direito pela University of Alberta (Canadá). Integrou o Alberta Bar, entidade representativa dos advogados do Canadá, e foi nomeado Conselheiro da Rainha em 1978. Foi presidente da filial de Alberta da Canadian Bar Association, membro executivo da Canadian Bar Association, diretor e membro executivo do Edmonton Eskimos, e o principal responsável pelo Acordo de Aliança entre a Canadian Football League e a National Football League. Presidiu o comitê organizador do Campeonato Mundial de Atletismo de 2001.

Bachelor in Arts and Law by the University of Alberta (Canada). Integrated the Alberta Bar, representative institution of lawyers in Canada, and was nominated Counselor of the Queen, in 1978. Former president of the filial of Alberta of Canadian Bar Association, executive member of Canadian Bar Association, director and executive member of Edmonton Eskimos, and the main responsible for the Agreement of Alliance between the Canadian Football League and the National Football League. Presided the organizing committee of the World Athletics Championship, in 2001.

Tiene bachillerato en Artes y en Derecho por la University of Alberta (Canadá). Integró el Alberta Bar, entidad representativa de los abogados del Canadá, y fue llamado Consejero de la Reina en 1978. Fue presidente de la filial de Alberta de Canadian Bar Association, miembro ejecutivo de la Canadian Bar Association, director y miembro ejecutivo del Edmonton Eskimos, es el principal responsable por el Acuerdo de Alianza entre la Canadian Football League y la National Football League. Presidió el comité organizador del Campeonato Mundial de Atletismo de 2001.

JEREMY BUZZELL - Palestrante convidado | Guest Speaker | Conferencista Invitado

Especialista em acessibilidade, o professor trabalha há quase duas décadas na área. Conduziu o Departamento de Educação dos Estados Unidos, em programas de educação, emprego e vida em comunidade para pessoas com deficiência. Atuou ainda no Departamento de Segurança Nacional, garantindo que a segurança nos aeroportos fosse acessível. Foi também chefe de operações de suporte na biblioteca do Congresso. Em 2014, iniciou trabalho no National Park Service para que os parques nacionais se tornassem acessíveis a visitantes com deficiências.

Specializing in accessibility, the Professor has worked for almost two decades in the area. He conducted the United States Department of Education, in programs of education, employment, and life in community for disabled people. He also worked at the Department of National Security, ensuring that the security on the airports was accessible. He was also the chief of support operations in the Congress Library. In 2014, he started working at the National Park Service to make the national parks more accessible to visitors with disabilities.

Especialista en accesibilidad, el profesor trabaja hace casi dos décadas en el área. Condujo el Departamento de Educación de los Estados Unidos, en programas de educación, empleo y vida en comunidad para personas con deficiencia. Actuó también en el Departamento de Seguridad Nacional, garantizando que la seguridad en los aeropuertos fuese accesible. Fue también jefe de operaciones de soporte en la biblioteca del Congreso. En 2014, inició un trabajo en el National Park Service para que los parques nacionales se tornasen accesibles a visitantes con deficiencias.



JOHN TOWER - Apresentador | Presenter | Presentador

Presidente da Australian and New Zealand Association of Leisure Studies (ANZALS) e do Comitê Executivo da World Leisure Organization (WLO), é pesquisador honorário na Victoria University's Institute of Sport, Exercise and Active Living, Austrália, e também diretor de pesquisa do Bon Leisure. Atua nas áreas do esporte, recreação e lazer há mais de 35 anos.

President of the Australian and New Zealand Association for Leisure Studies (ANZALS) and of the Executive Committee of the World Leisure Organization (WLO), he is an honorary researcher of the Institute of Sport, Exercise and Active Living of the Victoria University, in Australia and is also a research director of the Bon Leisure. He has been working in the sport, recreation and leisure areas for over 35 years.

Presidente de la Australian and New Zealand Association of Leisure Studies (ANZALS) y del Comité Ejecutivo de la World Leisure Organization (WLO), es investigador honorario en el Victoria University's Institute of Sport, Exercise and Active Living, Australia, y también director de investigación del Bon Leisure. Actúa en las áreas del deporte, recreación y ocio hace más de 35 años.

JORGE ABRAHÃO - Apresentador | Presenter | Presentador

Coordenador geral da Rede Nossa São Paulo e do Programa Cidades Sustentáveis, membro dos conselhos do Global Compact da Organização das Nações Unidas (ONU), do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, do Instituto Akatu pelo Consumo Consciente, da Atletas pelo Brasil, e da Comissão Nacional de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

General coordinator of the Rede Nossa São Paulo and of the Programa Cidades Sustentáveis, he is a member of councils such as, United Nations Global Compact (UN), Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, Instituto Akatu for Conscious Consumption, Atletas pelo Brasil, and of the Comissão Nacional de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Coordinador general de la Rede Nossa São Paulo y del Programa Cidades Sustentáveis, miembro de los consejos del Directorio de Global Compact de las Naciones Unidas (ONU), del Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, del Instituto Akatu por el Consumo Consciente, de la Atletas pelo Brasil, y de la Comissão Nacional de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).



JOSÉ GUILHERME CANTOR MAGNANI – Apresentador | Presenter | Presentador

Professor, pesquisador e escritor, é doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (USP) e diretor do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP). Entre suas publicações destacam-se os livros “Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade” e “Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana”. Coordenou a pesquisa “Cultura e Lazer: Práticas Físico-esportivas dos Frequentadores do Sesc/SP”.

Professor, researcher and writer, he has a PhD. degree in Human Sciences from the Universidade de São Paulo (USP) and is the director of the Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP). Among his publications, the books “Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade” and “Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana” stand out. He coordinated the research “Culture and Leisure: Physical-Sporting Practices of the Sesc/SP goers”.

Profesor, investigador y escritor, es doctor en Ciencias Humanas por la Universidade de São Paulo (USP) y director del Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP). Entre sus publicaciones se destacan los libros “Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade” y “Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana”. Coordinó la investigación “Cultura y Ocio: Práticas Físico-deportivas de los Frequentadores del Sesc/SP”.

LENIA MARQUES - Apresentadora | Presenter | Presentadora

É membro do Conselho de Administração da World Leisure Organization (WLO). Pesquisadora no Centro de Estudos sobre Migrações e Relações Interculturais na Universidade Aberta, em Portugal, atuou como professora convidada na Bournemouth University (Reino Unido) e na Breda Applied Science Private University (Holanda). Seu trabalho é focado nas indústrias criativas e inovação e criatividade em lazer.

She is a member of the World Leisure Organization (WLO)'s Board of Directors. As a researcher at the Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais of the Universidade Aberta, in Portugal, she has worked as a guest Professor in the Bournemouth University (United Kingdom) and Breda Applied Science Private University (Netherlands). Her job is focused on creative industries and innovation and creativity on leisure.

Es miembro del Consejo de Administración de la World Leisure Organization (WLO). Investigadora en el Centro de Estudios sobre Migraciones y Relaciones Interculturales en la Universidad Abierta, en Portugal, actuó como profesora invitada en la Bournemouth University (Reino Unido) y la Breda Applied Science Private University (Holanda). Su trabajo es enfocado en las industrias creativas e innovación y creatividad en ocio.



LÍVIA CRISTINA TONETO - Apresentadora | Presenter | Presentador

Coordenadora e professora de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e docente de Pedagogia do SENAC, atua no ensino superior desde 2006. Também tem experiência na educação básica e no ensino informal em áreas atreladas à dança e ao lazer. É doutoranda no programa de pós-graduação Estética e História da Arte e mestre em Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo (USP).

Coordinator and Professor of Undergraduate and Bachelor's degree in Physical Education and teaching Pedagogy at SENAC, she has worked with higher education since 2006. She is also experienced on basic education and non-formal education in areas related to dance and leisure. She is a PhD. degree student on the post-graduation program of Aesthetics and History of Art and has a master's degree in Cultural Studies from the Universidade de São Paulo (USP).

Coordinadora y profesora de Licenciatura y Bachillerato en Educación Física y docente de Pedagogía del SENAC, actúa en la enseñanza superior desde 2006. También tiene experiencia en educación básica y en enseñanza informal en áreas ligadas a la danza y al ocio. Es alumna de doctorado en el programa de postgrado Estética e Historia del Arte y master en Estudios Culturales por la Universidade de São Paulo (USP).

LUIZ GONÇALVES JUNIOR - Apresentador | Presenter | Presentador

Professor de Educação Física e Motricidade Humana e da pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), possui pós-doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Lisboa, em Portugal. É sócio-fundador da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL) e da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana (SPQMH).

He is a Professor of Physical Education and Human Motricity and of the post-graduation in Education of the Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); he also has a post-PhD. degree in Social Sciences from the Universidade de Lisboa, in Portugal. He is the founding partner of the Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL) and of the Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana (SPQMH).

Profesor de Educación Física y Motricidad Humana y del postgrado en Educación de la Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), tiene post-doctorado en Ciencias Sociales por la Universidade de Lisboa, en Portugal. Es socio-fundador de la Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL) y de la Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana (SPQMH).



LING PING - Apresentador | Presenter | Presentador

Ph.D. pela University of Zhejiang, na China, é Professor na School of Physical Education and Health at Hangzhou Normal University, membro dos Conselhos Administrativos da World Leisure Organization (WLO), da Sport Academy e Sport Sociology Branch, membro e diretor do Research Center of International Leisure Sports, da Hangzhou Normal University. Também é Vice-presidente da Leisure Academy of Zhejiang Province, do Conselho de Diretores do Zhejiang Sport Strategic Research Council e do Conselho de Administração da Hangzhou Leisure Developing Association.

PhD. by the University of Zhejiang, China, is professor at the School of Physical Education and Health at Hangzhou Normal University, member of the Administrative Councils of World Leisure Organization (WLO), of the Sport Academy and Sport Sociology Branch, member and director of the Research Center of International Leisure Sports, of Hangzhou Normal University. Also, is the Vice President of Leisure Academy of Zhejiang Province, of the Board of Directors of Zhejiang Sport Strategic Research Council and of the Administration Council of Hangzhou Leisure Developing Association.

Ph.D. por la University of Zhejiang, de China, es Profesor en la School of Physical Education and Health at Hangzhou Normal University, miembro de los Consejos Administrativos de la World Leisure Organization (WLO), de la Sport Academy y Sport Sociology Branch, miembro director del Research Center of International Leisure Sports, de la Hangzhou Normal University. También es Vice-presidente de la Leisure Academy of Zhejiang Province, del Consejo de Directores de Zhejiang Sport Strategic Research Council y del Consejo de Administración de la Hangzhou Leisure Developing Association.

LUIZ GONZAGA GODOI TRIGO - Mediador | Mediator | Mediador

Professor titular da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), é doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi diretor de Turismo da Prefeitura de Campinas, gerente de lazer e turismo do Senac São Paulo e professor da PUC-Campinas. Realiza pesquisa nas áreas de Cultura, Diversidade e Entretenimento.

Professor of the Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), PhD. in Education from the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Former director of Tourism at the Campinas' City Hall, manager in leisure and tourism of SENAC São Paulo, and Professor of PUC-Campinas. Makes researches in the areas of Culture, Diversity and Entertainment.

Profesor de la Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), doctor en Educación por la Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Fue director de Turismo de la Alcaldía de Campinas, gerente de ocio y turismo del Senac Sao Paulo y profesor de la PUC-Campinas. Realiza investigaciones en las áreas de Cultura, Diversidad y Entretenimiento.



LUIZ OCTÁVIO DE LIMA CAMARGO - Apresentador | Presenter | Presentador

Consultor de lazer e turismo, sociólogo e escritor, é doutor em Ciências da Educação pela Sorbonne University, França e Livre-Docente pela USP/EACH. É docente do mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi e professor colaborador no Turismo da USP. Implantou e coordenou as graduações em Turismo e Hotelaria da Universidade de Sorocaba. Atualmente realiza pesquisa na área de lazer e hospitalidade.

Leisure and tourism consultant, sociologist and writer, PhD. in Educational Sciences by the Sorbonne University, France, and full professor by the USP/EACH. Teaches at the master's program in Hospitality at the Universidade Anhembi Morumbi and is a collaborator professor in Tourism at USP. Implemented and coordinated the graduation courses in Tourism and Hotel Management at the Universidade de Sorocaba. Currently researches the themes leisure and hospitality.

Consultor de ocio y turismo, sociólogo y escritor, es doctor en Ciencias de la Educación por la Sorbonne University, en Francia, y libre-docente por la USP/EACH. Profesor de la maestría en Hospitalidad de la Universidade Anhembi Morumbi y profesor colaborador en Turismo de la USP. Fue implantador y primer coordinador de los cursos de pregrado en Turismo y Hotelería de la Universidade de Sorocaba. Actualmente investiga temas de ocio y hospitalidad.

LUIZ WILSON PINA - Apresentador | Presenter | Presentador

Consultor em lazer, recreação e entretenimento, é autor de livros como “Gestão do Lazer e do Entretenimento” e “Planejamento de Equipamentos de Lazer”. Mestre em Lazer e Recreação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é formado em Ciências Econômicas, com especialização em elaboração e avaliação de projetos pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e em gestão ambiental pelo Senac.

Consultant in leisure, recreation and entertainment, he is the author of books such as “Gestão do Lazer e do Entretenimento (Leisure and Entertainment Management)” and “Planejamento de Equipamentos de Lazer (Leisure Equipment Planning)”. He has a master's degree in Leisure and Recreation from the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), and has a degree in Economical Sciences, specializing in the creation and evaluation of projects from Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) and in environmental management from SENAC.

Consultor en ocio, recreación y entretenimiento, es autor de libros como Gestión do Lazer e do Entretenimento” e “Planejamento de Equipamentos de Lazer”. Master en Ocio y Recreación por la Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), es formado en Ciencias Económicas, con especialización en elaboración y evaluación de proyectos por las Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) y en gestión ambiental por el Senac.



MARIA ANGELA FAGGIN PEREIRA LEITE - Mediadora | Mediator | Mediadora

Diretora e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), é doutora em Estruturas Ambientais Urbanas também pela USP. cursou pós-doutorado em Planejamento Urbano na Politecnico di Milano e foi professora visitante do Istituto Universitario di Architettura di Venezia. Tem experiência em paisagismo, organização do território e políticas públicas e culturais de intervenção na paisagem.

Director and Professor of the College of Architecture and Urbanism of the "Universidade de São Paulo" (University of São Paulo) (USP), she has a master's degree in Geography and PhD. degree in Urban Environmental Structures also from USP. She studied post-PhD. degree in Urban Planning in the Politecnico di Milano and was a guest Professor in the Istituto Universitario di Architettura di Venezia. She is experienced with landscaping, territory organization, and public and cultural policies of landscape intervention.

Directora y profesora de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo (USP), es master en Geografía y doctora en Estructuras Ambientales Urbanas también por la USP. cursó post-doctorado en Planeamiento Urbano en la Politecnico di Milano y fue profesora visitante del Istituto Universitario di Architettura di Venezia. Tiene experiencia en paisajismo, organización del territorio y políticas públicas y culturales de intervención en el paisaje.

MÁRIO FERNANDES - Debatedor | Debater | Debatedor

Professor de Educação Física e mestre em Planejamento e Gestão de Serviços de Hospitalidade tem sólida formação em gestão de organizações do terceiro setor e desenvolveu pesquisas sobre os centros culturais no país. Trabalha há 22 anos no Sesc São Paulo, atuando em programas de lazer, educação e cultura. Desde dezembro de 2016 é gerente do Sesc Campo Limpo.

Professor of Physical Education and with master's degree in Hospitality Services Planning and Management, he has a solid formation of third sector organizations and developed researches about the cultural centers in the country. He has worked for 22 years on Sesc São Paulo, working on leisure, education and culture programs. Since December of 2016 he has been the manager of Sesc Campo Limpo.

Profesor de Educación Física y master en Planeamiento y Gestión de Servicios de Hospitalidad, tiene sólida formación en gestión de organizaciones del tercer sector y desarrolló investigaciones sobre los centros culturales en el país. Trabaja hace 22 años en el Sesc São Paulo, actuando en programas de ocio, educación y cultura. Desde diciembre de 2016 es gerente del Sesc Campo Limpo.



MARTA RAQUEL COLABONE – Mediadora | Mediator | Mediadora

Historiadora e especialista em comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em artes pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), estudiosa do campo da história e da psicanálise. Atualmente é gerente de Estudos e Desenvolvimento do Sesc São Paulo.

Historian and specialist in communication from the University of São Paulo (USP), specialist in Arts from the Universidade Estadual Paulista (UNESP), scholar of history and psychoanalysis. She is currently Manager of studies and development of Sesc São Paulo.

Historiadora y especialista en comunicación por la Universidad de São Paulo (USP), especialista en Artes por la Universidade Estadual Paulista (UNESP), erudita de historia y psicoanálisis. Actualmente es Gerente de Estudios y Desarrollo de Sesc São Paulo.

MICHEL MAFFESOLI - Conferencista | Lecturer | Conferencista

Reconhecido por suas análises sobre a época contemporânea e a pós-modernidade, o sociólogo e escritor é doutor em Ciências Humanas e Sociologia, é professor emérito da Université Sorbonne, em Paris, fundador e diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano, diretor do Centro de Pesquisa sobre o Imaginário e membro da Academia Europeia de Ciências e Artes. Construiu sua obra em torno da ligação social comunitária e a prevalência do imaginário nas sociedades pós-modernas.

Renowned by his analyses about the contemporary era and post-modernity, the sociologist and writer has a PhD. degree in Sociology and Human Sciences, and he is an emeritus professor of Université Sorbonne, in Paris. He is also the founder and director of the Study Center about the Present and Daily Life, director of the Research Center about the Imaginary and member of the European Academy of Sciences and Arts. He developed his work around the social community link and the prevalence of the imaginary in the post-modernity societies.

Reconocido por sus análisis sobre la época contemporánea y la post-modernidad, el sociólogo y escritor es doctor en Ciencias Humanas y Sociología, profesor emérito de la Université Sorbonne, en Paris, fundador y director del Centro de Estudios sobre lo Actual y lo Cotidiano, director del Centro de Investigación sobre el Imaginario y miembro de la Academia Europea de Ciencias y Artes. Construyó su obra alrededor de la conexión social comunitaria y la prevalencia del imaginario en las sociedades post-modernas.



MIRLEIDE CHAAR BAHIA - Apresentadora | Presenter | Presentadora

Presidente da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Estudos do Lazer (ANPEL), trabalhou no Ministério do Esporte de 2007 a 2010. Doutora em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará (UFPA), é professora adjunta e coordenadora da pós-graduação do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos e pesquisadora do grupo de pesquisa em Turismo, Cultura e Meio Ambiente.

She is the president of the Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Estudos do Lazer, she worked in the Ministry of Sports from 2007 to 2010. She has a PhD. degree in "Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido" (Sustainable Development of the Humid Tropic) from the Universidade Federal do Pará (UFPA); she is a Post-Graduation assistant Professor and coordinator in the Center of Amazonian Studies and a researcher of the research group of Tourism, Culture and Environment.

Presidente de la Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Estudos do Lazer (ANPEL), trabajó en el Ministerio del Deporte de 2007 a 2010. Doctora en Desarrollo Sostenible del Trópico Húmedo por la Universidade Federal do Pará (UFPA), es profesora adjunta y coordinadora de postgrado del Núcleo de Altos Estudios Amazónicos e investigadora del grupo de investigación en Turismo, Cultura y Medio Ambiente.

MOGENS KIRKEBY - Apresentador | Presenter | Presentador

Presidente da International Sport and Culture Association (ISCA) desde 2007, apresenta palestras em todo o globo. Antes da ISCA, trabalhou com recursos humanos, campanha e captação de recursos na sociedade dinamarquesa da Cruz Vermelha. É mestre em Ciência do Esporte, Desenvolvimento Organizacional e Políticas do Esporte e licenciado em Ciências Sociais e Política Internacional.

He has been President of the International Sport and Culture Association (ISCA) since 2007 and holds lectures all over the world. Before ISCA, he has also worked with human rights, the campaign and fund-raising activities in the Danish Red Cross Society. He has a master's degree in Sport Science, Organizational Development and Sport Policies and is licensed in Social Sciences and International Politics.

Presidente de la International Sport and Culture Association (ISCA) desde 2007, presenta charlas en todo el mundo. Antes de la ISCA, trabajó con recursos humanos, campaña y captación de recursos en la sociedad danesa de la Cruz Roja. Es master en Ciencia del Deporte, Desarrollo Organizacional y Políticas del Deporte y licenciado en Ciencias Sociales y Política Internacional.



OSCAR DARIO LOZANO ROJAS - Apresentador | Presenter | Presentador

Mestre em Política Social, é especialista em Administração e Gestão do Esporte, coordenador do Grupo de Actividad Física del Departamento Administrativo de Deporte, Recreación, Actividad Física y Uso del Tiempo Libre (Coldeportes), coordenador da Rede de Iniciativas de Promoção de Atividade Física da Colômbia e membro da Rede de Atividade Física das Américas (RAFA). Foi atleta do karatê por mais de 25 anos.

He has a master's degree in Social Policy, is a specialist in Sport Administration and Management, coordinator of the Grupo de Actividad Física del Departamento Administrativo de Deporte, Recreación, Actividad Física y Uso del Tiempo Libre (Coldeportes), coordinator of the Network of Initiatives for Physical Activity Promotion in Colombia and member of the Rede de Atividade Física das Américas (RAFA). He was a Karate athlete for over 25 years.

Master en Política Social, es especialista en Administración y Gestión del Deporte, coordinador del Grupo de Actividad Física del Departamento Administrativo de Deporte, Recreación, Actividad Física y Uso del Tiempo Libre (Coldeportes), coordinador de la Red de Iniciativas de Promoción de Actividad Física de Colombia y miembro de la Red de Actividad Física de las Américas (RAFA). Fue atleta de karate por más de 25 años.

REGIANE CRISTINA GALANTE - Mediadora | Mediator | Mediadora

Gerente adjunta do Sesc São Carlos, é doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É especialista em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com MBA em Gestão Estratégica e Econômica de Projetos pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Seus interesses de pesquisa incluem história do lazer no Brasil e gestão de projetos esportivos e de lazer.

Assistant manager of SESC São Carlos; doctor in Physical Education by Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) and master in Education by Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Specialist in Leisure by Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), with an MBA in Strategic and Economic Project Management from the Fundação Getúlio Vargas (FGV). The researching interests include the history of leisure in Brazil and management of sport and leisure projects.

Gerente adjunta del Sesc Sao Carlos; doctorado en Educación Física de la Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) y maestría en Educación por la Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Especialista en Ocio por la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) con un MBA en Gestión Estratégica y Económica de Proyectos de la Fundação Getúlio Vargas (FGV). Sus intereses de investigación incluyen la historia del ocio en Brasil y la gestión de proyectos de ocio y deportes.



REINALDO PACHECO - Apresentador | Presenter | Presentador

Especialista em lazer, é mestre e doutor em Educação e graduado em Educação Física e Ciências Sociais. Professor de Lazer e Turismo e do mestrado em Ciências da Atividade Física da Universidade de São Paulo (USP), discute lazer e turismo nas cidades, educação e participação comunitária. Em suas pesquisas, analisou a implantação dos Centros Educacionais Unificados (CEUs) em São Paulo e escolas estaduais abertas.

Specialist in leisure, he has a master's degree and PhD. degree in Education and graduated in Physical Education and Social Sciences. Professor of Leisure and Tourism and of the master's degree course on Physical Activity Science from the "Universidade de São Paulo" (University of São Paulo) (USP), he discusses about leisure and tourism in the cities, education and community participation. In his researches, he has analyzed the implementation of Unified Educational Centers (CEUs) in São Paulo and open state schools.

Especialista en ocio, es master y doctor en Educación y graduado en Educación Física y Ciencias Sociales. Profesor de Ocio y Turismo y de la maestría en Ciencias de la Actividad Física de la Universidad de Sao Paulo (USP), discute ocio y turismo en las ciudades, educación y participación comunitaria. En sus investigaciones, analizó la implantación de los Centros Educativos Unificados (CEUs) en Sao Paulo y escuelas estatales abiertas.

RICARDO LEMA - Apresentador | Presenter | Presentador

Doutor em Lazer e Desenvolvimento Humano pela Universidade de Deusto, Espanha, é pós-graduado em Educação em Valores pela Universidade Católica do Uruguai (UCU), onde coordena o curso de Recreação Educacional. Formado em Comunicação Social, é professor e pesquisador em temas do lúdico e lazer em contextos educacionais. É co-autor do livro *Recreation and play as an educational intervention*.

*With a PhD. degree in Leisure and Human Development from the University of Deusto, in Spain, he also has a Post-Graduation Degree in Education on Values from the Universidade Católica do Uruguai (UCU), where he coordinates the Educational Recreation course. With a degree in Social Communication, he is a professor and researcher on such themes as playfulness and leisure in educational contexts. Co-author of the book *Recreation and play as an educational intervention*.*

*Doctor en Ocio y Desarrollo Humano por la Universidad de Deusto, en España, es post-graduado en Educación en Valores por la Universidad Católica de Uruguay (UCU), donde coordina el curso de Recreación Educacional. Formado en Comunicación Social, es profesor e investigador en temas de lo lúdico y ocio en contextos educacionales. Autor del libro *Recreation and play as an educational intervention*.*



RICARDO UVINHA - Apresentador | Presenter | Presentador

Professor livre-docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), é doutor em Turismo e Lazer pela USP e pós-doutor em Estudos do Lazer pela Universidade de Griffith, na Austrália. Autor de livros sobre o lazer, é membro fundador da World Leisure Academy. Foi presidente e sócio-fundador da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL) e diretor vice-presidente da World Leisure Organization (WLO).

Professor of the Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), doctorate in tourism and leisure by USP and post-doctorate in Leisure Studies at Griffith University, in Australia. Author of books on leisure, is a founding member of the World Leisure Academy. Former president and founder of Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL) and director vice president of the World Leisure Organization (WLO).

Profesor de la Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), doctorado en Turismo y Ocio por la USP y pos- doctorado en Estudios de Ocio por la Universidad de Griffith, Austrália. Autor de libros sobre el ocio, es miembro fundador de la World Leisure Academy. Fue Presidente y fundador de la Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL) y diretor vice-presidente de la World Leisure Organization (WLO).

ROGER COLES - Apresentador | Presenter | Presentador

Presidente da World Leisure Organization (WLO), é professor aposentado e vice-reitor interino da Community Engagement na Central Michigan University/EUA, onde presidiu o Department of Parks, Recreation & Leisure Services Program. Foi presidente da Society of Park & Recreation Educators, da American Leisure Academy, da American Association for Leisure & Recreation, e da Michigan Parks & Recreation Association. Atua junto ao Michigan Special Olympics e é fundador dos Jogos de Inverno do Special Olympics.

President of the World Leisure Organization (WLO) is a retired professor and interim associate dean of the Community Engagement at Central Michigan University/EUA, where he chaired the Department of Parks, Recreation and Leisure Services Program. Former President of the Society of Park & Recreation Educators, of American Leisure Academy, the American Association for Leisure and Recreation, and the Michigan Parks & Recreation Association. Works with the Michigan Special Olympics and is the founder of the Special Olympics Winter Games.

Presidente de la World Leisure Organization (WLO), es profesor jubilado y vice-rector interino de la Community Engagement en la Central Michigan University/EUA, donde presidió el Department of Parks, Recreation & Leisure Services Program. Fue presidente de la Society of Park & Recreation Educators, de la American Leisure Academy, de la American Association for Leisure & Recreation, y de la Michigan Parks & Recreation Association. Actúa junto al Michigan Special Olympics y es fundador de los Special Olympics Juegos de Invierno.



ROSANGELA MARTINS DE ARAÚJO RODRIGUES - Apresentadora | Presenter | Presentadora

Coordenadora da pós-graduação em Gestão do Lazer e Entretenimento do Senac, é pós-graduada em Administração de Centros de Lazer pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e em Lazer e Animação Sociocultural pelo Senac. Autora da obra "Gestão do Lazer e do Entretenimento", tem mais de 25 anos de experiência em educação, esportes, saúde e lazer, além de ser associada à World Leisure Organization (WLO).

She is the coordinator of the post-graduation program in Leisure and Entertainment Management of SENAC; she has a Post-Graduate degree in Leisure Centers Management from the Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo and in Leisure and Sociocultural Animation from SENAC. She is author of the work "Gestão do Lazer e do Entretenimento", has over 25 years of experience in education, sports, health and leisure, in addition to being associated to the World Leisure Organization (WLO).

Coordinadora del postgrado en Gestión del Ocio y Entretenimiento del Senac, es post-graduada en Administración de Centros de Ocio por la Fundación Escuela de Sociología y Política de Sao Paulo y en Ocio y Animación Sociocultural por el Senac. Autora de la obra "Gestión del Ocio y del Entretenimiento", tiene más de 25 años de experiencia en educación, deportes, salud y ocio, además de ser asociada a la World Leisure Organization (WLO).

RUBEN DARIO DURAN MORENO - Apresentador | Presenter | Presentador

Diretor Internacional de Divulgação do Consejo Latino Americano de Recreación (CLAR), é doutor em Ciências de Administração pela Universidad Rafael Bellosó Chacín e mestre em Recreação e Esporte pela Universidad del Zulia, Venezuela. Membro da Associação Intercontinental de Instalações Esportivas e Recreativas, foi assessor nacional de Qualidade de Vida da Petróleos da Venezuela e subdiretor adjunto da direção geral do CLAR.

International Director of Disclosure of the Consejo Latino Americano de Recreación (CLAR), he has a PhD. degree in the Sciences of Administration from the Universidad Rafael Bellosó Chacín and has a master's degree in Recreation and Sport from the Universidad del Zulia, in Venezuela. Member of the International Association for Sports and Leisure Facilities, he was the national Life Quality advisor for Petroleum from Venezuela and assistant deputy director of CLAR's general administration.

Director Internacional de Divulgación del Consejo Latinoamericano de Recreación (CLAR), es doctor en Ciencias de Administración por la Universidad Rafael Bellosó Chacín y master en Recreación y Deporte por la Universidad de Zulia, en Venezuela. Miembro de la Asociación Intercontinental de Instalaciones Deportivas y Recreativas, fue asesor nacional de Calidad de Vida de Petróleos de Venezuela y subdirector adjunto de la dirección general del CLAR.



SILVIA CRISTINA FRANCO AMARAL - Apresentadora | Presenter | Presentadora

Professora livre-docente na Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas (Unicamp), é pós-doutora pela Universitat de Barcelona, no departamento de Geografia Humana. Desenvolve trabalhos principalmente nos temas: política pública de lazer, educação física e esporte e estudos do lazer. Atualmente, é chefe do Departamento de Educação Física e Humanidades e vice-presidente da Associação Nacional de Pós-graduação e Estudos do Lazer (ANPEL).

Full Professor at the Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas (Unicamp), post doctor by Universidad de Barcelona, Department of Human Geography. Develops works mainly in the themes: public policy in leisure, physical education and sport and leisure studies. Presently is the chief of the Physical Education Department and Humanities and Vice President of the Associação Nacional de Pós-graduação e Estudos do Lazer (ANPEL).

Profesor libre docente de la Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), con post doctorado en la Universitat de Barcelona, en el departamento de Geografía Humana. Desarrolla trabajos principalmente en los temas: políticas públicas de ocio, educación física y deporte, y estudios de ocio. Actualmente es jefe del Departamento de Educación Física y Humanidades y Vicepresidente de la Associação Nacional de Pós-graduação e Estudos do Lazer (ANPEL).

SIMONE FULLAGAR - Debatedora | Debater | Debatedora

É socióloga interdisciplinar e realiza pesquisa qualitativa no estudo de gênero nas práticas de esporte, lazer e saúde. Foi presidente da Australian and New Zealand Association for Leisure Studies. Desde 2014 ocupa a cadeira de Esporte e Ciências Sociais na University of Bath, no Reino Unido. Trabalha atualmente em um novo livro "Feminism and a vital politics of women's recovery from depression".

Sociologist interdisciplinary performs qualitative research in the study of gender in the practices of sport, leisure and health. Former president of the Australian and New Zealand Association for Leisure Studies. Since 2014 occupies the Chair of Sport and Social Sciences at the University of Bath in the United Kingdom. Currently working on a new book "Feminism and the vital politics of women's recovery from depression".

Socióloga interdisciplinario y realiza investigación cualitativa en el estudio de género en las prácticas de deporte, ocio y salud. Fue Presidente de la Australian and New Zealand Association for Leisure Studies. Desde 2014 ocupa la Cátedra de Deporte y Ciencias Sociales de la University of Bath en el Reino Unido. Actualmente trabaja en un nuevo libro "Feminism and a vital politics of women's recovery from depression".



SIMONE RECHIA - Mediadora | Mediator | Mediadora

Professora de lazer da Universidade Federal do Paraná (UFPR), é coordenadora do grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade (GEPLEC) e tutora do PET Educação Física. Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), possui pós-doutorado pelo Instituto Nacional de Educación Física de Cataluña, na Espanha. Desenvolve pesquisas vinculadas aos temas: Lazer, cidade, planejamento urbano, cultura urbana, educação urbana, espaços/ equipamentos e políticas públicas.

Leisure Professor in the Universidade Federal do Paraná (UFPR), coordinates the group of Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade (GEPLEC) and tutor of the PET Physical Education. She has a PhD. degree in Physical Education from the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) and has post-PhD. degree from the Instituto Nacional de Educación Física de Cataluña, Spain. Develops researches linked to the themes of leisure, city, urban planning, urban culture, urban education, spaces/equipment and public policies.

Profesora de ocio en la Universidade Federal do Paraná (UFPR), es coordinadora del Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade (GEPLEC) y tutora del PET Educación Física. Doctora en Educación Física por la Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), con post-doctorado por el Instituto Nacional de Educación Física de Cataluña, España. Desenvuelve investigaciones ligadas a los temas de ocio, ciudad, planeamiento urbano, cultura urbana, educación urbana, espacios/equipos e políticas públicas.

STEPHEN ANDERSON - Apresentador | Presenter | Presentador

Graduado em Recreação e Administração de Parques, com especialização em Recreação Terapêutica pela Indiana State University e pela University of Maryland (EUA). Lecionou em diversas universidades e atualmente é professor da Florida International University. Membro do Comitê Executivo da WLO, da American Association for Leisure and Recreation e Presidente da National Therapeutic Recreation Society.

Graduated in Recreation and Parks Administration, with specialization in Therapeutic Recreation by Indiana State University and by the University of Maryland (USA). Taught in many universities and currently teaches at the Florida International University. Member of Executive Committee of WLO, of the American Association for Leisure and Recreation and President of National Therapeutic Recreation Society.

Graduado en Recreación y Administración de Parques, con especialización en Recreación Terapéutica por la Indiana State University y por la University of Maryland (EUA). Enseñó en varias universidades y actualmente es profesor en la Florida International University. Miembro del Comité Ejecutivo de la WLO, de la American Association for Leisure and Recreation y Presidente de la National Therapeutic Recreation Society.



SU-HSIN LEE - Apresentadora | Presenter | Presentadora

PhD em Gestão de Parques e Recreação pela Pennsylvania State University/EUA, Mestre em Horticultura/Divisão de Arquitetura e Paisagismo pela National Taiwan University, é uma das professoras mais influentes na liderança do planejamento ambiental de turismo e desenvolvimento de recreação de lazer em Taiwan. É professora no Departamento de Geografia da National Taiwan Normal University, presidente da Outdoor Recreation Association of R.O.C e presidente do World Leisure Chinese Taipei Chapter.

PhD in Parks Management and Recreation by the Pennsylvania State University/EUA, Master in *Horticulture/Division of Architecture and Landscape by the National Taiwan University. One of the most influents professors in the leadership of tourism environmental planning and the development of recreation in leisure in Taiwan. Currently is professor at the Department of Geography of National Taiwan Normal University, president of Outdoor Recreation Association of R.O.C and president of World Leisure Chinese Taipei Chapter.*

Ph.D. en Gestión de Parques y Recreación por la Pennsylvania State University/EUA, Master en Horticultura/División de Arquitectura y Paisajismo por la National Taiwan University, es una de las profesoras más influentes en la conducción de planeamiento ambiental de turismo y desarrollo de recreación de ocio en Taiwán. Es profesora en el Departamento de Geografía de la National Taiwan Normal University, presidente de la Outdoor Recreation Association of R.O.C y presidente del World Leisure Chinese Taipei Chapter.

TIAGO AQUINO DA COSTA E SILVA - Apresentador | Presenter | Presentador

Graduado em Educação Física e Especialista em Educação Física Escolar pela FMU, é coordenador da pós-graduação em lazer e recreação das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). É escritor, pesquisador e palestrante e Presidente da Associação Brasileira de Recreadores (ABRE), é diretor da Kids Move Consultoria, Entretenimento SP e do Lab-Brincar.

Bachelor in Physical Education and Specialist in Scholar Physical Education by FMU, coordinates the post-graduation course in leisure and recreation at the Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) and of Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Writer, researcher and speaker, president of the Associação Brasileira de Recreadores (ABRE), director of the Move Consultoria, Entretenimento SP and of Lab-Brincar.

Licenciado en Educación Física y Especialista en Educación Física Escolar de la FMU, es coordinador del programa de pos graduación en Recreación y Ocio de las Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) y de la Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Escritor, investigador y ponente, presidente de la Associação Brasileira de Recreadores (ABRE), director de Kids Move Consultoria, Entretenimento SP y de Lab-Brincar.



TONY VEAL - Apresentador | Presenter | Presentador

Bacharel em Economia pela University of Bristol (UK), é Professor Adjunto na School of Leisure, Sport and Tourism in the University of Technology Sydney (UTS), na Austrália. Foi presidente da UK Leisure Studies Association e da Australian and New Zealand Association of Leisure Studies (ANZALS). Em 2006, recebeu o Frank Stewart Award da Parks and Leisure Australia. Autor de Métodos de Pesquisa para Lazer e Turismo (FT/Prentice Hall, 2010) e Australian Leisure (com R. Lynch, Longman, 2006), entre outras publicações.

Bachelor in Economy by the University of Bristol (UK), Associate Professor at School of Leisure, Sport and Tourism in the University of Technology Sydney (UTS), Australia. Former president of UK Leisure Studies Association and of Australian and New Zealand Association of Leisure Studies (ANZALS). In 2006, received the Frank Stewart Award from Parks and Leisure Australia. Author of Methods of Research for Leisure and Tourism (FT/Prentice Hall, 2010) and Australian Leisure (with R. Lynch, Longman, 2006) among other publications.

Tiene bachillerato en Economía por la University of Bristol (UK), es Profesor Adjunto en la School of Leisure, Sport and Tourism en la University of Technology Sydney (UTS), en Australia. Fue presidente de la UK Leisure Studies Association y de la Australian and New Zealand Association of Leisure Studies (ANZALS). En 2006, recibió el Frank Stewart Award de la Parks and Leisure Australia. Autor de Métodos de Investigación para Ocio y Turismo (FT/Prentice Hall, 2010) y Australian Leisure (com R. Lynch, Longman, 2006), entre otras publicaciones.

TRUDIE WALTERS - Apresentadora | Presenter | Presentadora

PhD em Turismo pela University of Otago (Nova Zelândia) e professora no Departamento de Turismo, na mesma universidade. Foi professora de Turismo, Lazer e Gestão de Eventos na University of the Sunshine Coast in Queensland (Austrália). É membro do Conselho Administrativo da World Leisure Organization (WLO) e da Australian and New Zealand Association of Leisure Studies (ANZALS). Também é editora Associada e Revisora dos Annals of Leisure Research.

PhD in Tourism by the University of Otago (New Zealand) and professor at the Tourism Department at the same university. Former professor of Tourism, Leisure and Events Management at the University of the Sunshine Coast in Queensland (Australia). Member of the Administrative Council of the World Leisure Organization (WLO) and of Australian and New Zealand Association of Leisure Studies (ANZALS). Associate editor and reviewer of the Annals of Leisure Research.

Ph.D. en Turismo por la University of Otago (Nova Zelandia) y profesora en el Departamento de Turismo en la misma universidad. Fue profesora de Turismo, Ocio y Gestión de Eventos en la University of the Sunshine Coast in Queensland (Australia). Es miembro del Consejo Administrativo de la World Leisure Organization (WLO) y de la Australian and New Zealand Association of Leisure Studies (ANZALS). También es editora asociada y revisora de los Annals of Leisure Research.



VANESSA ZANELLA – Apresentadora | Presenter | Presentadora

Gerente de projetos no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), é pós-graduada em Gestão de Políticas Públicas e mestra em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Foi assessora de Direitos Humanos no Ministério da Justiça, participou da equipe técnica de elaboração do Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil, em 2017. Tem experiência nas temáticas de desenvolvimento humano, desenvolvimento sustentável, dados e indicadores socioeconômicos, direitos humanos, migrações, gênero e esportes.

Project manager of the United Nations Development Program (PNUD), is post-graduated in Public Policies Management and has a master's degree in International Relations from the Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). She was a Human Rights adviser for the Ministry of Justice and participated in the technical team of elaboration of the National Report of Human Development of Brazil, in 2017. Has experience in thematic of human development, sustainable development, data and socioeconomic indexes, human rights migrations, gender and sports.

Gerente de proyectos en el Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD), es post-graduada en Gestión de Políticas Públicas y master en Relaciones Internacionales por la Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Fue asesora de Derechos Humanos en el Ministerio de Justicia, participó del equipo técnico de elaboración del Informe Nacional de Desarrollo Humano del Brasil, en 2017. Tiene experiencia en el tema de desarrollo humano, desarrollo sostenible, datos e socio económicos índices, derechos humanos, migraciones, género y deportes.

ZOE PARTINGTON - Apresentadora | Presenter | Presentadora

Artista contemporânea que utiliza instalações para desenvolver representações audiovisuais e táteis para que as pessoas com deficiências possam experienciar em diferentes espaços culturais. É pesquisadora, auditora, consultora e coach em museus e galerias com intuito de sensibilizar e desenvolver capacidades que atendam as necessidades de visitantes com deficiência.

A contemporary artist, who uses installations to develop audiovisual and tactile features to enable the experience of disabled people in different cultural spaces. Researcher, auditor, consulting and coach in museums and galleries aiming to sensitizing and develop capabilities to attend the needs of disabled visitors.

Artista contemporânea que usa sus instalaciones para desarrollar audiovisuales y representaciones táctiles para permitir a personas deficientes jornadas y experiencias en los diferentes espacios. Investigadora, auditora e instructora de museos y galerías para desarrollar habilidades y experiencias con el objetivo de atender las necesidades de visitantes discapacitados.



FICHA TÉCNICA | ABOUT THE ORGANIZERS | HOJA TÉCNICA

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-Social Joel Naimayer Padula **Comunicação Social** Ivan Paulo Giannini **Administração** Luiz Deoclécio Massaro Galina **Assessoria Técnica e de Planejamento** Sérgio José Battistelli

GERENTES

Desenvolvimento Físico-esportivo Maria Luiza Souza Dias **Estudos e Desenvolvimento** Marta Colabone **Artes Gráficas** Hélcio Magalhães **Sesc Pinheiros** Flávia Andréa Carvalho

ANAIS / CONGRESSO MUNDIAL DE LAZER

Equipe Sesc

Adriana Lazarini, Adriana Leão, Alessandra Galvão, Alexandra Mafra, Ana Paula Vicentin, Andréa Alves, Andréa Lanaro, Ariadne Domingues, Bruno Martarello Bon, Camila Capellette, Camila Hion Castilho, Carol Salvini, Carol Seixa, Claudia Garcia, Cláudio Hessel, Cleverson Ferreira, Edson Horácio, Everaldo Barreto, Fábio R. Costa, Felipe Torres, Felipe Zaballa, Fernanda Monteiro, Fernando Eleutério, Gabriela Moraes, Gilson de Matos, Henrique Vizeu, Iã Paulo Ribeiro, Ivany Freire, Jeremias Alves da Silva, José Maurício Lima, Josefa de Moura, Karina Musumeci, Kelly Pereira, Lídia Borba, Luciano Amadei, Luiz Ricardo C. Cunha, Mônica Calmon, Patrícia Piquera, Prisco Morrone Júnior, Rafael Santiago, Rafael Tenório Frazão, Ricardo de Oliveira Silva, Roberto Carlos Pereira, Rogério Ianelli, Shirlei Perez, Silvana Santos, Silvio Miron, Simone Rafaela, Ubiratan Nunes Rezende, Ioná Damiana, Vanessa Correia, Victor Hugo dos Santos, Yuri Valério

WLO - WORLD LEISURE ORGANIZATION

Board of Directors Dr. Roger Coles – Chair, Ms. Joanne A. Schroeder - Vice-Chair, Dr. Cristina Ortega Nuere - Chief Operating Officer, Ms. Yvonne Klerks - Treasurer, Mr. Abubakarr Jalloh, Dr. Antonio Carlos Bramante, Prof. Atara Sivan, Ph.D, Dr. B S Gulshetty, Adm. Carlos Alberto Rico Alvarez, Dr. Galit Nimrod, Dr. John Tower , Prof. Lawal Mohammed Marafa, Dr. Lénia Marques, Prof. Ling Ping, Dr. Marié E.M. Young, Dr. Miklos Banhidi, Dr. Richard L Hayes, Ed.D, Dr. Stephen Anderson, Dr. Trudie Walters, Mr. Zhongqiang MA (Victor)



WLO Scientific and Technical Secretariat Dr. Cristina Ortega Nuere, Chief Operating Officer, Dr. Isabel Verdet, Research & Publications, Leire Zarate Arana, Programme Coordinator, Mireia Iglesias, Communication and Events Coordinator, Mirentxu Gabikagogeaskoa, Graphic Designer

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

EACH - Escola de Artes, Ciências e Humanidades

Reitor

Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor

Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária

Profa. Dra. Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Edmund Chada Baracat

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Júnior

Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Dr. Sylvio Roberto Accioly Canuto

Diretoria da EACH

Profa. Dra. Mônica Sanches Yassuda - Diretora

Prof.Dr. Ricardo Ricci Uvinha - Vice-Diretor



COMITÊ ORGANIZADOR | ORGANIZING COMMITTEE | COMITÊ ORGANIZADOR

Comitê Executivo

Presidente: Prof. Danilo Santos de Miranda **Vice-presidente:** Joel Padula **COO** - Profa. Maria Luiza Souza Dias **Relacionamento Internacional** - Aurea Vieira **Gestão de Estudos** - Marta Colabone **Gestão de Turismo** - Flavia Roberta Costa **Sesc Departamento Nacional** - Janaína Pochapski

Comitê Operacional

Presidente - Flávia Carvalho **Coordenação** - Carol Seixas

Equipe GDFE - Alessandra Galvão, Ana Paula Feitosa, Ana Paula Vicentin, Bianca Gonçalves Pimentel - estagiária, Claudia Cássia de Campos, Daniel Henrique da Silva Leite, Eduardo Uhle, Fabio Henrique Miranda dos Anjos, Juci Fernandes, Júlio Cesar Pereira Jr, Luiz Eduardo Rodrigues Coelho, Maria Ivani Gama, Paulo Henrique Vilela Arid, Silvia Aguilhar, Tatiana Camargo, Willian Pinheiro Oliveira - estagiário

Comitê Programático Coordenação – Regiane Cristina Galante e Patrícia Piquera, GDFE - Alessandra Galvão, Ana Paula Vicentin e Carol Seixas GEAC - Lucas Molina, GEAVT - Renata Pereira Figueiró, GEDES - Ioná Damiana, GEPROS - Fabiano Maranhão, GESC - Juarez Michelotti e Gabriela G. Ferreira, GSAL – Jair de Souza Moreira Júnior, NTS – Carolina Paes

Comissão Científica Ricardo Ricci Uvinha (Brasil) – Presidência (Chair), Alexandre Francisco Silva Teixeira (Brasil), Christianne Luce Gomes (Brasil), Cristina Ortega Nuere (Espanha), Douglas A. Kleiber (Estados Unidos da América), Heather Gibson (Estados Unidos da América), John Tower (Austrália), Lénia Marques (Portugal), Lijun Jane Zhou (China), Luiz Gonçalves Junior (Brasil), Maliga Naidoo (África do Sul), Regiane Cristina Galante (Brasil), Ricardo Lema (Uruguai), Silvia Cristina Franco Amaral (Brasil), Simone Rechia (Brasil)

Comissão de Avaliação de Trabalhos Alessandra Galvão, Ana Paula Vicentin, Andrea Somolanji Vanzelli Gennari, Bernardo Lazary Cheibub, Caio Augusto Carvalho Alves, Cae Rodrigues, Carolina Paes de Andrade, Cathia Alves, César Teixeira Castilho, Cinthia Lopes da Silva, Coriolano Pereira da Rocha Junior, Denise Aparecida Corrêa, Dirceu Santos Silva, Edmur Stoppa, Elizara Carolina Marin, Everton Crivoi do Carmo, Fabiano Maranhão, Fábio Ricardo Mizuno Lemos, Giselle Helana Tavares, Gisele Schwartz, Giuliano Gomes de Assis Pimentel, Hélder Ferreira Isayama, Ioná Damiana de Souza, Jair de Souza Moreira Júnior, Jie Gao, José Clerton de Oliveira Martins, Juarez Michelotti, Juliana Pedreschi Rodrigues,



Junior Vagner Pereira da Silva, Liana Romera, Lívia Cristina Toneto, Liza Berdychevsky, Lucas Carbonera Molina, Luiz Eduardo Rodrigues Coelho, Luiz Wilson Pina, Marília Martins Bandeira, Megan C. Janke, Mauro Myskiw, Olívia Ribeiro, Paulo Cesar Antonini de Souza, Reinaldo Pacheco, Roselene Crepaldi, Sidnei Raimundo, Silmara A. de Campos

Equipe Editorial | Site Erica Georgino, Frederico Zarnauskas, Leandro Nunes

Conteúdo Digital Malu Maia, Aline Sagiorato de Castro, Cristiane Komesu, Danilo Silva, Juci Fernandes, Juliana Ramos, Thais Ferreira, Thais Kruse, Vitor Penteadó, Willian Pinheiro Oliveira - estagiário , Odilon José Roble - Consultoria Acadêmica

Transmissão ao vivo Cláudia Dias Perez, Clara Ribeiro, Guilherme Foresti, Luis Miguel Perez Oyarzun (Gringo), Paco Sampaio, Renato S. Yoshinaga, Ricardo Shiozaki, Tarcísio Clementino de Jesus

Secretaria Executiva Beatriz Helena Garcez e Silva, Stefany Paula da Conceição, Walkiria Malatian

Produção Executiva DB Produções

Assessoria de Imprensa Sylvio Novelli

Voluntários Adriana Gonçalves, Alexandre Etechebere, Amanda C. dos Santos, Arthur Santana, Beatriz Oliveira, Camila Silva, Carla Silva, Carlos Miranda, Carolina No, Dara Gomes, Filipe Romano, Flavio Kishigami, Gabriela Rezende, Giovani Grisorio, Juliel Silva, Karina Sousa, Lalumy de Oliveira, Laura Silva, Leticia Catarina, Livia Dal Bello Luca, Luiza Schroeder, Maria Anjos C Costa, Maria Paulina Santa Cruz, Martin Rodríguez Alberdi, Raquel N Neri, Sandra María Del Campo González, Silmara Elena Alves de Campos , Simone Paiva, Tâmya Ferreira de Sousa, Thais Eugenia Rosa Martins Cardoso, Thatiane Costa Lucas dos Santos, Tiago Brant de Carvalho Falcão

28 agosto a
02 setembro 2018

Apoio:



Parceria:



Realização:



Sesc Pinheiros
Rua Paes Leme, 195
Tel. 3095 9400
📍 Estação Faria Lima
📱📧📷/sescpinheiros
sescsp.org.br/pinheiros